LIVRO 2 DE A RODA DO TEMPO

ROBERT JORDAN

A GRANDE CAÇADA

"COM *A RODA DO TEMPO* JORDAN CHEGA PARA CONQUISTAR O MUNDO QUE TOLKIEN DIFUNDIU."

The New York Times

intrínseca

SHOUT
SHARE
IT

Annotation

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. Há séculos os menestréis narram a Grande Caçada à Trombeta de Valere, que muitos pensavam não passar de uma história, e agora foi encontrada. Ela seria usada para convocar heróis mortos de seus túmulos para lutar contra o Tenebroso, mas alguém a roubou. Rand al'Thor, Mat Cauthon e Perrin Aybara juntam-se aos soldados shienarianos, dispostos a sacrificar a própria vida para recuperar o artefato. No entanto, há algo que Rand teme ainda mais do que as forças do Tenebroso: a mácula de saidin. Rand sabe que está condenado à loucura e à morte e se pergunta se conseguirá ajudar seus amigos antes que isso aconteça ou se será ele próprio o responsável por destruí-los.

- Robert Jordan
  -
  - Prólogo
  - 1
  - 2
  - 3
  - 4
  - 5
  - 6
  - 7
  - 8
  - 9
  - 10
  - 11
  - 12
  - 13
  - 14
  - 15
  - 16
  - 17
  - 18
  - 19
  - 20
  - 21
  - 22
  - 23
  - 24
  - 25

- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36
- 37
- 38
- 39
- 40
- 41
- 42
- 43
- 44
- 45
- 46
- 47
- 48
- 49
- 50
- Glossário

Robert Jordan
A Grande Caçada

Prólogo

Na Sombra

O homem que chamava a si mesmo de Bors, pelo menos naquele lugar, fez uma careta de desprezo ante o murmúrio que percorria o aposento de teto abobadado, um som semelhante ao grasnar suave de gansos. A expressão desdenhosa, porém, estava oculta pela máscara de seda negra que cobria seu rosto, idêntica às que cobriam cem outros rostos naquela câmara. Havia uma centena de máscaras negras, e uma centena de pares de olhos tentando ver o que se escondia atrás delas.

Sem olhar com atenção, era possível pensar que o imenso salão pertencia a um palácio, com grandes lareiras de mármore e lustres dourados pendendo das cúpulas do teto, tapeçarias coloridas e um piso de mosaicos com padrões intrincados. Mas apenas se a pessoa não olhasse com atenção. Para começar, as lareiras estavam frias: chamas dançavam sobre troncos da grossura da perna de um homem, mas não emitiam calor. As paredes por trás das tapeçarias e o teto lá no alto, bem acima dos lustres, eram de pedra nua, quase preta. Não havia janelas, apenas duas portas, uma de cada lado do salão. Era como se alguém tivesse tentado dar a impressão de que o cômodo era a câmara de recepção de um palácio, mas não tivesse se dado ao trabalho de traçar mais do que um esboço e adicionar poucos detalhes.

O homem que chamava a si mesmo de Bors não sabia onde aquele aposento ficava, nem achava que qualquer um dos outros soubesse. Não gostava de pensar no local onde ele poderia ficar; bastava saber que havia sido convocado. Também não gostava de pensar nisso, mas nem mesmo ele deixaria de comparecer a uma convocação daquelas.

Ajeitou seu manto, grato pelo fato de as chamas não emitirem

calor; caso contrário, estaria quente demais para usar a peça de lã preta que ia até o chão. Todas as suas roupas eram pretas. As pesadas dobras do manto escondiam a corcunda falsa que usava para disfarçar a altura e impedir que os outros soubessem se era magro ou robusto. E não era o único ali com o corpo inteiro coberto de tecido.

Ficou observando seus companheiros em silêncio. A paciência marcara grande parte de sua vida. Se esperasse e observasse por tempo suficiente, alguém sempre cometia um erro. A maioria dos homens e mulheres ali talvez tivesse a mesma filosofia: eles observavam e escutavam em silêncio aqueles que precisavam falar. Algumas pessoas não conseguiam esperar ou ficar em silêncio, e acabavam revelando mais do que percebiam.

Serviçais circulavam por entre os convidados. Eram jovens esbeltos, com cabelos dourados, e ofereciam vinho com uma mesura e um sorriso, sem dizer uma palavra. Tanto rapazes quanto moças vestiam calças apertadas e camisas brancas folgadas. Ambos os sexos se moviam com uma graciosidade perturbadora. Cada um parecia idêntico aos demais, como re flexos de um espelho, os rapazes tão belos quanto as garotas. Ele duvidava de sua capacidade de diferenciar uns dos outros, mesmo sendo bom em distinguir e memorizar fisionomias.

Uma garota sorridente, toda vestida de branco, ofereceu-lhe uma bebida da bandeja cheia de taças de cristal que carregava. Ele pegou um copo, mas sem intenção de beber. Se recusasse a oferta, poderia parecer desconfiado ou pior, o que seria mortal naquele lugar, mas era possível colocar qualquer coisa em uma bebida. Decerto alguns de seus companheiros não reclamariam ao ver diminuir o número de rivais na busca por poder, quem quer que fossem os azarados.

Ele se perguntava, distraído, se os serviçais precisariam ser descartados após aquela reunião. *Serviçais ouvem tudo*. Quando a moça com a bandeja se endireitou após uma mesura, os olhos dos dois se encontraram por cima daquele sorriso doce. Olhos inexpressivos. Olhos vazios. Os olhos de uma boneca. Olhos mais mortos que a própria morte.

Um calafrio percorreu seu corpo quando ela se afastou com graça e, antes de se dar conta do que fazia, ele chegou a levar a taça aos lábios. Não foi o que havia sido feito à garota que o apavorou, pelo contrário: toda vez que julgava ter detectado uma fraqueza naqueles a quem agora servia, percebia que haviam se antecipado a seus pensamentos e se livrado da suposta fraqueza com uma precisão implacável, o que o deixava pasmo. Aquilo também o deixava preocupado: sua primeira regra sempre fora procurar por fraquezas, pois toda fraqueza era uma brecha por onde era possível penetrar, sondar e influenciar. Se seus mestres atuais, os mestres de agora, não

tivessem fraquezas…

Franzindo a testa por trás da máscara, ele estudou seus companheiros. Ali, pelo menos, havia muitas fraquezas. O nervosismo traía até mesmo aqueles que tinham bom senso o bastante para segurar a língua. A rigidez com que um se portava, os movimentos bruscos daquela outra ao ajeitar a saia.

Um quarto dos convocados, estimou, não se dera ao trabalho de usar disfarce maior do que as máscaras negras, e suas roupas revelavam muito. Uma mulher de pé diante de uma tapeçaria dourada e carmesim, conversando em voz baixa com uma figura — impossível de identificar se homem ou mulher — vestia um manto cinza com capuz. Ela obviamente escolhera aquele local porque as cores da tapeçaria destacavam sua vestimenta. Chamar a atenção para si fora uma escolha duplamente tola, pois seu vestido escarlate com corpete decotado, para revelar mais carne, e curto demais, para exibir as sandálias douradas, indicava que vinha de Illian e que era uma mulher rica, talvez até mesmo de sangue nobre.

Não muito longe da illianense, estava outra mulher, sozinha e em um silêncio admirável. Tinha um pescoço de cisne e lustrosos cabelos negros que caíam em ondas até abaixo da cintura, e mantinha as costas para a parede de pedra, observando tudo. Não demonstrava nervosismo algum, e sim um sereno autocontrole. Uma postura exemplar, mas que era traída pela pele acobreada e pelo vestido bege de gola alta que deixava somente as mãos à mostra, embora se colasse ao corpo, apenas levemente opaco, de forma a insinuar tudo e não revelar nada. O traje a marcava como membro da nobreza de Arad Doman. E, a menos que o homem que chamava a si mesmo de Bors estivesse completamente equivocado em suas suspeitas, o grande bracelete dourado em seu pulso esquerdo trazia os símbolos de sua Casa. Sabia que deviam ser da Casa dela, pois nenhum descendente do sangue domani abriria mão de seu imenso orgulho para usar os símbolos de outro. Uma atitude mais do que tola.

Um homem vestindo um casaco de Shienar azul-celeste e com colarinho alto passou por ele com um olhar desconfiado, examinando-o da cabeça aos pés pelos buracos dos olhos da máscara. A postura do homem revelava que era um soldado: a posição de seus ombros, a maneira como seu olhar nunca se detinha em um ponto por muito tempo e o modo como sua mão parecia pronta para sacar uma espada que não estava ali: tudo indicava isso. O shienarano não perdeu muito tempo com aquele que chamava a si mesmo de Bors: ombros caídos e costas curvadas não constituíam ameaça.

Aquele que chamava a si mesmo de Bors bufou com desdém quando o shienarano seguiu em frente, com o punho direito cerrado e o olhar distante, já estudando outros pontos em busca de perigo. Ele

podia ler todos, perceber suas classes sociais e seus países. Distinguia mercadores e guerreiros, plebeus e nobres. Diferenciava pessoas de Kandor e Cairhien, Saldaea e Ghealdan. De cada nação e de quase todos os povos. Subitamente, franziu o nariz com nojo: havia até mesmo um latoeiro, usando calças verde-claras e um casaco amarelo tão brilhante que seus olhos chegavam a doer. *Quando o Dia chegar, ficaremos muito bem sem* essa gente.

A maioria dos disfarçados não estava em melhor situação, a despeito de seus mantos e capuzes. Sob um manto escuro, ele podia ver as botas enfeitadas em prata de um Grão-lorde de Tear. Teve outro vislumbre de esporas douradas em forma de cabeça de leão, usadas apenas por altos oficiais da guarda da rainha andoriana. Um sujeito magro — magro até mesmo em seu manto negro que se arrastava pelo chão e em seu capuz cinza preso por um alfinete de prata sem adornos — observava das profundezas de seu capuz. Ele podia ser qualquer um, de qualquer lugar… a não ser pela estrela de seis pontas tatuada na pele entre o polegar e o indicador da mão esquerda. Era um homem do Povo do Mar, e uma rápida olhadela em sua mão revelaria as marcas de seu clã e de sua linhagem. O homem que chamava a si mesmo de Bors nem se deu ao trabalho.

Seus olhos se estreitaram de súbito, fixando-se em uma mulher completamente envolta em negro, a não ser pelos dedos. Na mão direita, ela usava um anel de ouro em forma de serpente que engolia a própria cauda. Era uma Aes Sedai, ou pelo menos uma mulher treinada em Tar Valon pelas Aes Sedai: ninguém mais usaria aquele anel. De qualquer maneira, não fazia diferença para ele. Desviou o olhar antes que ela notasse que a observava. Quase imediatamente, avistou outra mulher envolta em preto da cabeça aos pés com um anel da Grande Serpente. Nenhuma das bruxas deu sinal de que conhecia a outra. Elas se sentavam na Torre Branca como aranhas em uma teia, puxando os cordéis que faziam reis e rainhas dançarem, intrometendo-se em todos os assuntos. *Malditas sejam todas, até a morte eterna!* Ele percebeu que rangia os dentes. Se era preciso que os números diminuíssem, o que deveria acontecer antes do Dia, haveria alguns que fariam ainda menos falta que os Latoeiros.

Um carrilhão soou, uma única nota arrepiante que vinha de todos os lugares ao mesmo tempo, silenciando todos os outros sons, como se cortados por uma faca.

As portas altas do outro lado do aposento se abriram, e dois Trollocs entraram, usando cota de malha negra até os joelhos, decorada com ponteiras. Todos recuaram, até mesmo o homem que chamava a si mesmo de Bors.

Com a cabeça e os ombros mais altos que o mais alto dos homens no recinto, os dois eram uma mistura repugnante de homem e animal,

com rostos humanos retorcidos e alterados. Um deles tinha um bico grande e pontudo onde deveriam estar a boca e o nariz, e sua cabeça era coberta de penas em vez de cabelos. O outro caminhava sobre cascos, e tinha o rosto repuxado para a frente, formando um focinho peludo, e chifres de bode despontavam acima das orelhas.

Ignorando os humanos, os Trollocs se voltaram para a porta e fizeram uma mesura servil. As penas do primeiro se eriçaram, formando uma crista rígida.

Um Myrddraal passou pela porta entre os dois, que caíram de joelhos. A criatura estava vestida em um tom de preto que fazia a malha dos Trollocs e as máscaras dos humanos parecerem claras, e seus trajes pendiam imóveis, sem sofrerem uma ondulação sequer enquanto ele se movia com a graça de uma víbora.

O homem que chamava a si mesmo de Bors sentiu-se mostrar os dentes, um movimento que era parte rosnado e — ele tinha vergonha de admitir até para si mesmo — parte careta de medo. O Myrddraal estava com o rosto descoberto: sua face pálida e pastosa era de homem, mas faltavam-lhe os olhos, o que o fazia parecer um verme em um túmulo.

O rosto branco e liso se virou, parecendo analisá-los um a um, ao que parecia. Um tremor visível percorreu o ambiente sob o escrutínio daquele olhar sem olhos. Lábios inos e pálidos se contorceram no que poderia ter sido um sorriso quando, um a um, os mascarados tentaram se misturar à multidão, encolhendo-se para evitar aquele rosto. O olhar do Myrddraal fez com que formassem um semicírculo voltado para a porta.

O homem que chamava a si mesmo de Bors engoliu em seco. *Seu dia chegará, Meio-homem. Quando o Grande Senhor das Trevas voltar, escolherá seus novos Senhores do Medo, e você se curvará diante deles. Você se curvará diante dos homens. Diante de mim! Por que não fala? Pare de olhar para mim e fale!*

— Seu Mestre está chegando. — A voz do Myrddraal soava áspera, como a pele seca de uma cobra se desfazendo. — Deitem-se de barriga no chão, vermes! Rastejem, para que seu esplendor não os cegue nem queime!

O ódio tomou conta do homem que chamava a si mesmo de Bors, tanto pelo tom de voz quanto pelas palavras, mas o ar acima do Meio-homem tremeluziu, e o real significado do que dizia foi compreendido. *Não pode ser! Não pode…!* Os Trollocs já estavam deitados de barriga no chão, contorcendo-se como se quisessem se enterrar.

Sem esperar para conferir se mais alguém se movia, o homem que chamava a si mesmo de Bors se jogou no chão, grunhindo ao bater na pedra e se ferir. Palavras saíam de sua boca como um amuleto contra o perigo — eram, sim, um amuleto, embora um escudo frágil contra o

que ele temia — e ele ouviu uma centena de outras vozes, arfantes de medo, falando as mesmas palavras para o chão.

— O Grande Senhor das Trevas é meu Mestre, e eu o servirei de todo o coração, até os últimos resquícios de minha alma. — No fundo de sua mente, uma voz tagarelava, cheia de medo. *O Tenebroso e todos os Abandonados estão presos…* Estremecendo, ele a forçou a se calar. Abandonara aquela voz havia muito tempo. — Meu Mestre é o Mestre da morte. Sem nada pedir, eu sirvo, esperando o dia de sua chegada, mas sirvo na certeza e na esperança da vida eterna. — … *Presos em Shayol Ghul, presos pelo Criador, no momento da criação. Não, eu sirvo a um mestre diferente agora* . — É certo que os fiéis serão exaltados na terra, exaltados acima dos descrentes, exaltados acima dos tronos. Por ora, sirvo humildemente, aguardando o Dia de seu Retorno. — *A mão do Criador abriga a todos, e a Luz nos protege da Sombra . Não, não! Um mestre diferente*. — Logo chegará o Dia do Retorno. Logo chegará o Grande Senhor das Trevas para nos guiar e governar o mundo para todo o sempre.

O homem que chamava a si mesmo de Bors terminou de enunciar o credo, ofegante como se tivesse corrido dez milhas. O ruído de respiração irregular ao redor indicava que não era o único.

— Levantem-se. Todos vocês, levantem-se.

A voz melí lua o pegou de surpresa. É claro que nenhum de seus companheiros, todos deitados com a barriga no chão e os rostos mascarados colados no piso de cerâmica, teria ousado falar, mas aquela não era a voz que ele esperaria de… Com extrema cautela, levantou a cabeça apenas o suficiente para espiar com um dos olhos.

A figura de um homem flutuava no espaço acima do Myrddraal, com a barra do manto vermelho-sangue pairando a uma braça da cabeça do Meio-homem. A figura também usava uma máscara vermelha. Será que o Grande Senhor das Trevas apareceria a eles como um homem? E mascarado, além de tudo? No entanto, o Myrddraal, com uma expressão de puro terror, tremia e quase se encolhia, à sombra da figura. O homem que chamava a si mesmo de Bors se agarrou a uma resposta que sua mente era capaz de conter sem arrebentar: talvez fosse um dos Abandonados.

O pensamento foi apenas um pouco menos doloroso. Mesmo assim, o fato de um dos Abandonados estar livre indicava que o Dia do Retorno do Tenebroso devia estar próximo. Os Abandonados, treze dos mais poderosos detentores do Poder Único, em uma Era repleta de detentores poderosos, foram presos em Shayol Ghul junto com o Tenebroso, isolados do mundo dos homens pelo Dragão e pelos Cem Companheiros. A energia ricocheteada pelo ato de isolamento maculara a metade masculina da Fonte Verdadeira, e todos os Aes Sedai homens, detentores amaldiçoados do Poder, enlouqueceram e

destruíram o mundo, despedaçaram-no como um vaso de cerâmica jogado sobre um leito de rochas, encerrando a Era das Lendas antes de morrerem, apodrecendo ainda vivos. Fora uma morte adequada para um Aes Sedai, em sua opinião. Boa demais para eles. Só lamentou que as mulheres tivessem sido poupadas.

Lenta e dolorosamente, ele forçou o pânico para o fundo da mente, confinou-o e o conteve lá, embora o sentimento lutasse para escapar. Era o melhor que podia fazer. Nenhum dos que estavam deitados de barriga no chão havia se levantado, e apenas alguns haviam ousado levantar a cabeça.

— Levantem-se. — Dessa vez a voz da figura de máscara vermelha soou mais agressiva. Ele fez um gesto com ambas as mãos. — De pé!

O homem que chamava a si mesmo de Bors se levantou depressa, desajeitado, mas hesitou na metade do movimento. As mãos que gesticularam estavam horrivelmente queimadas, com fissuras negras por toda a sua extensão, e a carne crua entre elas era tão vermelha quanto os mantos da figura. *Será que o Tenebroso apareceria desse jeito? Ou mesmo um dos Abandonados?* Os buracos dos olhos daquela máscara vermelho-sangue varreram lentamente o espaço, e ele se endireitou mais do que depressa quando passaram por ele. Sentira o calor de uma fornalha aberta naquele olhar.

Os outros obedeceram à ordem com a mesma falta de jeito e pavor. Quando todos estavam de pé, a figura flutuante falou novamente:

— Sou conhecido por muitos nomes, mas o que vocês devem usar para se referir a mim é Ba'alzamon.

O homem que chamava a si mesmo de Bors cerrou os dentes para impedi-los de baterem. Ba'alzamon. Na língua dos Trollocs, a palavra significava Coração das Trevas, e até mesmo os descrentes sabiam que aquele era o nome que os Trollocs davam para o Grande Senhor das Trevas. Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Aquele não era o verdadeiro nome, Shai'tan, mas ainda assim era proibido. Entre os que estavam ali reunidos e outros de sua espécie, macular qualquer um desses títulos com uma língua humana era blasfêmia. O ar passou por suas narinas com um assovio, e ele pôde ouvir que os outros ao redor também ofegavam por trás das máscaras. Os serviçais haviam partido, assim como os Trollocs, embora ele não os tivesse visto sair.

— O lugar onde vocês estão fica à sombra de Shayol Ghul.

Mais de um dos presentes no salão gemeu ao ouvir essas palavras, e o homem que chamava a si mesmo de Bors não tinha certeza de que não fora um deles. Um tom do que quase poderia ser chamado de escárnio transpareceu na voz de Ba'alzamon quando ele abriu bem os braços e continuou:

— Não temam, pois o Dia em que seu Mestre dominará o mundo está quase chegando. O Dia do Retorno está próximo. Minha presença aqui, para ser visto por vocês, os poucos escolhidos dentre seus irmãos e irmãs, não é prova disso? Em breve, a Roda do Tempo será quebrada. Em breve, a Grande Serpente morrerá, e, com o poder dessa morte, a morte do próprio Tempo, seu Mestre recriará o mundo à sua imagem e semelhança, nesta Era e em todas as que virão. E aqueles que me servem, fiéis e diligentes, vão se sentar aos meus pés, acima das estrelas no céu, e governarão o mundo dos homens para sempre. Foi isso que prometi, e é assim que será, pela eternidade. Vocês viverão e reinarão para sempre.

Um murmúrio de expectativa percorreu a multidão, e algumas pessoas até chegaram a dar um passo à frente, na direção da figura vermelha flutuante, com os olhos erguidos em êxtase. Até mesmo o homem que chamava a si mesmo de Bors sentiu a atração daquela promessa, a promessa pela qual ele vendera sua alma uma centena de vezes.

— O Dia do Retorno está próximo — continuou Ba'alzamon. — Mas ainda há muito o que fazer. Muito o que fazer.

O ar à esquerda de Ba'alzamon tremeluziu e se adensou, e a figura de um rapaz foi projetada ali, um pouco abaixo do Grande Senhor das Trevas. O homem que chamava a si mesmo de Bors não conseguiu perceber se aquilo era ou não um ser vivo. Era um camponês, a julgar por suas roupas, com um ar levemente matreiro nos olhos castanhos e um sorriso sutil nos lábios, como se estivesse se lembrando de uma peça que pregara ou estivesse na expectativa dela. A pele da figura parecia quente, mas seu peito não se movia com a respiração e seus olhos não piscavam.

O ar à direita de Ba'alzamon bruxuleou como se houvesse uma lufada de ar quente, e uma segunda figura vestida com roupas de camponês surgiu, um pouco abaixo de Ba'alzamon. Era um jovem de cabelos encaracolados, musculoso como um ferreiro. E um detalhe estranho: trazia um machado de batalha pendurado em sua cintura, uma enorme meia-lua de aço com um cabo grosso. O homem que chamava a si mesmo de Bors se inclinou para a frente de súbito, ao reparar em algo ainda mais estranho. O jovem tinha olhos amarelos.

Pela terceira vez, o ar assumiu a forma de um rapaz, dessa vez logo abaixo dos olhos de Ba'alzamon, quase a seus pés. Um sujeito alto, com olhos que mudavam de cor com a luz, ora acinzentados, ora quase azuis, e cabelos de um tom vermelho-escuro. Outro aldeão ou fazendeiro. O homem que chamava a si mesmo de Bors perdeu o fôlego: havia mais uma coisa fora do comum, embora ele se perguntasse por que deveria esperar que qualquer coisa ali fosse normal. Uma espada de duas mãos pendia do cinturão da figura, uma

espada com uma garça de bronze na bainha e outra gravada no longo cabo. *Um* camponês *com uma espada com a marca da garça? Impossível! O que isso signi ica? E um rapaz com olhos* amarelos. Ele reparou que o Myrddraal encarava as figuras, tremendo, e, a menos que estivesse completamente enganado, o tremor não era mais de medo, e sim de ódio.

Um silêncio sepulcral havia caído sobre o ambiente, um silêncio que Ba'alzamon deixou se prolongar antes de prosseguir:

— Há, agora, alguém que caminha pelo mundo, alguém que foi e que será, mas que ainda não é, o Dragão.

Um murmúrio assustado percorreu a multidão.

— O Dragão Renascido! Devemos matá-lo, Grande Senhor? — Isso veio do homem de Shienar, cuja mão ansiosa buscava a espada que deveria estar pendurada no cinturão.

— Talvez — respondeu Ba'alzamon, simplesmente. — Talvez não. Talvez ele possa servir a meus propósitos. Mais cedo ou mais tarde, é o que acontecerá, nesta Era ou em outra.

O homem que chamava a si mesmo de Bors pestanejou. *Nesta Era ou em outra? Eu achava que o Dia do Retorno estava próximo. O que me importa o que acontecerá em outra Era se eu envelhecer e morrer durante esta?* Mas Ba'alzamon já voltara a falar.

— Uma dobra começa a se formar no Padrão, um de muitos pontos em que aquele que será o Dragão poderá ser trazido para o meu lado. Precisa ser! Melhor que me sirva vivo do que morto, mas, vivo ou morto, ele deve me servir e assim fará! Vocês precisam conhecer estes três, pois cada um é um fio no padrão que *eu* pretendo tecer, e caberá a vocês cuidarem para que eles sejam dispostos de acordo com as minhas ordens. Estudem-nos bem, para serem capazes de reconhecê-los.

Subitamente, o salão ficou em silêncio. O homem que chamava a si mesmo de Bors se mexeu, desconfortável, e viu outras pessoas fazerem o mesmo. Todos, menos a mulher de Illian, percebeu. Com as mãos abertas sobre o seio, como se para ocultar o busto arredondado, e os olhos arregalados, tanto assustada quanto em êxtase, ela assentia, ansiosa, como se para alguém bem na sua frente. Às vezes, ela parecia responder algo, mas o homem que chamava a si mesmo de Bors não ouvia uma palavra. De repente, ela arqueou as costas e começou a tremer, erguendo-se na ponta dos pés. Ele não entendia como ela não caía, a menos que algo invisível a estivesse segurando. Então, do mesmo modo repentino, ela voltou a ficar de pé e assentiu outra vez, fazendo uma mesura trêmula. No instante em que ela se endireitou, uma das mulheres com anel da Grande Serpente sobressaltou-se e passou a balançar a cabeça de modo afirmativo.

Então cada um ouve suas próprias instruções, e ninguém ouve as do

outro. O homem que chamava a si mesmo de Bors gemeu de frustração. Se soubesse as ordens recebidas por uma só pessoa ali, poderia usar a informação em proveito próprio, mas desse jeito… Impaciente, ele esperou pela sua vez, distraindo-se o suficiente para permanecer ereto.

Um a um, os membros da reunião receberam suas ordens, todos em silêncio, mas fornecendo pistas que seriam interessantíssimas caso ele conseguisse decifrá-las. O homem dos Atha'an Miere, o Povo do Mar, enrijeceu-se, relutante, ao assentir. O shienarano mantinha uma postura que deixava transparecer sua confusão, apesar dos gestos de anuência. A segunda mulher de Tar Valon sobressaltou-se, como se levasse um choque, e depois a figura envolta em cinza, cujo sexo ele não conseguia determinar, balançou a cabeça antes de cair de joelhos e assentir vigorosamente. Alguns tiveram as mesmas convulsões que a mulher de Illian, como se fosse a dor que os levantasse e os fizesse ficar nas pontas dos pés.

— Bors.

O homem que chamava a si mesmo de Bors sobressaltou-se quando uma máscara vermelha preencheu seu campo de visão. Ele ainda podia ver o aposento, ainda via a forma flutuante de Ba'alzamon e as três figuras à sua frente, mas, ao mesmo tempo, tudo o que podia enxergar era a máscara vermelha. Zonzo, ele sentiu como se estivessem partindo seu crânio ao meio e espremendo seus olhos para fora da cabeça. Por um momento, achou que podia ver chamas por entre os buracos dos olhos da máscara vermelha.

— Você é fiel… Bors?

O vestígio de sarcasmo da voz ao pronunciar o nome fez com que um calafrio percorresse suas costas.

— Sou fiel, Grande Senhor. Não posso esconder isso do senhor. — *Eu* sou *fiel! Juro!*

— Não, não pode.

A certeza na voz de Ba'alzamon fez sua boca ficar seca, mas ele se obrigou a falar.

— Ordene, Grande Senhor, e eu obedecerei.

— Em primeiro lugar, você deverá retornar a Tarabon e continuar com suas *boas* obras. Na verdade, ordeno que redobre seus esforços.

Ele encarou Ba'alzamon, atônito, mas as chamas voltaram a explodir por trás da máscara, e ele fez uma mesura para ter uma desculpa para desviar os olhos.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será.

— Em segundo lugar, você ficará alerta para o caso de os três rapazes aparecerem e mandará seus seguidores fazerem o mesmo. Esteja avisado: eles são perigosos.

O homem que chamava a si mesmo de Bors olhou de relance para

as figuras que flutuavam à frente de Ba'alzamon. *Como poderei fazer isso? Posso vê-los, mas não consigo enxergar nada a não ser o rosto* dele. Sua cabeça parecia prestes a explodir. O suor deixava suas mãos escorregadias sob as luvas finas, e sua camisa grudava nas costas.

— Perigosos, Grande Senhor? Camponeses? Será um deles o…?

— Uma espada é perigosa para o homem que está na outra ponta, mas não para o que segura o cabo. A não ser que o homem com a espada seja tolo, descuidado ou despreparado: nesse caso, o risco é duas vezes maior para ele do que para qualquer outro. Já basta que eu tenha lhe dito para conhecê-los. Já basta que você me obedeça.

— Como ordenar, Grande Senhor, assim será.

— Por último, em relação àqueles que desembarcaram na Ponta de Toman e os domaneses: você não falará sobre isso com ninguém. Quando retornar a Tarabon…

O homem que chamava a si mesmo de Bors percebeu, enquanto ouvia, que estava boquiaberto. As instruções não faziam sentido. *Se soubesse as ordens que alguns dos outros receberam, talvez eu pudesse encaixar as peças*.

De repente, sentiu como se sua cabeça tivesse sido agarrada por uma mão gigante que esmagava suas têmporas e o levantava, e o mundo explodiu em mil fragmentos de estrela, cada clarão de luz se tornando uma imagem que atravessou sua mente ou saiu voando, desaparecendo ao longe antes que ele pudesse absorvê-lo. Um céu impossível, com nuvens listradas, vermelhas, amarelas e pretas, passando depressa, como se carregadas pelo vento mais forte que o mundo já vira. Uma mulher — ou seria uma menina? — vestida de branco adentrou a escuridão e desapareceu tão logo surgiu. Um corvo o olhou nos olhos, *reconhecendo-o*, e sumiu. Um homem de armadura e um elmo brutos, pintados de dourado e na forma de um inseto monstruoso e venenoso, ergueu uma espada e investiu contra algo fora de seu campo de visão. Uma trombeta curva e dourada surgiu velozmente, de muito longe. Ela tocava uma nota dissonante enquanto disparava em sua direção, atraindo sua alma com força. No último instante, ela se acendeu em um anel de luz dourado que passou por ele e o cegou, gelando seu corpo com um frio além da morte. Um lobo saltou das sombras de sua visão perdida e rasgou sua garganta. Ele não conseguiu gritar. A torrente continuou, afogando-o, soterrando-o. Ele mal conseguia se lembrar de quem era ou do que era. Dos céus, chovia fogo, e a lua e as estrelas caíram. Corria sangue nos rios, e os mortos caminhavam. A terra se abriu e rocha derretida começou a jorrar…

O homem que chamava a si mesmo de Bors viu que estava quase agachado em meio à multidão, e a maioria dos olhos se voltava para ele, em silêncio. Para onde quer que olhasse, para cima, para baixo ou

em qualquer direção, o rosto mascarado de Ba'alzamon invadia seu campo de visão. As imagens que haviam inundado sua mente estavam se desvanecendo, e ele tinha certeza de que muitas já haviam desaparecido de sua memória. Hesitante, ele se endireitou, com Ba'alzamon sempre à frente.

— Grande Senhor, o quê…?

— Algumas ordens são importantes demais para que sejam conhecidas, mesmo por aquele que as executa.

O homem que chamava a si mesmo de Bors quase dobrou seu corpo em profunda reverência.

— Como ordenar, Grande Senhor — murmurou, rouco. — Assim será.

Quando se endireitou, estava sozinho no silêncio mais uma vez. Outra pessoa, o Grão-lorde de Tairen, assentia e fazia mesuras para alguém que ninguém mais via. O homem que chamava a si mesmo de Bors levou uma das mãos trêmulas à testa, tentando reter um pensamento que invadira sua mente, embora não estivesse inteiramente certo de que queria se lembrar. O último fragmento se desvaneceu, e, de súbito, ele se perguntou o que tentava recordar. *Sei que havia algo, mas o quê? Havia algo! Não havia?* Esfregou as mãos, fazendo uma careta ao sentir o suor sob as luvas, e voltou sua atenção para as três imagens suspensas diante da figura flutuante de Ba'alzamon.

O jovem musculoso de cabelos encaracolados, o fazendeiro com a espada e o rapaz com olhar matreiro. Em sua mente, o homem que chamava a si mesmo de Bors os batizara de Ferreiro, Espadachim e Trapaceiro. *Onde se encaixam no quebra-cabeças?* Eles deviam ser importantes, ou não seriam o principal assunto da reunião. Mas apenas as ordens que recebera já eram suficientes para causar a morte de todos, e precisava considerar que alguns dos outros, pelo menos, tinham ordens tão letais quanto as dele para os três. *Qual a importância deles?* Os olhos azuis podiam indicar a nobreza de Andor — coisa improvável com aquelas roupas — e havia gente nas Terras da Fronteira com olhos claros, assim como algumas pessoas de Tairen, isso para não mencionar uns poucos de Ghealdan. E, é claro… Não, isso não ajudaria em nada. Mas olhos *amarelos*? *Quem* são eles? O *que são eles?*

Sobressaltou-se ao sentir alguém tocar seu braço, e, quando olhou ao redor, deparou-se com um dos serviçais de branco, um rapaz de pé ao seu lado. Os outros também haviam voltado, em número ainda maior do que antes, um para cada mascarado. Ele piscou. Ba'alzamon havia partido. O Myrddraal também, e no lugar da porta que ele usara antes havia apenas uma parede de pedra. Sentiu-se observado.

— Se for de seu agrado, Lorde Bors, vou levá-lo a seu quarto.

Evitando aqueles olhos mortos, ele examinou rapidamente as três figuras mais uma vez, depois seguiu o serviçal. Incomodado, perguntou-se como o jovem soubera que nome usar. Só depois que as estranhas portas esculpidas se fecharam atrás dele e os dois já tinham dado cerca de dez passos, ele percebeu que estava sozinho no corredor com o serviçal. Suas sobrancelhas se moveram em um gesto de desconfiança por trás da máscara, mas, antes que pudesse abrir a boca, o serviçal falou:

— Os outros também estão sendo levados aos seus quartos, milorde. Se puder me acompanhar, milorde… O tempo é curto, e nosso Mestre está impaciente.

O homem que chamava a si mesmo de Bors rangeu os dentes, tanto com a falta de informação quanto com a sugestão de que ele e o serviçal eram iguais, mas seguiu em silêncio. Apenas um tolo reclamava com um serviçal, e, pior, ao se lembrar dos olhos do sujeito, não tinha certeza de que isso adiantaria. *E como ele sabia o que eu ia perguntar?* O serviçal sorriu.

O homem que chamava a si mesmo de Bors não se sentiu nem um pouco à vontade até estar de volta ao quarto onde havia aguardado ao chegar, e mesmo assim não melhorou muito. Nem mesmo encontrar seus alforjes intocados foi de muito consolo.

O serviçal permaneceu parado no corredor.

— O senhor pode se trocar e usar suas próprias roupas se desejar, milorde. Aqui, ninguém o verá partir ou chegar ao seu destino, mas pode ser melhor chegar adequadamente vestido. Alguém virá em breve para lhe mostrar o caminho.

Intocada por qualquer mão visível, a porta se fechou.

O homem que chamava a si mesmo de Bors estremeceu sem querer. Mais do que depressa, desfez os selos e as fivelas dos alforjes e retirou seu manto. No fundo da mente, uma vozinha se perguntou se o poder prometido e até mesmo a imortalidade valiam outro encontro daqueles, mas ele imediatamente riu para abafá-la. *Para ter tanto poder assim, eu louvaria o Grande Senhor das Trevas sob a Cúpula da Verdade*. Lembrando-se das ordens que Ba'alzamon lhe dera, tocou o sol dourado e lamejante costurado no peito do manto branco e o cajado do pastor vermelho por trás do sol, símbolo de seu posto no mundo dos homens, e quase riu. Havia trabalho, um grande trabalho, a ser feito, tanto em Tarabon quanto na Planície de Almoth. E há de chegar o dia em que as obras dos homens serão destruídas, e a Sombra cairá sobre o Padrão da Era, e a mão do Tenebroso desabará mais uma vez sobre o mundo dos homens. As mulheres verterão lágrimas, e os homens tremerão quando as nações da Terra forem despedaçadas como trapos. Ninguém se oporá ou lutará.

Mas alguém virá para enfrentar a Sombra, nascido outra vez,

como nasceu antes e nascerá novamente, vezes sem-fim. O Dragão Renascerá, e seu retorno será acompanhado de choro e ranger de dentes. Ele cobrirá o povo em cinzas e aniagem e causará uma nova Ruptura do Mundo, destruindo todas as correntes que o prendem. Como a aurora libertadora, ele nos cegará e nos queimará, mas o Dragão Renascido enfrentará a Sombra na Última Batalha, e seu sangue nos trará a Luz. Deixai que as lágrimas escorram, Ó povo do mundo. Chorai por vossa salvação. (De *O Ciclo de Karaethon, As Profecias do Dragão*. Traduzido por Ellaine Marise'idin Alshinn, Bibliotecária-chefe da Corte de Arafel, no Ano da Graça de 231 da Nova Era, a Terceira Era)

1

A Chama de Tar Valon

A Roda do Tempo gira, e Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas, depois se desvanecem em mitos e já estão esquecidas há muito tempo quando a Era torna a aparecer. Em uma delas, chamada por alguns de Terceira Era, uma Era ainda por vir e há muito passada, um vento surgiu nas Montanhas de Dhoom. O vento não era o início, pois não existem nem inícios nem fins no girar da Roda do Tempo. Mas era um início.

Nascido entre picos negros e afiados como facas, onde a morte rondava as passagens altas, embora protegido de coisas ainda mais perigosas, o vento soprava para o sul, passando pelo emaranhado que era a floresta da Grande Praga, uma floresta maculada e corrompida pelo toque do Tenebroso. O cheiro doce e nauseante dessa corrupção já havia desaparecido quando o vento atravessou aquela linha invisível que os homens chamam de fronteira de Shienar, onde pendiam flores da primavera, formando grandes cachos nas árvores. O verão já devia ter chegado àquela altura, mas a primavera se atrasara, e a terra se esforçava para recuperar o tempo perdido. Um verde-claro novo nascia em cada arbusto, e brotos vermelhos despontavam de cada galho de árvore. O vento agitava os campos das fazendas que lembravam lagos esverdeados, massas sólidas de colheitas cujo crescimento era quase visível.

O cheiro de morte praticamente havia desaparecido muito antes de o vento atingir a cidade de muralhas de pedra de Fal Dara nas colinas, contornando uma torre da fortaleza bem no centro da cidade, no topo da qual dois homens pareciam dançar. Fal Dara, alta e com

grossas muralhas, ao mesmo tempo fortaleza e cidade, jamais ocupada, jamais traída. O vento gemia por entre telhados de madeira, passando por altas chaminés de pedra e torres ainda mais altas, soando como um cântico fúnebre.

Nu da cintura para cima, Rand al'Thor estremeceu com a carícia fria do vento e flexionou os dedos que envolviam o longo cabo da espada de treinamento. O sol quente deixara seu peito molhado de suor, e seus cabelos vermelho-escuros estavam colados à cabeça, formando um tapete de cachos. Um leve odor trazido pela brisa fez seu nariz se franzir, mas ele não o associou à imagem de um velho túmulo recém-aberto que surgiu em sua mente em um lampejo. Mal se deu conta do cheiro ou da imagem, lutando para manter a mente vazia, mas o outro homem que estava com ele no alto da torre não parava de perturbar o vazio. Com dez passos de extensão, o pátio no alto da torre era cercado por uma muralha com ameias que ia até a altura do peito. Era grande o bastante para uma pessoa, a não ser que compartilhasse o espaço com um Guardião.

Embora fosse bem jovem, Rand era mais alto que a maioria dos homens, mas Lan era tão alto quanto ele e bem mais musculoso, ainda que não tivesse ombros tão largos. Uma estreita faixa de couro trançado impedia que os cabelos compridos do Guardião caíssem em seu rosto anguloso, que parecia feito de pedra. Um rosto sem rugas, como se para negar os fios grisalhos nas têmporas. Apesar do calor e do esforço ísico, apenas uma fina camada de suor reluzia nos braços e no peito do homem. Rand estudava os olhos azuis frios de Lan, em busca de algum indício das intenções do Guardião. Parecia que o homem nunca piscava, e a espada de treinamento movia-se com firmeza e tranquilidade em suas mãos enquanto ele passava, com graça, de uma postura a outra.

Com um feixe de ripas finas amarradas em vez de uma lâmina, a espada de treinamento emitia um ruído alto sempre que se chocava com alguma coisa e deixava marcas vermelhas na pele. Rand sabia disso muito bem: três finas linhas vermelhas ardiam em suas costelas, mais uma queimava seu ombro, e foi preciso muito esforço para não ganhar outra. Lan não tinha uma marca sequer.

Conforme aprendera, Rand formou uma única chama em sua mente e se concentrou nela, tentando alimentá-la com toda a sua emoção e paixão, a fim de criar um vazio dentro de si, deixando até mesmo o pensamento de lado. O vazio veio. Como acontecia com frequência nos últimos tempos, não era um vazio perfeito: quando não permanecia a chama, restava ainda uma sensação de luz que agitava aquela quietude. Era o suficiente, mas por pouco. A fria paz do vazio o envolveu, e ele se tornou um com a espada de treinamento, com as pedras lisas sob suas botas e até mesmo com Lan. Tudo era um, e ele

se movia sem pensar, entrando no ritmo do Guardião, em sintonia com cada passo e cada movimento.

O vento ficou mais forte outra vez, trazendo o soar dos sinos da cidade. *Alguém ainda está comemorando a chegada tardia da primavera* . O pensamento mundano veio flutuando pelo vazio em ondas de luz, perturbando a quietude, e, como se o Guardião pudesse ler a mente de Rand, a espada de treinamento girou nas mãos de Lan.

Por um longo minuto, o rápido *claque-claque-claque* dos feixes de ripas se chocando preencheu o topo da torre. Rand não tentou atingir o outro homem; ele mal conseguia evitar que os golpes do Guardião o atingissem. Aparando os golpes de Lan no último instante possível, ele foi forçado a recuar. A expressão do homem não se alterou nem por um momento, e a espada de treinamento parecia viva em suas mãos. O golpe lateral do Guardião mudou, em pleno movimento, para uma estocada. Pego de surpresa, Rand recuou, já fazendo uma careta ante a perspectiva do golpe que ele sabia que não conseguiria evitar.

O vento uivou ao atravessar a torre… e o capturou. Foi como se o ar tivesse se solidi ficado de repente, aprisionando-o em um casulo, empurrando-o para a frente. O tempo e o movimento desaceleraram. Horrorizado, ele viu a espada de treinamento de Lan vir em direção a seu peito. O impacto não foi nem um pouco lento ou suave, e suas costelas rangeram como se tivessem sido atingidas por um martelo. Ele soltou um grunhido, mas o vento não deixou que desviasse. Pelo contrário, empurrou-o ainda mais para a frente. As ripas da espada de treinamento de Lan se vergaram — tão lentamente, pensou Rand — e se estilhaçaram. Pontas afiadas deslizaram em direção ao seu coração, a madeira quebrada rasgando seu peito. Seu corpo foi tomado pela dor, e parecia que sua pele inteira fora rasgada. Ele se sentiu queimar, como se o sol tivesse explodido para fritá-lo como bacon em uma frigideira.

Com um grito, ele se jogou para trás, cambaleando até bater na parede de pedra. Sua mão trêmula tocou os cortes no peito, e ele levantou os dedos ensanguentados diante dos olhos cinzentos, sem conseguir acreditar.

— E que defesa idiota foi essa, pastor? — perguntou Lan, com uma voz rouca. — Você sabe que não deve tentar uma coisa dessas. Ou deveria saber, a menos que tenha esquecido tudo o que tentei ensinar. Você está muito…? — Ele parou de falar quando Rand levantou a cabeça e o encarou.

— O vento. — A boca de Rand estava seca. — Ele… ele me empurrou! Ele… ele estava sólido como uma parede!

O Guardião o estudou em silêncio, depois lhe estendeu a mão. Rand a segurou e se deixou ser levantado.

— Coisas estranhas podem acontecer tão perto da Praga — disse

Lan, por fim. No entanto, apesar de toda a neutralidade das palavras, ele parecia preocupado, o que já era estranho por si só. Os Guardiões, guerreiros quase lendários que serviam às Aes Sedai, raramente demonstravam emoções, e Lan demonstrava menos ainda, até mesmo para um Guardião. Ele jogou a espada estilhaçada de lado e se recostou na parede onde estavam as verdadeiras espadas, fora do caminho do treinamento.

— Mas não coisas assim — protestou Rand. Ele foi para o lado do outro homem, agachando-se e recostando-se na pedra. Nessa posição, o muro ficava mais alto do que sua cabeça, o que o protegeria um pouco do vento. Se é que aquilo poderia ser chamado assim. Nunca sentira um vento… tão sólido. — Paz! Talvez isso não aconteça nem mesmo *dentro* da Praga.

— Com alguém como você… — Lan deu de ombros, como se aquilo explicasse tudo. — Quando você vai partir, pastor? Faz um mês que disse que ia embora, e achei que já teria feito isso há duas semanas.

Rand o encarou, surpreso. *Ele está agindo como se nada tivesse acontecido!* Franzindo a testa, deixou a espada de treinamento de lado e levou a sua própria até os joelhos, passando os dedos ao longo do cabo comprido envolto em couro, no qual uma garça de bronze fora gravada. Havia outra garça de bronze na bainha, e mais uma na lâmina, agora embainhada. Ainda achava um pouco estranho ter uma espada, qualquer que fosse, quanto mais uma com a marca de um mestre espadachim. Ele era um fazendeiro de Dois Rios, mas estava bem longe agora. Talvez ficasse longe para sempre. Era um pastor, como seu pai. *Eu* era *um pastor. O que sou agora?* E fora seu pai quem lhe dera uma espada com a marca da garça. *Tam é meu pai, não importa o que digam.* Ele desejou que seus pensamentos não soassem como se estivesse tentando convencer a si mesmo.

Mais uma vez, Lan pareceu ler sua mente.

— Nas Terras da Fronteira, pastor, se um homem cria uma criança, essa criança é dele, e ninguém tem o direito de dizer o contrário.

Rand fez cara feia e ignorou as palavras do Guardião. Aquele assunto dizia respeito somente a ele.

— Quero aprender a usar isto. Preciso aprender. — Carregar uma espada com a marca da garça já lhe causara problemas. Nem todos sabiam o que significava ou mesmo a notavam, mas uma espada daquelas, ainda mais nas mãos de um rapaz que mal tinha idade para ser chamado de homem, atraía o tipo errado de atenção. — Nas ocasiões em que não pude fugir, consegui blefar. Nas outras, tive sorte. Mas o que vai acontecer quando eu não puder fugir ou blefar, e minha sorte acabar?

— Você pode vendê-la — respondeu Lan, com cuidado. — Essa lâmina é rara mesmo entre espadas com a marca da garça. Você conseguiria um bom preço por ela.

— Não! — Essa ideia já lhe ocorrera mais de uma vez, mas ele a rejeitou pela mesma razão de sempre, e nesse caso ainda mais rápido por vir de outra pessoa. *Enquanto ela for minha, terei o direito de chamar Tam de pai. Foi ele quem a deu a mim, e ela me garante esse direito* . — Achei que qualquer espada com a marca da garça fosse rara.

Lan o olhou de soslaio.

— Então Tam não lhe contou? Ele devia saber. Talvez não tenha acreditado. Muitos não acreditam. — O homem pegou sua própria espada, quase gêmea da de Rand, a não ser pela ausência da garça, e a desembainhou. A lâmina, levemente curva e com apenas um gume, reluziu prateada na luz do sol.

Era a espada dos reis de Malkier. Lan não tocava nesse assunto, nem gostava que outros falassem a respeito, mas al'Lan Mandragoran era o Lorde das Sete Torres, o Lorde dos Lagos e o Rei não coroado de Malkier. As Sete Torres estavam em ruínas agora, e os Mil Lagos eram um antro de coisas impuras. Malkier fora engolida pela Grande Praga, e somente um dos senhores malkieris ainda estava vivo.

Uns diziam que Lan tornara-se Guardião, vinculando-se a uma Aes Sedai, para buscar a morte na Praga e se juntar aos outros de seu sangue. De fato, Rand vira Lan se pôr em perigo sem parecer levar em conta a própria segurança, mas sabia que o homem se preocupava com a vida e a segurança de Moiraine, a Aes Sedai à qual estava vinculado, muito mais do que consigo. Ele não achava que Lan fosse realmente procurar a morte enquanto Moiraine vivesse.

Examinando sua espada, Lan falou:

— Durante a Guerra da Sombra, o próprio Poder Único foi usado como arma, e armas eram criadas com o Poder Único. Algumas armas *usavam* o Poder Único, eram coisas capazes de destruir uma cidade inteira com um só golpe, arrasando a terra por léguas. É bom que todas tenham sido perdidas na Ruptura, é bom que ninguém lembre como produzi-las. Mas também havia armas mais simples, para aqueles que enfrentavam as espadas dos Myrddraal e de coisas piores que os Senhores do Medo criavam.

"Com o Poder Único, Aes Sedai extraíam da terra ferro e outros metais, para derretê-los e forjá-los. Tudo isso com o Poder. Criaram espadas e também outras armas. Muitas que sobreviveram à Ruptura do Mundo foram destruídas por homens que temiam e odiavam o trabalho de Aes Sedai, enquanto outras desapareceram com os anos. Restaram poucas, e poucos homens entendem o que elas são. Existem lendas a respeito delas, contos exagerados de espadas que pareciam

ter poder próprio. Você já ouviu as histórias dos menestréis, mas a realidade já basta. Falam de lâminas que não se estilhaçam ou quebram e que nunca perdem o fio. Eu já vi homens as afiarem. Fingem que a iam, na verdade, porque não conseguiam acreditar que uma espada não precise ser afiada depois de ser usada. Mas estão apenas desgastando suas pedras de amolar.

"Essas armas foram feitas pelas Aes Sedai, e nunca haverá outras iguais. Quando tudo acabou, a guerra e a Era terminaram juntas, deixando o mundo destruído, com mais mortos a serem enterrados do que gente viva. Os que estavam vivos fugiam, tentando encontrar algum lugar seguro, qualquer que fosse. A cada segundo, uma mulher chorava porque nunca mais veria seu marido ou seus filhos. Quando tudo acabou, as Aes Sedai sobreviventes juraram nunca mais criar uma arma para que um homem matasse outro. Todas as Aes Sedai fizeram esse juramento, e cada uma dessas mulheres tem mantido a promessa. Todas, até mesmo as Vermelhas, que não se importam muito com o que acontece com os homens.

"Uma dessas, uma arma simples, de soldado, se tornou algo mais. — O Guardião voltou a embainhar sua espada com uma expressão cansada, parecendo quase triste, se é que se poderia atribuir algum tipo de emoção àquele homem. — Havia, no entanto, as que foram feitas para senhores generais, com lâminas tão duras que nenhum ferreiro poderia marcá-las, mas que ostentavam uma marca de garça. Essas espadas se tornaram muito procuradas."

De repente, as mãos de Rand se afastaram da espada apoiada em seus joelhos. Ela escorregou para a frente, e ele a agarrou instintivamente antes que ela caísse no piso de pedra.

— Você quer dizer que Aes Sedai fizeram isto? Pensei que estivesse falando da *sua* espada.

— Nem todas as armas com a marca da garça são obra das Aes Sedai. Poucos homens dominam a espada com habilidade suficiente para serem chamados de mestres espadachins e receberem, como recompensa, uma lâmina com a marca da garça. Mesmo assim, não restaram espadas de Aes Sedai o suficiente para que pouco mais de um bando deles carregassem uma. A maioria vem de mestres ferreiros, feitas do melhor aço que os homens podem criar, mas ainda assim forjadas pelas mãos de um homem. Mas essa aí, pastor… Essa deve carregar histórias de três mil anos ou mais.

— Não vou conseguir escapar delas, não é mesmo? — resmungou Rand. O rapaz equilibrou a espada à sua frente, sobre a ponta da bainha: ela não lhe parecia diferente do que era antes de ele descobrir aquilo. — Outra obra das Aes Sedai.

Mas foi Tam quem me deu. Meu pai *a deu mim.* Ele se recusava a pensar em como um pastor de Dois Rios conseguira uma espada com a

marca da garça. Esses pensamentos levavam a lugares perigosos, profundezas que ele não queria explorar.

— Você realmente quer escapar, pastor? Vou perguntar outra vez. Por que ainda não foi embora, então? Por causa da espada? Em cinco anos, eu poderia torná-lo digno dela, fazer de você um mestre espadachim. Você tem punhos rápidos, um bom equilíbrio e não comete o mesmo erro duas vezes. Mas eu não disponho de cinco anos para lhe ensinar, e você não tem cinco anos para aprender. Não tem sequer um ano, e sabe bem disso. Com o conhecimento que tem agora, não vai furar o próprio pé. Você se comporta como se a espada pertencesse à sua cintura, pastor, e a maioria dos valentões nas aldeias vai perceber isso. Mas você já agia dessa forma praticamente desde o dia em que começou a carregá-la. Então por que ainda está aqui?

— Mat e Perrin ainda estão aqui — resmungou Rand. — Eu não quero ir embora antes deles. Eu nunca… Talvez não os veja outra vez por… Por anos, quem sabe? — Ele encostou a cabeça na parede. — Sangue e cinzas! Pelo menos eles só acham que eu sou louco por não voltar para casa com eles. Nynaeve quase sempre me olha como se eu fosse uma criança de seis anos com um joelho esfolado e ela fosse cuidar de tudo. No resto do tempo, parece estar observando um estranho. Um estranho que pode se ofender se ela o encarar por tempo demais. Ela é uma Sabedoria, e acho que nunca teve medo de nada, mas… — Ele sacudiu a cabeça. — E Egwene. Que me queime! Ela sabe por que tenho que ir, mas toda vez que toco no assunto ela me olha de um jeito que faz meu estômago embrulhar, e eu… — Ele fechou os olhos, pressionando o cabo da espada na testa, como se pudesse expulsar seus pensamentos. — Eu queria… Eu queria…

— Você queria que tudo pudesse ser como era antes, pastor? Ou queria que a garota partisse com você em vez de ir para Tar Valon? Você acha que ela vai desistir de se tornar uma Aes Sedai para passar o resto da vida andando por aí? E com você? Talvez, se pedisse a ela do jeito certo, ela até fosse. O amor é uma coisa estranha. — De repente, Lan parecia cansado. — Estranha como nenhuma outra.

— Não. — Era exatamente o que ele desejava, que ela quisesse ir com ele. Abriu os olhos, corrigiu a postura e continuou, com a voz firme. — Não, eu não deixaria que ela fosse comigo, se ela pedisse. — Ele não faria isso com ela. *Mas, Luz, não seria bom, ainda que só por um instante, se ela dissesse que queria?* — Ela ica teimosa como uma mula quando acha que estou tentando lhe dizer o que fazer, mas ainda posso protegê-la disso. — Rand desejou que Egwene ainda estivesse em sua casa no Campo de Emond, mas toda a esperança se fora no dia em que Moiraine chegara a Dois Rios. — Mesmo que isso signifique que ela vai se tornar uma Aes Sedai!

Pelo canto do olho, o rapaz teve um vislumbre da sobrancelha

erguida de Lan e enrubesceu.

— Então é só por isso? Você quer passar o máximo de tempo possível com seus amigos antes que eles partam? É por isso que está perdendo seu tempo? Você sabe o que está atrás de você.

Rand se levantou, zangado.

— Está certo, é por causa de Moiraine. Eu sequer estaria aqui se não fosse por ela, mas ela nem fala mais comigo.

— Você estaria morto se não fosse por ela, pastor — respondeu Lan, em um tom neutro, mas Rand continuou:

— Ela me contou… contou coisas horríveis a meu respeito… — Seus dedos apertaram a espada com tanta força que ficaram brancos. *Contou que vou ficar louco e morrer!* — E de repente nem sequer me dirige duas palavras. Ela age como se eu não tivesse mudado desde o dia em que me encontrou, e isso também parece errado.

— Quer que ela o trate como o que você é?

— Não! Não foi isso o que eu quis dizer. Que me queime, ultimamente já nem sei mais o que quero dizer. Não é isso o que eu quero, mas tenho medo da alternativa. Agora ela foi para algum lugar, desapareceu…

— Eu lhe disse que ela precisa ficar sozinha de vez em quando. Não cabe a você, nem a ninguém, questionar as ações dela.

— … Sem contar a ninguém para onde ia nem quando vai voltar. Sequer falou se voltaria. Ela deve ser capaz de me contar alguma coisa que me ajude, Lan. Qualquer coisa. Ela tem que contar. Se voltar algum dia.

— Ela já voltou, pastor. Voltou ontem à noite. Mas acho que ela já lhe contou tudo o que podia. Dê-se por satisfeito, você aprendeu o que podia com ela. — Lan sacudiu a cabeça e continuou, um pouco brusco: — Mas você certamente não está aprendendo nada enquanto ica aqui parado. Está na hora de trabalharmos um pouco seu equilíbrio. Vamos treinar o movimento de Cortar a Seda, começando pela Garça Atravessando os Juncos. Lembre-se de que essa forma da Garça é apenas para praticar o equilíbrio: usá-la em uma luta deixará sua guarda aberta. Você pode atacar a partir dela, se esperar o outro homem se mover primeiro, mas jamais conseguirá evitar o golpe dele.

— Ela *precisa* poder me dizer alguma coisa, Lan. Aquele vento… Aquilo não foi natural, não interessa se estamos perto da Praga ou não.

— Garça Atravessando os Juncos, pastor. E atenção aos pulsos.

Um leve soar de trombetas veio do sul, uma fanfarra animada que aumentava cada vez mais, acompanhada pelo dum-dum-DUM-dum dos tambores. Rand e Lan se entreolharam por um momento e, atraídos pela comoção, foram até a muralha da cidade olhar para o sul.

A cidade ficava sobre colinas altas, e o capim ao redor das muralhas fora cortado até a altura dos tornozelos por uma milha, em todas as direções, e a fortaleza ficava na colina mais alta de todas. Do alto da torre, Rand conseguia, por entre chaminés e telhados, ver a floresta. Os homens que tocavam tambores foram os primeiros a aparecer por entre as árvores, uma dezena deles, levantando seus instrumentos enquanto marchavam e girando as baquetas. Em seguida, apareceram os trombeteiros, erguendo as cornetas longas e reluzentes, ainda conduzindo a fanfarra. Àquela distância, Rand não conseguia distinguir a imensa bandeira quadrada que ondulava ao vento atrás deles. Mas Lan soltou um grunhido: o Guardião tinha olhos de águia-das-neves.

Rand olhou de relance para ele, mas o Guardião não disse nada, mantendo os olhos fixos na coluna que emergia da floresta. Homens a cavalo, usando armaduras, saíam por entre as árvores, e as mulheres que os acompanhavam também estavam montadas. Um palanquim com as cortinas baixadas vinha atrás deles, carregado por dois cavalos, um na frente e um atrás, seguido de mais homens montados. Depois vinham fileiras de homens a pé, com lanças erguidas acima da cabeça como se fossem cerdas ou espinhos compridos, e arqueiros com os arcos cruzados sobre os peitos, todos marchando ao som dos tambores. As trombetas voltaram a soar. Como uma serpente musical, a coluna ziguezagueava em direção a Fal Dara.

O vento balançava a bandeira, mais alta que um homem, deixando-a reta para um lado. Como era enorme, agora estava perto o bastante para que Rand a visse com clareza. Estampava um redemoinho de cores que não significava nada para ele, mas no centro havia uma forma semelhante a uma lágrima completamente branca. A respiração ficou presa em sua garganta: era a Chama de Tar Valon.

— Ingtar está com eles. — Lan soou distante. — Está finalmente voltando da caçada. Ficou longe por tempo demais. Será que teve alguma sorte?

— Aes Sedai — sussurrou Rand, quando finalmente conseguiu. Todas aquelas mulheres lá fora… Moiraine também era uma Aes Sedai, mas ele viajara em sua companhia e, apesar de não confiar de todo nela, pelo menos a conhecia. Ou achava que conhecia. Mas ela era apenas uma. Tantas Aes Sedai juntas, aparecendo daquele jeito, era outra coisa. Ele pigarreou para limpar a garganta, mas, ainda assim, a voz saiu rouca. — Por que tantas, Lan? Por que vieram? E com tambores, trombetas e uma bandeira para anunciá-las?

As Aes Sedai eram respeitadas em Shienar, pelo menos pela maioria: o restante as temia respeitosamente. Mas Rand estivera em lugares em que não era assim, onde só havia o medo e, com frequência, o ódio. Onde ele tinha crescido, pelo menos alguns

homens falavam das “bruxas de Tar Valon” como se falassem do Tenebroso. Tentou contar as mulheres, mas elas não se mantinham em fileiras ou em qualquer ordem aparente. Conduziam seus cavalos por entre o grupamento para conversar umas com as outras ou com quem quer que estivesse no palanquim. Ele ficou arrepiado. Viajara com Moiraine, conhecera outra Aes Sedai e havia passado a pensar em si mesmo como um homem do mundo. Ninguém jamais saía de Dois Rios, ou quase ninguém, mas ele o fizera. Ele vira coisas que ninguém em Dois Rios jamais tinha visto e também fizera coisas com as quais seus conterrâneos apenas sonhavam, se é que sonhavam. Ele vira uma rainha e conhecera a Filha-herdeira de Andor, enfrentara um Myrddraal e viajara pelos Caminhos, e nada o havia preparado para aquele momento.

— Por que tantas? — sussurrou outra vez.

— O Trono de Amyrlin veio em pessoa. — Lan olhou para Rand com uma expressão tão dura e indecifrável quanto uma rocha. — Suas lições acabaram, pastor. — Então ele fez uma pausa, e Rand quase pensou ter visto uma expressão de pena em seu rosto, o que, é claro, era impossível. — Teria sido melhor para você se já tivesse ido embora na semana passada. — Com isso, o Guardião pegou sua camisa e seguiu escada abaixo para dentro da torre.

Rand tentou umedecer a boca. Olhou para a coluna que se aproximava de Fal Dara como se ela realmente fosse uma serpente, uma víbora mortífera. Os tambores e as trombetas soavam bem alto em seus ouvidos. O Trono de Amyrlin, que comandava as Aes Sedai. *Ela veio por minha causa*. Ele não conseguia pensar em outra razão.

Elas sabiam coisas, tinham informações que poderiam ajudá-lo, ele tinha certeza, mas não se atreveria a pedir nada a qualquer uma delas. Temia que tivessem vindo para amansá-lo. *E também temia que não tivessem* , admitiu, relutante. *Luz, não sei o que me assusta mais*.

— Eu não queria canalizar o Poder — sussurrou. — Foi um acidente! Luz, não quero nada com isso. Juro que nunca mais vou tocar nele! Juro!

Sobressaltou-se ao perceber que o grupo de Aes Sedai adentrava os portões da cidade. O vento soprava feroz, quase transformando seu suor em gotas de gelo e fazendo as trombetas soarem como gargalhadas zombeteiras. Achou que sentia no ar o cheiro forte de uma tumba aberta. *Será a minha tumba, se eu continuar parado aqui*.

Pegou a camisa, desceu a escada atrapalhado e começou a correr.

2

As Boas-Vindas

Os salões da fortaleza de Fal Dara, com suas paredes de pedra ostentando poucas tapeçarias simples e elegantes e biombos decorados, fervilhavam com as notícias da iminente chegada do Trono de Amyrlin. Serviçais de preto e dourado se apressavam em realizar suas tarefas, correndo para preparar quartos ou levar ordens até a cozinha, lamentando-se que, sem aviso prévio, não conseguiriam preparar tudo a tempo para alguém tão importante. Guerreiros de olhos escuros e cabeças raspadas, a não ser por um rabo de cavalo preso com um cordão de couro, não corriam, mas seus passos eram apressados e seus rostos transmitiam uma empolgação normalmente reservada à batalha. Quando Rand passava, alguns comentavam:

— Ah, aí está você, Rand al'Thor. Que a paz favoreça sua espada! Está indo se lavar? Você certamente quer estar com a melhor aparência possível quando for apresentado ao Trono de Amyrlin. Ela vai querer ver você e seus dois amigos e também as outras duas mulheres, pode ter certeza.

Ele correu até as grandes escadas — amplas o bastante para passarem vinte pessoas — que davam na ala dos homens.

— A própria Amyrlin veio, e sem dar aviso, como um mascate. Deve ser por causa de Moiraine Sedai e vocês do sul, não é? Por que mais seria?

As grandes portas com trancas de ferro da ala dos homens estavam abertas e parcialmente obstruídas por homens de rabo de cavalo que conversavam baixinho sobre a chegada de Amyrlin.

— Ei, rapaz do sul! Amyrlin chegou. Veio para ver você e seus

amigos, suponho. Paz, mas que honra para você! Ela raramente sai de Tar Valon e nunca veio às Terras de Fronteira, pelo que me lembro.

Ele se desvencilhou deles com algumas palavras. Precisava se lavar e encontrar uma camisa limpa. Não tinha tempo para conversar. Eles aceitavam a explicação e o deixavam passar. Nenhum deles sabia coisa alguma a seu respeito, a não ser que ele e seus amigos viajavam na companhia de uma Aes Sedai e que dois dos integrantes do grupo eram mulheres que seguiriam para Tar Valon para se tornar Aes Sedai, mas aquelas palavras o afetavam como se eles soubessem de tudo. *Ela veio me ver*.

Ele passou correndo pela ala dos homens, entrou em disparada no quarto que dividia com Mat e Perrin… e parou bruscamente, com o queixo caído de espanto. O quarto estava repleto de mulheres vestidas de preto e dourado, todas concentradas em suas tarefas. O aposento não era grande, e as janelas, apenas um par de frestas altas e estreitas para atirar flechas que davam em um dos pátios internos, não ajudavam a fazê-lo parecer maior. Três camas dispostas sobre plataformas de azulejos pretos e brancos, cada qual com um baú aos pés, três cadeiras simples, uma pia perto da porta e um armário alto e largo faziam o quarto parecer apertado. As oito mulheres ali dentro pareciam peixes em uma cesta.

Elas mal o olharam, apenas tiraram suas roupas, as de Mat e as de Perrin do armário, e as substituíram por novas. Colocavam sobre os baús qualquer coisa que encontrassem nos bolsos e empilhavam as roupas velhas sem nenhum cuidado, como se fossem trapos.

— O que vocês estão fazendo? — exigiu saber Rand quando recuperou o fôlego. — Essas roupas são minhas!

Uma das mulheres pegou seu único casaco, cheirou-o e enfiou um dedo em um buraco da manga, depois o deixou cair na pilha que estava no chão.

Outra mulher, de cabelos pretos e ostentando um grande molho de chaves pendurado na cintura, olhou para ele. Era Elansu, *shatayan* da fortaleza. Ele pensava na mulher de rosto anguloso como uma espécie de governanta, embora a casa da qual cuidasse fosse, na verdade, uma fortaleza, e ela tivesse dezenas de serviçais sob seu comando.

— Moiraine Sedai disse que todas as roupas de vocês estão gastas, então a Lady Amalisa mandou fazer novas. Fique fora do nosso caminho — acrescentou com firmeza — e vamos acabar mais rápido.

Havia poucos homens que a *shatayan* não conseguia obrigar a obedecê-la — diziam que o próprio Lorde Agelmar se dobrava sob seu comando —, e ela claramente não esperava encontrar resistência em um rapaz com idade para ser seu filho.

Rand engoliu em seco o que estava prestes a falar. Não tinha

tempo para discutir. O Trono de Amyrlin poderia mandar chamá-lo a qualquer momento.

— Honrada seja a Lady Amalisa por seu presente — conseguiu responder Rand à moda shienarana — e honrada seja a senhora, Elansu *Shatayan*. Por favor, transmita meus agradecimentos à Lady Amalisa. E diga a ela que meu coração e alma estão a seu serviço. — O povo de Shienar amava formalidades, e aquilo devia ser o bastante para as duas mulheres. — Mas agora, se a senhora me permitir, quero trocar de roupa.

— Muito bem — respondeu Elansu, bastante à vontade. — Moiraine Sedai nos pediu para buscarmos todas as roupas velhas. Cada peça, até mesmo as roupas de baixo. — Várias mulheres olharam para ele disfarçadamente. Nenhuma fez menção de se dirigir à porta.

Ele mordeu a bochecha para evitar soltar um riso histérico. Muita coisa em Shienar era diferente do que estava acostumado, e havia algumas com as quais nunca se acostumaria, ainda que vivesse ali para sempre. Ele se habituara a tomar banho de manhã bem cedo, quando as grandes banheiras de azulejos estavam vazias, depois que descobriu que uma mulher poderia entrar na água com ele sem problemas, a qualquer outra hora do dia. E podia ser tanto um serviçal da cozinha quanto a Lady Amalisa, irmã do Lorde Agelmar: nos banhos em Shienar não existia hierarquia. Elas também esperavam que ele lavasse suas costas em troca do mesmo favor, perguntando por que seu rosto estava tão vermelho, será que vinha se expondo muito ao sol? Em pouco tempo, haviam identificado a verdadeira causa de seus rubores, e todas as mulheres na fortaleza pareciam fascinadas com eles.

Em uma hora eu posso morrer ou algo ainda pior, e essas mulheres estão esperando me ver corar! Ele pigarreou.

— Se puderem esperar do lado de fora, entregarei o restante das roupas a vocês. Pela minha honra.

Uma das mulheres deu um risinho, e até mesmo os cantos dos lábios de Elansu se repuxaram, mas a *shatayan* assentiu e mandou as outras recolherem as roupas. Então parou ao alcançar a porta, acrescentando:

— As botas também. Moiraine Sedai disse para pegar tudo.

Ele abriu a boca para responder, então voltou a fechá-la. Sabia com certeza que pelo menos suas botas ainda estavam boas, pois haviam sido feitas por Alwyn al'Van, o sapateiro de Campo de Emond, além de estarem amaciadas e bem confortáveis. Mas, se abrir mão de suas botas fosse fazer com que a *shatayan* o deixasse em paz, ele as daria, e daria tudo o mais que ela quisesse. Ele não tinha tempo.

— Sim, sim, é claro. Pela minha honra.

E empurrou a porta, forçando-a a sair.

Quando ficou sozinho, jogou-se na cama para tirar as botas. Elas *ainda* estavam boas, talvez um pouco gastas, com o couro rachado aqui e ali, mas ainda serviam e tinham a forma de seus pés. Então se despiu depressa, empilhando tudo sobre as botas, e se lavou na bacia com a mesma velocidade. A água estava fria, mas sempre estava fria na ala dos homens.

O armário tinha três grandes portas entalhadas do modo simples dos shienaranos, sugerindo, mais do que retratando, uma série de cachoeiras e lagos escavados na pedra. Ele abriu a porta central e examinou, por um momento, o que havia sido colocado no lugar dos poucos trajes que trouxera consigo. Havia uma dúzia de casacos de colarinho alto da mais fina lã, de corte tão bom quanto qualquer um que tivesse visto em um mercador ou em um lorde, e a maioria exibia bordados dignos de roupas para serem usadas em um festival. Uma dezena deles! Havia também três camisas para cada casaco, tanto de linho quanto de seda, com mangas largas e colarinhos apertados. E dois mantos. Dois, e ele se virara muito bem com um só a vida inteira. Um dos mantos era simples, de lã verde-escura grossa. O outro era azul-escuro e tinha um colarinho duro bordado com garças douradas… e no alto do peito esquerdo, onde um senhor usaria seu símbolo…

Sua mão foi para o manto por conta própria. Como se não estivessem certos do que sentiriam, os dedos roçaram o bordado de uma serpente enroscada quase em círculo. Mas era uma serpente com quatro pernas e uma juba dourada de leão, com escamas vermelhas e douradas e, em cada pata, cinco garras douradas. Afastou a mão do bordado com violência, como se a tivesse queimado. *Que a Luz me ajude! Foi Amalisa quem mandou fazer isto ou foi Moiraine? Quantas pessoas o viram? Quantas sabem o que é isto, o que signi ica? Se mesmo uma só pessoa souber já é demais. Que me queime, ela está tentando me matar! A maldita Moiraine sequer fala comigo, mas me deu belas roupas para morrer!*

Algumas batidas à porta o fizeram pular quase até o teto de susto.

— Já acabou? — Era a voz de Elansu. — Me dê todas as peças. Talvez seja melhor eu…

A porta rangeu como se ela estivesse tentando abrir a maçaneta.

Rand sobressaltou-se, percebendo que ainda estava nu.

— Acabei! — gritou. — Paz! Não entre! — Recolheu tudo o que estava vestindo mais do que depressa, inclusive as botas. — Vou lhe entregar!

Escondido atrás da porta, ele a abriu apenas o suficiente para enfiar a trouxa de roupas nos braços da *shatayan*. — Isso é tudo.

Ela tentou espiar pelo buraco.

— Tem certeza? Moiraine Sedai disse para pegar tudo. Talvez seja

melhor eu dar uma olhadinha…

— É tudo — grunhiu. — Juro pela minha honra!

Ele empurrou a porta com o ombro, fechando-a na cara dela, e ouviu risadas do outro lado.

Resmungando baixinho, ele se vestiu depressa. Sabia que elas não deixariam de encontrar desculpas para entrar à força, de algum jeito. As calças cinza eram mais justas do que as que estava acostumado a usar, mas ainda eram confortáveis; e a camisa de mangas bufantes era branca o bastante para deixar satisfeita qualquer dona de casa no Campo de Emond em dia de lavar roupa. As botas, que iam até a altura do joelho, serviram como se ele as usasse há mais de um ano. Torceu para que fosse apenas o trabalho de um bom sapateiro, e não outra obra das Aes Sedai.

Todas aquelas roupas dariam um embrulho do seu tamanho, mas ele se reacostumara ao conforto de usar camisas limpas e de não vestir as mesmas calças todos os dias, até o suor e a sujeira as deixarem mais duras que suas botas, e ainda assim continuar usando-as. Pegou seus alforjes do baú e enfiou o que pôde dentro deles, depois abriu o manto bonito em cima da cama, com relutância, e empilhou mais algumas camisas e calças sobre ele. Dobrado daquele jeito, com o perigoso símbolo para dentro, e amarrado com uma corda de forma que pudesse ser jogado no ombro, ele não parecia muito diferente das trouxas que vira alguns jovens carregando na estrada.

Um soar de trombetas adentrou pelas seteiras, vindo tanto das que conduziam a fanfarra do lado de fora das muralhas quanto das que as respondiam, nas torres da fortaleza.

— Vou tirar esse bordado assim que puder — resmungou. Já vira mulheres retirando bordados quando erravam a costura ou mudavam de ideia, e não parecia ser assim tão complicado.

O resto das roupas — a maioria do que ganhara, na verdade —, Rand enfiou de volta no armário. Não havia necessidade de deixar evidências de sua fuga para serem encontradas pela primeira pessoa que enfiasse a cabeça quarto adentro depois que ele partisse.

Ainda franzindo a testa, ele se ajoelhou ao lado da cama. As plataformas azulejadas sobre as quais as camas repousavam eram fornalhas onde a pequena fogueira era abafada para durar a noite toda, mantendo a cama aquecida durante a pior noite do inverno de Shienar. As noites eram ainda mais frias do que ele estava acostumado naquela época do ano, mas, por ora, os cobertores bastavam. Abrindo a porta da caixa de lenha, ele retirou uma sacola que não poderia deixar para trás. Ficou feliz por não ter ocorrido a Elansu que alguém poderia guardar roupas ali dentro.

Colocando o embrulho sobre a cama, desatou uma ponta e abriu-a um pouco. Era o manto de um menestrel virado do avesso de forma a

ocultar as centenas de retalhos que o cobriam, retalhos de todos os tamanhos e cores imagináveis. O manto em si já era bem chamativo, pois os retalhos eram o símbolo de um menestrel. Foram o símbolo de um menestrel.

Dentro do manto havia duas caixas de couro. A maior continha uma harpa, que ele nunca tocara. *A harpa não era para as mãos desajeitadas de um garoto de fazenda*. A outra, comprida e fina, continha a lauta folheada a ouro e prata que usara mais de uma vez para ganhar jantar e hospedagem desde que saíra de casa. Thom Merrilin lhe ensinara a tocar aquela lauta antes de morrer. Rand nunca conseguia tocá-la sem se lembrar de Thom, com olhos de um azul intenso e longos bigodes brancos, en fiando o manto embrulhado em suas mãos e gritando para que ele corresse. Depois o próprio Thom havia corrido para enfrentar o Myrddraal que viera matá-los, com as facas surgindo magicamente em suas mãos, como se ele estivesse fazendo uma apresentação.

Com um arrepio, ele refez o embrulho.

— Isso tudo acabou. — Ao pensar no vento no alto da torre, acrescentou: — Coisas estranhas acontecem assim tão perto da Praga. — Ele não tinha muita certeza de que acreditava nisso, não do mesmo jeito que Lan. De qualquer modo, já estava mais que na hora de ir embora de Fal Dara, independentemente da chegada do Trono de Amyrlin.

Ele vestiu o casaco que deixara separado. Era de um verde bem escuro e o fazia lembrar-se das florestas em casa, na fazenda de Tam na Floresta do Oeste, onde havia crescido, e no manguezal onde aprendera a nadar. Depois afivelou a espada com a marca da garça na cintura e pendurou a aljava abarrotada de flechas do outro lado. Seu arco, sem corda, estava encostado em um canto, junto com os de Mat e Perrin. O bastão de madeira era dois palmos mais alto que ele. Ele o fizera sozinho, depois de chegar a Fal Dara, e, além dele, apenas Lan e Perrin tinham força suficiente para usá-lo. Depois de enfiar os cobertores enrolados e o novo manto nas dobras dos outros embrulhos, tirou-os do ombro esquerdo, jogou-os sobre as cordas e pegou o arco. *Deixe o braço da espada livre* , pensou. *Tente fazê- los pensar que é perigoso. Talvez* alguém *acredite*.

Ao abrir devagar a porta, deparou com o corredor quase vazio. Um serviçal de libré passou correndo, sem nem sequer olhar para Rand. Assim que os passos apressados do homem deixaram de ser ouvidos, Rand se esgueirou para o corredor.

Tentou caminhar com naturalidade, despreocupado, mas sabia que os alforjes no ombro e as trouxas nas costas faziam com que parecesse ser exatamente o que era: um homem partindo em uma jornada, sem intenção de retornar. As trombetas tornaram a soar, mais

fracas ali dentro da fortaleza.

Ele tinha um cavalo, um garanhão baio, no estábulo norte, que se chamava Estábulo do Senhor. Era próximo de um dos portões menores da fortificação, usado por Lorde Agelmar quando ele saía para cavalgar. Mas nem o senhor de Fal Dara nem ninguém de sua família cavalgariam hoje, e o estábulo deveria estar vazio, a não ser pelos cavalariços. Havia duas maneiras de chegar ao Estábulo do Lorde a partir do quarto de Rand. Uma delas o faria dar a volta por toda a fortaleza, passando por trás do jardim particular de Lorde Agelmar para então sair do outro lado e passar direto por dentro da forja, que agora, por certo, estaria igualmente vazia, até o pátio do estábulo. Seria tempo suficiente para que algumas ordens fossem dadas se alguém iniciasse uma busca por ele, antes mesmo de Rand chegar ao seu cavalo. O outro caminho era bem mais curto: passava primeiro pelo pátio externo, onde o Trono de Amyrlin estava chegando naquele instante, com mais de uma dezena de Aes Sedai.

Ficou com a pele toda arrepiada só de pensar: ele já vira mais Aes Sedai do que o suficiente para uma vida inteira. Só uma já era demais. Assim diziam todas as histórias, e ele comprovara com a experiência. Mas não ficou surpreso por seus pés o levarem até o pátio externo: ele jamais veria a lendária Tar Valon, não podia correr esse risco, nem agora nem nunca, mas podia ver o Trono de Amyrlin de longe, antes de partir. Seria o mesmo que ver uma rainha. *Não deve ser muito perigoso dar só uma espiada de longe. Vou continuar andando e terei ido embora antes mesmo que ela saiba que estive aqui*.

Ele abriu uma porta pesada com correias de ferro que dava para o pátio externo e adentrou o silêncio lá fora. As pessoas se aglomeravam ao longo da passarela da guarda, no alto de cada muralha, formando uma verdadeira floresta de gente: soldados de rabo de cavalo, criados de libré e serviçais ainda com os pés sujos de lama estavam colados uns nos outros, e crianças se sentavam nos ombros dos pais para ver por cima da multidão ou se espremiam para espiar por entre cinturas e tornozelos. Cada sacada para arqueiros estava mais lotada que um barril de maçãs, e rostos apareciam até nas seteiras nas paredes, que serviam para atirar flechas. Uma multidão cercava o pátio, formando uma segunda muralha, e todos observavam e aguardavam em silêncio.

Ele abriu caminho pela multidão ao longo da muralha, diante das barracas dos ferreiros e dos flecheiros que davam a volta ao longo do pátio — Fal Dara era uma fortaleza, não um palácio, apesar do tamanho e de seu esplendor austero, e tudo nela era destinado à defesa — murmurando desculpas às pessoas em quem esbarrava. Algumas olhavam ao redor, franzindo a testa, e poucas notavam seus alforjes e sacolas, mas ninguém quebrava o silêncio. A maioria sequer tentava ver quem havia esbarrado nelas.

Ele conseguia enxergar por cima das cabeças da multidão com facilidade, o suficiente para saber o que estava se passando no pátio. Do lado de dentro, logo em frente ao portão principal, um grupo de catorze homens se enfileirava ao lado de seus cavalos. Não havia dois deles com armaduras ou espadas iguais, e nenhum se parecia com Lan, mas Rand não tinha dúvidas de que eram Guardiões. Havia rostos redondos, quadrados, compridos e inos, mas todos tinham o mesmo olhar, como se vissem coisas que os outros homens não viam, ouvissem coisas que os outros homens não ouviam. Parados na posição descansar, eles pareciam tão letais quanto uma matilha de lobos. Só havia uma coisa em comum entre eles: todos vestiam o manto de cores mutáveis que Rand vira pela primeira vez nas costas de Lan, o manto que quase sempre parecia camuflar-se no que quer que estivesse atrás dele. Tantos homens usando aqueles mantos não era algo fácil de se olhar nem era bom para o estômago.

A alguns passos na frente dos Guardiões, uma fileira de mulheres estava de pé, perto de seus cavalos, com os capuzes dos mantos abaixados. Agora ele conseguia contá-las: eram catorze. Catorze Aes Sedai. Tinham que ser. Eram altas e baixas, magras e gordas, morenas e louras, com cabelos curtos e compridos, soltos e caindo às costas ou presos em tranças, e suas roupas eram tão diferentes entre si quanto as dos Guardiões, com cortes e cores tão variados quanto as mulheres que as vestiam. No entanto, elas também tinham algo em comum, uma semelhança que só era óbvia quando ficavam paradas daquele jeito, uma ao lado da outra. Pareciam não ter idade definida. Àquela distância, Rand diria que todas eram jovens, mas sabia que, se chegasse mais perto, elas seriam como Moiraine. Tinham uma aparência que ao mesmo tempo era e não era jovem, a pele lisa e sem rugas, mas rostos maduros demais para serem novas, e olhos que já tinham visto demais.

Mais de perto? Idiota! Já estou perto demais! Que me queime, eu deveria ter ido embora há muito tempo. Continuou abrindo passagem para chegar aonde queria, outra porta com correias de ferro que ficava do lado oposto do pátio, mas não conseguia parar de olhar.

As Aes Sedai ignoravam calmamente a multidão curiosa e se mantinham atentas ao palanquim com cortinas fechadas, que agora estava no centro do pátio. Os cavalos que o carregavam estavam imóveis, como se cavalariços estivessem segurando-os pelos arreios, embora houvesse apenas uma mulher alta ao lado do palanquim, com seu rosto de Aes Sedai, e ela não estivesse prestando atenção aos cavalos. A mulher segurava diante de si um cajado do seu tamanho, com uma chama dourada na ponta mais alta do que ela.

Lorde Agelmar observava o palanquim do outro lado do pátio, muito sério, empertigado e com o rosto inescrutável. Seu casaco azul-

marinho de colarinho alto exibia as três raposas vermelhas correndo, símbolo da Casa Jagad, junto do falcão negro de Shienar. Ao seu lado, estava Ronan, enrugado pela idade, mas ainda alto. O *shambayan* carregava um cajado com três raposas esculpidas em avatine vermelho no topo. Ronan ocupava a mesma posição de Elansu na hierarquia da fortaleza. Eram *shambayan* e *shatayan*, mas Elansu deixava pouco para ele fazer, a não ser a parte cerimonial e suas tarefas como secretário do Lorde Agelmar. Os rabos de cavalo dos dois homens eram brancos como a neve.

Todos estavam parados como estátuas de pedra, os Guardiões, as Aes Sedai, o Lorde de Fal Dara e o *shambayan*. A multidão que observava parecia prender a respiração. Mesmo sem querer, Rand diminuiu o passo.

De repente, Ronan bateu seu cajado três vezes nas pedras grandes do calçamento, fazendo um som bem alto que pedia silêncio.

— Quem vem lá? Quem vem lá? Quem vem lá?

A mulher ao lado do palanquim bateu seu cajado três vezes em resposta.

— A Vigia dos Selos. A Chama de Tar Valon. O Trono de Amyrlin.

— Por que fazemos a vigia? — perguntou Ronan.

— Pela esperança da humanidade — respondeu a mulher alta.

— Contra o que montamos guarda?

— Contra a sombra ao meio-dia.

— Por quanto tempo deveremos montar guarda?

— De sol a sol, enquanto a Roda do Tempo girar.

Agelmar se curvou em uma mesura, com o rabo de cavalo branco se mexendo ao sabor da brisa.

— Fal Dara oferece pão, sal e boas-vindas. Bem-vindo é o Trono de Amyrlin a Fal Dara, pois aqui se mantém a vigia, aqui se respeita o Pacto. Sejam bem-vindas.

A mulher alta abriu a cortina do palanquim, e o Trono de Amyrlin saiu. De cabelos escuros e sem idade definida, como todas as Aes Sedai, ela olhou de relance para as pessoas reunidas enquanto se erguia. Rand se encolheu quando o olhar dela passou por ele; foi como se algo o tivesse tocado. Mas os olhos dela passaram direto e pararam no Lorde Agelmar. Um criado de libré se ajoelhou ao lado dela oferecendo uma bandeja com toalhas dobradas, ainda soltando vapor. Com gestos formais, ela enxugou as mãos e limpou o rosto com um pano úmido.

— Agradeço as boas-vindas, meu filho. Que a Luz ilumine a Casa Jagad! Que a Luz ilumine Fal Dara e todo o seu povo!

Agelmar fez uma nova mesura.

— A senhora nos honra, Mãe. — Para Rand, não foi estranho ouvi-la chamar Lorde Agelmar de filho e ele chamá-la de Mãe, ainda

que as bochechas lisas dela diante do rosto enrugado dele dessem a impressão de que o homem era seu pai, ou até mesmo seu avô. Mas a mulher tinha uma presença à altura da dele. — A Casa Jagad é sua. Fal Dara é sua.

De todos os lados, irromperam vivas, que se chocaram nas muralhas da fortaleza como ondas quebrando na praia.

Tremendo, Rand correu na direção da porta em busca de segurança, deixando de se importar por esbarrar em outras pessoas. *É só sua maldita imaginação. Ela sequer sabe quem você é. Não ainda. Sangue e cinzas, se soubesse…* Ele não queria pensar no que aconteceria se ela soubesse quem era ele, o que era ele. No que aconteceria quando ela finalmente descobrisse. Ele se perguntou se aquela mulher tinha alguma coisa a ver com o vento no alto da torre: Aes Sedai podiam fazer coisas como aquela. Quando passou pela porta, que bateu atrás dele, emudecendo o rugido de boas-vindas que ainda sacudia o pátio, o rapaz suspirou aliviado.

Os salões ali estavam tão vazios quanto os outros, e ele os atravessou quase correndo. Cruzou um pátio menor, com uma fonte no centro, então passou por mais um corredor e saiu no pátio do estábulo, que tinha piso de ardósia. Era o Estábulo do Lorde, construído dentro da muralha, alto e comprido e com enormes janelas que davam para o interior da fortaleza, onde os cavalos eram mantidos em dois andares. A forja do outro lado do pátio estava silenciosa, pois o ferreiro e seus ajudantes tinham saído dali para as Boas-Vindas.

Temma, o cavalariço-chefe com rosto muito bronzeado, recebeu-o em frente às grandes portas com uma grande mesura, tocando primeiro a testa e depois o coração.

— Meu espírito e coração estão a seu serviço, milorde. Em que posso servi-lo? — Temma não usava o rabo de cavalo dos guerreiros; seus cabelos grisalhos eram cortados em forma de cuia.

Rand suspirou.

— Pela centésima vez, Temma, eu não sou um senhor.

— Como milorde desejar! — A mesura do cavalariço foi ainda maior.

Seu nome é que causara aquela confusão, devido a uma similaridade. Rand al'Thor e al'Lan Mandragoran. No nome de Lan, de acordo com o costume de Malkier, o pre fixo régio "al" indicava que ele era Rei, embora o Guardião nunca o utilizasse. Para Rand, "al" era apenas uma parte de seu nome, embora ele tivesse ouvido que um dia, muito tempo atrás, antes que Dois Rios se chamasse Dois Rios, o pre fixo significava " filho de". Alguns dos serviçais da fortaleza de Fal Dara, entretanto, haviam entendido que ele também era um rei, ou pelo menos um príncipe. Todos os seus protestos haviam apenas

reduzido seu posto para lorde. Pelo menos, era o que ele pensava, pois nunca vira tantas mesuras e cerimônias, mesmo com Lorde Agelmar.

— Preciso que o Vermelho seja encilhado, Temma. — A essa altura, já sabia que não adiantaria se oferecer para fazer isso. Temma jamais permitiria que Rand sujasse as mãos. — Pensei em passar alguns dias viajando pela região ao redor da cidade.

Assim que montasse o garanhão baio, chegaria à beira do Rio Erinin em alguns dias, ou mesmo ao outro lado da fronteira, em Arafel. *Então elas nunca vão me achar*.

O cavalariço fez uma reverência tão profunda que quase dobrou ao meio, e permaneceu curvado.

— Perdoe-me, milorde. — A resposta veio em um sussurro rouco. — Perdoe-me, mas Temma não pode obedecer.

Corando de vergonha, Rand olhou ao redor, ansioso. Como não havia ninguém à vista, ele agarrou o homem pelo ombro e o puxou até que ele ficasse de pé. Ele poderia não ser capaz de impedir Temma e alguns outros de agirem daquele jeito, mas podia tentar impedir que outras pessoas vissem. — Por que não, Temma? Temma, olhe para mim, por favor. Por que não?

— São as ordens, milorde — respondeu o homem, ainda sussurrando. Ele continuava olhando para o chão. Não por medo, mas por vergonha de não poder atender ao pedido de Rand. Os shienaranos reagiam à vergonha do mesmo jeito que outras pessoas reagiam a uma acusação de roubo. — Nenhum cavalo pode deixar o estábulo até que retirem a ordem. Ela vale para todos os estábulos da fortaleza, milorde.

Rand chegou a abrir a boca para dizer ao homem que estava tudo bem, mas, em vez disso, umedeceu os lábios.

— Nenhum cavalo de nenhum estábulo?

— Sim, milorde. A ordem veio há pouco tempo, há alguns momentos. — A voz de Temma ganhou força. — Todos os portões também foram fechados, milorde. Ninguém pode entrar nem sair sem permissão, nem mesmo a patrulha da cidade. Foi o que disseram.

Rand engoliu em seco, o que não diminuiu a sensação de dedos se fechando ao redor de sua garganta.

— A ordem veio de Lorde Agelmar, Temma?

— É claro, milorde. De quem mais? O Lorde Agelmar não deu a ordem pessoalmente a Temma, é claro, nem mesmo ao homem que falou com Temma. Mas, milorde, quem mais daria tal ordem em Fal Dara?

Quem mais? Rand se sobressaltou quando o maior sino na torre dos sinos da fortaleza soou, bem alto. Logo os outros sinos se juntaram a ele, seguidos pelos da cidade.

— Se Temma pode se atrever a comentar — começou o

cavalariço, falando em voz alta para ser ouvido com todo aquele barulho —, milorde deve estar muito feliz.

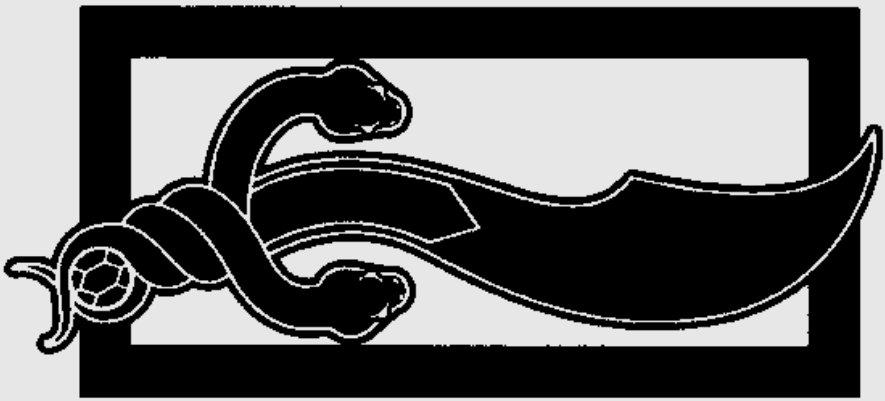
Rand precisou gritar para ser ouvido.

— Feliz? Por quê?

— As Boas-Vindas terminaram, milorde. — Temma gesticulou indicando a torre do sino. — O Trono de Amyrlin logo mandará chamá-lo, milorde, e seus amigos, para irem vê-la agora.

Rand começou a correr. Ele mal teve tempo de ver a surpresa no rosto de Temma, então sumiu. Não se importava com o que o cavalariço pensava. *Ela vai mandar me chamar agora*.

3



Amigos e Inimigos

Rand não correu muito, foi só até o portão menor que ficava depois da curva do estábulo. Quando se aproximou, diminuiu a velocidade para tentar parecer tranquilo e despreocupado.

O portão em arco estava fechado. Seu tamanho só permitia que dois homens a cavalo passassem lado a lado, mas, como todos os portões da muralha externa, era feito de largas barras de ferro preto, com uma tranca de ferro mais grossa. Os dois guardas parados em frente ao portão usavam elmos cônicos simples, armadura e espadas longas nas costas. Suas sobrevestes douradas traziam o Falcão Negro no peito. Ele conhecia um deles superficialmente, Ragan. Uma cicatriz feita por uma flecha Trolloc formava um triângulo branco na bochecha escura do homem, por trás das barras do protetor facial. Sua pele esburacada se abriu em um sorriso quando ele viu Rand.

— Que a paz o favoreça, Rand al'Thor. — Ragan quase precisou gritar para ser ouvido em meio ao barulho dos sinos. — Vai sair para matar coelhos com pauladas na cabeça ou ainda insiste que esse porrete aí é um arco?

O outro guarda se mexeu, colocando-se mais na frente do portão.

— Que a paz o favoreça, Ragan — respondeu Rand, parando em frente aos dois. Teve que se esforçar para manter a voz tranquila. — Você sabe que é um arco. Já me viu atirando com ele.

— Mas não serve de cima de um cavalo — comentou o outro guarda, com acidez. — Rand o reconheceu: tinha olhos fundos, quase pretos, que nunca pareciam piscar, e que espiavam do elmo como cavernas gêmeas dentro de outra caverna. Ao deparar com Masema guardando o portão, Rand pensou que poderia ser pior, embora não soubesse bem como, a não ser que a guarda fosse uma Aes Sedai

Vermelha. — É comprido demais — acrescentou o homem. — Eu consigo disparar três flechas com um arco feito para usar a cavalo no tempo em que você dispara uma com esse monstrengo aí.

Rand forçou um sorriso, como se pensasse que o comentário fosse uma piada. Até então, nunca ouvira Masema fazer uma piada ou rir de alguma. A maioria dos homens de Fal Dara aceitara Rand: ele treinava com Lan, comia à mesa com Lorde Agelmar e, o mais importante, chegara a Fal Dara na companhia de Moiraine, uma Aes Sedai. Mas alguns pareciam incapazes de esquecer que ele era um estrangeiro e mal lhe dirigiam duas palavras, apenas quando necessário. Desses, Masema era o pior.

— Para mim, serve — respondeu Rand. — Falando em coelhos, Ragan, que tal me deixar sair? Todo esse barulho e confusão são demais para mim. É melhor caçar coelhos lá fora, mesmo que eu nunca os veja por aí.

Ragan se virou para olhar seu companheiro, e Rand começou a criar esperanças. Ragan era um homem descontraído, seus modos eram o oposto daquela cicatriz sombria, e ele parecia gostar de Rand. Mas Masema já balançava a cabeça em negativa. Ragan deu um suspiro.

— Não posso, Rand al'Thor. — Sutilmente, ele indicou Masema com a cabeça, como se quisesse explicar-se. Se dependesse somente dele… — Ninguém pode sair sem permissão por escrito. É uma pena que você não tenha tentado há alguns minutos, a ordem de barrar os portões acabou de chegar.

— Mas por que o Lorde Agelmar iria querer *me* manter aqui dentro? — Masema olhava as sacolas e os alforjes nas costas de Rand, que tentou ignorá-lo. — Eu sou um convidado — continuou, dirigindo-se a Ragan. — Pela minha honra, eu poderia ter ido embora a qualquer momento nas últimas semanas. Por que essa ordem valeria para mim? É uma ordem do Lorde Agelmar, não é?

Masema piscou quando ele falou isso, e sua testa, sempre franzida, ficou ainda mais enrugada. Ele quase pareceu esquecer a bagagem de Rand.

Ragan deu uma gargalhada.

— Quem mais poderia ter dado essa ordem, Rand al'Thor? É claro que quem me passou a informação foi Uno, mas de quem mais poderia ter vindo?

Masema mantinha os olhos fixos no rosto de Rand, sem piscar.

— Eu só quero ficar sozinho, nada mais — continuou Rand. — Vou tentar um dos jardins, então. Não tem coelhos, mas pelo menos não haverá multidões lá. Que a Luz os ilumine, e a paz os favoreça!

Afastou-se sem esperar uma bênção em resposta, decidido a não chegar perto de qualquer um dos jardins. *Que me queime, assim que as*

cerimônias terminarem, qualquer um deles pode ficar cheio de Aes Sedai. Ciente do olhar de Masema nas suas costas — ele tinha certeza de que era Masema —, Rand manteve o passo normal.

De repente, os sinos pararam de bater, e Rand apertou o passo. Os minutos estavam se passando. Muitos minutos. Tempo suficiente para o Trono de Amyrlin ser levado aos seus aposentos. Tempo suficiente para ela mandar chamá-lo e convocar uma busca, quando ninguém o encontrasse. Assim que saiu do campo de visão de Ragan e Masema, voltou a correr.

Perto das cozinhas das casernas, o Portão dos Carreteiros, por onde todos os alimentos eram trazidos para a fortaleza, estava fechado e barrado por dois soldados. Ele atravessou o pátio da cozinha correndo, como se não tivesse nem pensado em parar.

O Portão do Cão, nos fundos da fortaleza, que só permitia a passagem de um homem a pé, também estava interditado por guardas. Ele deu meia-volta antes que o vissem. Embora fosse bem grande, a fortaleza não tinha muitos portões. Se o Portão do Cão estava sendo vigiado, todos estavam.

Talvez conseguisse encontrar uma corda… Subiu uma escada até o alto da muralha exterior e se dirigiu a uma das ameias. Não era agradável estar tão alto e exposto àquele vento que poderia voltar a soprar a qualquer momento, mas dali ele podia ver por cima das chaminés altas e dos telhados inclinados da cidade, até a muralha do outro lado. Mesmo depois de quase um mês em Fal Dara, as casas ainda eram estranhas para seus olhos de Dois Rios. Tinham beirais que quase tocavam o solo, como se as casas inteiras fossem feitas de telhas de madeira, com chaminés inclinadas para que a neve pesada deslizasse para o chão. Uma grande praça quadrada cercava a fortaleza, mas a apenas cem passos da muralha havia ruas repletas de gente que seguia com suas atividades cotidianas. Mercadores em aventais esperavam debaixo dos toldos, que cobriam a frente de suas lojas; fazendeiros com roupas rústicas iam à cidade para comprar e vender alguns produtos; e mascates, comerciantes e habitantes da cidade se aglomeravam, sem dúvida para conversar sobre a visita surpresa do Trono de Amyrlin. Ele pôde ver carroças e pessoas entrando e saindo por um dos portões da muralha. Aparentemente, os guardas dali não haviam recebido ordem alguma a respeito de interditar a passagem.

Levantou a cabeça e olhou para a torre de vigia mais próxima. Um dos soldados ergueu a mão protegida por uma manopla, em um cumprimento. Com um riso amargo, Rand retribuiu o aceno. Não havia uma braça da muralha que não estivesse sob vigilância. Aproximando-se de uma seteira, ele espiou pelo buraco estreito em busca de um cadafalso que o ajudasse a descer a parede de pedra até o

fosso seco bem abaixo, que tinha vinte passos de largura e dez de profundidade. Uma parede baixa, bastante escorregadia, de pedra polida e inclinada de modo a não servir de esconderijo, cercava o lago para evitar que alguém caísse ali por acidente. O fundo era uma floresta de pontas de lança afiadas como navalhas. Mesmo que tivesse uma corda para descer e não houvesse guardas vigiando, ele não conseguiria atravessá-lo. O que servia como último recurso para manter os Trollocs do lado de fora funcionava igualmente bem para mantê-lo do lado de dentro.

De repente, ele se sentiu cansado até os ossos, exaurido. O Trono de Amyrlin estava ali, e não havia como escapar. Não havia saída, e o Trono de Amyrlin estava ali. Se ela sabia que ele estava lá, se tinha enviado o vento que o havia agarrado, então era provável que já o estivesse caçando com seus poderes de Aes Sedai. Coelhos tinham mais chance contra seu arco, mas ele se recusava a desistir. Alguns diziam que o povo de Dois Rios podia ensinar pedras e dar aulas a mulas. Quando não restava mais nada, o povo de Dois Rios se agarrava à própria teimosia.

Desceu a muralha e passou a vagar pela fortaleza. Parou de prestar atenção aonde ia, contanto que não fosse a algum lugar onde o estivessem aguardando. Não passou perto de seu quarto, de algum estábulo ou de nenhum portão, pois Masema arriscaria até ouvir impropérios de Uno para reportar sua tentativa de sair. Também não foi aos jardins. Só conseguia pensar em ficar longe de *qualquer* Aes Sedai, até mesmo de Moiraine. Ela *sabia* sobre ele. Apesar disso, não fizera nada contra ele. *Até agora. Até onde você sabe. E se ela mudou de ideia? Talvez ela tenha mandado chamar o Trono de Amyrlin*.

Por um momento, ele se viu perdido e se recostou na parede do corredor, sentindo a dureza da pedra nos ombros. Com os olhos vazios, ele encarou o nada, a distância, e viu coisas que não queria ver. *Amansado. Seria assim tão ruim acabar logo com isso? Acabar* de verdade? Ele fechou os olhos, mas ainda podia ver a si mesmo, encolhido como um coelho, sem ter para onde fugir enquanto as Aes Sedai o cercavam como corvos. *Eles quase sempre morrem pouco depois, os homens amansados. Eles perdem a vontade de viver*. Lembrava-se bem demais das palavras de Thom Merrilin para se obrigar a enfrentar aquilo. Sacudindo a cabeça com força, ele atravessou o corredor depressa. Não havia motivo para ficar parado em um lugar até ser encontrado. *Quanto tempo levará até que elas o encontrem, a final? Você é como uma ovelha dentro de um aprisco. Quanto tempo?* Tocou o cabo da espada que trazia consigo. *Não, não era como uma ovelha. Nem para uma Aes Sedai nem para ninguém*. Sentiu-se um pouco tolo, mas determinado.

As pessoas estavam voltando aos seus afazeres. Um burburinho de

vozes e o bater de panelas vinham da cozinha mais próxima do Grande Salão, onde seria oferecido um banquete ao Trono de Amyrlin e a seu grupo, naquela noite. Cozinheiros, serviçais e assistentes trabalhavam, apressados, e os cães do espeto trotavam em suas rodas de vime para fazer as carnes girarem na brasa. Ele avançou depressa pelo calor e pelo vapor, passando pelos cheiros dos temperos e dos pratos ainda cozinhando. Ninguém parou para olhá-lo, pois todos estavam ocupados demais.

Os salões dos fundos, onde ficava a ala dos serviçais, estavam agitados como um formigueiro que levara um chute. Homens e mulheres passavam, apressados para vestir seus melhores uniformes de libré. Crianças brincavam pelos cantos, fora do caminho. Meninos brandiam espadas de madeira, e meninas brincavam com bonecas esculpidas, algumas anunciando que *elas* eram o Trono de Amyrlin. A maioria das portas estava aberta, apenas com cortinas de contas fechando a entrada. Normalmente, aquilo significava que quem morava ali estava aberto a visitas, mas hoje mostrava apenas que os residentes estavam com pressa. Até mesmo os que faziam mesuras para ele sequer interrompiam suas tarefas.

Será que algum deles ouviria, quando fosse trabalhar nos salões principais, que estavam procurando por ele, então comentaria que o vira? Comentaria com alguma Aes Sedai que ele passara depressa e diria onde encontrá-lo? Os olhos pelos quais passava de repente pareciam estudá-lo furtivamente, pensando e mancomunando às suas costas. Na sua cabeça, até mesmo as crianças tinham olhares mais aguçados. Ele sabia que era apenas imaginação, tinha certeza de que era isso, precisava ser. Mas, quando a ala dos serviçais ficou para trás, ele sentiu como se tivesse escapado de uma armadilha que estivera prestes a capturá-lo.

Alguns lugares na fortaleza estavam desertos: as pessoas que trabalhavam ali haviam sido liberadas por causa do feriado repentino. A forja do armeiro estava com todos os fogos apagados e as bigornas em silêncio. Silenciosa. Fria. Sem vida. E, de algum modo, não estava vazia. Sentiu um calafrio e deu meia-volta. Não havia ninguém ali; apenas os grandes baús quadrados cheios de ferramentas e os barris de resfriamento com óleo. Os pelos de sua nuca se eriçaram e se virou de novo. Os martelos e as pinças estavam pendurados em ganchos na parede. Furioso, ele estudou o grande aposento ao redor. *Não há ninguém aqui. É só a minha imaginação. Aquele vento e a Amyrlin foram o suficiente para me fazer imaginar coisas*.

Lá fora, no pátio do armeiro, o vento repentinamente girou ao seu redor em um turbilhão. Rand deu um pulo assustado, mesmo sem querer, pensando que o vento queria pegá-lo. Por um instante, sentiu outra vez o leve odor de decomposição, e ouviu alguém soltar uma

gargalhada maliciosa atrás de si. A sensação foi apenas momentânea. Apavorado, ele deu a volta pela beira do pátio, olhando para todos os lados, com desconfiança. O pátio, pavimentado com pedra bruta, estava vazio a não ser por ele. *É só sua maldita imaginação!* Ele saiu correndo mesmo assim, e pensou ouvir de novo a risada atrás dele, dessa vez sem o vento.

No pátio onde funcionava um depósito de madeira, teve outra vez a impressão de que não estava sozinho. Parecia que olhos o vigiavam por detrás das altas pilhas de lenha rachada armazenadas nos barracões compridos. Lançou um olhar apressado por cima das pilhas de tábuas tratadas e de toras que aguardavam, do outro lado do pátio, até serem levadas à oficina do carpinteiro, que agora estava fechada. Ele se recusou a olhar ao redor, se recusou a pensar em como um par de olhos podia mover-se com tanta velocidade, atravessando o pátio aberto do barracão de lenha para fogueiras até o de madeiras para construção sem que ele vislumbrasse qualquer movimento. Tinha certeza de que aquilo era um par de olhos. *É só a minha imaginação. Ou quem sabe eu já esteja ficando louco!* Estremeceu. *Ainda não. Por favor, Luz, ainda não*. Caminhando de modo rígido, ele começou a percorrer o pátio do depósito de madeira bem devagar, e o observador invisível o acompanhou.

Atravessou corredores compridos, iluminados apenas por algumas poucas tochas. Passou por despensas repletas de sacos de ervilhas ou feijões secos, lotadas de estantes com prateleiras cheias de nabos e beterrabas, barris de vinho, caixotes de carne-seca salgada e vasilhames de cerveja. Os olhos estavam sempre lá, às vezes seguindo-o, outras vezes aguardando sua chegada. Ele não ouvia um passo que não fosse seu nem o ranger de uma porta que ele não abrisse e fechasse, mas os olhos estavam sempre lá. *Luz, estou ficando louco*.

Então, abriu a porta de outra despensa e vozes e risadas humanas chegaram aos seus ouvidos e o encheram de alívio. Ali não haveria nenhum par de olhos invisíveis. Ele entrou.

Metade do aposento estava cheio até o teto com sacos de grãos. Na outra metade, homens se apertavam ajoelhados em um semicírculo diante de uma das paredes nuas. Todos pareciam usar os coletes de couro e o cabelo cortado em forma de cuia dos cavalariços. Nenhum deles tinha o rabo de cavalo de um guerreiro ou usava um uniforme de libré. Não havia ninguém que pudesse traí-lo acidentalmente. *E que tal de propósito?* Ouviu o chocalhar de dados entre os murmúrios suaves, e alguém deixou escapar uma gargalhada rouca ao jogá-los.

Pensativo, Loial assistia aos homens jogarem dados, esfregando o queixo com um dedo mais grosso que o polegar de um homem grande, sua cabeça quase tocando nas vigas do teto, que ficavam a quase duas braças de altura. Nenhum dos jogadores sequer o encarava. Ogier não

eram exatamente comuns nas Terras de Fronteira, ou em nenhum outro lugar, mas eram conhecidos e aceitos ali, e Loial estava em Fal Dara havia tempo o bastante para não provocar muitos comentários. A túnica escura de colarinho duro do Ogier estava abotoada até o pescoço e se abria abaixo da cintura sobre as botas de cano alto. Um dos bolsos grandes pesava com algum volume. Livros, se Rand o conhecia bem. Nem mesmo enquanto assistia aos homens em sua jogatina Loial se separava de seus livros.

Apesar de tudo, Rand percebeu que sorria. Loial muitas vezes provocava esse efeito nele. O Ogier sabia tanto sobre alguns assuntos e tão pouco sobre outros, e parecia querer saber tudo. Mas Rand ainda se lembrava da primeira vez em que o vira, com suas orelhas cheias de tufos, suas sobrancelhas que pendiam como bigodes compridos e seu nariz quase tão largo quanto a face, e achou que fosse um Trolloc. A lembrança ainda o enchia de vergonha. Ogier e Trollocs. Myrddraal e coisas dos cantos sombrios de histórias de terror. Criaturas saídas de lendas. Era assim que pensava nelas antes de sair de Campo de Emond, mas, desde que deixara seu lar, vira histórias demais em carne e osso, bem diante de seus olhos, para ser capaz duvidar outra vez. Aes Sedai, olhos invisíveis e um vento que o agarrava e não soltava mais. Seu sorriso sumiu.

— Todas as histórias são reais — sussurrou.

As orelhas de Loial se agitaram, e sua cabeça se virou na direção de Rand. Quando o Ogier percebeu quem era, abriu um sorriso de orelha a orelha e se aproximou.

— Ah, aí está você. — Sua voz soava como um zumbido profundo de abelhas. — Eu não o vi durante as Boas-Vindas. Aquilo, sim, foi algo que eu nunca tinha visto antes. Duas coisas: as Boas-Vindas de Shienar e o Trono de Amyrlin. Ela parece cansada, não acha? Não deve ser fácil ser a Amyrlin. Deve ser pior do que ser um Ancião. — Ele fez silêncio, com um olhar pensativo. — Diga-me, Rand, você também joga dados? Eles têm um jogo mais simples aqui, com apenas três dados. No pouso, usamos quatro. E eles não querem me deixar jogar, sabia? Dizem apenas "Glória aos Construtores" e não apostam contra mim. Não acho que isso seja justo, você acha? Os dados que usam são *mesmo* um pouco pequenos… — Ele franziu a testa, olhando para uma de suas mãos, que eram grandes o bastante para cobrir uma cabeça humana. — Mas ainda acho que…

Rand agarrou seu braço, interrompendo-o. *Os Construtores!*

— Loial, os Ogier construíram Fal Dara, não é? Você conhece alguma saída além dos portões? Um buraco pelo qual alguém possa passar se arrastando? Um cano de esgoto? Qualquer coisa, desde que seja grande o bastante para um homem. Também seria bom se fosse protegido do vento.

Loial fez uma careta de sofrimento e as pontas de suas sobrancelhas quase roçaram em suas bochechas.

— Rand, os Ogier construíram Mafal Dadaranell, mas a cidade foi destruída nas Guerras dos Trollocs. Esta aqui — disse, tocando a parede de pedra com delicadeza, com as pontas dos dedos largos — foi construída pelos homens. Posso desenhar um esboço de Mafal Dadaranell, pois já vi os mapas em um livro antigo no Pouso Shangtai. Mas não sei mais do que você sobre Fal Dara. Ela é muito bem construída, não é? Não tem ornamentos, mas é bem-feita.

Desanimado, Rand se recostou na parede, fechando bem os olhos.

— Preciso sair — sussurrou. — Os portões estão barrados e não deixam ninguém passar, mas tenho que encontrar uma forma de sair.

— Mas por quê, Rand? — perguntou Loial, devagar. — Ninguém aqui vai machucá-lo. Você está bem? Rand? — De repente, ele levantou a voz. — Mat! Perrin! Acho que Rand está doente.

Rand abriu os olhos e viu seus amigos se levantando do meio do bando de jogadores de dados. Mat Cauthon tinha braços e pernas compridos como os de uma cegonha e trazia um meio sorriso no rosto, como se soubesse de algo engraçado que ninguém mais sabia. Perrin Aybara, com seus cabelos bagunçados, tinha ombros largos e braços musculosos devido ao tempo que passara como aprendiz de ferreiro. Ambos ainda usavam as roupas de Dois Rios, simples e rústicas, embora gastas pela viagem.

Ao sair, Mat jogou os dados dentro do semicírculo, e um dos homens gritou:

— Ei, rapaz do sul, você não pode parar enquanto está ganhando.

— Melhor do que parar quando estiver perdendo — retrucou Mat, com uma gargalhada. Sem nem se dar conta, ele tocou o casaco na altura da cintura, e Rand fez uma careta. Por baixo do casaco, Mat tinha uma adaga com um rubi incrustado no cabo, uma adaga que sempre levava consigo. Era uma lâmina maculada, da cidade morta de Shadar Logoth. Maculada e distorcida por um mal quase tão terrível quanto o Tenebroso, o mal que matara Shadar Logoth dois mil anos antes, mas que ainda vivia entre suas ruínas abandonadas. Essa mácula mataria Mat se ele continuasse em posse da adaga, mas o mataria ainda mais depressa caso ele se separasse dela. — Vocês terão uma chance de recuperar o que perderam.

Bufadas de descrença vieram dos homens ajoelhados, indicando que não acreditavam muito que isso fosse acontecer.

Perrin manteve os olhos fixos no chão enquanto ia com Mat até Rand. Ultimamente, Perrin sempre andava olhando para baixo e de ombros caídos, como se carregasse um peso grande demais até mesmo para seu tamanho.

— O que houve, Rand? — perguntou Mat. — Você está da cor da

sua camisa. Ei! Onde foi que conseguiu essas roupas? Está virando um shienarano? Talvez eu compre um casaco desses pra mim e uma camisa bonita assim. — Ele sacudiu o bolso, provocando um tilintar de moedas. — Parece que eu tenho sorte com os dados. Mal consigo tocá-los sem ganhar.

— Você não precisa comprar nada — respondeu Rand, cansado. — Moiraine mandou substituírem todas as nossas roupas. Até onde sei, já queimaram tudo. Tudo, menos aquelas que vocês estão vestindo. Elansu provavelmente vai passar para recolher essas aí também, então eu me trocaria logo, antes que ela mesma as arranque de vocês. — Perrin continuou de cabeça baixa, mas seu rosto ficou vermelho, e o sorriso de Mat aumentou, embora parecesse forçado. Eles também tiveram alguns encontros nas banheiras, mas apenas Mat tentou fingir que não se incomodava. — E eu não estou doente. Só preciso sair daqui. O Trono de Amyrlin chegou. Lan disse… Ele disse que, com ela aqui, seria melhor para mim se eu já tivesse partido há uma semana. Preciso ir embora, mas todos os portões estão barrados.

— Ele disse isso? — Mat franziu a testa. — Não entendo, ele *nunca* falou uma palavra contra as Aes Sedai. Escute, Rand, eu também não gosto delas, mas sei que não vão fazer nada com a gente. — Ele baixara a voz antes de dizer aquelas palavras e agora olhava para trás para ver se algum dos jogadores estava ouvindo. Aes Sedai podiam ser temidas, mas estavam longe de ser odiadas nas Terras de Fronteira, e um comentário desrespeitoso sobre elas podia acabar começando uma briga ou coisa pior. — A própria Moiraine, por exemplo. Ela não é tão ruim, mesmo sendo Aes Sedai. Você está igual ao velho Cenn Buie, com aquelas histórias exageradas que ele contava lá em casa, na Estalagem Fonte de Vinho. Quer dizer, ela não fez nada contra a gente, e as outras também não vão fazer. Por que fariam?

Perrin parou de fitar o chão. Seus olhos amarelos reluziam na luz fraca como ouro velho. *Moiraine não fez nada contra a gente?* , pensou Rand. Os olhos de Perrin eram de um castanho tão escuro quanto os de Mat, quando deixaram Dois Rios. Rand não fazia ideia de como a mudança acontecera, já que Perrin não queria falar sobre o assunto — nem queria falar muito sobre nada, desde então —, mas ela fora acompanhada pelo andar curvado e por uma nova atitude distante, como se ele se sentisse sozinho mesmo cercado de amigos. Os olhos de Perrin e a adaga de Mat. Nada daquilo teria acontecido se não tivessem deixado Campo de Emond, e foi Moiraine quem os havia tirado de lá. Ele sabia que não estava sendo justo. Eles provavelmente teriam morrido nas mãos dos Trollocs, assim como boa parte da aldeia, se ela não tivesse aparecido. Mas esse consolo não faria Perrin rir como nos velhos tempos, nem tiraria aquela adaga do cinturão de Mat. *E eu? Se eu estivesse em casa e vivo, ainda seria o que sou agora?*

Pelo menos não estaria preocupado com o que as Aes Sedai planejam fazer comigo.

Mat ainda olhava para ele, intrigado, e Perrin levantara a cabeça apenas o suficiente para encará-lo. Loial aguardava, paciente. Rand não podia contar por que precisava ficar longe do Trono de Amyrlin. Os amigos não sabiam o que ele era. Lan sabia, Moiraine também. E Egwene. E Nynaeve. Ele preferiria que ninguém soubesse, e desejava, acima de tudo, que Egwene não soubesse. Mas pelo menos Mat e Perrin — e Loial também — acreditavam que ele ainda era o mesmo. Preferia morrer a contar para eles, a ver a hesitação e a preocupação que às vezes percebia nos olhares de Egwene e de Nynaeve, mesmo quando elas se esforçavam para não demonstrá-las.

— Alguém… alguém está me observando — respondeu, por fim. — Me seguindo. Só que… só que não é ninguém que eu possa ver.

Perrin levantou a cabeça de repente, e Mat umedeceu os lábios e sussurrou:

— Um desvanecido?

— É claro que não — disse Loial, descrente. — Como um dos Sem-olhos poderia entrar em Fal Dara, cidade ou fortaleza? Pela lei, ninguém pode ocultar o rosto dentro das muralhas, e os acendedores de lampiões estão encarregados de manter as ruas iluminadas à noite, para que não haja sombras onde um Myrddraal possa se esconder. É impossível.

— Muralhas não detêm um desvanecido — resmungou Mat. — Não se ele quiser entrar. Que eu saiba, leis e lampiões não funcionam muito melhor.

Ele não soava como alguém que alguns meses antes acreditava que Desvanecidos eram apenas histórias de menestréis. Ele também já vira coisas demais.

— E ainda teve um vento — acrescentou Rand. Sua voz quase não tremeu ao contar o que acontecera no alto da torre. Perrin cerrou os punhos até estalar as juntas dos dedos. — Eu só quero ir embora daqui — finalizou. — Quero ir para o sul. Para algum lugar longe daqui. Só quero ir para longe daqui.

— Mas se os portões estão barrados — perguntou Mat —, como vamos sair?

Rand o encarou.

— Vamos? — Ele precisava ir sozinho. Seria perigoso para qualquer um ficar perto dele. Ele se tornaria perigoso, e nem mesmo Moiraine sabia dizer quanto tempo ainda tinha. — Mat, você sabe que precisa ir para Tar Valon com Moiraine. Ela disse que é o único lugar onde você pode ser separado dessa maldita adaga sem morrer. E sabe o que vai acontecer se continuar com ela.

Mat tocou a adaga por cima do casaco, parecendo não se dar

conta do que estava fazendo.

— "Um presente de uma Aes Sedai é como uma isca para peixes." — citou. — Bem, talvez eu não queira morder o anzol. Talvez o que ela pretenda fazer em Tar Valon seja pior do que se eu não for. Talvez esteja mentindo. "A verdade que uma Aes Sedai conta nunca é a verdade que você pensa."

— Você tem mais algum ditado do qual queira se livrar? — perguntou Rand. — "Um vento do sul traz um convidado caloroso, o do vento do norte, uma casa vazia."? "Um porco pintado de ouro ainda é um porco."? E que tal "Conversa não tosa ovelha."? "Palavra de tolo é poeira."?

— Calma, Rand — intercedeu Perrin, em voz baixa. — Não precisa falar assim.

— Não preciso? Talvez eu não queira vocês dois andando comigo sempre, se metendo em encrencas e esperando que eu os tire delas. Já pararam para pensar nisso? Que me queime, algum dia já lhes ocorreu que eu poderia me cansar de sempre ter vocês por perto? Estão sempre ali, e eu estou cansado disso. — A expressão magoada de Perrin o cortou como uma faca, mas ele continuou mesmo assim. — Tem gente daqui que pensa que eu sou um lorde. Um lorde. Talvez eu goste disso. Mas olhem só para vocês, jogando dados com cavalariços no estábulo. Quando eu for, irei sozinho. Vocês dois podem ir para Tar Valon ou podem se danar, mas eu sairei daqui sozinho.

O rosto de Mat ficou rígido e ele agarrou a adaga por cima do casaco até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Se é assim que você quer — respondeu, com frieza. — Pensei que fôssemos… Como você quiser, al'Thor. Mas, se eu decidir ir embora ao mesmo tempo que você, eu irei. E você pode ficar longe de mim, se quiser.

— Ninguém vai a lugar algum — intercedeu Perrin — se os portões estiverem barrados.

Ele estava encarando o chão outra vez. Ouviram as risadas dos jogadores quando um deles perdeu.

— Vão ou fiquem — disse Loial —, juntos ou separados, não faz diferença. Vocês são todos *ta'veren*. Até eu posso ver isso, e não tenho esse Talento. Vejo só pelo que acontece ao redor de vocês. E Moiraine Sedai diz a mesma coisa.

Mat fez um gesto de impaciência.

— Chega, Loial. Não quero mais ouvir sobre isso.

Loial sacudiu a cabeça.

— Querendo ouvir ou não, ainda é verdade. A Roda do Tempo tece o Padrão de uma Era usando a vida dos homens como fio. E vocês três são *ta'veren*, pontos centrais da trama.

— Chega, Loial.

— Por um tempo, a Roda vai curvar o Padrão ao redor de vocês três, o que quer que façam. E o que quer que façam provavelmente será definido pela Roda, e não por vocês. Os *ta'veren* impulsionam a história e moldam o Padrão apenas por existirem, mas a Roda tece os *ta'veren* com uma linha mais apertada do que qualquer outro homem. Não importa para onde forem nem o que fizerem, até que a Roda escolha outra coisa, vocês…

— Chega! — gritou Mat.

Os jogadores de dados olharam ao redor, e ele os fuzilou com o olhar até voltarem sua atenção ao jogo.

— Desculpe, Mat — respondeu Loial, com sua voz profunda. — Sei que falo demais, mas não tive a intenção…

— Eu não vou ficar aqui — interrompeu Mat, olhando para o teto — com um Ogier tagarela e um tolo com a cabeça grande demais para um chapéu. Você vem comigo, Perrin?

Perrin suspirou e olhou de relance para Rand, depois assentiu.

Rand os viu sair com um nó na garganta. *Preciso ir sozinho. Que a Luz me ajude, eu preciso*.

Loial também observou os dois partirem com as sobrancelhas caídas e um ar de preocupação.

— Rand, eu realmente não tive a intenção…

Rand se obrigou a falar com rispidez:

— O que está esperando? Vá com eles! Não sei por que ainda está aqui. Você não me serve de nada se não conhece uma saída deste lugar. Vá logo! Vá encontrar suas árvores e seus bosques preciosos, se é que já não foram todos cortados. E, se foram, já não era sem tempo.

Os olhos de Loial, do tamanho de xícaras, pareceram surpresos e feridos a princípio, mas se fecharam devagar, exprimindo algo que quase poderia ser chamado de raiva. Rand não achou que fosse o caso. Algumas das histórias antigas a firmavam que os Ogier eram ferozes, embora jamais explicassem exatamente como, mas Rand nunca conhecera alguém tão gentil quanto Loial.

— Se é o que você deseja, Rand al'Thor — respondeu Loial, muito sério. Ele fez uma mesura rígida e saiu apressado atrás de Mat e Perrin.

Rand se encostou nos sacos de grãos empilhados. *Bem*, provocou uma voz em sua cabeça, *você conseguiu, não é? Eu precisava*, respondeu à voz. *Estar perto de mim vai ser perigoso. Sangue e cinzas, eu vou ficar louco, e… Não! Não, não vou! Eu não vou usar o Poder, e aí não vou enlouquecer, e… Mas não posso arriscar. Não posso, não entende?* No entanto, a voz apenas riu.

Então, percebeu que os jogadores o encaravam. Todos eles, ainda ajoelhados junto à parede, haviam se voltado para olhá-lo de frente. Os shienaranos de qualquer classe eram quase sempre educados e

corretos, até mesmo com inimigos de sangue, e Ogier nunca foram inimigos de Shienar. Os jogadores estavam chocados. Seus rostos não demonstravam qualquer emoção, mas seus olhos diziam que o que ele fizera era errado. Parte dele achava que tinham razão, o que fez a acusação silenciosa pesar ainda mais. Eles apenas olharam para ele, que saiu da sala cambaleando, como se estivessem sendo perseguidos.

Entorpecido, atravessou as salas de armazenamento à procura de um lugar para se esconder até que reabrissem os portões. Talvez então ele pudesse se esgueirar sob a carreta de um comerciante. Isso se não revistassem as carretas na saída. Ou se não procurassem nas despensas, se não procurassem por ele em toda a fortaleza. Teimoso, ele se recusou a pensar a respeito e se concentrou em buscar um lugar seguro. Mas, em todo esconderijo que descobria — um buraco em uma pilha de sacos de grãos, atrás de alguns barris de vinho formando um corredor estreito ao longo da parede, uma despensa abandonada cheia de caixotes vazios e sombras —, podia imaginar batedores encontrando-o. Podia imaginar que aqueles olhos invisíveis, fossem de quem fossem — ou o que fossem — também o encontrariam. Então ele seguiu em frente, com sede, coberto de poeira e com teias de aranha nos cabelos.

Virou em um corredor mal iluminado e encontrou Egwene atravessando-o com cautela, parando de vez em quando para espiar o interior das despensas pelas quais passava. Seus cabelos escuros, que iam até a cintura, estavam presos para trás com uma ita vermelha, e ela usava um vestido cinza-claro típico de Shienar, com detalhes vermelhos. Ao vê-la, sentiu-se tomado por tristeza e por uma sensação de perda ainda piores do que quando expulsou Mat, Perrin e Loial. Ele crescera pensando que um dia se casaria com Egwene. Os dois cresceram pensando isso. Mas agora…

Ela se sobressaltou quando ele surgiu bem à sua frente e quase soltou um grito, mas o que disse foi:

— Então aí está você! Mat e Perrin me contaram o que aconteceu. E Loial também. Eu sei o que você está tentando fazer, Rand, e acho que é pura burrice.

Ela cruzou os braços e o encarou, muito severa, com seus grandes olhos escuros. Ele sempre se perguntou como Egwene conseguia dar a impressão de estar olhando-o de cima — o que fazia sempre que queria —, embora a cabeça dela batesse na altura de seu peito, e ela fosse dois anos mais nova que ele.

— Ótimo — resmungou. De repente, o cabelo dela o deixou irritado: nunca vira uma mulher adulta usar outro penteado além de tranças até sair de Dois Rios. Lá, todas as garotas aguardavam ansiosas até que o Círculo das Mulheres da aldeia dissesse que tinham idade suficiente para trançar os cabelos. E Egwene certamente era velha o

bastante, mas ali estava, com os cabelos presos apenas por uma ita. Eu quero ir para casa e não posso. Enquanto isso, ela mal pode esperar para esquecer Campo de Emond. — Vá embora e me deixe em paz também. Você não quer mais a companhia de um pastor. Há muitas Aes Sedai aqui para você correr atrás agora. E não diga a nenhuma delas que me viu. Elas estão atrás de mim, e não preciso que você as ajude.

As bochechas de Egwene ficaram muito coradas.

— Você acha que eu iria…

Ele se virou para ir embora, mas ela soltou um grito e se jogou na direção dele, agarrando suas pernas. Os dois caíram no chão de pedra e as trouxas e os alforjes se esparramaram pelo piso. Ele soltou um grunhido ao atingir o chão, pois o cabo da espada bateu em seu flanco. Depois grunhiu outra vez, quando ela se ergueu e se sentou em suas costas, como se ele fosse uma cadeira.

— Minha mãe — disse ela com firmeza — sempre falou que a melhor maneira de lidar com um homem é aprender a montar uma mula. Ela dizia que, na maioria das vezes, os dois pensam igual. E que às vezes a mula é mais inteligente.

Rand olhou para ela por cima do ombro.

— Saia de cima de mim, Egwene. Saia! Egwene, se você não sair… — Ele abaixou a voz, usando um tom sombrio. — Eu vou ter que tomar uma atitude. E você sabe o que eu sou.

Por via das dúvidas, lançou-lhe também um olhar maligno.

Egwene fungou.

— Você não faria nada contra mim, nem se pudesse. Você não machucaria ninguém. E não consegue, de qualquer jeito. Eu sei que você não pode canalizar o Poder Único sempre que quiser, é algo que simplesmente acontece e você não tem como controlar. Então, sei que você não vai fazer nada comigo, nem com qualquer outro. Eu, por outro lado, tive algumas aulas com Moiraine. Então, se você não ouvir a voz da razão, Rand al'Thor, posso simplesmente atear fogo às suas calças. Isso eu consigo fazer. Continue agindo assim e veja se não faço.

De repente, a chama da tocha mais próxima na parede ardeu intensamente, mas apenas por um segundo. Egwene soltou um gritinho e olhou assustada para a tocha.

Esticando a mão para trás, Rand agarrou o braço dela, tirou-a de suas costas e encostou-a na parede. Quando se sentou, viu que ela estava sentada em frente a ele, esfregando o braço com vigor.

— Você realmente teria feito aquilo, não é? — perguntou, zangado. — Está brincando com coisas que não entende. Poderia ter transformado nós dois em carvão!

— Homens! Quando não conseguem vencer uma discussão, fogem ou usam a força.

— Espere aí! Quem derrubou quem? Quem se sentou em cima de quem? E você ameaçou… tentou!… me… — Ele levantou as duas mãos. — Não senhora. Você faz isso comigo o tempo todo. Sempre que percebe que a discussão não está indo como gostaria, de repente começamos a discutir sobre alguma outra coisa completamente diferente. Desta vez não.

— Eu não estou discutindo — respondeu ela, muito calma — e também não estou mudando de assunto. E por acaso fugir não é se esconder? E, depois que se esconder, você vai fugir para valer. E, quanto a magoar Mat, Perrin e Loial? E a mim? Eu sei por quê. Você tem medo de machucar alguém ainda mais se deixar que fiquem por perto. Se não fizer o que não deve, não vai precisar se preocupar em machucar alguém. Você começou a sair correndo e atacando os outros sem nem saber se existe uma razão para tanto. Por que a Amyrlin, ou qualquer Aes Sedai que não Moiraine, sequer saberia da sua existência?

Ele a encarou por um momento. Quanto mais tempo ela passava com Moiraine e Nynaeve, mais agia como elas, pelo menos quando queria. Elas eram muito parecidas às vezes, a Aes Sedai e a Sabedoria, ambas distantes e sensatas. Era desconcertante quando isso vinha de Egwene. Por fim, ele contou o que Lan dissera.

— O que mais ele poderia querer dizer? — perguntou a ela por fim.

Egwene parou de esfregar o braço e franziu a testa, concentrada.

— Moiraine sabe a verdade sobre você e não fez nada, por que faria algo agora? Mas se Lan… — Ainda franzindo a testa, ela o encarou. — As despensas são o primeiro lugar em que vão procurar. Se é que vão procurar. Até descobrirmos se estão fazendo isso ou não, precisamos esconder você em um lugar onde eles jamais pensariam em olhar. Já sei, o calabouço.

Ele se levantou depressa.

— O calabouço!

— Não em uma cela, seu bobo. Eu vou lá em algumas noites para visitar Padan Fain. Nynaeve também. Ninguém vai achar estranho se eu for mais cedo hoje. Na verdade, com todas as atenções voltadas para a Amyrlin, não vão nem reparar na gente.

— Mas Moiraine…

— Ela não vai até os calabouços para interrogar Mestre Fain, manda que o levem a ela. E não faz isso há semanas. Acredite em mim, você estará seguro lá.

Mesmo assim, ele hesitou. Padan Fain.

— Por que você visita o mascate? Ele é um Amigo das Trevas, Moiraine ouviu da boca dele, e muito perigoso. Que me queime, Egwene, foi ele quem levou os Trollocs até Campo de Emond! Ele

chamou a si mesmo de sabujo do Tenebroso e estava farejando o meu rastro desde a Noite Invernal.

— Bem, agora ele está seguro por trás de barras de ferro, Rand. — Foi a vez de ela hesitar. Então olhou para ele, quase implorando. — Rand, ele levava sua carroça a Dois Rios toda primavera desde antes de eu nascer. Ele conhece todas as pessoas que eu conheço, todos os lugares. É estranho, mas, quanto mais tempo preso, mais à vontade ica. É quase como se estivesse se libertando do Tenebroso. Ele voltou a rir, conta histórias engraçadas sobre o povo de Campo de Emond e, às vezes, sobre lugares dos quais nunca ouvi falar. Às vezes, é quase como se fosse o velho Padan Fain. Eu só gosto de conversar com alguém sobre o nosso lar.

Já que comecei a evitar você, ele pensou, *e Perrin começou a evitar todo mundo, e Mat, a passar o tempo todo jogando e aprontando por aí*.

— Eu não deveria ter ficado tão distante — murmurou, então soltou um suspiro. — Bem, se Moiraine acha que é seguro o bastante para você, suponho que seja seguro o bastante para mim. Mas você não precisa se meter nessa história.

Egwene se levantou e se concentrou em limpar o vestido, evitando o olhar dele.

— Moiraine *disse* que é seguro, não disse? Egwene?

— Moiraine Sedai nunca disse que eu não podia visitar Mestre Fain — respondeu ela, com muito cuidado.

Ele a encarou por um momento, então explodiu:

— Você nunca pediu permissão. Ela não sabe. Egwene, isso é burrice! Padan Fain é um Amigo das Trevas, e é tão perigoso quanto qualquer Amigo das Trevas.

— Ele está trancado em uma cela — respondeu, muito séria — e eu não preciso pedir a permissão de Moiraine para tudo o que faço. É um pouco tarde para você começar a se preocupar em fazer o que uma Aes Sedai pensa, não é? Afinal, você vem ou não?

— Eu posso encontrar o calabouço sem você. Eles estão procurando por mim, ou vão procurar por mim, e não vai ser bom para você se for encontrada comigo.

— Sem mim — retrucou, seca —, você provavelmente vai tropeçar nos próprios pés e cair no colo do Trono de Amyrlin, para então acabar confessando tudo enquanto tenta se safar.

— Sangue e cinzas, você devia entrar no Círculo das Mulheres, lá em casa. Se os homens fossem todos tão desajeitados e indefesos como você pensa, nós nunca…

— Vai ficar aí falando até encontrarem você? Pegue suas coisas, Rand, e venha comigo.

Sem esperar resposta, ela deu meia-volta e começou a andar pelo corredor. Resmungando baixinho, ele obedeceu, relutante.

Havia poucas pessoas — a maioria serviçais — nos corredores isolados que eles percorreram, mas Rand tinha a sensação de que todas prestavam atenção especial nele. Não a atenção que prestariam em um homem preparado para uma jornada, mas *nele*, Rand al'Thor, em particular. Sabia que era sua imaginação, torcia para que fosse, mas, mesmo assim, não sentiu alívio algum quando pararam em um corredor no subsolo da fortaleza, diante de uma porta alta com uma pequena grade de ferro embutida, tão fortemente envolta com correias de ferro quanto qualquer uma da muralha externa. Uma aldrava pendia abaixo da grade.

Do outro lado da grade, Rand podia ver paredes nuas e dois soldados com rabo de cavalo sentados, sem elmo, a uma mesa com um lampião. Um dos homens afiava uma adaga, passando-a de forma lenta e demorada em uma pedra de amolar. Não parou de afiá-la nem quando Egwene bateu à porta com a aldrava, produzindo um pesado som metálico. O outro homem, com uma expressão entediada e mal-humorada, olhou para a porta como se considerasse se deveria ou não lhe dar atenção, até que finalmente se levantou e foi até ela. Ele era baixo e atarracado; quase não era alto o suficiente para espiar por entre as barras cruzadas da grade.

— O que vocês querem? Ah, é você de novo, garota! Veio ver seu Amigo das Trevas? Quem é esse aí?

Ele não fez menção de abrir a porta.

— É um amigo meu, Changu. Ele também quer ver Mestre Fain.

O homem analisou Rand com o lábio superior contraído, mostrando os dentes. O rapaz não achou que aquele gesto fosse um sorriso.

— Ora — respondeu Changu, por fim. — Ora. Você é alto, não é? Alto. E está bem-vestido, para alguém da sua laia. Alguém o encontrou nas Marcas Orientais quando era pequeno e o domesticou? — Ele destrancou a porta e a escancarou. — Ora, se querem entrar, então entrem. — E completou, em um tom de deboche: — Cuidado para não bater a cabeça, milorde.

Não havia risco de isso acontecer, pois a porta era alta até para Loial. Rand seguiu Egwene, franzindo a testa e se perguntando se aquele tal Changu pretendia causar problemas. Ele era o primeiro shienarano rude que Rand conhecia; até mesmo Masema era apenas frio, não chegava a ser rude. Mas aquele sujeito simplesmente bateu a porta e enfiou as trancas de volta, depois foi até algumas prateleiras atrás da mesa e pegou um dos lampiões que estavam ali. O outro homem não parou de amolar a adaga nem por um segundo, sequer levantou os olhos dela. A sala não tinha mobília, a não ser pela mesa, alguns bancos e prateleiras. Havia um pouco de palha no chão e outra porta trancada com uma barra de ferro.

— Vocês vão querer um pouco de luz, não vão? — perguntou Changu. — Lá dentro, nas trevas, com seu amigo Amigo das Trevas. — Ele riu, uma risada rouca e sem humor, e acendeu o lampião. — Ele está esperando vocês. — Enfiou o lampião nas mãos de Egwene e abriu a porta interna, quase ansioso. — Esperando vocês. Lá dentro, nas trevas.

Rand parou, hesitante, diante da escuridão, e Changu sorriu atrás dele, mas Egwene o agarrou pela manga e o puxou para dentro. A porta bateu, quase pegando em seu calcanhar, e a tranca se fechou com estrépito. Só havia a luz do lampião, formando um pequeno círculo ao redor deles, nas trevas.

— Tem certeza de que ele vai nos deixar sair? — perguntou. O homem sequer olhou para sua espada ou seu arco, Rand percebeu, nem perguntou o que havia em seus alforjes. — Eles não são guardas muito bons. Poderíamos estar aqui para libertar Padan Fain e ele nem saberia.

— Ele sabe que eu não faria isso — respondeu, mas sua voz soou perturbada, e ela acrescentou: — Eles estão piores a cada vez que venho aqui. Todos os guardas estão assim, cada vez mais desagradáveis e mal-humorados. Changu me contou piadas da primeira vez que vim, e Nidao nem fala mais. Mas suponho que trabalhar em um lugar como este não deixe um homem com o coração leve. Talvez seja só eu: este lugar também não faz bem ao meu coração.

Apesar de suas palavras, Egwene o puxou para o escuro, con fiante. Ele manteve a mão livre na espada.

A luz fraca do lampião revelou um largo corredor com celas de ambos os lados, construídas com grades de ferro achatadas e paredes de pedra. Apenas duas das celas pelas quais passaram tinham prisioneiros. Os ocupantes, sentados em seus catres estreitos, protegeram os olhos com as mãos quando a luz os iluminou, fuzilando-os por entre seus dedos. Mesmo com os rostos escondidos, Rand tinha certeza de que lançavam olhares furiosos: seus olhos reluziam à luz do lampião.

— Aquele ali briga quando bebe — murmurou Egwene, indicando um sujeito robusto com as mãos machucadas. — Desta vez, ele destruiu sozinho o salão de uma estalagem na cidade e deixou alguns homens bem machucados. — O outro prisioneiro vestia um casaco bordado a ouro com mangas largas e botas de cano curto impecáveis. — Este tentou deixar a cidade sem pagar a conta da estalagem. — Ela fungou com desprezo ao dizer aquilo. Seu pai, além de prefeito de Campo de Emond, também era estalajadeiro, além de não pagar meia dúzia de comerciantes e donos de loja a quem devia.

Os homens grunhiram para eles, soltando impropérios guturais

tão feios quanto os que Rand ouvira de guardas de mercadores.

— Eles também estão piorando a cada dia que passa — continuou ela, com a voz tensa, e apressou o passo.

Ela estava tão à frente, quando chegaram à cela de Padan Fain, no final do corredor, que Rand já estava completamente fora da luz. Ele parou ali, nas sombras atrás do lampião.

Fain estava sentado em seu catre, curvando-se para a frente como se os esperasse, bem como Changu dissera. Era um homem ossudo, com olhos atentos, braços compridos e nariz grande, e estava mais magro do que Rand lembrava. Não emagrecera por causa do calabouço, pois a comida ali era a mesma que os serviçais comiam, e nem mesmo o pior prisioneiro passava fome, mas sim pelo que fizera antes de chegar a Fal Dara.

Vê-lo trouxe de volta lembranças que Rand preferia não ter despertado. Fain no banco de seu grande carroção de mascate passando pela Ponte das Carroças, chegando a Campo de Emond no dia da Noite Invernal. E, na Noite Invernal, os Trollocs chegaram, matando, incendiando e caçando. Caçavam três rapazes, dissera Moiraine. *Caçariam apenas a mim, se soubessem quem eu era, e usavam Fain como sabujo*.

Fain se levantou ao ver Egwene chegar, sem cobrir os olhos ou sequer piscar por causa da luz. Ele sorriu para ela, um sorriso que só passou por seus lábios, então olhou além dela. Fitando diretamente Rand, que estava oculto na escuridão fora do círculo de luz, ele apontou um dedo longo para ele.

— Eu sinto você aí se escondendo, Rand al'Thor — disse, quase em um murmúrio suave. — Não pode se esconder, não de mim. E nem deles. Você achava que tinha acabado, não é? Mas a batalha nunca termina, al'Thor. Eles virão me buscar, e a você também, e a guerra continua. Não importa se vai viver ou morrer, nunca vai acabar para você. Nunca. De repente, ele começou a cantar. "Em breve chegará o dia em que todos serão libertos. Até você e até eu. Em breve chegará o dia em que todos morrerão. Certamente você, mas não eu."

Deixou o braço cair e levantou a cabeça para olhar fixamente um ponto na escuridão acima. Um sorriso torto repuxou-lhe a boca, e ele riu no fundo da garganta, como se estivesse vendo algo engraçado.

— Mordeth sabe mais que todos vocês. Mordeth sabe.

Egwene recuou até encostar em Rand, até apenas os limites do círculo de luz tocarem as barras da cela de Fain. A escuridão ocultou o mascate, mas eles ainda ouviam suas risadas. Mesmo incapaz de vê-lo, Rand tinha certeza de que Fain ainda olhava para o nada.

Com um calafrio, ele tirou os dedos do cabo da espada.

— Luz! — exclamou, com a voz rouca. — É isso que você chama de "estar como era antes"?

— Às vezes ele está melhor, e às vezes pior. — A voz de Egwene não soava firme. — Isto é pior, muito pior do que de costume.

— O que será que ele está vendo? Está louco, olhando fixamente para um teto de pedra na escuridão. — *Se o teto não estivesse ali, ele estaria olhando direto para a ala das mulheres, onde estão Moiraine e o Trono de Amyrlin*. Ele teve outro calafrio. — Ele está louco.

— Não foi uma boa ideia, Rand. — Olhando por cima do ombro para a cela, Egwene o conduziu para longe e abaixou a voz, como se tivesse medo de que Fain pudesse ouvi-la. A gargalhada do mascate os acompanhou. — Mesmo que eles não procurem aqui, não consigo ficar com ele assim. E você também não deveria. Há alguma coisa nele hoje que… — Ela respirou fundo, estremecendo. — Existe um esconderijo ainda melhor. Eu não o mencionei antes porque era mais fácil trazê-lo para cá, mas eles nunca vão procurar na ala das mulheres. Nunca.

— A ala…! Egwene, Fain pode estar louco, mas você está ainda mais. Não se pode se esconder de vespas dentro de um vespeiro.

— Que lugar melhor? Qual é a única parte da fortaleza onde nenhum homem pode entrar sem o convite de uma mulher, nem mesmo Lorde Agelmar? Qual é o único lugar em que ninguém jamais sequer pensaria em procurar por um homem?

— Qual é o único lugar da fortaleza que certamente estará cheio de Aes Sedai? É loucura, Egwene.

Cutucando as trouxas dele, ela falou como se a decisão já estivesse tomada.

— Você precisa embrulhar sua espada e seu arco no manto, assim vai parecer que está carregando coisas para mim. Não deve ser muito di ícil encontrar um colete e uma camisa que não sejam tão bonitas, para você usar. Mas vai ter que andar curvado.

— Eu já disse: não vou fazer isso.

— Já que está sendo teimoso como uma mula, deveria servir logo como um animal de carga. A menos que realmente pre ira ficar aqui embaixo com ele.

Os murmúrios da risada de Fain atravessaram as sombras.

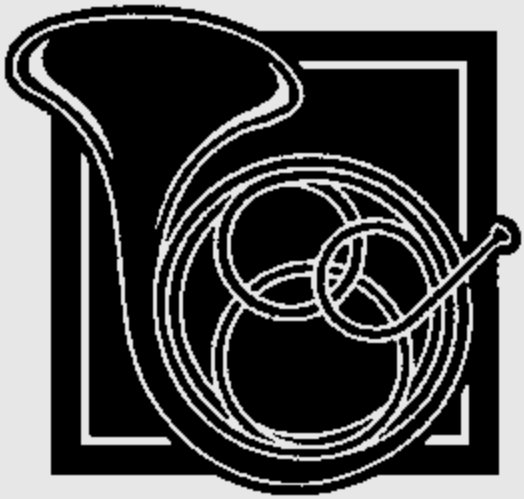
— A batalha nunca termina, al'Thor. Mordeth sabe.

— Seria melhor pular da muralha — resmungou Rand. Entretanto, ele tirou as sacolas dos ombros e começou a embrulhar a espada, o arco e a aljava, seguindo as instruções de Egwene.

Na escuridão, Fain riu.

— Nunca termina, al'Thor. Nunca.

4



A Convocação

Sozinha em seu quarto na ala das mulheres, Moiraine ajustou o xale bordado com hera e videiras sobre os ombros e estudou seu re flexo no grande espelho que ficava em um canto. Seus olhos grandes e escuros podiam parecer aguçados como os de um falcão quando ela estava zangada, mas agora pareciam perfurar o espelho de prata. Era obra do acaso ela estar com o xale no alforje quando chegara a Fal Dara. Com a branca e lamejante Chama de Tar Valon no meio das costas e as longas franjas coloridas para mostrar a Ajah a que pertencia — o de Moiraine era azul como o céu da manhã —, os xales raramente eram usados fora de Tar Valon e, mesmo lá, apenas dentro da Torre Branca. Apenas raras ocasiões, como as reuniões no Salão da Torre, requeriam a formalidade dos xales, e além das Muralhas Reluzentes uma visão da Chama faria muita gente sair correndo para se esconder ou, quem sabe, para buscar os Filhos da Luz. A flecha de um Manto-branco era tão fatal para uma Aes Sedai quanto para qualquer outra pessoa, e os Filhos da Luz eram astutos demais para deixar que uma Aes Sedai visse o arqueiro antes que ele atingisse o alvo, enquanto ainda houvesse tempo para se defender. Moiraine nunca imaginou que fosse usar o xale em Fal Dara, mas uma audiência com a Amyrlin exigia algumas formalidades.

Moiraine era magra e estava longe de ser alta. O rosto sem rugas, com a idade indefinida das Aes Sedai, muitas vezes fazia com que parecesse mais nova do que era, mas sua presença tranquila e elegante impunha respeito e dominava qualquer reunião. Seus modos re finados, resultantes da criação no Palácio Real de Cairhien, foram

aprimorados, não sufocados, pelos anos como Aes Sedai. Ela sabia que poderia precisar de cada minúscula porção deles, no dia de hoje. Além disso, grande parte da calma que exibia hoje estava na super ície. *Deve haver algum problema, ou ela não viria pessoalmente*, pensou pelo que julgava ser, no mínimo, a décima vez. Além desse pensamento, havia pelo menos mais mil perguntas: *Que problema será, e quem ela escolheu para acompanhá-la? Por que aqui? Por que agora? As coisas não podem dar errado agora*.

O anel da Grande Serpente em sua mão direita re fletiu a luz fraca quando ela tocou a delicada corrente de ouro em seus cabelos escuros que caíam, ondulados, até os ombros. Uma pequena pedra azul pendia da corrente, no meio da testa. Muitas na Torre Branca sabiam dos truques que ela podia fazer usando aquela pedra como ponto focal. Era apenas um fragmento polido de cristal azul, o tipo de coisa que uma jovem usa em seu aprendizado inicial, quando não há alguém para orientá-la. Quando jovem, ela se lembrara das histórias sobre os *angreal* e sobre os ainda mais poderosos *sa'angreal*, fabulosos remanescentes da Era das Lendas que permitiam que Aes Sedai canalizassem uma quantidade maior do Poder Único do que seria seguro sem ajuda. Ela se lembrara e pensara que um foco desses era sempre necessário para canalizar a energia. Suas irmãs da Torre Branca conheciam alguns de seus truques e suspeitavam de outros, inclusive de alguns que não existiam e que a haviam chocado quando ela descobriu os rumores. As coisas que fazia com a pedra eram pequenas e simples, saídas da imaginação de uma criança, embora úteis de vez em quando. Mas, se as mulheres erradas estivessem acompanhando a Amyrlin, o cristal poderia deixá-las inquietas por causa das histórias.

Alguém bateu à porta do quarto de forma rápida e insistente. Nenhum shienarano bateria à porta daquele jeito, muito menos à dela. Ela continuou olhando para o espelho até que seus olhos se mostrassem serenos e os pensamentos estivessem ocultos em suas profundezas escuras. Veri ficou a bolsa de couro macio pendurada em seu cinturão. *Não importa quais foram os problemas que a tiraram de Tar Valon, ela vai esquecê-los assim que eu lhe contar este*. Ouviu-se uma segunda batida, ainda mais vigorosa do que a primeira, antes que ela atravessasse o quarto para abrir a porta, lançando um sorriso calmo para as duas mulheres que vieram buscá-la.

Ela reconheceu ambas. A morena era Anaiya, com seu xale de franjas azuis, e a loura era Liandrin, com o xale vermelho. Liandrin não apenas parecia jovem, como de fato era. E também era bela: tinha o rosto de uma boneca, e sua boca era pequena e petulante. Já estava com a mão erguida, pronta para bater à porta mais uma vez. Suas sobrancelhas eram escuras e os olhos ainda mais, contrastando com as

muitas tranças cor de mel que roçavam seus ombros, mas aquela combinação não era incomum em Tarabon. As duas eram mais altas que Moiraine, embora Liandrin fosse menos de um palmo maior.

O rosto comum de Anaiya irrompeu em um sorriso assim que Moiraine abriu a porta. Aquele sorriso era a única beleza que tinha, mas era o bastante: quase todos se sentiam reconfortados, seguros e especiais quando Anaiya sorria.

— Que a Luz brilhe sobre você, Moiraine! É bom vê-la outra vez. Você está bem? Faz tanto tempo.

— Meu coração ica mais leve com sua presença, Anaiya. — Isso, de fato, era verdade: era bom saber que tinha pelo menos uma amiga entre as Aes Sedai que haviam chegado a Fal Dara. — Que a Luz a ilumine!

Liandrin comprimiu os lábios e retorceu o xale nas mãos.

— O Trono de Amyrlin requer sua presença, Irmã. — Sua voz soava petulante e fria. Não por causa de Moiraine, ou não apenas por ela. Liandrin sempre parecia insatisfeita com alguma coisa. Franzindo a testa, ela tentou olhar para dentro do quarto por cima do ombro de Moiraine. — Esta câmara está protegida, não podemos entrar. Por que você tem selos de proteção contra suas irmãs?

— Contra todos — respondeu Moiraine, em um tom de voz suave. — Muitas serviçais são curiosas a respeito das Aes Sedai, e não quero que fiquem bisbilhotando meus aposentos quando não estou por aqui. Não havia necessidade de fazer distinção até agora. — Ela fechou a porta atrás de si. — Vamos? Não devemos deixar a Amyrlin esperando.

Ela começou a descer o corredor com Anaiya tagarelando sem parar a seu lado. Liandrin ficou parada por um momento, olhando para a porta como se imaginasse o que Moiraine tentava esconder, então correu para se juntar às outras. Ela se posicionou do outro lado de Moiraine, marchando de forma tão rígida quanto um guarda, enquanto Anaiya apenas caminhava, fazendo companhia, e seus pés calçados com sandálias batiam suavemente nos tapetes espessos decorados com padrões simples.

Ao vê-las passarem, mulheres de libré faziam mesuras profundas, muitas ainda mais profundas do que fariam para o próprio senhor de Fal Dara. Três Aes Sedai juntas e o próprio Trono de Amyrlin hospedado na fortaleza… Era mais honra do que qualquer uma delas imaginara ter em toda a vida. Algumas mulheres nobres também estavam nos corredores, e também fizeram mesuras, o que decerto não fariam para Lorde Agelmar. Moiraine e Anaiya sorriam e curvavam as cabeças em reconhecimento a cada reverência, tanto de serviçais quanto de nobres. Liandrin ignorava todas.

Não havia homens ali, é claro; apenas mulheres. Nenhum

shienarano com mais de dez anos de idade podia entrar na ala das mulheres sem permissão ou convite, mas alguns menininhos corriam e brincavam nos corredores. Desajeitados, eles se ajoelhavam em uma perna, mantendo a outra dobrada, e suas irmãs faziam mesuras profundas. De vez em quando, Anaiya sorria e acariciava uma das cabecinhas, enquanto passavam pelas crianças.

— Desta vez, Moiraine — começou Anaiya —, você ficou muito tempo longe de Tar Valon. Tempo demais. Tar Valon sente sua falta, suas irmãs sentem sua falta. E a Torre Branca precisa de você.

— Algumas de nós precisam trabalhar no mundo — respondeu Moiraine, com gentileza. — Eu deixo o Salão da Torre para você, Anaiya. Mas você, que estava em Tar Valon, deve saber mais sobre o que está acontecendo no mundo do que eu. Muitas vezes, as novidades acontecem no lugar em que estive no dia anterior. Que notícias você traz?

— Mais três falsos Dragões. — Liandrin mal pôde conter a raiva. — Devastam a terra em Saldaea, Murandy e Tear três falsos Dragões. Enquanto isso, vocês, Azuis, sorriem e falam bobagens, tentando se agarrar ao passado.

Anaiya ergueu uma sobrancelha, e Liandrin comprimiu os lábios com força, fungando alto.

— Três — considerou Moiraine, em voz baixa. — Houve três nos últimos dois anos, e agora vêm mais três de uma só vez.

— Lidaremos com eles, como fizemos com os outros três. Tanto esses vermes quanto qualquer bando de vagabundos que siga seus estandartes.

Moiraine quase se divertiu com a certeza na voz de Liandrin. Quase. Mas sabia a verdade, estava ciente das possibilidades.

— Será que alguns meses foram o suficiente para você esquecer, Irmã? O último falso Dragão quase destruiu Ghealdan antes que seu exército pudesse ser derrotado, fosse ele constituído por um bando de vagabundos ou não. Sim, Logain está em Tar Valon agora, amansado e seguro, suponho, mas algumas de nossas irmãs morreram para derrotá-lo. A perda de uma irmã já é mais do que podemos suportar, mas as baixas de Ghealdan foram ainda piores. Os dois antes de Logain não podiam canalizar, mas o povo de Kandor e Arad Doman ainda assim se lembra deles muito bem. Aldeias foram queimadas e homens morreram em combate. Como o mundo poderá lidar com três de uma só vez? Quantos não se aglomerarão sob seus estandartes? Nunca houve poucos seguidores para qualquer homem que a firmasse ser o Dragão Renascido. Qual será o tamanho das guerras, desta vez?

— A situação não está tão ruim quanto parece — respondeu Anaiya. — Até onde sabemos, apenas o de Saldaea pode canalizar. Ele ainda não teve tempo de angariar muitos seguidores, e as irmãs já

devem estar lá para resolver o problema. Os habitantes de Tear estão perseguindo o falso Dragão e seus seguidores em Haddon Mirk, e o sujeito em Murandy já está preso. — Ela deu uma risada curta, parecendo intrigada. — E pensar que justamente os murandianos conseguiram lidar com seu dragão mais depressa que os outros. Se você perguntar, vai descobrir que eles sequer se chamam de murandianos, mas de lugadernos, inishinnis, ou de súditos de tal lorde ou lady. No entanto, temendo que um dos vizinhos se aproveitasse da desculpa para invadir suas terras, os murandianos atacaram o falso Dragão assim que ele abriu a boca para se autoproclamar.

— Ainda assim — retrucou Moiraine —, três Falsos Dragões ao mesmo tempo é algo que não pode ser ignorado. Será que alguma irmã já profetizou algo?

A chance era pequena, poucas Aes Sedai haviam mostrado qualquer sinal, por menor que fosse, de ter esse Talento nos últimos séculos. Por isso, Moiraine não ficou surpresa quando Anaiya negou com a cabeça. Não ficou surpresa, mas um pouco aliviada.

Elas chegaram a um encontro de corredores ao mesmo tempo que Lady Amalisa. Ela fez uma grande mesura, curvando-se quase até o chão e segurando as saias verde-claras.

— Honrada seja Tar Valon — murmurou. — Honradas sejam as Aes Sedai.

A irmã do senhor de Fal Dara pedia mais do que um mero aceno de cabeça como resposta. Moiraine segurou as mãos da mulher e a fez se levantar.

— Você nos honra, Amalisa. Levante-se, Irmã.

Amalisa se endireitou com um movimento gracioso, levemente ruborizada. Ela nunca estivera em Tar Valon, e ser chamada de Irmã por uma Aes Sedai era uma grande distinção, mesmo para alguém de sua posição social. Era uma mulher morena e baixa de meia-idade, com uma beleza madura realçada pelas bochechas coradas.

— Eu não mereço essa honra, Moiraine Sedai.

Moiraine sorriu.

— Há quanto tempo nos conhecemos, Amalisa? Preciso chamá-la de Lady Amalisa, como se nunca tivéssemos nos sentado para tomar chá?

— É claro que não! — Amalisa retribuiu o sorriso. Seu rosto tinha a mesma força do de seu irmão, em nada diminuída pelas feições mais delicadas. Alguns diziam que, por mais que fosse um lutador forte e renomado, Agelmar estava apenas à altura da irmã. — Mas, com o Trono de Amyrlin aqui… Quando o Rei Easar visita Fal Dara, eu o chamo de *Magami*, Tiozinho, em particular, como fazia quando era criança e ele me carregava em seus ombros. Mas em público deve ser diferente.

Anaiya soltou um muxoxo.

— Às vezes a formalidade é indispensável, mas os homens costumam levá-la mais a sério do que o necessário. Me chame de Anaiya, por favor, e eu a chamarei de Amalisa, se me permitir.

Pelo canto do olho, Moiraine viu Egwene desaparecer, apressada, em uma esquina, do outro lado do corredor lateral. Uma figura encurvada, trajando um colete de couro, de cabeça baixa e com os braços cheios de sacolas a seguia, desajeitada. Moiraine se permitiu um leve sorriso, que disfarçou depressa. *Se essa garota demonstrar a mesma iniciativa em Tar Valon*, pensou, com ironia, *um dia vai acabar se sentando no Trono de Amyrlin. Se conseguir aprender a controlar essa iniciativa. E se ainda houver um Trono de Amyrlin no qual se sentar*.

Quando ela voltou a atenção para as outras, Liandrin estava falando.

— … E eu agradeço a oportunidade de conhecer mais esta terra — disse, com um sorriso franco e quase infantil, e seu tom de voz parecia amigável.

Moiraine se esforçou para manter uma expressão impassível enquanto Amalisa as convidava para se juntarem a ela e a outras damas em um jardim particular, e Liandrin aceitou o convite calorosamente. Liandrin tinha poucas amigas, e nenhuma delas era de fora da Ajah Vermelha. *Com certeza nenhuma seria de fora das Aes Sedai. Ela preferiria fazer amizade com um homem ou com um Trolloc*. Moiraine não sabia se Liandrin via muita diferença entre homens e Trollocs, não sabia se qualquer uma das Vermelhas via muita diferença entre eles.

Anaiya explicou que elas haviam sido convocadas pelo Trono de Amyrlin e, naquele instante, precisavam vê-lo.

— É claro — disse Amalisa. — Que a Luz a ilumine e o Criador a abrigue! Nos encontramos mais tarde, então.

Ela se manteve ereta e curvou a cabeça quando as Aes Sedai seguiram seu caminho.

Moiraine analisou Liandrin enquanto caminhavam, sem nunca olhá-la diretamente. A Aes Sedai com cabelos cor de mel olhava sempre para a frente, seus lábios vermelhos como botões de rosa estavam contraídos como se estivesse concentrada em algo. Ela parecia ter se esquecido da presença de Moiraine e de Anaiya. *O que está tramando?*

Anaiya parecia não ter notado nada fora do normal, mas ela sempre aceitava as pessoas como eram e como queriam ser. Moiraine achava impressionante o modo como Anaiya lidava tão bem com as pessoas na Torre Branca, mas as mal-intencionadas pareciam encarar sua franqueza e sua aceitação de todos como arti ícios dissimulados. As pessoas sempre eram pegas de surpresa quando descobriam que

Anaiya realmente acreditava no que dizia e dizia o que acreditava. Além disso, ela sempre conseguia perceber a essência de tudo e aceitar o que via. Ela continuou a contar as notícias para Moiraine de forma displicente.

— As notícias de Andor são ao mesmo tempo boas e ruins. Os levantes nas ruas de Caemlyn cessaram com a chegada da primavera, mas muitos culpam a rainha e Tar Valon pelo longo inverno. Morgase está tendo mais dificuldade para se manter no trono do que no ano passado, mas ainda continua nele, onde ficará enquanto Gareth Bryne for Capitão-general da Guarda da Rainha. E Lady Elayne, a Filha-herdeira, e seu irmão, Lorde Gawyn, chegaram em segurança a Tar Valon, para o treinamento. A Torre Branca receava que o costume fosse quebrado.

— Não enquanto Morgase tiver um sopro de vida em seu corpo — comentou Moiraine.

Liandrin se sobressaltou de leve, como se tivesse acabado de acordar.

— Reze para que ela continue a ter esse sopro de vida. O destacamento da Filha-herdeira foi seguido pelos Filhos da Luz até o Rio Erinin, até as pontes de Tar Valon. E mais Filhos ainda estão acampados nos arredores de Caemlyn, aguardando uma chance. E há quem os ouça dentro de Caemlyn.

— Talvez seja hora de Morgase aprender a ter um pouco de cautela — comentou Anaiya, suspirando. — O mundo está cada dia mais perigoso, mesmo para uma rainha. Talvez especialmente para uma rainha. E ela sempre foi teimosa. Lembro-me dela criança, quando chegou a Tar Valon. Não tinha habilidade para se tornar uma irmã completa, o que a incomodava. Às vezes acho que ela pressiona a ilha por causa disso, independente do caminho que a menina queira escolher.

Moiraine soltou um muxoxo de desdém.

— Elayne nasceu com a fagulha; não era uma questão de escolha. Morgase não se arriscaria a deixar a garota morrer por falta de treinamento nem que todos os Mantos-brancos de Amadicia cercassem Caemlyn. Ela ordenaria que Gareth Bryne e a Guarda da Rainha abrissem caminho à força até Tar Valon. E Gareth Bryne abriria, mesmo que tivesse de fazê-lo sozinho. — *Mas ela ainda precisa manter o potencial da garota em segredo. Será que o povo de Andor aceitaria que Elayne sucedesse Morgase no Trono do Leão, se soubesse? Será que aceitariam não uma rainha treinada em Tar Valon, conforme o costume, mas uma Aes Sedai completa?* Em toda a história, só havia registro de algumas rainhas que poderiam ser chamadas de Aes Sedai, e as poucas que revelaram essa informação acabaram se arrependendo. Ela sentiu uma pontada de tristeza, mas havia muito em jogo para que se desse

ao luxo de ajudar ou mesmo de se preocupar com uma só terra e um só trono. — O que mais, Anaiya?

— Você deve saber que a Grande Caçada à Trombeta foi convocada em Illian pela primeira vez em quatrocentos anos. Os illianenses dizem que a Última Batalha se aproxima. — Anaiya estremeceu de leve, como seria de se esperar, mas não hesitou. — E que a Trombeta de Valere precisa ser encontrada antes da batalha final contra a Sombra. Homens de todos os lugares estão se reunindo, ansiosos por fazer parte da lenda, ansiosos para encontrar a Trombeta. Murandy e Altara estão desconfiadas, é claro, pensando que isso é tudo um engodo para uma investida contra uma delas. É provável que tenha sido por isso que os murandianos capturaram seu falso Dragão tão depressa. De qualquer modo, os bardos e os menestréis terão uma nova série de histórias para acrescentar ao ciclo. Que a Luz permita que sejam apenas novas histórias!

— Talvez não sejam as histórias que eles esperam — comentou Moiraine.

Liandrin lhe lançou um olhar severo, mas ela manteve o rosto impassível.

— Suponho que não — respondeu Anaiya, muito calma. — As histórias que eles menos esperam serão justamente as que acrescentarão ao ciclo. Mas, além disso, só ouvi rumores. O Povo do Mar está agitado, seus navios disparam de um porto a outro, quase sem parar. As Irmãs nas ilhas explicaram que o Coramoor, seu Escolhido, está chegando, mas não disseram mais que isso. Você sabe como os Atha'an Miere são com estrangeiros em relação ao Coramoor, e nossas irmãs parecem pensar mais como o Povo do Mar do que como Aes Sedai a esse respeito. Os Aiel também parecem estar inquietos, mas ninguém sabe por quê. Nunca se sabe, com os Aiel. Pelo menos não há provas de que eles queiram atravessar a Espinha do Mundo outra vez, graças à Luz. — Ela suspirou e sacudiu a cabeça. — O que eu não daria para ter uma Irmã vinda dos Aiel? Só uma. Sabemos tão pouco sobre eles!

Moiraine riu.

— Às vezes penso que você pertence à Ajah Marrom, Anaiya.

— E também há a Planície de Almoth — disse Liandrin, mas logo pareceu surpresa por ter se pronunciado.

— *Isso sim* não passa de um rumor, Irmã — respondeu Anaiya. — Ouvimos alguns poucos sussurros quando deixávamos Tar Valon. Talvez uma batalha tenha acontecido na Planície de Almoth e na Ponta de Toman também. Talvez, eu disse. Os sussurros não tinham consistência, eram rumores de rumores. Partimos antes de conseguir descobrir mais.

— Deve ser Tarabon e Arad Doman — disse Moiraine, e depois

sacudiu a cabeça. — Elas disputam a Planície de Almoth há quase trezentos anos, mas nunca chegaram a um combate declarado. — Ela olhou para Liandrin: as Aes Sedai supostamente deveriam abandonar todas as antigas lealdades a terras e soberanos, mas poucas o faziam por completo. Era di ícil não se importar com sua terra natal. — Por que iriam agora…?

— Chega de falar bobagens — interrompeu a mulher de cabelos cor de mel, irritada. — A Amyrlin a aguarda, Moiraine. — Ela deu três passos rápidos à frente das outras e abriu uma das duas portas altas. — E a Amyrlin não vai ficar falando bobagens com você.

Tocando a bolsinha em sua cintura sem perceber, Moiraine passou por Liandrin e entrou, inclinando a cabeça, como se agradecesse pela outra mulher estar segurando a porta para ela. Ela sequer sorriu ao ver o lampejo de fúria no rosto de Liandrin. *O que será que essa infeliz está tramando?*

Camadas de tapetes de cores vivas cobriam o chão da antessala, e o aposento estava agradavelmente mobiliado com cadeiras, bancos almofadados e mesinhas baixas, cuja madeira era trabalhada com simplicidade ou apenas polida. Cortinas com brocados ladeavam as altas seteiras, o que as fazia parecer janelas. Não havia fogo ardendo nas lareiras, pois o dia estava quente, e o frio de Shienar não chegaria até o cair da noite.

Menos de seis das Aes Sedai que haviam chegado com a Amyrlin estavam ali. Verin Mathwin e Serafelle, da Ajah Marrom, nem levantaram a cabeça quando Moiraine entrou. Serafelle estava absorta em um livro antigo, com uma capa de couro velha e gasta, folheando suas páginas frágeis com muito cuidado. Enquanto isso, a rechonchuda Verin estava sentada de pernas cruzadas sob uma seteira segurando um minúsculo botão de flor contra a luz, fazendo anotações e esboços com uma caligra ia precisa em um livro equilibrado no joelho. Havia um tinteiro aberto no chão a seu lado e uma pequena pilha de flores em seu colo. As irmãs Marrons não se preocupavam com quase nada além da busca do conhecimento. Moiraine às vezes se perguntava se elas sequer sabiam sobre o que se passava no mundo, ou mesmo o que acontecia ao redor delas.

As outras três mulheres no aposento se viraram quando ela entrou, mas não fizeram esforço algum para se aproximar de Moiraine, apenas a olharam. Ela notou que não conhecia uma delas, uma esbelta Ajah Amarela. Não passava tempo suficiente em Tar Valon para conhecer todas as Aes Sedai, embora elas não fossem mais tão numerosas, mas conhecia as outras duas. Carlinya tinha a pele tão pálida e modos tão frios quanto as franjas brancas de seu xale, o oposto da morena e feroz Alanna Mosvani, da Ajah Verde, mas ambas ficaram paralisadas olhando para ela sem dizer uma palavra, com os

rostos inexpressivos. Alanna ajeitou o xale ao redor dos ombros bruscamente, e Carlinya permaneceu imóvel. A esbelta irmã Amarela virou as costas com um ar de arrependimento.

— Que a Luz as ilumine, Irmãs! — cumprimentou Moiraine.

Ninguém respondeu. Ela não sabia dizer se Serafelle ou Verin haviam sequer ouvido. *Onde estão as outras? Não havia necessidade de todas estarem ali, e a maioria devia estar descansando em seus aposentos, recuperando-se da jornada, mas agora ela estava alerta, e todas as perguntas que não podia fazer percorriam sua mente. Nenhuma delas transpareceu em seu rosto*.

A porta interna se abriu, e Leane apareceu sem seu cajado com chama de ouro. A Curadora das Crônicas era tão alta quanto a maioria dos homens, esbelta e graciosa, e ainda bela, com a pele acobreada e cabelos escuros e curtos. Usava uma estola azul de uma mão de largura em vez de um xale, pois tinha uma cadeira cativa no Salão da Torre, embora, como Curadora, não representasse sua Ajah.

— Aí está você — disse bruscamente para Moiraine e indicou a porta atrás de si com um gesto. — Venha, Irmã. O Trono de Amyrlin a aguarda. — Seu tom de voz naturalmente rápido e entrecortado nunca mudava, estivesse zangada, alegre ou empolgada.

Enquanto Moiraine seguia Leane, perguntou-se que emoção a Curadora estaria sentindo naquele momento. Leane fechou a porta atrás delas, batendo-a com um estrondo semelhante ao de uma porta de cela se fechando.

O Trono de Amyrlin estava sentado atrás de uma grande mesa no meio de um tapete, sobre a qual repousava um cubo achatado de ouro, ornamentado com desenhos de prata, do tamanho de um baú de viagem. A mesa era bem construída, com pernas grossas, mas parecia prestes a ceder sob um peso que dois homens fortes carregariam com dificuldade.

Ao ver o cubo dourado, Moiraine teve que se esforçar para manter a expressão imperturbável. Na última vez que o vira, ele estava trancado em segurança no cofre de Agelmar. Ao saber da chegada do Trono de Amyrlin, ela planejara lhe contar pessoalmente. O fato de o objeto já estar de posse da mulher era um detalhe, mas um detalhe preocupante. Os eventos podiam estar saindo de seu controle.

Ela fez uma mesura profunda e disse, com formalidade:

— A senhora me chamou, Mãe, e eu vim. — A Amyrlin estendeu a mão, e Moiraine beijou o anel da Grande Serpente, que não era diferente do de qualquer outra Aes Sedai. Endireitando-se, ela mudou para um tom mais natural, embora não muito. Estava ciente da Curadora em pé atrás dela, ao lado da porta. — Espero que a senhora tenha feito uma viagem agradável, Mãe.

A Amyrlin nascera em Tear, em uma família de pescadores

simples, não em uma Casa nobre, e seu nome era Siuan Sanche, embora poucos o tivessem usado, ou sequer pensado nele nos dez anos desde que ela fora nomeada. Ela era o Trono de Amyrlin, e isso era tudo. A grande estola listrada em seus ombros exibia as cores das sete Ajahs, pois a Amyrlin era de todas as Ajahs e de nenhuma. Ela tinha estatura mediana e uma beleza pouco feminina, mas seu rosto exibia uma força que estivera presente desde antes de sua nomeação; a força de uma garota que havia sobrevivido às ruas do Maule, o distrito portuário de Tear, e seu olhar azul límpido fizera reis, rainhas e até mesmo o Capitão Comandante dos Filhos da Luz baixarem os olhos. Seus olhos pareciam cansados, agora, e seus lábios estavam comprimidos, apreensivos.

— Chamamos os ventos para que acelerassem nossos navios Erinin acima, Filha, e até mesmo viramos a correnteza a nosso favor. — A voz da Amyrlin soava profunda e triste. — Vi a enchente que provocamos em aldeias ao longo do rio, e só a Luz sabe o que fizemos com o clima. Não nos tornaremos mais queridas pelo estrago que provocamos e pelas colheitas que provavelmente arruinamos. E tudo isso para chegar aqui o mais rápido possível. — Seu olhar se voltou para o ornamentado cubo de ouro, e ela fez menção de tocá-lo. Quando tornou a falar, disse: — Elaida está em Tar Valon, Filha. Ela chegou com Elayne e Gawyn.

Moiraine estava ciente de Leane em pé ao seu lado, quieta como sempre ficava na presença da Amyrlin. Mas ela as observava e ouvia com atenção.

— Estou surpresa, Mãe — respondeu, com cuidado. — Não é um bom momento para Morgase ficar sem o conselho de uma Aes Sedai.

Morgase era uma das poucas governantes a admitir que tinha uma conselheira Aes Sedai. Quase todos os governantes tinham uma, mas poucos admitiam abertamente.

— Elaida insistiu, Filha. E, rainha ou não, duvido que Morgase seja páreo para ela em uma disputa de gênios. De qualquer maneira, talvez ela não tenha desejado vencer, desta vez. Elayne tem potencial, mais do que jamais vi, e já está progredindo. As irmãs Vermelhas parecem baiacus, inchadas de orgulho. Não acho que a garota esteja inclinada à maneira de pensar delas, mas é jovem e não há como saber. Ainda que não consigam dobrá-la, não fará muita diferença. Elayne pode muito bem vir a ser a Aes Sedai mais poderosa em mil anos, e foram as Vermelhas que a encontraram. Elas ganharam muito status no Salão com a garota.

— Eu trouxe duas jovens comigo para Fal Dara, Mãe — respondeu Moiraine. — Ambas de Dois Rios, onde o sangue de Manetheren ainda corre forte, embora eles sequer se lembrem de que um dia existiu uma terra com esse nome. O sangue antigo canta, Mãe,

e canta alto em Dois Rios. Uma das moças da aldeia, Egwene tem, no mínimo, tanto potencial quanto Elayne. Eu vi a Filha-herdeira e sei disso. A outra, Nynaeve, era a Sabedoria da aldeia, embora seja pouco mais que uma garota. O fato de as mulheres de Dois Rios a terem escolhido como Sabedoria mesmo sendo tão jovem diz muito a seu respeito. Assim que aprender a controlar o que agora faz sem treinamento, seu poder brilhará como uma fogueira ao lado das velas de Elayne e Egwene. E não há chance de que venham a escolher o Vermelho. Elas se divertem e se exasperam com os homens, mas gostam deles. Anularão sem dificuldade qualquer influência que as Vermelhas ganharam na Torre Branca por terem encontrado Elayne.

A Amyrlin assentiu, como se aquilo não fosse muito importante. Moiraine ergueu as sobrancelhas, surpresa, antes de se dar conta do gesto e se recompor. Essas eram as duas preocupações principais no Salão da Torre: o fato de cada vez menos garotas que podiam ser treinadas para canalizar o Poder Único serem encontradas a cada ano, ou assim parecia, e de menos poder verdadeiro ser encontrado. Pior do que o medo dos que culpavam as Aes Sedai pela Ruptura do Mundo, pior do que o ódio dos Filhos da Luz, pior até mesmo do que as obras dos Amigos das Trevas era essa inexorável diminuição das Aes Sedai, em números e em habilidades. Os corredores da Torre Branca, que um dia estiveram lotados, tinham atualmente poucos habitantes. E o que, em tempos antigos, costumava ser feito sem problemas com o Poder Único agora era realizado com dificuldade, ou nem mesmo isso.

— Elaida tinha outro motivo para ir a Tar Valon, Filha. Ela enviou a mesma mensagem por seis pombos diferentes, para garantir que eu a receberia. E para quem mais de Tar Valon ela enviou as mensagens, só posso imaginar. Então, ela mesma veio. Disse ao Salão da Torre que você está metida com um rapaz que é *ta'veren* e perigoso. Disse que ele esteve em Caemlyn, mas, quando ficou sabendo a estalagem onde ele se hospedara, descobriu que você havia fugido com ele.

— As pessoas naquela estalagem nos serviram bem e de forma fiel, Mãe. Se ela feriu alguma… — Moiraine não conseguiu evitar acidez na voz, e ouviu Leane se mexer.

Ninguém falava com o Trono de Amyrlin daquele jeito, nem mesmo um rei em seu próprio trono.

— Você deveria saber, Filha — respondeu Amyrlin, seca — que Elaida não fere ninguém que não considera perigoso, apenas Amigos das Trevas e aqueles pobres tolos que tentam canalizar o Poder Único. Ou quem ameaça Tar Valon. Todos que não são Aes Sedai poderiam muito bem ser peças em um tabuleiro de pedras para ela. Para sua sorte, o estalajadeiro, um tal Mestre Gill, se não me engano,

aparentemente tem as Aes Sedai em alta conta, e respondeu às perguntas de forma satisfatória. Elaida falou bem dele, na verdade. Mas falou mais do rapaz que você levou consigo. Disse que é o homem mais perigoso desde Artur Asa-de-gavião. Ela tem o dom da Profecia às vezes, como você sabe, e suas palavras tiveram um grande peso no Salão.

Por causa de Leane, Moiraine se esforçou para falar com o máximo de suavidade possível. Ainda assim, sua voz não soou muito suave, mas era o melhor que podia fazer.

— Trago três rapazes comigo, Mãe, mas nenhum deles é rei. E duvido muito que algum sequer sonhe em unir o mundo sob um único governante. Ninguém compartilhou o sonho de Artur Asa-de-gavião desde a Guerra dos Cem Anos.

— Sim, Filha. Jovens aldeões, foi o que disse Lorde Agelmar. Mas um deles é *ta'veren*. — A Amyrlin voltou a encarar o cubo achatado. — E foi proposto no Salão que você deveria ser conduzida a um retiro para contemplação. Essa foi a sugestão de uma das Votantes da Ajah Verde. As outras duas concordaram quando ela falou.

Leane fez um som de nojo, ou talvez de frustração. Ela sempre se mantinha calada quando o Trono de Amyrlin falava, mas Moiraine pôde entender a pequena interrupção. A Ajah Verde havia sido aliada do Azul por mil anos: desde a época de Artur Asa-de-gavião elas falavam com uma só voz.

— Não tenho desejo algum de plantar legumes em uma aldeia remota, Mãe. — *E não plantarei, independente do que o Salão da Torre disser*.

— E foi proposto, também pelas Verdes, que seu retiro seja supervisionado pelas Vermelhas. As Votantes Vermelhas tentaram parecer surpresas, mas pareciam pássaros pescadores quando sabem que a presa está desprotegida. — A Amyrlin fungou com desdém. — As Vermelhas demonstraram relutância em aceitar a custódia de alguém que não é da Ajah delas, mas disseram que atenderiam aos desejos do Salão.

Mesmo sem querer, Moiraine estremeceu.

— Isso seria… muito desagradável, Mãe. — Seria pior que desagradável, muito pior: as Vermelhas nunca eram gentis. Ela afastou esse pensamento de lado com firmeza, decidida a se preocupar com isso depois. — Mãe, não consigo entender essa aparente aliança entre as Verdes e as Vermelhas. Suas crenças, suas atitudes em relação aos homens e suas visões acerca de nossos objetivos como Aes Sedai são completamente opostas. Uma Vermelha e uma Verde não podem sequer conversar sem terminarem aos gritos.

— As coisas mudam, Filha. Quatro das últimas cinco Amyrlin vieram das Azuis. Talvez elas achem que é um número grande demais,

ou talvez pensem que a maneira Azul de pensar não seja mais suficiente em um mundo cheio de falsos Dragões. Muitas coisas mudam depois de mil anos. — A Amyrlin pareceu amargurada, então continuou, como se falasse para si mesma: — Antigas barreiras enfraquecem e muralhas antigas caem. — Ela estremeceu, então sua voz se tornou mais firme. — Houve mais uma proposta, uma que ainda cheira a peixe de uma semana na beira do cais. Como Leane é da Ajah Azul e eu vim de lá, sugeriram que enviar duas irmãs Azuis comigo nesta jornada daria à Ajah quatro representantes. Isso foi dito no Salão, na minha cara, como se discutissem o conserto de um encanamento. Duas Irmãs Brancas se colocaram contra mim, e também duas Verdes. As Amarelas sussurraram entre si, mas não se posicionaram contra ou a favor. Se mais uma tivesse se oposto, suas irmãs Anaiya e Maigan não estariam aqui. Algumas disseram abertamente que eu não deveria sequer deixar a Torre Branca.

Aquilo era ainda mais chocante do que descobrir que a Ajah Vermelha a queria em suas mãos. Não importava de que Ajah viesse, a Curadora das Crônicas falava apenas pela Amyrlin, e a Amyrlin falava por todas as Aes Sedai e Ajahs. Sempre fora assim, e ninguém jamais sugerira o contrário, nem nos dias mais sombrios das Guerras dos Trollocs, nem quando os exércitos de Artur Asa-de-gavião sitiaram cada Aes Sedai sobrevivente dentro de Tar Valon. O Trono de Amyrlin era o Trono de Amyrlin, acima de tudo. Todas as Aes Sedai juravam obediência a ela. O que ela fazia ou aonde ia eram pontos inquestionáveis. Essa proposta ia contra três mil anos de tradição e lei.

— Quem ousaria, Mãe?

O Trono de Amyrlin soltou uma risada amarga.

— Quase todas, Filha. Há tumulto em Caemlyn. A Grande Caçada foi convocada sem que nenhuma de nós desconfiasse. Só descobrimos quando foi proclamada. Falsos Dragões estão nascendo mais do que mato depois da chuva. Nações desmoronam aos poucos, e os nobres estão mais envolvidos no Jogo das Casas do que em qualquer época desde que Artur Asa-de-gavião eliminou todas as suas tramas. E o pior de tudo: todas nós sabemos que o Tenebroso está se agitando outra vez. Mostre-me uma irmã que não pense que a Torre Branca está perdendo o controle sobre os acontecimentos, e eu posso dizer com segurança que, se não for uma Marrom, está louca. Pode restar pouco tempo para todas nós, Filha. Às vezes penso que quase consigo senti-lo diminuindo.

— Como a senhora mesma disse, Mãe, as coisas mudam. Mas ainda existem perigos piores fora das Muralhas Reluzentes do que do lado de dentro.

Por um longo instante, a Amyrlin sustentou o olhar de Moiraine. Então, assentiu, lentamente.

— Deixe-nos, Leane. Gostaria de conversar a sós com minha Filha Moiraine.

Houve apenas um instante de hesitação antes que Leane respondesse:

— Como desejar, Mãe.

Moiraine pôde sentir a surpresa da mulher. A Amyrlin concedia poucas audiências sem a presença da Curadora, e menos ainda para uma irmã que ela tinha motivos para punir.

A porta se abriu e se fechou atrás de Leane. Ela não diria uma palavra na antessala do que havia acontecido ali dentro, mas a notícia de que Moiraine estava sozinha com Amyrlin se espalharia por entre as Aes Sedai em Fal Dara como um incêndio por uma floresta seca, e logo começariam as especulações.

A Amyrlin se levantou no instante em que a porta se fechou, e Moiraine sentiu um formigamento na pele quando a mulher canalizou o Poder Único. Por um instante, o Trono de Amyrlin pareceu estar cercado por uma nuvem diáfana de luz brilhante.

— Não sei se alguma das outras tem truques como os seus — disse o Trono de Amyrlin, tocando de leve a pedra azul sobre a testa de Moiraine —, mas a maioria de nós tem alguns velhos truques que trouxe da infância. De qualquer modo, ninguém pode ouvir o que vamos falar agora.

De repente, ela avançou e abraçou Moiraine. Era um abraço caloroso entre velhas amigas, e Moiraine o retribuiu com o mesmo carinho.

— Você é a única, Moiraine, na companhia de quem consigo me lembrar de quem eu era. Até mesmo Leane age como se eu tivesse *me tornado* a estola e o cajado, mesmo quando estamos sozinhas. Como se nunca tivéssemos dado risadas juntas, quando éramos noviças. Às vezes eu gostaria que ainda fôssemos, você e eu. Que ainda fôssemos inocentes o bastante para ver tudo isso como uma história de menestrel que se realiza, inocentes o bastante para pensar que encontraríamos homens… príncipes, lembra? Bonitos, fortes e gentis? Homens que suportariam a vida ao lado de mulheres com o poder de uma Aes Sedai. Inocentes o bastante para sonhar com o final feliz de uma história de menestrel, quando viveríamos nossa vida como as outras mulheres, apenas com algo a mais.

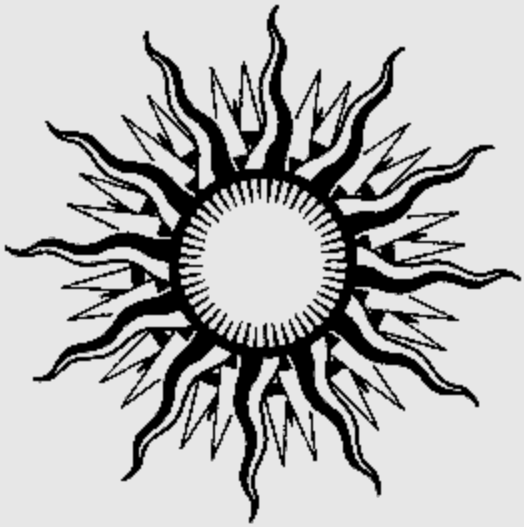
— Somos Aes Sedai, Siuan. Temos um dever. Ainda que você e eu não tivéssemos nascido para canalizar, você desistiria disso para ter um lar e um marido, mesmo que ele fosse um príncipe? Eu não acredito. Esse é o sonho de uma dona de casa de aldeia, e nem mesmo as Verdes vão tão longe.

A Amyrlin deu um passo para trás.

— Não, eu não desistiria disso. Pelo menos não na maior parte do

tempo. Mas há momentos em que invejo as donas de casa de aldeias. Neste momento, quase me sinto assim. Moiraine, se qualquer uma delas, até mesmo Leane, descobrir o que planejamos, nós duas seremos estancadas. E não posso dizer que seria sem motivo.

5



A Sombra em Shienar

Estancadas. A palavra parecia tremeluzir no ar, quase visível. Quando isso era feito a um homem capaz de canalizar o Poder e que devia ser impedido antes que a loucura o levasse à destruição de tudo ao seu redor, a prática era chamada de “amansar”, mas, para uma Aes Sedai, era “estancar”. Estancadas. Não ser mais capaz de canalizar o luxo do Poder Único. Capaz de sentir *saidar*, a metade feminina da Fonte Verdadeira, mas não ser mais capaz de tocá-la. Lembrar-se para sempre do que foi perdido. Era tão raro de acontecer que toda noviça era obrigada a aprender o nome de cada Aes Sedai que fora detida, desde a Ruptura do Mundo, e o crime pelo qual fora condenada, mas ninguém conseguia pensar naquilo sem estremecer. Mulheres reagiam ao estancamento da mesma maneira que os homens ao amansamento.

Moiraine estava ciente dos riscos desde o começo, e sabia que o que faziam era necessário, mas pensar na possível punição continuava sendo desagradável. Seus olhos se semicerraram, e apenas o brilho neles demonstrava sua raiva e preocupação.

— Leane a seguiria até as encostas de Shayol Ghul, Siuan. Até o interior do Poço da Perdição. Não imagino que ela a trairia.

— Não. Mas será que ela consideraria isso uma traição? É traição quando se trai uma traidora? Você nunca pensou nisso?

— Nunca. O que fazemos, Siuan, é o que deve ser feito. Sabemos disso há quase vinte anos. Há de ser o que a Roda tecer, e nós duas fomos escolhidas para isso pelo Padrão. Somos parte das Profecias, e elas precisam se cumprir. Precisam!

— As Profecias precisam se cumprir. Nós aprendemos que elas serão cumpridas, que devem ser. No entanto, cumpri-las é trair todo o resto que nos ensinaram. Há quem diga que fazer isso é trair tudo o que defendemos. — Esfregando os braços, o Trono de Amyrlin caminhou até a seteira e espiou o jardim abaixo. Ela tocou as cortinas. — Aqui, na ala das mulheres, penduram cortinas para dar um ar mais suave aos quartos, e também plantam belos jardins. Mas não existe um pedaço deste lugar que não tenha sido criado para a batalha, para morrer e matar — continuou, no mesmo tom pensativo. — Desde a Ruptura do Mundo, o Trono de Amyrlin foi destituído da estola e do cajado apenas duas vezes.

— Tetsuan, que traiu Manetheren por inveja dos poderes de Ellisande, e Bonwhin, que tentou usar Artur Asa-de-gavião como um fantoche para controlar o mundo e quase destruiu Tar Valon.

A Amyrlin continuou a analisar o jardim.

— Ambas eram Vermelhas, e ambas foram substituídas por Azuis. São o motivo de não haver uma Amyrlin que tenha vindo das Vermelhas desde Bonwhin, e a razão pela qual a Ajah Vermelha usará qualquer pretexto para tirar uma Amyrlin que tenha vindo da Azul. Não desejo ser a terceira a perder a estola e o cajado, Moiraine. Você, é claro seria detida e expulsa das Muralhas Reluzentes.

— Elaida, por exemplo, nunca me deixaria escapar tão facilmente. — Moiraine encarava as costas da amiga. *Luz, o que deu nela? Ela nunca agiu assim antes. Onde está sua força, seu fogo?* — Mas as coisas não chegarão a esse ponto, Siuan.

A outra prosseguiu, como se ela não tivesse falado.

— Para mim, seria diferente. Mesmo detida, uma Amyrlin que foi destituída não deve ser deixada livre, pois poderia ser vista como mártir e se tornar uma causa da oposição. Tetsuan e Bonwhin foram mantidas na Torre Branca como serviçais. Tornaram-se ajudantes na cozinha e podiam ser apontadas como exemplos do que pode acontecer aos poderosos. Ninguém luta por uma mulher que precisa lavar panelas e o chão o dia inteiro. Podem até sentir pena dela, mas não adotá-la como causa.

Com os olhos ardendo, Moiraine pousou os punhos na mesa.

— Olhe para mim, Siuan. Olhe para mim! Você está dizendo que quer desistir, depois de todos esses anos, depois de tudo o que fizemos? Desistir e deixar o mundo acabar? E tudo por medo de levar uma surra por não limpar as panelas direito?

Ela falou com todo o escárnio que conseguiu reunir e ficou aliviada quando a amiga se virou para fitá-la. A força ainda estava ali. Um pouco abatida, mas ainda ali. Aqueles olhos azuis límpidos ardiam com tanta raiva quanto os de Moiraine.

— Me lembro bem de qual de nós duas gritava mais alto quando

éramos castigadas, ainda noviças. Você levava uma vida de conforto em Cairhien, Moiraine. Não se comparava com o trabalho em um barco de pesca. — De repente, Siuan deu um tapa na mesa, provocando um estalo alto. — Não, não estou sugerindo desistir, mas também não proponho que a gente fique apenas assistindo a tudo isso escapar por entre os dedos *sem que eu possa fazer nada!* A maior parte dos meus problemas com o Salão parece vir de você. Até mesmo as Verdes se perguntam por que não a chamei até a Torre e a disciplinei. Metade das irmãs acha que você deveria ser entregue às Vermelhas e, se isso acontecer, você vai desejar ser noviça outra vez, quando não havia nada de pior a esperar do que uma surra. Luz! Se alguma delas lembrar que fomos amigas quando noviças, eu serei castigada junto com você.

"Nós tínhamos um plano! Um plano, Moiraine! Era para você encontrar o garoto e levá-lo a Tar Valon, onde poderíamos escondê-lo, mantê-lo a salvo e guiá-lo. Desde que você deixou a Torre, só enviou duas mensagens. Duas! Sinto como se estivesse tentando navegar pelas Garras do Dragão no escuro. Uma mensagem para dizer que estava chegando em Dois Rios, indo para uma aldeia chamada Campo de Emond. Em breve, pensei. Ele foi encontrado, e ela em breve o terá. Depois, notícias de Caemlyn para dizer que estavam indo a Shienar, em Fal Dara, e não a Tar Valon. Fal Dara, do lado da Praga. Fal Dara, onde Trollocs atacam e Myrddraal atravessam quase todo dia, tanto que nem faz mais diferença. Quase vinte anos de planejamento e busca, e você joga todos os planos praticamente na cara do Tenebroso. Está louca?

Como já havia reanimado a amiga, Moiraine voltou à calma exterior. Calma, sim, mas também uma firme insistência.

— O Padrão não se importa com o planejamento dos homens, Siuan. Apesar de todos os nossos esquemas, esquecemos com o que estávamos lidando. *Ta'veren*. Elaida está errada: Artur Paendrag Tanreall nunca foi um *ta'veren* tão forte. A Roda tecerá o Padrão ao redor desse rapaz do jeito que *ela* desejar, independentemente de nossos planos.

A raiva no rosto da Amyrlin foi substituída pelo choque, que a deixou pálida.

— Parece que é *você* quem está dizendo que deveríamos desistir. *Você* quem está sugerindo que cruzemos os braços e apenas observemos o mundo pegar fogo.

— Não, Siuan. Jamais, ficar de braços cruzados nunca. — *Mas o mundo vai pegar fogo, Siuan, de um jeito ou de outro, não importa o que fizermos. Você jamais conseguiria perceber isso*. — Mas agora precisamos entender que nossos planos eram precários. Temos menos controle do que achávamos. Temos apenas um controle minúsculo. Os ventos do

destino estão soprando, Siuan, e precisamos segui-los para onde nos levarem.

A Amyrlin estremeceu, como se sentisse os ventos gelados na nuca. Suas mãos foram até o cubo achatado de ouro, e os dedos curtos e capazes encontraram pontos precisos nos desenhos complexos. Com um equilíbrio muito bem calculado, a tampa se abriu para revelar uma trombeta curva de ouro, aninhada em um espaço projetado para segurá-la. Ela ergueu o instrumento e passou os dedos pela escrita prateada fluida, na Língua Antiga, gravada ao redor do pavilhão largo.

— "O túmulo não é limite para o meu chamado" — traduziu, em uma voz tão baixa que parecia estar falando sozinha. — A Trombeta de Valere, criada para convocar heróis de volta do túmulo. E a profecia diz que ela só seria encontrada às vésperas da Última Batalha. — De repente, ela enfiou a Trombeta de volta em seu nicho e fechou a tampa, como se não pudesse mais suportar olhá-la. — Agelmar a colocou em minhas mãos assim que as Boas-Vindas acabaram. Ele falou que tinha medo de entrar em seu próprio cofre com isso lá dentro. A tentação era grande demais, segundo ele. A tentação de ele mesmo soar a Trombeta e liderar a horda que responderia a seu chamado para o norte, para atacar a Praga, para devastar o próprio Shayol Ghul e derrotar o Tenebroso. Sua mente ardia com o êxtase da glória, e foi isso, disse, que lhe fez perceber que não, ela não era dele, não deveria ser dele. Ele mal conseguia esperar para se livrar da Trombeta, embora ainda quisesse ficar com ela.

Moiraine assentiu. Agelmar conhecia a Profecia da Trombeta. A maioria dos que combatiam o Tenebroso a conhecia.

— "Que aquele que me soar não pense na glória, apenas na salvação!"

— Salvação. — A Amyrlin deu uma risada amarga. — Pela expressão nos olhos de Agelmar, o homem não sabia se estava abrindo mão da salvação ou evitando a condenação da própria alma. Só sabia que precisava se livrar dela antes que o consumisse. Ele tem tentado mantê-la em segredo, mas diz que já circulam rumores na fortaleza. Eu não sinto a mesma tentação que ele, mas a Trombeta, ainda assim, me dá arrepios. Ele vai ter que deixá-la em seu cofre forte até eu partir. Eu não conseguiria dormir com isso nem mesmo no quarto ao lado. — Ela esfregou as rugas de preocupação na testa e soltou um suspiro. — E isso não deveria ser encontrado até as vésperas da Última Batalha. Será que estamos tão perto dela? Eu achava, esperava, que tivéssemos mais tempo.

— *O Ciclo de Karaethon*.

— Sim, Moiraine. Você não precisa me lembrar. Vivi com as Profecias do Dragão por tanto tempo quanto você. — A Amyrlin sacudiu a cabeça. — Nunca houve mais do que um falso Dragão por

geração desde a Ruptura, e agora há três soltos no mundo de uma só vez, e tivemos outros três nos últimos dois anos. O Padrão exige um Dragão, porque o Padrão é tecido rumo a Tarmon Gai'don. Às vezes eu tenho dúvidas, Moiraine — continuou ela, pensativa, como se estivesse se questionando a respeito. — E se Logain fosse o Dragão? Ele conseguia canalizar, antes que as Vermelhas o levassem para a Torre Branca para o amansamento. Mazrim Taim, o homem de Saldaea, também pode. E se for ele? Já temos irmãs em Saldaea, ele já deve ter sido capturado a essa altura. E se estivemos erradas desde o começo? O que acontecerá se o Dragão Renascido for amansado antes da Última Batalha? Até mesmo a profecia pode falhar se o profetizado for morto ou amansado. E então enfrentaremos o Tenebroso nuas, na tempestade.

— Nenhum deles é o verdadeiro, Siuan. O Padrão não exige *um* Dragão, mas o único e verdadeiro Dragão. Até ele se proclamar, o Padrão continuará a produzir falsos Dragões, mas, depois dele, não haverá outros. Se Logain ou o outro fosse o verdadeiro, não haveria outros.

— "Pois ele virá, como a aurora que rompe o dia, e despedaçará o mundo outra vez com sua vinda, e o deixará como novo." — Ou saímos nus na tempestade ou nos agarramos a uma proteção que vai nos arrasar. Que a Luz nos ajude! — A Amyrlin balançou a cabeça, como se quisesse se livrar de suas próprias palavras. Seu rosto estava firme, como se ela se preparasse para receber um golpe. — Você nunca conseguiu esconder o que pensa de mim, como faz com todos, Moiraine. Você tem mais coisas a dizer, e nenhuma delas é boa.

Como resposta, Moiraine pegou a bolsinha de couro em seu cinturão e entornou seu conteúdo na mesa. Parecia ser apenas uma pilha de cacos de cerâmica, diversas lascas pretas e brancas reluzentes.

O Trono de Amyrlin tocou um dos cacos com curiosidade, então perdeu o fôlego.

— *Cuendillar*.

— Pedra-do-coração — concordou Moiraine. Os conhecimentos de como produzir *cuendillar* haviam se perdido com a Ruptura do Mundo, mas o material existente havia sobrevivido ao cataclisma. Mesmo os objetos engolidos pela terra ou que foram parar no fundo do mar tinham sobrevivido, deviam ter sobrevivido. Depois que a *cuendillar* ficava pronta, nenhuma força conhecida podia quebrá-la. Mesmo o Poder Único só a tornava mais forte. Só que algum poder *havia quebrado* aquela.

A Amyrlin juntou os cacos depressa. Eles formavam um disco do tamanho da mão de um homem, metade mais negra que piche e metade mais branca que a neve, e as cores se encontravam ao longo de uma linha sinuosa, intocada pela passagem do tempo. O antigo

símbolo Aes Sedai, de antes da Ruptura, quando homens e mulheres detinham o Poder juntos. Metade dele, agora, era chamado de Chama de Tar Valon. A outra metade era pintada em portas, a Presa do Dragão, para acusar os moradores de praticar o mal. Apenas sete dessas foram feitas — tudo o que já havia sido feito com pedra-do-coração estava registrado na Torre Branca —, e essas sete eram lembradas acima de tudo. Siuan Sanche olhava para aquele disco como olharia para uma víbora em seu travesseiro.

— Um dos selos da prisão do Tenebroso — disse por fim, relutante. Era um dos sete selos que o Trono de Amyrlin deveria vigiar. Mas o segredo mais bem escondido, do qual o mundo mal se lembrava, era que nenhuma Amyrlin sabia do paradeiro dos selos desde a Guerra dos Trollocs.

— Sabemos que o Tenebroso está agitado, Siuan. Sabemos que a prisão dele não pode permanecer selada para sempre: o trabalho dos homens não pode jamais se comparar ao do Criador. Sabemos que ele tocou o mundo outra vez, ainda que, graças à Luz, apenas de forma indireta. Amigos das Trevas se multiplicam, e o que chamávamos de mal há apenas dez anos não é nada comparado ao que hoje é feito todos os dias.

— Se os selos já estão se rompendo… Pode ser que não tenhamos mais tempo.

— Temos muito pouco tempo. Mas esse pouco pode ser o suficiente. Vai ter que ser.

A Amyrlin tocou os cacos do selo e disse, com a garganta apertada, como se estivesse se forçando a falar.

— Sabe, eu vi o garoto no pátio durante as Boas-Vindas. Detectar *ta'veren* é um de meus Talentos. Um Talento raro hoje em dia, ainda mais raro do que *ta'veren*, e certamente não é muito útil. Um garoto alto, um jovem bem bonito. Não muito diferente de qualquer rapaz que se vê em algum vilarejo por aí. — Ela parou para recuperar o fôlego. — Moiraine, ele brilhava como o sol. Raras vezes tive medo em minha vida, mas vê-lo me deixou completamente apavorada. Quis me encolher, uivar. Mal conseguia falar. Agelmar achou que eu estava zangada com ele, de tão pouco que falei. Aquele jovem… É ele que temos procurado pelos últimos vinte anos.

Havia um vestígio de questionamento em sua voz. Moiraine respondeu:

— É ele.

— Tem certeza? Ele consegue… Ele consegue… canalizar o Poder Único?

Ela teve dificuldade de formar as palavras, e Moiraine também sentiu a tensão, algo que se retorcia por dentro, uma mão fria agarrando seu coração. Mas manteve o rosto inexpressivo.

— Ele consegue. — Um homem capaz de canalizar o Poder Único: algo que nenhuma Aes Sedai conseguia contemplar sem medo. Algo que o mundo inteiro temia. *E eu vou soltá-lo no mundo*. — Rand al'Thor surgirá diante do mundo como o Dragão Renascido.

A Amyrlin estremeceu.

— Rand al'Thor. Não é um nome que pareça destinado a inspirar medo e incendiar o mundo. — Ela estremeceu outra vez e esfregou os braços bem rápido, mas seus olhos brilharam com a luz de quem tem um objetivo a cumprir. — Se ele é o Dragão, então acho que realmente temos tempo o bastante. Mas ele está a salvo aqui? Trouxe comigo duas irmãs Vermelhas, e não posso mais responder pelas Verdes ou pelas Amarelas. Que a Luz me consuma, pois não posso responder por nenhuma delas! Não com isso. Até mesmo Verin e Serafelle pulariam em cima dele como se ele fosse uma víbora escarlate em um berçário.

— Por ora, ele está seguro.

A Amyrlin permaneceu calada, esperando que ela continuasse. O silêncio se estendeu, até ficar claro que ela não falaria mais nada. Por fim, a Amyrlin falou:

— Você disse que nosso velho plano é inútil. O que sugere agora?

— Eu o deixei pensar que não tenho mais interesse nele, que por mim ele pode ir aonde quiser. — Ela ergueu as mãos quando a Amyrlin abriu a boca. — Foi necessário, Siuan. Rand al'Thor foi criado em Dois Rios, onde o sangue teimoso de Manetheren corre em cada veia. E seu próprio sangue é como pedra sobre barro, se comparado ao sangue de Manetheren. Devemos lidar com ele gentilmente, ou o garoto sairá em disparada em qualquer direção, menos aquela que queremos.

— Então vamos tratá-lo como um bebê recém-nascido. Vamos enrolá-lo em mantas e brincar com seus dedinhos, se é isso que você acha que precisamos fazer. Mas com que objetivo imediato?

— Seus dois amigos, Matrim Cauthon e Perrin Aybara, estão prontos para ver o mundo antes de voltarem à obscuridade de Dois Rios. Se é que vão poder voltar, pois também são *ta'veren*, ainda que menos do que Rand. Vou convencê-los a levar a Trombeta de Valere para Illian. — Ela hesitou, franzindo a testa. — Tem um… um problema com Mat. Ele traz consigo uma adaga de Shadar Logoth.

— Shadar Logoth! Luz, por que você os deixou chegar perto daquele lugar? Cada pedra é maculada. Que Luz nos ajude, se Mordeth tocou o garoto… — A voz da Amyrlin soava estrangulada. — Se isso acontecesse, o mundo estaria condenado.

— Mas não aconteceu, Siuan. Sempre fazemos o que é preciso, e foi preciso. Eu fiz o bastante para que Mat não contaminasse os demais, mas ele ficou muito tempo com a adaga antes que eu

descobrisse. O elo ainda está ali. Tinha pensado em levá-lo a Tar Valon para curá-lo, mas, com tantas irmãs presentes, isso pode ser feito aqui. Contanto que existam algumas que você possa confiar que não verão Amigos das Trevas onde não existem. Você, eu e duas outras seremos o suficiente, se usarmos meu *angreal*.

— Leane pode ser uma delas, e eu consigo encontrar outra. — De repente, o Trono de Amyrlin deu um sorriso irônico. — O Salão quer esse *angreal* de volta, Moiraine. Não restaram muitos, e você agora… não é considerada confiável.

O sorriso Moiraine não alcançou seus olhos.

— Elas pensarão coisas ainda piores de mim antes que eu termine. Mat vai se agarrar com unhas e dentes à oportunidade de desempenhar um papel tão importante na lenda da Trombeta, e não deve ser muito di ícil convencer Perrin. Ele precisa de alguma coisa para distraí-lo de seus problemas. Rand sabe o que é, pelo menos em parte, e tem medo disso, naturalmente. Ele quer ir para algum lugar sozinho, onde não possa ferir ninguém. Diz que nunca mais usará o Poder, mas tem medo de não ser capaz de impedir que isso aconteça.

— Como se ele pudesse! É mais fácil desistir de beber água.

— Exatamente. E ele quer se livrar das Aes Sedai. — Moiraine deu um sorriso triste. — Se lhe oferecerem a chance de deixar as Aes Sedai para trás e ficar com seus amigos mais um pouco, ele deve ficar tão ansioso quanto Mat.

— Mas como ele deixará as Aes Sedai para trás? Decerto, você deve viajar com ele. Não podemos perdê-lo agora, Moiraine.

— Eu não posso viajar com ele. — *É um longo caminho de Fal Dara a Illian, mas ele já viajou quase essa distância*. — Ele precisa ser deixado sem o cabresto por algum tempo. É inevitável. Mandei queimar todas as roupas velhas deles, já houve oportunidades demais para que algum vestígio do que eles vestiam cair em mãos erradas. Vou purificá-los antes de partirem, e eles nem perceberão. Não haverá como serem rastreados assim, e a única outra ameaça do tipo está trancafiada aqui no calabouço. — A Amyrlin, prestes a assentir em aprovação, lançou um olhar interrogativo, mas não interrompeu o gesto. — Eles viajarão do modo mais seguro que eu puder garantir, Siuan. E, quando Rand precisar de mim em Illian, estarei lá e cuidarei para que seja ele quem apresente a Trombeta ao Conselho dos Nove e à Assembleia. Eu cuidarei de tudo em Illian. Siuan, os illianenses seguiriam o Dragão, ou o próprio Ba'alzamon, se ele chegasse com a Trombeta de Valere, e a maior parte dos que se reuniram para a Grande Caçada faria o mesmo. O verdadeiro Dragão Renascido não vai precisar reunir seguidores antes que as nações se movam contra ele. Ele começará com uma nação ao seu lado e um exército às suas costas.

A Amyrlin voltou a se recostar na cadeira, mas imediatamente se

inclinou para a frente. Ela parecia dividida entre o cansaço e a esperança.

— Mas ele *vai* se proclamar? Se tiver medo… A Luz sabe que ele deveria ter medo, Moiraine. Os homens que se autointitulam Dragão *querem* o poder. Se ele não quer…

— Eu tenho meios de fazer com que ele seja nomeado Dragão, querendo ou não. E, mesmo que eu fracasse, o próprio Padrão fará com que ele seja nomeado Dragão, querendo ou não. Lembre-se: ele é *ta'veren*, Siuan. Não tem mais controle sobre seu destino do que um pavio de vela tem sobre a chama.

A Amyrlin suspirou.

— É um plano arriscado, Moiraine. Arriscado. Mas meu pai costumava dizer: "Garota, se você não se arriscar, nunca vai ganhar uns cobres." Temos preparativos a fazer. Sente-se, isso não será rápido. Vou mandar trazer vinho e queijo.

Moiraine balançou a cabeça.

— Já ficamos fechadas sozinhas por tempo demais. Se alguém tentou ouvir e descobriu seu Selo de Proteção, já deve estar imaginando coisas. Não vale o risco. Podemos nos reunir outra vez amanhã. — *Além disso, minha querida amiga, não posso lhe contar tudo, nem correr o risco de deixar você perceber que estou escondendo algo*.

— Suponho que tenha razão. Mas, logo de manhã cedo, há muito o que preciso saber.

— De manhã — concordou Moiraine. A Amyrlin se levantou, e elas se abraçaram outra vez. — Pela manhã eu lhe contarei tudo o que você precisa saber.

Quando Moiraine entrou na antessala, Leane lhe lançou um olhar severo e logo disparou para a sala da Amyrlin. Moiraine tentou exibir uma expressão abatida, como se tivesse acabado de enfrentar uma das famosas broncas da Amyrlin. A maioria das mulheres, por mais fortes que fossem, voltava dessas reuniões de olhos arregalados e pernas bambas, mas a expressão não lhe era natural. Parecia mais zangada do que qualquer coisa, o que também servia ao objetivo. Estava apenas vagamente ciente das outras mulheres no aposento externo e achou que algumas deviam ter partido e outras chegado desde que ela entrara, mas mal olhou para elas. Estava ficando tarde e havia muito a ser feito antes da manhã seguinte. Muito a ser feito antes de falar com o Trono de Amyrlin outra vez.

Apressando o passo, ela avançou ainda mais para o interior da fortaleza.

A coluna teria sido uma visão impressionante sob a lua crescente, avançando pela noite de Tarabon sob o chacoalhar de arreios, caso houvesse alguém ali para ver. Dois mil Filhos da Luz a cavalo,

vestindo tabardos e mantos brancos e com armaduras bem polidas, acompanhados pela fileira de vagões de suprimentos, ferradores de cavalos e cavalariços conduzindo as montarias de reserva. Havia algumas aldeias naquele território de florestas esparsas, mas eles haviam deixado as estradas de lado e se mantido distantes até mesmo de pequenas fazendas. Precisavam encontrar… alguém… em uma aldeia minúscula perto da fronteira norte de Tarabon, na borda da Planície de Almoth.

Geofram Bornhald, cavalgando à frente de seus homens, se perguntava a razão de tudo aquilo. Ele se lembrava bem demais de sua conversa com Pedron Niall, Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz, em Amador, mas não descobrira muito.

— Estamos a sós, Geofram — dissera o homem de cabelos brancos. Sua voz soava fraca e aguda por conta da idade. — Eu me lembro de ter feito o juramento… há… deve fazer trinta e seis anos.

Bornhald se endireitou.

— Meu Senhor Capitão Comandante, posso perguntar por que fui ordenado a deixar Caemlyn com tamanha urgência? Com apenas um empurrão, Morgase poderia ter sido derrubada. Algumas Casas em Andor encaram a relação com Tar Valon da mesma forma que nós, e estavam prontas para reivindicar o trono. Passei o comando para Eamon Valda, mas ele parecia decidido a acompanhar a Filha-herdeira até Tar Valon. Não ficaria surpreso se descobrisse que ele sequestrou a garota, ou até mesmo que atacou Tar Valon.

E Dain, filho de Bornhald, chegara pouco antes do pai ser convocado. Dain era zeloso. Zeloso até demais, às vezes. O suficiente para seguir Valda cegamente.

— Valda caminha na Luz, Geofram. Mas você é o melhor comandante de batalha entre os Filhos. Você reunirá uma legião completa, com os melhores homens que puder encontrar, e vai conduzi-la a Tarabon evitando quaisquer olhares acompanhados de uma língua capaz de contar o que viram. Qualquer língua deverá ser silenciada, se os olhos que a acompanham os virem."

Bornhald hesitou. Cinquenta Filhos juntos, ou mesmo cem, poderiam entrar em qualquer terra sem levantar suspeitas, pelo menos sem levantar suspeitas declaradas, mas uma legião inteira…

— Estamos em guerra, meu Senhor Capitão Comandante? Há boatos nas ruas. Rumores exagerados, em sua maioria, sobre os exércitos de Artur Asa- de-gavião terem retornado — O velho não respondeu. — O rei…

— Não dá ordens aos Filhos, Senhor Capitão Bornhald. — Pela primeira vez, a voz do Capitão Comandante tinha um tom agressivo. — Eu dou. Deixe o rei ficar sentado em seu palácio e fazer o que faz de melhor: nada. Você deve ir a uma aldeia chamada Alcruna, onde receberá ordens. Sua legião deve partir em três dias. Agora vá, Geofram. Você tem trabalho

a fazer.

Bornhald franziu a testa.

— Perdão, meu Senhor Capitão Comandante, mas quem devo encontrar? Por que estou arriscando uma guerra contra Tarabon?

— O que você deve saber será explicado quando chegar a Alcruna. — O Capitão Comandante de repente pareceu mais velho do que era. Distraído, puxava sua túnica branca com o grande sol dourado dos Filhos bordado no peito. — Existem forças além das que você conhece, Geofram. Além do que sequer pode *conhecer. Escolha seus homens depressa. Agora vá. Não me pergunte mais nada. E que a Luz cavalgue com você*.

Agora Bornhald se endireitava em sua sela, tentando desfazer um mau jeito nas costas. *Estou ficando velho*, pensou. Um dia e uma noite na sela, com duas pausas para dar água aos cavalos, e ele estava ciente de cada fio de cabelo grisalho em sua cabeça. Não teria se incomodado alguns anos antes. *Pelo menos não matei nenhum inocente* . Ele podia ser tão duro com os Amigos das Trevas quanto qualquer homem que jurou obediência à Luz, pois Amigos das Trevas devem ser destruídos antes que consigam arrastar o mundo inteiro para a Sombra, mas primeiro precisava ter certeza de que eram *mesmo* Amigos das Trevas. Tinha sido di ícil evitar olhos do povo de Tarabon com tantos homens, mesmo na área rural, mas ele conseguira. Nenhuma língua precisou ser silenciada.

Os batedores que enviara a cavalo voltaram, seguidos por mais homens em mantos brancos, alguns carregando tochas para arruinar a visão noturna de todos os que estavam à frente da coluna. Resmungando impropérios, Bornhald ordenou que parassem enquanto analisava os homens que vinham em sua direção.

Os mantos deles traziam no peito o mesmo símbolo de sol dourado que o seu, o mesmo de todo Filho da Luz, e o líder tinha até um emblema indicando seu posto equivalente ao de Bornhald, abaixo do sol. Mas, atrás do sol, havia cajados vermelhos de pastor. Os Questionadores. Com ferros quentes, pinças e gotas de água, os Questionadores arrancavam confissões e arrependimento de Amigos das Trevas, mas havia quem dissesse que eles decidiam quem era culpado antes mesmo de começarem. Geofram Bornhald era um dos que diziam isso.

Eu fui enviado para cá a fim de encontrar os Questionadores?

— Nós o esperávamos, Senhor Capitão Bornhald — falou o líder com uma voz rouca. Era um homem alto, de nariz aquilino, com um brilho de certeza no olhar comum a todos os Questionadores. — Vocês podiam ter vindo mais rápido. Eu sou Einor Saren, segundo de Jaichim Carridin, que comanda a Mão da Luz em Tarabon. — A Mão da Luz, a Mão que desenterrava a verdade, assim diziam. Eles não gostavam do nome “Questionadores”. — Há uma ponte na aldeia,

mande seus homens a atravessarem. Vamos conversar na estalagem, é surpreendentemente confortável.

— O Senhor Capitão Comandante em pessoa me disse para evitar todos os olhares.

— A aldeia foi… paci ficada. Agora leve seus homens. Quem comanda agora sou *eu*, e tenho ordens com o selo do Senhor Capitão Comandante, se duvida.

Bornhald suprimiu o grunhido que surgiu em sua garganta. Paci ficada. Ele se perguntou se os corpos haviam sido empilhados do lado de fora da aldeia ou jogados no rio. Era típico dos Questionadores, frios o bastante para matar toda uma aldeia apenas para assegurar sigilo, e ao mesmo tempo burros o bastante para atirar os corpos no rio, que desceriam com a corrente e alardeariam o feito de Alcruna a Tanchico.

— Eu me pergunto por que vim a Tarabon com dois mil homens, Questionador.

O rosto de Saren se enrijeceu, mas sua voz permaneceu dura e exigente.

— É simples, Senhor Capitão. Existem aldeias e vilarejos ao longo da Planície de Almoth sem nenhuma autoridade acima de prefeito ou de conselheiro da cidade. Já passou da hora de eles serem trazidos à Luz. Deve haver muitos Amigos das Trevas nesses lugares.

O cavalo de Bornhald quase escoiceou.

— Está me dizendo, Saren, que eu fiz uma legião inteira atravessar a maior parte de Tarabon em segredo apenas para arrancar uns poucos Amigos das Trevas de aldeotas empoeiradas?

— Você está aqui para fazer o que for mandado, Bornhald. Para fazer o trabalho da Luz! Ou está se afastando da Luz? — O sorriso de Saren mais parecia uma careta de desaprovação. — Se o que você busca é uma batalha, pode ser que tenha uma chance. Estrangeiros têm uma grande força na Ponta de Toman, mais do que Tarabon e Arad Doman juntas seriam capazes de conter, ainda que conseguissem parar de brigar entre si por tempo suficiente para unirem forças. Se os estrangeiros invadirem, você terá toda a luta que quiser. Os tarabonianos a firmam que os estrangeiros são monstros, criaturas do Tenebroso. Uns dizem que eles têm Aes Sedai a seu lado. Se *forem* Amigos das Trevas, esses estrangeiros, teremos de lidar com eles também. Tudo a seu tempo.

Por um momento, Bornhald perdeu o fôlego.

— Então, os rumores são verdadeiros, os exércitos de Artur Asa-de-gavião retornaram.

— São estrangeiros — corrigiu Saren, em um tom neutro. Soava arrependido de tê-los mencionado. — Estrangeiros e, provavelmente, Amigos das Trevas, de onde quer que tenham vindo. Isso é tudo o que

sabemos e tudo o que você precisa saber. Eles não lhe interessam agora. Estamos perdendo tempo. Mande seus homens atravessarem o rio, Bornhald. Eu lhe darei ordens na aldeia.

Ele virou seu cavalo e galopou de volta por onde viera, com os tocheiros o seguindo de perto.

Bornhald fechou os olhos para apressar o retorno da visão noturna. *Estão nos usando como peças em um tabuleiro*.

— Byar! — Ele abriu os olhos quando seu segundo em comando se aproximou, aprumando-se na sela ao parar diante do Senhor Capitão. O homem de rosto magro tinha um brilho nos olhos quase igual ao do Questionador, mas não deixava de ser um bom soldado. — Há uma ponte adiante. Conduza a legião por ela, atravesse o rio e monte acampamento do outro lado. Eu me juntarei a vocês assim que for possível.

Pegou as rédeas e cavalgou na direção que o Questionador fora. *Peças de um tabuleiro. Mas quem nos move? E por quê?*

As sombras da tarde deram lugar ao cair da noite enquanto Liandrin se dirigia aos aposentos das mulheres. Atrás das seteiras, a escuridão se intensificava e parecia avançar contra a luz dos lampiões no corredor. O crepúsculo era um momento perturbador para Liandrin nos últimos tempos. O crepúsculo e o amanhecer. No amanhecer, o dia nascia, assim como no crepúsculo a noite vinha ao mundo; mas, ao amanhecer, a noite morria, e no crepúsculo morria o dia. O poder do Tenebroso tinha origem na morte e, naquelas horas, a mulher julgava poder senti-lo se agitando. Algo se agitava na escuridão parcial, pelo menos. Algo que ela achou que quase conseguiria vislumbrar caso se virasse rápido o bastante, algo que estava certa de que poderia ver se prestasse atenção suficiente.

Serviçais vestidas de preto e dourado paravam e lhe faziam mesuras quando ela passava, mas ela as ignorava. Mantinha os olhos fixos à frente e não as via.

Ao chegar à porta que procurava, hesitou e olhou rapidamente para os dois lados do corredor. As únicas mulheres à vista eram serviçais. Não havia homens, é claro. Ela abriu a porta à frente e entrou sem bater.

Os aposentos externos ao quarto de Lady Amalisa estavam bem iluminados, e um fogo alto na lareira afastava o frio das noites shienaranas. Amalisa e suas damas estavam sentadas em cadeiras e no chão, acomodadas em tapetes, ouvindo uma delas que, de pé, lia em voz alta para as outras. Era *A Dança do Falcão e do Beija-Flor*, de Teven Aewrin, que tinha o propósito de ensinar a conduta adequada dos homens com as mulheres e das mulheres com os homens. Lisandrin comprimiu os lábios: ela certamente não lera aquele texto, mas já

ouvira tudo o que precisava a respeito. Amalisa e suas damas pontuavam cada frase com uma onda de risadas, caindo umas por cima das outras e batendo os saltos dos sapatos nos tapetes, como menininhas.

A dama que estava lendo foi a primeira a se dar conta da presença de Liandrin. Parou de falar e arregalou os olhos, surpresa. As outras se voltaram para ver para o que ela estava olhando, e as risadas foram substituídas pelo silêncio. Todas menos Amalisa se levantaram depressa, ajeitando os cabelos e as saias.

Lady Amalisa se levantou com graça, sorrindo.

— Sua presença nos honra, Liandrin. É uma surpresa muito agradável. Não a esperava até amanhã. Achei que iria querer descansar depois de sua longa jor…

Liandrin a interrompeu bruscamente, fitando o vazio.

— Conversarei a sós com Lady Amalisa. Vocês devem sair agora, todas.

Houve um momento de silêncio chocado, então as outras mulheres se despediram de Amalisa. Uma a uma, fizeram suas mesuras para Liandrin, que nem se dignou a responder. Continuava a olhar para o nada à sua frente, mas as via e ouvia. Suas vozes ofegantes e apreensivas pelo estado de espírito da Aes Sedai usavam títulos honorí icos. As mulheres baixavam os olhos quando eram ignoradas. Elas passaram por Liandrin para chegar à porta, afastando-se desajeitadas para que suas saias não esbarrassem nas dela.

Quando a porta se fechou atrás da última mulher, Amalisa falou:

— Liandrin, eu não estou enten…

— Você caminha na Luz, minha ilha? — Nada daquela bobagem de chamá-la de Irmã, ali. A outra mulher era poucos anos mais velha, mas os modos antigos seriam respeitados: não importava há quanto tempo tivessem sido esquecidos, estava na hora de serem lembrados.

Entretanto, assim que a pergunta saiu de sua boca, Liandrin percebeu que havia cometido um erro. Era uma pergunta que decerto causaria dúvida e ansiedade por vir de uma Aes Sedai, mas Amalisa endireitou as costas, e seu rosto se enrijeceu.

— Isto é um insulto, Liandrin Sedai. Eu sou shienarana, venho de uma Casa nobre com o sangue de soldados. Minha linhagem combatia a Sombra mesmo antes de Shienar *existir*, por três mil anos, sem falhar e sem fraquejar nem um só momento.

Liandrin mudou sua tática de ataque, mas não recuou. Atravessou o aposento, pegou o exemplar de capa de couro de *A Dança do Falcão e do Beija-Flor* que estava sobre o mantel da lareira e o levantou sem olhar.

— Em Shienar, ainda mais do que em outras terras, minha ilha, a Luz deve ser preciosa, e a Sombra, temida. — Com grande

naturalidade, ela atirou o livro no fogo. Chamas o consumiram como se fosse uma tora de pinheiro, ardendo ruidosamente até o topo da chaminé. No mesmo instante, cada lampião no aposento brilhou mais forte, sibilando, queimando com tamanha intensidade que a câmara ficou inundada de luz. — Aqui, mais do que em qualquer lugar. Aqui, tão perto da Praga amaldiçoada, onde a corrupção está à espreita. Aqui, até quem pensa andar na Luz pode ser corrompido pela Sombra.

Gotas de suor reluziam na testa de Amalisa. A mão que ela erguera em protesto pela perda do livro caiu ao lado do corpo, devagar. Sua expressão ainda estava firme, mas Liandrin percebeu que ela engoliu em seco e mexeu os pés.

— Não estou entendendo, Liandrin Sedai. É por causa do livro? É só uma tolice!

Havia um leve tremor em sua voz. *Ótimo*. As capas de vidro dos lampiões racharam quando as chamas aumentaram ainda mais, banhando o aposento com uma luminosidade tão intensa quanto se estivesse sob o sol de meio-dia. Amalisa permaneceu rígida como um poste, com o rosto duro, tentando manter os olhos abertos mesmo com a claridade.

— Você é que é tola, minha ilha. Não me importo com livros. Aqui, homens entram na Praga e caminham na mácula. Na própria Sombra. Por que se espantar ao saber que a mácula pode se insinuar neles? Contra sua vontade ou não, pode acontecer. Por que acha que o Trono de Amyrlin em pessoa veio?

— Não — protestou ela, com a voz estrangulada.

— Eu sou Vermelha, minha filha — continuou Liandrin, implacável. — Eu caço todos os homens corrompidos.

— Não estou entendendo.

— Não caço apenas os conspurcados que canalizam o Poder Único; todos os homens corrompidos. Em todos os níveis, eu os caço, dos maiores aos menores.

— Eu não… — Amalisa umedeceu os lábios, insegura, e se esforçou visivelmente para se conter. — Não estou entendendo, Liandrin Sedai. Por favor…

— Especialmente os maiores.

— Não! — Como se algum apoio invisível tivesse desaparecido, Amalisa caiu de joelhos, e sua cabeça abaixou. — Por favor, Liandrin Sedai, diga que não está falando de Agelmar. Não pode ser ele.

Naquele momento de dúvida e confusão, Liandrin fez sua investida. Ela não se moveu, mas atacou com o Poder Único. Amalisa arfou e se sobressaltou como se tivesse sido picada por uma agulha, e a boca petulante de Liandrin se retorceu em um sorriso.

Esse era seu truque especial, desde a infância, a primeira habilidade que havia aprendido. Ela fora proibida de usá-la assim que

a Mestra das Noviças descobriu, porém, para Liandrin, aquilo era apenas mais uma coisa que precisava esconder de quem a invejava.

Ela avançou e segurou o queixo de Amalisa, erguendo-o. O metal que a enrijecera ainda estava ali, mas agora inferior, maleável às pressões certas. Lágrimas escorriam dos cantos dos olhos da outra mulher, reluzindo em suas bochechas. Liandrin deixou a intensidade dos fogos voltar ao normal, não havia mais necessidade daquilo. Ela suavizou suas palavras, mas sua voz ainda era tão implacável quanto aço.

— Ninguém quer ver você e Agelmar entregues ao povo como os Amigos das Trevas, Filha. Vou ajudá-la, mas você precisa me ajudar.

— A-ajudar você? — Amalisa levou as mãos às têmporas, confusa. — Por favor, Liandrin Sedai. Eu não… Não estou entendendo. É tudo tão… Tão…

O resultado não era perfeito, Liandrin não conseguia forçar ninguém a fazer sua vontade, embora tivesse tentado; ah, como havia tentado! Mas ela podia deixar as pessoas mais suscetíveis a seus argumentos, fazer com que quisessem acreditar nela, que quisessem mais do que tudo ser convencidas de que tinha razão.

— Obedeça, ilha. Obedeça e fale a verdade, e eu lhe prometo que ninguém chamará você ou Agelmar de Amigos das Trevas. Vocês não serão arrastados nus pelas ruas, chicoteados até saírem da cidade, caso as pessoas ainda não os tenham feito em pedaços. Eu não deixarei isso acontecer. Entendeu?

— Entendi, Liandrin Sedai, entendi. Eu farei como você diz e falarei a verdade.

Liandrin se endireitou, olhando para a mulher abaixo. Lady Amalisa ficou onde estava, ajoelhada, com o rosto como o de uma criança que esperava ser consolada e ajudada por alguém mais sábio e mais forte. Para Liandrin, havia algo de certeza naquela visão. Ela nunca compreendera por que bastava se curvar ou fazer uma mesura para as Aes Sedai quando homens e mulheres se ajoelhavam para reis e rainhas. *Que rainha tem meu poder dentro de si?* Ela apertou os lábios, zangada, e Amalisa estremeceu.

— Fique tranquila, minha ilha. Vim ajudá-la, e não puni-la. Apenas aqueles que merecem serão punidos. Somente a verdade, fale para mim.

— Eu falarei, Liandrin Sedai. Eu falarei, juro pela minha Casa e pela minha honra.

— Moiraine veio a Fal Dara com um Amigo das Trevas.

Amalisa estava apavorada demais para demonstrar surpresa.

— Ah, não, Liandrin Sedai. Não. Aquele homem chegou depois. Ele está nos calabouços, agora.

— Depois, diz você. Mas é verdade que ela conversa com ele com

frequência? Ela ica na companhia desse Amigo das Trevas com frequência? Sozinha?

— Às v-vezes, Liandrin Sedai. Só às vezes. Ela quer descobrir por que ele veio para cá. Moiraine Sedai é…

Liandrin levantou a mão bruscamente, e Amalisa engoliu o que ia dizer.

— Três rapazes eram a companhia de Moiraine, isso eu *sei*. Onde estão? Estive em seus quartos e não os encontrei.

— Eu… eu não sei, Liandrin Sedai. Parecem bons garotos. Não pode achar que sejam Amigos das Trevas.

— Amigos das Trevas, não. Pior. Bem mais perigosos que Amigos das Trevas, minha ilha. Por causa deles o mundo inteiro está em perigo. Eles precisam ser encontrados. Você ordenará seus serviçais a vasculharem a fortaleza, e também suas damas. Até você participará da busca. Olharão em cada canto. Você cuidará pessoalmente disso. Pessoalmente! E a ninguém contará, a não ser que eu autorize. Ninguém mais pode saber. Ninguém. Devem sair de Fal Dara em segredo, esses rapazes, e ir para Tar Valon. Em segredo absoluto.

— Como a senhora ordenar, Liandrin Sedai. Mas não entendo a necessidade de sigilo. Ninguém aqui iria embarreirar o caminho de uma Aes Sedai.

— Da Ajah Negra, já ouviu falar?

Os olhos de Amalisa se arregalaram, e ela se afastou de Liandrin, erguendo as mãos como se tentasse se proteger de um golpe.

— É um r-rumor vil, Liandrin Sedai. V-vil. N-não existem Aes Sedai que s-sirvam ao Tenebroso. Não acredito nisso. Você precisa acreditar em mim! Pela Luz, j-juro que não acredito. Pela minha honra e pela minha Casa, eu juro…

Liandrin a deixou prosseguir, assistindo friamente aos últimos vestígios de força se esvaírem da mulher. Aes Sedai podiam ficar muito, muito zangadas, com quem apenas fizesse uma menção a Ajah Negra, e ainda mais com os que declarassem acreditar em sua existência secreta. Depois disso, com a vontade já enfraquecida por aquele pequeno truque dos tempos de infância, Amalisa seria como barro em suas mãos. Faltava apenas um golpe.

— A Ajah Negra *é* real, criança. Ela existe e está aqui dentro das muralhas de Fal Dara. — Amalisa continuou ajoelhada, boquiaberta. A Ajah Negra, Aes Sedai que também eram Amigas das Trevas. Isso era quase tão terrível quanto descobrir que o próprio Tenebroso caminhava dentro da fortaleza de Fal Dara. Mas Liandrin não a deixaria se levantar agora. — Nos corredores em que você passar, qualquer Aes Sedai pode ser uma irmã negra. Isso eu juro. Não posso dizer quais delas são, mas posso dar minha proteção. Se você caminhar na Luz e a mim obedecer.

— Eu obedecerei — murmurou Amalisa, rouca. — Eu obedecerei. Por favor, Liandrin Sedai, por favor, diga que protegerá meu irmão e minhas damas…

— Quem merecer proteção será protegido. Preocupe-se consigo mesma, minha ilha. E pense apenas no que lhe ordenei. Apenas nisso. Depende disso, o destino do mundo, minha filha. Todo o resto deve ser esquecido.

— Sim, Liandrin Sedai. Sim. Sim.

Liandrin se virou e atravessou o aposento, sem olhar para trás até chegar à porta. Amalisa ainda estava de joelhos, olhando ansiosa para ela.

— Levante-se, Lady Amalisa. — A voz de Liandrin voltou a ficar agradável, restando apenas um vestígio do desprezo que sentia. *Irmã, ora! Nem um dia como noviça, essa aí duraria. E poder para comandar ela até tem.* Quando a mulher finalmente se levantou, Liandrin continuou, sua voz outra vez com a força do aço. — E se fracassar com o mundo ou fracassar comigo, você vai invejar aquele maldito Amigo das Trevas no calabouço.

Pela expressão no rosto de Amalisa, Liandrin não achou que ela fracassaria por falta de esforço.

Fechando a porta atrás de si, Liandrin sentiu um súbito arrepio. Prendendo a respiração, ela se virou e olhou de um lado a outro do corredor mal iluminado. Estava vazio. Atrás das seteiras, o céu estava escuro. Mesmo com o corredor vazio, ela estava certa de que havia olhos vigiando-a. O corredor deserto, repleto de sombras entre os lampiões nas paredes, debochava dela. Ela estremeceu, desconfortável, e começou a andar, determinada. *Estou imaginando coisas. Não é nada de mais*.

Já era noite, e havia muito a ser feito antes do amanhecer. Suas ordens haviam sido explícitas.

O calabouço ficava permanentemente mergulhado na escuridão, a menos que alguém levasse um lampião, mas Padan Fain estava sentado na beira de seu catre com o olhar fixo nas trevas e um sorriso no rosto. Ele podia ouvir os outros dois prisioneiros resmungando no sono, murmurando por causa dos pesadelos. Padan Fain esperava por algo; algo que aguardava havia muito tempo. Tempo demais. Mas não iria demorar agora.

A porta que dava para a sala da guarda externa se abriu, deixando entrar a luz, marcando a silhueta de uma figura parada na entrada.

Fain se levantou.

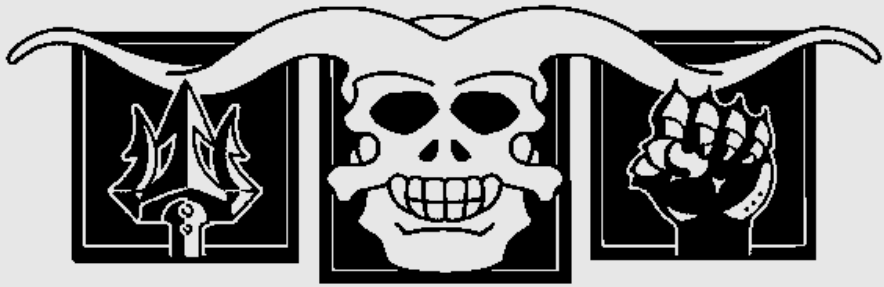
— Você! Não era quem eu esperava. — Espreguiçou-se com uma naturalidade que não sentia. O sangue começou a correr por suas veias, e ele achou que poderia saltar por cima da fortaleza, se tentasse.

— Surpresas para todos, não é? Bem, vamos lá! Já está ficando tarde, e eu vou querer dormir em algum momento.

Quando um lampião se aproximou da cela, Fain levantou a cabeça, sorrindo para algo que não podia ser visto, apenas sentido, algo além do teto de pedra do calabouço.

— Ainda não acabou — sussurrou. — A batalha nunca termina.

6



A Profecia das Trevas

A porta de sua casa estremeceu sob a força de socos furiosos vindos de fora, e a barra pesada que a trancava se sacudiu nos suportes. Pela janela ao lado da porta, surgiu a silhueta do focinho enorme de um Trolloc. Havia janelas por toda parte, e ainda mais figuras obscuras do lado de fora. Mas as sombras não eram obscuras demais, Rand ainda podia distingui-las.

As janelas, pensou, desesperado. Afastou-se da porta, agarrando sua espada com as duas mãos. *Mesmo que a porta aguente, eles podem quebrar as janelas. Por que não estão tentando entrar pelas janelas?*

Com um ruído metálico ensurdecedor, um dos suportes da tranca foi parcialmente arrancado e ficou pendurado. Os pregos o prendiam precariamente, a um dedo da porta. A barra tremeu com mais uma pancada, e os pregos se soltaram ainda mais.

— Precisamos impedi-los! — gritou Rand. *Só que não podemos. Não podemos impedi-los*. Olhou ao redor, procurando um jeito de fugir, mas só havia aquela porta. A sala era uma caixa, com apenas uma porta e muitas janelas. — Precisamos fazer alguma coisa. Qualquer coisa!

— É tarde demais — disse Mat. — Você não entende? — Seu sorriso estava estranho no rosto pálido, e o cabo de uma adaga despontava do seu peito, cujo rubi da ponta brilhava como se estivesse em chamas. A gema parecia mais viva do que seu rosto. — É tarde demais para mudarmos alguma coisa.

— Finalmente me livrei deles — disse Perrin, gargalhando. O sangue corria por seu rosto como uma torrente de lágrimas, saindo dos buracos vazios de seus olhos. Ele estendia mãos vermelhas, tentando fazer Rand olhar para o que havia nelas. — Agora estou livre. Acabou.

— Nunca acaba, al'Thor — gritou Padan Fain, dançando, animado. — A batalha nunca termina.

A porta explodiu, lançando lascas de madeira, e Rand se jogou no chão para escapar delas. Duas Aes Sedai vestidas de vermelho

entraram acompanhadas de seu mestre, fazendo mesuras para a figura. Uma máscara cor de sangue seco cobria o rosto de Ba'alzamon, mas Rand podia ver as chamas de seus olhos através das fendas, podia ouvir o rugido das chamas da boca de Ba'alzamon.

— Ainda não está acabado entre nós, al'Thor — disse Ba'alzamon, e ele e Fain falaram juntos, como um só. — Para você, a batalha nunca termina.

Com um grito abafado, Rand se sentou no chão, sacudindo as mãos como se tentasse abrir caminho para fora do pesadelo. Ainda ouvia a voz de Fain, tão nitidamente quanto se o mascate estivesse de pé ao lado dele. *Nunca acaba. A batalha nunca termina*.

Com os olhos vermelhos, ele examinou os arredores para se convencer de que ainda estava escondido onde Egwene o deixara, deitado em um catre em um canto do quarto dela. A luz difusa de um único lampião iluminava o aposento, e ele ficou surpreso ao ver Nynaeve tricotando em uma cadeira de balanço do outro lado da cama de Egwene, com as cobertas ainda no lugar. Estava escuro do lado de fora.

Esbelta e de olhos escuros, Nynaeve prendia os cabelos em uma trança grossa que ia quase até sua cintura e que ela usava jogada sobre um ombro. Nynaeve não desistia de sua terra. Seu rosto estava calmo, e ela parecia completamente concentrada no tricô enquanto se balançava de leve. O *clique-clique* suave das agulhas era o único som no ambiente, pois o tapete abafava o barulho da cadeira de balanço.

Em algumas das últimas noites, ele havia sentido falta de um tapete no chão de pedra frio de seu quarto, mas os aposentos dos homens eram vazios e desolados em Shienar. As paredes ali tinham duas tapeçarias com cenas de montanhas e cachoeiras, além de cortinas com flores bordadas ao longo das seteiras. Havia flores, lírios brancos em um vaso achatado e redondo sobre a mesa de cabeceira, e mais delas pendiam de candeeiros nas paredes. Havia um espelho de corpo inteiro em um canto e outro sobre a mesinha, com a jarra e a bacia de listras azuis. Ele se perguntou por que Egwene precisava de dois espelhos. No quarto dele, não havia espelho algum, e ele não sentia falta. Só havia um lampião aceso, mas outros quatro estavam espalhados pelo quarto, que era quase tão grande quanto o aposento que ele dividia com Mat e Perrin. Egwene ficava sozinha naquele lugar.

Sem levantar a cabeça, Nynaeve disse:

— Se você dormir de tarde, não vai conseguir dormir à noite.

Ele franziu a testa, embora ela não pudesse ver. Pelo menos, ele achava que não. Ela era apenas alguns anos mais velha do que ele, mas ser uma Sabedoria lhe acrescentava cinquenta anos de autoridade.

— Eu precisava de um lugar para me esconder e estava cansado — explicou, mas logo acrescentou: — Não vim sem perguntar. Egwene me convidou para a ala das mulheres.

Nynaeve largou o tricô e lhe deu um sorriso divertido. Era uma mulher bonita. Ele nunca teria reparado isso em sua terra, pois ninguém olhava dessa maneira para uma Sabedoria.

— Que a Luz me ajude, Rand! Você está se tornando mais shienarano a cada dia que passa. Foi convidado para a ala das mulheres… — debochou ela. — Daqui a pouco vai começar a falar sobre sua honra e pedir que a paz favoreça sua espada. — Rand ficou vermelho e torceu para que ela não reparasse, na meia-luz. Ela olhou para sua espada, cujo cabo saía da sacola comprida ao seu lado, no chão. Ele sabia que ela não aprovava aquela espada, nem nenhuma outra, mas Nynaeve não fez qualquer comentário. — Egwene me explicou por que você precisa de um lugar para se esconder. Não se preocupe, vamos mantê-lo escondido da Amyrlin, ou de qualquer outra Aes Sedai, se é isso que quer.

Ela o encarou e logo desviou o olhar, mas Rand percebeu seu desconforto, sua dúvida. *É isso mesmo, eu posso canalizar o poder. Um homem usando o Poder Único! Você devia ajudar as Aes Sedai a me caçar e amansar*.

Com uma careta, ele endireitou o colete de couro que Egwene encontrara e se virou para se recostar na parede.

— Assim que puder, vou me esconder em uma carroça ou escapar daqui. Vocês não vão precisar me ajudar por muito tempo. — Nynaeve não respondeu; apenas se concentrou em seu tricô, emitindo um som irritado toda vez que errava um ponto. — Onde está Egwene?

Ela deixou o tricô cair no colo.

— Não sei por que estou tentando fazer isso esta noite. Não consigo acertar os pontos, por algum motivo. Ela desceu para ver Padan Fain. Acha que ver rostos conhecidos pode ajudá-lo.

— O meu com certeza não ajudou. Ela devia ficar longe dele. Ele é perigoso.

— Ela quer ajudá-lo — respondeu Nynaeve, muito calma. — Lembre-se, ela estava treinando para ser minha assistente, e ser uma Sabedoria não é só fazer a previsão do tempo. Curar também faz parte. Egwene tem o desejo de curar na verdade, tem essa necessidade. E, se Padan Fain fosse tão perigoso, Moiraine teria dito alguma coisa.

Ele riu.

— Vocês não perguntaram a ela. Egwene admitiu, e não consigo imaginar você pedindo permissão para alguma coisa. — A sobrancelha erguida dela apagou o riso do rosto dele, mas o rapaz se recusou a pedir desculpas. Estavam muito longe de casa, e ele não via como ela

poderia continuar sendo a Sabedoria do Campo de Emond se estava indo para Tar Valon. — Eles já começaram a me procurar? Egwene não tem certeza de que vão fazer isso, mas Lan disse que o Trono de Amyrlin está aqui por minha causa, e eu acho que confio mais na opinião dele.

Por um momento, Nynaeve não respondeu. Em vez disso, revirou seus novelos de lã. Por fim, disse:

— Não tenho certeza. Uma das serviçais veio há pouco para preparar a cama, segundo ela. Como se Egwene já fosse dormir, com o banquete para a Amyrlin esta noite! Eu a mandei embora, ela não viu você.

— Ninguém prepara a cama para nós na ala dos homens. — Ela lhe lançou um olhar frio, que um ano antes o teria feito gaguejar. Ele sacudiu a cabeça. — Elas não usariam as serviçais para me procurar, Nynaeve.

— Quando fui à adega pegar uma xícara de leite mais cedo, havia mulheres demais nos corredores. As convidadas para o banquete já deveriam estar se vestindo, e as criadas deveriam estar ajudando-as, ou se preparando para o serviço, ou para… — Ela franziu a testa, preocupada. — Há trabalho mais do que o suficiente para todos, com a Amyrlin aqui. E elas não estavam só na ala das mulheres. Eu vi a própria Lady Amalisa saindo de uma das despensas perto da adega com o rosto todo coberto de pó.

— Isso é ridículo. Por que ela estaria participando da busca? Ou qualquer uma das mulheres, aliás? Elas vão usar os soldados do Lorde Agelmar e os Guardiões. E as Aes Sedai. Devem estar apenas preparando algo para o banquete. Que me queime, não faço ideia de quais são os preparativos para um banquete em Shienar!

— Às vezes você é um cabeça de lã, Rand. Os homens que vi também não sabiam o que as mulheres estavam fazendo. Ouvi alguns deles reclamando sobre terem que fazer o trabalho inteiro sozinhos. Eu sei que não faz sentido elas estarem procurando por você, nenhuma das Aes Sedai parecia minimamente interessada. Mas Amalisa não estava se preparando para o banquete enquanto sujava o vestido em uma despensa. Elas estavam procurando algo; algo importante. Mesmo que começasse a se arrumar logo depois que a vi, mal teria tempo de tomar banho e trocar de roupa. Falando nisso, se Egwene não voltar logo, ela vai ter que escolher entre se trocar ou chegar atrasada.

Só então, ele percebeu que Nynaeve não estava usando as roupas de lã de Dois Rios com as quais ele estava acostumado. Seu vestido de seda era azul-claro, bordado com botões de campainha-branca ao redor do colo e nas mangas. Cada botão tinha uma minúscula pérola no centro, e seu cinturão era trabalhado em prata, com uma fivela

incrustada de pérolas. Ele nunca vira a Sabedoria usando algo parecido, nem mesmo as roupas de festival em sua terra se comparavam àquilo.

— Você vai ao banquete?

— É claro. Mesmo que Moiraine não tivesse dito que eu deveria ir, nunca a deixaria pensar que eu…

Seus olhos se iluminaram com um brilho feroz por um momento, e ele soube a que ela se referia. Nynaeve jamais deixaria que alguém pensasse que ela estava com medo, mesmo que fosse verdade. Muito menos Moiraine, e Lan menos ainda. Esperava que ela não desconfiasse que ele sabia de seus sentimentos pelo Guardião.

Depois de um momento, ela fitou as mangas de seu vestido e seu olhar se suavizou.

— Lady Amalisa me deu isto — comentou, tão baixo que Rand se perguntou se ela estava falando sozinha. A mulher acariciou a seda, sentindo as flores bordadas e sorrindo, perdida em pensamentos.

— Fica muito bonito em você, Nynaeve. Você está bonita hoje. — Ele fez uma careta assim que disse isso.

Toda Sabedoria era muito sensível com relação à sua autoridade, mas Nynaeve era mais do que a maioria. O Círculo das Mulheres sempre tentava cuidar dela porque era jovem e talvez porque fosse bonita, e suas brigas com o Prefeito e o Conselho da Aldeia eram assunto de muitas histórias.

Ela tirou a mão do bordado bruscamente e olhou para ele, irritada, franzindo as sobrancelhas. Ele falou depressa, para evitar que ela dissesse algo.

— Eles não podem manter os portões fechados para sempre. Assim que forem abertos, irei embora e, então, as Aes Sedai nunca mais vão me encontrar. Perrin diz que existem lugares nas Colinas Negras e na Planície de Caralain onde é possível andar por dias sem encontrar ninguém. Talvez… talvez eu possa descobrir o que fazer sobre… — Ele deu de ombros, incomodado. Não havia necessidade de dizer aquilo, não para ela. — E se eu não conseguir, não vou machucar ninguém.

Nynaeve ficou em silêncio por um instante, então falou, devagar:

— Não tenho tanta certeza, Rand. Não posso dizer que você parece mais do que um rapaz de aldeia para mim, mas Moiraine insiste que você é *ta'veren*, e acho que ela não acredita que a Roda já fez tudo o que podia com você. O Tenebroso parece…

— Shai'tan está morto — interrompeu, ríspido, e o quarto pareceu se inclinar de repente. Ele levou as mãos à cabeça quando uma onda de tontura se abateu sobre ele.

— Seu tolo! Seu tolo, cego e idiota! Nomeando o Tenebroso, atraindo a atenção dele! Já não tem problemas o suficiente?

— Ele está morto — murmurou Rand, esfregando a cabeça. Engoliu em seco. A tontura estava passando. — Está certo, está certo. Ba'alzamon, se você prefere assim. Mas ele está morto: eu o vi morrer, eu o vi queimar.

— E acha que eu não vi sua reação quando o olho do Tenebroso caiu sobre você, agora mesmo? Não me diga que não sentiu nada que lhe dou um tabefe! Eu vi seu rosto.

— Ele está morto — insistiu Rand. A lembrança dos olhos invisíveis e do vento no topo da torre passou pela sua cabeça, e ele estremeceu. — Coisas estranhas acontecem assim tão perto da Praga.

— Você *é* um tolo, Rand al'Thor. — Ela sacudiu um punho em sua direção. — Eu lhe daria um *tabefe* se achasse que isso o ajudaria a ter bom sen…

O resto da frase foi engolida quando sinos soaram por toda a fortaleza.

Ele se levantou de um salto.

— Isso é um alarme! Eles estão procurando…

Nomeie o Tenebroso, e o mal cairá sobre você.

Nynaeve se levantou mais devagar, sacudindo a cabeça, incomodada.

— Não, acho que não. Se estivessem procurando por você, tudo o que os sinos fariam seria alertá-lo. Não. Se é um alarme, não é por sua causa.

— Então por quê?

Ele correu até a seteira mais próxima e espiou o lado de fora.

Luzes disparavam como vagalumes pela fortaleza coberta pelo manto da noite, lampiões e tochas carregados de um lado para o outro. Algumas iam até as muralhas externas e as torres, mas a maioria seguia pelo jardim abaixo e o único pátio que ele podia vislumbrar. O que quer que tivesse provocado o alarme estava dentro da fortaleza. Os sinos silenciaram, e Rand pôde ouvir os gritos de homens, mas era impossível entender o que estavam gritando.

Se não é por minha causa…

— Egwene — disse, de súbito.

Se ele ainda estiver vivo, se ainda existe algum mal, devia vir me procurar.

Nynaeve estava olhando por outra seteira, mas se virou para ele.

— O quê?

— Egwene. — Ele atravessou a sala a passos rápidos e tirou a espada e a bainha da sacola. — Ela está no calabouço com Fain. E se ele conseguiu fugir?

Ela o deteve na porta, agarrando seu braço. Não chegava à altura do ombro dele, mas sua mão era forte como uma pinça de ferro.

— Não seja um tolo cérebro de cabra pior do que já é, Rand

al'Thor. Mesmo que isso não tenha nada a ver com você, as mulheres estão procurando alguma coisa! Luz, homem, esta é a ala das mulheres! Provavelmente haverá Aes Sedai lá fora, nos corredores. Egwene vai ficar bem. Ela ia levar Mat e Perrin junto. Mesmo que se meta em apuros, eles cuidarão dela.

— E se ela não conseguiu encontrá-los, Nynaeve? Egwene nunca deixaria isso impedi-la. Ela iria sozinha, exatamente como você, e você sabe disso. Luz, eu avisei a ela que Fain é perigoso! Que me queime, eu avisei!

Desvencilhando-se dela, ele escancarou a porta e saiu em disparada. *Que a luz me queime, isso devia vir atrás de mim!*

Uma mulher gritou ao vê-lo em sua camisa rústica e colete e com uma espada na mão. Mesmo convidados, os homens não entravam armados na ala das mulheres, a não ser que a fortaleza estivesse sob ataque. Mulheres encheram o corredor, serviçais trajando preto e dourado, damas da fortaleza em sedas e rendas, mulheres com xales bordados e franjas compridas, todas falando alto e ao mesmo tempo, exigindo saber o que estava acontecendo. Crianças chorando se agarravam a saias por toda parte. Ele correu entre elas, desviando quando podia, murmurando desculpas quando esbarrava em alguém, tentando ignorar seus olhares espantados.

Uma das mulheres de xale se virou para voltar ao quarto, e ele viu as costas do xale, com a lágrima branca reluzente no meio. De repente, reconheceu os rostos que vira no pátio externo: Aes Sedai o encaravam, alarmadas.

— Quem é você? O que está fazendo aqui?

— A fortaleza está sendo atacada? Responda, homem!

— Ele não é soldado. Quem é ele? O que está acontecendo?

— É o jovem lorde das terras do sul!

— Alguém o detenha!

O medo o fez repuxar os lábios, mostrando os dentes, mas ele continuou andando e tentou ir mais depressa.

Então, uma mulher entrou no corredor, ficando cara a cara com ele, que parou mesmo sem querer. Reconheceu aquele rosto. Achava que se lembraria dele ainda que vivesse para sempre: o Trono de Amyrlin. Os olhos dela se arregalaram ao vê-lo, e ela recuou. Outra Aes Sedai, a mulher alta que ele vira com o cajado, se colocou entre ele e a Amyrlin, gritando alguma coisa que ele não entendeu com o burburinho cada vez maior.

Ela sabe. Que a Luz me ajude, ela sabe! Moiraine contou a ela. Com um resmungo, ele voltou a correr. *Luz, só me deixe ter certeza de que Egwene está segura antes que elas…* Ele ouviu gritos atrás de si, mas não prestou atenção.

A fortaleza estava caótica. Homens corriam para os pátios com

espadas em punho, sem nem olhá-lo. Mesmo com o barulho dos sinos de alarme, era possível distinguir outros ruídos. Gritos. Berros. Metal se chocando contra metal. Ele tinha acabado de perceber que eram sons de batalhas — *Luta? Dentro de Fal Dara?* — quando três Trollocs correndo surgiram diante dele, depois de dobrarem um corredor.

Focinhos peludos distorciam o que poderiam ser rostos humanos, e um deles tinha chifres de carneiro. Eles arreganharam os dentes, levantando as harpes e correndo em sua direção.

O corredor que estivera cheio de homens apressados alguns instantes antes agora se encontrava vazio, a não ser pelos três Trollocs e ele. Pego de surpresa, ele desembainhou a espada desajeitadamente e tentou fazer a Beija-flor Beija a Rosa-de-mel. Ainda abalado por encontrar Trollocs no coração da fortaleza de Fal Dara, ele a executou tão mal que Lan teria se afastado dele, enojado. Um Trolloc de focinho de urso desviou com facilidade, esbarrando nos outros dois e os desequilibrando por um instante.

De repente, cerca de doze shienaranos passaram correndo por ele na direção dos Trollocs. Estavam parcialmente vestidos com suas melhores roupas, para o banquete, mas traziam suas espadas consigo. O Trolloc de focinho de urso morreu com um rosnado, e seus companheiros fugiram, perseguidos por homens que gritavam e brandiam suas espadas. Gritos e berros enchiam o ar, vindos de todos os lados.

Egwene!

Rand adentrou ainda mais na fortaleza, passando por corredores desertos, embora, volta e meia, encontrasse um Trolloc morto no chão. Ou um homem morto.

Então chegou a um cruzamento de corredores, e à sua esquerda terminava um combate. Seis homens de rabo de cavalo jaziam ensanguentados e imóveis, e um sétimo estava morrendo. O Myrddraal torceu a espada ao puxar a lâmina da barriga do homem, e o soldado gritou, soltando a arma ao desabar no chão. O Desvanecido se moveu com a graciosidade de uma víbora, uma semelhança acentuada pela armadura de placas pretas sobrepostas que lhe cobriam o peito. Ele se virou, e aquele rosto pálido e sem olhos analisou Rand. Ele começou a avançar em sua direção, um sorriso nos lábios mortalmente pálidos, caminhando em um passo quase preguiçoso. Não havia necessidade de se apressar para lutar contra apenas homem.

Rand se sentia pregado ao chão, e sua língua estava grudada no céu da boca. O olhar do Sem Olhos é puro medo. Era o que diziam na Fronteira. Suas mãos tremiam quando ele levantou a espada. Ele sequer pensou em invocar o vazio. *Luz, ele acabou de matar sete soldados armados de uma vez. Luz, o que vou fazer? Luz!*

De repente, o Myrddraal parou, e seu sorriso desapareceu.

— Este aqui é meu, Rand. — O rapaz levou um susto quando Ingtar apareceu ao seu lado, um homem moreno e atarracado, vestindo um casaco de festival, segurando a espada com as duas mãos. Os olhos escuros de Ingtar não deixaram o rosto do Desvanecido. Se o shienarano sentia o medo daquele olhar, não demonstrava. — Vá treinar com um ou dois Trollocs — disse, baixinho — antes de enfrentar um destes.

— Eu estava descendo para ver se Egwene estava bem. Ela foi para o calabouço visitar Fain, e…

— Então vá vê-la.

Rand engoliu em seco.

— Vamos enfrentá-lo juntos, Ingtar.

— Você não está pronto. Vá atrás de sua garota. Vá! Quer que os Trollocs a encontrem desprotegida?

Por um momento, Rand hesitou, indeciso. O Desvanecido erguera a espada para Ingtar. Um grunhido baixo retorceu a boca do homem, mas Rand sabia que não era de medo. E Egwene podia estar sozinha no calabouço com Fain, ou coisa pior. Mesmo assim, ele se sentiu envergonhado ao correr para as escadas que levavam ao subterrâneo. Sabia que o olhar de um Desvanecido podia deixar qualquer homem apavorado, mas Ingtar vencera o medo. Seu estômago ainda dava voltas.

Os corredores subterrâneos da fortaleza estavam silenciosos, mal iluminados por lampiões que tremeluziam bem distantes uns dos outros. Ele reduziu o passo ao se aproximar dos calabouços, esgueirando-se, na ponta dos pés o mais silenciosamente possível. O som de suas botas arrastando na pedra nua parecia ecoar em seus ouvidos. A porta para os calabouços estava entreaberta. Ele deveria tê-la encontrado fechada e trancada.

Encarando a porta, tentou engolir e não conseguiu. Abriu a boca para gritar, mas fechou-a na mesma hora. Se Egwene estivesse ali dentro em apuros, gritar só alertaria quem quer que estivesse ameaçando-a. Ou o que quer que estivesse lá. Respirando fundo, ele seguiu em frente.

Em um só movimento, escancarou a porta com a bainha em sua mão esquerda e se jogou no calabouço, deixando o ombro na frente para rolar pela palha que cobria o chão e levantar, girando dali rápido demais para ter uma visão clara do aposento, procurando, desesperado, por alguém que pudesse atacá-lo. Procurando por Egwene. Não havia ninguém ali.

Quando seus olhos encontraram a mesa, ele ficou paralisado. Sua respiração e até seu pensamento estavam congelados. De cada lado do lampião ainda aceso, como se ele fosse um enfeite central, estavam as cabeças dos guardas, com duas poças de sangue. Os olhos deles o

encaravam, arregalados de medo, e suas bocas estavam escancaradas em um último grito que ninguém podia ouvir. Tomado pela náusea, Rand se curvou e vomitou na palha. Por fim, conseguiu se levantar, limpando a boca com a manga. Sua garganta ardia.

Lentamente, ele foi se dando conta do que havia no restante do aposento, antes visto apenas de relance quando entrou desesperado atrás de um agressor. Pedaços de carne ensanguentada jaziam espalhados pelo chão coberto de palha. Não reconhecia outros restos humanos; apenas as duas cabeças. Alguns dos pedaços pareciam mastigados. *Então foi isso o que aconteceu com os corpos*. Ele ficou surpreso com a calma de seus pensamentos, quase como se tivesse conjurado o vazio sem tentar. Era o choque, percebeu vagamente.

Não reconheceu nenhuma das cabeças: os guardas haviam sido trocados desde que estivera ali mais cedo. Ficou feliz por isso. Conhecê-los, mesmo que fosse Changu, teria sido ainda pior. O sangue cobria as paredes também, mas em garranchos, palavras soltas e frases inteiras espalhadas por todos os lados. Algumas eram duras e angulosas, em um idioma que ele não entendia, embora reconhecesse a escrita Trolloc. Outras, ele conseguia decifrar, e preferiu não ter conseguido. Blasfêmias e obscenidades ruins o bastante para fazer um cavalariço ou um guarda de mercador empalidecer.

— Egwene. — A calma desapareceu. En fiando a bainha no cinturão, ele arrancou o lampião da mesa, mal reparando quando as cabeças tombaram. — Egwene! Cadê você?

Ele começou a seguir na direção da porta interna e parou após dar dois passos. As palavras na porta, escuras e reluzentes, parecendo molhadas à luz de seu lampião, eram claras o bastante. Vamos nos reencontrar na Ponta de Toman. Nunca Termina, Al'Thor. Sua mão, subitamente dormente, largou a espada. Sem tirar os olhos da porta, ele se abaixou para pegá-la, mas, em vez disso, agarrou um punhado de palha e começou a esfregar com força as palavras escritas na porta. Ofegante, esfregou até transformá-las em uma mancha sangrenta, mas não conseguia parar.

— O que você está fazendo?

Ao ouvir a voz ríspida atrás de si, ele deu meia-volta, abaixando-se para pegar a espada.

Uma mulher estava parada no umbral externo, com as costas rígidas de indignação. Seus cabelos eram como ouro claro, presos em uma dezena de tranças ou mais, porém tinha olhos escuros e aguçados. Ela não parecia muito mais velha do que ele e era bonita de um modo mal-humorado, mas sua boca estava contraída de um jeito que ele não gostou. Então, viu o xale que ela mantinha bem amarrado ao corpo, com as longas franjas vermelhas.

Aes Sedai. E que a Luz me ajude, ela é da Ajah Vermelha.

— Eu… Eu estava só… É uma coisa suja. Vil.

— Tudo deve ser deixado exatamente como está, para ser examinado. Não toque em nada. — Ela deu um passo à frente, olhando bem para ele, que deu um passo para trás. — Sim. Sim, como pensei. Um dos que estão com Moiraine. O que você tem a ver com isso? — Ela gesticulou, indicando as cabeças em cima da mesa e os rabiscos sangrentos nas paredes.

Por um momento, ele apenas olhou para ela com os olhos arregalados.

— Eu? Nada! Vim procurar… Egwene!

Ele se virou para abrir a porta interna, mas a Aes Sedai gritou:

— Não! Você vai me responder!

De repente, ele quase não conseguiu se manter de pé, segurando o lampião e a espada. Um frio gelado que vinha de todas as direções o pressionou. Parecia que sua cabeça estava presa a um bloco de gelo. Mal conseguia respirar com a pressão que sentia no peito.

— Responda, garoto. Diga seu nome.

Ele soltou um grunhido involuntário, tentando responder apesar do ar frio que parecia pressionar seu rosto para dentro do crânio, apertando seu peito como faixas de ferro geladas. Trincou os maxilares para abafar o som. Lutando contra a dor, voltou os olhos para encará-la, furioso, através de um borrão de lágrimas. *Que a Luz a queime, Aes Sedai! Não direi uma palavra, a Sombra que a carregue!*

— Responda-me, garoto! Agora!

Agulhas de gelo o afligiram, perfurando seu cérebro, raspando em seus ossos. O vazio se formou sem que Rand se desse conta de que tinha pensado nele, mas não foi suficiente para conter a dor. Aos poucos, sentiu luz e calor em algum lugar distante. Algo tremeluzia de forma nauseante, mas a luz era quente, e ele sentia frio. Estavam além do conhecimento, mas de algum modo logo ao seu alcance. *Luz, está tão frio. Eu preciso alcançar… O quê? Ela está me matando. Preciso alcançar ou ela vai me matar*. Desesperado, ele lutou para alcançar a luz.

— O que está acontecendo aqui?

De repente, o frio, a pressão e as agulhas desapareceram. Seus joelhos quase cederam, mas ele os forçou a ficarem firmes. Ele não cairia de joelhos, não lhe daria aquela satisfação. O vazio também desaparecera, de forma tão súbita quanto surgira. *Ela estava tentando me matar* . Ele levantou a cabeça, ofegante. Moiraine estava parada na porta.

— Eu perguntei o que está acontecendo, Liandrin — repetiu ela.

— Encontrei este garoto aqui — respondeu calmamente a Aes Sedai Vermelha. — Foram assassinados os guardas, e aqui está ele. Um dos seus. E o que você está fazendo neste lugar, Moiraine? A batalha é

lá em cima, não aqui.

— Eu poderia fazer a mesma pergunta, Liandrin. — Moiraine analisou o aposento, apenas comprimindo um pouco os lábios ao notar a carnificina. — *Por que* você está aqui?

Rand deu as costas às duas, puxou desajeitadamente as trancas da porta interna e a abriu.

— Egwene desceu por aqui — anunciou para quem quisesse saber e foi em frente, segurando o lampião bem alto. Seus joelhos continuavam querendo ceder, ele não sabia ao certo como ainda estava de pé, só que precisava encontrar Egwene. — Egwene!

Um gorgolejo e o som de algo se debatendo vieram da sua direita, e ele ergueu o lampião na direção do barulho. O prisioneiro do casaco bonito estava caído contra a grade de ferro de sua cela, uma ponta do cinturão amarrada entre as barras e a outra enlaçando seu pescoço. Diante dos olhos de Rand, ele deu um último chute, raspando a ponta do pé no chão coberto de palha, e ficou parado com a língua e os olhos saltando de seu rosto quase preto. Seus joelhos quase tocavam o chão, e ele podia ter se levantado a qualquer momento.

Com um calafrio, Rand espiou a cela seguinte. O homem grande com as mãos machucadas estava encolhido no fundo da cela, com os olhos completamente arregalados. Ao ver Rand, ele gritou e lhe deu as costas, arranhando desesperado a parede de pedra.

— Eu não vou machucar você — disse Rand.

O homem continuava a gritar e arranhar. Suas mãos estavam ensanguentadas, e seus dedos riscavam manchas escuras de sangue coagulado. Aquela não era sua primeira tentativa de escavar a rocha com as mãos nuas.

Rand lhe deu as costas, aliviado por seu estômago já estar vazio. Não havia nada que pudesse fazer por nenhum dos dois.

— Egwene!

A luz finalmente chegou ao fim das celas. A porta da cela de Fain estava escancarada, e a cela estava vazia, mas foram as duas figuras inertes no chão de pedra em frente à cela que fizeram Rand avançar com um pulo e cair ajoelhado entre elas.

Egwene e Mat estavam caídos no chão como bonecos de trapo, inconscientes… ou mortos. Então percebeu, aliviado, que ainda respiravam. Não parecia haver sequer uma marca neles.

— Egwene? Mat? — Colocando a espada no chão, ele sacudiu Egwene com delicadeza. — Egwene? — Ela não abriu os olhos. — Moiraine! Egwene está ferida! E Mat também! — Mat parecia respirar com dificuldade, e seu rosto estava mortalmente pálido. Rand quase sentiu vontade de chorar. *Era para vir atrás de mim. Fui eu quem nomeou o Tenebroso. Eu!*

— Não mexa neles. — Moiraine não parecia irritada, nem mesmo

surpresa.

A câmara se iluminou quando as duas Aes Sedai entraram. Ambas equilibravam uma bola reluzente de luz fria flutuando acima de uma das mãos.

Liandrin marchou direto pelo meio do grande corredor, levantando as saias com a mão livre para que não roçassem na palha, mas Moiraine parou para olhar os dois prisioneiros antes de continuar.

— Não há nada a fazer por aquele, e o outro pode esperar — disse ela.

Liandrin alcançou Rand primeiro e começou a se curvar na direção de Egwene, mas Moiraine disparou à frente dela e pôs a mão livre na cabeça da garota. Liandrin se endireitou com uma careta.

— Não é grave — disse Moiraine, depois de um momento. — Ela foi atingida aqui. — Apontou para uma área na lateral da cabeça de Egwene, coberta por seus cabelos. Rand não conseguia ver nada de diferente ali. — Esse é seu único ferimento, ela vai ficar bem.

Rand olhou de uma Aes Sedai para a outra.

— E Mat?

Liandrin ergueu uma sobrancelha para ele e se virou para encarar Moiraine com uma expressão irônica.

— Fique quieto — ordenou Moiraine, e fechou os olhos, ainda tocando o ponto onde dissera estar o ferimento de Egwene. A garota murmurou e se agitou, depois ficou quieta.

— Ela está…?

— Está dormindo, Rand. Ela vai ficar bem, mas precisa dormir. — Moiraine foi até Mat, mas só o tocou por um instante, e então recuou. — Isto é mais sério — disse em voz baixa. Segurou o pulso de Mat, abrindo seu casaco, e soltou um som zangado. — A adaga sumiu.

— Que adaga? — perguntou Liandrin.

Eles ouviram vozes no aposento externo, vindas de homens soltando exclamações de nojo e fúria.

— Aqui dentro — gritou Moiraine. — Tragam duas liteiras. Depressa.

Alguém gritou pedindo liteiras.

— Fain sumiu — disse Rand.

As duas Aes Sedai olharam para ele. Suas expressões eram indecifráveis. Os olhos das duas brilharam com a luz.

— Eu percebi — disse Moiraine, em um tom de voz neutro.

— Eu disse a ela para não vir. Avisei que ele era perigoso.

— Quando cheguei — observou Liandrin, friamente —, ele estava apagando os escritos na câmara externa.

Ele moveu os joelhos, desconfortável. Os olhos da Aes Sedai pareciam iguais agora. Pesando-o e medindo-o, frios e terríveis.

— Era… era sujo — explicou. — Apenas palavras sujas. — Elas

ainda olhavam para ele, sem falar. — Vocês não acham que eu… Moiraine, você não pode pensar que eu tive alguma coisa a ver com… com o que aconteceu aqui.

Luz, será que eu tive? Eu nomeei o Tenebroso.

Ela não respondeu, e ele sentiu um arrepio que não passou quando os homens entraram correndo com tochas e lampiões. Moiraine e Liandrin deixaram as bolas de luz se apagarem. Os lampiões e as tochas não iluminavam tão bem, e sombras se espalharam nas profundezas das celas. Homens com liteiras correram até as figuras caídas no chão. Ingtar os liderava. Seu rabo de cavalo quase tremia de raiva, e ele parecia ansioso para encontrar alguém em quem usar sua espada.

— Então o Amigo das Trevas também se foi — grunhiu. — Bem, nem se compara ao que mais aconteceu esta noite.

— Nem mesmo ao que aconteceu aqui — disse Moiraine, ríspida. Ela instruiu os homens a colocarem Egwene e Mat nas liteiras. — A garota deve ser levada para seu quarto. Ela precisa de uma mulher com ela, para o caso de acordar à noite. Pode ficar assustada, mas precisa dormir, acima de tudo. O rapaz… — Ela tocou em Mat quando os dois homens ergueram a liteira e afastou a mão depressa. — Levem-no até os aposentos do Trono de Amyrlin. Encontrem a Amyrlin, onde quer que esteja, e digam a ela que ele está lá. Digam que o nome dele é Matrim Cauthon. Eu me juntarei a ela assim que possível.

— A Amyrlin! — exclamou Liandrin. — Você está pensando em fazer a Amyrlin de Curandeira para seu… seu bichinho de estimação? Você está louca, Moiraine.

— O Trono de Amyrlin — disse Moiraine, muito calma — não compartilha seus preconceitos de Ajah Vermelha, Liandrin. Ela pode curar um homem mesmo sem ter um propósito para ele. Sigam em frente — ordenou aos carregadores de liteira.

Liandrin os observou enquanto iam embora, Moiraine e os homens que carregavam Mat e Egwene, e então se virou para encarar Rand. Ele tentou ignorá-la. Concentrou-se em enfiar a espada na bainha e espanar a palha presa em suas calças e em sua camisa. Mas, quando levantou a cabeça, ela ainda o estava estudando com o rosto pálido como gelo. Sem dizer nada, ela se virou para olhar para os outros homens, pensativa. Um deles sustentava o corpo do homem enforcado enquanto o outro tentava afrouxar o cinturão. Ingtar e os outros aguardavam respeitosamente. Com um último olhar para Rand, ela partiu, de cabeça erguida como uma rainha.

— Uma mulher di ícil — resmungou Ingtar, então pareceu surpreso por ter falado. — O que aconteceu aqui, Rand al'Thor?

Rand balançou a cabeça.

— Não sei, só que Fain de algum modo conseguiu fugir. E feriu

Egwene e Mat ao escapar. Eu vi a sala da guarda… — Estremeceu. — Mas aqui dentro… o que quer que tenha sido, Ingtar, deixou aquele sujeito tão apavorado que ele se enforcou. Acho que o outro enlouqueceu por ver o que viu.

— Vamos todos enlouquecer esta noite.

— O Desvanecido… Você o matou?

— Não! — Ingtar enfiou a espada na bainha com força; o cabo despontava acima de seu ombro direito. Ele parecia zangado e envergonhado ao mesmo tempo. — Está fora da fortaleza agora, junto com aqueles que não conseguimos matar.

— Pelo menos você está vivo, Ingtar. Aquele Desvanecido matou sete homens!

— Vivo? Isso é assim tão importante? — De repente o rosto de Ingtar não estava mais zangado, apenas cansado e sofrido. — Nós a tivemos em nossas mãos. Em nossas mãos! E a perdemos, Rand. Perdemos! — Ele parecia não conseguir acreditar no que estava dizendo.

— Perdemos o quê? — perguntou Rand.

— A Trombeta! A Trombeta de Valere. Ela desapareceu, com baú e tudo.

— Mas estava no cofre.

— O cofre foi saqueado — respondeu Ingtar, cansado. — Eles não levaram muita coisa, apenas a Trombeta e o que puderam enfiar nos bolsos. Queria que tivessem levado todo o resto e deixado isso. Ronan está morto, e o vigia que guardava o cofre. — Ele continuou, bem baixo: — Quando eu era garoto, Ronan conseguiu defender a Torre de Jehaan com vinte homens contra mil Trollocs. Mas ele não caiu facilmente, o velho tinha sangue em sua adaga. Nenhum homem pode pedir mais do que isso. — Ele se calou por um momento. — Eles entraram pelo Portão do Cão e saíram pelo mesmo lugar. Nós acabamos com cinquenta ou mais, porém muitos escaparam. Trollocs! Nunca tivemos Trollocs dentro da fortaleza. Nunca!

— Como eles passaram pelo Portão do Cão, Ingtar? Um homem conseguiria deter uma centena ali, e todos os portões estavam barrados. — Ele se mexeu, incomodado, lembrando-se do motivo. — Os guardas não teriam aberto para deixar qualquer um entrar.

— As gargantas dos guardas foram cortadas — respondeu Ingtar. Eram bons homens e foram assassinados como porcos. Foi alguém de dentro. Alguém os matou, depois abriu o portão. Alguém que podia se aproximar deles sem provocar suspeitas. Alguém que eles conheciam.

Rand olhou para a cela vazia, onde estivera Padan Fain.

— Mas isso significa…

— Sim. Há Amigos das Trevas em Fal Dara. Ou havia. Logo saberemos se é esse o caso. Kajin está vendo se falta alguém. Paz!

Traição na fortaleza de Fal Dara! — Com uma careta, ele olhou ao redor do calabouço, encarando os homens que o esperavam. Todos tinham espadas e usavam roupas de festival sujas e rasgadas, e alguns também estavam de elmo. — Não estamos fazendo nada de bom aqui. Para fora! Todos! — Rand se juntou ao bando em retirada. Ingtar deu uma palmadinha no colete dele. — O que é isso? Você decidiu se tornar cavalariço?

— É uma longa história — disse Rand. — Longa demais para contar aqui. Talvez outra hora. — *Talvez nunca, se eu tiver sorte. Talvez eu consiga escapar no meio de toda esta confusão. Não, não posso. Não até saber que Egwene está bem. E Mat. Luz, o que acontecerá com ele, sem a adaga?* — Suponho que Lorde Agelmar tenha redobrado a guarda em todos os portões.

— Ele triplicou — retrucou Ingtar, em um tom satisfeito. — Ninguém passará por aqueles portões, de dentro ou de fora. Assim que Lorde Agelmar soube do acontecido, ordenou que ninguém deixasse a fortaleza sem sua permissão.

Assim que soube…?

— Ingtar, e antes? E a ordem anterior, de que ninguém deveria sair?

— Ordem anterior? Que ordem anterior? Rand, a fortaleza não estava fechada até o Lorde Agelmar ficar sabendo disso. Alguém lhe informou mal.

Rand balançou a cabeça devagar. Nem Ragan nem Temma teriam inventado uma coisa daquelas. E, mesmo que o Trono de Amyrlin tivesse dado a ordem, Ingtar saberia. *Então quem? E como?* Ele examinou Ingtar disfarçadamente, se perguntando se o shienarano estava mentindo. *Você realmente está ficando louco, se suspeita de Ingtar*.

Eles voltaram ao aposento da guarda do calabouço. As cabeças cortadas e os restos dos guardas haviam sido levados, embora ainda tivesse manchas vermelhas na palha, indicando onde haviam estado. Duas plácidas Aes Sedai de xales de franjas marrons estavam ali, estudando as palavras rabiscadas nas paredes sem se preocupar com suas saias arrastando na palha. Ambas tinham um tinteiro em uma pasta pendurada no cinturão e faziam anotações com uma pena em um livreto. Elas sequer olharam para os soldados que passaram por elas.

— Olhe aqui, Verin — disse uma delas, apontando para um trecho da pedra com linhas de escrita Trolloc. — Isto parece interessante.

A outra foi correndo, sujando a saia com manchas vermelhas.

— Sim, estou vendo. Uma caligra ia muito melhor do que as outras. Não é de um Trolloc. Muito interessante. — Ela começou a fazer anotações em seu livro, olhando para cima a todo instante, a fim

de ler as letras angulares na parede.

Rand se apressou em sair. Mesmo que não fossem Aes Sedai, ele não gostaria de permanecer no mesmo aposento que alguém que considerava palavras Trolloc escritas com sangue humano algo "interessante".

Ingtar e seus homens seguiram em frente, concentrados em suas tarefas. Rand ficou por ali, sem saber para onde ir. Voltar para a ala das mulheres não seria fácil sem a ajuda de Egwene. *Luz, que ela esteja bem! Moiraine disse que ela ficaria bem.*

Lan o encontrou antes que subisse as primeiras escadarias.

— Pode voltar ao seu quarto se quiser, pastor. Moiraine mandou buscar suas coisas no quarto de Egwene e levar para o seu.

— Como ela sabia…?

— Moiraine sabe de muitas coisas, pastor. Você já devia ter se acostumado. É melhor tomar cuidado, as mulheres estão todas falando sobre você disparando pelos corredores, brandindo uma espada. Chegou a encarar a Amyrlin, elas dizem.

— Luz! Lamento que elas estejam zangadas, Lan, mas eu *fui* convidado a entrar. E quando ouvi o alarme… que me queime, Egwene estava aqui embaixo!

Lan comprimiu os lábios, pensativo. Aquela era a única expressão no rosto dele.

— Ah, elas não estão exatamente zangadas, embora a maioria ache que você precisa de uma mão forte para colocá-lo em seu lugar. Fascinadas seria uma palavra mais adequada. Até mesmo Lady Amalisa não para de fazer perguntas a seu respeito. Algumas estão começando a acreditar que você é um príncipe disfarçado, pastor. Não é uma coisa ruim. Há um velho ditado aqui nas Terras de Fronteira: "Melhor uma mulher ao seu lado do que dez homens." Do jeito que estão falando, parecem tentar decidir quem tem uma ilha forte o bastante para domar você. Se não tomar cuidado, pastor, vai acabar se casando em uma Casa de Shienar sem nem perceber. — Ele explodiu em gargalhadas. Era estranho, parecia uma rocha gargalhando. — Disparando pelos corredores dos apartamentos das mulheres no meio da noite, vestindo um colete de trabalhador e brandindo uma espada. Se elas não o mandarem para o açoite, no mínimo falarão de você por anos. Elas nunca viram um homem tão estranho. Independente de qual esposa escolherem, ela provavelmente fará de você o chefe de sua Casa em dez anos e ainda o faria pensar que a ideia foi sua. Que pena que precisa ir embora!

Rand estivera olhando boquiaberto para o Guardião, mas acabou soltando um grunhido.

— Eu tentei. Os portões estavam sendo vigiados e ninguém podia partir. Eu tentei enquanto ainda era dia, mas não consegui nem tirar o

Vermelho do estábulo.

— Agora não importa. Moiraine me pediu para lhe contar. Você pode partir a hora que quiser. Até mesmo agora. Moiraine pediu a Agelmar para que a ordem não se aplicasse a você.

— Por que agora, e não antes? Por que eu não podia sair antes? Foi ela quem mandou barrar os portões, então? Ingtar disse que não estava sabendo de nenhuma ordem de antes de hoje à noite sobre ninguém poder sair.

Rand achou que o Guardião pareceu preocupado, mas tudo o que disse foi:

— Quando alguém lhe dá um cavalo, pastor, não reclame que ele não é tão rápido quanto gostaria.

— E Egwene? E Mat? Eles estão mesmo bem? Não posso ir embora até saber se eles estão bem.

— A garota está bem. Ela vai acordar pela manhã e provavelmente nem vai se lembrar do que aconteceu. Pancadas na cabeça fazem isso.

— E quanto a Mat?

— A escolha é sua, pastor. Você pode partir agora ou amanhã, ou mesmo na semana que vem. A escolha é sua. — Ele se afastou, deixando Rand parado em pé no corredor, nos subterrâneos da fortaleza de Fal Dara.

7

Sangue Chama Sangue

Quando a liteira que levava Mat deixou os aposentos do Trono de Amyrlin, Moiraine pegou o *angreal*, uma pequena escultura envelhecida de mar fim representando uma mulher envolta em mantos esvoaçantes, e o embrulhou com muito cuidado em um quadrado de seda, para então guardá-lo de volta na bolsa. Trabalhar com outras Aes Sedai, reunir suas habilidades e canalizar o luxo do Poder Único para uma tarefa era algo muito exaustivo mesmo nas melhores condições, ainda que com a ajuda de um *angreal*. E fazê-lo durante a noite, sem dormir, não era das melhores condições. Além disso, o trabalho com o garoto não havia sido fácil.

Leane orientou os homens que carregavam a liteira com alguns gestos ríspidos e poucas palavras duras. Os dois abaixavam a cabeça a todo instante, nervosos por estarem na presença de tantas Aes Sedai ao mesmo tempo, uma delas a própria Amyrlin. Ainda por cima, Aes Sedai que tinham acabado de usar o Poder. Eles haviam aguardado no corredor, agachados junto à parede enquanto as mulheres trabalhavam, e agora estavam ansiosos para sair da ala das mulheres. Mat jazia de olhos fechados, com o rosto pálido, mas seu peito subia e descia no ritmo regular de um sono profundo.

Como isso afetará a situação? , perguntou-se Moiraine. *Ele não é mais necessário, agora que a Trombeta foi levada, mas ainda assim…*

A porta se fechou atrás de Leane e dos homens com a liteira, e a Amyrlin respirou fundo, ligeiramente trêmula.

— Que coisa horrível! Horrível! — Sua expressão estava tranquila, mas ela esfregou as mãos como se quisesse lavá-las.

— Mas muito interessante — comentou Verin. Ela era a quarta Aes Sedai que a Amyrlin escolhera para ajudá-las. — É uma pena que não tivéssemos a adaga, para realizar uma Cura completa. Apesar de tudo o que fizemos esta noite, ele não viverá muito tempo. Restam-lhe alguns meses, talvez, na melhor das hipóteses.

As três Aes Sedai estavam sozinhas nos aposentos da Amyrlin. Por trás das seteiras, a aurora cobria o céu com uma camada perolada.

— Mas pelo menos agora ele terá esses meses — respondeu Moiraine, de forma brusca. — E, se recuperarmos a adaga, o vínculo ainda pode ser quebrado. *Se conseguirmos recuperá-la. Sim, é claro*.

— Ainda pode ser quebrado — concordou Verin. Era uma mulher rechonchuda, de rosto quadrado e, mesmo com o dom das Aes Sedai de aparentar uma idade indefinida, uns poucos fios grisalhos se espalhavam por seus cabelos castanhos. Era o único sinal de envelhecimento, mas, em uma Aes Sedai, indicava que era de fato muito velha. Sua voz se mantinha firme, em harmonia com o rosto sem rugas. — Entretanto, não podemos esquecer que ele está ligado à adaga há bastante tempo. E ficará ainda mais tempo, seja ela encontrada ou não. Pode ser que ele já esteja além do alcance da Cura total, mesmo que não o suficiente para contaminar outros. É tão pequena aquela adaga — comentou —, mas é capaz de corromper quem a carregar por tempo o bastante. E quem carregá-la, por sua vez, corromperá aqueles com quem entrar em contato, que vão corromper outros, e o ódio e a desconfiança que destruíram Shadar Logoth correrão pelo mundo outra vez, fazendo com que a mão de cada homem e de cada mulher se volte contra os outros. Eu me pergunto quantas pessoas ela pode macular em, digamos, um ano. Deve ser possível fazer um cálculo aproximado.

Moiraine lançou um olhar seco à irmã Marrom. *Mais um perigo se apresenta, e ela fala como se fosse um enigma de um livro. Luz, as Marrons* realmente *não prestam atenção ao restante do mundo*.

— Então precisamos encontrar a adaga, Irmã. Agelmar enviará homens para perseguir os que pegaram a Trombeta e mataram seus sacramentados, que são os mesmos que pegaram a adaga. Se a Trombeta for encontrada, a adaga também será.

Verin assentiu, mas franziu a testa ao mesmo tempo.

— Mas, mesmo que seja encontrada, quem poderá devolvê-la em segurança? Quem a tocar corre o risco de se macular, se ficar com ela por muito tempo. Talvez em um baú, bem embrulhada e almofadada… só que, ainda assim, ela seria perigosa para quem ficar perto por tempo demais. Sem a própria adaga para estudar, não podemos ter certeza de quantas barreiras de proteção ela precisa. Mas você a viu. E mais, Moiraine: você lidou com ela, fez o suficiente para aquele jovem sobreviver carregando-a sem infectar outros. Você deve

ter uma boa ideia da força dessa influência.

— Há alguém — disse Moiraine — que pode recuperar a adaga sem ser ferido. Alguém a quem já protegemos e isolamos do efeito da mácula o máximo possível: Mat Cauthon.

A Amyrlin assentiu.

— Sim, é claro. Pode ser ele. Se viver o bastante. Só a Luz sabe até onde ela será levada antes que os homens de Agelmar a encontrem. Se a encontrarem. E se o rapaz morrer antes… Bem, se a adaga ficar à solta por tanto tempo, teremos outra preocupação. — Ela esfregou os olhos, cansada. — Acho que também precisamos encontrar esse tal de Padan Fain. Por que esse Amigo das Trevas é tão importante para se arriscarem daquele jeito a fim de resgatá-lo? Teria sido muito mais fácil apenas roubar a Trombeta. Entrar na fortaleza como fizeram seria, de qualquer forma, tão arriscado quanto um temporal de inverno no Mar das Tempestades, mas eles se arriscaram ainda mais para libertar o Amigo das Trevas. Se os Espreitadores o consideram tão importante… — Ela hesitou, e Moiraine sabia que a mulher estava se perguntando se ainda era apenas o Myrddraal que dava as ordens. — Então também devemos considerá-lo.

— Ele precisa ser encontrado — concordou Moiraine, torcendo para que a urgência que sentia não transparecesse —, mas é provável que seja encontrado junto com a Trombeta.

— Se é o que diz, Filha. — A Amyrlin levou a mão à boca para conter um bocejo. — Agora, Verin, se você me der licença, trocarei algumas palavras com Moiraine e depois dormirei um pouco. Imagino que Agelmar insistirá em oferecer um banquete esta noite, já que o de ontem foi arruinado. Sua ajuda foi valiosa, Filha. Por favor, lembre-se de não comentar sobre a natureza do ferimento do rapaz com ninguém. Algumas de suas irmãs veriam a Sombra nele, em vez de algo feito pelos homens.

Não havia necessidade de citar a Ajah Vermelha. E talvez, pensou Moiraine, as Vermelhas não fossem mais as únicas de quem era preciso desconfiar.

— É claro que não direi nada, Mãe. — Verin fez uma mesura, mas não se moveu na direção da porta. — Imaginei que a senhora pudesse querer ver isto, Mãe. — Ela tirou do cinturão um pequeno caderno de anotações com a capa marrom de couro macio. — É o que estava escrito nas paredes do calabouço. Não tivemos muita dificuldade de traduzir. A maioria dizia as coisas de sempre: blasfêmias e a firmações arrogantes. Parece que os Trollocs não sabem dizer muito mais que isso. No entanto, havia uma parte em uma caligra ia melhor, de um Amigo das Trevas culto ou talvez de um Myrddraal. Podia ser apenas provocação, mas tem forma de poesia, ou canção, e soa como uma profecia. Pouco sabemos sobre as profecias da Sombra, Mãe.

A Amyrlin hesitou por um instante, antes de assentir. Profecias da Sombra, profecias das trevas que tinham o costume infeliz de se cumprirem com a mesma frequência que as da Luz.

— Leia para mim.

Verin folheou as páginas, então pigarreou e começou a ler calmamente:

"A filha da Noite volta a caminhar.
A guerra é antiga, e ela ainda luta.
Procura um novo amante, que a servirá e morrerá,
mas continuará a servi-la.
Quem resistirá à sua vinda?
As Muralhas Reluzentes se ajoelharão.
Sangue alimenta sangue.
Sangue chama sangue.
Sangue é, sangue foi e sangue sempre será.
O que canaliza está só.
E oferece os amigos em sacrifício.
Duas estradas se estendem à sua frente: uma leva à morte além da morte,
outra, à vida eterna.
Qual escolherá? Qual escolherá?
Que mão protegerá? Que mão matará?
Sangue alimenta sangue.
Sangue chama sangue.
Sangue é, sangue foi e sangue sempre será.
Luc chegou às Montanhas de Dhoom.
Isam aguardou nas passagens altas.
A caçada começou. Os cães da Sombra agora
caçam e matam.
Um viveu e outro morreu, mas ambos são.
O Tempo de Mudança chegou.
Sangue alimenta sangue.
Sangue chama sangue.
Sangue é, e sangue foi, e sangue sempre será.
Os Vigias aguardam na Ponta de Toman.
A semente do Martelo queima a árvore antiga.
A morte plantará, e o verão queimará antes que venha
o Grande Senhor.
A morte colherá, e corpos cairão antes que venha
o Grande Senhor.
Outra vez a semente mata o mal ancestral antes que venha
o Grande Senhor.
O Grande Senhor está vindo.
O Grande Senhor está vindo.

Sangue alimenta sangue.

Sangue chama sangue.

Sangue é, e sangue foi, e sangue sempre será.

O Grande Senhor está vindo." Houve um longo silêncio depois que ela terminou.

Por fim, a Amyrlin disse:

— Quem mais viu isso, Filha? Quem sabe disso?

— Apenas Serafelle, Mãe. Assim que copiamos, mandei os homens limparem as paredes. Eles não questionaram, pois estavam ansiosos para se ver livres daquilo.

A Amyrlin assentiu.

— Ótimo. Muita gente nas Terras da Fronteira sabe decifrar a escrita Trolloc. Não há necessidade de lhes dar mais preocupações. Eles já têm o suficiente.

— O que você entendeu? — perguntou Moiraine, dirigindo-se a Verin com cuidado. — Acha que é uma profecia?

Verin inclinou a cabeça, olhando pensativa para suas anotações.

— É possível. Segue o estilo de algumas das poucas profecias da Sombra que conhecemos. E alguns trechos são bastante óbvios, mas podem ser apenas provocações. — Ela apontou para uma das linhas. — "A Filha da Noite volta a caminhar" pode significar que Lanfear está à solta outra vez. Ou que alguém quer que pensemos isso.

— Isso seria preocupante, Filha — disse o Trono de Amyrlin —, se fosse verdade. Mas os Abandonados ainda estão presos. — Ela olhou de relance para Moiraine, parecendo perturbada por um instante, antes de controlar sua expressão. — Mesmo que os selos *estejam* enfraquecendo, os Abandonados ainda estão presos.

Lanfear. Na Língua Antiga, Filha da Noite. Seu nome verdadeiro não estava registrado em lugar algum, mas aquele era o nome que ela escolhera para si, diferentemente da maioria dos Abandonados, que haviam sido nomeados por aqueles a quem traíram. Alguns diziam que ela fora, depois de Ishamael, chamada de Traidora da Esperança, a mais poderosa dos Abandonados, mas mantivera seus poderes em segredo. Não restavam registros suficientes daquele tempo para qualquer estudioso afirmar com certeza.

— Com todos os falsos Dragões aparecendo, não surpreenderia que alguém tentasse trazer Lanfear também. — A voz de Moiraine soava tão imperturbável quanto o rosto, mas ela estava agitada por dentro. Só havia uma certeza sobre Lanfear, além do nome: antes de passar para a Sombra, antes de Lews Therin Telamon conhecer Ilyena, Lanfear fora sua amante. *Uma complicação de que* não *precisávamos*.

O Trono de Amyrlin franziu a testa, como se tivesse pensado o mesmo, mas Verin assentiu, como se fossem apenas palavras.

— Outros nomes também estão claros, Mãe. O Lorde Luc, é claro,

era irmão de Tigraine, a então Filha-herdeira de Andor. Ele desapareceu na Praga. Entretanto, não sei quem é Isam ou qual é sua relação com Luc.

— Com o tempo, descobriremos tudo o que precisamos saber — disse Moiraine, suavemente. — Ainda não há provas de que se trata realmente de uma profecia. — Ela conhecia o nome. Isam fora filho de Breyan, esposa de Lain Mandragoran, cuja tentativa de tomar o trono de Malkier para o marido levara as hordas de Trollocs a invadirem a cidade. Breyan e seu filho, ainda bebê, desapareceram quando os Trollocs tomaram Malkier. Isam era parente de Lan. *Ou ainda é? Preciso esconder isso dele até saber como vai reagir. Até estarmos longe da Praga. Se ele pensar que Isam está vivo…*

— "Os Vigias aguardam na Ponta de Toman" — continuou Verin. — Alguns poucos ainda se agarram à antiga crença de que os exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para atravessar o Oceano de Aryth voltarão um dia, mas depois de todo esse tempo… — Ela fungou com desdém. — Os Do Miere A'vron, os Vigias das Ondas, ainda têm uma… comunidade é a melhor palavra, suponho… na Ponta de Toman, em Falme. E um dos antigos nomes de Artur Asa-de-gavião era Martelo da Luz.

— Você está sugerindo, Filha — começou o Trono de Amyrlin —, que os exércitos de Artur Asa-de-gavião, ou melhor, seus descendentes, poderiam realmente voltar, depois de mil anos?

— Há rumores de guerra na Planície de Almoth e na Ponta de Toman — falou Moiraine, devagar. — E Asa-de-gavião enviou dois de seus filhos junto com os exércitos. Se eles sobreviveram nas terras que porventura encontraram, pode ser que haja muitos descendentes de Asa-de-gavião. Ou nenhum.

A Amyrlin lançou um olhar cauteloso para Moiraine, obviamente desejando que estivessem a sós, para que pudesse exigir que a amiga contasse o que estava tramando. Moiraine fez um gesto apaziguador, e sua velha amiga fez uma careta.

Verin, com o nariz ainda enfiado nas anotações, não reparou em nada do que se passava.

— Não sei, Mãe. Mas duvido. Nada sabemos a respeito das terras que Artur Asa-de-gavião partiu para conquistar. É uma pena que o Povo do Mar se recuse a atravessar o Oceano de Aryth. Dizem que as Ilhas dos Mortos ficam do outro lado. Gostaria de saber o que isso quer dizer, mas esse maldito silêncio do Povo do Mar… — Ela suspirou, ainda de cabeça baixa. — Tudo o que temos é uma referência a "terras sob a Sombra, além do sol poente e do Oceano de Aryth, onde os Exércitos da Noite reinam". Não há nada que nos diga se os exércitos enviados por Asa-de-gavião foram suficientes para derrotar esses "Exércitos da Noite" sozinhos, ou se ao menos

sobreviveram à morte de Asa-de-gavião. Assim que a Guerra dos Cem Anos começou, todos estavam tão decididos a conquistar sua parte do império que nem pensaram nos exércitos de além-mar. Me parece, Mãe, que, se esses descendentes ainda estivessem vivos e pretendessem voltar algum dia, não esperariam tanto.

— Então você acredita que não seja uma profecia, Filha?

— Agora, "a árvore ancestral" — continuou Verin, imersa em seus pensamentos. — Sempre houve rumores, nada mais, de que, enquanto a nação de Almoth ainda vivia, lá se cultivava um ramo de *Avendesora*, talvez até um broto. E o estandarte de Almoth era "azul como o céu acima, preto como a terra abaixo e com a Árvore da Vida para uni-las". Bem, os tarabonianos se autodenominam "a Árvore do Homem", e a firmam descender de governantes e nobres da Era das Lendas. E os domaneses a firmam descender daqueles que criaram a Árvore da Vida, na Era das Lendas. Existem outras possibilidades, mas a senhora pode ver, Mãe, que pelo menos três giram em torno da Planície de Almoth e da Ponta de Toman.

A voz da Amyrlin se tornou falsamente gentil.

— Você quer se decidir, Filha? Se a semente de Artur Asa-de-gavião *não* está voltando, então isso não é uma profecia e não vale uma cabeça de peixe podre saber a que árvore ancestral ela se refere.

— Eu só posso lhe dizer o que sei, Mãe — respondeu Verin, tirando os olhos de suas anotações — e deixar a decisão em suas mãos. Acredito que o último dos exércitos estrangeiros de Artur Asa-de-gavião se extinguiu há muito tempo, mas só porque acredito nisso não signi ica que seja verdade. O Tempo da Mudança, naturalmente, se refere ao fim de uma Era, e o Grande Senhor…

A Amyrlin deu um tapa no tampo da mesa, que soou como um trovão.

— Eu sei muito bem quem é o Grande Senhor, Filha. Acho melhor você ir agora. — Ela respirou fundo, e o esforço que fez para se conter foi visível. — Vá logo, Verin. Não quero me zangar com você. Não quero destratar quem mandava as cozinheiras me deixarem bolinhos à noite quando eu era noviça.

— Mãe — disse Moiraine —, não há nada no texto que indique uma profecia. Qualquer um com um mínimo de inteligência e de conhecimento pode entender isso, e nunca disseram que os Myrddraal não podem ser ardilosos.

— E, naturalmente — continuou Verin, com calma —, o homem que canaliza deve ser um dos três jovens que viajam com você, Moiraine.

Moiraine a encarou, chocada. *Não prestam atenção no restante do mundo? Eu sou uma idiota*. Antes de se dar conta do que fazia, tocou o brilho pulsante que sempre sentia ali, à sua espera: a Fonte

Verdadeira. O Poder Único correu por suas veias, energizando-a, abafando o brilho do Poder do Trono de Amyrlin, que fazia o mesmo. Moiraine nunca sequer pensara em usar o Poder contra outra Aes Sedai. *Vivemos tempos perigosos, e o mundo pende em um equilíbrio frágil. O que tem de ser feito tem de ser feito. Precisa ser. Ah, Verin, por que você tinha que meter o nariz onde não devia?*

Verin fechou seu caderno de anotações e o guardou de volta na parte de trás de seu cinturão, depois olhou de uma mulher para outra. Ela não poderia deixar de notar o brilho que cercava as duas, a luz que surgia quando uma Aes Sedai tocava a Fonte Verdadeira. Apenas alguém treinado em canalizar podia ver aquele brilho, e não havia chance de uma Aes Sedai deixar de percebê-lo em outra mulher.

Um vestígio de satisfação passou pelo rosto de Verin, mas ela não pareceu perceber que havia provocado um raio. Apenas parecia ter conseguido encaixar outra peça de um quebra-cabeças.

— Sim, pensei que devia ser o caso. Moiraine não poderia fazer isso sozinha, e quem melhor para ajudá-la do que a amiga de infância que costumava roubar bolinhos com ela? — Ela piscou. — Perdoe-me, Mãe. Eu não devia ter dito isso.

— Verin, Verin. — A Amyrlin balançou a cabeça, intrigada. — Você acusa sua irmã… e a mim?… de… Não vou nem dizer. E está preocupada por ter falado com o Trono de Amyrlin sem a cerimônia necessária? Você fez um buraco no barco e se preocupa se está chovendo. Pense no que está sugerindo, Filha.

É muito tarde para isso, Siuan , pensou Moiraine. *Se não tivéssemos entrado em pânico e tocado a Fonte, talvez… Mas agora ela tem certeza*.

— Por que está nos dizendo isso, Verin? — perguntou em voz alta. — Se acredita no que diz, deveria contar às outras irmãs. Para as Vermelhas, em particular.

Verin arregalou os olhos, surpresa.

— Sim. Sim, suponho que deveria. Não tinha pensado nisso. Mas aí, se eu o fizesse, você seria estancada, Moiraine, e você também, Mãe. E o homem seria amansado. Ninguém jamais registrou a progressão de um homem que canaliza o Poder. Quando começa a loucura, exatamente, e como toma conta dele? Com que velocidade se espalha? Será que ele conseguiria continuar a canalizar com o corpo apodrecendo? Por quanto tempo? A não ser que seja amansado, o que acontecerá ao rapaz, quem quer que seja, acontecerá independente de minha presença para descobrir as respostas. Se ele for observado e orientado, devemos ser capazes de manter algum registro com uma segurança razoável, pelo menos por algum tempo. E também há *O Ciclo de Karaethon* . — Ela retribuiu o olhar assustado das outras com muita calma. — Suponho, Mãe, que ele seja *mesmo* o Dragão Renascido! Não posso crer que a senhora faria isso, que deixaria livre

um homem capaz de canalizar, a não ser que ele fosse o Dragão.

Ela só se importa com o conhecimento , pensou Moiraine, pasma. *A profecia mais terrível que existe está se cumprindo, trazendo, talvez, o fim do mundo, e ela só pensa no conhecimento. Mas isso também a torna perigosa.*

— Quem mais sabe? — A voz da Amyrlin soava fraca, mas ainda clara. — Serafelle, eu suponho. Quem mais, Verin?

— Ninguém, Mãe. Serafelle não está realmente interessada em algo que já não esteja em um livro, o mais antigo possível, de preferência. Ela acha que há dez vezes mais livros antigos, manuscritos e fragmentos espalhados, perdidos ou esquecidos do que já coletamos em Tar Valon. Ela tem certeza de que existe conhecimento antigo a ser encontrado suficiente para…

— Chega, Irmã — interrompeu Moiraine. Ela deixou de se agarrar à Fonte Verdadeira e, depois de um instante, sentiu a Amyrlin fazer o mesmo. Sentir o Poder escapando como sangue e vida se derramando de uma ferida aberta sempre trazia uma sensação de perda. Parte dela queria continuar a tocá-lo, mas, ao contrário de algumas irmãs, Moiraine achava crucial se obrigar a não gostar demais dessa sensação. — Sente-se, Verin, e conte-nos o que sabe e como descobriu. Não deixe nada de fora.

Quando Verin pegou uma cadeira, olhando para a Amyrlin a fim de pedir permissão para se sentar em sua presença, Moiraine a observou com tristeza.

— É improvável — começou Verin — que qualquer um que não tenha estudado cuidadosamente os registros antigos pudesse notar algo. No máximo, notaria que a senhora estava se comportando de modo um pouco estranho. Perdoe-me, Mãe. Foi há quase vinte anos, com o cerco a Tar Valon, que tive a primeira pista, e isso foi apenas…

Luz me ajude, Verin, como eu a amei por aqueles bolinhos e por seu colo para chorar. Mas farei o que devo fazer. Eu farei. Eu tenho que fazer.

Perrin olhou para as costas da Aes Sedai que se afastava, dobrando em um corredor. Ela cheirava a sabonete de lavanda, embora a maioria das pessoas não fosse capaz de sentir aquele aroma nem mesmo de muito perto. Assim que ela sumiu de vista, ele correu para a porta da enfermaria. Já tentara visitar Mat uma vez, e aquela Aes Sedai, que ouvira alguém chamar de Leane, quase arrancara sua cabeça sem sequer olhar ao redor para ver quem era. O rapaz se sentia desconfortável perto das Aes Sedai, ainda mais quando elas reparavam em seus olhos.

Parou na entrada para escutar e, como não pôde ouvir passos vindos de qualquer lado do corredor ou lá dentro, entrou e fechou a porta com delicadeza ao passar.

A enfermaria era um quarto comprido de paredes brancas, e as entradas para as seteiras de cada lado deixavam entrar muita luz. Mat estava em uma das camas estreitas junto à parede. Depois da noite anterior, Perrin esperava que a maioria dos leitos estivesse ocupada, mas então lembrou-se de que havia várias Aes Sedai na fortaleza. A única coisa que uma Aes Sedai não podia tratar com a Cura era a morte. Mas, a sala ainda assim cheirava a doença para ele.

Perrin fez uma careta quando pensou naquilo. Mat jazia inerte, com os olhos fechados e as mãos imóveis sobre as cobertas. Parecia exausto. Não estava de fato doente, era mais como se tivesse trabalhado três dias nos campos e só agora tivesse se deitado para repousar. Mesmo assim, o menino tinha cheiro… de algo errado. Não era algo que Perrin conseguisse identificar, apenas parecia errado.

Perrin sentou-se com cuidado na cama ao lado da de Mat. Ele sempre fazia as coisas com cuidado. Era maior que a maioria das pessoas e sempre fora maior do que os outros rapazes, desde que se lembrava. Era preciso tomar cuidado para não ferir alguém por acidente ou quebrar algo. Agir assim agora era natural para ele. Também gostava de pensar nas coisas com calma e, às vezes, conversar sobre elas com alguém. *Com Rand achando que é um lorde, não posso falar com ele. E é claro que Mat não tem muito a dizer*.

Ele entrara em um dos jardins na noite anterior, para pensar com calma. Lembrar disso ainda o deixava um pouco envergonhado. Se não houvesse ido, estaria em seu quarto e poderia ter ido com Egwene e Mat, talvez até impedindo que eles se ferissem. Porém o mais provável, Perrin sabia, é que ele também acabaria em um daqueles leitos, como Mat, ou morto. Mas isso não mudava o modo como se sentia. Ainda assim, ele fora ao jardim, e o que o preocupava agora não tinha nada a ver com o ataque dos Trollocs.

Algumas serviçais o haviam encontrado sentado no escuro, junto com uma das acompanhantes da Lady Amalisa, a Lady Timora. Assim que o viu, Timora virou para uma das outras e disse: “Encontre Liandrin Sedai! Rápido!”

Elas haviam ficado ali paradas, vigiando-o, como se pensassem que ele poderia desaparecer em uma nuvem de fumaça, como um menestrel. Foi então que o primeiro sinal de alarme soou, e todos na fortaleza começaram a correr.

— Liandrin — murmurou, interrompendo as memórias. — Uma Ajah Vermelha. Elas caçam homens capazes de canalizar, acima de tudo. Você não acha que ela acredita que eu sou um desses, acha? — Mat não respondeu, claro. Perrin esfregou o nariz, pesaroso. — Agora estou falando sozinho. Só faltava essa!

As pálpebras de Mat tremeram.

— Quem…? Perrin? O que aconteceu? — Seus olhos não se

abriram por completo, e sua voz soava como se ele ainda estivesse meio adormecido.

— Você não se lembra, Mat?

— Do quê? — Mat, sonolento, levou uma das mãos ao rosto, depois deixou-a cair outra vez, com um suspiro. Seus olhos voltaram a se fechar. — Lembro que Egwene. Me pediu… descer… ver Fain. — Ele riu, e o riso se transformou em um bocejo. — Ela não pediu. Mandou… Não sei o que aconteceu depois… — Ele umedeceu os lábios e voltou a respirar no ritmo profundo e constante do sono.

Perrin se levantou de um salto quando seus ouvidos captaram o som de passos se aproximando, mas não havia para onde ir. Ainda estava de pé ao lado do leito de Mat quando a porta se abriu e Leane entrou. Ela parou, pôs os punhos cerrados nos quadris e o olhou de alto a baixo. Era quase tão alta quanto ele.

— Ora — começou ela, com a voz baixa, porém veemente —, você é quase bonito o bastante para me fazer desejar ser uma Verde. Quase. Mas se incomodou meu paciente… Bem, antes de ir para Torre, eu lidava com meus irmãos, que eram quase tão grandes quanto você, então não pense que esses ombros aí vão lhe servir de alguma coisa.

Perrin pigarreou. Não entendia o que as mulheres queriam dizer metade das vezes que falavam. *Você não é como Rand, ele sempre sabe falar com garotas*. Percebeu que franzia a testa e parou. Não queria pensar em Rand, mas preferia não aborrecer uma Aes Sedai, muito menos uma que já estava batendo o pé, impaciente.

— Ah… Eu não o incomodei. Ele ainda está dormindo, vê?

— Está mesmo. Que bom para você! Agora, o que está fazendo aqui? Lembro-me de ter posto você para fora uma vez. Nem pense que eu não lembro.

— Eu só queria saber como ele está.

Ela hesitou.

— Ele está dormindo, é assim que está. Ele vai sair dessa cama em algumas horas, e você vai achar que nunca houve nada de errado com ele.

A hesitação fez os pelos dele se eriçarem. Sabia que havia alguma mentira ali. Aes Sedai nunca mentiam, mas nem sempre diziam a verdade. Ele não sabia ao certo o que estava acontecendo, com Liandrin o procurando e Leane mentindo para ele, mas achou que estava na hora de sair de perto das Aes Sedai.

— Obrigado — agradeceu. — É melhor eu deixá-lo dormir, então. Com licença.

Ele tentou contornar a mulher para passar pela porta, mas as mãos dela se moveram depressa e agarraram seu rosto, inclinando-o para que ela pudesse olhá-lo bem nos olhos. Sentiu como se algo o atravessasse, uma ondulação quente que começou no topo de sua

cabeça e foi até seus pés, para depois voltar. Ele tirou o rosto das mãos dela.

— Você está tão saudável quanto um filhote de animal selvagem — disse, comprimindo os lábios. — Mas, se nasceu com esses olhos, eu sou um Manto-branco.

— São os únicos olhos que já tive — grunhiu Perrin. Sentiu-se um pouco atordoado por falar com uma Aes Sedai naquele tom, mas ficou tão surpreso quanto ela quando a levantou pelos braços gentilmente e a colocou de lado, tirando-a de seu caminho. Ao se encararem, ele se perguntou se seus olhos estavam tão arregalados de choque quanto os dela. — Com licença — repetiu, e saiu quase correndo.

Meus olhos. Meus olhos amaldiçoados pela Luz! O sol da manhã bateu em seus olhos, que reluziram como ouro polido.

Rand se revirou na cama, tentando encontrar uma posição confortável no colchão ino. A luz do sol entrava por entre as seteiras, derramando-se pelas paredes de pedra nua. Ele não dormira boa parte da noite e, por mais cansado que estivesse, tinha certeza de que não conseguiria dormir agora. O colete de couro jazia no chão entre sua cama e a parede, mas, fora isso, estava completamente vestido, inclusive com as botas novas. Sua espada estava apoiada na lateral da cama, e o arco e a aljava descansavam em um canto, sobre os mantos embolados.

Não conseguia se livrar da sensação de que devia aproveitar a chance que Moiraine lhe dera e partir imediatamente. O impulso o acompanhara a noite inteira. Ele se levantou para ir embora três vezes, e em duas delas chegou até a abrir a porta. Os corredores estavam vazios, a não ser por alguns poucos serviçais que cuidavam de seus afazeres noturnos. O caminho estava livre, mas ele precisava saber.

Perrin entrou, de cabeça abaixada e bocejando, e Rand se sentou.

— Como está Egwene? E Mat?

— Ela está dormindo, segundo me disseram. Não me deixaram entrar na ala das mulheres para visitá-la. Mat está… — De repente, Perrin olhou irritado para o chão. — Se está tão interessado, por que não foi vê-lo? Pensei que não estivesse mais interessado em nós. Você disse que não estava. — Ele abriu a porta de seu armário e começou a procurar por uma camisa limpa.

— Eu fui à enfermaria, Perrin. Havia uma Aes Sedai lá, aquela alta que está sempre com o Trono de Amyrlin. Ela disse que Mat estava dormindo e que eu estava no caminho e devia voltar outra hora. Ela lembrava o Mestre Thane dando ordens aos homens no moinho. Você sabe como o Mestre Thane é, ríspido e cheio de ordens tipo “é melhor me obedecer, e é melhor me obedecer agora mesmo”.

Perrin não respondeu, apenas tirou o casaco e a camisa.

Rand estudou as costas do amigo por um momento, então soltou uma gargalhada.

— Você quer ouvir uma coisa? Sabe o que ela me falou? A Aes Sedai da enfermaria. Você viu como ela é alta, tão alta quanto a maioria dos homens. Se fosse um pouco mais alta, quase poderia me olhar nos olhos. Bem, ela olhou para mim de cima a baixo e resmungou: "Alto você, não? Onde estava quando eu tinha dezesseis anos? Ou trinta?" Então riu, como se fosse uma piada. O que você acha disso?

Perrin terminou de vestir uma camisa limpa e lançou a Rand um olhar de soslaio. Com os ombros largos e os cachos grossos, ele lembrava um urso ferido. Um urso que não entendia por que o haviam ferido.

— Perrin, eu…

— Se quiser fazer gracinhas com as Aes Sedai — interrompeu Perrin —, é problema seu, milorde. — Ele começou a enfiar as fraldas da camisa para dentro das calças. — Eu não passo muito tempo sendo… espirituoso, é essa a palavra? Espirituoso com as Aes Sedai. Mas também sou apenas um ferreiro desajeitado que se mete no caminho dos outros. Milorde. — Pegando o casaco do chão, ele se dirigiu até a porta.

— Que me queime, Perrin, desculpe! Eu estava com medo e achei que estivesse em apuros. Talvez estivesse, talvez ainda esteja, não sei. Não queria que você e Mat se metessem nisso comigo. Luz, todas as mulheres estavam me procurando ontem à noite. Imagino que isso tenha a ver com os problemas em que estou metido. Pelo menos é o que eu acho. E Liandrin… Ela… — Ele jogou as mãos para o alto, desistindo de discutir. — Perrin, acredite em mim, você não vai querer se meter nisso.

Perrin havia parado, mas continuou encarando a porta e só virou a cabeça o suficiente para que Rand visse um dos olhos dourados.

— Procurando você? Talvez elas estivessem procurando todos nós.

— Não, elas estavam me procurando. Gostaria que não, mas sei que é verdade.

Perrin sacudiu a cabeça.

— Mas Liandrin estava me procurando, eu sei. Eu ouvi.

Rand franziu a testa.

— Por que ela…? Isso não muda nada. Escute, eu falei o que não devia. Não falei sério, Perrin. Agora, por favor, quer me falar como está Mat?

— Ele está dormindo. Leane, a Aes Sedai que você mencionou, disse que ele deve acordar em algumas horas. — Ele deu de ombros,

desconfortável. — Acho que estava mentindo. Sei que Aes Sedai nunca mentem, não a ponto de você poder pegá-las na mentira, mas ela estava mentindo. Ou estava escondendo alguma coisa. — Ele hesitou, olhando de soslaio para Rand. — Você não estava falando sério, então? Vamos embora juntos? Eu, você e Mat?

— Não posso, Perrin. Não posso dizer por quê, mas eu realmente preciso ir sozi… Perrin, espere!

A porta bateu atrás de seu amigo.

Rand se jogou na cama outra vez.

— Não posso dizer — murmurou, e bateu com o punho na lateral da cama. — Não posso. — *Mas agora você pode ir* , disse uma voz, no fundo de sua cabeça. *Egwene vai ficar bem, e Mat vai se levantar em uma ou duas horas. Você pode ir agora, antes que Moiraine mude de ideia*.

Ele estava se sentando quando algumas batidas na porta o fizeram se levantar de um pulo. Se fosse Perrin voltando, não bateria. As batidas recomeçaram.

— Quem é?

Lan entrou, fechando a porta com a bota ao passar. Como de costume, levava a espada sobre um casaco verde simples, que na floresta seria quase invisível. Dessa vez, no entanto, também usava um grande cordão dourado amarrado no alto do braço esquerdo, com pontas que terminavam em franjas pendendo até quase o cotovelo. Um grou dourado em pleno voo, o símbolo de Malkier, estava preso no laço do cordão com um alfinete.

— O Trono de Amyrlin quer vê-lo, pastor. E você não pode ir assim. Tire essa camisa e penteie o cabelo, está parecendo um palheiro. — Ele escancarou as portas do armário e começou a examinar as roupas que Rand deixaria para trás.

Rand ficou parado onde estava, sentindo como se tivesse sido atingido por um martelo na cabeça. De alguma forma, imaginara que aquilo fosse acontecer, mas tinha certeza de que já teria partido antes da convocação. *Ela sabe. Luz, tenho certeza*.

— Como assim, ela quer me ver? Estou indo embora, Lan. Você tinha razão. Eu vou para o estábulo agora mesmo, pegarei meu cavalo e partirei.

— Você devia ter feito isso ontem à noite. — O Guardião jogou uma camisa de seda na cama. — Ninguém recusa uma audiência com o Trono de Amyrlin, pastor. Nem o próprio Senhor Capitão Comandante dos Mantos-brancos. Pedron Niall pode até passar o trajeto inteiro planejando matá-la, se pudesse se safar depois, mas iria. — O homem virou-se com um dos casacos de colarinho alto nas mãos e o levantou. — Este aqui serve. — Longos galhos espinhosos e enroscados subiam por cada manga vermelha, feitos de uma linha grossa e bordada a ouro, contornando cada punho. Garças douradas se

destacavam nos colarinhos, cuja borda também era dourada. — A cor também é boa. — Ele parecia estar se divertindo com algo, ou pelo menos satisfeito. — Vamos logo, pastor. Troque essa camisa. Mexa-se.

Com certa relutância, Rand tirou a rústica camisa de lã de trabalhador pela cabeça.

— Vou me sentir um idiota — resmungou. — Uma camisa de seda! Nunca vesti uma camisa de seda na vida. E também nunca usei um casaco tão elegante, nem mesmo em dia de festival. — *Luz, se Perrin me vir assim… Que me queime, depois de toda essa bobagem sobre eu ser um lorde, se ele me encontrar nestas roupas nunca mais vai ouvir a voz da razão*.

— Você não pode se apresentar diante do Trono de Amyrlin vestido como um cavalariço saído dos estábulos, pastor. Deixe-me ver suas botas. Elas servem. Bem, vamos lá, vamos lá. Não se pode deixar a Amyrlin esperando. Leve a espada.

— Minha espada! — A camisa de seda que Rand não tinha terminado de passar pela cabeça abafou o grito agudo. Ele terminou de vesti-la. — Na ala das mulheres? Lan, se eu for a uma audiência com o Trono de Amyrlin, o Trono de Amyrlin!, usando uma espada, ela…

— Não vai fazer nada — interrompeu Lan, em tom seco. — Se a Amyrlin temer você, não vai ser por causa de uma espada. E é mais inteligente achar que ela não o teme, porque não conheço nada que possa assustar aquela mulher. Agora lembre-se: ajoelhe-se quando chegar diante dela. Em apenas um joelho, preste atenção — acrescentou, ríspido. — Você não é nenhum mercador apanhado com a balança alterada. Talvez seja melhor praticar.

— Acho que sei como fazer. Eu vi os Guardas da Rainha se ajoelharem para a Rainha Morgase.

A sugestão de um sorriso passou pelos lábios do Guardião.

— Sim, imite-os. Isso lhes dará o que pensar.

Rand franziu a testa.

— Por que está me dizendo isso, Lan? Você é um Guardião, mas age como se estivesse do meu lado.

— Eu estou do seu lado, pastor. Um pouco. O suficiente para ajudá-lo um pouquinho. — O rosto do Guardião era como uma pedra, e palavras de compaixão soavam estranhas naquela voz áspera. — Eu lhe dei o pouco treinamento que teve e não admito que fique se arrastando por aí, choramingando. A Roda tece todos nós dentro do Padrão, conforme desejar. Você tem menos liberdade do que a maioria, mas, pela Luz, ainda pode encará-la dignamente. Lembre-se de quem é o Trono de Amyrlin, pastor, e mostre-lhe o devido respeito, mas faça como eu digo e a olhe nos olhos. Bem, não fique aí parado de boca aberta. E ponha a camisa para dentro das calças.

Rand fechou a boca e pôs a camisa para dentro das calças. *Lembrar-me de quem ela é? Que me queime, o que eu não daria para esquecer quem ela é!*

Lan continuou a dar uma série de instruções enquanto Rand vestia o casaco vermelho e afivelava a espada. O que dizer, e a quem, e o que não dizer. O que fazer e o que não fazer. Explicou até mesmo como ele deveria se mover. Rand não tinha certeza de que conseguiria se lembrar de tudo, pois a maioria das instruções soava estranha e fácil de esquecer, e tinha certeza de que o que esquecesse seria exatamente aquilo que deixaria as Aes Sedai irritadas com ele. *Se já não estiverem. Se Moiraine contou ao Trono de Amyrlin, a quem mais pode ter contado?*

— Lan, por que não posso apenas ir embora como planejei? Quando ela souber que não vou, já estarei a uma légua das muralhas.

— Então ela mandará rastreadores atrás de você antes que percorra duas léguas. A Amyrlin sempre consegue o que quer, pastor. — Ele ajustou o cinturão de Rand, para que afivela pesada ficasse no centro. — Estou fazendo o melhor que posso por você, acredite.

— Mas para que tudo isso? O que isso tudo signi ica? Por que colocar a mão sobre o peito se o Trono de Amyrlin se levantar? Não que eu queira fazer uma refeição com ela ou coisa do tipo, mas por que recusar qualquer coisa exceto água, que depois terei que derramar um pouco no chão, dizendo "A terra tem sede"? E, se ela perguntar minha idade, por que tenho que dizer há quanto tempo me deram a espada? Não entendi metade do que você falou.

— Três gotas, pastor, e não é para derramar. É *pingar* três gotas, apenas. Você pode entender mais tarde, desde que se lembre agora. Pense nisso como uma forma de manter uma tradição. A Amyrlin lidará com você como deve. Se você acredita que pode evitá-la, então acredita que pode voar até a lua, como Lenn. Você não pode fugir dela, mas talvez possa se defender um pouco, e quem sabe manter sua dignidade, pelo menos. Que a Luz me queime, provavelmente estou perdendo meu tempo, mas não tenho nada melhor para fazer. Fique quieto. — O Guardião tirou um longo cordão dourado com franjas na ponta do bolso e o amarrou ao redor do braço esquerdo de Rand com um nó complicado. No laço, ele prendeu um alfinete vermelho esmaltado com a figura de uma águia de asas abertas. — Mandei fazer isso para dar a você, e agora é tão bom quanto qualquer outro momento. Isso lhes dará o que pensar. — Não havia dúvidas agora: o Guardião estava sorrindo.

Rand olhou para o alfinete, preocupado. *Caldazar*, a Águia Vermelha de Manetheren.

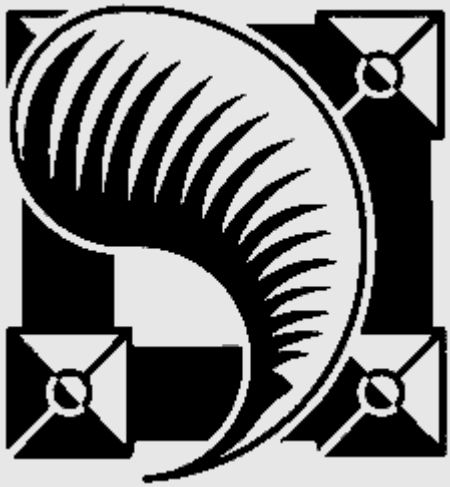
— Um espinho no pé do Tenebroso — murmurou — e um arbusto cheio de espinhos nas mãos dele. — Ele olhou para o Guardião. —

Manetheren já morreu e foi esquecida há muito tempo, Lan. Agora é apenas um nome em um livro. Restou apenas Dois Rios. Não importa o que mais eu seja, sou um pastor e um fazendeiro. E só.

— Bem, a espada que não podia ser quebrada acabou se estilhaçando no final, pastor, mas combateu a Sombra até o fim. Existe uma regra, mais importante que todas, para ser um homem: enfrente de pé tudo o que vier. Agora, está pronto? O Trono de Amyrlin o espera.

Com um nó gelado no estômago, Rand seguiu o Guardião pelo corredor.

8



O Dragão Renascido

Rand caminhou, com as pernas rígidas e muito nervoso, ao lado do Guardião. *Enfrente de pé* . Para Lan, era fácil falar, ele não fora convocado pelo Trono de Amyrlin. Ele não estava se perguntando se seria amansado antes do fim do dia, ou coisa pior. Rand sentia como se tivesse algo preso na garganta, algo que não conseguia engolir, por mais que quisesse.

Os corredores estavam bastante movimentados: serviçais iam e vinham, cumprindo suas tarefas matinais, e guerreiros levavam suas espadas presas sobre os mantos compridos. Alguns meninos com pequenas espadas de treinamento mantinham-se perto dos meninos maiores, imitando a maneira como andavam. Não restava sinal algum da luta do dia anterior, mas permanecia no ar uma sensação de alerta, até mesmo nas crianças. Homens crescidos pareciam gatos à espera de um bando de ratos.

Ingtar lhes lançou um olhar estranho, quase perturbado, e chegou a abrir a boca quando Rand e Lan passaram por ele, mas não falou nada. Kajin, alto, magro e encovado, ergueu os punhos acima da cabeça e gritou:

— *Tai'shar Malkier! Tai'shar Manetheren!* — O verdadeiro sangue de Malkier. O verdadeiro sangue de Manetheren.

Rand deu um pulo. *Luz, por que ele falou isso? Não seja tolo*, disse a si mesmo. *Todos aqui sabem de Manetheren. Eles conhecem cada história antiga que fale sobre lutas. Que me queime, preciso me conter!*

— *Tai'shar Shienar!* — disse Lan, erguendo os punhos em resposta.

Se ele saísse correndo, será que a multidão conseguiria escondê-lo

por tempo suficiente para chegar a seu cavalo? *Se ela enviar rastreadores atrás de mim*… A cada passo, ele ficava mais nervoso.

Ao se aproximarem da ala das mulheres, Lan disse de repente, com rispidez:

— Gato Cruza o Pátio!

Pego de surpresa, Rand assumiu instintivamente a postura de caminhada que aprendera, mantendo as costas retas e cada músculo do corpo relaxado, como se pendesse de um fio no topo de sua cabeça. Caminhava como se passeasse, em uma postura tranquila e quase arrogante. Embora estivesse relaxado por fora, é certo que não se sentia dessa forma por dentro. Mas não teve tempo para se perguntar o que fazia, pois os dois já percorriam o último corredor, lado a lado.

As mulheres na entrada da ala levantaram a cabeça, tranquilas, quando eles se aproximaram. Umas estavam sentadas atrás de mesas inclinadas, conferindo enormes livros-caixa e, volta e meia, fazendo anotações. Outras tricotavam ou bordavam com agulhas e aros de costura. Damas com vestidos de seda e mulheres de libré mantinham a vigília, juntas. As portas em arco estavam abertas, guardadas apenas pelas mulheres. Não precisavam de mais do que isso. Nenhum shienarano entraria sem ser convidado, mas qualquer um deles estaria pronto para defender aquela porta, se necessário, e ficaria perplexo com a necessidade.

O estômago de Rand se revirou, ardendo, irritado. *Elas verão nossas espadas e nos mandarão embora. Bem, era o que eu queria, não era? Se nos mandarem embora, talvez eu ainda consiga escapar. Isso se não chamarem os guardas*. Ele se agarrou à postura que Lan recomendara como teria se agarrado a um galho flutuante em uma enchente. Concentrar-se em manter a posição era a única coisa que o impedia de dar meia-volta e sair correndo.

Nisura, uma mulher de rosto redondo, que era uma das aias de Lady Amalisa, pôs o bordado de lado e se levantou assim que eles pararam diante das portas. Ela olhou de relance para as espadas e comprimiu os lábios, mas não falou nada. Todas as mulheres pararam o que estavam fazendo para olhá-los com atenção, em silêncio.

— Honrados sejam os dois — disse Nisura, inclinando um pouco a cabeça. Ela olhou de relance para Rand, tão depressa que ele quase não teve certeza do que vira, o que o fez lembrar-se do que Perrin dissera. — O Trono de Amyrlin os aguarda.

A um gesto seu, duas outras mulheres se adiantaram para acompanhá-los. Duas damas, em vez de serviçais. Era uma honra. Elas fizeram uma mesura quase imperceptivelmente mais profunda do que a de Nisura e gesticularam para que os dois passassem pelo arco da entrada. Ambas olharam para Rand de soslaio, mas não voltaram seus olhos para ele.

Elas estavam procurando por todos nós ou apenas por mim? Por que estariam atrás de todos?

Lá dentro, receberam os olhares que Rand esperava que dois homens na ala das mulheres receberiam. Suas espadas provocaram mais de um erguer de sobrancelhas, mas nenhuma das mulheres protestou em voz alta. Os dois deixavam um rastro de burburinhos por onde passavam; murmúrios baixos e suaves demais para Rand poder entendê-los. Lan caminhava como se sequer reparasse neles, mas o rapaz, que se mantinha um passo atrás das acompanhantes, desejou ser capaz de compreendê-los.

E então chegaram aos aposentos do Trono de Amyrlin, onde três Aes Sedai estavam paradas no corredor, ao lado da porta. A mais alta, Leane, segurava seu cajado de chama dourada. Rand não conhecia as outras duas, uma da Ajah Branca e uma Amarela, de acordo com suas franjas. Mas se lembrava de seus rostos, que o encararam quando passou correndo por aqueles mesmos salões. Eram rostos sem rugas de Aes Sedai, com olhos experientes. Elas o analisaram com as sobrancelhas arqueadas e os lábios comprimidos. As mulheres que os trouxeram fizeram uma mesura, deixando-os com as Aes Sedai.

Leane analisou Rand de alto a baixo com um pequeno sorriso. Apesar disso, sua voz tinha um tom áspero.

— O que você trouxe para o Trono de Amyrlin hoje, Lan Gaidin? Um jovem leão? É melhor não deixar nenhuma Verde vê-lo, ou uma delas vai vinculá-lo como Guardião antes que o rapaz possa falar alguma coisa. Verdes gostam de vinculá-los quando ainda são jovens.

Rand se perguntou se era realmente possível suar por dentro da pele, pois era assim que se sentia. Queria olhar para Lan, mas lembrou-se das instruções do Guardião para aquele momento.

— Eu sou Rand al'Thor, filho de Tam al'Thor, de Dois Rios, que um dia foi Manetheren. Fui convocado pelo Trono de Amyrlin, Leane Sedai, por isso vim. Eis-me aqui. — Ele ficou surpreso por sua voz não ter tremido uma vez sequer.

Leane piscou, e seu sorriso desapareceu, transformando-se em uma expressão pensativa.

— Era para esse menino ser um pastor, Lan Gaidin? Ele não estava assim tão seguro hoje de manhã.

— Ele é um homem, Leane Sedai — respondeu Lan, com firmeza. — Nem mais nem menos. Nós somos o que somos.

A Aes Sedai balançou a cabeça.

— O mundo ica mais estranho a cada dia. Imagino que o ferreiro vai aparecer usando uma coroa e falando em Alto Canto. Espere aqui. — Ela atravessou a porta e entrou no aposento, a fim de anunciá-los.

A mulher só se ausentou por alguns instantes, mas Rand estava consciente dos olhares das Aes Sedai remanescentes, que o deixavam

desconfortável. Tentou retribuí-los com a mesma intensidade, como Lan lhe instruíra a fazer. Então, elas se aproximaram umas das outras e começaram a sussurrar. *O que estão dizendo? O que sabem? Luz, será que vão me amansar? Era isso o que Lan queria dizer com "enfrentar o que vier"?*

Leane retornou e fez um gesto para que Rand entrasse. Quando Lan fez menção de segui-lo, ela bloqueou a passagem com o cajado, encostando-o no peito do guardião.

— Você não, Lan Gaidin. Moiraine Sedai tem uma tarefa para você. Seu filhote de leão ficará bem sozinho.

A porta se fechou atrás de Rand, mas ele teve tempo de ouvir a voz, forte e feroz do guardião, dizer apenas para seus ouvidos:

— *Tai'shar Manetheren!*

Moiraine estava sentada em uma ponta do aposento, e uma das Aes Sedai que ele vira no calabouço, na outra, mas foi a mulher na cadeira de espaldar alto atrás da enorme mesa que chamou sua atenção. As cortinas estavam parcialmente fechadas sobre seteiras, mas ainda deixavam passar luz o bastante por trás da mulher, dificultando a visão de seu rosto com clareza. Ainda assim, ele a reconheceu: o Trono de Amyrlin.

Ele caiu sobre um dos joelhos mais do que depressa, mantendo a mão esquerda no cabo da espada e o punho direito sobre o tapete adornado, então abaixou a cabeça.

— A senhora me convocou, Mãe, então eu vim. Eis-me aqui. — Ele levantou a cabeça a tempo de ver as sobrancelhas dela se erguerem.

— É mesmo, rapaz? — O tom de sua voz soava quase divertido, além de mais alguma outra coisa que ele não pôde distinguir, mas ela realmente não parecia estar se divertindo. — Levante-se, garoto, e deixe-me olhar para você.

Ele se levantou e tentou manter o rosto tranquilo. Foi preciso um grande esforço para não cerrar os punhos. *Três Aes Sedai. Quantas são necessárias para amansar um homem? Elas mandaram uma dezena ou mais atrás de Logain. Será que Moiraine faria isso comigo?* Ele encarou o Trono de Amyrlin nos olhos. Ela não piscou.

— Sente-se, rapaz — disse, por fim, indicando uma cadeira simples de madeira que alguém havia colocado em frente à mesa. — Receio que isso vá demorar.

— Obrigado, Mãe. — Ele inclinou a cabeça e depois, como Lan instruíra, olhou para a cadeira de relance e tocou a espada. — Com sua permissão, Mãe, ficarei de pé. A Vigia não acabou.

O Trono de Amyrlin soltou um som exasperado e olhou para Moiraine.

— Você o deixou com Lan, Filha? Isso já vai ser di ícil o bastante

sem ele imitar os Guardiões.

— Lan tem treinado todos os rapazes, Mãe — respondeu Moiraine, calma. — Ele passa um pouco mais de tempo com este do que com os outros porque ele usa uma espada.

A Aes Sedai marrom se mexeu em sua cadeira.

— Os Gaidin são rígidos e orgulhosos, Mãe, mas são úteis. Eu não gostaria de ficar sem Tomas, como a senhora não gostaria de perder Alric. Já ouvi falar que algumas Vermelhas às vezes dizem que gostariam de um Guardião. E as Verdes, é claro…

Agora as três Aes Sedai o ignoravam.

— Essa espada — comentou o Trono de Amyrlin — parece ter a marca da garça. Como ele a conseguiu, Moiraine?

— Tam al'Thor deixou Dois Rios quando era rapaz, Mãe. Ele entrou para o exército de Illian e serviu na Guerra dos Mantos-brancos e nas duas últimas guerras contra Tear. Com o tempo, tornou-se um mestre espadachim e Segundo Capitão dos Companheiros. Depois da Guerra dos Aiel, Tam al'Thor retornou a Dois Rios com uma esposa de Caemlyn e um bebê. Se eu soubesse disso antes, teria nos poupado muito trabalho, mas agora sei.

Rand encarou Moiraine. Ele sabia que Tam deixara Dois Rios e voltara com uma esposa estrangeira e a espada, mas o restante… *Onde você ficou sabendo disso tudo? Não foi em Campo de Emond. A não ser que Nynaeve lhe tenha dito muito mais do que já me contou. Um bebê. Ela não disse que a criança era filho dele. Mas eu sou*.

— Contra Tear. — O Trono de Amyrlin franziu a testa, de leve. — Bem, os dois lados tiveram culpa nessas guerras. Homens tolos que preferiram lutar a dialogar. Pode dizer se essa lâmina é autêntica, Verin?

— Existem testes, Mãe.

— Então leve-a e teste-a, Filha.

As três mulheres sequer olhavam para ele. Rand deu um passo para trás, agarrando o cabo da espada com força.

— Meu pai me deu esta espada — disse, com raiva. — E ninguém vai tirá-la de mim.

Só então percebeu que Verin não saíra de sua cadeira. Olhou confuso para as mulheres, tentando recuperar a compostura.

— Ah — comentou o Trono de Amyrlin —, você tem algum fogo dentro de si, além do que Lan colocou aí dentro. Ótimo. Vai precisar.

— Eu sou o que sou, Mãe — conseguiu responder, calmo o bastante. — Eis-me aqui.

O Trono de Amyrlin fez uma careta.

— Você realmente passou tempo demais com Lan. Preste atenção, rapaz. Daqui a algumas horas, Ingtar partirá para encontrar a Trombeta roubada. Seu amigo, Mat, irá com ele. E imagino que seu

outro amigo… Perrin?… também vá. Você deseja acompanhá-los?

— Mat e Perrin vão? Por quê? — Lembrou-se, então, de acrescentar, com respeito: — Mãe.

— Sabe a adaga que seu amigo carregava? — Ela comprimiu os lábios, revelando o que pensava sobre a adaga. — Ela também foi levada. A menos que seja encontrada, o elo entre ele e a lâmina não poderá ser quebrado por completo, e ele morrerá. Você pode ir com eles, se quiser. Ou pode ficar aqui. Não tenho dúvidas de que o Lorde Agelmar deixará que fique como hóspede pelo tempo que desejar. Eu também partirei hoje. Moiraine Sedai vai me acompanhar, assim como Egwene e Nynaeve. Então você ficará sozinho, se permanecer aqui. A escolha é sua.

Rand a encarou. *Ela está dizendo que posso ir para onde quiser. Foi para isso que me trouxe até aqui? Mat está morrendo!* Ele olhou de soslaio para Moiraine, sentada, impassível, com as mãos cruzadas sobre o colo. Era como se nada no mundo pudesse preocupá-la menos do que o destino dele. *Para que lado você está tentando me empurrar, Aes Sedai? Que me queime, eu vou para o outro! Mas se Mat está morrendo… Não posso abandoná-lo. Luz, como encontraremos aquela adaga?*

— Você não precisa decidir agora — disse a Amyrlin. Ela também não parecia se importar. — Mas terá de fazê-lo antes da partida de Ingtar.

— Irei com ele, Mãe.

O Trono de Amyrlin assentiu, distraída.

— Agora que isso já está decidido, podemos passar para questões mais importantes. Sei que pode canalizar, rapaz. O que você sabe?

Rand ficou boquiaberto. Concentrado em sua preocupação com Mat, as palavras dela, naquele tom casual, o atingiram como a porta de vai e vem de um celeiro. Todos os conselhos e as instruções de Lan haviam desaparecido. Ele ficou olhando fixamente para ela, umedecendo os lábios. Uma coisa era achar que ela sabia, outra bem diferente era ter certeza. O suor finalmente começou a escorrer pela sua testa.

Ela se inclinou para a frente, ainda sentada, esperando a resposta, mas ele teve a sensação de que ela queria se recostar. Lembrou-se do que Lan dissera. *Se ela tiver medo de você…* Ele queria rir. Se *ela* tivesse medo *dele*.

— Não, eu não consigo canalizar. Quer dizer… Não fiz de propósito, apenas aconteceu. Eu não quero… canalizar o Poder. Nunca mais farei isso. Eu juro.

— Você não quer — repetiu o Trono de Amyrlin. — Bem, isso é sábio da sua parte. E tolo também. Alguns podem aprender a canalizar, mas a maioria não. Uns poucos, entretanto, carregam a

semente desde o nascimento. Usam o Poder Único mais cedo ou mais tarde, querendo ou não. Isso é tão certo quanto ovas se tornarem peixes. Você continuará a canalizar, rapaz. Não há como evitar. E é melhor *aprender* a canalizar, aprender a controlar isso, ou não viverá tempo o bastante para enlouquecer. O Poder Único mata aqueles que não conseguem controlar seu fluxo.

— Como posso aprender? — quis saber Rand. Moiraine e Verin apenas ficaram ali sentadas, imperturbáveis, observando-o. *Como aranhas* . — Como? Moiraine disse que não pode me ensinar, e eu não sei como aprender, ou o que quer que seja. E, de qualquer forma, não quero. Eu quero parar. Não entende? Quero parar!

— Eu lhe disse a verdade, Rand — respondeu Moiraine. Ela soava como se estivessem todos participando de uma conversa agradável. — Aqueles que poderiam ensiná-lo, os Aes Sedai homens, estão mortos há três mil anos. Nenhuma Aes Sedai viva pode lhe ensinar a tocar *saidin*, assim como você não pode aprender a tocar *saidar*. Um pássaro não pode ensinar um peixe a voar, nem um peixe consegue ensinar um pássaro a nadar.

— Sempre achei que esse era um péssimo ditado — afirmou Verin, de repente. — Existem pássaros que mergulham e nadam. E, no Mar das Tempestades, há peixes que voam. Eles têm longas barbatanas, que se esticam até o tamanho de seus braços abertos, e bicos similares a espadas, que podem perfurar… — Ela foi parando de falar e corou. Moiraine e o Trono de Amyrlin a encararam com os rostos inexpressivos.

Rand aproveitou a interrupção para tentar recuperar algum autocontrole. Ele visualizou uma única chama em sua mente e a alimentou com seus medos, procurando o vazio e sua quietude, conforme Tam lhe ensinara havia muito tempo. A chama pareceu crescer até envolver tudo, até ficar grande demais para reprimir ou criar novos pensamentos. Então desapareceu, deixando em seu lugar uma sensação de paz. Algumas emoções ainda tremeluziam nas margens, o medo e a raiva formavam manchas negras, mas o vazio continuou firme. Pensamentos roçavam sua super ície como pedras deslizando em uma camada de gelo. As Aes Sedai desviaram a atenção dele apenas por um instante, mas o rosto de Rand estava tranquilo quando elas voltaram a olhá-lo.

— Por que está falando assim comigo, Mãe? — perguntou. — A senhora deveria estar me amansando.

O Trono de Amyrlin franziu a testa e se virou para Moiraine.

— Lan ensinou isso a ele?

— Não, Mãe. Ele aprendeu isso com Tam al'Thor.

— Por quê? — indagou Rand, outra vez.

O Trono de Amyrlin o olhou bem nos olhos e disse:

— Porque você é o Dragão Renascido.

O vazio se abalou. O mundo se abalou. Tudo parecia girar ao seu redor. Ele se concentrou no nada, e o vazio retornou, deixando o mundo mais firme.

— Não, Mãe. Eu posso canalizar, que a Luz me ajude, mas não sou Raolin Algoz-das-trevas, Guaire Amalasan, nem Yurian Arco-de-pedra. A senhora pode me amansar, me matar ou me soltar; mas não serei um falso Dragão domado, usando um cabresto de Tar Valon.

Ele ouviu Verin arfar, e os olhos da Amyrlin se arregalaram em um olhar duro, como pedra azul. Aquilo não o afetou, apenas deslizou para o vazio interior.

— Onde você ouviu esses nomes? — indagou a Amyrlin. — Quem lhe disse que Tar Valon puxa os cordéis de *qualquer* falso Dragão?

— Um amigo, Mãe — respondeu. — Um menestrel. Seu nome era Thom Merrilin, mas ele morreu. — Ouviu um resmungo vindo de Moiraine e olhou de relance para ela. A mulher insistia que Thom não morrera, mas nunca havia oferecido prova alguma, e ele não entendia como alguém poderia sobreviver a um combate corpo a corpo com um Desvanecido. O pensamento era irrelevante, portanto logo se dissipou. Só havia o vazio e a unidade, agora.

— Você não é um falso Dragão — respondeu a Amyrlin, com firmeza. — Você é o verdadeiro Dragão Renascido.

— Eu sou um pastor de Dois Rios, Mãe.

— Filha, conte a história a ele. É uma história *verdadeira*, garoto. Escute com atenção.

Moiraine começou a falar. Rand manteve os olhos no rosto da Amyrlin, mas ouviu.

— Há quase vinte anos, os Aiel atravessaram a Espinha do Mundo, a Muralha do Dragão, e foi a única vez em que o fizeram. Eles arrasaram Cairhien, destruíram cada exército enviado contra eles, queimaram a cidade de Cairhien e lutaram até chegarem a Tar Valon. Era inverno e nevava, mas frio ou calor pouco importam para um Aiel. A batalha final, a última relevante, ocorreu do lado de fora das Muralhas Reluzentes, à sombra do Monte do Dragão. Depois de três dias e três noites de luta, os Aiel bateram em retirada. Ou decidiram se retirar, pois haviam completado seu objetivo, que era matar o Rei Laman, de Cairhien, por seu pecado contra a Árvore. É aí que começa a minha história. E a sua.

Eles apareceram sobre a Muralha do Dragão como um dilúvio, indo depressa até as Muralhas Reluzentes. Rand esperou que as memórias se desvanecessem, mas ouviu a voz de Tam. Tam doente, falando coisas sem sentido, desenterrando segredos do passado. A voz se agarrava ao vazio pelo lado de fora, implorando para entrar.

— Eu era uma das Aceitas, na época — disse Moiraine. — Assim

como nossa Mãe, o Trono de Amyrlin. Em breve, seríamos elevadas à irmandade, mas, naquela noite, servíamos à Amyrlin da época. Sua Curadora das Crônicas, Gitara Moroso, estava lá. Todas as outras irmãs de Tar Valon estavam fora da torre, Curando quantos feridos pudessem encontrar, até mesmo as Vermelhas. Amanhecia. O fogo na lareira não conseguia afastar o frio. A neve finalmente havia parado de cair, e, das câmaras da Amyrlin, na Torre Branca, podíamos sentir o cheiro da fumaça das aldeias ao redor, que haviam sido incendiadas no combate.

As batalhas são sempre quentes, mesmo na neve. Eu precisava escapar do fedor da morte. A voz delirante de Tam arranhava a calma oca dentro de Rand. O vazio estremecia e se encolhia, para então se firmar e voltar a ondular. O olhar da Amyrlin parecia querer perfurá-lo, e ele voltou a sentir o suor no rosto.

— Foi tudo um delírio febril — disse. — Ele estava doente. — Ele levantou a voz. — Meu nome é Rand al'Thor. Eu sou um pastor. Meu pai é Tam al'Thor, e minha mãe era…

Moiraine pausara para ele falar, mas sua voz o interrompeu, firme, suave e implacável.

— *O Ciclo de Karaethon* , as Profecias do Dragão, diz que o Dragão renascerá nas encostas do Monte do Dragão, onde morreu durante a Ruptura do Mundo. Gitara Sedai às vezes fazia Previsões. Ela era velha e seus cabelos eram brancos como a neve lá fora, mas, quando fazia Previsões, eram fortes. A luz da manhã que passava pelas janelas ficava cada vez mais forte, e eu lhe entreguei uma xícara de chá. O Trono de Amyrlin me pediu notícias do campo de batalha, e Gitara Sedai começou a se levantar de sua cadeira, com os braços e as pernas rígidos, trêmula, e sua expressão era como se olhasse para o Poço da Perdição em Shayol Ghul. Então ela gritou: "Ele nasceu novamente! Eu o sinto! O Dragão respira pela primeira vez na encosta do Monte do Dragão! Ele está chegando! Ele está chegando! Que a Luz nos ajude! Que a Luz ajude o mundo! Ele está deitado na neve e grita como um trovão! Ele queima como o sol!" e então desabou em meus braços, morta.

Na encosta da montanha. Ouvi um bebê chorar. Deu à luz ali, sozinha, antes de morrer. Criança azul de frio. Rand tentou forçar a voz de Tam para longe. O vazio foi diminuindo.

— Foi um delírio febril — repetiu, quase sem fôlego. *Eu não podia deixar uma criança*. — Eu nasci em Dois Rios. — *Sempre soube que você queria filhos, Kari*. Ele desviou os olhos dos da Amyrlin. Tentou manter o vazio à força. Sabia que não funcionava assim, mas o vazio estava desabando sobre ele. *Sim, garota. Rand é um bom nome* . — Eu… sou… Rand… al'Thor! — Suas pernas tremiam.

— E assim soubemos que o Dragão Renascera — continuou

Moiraine. — A Amyrlin nos fez jurar segredo, nós duas, pois sabia que nem todas as irmãs veriam o Renascimento como deve ser visto. Ela nos fez procurá-lo. Havia muitas crianças sem pai, depois daquela batalha. Muitas crianças. Mas ouvimos uma história de que um homem havia encontrado um bebê na montanha. Era tudo: um homem e um bebê. Então começamos a procurar. Procuramos por anos, encontrando outras pistas, examinamos as Profecias. "Ele terá sangue antigo e será criado pelo velho sangue." Era uma, mas havia outras. Há muitos lugares onde o velho sangue, que descende da Era das Lendas, permanece forte. Então, em Dois Rios, onde o velho sangue de Manetheren ainda fervilha como um rio durante a enchente, no Campo de Emond, encontrei três rapazes cujos dias do nome têm poucas semanas de diferença do dia da batalha do Monte do Dragão. E um deles pode canalizar. Acha que os Trollocs foram atrás de você apenas porque é *ta'veren*? Você é o Dragão Renascido.

Os joelhos de Rand cederam e ele caiu agachado, batendo as mãos no tapete para evitar cair de cara no chão. O vazio desaparecera, a quietude se estilhaçara. Ele ergueu a cabeça e viu que as três Aes Sedai o encaravam. Seus rostos estavam serenos, suaves, como águas tranquilas, mas seus olhos não piscavam.

— Meu pai é Tam al'Thor, e eu nasci… — Elas olhavam para ele, imóveis. *Elas estão mentindo. Eu não sou… o que elas dizem! Elas estão mentindo, tentando me usar de algum jeito, de alguma maneira*. — Não serei usado por vocês.

— Uma âncora não perde seu valor por ser usada para segurar um barco — respondeu a Amyrlin. — Você foi feito para um propósito, Rand al'Thor. "Quando os ventos de Tarmon Gai'don varrerem a terra, ele enfrentará a Sombra e trará a Luz outra vez ao mundo." As Profecias devem ser cumpridas, ou o Tenebroso se libertará e recriará o mundo à sua imagem. A Última Batalha se aproxima, e você nasceu para unir a humanidade e liderá-la contra o Tenebroso.

— Ba'alzamon está morto — respondeu Rand, com a voz rouca, e a Amyrlin bufou como um cavalariço.

— Se acredita nisso, é tão tolo quanto os domaneses. Muitos deles acreditam que ele esteja morto, ou dizem que está, mas percebo que ainda não correm o risco de dizer seu nome. O Tenebroso vive e está se libertando. Você vai enfrentá-lo. É o seu destino.

É o seu destino. Ele ouvira isso antes, em um sonho que talvez não tivesse sido exatamente um sonho. Ele se perguntou o que a Amyrlin diria se soubesse que Ba'alzamon falara com ele em seus sonhos. *Isso acabou. Ba'alzamon morreu. Eu o vi morrer*.

De súbito, reparou que estava agachado como um sapo, encolhido sob os olhares delas. Tentou formar o vazio outra vez, mas as vozes rodopiaram por sua cabeça, destruindo seus esforços. *É seu destino.*

Bebê deitado na neve. Você é o Dragão Renascido. Ba'alzamon morreu. Rand é um bom nome, Kari. Eu não serei usado! Tirando forças de sua própria teimosia nativa, ele se forçou a levantar. *Enfrente de pé o que vier. Você pode manter o orgulho, pelo menos*. As três Aes Sedai o observaram sem expressão.

— O quê… — Ele firmou a voz, com esforço. — O que vocês vão fazer comigo?

— Nada — respondeu a Amyrlin, e ele piscou, surpreso. Não era a resposta que esperava, que temia. — Você diz que quer acompanhar seu amigo junto com Ingtar e pode fazê-lo. Eu não marquei você, de nenhum jeito. Algumas das irmãs podem até saber que você é *ta'veren*, mas nada além disso. Apenas nós três sabemos quem você realmente é. Seu amigo Perrin será trazido a mim, assim como você, e eu visitarei o outro na enfermaria. Você está livre para partir, sem temer que mandemos as irmãs Vermelhas em seu encalço.

Quem você realmente é . A raiva explodiu dentro dele, quente e corrosiva. Ele a forçou a ficar lá dentro escondida.

— Por quê?

— As Profecias devem ser cumpridas. Nós deixaremos você partir, livre, sabendo quem você é. Caso contrário, o mundo que conhecemos morrerá, e o Tenebroso cobrirá a terra com fogo e morte. Mas preste atenção: nem todas as Aes Sedai pensam assim. Há algumas aqui em Fal Dara que o matariam se soubessem um décimo do que você é e não sentiriam mais remorso com isso do que se estivessem estripando um peixe. E também há homens que já riram com você e fariam o mesmo se soubessem, sem sombra de dúvidas. Tome cuidado, Rand al'Thor, Dragão Renascido.

Ele olhou para cada uma delas. *Suas Profecias não são parte de mim* . Elas retribuíram o olhar com tanta calma que era di ícil acreditar que estavam tentando convencê-lo de que era o homem mais odiado e temido da história do mundo. Ele atravessara o medo e fora além, para um lugar frio. Só a raiva o mantinha aquecido. Elas poderiam amansá-lo ou queimá-lo ali mesmo até ele se tornar uma massa enegrecida, ele não se importava mais.

Lembrou-se de algumas instruções de Lan. Com a mão esquerda sobre o cabo, ele girou a espada atrás de si, segurando a bainha com a mão direita, então se curvou, com os braços retos.

— Com sua permissão, Mãe, posso deixar este lugar?

— Eu lhe dou permissão para ir, meu filho.

Endireitando-se, ele ficou parado por mais um instante.

— Eu não serei usado — disse a elas.

Houve um longo silêncio quando Rand se virou e saiu.

O silêncio se prolongou no aposento depois que o menino partiu,

sendo quebrado apenas por um longo suspiro da Amyrlin.

— Não gostei do que fizemos — disse. — Foi necessário, mas… Será que funcionou, Filhas?

Moiraine balançou a cabeça quase imperceptivelmente.

— Não sei. Mas *foi* necessário. E ainda é.

— Necessário — concordou Verin. Ela tocou a testa, então analisou a umidade em seus dedos. — Ele é forte. E tão teimoso quanto você disse, Moiraine. Muito mais forte do que eu esperava. Talvez seja preciso amansá-lo, a final. Antes que … — Ela arregalou os olhos. — Mas não podemos, podemos? As Profecias. Que a Luz nos perdoe pelo que estamos soltando no mundo!

— As Profecias — concordou Moiraine, assentindo com a cabeça. — Faremos o que precisarmos por causa delas. É o que estamos fazendo agora.

— O que precisarmos — repetiu a Amyrlin. — Sim. Mas que a luz ajude a nós todos quando ele aprender a canalizar.

O silêncio retornou.

Uma tempestade se aproximava. Nynaeve podia sentir. Uma grande tempestade, a pior que ela já vira. Ela podia ouvir o vento e saber que tempo faria. Todas as Sabedorias a firmavam ser capazes disso, embora muitas não fossem. Nynaeve se sentia mais confortável com a habilidade antes de descobrir que era uma manifestação do Poder. Qualquer mulher que podia escutar o vento também podia canalizar, embora a maioria provavelmente fosse como ela, que o fazia sem entender seu poder, obtendo sucesso apenas de vez em quando.

Desta vez, no entanto, havia algo errado. Do lado de fora, o sol da manhã era uma bola dourada no céu azul-claro, e pássaros cantavam nos jardins, mas aquilo não indicava coisa alguma: não haveria nada de mais em ouvir o vento se não desse para prever o tempo antes de os sinais se tornarem visíveis. Havia algo de errado com aquela sensação; dessa vez, algo estava diferente. A tempestade parecia distante, longe demais para que ela pudesse senti-la. No entanto, era como se o céu acima de sua cabeça devesse estar desabando em chuva, neve e granizo, tudo ao mesmo tempo, com ventos fortes o bastante para sacudir as pedras da fortaleza. Ela podia sentir o tempo bom também, ainda duraria dias, mas estava ficando abafado sob o tempo ruim.

Um campainha-azul se empoleirou em uma seteira, como se zombasse de seu dom de prever o tempo, e ficou espiando o corredor. Quando a viu, desapareceu em uma revoada de penas azuis e brancas.

Ela ficou olhando para o local onde o pássaro havia pousado. *Há uma tempestade e não há. Isso quer dizer alguma coisa. Mas o quê?*

No final do corredor cheio de mulheres e criancinhas, ela viu Rand se afastando com uma escolta de mulheres quase correndo para acompanhar seus passos. Nynaeve assentiu com firmeza. Se havia uma tempestade que não era tempestade, ele deveria ser o centro dela. Erguendo as saias, ela saiu correndo atrás dele.

Algumas mulheres com quem fizera amizade durante a estada em Fal Dara tentaram conversar com ela. Como sabiam que Rand e ela haviam chegado juntos e que ambos eram de Dois Rios, elas queriam saber por que a Amyrlin o convocara. *O Trono de Amyrlin!* Sentindo um bloco de gelo na boca do estômago, ela desatou a correr. Mas o perdeu de vista nos inúmeros corredores movimentados antes mesmo de deixar a ala das mulheres.

— Para que lado ele foi? — perguntou a Nisura. Não era preciso explicar a quem se referia, pois ouvira as mulheres que se aglomeravam ao redor das portas em arco conversando sobre Rand.

— Não sei, Nynaeve. Ele saiu depressa, como se tivesse o próprio Veneno do Coração em seu encalço. E não é de se espantar, já que veio para cá carregando uma espada. O Tenebroso deveria ser a menor de suas preocupações, depois disso. O que está acontecendo com o mundo? E ele foi levado à Amyrlin, em seu próprio aposento, o que não é pouco. Diga-me, Nynaeve, ele é mesmo um príncipe na sua terra?

As outras mulheres pararam de conversar e se aproximaram ainda mais para ouvir.

Nynaeve não saberia dizer qual foi sua resposta. Foi algo que as fez deixá-la partir. Ela saiu correndo da ala das mulheres, virando a cabeça em cada cruzamento de corredores à procura dele, com os punhos cerrados. *Luz, o que foi que elas fizeram com ele? Eu deveria tê-lo afastado de Moiraine de algum jeito, que a Luz a cegue! Eu sou a Sabedoria dele*.

É mesmo? provocou uma vozinha. *Você abandonou o Campo de Emond para cuidar de si. Ainda pode se considerar a Sabedoria deles?*

Eu não os abandonei, respondeu a si mesma, incisiva. *Eu chamei Mavra Mallen, de Cavalgada de Deven, para cuidar das coisas até eu voltar. Ela consegue se virar com o Prefeito e com o Conselho da Aldeia e se dá bem com o Círculo das Mulheres*.

Mavra precisará voltar para sua própria aldeia. Nenhum lugar consegue ficar sem sua Sabedoria por muito tempo. Nynaeve estremeceu por dentro. Ela estava há meses longe de Campo de Emond.

— Eu sou a Sabedoria de Campo de Emond! — exclamou em voz alta.

Um serviçal de libré que carregava um rolo de tecido a olhou de um modo estranho, então fez uma mesura antes de sair correndo. Em seu rosto, era possível perceber que desejava ardentemente estar em

qualquer outro lugar.

Corando, Nynaeve olhou ao redor para ver se mais alguém notara. Havia apenas alguns homens no salão, entretidos com suas próprias conversas, e algumas mulheres vestidas de preto e dourado ocupadas com seus afazeres, que se curvavam ou faziam uma mesura quando ela passava. Nynaeve já tivera essa discussão consigo mesma uma centena de vezes, mas era a primeira vez que chegava ao ponto de falar sozinha em voz alta. Ela resmungou baixinho, então comprimiu os lábios com força ao perceber o que fazia.

Começava, finalmente, a se dar conta de que sua busca era inútil quando viu Lan, virado de costas para ela, observando o pátio externo através de uma seteira. O ruído que vinha do pátio era de cavalos e homens, que relinchavam e gritavam. Lan estava tão concentrado que, para variar, sequer pareceu ouvi-la. Ela detestava o fato de não conseguir se aproximar dele sem ser percebida, por mais leves que fossem seus passos. Era considerada boa em sobrevivência na floresta, lá em Campo de Emond, embora não fosse uma habilidade em que muitas mulheres estivessem interessadas.

Ela parou onde estava, levando as mãos ao estômago para tentar acalmar o frio na barriga. *Eu devia tomar uma dose de ranel e raiz de língua-de-ovelha*, pensou com amargura. Era a mistura que ela dava a qualquer um que se lamentasse por aí que estava doente ou que se comportasse como um idiota. Ranel e raiz de língua-de-ovelha levantavam um pouco o ânimo e não faziam mal algum, mas o gosto era terrível e ficava o dia inteiro na boca. Era a cura perfeita para quem agia como um tolo.

Longe dos olhos dele, ela o analisou de alto a baixo. Ele se inclinava sobre a rocha, tocando o queixo com os dedos enquanto observava o que se passava lá embaixo. *Ele é muito alto, para começar. E tem idade para ser meu pai, além disso. Um homem com um rosto desses deve ser cruel. Não, ele não é assim. Nunca será*. E ele era um rei. Sua terra fora destruída quando era criança, e ele não reivindicara uma coroa, mas mesmo assim era rei. *O que um rei iria querer com uma aldeã? E ele também é um Guardião. Tem um elo com Moiraine. Ela tem a lealdade dele até a morte e laços mais íntimos do que qualquer amante. E ela o tem. Ela tem tudo o que eu quero, que a Luz a queime!*

Ele se afastou, voltando-se para a seteira, e Nynaeve se virou para ir embora.

— Nynaeve. — A voz dele a prendeu como um laço. — Eu queria falar com você a sós. Você sempre parece estar na ala das mulheres ou acompanhada.

Ela teve que se esforçar para encará-lo, mas tinha certeza de que suas feições pareciam tranquilas quando levantou a cabeça e olhou para ele.

— Estou procurando Rand. — Não admitiria que o estava evitando. — Já conversamos sobre tudo o que precisávamos há muito tempo, eu e você. Eu me humilhei, o que não farei outra vez, e você me disse para ir embora.

— Eu nunca disse… — Ele respirou fundo. — Eu disse que nada tinha a lhe oferecer como dote, a não ser roupas de viúva. Não é um presente que um homem possa dar a uma mulher. Não se ele se considerar um verdadeiro homem.

— Entendo — respondeu, fria. — De qualquer jeito, um rei não dá presentes a aldeãs. E esta aldeã não os aceitaria. Você viu Rand? Preciso falar com ele. Ele foi ver a Amyrlin, sabe o que ela queria com ele?

Os olhos do homem faiscaram como pedras de gelo azuis ao sol. Ela firmou as pernas, para resistir ao impulso de recuar, e o encarou com firmeza.

— Que o Tenebroso carregue Rand al'Thor e o Trono de Amyrlin! — praguejou, colocando algo nas mãos dela. — Eu lhe darei um presente e você vai aceitar, nem que eu tenha que amarrá-lo em seu pescoço.

Ela desviou os olhos. Quando se zangava, o olhar do homem era penetrante como o de um gavião de olhos azuis. Em sua mão, estava um anel de sinete, era de ouro, pesado, gasto pelo tempo, e nele quase cabiam seus dois polegares. Continha a marca de um grou voando sobre uma lança e uma coroa, detalhados com primor. Ela ficou sem ar. O anel dos reis malkieris. Esquecendo-se de parecer irritada, levantou o rosto.

— Não posso aceitar isto, Lan.

Ele deu de ombros, sem cerimônia.

— Não é nada. Agora é apenas algo velho e inútil, mas ainda há quem o reconheça. Mostre-o e será recebida. Assim, terá a ajuda de qualquer lorde nas Terras da Fronteira, caso precise. Mostre-o a um Guardião, e ele lhe dará auxílio ou trará uma mensagem para mim. Mande-o para mim, ou envie uma mensagem com a marca do anel, e eu irei até você sem demora e sem falta. Eu juro.

A visão dela começou a ficar borrada nos cantos. *Se chorar agora, me mato*.

— Não posso… Não quero um presente seu, al'Lan Mandragoran. Aqui, tome.

Ele se esquivou das tentativas de devolver o anel. Sua mão envolveu a dela, gentil, mas firme como um grilhão.

— Então aceite-o por mim, como um favor. Ou jogue-o fora, se a desagrada. Não tenho utilidade melhor para isso. — Ele passou um dedo pela bochecha dela, que se sobressaltou. — Preciso ir agora, Nynaeve *mashiara*. A Amyrlin deseja partir antes do meio-dia e ainda

há muito a ser feito. Talvez tenhamos tempo de conversar na jornada a Tar Valon. — Ele se virou e partiu, seguindo pelo corredor.

Nynaeve levou a mão à bochecha. Ainda podia sentir onde ele a tocara. *Mashiara*. Signi ficava "amada de coração e alma". Mas também indicava um amor perdido. Perdido antes mesmo de ser ganho. *Sua mulher tola! Pare de agir como uma garotinha com o cabelo ainda sem tranças. De nada adianta deixar que ele faça você se sentir…*

Agarrando o anel com força, ela se virou e deu um pulo ao se ver face a face com Moiraine.

— Há quanto tempo você está aqui? — indagou.

— Não o bastante para ouvir algo que não devesse — respondeu a Aes Sedai, em um tom de voz suave. — Mas *partiremos* em breve. Isso, eu ouvi. Você precisa arrumar suas coisas.

Partir. Ela não havia registrado a palavra quando Lan a dissera.

— Precisarei me despedir dos rapazes — murmurou, então lançou um olhar ríspido para Moiraine. — O que você fez com Rand? Ele foi levado para a Amyrlin. Por quê? Você contou a ela sobre… sobre…? — A mulher não conseguia falar. Ele era de sua aldeia, e ela era pouco mais velha do que ele, o suficiente para ter tomado conta do rapaz uma ou duas vezes quando pequeno, mas sequer conseguia pensar no que ele se tornara sem sentir o estômago revirar.

— A Amyrlin verá todos os três, Nynaeve. *Ta'veren* não são tão comuns a ponto de ela perder a oportunidade de ver três juntos no mesmo lugar. Talvez ela lhes dê algumas palavras de incentivo, já que eles vão cavalgar com Ingtar na caçada pelos que roubaram a Trombeta. Eles partirão mais ou menos na mesma hora que nós, então é melhor você se apressar com as despedidas.

Nynaeve correu para a seteira mais próxima e espiou o pátio externo. Havia cavalos por toda parte, de carga e de sela, e homens correndo ao redor deles gritando uns com os outros. O único espaço aberto era onde estava o palanquim da Amyrlin, com o par de cavalos esperando pacientemente, desacompanhados. Alguns dos Guardiões estavam lá, cuidando de suas montarias, e do outro lado do pátio estava Ingtar, cercado por um grupo de shienaranos usando armadura. Às vezes um Guardião ou um dos homens de Ingtar cruzavam o calçamento de pedra para trocar algumas palavras.

— Eu devia ter levado os garotos para longe de você — disse, sem olhar para a outra mulher. *Egwene também, se eu tivesse como fazer isso sem matá-la. Luz, por que ela nasceu com esse dom maldito?* — Eu devia ter levado todos de volta para casa.

— Eles já passaram da idade de estar debaixo das saias de qualquer mulher — respondeu Moiraine, seca. — E você sabe muito bem por que não poderia ter feito isso. Pele menos para um deles. Além disso, isso significaria deixar Egwene ir para Tar Valon sozinha.

Ou você desistiu de ir? Se não treinar o uso do Poder, jamais poderá usá-lo contra mim.

Nynaeve se virou para encarar a Aes Sedai, boquiaberta. Não pôde evitar.

— Não sei do que você está falando.

— Achava que eu não sabia, criança? Bem, como quiser… Suponho que você *vai* para Tar Valon, então? Sim, eu imaginei que iria.

Nynaeve queria dar um soco para tirar o breve sorriso que surgiu no rosto da mulher. Aes Sedai não eram capazes de usar suas habilidades abertamente desde a Ruptura, muito menos o Poder Único; mas tramavam e manipulavam, puxando cordas como se controlassem marionetes, movendo tronos e nações como pedras em um tabuleiro. *Ela também quer me usar de algum jeito. Se usaria um rei ou rainha, por que não uma Sabedoria? Assim como está usando Rand. Eu não sou uma criança, Aes Sedai.*

— O que você está fazendo com Rand agora? Você já não o usou o bastante? Não sei por que não mandou amansá-lo, agora que a Amyrlin está aqui com todas essas Aes Sedai, mas deve haver um motivo. Deve ser parte de alguma trama que você está tecendo. Se a Amyrlin soubesse o que você está planejando, aposto que…

Moiraine a interrompeu.

— Por que a Amyrlin estaria interessada em um pastor? É claro que, se ele despertar sua atenção do modo errado, poderia acabar amansado ou até mesmo morto. A final, ele é o que é. E a noite de ontem deixou todos com bastante raiva, à procura de alguém para culpar. — A Aes Sedai se calou, deixando o silêncio se estender.

Nynaeve a encarou, rangendo os dentes.

— Sim — continuou Moiraine, por fim. — É muito melhor deixar que um leão adormecido continue a dormir. Você devia arrumar suas coisas agora. — Ela partiu na mesma direção de Lan, parecendo deslizar pelo chão.

Com uma careta, Nynaeve socou a parede, e o anel machucou a palma de sua mão. Ela abriu a mão para vê-lo: o anel parecia irradiar o calor de sua raiva e concentrar seu ódio. *Eu* vou *aprender. Você pensa que, por já saber, pode escapar de mim. Mas eu aprenderei mais do que você imagina e acabarei com você, pelo que fez. Pelo que fez a Mat e a Perrin. Por Rand, que a Luz o ajude e o Criador o proteja! Especialmente por Rand.* Sua mão se fechou ao redor do pesado anel de ouro. *E por mim.*

* * *

Egwene observava a serviçal de libré dobrar seus vestidos em um baú de viagem revestido de couro. Ainda ficava um pouco incomodada, mesmo depois de um mês de prática, com outra pessoa

fazendo o que ela conseguia fazer muito bem sozinha. Eram roupas muito bonitas, presentes da Lady Amalisa, assim como o vestido de seda cinza para cavalgadas que usava naquele momento. Era uma peça simples, com alguns poucos botões de lírio costurados no peito, mas muitos dos vestidos eram bem mais elaborados. Qualquer um deles se destacaria no Dia do Sol ou no Bel Tine. Ela suspirou, lembrando-se de que estaria em Tar Valon no próximo Dia do Sol, e não em Campo de Emond. Do pouco que Moiraine lhe contara sobre o treinamento de noviça, que era quase nada, na verdade, ela imaginava que não estaria em casa a tempo do Bel Tine, na primavera, ou mesmo para o Dia do Sol seguinte.

Nynaeve enfiou a cabeça dentro do quarto.

— Está pronta? — Ela entrou. — Precisamos ir para o pátio em breve.

A outra mulher também usava um vestido para cavalgadas, mas de seda azul e com nós vermelhos no peito. Mais um presente de Amalisa.

— Quase, Nynaeve. E estou meio triste de ir embora. Não imagino que teremos muitas chances de usar os belos vestidos que Amalisa nos deu em Tar Valon. — Ela soltou uma risada, de repente. — Mesmo assim, Sabedoria, não sentirei falta de tomar um banho sem passar o tempo todo olhando por cima do ombro.

— É muito melhor tomar banho sozinha — concordou Nynaeve, bruscamente. Seu rosto não mudou, mas suas bochechas coraram um instante depois.

Egwene sorriu. *Ela está pensando em Lan* . Ainda era estranho pensar em Nynaeve, a Sabedoria, suspirando por um homem. Não achava uma boa ideia dizer a Nynaeve, mas ultimamente a Sabedoria agia como uma garota apaixonada às vezes. *E por um homem que não é esperto o suficiente para ser digno dela, aliás. Ela o ama, e posso ver que ele a ama, então por que ele não tem o bom senso de se declarar?*

— Acho que você não devia me chamar mais de Sabedoria — disse Nynaeve, de súbito.

Egwene piscou. Aquilo não era uma exigência, e Nynaeve nunca insistia que usassem o título a não ser que estivesse zangada ou em uma situação formal, mas…

— Por que não?

— Você é uma mulher, agora — Nynaeve olhou para os cabelos destrançados de Egwene, que resistiu ao impulso de prendê-los depressa para fingir uma trança. As Aes Sedai usavam os cabelos como queriam, mas usar o seu solto se tornara um símbolo do início de uma nova vida. — Você é uma mulher — repetiu Nynaeve, com firmeza. — Somos duas mulheres, muito longe de Campo de Emond, e ainda vai demorar muito até vermos nossa terra outra vez. Será melhor se me

chamar apenas de Nynaeve.

— Nós veremos nossa terra novamente, Nynaeve. Veremos.

— Não tente consolar a Sabedoria, garota — respondeu Nynaeve de modo mal-humorado, mas sorriu.

Bateram à porta, mas, antes que Egwene pudesse abri-la, Nisura entrou com uma expressão muito agitada.

— Egwene, aquele seu rapaz está tentando entrar na ala das mulheres. — Ela parecia escandalizada. — E está usando uma espada. Só porque a Amyrlin o deixou entrar assim… Lorde Rand já devia saber que está provocando uma grande confusão. Egwene, você precisa falar com ele.

— Lorde Rand — disse Nynaeve com desdém. — Esse rapaz está ficando muito abusado. Quando eu puser as mãos nele, vou mostrar quem é o lorde.

Egwene segurou Nynaeve pelo braço.

— Deixe-me falar com ele, Nynaeve. A sós.

— Ah, está bem! Os melhores homens não são muito melhores do que animais domesticados. — Nynaeve hesitou, então acrescentou, meio que para si mesma: — Mas, pensando bem, talvez os melhores valham o trabalho de domesticá-los.

Egwene sacudiu a cabeça enquanto acompanhava Nisura até o corredor. Meio ano antes, Nynaeve nunca acrescentaria aquela segunda parte. *Mas ela nunca vai conseguir domesticar Lan*. Seus pensamentos se voltaram para Rand. Então ele estava provocando uma confusão?

— Domesticá-lo? — murmurou. — Se a essa altura ele ainda não tiver aprendido bons modos, vou esfolá-lo vivo.

— Às vezes é o que precisa ser feito — comentou Nisura, andando rápido. — Homens não são muito mais do que seres meio civilizados, até que se casem. — Ela lançou um olhar de esguelha para Egwene. — Você pretende se casar com o Lorde Rand? Não quero me meter, mas está indo para a Torre Branca, e Aes Sedai raramente se casam. Nenhuma se casa, a não ser algumas das Ajah Verdes, até onde sei, mas mesmo assim não muitas, e…

Egwene podia completar o resto. Já ouvira a conversa na ala das mulheres acerca de uma esposa adequada para Rand. No começo, aquilo lhe provocara algumas pontadas de ciúme e raiva. Eles estavam praticamente prometidos desde crianças. Mas ela iria se tornar uma Aes Sedai, e ele era o que era: um homem capaz de canalizar. Ela até poderia se casar com ele e vê-lo enlouquecer até a morte. A única maneira de impedir isso seria amansá-lo. *Não posso fazer isso com ele. Não posso!*

— Não sei — respondeu com tristeza.

Nisura assentiu.

— Ninguém vai tomar o que é seu, mas você está indo para a Torre, e ele dará um bom marido. Assim que estiver treinado. Lá está ele.

As mulheres estavam aglomeradas ao redor da entrada para a ala das mulheres, do lado de dentro e de fora, observando os três homens no corredor externo. Rand, com a espada presa por cima do casaco vermelho, era confrontado por Agelmar e Kajin. Nenhum deles usava espada, mesmo depois do que acontecera à noite, pois aquela ainda era a ala das mulheres. Egwene parou atrás da multidão.

— Você sabe por que não pode entrar — explicava Agelmar. — Sei que as coisas são diferentes em Andor, mas você entende, não?

— Eu não tentei entrar — explicou Rand, como se não fosse a primeira vez que se explicasse. — Eu disse à Lady Nisura que queria ver Egwene, ao que ela respondeu que Egwene estava ocupada, e eu teria que esperar. Apenas gritei por ela aqui da porta. Não tentei entrar. Do jeito que elas vieram para cima de mim, parece até que eu estava chamando o Tenebroso.

— As mulheres têm o jeito delas — respondeu Kajin. Ele era alto para um shienarano, quase tanto quanto Rand, além de bem magro e de pele amarelada. Seu rabo de cavalo era negro como piche. — Elas definiram as regras para a ala das mulheres, e nós as seguimos, mesmo as mais tolas. — Diversas sobrancelhas se ergueram entre as mulheres, e ele mais do que depressa pigarreou. — Você precisa enviar uma mensagem se deseja falar com uma delas, mas essa mensagem só será enviada quando elas quiserem. Até lá, precisa aguardar. Este é o nosso costume.

— Preciso vê-la — repetiu Rand, com teimosia. — Partiremos em breve. Não acho que seja breve o bastante, mas preciso vê-la mesmo assim. Vamos recuperar a Trombeta de Valere e a adaga, e então será o fim. O fim. Mas quero vê-la antes de partir. — Egwene franziu a testa. Ele parecia estranho.

— Não precisa ficar tão nervoso — respondeu Kajin. — Você e Ingtar encontrarão a Trombeta, ou não. E, se não encontrarem, outros a encontrarão. Há de ser o que a Roda tecer, nós somos apenas fios no Padrão.

— Não deixe a Trombeta se apoderar de você, Rand — disse Agelmar. — Ela pode exercer uma forte influência sobre os homens, eu sei disso, e não é assim que vai capturá-la. Um homem deve procurar o dever, não a glória. O que tiver de acontecer, acontecerá. Se a Trombeta de Valere tiver de soar para a Luz, então assim será.

— Aí está sua Egwene — disse Kajin, avistando-a.

Agelmar olhou ao redor e assentiu, ao vê-la com Nisura.

— Eu o deixarei nas mãos dela, Rand al'Thor. Lembre-se de que aqui as palavras dela são lei, não as suas. Lady Nisura, não seja muito

dura com ele: Rand só queria ver sua garota e não conhece nossos costumes.

Egwene acompanhou Nisura quando a shienarana abriu caminho por entre as mulheres que assistiam à cena. A mulher inclinou a cabeça brevemente para Agelmar e Kajin, fazendo questão de não incluir Rand. Seu tom de voz era rígido.

— Lorde Agelmar, Lorde Kajin. Ele já devia conhecer pelo menos esse costume, a esta altura. Mas é grande demais para levar umas palmadas, então deixarei que Egwene cuide dele.

Agelmar deu uma palmadinha paternal no ombro de Rand.

— Está vendo? Você vai falar com ela, mesmo que não seja exatamente do jeito que queria. Vamos, Kajin: ainda temos muito a resolver. A Amyrlin insiste que… — Sua voz foi morrendo quando os dois homens partiram. Rand ficou parado ali, olhando para Egwene.

As mulheres ainda estavam olhando, percebeu Egwene. Observando-a tanto quanto a Rand. Esperando para ver o que ela faria. *Então elas querem que eu cuide dele, não é?* Mas ela se sentia solidária. Os cabelos do rapaz precisavam de um pente, e sua expressão era de raiva, rebeldia e cansaço.

— Me acompanhe — disse ela. Um murmúrio começou atrás deles quando ele seguiu pelo corredor ao seu lado, distanciando-se da ala das mulheres. Rand parecia em um conflito interno, em busca do que dizer.

— Eu ouvi falar de suas… façanhas — disse ela, por fim. — Correndo pela ala das mulheres ontem à noite com uma espada. Usando uma espada em uma audiência com o Trono de Amyrlin. — Ele continuou sem dizer nada, apenas caminhando com ela, franzindo a testa e olhando para o chão. — Ela não… machucou você, machucou? — Egwene não conseguiu perguntar se ele fora amansado. Ele parecia tudo, menos manso, mas ela não fazia ideia de que aspecto tinha um homem depois de amansado.

Ele estremeceu.

— Não. Ela não… Egwene, a Amyrlin… — Ele sacudiu a cabeça. — Ela não me machucou.

Ela teve a sensação de que ele iria dizer algo completamente diferente. Em geral, conseguia arrancar o que ele tentava esconder dela, mas, quando ele realmente queria ser teimoso, era mais fácil tirar um tijolo da parede com as unhas. Pelo modo como seu maxilar estava travado, ele devia estar no ápice da teimosia.

— O que ela queria com você, Rand?

— Nada importante. *Ta'veren*. Ela queria ver *ta'veren*. — As feições dele se suavizaram quando ele a olhou. — E você, Egwene? Você está bem? Moiraine disse que ficaria bem, mas você nem se mexia. No começo achei que estivesse morta.

— Bem, não estou morta. — Ela riu. Não conseguia se lembrar de nada do que aconteceu depois de pedir a Mat para acompanhá-la aos calabouços, nada até acordar em sua própria cama naquela manhã. Pelo que ouvira falar da noite, ficou quase feliz por não se lembrar. — Moiraine disse que teria me deixado com uma dor de cabeça, por ser tão tola, se pudesse Curar apenas o restante, mas não podia.

— Eu avisei que Fain era perigoso — resmungou o rapaz. — Eu avisei, mas você não quis me ouvir.

— Se é desse jeito que vamos conversar — respondeu ela, com a voz firme —, vou levá-lo de volta a Nisura. Ela não vai falar com você do mesmo jeito que eu. O último homem que tentou entrar à força na ala das mulheres passou um mês enfiado até os cotovelos em água com sabão, ajudando a lavar as roupas das mulheres. E ele estava só tentando encontrar a noiva para fazer as pazes depois de uma discussão. Pelo menos foi inteligente o bastante para não aparecer usando uma espada. Só a Luz sabe o que fariam com você!

— Todo mundo quer fazer alguma coisa comigo — grunhiu. — Todo mundo quer me usar para alguma coisa. Bem, eu não serei usado. Assim que encontrarmos a Trombeta e a adaga de Mat, nunca mais serei usado.

Com um grunhido exasperado, ela o pegou pelos ombros e o virou, de forma que ele a encarasse. Ela lançou um olhar furioso a ele.

— Se você não começar a falar algo que faça sentido, Rand al'Thor, juro que vou lhe dar um tabefe.

— Agora você está falando como Nynaeve. — Ele riu. Ao olhar para ela, entretanto, seu riso foi desaparecendo. — Eu suponho… suponho que nunca mais a verei. Sei que você precisa ir a Tar Valon, sei disso. E você vai se tornar uma Aes Sedai. Já estou cheio de Aes Sedai, Egwene. Eu não serei um marionete delas, nem de Moiraine, nem de nenhuma outra.

Ele parecia tão perdido que ela teve vontade de pegar a cabeça dele e encostá-la em seu ombro, e parecia ao mesmo tempo tão teimoso que ela realmente quis dar-lhe um tabefe.

— Me escute bem, seu grande boi. Eu vou ser, *sim*, uma Aes Sedai e vou encontrar um meio de ajudar você. Eu vou.

— Da próxima vez que me encontrar, é mais provável que queira me amansar.

Ela olhou ao redor, mais do que depressa: eles estavam sozinhos.

— Se você não controlar a língua, não serei capaz de ajudá-lo. Quer que todo mundo saiba?

— Muita gente já sabe — respondeu. — Egwene, eu queria que as coisas fossem diferentes, mas não são. Eu queria… Cuide-se. E me prometa que não vai escolher a Ajah Vermelha.

Lágrimas borraram a visão de Egwene quando ela o abraçou com

força.

— Cuide-se você — respondeu, enfática, com o rosto enfiado no peito dele. — Se não se cuidar, eu… eu… — Ela pensou tê-lo ouvido murmurar "eu amo você", então sentiu que ele se soltava com firmeza do abraço e a afastava gentilmente. Ele se virou e se afastou dela, quase correndo.

Ela deu um pulo quando Nisura tocou seu braço.

— Pelo jeito, parece que você deu a ele uma tarefa desagradável. Mas não deve deixar que ele a veja chorando por isso. Vai anular o objetivo da bronca. Venha. Nynaeve está lhe chamando.

Secando as lágrimas, Egwene seguiu a outra mulher. *Cuide-se você, seu bobalhão cabeça de lã. Luz, tome conta dele*.

9

Partidas

Um tumulto organizado imperava no pátio externo quando Rand finalmente chegou, trazendo seus alforjes e o embrulho com a harpa e a flauta. A posição do sol indicava que era quase meio-dia. Homens andavam, apressados, ao redor dos cavalos, apertando bem as fivelas das selas e os fardos, e conversando em voz alta. Outros corriam trazendo embrulhos de mantimentos extras, levavam água para os homens que trabalhavam ou apenas corriam para buscar algo que acabavam de lembrar que precisariam. Mas todos pareciam saber exatamente o que faziam e para onde iam. As passarelas da guarda e as varandas dos arqueiros estavam, outra vez, cheias, e a empolgação era palpável no ar da manhã. Cascos batiam nas pedras do calçamento. Um dos cavalos de carga começou a escoicear e os homens do estábulo correram para acalmá-lo. O cheiro de cavalos era forte. O manto de Rand quase se balançava à brisa que fazia as bandeiras do falcão ondularem nas torres, mas seu arco, preso às costas, o segurava.

Do outro lado dos portões abertos, vinham os sons dos lanceiros e arqueiros da Amyrlin, em formação na praça. Eles tinham dado a volta, marchando, por um portão lateral. Um dos trombeteiros testou seu instrumento.

Alguns dos Guardiões olharam de soslaio para Rand quando o rapaz atravessou o pátio, e algumas sobrancelhas se ergueram ao notarem a espada com a marca da garça, mas nenhum deles disse nada. Metade dos guardiões vestia aqueles mantos incômodos de se olhar. Mandarb, o garanhão de Lan, estava ali, alto, negro e de olhos

ferozes, mas o homem não, assim como nenhuma das Aes Sedai, nenhuma das mulheres. A graciosa égua branca de Moiraine, Aldieb, estava ao lado do garanhão.

O garanhão baio de Rand o esperava com o outro grupo, do outro lado do pátio, onde já estavam montados Ingtar, um porta-estandarte que levava sua Coruja Cinzenta e vinte homens em armaduras, cujas lanças tinham pontas de aço de dois pés de comprimento. As barras dos elmos cobriam seus rostos, e tabardos dourados com o Falcão Negro bordado no peito escondiam suas placas e cotas de malha. Apenas o elmo de Ingtar tinha cimeira, em formato de lua crescente e começando acima da sobrancelha, com as pontas arrepiadas para cima. Rand reconheceu alguns dos homens. Uno, que tinha a língua afiada, uma cicatriz comprida que cortava o rosto e apenas um olho. E também Ragan e Masema. Além de outros com quem ele trocara algumas palavras ou jogara as pedras. Ragan acenou para ele, e Uno o cumprimentou balançando a cabeça, mas Masema não foi o único a lhe lançar um olhar frio e virar as costas. Os cavalos de carga ficaram ali, calmos, sacudindo os rabos.

O grande baio se mexeu, inquieto, enquanto Rand amarrava os alforjes e a sacola atrás da sela de cepilho alto. Ele pôs o pé no estribo e murmurou:

— Calma, Vermelho. — Apesar dessas palavras, quando sentou na sela, Rand deixou o garanhão gastar um pouco da energia que acumulara no estábulo.

Para a surpresa de Rand, Loial veio cavalgando dos estábulos e se reuniu ao grupo. O cavalo peludo do Ogier era tão grande e pesado quanto um garanhão de primeira qualidade de Dhurran. Perto dele, todos os outros cavalos pareciam ter o tamanho de Bela, mas, com seu cavaleiro na sela, o animal parecia quase um pônei.

Loial não carregava arma alguma, pelo que Rand podia ver, e o rapaz nunca ouvira falar de um Ogier portando armas. O *pouso* era proteção suficiente para eles. E Loial tinha suas prioridades, suas próprias ideias do que era necessário para uma jornada. Os bolsos de seu casaco comprido estavam estufados de um modo revelador, e seus alforjes tinham marcas quadradas de livros.

O Ogier parou seu cavalo um pouco mais adiante e olhou para Rand, com as orelhas peludas tremelicando, incertas.

— Não sabia que você viria — comentou Rand. — Achava que já estava cansado de viajar conosco. Desta vez, não dá para dizer quanto tempo passaremos na jornada ou para onde iremos.

As orelhas de Loial se ergueram um pouco.

— Também não havia como dizer da primeira vez em que o conheci. Além do mais, o que me interessava na época ainda me interessa agora. Não posso deixar passar a chance de ver a história ser

tecida ao redor de um *ta'veren*. E de ajudar a encontrar a Trombeta…

Mat e Perrin vieram cavalgando atrás de Loial e pararam, hesitantes. Mat parecia ter leves olheiras de cansaço, mas seu rosto tinha uma cor saudável.

— Mat — disse Rand. — Desculpe pelo que disse. Perrin, eu não quis dizer aquilo. Estava sendo idiota.

Mat apenas o olhou de relance, então sacudiu a cabeça e murmurou para Perrin algo que Rand não conseguiu ouvir. Mat trazia apenas seu arco e aljava, mas Perrin levava também seu machado, uma grande meia-lua equilibrada por uma ponteira grossa, preso no cinturão.

— Mat? Perrin? Sério, eu não… — Os dois cavalgaram na direção de Ingtar.

— Isso não é um casaco de viagem, Rand — comentou Loial.

Rand olhou para os espinhos dourados que subiam pela manga rubra e fez uma careta. *Não é à toa que Mat e Perrin ainda pensam que estou me sentindo importante*. Ao voltar para o quarto, descobriu que tudo já fora embrulhado e enviado. Todos os casacos simples que ganhara estavam com os cavalos de carga, disseram os serviçais, e os casacos que restaram no armário eram tão elaborados quanto o que usava no momento. Seus alforjes não continham muitas roupas, a não ser algumas camisas, meias de lã e um par extra de calças. Pelo menos ele colocara o alfinete de águia vermelha no bolso. Lan lhe dera aquilo de presente, afinal.

— Vou trocar de roupa hoje à noite, quando pararmos — resmungou. Então, respirou fundo. — Loial, eu lhe disse coisas que não deveria ter dito, espero que me perdoe. Você tem todo o direito de estar irritado comigo, mas espero que não esteja.

Loial sorriu, e suas orelhas se levantaram. Ele chegou seu cavalo mais para perto.

— Eu digo coisas inoportunas o tempo todo. Os Anciões sempre dizem que falo uma hora antes de pensar.

De repente, Lan surgiu ao lado do estribo de Rand, vestindo a armadura verde-acinzentada que o fazia praticamente desaparecer na floresta ou na escuridão.

— Preciso falar com você, pastor. — Ele olhou para Loial. — Sozinho, por gentileza, Construtor.

Loial assentiu e se afastou em seu grande cavalo.

— Não sei se deveria ouvi-lo — respondeu Rand. — Estas roupas finas e todas aquelas coisas que você falou não me ajudaram muito.

— Quando você não pode ter uma grande vitória, pastor, aprenda a aceitar as pequenas. Se fez com que eles pensassem em você como mais que um garoto de fazenda fácil de manipular, então obteve uma pequena vitória. Agora cale a boca e ouça. Só tenho tempo para mais

uma lição, a mais difícil. Embainhar a Espada.

— Você passou uma hora, toda manhã, me obrigando a não fazer outra coisa que não fosse puxar esta maldita espada e colocá-la de volta na bainha. De pé, sentado, deitado. Acho que consigo colocá-la de volta na bainha sem me cortar.

— Eu disse para ouvir, pastor — rugiu o Guardião. — Chegará o momento em que você precisará atingir um objetivo a qualquer custo. Pode ser durante um ataque ou uma defesa. E a única maneira será embainhar a espada em seu próprio corpo.

— Isso é loucura — disse Rand. — Por que eu faria…?

O Guardião o interrompeu.

— Você saberá quando chegar a hora, pastor, quando o preço valer a pena e não lhe restar outra escolha. Isto se chama Embainhar a Espada. Lembre-se.

A Amyrlin surgiu, atravessando o pátio cheio de gente a passos largos, com Leane, carregando seu cajado, e Lorde Agelmar ao lado. Mesmo usando um casaco de veludo verde, o Senhor de Fal Dara não parecia deslocado entre tantos homens de armadura. Ainda não havia sinal das outras Aes Sedai. Quando passaram por Rand, ele ouviu parte da conversa.

— Mas, Mãe — protestava Agelmar. — A senhora não teve tempo para descansar da jornada até aqui. Fique pelo menos mais alguns dias. Prometo que lhe oferecerei um banquete esta noite, um banquete como a senhora dificilmente verá em Tar Valon.

A Amyrlin negou com a cabeça, sem parar de caminhar.

— Não posso, Agelmar. Você sabe que eu ficaria se pudesse. Não tinha planos de ficar por muito tempo, e questões urgentes exigem minha presença na Torre Branca. Eu deveria estar lá agora.

— Mãe, é uma vergonha para mim que a senhora chegue em um dia e parta no seguinte. Prometo-lhe, não haverá repetição da noite passada. Tripliquei a guarda nos portões da cidade, assim como na fortaleza. Mandei virem malabaristas da cidade, e há um bardo chegando de Mos Shirare. Ora, o Rei Easar deve estar a caminho, vindo de Fal Moran. Mandei notícias assim que…

As vozes foram sumindo quando eles atravessaram o pátio, engolidas pelo burburinho dos preparativos. A Amyrlin sequer olhou na direção de Rand.

Quando Rand procurou Lan, o Guardião já havia ido, e não estava mais à vista. Loial voltou com seu cavalo para perto dele.

— É um homem di ícil de agarrar ou manter por perto, não é mesmo? Não está aqui, depois está, então some, e você não o vê nem chegar nem partir.

Embainhar a Espada. Rand estremeceu. *Os Guardiões devem ser loucos*.

O Guardião com o qual a Amyrlin estava falando pulou na sela de repente. Ele já estava galopando depressa antes mesmo de chegar aos grandes portões. Ela ficou ali parada, observando-o partir, e sua postura parecia exigir que ele fosse mais rápido.

— Para onde ele vai com tanta pressa? — perguntou-se Rand em voz alta.

— Ouvi dizer — comentou Loial — que ela estava mandando alguém partir hoje, para chegar depressa a Arad Doman. Há notícias de algum problema na Planície de Almoth, e o Trono de Amyrlin quer saber exatamente o que é. O que não entendo é: por que agora? Pelo que ouvi, os rumores desse problema vieram de Tar Valon com as Aes Sedai.

Rand sentiu um calafrio. O pai de Egwene tinha um grande mapa, lá na sua terra, um mapa que Rand examinara mais de uma vez e com o qual sonhara antes de descobrir como são os sonhos, quando se realizaram. O mapa era velho, mostrava algumas terras e nações que os mercadores de fora diziam não existir mais, no entanto, a Planície de Almoth estava marcada, encostada na Ponta de Toman. *Nos encontraremos outra vez na Ponta de Toman* . Era do outro lado do mundo que conhecia, no Oceano de Aryth.

— Não tem nada a ver conosco — murmurou. — Nada a ver comigo.

Loial pareceu não ouvir. Esfregando a lateral do nariz com um dedo que mais parecia uma salsicha, o Ogier olhava para o portão por onde o Guardião havia desaparecido.

— Se queria saber a verdade, por que não mandou alguém antes de deixar Tar Valon? Mas vocês, humanos, são sempre bruscos e facilmente instigados, ficam pulando por aí e gritando. — Suas orelhas se levantaram de vergonha. — Me desculpe *mesmo*, Rand. Você entendeu o que eu quis dizer com falar antes de pensar. Eu mesmo sou ousado e facilmente instigado às vezes, como você bem sabe!

Rand riu. Foi uma risada fraca, mas foi bom ter alguma coisa da qual rir.

— Se vivêssemos tanto quanto você, Ogier, talvez fôssemos mais tranquilos. — Loial tinha noventa anos de idade, mas, pelos padrões dos Ogier, não era velho o bastante para sair do pouso sozinho. O fato de ele ter saído mesmo assim era prova, Loial insistia, de sua ousadia. Se aquele era um Ogier facilmente instigado, Rand achava que a maioria deles devia ser feita de pedra.

— Talvez — disse Loial, em tom de quem re fletia —, mas vocês, humanos, fazem tanto com suas vidas. Nós não fazemos nada, a não ser nos recolher em nossos pousos. O plantio dos bosques e até mesmo as construções foram feitos antes do fim do Longo Exílio. — Eram os bosques que Loial adorava, não as cidades que os homens lembravam

de os Ogier terem construído. Eram os bosques, plantados para lembrarem os Construtores Ogier dos pousos, que Loial deixara seu lar para visitar. — Desde que encontramos nosso caminho de volta para os pousos, nós… — Sua voz foi sumindo quando a Amyrlin se aproximou.

Ingtar e os outros homens se mexeram em suas selas, preparando-se para desmontar e se ajoelhar, mas ela fez um gesto para impedi-los. Leane estava a seu lado, com Agelmar um passo atrás. Pela expressão lúgubre em seu rosto, ele parecia ter desistido de tentar convencê-la a ficar mais tempo.

A Amyrlin olhou um a um antes de falar. Seu olhar não se demorou em Rand mais do que em qualquer outro.

— Que a paz favoreça sua espada, Lorde Ingtar — disse, por fim. — Glória aos Construtores, Loial Kiseran!

— A senhora nos honra, Mãe. Possa a paz favorecer Tar Valon! — Ingtar se curvou em sua sela, e todos os outros shienaranos o imitaram.

— Toda a honra a Tar Valon — respondeu Loial, fazendo uma mesura.

Apenas Rand e seus dois amigos, do outro lado do grupo, permaneceram eretos. Ele ficou se perguntando o que ela lhes dissera. A testa franzida de Leane era para os três, e os olhos de Agelmar se arregalaram, mas a Amyrlin pareceu não reparar.

— Vocês cavalgam em busca da Trombeta de Valere — disse ela. — E a esperança do mundo vai com vocês. A Trombeta não pode cair em mãos erradas, especialmente nas mãos de Amigos das Trevas. Aqueles que atenderem a seu chamado virão em auxílio daquele que portá-la, não importa quem seja, e obedecem a ela, não à Luz.

Os homens que escutavam se agitaram. Todos acreditavam que os heróis que viriam do túmulo lutariam pela Luz. Mas se lutassem pela Sombra…

A Amyrlin continuou a falar, mas Rand não estava mais escutando. Os olhos invisíveis estavam de volta, e os pelos de sua nuca se arrepiaram. Ele olhou para as varandas dos arqueiros acima, que davam para o pátio, lotadas, e para as fileiras de gente que se amontoava ao longo das passarelas da guarda, no topo das muralhas. Em algum lugar entre eles, estivera o par de olhos que o seguira sem ser visto. O olhar se agarrava a ele como óleo sujo. *Não pode ser um Desvanecido, não aqui. Então quem? Ou o quê*? Ele se virou em sua sela, conduzindo Vermelho, à procura. O cavalo baio começou a se agitar outra vez.

De repente, alguma coisa relampejou em frente ao rosto de Rand. Um homem que passava atrás da Amyrlin gritou e caiu, com uma flecha preta despontando em seu flanco. A Amyrlin permaneceu

calma, olhando para o rasgo em sua manga, onde o sangue lentamente manchava a seda cinza.

Uma mulher gritou, e o pátio subitamente ecoou com clamores e gritos. As pessoas nas muralhas se agitaram, iradas, e cada homem no pátio puxou sua espada. Até mesmo Rand, que ficou surpreso ao perceber o que fizera.

Agelmar ergueu sua lâmina para o céu.

— Encontrem-no! — urrou. — Tragam-no para mim! — Seu rosto foi de vermelho a branco quando viu o sangue na manga da Amyrlin. Ele caiu de joelhos, com a cabeça abaixada. — Perdão, Mãe. Fracassei em protegê-la. É uma vergonha.

— Bobagem, Agelmar — respondeu a Amyrlin. — Leane, pare de se preocupar comigo e cuide daquele homem. Já tive cortes piores mais de uma vez limpando peixe, e ele precisa de ajuda agora. Agelmar, levante-se! Levante-se, Lorde de Fal Dara! Você não fracassou e não tem motivos para se sentir envergonhado. No ano passado, na Torre Branca, com minhas guardas em cada portão e os Guardiões ao meu redor, um homem chegou a cinco passos de mim com uma faca. Um Manto-branco, sem dúvida, embora eu não pudesse provar. Por favor, levante-se, ou eu é que ficarei envergonhada. — Quando Agelmar se ergueu, lentamente, ela tocou a manga cortada com as pontas dos dedos. — Um péssimo disparo para um arqueiro dos Mantos-brancos, ou mesmo para um Amigo das Trevas. — Seus olhos cruzaram com os de Rand, de relance. — Se é que ele estava mirando em mim. — Seu olhar se desviou dele antes que o rapaz pudesse ler qualquer coisa em sua expressão, mas de repente teve vontade de desmontar e se esconder.

A flecha não era para ela, e ela sabe disso.

Leane se levantou de onde estava ajoelhada. Alguém cobrira o rosto do homem que fora atingido com um manto.

— Ele morreu, Mãe. — Ela parecia cansada. — Já estava morto ao tocar o chão. Mesmo que eu estivesse ao lado dele…

— Você fez o que pôde, Filha. A morte não pode ser Curada.

Agelmar se aproximou.

— Mãe, se há assassinos dos Mantos-brancos ou Amigos das Trevas por aqui, a senhora precisa permitir que eu envie homens para escoltá-la. Pelo menos até o rio: eu não conseguiria continuar a viver se algo lhe acontecer em Shienar. Por favor, retorne à ala das mulheres. Eu protegerei aquele lugar com minha vida até que a senhora esteja pronta para partir.

— Fique em paz — respondeu ela. — Este arranhão não me atrasará um instante sequer. Sim, sim, aceitarei seus homens até o rio com prazer, se você insiste. Mas não permitirei que isso atrase Lorde Ingtar nem um minuto. Cada segundo conta até que a Trombeta seja

encontrada outra vez. Com sua permissão, Lorde Agelmar, posso dar ordens aos sacramentados?

Ele curvou a cabeça, concordando. Naquele instante, ele lhe teria dado Fal Dara, se ela pedisse.

A Amyrlin se virou para Ingtar e os homens se reuniram ao redor dele. Ela não tornou a olhar para Rand, que ficou surpreso ao vê-la sorrir.

— Aposto que Illian não oferece uma despedida tão animada aos que partem em sua Grande Caçada pela Trombeta — disse. — No entanto, a sua é a verdadeira. Vocês são poucos, então podem viajar rápido, mas são suficientes para fazer o que é preciso. Eu encarrego você, Lorde Ingtar da Casa Shinowa, encarrego todos vocês de encontrar a Trombeta de Valere e não permitir que nada impeça seu caminho.

Ingtar tirou a espada das costas e beijou a lâmina.

— Juro pela minha vida e minha alma, pela minha Casa e honra, Mãe.

— Então vá!

Ingtar girou o cavalo na direção do portão.

Rand meteu os calcanhares nos flancos de Vermelho e saiu galopando atrás da coluna, que já passava pelos portões.

Sem saber o que havia ocorrido lá dentro, os lanceiros e arqueiros da Amyrlin estavam de pé, protegendo o caminho dos portões até a cidade propriamente dita, ostentando a Chama de Tar Valon em seus peitos. Os tocadores de tambor e trombeta aguardavam perto dos portões, prontos para começar a tocar quando ela partisse. Por trás das fileiras de homens em armaduras, as pessoas lotavam a praça em frente à fortaleza. Algumas saudavam aos gritos o estandarte de Ingtar, outras, sem dúvida, acharam que era o começo da partida do Trono de Amyrlin. Um rugido crescente acompanhou Rand ao longo da praça.

Ele alcançou Ingtar onde casas de beirais baixos e lojas se enfileiravam de cada lado, e mais pessoas se aglomeravam ao longo da rua de pavimento de pedras. Algumas também gritavam, animadas. Mat e Perrin cavalgavam na frente da coluna, com Ingtar e Loial, mas reduziram o ritmo e ficaram para trás quando Rand se reuniu a eles. *Como vou pedir desculpas se eles não querem ficar perto de mim por tempo suficiente para que eu diga qualquer coisa? Que me queime, ele não* parece *estar morrendo!*

— Changu e Nidao se foram — disse Ingtar, bruscamente. Sua voz estava fria e zangada, mas também abalada. — Contamos cada cabeça na fortaleza, viva ou morta, ontem à noite, e voltamos a fazê-lo hoje de manhã. Eles são os únicos que não foram encontrados.

— Changu estava de guarda no calabouço ontem — informou

Rand, devagar.

— Nidao também. Eles estavam no segundo turno. Sempre ficavam juntos, mesmo que tivessem que trocar com alguém ou trabalhar mais horas. Não estavam de guarda quando aconteceu, mas… Eles lutaram na Garganta de Tarwin, há um mês, e salvaram Lorde Agelmar quando seu cavalo caiu e ele foi cercado por Trollocs. Agora isso. Amigos das Trevas. — Ele respirou bem fundo. — Tudo está desmoronando.

Um homem a cavalo abriu caminho por entre a multidão, ao longo da rua, e se juntou ao grupo, atrás de Ingtar. Era um homem da cidade, a julgar por suas roupas, magro, com o rosto enrugado e os cabelos grisalhos compridos. Uma sacola e garrafas d'água estavam penduradas atrás de sua sela, e uma espada curta e uma adaga quebra-espada dentada pendiam de seu cinturão, junto com um porrete.

Ingtar percebeu que Rand observava o estranho.

— Este é Hurin, nosso farejador. Não havia necessidade de deixar as Aes Sedai saberem a respeito dele. Não que o que ele faça seja errado, entenda. O Rei mantém um farejador em Fal Moran, e existe outro em Ankor Dail. É só que as Aes Sedai raramente gostam do que não entendem, e por ele ser homem… Não tem nada a ver com o Poder, é claro. Aaaah! Explique você, Hurin.

— Sim, Lorde Ingtar — concordou o homem. Ele fez uma mesura profunda para Rand, de sua sela. — Me sinto honrado em servi-lo, milorde.

— Me chame de Rand. — O rapaz estendeu a mão e, depois de um instante, Hurin sorriu e a apertou.

— Como desejar, milorde Rand. Lorde Ingtar e Lorde Kajin são mais informais, e Lorde Agelmar também, é claro, mas na cidade dizem que o senhor é um príncipe do sul, e alguns lordes estrangeiros têm regras rígidas para cada homem, em suas terras.

— Eu não sou um lorde. — *Pelo menos me livrarei disso agora* . — Sou apenas Rand.

Hurin piscou.

— Como desejar, milor… hã… Rand. Bem, sou um farejador. Neste domingo, vai completar quatro anos. Nunca tinha ouvido falar em algo assim até me tornar um, mas ouvi dizer que existem outros como eu. Tudo começou devagar, eu sentia cheiros ruins onde ninguém mais sentia, e foi aumentando. Levei um ano para perceber o que era. Eu conseguia sentir o cheiro da violência, da morte e do sofrimento. Sentia o cheiro onde essas coisas aconteciam. Farejava o rastro daqueles que a praticavam. Cada rastro é diferente, então não há chance de confundi-los. Lorde Ingtar ouviu falar disso e me colocou a seu serviço, para servir à justiça do Rei.

— Você sente o cheiro de violência? — perguntou Rand. Ele não

pôde evitar olhar para o nariz do homem. Era um nariz comum, nem grande nem pequeno. — Quer dizer que consegue realmente seguir alguém que, digamos, tenha matado outro homem? Pelo cheiro?

— Eu posso, sim, milor… hã… Rand. O cheiro passa com o tempo, mas, quanto pior a violência, mais tempo dura. Ah, eu consigo sentir o cheiro de um campo de batalha de dez anos atrás, embora os rastros dos homens que lá lutaram já tenham desaparecido. Lá em cima, perto da Praga, os rastros dos Trollocs raramente desaparecem. Trollocs só sabem matar e ferir. Mas uma luta em uma taverna que resulte em, digamos, um braço quebrado… esse cheiro some em horas.

— Entendo por que não queria que as Aes Sedai descobrissem.

— Ah, Lorde Ingtar estava certo quanto às Aes Sedai, que a Luz as ilumine… hã… Rand. Encontrei uma em Cairhien, certa vez. Era uma Ajah Marrom, mas juro que achei que fosse Vermelha, antes de ela me soltar. A mulher me prendeu por um mês, tentando descobrir como eu fazia isso. Não gostava de não saber. Ela ficava resmungando: "É antigo ou novo?" E me encarava tanto que até você pensaria que eu *estava usando* o Poder Único. Ela quase me fez pensar que estava. Mas não enlouqueci, e não *fazia* nada. Só cheirava.

Rand não pôde deixar de se lembrar de Moiraine. *Antigas barreiras se enfraquecem. Nestes tempos, muitas coisas estão se dissolvendo e se quebrando. Coisas antigas voltam a ca minhar, enquanto outras, novas, nascem. Este pode ser o fim de uma Era*. Ele estremeceu.

— Então rastrearemos com seu nariz os que pegaram a Trombeta.

Ingtar assentiu. Hurin sorriu, orgulhoso, e disse:

— É o que faremos, mi… hã… Rand. Certa vez, segui um assassino até Cairhien. E outro até Maradon, para trazê-los perante a justiça do Rei. — Seu sorriso desapareceu, e ele pareceu preocupado. — Mas este é o pior de todos. Assassinato cheira mal, e o rastro de um assassino fede, mas este cheiro… — Franziu o nariz. — Havia homens envolvidos, ontem à noite. Devem ser Amigos das Trevas, mas não é possível distinguir um pelo cheiro. Estou seguindo os Trollocs e os Meio-Homem. E algo ainda pior. — Sua voz foi sumindo, e ele franziu a testa, passando a resmungar para si mesmo, mas Rand ainda podia ouvir. — Algo ainda pior, que a Luz me ajude!

Eles chegaram aos portões da cidade, e, pouco depois das muralhas, Hurin levantou o rosto para a brisa. Suas narinas se dilataram, e ele arfou, enojado.

— Por ali, milorde Ingtar. — Ele apontou para o sul.

Ingtar pareceu surpreso.

— Não na direção da Praga?

— Não, Lorde Ingtar. Blergh! — Hurin limpou a boca na manga. — Quase consigo sentir o gosto deles. Sul, eles foram para o sul.

— O Trono de Amyrlin estava certo, então — comentou Ingtar,

devagar — Uma mulher grande e sábia que merece coisa melhor do que eu para servi-la. Siga o rastro, Hurin.

Rand se virou e olhou na direção dos portões, seguindo a rua com os olhos até a fortaleza. Torceu para que Egwene estivesse bem. *Nynaeve vai cuidar dela. Talvez seja melhor assim: um corte limpo, feito tão rápido que só se percebe depois*.

Ele cavalgou para o sul atrás de Ingtar e do estandarte da Coruja Cinza. O vento aumentava, e ele sentia frio nas costas, apesar do sol. Pensou ter ouvido a risada no vento, leve e zombeteira.

A lua crescente iluminava as ruas úmidas e escuras na noite de Illian, que ainda ecoavam o barulho das comemorações do dia. Em apenas alguns dias, a Grande Caçada pela Trombeta teria início, com toda pompa e cerimônia que a tradição requeria, que se a firmava datar da Era das Lendas. As festividades pelos Caçadores se estenderia até o Banquete de Teven, com suas famosas competições e prêmios para os menestréis. O maior prêmio de todos, como sempre, seria pela melhor interpretação de *A Grande Caçada pela Trombeta*.

Naquela noite, os menestréis se apresentavam nos palácios e mansões da cidade, onde os poderosos se divertiam, e Caçadores chegavam de todas as nações, para depois tentarem encontrar, se não a Trombeta de Valere, pelo menos a imortalidade em canção e história. Eles teriam música e dança, e também ventiladores e gelo para aliviar o primeiro calor de verdade do ano. Mas a folia também tomava as ruas, naquela noite quente e abafada, iluminada pelo luar. Todo dia seria de festa até a Caçada partir, assim como toda noite.

As pessoas passavam correndo por Bayle Domon, usando máscaras e fantasias bizarras e elaboradas, muitas mostrando pele demais. Corriam gritando e cantando, em grupos de dez ou então em pares espalhados, dando risinhos e agarrando uns aos outros. Depois passaram mais vinte, em um grupo barulhento. Fogos de arti ício brilhavam no céu, explosões de ouro e prata no fundo negro. Na cidade, havia quase tantos Iluminadores quanto menestréis.

Domon não ligava muito para os fogos de arti ício ou para a Caçada. Ele ia ao encontro de homens que achava que talvez quisessem matá-lo.

Ele cruzou a Ponte das Flores, que atravessava um dos muitos canais da cidade, e entrou no Bairro Perfumado, o distrito portuário de Illian. O canal cheirava a um número excessivo de penicos e não havia sinais de que algum dia tivesse existido uma flor perto daquela ponte. O bairro tinha cheiro do cânhamo e do piche dos estaleiros e das docas e da lama acre do porto. Um odor que ficava mais forte com o ar quente, que parecia estar quase úmido o bastante para ser possível bebê-lo. Domon respirava com dificuldade. Apesar de ter

nascido ali, sempre se surpreendia com o calor do início do verão illianense quando voltava das terras do norte.

Levava um pequeno porrete em uma das mãos; a outra repousava sobre o cabo da espada curta que muitas vezes usara para defender de salteadores o convés de seu navio mercante. Não eram poucos os que estavam à espreita naquelas noites de alegria, em que os ganhos eram muitos e a maioria das pessoas havia bebido bastante vinho.

Entretanto, ele era um homem de ombros largos e musculoso, e ninguém que saía em busca de um pouco de ouro o achava rico o bastante, com seu casaco de corte simples, para se arriscar a enfrentar seu tamanho e seu porrete. Os poucos que o olhavam de perto, quando ele passava por uma luz que se derramava de alguma janela, recuavam até que estivesse longe. Cabelos escuros pendendo até os ombros e uma barba comprida, que deixava o lábio superior à mostra, emolduravam um rosto redondo. Mas aquele rosto nunca fora suave, e agora tinha uma expressão tão lúgubre que parecia que o homem estava disposto a derrubar uma parede para passar. Tinha homens a encontrar e não estava feliz com isso.

Mais foliões passaram correndo, cantando desa finados, as palavras emboladas pelo vinho. *"A Trombeta de Valere" é minha velha avó!*, pensou Domon, irritado. *Quero é saber do meu navio. E da minha vida, que a Sorte me espicace!*

Ele entrou em uma estalagem cuja placa mostrava um grande texugo de listras brancas dançando nas patas traseiras e um homem carregando uma pá de prata. O nome do lugar era Acalmando o Texugo, embora nem mesmo Nieda Sidoro, a estalajadeira, soubesse o significado. Sempre existira uma estalagem com aquele nome em Illian.

O salão estava quieto e bem iluminado, com o chão coberto de serragem e um músico dedilhando suavemente uma sabiola de doze cordas, entoando uma das tristes canções do Povo do Mar. Nieda não permitia bagunça em seu estabelecimento, e seu sobrinho, Bili, era grande o bastante para carregar um homem para fora com apenas uma das mãos. Marinheiros, trabalhadores das docas e estivadores iam até o Texugo para uma bebida e talvez uma conversa, um jogo de pedras ou dardos. O salão estava um pouco cheio, pois até mesmo homens que gostavam de quietude haviam sido atraídos pela festança. O burburinho não era tão alto, mas Domon ouviu menções à Caçada, ao falso Dragão que os murandianos haviam capturado e também ao que os tairenos estavam caçando por Haddon Mirk. Parecia haver dúvidas se seria preferível a morte do falso Dragão ou dos tairenos.

Domon fez uma careta. *Falsos Dragões! Que a Sorte me espicace, não tem nenhum lugar seguro hoje em dia!* Mas ele não se importava de verdade com falsos Dragões, não mais do que com a Caçada.

A proprietária atarracada, com os cabelos presos para trás, estava enxugando uma caneca, de olho em seu estabelecimento. Ela não parou o que estava fazendo nem o encarou, mas sua pálpebra esquerda caiu, e seus olhos se voltaram na direção de três homens em uma mesa no canto. Eles estavam quietos até mesmo para os padrões do Texugo, quase sombrios. As capas de veludo em forma de sino e os casacos escuros com listras prateadas, escarlates e douradas, bordadas sobre o peito se destacavam das roupas simples dos outros frequentadores.

Domon suspirou e se sentou sozinho em uma mesa no canto. *Gente de Cairhien, desta vez* . Ele pegou uma caneca de cerveja marrom com uma serviçal e bebeu um longo gole. Quando abaixou a caneca, os três homens de casaco listrado estavam de pé ao lado de sua mesa. Ele fez um gesto discreto, para avisar a Nieda que não precisava de Bili.

— Capitão Domon? — Era di ícil distinguir qualquer um dos três, mas o que falou dava a impressão de ser o líder. Eles não pareciam estar armados e, apesar de suas roupas caras, pareciam não precisar de armas. E seus olhos eram muito duros, naqueles rostos tão comuns. — Capitão Bayle Domon, do *Espuma*?

Domon assentiu brevemente, con firmando, e os três se sentaram sem esperar convite. O mesmo homem continuou falando, enquanto os outros dois apenas observavam, quase sem piscar. *Guardas*, pensou Domon, *apesar dessas roupas caras. Quem deve ser esse aí, para andar com guardas?*

— Capitão Domon, temos uma pessoa que precisa ser levada de Mayene a Illian.

— O *Espuma* é uma embarcação fluvial — interrompeu Domon. — O calado é curto, no caso, e ela não tem quilha para águas profundas. — Não chegava a ser verdade, mas era o suficiente para gente da terra. *Pelo menos não é como Tear. Eles estão ficando espertos por lá*.

O homem não pareceu perturbado pela interrupção.

— Ouvimos dizer que o senhor iria desistir do comércio fluvial.

— Talvez sim, talvez nem. Ainda nem decidi. — Mas ele já tinha se decidido. Não navegaria rio acima, de volta às Terras de Fronteira, nem que fosse para levar toda a seda dos fundilhos dos tairenos. Peles da Saldaea e pimenta-de-gelo não valiam a pena, e isso não tinha nada a ver com o falso Dragão que ouvira falar que andava por lá. No entanto, se perguntou, mais uma vez, como alguém poderia saber. Ele não falara disso com ninguém, mas os outros também sabiam.

— O senhor pode navegar até a costa de Mayene com tranquilidade. Capitão, o senhor certamente estaria disposto a navegar ao longo da linha da costa por mil marcos de ouro.

Domon arregalou os olhos sem querer. Era quatro vezes mais do

que a última oferta que havia recebido, que já fora o bastante para deixar qualquer homem boquiaberto.

— No caso, quem vocês querem que eu leve, por tudo isso? A Primeira de Mayene em pessoa? Quer dizer, então, que Tear finalmente conseguiu fazer a Primeira abdicar?

— O senhor não precisa de nomes, Capitão. — O homem colocou uma grande bolsa de couro e um pergaminho selado em cima da mesa. A bolsa tilintou, cheia, quando ele a empurrou pela mesa. O grande círculo de cera vermelha que mantinha o pergaminho selado exibia o Sol Nascente de Cairhien, com seus muitos raios. — Duzentos marcos adiantados. Por mil, acho que o senhor não precisa de nomes. Entregue isto, com o selo intacto, ao Capitão do Porto de Mayene, e ele lhe dará mais trezentos marcos e seu passageiro. Eu pagarei o restante quando o passageiro for trazido para cá, desde que você não tenha tentado descobrir a identidade da pessoa.

Domon respirou bem fundo. *Sorte, a viagem já valeria mesmo que eu não recebesse uma moeda além do que tem nesse saco!* E mil marcos era mais dinheiro do que conseguiria em três anos. Ele suspeitava que, se sondasse um pouco mais, haveria outras pistas, apenas pistas, de que a viagem envolvia negócios escusos entre o Conselho dos Nove de Illian e a Primeira de Mayene. A cidade-estado da Primeira era província de Tear em tudo, menos no nome, e ela, sem dúvida, gostaria de contar com a ajuda de Illian. E muitos illianenses diziam que já estava na hora de outra guerra, que Tear já tinha mais do que uma fatia justa do comércio com o Mar das Tempestades. Era uma armadilha na qual ele provavelmente cairia, se já não tivesse recebido três idênticas no último mês.

Ele estendeu a mão para pegar a bolsa, e o homem que havia sido o único a falar agarrou seu pulso. Domon o olhou, irritado, mas ele apenas devolveu o olhar, imperturbável.

— O senhor deve içar velas o mais rápido possível, Capitão.

— Ao nascer do dia — grunhiu Domon, ao que o homem assentiu e soltou sua mão.

— Ao nascer do dia, então, Capitão Domon. Lembre-se: a discrição mantém um homem vivo para gastar seu dinheiro.

Domon assistiu aos três partirem, então lançou um olhar amargo para a bolsa e o pergaminho sobre a mesa à sua frente. Alguém queria que ele fosse para o leste. Tear ou Mayene, não importava, contanto que fosse para leste. Ele achou que sabia quem queria aquilo. *Mas, ao mesmo tempo, não tenho pistas de quem seja* . Quem poderia saber se alguém era ou não um Amigo das Trevas? Mas ele sabia que os Amigos das Trevas estavam atrás dele mesmo antes de deixar Marabon para descer o rio. Amigos das Trevas e Trollocs. Disso, ele tinha certeza. A verdadeira pergunta, aquela que ele não tinha nem vestígio

de resposta, era: por quê?

— Problemas, Bayle? — perguntou Nieda. — Parece que você viu um Trolloc. — Ela deu uma risadinha aguda, um som improvável para uma mulher daquele tamanho. Assim como a maioria das pessoas que nunca estiveram nas Terras de Fronteira, Nieda não acreditava em Trollocs. Ele tentara contar a verdade a ela, e ela gostava de suas histórias, mas achava que eram mentiras. Ela também não acreditava em neve.

— Problema nenhum, Nieda. — Ele abriu a bolsa de couro, tirou uma moeda sem olhar e jogou-a para ela. — Bebidas para todos até isso aí acabar, depois lhe dou outra.

Nieda olhou para a moeda, surpresa.

— Uma marca de Tar Valon! Está negociando com as bruxas, agora, Bayle?

— Nem faria isso — respondeu, rouco.

Ela mordeu a moeda e a fez desaparecer mais do que depressa em seu cinturão largo.

— Bem, é mesmo ouro. E suspeito que as bruxas não são lá tão más como as pintam, de qualquer jeito. Não poderia dizer o mesmo de muitos homens. Conheço um cambista que trabalha com estas. E não precisa me dar outra, com tão poucos fregueses esta noite. Mais cerveja, Bayle?

Ele assentiu, entorpecido, embora sua caneca ainda estivesse quase cheia, e a mulher saiu, rebolando. Ela era sua amiga e não falaria do que acabara de ver. Ele ficou ali sentado, olhando para a bolsa de couro. Mais uma caneca chegou antes de ele conseguir reunir coragem suficiente para abri-la e analisar as moedas em seu interior. Mexeu nelas com um dedo calejado. Marcos de ouro reluziram à luz dos lampiões, cada um exibindo a maldita Chama de Tar Valon. Amarrou o cordão da bolsa depressa. Eram moedas perigosas. Uma ou duas poderiam passar, mas tantas juntas fariam a maioria das pessoas pensar exatamente o mesmo que Nieda. Havia Filhos da Luz na cidade e, embora não houvesse uma lei em Illian proibindo negócios com Aes Sedai, ele nunca chegaria a um magistrado se os Mantos-brancos descobrissem. Aqueles homens tinham encontrado um meio de garantir que ele não simplesmente pegasse o ouro e ficasse em Illian.

Enquanto estava sentado ali, re fletindo, Yarin Maeldan, o magricelo pensativo que parecia uma cegonha e era seu imediato no *Espuma*, entrou no Texugo com as sobrancelhas quase tocando a ponta do nariz comprido e parou ao lado da mesa do capitão.

— Carn morreu, Capitão.

Domon o encarou, franzindo a testa. Mais três de seus homens haviam sido mortos, um para cada vez que ele recusara uma comissão que o levaria para leste. Os magistrados nada fizeram. As ruas eram

perigosas à noite, diziam, e os marinheiros eram durões e briguentos. Magistrados raramente se preocupavam com o que acontecia no Bairro Perfumado, contanto que nenhum cidadão respeitável se machucasse.

— Mas desta vez eu aceitei — murmurou.

— Não é só isso, Capitão — continuou Yarin. — Eles torturaram Carn com facas, como se quisessem que ele lhes contasse algo. E mais alguns homens tentaram entrar escondidos no *Espuma* menos de uma hora depois. Os guardas da doca os puseram pra correr. É a terceira vez em dez dias, nunca vi ratos de cais tão persistentes. Eles gostam de esperar o alerta passar e tentar de novo. E alguém entrou no meu quarto, no Golfinho Prateado, na noite passada. Levaram alguma prata, então achei que fossem ladrões, mas deixaram a minha fivela de cinturão, aquela incrustada com granadas e pedra-da-lua, que estava bem à vista. O que está acontecendo, Capitão? Os homens estão com medo, e até eu estou um pouco nervoso.

Domon se levantou.

— Reúna a tripulação, Yarin. Encontre todos e diga-lhes que o *Espuma* vai içar velas assim que tiverem chegado a bordo homens o bastante para manejá-lo. — En fiando o pergaminho no bolso do casaco, ele agarrou o saco de ouro e empurrou seu imediato porta afora, à sua frente. — Reúna-os, Yarin, pois qualquer homem que nem chegar a tempo vai ser largado na beira do cais.

Domon deu um empurrão em Yarin, para fazer com que ele começasse a correr, então partiu na direção das docas. Até mesmo ladrõezinhos sorrateiros que ouviram o tilintar da bolsa que ele carregava mantiveram distância, pois agora ele caminhava como um homem prestes a cometer um assassinato.

Já havia tripulantes se apressando a bordo do *Espuma* quando ele chegou, e ainda mais desciam descalços o cais de pedra. Eles não sabiam que o que o capitão temia o estava perseguindo, ou sequer que havia algo perseguindo Domon, mas sabiam que ele lucrava bastante e que, como os homens de Illian, dividia os lucros com a tripulação.

O *Espuma* tinha oitenta pés de comprimento, com dois mastros, e uma boa largura de boca, com espaço para carga no convés e nos porões. Apesar do que Domon dissera aos cairhienos — se é que eram de Cairhien —, achava que o navio conseguiria se aguentar em mar aberto. O Mar das Tempestades era mais tranquilo no verão.

— Vai ter que aguentar — murmurou, então desceu para sua cabine.

Jogou o saco de ouro na cama bem encaixada no casco, como tudo o mais na cabine austera, e pegou o pergaminho. Acendendo uma lanterna pendurada em um elo giratório na viga do teto, ele estudou o documento selado, virando-o como se pudesse ler o conteúdo sem abri-lo. Alguém bateu à porta, o que o fez franzir a

testa.

— Entre.

Yarin meteu a cabeça lá dentro.

— Estão todos a bordo, menos os três que não consegui encontrar, Capitão. Espalhei a notícia por todas as tavernas, buracos e salões de jogatina do bairro. Eles estarão a bordo antes que haja luz suficiente para começarmos a navegar rio acima.

— O *Espuma* vai sair agora mesmo. Para o mar! — Domon interrompeu os protestos de Yarin sobre luz, marés e sobre o *Espuma* não ser construído para o mar aberto. — Agora! Sim, o *Espuma* pode passar pelos bancos de areia na maré baixa. Você nem esqueceu como navegar com as estrelas, certo? Leve o barco para o mar, Yarin. Leve o barco agora e volte a falar comigo apenas quando estivermos além do quebra-mar.

Seu imediato hesitou: Domon nunca deixava uma parte di ícil da navegação passar sem ele lá em cima no convés, dando ordens, e conduzir o *Espuma* de noite seria bem di ícil, baixo calado ou não. Então assentiu e desapareceu. Em instantes, as ordens gritadas de Yarin o som de pés descalços pisando com força no convés acima puderam ser ouvidas da cabine de Domon. Ele os ignorou, mesmo quando o navio balançou com força, pegando a maré.

Por fim, ele levantou a camisa do lampião e pôs uma faca na chama. A lâmina começou a soltar fumaça quando o óleo a queimou, mas, antes que o metal ficasse vermelho, ele empurrou os mapas para fora do caminho e achatou bem o pergaminho sobre a mesa, passando cuidadosamente o aço quente sob a cera que o selava. A dobra de cima se levantou.

Era um documento simples, sem preâmbulo ou saudações, mas fez o suor brotar de sua testa quase imediatamente.

> O portador desta missiva é um Amigo das Trevas procurado em Cairhien por assassinato e outros crimes terríveis, e o menor deles é o roubo de Nossa Pessoa. Solicitamos a prisão deste homem e a apreensão de tudo o que estiver em sua posse, mesmo as coisas mais insignificantes. Nosso representante virá buscar o que ele roubou de Nós. Que tudo o que ele possui, a não ser pelo que reclamarmos, fique consigo como recompensa por tê-lo apanhado! Que o vil malfeitor seja enforcado imediatamente, para que sua vilania oriunda da Sombra não continue a macular a Luz!
>
> *Selado por Nossa Mão*
>
> *Galldrian su Riatin Rie*

Rei de Cairhien

Defensor da Muralha do Dragão

Em cera vermelha fina, abaixo da assinatura, estava o selo de Sol Nascente de Cairhien e das Cinco Estrelas da Casa Riatin.

— Defensor da Muralha do Dragão é a minha avó — resmungou Domon. — Sim, que direito esse homem tem de usar esse título, hoje em dia?

Ele examinou os selos e a assinatura minuciosamente, segurando o documento perto do lampião, com o nariz praticamente roçando o pergaminho, mas não conseguiu encontrar nenhuma falha, e também não fazia ideia de como era a letra de Galladrian. Se o próprio Rei não tivesse assinado, suspeitava de que quem o havia feito conseguira uma boa imitação da caligra ia de Galladrian. De qualquer maneira, não fazia a menor diferença. Em Tear, a letra seria instantaneamente condenatória nas mãos de um homem de Illian. Ou em Mayene, que sofria forte influência tairena. Não havia guerra agora, e a circulação entre os portos era livre, mas havia pouca simpatia pelos illianenses em Tear, e a recíproca era verdadeira. Seria pior com uma desculpa desse tipo.

Por um momento, ele pensou em queimar o pergaminho no lampião, pois era algo perigoso para se ter, fosse em Tear, Illian ou qualquer lugar que ele pudesse imaginar. Mas, depois de algum tempo, enfiou-o com cuidado em um nicho secreto atrás de sua mesa, oculto por um painel que só ele sabia como abrir.

— Tudo o que estiver em minha posse, hein?

Ele colecionava objetos antigos, o máximo que conseguia vivendo a bordo. O que não podia comprar, por ser muito caro ou muito grande, colecionava por observação e memória. Todos aqueles resquícios de tempos passados, aquelas maravilhas espalhadas pelo mundo que o levaram a entrar em um navio, quando ainda era um garoto. Ele acrescentara quatro delas à sua coleção em Maradon, na última viagem, e foi então que a perseguição dos Amigos das Trevas começou. E dos Trollocs também, durante um tempo. Ele ouvira dizer que a Ponte Branca fora completamente destruída por um incêndio logo depois de ter saído de lá, e havia rumores sobre a presença de Myrddraal, assim como de Trollocs. Foi aquilo, tudo aquilo junto, que o convenceu de que não estava imaginando coisas, que o fez ficar alerta quando aquela primeira comissão suspeita foi oferecida. Era dinheiro demais para uma simples viagem a Tear, e uma história muito fraca como motivo.

Procurando bem dentro de seu baú, ele colocou na mesa os objetos que havia comprado em Maradon. Um bastão de luz remanescente da Era das Lendas, era o que se dizia. Decerto ninguém

sabia mais como fazê-los. Eram caros, e mais di íceis de se encontrar do que um magistrado honesto. Parecia um bastão de vidro comum, mais grosso que seu polegar e quase tão comprido quanto seu antebraço. Porém, quando ele o segurava, o objeto emitia um brilho tão intenso quanto o de uma lanterna. Bastões de luz também se quebravam como vidro, e ele quase perdera o *Espuma* no incêndio provocado pelo primeiro que havia comprado. Havia também uma pequena escultura de mar fim envelhecido, representando um homem com uma espada nas mãos. O sujeito que a vendera afirmou que, se o segurasse por tempo suficiente, a pessoa começaria a sentir calor. Mas Domon nunca sentira nada, e nem os membros da tripulação que ele havia permitido segurá-lo. Mas era velho, e, para Domon, isso bastava. Outro objeto era a caveira de um gato grande como um leão e tão velha que tinha virado pedra. Mas nenhum leão jamais tivera dentes tão compridos, quase presas, com um pé de comprimento. Por último, havia um disco grosso do tamanho da mão de um homem, metade branco e metade preto, com uma linha sinuosa separando as cores. O dono da loja em Maradon dissera que era da Era das Lendas, sem acreditar muito nisso. Domon pechinchara apenas um pouco antes de comprar, porque havia reconhecido algo que passara despercebido ao lojista: o símbolo antigo das Aes Sedai, anterior à Ruptura do Mundo. Não era bem uma coisa segura para se ter, mas também não era uma oportunidade que um homem fascinado por antiguidades pudesse deixar passar.

E era feito de pedra-do-coração. O vendedor nunca teria ousado acrescentar à descrição algo que ele achava ser falso. Nenhum vendedor da frente de rio de Maradon teria condições financeiras de adquirir sequer um pedaço de *cuendillar*.

O disco era duro e liso e não tinha valor algum, a não ser pela idade, mas Domon temia que era aquilo que seus perseguidores queriam. Bastões de luz, esculturas de mar fim e até mesmo ossos se transformavam em pedra, tudo isso ele já vira outras vezes, em outros lugares. Mas, mesmo sabendo o que eles queriam — se é que sabia —, ainda não fazia ideia do porquê. E não sabia mais com certeza quem eram seus perseguidores. Marcos de Tar Valon e um antigo símbolo das Aes Sedai. Ele passou a mão pelos lábios: o gosto do medo era amargo em sua língua.

Ouviu-se uma batida à porta. Ele colocou o disco na mesa e puxou um mapa aberto sobre tudo o que estava em cima dela.

— Entre.

Yarin entrou.

— Estamos além do quebra-mar, Capitão.

Domon sentiu um lampejo de surpresa, depois veio a raiva de si mesmo. Ele jamais deveria ter ficado tão envolvido com algo a ponto

de não sentir o *Espuma* atravessando as ondas.

— Siga para oeste, Yarin. Cuide disso.

— Ebou Dar, Capitão?

Não é longe o bastante. Faltam umas quinhentas léguas.

— Vamos colocar distância suficiente para eu pegar mapas e encher os barris d'água, depois seguiremos rumo oeste.

— Oeste, Capitão? Tremalking? O Povo do Mar não lida muito bem com comerciantes que não sejam deles próprios.

— O Oceano de Aryth, Yarin. Muito comércio entre Tarabon e Arad Doman, e praticamente ninguém desses lugares para nos deixar preocupados. Eles no caso nem gostam muito do mar, ouvi dizer. E todas aquelas cidadezinhas na ponta de Toman, que se mantêm livres de qualquer nação. Sim, podemos até mesmo pegar peles de Saldae e pimentas-de-gelo trazidas até Bandar Eban.

Yarin sacudiu a cabeça devagar. Ele sempre via o lado ruim, mas era um bom marinheiro.

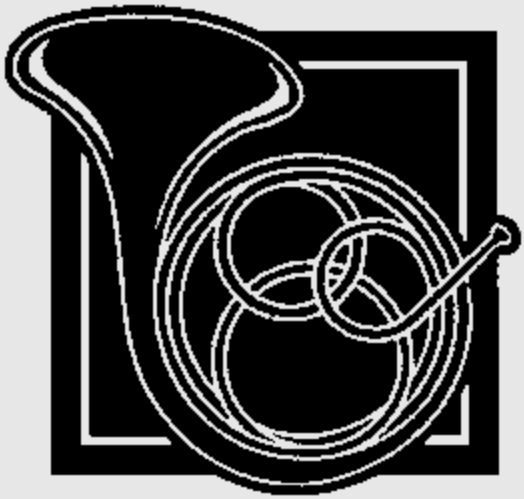
— Peles e pimentas custarão mais do que a subida do rio até elas, Capitão. E ouvi dizer que está havendo algum tipo de guerra. Se Tarabon e Arad Doman estão lutando, pode ser que não haja comércio. Duvido que dê para ganhar dinheiro só com as cidades na Ponta de Toman, mesmo que estejam a salvo. Falme é a maior, e não é muito grande.

— Os tarabonianos e os domaneses sempre brigaram pela Planície de Almoth e pela Ponta de Toman. Mesmo que a coisa tenha chegado às vias de fato, um homem cuidadoso sempre consegue encontrar comércio. Vá para oeste, Yarin.

Quando Yarin subiu, Domon mais do que depressa colocou o disco preto e branco no nicho e guardou as outras coisas no fundo do baú. *Sejam Amigos das Trevas ou Aes Sedai, não vou pelo caminho que querem que eu siga. Que a Sorte me espicace, não mesmo!*

Sentindo-se seguro pela primeira vez em meses, Domon subiu para o convés enquanto o *Espuma* era inclinado para aproveitar o vento e virar a proa para oeste, rumo ao mar escuro da noite.

10



A Caçada Começa

Ingtar impôs um ritmo rápido para o início de uma longa jornada, rápido o bastante para Rand ficar um pouco preocupado com os cavalos. Os animais conseguiam manter o trote por horas, mas ainda havia a maior parte do dia pela frente, e provavelmente mais dias depois daquele. Pela expressão de Ingtar, porém, Rand achava que ele tinha a intenção de capturar os ladrões da Trombeta logo no primeiro dia, na primeira hora. Como ainda se lembrava da voz do homem ao fazer o juramento ao Trono de Amyrlin, Rand não ficou surpreso. Mas resolveu manter a boca fechada. Lorde Ingtar estava no comando e, por mais simpático que tivesse sido com Rand, ainda assim não apreciaria os conselhos de um pastor.

Hurin cavalgava logo atrás de Ingtar, mas era o farejador quem os conduzia para o sul, apontando o caminho. Eles passavam por colinas de densas florestas, com muitos pinheiros, folhas-de-couro e carvalho. Mas o rastro que Hurin seguia ia quase em linha reta, como uma flecha, e nunca vacilava, a não ser para dar a volta em algumas das colinas mais altas, quando ficava claro que o caminho mais rápido seria contornando-as, e não por cima. O estandarte da Coruja Cinzenta ondulava ao vento.

Rand tentou cavalgar junto dos amigos, mas, quando deixava seu cavalo reduzir o passo para se aproximar deles, Mat cutucava Perrin, que o seguia, relutante, até o início da coluna. Dizendo a si mesmo que não havia motivos para cavalgar sozinho na retaguarda, Rand ia de volta até a dianteira. Os outros dois, então, voltavam para a retaguarda, Mat puxando Perrin mais uma vez.

Que os queimem, eu só queria pedir desculpas! Sentia-se só. Saber que a culpa era sua não ajudava.

No topo de uma colina, Uno desmontou para examinar o terreno revirado por cascos. Cutucou algumas fezes de cavalos e grunhiu.

— Esses chamejados estão se movendo depressa, milorde. — Sua voz dava a impressão de que gritava mesmo quando estava apenas falando. — Não ganhamos nem mesmo uma hora em cima deles. Que me queime, é possível que tenhamos perdido uma hora! Eles vão matar seus malditos cavalos, nesse passo. — Então passou o dedo em uma pegada de cascos. — Isto aqui não é de cavalo. É um chamejado de um Trolloc. Um pé de bode chamejado passou por aqui.

— Vamos alcançá-los — respondeu Ingtar, sério.

— Nossos cavalos, milorde. Não é bom forçar os cavalos até eles caírem antes de alcançarmos os ladrões, milorde. Mesmo que matem suas montarias, aqueles Trollocs chamejados podem continuar a correr por mais tempo que os cavalos.

— Vamos alcançá-los. Monte, Uno.

Uno fitou Rand com seu único olho, então deu de ombros e subiu na sela. Ingtar os levou encosta abaixo correndo, quase escorregando até o fundo, e subiu a colina seguinte galopando.

Por que ele olhou para mim daquele jeito?, perguntou-se Rand. Uno era um dos que nunca haviam demonstrado muita simpatia por ele. Não era como a antipatia declarada de Masema; Uno simplesmente não era simpático com ninguém, a não ser com alguns poucos veteranos tão grisalhos quanto ele. *Aposto que* ele *não acredita nessa história de que eu seja um lorde*.

Uno passava o tempo analisando o território à frente, mas retribuía o olhar, sem dizer uma palavra, quando surpreendia Rand o encarando. Aquilo não significava muita coisa. Ele também olhava Ingtar nos olhos. Era o jeito de Uno.

O caminho escolhido pelos Amigos das Trevas — *E o que mais?*, perguntava-se Rand, pois Hurin continuava a resmungar sobre "algo pior" — que haviam roubado a Trombeta não passava perto de nenhuma aldeia. Rand via aldeias entre um topo de colina ou outro, mas nunca se aproximavam o bastante para conseguir ver as pessoas nas ruas. Ou para que aquelas pessoas vissem o grupo que seguia para o sul. Havia fazendas também, com casas de beirais baixos, celeiros altos e chaminés fumegantes, nos topos, nas encostas e nos sopés das colinas, mas nenhuma próxima o bastante para que um fazendeiro tivesse visto o grupo que eles perseguiam.

Por fim, até mesmo Ingtar teve que admitir que os cavalos não conseguiriam suportar aquele ritmo que mantinham. Rand ouviu maldições resmungadas, e Ingtar socou a coxa com o punho coberto pela manopla, mas acabou ordenando que todos desmontassem.

Então, eles seguiram a pé, correndo por uma milha, subindo e descendo uma colina, depois montaram e voltaram a cavalgar. Em seguida, desceram outra vez e correram. Corriam uma milha e cavalgavam outra. Corriam e cavalgavam.

Rand ficou surpreso ao ver Loial sorrir quando estavam no chão, subindo com dificuldade uma colina. O Ogier tivera suas reservas em relação a cavalos e cavalgadas quando se conheceram; preferia confiar nos próprios pés, mas Rand achava que ele já tinha superado isso havia muito tempo.

— Você gosta de correr, Rand? — perguntou Loial, rindo. — Eu gosto. Eu era o mais rápido do pouso de Shangtai. Certa vez, corri mais rápido que um cavalo.

Rand só conseguiu assentir com a cabeça. Não queria perder fôlego conversando. Procurou por Mat e Perrin, mas os dois ainda estavam na retaguarda, com homens demais entre eles para que Rand conseguisse avistá-los. Ficou se perguntando como os shienaranos conseguiam manter o passo naquelas armaduras. Nenhum deles reduziu a velocidade nem reclamou de nada. Uno não parecia nem suar, e o porta-estandarte não deixou a Coruja Cinzenta se inclinar nem por um instante.

Era um ritmo acelerado, mas o crepúsculo começou a cair sem trazer nem sinal daqueles a quem caçavam, a não ser pelos rastros. Por fim, relutante, Ingtar os mandou parar e montar acampamento para passar a noite na floresta. Os shienaranos se puseram a acender fogueiras e abrir linhas de piquete para os cavalos, com uma suave economia de esforço nascida da longa experiência. Ingtar escolheu três duplas de guardas para a primeira vigia.

A primeira coisa que Rand fez foi buscar sua sacola nas cestas de vime dos cavalos de carga. Não foi di ícil, pois havia poucas sacolas pessoais entre os suprimentos, mas, quando a abriu, soltou um grito que fez todos os homens do acampamento levantarem-se sobressaltados de espada na mão.

Ingtar veio correndo.

— O que foi? Paz, alguém atravessou a linha? Não ouvi os guardas.

— São estes casacos — grunhiu, ainda olhando para a sacola que abrira. Um dos casacos era preto, com um bordado prateado, e o outro, branco bordado em ouro. Ambos tinham garças nos colarinhos, e ambos eram no mínimo tão ornamentados quanto o casaco escarlate que ele vestia. — Os serviçais me disseram que eu tinha dois casacos bons e úteis aqui dentro. Olhe só para eles!

Ingtar embainhou a espada por cima do ombro. Os outros homens voltaram a se acomodar.

— Bem, eles são úteis.

— Não posso vestir isso. Não posso sair por aí vestido assim o tempo todo.

— Você pode vesti-los. Um casaco é um casaco. Soube que a própria Moiraine Sedai empacotou suas coisas. Talvez as Aes Sedai não entendam exatamente o que um homem vista no campo. — Ingtar sorriu. — Depois de capturarmos esses Trollocs, talvez haja uma festança. Pelo menos você terá roupas apropriadas, ao contrário do restante. — Ele voltou para onde as fogueiras de cozinhar já estavam acesas.

Rand não se movera desde que Ingtar mencionara Moiraine. Ficou olhando para os casacos. *O que ela está tramando? Seja lá o que for, não serei usado*. Ele embrulhou as roupas de volta e enfiou a sacola no cesto. *Eu sempre posso andar pelado*, pensou com amargura.

Os shienaranos se revezavam para cozinhar quando acampavam, e Masema era o responsável pelo caldeirão quando Rand voltou às fogueiras. O cheiro de um cozido de nabos, cebolas e carne seca começou a invadir o acampamento. Ingtar foi o primeiro a ser servido, seguido de Uno, mas todos os outros formaram uma ila. Masema jogou uma grande concha de cozido no prato de Rand, que recuou depressa para evitar que a comida transbordasse e sujasse seu casaco. Estava com o polegar queimado na boca quando abriu espaço para o homem seguinte. Masema ficou olhando para ele com um sorriso que não chegou aos olhos. Até que Uno avançou e lhe deu um tapa.

— Não estamos com comida de sobra para você ficar derramando no maldito chão. — O caolho olhou para Rand e se afastou. Masema esfregou a orelha, mas seu olhar irritado acompanhou Rand.

O rapaz foi se juntar a Ingtar e Loial, sentando-se no chão sob um enorme carvalho. Ingtar tirara o elmo e o colocara no chão, ao seu lado, mas ainda usava a armadura completa. Mat e Perrin já estavam lá, comendo com vontade. Mat olhou com desdém para o casaco de Rand, mas Perrin mal levantou a cabeça, com os olhos dourados reluzindo à meia-luz das fogueiras, antes de voltar a atenção para o seu prato.

Pelo menos eles não se afastaram desta vez.

Ele se sentou de pernas cruzadas do outro lado de Ingtar.

— Gostaria de saber por que Uno não para de me encarar. Deve ser por causa deste maldito casaco.

Ingtar fez uma pausa, pensativo, enquanto mastigava um bocado de cozido. Por fim, falou:

— Sem dúvida, Uno está se perguntando se você é digno de uma espada com a marca da garça. — Mat fez um ruído debochado, mas Ingtar continuou, imperturbável. — Não deixe Uno aborrecê-lo. Ele trataria Lorde Agelmar como um recruta, se pudesse. Bem, talvez não Agelmar, mas qualquer outro. Ele é meio áspero, mas dá bons

conselhos. E deveria, já que participa de campanhas desde antes de eu nascer. Ouça seus conselhos, não ligue para sua aspereza e, então, se dará bem com Uno.

— Achei que ele fosse como Masema. — Rand enfiou cozido na boca. Estava quente demais, mas ele engoliu tudo. Não haviam comido desde que deixaram Fal Dara, e ele estava preocupado demais para comer naquela manhã. Seu estômago roncava, lembrando-o que já passava da hora. Ele se perguntou se dizer a Masema que tinha gostado da comida ajudaria. — Ele age como se me odiasse, não entendo isso.

— Masema serviu por três anos nas Marcas Orientais — respondeu Ingtar. — Em Ankor Dail, contra os Aiel. — Ele mexeu o cozido com a colher, franzindo a testa. — Eu não faço perguntas, veja bem. Se Lan Dai Shan e Moiraine Sedai dizem que você é de Andor, de Dois Rios, então você é. Mas Masema não consegue tirar o rosto dos Aiel da cabeça, e quando o vê… — Ele deu de ombros. — Eu não faço perguntas.

Rand deixou a colher cair no prato com um suspiro.

— Todos pensam que eu sou alguém que não sou. Sou de Dois Rios, Ingtar. Cultivei tabaco com… com meu pai, e criei suas ovelhas. É isso o que sou. Um fazendeiro e um pastor de Dois Rios.

— Ele é de Dois Rios — concordou Mat, com escárnio. — Eu cresci com ele, embora agora nem dê pra ver isso. Vocês colocam essa bobagem de Aiel na cabeça dele, além do que já está aí, e só a Luz sabe qual será o resultado. Um Lorde Aiel, talvez?

— Não — comentou Loial. — Ele parece Aiel. Você lembra, Rand, que comentei isso uma vez, embora achasse que fosse apenas porque não conhecesse bem vocês, humanos, na época. Lembra? "Até a sombra sumir, até a água secar, saltando na Sombra com os dentes à mostra, gritando em desafio com seu último suspiro, para cuspir no olho do Cega-vista no Último Dia." Você lembra, Rand?

Rand encarou o prato. *Enrole uma* shoufa *ao redor de sua cabeça, Rand, e você será um Aiel perfeito* . Gawyn, irmão de Elayne, a Filha-Herdeira de Andor, dissera aquilo. *Todos pensam que sou alguém que não sou.*

— O que você disse? — perguntou Mat. — Essa história de cuspir no olho do Tenebroso.

— Esse é o tempo pelo qual os Aiel dizem que lutarão — respondeu Ingtar — e não duvido que o façam. Exceto por mascates e menestréis, os Aiel dividem o mundo em dois: Aiel e inimigos. Eles deixaram de pensar assim sobre Cairhien há quinhentos anos, por algum motivo que ninguém, a não ser um deles, pode entender. Mas não acho que voltem a fazê-lo.

— Suponho que não — suspirou Loial. — Mas eles deixam os

tuatha'an, o Povo Viajante, atravessar o Deserto. E também não veem os Ogier como inimigos, embora eu duvide que qualquer um de nós quisesse ir até lá. Os Aiel às vezes vão ao pouso de Shangtai para negociar madeira cantada. Mas são um povo duro.

Ingtar assentiu.

— Quisera eu ter homens assim tão duros. Metade do que os Aiel, até.

— Isso é alguma piada? — Mat riu. — Se eu corresse uma milha usando todo o ferro que vocês estão vestindo, cairia e dormiria por uma semana. Vocês fazem isso por milhas, todos os dias.

— Os Aiel são realmente duros — respondeu Ingtar. — Homens e mulheres. Já lutei contra eles, e sei. Eles correrão cinquenta milhas e lutarão uma batalha depois. Eles são a morte que anda, com qualquer arma ou sem nenhuma. Exceto por uma espada. Eles não tocam em espadas, não sei por quê. Nem montam a cavalo. Não que precisem. Se você carregar uma espada e um homem de Aiel estiver com as mãos vazias, é uma luta justa. Se você for bom. Eles cuidam de gado e cabras onde você e eu morreríamos de sede antes do fim do dia. Eles escavam seus vilarejos em rochas imensas, lá no Deserto. Estão lá desde a Ruptura, ou quase. Artur Asa-de-gavião tentou tirá-los de lá e saiu coberto de sangue. Foi a única grande derrota que sofreu. De dia, o ar no Deserto Aiel ondula com o calor, e à noite congela. E um Aiel vai encará-lo com aqueles olhos azuis e dizer que não existe outra terra em que gostaria de estar. E também não estará mentindo. Mas, se algum dia tentassem sair, seria difícil impedi-los. A Guerra dos Aiel durou três anos, e foi apenas com quatro dos treze clãs.

— Os olhos cinzentos da mãe não fazem dele um Aiel — retrucou Mat.

Ingtar deu de ombros.

— Como eu disse, não faço perguntas.

Quando Rand finalmente se ajeitou para dormir, sua cabeça estava cheia de pensamentos indesejados. *Aparência de um Aiel. Moiraine Sedai diz que você é de Dois Rios. Os Aiel devastaram tudo até Tar Valon. Nascido nas encostas do Monte do Dragão. O Dragão Renascido*.

— Eu não serei usado — resmungou, mas o sono custou a chegar.

Ingtar levantou acampamento antes que o sol nascesse. Eles já havia terminado o desjejum e cavalgavam para o sul quando as nuvens no leste ainda estavam vermelhas com o nascer do sol que vinha, e o orvalho ainda pendia na folhagem. Dessa vez, Ingtar mandou batedores, e, embora o ritmo fosse duro, não era mais de matar os cavalos. Rand achou que talvez Ingtar tivesse percebido que não iriam fazer tudo em um dia só. O rastro ainda ia para o sul, dissera Hurin. Então, duas horas após o pôr do sol, um dos batedores

voltou a galope.

— Há um acampamento abandonado à frente, milorde. Logo no topo daquela colina. Devia ter no mínimo trinta ou quarenta deles ali ontem à noite, milorde.

Ingtar esporeou o cavalo como se tivesse ouvido que os Amigos das Trevas ainda estavam lá, e Rand teve que manter o passo, ou seria atropelado pelos shienaranos que subiram a colina atrás dele, galopando.

Não havia muito para ver. Apenas cinzas frias das fogueiras do acampamento, bem escondidas entre as árvores, com o que pareciam os restos de uma refeição atirada entre elas. Uma pilha de lixo também estava perto das fogueiras, já repleta de moscas zumbindo.

Ingtar manteve os outros a distância e desmontou para andar pelo acampamento com Uno, examinando o terreno. Hurin cavalgou ao redor do local, farejando. Rand ficou sentado em seu garanhão junto dos outros homens, pois não tinha nenhuma vontade de olhar para um lugar onde Trollocs e Amigos das Trevas haviam acampado. E um Desvanecido. *E coisa pior*.

Mat subiu a colina correndo e se esgueirou até o acampamento.

— Então este é um acampamento dos Amigos das Trevas? Fede um pouquinho, mas não posso dizer que seja muito diferente de qualquer outro. — Ele chutou uma das pilhas de cinzas, derrubando um pedaço de osso queimado, e se abaixou para pegá-lo. — O que os Amigos das Trevas comem? Não parece um osso de ovelha nem de vaca.

— Um assassinato foi cometido aqui — comentou Hurin, com tristeza. Ele esfregou o nariz com um lenço. — Algo pior do que assassinato.

— Havia Trollocs aqui — disse Ingtar, olhando para Mat. — Suponho que tenham ficado com fome, e os Amigos das Trevas estavam à mão. — Mat deixou o osso enegrecido cair, parecendo que ia passar mal.

— Eles não estão indo mais para o sul, milorde — disse Hurin. Isso chamou a atenção de todos. Ele apontou para trás, na direção nordeste. — Talvez tenham decidido ir para a Praga, a final. Contornar nosso grupo. Talvez estivessem apenas tentando nos despistar, vindo para o sul. — Sua voz era de quem não acreditava naquilo. Parecia intrigado.

— O que quer que estivessem tentando — rosnou Ingtar —, vou pegá-los agora. Montem!

Entretanto, pouco mais de uma hora depois, Hurin parou seu cavalo.

— Eles mudaram o rumo outra vez, milorde. Voltaram a seguir para o sul. E mataram mais alguém por lá.

Não havia cinzas no intervalo entre as duas colinas, mas encontraram um corpo depois de alguns minutos de busca. Era um homem todo enroscado e enfiado embaixo de alguns arbustos. Sua nuca fora esmagada, e seus olhos ainda estavam arregalados com a força do impacto. Ninguém o reconheceu, embora estivesse vestido como um shienarano.

— Não perderemos tempo enterrando Amigos das Trevas — grunhiu Ingtar. — Vamos cavalgar para o sul. — Já seguia suas próprias ordens antes mesmo de as palavras saírem de sua boca.

Mas o dia foi idêntico ao anterior. Uno estudou rastros e fezes e disse que eles haviam encurtado um pouco a distância. O crepúsculo chegou sem trazer sinal de Trollocs ou de Amigos das Trevas, e, na manhã seguinte, encontraram mais um acampamento abandonado — e mais um assassinato, segundo Hurin — e mais uma mudança de direção, dessa vez para noroeste. Em menos de duas horas no rastro, encontraram outro corpo: um homem com o crânio rachado por um machado. E mais outra mudança de direção. Sul outra vez. Estavam chegando mais perto, segundo a leitura que Uno fizera dos rastros. Mais uma vez, viam apenas fazendas distantes até o cair da noite. E o dia seguinte foi a mesma coisa, mudanças de direção, assassinatos e tudo o mais. E no seguinte àquele também.

Todo dia chegavam um pouco mais perto de sua presa, mas Ingtar fervia de raiva. Ele sugeriu seguir reto para cortar caminho quando o rastro mudou de direção em uma manhã. Eles com certeza acabariam voltando para o sul, e assim ganhariam mais tempo. Antes que alguém pudesse falar alguma coisa, ele disse que era má ideia, caso daquela vez os ladrões não virassem para o sul. Mandou todos irem mais rápido, começarem a perseguição mais cedo e cavalgarem até depois de escurecer. Lembrou a eles da missão que o Trono de Amyrlin lhes encarregara: recuperar a Trombeta de Valere e não deixar que nada barrasse seu caminho. Falou da glória que teriam, com os nomes lembrados na História e em histórias, em contos de menestréis e canções de bardos sobre os homens que haviam encontrado a Trombeta. Falava como se não conseguisse parar e olhava para o rastro que seguiam como se sua esperança da Luz ficasse no final dele. Até mesmo Uno começou a lhe lançar olhares enviesados.

E assim chegaram ao Rio Erinin.

Na cabeça de Rand, aquilo não podia ser realmente chamado de aldeia. Ele parou seu cavalo entre as árvores e observou a meia dúzia de casebres com telhado de madeira e beirais que iam quase até o chão, espalhados no topo de colina que dava para o rio iluminado pelo sol da manhã. Praticamente ninguém passava por ali. Fazia apenas algumas horas desde que levantaram acampamento, mas já passava da

hora de encontrarem os restos do local de descanso dos Amigos das Trevas, se tudo continuasse como antes. Mas ainda não haviam visto nada do tipo.

O rio não se parecia muito com o poderoso Erinin da história, assim tão distante de sua fonte, na Espinha do Mundo. Talvez tivesse sessenta braças de uma margem a outra, e ambas eram repletas de árvores. Uma barca, semelhante a uma balsa, presa com uma corda grossa, cobria aquela distância. A barca estava parada do outro lado.

Pela primeira vez, o rastro os levara direto a uma habitação humana. Direto até as casas na colina. Ninguém se movia na única rua de terra batida ao redor da qual as habitações se aglomeravam.

— Uma emboscada, milorde? — perguntou Uno, baixinho.

Ingtar deu as ordens necessárias, e os shienaranos sacaram suas lanças, dando a volta para cercar as casas. A um sinal da mão de Ingtar, eles galoparam ruidosamente por entre as casas, provenientes de quatro direções. Os olhos atentos vasculhavam, as lanças estavam prontas e a poeira subia de seus cascos. Nada se movia, a não ser eles. Puxaram as rédeas, e a poeira começou a se acomodar.

Rand devolveu à aljava a flecha que havia encaixado no arco e voltou a pôr a arma nas costas. Mat e Perrin fizeram o mesmo. Loial e Hurin apenas esperavam onde Ingtar os deixara, observando, desconfortáveis.

Ingtar acenou, e Rand e os outros cavalgaram para se juntar aos shienaranos.

— Não gosto do cheiro deste lugar — resmungou Perrin, enquanto andavam por entre as casas. Hurin lhe lançou um olhar, que o menino retribuiu até o outro desviar os olhos. — Tem um cheiro errado.

— Aqueles Amigos das Trevas e Trollocs chamejados passaram direto, milorde — disse Uno, apontando para uns poucos rastros que não haviam sido destruídos pelos shienaranos. — Foram direto para a barca de beija-cabras, que os imbecis deixaram do outro lado. Maldito sangue e malditas cinzas! Ainda temos a sorte de eles não terem cortado a corda e deixado essa barca chamejada à deriva.

— Onde estão as pessoas? — perguntou Loial.

As portas estavam escancaradas, e as cortinas balançavam nas janelas abertas, mas ninguém havia saído, nem mesmo com todo o barulho dos cascos.

— Vasculhem as casas — ordenou Ingtar. Os homens desmontaram e correram para obedecer, mas saíram sacudindo as cabeças.

— Eles se foram, milorde — disse Uno. — Apenas se foram, que me queime! Como se tivessem empacotado tudo e decidido sair correndo no meio desse dia chamejado. — Ele parou de súbito,

apontando com urgência para uma casa atrás de Ingtar. — Há uma mulher naquela janela. Como pude deixar de vê-la? Maldição… — Ele correu para a casa antes que mais alguém pudesse se mexer.

— Não a assuste! — gritou Ingtar. — Uno, precisamos de informações. Que a Luz o cegue, Uno, não a assuste! — O caolho desapareceu pela porta aberta. Ingtar ergueu a voz mais uma vez. — Não vamos machucar você, boa senhora. Somos homens sacramentados de Lorde Agelmar, de Fal Dara. Não tenha medo! Não vamos machucá-la.

Uma janela no alto da casa se escancarou, e Uno meteu a cabeça para fora, olhando ao redor, nervoso. Soltando um impropério, voltou a fechá-la. Ruídos abafados e metálicos marcaram sua volta, como se ele estivesse chutando coisas em frustração. Por fim, ele apareceu à porta.

— Foi-se, milorde. Mas estava lá. Uma mulher de vestido branco, na janela. Eu a vi. Até pensei que a tinha visto lá dentro, por um momento, mas então ela sumiu, e… — Ele respirou fundo. — A casa está vazia, milorde. — O fato de não ter soltado um impropério era uma indicação de quanto estava agitado.

— Cortinas — resmungou Mat. — Ele está levando sustos com as malditas cortinas.

Uno lhe lançou um olhar irritado e depois voltou para o cavalo.

— Para onde foram? — perguntou Rand a Loial. — Você acha que fugiram quando os Amigos das Trevas vieram? — *E Trollocs, um Myrddraal e o "algo pior" de Hurin. Eram inteligentes se correram o mais rápido que puderam.*

— Receio que os Amigos das Trevas os tenham levado, Rand — respondeu Loial, devagar. Ele fez uma careta, quase parecia bufar com o nariz largo como um focinho. — Para os Trollocs.

Rand engoliu em seco e desejou não ter feito aquela pergunta. Nunca era agradável pensar em como os Trollocs se alimentavam.

— O que quer que tenha acontecido aqui — disse Ingtar — é obra dos Amigos das Trevas. Hurin, houve alguma violência neste lugar? Morte? Hurin?

O farejador sobressaltou-se em sua sela e olhou ao redor, desesperado. Antes, estivera olhando para o outro lado do rio.

— Violência, milorde? Sim. Morte, não. Ou não exatamente. — Ele olhou de esguelha para Perrin. — Nunca senti cheiro de nada parecido antes, milorde. Mas houve feridos.

— Há alguma dúvida de que atravessaram o rio? Voltaram para cá outra vez?

— Eles atravessaram, milorde. — Hurin olhou para a outra margem, incomodado. — Eles atravessaram. Mas o que fizeram do outro lado… — Ele deu de ombros.

Ingtar assentiu.

— Uno, quero aquela barca aqui do nosso lado. E quero o outro lado examinado por batedores antes de atravessarmos. Só porque não houve emboscada aqui, não signi ica que não haverá uma quando estivermos divididos pelo rio. Aquela barca não parece grande o bastante para levar todo mundo em uma viagem. Cuide disso.

Uno fez uma mesura e, em instantes, Ragan e Masema ajudavam um ao outro a tirar as armaduras. Despidos até estarem só com as roupas íntimas, levando uma adaga presa às costas, eles correram até o rio com as pernas arqueadas de cavaleiros e começaram a atravessar, segurando-se na corda grossa pela qual a barca corria. O cabo era mais frouxo no meio, o suficiente para abaixá-los no rio até a cintura, e a corrente era forte, puxando-os para baixo. No entanto, mais rápido do que Rand esperava, já estavam subindo nas ripas laterais da barca. Sacando suas adagas, eles desapareceram por entre as árvores.

Depois do que pareceu uma eternidade, os dois homens reapareceram e começaram a puxar a barca para o outro lado, devagar. A embarcação bateu na margem abaixo da aldeia, e Masema amarrou-a enquanto Ragan correu até onde Ingtar aguardava. Seu rosto estava branco, a cicatriz de flecha ainda mais aparente, e ele parecia abalado.

— A outra margem… Não há emboscada na outra margem, milorde, mas… — Ele fez uma mesura profunda, ainda molhado e trêmulo. — Milorde, o senhor precisa ver por si mesmo. O grande carvalho-branco, a cinquenta passos a sul do cais. Não consigo falar. O senhor precisa ver por si mesmo.

Ingtar franziu a testa, olhando de Ragan para a outra margem. Por fim, disse:

— Você fez bem, Ragan. Vocês dois fizeram bem. — Sua voz se tornou mais ríspida. — Encontre alguma coisa nas casas para esses homens se secarem, Uno. E veja se alguém tem água sobrando para o chá. Ponha algo quente dentro deles, se puder. Depois traga a segunda fileira e os animais de carga. — Virou-se para Rand. — Bem, está pronto para ver a margem sul do Erinin? — Ele não esperou resposta, apenas desceu até a barca com Hurin e metade dos lanceiros.

Rand hesitou apenas por um instante antes de segui-lo. Loial foi com ele. Para sua surpresa, Perrin desceu à frente deles, com ar amargurado. Alguns dos lanceiros, fazendo piadas de mau gosto, desmontaram para puxar a corda e subir a barca.

Mat esperou até o último minuto, quando um dos shienaranos estava desamarrando a barca, antes de esporear seu cavalo e se juntar ao grupo a bordo.

— Tenho que ir mais cedo ou mais tarde, não tenho? — disse,

sem fôlego, a ninguém em particular. — Tenho que encontrá-la.

Rand sacudiu a cabeça. Mat apresentava o aspecto saudável de sempre, o que fez com que ele quase se esquecesse do motivo de estar ali com eles. *Para encontrar a adaga. Que Ingtar fique com a Trombeta! Eu só quero a adaga para Mat*.

— Nós vamos encontrá-la, Mat.

Mat fez uma careta para ele, olhando com desprezo para seu casaco vermelho refinado, e lhe deu as costas. Rand suspirou.

— Tudo vai dar certo, Rand — disse Loial, baixinho. — De algum jeito, dará.

A corrente passou a carregar a barca assim que foi empurrada da margem, tensionando o cabo com um ranger agudo. Os lanceiros pareciam barqueiros estranhos, caminhando pelo convés de elmo e armadura, com as espadas presas às costas, mas conduziram a barca bem o bastante.

— Foi assim que deixamos nossa terra — disse Perrin, de repente. — Na Barca do Taren. Com o som das botas dos barqueiros batendo no convés e a água gorgolejando ao redor da barca. Foi assim que partimos. Desta vez, será pior.

— Como pode ser pior? — perguntou Rand.

Perrin não respondeu. Ele fitou a outra margem, e seus olhos dourados quase pareciam brilhar, mas não de ansiedade.

Depois de um minuto, Mat perguntou:

— Como pode ser pior?

— Será. Posso sentir o cheiro — Foi tudo o que Perrin disse.

Hurin olhou para ele, nervoso, mas o homem parecia lançar olhares nervosos desde que tinham deixado Fal Dara.

A barca bateu na outra margem com um impacto oco de pranchas rígidas encontrando a argila dura, quase embaixo de árvores que se penduravam sobre as margens. Os shienaranos que puxavam a corda montaram em seus cavalos, exceto dois deles, que Ingtar mandou levar a barca de volta para buscar os outros. O restante o seguiu margem acima.

— Cinquenta passos até um grande carvalho-branco — disse Ingtar, enquanto cavalgavam entre as árvores. Sua voz soava tranquila demais. Se Ragan não conseguira contar o que vira… Alguns dos soldados afrouxaram as espadas nas costas e ficaram com as lanças preparadas.

No começo, Rand achou que as duas figuras penduradas pelos braços nos galhos grossos e cinzentos do carvalho-branco eram espantalhos. Espantalhos vermelhos. Então reconheceu os rostos. Changu e o outro homem que estivera de guarda com ele, Nidao. Seus olhos estavam abertos e os dentes à mostra em um berro de dor. Tinha sido uma morte lenta.

Perrin soltou um grunhido gutural, quase um rosnado.

— Nunca vi nada tão ruim, milorde — disse Hurin fracamente. — Nunca senti um cheiro tão ruim, a não ser no calabouço de Fal Dara, naquela noite.

Desesperado, Rand tentou invocar o vazio. A chama parecia atrapalhá-lo, a luz incerta tremeluzia no mesmo ritmo frenético em que ele engolia em seco, mas ele continuou tentando até conseguir se envolver no vazio. No entanto, a incerteza pulsou junto com ele. Não do lado de fora, dessa vez, mas de dentro. *Não é de se espantar, olhando esta cena* . O pensamento deslizou pelo vazio como uma gota d'água em uma grelha quente. *O que aconteceu com eles?*

— Foram esfolados vivos — disse alguém atrás dele, e Rand ouviu sons de outra pessoa vomitando. Achou que fosse Mat, mas, de dentro do vazio, tudo ficava muito distante. E aquele tremeluzir nauseante também estava ali dentro. Achou que também fosse vomitar.

— Corte as cordas e desça-os — comandou Ingtar, ríspido. Ele hesitou por um momento, então acrescentou: — Enterrem-nos. Não temos certeza de que eram Amigos das Trevas. Podiam ser prisioneiros. Podiam ser. Que conheçam o último abraço da mãe, pelo menos!

Homens avançaram a cavalo, manejando as facas sem jeito. Nem mesmo para shienaranos endurecidos pela batalha era tarefa fácil carregar os corpos esfolados de homens que haviam conhecido.

— Você está bem, Rand? — perguntou Ingtar. — Eu também não estou acostumado com isso.

— Eu… eu estou bem, Ingtar.

Rand deixou o vazio desaparecer. Sentia-se menos enjoado sem ele. Seu estômago ainda estava embrulhado, mas ele se sentia melhor. Ingtar assentiu e virou seu cavalo para ver os homens trabalhando.

O enterro foi simples. Dois buracos foram cavados no chão, e os corpos foram colocados lá dentro enquanto os demais shienaranos observavam em silêncio. Os coveiros, sem demora, começaram a jogar pás de terra dentro dos túmulos.

Rand ficou chocado, mas Loial explicou em voz baixa:

— Os shienaranos acreditam que todos viemos da terra, e à terra devemos voltar. Eles nunca usam caixões ou mortalhas, e os corpos são enterrados despidos. A terra deve receber o corpo. O último abraço da mãe, é como chamam. E nunca há discursos, apenas "Que a Luz brilhe sobre você, e o Criador o abrigue! O último abraço da mãe lhe dá as boas-vindas em sua casa." — Loial suspirou e sacudiu a enorme cabeça. — Não acho que alguém vá dizê-las, desta vez. Não importa o que Ingtar diga, Rand, não há muita dúvida de que Changu e Nidao mataram os guardas no Portão do Cão e deixaram os Amigos das Trevas entrarem na fortaleza. Eles devem ser os responsáveis por

tudo isso.

— Então quem disparou a flecha na… na Amyrlin? — Rand engoliu em seco. *Quem disparou em mim?* Loial não respondeu.

Uno chegou com o restante dos homens e os cavalos de carga quando a última pá de terra estava sendo jogada nos túmulos. Alguém lhe disse o que haviam encontrado, e o caolho cuspiu.

— Trollocs beija-cabras fazem isso perto da maldita Praga, às vezes. Quando querem mexer com seus nervos ou avisar você para não seguir adiante. Que me queime se isso funcionar aqui também!

Antes de seguirem em frente, Ingtar parou seu cavalo ao lado dos túmulos sem sepultura, dois montinhos de terra que pareciam pequenos demais para conter homens. Depois de um momento, disse:

— Que a Luz brilhe sobre vocês, e o Criador os abrigue! O último abraço da mãe lhes dá as boas-vindas em sua casa. — Quando levantou a cabeça, olhou para um homem de cada vez. Eles o olharam de modo inexpressivo, mas o rosto mais inexpressivo de todos era o de Ingtar. — Eles salvaram Lorde Agelmar na Garganta de Tarwin — disse. Vários dos lanceiros assentiram. Ingtar virou seu cavalo. — Para que lado, Hurin?

— Sul, milorde.

— Sigam o rastro! Vamos caçar!

A floresta logo deu lugar a uma terra praticamente plana, de ondulações suaves, às vezes atravessada por um riacho raso que escavara um canal de margens altas. Mas nunca havia mais do que uma elevação baixa ou um pequeno morro, que mal merecia esse nome. Terra perfeita para os cavalos. Ingtar aproveitou a oportunidade, impondo um ritmo firme e cobrindo o terreno. Volta e meia, Rand via o que poderia ter sido uma casa de fazenda a distância. Numa das ocasiões, julgou que fosse uma vila, com fumaça saindo de chaminés a algumas milhas e algo relampejando branco sob o sol. Mas a terra perto deles permanecia sem humanos à vista, apenas longas extensões de grama pontilhadas com arbustos e uma ou outra árvore. Vez por outra, uma pequena cerca viva, mas nunca com mais de cem passos de extensão.

Ingtar enviou batedores, dois homens que foram cavalgando à frente, avistados apenas quando chegavam ao topo de uma rara elevação. Ele levava um apito de prata pendurado no pescoço para chamá-los de volta, caso Hurin dissesse que o rastro se desviara, mas isso não aconteceu. Sul. Sempre sul.

— Chegaremos ao campo de Talidar em três ou quatro dias, a esta velocidade — comentou Ingtar enquanto cavalgavam. — A maior vitória de Artur Asa-de-gavião, quando os Meio-Homens contra ele lideraram os Trollocs até fora da Praga, durou seis dias e seis noites, e, quando acabou, os Trollocs fugiram de volta para a Praga e nunca

mais ousaram desafiá-lo. Ele ergueu um monumento ali, em homenagem a essa vitória: uma torre com cem braças de altura. Não deixou que pusessem seu nome nela. Em vez disso, mandou colocarem os nomes de cada homem que tombou em combate e um sol dourado no alto, símbolo de que a Luz havia triunfado sobre a Sombra.

— Eu gostaria de vê-lo — disse Loial. — Nunca ouvi falar desse monumento.

Ingtar ficou em silêncio por um momento e, quando voltou a falar, sua voz era baixa.

— A torre não está mais lá, Construtor. Quando Asa-de-gavião morreu, os que disputaram seu império não podiam suportar a ideia de um monumento à sua vitória, mesmo que não fizesse menção a seu nome. Não restou nada, a não ser o monte onde ela ficava. Em três ou quatro dias, poderemos vê-lo, pelo menos. — Seu tom de voz não permitiu muita conversa depois disso.

Com o sol dourado sobre suas cabeças, eles passaram por uma estrutura quadrada, feita com tijolos de gesso, a cerca de uma milha do caminho. Não era alta, não tinha mais do que dois andares ainda em pé, mas cobria um bom pedaço de chão. Uma antiga atmosfera de abandono pendia sobre os telhados que haviam desaparecido, a não ser por alguns trechos de telhas escuras penduradas em pedaços de vigas. A maior parte do gesso, outrora branco, havia caído, deixando exposto o tijolo escuro e corroído pela ação do tempo. Paredes desmoronadas revelavam no interior pátios e câmaras em decomposição. Arbustos, e até mesmo árvores, cresciam nas rachaduras do que antes haviam sido pátios.

— Um solar — explicou Ingtar. O pouco bom humor que recuperara pareceu desvanecer-se quando olhou para a estrutura. — Quando Harad Dakar ainda estava de pé, imagino que o administrador do solar cultivava o raio de uma légua ao redor desta terra. Talvez tivesse pomares. Os hardanienses adoravam seus pomares.

— Harad Dakar? — indagou Rand, e Ingtar bufou, irritado.

— Ninguém mais aprende história? Harad Dakar, a capital de Hardan. A nação que ficava aqui, por onde agora passamos.

— Eu já vi um mapa antigo — respondeu Rand, com a garganta apertada. — Aprendi sobre as nações que não existem mais. Maredo, Goaban e Caralain. Mas não havia Hardan nele.

— Existiram outras que hoje também já se foram — falou Loial. — Mar Haddon, que hoje é Haddon Mirk, e Almoth. Kintara. A Guerra dos Cem Anos dividiu o império de Artur Asa-de-gavião em muitas nações, grandes e pequenas. As pequenas foram engolidas pelas grandes, ou então se uniram, como Altara e Murandy. “Forçadas a se unir” seria uma expressão melhor do que “se uniram”, suponho.

— Então o que aconteceu com elas? — inquiriu Mat. Rand não

notara que Perrin e Mat tinham cavalgado até eles. Estavam na retaguarda, tão longe dele quanto podiam, da última vez que os vira.

— Não conseguiram se manter juntas — respondeu o Ogier. — As plantações fracassaram, ou o comércio fracassou. As pessoas fracassaram. Alguma coisa fracassou em cada caso, e a nação foi morrendo aos poucos. Era comum países vizinhos absorverem as terras das nações que desapareciam, mas esses anexos nunca duravam muito. Com o tempo, a terra acabou abandonada. Algumas aldeias ainda persistem aqui e ali, mas a maioria ficou deserta. Há quase trezentos anos, Harad Dakar finalmente foi abandonada, mas antes mesmo já era uma casca, com um rei que não conseguia controlar o que se passava dentro das muralhas da cidade. Harad Dakar já não existe mais, pelo que sei. E todos os vilarejos e cidades de Hardan se foram. As pedras foram levadas por fazendeiros e aldeães, para uso próprio. A maioria das fazendas e aldeias criadas com elas também já sumiu. Foi o que li, e não vi nada que negasse isso.

— Harad Dakar foi bastante disputada por quase cem anos — disse Ingtar, com amargura. — Por fim, as pessoas partiram. Depois a cidade foi levada embora, pedra por pedra. Tudo desapareceu, e o que não foi levado está desaparecendo. Tudo, em toda parte, desaparece. Quase não há nações que de fato controlem as terras que a firmam possuir no mapa, e quase não há terras que a firmem, hoje, possuir o que possuíam cem anos atrás, em um mapa. Quando a Guerra dos Cem Anos acabou, um homem cavalgava por várias nações da Praga até o Mar das Tempestades. Agora dá para cavalgar por uma vastidão selvagem e sem nação praticamente por toda a terra. Nós, das Terras de Fronteira, temos nossas lutas contra a Praga para nos manter fortes e inteiros. Talvez eles não tenham o que precisam para se manter fortes. Você diz que eles fracassaram, Construtor? Sim, fracassaram, e que nação de pé hoje, inteira, não fracassará amanhã? Estamos sendo varridos da terra, a humanidade. Somos levados como escombros em uma enchente. Quanto tempo ainda temos até que nada mais reste além das Terras de Fronteira? Quanto tempo antes que nós também tombemos e não sobre nada, a não ser Trollocs e Myrddraal, até o Mar das Tempestades?

Houve um silêncio de perplexidade. Nem mesmo Mat ousou quebrá-lo. Ingtar saiu cavalgando, perdido em seus pensamentos sombrios.

Depois de algum tempo, os batedores voltaram a galope, eretos em suas selas, com as lanças retas apontando para o céu.

— Há uma aldeia à frente, milorde. Não fomos vistos, mas ela ica bem no nosso caminho.

Ingtar pareceu pôr de lado seus pensamentos, mas só voltou a falar quando chegaram à crista de uma cordilheira baixa que dava

para a aldeia. E, mesmo assim, foi apenas para ordenar uma parada enquanto retirava uma luneta dos alforjes e a erguia para examinar a aldeia.

Rand analisou a aldeia com interesse. Era tão grande quanto o Campo de Emond, embora não tão grande se comparada a alguns dos vilarejos que vira desde que deixara Dois Rios, e muito menos quando comparada às cidades. As casas baixas e recobertas de argila branca pareciam ter grama crescendo em telhados inclinados. Uma dezena de moinhos de vento espalhados pela aldeia giravam, preguiçosos, com os braços compridos e brancos, cobertos de lona, faiscando sob o sol. Uma muralha baixa, da altura do peito, cercava a aldeia, coberta de mato, e do lado de fora havia uma vala grande com o fundo coberto de estacas afiadas. Não havia portão nas partes que viu da muralha, mas supôs que podia facilmente estar escondido por um carrinho ou vagão. Não viu ninguém.

— Não há sequer um cão à vista — observou Ingtar, devolvendo a luneta aos alforjes. — Tem certeza de que não viram vocês? — perguntou aos batedores.

— Não, a menos que tenham a sorte do próprio Tenebroso, milorde — respondeu um dos homens. — Não subimos a crista da cordilheira. Também não vimos ninguém se mover, milorde.

Ingtar assentiu.

— O rastro, Hurin?

Hurin respirou fundo.

— Na direção da aldeia, milorde. Direto até ela, pelo que posso dizer daqui.

— Fiquem bem atentos — ordenou Ingtar, pegando as rédeas. — E não acreditem que sejam amigos só porque sorriem. Se houver alguém lá! — Ele os conduziu na direção da aldeia em passos lentos e estendeu a mão para soltar a espada da bainha.

Rand ouviu os sons de outros atrás de si fazendo a mesma coisa. Depois de um momento, também pegou a sua. Tentar permanecer vivo não era a mesma coisa que tentar ser herói, concluiu.

— O senhor acha que essa gente ajudaria os Amigos das Trevas? — perguntou Perrin, dirigindo-se a Ingtar.

O shienarano demorou a responder.

— Eles não gostam muito do povo de Shienar — disse, por fim. — Acham que deveríamos protegê-los. Nós, ou os cairhienos. Cairhien exigiu a posse desta terra assim que o Rei de Hardan morreu. Exigiram todo o território até Erinin. Mas não conseguiram conservá-la. Desistiram dela há quase cem anos. As poucas pessoas que ainda vivem aqui não têm que se preocupar com Trollocs, assim tão longe ao sul, mas há muitos bandoleiros humanos. É por isso que suas aldeias têm a muralha e a vala. Todas têm. Os campos devem estar ocultos em

clareiras ao redor daqui, mas ninguém mora do lado de fora da muralha. Eles jurariam lealdade a qualquer rei que lhes concedesse proteção, no entanto já fazemos tudo o que podemos contra os Trollocs. Por isso eles não gostam de nós. — Quando chegaram à abertura na muralha baixa, ele voltou a dizer: — Fiquem bem atentos!

Todas as ruas davam em uma praça, mas não havia ninguém do lado de fora, nem espiando das janelas. Nem mesmo um cão se movia, sequer uma galinha ciscava. Nada vivo. Portas abertas balançavam, rangendo ao vento, em contraponto ao gemido ritmado dos moinhos de vento. Os cascos dos cavalos soavam altos na rua de terra batida.

— É como na barca — murmurou Hurin — mas diferente. — Ele cavalgava curvado em sua sela, com a cabeça abaixada, como se estivesse tentando se esconder atrás dos próprios ombros. — Houve violência, mas… não sei. Foi ruim aqui. Fede.

— Uno — disse Ingtar —, conduza um destacamento e vasculhe as casas. Se encontrar alguém, leve a mim na praça. Mas não os assuste desta vez. Quero respostas, não gente fugindo.

Ele levou os outros soldados para o centro da aldeia enquanto Uno mandava um grupo de dez desmontar.

Rand hesitou, olhando ao redor. As portas rangendo, os moinhos gemendo e os cascos dos cavalos faziam barulho demais, como se não existisse outro som no mundo. Ele olhou bem para os cavalos. As cortinas em uma janela aberta balançavam do lado de fora da casa. Tudo parecia sem vida. Suspirando, ele desmontou e caminhou até a casa mais próxima. Então parou, encarando a porta.

É só uma porta. Do que você tem medo? Desejou não se sentir como se houvesse algo à sua espera do outro lado. Abriu a porta.

Dentro, havia um aposento bem-arrumado. A mesa estava posta para uma refeição, as cadeiras tinham encosto de ripas e pratos já estavam servidos. Algumas moscas zumbiam sobre tigelas de nabos e ervilhas, outras se arrastavam por um pedaço de carne assada que repousava em sua própria gordura congelada. Havia uma fatia meio cortada, o garfo ainda estava cravado na carne, e o facão, caído sobre a bandeja, como se alguém o tivesse deixado cair. Rand entrou.

Piscou.

Um homem careca e sorridente, usando roupas rústicas, serviu uma fatia de carne em um prato estendido por uma mulher de rosto cansado, mas que também sorria. Ela acrescentou ervilhas e nabos ao prato e o passou para uma das crianças que estavam à mesa. Eram seis crianças, meninos e meninas. Alguns quase crescidos, outros mal tinham tamanho para olhar por cima da mesa. A mulher disse alguma coisa, e a garota que pegou o prato de sua mão riu. O homem começou a cortar mais uma fatia.

De repente, outra garota soltou um grito, apontando para a porta.

O homem deixou cair a faca e se virou, então gritou também, com o rosto contorcido de horror, e agarrou uma das crianças. A mulher agarrou outra, e fez gestos desesperados para as outras, mexendo a boca, a lita, sem fazer barulho. Todos saíram correndo na direção de uma porta nos fundos do aposento.

Essa porta se abriu de súbito, e…

Rand piscou.

Ele não conseguia se mover. As moscas que zumbiam acima da mesa faziam ainda mais barulho. Sua respiração formava uma nuvem de vapor na frente da boca.

Rand piscou.

Um homem careca e sorridente, usando roupas rústicas, serviu uma fatia de carne em um prato estendido por uma mulher de rosto cansado, mas que também sorria. Ela acrescentou ervilhas e nabos ao prato e o passou para uma das crianças que estavam à mesa. Eram seis crianças, meninos e meninas. Alguns quase crescidos, outros mal tinham tamanho para olhar por cima da mesa. A mulher disse alguma coisa, e a garota que pegou o prato de sua mão riu. O homem começou a cortar mais uma fatia.

De repente, outra garota soltou um grito, apontando para a porta. O homem deixou cair a faca e se virou, então gritou também, com o rosto contorcido de horror, e agarrou uma das crianças. A mulher agarrou outra, e fez gestos desesperados para as outras, mexendo a boca, a lita, sem fazer barulho. Todos saíram correndo na direção de uma porta nos fundos do aposento.

Essa porta se abriu de súbito, e…

Rand piscou.

Ele lutava, mas seus músculos pareciam congelados. O aposento estava mais frio. Ele queria tremer, mas não conseguia se mexer nem para isso. Moscas se arrastavam por toda a mesa. Procurou o vazio. A luz fraca estava lá, mas ele não se importava. Ele tinha que…

Rand piscou.

Um homem careca e sorridente, usando roupas rústicas, serviu uma fatia de carne em um prato estendido por uma mulher de rosto cansado, mas que também sorria. Ela acrescentou ervilhas e nabos ao prato e o passou para uma das crianças que estavam à mesa. Eram seis crianças, meninos e meninas. Alguns quase crescidos, outros mal tinham tamanho para olhar por cima da mesa. A mulher disse alguma coisa, e a garota que pegou o prato de sua mão riu. O homem começou a cortar mais uma fatia.

De repente, outra garota soltou um grito, apontando para a porta. O homem deixou cair a faca e se virou, então gritou também, com o rosto contorcido de horror, e agarrou uma das crianças. A mulher agarrou outra, e fez gestos desesperados para as outras, mexendo a

boca, a lita, sem fazer barulho. Todos saíram correndo na direção de uma porta nos fundos do aposento.

Essa porta se abriu de súbito, e…

Rand piscou.

O aposento estava congelando. *Tão frio*. Moscas enegreciam a mesa. As paredes eram uma massa ondulante de moscas, o chão, o teto, tudo preto pela quantidade de moscas. Elas se arrastavam em cima de Rand, cobriam-no, se arrastavam sobre seu rosto, seus olhos, dentro de seu nariz, de sua boca. *Luz, me ajude. Frio*. O zumbido das moscas tinha som de trovão. *Frio*. O frio penetrava o vazio, rindo dele, encapsulando-o em gelo. Desesperado, ele procurou a luz tremeluzente. Seu estômago dava voltas, mas a luz era morna. Morna. Quente. Ele estava quente.

De repente, estava rasgando… alguma coisa. Ele não sabia o quê, ou como. Teias de aranha feitas de aço. Raios de luar escavados em pedra. Elas desmoronavam ao toque de seus dedos, mas ele sabia que não havia tocado em nada. Elas murchavam e se derretiam com o calor que o atravessava, um calor igual ao de uma forja, um calor como se o mundo pegasse fogo, um calor como…

A visão desapareceu. Ofegante, ele olhou ao redor com os olhos arregalados. Algumas poucas moscas jaziam sobre a carne assada meio cortada na bandeja. Moscas mortas. Seis *moscas. Apenas seis*. Havia mais nas tigelas, meia dúzia de pontinhos pretos entre as verduras frias. Todas mortas. Ele saiu para a rua, cambaleando.

Mat estava saindo de uma casa do outro lado da rua, balançando a cabeça.

Rand piscou.

— Ninguém lá dentro — disse a Perrin, que ainda estava montado em seu cavalo. — Parece que simplesmente se levantaram no meio do jantar e foram embora.

Um grito veio da praça.

— Encontraram alguma coisa — disse Perrin, metendo os calcanhares nos flancos do cavalo. Mat subiu correndo na sela e foi galopando atrás dele.

Rand montou em Vermelho mais devagar, e o garanhão recuou como se sentisse seu desconforto. Ele olhou de relance para as casas ao cavalgar devagar na direção da praça, mas não conseguia olhar para elas por muito tempo. *Mat entrou em uma e nada lhe aconteceu* . Ele resolveu não pôr os pés dentro de outra casa daquela aldeia, não importava o que houvesse. Metendo as botas nos flancos de Vermelho, acelerou o passo.

Todos estavam parados como estátuas diante de um grande prédio de portas duplas. Rand não achava que aquilo pudesse ser uma estalagem. Para começar, não tinha nenhuma placa. Talvez fosse um

local de reuniões da aldeia. Reuniu-se ao círculo silencioso e começou a olhar na mesma direção que os outros.

Havia um homem com os braços abertos sobre as portas, pregos enormes atravessavam-lhe os punhos e os ombros. Mais pregos haviam sido enfiados em seus olhos, para manter sua cabeça erguida. Sangue seco e escuro descia por suas bochechas, espalhando-se. Arranhões na madeira atrás de suas botas indicavam que ele estava vivo quando aquilo fora feito. Quando começou, pelo menos.

Rand prendeu a respiração. Não era um homem. Aquelas roupas pretas, mais pretas do que o preto, nunca haviam sido vestidas por qualquer humano. O vento balançava uma ponta de seu manto preto atrás do corpo, o que nem sempre acontecia, como ele bem sabia: o vento nem sempre tocava aquelas roupas. Mas nunca houve olhos naquele rosto pálido e sem sangue.

— Myrddraal — disse baixinho, e foi como se sua voz libertasse todas as outras.

Eles começaram a se mover outra vez e a respirar.

— Quem — começou Mat, mas teve de parar para engolir em seco. — Quem poderia ter feito isso com um Desvanecido? — Sua voz saiu aguda no fim da pergunta.

— Não sei — respondeu Ingtar. — Eu não sei. — Ele olhou ao redor, examinando rostos, ou talvez contando para ter certeza de que todos estavam ali. — E não acho que vamos descobrir aqui. Vamos cavalgar. Montem! Hurin, encontre a trilha para sair deste lugar.

— Sim, milorde. Sim. Com prazer. Por aqui, milorde. Eles ainda estão indo para o sul.

Eles saíram cavalgando, deixando o Myrddraal morto onde estava, e o vento balançava seu manto negro. Hurin foi o primeiro a sair da muralha, sem esperar por Ingtar dessa vez, e Rand ia logo atrás dele.

11

Vislumbres do Padrão

Diferente dos outros dias, Ingtar mandou que parassem com o sol dourado ainda brilhando acima do horizonte. Os resistentes shienaranos começavam a sentir os efeitos do que tinham visto na aldeia. Ingtar até então não havia ordenado uma parada tão cedo, e o local que escolhera para o acampamento parecia fácil de ser defendido. Era uma clareira oculta, quase redonda, grande o bastante para abrigar confortavelmente todos os homens e cavalos. Um bosque esparso de carvalhos e folha-de-couros recobria as encostas externas, e a margem da clareira era alta o bastante para esconder as pessoas do acampamento, mesmo sem as árvores. Naquele lugar, as margens altas poderiam se passar por colinas.

— Tudo o que estou dizendo — falou Uno para Ragan, quando desmontavam — é que a vi, que me queime! Pouco antes de encontrarmos aquele Meio-homem beija-cabras. A mesma mulher chamejada daquela barca chamejada. Ela estava lá, e depois não estava mais. Pode dizer o que quiser, mas cuidado com as palavras que usa, ou eu esfolo você vivo e queimo sua pele, seu bebedor de leite covarde.

Rand ficou imóvel, um pé no chão e o outro ainda no estribo. *A mesma mulher? Mas não tinha mulher nenhuma na barca, só cortinas soprando ao vento. E ela não poderia ter chegado àquela aldeia na nossa frente, mesmo que tivesse aparecido antes*. A aldeia…

Ele se obrigou a parar de pensar no assunto. Queria esquecer aquela sala, as moscas e as pessoas que estavam e não estavam lá, mais do que queria esquecer o Desvanecido pregado na porta. O Meio-

homem era real, todos tinham visto, mas aquela sala… *Talvez eu finalmente esteja ficando louco*. Ele queria que Moiraine estivesse lá para conversar com ele. *Queria a presença de uma Aes Sedai. Você é um idiota. Já conseguiu escapar disso, agora fique longe. Mas será que eu estou mesmo longe? O que foi que aconteceu lá?*

— Cavalos de carga e suprimentos no meio — ordenou Ingtar, quando os piqueiros começaram a montar o acampamento. — Escovem os cavalos e os selem, para o caso de precisarmos partir depressa. Cada homem dormirá ao lado de sua montaria, e esta noite não haverá fogueiras. A vigia muda a cada duas horas. Uno, quero que os batedores cavalguem o mais longe possível e voltem antes do escurecer. Quero saber o que há lá fora.

Ele também está sentindo , pensou Rand. *Não são mais apenas alguns Amigos das Trevas, alguns Trollocs e, quem sabe, um Desvanecido* . Apenas alguns Amigos das Trevas, alguns Trollocs e, quem sabe, um Desvanecido!? Poucos dias antes não haveria nenhum "apenas" ligado a essa ideia. Até mesmo nas Terras de Fronteira, com a Praga a menos de um dia de cavalgada, Amigos das Trevas, Trollocs e Myrddraal eram ruins o bastante para um pesadelo. Ele vira um Myrddraal pregado a uma porta. *O quê, pela Luz, poderia ter feito aquilo? O que* não *pela Luz?* Ele entrara em um aposento onde o jantar e os risos de uma família haviam sido interrompidos. *Deve ter sido minha imaginação. Deve ter sido*. Mesmo na própria cabeça, não soava muito convincente. Ele não imaginara o vento no alto da torre, nem a Amyrlin dizendo…

— Rand. — Ele se sobressaltou quando Ingtar o chamou, às suas costas. — Vai ficar a noite toda com o pé no estribo?

Rand pôs o outro pé no chão.

— Ingtar, o que aconteceu lá naquela aldeia?

— Trollocs os pegaram. Foi a mesma coisa com as pessoas na barca. Foi isso o que aconteceu. O Desvanecido… — Ingtar estremeceu e olhou para baixo, para um pacote de lona achatado, grande e quadrado, em seus braços. Ele encarou o embrulho como se visse segredos escondidos que preferia não saber. — Os Trollocs levaram as pessoas para comer. Eles fazem isso em aldeias e fazendas perto da Praga, também, quando um grupo de ataque passa pelas torres da fronteira durante a noite. Às vezes conseguimos resgatar as pessoas, às vezes não. Às vezes as resgatamos e quase desejamos que não tivéssemos conseguido. Os Trollocs nem sempre matam antes de começar a arrancar os pedaços. E os Meio-homens gostam de… se divertir; o que é pior do que o que os Trollocs fazem! — Sua voz soava firme, como se ele estivesse falando sobre algo cotidiano. E talvez, para um soldado shienarano, estivesse.

Rand respirou fundo para acalmar o estômago.

— O Desvanecido lá atrás não se divertiu muito, Ingtar. O que poderia pregar um Myrddraal a uma porta, e vivo?

O homem hesitou, sacudindo a cabeça, depois entregou o embrulho para Rand.

— Aqui. Moiraine Sedai me disse para lhe entregar isto no primeiro acampamento ao sul do Erinin. Não sei o que tem aí dentro, mas ela falou que você precisaria disso. Ela disse para você cuidar bem desse embrulho, pois sua própria vida pode depender disso.

Rand aceitou o embrulho com alguma relutância. Sentiu arrepios ao tocar a lona. Havia alguma coisa macia ali dentro. Tecido, talvez. Ele o segurou cuidadosamente. *Ele também não quer pensar no Myrddraal. O que aconteceu naquele lugar?* De repente percebeu que, para ele, era preferível pensar no Desvanecido, ou mesmo naquele aposento, a pensar na missão para qual Moiraine poderia tê-lo enviado.

— Me mandaram dizer, quando entregasse isso, que os piqueiros seguirão você, caso algo me aconteça.

— A mim? — perguntou Rand, sem fôlego, esquecendo-se do saco e de tudo o mais. Ingtar devolveu seu olhar incrédulo, assentindo com a cabeça com muita tranquilidade. — Isso é loucura! Ingtar, eu nunca liderei nada, a não ser um bando de ovelhas. Eles não me seguiriam, de qualquer jeito. Além do mais, Moiraine não pode lhe dizer quem é seu segundo em comando. É Uno.

— Uno e eu fomos chamados à presença do Lorde Agelmar na manhã de nossa partida. Moiraine Sedai estava lá, mas foi Lorde Agelmar quem falou. Você é o segundo em comando, Rand.

— Mas por quê, Ingtar? Por quê?

Rand conseguia ver muito bem a mão de Moiraine naquilo tudo. A dela e a da Amyrlin, forçando-o ao longo do caminho que haviam escolhido. Mas ele precisava perguntar.

O shienarano também não parecia entender, mas era um soldado e estava acostumado a receber ordens estranhas na interminável guerra contra a Praga.

— Ouvi rumores da ala das mulheres de que você era na verdade um… — Ele abriu as mãos, cobertas pelas manoplas. — Não importa. Eu sei que você nega. Assim como nega a própria aparência. Moiraine Sedai diz que você é um pastor, mas nunca vi um pastor com uma espada com a marca da garça. Não vou dizer que eu o teria escolhido, mas acho que você tem o que é necessário. Você cumprirá seu dever, se for preciso.

Rand queria dizer que não era seu dever, mas, em vez disso, falou:

— Uno sabe disso. Quem mais, Ingtar?

— Todos os piqueiros. Quando nós, shienaranos, cavalgamos,

todos os homens sabem quem é o próximo na linha de sucessão caso o comandante venha a cair. Uma cadeia que permanece intacta até o último homem, mesmo que ele não seja nada além de um cavalariço. Assim, veja bem, mesmo que ele seja *de fato* o último homem, não é apenas um soldado perdido correndo e tentando permanecer vivo. Ele tem o comando, e o dever manda que ele faça o que deve ser feito. Se eu for para o último abraço da mãe, o dever será seu. Você encontrará a Trombeta e a levará para seu lugar de direito. Você o fará. — Havia uma ênfase peculiar nas últimas palavras de Ingtar.

O embrulho nos braços de Rand parecia pesar cinquenta quilos. *Luz, ela podia estar a cem léguas de distância, mas ainda assim estendia a mão e puxava o cabresto. Para cá, Rand, para cá. Você é o Dragão Renascido, Rand.*

— Eu não quero esse dever, Ingtar. Não vou aceitá-lo. Luz, sou apenas um pastor! Por que ninguém acredita nisso?

— Você cumprirá seu dever, Rand. Quando o homem no topo da cadeia fracassa, tudo abaixo dele desmorona. Já tem muita coisa desmoronando. Muita coisa. Que a paz favoreça sua espada, Rand al'Thor!

— Ingtar, eu…

Mas Ingtar já se afastava, chamando Uno para conferir se os batedores haviam sido despachados.

Rand ficou olhando para o embrulho em seus braços e umedeceu os lábios. Tinha medo de descobrir o que havia ali dentro. Queria olhar, mas também queria jogá-lo numa fogueira sem abri-lo. Julgava ser capaz de fazê-lo, se tivesse certeza de que o embrulho queimaria sem que alguém visse o que havia ali dentro, se pudesse ter certeza de que aquilo queimaria mesmo. Mas não podia olhar ali, onde outros olhos além dos seus podiam espiar o conteúdo.

Observou disfarçadamente o restante do acampamento. Os shienaranos descarregavam os animais de carga, e outros já distribuíam um jantar frio de carne-seca e pão ázimo. Mat e Perrin cuidavam de seus cavalos, e Loial se encontrava sentado em uma pedra, lendo um livro, com seu cachimbo de cabo longo preso entre os dentes e soltando uma espiral de fumaça. Agarrando o embrulho como se tivesse medo de deixá-lo cair, Rand se esgueirou por entre as árvores.

Ele se ajoelhou em uma pequena clareira, protegida por galhos com folhagem espessa, e depositou o embrulho no chão. Por algum tempo, ficou apenas olhando fixamente para o pacote. *Ela não teria feito isso. Não poderia*. Uma vozinha respondeu: *Ah, sim, poderia. Poderia e faria*. Por fim, começou a desatar os pequenos nós nas cordas que prendiam o embrulho. Eram nós bem-feitos, atados com uma precisão que, por si só, era um elogio à mão de Moiraine. Nenhum

serviçal fizera o trabalho por ela. Ela não ousaria deixar nenhum serviçal ver aquilo.

Depois de desatar o último nó, Rand revelou o que estava dobrado ali dentro com as mãos entorpecidas. Então, ficou olhando fixamente, com a boca cheia de pó. Era uma peça só, não fora costurada, tingida ou pintada. Um estandarte branco como a neve e grande o bastante para ser visto do outro lado de um campo de batalha. Por ele marchava uma figura ondulante, semelhante a uma serpente de escamas rubras e douradas. Uma serpente com quatro patas escamosas, cada qual com cinco garras douradas. Uma serpente com olhos que brilhavam como o sol e uma juba dourada de leão. Ele a vira uma vez, antes, e Moiraine lhe dissera o que era. O estandarte de Lews Therin Telamon, Lews Therin Fratricida, na Guerra da Sombra. O estandarte do Dragão.

— Olhe só para isso! Olhe o que ele tem agora! — Mat entrou na clareira de supetão. Perrin veio atrás, mais devagar. — Primeiro aqueles casacos chiques — exclamou Mat, ríspido — e agora um estandarte! Agora é que o ego dele não vai desinflar, com… — Mat se aproximou o suficiente para ver a bandeira com mais clareza, e ficou de queixo caído. — Luz! — Ele recuou um passo, cambaleando. — Que me queime! — Ele também estivera lá quando Moiraine disse o nome da bandeira. Assim como Perrin.

Uma raiva enorme começou a ferver dentro de Rand. Raiva de Moiraine e do Trono de Amyrlin, que o empurravam de um lado para outro. Ele agarrou o estandarte com as duas mãos e o sacudiu na cara de Mat, e as palavras saíram de sua boca sem controle.

— É isso mesmo! O estandarte do Dragão! — Mat deu mais um passo para trás. — Moiraine quer que eu seja uma marionete puxada pelos cordéis de Tar Valon, um falso Dragão para as Aes Sedai. Ela vai enfiar isso pela minha goela, independente da minha vontade. Mas… eu… não… serei… usado!

Mat recuou até dar com as costas em um tronco de árvore.

— Um falso Dragão? — Ele engoliu em seco. — Você? Isso… Isso é loucura.

Perrin não recuara. Ele se agachou, com os braços musculosos sobre os joelhos, e estudou Rand com aqueles olhos dourados e brilhantes. Nas sombras da noite, eles pareciam faiscar.

— Se as Aes Sedai querem que você seja um falso Dragão… — Ele hesitou, franzindo a testa e pensando com cuidado. Então falou baixinho: — Rand você consegue canalizar?

Mat ofegou.

Rand deixou o estandarte cair. Hesitou apenas por um momento antes de assentir, cansado.

— Eu não pedi isso. Eu não quero. Mas… Mas acho que não sei

como impedir. — O aposento cheio de moscas voltou à sua mente, sem que ele desejasse. — Acho que elas não vão me deixar parar.

— Que me queime! — exclamou Mat, com um suspiro. — Sangue e malditas cinzas! Elas vão nos matar, vocês sabem. Todos nós. Perrin e eu iremos com você. Se Ingtar e os outros descobrirem, cortarão nossas malditas gargantas achando que somos Amigos das Trevas. Luz, provavelmente vão pensar que ajudamos no roubo da Trombeta e na morte daquelas pessoas em Fal Dara.

— Cale a boca, Mat — interrompeu Perrin, calmo.

— Não me mande calar a boca. Se Ingtar não nos matar, Rand vai enlouquecer e fazer isso por ele. Que me queime! Que me queime! — Mat deslizou as costas pela árvore, sentando-se no chão. — Por que elas não amansaram você? Se as Aes Sedai sabiam, por que não o amansaram? Nunca ouvi falar de alguma vez em que elas deixaram um homem que consegue usar o Poder sair andando livremente.

— Nem todas sabem — suspirou Rand. — A Amyrlin…

— O Trono de Amyrlin! *Ela* sabe? Luz, não é de admirar que tenha me olhado de um jeito tão estranho.

— … E Moiraine me disse que sou o Dragão Renascido, então elas falaram que eu estava livre para ir aonde quisesse. Você não vê, Mat? Elas estão tentando me usar.

— Isso não altera o fato de você ser capaz de canalizar — murmurou Mat. — Se eu fosse você, já estaria a meio caminho do Oceano de Aryth. E não pararia até encontrar um lugar onde não existam Aes Sedai, onde talvez elas nunca existam. Nem mais ninguém. Quer dizer… bem…

— Cale a boca, Mat — repetiu Perrin. — *Por que* você está aqui, Rand? Quanto mais tempo ficar ao redor das pessoas, maior será a chance de alguém descobrir e chamar as Aes Sedai. Aes Sedai que *não* lhe dirão para seguir com sua vida. — Ele fez uma pausa e coçou a cabeça, pensativo. — E Mat está certo quanto a Ingtar. Não duvido que ele fosse chamar você de Amigo das Trevas e matá-lo. Talvez matasse todos nós. Ele parece gostar de você, mas acho que o mataria mesmo assim. Um falso Dragão? Os outros também matariam. Masema não precisaria nem dessa desculpa para matá-lo. Então por que você ainda não foi embora?

Rand deu de ombros.

— Eu ia, mas a Amyrlin chegou, depois a Trombeta foi roubada, junto com a adaga, e Moiraine disse que Mat estava morrendo, e… Luz, pensei que podia ficar com vocês até encontrarmos a adaga, pelo menos. Pensei que podia ajudar com isso. Talvez estivesse errado.

— Você veio por causa da adaga? — perguntou Mat, em voz baixa. Ele esfregou o nariz e fez uma careta de desagrado. — Nunca pensei nisso. Nunca pensei que você quisesse… Aaaah! Você está se

sentindo bem? Quer dizer, ainda não está ficando louco, está?

Rand pegou uma pedrinha do chão e jogou-a no rapaz.

— Ai! — Mat esfregou o braço. — Eu só estava perguntando. Quer dizer, todas essas roupas chiques e essa conversa sobre ser um lorde. Bom, isso não é coisa de gente que bate bem da cabeça.

— Eu estava tentando me livrar de vocês, idiota! Tive medo de ficar louco e machucar vocês. — Ele olhou para o estandarte, então abaixou a voz. — É o que vou acabar fazendo, se não parar. Luz, não sei como impedir isso.

— É disso que tenho medo — disse Mat, pondo-se de pé. — Sem ofensa, Rand, mas acho que vou dormir o mais longe possível de você, se não se importar. Isso se você continuar por aqui. Uma vez ouvi falar de um sujeito que conseguia canalizar. O guarda de um mercador me contou. Antes que as Vermelhas o encontrassem, ele acordou uma manhã e viu que toda a aldeia estava esmagada. Todas as casas, todas as pessoas, tudo, menos a cama em que dormia, como se uma montanha tivesse rolado por cima deles.

Perrin disse:

— Nesse caso, Mat, você deveria dormir bem coladinho nele.

— Eu posso ser um idiota, mas pretendo ser um idiota vivo. — Mat hesitou, olhando de esguelha para Rand. — Escute, sei que você veio para me ajudar e ico grato por isso. De verdade. Mas você não é mais o mesmo. Você entende, não entende?

Ele aguardou, como se esperasse uma resposta. Nenhuma veio. Por fim, desapareceu por entre as árvores, indo na direção do acampamento.

— E você? — perguntou Rand.

Perrin balançou a cabeça, sacudindo os cachos.

— Não sei, Rand. Você é o mesmo, mas também não é. Um homem capaz de canalizar. Minha mãe costumava me assustar com essas histórias quando eu era pequeno. Eu simplesmente não sei. — Ele estendeu a mão e tocou uma ponta do estandarte. — Eu acho que queimaria isto, ou enterraria, se fosse você. Depois fugiria tão rápido e para tão longe que nenhuma Aes Sedai me encontraria. Quanto a isso, Mat tinha razão. — Ele se levantou, estreitando os olhos para examinar o céu a oeste, que começava a ficar vermelho com o pôr do sol. — Está na hora de voltar para o acampamento. Pense no que eu disse, Rand. Eu fugiria. Mas talvez você não possa fugir. Pense nisso também. — Seus olhos amarelos pareceram olhar para dentro, e sua voz soava cansada. — Às vezes não se pode fugir.

Então ele também se foi.

Rand ficou ajoelhado ali, olhando para o estandarte aberto no chão.

— Bem, às vezes *dá* para fugir — murmurou. — Mas talvez ela

tenha me dado isto para me fazer fugir. Talvez ela tenha planejado algo para mim, caso eu fuja. Não vou fazer o que ela quer. Não vou. Vou enterrar isto bem aqui. Mas ela disse que minha vida pode depender disso, e Aes Sedai nunca mentem, então é possível pensar que… — De repente, seus ombros começaram a sacudir com gargalhadas silenciosas. — Agora estou falando sozinho. Talvez esteja *mesmo* ficando louco.

Quando voltou ao acampamento, levava consigo o estandarte enrolado na lona outra vez, mas com nós menos bem-feitos que os de Moiraine.

A luz começara a sumir e a sombra da saliência do terreno cobria metade da clareira. Os soldados estavam se acomodando, todos com os cavalos próximos de si e as lanças à mão. Mat e Perrin estavam deitados ao lado de seus cavalos. Rand lhes encarou com tristeza, depois foi atrás de Vermelho, que estava de pé onde fora deixado, com as rédeas penduradas, e foi para o lado oposto do vale, onde Hurin se juntara a Loial. O Ogier deixara a leitura de lado e estava examinando a pedra meio enterrada sobre a qual estivera sentado, traçando algo na rocha com o longo cabo de seu cachimbo.

Hurin se levantou e fez para Rand algo parecido com uma mesura.

— Espero que não se importe que eu faça minha cama aqui, Lorde… hã… Rand. Eu estava só conversando com o Construtor.

— Aí está você, Rand — disse Loial. — Sabe, acho que um dia esta pedra foi enfeitada. Veja, está desgastada, mas parece ter sido uma espécie de coluna. E tem marcações também. Não consigo distingui-las, mas são familiares, de algum modo.

— Talvez você consiga vê-las melhor amanhã de manhã — respondeu Rand. Então retirou os alforjes de cima do Vermelho. — Sua companhia será um prazer, Hurin. — *Terei prazer com a companhia de qualquer um que não tenha medo de mim. Mas até quando isso será possível?*

Ele colocou tudo ao lado dos alforjes: camisas, calças e meias de lã de reserva, uma caixinha de costura, pederneira, prato e copo de latão, uma caixa de madeira verde com garfo, faca e colher, um pacote de carne-seca e pão ázimo para ração de emergência, e todas as outras necessidades de um viajante. Então enfiou o estandarte enrolado na lona dentro do bolsão vazio. Ele ficou estufado, as faixas quase não alcançavam as fivelas, mas o outro lado estava parecido. Aquilo bastaria.

Loial e Hurin perceberam seu estado de espírito e o deixaram quieto enquanto tirava a sela e as rédeas de Vermelho, esfregava tufos de grama no grande baio e o encilhava novamente. Rand recusou a comida que ofereceram, achava que, naquele momento, não teria

estômago nem para a melhor refeição do mundo. Os três fizeram suas camas ao lado da pedra, dobrando um cobertor à guisa de travesseiro e se cobrindo com o manto.

O acampamento estava silencioso, mas Rand ficou acordado até bem depois de a escuridão cair por completo. Sua mente não parava quieta. O estandarte. *O que ela está tentando me levar a fazer?* A aldeia. *O que poderia matar um Desvanecido daquele jeito?* E o pior de tudo, a casa na aldeia. *Aquilo realmente aconteceu? Será que já estou ficando louco? Devo fugir ou ficar? Preciso ficar. Preciso ajudar Mat a encontrar a adaga.*

A exaustão finalmente tomou conta dele, e, com o sono, contra sua vontade, o vazio o cercou, tremeluzindo com um brilho incômodo que perturbou seus sonhos.

Padan Fain olhava para o norte, na noite, para além da única fogueira em seu acampamento, com um sorriso fixo que não tocava seus olhos. Ele ainda pensava em si mesmo como Padan Fain, que era o núcleo de seu ser, mas esse núcleo fora modificado, e ele sabia bem disso. Sabia de muitas coisas agora, mais do que qualquer um de seus velhos mestres poderia suspeitar. Ele fora Amigo das Trevas por muitos anos, antes de Ba'alzamon convocá-lo e colocá-lo no rastro dos três rapazes de Campo de Emond. Antes de destilar o que sabia deles, destilar a si próprio e alimentá-lo com aquela essência, para que ele pudesse *senti*-los, *cheirar* seu rastro, segui-los para onde quer que fugissem. Especialmente aquele. Uma parte de Padan Fain ainda se encolhia ao se lembrar do que Ba'alzamon fizera com ele, mas era uma parte pequena, oculta, suprimida. Ele havia mudado. Seguir os três o levara a Shadar Logoth. Ele não queria ir, mas teve que obedecer. Daquela vez. E, em Shadar Logoth…

Fain respirou fundo e passou os dedos pela adaga com cabo de rubi que estava no cinturão. Ela viera de Shadar Logoth. Era a única arma que carregava, a única de que precisava, e sentia como se ela fizesse parte de seu corpo. Ele estava inteiro outra vez. Era tudo o que importava.

Deu uma olhadela para o entorno de sua fogueira. De um lado, os doze Amigos das Trevas que estavam à esquerda, suas roupas, outrora finas, sujas e amarrotadas, encolhidos de lado na escuridão, não encaravam o fogo, e sim a ele. Do outro lado, agachados, estavam seus Trollocs, vinte no total, com olhos humanos demais naqueles rostos masculinos distorcidos em formas animais. Acompanhavam cada movimento seu, como ratos que observam um gato.

No começo fora difícil acordar toda manhã e descobrir que não estava totalmente inteiro, ter o Myrddraal de volta no comando, exigindo, furioso, que fossem para o norte, para a Praga, para Shayol

Ghul. Mas, pouco a pouco, aquelas manhãs de fraqueza foram ficando menores, até que… Ele se lembrou da sensação do martelo em sua mão, cravando os pregos, e sorriu. Desta vez o sorriso chegou aos seus olhos, com a alegria de uma lembrança doce.

Um choro vindo das trevas chegou aos seus ouvidos, e o sorriso desapareceu. *Eu não deveria ter deixado os Trollocs pegarem tanta gente* . Toda uma aldeia atrasando-os. Se aquelas poucas casas perto da barca não estivessem vazias, talvez… Mas Trollocs eram gananciosos por natureza e, eufórico com a morte do Myrddraal, ele não prestara a devida atenção.

Olhou de relance para os Trollocs. Qualquer um deles tinha quase o dobro de sua altura e era forte o bastante para quebrá-lo em pedacinhos com uma das mãos, mas recuavam, ainda encolhidos.

— Matem-nos. Todos. Podem se alimentar, mas depois façam uma pilha de tudo o que restar… para que nossos amigos encontrem. Ponham as cabeças no topo. Com cuidado. — Ele riu, mas parou depressa. — Agora!

Os Trollocs se levantaram correndo, sacando harpes e erguendo machados com ponteiras. Em instantes, gritos e urros vieram da direção dos aldeões. Pedidos de misericórdia e gritinhos agudos de crianças eram interrompidos por impactos sólidos e ruídos desagradáveis de coisas esmigalhadas, como melões sendo partidos.

Fain deu as costas à cacofonia para olhar para seus Amigos das Trevas. Eles também lhe pertenciam, de corpo e alma. Pelo menos o pouco de alma que lhes restava. Cada um deles estava tão perdido quanto ele estivera, antes de encontrar o caminho de volta. Nenhum deles tinha para onde ir, a não ser segui-lo. Seus olhos estavam grudados nele, com medo, suplicantes.

— Vocês acham que eles sentirão fome antes de encontrarmos outra aldeia ou fazenda? Pode ser que sim. Vocês acham que eu deixarei que peguem mais alguns de vocês? Bem, talvez um ou dois. Não nos restaram muitos cavalos.

— Os outros eram apenas plebeus. — Conseguiu dizer uma mulher, com a voz trêmula. Seu rosto estava sujo de terra e ela usava um vestido de corte refinado que a identificava como uma comerciante rica. O tecido cinza de qualidade estava todo manchado, e a saia tinha um longo rasgão. — Eram camponeses. Nós servimos… *Eu* servi…

Fain a interrompeu, e seu tom de voz tranquilo tornou as palavras ainda mais duras.

— O que vocês são para mim? Menos que camponeses. Gado para os Trollocs, talvez? Se quiserem viver, gado, devem ser úteis.

A mulher perdeu a compostura e começou a soluçar. De repente, todos os outros estavam balbuciando, dizendo a ele como eram úteis.

Homens e mulheres que eram influentes e ocupavam lugares importantes na sociedade antes de serem chamados para cumprir seus juramentos em Fal Dara. Eles listavam nomes de gente importante e poderosa que conheciam nas Terras da Fronteira, em Cairhien e em outros lugares. Balbuciavam sobre o conhecimento que só eles tinham daquele país ou de outros, de situações políticas, alianças, intrigas, de tudo o que poderiam lhe dizer se Fain deixasse que o servissem. O ruído deles se fundia aos sons da carnificina dos Trollocs, em perfeita harmonia.

Fain ignorou tudo aquilo, pois não tinha medo de dar as costas a eles, não desde que viram como ele lidara com o Desvanecido, e foi até seu prêmio. Ajoelhando-se, passou as mãos pelo baú dourado e ornamentado, sentindo o poder trancado ali. Ele precisava mandar um Trolloc carregá-lo, pois não confiava o suficiente nos humanos para deixá-lo em cima de um cavalo, em um alforje de carga. Alguns sonhos de poder poderiam ser fortes o bastante para superar até mesmo o medo que tinham dele, mas os Trollocs nunca sonhavam com nada, exceto matar. E ele ainda não conseguira descobrir como abri-lo. Mas a hora chegaria. Tudo chegaria. Tudo.

Sacando a adaga da bainha, ele a colocou sobre o baú antes de se deitar diante do fogo. Aquela lâmina era um guarda melhor do que Trollocs ou humanos. Todos viram o que aconteceu quando ele a usou, certa vez, e ninguém chegaria a uma braça de distância daquela lâmina nua sem que ele mandasse. E, mesmo assim, obedeceriam com certa relutância.

Deitado em seus cobertores, ele olhou fixamente para o norte. Não conseguia mais sentir al'Thor: a distância entre eles era grande demais. Ou, talvez, al'Thor estivesse usando aquele truque de desaparecimento. Em alguns momentos, na fortaleza, o rapaz sumira dos sentidos de Fain. Não sabia como, mas o rapaz sempre voltava tão de repente quanto desaparecia. E voltaria dessa vez, também.

— Desta vez você virá a mim, Rand al'Thor. Antes, eu o seguia como um cão farejando um rastro, mas agora é você quem me segue. — Sua gargalhada era um cacarejar maligno, que até ele sabia soar louca, mas não se importava. A loucura também fazia parte dele. — Venha a mim, al'Thor. A dança ainda nem começou. Vamos dançar na Ponta de Toman, e eu me livrarei de você. Finalmente o verei morto.

12

Tecido no Padrão

Egwene correu atrás de Nynaeve, em direção ao grupo de Aes Sedai que cercava o palanquim de cavalos do Trono de Amyrlin. Seu desejo de saber o que provocara o tumulto em Fal Dara pesava mais até do que sua preocupação por Rand. Por ora, ele estava além de seu alcance. Bela, sua égua felpuda, estava com os cavalos das Aes Sedai, assim como a montaria de Nynaeve.

Os Guardiões, com as mãos nos cabos das espadas e os olhos atentos, formavam um círculo de aço ao redor das Aes Sedai e do palanquim. Criavam uma ilha de relativa calma no pátio, onde soldados shienaranos ainda corriam entre os habitantes horrorizados da fortaleza. Egwene abriu caminho ao lado de Nynaeve, e as duas foram praticamente ignoradas depois de um único olhar severo dos Guardiões. Todos sabiam que elas partiriam com a Amyrlin. A menina ouviu o suficiente dos murmúrios da multidão para saber que uma flecha fora disparada, aparentemente de lugar nenhum, por um arqueiro que ainda não fora encontrado.

Egwene parou, com os olhos arregalados, chocada demais até mesmo para se dar conta de que estava cercada por Aes Sedai. Um atentado contra a vida do Trono de Amyrlin. Aquilo era impensável.

A Amyrlin estava sentada em seu palanquim, com as cortinas abertas. O rasgo manchado de sangue em sua manga atraía todos os olhares. A mulher encarava Lorde Agelmar.

— Você encontrará o arqueiro ou não, meu filho. De qualquer jeito, meu trabalho em Tar Valon é tão urgente quanto o de Ingtar em sua jornada. Partirei agora.

— Mas, Mãe — protestou Agelmar —, este atentado contra sua vida muda tudo. Ainda não sabemos quem enviou o homem, ou por quê. Espere mais uma hora, e eu terei o arqueiro e as resposta para a senhora.

A Amyrlin soltou uma gargalhada sem alegria.

— Você vai precisar de uma isca mais apetitosa ou de redes melhores para apanhar esse peixe, meu filho. Quando conseguir pegar o homem, já será tarde demais para partirmos. Há muita gente que gostaria de me ver morta para que eu me preocupe tanto com isso. Pode me mandar notícias do que encontrar, se encontrar algo. — Seu olhar passeou pelas torres que davam para o pátio e pelas rampas e varandas dos arqueiros, ainda cheios de gente, embora agora em silêncio. A flecha deveria ter vindo de um daqueles lugares. — Acho que esse arqueiro já fugiu de Fal Dara.

— Mas, Mãe…

A mulher no palanquim o interrompeu com um gesto brusco, definitivo. Nem mesmo o Lorde de Fal Dara podia pressionar o Trono de Amyrlin tanto assim. O olhar dela acabou se detendo sobre Egwene e Nynaeve; um olhar penetrante que, para Egwene, parecia ver tudo que ela gostaria de manter em segredo. Egwene deu um passo para trás, então se recompôs e fez uma mesura, perguntando-se se aquilo era o mais adequado. Ninguém lhe explicara o protocolo de apresentação ao Trono de Amyrlin. Nynaeve manteve as costas eretas e retribuiu o olhar firme da Amyrlin, mas buscou sua mão e a apertou com a mesma força com que Egwene apertou a dela.

— Então estas são as suas duas, Moiraine — comentou a Amyrlin. Moiraine fez um gesto mínimo com a cabeça, concordando, e as outras Aes Sedai se viraram para olhar as duas mulheres de Campo de Emond. Egwene engoliu em seco. Todas elas tinham o aspecto de quem *sabia* coisas, coisas que outras pessoas desconheciam, e não ajudava ter certeza de que aquilo era verdade. — Sim, eu sinto uma leve fagulha em cada uma. Mas o que essas fagulhas acenderão? Eis a questão, não é mesmo?

A boca de Egwene estava seca como pó. Ela já vira Mestre Padwhin, o carpinteiro de sua terra, olhar para as ferramentas de modo muito semelhante àquele com que a Amyrlin olhava para elas. Essa aqui tem este propósito, a outra, aquele.

De repente, a Amyrlin falou:

— Está na hora de partirmos. Aos cavalos. Lorde Agelmar e eu podemos dizer o que precisa ser dito sem vocês todas aí paradas, abestalhadas, como noviças em dia de folga. Aos cavalos!

Ao seu comando, os Guardiões se espalharam em direção às suas montarias, ainda desconfiados, e todas as Aes Sedai, exceto Leane, afastaram-se em silêncio do palanquim, em direção a seus cavalos.

Quando Egwene e Nynaeve se viraram para obedecer, um serviçal apareceu ao lado de Lorde Agelmar com um cálice de prata. Agelmar o aceitou com a boca ligeiramente retorcida de insatisfação.

— Com este cálice da minha mão, Mãe, aceite meu desejo de que faça uma boa viagem neste dia, e em todos…

Egwene perdeu tudo o mais que foi dito entre os dois enquanto montava Bela. Quando deu palmadinhas na égua felpuda e ajeitou suas saias, o palanquim já se dirigia aos portões abertos, com os cavalos que o levavam avançando sem guia nem rédea. Leane cavalgava ao lado do palanquim, com o cajado apoiado no estribo. Egwene e Nynaeve conduziram suas montarias na mesma direção, atrás do restante das Aes Sedai.

Urros e gritos animados das multidões que se alinhavam nas ruas da cidade saudaram a procissão, praticamente abafando o trovão dos tamborileiros e a música dos trombeteiros. Guardiões lideravam a coluna, com o estandarte da Chama Branca ondulando, e montavam guarda ao redor das Aes Sedai, mantendo aquela multidão a distância. Arqueiros e piqueiros, com a Chama estampada nos peitos, seguiam atrás em fileiras bem organizadas. As trombetas se calaram quando a coluna saiu da cidade fazendo uma curva e virou para o sul, mas o som da multidão lá dentro ainda os acompanhava. Egwene olhava para trás a todo instante, até que as árvores e as colinas esconderam as muralhas e as torres de Fal Dara.

Nynaeve, que cavalgava ao seu lado, balançou a cabeça.

— Rand vai ficar bem. Ele está com Lorde Ingtar e mais vinte piqueiros. De qualquer modo, não há nada que você possa fazer a esse respeito. Nada que nenhuma de nós possa fazer. — Ela olhou na direção de Moiraine, a égua branca impecável da Aes Sedai e o grande garanhão negro de Lan formavam um par estranho. — Pelo menos, não por enquanto.

A coluna começava a seguir para oeste, e não avançava depressa. Mesmo os soldados da infantaria, com meia armadura, não conseguiam manter um passo rápido por entre as colinas de Shienar. Ainda assim, andavam o mais rápido que podiam.

Só montavam acampamento tarde da noite, pois a Amyrlin não permitia que parassem até que só restasse luz o suficiente para montar as tendas, cúpulas brancas de teto achatado com altura para apenas uma pessoa ficar de pé. Cada par de Aes Sedai das mesmas Ajah tinha uma, ao passo que a Amyrlin e a Curadora tinham tendas próprias. Moiraine dividia a tenda com suas duas irmãs Azuis. Os soldados dormiam no chão de seu próprio acampamento, e os Guardiões se enrolavam em seus mantos, perto das tendas das Aes Sedai a quem estavam vinculados. A tenda das irmãs Vermelhas parecia estranhamente solitária, sem nenhum Guardião, ao passo que a das

Verdes parecia quase festiva, pois as duas Aes Sedai com frequência ficavam sentadas do lado de fora até bem depois de escurecer, conversando com os quatro Guardiões que haviam trazido.

Lan visitou uma vez a tenda que Egwene dividia com Nynaeve, levando a Sabedoria para um lugar não muito afastado. A menina espiou pela abertura da tenda. Não podia ouvir o que diziam, mas Nynaeve acabou explodindo de raiva e voltou pisando duro para se enrolar em seus cobertores, recusando-se a falar. Egwene achou que suas bochechas estavam molhadas, embora a mulher escondesse o rosto com uma ponta do cobertor. Lan ficou parado na escuridão, encarando a tenda por muito tempo antes de ir embora. Depois disso, não tornou a aparecer.

Moiraine não chegou perto delas, apenas as cumprimentava com a cabeça ao passar. Quando estava acordada, parecia estar sempre conversando com as outras Aes Sedai, todas, menos as irmãs Vermelhas, puxando-as de lado uma a uma enquanto cavalgavam. A Amyrlin permitiu poucas paradas para descansar, e costumavam ser curtas.

— Talvez ela não tenha mais tempo para nós — comentou Egwene, com tristeza. Moiraine era a única Aes Sedai que conhecia, e talvez, embora não quisesse admitir, a única na qual tinha certeza de que podia confiar. — Ela nos encontrou, e estamos a caminho de Tar Valon. Suponho que tenha outras coisas com que se preocupar agora.

Nynaeve fungou baixinho, desdenhosa.

— Acredito que ela só vai acabar de nos usar quando estiver morta… ou quando nós estivermos mortas. Aquela ali é ardilosa.

Outras Aes Sedai visitaram a tenda. Egwene quase morreu de susto naquela primeira noite fora de Fal Dara, quando a dobra da tenda se abriu e uma Aes Sedai rechonchuda, de rosto quadrado, com os cabelos começando a ficar grisalhos e uma expressão vagamente distraída nos olhos escuros abaixou-se para entrar. Ela olhou para o lampião pendurado no ponto mais alto da tenda e a chama aumentou um pouco. Egwene pensou ter sentido alguma coisa, quase tinha visto algo de diferente na Aes Sedai quando a chama começou a brilhar mais forte. Moiraine lhe dissera que um dia, quando tivesse mais treinamento, Egwene seria capaz de *ver* quando outra mulher canalizasse e de saber quando uma mulher podia canalizar, mesmo sem que ela o fizesse.

— Sou Verin Mathwin — apresentou-se a mulher, com um sorriso. — E vocês são Egwene al'Vere e Nynaeve al'Meara. De Dois Rios, que um dia foi Manetheren. Sangue forte, esse. Ele canta.

Egwene trocou um olhar com Nynaeve quando as duas se levantaram.

— Isto é uma convocação para o Trono de Amyrlin? — perguntou

Egwene.

Verin deu uma gargalhada. A Aes Sedai tinha uma mancha de tinta no nariz.

— Nossa, não! A Amyrlin tem coisas mais importantes a fazer do que lidar com duas jovens que sequer são noviças. Mas nunca se sabe. Vocês duas têm um potencial considerável. Especialmente você, Nynaeve. Um dia… — Ela fez uma pausa, pensativa, esfregando um dedo bem na mancha. — Mas o dia não é hoje. Estou aqui para lhe dar uma aula, Egwene. Receio que você tenha tentado acelerar as coisas.

Nervosa, Egwene olhou para Nynaeve.

— O que eu fiz? Nada, que eu saiba!

— Ah, nada de errado. Não exatamente. Um pouco perigoso, talvez, mas não é exatamente errado. — Verin se abaixou até o piso de lona, sentando e cruzando as pernas. — Sentem-se, vocês duas. Sentem-se. Não quero ficar entortando o pescoço. — Ela se mexeu até encontrar uma posição confortável. — Sentem-se.

Egwene se sentou de pernas cruzadas em frente à Aes Sedai e fez o melhor que pôde para não olhar para Nynaeve. *Não preciso parecer culpada até saber se sou. E talvez não precise, mesmo assim*.

— O que fiz que é perigoso, mas não exatamente errado?

— Ora, você tem canalizado o Poder, criança.

Egwene só conseguiu ficar boquiaberta. Nynaeve explodiu:

— Isso é ridículo. Por que estamos indo para Tar Valon então? Não é para isso?

— Moiraine me… Quer dizer, Moiraine Sedai me deu algumas aulas — conseguiu responder Egwene.

Verin ergueu as mãos pedindo silêncio, e elas se calaram. Podia soar distraída, mas era uma Aes Sedai, afinal.

— Criança, você acha que as Aes Sedai ensinam a qualquer garota que diz que quer ser uma de nós? Bem, suponho que você não seja exatamente qualquer garota, mas ainda assim… — Ela sacudiu a cabeça, séria.

— Então por que ela fez isso? — exigiu saber Nynaeve.

Ela não recebera aulas, e Egwene ainda não tinha certeza de que isso havia irritado a Sabedoria ou não.

— Porque Egwene já tinha canalizado — respondeu Verin, paciente.

— Mas eu… Mas eu também. — Nynaeve não parecia feliz ao dizer isso.

— Suas circunstâncias são diferentes, criança. O fato de que você ainda está viva mostra que superou diversas crises e que fez isso sozinha. Acho que sabe a sorte que tem. De cada quatro mulheres forçadas a fazer o que você fez, apenas uma sobrevive. É claro que as bravias… — Verin fez uma careta de desagrado. — Perdão, mas receio

que seja *assim* que nós, na Torre Branca, chamamos as mulheres que, mesmo sem nenhum treinamento, conseguiram ter um pouco de controle. É aleatório e tão fraco que mal pode ser chamado de controle, em geral, como o seu, mas ainda assim é um tipo de controle. As bravias têm dificuldades, é verdade. Quase sempre construíram muros para evitar saber o que faziam, e esses muros interferem no controle consciente. Quanto mais tempo esses muros levarem para ser construídos, mais di ícil será derrubá-los. Mas se puderem ser demolidos… bem, algumas das irmãs mais competentes eram bravias.

Nynaeve mudou de posição, irritada, e olhou para a entrada como se pensasse em ir embora.

— Não entendo o que isso tudo tem a ver comigo — disse Egwene.

Verin olhou para ela e piscou várias vezes, quase como se estivesse se perguntando de onde a garota surgira.

— Com você? Nada, ora. Seu problema é bem diferente. A maioria das garotas que desejam se tornar Aes Sedai, até mesmo as que têm a semente dentro delas, como você, também tem medo disso. Mesmo depois de chegarem à Torre, de aprender o que fazer e como fazer, precisam ser orientadas durante meses, passo a passo, por uma irmã ou uma das Aceitas. Mas não você. Pelo que Moiraine falou, você se jogou de cabeça assim que percebeu que podia, tateando na escuridão sem sequer pensar se haveria um poço sem fundo no próximo passo. Ah, houve outras assim, você não é única. A própria Moiraine foi uma. Quando soube o que você tinha alcançado, não havia mais nada a fazer a não ser começar a ensiná-la. Moiraine nunca lhe explicou nada?

— Nunca. — Egwene desejou que não tivesse soado tão sem ar. — Ela tinha… outras questões para tratar.

Nynaeve fungou de leve.

— Bem, Moiraine nunca acreditou que devia contar às pessoas aquilo que não precisavam saber. Saber não atende a nenhum objetivo real, mas, se pararmos para pensar, não saber também não. Quanto a mim, sempre prefiro saber a não saber.

— Existe isso? Um poço sem fundo, quer dizer?

— É claro que não chega a tanto — respondeu Verin, inclinando a cabeça. — Mas e o próximo passo? — Ela deu de ombros — Sabe, criança, quanto mais você *tenta* tocar a Fonte Verdadeira, mais fácil ica. Sim, no começo você se estende na direção da Fonte e quase sempre é como tentar agarrar o ar. Ou você consegue tocar *saidar*, mas, mesmo quando sente o Antigo Poder fluindo por seu corpo, descobre que não pode fazer nada com ele. Ou até faz alguma coisa, mas não era o que pretendia. Aí é que reside o perigo. Normalmente,

com orientação, treinamento e o próprio medo reduzindo o passo, a habilidade de tocar a Fonte e de canalizar o Poder se juntam à habilidade de controlar o que se está fazendo. Mas você começou a tentar canalizar sem ninguém para lhe ensinar algum controle do que faz. Eu sei que você acha que não foi muito longe, e não foi mesmo, mas é como alguém que aprendeu sozinha a subir colinas correndo, pelo menos às vezes, mas nunca aprendeu a descer do outro lado ou a caminhar. Mais cedo ou mais tarde, vai cair, se não aprender o restante. Agora, não estou falando de algo parecido com o que acontece quando um daqueles pobres homens começa a canalizar, você não vai ficar louca nem morrer, não com irmãs para ensiná-la e guiá-la. Mas o que você poderia acabar fazendo por acidente, sem ter a intenção? — Por um instante, o ar distraído desapareceu de Verin. Por um instante, ao que pareceu, o olhar da Aes Sedai passara de Egwene para Nynaeve com a mesma agudeza que o da Amyrlin. — Suas habilidades inatas são fortes, criança, e vão ficar mais fortes ainda. Você precisa aprender a controlá-las antes que se machuque, que machuque alguém ou muita gente. Era isso o que Moiraine estava tentando ensiná-la. É isso o que vou tentar ensinar a você esta noite, e uma irmã a ajudará com isso todas as noites, até a colocarmos nas mãos capazes de Sheriam. Ela é a Mestra das Noviças.

Egwene pensou: *Será que ela sabe a respeito de Rand? Não deve saber. Ela nunca permitiria que ele deixasse Fal Dara se sequer suspeitasse* . Mas tinha certeza de que não era imaginação o que vira.

— Obrigada, Verin Sedai. Vou tentar.

Nynaeve se levantou com elegância.

— Vou me sentar ao pé do fogo e deixar você duas sozinhas.

— Você deveria ficar — respondeu Verin. — Poderia ganhar muito com isso. Pelo que Moiraine falou, você não deve precisar de muito treinamento para se tornar uma das Aceitas.

Nynaeve hesitou apenas por um instante antes de sacudir a cabeça com firmeza.

— Agradeço a oferta, mas posso esperar até chegarmos a Tar Valon. Egwene, se precisar de mim, estarei…

— Por qualquer definição — interrompeu Verin —, você é uma mulher crescida, Nynaeve. Normalmente, quanto mais jovem a noviça, melhor ela se sai. Não apenas com o treinamento, mas também porque se espera que uma noviça faça o que lhe mandarem, quando mandarem e sem questionar. Isso só é de fato útil até o verdadeiro treinamento atingir determinado estágio: uma hesitação na hora errada ou dúvidas quanto ao que lhe mandaram fazer podem ter consequências trágicas. Mas é melhor seguir a disciplina o tempo todo. Das Aceitas, por outro lado, espera-se que questionem, pois entende-se que sabem o bastante para determinar quais perguntas podem fazer e

quando fazê-las. Qual você preferiria ser?

As mãos de Nynaeve apertaram a saia, e ela voltou a olhar para a abertura da tenda, franzindo a testa. Por fim, fez um gesto ligeiro com a cabeça e voltou a se sentar no chão.

— Acho que posso ficar.

— Ótimo — respondeu Verin. — Agora, você já conhece esta parte, Egwene, mas, em consideração a Nynaeve, vou conduzi-la passo a passo. Com o tempo, isso se tornará um re flexo, e você vai fazer mais rápido do que consegue pensar. Porém agora o melhor é ir devagar. Feche os olhos, por favor. No começo, flui melhor se você não tiver distrações. — Egwene fechou os olhos. Houve uma pausa. — Nynaeve — disse Verin —, por favor, feche os olhos. De fato, ajudará muito. — Mais uma pausa. — Obrigada, criança. Agora, você deve se esvaziar. Esvazie seus pensamentos. Só existe uma coisa em sua mente: o botão de uma flor. Só isso. Apenas o botão. Você pode ver cada detalhe dele. Pode sentir o cheiro. Tocá-lo. Cada veia de cada folha, cada curva de cada pétala. Você pode sentir a seiva pulsando. Sinta-o. Conheça-o. Seja ele. Você e o botão são a mesma coisa. Vocês são um. Você é o botão.

A voz dela continuou, em um tom hipnótico, mas Egwene não estava mais ouvindo de verdade. Já fizera esse exercício antes, com Moiraine. Era lento, porém a mulher dissera que se tornaria mais rápido com a prática. Dentro de si, ela era um botão de rosa, com pétalas vermelhas bem curvadas, fechadas. No entanto, de repente havia mais alguma coisa ali. Luz. Uma luz pressionava as pétalas. Bem devagar, as pétalas se abriram, virando-se na direção da luz, absorvendo-a. A rosa e a luz eram um. Egwene e a luz eram um. Ela podia sentir a réstia mais tênue daquilo se esgueirando por seu corpo. Esticou-se em busca de mais, se estendeu procurando mais…

Em um instante, tudo se foi: a rosa e a luz. Moiraine também lhe dissera que aquilo não poderia ser forçado. Com um suspiro, abriu os olhos. Nynaeve tinha uma expressão lúgubre no rosto. Verin estava calma como sempre.

— Você não pode *forçar* a acontecer — dizia a Aes Sedai. — Você deve *deixar* que aconteça. Deve se render ao Poder antes de poder controlá-lo.

— Isto é uma tolice sem tamanho — resmungou Nynaeve. — Eu não me sinto como uma flor. No máximo, me sinto um arbusto de abrunheiro. Acho que vou mesmo ficar esperando ao lado do fogo.

— Como desejar — respondeu Verin. — Já mencionei que as noviças executam algumas tarefas? Elas lavam pratos, limpam o chão, lavam a roupa, servem à mesa, toda espécie de tarefas. Eu acho que as serviçais fazem um trabalho bem melhor, mas o consenso é que o trabalho fortalece o caráter. Ah, você vai ficar? Ótimo. Bem, criança,

lembre-se de que mesmo um arbusto de abrunheiro às vezes dá flores, lindas e brancas, por entre os espinhos. Agora voltemos ao começo, Egwene. Feche os olhos.

Várias vezes antes de Verin partir, Egwene sentiu o luxo do Poder percorrer seu corpo, mas nunca de forma muito intensa, e o máximo que conseguiu com aquilo foi produzir uma agitação no ar que fez a dobra da tenda se mover de leve. Tinha certeza de que um espirro teria provocado o mesmo efeito. Desejou que Moiraine fosse a professora.

Nynaeve sequer chegou a sentir um vislumbre daquilo, ou pelo menos foi o que disse. No final, seus olhos estavam fixos e sua boca tão apertada que Egwene teve medo de que ela fosse começar a brigar com Verin, como se a Aes Sedai fosse uma aldeã desrespeitando sua privacidade. Mas Verin apenas lhe mandou fechar os olhos novamente, dessa vez sem Egwene.

Egwene estava sentada, assistindo às outras duas entre bocejos. A noite já avançara muito além da hora em que ela costumava dormir. Nynaeve estava com cara de quem morrera havia uma semana, com os olhos fechados, como se nunca mais tivesse a intenção de abri-los, e os punhos brancos de tão cerrados sobre o colo. Egwene torcia para que o mau humor da Sabedoria não se manifestasse, não depois de ela conseguir se manter calma por tanto tempo.

— Sinta o luxo atravessá-la — instruía Verin. Sua voz não mudou, mas seus olhos começaram a brilhar de repente. — Sinta o luxo. O luxo do Poder. Um luxo igual a uma brisa, uma leve agitação no ar. — Egwene se endireitou. Fora assim que Verin a guiara todas as vezes em que realmente sentira o Poder fluindo por seu corpo. — Uma brisa suave, o menor dos movimentos no ar. Suave.

De repente, os cobertores empilhados pegaram fogo, como se fossem lenha banhada em seiva.

Nynaeve abriu os olhos com um grito. Egwene não estava certa se gritava ou não. Tudo o que sabia era que estava de pé, tentando chutar os cobertores em chamas para fora antes que incendiassem a tenda. Antes que conseguisse dar um segundo chute, as chamas desapareceram, deixando fios de fumaça saindo de uma massa esturricada e o cheiro de lã queimada.

— Ora — comentou Verin — Ora. Não esperava ter que apagar um incêndio. Não vá desmaiar agora, criança. Está tudo bem. Já cuidei de tudo.

— Eu… eu estava zangada — resmungou Nynaeve por entre os lábios trêmulos, o rosto pálido. — Ouvi você falando sobre uma brisa, me dizendo o que fazer, e o fogo simplesmente veio à minha cabeça. Eu… eu não queria queimar nada. Foi apenas uma pequena fogueira, na… na minha cabeça. — Ela estremeceu.

— Acho até que foi uma fogueira pequena, sim. — Verin soltou uma gargalhada que desapareceu quando ela voltou a olhar para o rosto de Nynaeve. — Você está bem, criança? Se estiver se sentindo mal, eu posso… — Nynaeve sacudiu a cabeça, e Verin assentiu. — Você precisa é de descanso. Vocês duas. Fui dura demais com vocês. Precisam descansar. A Amyrlin vai querer todas nós de pé antes do amanhecer. — Levantando-se, ela tocou os cobertores torrados com a ponta do pé. — Mandarei trazerem mais alguns cobertores para vocês. Espero que isto mostre a ambas como ter controle é importante. Vocês têm que aprender a fazer o que é preciso, e nada mais. Além de machucar outras pessoas, caso retirem mais do Poder do que conseguem usar com segurança, e vocês ainda não conseguem lidar com muito, mas isso vai aumentar… Se retirarem demais, podem destruir a si mesmas. Podem morrer. Ou podem se exaurir, destruir a habilidade que possuem. — Como se ela não tivesse dito que as duas estavam caminhando em uma corda bamba, acrescentou um animado "Durmam bem". E foi embora.

Egwene abraçou Nynaeve com força.

— Está tudo bem, Nynaeve. Não precisa ter medo. Assim que você aprender a controlar…

Nynaeve deu uma risada rouca.

— Eu não estou com medo. — Ela olhou de relance para os cobertores fumegantes e desviou o olhar depressa. — É preciso mais do que um foguinho para me assustar.

Mas ela não voltou a olhar para os cobertores, mesmo quando um Guardião veio retirá-los dali e deixar outros novos.

Verin não voltou, como dissera. De fato, no decorrer da jornada para sul e para oeste, dia após dia, tão rápido quanto os soldados da infantaria conseguiam avançar, Verin não prestou mais atenção às duas mulheres de Campo de Emond do que Moiraine ou qualquer uma das Aes Sedai. Não é que fossem hostis; eram apenas um tanto distantes e distraídas, como se estivessem preocupadas. Sua frieza aumentou o incômodo de Egwene e trouxe de volta todas as histórias que ouvira na infância.

Sua mãe sempre lhe dissera que as histórias sobre Aes Sedai eram um monte de bobagens contadas pelos homens, mas nem sua mãe nem qualquer outra mulher no Campo de Emond haviam conhecido uma Aes Sedai antes de Moiraine chegar lá. Ela mesma passara um bom tempo com Moiraine, o que era prova de que nem todas as Aes Sedai eram como as histórias contavam. Manipuladoras frias e destruidoras implacáveis. As que provocaram a Ruptura do Mundo. Agora ela sabia que, pelo menos, os que provocaram a Ruptura do Mundo eram Aes Sedai homens, quando ainda existiam, na Era das Lendas. Mas aquilo não ajudava muito. Nem *todas* as Aes Sedai eram como as histórias

contavam, mas quantas, e quais?

As Aes Sedai que vinham à tenda toda noite eram tão diferentes entre si que não a ajudavam a clarear sua mente. Alviarin era fria e ia direto ao ponto, como se fosse uma comerciante que tivesse vindo comprar lã e tabaco. Ficou surpresa por Nynaeve participar da aula, mas aceitou. Tinha críticas afiadas, porém estava sempre pronta para tentar outra vez. Alanna Mosvani ria e passava tanto tempo falando do mundo e dos homens quanto ensinando. Mas Alanna estava interessada demais em Rand, Perrin e Mat para o gosto de Egwene. Especialmente em Rand. A pior de todas eram Liandrin, a única que usava o xale: as outras os haviam guardado na bagagem antes de deixar Fal Dara. Liandrin ficava sentada, mexendo na franja vermelha do xale, e ensinava pouco, e ainda por cima com relutância. Ela interrogava Egwene e Nynaeve como se as duas tivessem sido acusadas de algum crime, e todas as perguntas eram sobre os três rapazes. Não parou de falar até Nynaeve colocá-la para fora — Egwene não entendeu bem por que Nynaeve fizera aquilo —, mas saiu com um aviso.

— Cuidado, minhas ilhas! Vocês não estão mais em sua aldeia. Agora estão molhando os dedos em águas onde há coisas para mordê-las.

Por fim, a coluna chegou à aldeia de Meddo, nas margens do Mora, um rio que corria ao longo da fronteira entre Shienar e Arafel e desembocava no Erinin.

Egwene estava certa de que eram as perguntas da Aes Sedai sobre Rand que a tinham feito começar a sonhar com ele, isso e o fato de se preocupar se ele e os outros tinham precisado seguir a Trombeta de Valere até dentro da Praga. Os sonhos eram sempre ruins, mas no começo eram apenas pesadelos normais. Entretanto, na noite em que chegaram a Meddo, os sonhos mudaram.

— Perdão, Aes Sedai — chamou Egwene, timidamente —, mas a senhora viu Moiraine Sedai? — A Aes Sedai magra a despachou com um gesto e desceu apressada pela rua lotada da aldeia, gritando para alguém tomar cuidado com o cavalo. A mulher pertencia à Ajah Amarela, embora não estivesse usando o xale naquele momento. Egwene não sabia mais nada sobre ela, nem mesmo o nome.

Meddo era uma pequena aldeia, embora Egwene tivesse ficado chocada ao perceber que o que ela agora chamava de “pequena aldeia” era do tamanho de Campo de Emond. O lugar estava lotado, com muito mais forasteiros do que habitantes. Cavalos e pessoas enchiam as ruas estreitas, acotovelando-se até as docas, passando por aldeões que caíam de joelhos sempre que uma Aes Sedai passava em disparada, quase sem ser vista. As luzes fortes das tochas iluminavam tudo. As duas docas se estendiam na direção do Rio Mora como dedos

de pedra, e cada uma abrigava um par de pequenos navios de dois mastros. Lá, cavalos estavam sendo levados a bordo por faixas de contenção, com cabos e berços de lona sob as barrigas. Mais navios, de amuradas altas e resistentes, com lampiões no alto dos mastros, lotavam o rio iluminado pelo luar. Já tinham sido carregados ou aguardavam sua vez. Barcos a remo conduziam arqueiros e piqueiros, cujas lanças erguidas faziam os barcos parecerem gigantescos peixes-cobrelos nadando na superfície.

No cais esquerdo, Egwene encontrou Anaiya, que supervisionava o carregamento e chamava a atenção daqueles que não trabalhavam rápido o bastante. Embora nunca tivesse trocado mais do que duas palavras com Egwene, Anaiya parecia diferente das outras, mais semelhante a uma mulher de sua região. Egwene podia vê-la fazendo pão na cozinha, algo que não imaginava nenhuma das outras fazendo.

— Anaiya Sedai, você viu Moiraine Sedai? Preciso falar com ela.

A Aes Sedai olhou ao redor, franzindo a testa, distraída.

— O quê? Ah, é você, criança. Moiraine foi embora. E sua amiga, Nynaeve, já está na *Rainha do Rio*. Eu mesma tive que enfiá-la em um barco, enquanto a mulher gritava que não partiria sem você. Luz, que confusão! Você também deveria estar a bordo. Encontre algum barco que vá para a *Rainha do Rio*. Vocês duas vão viajar com o Trono de Amyrlin, então fique atenta quando embarcar. Nada de cenas ou chiliques.

— Em que navio Moiraine Sedai está?

— Moiraine não está em um navio, garota. Ela foi embora. Partiu há dois dias, e a Amyrlin está furiosa. — Anaiya fez uma careta de desagrado e sacudiu a cabeça, embora a maior parte de sua atenção ainda estivesse voltada para os trabalhadores. — Primeiro Moiraine desaparece com Lan, e logo em seguida Liandrin, e depois Verin. Nenhuma delas disse sequer uma palavra a alguém. Verin nem mesmo levou seu Guardião; Tomas está roendo as unhas de preocupação. — A Aes Sedai olhou para o céu. A lua crescente brilhava sem a interferência das nuvens. — Precisaremos chamar o vento mais uma vez, e a Amyrlin não vai ficar nada feliz com isso. Ela disse que nos quer a caminho de Tar Valon em uma hora e não vai aceitar atrasos. Eu não quero estar na pele de Moiraine, Liandrin ou Verin quando ela as encontrar. As três vão desejar ser noviças outra vez. Ora, criança, qual é o problema?

Egwene respirou bem fundo. *Moiraine partiu? Não pode ser! Preciso contar a alguém, alguém que não vá rir de mim*. Ela imaginou Anaiya em Campo de Emond, ouvindo os problemas da ilha: a mulher se encaixava naquela imagem.

— Anaiya Sedai, Rand está em apuros.

Anaiya lhe lançou um olhar pensativo.

— Aquele garoto alto da sua aldeia. Já está sentindo saudade dele, é? Bem, eu não deveria ficar surpresa se ele *estiver* em apuros. Jovens dessa idade geralmente estão. Embora seja o outro… Mat?… que tem cara de encrenqueiro. Muito bem, criança. Não queria rir de você nem fazer pouco-caso. Que tipo de problema, e como sabe? Ele e Lorde Ingtar devem ter apanhado a Trombeta e já devem estar de volta a Fal Dara, a esta altura. Ou então tiveram que segui-la até a Praga, e não há nada que se possa fazer a respeito.

— Eu… eu não acho que eles estejam na Praga ou em Fal Dara. Eu tive um sonho — disse, de forma um pouco desafiadora. Soava bobo quando falava, mas parecera bem real. Decerto fora um pesadelo, mas fora real. Primeiro havia um homem com uma máscara sobre o rosto e fogo no lugar dos olhos. Apesar da máscara, ela achou que ele tinha ficado surpreso ao vê-la. O olhar dele a apavorara até pensar que seus ossos se quebrariam de tanto tremer, mas de repente ele desapareceu, e ela viu Rand dormindo no chão, envolto em um manto. Uma mulher estava parada de pé ao lado dele, olhando-o. Seu rosto estava oculto pelas sombras, mas seus olhos pareciam brilhar como a lua, e Egwene soube que ela era maligna. Então veio um clarão de luz, e eles sumiram. Os dois. E, depois daquilo tudo, quase como se estivesse separada da cena, havia a sensação de perigo, como se uma armadilha estivesse começando a se fechar na perna de um cordeiro inocente, uma armadilha com diversas mandíbulas. Era como se o tempo tivesse desacelerado, e ela pudesse ver as mandíbulas de ferro se fechando aos poucos. O sonho não se desvanecera com o despertar, como normalmente acontecia. E o perigo parecia tão grande que ela ainda queria olhar por cima do ombro, mas, de algum modo, sabia que o alvo era Rand, e não ela.

Ela se perguntou se a mulher era Moiraine, e se repreendeu por ter pensado aquilo. Liandrin se encaixava melhor. Ou quem sabe Alanna: ela também mostrara interesse em Rand.

Ela não conseguiu contar o que havia acontecido a Anaiya. Com muita formalidade, disse:

— Anaiya Sedai, sei que parece tolice, mas ele está em perigo. Um grande perigo. Eu sei. Pude sentir. Ainda posso.

O olhar de Anaiya se tornou pensativo.

— Ora, ora — respondeu ela, baixinho —, essa é uma possibilidade que eu aposto que ninguém considerou. Você pode ser uma Sonhadora. A chance é pequena, criança, mas… Não temos uma assim há… hã… quatrocentos ou quinhentos anos. E o Sonho está bem ligado à Profecia. Se você realmente consegue Sonhar, pode ser que consiga Prever também. *Isso* seria um dedo no olho das Vermelhas. Claro que poderia ser apenas um pesadelo comum, provocado por cansaço, pela comida fria e pela viagem di ícil desde que deixamos Fal

Dara. Além da saudade que você sente do seu rapaz. Muito mais provável. Sim, sim, criança, eu sei. Você está preocupada com ele. Seu sonho indicava que tipo de perigo?

Egwene sacudiu a cabeça.

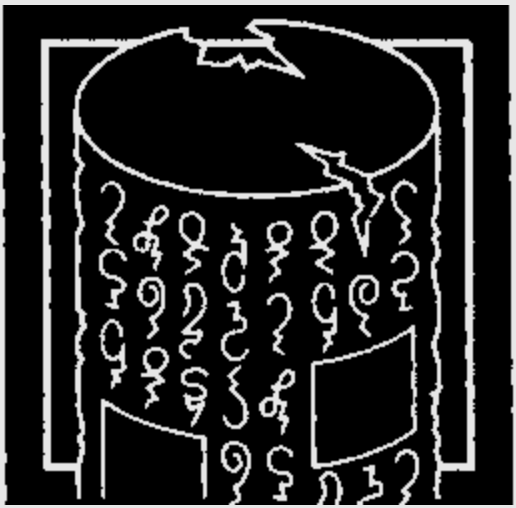
— Ele apenas desapareceu, e eu senti o perigo. E maldade. Eu senti a maldade antes mesmo de ele sumir. — Ela estremeceu e esfregou as mãos. — Ainda consigo sentir.

— Bem, falaremos mais a esse respeito na *Rainha do Rio*. Se você *for* uma Sonhadora, cuidarei para que tenha o treinamento que Moiraine deveria estar aqui para… Você aí! — gritou a Aes Sedai, de súbito, e Egwene sobressaltou-se. Um homem alto que acabara de se sentar sobre um barril de vinho fez o mesmo. Vários outros apertaram o passo. — Isso é para levar para bordo, não para você sentar! Conversaremos no barco, criança. Não, seu tolo! Você não vai conseguir carregá-lo sozinho! Quer se machucar? — Anaiya saiu andando a passos largos pela doca, mostrando aos infelizes aldeões uma língua mais áspera do que Egwene suspeitara que ela possuía.

Egwene espiou a escuridão, na direção do sul. Ele estava lá, em algum lugar. Não em Fal Dara nem na Praga. Ela tinha certeza disso. *Aguente firme, seu idiota cabeça de lã. Se você for morto antes que eu consiga tirá-lo disso, vou esfolá-lo vivo*. Não lhe ocorreu se perguntar como iria tirá-lo de qualquer coisa se estava a caminho de Tar Valon.

Puxando o manto mais para junto do corpo, foi procurar um barco que a levasse para a *Rainha do Rio*.

13



De Pedra em Pedra

A luz do sol nascente despertou Rand, e ele se perguntou se estava sonhando. O rapaz sentou-se devagar, com o olhar fixo à sua frente. Tudo mudara, ou quase tudo. O sol e o céu estavam como ele esperava, ainda que pálidos e cobertos de nuvens. Loial e Hurin continuavam deitados um de cada lado dele, dormindo enrolados em seus mantos, e seus cavalos permaneciam amarrados a um passo de distância, mas o restante da comitiva havia desaparecido. Os soldados, os cavalos, seus amigos, tudo e todos haviam sumido.

A clareira também havia mudado, e agora eles estavam no meio, não na extremidade. Perto de sua cabeça, havia um cilindro de pedra cinza de três braças de altura e um passo inteiro de largura, com a super ície inteiramente coberta por centenas, talvez milhares, de diagramas e marcas entalhados na pedra, em algum idioma que ele não reconhecia. O chão da clareira era pavimentado com pedras brancas, nivelado como um pátio e tão polido que quase reluzia. Degraus largos e altos levavam até a borda, mais alta, em anéis concêntricos de pedra, cada qual de uma cor diferente. E, quanto à borda, as árvores estavam enegrecidas e retorcidas, como se uma chuva de fogo as tivesse atingido. Tudo parecia mais pálido do que deveria estar, como o sol, que estava mais brando, como se fosse visto através de uma neblina. Só que não havia neblina. Apenas os três homens e os cavalos pareciam realmente sólidos. Mas, quando ele tocou a pedra abaixo de si, teve a *sensação* de que ela era sólida o bastante.

Estendeu a mão e sacudiu Loial e Hurin.

— Acordem! Acordem e me digam que estou sonhando. Por favor, acordem!

— Já é de manhã? — resmungou Loial, sentando-se, então seu queixo caiu, e seus olhos grandes e redondos foram se arregalando.

Hurin acordou assustado, então se levantou de um pulo, saltando como uma pulga sobre uma pedra quente, olhando para todos os lados.

— Onde estamos? O que aconteceu? Onde estão todos? Onde estamos, Lorde Rand? — Ele caiu de joelhos, torcendo as mãos, mas seu olhar ainda dardejava de um lado para o outro. — O que aconteceu?

— Não sei — respondeu Rand, devagar. — Estava torcendo para que fosse um sonho, mas… Talvez seja um sonho. — Ele já tivera experiências com sonhos que não eram sonhos, experiências que não queria repetir nem lembrar. Levantou-se com cuidado. Tudo permaneceu como estava.

— Acho que não é — respondeu Loial. Ele estava analisando a coluna, e não parecia feliz. Suas sobrancelhas compridas caíram sobre as bochechas, e as orelhas peludas pareciam ter murchado. — Acho que esta é a mesma pedra ao lado da qual dormimos ontem à noite. Acho que sei o que ela é, agora. — Pela primeira vez, ele parecia angustiado por saber algo.

— Isso é… — *Não*. O fato de que aquela era a mesma pedra não era mais louco do que o que ele via a seu redor: Mat, Perrin e os shienaranos haviam sumido, e tudo mudara. *Pensei que tivesse escapado, mas começou outra vez. E não é mais loucura. A menos que eu esteja louco* . Ele olhou para Loial e Hurin. Eles não estavam agindo como se ele estivesse louco, pois viam o mesmo que ele. Algo nos degraus chamou sua atenção. Eram as cores diferentes, sete no total, que iam do azul ao vermelho. — Uma para cada Ajah — disse.

— Não, Lorde Rand — gemeu Hurin. — Não. As Aes Sedai não fariam isso conosco. Elas não fariam! Eu caminho na Luz!

— Todos nós caminhamos, Hurin — respondeu Rand. — As Aes Sedai não lhe farão mal. — *A menos que você se meta no caminho delas*. Será que aquilo era obra de Moiraine, de algum jeito? — Loial, você disse que sabe o que é a pedra. O que é?

— Eu disse que acho que sei, Rand. Havia um pedaço de um livro antigo, apenas algumas páginas, mas uma delas tinha o desenho dessa pedra. Essa Pedra — havia algo no modo como ele dizia “pedra” que deixava marcada sua importância — ou uma bem parecida com ela. E abaixo dizia: “De Pedra em Pedra correm as linhas do ‘se’, entre os mundos que poderiam ser.”

— O que isso quer dizer, Loial? Não faz o menor sentido.

O Ogier balançou a enorme cabeça com tristeza.

— Eram apenas algumas páginas. Algumas diziam que, na Era das Lendas, algumas Aes Sedai, as mais poderosas, eram capazes de usar essas Pedras. Não explicava como, mas acho, pelo que pude decifrar, que talvez essas Aes Sedai utilizassem as Pedras para viajar para esses mundos, de algum jeito. — Ele olhou para as árvores queimadas e logo abaixou os olhos de novo, como se não quisesse pensar no que haveria além da borda. — Mas, ainda que as Aes Sedai possam usá-las, ou que pudessem, não havia Aes Sedai conosco para canalizar o Poder, então não sei como isso pode ter acontecido.

Rand sentiu arrepios. *Aes Sedai as utilizavam. Na Era das Lendas, quando existiam Aes Sedai homens*. Ele teve uma vaga lembrança do vazio se fechando ao seu redor ao adormecer, repleto daquele brilho incômodo. E lembrou-se da casa da aldeia e da luz na qual mergulhara para escapar. *Se aquela era a metade masculina da Fonte Verdadeira… Não, não pode ser. Mas e se for? Luz, eu estava me perguntando se deveria fugir ou não, e o tempo todo isso já estava dentro da minha cabeça. Talvez eu tenha nos trazido até aqui*. Ele não queria pensar naquilo.

— Mundos que poderiam ser? Não estou entendendo, Loial.

O enorme e desconfortável Ogier deu de ombros.

— Eu tampouco, Rand. A maioria do que estava escrito soava como: "Se uma mulher vai para a esquerda ou para a direita, o luxo do Tempo se divide? A Roda, então, tece dois Padrões? Mil, para cada um de seus giros? Tantos quantas forem as estrelas? Um deles é real, enquanto os outros são meras sombras e re flexos?" Veja, não era muito claro. Em grande parte, eram perguntas, e a maioria parecia se contradizer. E também não havia muitas. — Ele voltou a encarar a coluna de pedra, olhando-a como se desejasse que ela desaparecesse. — Supõe-se que exista um bom número dessas Pedras espalhadas por todo o mundo, ou que um dia existiram, mas nunca ouvi falar de alguém que tivesse encontrado uma. Nunca ouvi falar de alguém que tivesse encontrado qualquer coisa parecida com isso.

— Lorde Rand? — Agora de pé, Hurin parecia mais calmo, mas sua expressão era ansiosa, e ele agarrava o casaco na altura da cintura com ambas as mãos. — Lorde Rand, o senhor vai nos levar de volta, não vai? Para o lugar de onde viemos? Eu tenho esposa, milorde, e filhos. Melia já ficaria mal se eu morresse, mas, se não tiver sequer meu corpo para levar ao abraço da mãe, vai lamentar até o fim de seus dias. O senhor entende, milorde. Eu não posso deixá-la sem saber o que me aconteceu. O senhor vai nos levar de volta. E, se eu morrer, se não puder levar meu corpo para ela, vai lhe contar o que houve, para que ela tenha pelo menos isso. — Ele não fazia mais perguntas, no final. Um tom con fiante se insinuara em sua voz.

Rand abriu a boca para explicar outra vez que não era um lorde, então a fechou sem dizer nada. Era algo bem irrelevante naquele

momento. *Você o meteu nessa situação*. Ele queria negar, mas sabia o que era, sabia que podia canalizar, ainda que isso sempre parecesse acontecer independente da sua vontade. Loial disse que Aes Sedai usavam as Pedras, e aquilo só poderia significar o Poder Único. O que Loial dizia saber podia ser tomado como certo, pois o Ogier nunca a firmava saber o que não sabia. E não havia mais ninguém por perto que dominasse o Poder. *Você o envolveu nessa situação e tem que tirá-lo. Você tem que tentar*.

— Farei o melhor que puder, Hurin. — E, como Hurin era shienarano, ele acrescentou: — Pela minha Casa e pela minha honra. É a Casa de um pastor e a honra de um pastor, mas farei com que valham tanto quanto as de um lorde.

Hurin soltou o casaco. A confiança chegara a seus olhos. Ele fez uma grande mesura.

— É uma honra servi-lo, milorde.

Rand sentiu-se imediatamente culpado. A*gora ele acha que você vai levá- lo para casa, porque os lordes de Shienar sempre cumprem suas promessas. O que você vai fazer agora*, Lorde *Rand?*

— Nada disso, Hurin. Nada de se curvar. Eu não… — De repente, percebeu que não poderia dizer ao homem que não era um lorde, mais uma vez. Tudo o que mantinha o farejador de pé era pensar que Rand era um lorde, e ele não podia tirar aquilo dele, não naquele momento. Não ali. — Nada de se curvar — concluiu, sem jeito.

— Como quiser, Lorde Rand. — O sorriso de Hurin era quase tão grande quanto o da primeira vez em que o rapaz o vira.

Rand pigarreou.

— Sim. Bem, é o que eu quero.

Ambos o encaravam, Loial curioso, e Hurin con fiante, ambos esperando para ver o que ele faria. *Eu os trouxe aqui. Devo ter feito isso. Então tenho que levá-los de volta. O que quer dizer…*

Respirando fundo, ele andou pelas pedras brancas do calçamento até chegar ao cilindro coberto de símbolos. Pequenas linhas escritas em algum idioma desconhecido cercavam cada símbolo, letras estranhas que fluíam em curvas e espirais e de repente viravam ganchos quebrados e ângulos, então continuavam a fluir. Pelo menos não era escrita Trolloc. Relutante, Rand tocou a coluna. Tinha o aspecto de qualquer pedra seca e polida, mas a sensação ao toque era de algo curiosamente escorregadio, como metal coberto de óleo.

Ele fechou os olhos e formou a chama. O vazio veio devagar, hesitante. Ele sabia que seu próprio medo o detinha, o medo do que estava tentando fazer. Quanto mais rápido alimentava a chama com medo, mais vazio vinha. *Não posso fazer isso. Canalizar o Poder. Eu não quero. Luz, deve haver outro jeito*. Sem se permitir desistir, ele forçou os pensamentos a se aquietarem. Podia sentir o suor brotando em sua

testa. Continuou, determinado, alimentando a chama com seus temores, fazendo com que ela crescesse e crescesse. E o vazio estava lá.

O cerne de seu ser flutuava no vazio. Ele podia ver a luz — *saidin* — mesmo de olhos fechados, sentia seu calor cercando-o, cercando tudo, cobrindo tudo. Ela tremeluzia como a chama de uma vela vista através de papel encerado. Encerado com um óleo rançoso. Um óleo com um cheiro horrível.

Ele se estendeu em direção a ela, não sabia ao certo *como* fizera aquilo, mas fizera algo, um movimento, um esticar-se até a luz, na direção de *saidin*… e não pegou nada, como se tivesse passado os dedos por água. A sensação era a de um lago coberto de lodo, com espuma flutuando sobre a água limpa abaixo, mas ele não conseguia recolher água alguma. Ela escorreu diversas vezes por entre seus dedos, que não seguravam nem gotas da água, apenas a espuma escorregadia que fazia sua pele se arrepiar.

Desesperado, tentou formar uma imagem da clareira como era antes, com Ingtar e os piqueiros dormindo ao lado de seus cavalos, Mat e Perrin, e a Pedra enterrada até a ponta. Ele a formou fora do vazio, agarrando-se à concha de vazio que o encapsulava. Tentou vincular a imagem à luz, forçar as duas a se juntarem. A clareira como era antes, e ele, Loial e Hurin lá, junto. Sua cabeça doía. Junto com Mat, Perrin e os shienaranos. Queimando, em sua cabeça. Juntos!

O vazio se estilhaçou em mil lascas afiadas como navalhas que cortaram sua mente.

Estremecendo, ele recuou, cambaleando, com os olhos arregalados. Suas mãos doíam de tanto apertar a Pedra, e seus braços e ombros latejavam com a dor. Seu estômago ficou embrulhado com a sensação de sujeira que o cobria, e sua cabeça… Ele tentou acalmar a respiração. Aquilo nunca acontecera antes. Quando o vazio ia embora, desaparecia como uma bolha furada, apenas isso, em um piscar de olhos. Nunca se quebrava como vidro. Ele sentia a cabeça dormente, como se os mil cortes tivessem acontecido tão depressa que a dor ainda não tivera tempo de chegar. Mas cada corte parecera tão real quanto se tivesse sido feito com uma faca. Ele tocou a têmpora e ficou surpreso por não ver sangue nos dedos.

Hurin ainda estava ali parado, olhando para ele, ainda con fiante. No máximo, o farejador parecia mais seguro a cada minuto que se passava. Lorde Rand estava fazendo alguma coisa. Era para isso que os lordes serviam. Eles protegiam a terra e o povo com seus corpos e vidas, e, quando algo dava errado, consertavam e cuidavam para que se fizesse o que era certo e justo. Contanto que Rand estivesse fazendo alguma coisa, qualquer coisa, Hurin estaria con fiante de que tudo daria certo no fim. Era aquilo que os lordes faziam.

Loial tinha um olhar diferente, e sua testa estava franzida de modo ligeiramente intrigado, mas seu olhar também estava voltado para Rand, que se perguntou o que ele estava pensando.

— Valeu a tentativa — disse o rapaz. Teve a sensação do óleo rançoso dentro de sua cabeça. — *Luz, está dentro de mim! Não quero isso dentro de mim!* — Estava desaparecendo devagar, mas ele ainda achava que iria vomitar. — Vou tentar de novo em alguns minutos.

Torceu para soar con fiante. Não fazia ideia de como as Pedras funcionavam, se o que ele estava fazendo tinha alguma chance de dar certo. *Talvez existam regras para usá-las. Talvez seja preciso fazer algo especial. Luz, talvez você não possa usar a mesma Pedra duas vezes, ou…* Ele interrompeu a linha de raciocínio. Olhando para Loial e Hurin, achou que entendia o que Lan quis dizer ao falar que o dever era mais pesado que a montanha.

— Milorde, eu acho… — Hurin deixou as palavras morrerem, parecendo atordoado por um momento. — Milorde, talvez, se encontrarmos os Amigos das Trevas, seja possível fazer com que um deles nos diga como voltar.

— Eu perguntaria a um Amigo das Trevas ou ao próprio Tenebroso se achasse que ele responderia a verdade — respondeu Rand. — Mas somos tudo o que há. Só nós três. — *Só eu. Sou eu quem tem que fazer isso*.

— Poderíamos seguir o rastro deles, milorde. Se os pegarmos…

Rand encarou o farejador.

— Você ainda consegue sentir o cheiro deles?

— Consigo, milorde. — Hurin franziu a testa. — É fraco e pálido, como todo o resto neste lugar, mas consigo sentir o cheiro do rastro. Bem ali em cima. — Ele apontou para a beira da clareira. — Não entendo, milorde, mas… Ontem à noite, podia jurar que o rastro dava a volta na clareira, novamente por onde viemos. Bem, ela está no mesmo lugar agora, só que aqui é mais fraca, como já expliquei. Não é velha, não está fraca por isso, mas… Não sei, Lorde Rand, só sei que está aqui.

Rand parou para pensar. Se Fain e os Amigos das Trevas estavam ali, onde quer que “ali” fosse, talvez soubessem como voltar. Tinham que saber, já que haviam chegado lá. E eles estavam com a Trombeta e a adaga. Mat precisava daquela adaga. Se não tivesse outro motivo, aquele bastaria para encontrá-los. O que finalmente o fez decidir, percebeu, envergonhado, é que tinha medo de tentar outra vez. Medo de tentar canalizar o Poder. Ele tinha menos medo de confrontar Amigos das Trevas e Trollocs com apenas Hurin e Loial do que de fazer aquilo.

— Então iremos atrás dos Amigos das Trevas. — Ele tentou soar seguro, do jeito que Lan ou Ingtar falariam. — A Trombeta deve ser

recuperada. Se não conseguirmos descobrir um jeito de tirá-la deles, pelo menos saberemos onde estarão quando reencontrarmos Ingtar. — *Espero que eles não perguntem como vamos reencontrá-lo* . — Hurin, certifique-se de que esse rastro é mesmo aquele que estamos seguindo.

O farejador saltou para sua sela, ansioso para fazer alguma coisa, talvez ansioso para sair da clareira, e fez o cavalo subir correndo os amplos degraus coloridos. Os cascos do animal ressoaram alto na rocha, mas não deixaram marcas.

Rand guardou as cordas que prendiam Vermelho nos alforjes. O estandarte ainda estava lá, mas ele não teria se importado muito se o embrulho tivesse sido deixado para trás. Então pegou o arco e a aljava e montou nas costas do garanhão. O embrulho do manto de Thom Merrilin se avolumava atrás da sela.

Loial conduziu sua grande montaria para mais perto. De pé, a cabeça do Ogier chegava quase ao ombro de Rand, que estava montado. Loial ainda parecia intrigado.

— Você acha que deveríamos ficar? — perguntou Rand. — Tentar usar a Pedra mais uma vez? Se os Amigos das Trevas estiverem aqui, neste lugar, temos que encontrá-los. Não podemos deixar a Trombeta de Valere nas mãos deles, você ouviu a Amyrlin. E temos que recuperar aquela adaga. Mat morrerá sem ela.

Loial assentiu.

— Sim, Rand, precisamos. Mas as Pedras…

— Encontraremos outra. Você disse que elas estavam espalhadas por aí, e, se forem todas iguais a esta, com esses degraus enfeitando os arredores, não deve ser muito difícil encontrar outra.

— Rand, aquele fragmento dizia que as Pedras vinham de uma Era mais antiga que a Era das Lendas, e que mesmo as Aes Sedai não as entendiam, embora as utilizassem. Algumas das Aes Sedai realmente poderosas as utilizavam, com o Poder Único, Rand. Como você acha que vai usar esta aqui para nos levar de volta? Ou qualquer outra que encontrarmos?

Por um momento, Rand só pôde encarar o Ogier, pensando mais rápido do que já pensara em toda a vida.

— Se são mais antigas do que a Era das Lendas, talvez as pessoas que as construíram não tenham usado o Poder. Deve haver outro jeito. Os Amigos das Trevas chegaram aqui, e eles com certeza não usaram o Poder. Seja qual for esse outro jeito, vou descobrir. Eu levarei a gente de volta, Loial. — Rand olhou para a alta coluna de pedra com marcas estranhas e sentiu uma pontada de medo. *Luz, se pelo menos eu não* precisar *usar o Poder para isso*. — Eu levarei a gente de volta, Loial, eu juro. De um jeito ou de outro.

O Ogier assentiu, ainda não convencido. Montou em seu cavalo imenso e acompanhou Rand escadaria acima para se juntar a Hurin

entre as árvores enegrecidas.

A terra se estendia, baixa e sinuosa, com trechos esparsos de floresta aqui e acolá, permeados de gramados, e era atravessada por mais de um riacho. A uma distância média, Rand pensou ter visto outro trecho queimado. Tudo era pálido, com as cores desbotadas. Não havia sinal de nada feito pelo homem, a não ser o círculo de pedras atrás deles. O céu estava limpo, sem fumaça de chaminés ou pássaros, apenas algumas nuvens e o pálido sol amarelo.

Mas o pior de tudo era que a terra parecia distorcer o olhar. O que estava perto parecia normal, assim como o que se via ao longe. Mas, sempre que Rand virava a cabeça, coisas que julgara distantes quando vistas pelo canto do olho pareciam se aproximar subitamente quando olhava diretamente para elas. Isso o deixava tonto, e até mesmo os cavalos relinchavam de nervosismo e reviravam os olhos. Ele tentou mover a cabeça devagar, e o aparente movimento do que devia estar fixo permaneceu, mas pareceu ajudar um pouco.

— Seu pedaço de livro dizia algo sobre isso? — perguntou Rand.

Loial sacudiu a cabeça e engoliu em seco, como se desejasse tê-la mantido parada.

— Nada.

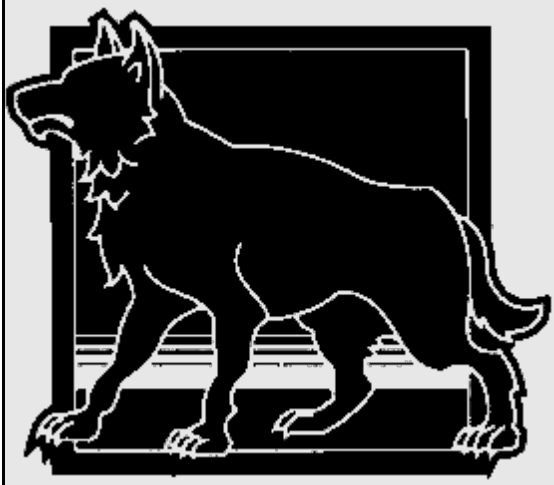
— Suponho que não haja nada a fazer a esse respeito, então. Para que lado, Hurin?

— Sul, Lorde Rand. — O farejador mantinha os olhos no chão.

— Sul, então. — *Deve haver um modo de voltar sem usar o Poder* . Rand meteu os calcanhares nos flancos de Vermelho. Tentou falar como se não visse dificuldade no que estavam prestes a fazer. — O que Ingtar falou? Três ou quatro dias até aquele monumento construído para Artur Asa-de-gavião? Será que ele existe aqui também, como as Pedras? Se este é um mundo que *poderia* ser, talvez ele ainda esteja de pé. Não seria algo interessante de se ver, Loial?

E cavalgaram para o sul.

14



Irmão dos Lobos

— Sumiram? — exclamou Ingtar para ninguém em especial. — E meus guardas não viram nada. Nada! Eles não podem ter simplesmente sumido!

Ao ouvir aquilo, Perrin, curvou os ombros e olhou para Mat, que estava um pouco distante, franzindo a testa e murmurando para si mesmo. Perrin achou que aquilo parecia mais com uma discussão do que com murmúrios. O sol começava a aparecer na linha do horizonte, já passava da hora de começarem a cavalgar. As sombras se alongavam na clareira, compridas e finas, mas ainda eram parecidas com as árvores que as criavam. Os cavalos de carga, prontos e presos à linha-guia, batiam os cascos no chão com impaciência, mas todos aguardavam ao lado de suas montarias.

Uno chegou, avançando a passos largos.

— Os beija-cabras não deixaram rastro, milorde. — Ele parecia insultado: o fracasso ofendia sua habilidade. — Que me queime, nem sequer uma chamejada de uma marca de casco! Aqueles chamejados simplesmente desapareceram.

— Três homens e três cavalos não desaparecem assim — grunhiu Ingtar. — Vá examinar o terreno outra vez, Uno. Se alguém pode descobrir para onde foram, esse alguém é você.

— Talvez tenham apenas fugido — sugeriu Mat.

Uno parou e olhou para ele, irritado. *Como se ele tivesse amaldiçoado uma Aes Sedai*, pensou Perrin.

— Por que fugiriam? — A voz de Ingtar soava perigosamente suave. — Rand, o Construtor, meu farejador… meu farejador! Por que

qualquer um deles fugiria, ainda mais juntos?

Mat deu de ombros.

— Eu não sei. Rand estava… — Perrin queria jogar algo nele, dar-lhe um soco, qualquer coisa que o impedisse de falar, mas Ingtar e Uno estavam olhando. Sentiu-se muito aliviado quando Mat hesitou, para então abrir as mãos e resmungar. — Não sei por quê. Só pensei que talvez tivessem fugido.

Ingtar fez uma careta de desagrado.

— Fugido — grunhiu, como se não acreditasse naquilo nem por um instante. — O Construtor é livre para ir, mas Hurin não fugiria. Nem Rand al'Thor. Ele não faria isso, agora que conhece seu dever. Vá, Uno. Vasculhe o terreno outra vez. — Uno fez uma mesura ligeira e saiu depressa, com o cabo da espada sacudindo sobre o ombro. Ingtar grunhiu: — Por que Hurin partiria assim, no meio da noite, sem dizer nada? Ele sabe o que viemos fazer. Como vou rastrear esse ilhote da Sombra nojento sem ele? Eu daria mil coroas de ouro por uma matilha de cães farejadores. Se não fosse bem experiente, diria que os Amigos das Trevas fizeram isso para passar de mansinho para leste ou oeste sem que eu percebesse. Paz, não sei se *sou* tão experiente assim. — E saiu pisando duro atrás de Uno.

Perrin mexeu os pés, incomodado. Sem dúvida, Os Amigos das Trevas ficavam mais longe a cada minuto. Afastavam-se mais e mais, levando a Trombeta de Valere e a adaga de Shadar Logoth. Não achava que Rand, fosse lá o que o rapaz tivesse se tornado, fosse lá o que tivesse acontecido a ele, iria abandonar aquela caçada. *Mas para onde ele* foi, *e por quê?* Loial devia ter ido com Rand por amizade, mas e Hurin?

— Talvez ele tenha mesmo fugido — murmurou, então olhou ao redor.

Parecia que ninguém tinha ouvido. Nem mesmo Mat estava prestando atenção nele. Passou a mão pelos cabelos. Se Aes Sedai quisessem que ele fosse um falso Dragão, ele também teria fugido. Mas se preocupar com Rand não ajudava a rastrear os Amigos das Trevas.

Talvez houvesse uma maneira, se estivesse disposto a usá-la. Ele não queria fazer aquilo. Até então, estava fugindo, mas talvez não pudesse mais fugir. *Bem feito para mim, pelo que disse a Rand. Queria* poder *fugir*. Mesmo sabendo o que podia fazer para ajudar, o que deveria fazer, Perrin hesitou.

Ninguém estava olhando para ele. Ninguém saberia o que estava vendo, mesmo que olhasse. Por fim, e com certa relutância, o rapaz fechou os olhos e se deixou ir, deixou seus pensamentos vagarem para fora, para longe dele.

Ele tentara negar o que estava acontecendo desde o começo, muito antes de seus olhos começarem a mudar de castanho-escuro

para aquele amarelo-dourado queimado. No primeiro encontro, no primeiro instante de reconhecimento, ele se recusara a acreditar, e se recusara a aceitar aquilo desde então. Ainda queria fugir.

Seus pensamentos vagaram, em busca do que devia estar lá fora, do que sempre estava lá fora, nas terras onde os homens eram escassos ou ficavam bem distantes uns dos outros: buscando sentir seus irmãos. Ele não gostava de pensar neles como irmãos, mas eram.

No começo, temeu que o que fazia tivesse a mácula do Tenebroso ou do Poder Único, o que era igualmente ruim para um homem que queria apenas ser um ferreiro e levar sua vida na Luz e em paz. Desde o começo, podia entender um pouco do que Rand sentia: tinha medo de si mesmo, não se sentia limpo. Ainda não havia superado por completo aquela sensação. Mas o que fazia era mais antigo que o uso do Poder Único, algo que remetia ao nascimento do Tempo. Não era o Poder, dissera Moiraine. Era algo que desaparecera havia muito tempo e agora tinha retornado. Egwene também sabia, embora desejasse que ela não soubesse. Gostaria que ninguém soubesse. Torcia para que ela não tivesse contado a ninguém.

Contato. Ele os sentiu, sentiu outras mentes. Sentiu seus irmãos, os lobos.

Os pensamentos dele apareceram como um redemoinho de imagens e emoções. No começo, Perrin não fora capaz de distinguir coisa alguma, a não ser a emoção crua, mas logo sua mente passou a atribuir palavras a elas. *Irmão dos lobos. Surpresa. O de duas pernas que fala*. Veio à sua mente uma imagem desbotada, apagada pelo tempo, mais antiga que o antigo, de homens correndo com lobos: duas matilhas caçando juntas. *Nós ouvimos que isso voltou a acontecer. Você é Dente Longo?*

Veio à sua mente a fraca imagem de um homem vestido com peles e uma longa faca na mão, mas, sobreposta a ela e mais central, havia um lobo felpudo com um dente mais longo que os outros, um dente de aço que reluzia ao sol enquanto o lobo liderava a matilha em um ataque desesperado pela neve espessa. Iam na direção do cervo que lhes permitiria viver, em vez de sofrer uma morte lenta por inanição. Viu o cervo ser despedaçado e virar pó em seus estômagos. E o sol reluzindo na paisagem branca até doer os olhos, o vento uivando pelos vales, suspendendo a neve fina como neblina e… Nomes de lobos eram sempre imagens complexas.

Perrin reconheceu o homem. Elyas Machera, aquele que o apresentara aos lobos. Às vezes, ele desejava nunca ter conhecido Elyas.

Não, pensou, e tentou criar uma imagem mental de si mesmo.

Sim. Ouvimos falar de você.

Não era a imagem que ele fizera, de um rapaz com ombros fortes

e volumosos cachos castanhos, com um machado no cinturão, que outros julgavam se mover e pensar muito devagar. Aquele rapaz estava ali, em algum lugar da imagem mental vinda dos lobos, porém bem mais forte que ele era a figura de um imenso touro selvagem com chifres curvos e de metal reluzente, que atravessava a noite correndo com a velocidade e a exuberância da juventude. Os pelos espessos e encaracolados reluziam ao luar enquanto o rapaz se lançava sobre Mantos-brancos a cavalo. O estava ar frio, límpido e escuro, e sangue muito vermelho cobria seus chifres, e…

Jovem Touro.

Por um instante, Perrin perdeu o contato, chocado. Ele sequer sonhara que receberia um nome. Queria não poder lembrar-se de como o recebera. Tocou o machado no cinturão, com a lâmina reluzente em forma de meia-lua. *Luz, me ajude, matei dois homens. Eles teriam me matado ainda mais depressa, e a Egwene também, mas…*

Deixou de lado esses pensamentos. Já era tarde demais, estava feito, e ele não queria ficar se lembrando. Enviou aos lobos o cheiro de Rand, Loial e Hurin e perguntou se haviam sentido a presença dos três. Era uma das coisas que viera junto com a mudança nos olhos: ele podia identificar as pessoas pelo cheiro, mesmo quando não conseguia vê-las. Sua visão também estava mais aguçada, e ele conseguia enxergar em qualquer luz que não a escuridão completa. Sempre tomava cuidado para acender lampiões ou velas. Agora, às vezes o fazia antes mesmo de alguém julgar necessário.

Dos lobos, veio uma visão de homens a cavalo se aproximando da clareira no final do dia. Fora a última vez que tinham visto ou sentido Rand e os outros dois.

Perrin hesitou. A próxima etapa seria inútil, a não ser que ele contasse a Ingtar. *E Mat morrerá se não encontrarmos aquela adaga. Que se queime, Rand, por que você levou o farejador?*

A única vez em que fora aos calabouços, com Egwene, o cheiro de Fain fizera todos os seus pelos se arrepiarem. Nem mesmo Trollocs cheiravam tão mal. Ele quis arrancar as barras da cela e dilacerar o homem, e descobrir aquela vontade dentro de si o apavorara mais do que o próprio Fain. Para mascarar o cheiro do mascate em sua própria mente, ele acrescentou o cheiro dos Trollocs, antes de uivar bem alto.

A distância, ouviu os uivos de uma matilha de lobos, e os cavalos na clareira começaram a escoicear e relinchar assustados. Alguns dos soldados levaram as mãos às lanças de lâminas longas e analisaram, incomodados, as extremidades da clareira. Dentro da cabeça de Perrin, era muito pior. Ele sentia a fúria dos lobos, o ódio. Os lobos odiavam apenas duas coisas. Tudo o mais, apenas suportavam. Mas odiavam o fogo e os Trollocs, e atravessariam o fogo para matar Trollocs.

Mas, ainda mais do que o cheiro dos Trollocs, o odor de Fain os

deixara em frenesi, como se tivessem sentido um cheiro que fazia os Trollocs parecerem algo natural e certo.

Onde?

O céu mudou depressa sobre sua cabeça, a terra girou. Lobos não conheciam leste e oeste. Eles conheciam os movimentos do sol e da lua, a mudança das estações, os contornos da terra. Perrin conseguiu entender, com algum esforço. Sul. E algo mais. Estavam ansiosos para matar os Trollocs. Os lobos deixariam o Jovem Touro participar da matança. Ele podia levar os de duas pernas de peles duras se quisesse, mas Jovem Touro, Fumaça, Dois Cervos, Aurora de Inverno e o restante da matilha caçariam os Deformados que ousaram invadir seu território. A carne intragável e o sangue amargo queimariam a língua, mas eles precisavam morrer. Mate-os. Mate os Deformados.

A fúria deles o contaminou. Seus lábios se repuxaram para trás em um rosnado, e ele deu um passo para se juntar a eles, correr com eles na caçada, na matança.

Com algum esforço, ele rompeu o contato, deixando apenas a sensação tênue de que os lobos estavam ali. Ele podia tê-los alcançado, atravessado a distância que os separava. Sentiu frio por dentro. *Sou um homem, não um lobo. Que a luz me ajude, eu sou um homem!*

— Você está bem, Perrin? — perguntou Mat, aproximando-se. Falou como sempre falava, de um jeito meio brincalhão, e ultimamente com um resquício de amargura também, mas parecia preocupado. — Era só o que me faltava. Rand fugir e você adoecer. Não sei onde encontrar uma Sabedoria para cuidar de você, aqui fora. Acho que tenho um pouco de casca de salgueiro nos meus alforjes. Posso lhe preparar um pouco de chá, se Ingtar nos deixar ficar por tanto tempo. Vai ser uma boa lição para você se eu acabar fazendo um chá forte demais.

— Eu… eu estou bem, Mat. — Ele foi procurar Ingtar, afastando-se do amigo. O lorde shienarano estava vasculhando o terreno na borda da clareira com Uno, Ragan e Masema. Os outros franziram a testa quando ele puxou Ingtar de lado. Certi ficou-se de que Uno e os demais estivessem distantes o bastante para conseguir ouvir antes de falar: — Não sei para onde Rand e os outros foram, Ingtar, mas Padan Fain, os Trollocs e, imagino, os demais Amigos das Trevas ainda estão indo para o sul.

— Como você sabe? — perguntou Ingtar.

Perrin respirou fundo.

— Os lobos me contaram.

Ele esperou, mesmo sem saber bem ao certo pelo quê. Uma risada de escárnio, a acusação de que era um Amigo das Trevas, de que estava louco. En fiou os polegares por dentro do cinturão com

cuidado, longe do machado. *Eu não matarei. Não outra vez. Se ele tentar me matar por me acusar de ser um Amigo das Trevas, vou fugir, mas não matarei mais ninguém*.

— Já ouvi falar de coisas assim — começou Ingtar, com cautela, depois de um momento. — Rumores. Havia um Guardião, um homem chamado Elyas Machera, que, diziam, podia falar com os lobos. Ele desapareceu faz anos. — O homem pareceu vislumbrar alguma coisa nos olhos de Perrin. — Você o conhece?

— Eu o conheço — respondeu Perrin, sem demonstrar emoção. — Foi ele quem… Não quero falar sobre isso. Eu não pedi isso. — *Foi isso o que Rand falou. Luz, queria estar em casa trabalhando na forja de Mestre Luhhan!*

— Esses lobos — continuou Ingtar — rastrearão os Amigos das Trevas e os Trollocs para nós? — Perrin assentiu. — Ótimo. Eu recuperarei a Trombeta, custe o que custar. — O shienarano olhou para Uno e para os outros ao redor, que ainda procuravam por rastros. — Mas é melhor não contar isso a mais ninguém. Lobos são considerados sinal de boa sorte nas Terras da Fronteira. Os Trollocs têm medo deles. Mas, mesmo assim, é melhor manter isso entre nós, por ora. Algumas pessoas podem não entender.

— Eu preferia que ninguém mais soubesse — concordou Perrin.

— Direi a eles que você acha que tem o talento de Hurin. Disso, eles entendem e ficarão mais à vontade. Alguns viram você franzir o nariz naquela aldeia e na barca. Já ouvi piadas sobre seu nariz delicado. Sim. Você nos manterá na trilha hoje, e Uno verá rastros o suficiente para con firmar que *de fato* é a trilha. Antes do cair da noite, todos os homens estarão convencidos de que você é um farejador. Eu *recuperarei* a Trombeta. — Ele olhou de relance para o céu e levantou a voz. — Estamos desperdiçando luz do dia! Aos cavalos!

Para a surpresa de Perrin, os shienaranos pareceram aceitar a história de Ingtar. Alguns pareciam céticos, Masema até mesmo cuspiu, mas Uno assentiu, pensativo, e aquilo bastou para a maioria. Mat foi o mais di ícil de convencer.

— Um farejador? Você? Você vai rastrear assassinos pelo cheiro? Perrin, você é tão louco quanto Rand. Eu sou o único sujeito são que restou de Campo de Emond, com Egwene e Nynaeve correndo para Tar Valon para se tornarem… — Ele parou de falar, lançando um olhar incomodado aos shienaranos.

Perrin assumiu o lugar de Hurin, ao lado de Ingtar, quando a pequena coluna partiu rumo ao sul. Mat continuou soltando uma série de disparates até Uno encontrar os primeiros rastros deixados por Trollocs e homens a cavalo, mas Perrin não lhe deu muita atenção. Ele mal conseguia evitar que os lobos saíssem correndo à frente para matar os Trollocs. Os lobos só queriam saber de matar os Deformados:

para eles, Amigos das Trevas não eram diferentes de qualquer outro de duas pernas. Perrin quase podia ver os Amigos das Trevas se dispersando em dezenas de direções diferentes, fugindo com a Trombeta de Valere enquanto os lobos trucidavam os Trollocs. Fugindo com a adaga. E, assim que os Trollocs estivessem mortos, ele não achava que os lobos se interessariam em rastrear os humanos, mesmo que soubesse qual deles rastrear. Ele estava em constante discussão com os lobos, e o suor cobriu sua testa muito antes de receber o primeiro clarão de imagens que reviraram seu estômago.

Puxou as rédeas do cavalo, parando-o no ato. Os outros fizeram o mesmo, olhando para ele, com expectativa. Ele olhou para a frente e xingou baixinho, com amargura.

Lobos matavam homens, mas eles não eram sua presa preferida. Lobos se lembravam das velhas caçadas juntos, para começar. Além disso, os de duas pernas tinham gosto ruim. Os lobos eram mais seletivos com a comida do que ele pensava. Não comiam carniça, a menos que estivessem passando fome, e poucos matariam mais do que conseguiam comer. Nojo era a melhor palavra para descrever o que Perrin sentiu emanando dos lobos. E havia também as imagens. Ele podia vê-las com muito mais clareza do que gostaria. Corpos de homens, mulheres e crianças jogados em pilhas. A terra estava ensopada de sangue, revirada por cascos e marcas de tentativas frenéticas de fuga. Carne rasgada. Cabeças cortadas. Abutres batendo as asas, asas brancas tingidas de vermelho, cabeças sem penas cobertas de sangue rasgando carne e se refestelando com aquilo. Perrin cortou o contato antes que começasse a vomitar.

Acima de algumas árvores bem ao longe, ele mal podia discernir alguns pontinhos pretos que rodopiavam baixo, mergulhando e voltando a subir. Abutres lutando por sua refeição.

— Tem algo ruim lá em cima — Ele engoliu em seco, encontrando o olhar de Ingtar. Como contar aquilo se encaixaria na história de que era um farejador? *Não quero chegar perto o bastante para olhar aquilo. Mas eles vão querer investigar assim que virem os abutres. Preciso dizer a eles o suficiente para que contornem esse lugar* . — As pessoas daquela aldeia… Acho que os Trollocs as mataram.

Uno começou a praguejar em voz baixa, e alguns dos outros shienaranos resmungaram sozinhos. Mas nenhum pareceu achar o que disse estranho. Lorde Ingtar anunciara que ele era um farejador, e farejadores podiam sentir cheiro de matança.

— E tem alguém nos seguindo — completou Ingtar.

Mat virou o cavalo, ansioso.

— Talvez seja Rand. Sabia que ele não ia fugir e me deixar.

Pequenas nuvens de poeira, finas e dispersas, subiam ao norte. Um cavalo corria por trechos onde a grama quase não existia. Os

shienaranos se espalharam, com as lanças prontas, olhando em todas as direções. Ali não era lugar para tratarem um estranho de modo imprudente.

Um pontinho apareceu: um cavalo e seu cavaleiro. Os olhos de Perrin identificaram uma mulher muito antes de qualquer outro deles conseguir discernir o cavaleiro. E ela se aproximava depressa. A mulher reduziu a velocidade para um trote ao se aproximar deles, abanando-se com uma das mãos. Uma mulher rechonchuda, com os cabelos quase grisalhos e o manto amarrado atrás da sela. Olhou para todos eles com um ar distraído, piscando muito.

— É uma das Aes Sedai — disse Mat, decepcionado. — Eu a reconheço. Verin.

— Verin Sedai — cumprimentou Ingtar, ríspido, então se curvou para ela de cima da sela.

— Moiraine Sedai me mandou, Lorde Ingtar — anunciou Verin, com um sorriso satisfeito. — Ela achou que o senhor poderia precisar de mim. Galopei muito. Achei que não fosse alcançá-los antes de Cairhien. O senhor viu aquela aldeia, não é? Ah, aquilo foi muito desagradável, não foi? E aquele Myrddraal. Havia corvos e gralhas em todos os telhados, mas nenhum sequer chegou perto dele, por mais morto que estivesse. Mas precisei expulsar praticamente o peso do próprio Tenebroso em moscas antes de distinguir o que era. Pena que não tive tempo de descê-lo. Nunca tive a chance de estudar um… — De repente, ela estreitou os olhos, e seu ar distraído desapareceu como fumaça. — Onde está Rand al'Thor?

Ingtar fez uma careta de insatisfação.

— Foi-se, Verin Sedai. Desapareceu na noite passada sem deixar vestígios. Ele, o Ogier e Hurin, um de meus homens.

— O Ogier, Lorde Ingtar? E seu farejador foi com ele? O que aqueles dois tinham em comum com…? — Ingtar a encarou, boquiaberto, e ela fungou. — O senhor achava que podia manter uma coisa dessas em segredo? — Ela fungou com desdém outra vez. — Farejadores. Desapareceram, o senhor disse?

— Sim, Verin Sedai. — Ingtar pareceu incomodado. Nunca era fácil descobrir que Aes Sedai sabiam dos segredos que você tentava esconder delas. Perrin torcia para que Moiraine não tivesse contado a ninguém sobre ele. — Mas eu tenho… tenho um novo farejador. — O lorde shienarano fez um gesto indicando Perrin. — Parece que este homem também tem a habilidade. Eu encontrarei a Trombeta de Valere, como jurei, não tema. Sua companhia será bem-vinda, Aes Sedai, se desejar cavalgar conosco. — Para a surpresa de Perrin, ele não soou como se de fato desejasse aquilo.

Verin olhou de relance para Perrin, que mudou de posição, nervoso.

— Um novo farejador, justamente quando você perde o antigo. Que… providencial! Você não encontrou rastros? Não, é claro que não. Você disse que foi sem vestígios. Estranho. Ontem à noite. — Ela se virou na sela, olhando outra vez para o norte, e, por um momento, Perrin quase pensou que ela cavalgaria de volta para onde viera.

Ingtar franziu a testa.

— A senhora acha que o desaparecimento deles tem algo a ver com a Trombeta, Aes Sedai?

Verin voltou a se acomodar na sela.

— A Trombeta? Não. Não, eu… acho que não. Mas é estranho. Muito estranho. Não gosto de coisas estranhas até conseguir entendê-las.

— Posso mandar dois homens para escoltá-la até onde eles desapareceram, Verin Sedai. Eles não terão problemas em levar a senhora direto até lá.

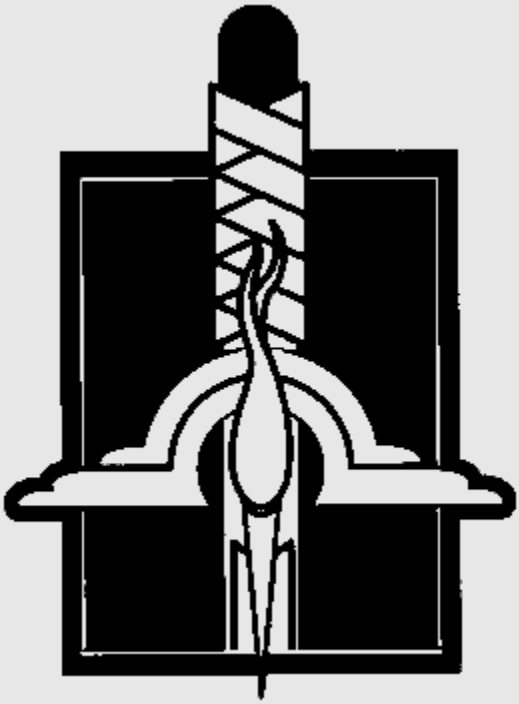
— Não. Se o senhor diz que eles desapareceram sem deixar vestígios… — Ela estudou Ingtar por um longo momento, com o rosto inescrutável. — Cavalgarei com vocês. Talvez os encontremos outra vez, ou eles nos encontrarão. Converse comigo enquanto cavalgamos, Lorde Ingtar. Conte-me tudo o que puder sobre o rapaz. Tudo o que ele fez e o que disse.

Eles partiram com um chacoalhar de arreios e armaduras. Verin cavalgava bem ao lado de Ingtar e o questionava de perto, mas seu tom de voz era baixo demais para que alguém ouvisse. Ela lançou um olhar a Perrin quando ele tentou manter sua posição, e ele recuou.

— Ela está atrás de Rand — murmurou Mat —, não da Trombeta.

Perrin assentiu. *Onde quer que você tenha se metido, Rand, fique aí: é mais seguro do que aqui.*

15



Fratricida

As colinas estranhamente distantes pareciam deslizar na direção de Rand de uma maneira que o deixava tonto quando ele olhava diretamente para elas, a menos que buscasse refúgio no vazio. Às vezes, o vazio chegava sem que o rapaz percebesse, embora o evitasse como a morte. Era melhor ficar zonzo do que dividir o vazio com aquela luz incômoda. Era muito melhor olhar para a terra desbotada. Ainda assim, ele tentava não fixar os olhos em nada muito distante, a menos que estivesse bem à sua frente.

Hurin mantinha o olhar fixo enquanto se concentrava em farejar o rastro, como se tentasse ignorar a terra por onde passavam. Quando o farejador reparava no que havia ao seu redor, se assustava e esfregava as mãos no casaco, para, então, inclinar o nariz para a frente como se fosse um cão de caça, com olhos vidrados, ignorando todo o resto. Loial cavalgava quase deitado na sela e franzia a testa sempre que olhava ao redor, com as orelhas trêmulas de apreensão, murmurando para si mesmo.

Atravessaram mais um trecho de terra enegrecida e queimada. Os cascos dos cavalos pareciam esmigalhar o solo como se ele tivesse sido

calcinado. Os trechos queimados, às vezes de uma milha de largura e outras vezes de uma centena de passos, cortavam o chão em linha reta, como o voo de uma flecha. Rand viu o final de um trecho duas vezes, uma quando cruzaram uma parte queimada e outra quando passaram por perto de outra, e percebeu que as extremidades eram mais finas. Pelo menos as pontas que ele viu eram assim, mas suspeitava que fossem todas iguais.

Certa vez, vira Whatley Eldin decorar uma carroça para o Dia do Sol, lá em Campo de Emond. What pintara as cenas com cores vivas, assim como os intricados arabescos que as cercavam. Nas extremidades, What apenas roçara o carro com a ponta do pincel, traçando uma linha fina que engrossava à medida que ele ia aplicando mais força, para então afinar de novo quando ele diminuía a pressão. Esse era o aspecto daquela terra, como se alguém tivesse passado um gigantesco pincel de fogo por ela.

Nada crescia na terra queimada, embora alguns dos trechos dessem a impressão de ter sido feitos havia muito tempo. No ar não havia sequer um leve odor de queimado, nem mesmo quando Rand se abaixou para quebrar um graveto enegrecido e cheirá-lo. A queimada era antiga, mas nada viera para retomar a terra. O preto dava lugar ao verde, e o verde ao preto, em linhas perfeitamente retas.

De certa forma, o restante da terra estava tão morto quanto as partes queimadas, embora o terreno tivesse grama, e as árvores, folhas. Tudo tinha aquele aspecto desbotado, como roupas lavadas em excesso e deixadas por tempo demais ao sol. Não havia pássaros ou animais, pelo menos não que Rand pudesse ver ou ouvir. Nenhum gavião pairava no céu, nenhum uivo de uma raposa caçando, nenhum canto de pássaro. Nada farfalhava na grama ou pousava em um galho de árvore. Nenhuma abelha ou borboleta. Diversas vezes, atravessaram riachos de água rasa que já tinham escavado um canal fundo com barrancos íngremes que os cavalos desciam aos trancos e precisavam escalar do outro lado. A água corria límpida, exceto pela lama que os cascos levantavam, mas nunca vislumbravam um peixinho ou um girino nadando, e não viam sequer uma aranha d'água cruzando o riacho ou um bicho-lixeiro sobrevoando a superfície.

A água era potável, o que era bom, já que seus cantis não durariam para sempre. Rand a provou primeiro, fazendo com que Loial e Hurin esperassem para ver se algo lhe aconteceria antes de deixá-los beber. Ele os metera naquela situação e a responsabilidade era dele. A água era fria e úmida, mas aquilo era o melhor que podia dizer a respeito. Era salobra, como se tivesse sido fervida. Loial fez uma careta, e os cavalos também não gostaram, sacudindo as cabeças e bebendo com certa relutância.

Havia um sinal de vida. Pelo menos, Rand achou que devia ser

um. Por duas vezes, viu um filete de fumaça que percorria o céu, preguiçoso, como se fosse uma linha feita de nuvens. Eram retos demais para que fossem naturais, ao que parecia, mas ele não conseguia imaginar o que poderia ter provocado aquilo. Não mencionou as linhas aos outros. Talvez não tivessem visto, já que Hurin estava concentrado no rastro e Loial parecia tão introspectivo. De qualquer modo, eles também não as mencionaram.

De repente, depois de meia manhã de cavalgada, Loial desceu de seu cavalo imenso sem dizer uma palavra e caminhou a passos largos até uma vassoura-de-gigante, cujos vários troncos se abriam em muitos galhos grossos, rígidos e retos, a menos de um passo do chão. No alto, eles se abriam outra vez, dando lugar à folhagem densa que dava nome à árvore.

Rand puxou as rédeas de Vermelho, perguntando-se o que o outro fazia, mas algo na maneira de agir do Ogier, como se ele próprio não estivesse seguro, fez com que Rand se aquietasse. Depois de olhar fixamente para a árvore, Loial colocou as mãos em um dos troncos e começou a cantar, com uma voz grave e suave.

Rand já ouvira a Canção da Árvore dos Ogier uma vez, quando Loial cantou para uma árvore morta e a fez renascer; e já ouvira falar em madeira cantada, objetos criados a partir de árvores por meio da Canção da Árvore. O Talento estava desaparecendo, dissera Loial, e ele era um dos poucos que tinham essa habilidade. Aquilo tornava madeira cantada ainda mais preciosa. Quando ouvira Loial cantar, antes, parecia que a própria terra cantava. Mas agora o Ogier murmurava sua canção de um modo quase tímido, e a terra a ecoava em um sussurro.

Parecia pura canção, uma música sem palavras, ou pelo menos sem palavras que Rand pudesse compreender. Se a canção tinha letra, ela se fundia à música como água derramada em um riacho. Hurin apenas olhava, sem fôlego.

Rand não sabia ao certo o que Loial fizera e nem como: por mais suave que a canção fosse, ela o havia capturado em um transe hipnótico, enchendo sua mente quase da mesma forma que o vazio fazia. Loial passou as mãos enormes ao longo do tronco, cantando, acariciando tanto com a voz quanto com os dedos. De algum modo, o tronco parecia mais macio, como se aquelas carícias o estivessem moldando. Rand piscou. Ele tinha certeza de que a parte que Loial segurava tinha galhos no topo, assim como as outras, mas agora via que ela terminava em uma ponta arredondada bem acima da cabeça do Ogier. Rand abriu a boca, mas a canção o impediu de falar. Ela soava tão familiar, aquela canção, como se ele devesse conhecê-la.

De súbito, a voz de Loial atingiu um clímax, a canção soando quase como um hino de graças, até que terminou, se dissipando no ar

como uma brisa.

— Que me queime — disse Hurin, baixinho. Ele parecia atordoado. — Que me queime! Eu nunca vi nada… Que me queime!

Loial segurava um cajado de sua altura, da largura do antebraço de Rand, liso e polido. Onde o tronco estivera, na vassoura-de-gigante, havia um pequeno broto.

Rand respirou fundo. *Sempre acontece algo novo, sempre acontece algo inesperado, e, às vezes, não é horrível.*

Loial montou, sob o olhar atento de Rand, apoiando o cajado atravessado à frente, e o rapaz se perguntou por que o Ogier poderia querer um cajado, já que estavam cavalgando. Então, olhou para o grosso cajado, e reparou não em seu tamanho absoluto, mas sim em relação ao Ogier, e percebeu a maneira como Loial o segurava.

— Um bastão de combate — disse, surpreso. — Não sabia que os Ogier usavam armas, Loial.

— Normalmente não usamos — respondeu o Ogier, quase seco. — Normalmente. O preço sempre foi alto demais. — Ele levantou o imenso bastão e franziu o nariz largo, enojado. — O Ancião Haman certamente diria que estou colocando um cabo longo em meu machado, mas não estou sendo apenas apressado ou impetuoso, Rand. Este lugar… — Ele estremeceu, e suas orelhas tremelicaram.

— Logo encontraremos o caminho de volta — assegurou-lhe Rand, tentando soar seguro.

Loial continuou, como se não tivesse ouvido:

— Tudo está… interligado, Rand. Não importa se está vivo ou não, se pensa ou não, tudo o que *é* se conecta. A árvore não pensa, mas faz parte do todo, e o todo deixa uma… uma impressão. Não posso explicar isso mais do que posso explicar o que é ser feliz, mas… Rand, esta terra ficou satisfeita porque uma arma foi criada. Satisfeita!

— Que a Luz brilhe sobre nós — murmurou Hurin, nervoso — e a mão do Criador nos proteja! Embora estejamos nos dirigindo ao último abraço da mãe, que a Luz ilumine nosso caminho! — Ele repetia a prece como se fosse um feitiço para protegê-lo.

Rand resistiu ao impulso de olhar ao redor. E definitivamente não olhou para o alto. Tudo o que bastaria para deixá-los desesperados era mais uma daquelas linhas de fumaça no céu, bem naquele momento.

— Não há nada aqui para nos ferir — respondeu com firmeza. — E nos manteremos bem vigilantes para garantir que nada de mau aconteça.

Ele queria rir de si mesmo por soar tão certo. Ele não tinha certeza de coisa alguma. Mas, ao ver os outros naquele estado — Loial com as orelhas peludas caídas e Hurin tentando não olhar para lugar algum —, Rand sabia que ao menos um deles tinha que parecer seguro, ou o medo e a incerteza destruiriam a todos. *Há de ser o que a*

Roda tecer . Ele afastou esse pensamento de sua mente. *Isso não tem nada a ver com a Roda. Nada a ver com* ta'veren, *Aes Sedai ou o Dragão. É apenas o que é, e só*.

— Loial, já acabou? — O Ogier assentiu, esfregando o bastão de combate com certo arrependimento. Rand se virou para Hurin. — Você ainda sente o rastro?

— Sinto, Lorde Rand. Sinto.

— Então vamos. Assim que encontrarmos Fain e os Amigos das Trevas, voltaremos para casa como heróis, levando a adaga de Mat e a Trombeta de Valere. Vá na frente, Hurin. — *Heróis? Eu ficarei feliz se todos nós sairmos daqui com vida*.

— Não gosto deste lugar — anunciou o Ogier, sério. Ele segurava o bastão como se esperasse usá-lo em breve.

— Que bom que não pretendemos ficar, não é? — retrucou Rand.

Hurin deu uma gargalhada alta, como se aquilo fosse uma piada, mas Loial lhe lançou um olhar sério.

— Que bom que não pretendemos, Rand!

Mas, enquanto cavalgavam rumo ao sul, o rapaz pôde notar que seu comentário despreocupado sobre como voltariam para casa deixara os outros dois um pouco animados. Hurin estava sentado ligeiramente menos curvado em sua sela, e as orelhas de Loial não pareciam mais tão murchas. Não era hora ou lugar para dizer a eles que também estava com medo, então guardou a informação para si e lidou com ela sozinho.

Hurin manteve o bom humor durante toda a manhã, murmurando "Que bom que não pretendemos ficar" e rindo, até Rand sentir vontade de pedir para ele se calar. Perto do meio-dia, no entanto, o farejador ficou mais quieto. Ele balançava a cabeça e franzia a testa, e Rand descobriu que gostaria que o homem ainda estivesse repetindo suas palavras e rindo.

— Há algo errado com o rastro, Hurin? — perguntou.

O farejador deu de ombros, parecendo preocupado.

— Sim, Lorde Rand. Mas também não, como se diz por aí.

— Tem que ser um ou outro. Você perdeu o rastro? Não há problema se perdeu. Você disse que estava fraco, para começar. Se não conseguirmos achar os Amigos das Trevas, encontraremos outra Pedra e voltaremos por ela. — *Luz, tudo menos isso*. Rand manteve o rosto impassível. — Se os Amigos das Trevas conseguem vir para cá e sair, nós também conseguimos.

— Ah, eu não o perdi, Lorde Rand. Ainda consigo sentir o fedor deles. Não é isso. É só… É que… — Com uma careta, Hurin soltou de uma vez: — É como se eu estivesse me lembrando do cheiro, Lorde Rand, e não sentindo. Mas não estou. Há dezenas de rastros cruzando-o o tempo todo, dezenas e dezenas, com todo tipo de cheiro de

violência. Alguns são até recentes, só que pálidos, como tudo o mais. Esta manhã, logo após deixarmos a clareira, eu podia jurar que, bem onde eu estava, centenas de pessoas haviam sido assassinadas alguns minutos antes. Mas não havia corpo algum, nem marcas na grama, a não ser as dos nossos cavalos. Eu não deveria sentir um cheiro desses sem o chão estar todo revirado e ensanguentado, mas não havia nem uma marca. É tudo assim, milorde. Mas estou seguindo o rastro. Estou. Este lugar me deixou nervoso. É isso. Deve ser.

Rand olhou de soslaio para Loial, pois o Ogier sabia de algo estranho que podia contar a eles, mas Loial parecia tão intrigado quanto Hurin. Rand fez a voz soar mais confiante do que ele se sentia.

— Eu sei que está dando o melhor de si, Hurin. Todos estamos nervosos. Siga o rastro o melhor que puder, e vamos encontrá-los.

— Como quiser, Lorde Rand. — Hurin fez o cavalo avançar. — Como quiser.

Mas, ao cair da noite, ainda não havia sinal dos Amigos das Trevas, e Hurin disse que o rastro estava bem mais fraco. O farejador não parava de murmurar para si mesmo sobre "lembrar".

Não havia sinal deles. Nada. Rand não era um rastreador tão bom quanto Uno, mas qualquer garoto de Dois Rios era bom o bastante para encontrar uma ovelha perdida ou um coelho para o jantar. Ele não vira rastro algum. Era como se nada vivo algum dia tivesse passado pela terra antes deles. Algo devia ter acontecido, se os Amigos das Trevas estavam à frente deles. Mas Hurin continuava seguindo o rastro que dissera sentir.

Quando o sol tocou o horizonte, os três montaram acampamento em um bosque intocado pelo fogo e comeram um pouco do que havia em seus alforjes. Pão ázimo com carne-seca e, para beber, água salobra. Não era uma refeição muito boa, não satisfazia bem a fome e estava longe de ser gostosa. Rand julgou que tinham o suficiente para uma semana. Depois disso… Hurin comeu devagar, com determinação, mas Loial engoliu a comida com uma careta e se recostou com seu cachimbo, mantendo o grande bastão por perto. Rand manteve a fogueira baixa e bem escondida entre as árvores. Fain e seus Amigos das Trevas poderiam estar perto o bastante para ver uma fogueira, apesar das preocupações de Hurin sobre a estranheza daquele rastro.

Parecia-lhe estranho que tivesse começado a pensar nos outros como Amigos das Trevas da Fain, os Trollocs de Fain. Fain era apenas um louco. *Então por que eles o resgataram?* Fain era parte do esquema do Tenebroso para encontrá-lo. Talvez o resgate tivesse algo a ver com isso. *Então por que ele está fugindo, em vez de me caçar? E o que matou aquele Desvanecido? O que aconteceu naquele aposento cheio de moscas? E aqueles olhos que me vigiaram em Fal Dara? E aquele vento que me*

prendeu como um inseto em seiva de pinheiro? Não. Não, Ba'alzamon deve estar morto . As Aes Sedai não acreditavam naquilo. Moiraine não acreditava, nem a Amyrlin. Teimoso, ele se recusou a continuar pensando naquilo. Tudo que precisava pensar no momento era em encontrar aquela adaga para Mat. Encontrar Fain e a Trombeta.

Nunca termina, al'Thor.

A voz era como uma leve brisa passando por sua nuca, um murmúrio fino e gelado que se esgueirava por entre as frestas de sua mente. Ele quase procurou o vazio para fugir, mas lembrou-se do que o aguardava lá e resistiu à vontade.

Na semiobscuridade do crepúsculo, ele treinou as formas da garça com sua espada, como Lan lhe ensinara, embora sem o vazio. Cortando a Seda, Beija-flor Beija a Rosa-de-mel. E Garça Atravessando os Juncos, para o equilíbrio. Perdendo-se nos movimentos rápidos e precisos, esquecendo-se de onde estava por um tempo, Rand praticou até ficar coberto de suor. Mas tudo voltou ao acabar o treino, nada havia mudado. Não estava frio, mas ele sentiu um arrepio e fechou o manto ao redor do corpo enquanto se encolhia perto do fogo. Os outros perceberam seu estado de espírito e terminaram de comer depressa e em silêncio. Ninguém reclamou quando ele jogou terra sobre as últimas chamas.

Rand pegou a primeira vigia, caminhando nas bordas do matagal com o arco e às vezes afrouxando a espada na bainha. A lua fria estava quase cheia, erguendo-se alta na escuridão, e a noite estava tão silenciosa e vazia quanto fora o dia. Vazia era a palavra certa. A terra estava tão vazia quanto um jarro de leite empoeirado. Era di ícil acreditar que houvesse alguém no mundo inteiro, naquele mundo, a não ser eles três. Era di ícil acreditar que os Amigos das Trevas estivessem ali, em algum lugar à frente.

Para ter alguma companhia, ele abriu o manto de Thom Merrilin, expondo a harpa e a lauta em suas caixas de couro duro sobre os retalhos multicoloridos. Retirou a lauta de ouro e prata da caixa, lembrando-se das lições do menestrel enquanto a segurava, e tocou algumas notas de "O Vento que Balança o Salgueiro" bem baixinho, para não acordar os outros. Mesmo baixo, o som triste soava alto demais naquele lugar, real demais. Com um suspiro, recolocou a flauta na caixa e fechou o embrulho.

Manteve a vigília por um longo tempo noite adentro, deixando os outros dormirem. Não sabia quão tarde era quando percebeu, de súbito, que uma neblina se formara. Ela estava perto do chão, espessa, tornando Hurin e Loial montes indefinidos que se destacavam entre nuvens. Acima deles, ficava menos espessa, mas, ainda assim, encobria a terra ao redor, ocultando tudo, menos as árvores mais próximas. A lua parecia vista através de um líquido sedoso. Qualquer coisa poderia

aproximar-se sem ser vista. Ele tocou a espada.

— Espadas não adiantam contra mim, Lews Therin. Você já devia saber disso.

A névoa se revolveu ao redor dos pés de Rand quando ele deu meia-volta, puxando a espada com as mãos, a lâmina com a marca da garça bem à frente. O vazio se abriu dentro dele, que, pela primeira vez, mal notou a luz maculada de *saidin*.

Uma figura envolta em sombras se aproximou na neblina, caminhando com um cajado grande. Atrás dela, como se a sombra da sombra fosse enorme, a neblina escureceu e ficou mais negra que a noite. Rand sentiu arrepios. A figura chegou mais perto, até assumir a forma de um homem, com roupas e luvas pretas e uma máscara de seda preta cobrindo o rosto. A sombra vinha com ela. O cajado também era preto, como se a madeira tivesse sido queimada, mas era liso e suave como água ao luar. Por um instante, os buracos para olhos da máscara brilharam, como se por trás deles houvesse fogo em vez de olhos, mas Rand não precisava daquilo para saber quem era.

— Ba'alzamon — murmurou. — Estou sonhando. Tenho que estar. Eu peguei no sono, e…

Ba'alzamon soltou uma gargalhada que soava como o rugido de uma fornalha aberta.

— Você sempre tenta negar o que é, Lews Therin. Se estender minha mão, posso tocá-lo, Fratricida. Eu sempre posso tocá-lo. Sempre, em toda parte.

— Eu não sou o Dragão! Meu nome é Rand al'…! — Rand trincou os dentes para se calar.

— Ah, eu conheço o nome que você usa agora, Lews Therin. Conheço cada nome que você usou, Era após Era, muito antes de sequer se tornar o Fratricida. — A voz de Ba'alzamon ficou mais alta, e às vezes o fogo de seus olhos subia em chamas tão altas que Rand podia vê-los através das aberturas na máscara de seda, vê-los como mares infinitos de chama. — Eu conheço você, conheço seu sangue e sua linhagem até a primeira fagulha de vida que já existiu, até o Primeiro Momento. Você nunca poderá se esconder de mim. Nunca! Estamos ligados de forma tão certa quanto as duas faces de uma mesma moeda. Homens comuns podem se esconder na trama do Padrão, mas *ta'veren* se destacam como faróis de fogo no topo de uma colina, e você, *você* se destaca como se dez mil flechas brilhantes flutuassem no céu para indicá-lo! Você é meu, e está sempre ao alcance da minha mão!

— Pai das Mentiras! — Conseguiu dizer Rand. Apesar do vazio, sua língua queria se colar ao céu da boca. *Luz, por favor, que isso seja um sonho*! O pensamento surgiu e logo desapareceu do vazio. *Mesmo que seja um daqueles sonhos que não é sonho. Ele não pode estar parado*

diante de mim de verdade. *O Tenebroso está preso em Shayol Ghul, preso pelo Criador no momento da Criação*... Ele sabia demais acerca da verdade para que aquilo pudesse ajudá-lo. — Esse nome lhe foi bem dado! Se pudesse apenas me levar, por que ainda não o fez? Porque não pode. Eu caminho na Luz, e você não pode me tocar!

Ba'alzamon inclinou-se sobre o cajado e olhou para Rand por um momento, depois se aproximou de Loial e Hurin, olhando bem para eles. A enorme sombra se moveu junto. Ele não fez a neblina se mover, percebeu Rand. Ele se movia, o cajado balançava com seus passos, mas a neblina cinza não se revolvia nem girava ao redor de seus pés, como fazia com Rand. Aquilo lhe deu esperança. Talvez Ba'alzamon de fato *não estivesse* ali. Talvez fosse *mesmo* um sonho.

— Você tem uns seguidores estranhos — comentou Ba'alzamon. — Sempre teve. Esses dois. A garota que tenta protegê-lo. Uma proteção pobre e fraca, Fratricida. Se ela tivesse uma vida inteira para crescer, jamais ficaria forte o bastante para que você conseguisse se esconder atrás dela.

Garota? Quem? Moiraine não é uma garota.

— Não sei do que está falando, Pai das Mentiras. Você mente e mente, e, mesmo quando fala a verdade, distorce-a até virar mentira.

— É mesmo, Lews Therin? Você sabe o que é, quem é. Eu já lhe contei. Assim como aquelas mulheres de Tar Valon. — Rand mudou de posição, e Ba'alzamon soltou uma gargalhada, que soou como um pequeno trovão. — Elas acham que estão seguras em sua Torre Branca, mas, entre meus seguidores, há até algumas delas. A Aes Sedai chamada Moiraine lhe contou quem você é, não contou? Ela mentiu? Ou ela é uma das minhas? A Torre Branca quer usá-lo como um cão em um cabresto. Estou mentindo? Eu minto quando a firmo que você busca a Trombeta de Valere? — Ele gargalhou outra vez. Mesmo com a serenidade do vazio, Rand precisou se controlar para não tampar os ouvidos. — Às vezes, velhos inimigos lutam por tanto tempo que se tornam aliados e nem percebem. Eles pensam que o atacam, mas estão tão conectados que é como se você mesmo desse o golpe.

— Você não me guia — afirmou Rand. — Eu o renego.

— Eu tenho mil cordas atadas a você, Fratricida, cada uma mais fina que a seda e mais forte que o aço. O tempo atou mil cordas a nós dois. A batalha que temos lutado, você se lembra de alguma parte? Tem algum vislumbre do que lutamos antes, das incontáveis batalhas que remontam ao início do Tempo? Eu sei muita coisa que você não sabe! Essa batalha logo chegará ao fim. A Última Batalha está chegando. A última, Lews Therin. Você realmente pensa que pode evitá-la? Seu pobre verme trêmulo! Você me servirá ou morrerá! E, desta vez, o ciclo não reiniciará com sua morte. O túmulo pertence ao Grande Senhor das Trevas. Desta vez, se você morrer, será

completamente destruído. Desta vez, a Roda será quebrada não importa o que faça, e o mundo será refeito com um novo molde. Sirva-me! Sirva a Shai'tan, ou será destruído para sempre!

O ar pareceu ficar mais denso com o som daquele nome. A escuridão atrás de Ba'alzamon inchou e cresceu, ameaçando engolir tudo. Rand a sentiu engolfá-lo, ao mesmo tempo mais fria que o gelo e mais quente que carvões, era mais negra que a morte e o sugava para suas profundezas, engolindo o mundo.

Ele agarrou o cabo da espada com força, até os dedos doerem.

— Eu renego você, renego seu Poder. Eu caminho na Luz. A Luz nos preserva, e nos abrigamos na palma da mão do Criador. — Ele piscou. Ba'alzamon ainda estava ali, e a enorme escuridão ainda pendia atrás dele, mas era como se tudo o mais tivesse sido apenas ilusão.

— Você quer ver meu rosto? — A pergunta veio em um sussurro.

Rand engoliu em seco.

— Não.

— Mas devia.

Uma mão enluvada se elevou até a máscara negra.

— Não!

A máscara caiu. Era um rosto de homem horrivelmente queimado. Entre as fissuras vermelhas com bordas pretas que entrecruzavam aquele rosto, no entanto, a pele parecia saudável e suave. Olhos escuros encaravam Rand, e lábios cruéis sorriam em um clarão de dentes brancos.

— Olhe para mim, Fratricida, e veja a centésima parte de seu próprio destino. — Por um momento, aqueles olhos e boca se tornaram portas para infinitas cavernas de fogo. — É isso que usar o Poder sem restrições pode fazer, até mesmo comigo. Mas eu me curo, Lews Therin. Eu conheço os caminhos para um poder maior. Ele queimará você como uma mariposa voando direto para uma fornalha.

— Eu não o tocarei! — Rand sentiu o vazio ao seu redor, sentiu *saidin*. — Não tocarei.

— Você não consegue evitar.

— Deixe-me… em… PAZ!

— Poder. — A voz de Ba'alzamon se tornou suave, insinuante. — Você pode ter poder outra vez, Lews Therin. Está vinculado a ele agora, neste momento. Eu sei. Posso ver. Sinta o brilho dentro de você. Sinta o poder que está ao seu alcance. Tudo o que precisa fazer é estender as mãos e agarrá-lo. Mas a Sombra está no meio do caminho. Loucura e morte. Você não precisa morrer, Lews Therin, nunca mais.

— Não — respondeu Rand, mas a voz continuou, perfurando-o.

— Eu posso ensiná-lo a controlar esse poder para que ele não o destrua. Não há mais ninguém vivo que possa lhe ensinar isso. O

Grande Senhor das Trevas pode protegê-lo da loucura. O poder pode ser seu, e você pode viver para sempre. Para sempre! Tudo o que precisa fazer em troca é servir. Apenas servir. Palavras simples: "Eu sou seu, Grande Senhor." E o poder será seu. Poder além do que sonham aquelas mulheres de Tar Valon. E vida eterna. Basta você se oferecer e servir.

Rand umedeceu os lábios. *Não enlouquecer. Não morrer*.

— Nunca! Eu caminho na Luz — exclamou, rouco — e você jamais poderá me tocar!

— Tocá-lo, Lews Therin? Tocá-lo? Eu posso consumi-lo! Experimente e entenda, como eu entendia!

Aqueles olhos escuros se tornaram fogo outra vez, e aquela boca virou uma chama que brotou e cresceu até parecer mais brilhante que um sol de verão. Cresceu, e de repente a espada de Rand brilhou como se tivesse acabado de sair da forja. Ele berrou quando a bainha queimou suas mãos, gritou e deixou a espada cair. E a neblina pegou fogo, um fogo imprevisível, um fogo que queimava tudo.

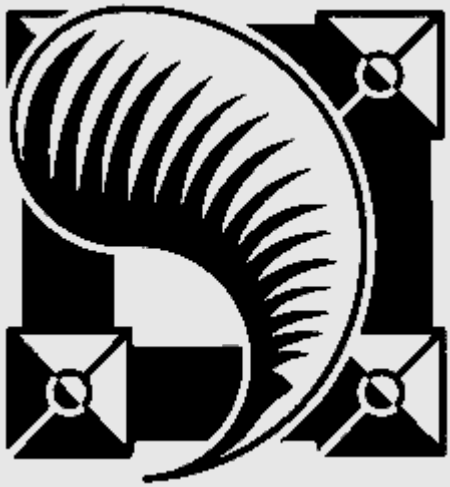
Gritando, Rand batia nas roupas fumegantes, que eram consumidas e caíam em cinzas. Batia com as mãos, que, aos poucos, escureciam e murchavam enquanto a carne nua rachava e descascava nas chamas. Ele gritou. A dor pulsava no vazio dentro dele, que tentou se arrastar mais para o fundo. O brilho estava lá, a luz maculada estava quase ao seu alcance. Meio louco, sem se importar mais com o que era, ele estendeu seus sentidos para *saidin* e tentou envolvê-la ao seu redor, tentou se esconder das queimaduras e da dor.

Tão de repente quanto começou, o fogo acabou. Rand olhou, espantado, para a mão que saía da manga vermelha de seu casaco. Não havia sequer um chamuscado na lã. *Eu imaginei aquilo tudo*. De modo frenético, olhou ao redor. Ba'alzamon havia desaparecido. Ainda dormindo, Hurin se remexeu. O farejador e Loial ainda eram apenas dois montes se destacando na neblina baixa. *Eu imaginei mesmo*.

Antes que tivesse a chance de ficar aliviado, uma dor espetou sua mão direita, e ele a virou para olhar. Sobre a palma, estava a marca de uma garça. A garça do cabo de sua espada, furiosa e vermelha, tão bem-feita quanto se tivesse sido desenhada com a habilidade de um artista.

Rand tirou um lenço do bolso do casaco e o enrolou na mão. Ela latejava. O vazio ajudaria, pois ele ficava apenas *ciente* da dor no vazio, sem *senti-la*, mas Rand afastou o pensamento. Por duas vezes, agora, uma vez sem saber e outra de propósito, não podia esquecer, ele tentara canalizar o Poder Único enquanto estava no vazio. Era com aquilo que Ba'alzamon queria tentá-lo. Era aquilo que Moiraine e o Trono de Amyrlin queriam que ele fizesse. E ele não faria.

16



No Espelho da Escuridão

— O senhor não devia ter feito isso, Lorde Rand — censurou Hurin quando o rapaz os despertou logo ao raiar do dia. O sol ainda estava escondido abaixo do horizonte, mas havia luz o bastante para enxergar. A neblina havia se dissipado quando ainda estava escuro, dispersando-se com relutância. — Se você ficar cansado por ter nos poupado, milorde, quem nos levará para casa?

— Eu precisava pensar — explicou Rand. Nada indicava que Ba'alzamon ou a neblina haviam estado ali. O rapaz tocou o lenço enrolado na mão direita. Aquilo era prova de que Ba'alzamon estivera ali. Ele queria ir embora daquele lugar. — Já está na hora de subir na sela se quisermos alcançar os Amigos das Trevas de Fain. Passou da hora. Podemos comer pão enquanto cavalgamos.

Loial, que se espreguiçava, parou de repente. Seus braços atingiam uma altura que só poderiam alcançar se Hurin ficasse de pé sobre os ombros de Rand.

— Sua mão, Rand. O que houve?

— Eu a machuquei. Não foi nada.

— Eu coloquei um bálsamo nos alforjes…

— Não é nada! — Rand percebeu que falara com rispidez, mas um vislumbre da marca com certeza suscitaria perguntas às quais ele não queria responder. — Estamos perdendo tempo. Vamos embora.

Ele começou a encilhar Vermelho com dificuldade, por causa da mão ferida, e Hurin subiu em seu cavalo.

— Não precisa ficar tão nervoso — resmungou Loial.

Um rastro, decidiu Rand, quando partiram, seria algo natural

naquele mundo. Havia um excesso de coisas antinaturais por ali. Até mesmo uma única pegada de cavalo seria bem-vinda. Fain, os Amigos das Trevas e os Trollocs deveriam ter deixado alguma marca. Ele se concentrou no chão por onde passavam, tentando distinguir algum sinal de que algo vivo tinha passado por ali.

Não havia nada, nem uma pedra virada ou um punhado de terra remexido. Ele chegou a olhar para o chão atrás deles, mais uma vez, apenas para se assegurar de que os cascos deixavam marcas naquela terra. O solo revirado e os talos de grama amassados indicavam a passagem deles, mas o caminho à frente estava intacto. No entanto, Hurin insistia que podia sentir o rastro, fraco e fino, que ainda conduzia ao sul.

Mais uma vez, o farejador se concentrou no rastro que seguiam, como um cão de caça farejando cervos, e, mais uma vez, Loial cavalgou perdido em pensamentos, murmurando sozinho e esfregando o imenso bordão que levava à sua frente na sela.

Cavalgavam havia menos de uma hora quando Rand viu o pináculo à frente. Estava tão ocupado à procura de rastros que só reparou na alta coluna afunilada quando já se projetava sobre as árvores um pouco adiante.

— O que será aquilo? — A coluna ficava bem no caminho deles.

— Não sei o que pode ser, Rand — respondeu Loial.

— Se este… se aqui fosse nosso mundo, Lorde Rand… — Hurin mudou de posição na sela, desconfortável. — Bem, aquele monumento que Lorde Ingtar mencionou, que foi erguido para celebrar a vitória de Artur Asa-de-gavião sobre os Trollocs, era um enorme pináculo. Mas foi destruído havia mil anos. Não restou nada, a não ser uma grande elevação, parecida com uma colina. Eu o vi quando fui a Cairhien a mando de Lorde Agelmar.

— De acordo com Ingtar — comentou Loial —, o monumento ainda está a três ou quatro dias de viagem. Se é que há um igual aqui; não sei por que teria. Acho que não existem pessoas neste lugar.

O farejador voltou a olhar para o chão.

— Mas é isso, não é, Construtor? Não tem ninguém aqui, mas aí está o monumento à nossa frente. Talvez devêssemos ficar longe dele, milorde Rand. Não dá para saber o que é ou quem pode estar lá, em uma terra como esta.

Rand tamborilou os dedos no cepilho de sua sela por um momento, pensando.

— Precisamos ficar o mais perto possível do rastro — disse, por fim. — Não parece que estamos nos aproximando de Fain nesse passo, e não quero perder mais tempo, se puder evitar. Se virmos alguma pessoa ou qualquer coisa fora do comum, daremos a volta até retomarmos o caminho. Mas até lá, continuaremos em frente.

— Como quiser, milorde. — A voz do farejador saiu estranha, e ele olhou de soslaio para Rand. — Como quiser.

O rapaz franziu a testa por um instante, antes de entender qual era o problema, então foi sua vez de suspirar. Lordes não se explicavam a seus seguidores, apenas a outros lordes. *Eu não pedi a ele que pensasse que sou um maldito lorde. Mas ele pensa* , pareceu responder uma vozinha, *e você está deixando. Você optou por isso, a obrigação agora é sua*.

— Siga o rastro, Hurin — ordenou Rand.

Com um breve sorriso de alívio, o farejador meteu os calcanhares no cavalo e seguiu em frente.

O sol fraco se elevou enquanto cavalgaram, e chegou ao ápice quando estavam a apenas pouco mais de um quilômetro do pináculo. Haviam alcançado um dos riachos, em um barranco com um passo de profundidade com árvores esparsas nas margens. Rand podia ver o monte sobre o qual repousava a construção, e ele parecia uma colina redonda de topo achatado. O pináculo cinzento tinha pelo menos cem braças de altura, e Rand viu que o topo do monumento era esculpido como um pássaro de asas estendidas.

— Um gavião — constatou ele. — É *mesmo* o monumento de Asa-de-gavião. Deve ser. Já houve gente aqui, mesmo que pareça não ter ninguém agora. Elas ergueram o monumento em outro lugar, nesta terra, e nunca o destruíram. Pense nisso, Hurin. Quando voltarmos, você poderá contar a todos como era o monumento. Só nós três, em todo o mundo, o teremos visto.

Hurin assentiu.

— Sim, milorde. Meus filhos vão gostar de ouvir a história de como o pai deles viu a torre de Asa-de-gavião.

— Rand — começou a dizer Loial, preocupado.

— Podemos percorrer o resto do caminho a galope — interrompeu Rand. — Vamos. Um galope nos fará bem. Esse lugar pode estar morto, mas nós estamos vivos.

— Rand — insistiu Loial. — Não acho que esse seja um…

Sem esperar para ouvir, Rand enfiou as botas nos flancos de Vermelho, e o garanhão avançou depressa. Ele atravessou o fio de água rasa em duas passadas, depois subiu a outra margem. Hurin o seguiu, depressa, em seu cavalo. O rapaz ouviu Loial gritar atrás deles, mas apenas riu, acenou para que o Ogier o seguisse e continuou a galopar. Se mantivesse o olhar em um ponto fixo, a terra não parecia deslizar tanto, e o vento batia no rosto de forma agradável.

O monte era extenso, mas a subida da encosta gramada não era íngreme. O pináculo cinzento se erguia até o céu, quadrado e muito largo, e, apesar de alto o bastante para parecer enorme, era quase achatado. Rand parou de rir e puxou as rédeas de Vermelho com o

rosto lúgubre.

— É o monumento de Asa-de-gavião, Lorde Rand? — perguntou Hurin, preocupado. — Parece ter algo errado, não sei o quê.

Rand reconheceu a escrita angular que cobria a superfície do monumento e também alguns dos símbolos, do tamanho de um homem, esculpidos em toda a extensão. A caveira com chifres dos Trollocs Dha'vol. O punho de ferro dos Dhai'mon. O tridente dos Ko'bal e o furacão dos Ahf 'frait. Também havia um gavião escavado perto do chão. Com dez passos de envergadura, o animal jazia caído de costas, atravessado por um raio, e corvos bicavam os olhos. As asas imensas no alto do monumento pareciam bloquear o sol.

Ele ouviu Loial galopando atrás dele.

— Eu tentei avisar, Rand — explicou Loial. — É um corvo, não um gavião. Pude vê-lo com clareza.

Hurin virou seu cavalo, recusando-se até mesmo a olhar outra vez para o pináculo.

— Mas como? — indagou Rand. — Artur Asa-de-gavião venceu os Trollocs bem aqui. Ingtar me contou.

— Não aqui — disse Loial, bem devagar. — Obviamente, não aqui. "De Pedra em Pedra correm as linhas do 'se', entre os mundos que poderiam ser." Andei pensando nisso, e acredito saber o que são "os mundos que poderiam ser". Talvez. São mundos que poderiam ser o nosso, caso as coisas por lá tivessem acontecido de forma diferente. Talvez seja por isso que tudo tem um aspecto tão… desbotado. Deve ser porque é um "se", um "talvez". Apenas uma sombra do mundo verdadeiro. Neste mundo, eu acho, os Trollocs venceram. Deve ser por isso que não vimos aldeias ou pessoas.

Rand sentiu calafrios. Trollocs não deixavam humanos vivos quando venciam, a não ser para servir de alimento. Se haviam vencido um mundo inteiro…

— Se os Trollocs tivessem vencido aqui, estariam por toda parte. Já teríamos visto uns mil, a esta altura. Teríamos morrido ontem.

— Não sei, Rand. Talvez, depois de acabar com as pessoas, eles tenham matado uns aos outros. Trollocs vivem para matar. É tudo o que fazem, é tudo o que são. Eu não sei.

— Lorde Rand — chamou Hurin, de repente —, alguma coisa se moveu lá embaixo.

O rapaz girou seu cavalo, achando que iria ver Trollocs vindo em sua direção, mas Hurin apontava para trás, para o caminho pelo qual tinham vindo, onde não havia coisa alguma.

— O que você viu, Hurin? E onde?

O farejador abaixou o braço.

— Logo na margem daquele bosque, a cerca de uma milha de distância. Pensei ter visto… uma mulher… e algo mais, que não

consegui distinguir, mas… — Ele tremeu. — É tão di ícil ver aquilo que não está bem debaixo do meu nariz. Ah, este lugar faz meu estômago ficar embrulhado! Devo estar imaginando coisas, milorde. Este lugar nos faz imaginar coisas loucas. — O homem curvou os ombros, como se a torre os empurrasse para baixo. — Sem dúvida, foi apenas o vento, milorde.

Loial disse:

— Há algo mais para levar em conta, receio. — Ele parecia outra vez perturbado e apontou para o sul. — O que você vê ao longe?

Rand apertou os olhos para evitar aquela sensação de que o que estava distante se aproximava subitamente.

— Mais terra como a que acabamos de atravessar. Árvores. Depois algumas colinas e montanhas. Mais nada. Para onde você quer que eu olhe?

— Para as montanhas — disse Loial com um suspiro. Suas orelhas se dobraram, e as pontas de suas sobrancelhas roçaram suas bochechas. — Aquela ali deve ser a Adaga do Fratricida, Rand. Não há outras montanhas parecidas, a menos que este mundo seja completamente diferente do nosso. Mas a Adaga do Fratricida ica a mais de cem léguas ao sul do Erinin. Bem mais do que isso. É di ícil medir distâncias neste lugar, mas… acho que chegaremos lá antes de escurecer.

O Ogier não precisou dizer nem mais uma palavra. Eles não poderiam ter avançado mais de cem léguas em menos de três dias.

Sem pensar, Rand murmurou:

— Talvez este lugar seja parecido com os Caminhos. — Ouviu Hurin gemer e logo se arrependeu de não ter segurado a língua.

Não era um pensamento agradável. Bastava entrar por um Portal dos Caminhos, que podiam ser encontrados logo ao lado de um pouso ou em bosques Ogier. Bastava entrar e caminhar por um dia e você podia sair por outro Portal a cem léguas de onde veio. Os Caminhos estavam escuros e corrompidos, naquele momento, e viajar por eles significava correr o risco de morrer ou ficar louco. Até mesmo Desvanecidos temiam viajar por eles.

— Se for, Rand — começou Loial, devagar —, será que um passo em falso neste lugar também pode nos matar? Será que existem coisas que ainda não vimos que podem nos causar algo pior do que a morte?

Hurin gemeu outra vez.

Eles tinham bebido a água e vinham cavalgando como se não tivessem sequer um motivo para se preocupar. A falta de atenção matava rápido nos Caminhos. Rand engoliu em seco, desejando que seu estômago se acalmasse.

— É tarde demais para nos preocuparmos com o que já passou — disse. — Mas, de agora em diante, prestaremos bastante atenção por

onde andamos. — Ele olhou de soslaio para Hurin. A cabeça do farejador afundara entre os ombros, e os olhos iam de um lado para o outro, como se o homem se perguntasse o que o atacaria, e de onde. Ele já rastreara assassinos, mas aquilo era mais do que estava acostumado. — Contenha-se, Hurin. Ainda não estamos mortos nem vamos morrer. Precisamos apenas tomar cuidado, de agora em diante. É só.

Foi então que ouviram o grito, fraco e distante.

— Uma mulher! — exclamou Hurin. Até essa parca normalidade pareceu animá-lo um pouco. — Eu sabia que tinha visto…

Outro grito se fez ouvir, mais desesperado que o primeiro.

— A menos que ela saiba voar — disse Rand —, está atrás de nós, vindo do sul. — Ele chutou os flancos de Vermelho para sair em disparada.

— Tome cuidado, você mesmo disse! — gritou Loial, atrás dele. — Luz, Rand, lembre-se! Tome cuidado!

Rand inclinou-se em sua sela, deixando o garanhão correr. Os gritos o atraíram. Era fácil dizer para tomar cuidado, mas aquela mulher estava aterrorizada. Ela não gritava como se ele tivesse tempo para tomar cuidado. À beira de outro riacho, em um canal de margens íngremes mais fundas do que a maioria, ele puxou as rédeas. Vermelho parou, provocando uma chuva de pedras e terra. Os gritos vinham… *dali!*

Um olhar bastou para ver o que se passava. A uns duzentos passos de distância, uma mulher estava de pé ao lado de seu cavalo, no riacho, ambos colados à outra margem. Com um pedaço de galho, ela se defendia de… alguma coisa que rosnava para ela. Por um momento, Rand engoliu em seco, aturdido. Era como um sapo do tamanho de um urso, ou um urso com a pele verde-acinzentada de um sapo. Um urso dos grandes.

Sem parar para pensar na criatura, ele saltou de seu cavalo e sacou o arco. Se tentasse se aproximar a cavalo, poderia não dar tempo. A mulher mal conseguia conter a… coisa… com o galho. Era uma boa distância, e ele não parava de piscar enquanto tentava calculá-la, pois ela parecia variar em algumas braças toda vez que a criatura se movia, e era um alvo grande. Sua mão enfaixada tornava di ícil puxar a corda do arco, mas Rand disparou uma flecha pouco antes de seus pés tocarem o chão.

A flecha afundou até a metade naquela pele dura, e a criatura se virou para encarar Rand, que recuou um passo, apesar da distância. Jamais vira um animal com cabeça em forma de cunha, muito menos com um bico serrilhado em forma de gancho, perfeito para arrancar carne. E tinha três olhos, pequenos e ferozes, emoldurados por pelos que pareciam duros. Recuperando-se, a criatura começou a atravessar

o riacho na direção de Rand em grandes saltos, espirrando água para todos os lados. Aos olhos do rapaz, alguns dos saltos pareciam cobrir o dobro da distância de outros, embora tivesse certeza de não haver diferença real entre eles.

— Nos olhos! — gritou a mulher. Ela parecia estranhamente calma, considerando seus gritos. — Você precisa acertar nos olhos para matá-lo.

Ele puxou outra flecha até a orelha. Relutante, procurou o vazio. Não queria, mas fora assim que Tam lhe ensinara, e ele sabia que nunca conseguiria acertar o alvo sem isso. *Meu pai*, pensou, com uma sensação de perda, e o vazio o preencheu. A luz tremeluzente de *saidin* estava ali, mas ele a ignorou. Ele era um com o arco, com a flecha, com a forma monstruosa que saltava em sua direção. Um com o olho minúsculo. Ele sequer sentiu a flecha abandonar a corda do arco.

A criatura subiu em mais um salto, e, no auge, a flecha atingiu o olho do meio. A coisa caiu, espalhando uma imensa quantidade de água e lama. Sua queda provocou ondulações na água, mas a criatura não se levantou.

— Um bom tiro, e disparado com bravura — disse a mulher. Ela estava montada em seu cavalo, indo a seu encontro. Rand sentiu uma vaga surpresa por ela não ter fugido assim que a criatura foi distraída. Ela passou direto pelo ser caído, cujos movimentos ainda geravam pequenas ondulações enquanto morria, e sequer olhou para baixo. Subiu a margem com seu cavalo e desmontou. — Poucos homens teriam coragem de enfrentar o ataque de um *grolm*, milorde.

Ela estava toda de branco: seu vestido de cavalgada tinha uma divisão nas saias e era cingido de prata, e as botas que despontavam sob a bainha do vestido também tinham ornamentos prateados. Até mesmo a sela era branca, com detalhes em prata. Sua égua, branca como a neve, de pescoço elegante e passos graciosos, era quase da altura do baio de Rand. Mas foi a própria mulher, que o rapaz julgou ter, talvez, a idade de Nynaeve, que chamou sua atenção. Para começar, era alta: se fosse um palmo mais alta, ela quase poderia olhá-lo nos olhos. Além disso, era linda: a pele branca como mar fim contrastava muito com os longos cabelos negros como a noite e os olhos pretos. Ele já vira mulheres bonitas. Moiraine era bonita, embora fria, assim como Nynaeve, quando o mau humor não a deixava de cara feia. Egwene e Elayne, a Filha-Herdeira de Andor, eram belas o bastante para deixar um homem sem fôlego. Mas aquela mulher… Ele ficou sem fala; sentiu o coração começar a bater outra vez.

— Seus criados, milorde?

Assustado, ele olhou ao redor. Hurin e Loial haviam se juntado a eles. Hurin olhava para a mulher do jeito que Rand sabia ter olhado, e

até o Ogier parecia fascinado.

— Meus amigos — respondeu. — Loial e Hurin. Meu nome é Rand. Rand al'Thor.

— Nunca pensei nisso antes — disse Loial, de súbito, como se estivesse falando sozinho —, mas se existe uma beleza humana perfeita, em rosto e forma, então você…

— Loial! — exclamou Rand.

As orelhas do Ogier se enrijeceram de vergonha. As orelhas do próprio Rand estavam vermelhas, pois as palavras de Loial eram bem parecidas com o que ele estava pensando.

A mulher soltou uma risada musical, mas no instante seguinte parecia repleta de uma formalidade régia, como uma rainha em seu trono.

— Meu nome é Selene — apresentou-se. — Você arriscou sua vida e salvou a minha. Sou sua, Lorde Rand al'Thor. — E, para horror de Rand, ela se ajoelhou diante dele.

Sem olhar para Hurin ou Loial, ele a levantou depressa.

— Um homem que não se dispõe a morrer para salvar uma mulher não é homem. — De repente, ele se envergonhou, corando. Aquele era um ditado shienarano, e ele sabia que soava pomposo antes mesmo de as palavras saírem de sua boca, mas os modos dela o contagiaram, e ele não conseguiu evitar. — Quer dizer… Isto é, foi… — *Idiota, você não pode dizer a uma mulher que salvar a vida dela não foi nada.* — A honra foi minha. — Aquilo soou vagamente shienarano e formal. Torceu para que servisse, pois sua mente estava tão vazia de ideias sobre o que dizer que era como se ele ainda estivesse no vazio.

Então se deu conta do olhar dela fixo nele. A expressão não mudara, mas aqueles olhos escuros o faziam sentir-se nu. Sem querer, pensou em Selene sem roupas. Seu rosto voltou a ficar vermelho.

— Aaah! Ah, de onde você é, Selene? Não vimos outro ser humano desde que chegamos aqui. Sua cidade fica por perto?

Ela o encarou, pensativa, e ele recuou. Aquele olhar o deixara consciente de como estavam próximos.

— Não sou deste mundo, milorde — respondeu ela. — Não existem pessoas aqui. Não há nada vivo, a não ser os *grolm* e algumas criaturas como eles. Eu sou de Cairhien. E não sei bem como vim parar aqui. Saí para cavalgar e parei para tirar um cochilo, e, quando acordei, eu e meu cavalo estávamos aqui. Só posso esperar, milorde, que o senhor possa me salvar outra vez e me ajudar a voltar para casa.

— Selene, eu não sou um… Quer dizer, por favor, chame-me apenas de Rand. — Ele sentiu as orelhas queimarem outra vez. *Luz, não fará mal algum ela pensar que sou um lorde. Que me queime, não fará mal algum!*

— Se é o que deseja… Rand. — O sorriso dela fez a garganta do

rapaz se apertar. — Você vai me ajudar?

— Claro que sim. — *Que me queime, como ela é bonita! E me olha como se eu fosse o herói de alguma história* . Ele sacudiu a cabeça para espantar aqueles pensamentos tolos. — Mas antes precisamos encontrar os homens que estamos seguindo. Vou tentar mantê-la fora de perigo, mas precisamos encontrá-los. Venha conosco, é melhor do que ficar aqui sozinha.

Por um momento, ela ficou em silêncio, com o rosto impassível e calmo. Rand não tinha ideia do que ela estava pensando, mas parecia que o analisava outra vez.

— Um homem que cumpre seu dever — disse, por fim. Um pequeno sorriso tocou seus lábios. — Gosto disso. Sim. Quem são esses malfeitores que o senhor segue?

— Os Amigos das Trevas e os Trollocs, milady — respondeu Hurin, de repente. Ele fez uma mesura desajeitada, ainda em sua sela. — Eles cometeram um assassinato na fortaleza de Fal Dara e roubaram a Trombeta de Valere, milady, mas Lorde Rand vai recuperá-la.

Rand olhou com pesar para o farejador, e Hurin deu um sorrisinho fraco. *Lá se vai o segredo*. Aquilo não importava ali, imaginou, mas quando voltassem ao seu mundo…

— Selene, você não deve contar sobre a Trombeta a ninguém. Se a notícia se espalhar, teremos mil pessoas em nossos calcanhares tentando pegá-la para si mesmas.

— Não, de jeito nenhum — retrucou Selene —, pois *ela* não pode cair em mãos erradas. A Trombeta de Valere. Não consigo lhe dizer quantas vezes sonhei em tocá-la, segurá-la em minhas mãos. O senhor precisa me prometer que, quando a pegar, vai me deixar tocá-la.

— Antes de fazer isso, precisamos encontrá-la. E é melhor começarmos a andar. — Rand ofereceu a mão para ajudá-la a montar, e Hurin desceu correndo para segurar o estribo. — Seja o que for aquilo que matei… um *grolm*?… Pode haver mais deles por perto.

A mão dela era firme, segurando a sua com uma força surpreendente, e sua pele era como… seda? Algo mais macio, mais suave. Rand sentiu um arrepio.

— Sempre há — respondeu Selene. A égua branca e alta agitou-se e mostrou os dentes para Vermelho, mas o toque de Selene nas rédeas a aquietou.

Rand colocou o arco atravessado nas costas e montou em Vermelho. *Luz, como a pele de alguém pode ser tão suave?*

— Hurin, onde está o rastro? Hurin? Hurin?

O farejador levou um susto e parou de encarar Selene.

— Sim, Lorde Rand. Ah… o rastro. Sul, milorde. Ainda sul.

— Então vamos cavalgar. — Rand olhou apreensivo para a massa

verde-acinzentada do *grolm* caída no riacho. Tinha sido melhor acreditar que eles três eram as únicas coisas vivas naquele mundo. — Siga o rastro, Hurin.

No começo, Selene cavalgou ao lado de Rand, tagarelando sobre tudo, fazendo-lhe diversas perguntas e chamando-o de lorde. Ele tentou dizer várias vezes que não era lorde, e sim um pastor, e todas as vezes em que a olhava, não conseguia pronunciar as palavras. Uma dama como ela não conversaria do mesmo jeito com um pastor, mesmo que esse pastor tivesse salvado sua vida.

— Você será um grande homem quando encontrar a Trombeta de Valere — disse-lhe ela. — Um homem digno de lendas. O homem que soar a Trombeta criará suas próprias lendas.

— Eu não quero soá-la, nem quero fazer parte de lenda nenhuma. — Ele não sabia se ela estava usando perfume, mas a mulher parecia exalar um aroma, algo que ocupava toda a sua cabeça com ela. Especiarias doces e picantes provocavam cócegas em seu nariz, fazendo-o engolir em seco.

— Todos os homens querem ser grandes. Você poderia ser o maior de todas as Eras.

Aquilo parecia demais com o que Moiraine dissera. O Dragão Renascido decerto se destacaria ao longo das Eras.

— Não — respondeu, com fervor. — Eu só… — Ele pensou no desprezo dela se lhe dissesse agora que era apenas um pastor depois de deixá-la acreditar que era um lorde, e mudou o que ia dizer. — Eu só estou tentando encontrá-la. E ajudar um amigo.

Ela ficou calada por um instante, então observou:

— Você machucou sua mão.

— Não é nada.

Ele tentou enfiar a mão ferida no casaco. Ela latejava de tanto segurar as rédeas, mas Selene estendeu uma das mãos e pegou a dele.

Rand ficou tão surpreso que permitiu, e então não havia nada a fazer, apenas puxar a mão com brutalidade ou deixá-la desamarrar o lenço. O toque dela era frio e seguro. A palma dele estava bem vermelha e inchada, mas a garça ainda se destacava, muito óbvia.

Ela tocou a marca com um dedo, mas não disse nada a respeito, nem mesmo para perguntar como acontecera.

— Você pode ficar sem conseguir dobrar direito a mão, se isto não for tratado. Tenho um unguento que pode ajudar. — De um bolso interno do manto, ela puxou um pequeno frasco de pedra, abriu-o e começou a esfregar uma pomada branca na queimadura com suavidade, enquanto cavalgavam.

O unguento era frio no começo, mas depois pareceu derreter-se e liberar calor na pele. E funcionou tão bem quanto os de Nynaeve às vezes funcionavam. Ele observou, surpreso, a vermelhidão desaparecer

e o inchaço diminuir sob o toque suave de Selene.

— Alguns homens — começou ela, sem tirar os olhos da mão dele — escolhem buscar a grandeza, ao passo que outros são forçados a ela. É sempre melhor escolher do que ser forçado. Um homem que é forçado nunca é inteiramente senhor de si, precisa dançar de acordo com os cordéis de quem o forçou.

Rand puxou a mão. A marca parecia ter sido gravada em sua pele havia uma semana ou mais, praticamente curada.

— Como assim? — quis saber, quase ríspido.

Ela sorriu para ele, que sentiu vergonha de sua explosão.

— Ora, a Trombeta, é claro — respondeu, bem calma, guardando a pomada. Sua égua, que andava ao lado do Vermelho, era alta o bastante para que os olhos dela ficassem apenas um pouco abaixo dos de Rand. — Se você encontrar a Trombeta de Valere, não haverá como escapar da grandeza. Mas ela lhe será forçada ou você a tomará para si? Eis a questão.

Ele flexionou a mão. Selene tinha um jeito de falar tão parecido com o de Moiraine.

— Você é uma Aes Sedai?

As sobrancelhas de Selene se ergueram. Seus olhos escuros reluziram para ele, mas sua voz saiu suave:

— Aes Sedai? Eu? Não.

— Não quis ofendê-la. Desculpe.

— Me ofender? Não estou ofendida, mas não sou Aes Sedai. — Seu lábio se curvou em desprezo, mas até essa expressão era bonita. — Elas se encolhem no que pensam ser segurança quando poderiam fazer tanta coisa. Elas servem quando poderiam governar; deixam homens lutarem em guerras quando poderiam trazer ordem ao mundo. Não, nunca me chame de Aes Sedai. — Ela sorriu e pôs a mão no braço de Rand, para mostrar que não estava zangada. Aquele toque o fez engolir em seco. O rapaz ficou aliviado quando ela deixou a égua ficar para trás, ao lado de Loial. Hurin abaixou a cabeça para ela, como um velho criado de família.

Rand ficou aliviado, mas também sentiu falta de sua companhia. Ela estava apenas a duas braças de distância. Ele se virou na sela para vê-la cavalgando ao lado de Loial, que se curvava na sela para falar com a jovem. Mas não era a mesma coisa do que ela estar logo ali a seu lado, perto o bastante para sentir aquele cheiro inebriante, perto o bastante para tocá-la. Ele se endireitou, com raiva. Não que quisesse tocá-la exatamente. Lembrou a si mesmo de que amava Egwene e sentiu-se culpado por precisar desse lembrete. Mas ela era linda, achava que ele era um lorde e dissera que ele poderia ser um grande homem. Ele discutiu consigo mesmo, amargo, em pensamentos. *Moiraine também diz que você pode ser grande, que é o Dragão Renascido.*

Selene não é uma Aes Sedai. Isso mesmo, ela é uma nobre de Cairhien, e você é um pastor. Ela não sabe disso. Por quanto tempo você vai deixar que ela acredite nessa mentira? Só até sairmos daqui. Se sairmos. Ao se dar conta daquilo, seus pensamentos se aquietaram, deixando um silêncio lúgubre.

Ele tentou ficar de olho no terreno por onde cavalgavam, pois, se Selene dissera que havia mais daquelas coisas, daqueles *grolm*, por ali, ele acreditava. Hurin estava concentrado demais em farejar o rastro para reparar em qualquer outra coisa, e Loial estava concentrado demais em sua conversa com Selene para notar algo até que aquilo o mordesse no calcanhar, mas era di ícil manter-se atento. Virar a cabeça rápido demais fazia seus olhos lacrimejarem, e uma colina ou um bosque podiam estar a uma milha de distância de um ângulo e a poucas centenas de braças de outro.

As montanhas estavam ficando mais próximas, disso, ele tinha certeza. A Adaga do Fratricida assomava-se no céu, uma imensidão serrilhada e de picos nevados. A terra ao redor deles já se elevava em pequenos morros, que anunciavam a chegada das montanhas. Eles alcançariam a borda das montanhas bem antes de escurecer, talvez em apenas uma hora. *Mais de cem léguas em menos de três dias. Pior do que isso: passamos grande parte de um dia ao sul do Erinin, no mundo real. Foram mais de cem léguas em menos de dois dias aqui*.

— Ela diz que você tinha razão a respeito deste lugar, Rand.

Rand levou um susto, até que percebeu que Loial cavalgara até o seu lado. Procurou por Selene e descobriu que ela acompanhava Hurin. O farejador sorria, abaixando a cabeça e quase batendo os nós dos dedos na testa em sinal de respeito para tudo o que ela dizia. Rand olhou de relance para o Ogier.

— Estou surpreso que você a tenha largado, do jeito que estavam conversando. Como assim, eu tinha razão?

— Ela é uma mulher fascinante, não é? Alguns dos Anciões não sabem tanto quanto ela sobre história, especialmente sobre a Era das Lendas, e sobre… Ah, sim. Ela diz que você tinha razão a respeito dos Caminhos, Rand. Aes Sedai estudaram mundos como este, e esse estudo foi a base da criação dos Caminhos. Ela diz que existem mundos em que é o tempo que muda, e não a distância. Se passar um dia em um, quando voltar você vai descobrir que no mundo verdadeiro se passou um ano, ou vinte. Ou o contrário. Esses mundos, este e todos os outros, são re flexos do mundo verdadeiro, segundo ela. Este aqui parece desbotado porque é um re flexo fraco, um mundo que teve pouca chance de acontecer. Outros são quase tão prováveis quanto o nosso, por isso são tão sólidos quanto o nosso, e têm pessoas. E ela disse que são as mesmas pessoas, Rand. Imagine só! Você pode ir a um desses mundos e encontrar a si mesmo. O Padrão tem variações

infinitas, disse ela, e cada variação que pode ser, será.

Rand sacudiu a cabeça. Então desejou não ter feito aquilo, pois a paisagem começou a ir para frente e para trás, e seu estômago se embrulhou. Ele respirou fundo.

— E como ela sabe disso tudo? Você sabe mais do que qualquer pessoa que já conheci, Loial, e tudo o que sabia a respeito deste mundo não era mais que um rumor.

— Ela é de Cairhien, Rand. A Biblioteca Real de Cairhien é uma das maiores do mundo, talvez a maior fora de Tar Valon. Os Aiel a pouparam quando incendiaram Cairhien. Eles não destroem livros. Você sabia que eles…

— Os Aiel não me interessam — interrompeu Rand, irritado. — Se Selene sabe tanto, espero que tenha lido sobre como nos levar para casa. Queria que ela…

— Você queria que ela o quê? — A mulher riu ao se juntar a eles.

Rand a encarou como se ela tivesse sumido por meses, e era assim que se sentia.

— Queria que Selene cavalgasse comigo um pouco mais — respondeu.

Loial riu, e Rand sentiu o rosto queimar.

Selene sorriu e olhou para Loial.

— Queira nos desculpar, *alantin*.

O Ogier fez uma mesura, do alto de sua sela, e com isso seu enorme cavalo atrasou o passo, abaixando os tufos das orelhas com relutância.

Por um tempo, Rand cavalgou em silêncio, desfrutando da presença de Selene. Volta e meia a olhava de canto de olho. Desejou poder compreender seus sentimentos por ela. Será que ela era uma Aes Sedai, apesar de negar? Será que tinha sido enviada por Moiraine para forçá-lo a seguir qualquer que fosse o caminho que as Aes Sedai queriam? Moiraine não tinha como saber que ele seria levado para aquele mundo estranho, e nenhuma Aes Sedai teria tentado afastar aquela criatura com um pedaço de pau, pois poderia matá-la ou espantá-la com o Poder. Bem. Já que Selene pensava que ele era um lorde e ninguém em Cairhien sabia a verdade, ele bem que podia deixá-la continuar pensando assim. Decerto, ela era a mulher mais bela que já vira, além de ser inteligente e culta, e achava que ele era corajoso. O que mais um homem poderia querer de uma esposa? *Isso também é loucura. É com Egwene que eu me casaria, se pudesse me casar com alguém. Mas não posso pedir a uma mulher que se case com um homem que vai enlouquecer e pode machucá-la*. Mas Selene era tão bonita.

Ele percebeu que ela estava analisando sua espada. Preparou as palavras em sua cabeça. Não, não era um mestre espadachim: seu pai

lhe dera aquela espada. *Tam. Luz, por que você não pode ser meu pai de verdade?* Afastou esse pensamento com vontade.

— Aquele foi um disparo magnífico — comentou Selene.

— Não, eu não sou… — começou Rand, então piscou. — Um disparo?

— Sim. Aquele olho era um alvo pequeno, se movia, e estava a uns cem passos. Você tem uma mão maravilhosa com aquele arco.

Rand mudou de posição, sem jeito.

— Ah… obrigado. Foi um truque que meu pai me ensinou. — Ele lhe contou sobre o vazio, sobre como Tam lhe ensinara a usá-lo com o arco. Quando deu por si, já estava contando sobre Lan e suas aulas de espada.

— A Unidade — disse ela, soando satisfeita. Ela percebeu o olhar questionador dele e acrescentou: — É como isso se chama… em alguns lugares. A Unidade. Para aprender seu uso completo, é melhor estar constantemente envolvido nela, habitá-la o tempo todo. Pelo menos, foi o que ouvi dizer.

Ele nem precisava pensar naquilo que o esperava dentro do vazio para formar uma resposta, mas disse apenas:

— Pensarei a respeito.

— Mergulhe nesse seu vazio o tempo todo, Rand al'Thor, e aprenderá usos para ele de que jamais suspeitou.

— Eu disse que pensarei a respeito. — Ela abriu a boca outra vez, mas ele a interrompeu. — Você sabe de todas essas coisas. Sobre o vazio, ou a Unidade, como o chama. Sobre este mundo. Loial lê o tempo todo, já leu mais livros do que eu já vi reunidos, e ele nunca viu mais do que um fragmento a respeito das Pedras.

Selene se endireitou na sela. De repente, ela o fez pensar em Moiraine e na Rainha Morgase quando ficavam zangadas.

— Existe um livro sobre esses mundos — respondeu, muito séria. — *Espelhos da Roda*. Sabe, o *alantin* não leu *todos* os livros que existem.

— O que é esse título, *alantin*, que você usa para chamá-lo? Nunca ouvi falar…

— A Pedra-portal perto da qual acordei ica lá em cima — interrompeu Selene, apontando para as montanhas a leste do rastro deles. Rand se viu desejando outra vez o calor e os sorrisos dela. — Se me levar até ela, poderá me enviar de volta ao meu lar, como prometeu. Podemos chegar lá em uma hora.

Rand mal conseguia olhar para onde ela apontava. Usar a Pedra, a Pedra-portal, como ela a chamara, era usar o Poder, se quisesse levá-la de volta para o mundo real.

— Hurin, como está o rastro?

— Mais fraco do que nunca, Lorde Rand, mas ainda está aqui. —

O farejador deu um sorriso rápido e abaixou a cabeça para Selene. — Acho que está começando a se desviar para oeste. Há algumas passagens mais fáceis ali, na direção do cume da Adaga, pelo que me lembro de quando fui a Cairhien, daquela vez.

Rand suspirou. *Fain ou um de seus Amigos das Trevas devem conhecer outra maneira de usar as Pedras. Um Amigo das Trevas não pode usar o Poder*.

— Eu preciso seguir a Trombeta, Selene.

— Como sabe que sua preciosa Trombeta sequer está neste mundo? Venha comigo, Rand. Você encontrará sua lenda, eu juro. Venha comigo.

— Você pode usar essa Pedra, essa Pedra-portal, sozinha — respondeu, zangado. Antes que as palavras deixassem sua boca, ele desejou poder retirar o que disse. *Por que ela precisa ficar falando de lendas?* Ele se forçou a continuar, com teimosia. — A Pedra-portal não a trouxe aqui. Foi você, Selene. Se você a fez trazê-la até aqui, pode fazer com que a leve de volta. Eu a levarei até a Pedra, mas depois devo continuar atrás da Trombeta.

— Eu não sei como usar as Pedras-portais, Rand. Se fiz algo com aquela, não sei o que foi.

Rand a observou. Ela estava sentada na sela, empertigada e com uma aparência tão régia quanto a de antes, mas, de algum modo, também parecia mais suave. Parecia orgulhosa, porém vulnerável, e precisando dele. Ele imaginou que talvez Selene tivesse a idade de Nynaeve, alguns anos mais velha do que ele, mas percebeu que estava errado. Ela era mais ou menos da idade dele, bonita, e precisava de sua ajuda. A ideia, apenas a ideia, do vazio passou por sua cabeça de relance, e a da luz também. *Saidin*. Para usar a Pedra-portal, ele deveria mergulhar outra vez naquela mácula.

— Fique comigo, Selene — disse. — Encontraremos a Trombeta de Valere e a adaga de Mat, depois acharemos um caminho de volta. Eu prometo. Basta ficar comigo.

— Você sempre… — Selene respirou fundo, como se tentasse se acalmar. — Você é sempre tão teimoso. Bem, eu posso admirar a teimosia de um homem. Aqueles que obedecem fácil não valem grande coisa.

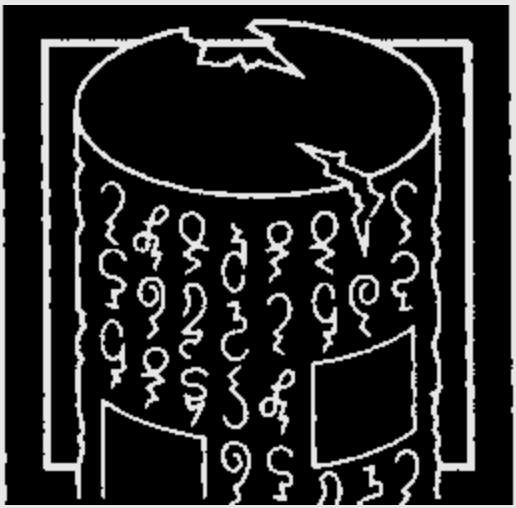
Rand ficou vermelho. Aquilo era muito parecido com o que Egwene às vezes falava, e eles eram praticamente prometidos um ao outro desde crianças. Vindas de Selene, as palavras e o olhar franco que as acompanhava eram um choque. Ele se virou para mandar Hurin continuar a seguir o rastro.

De trás deles, veio um grunhido distante, parecido com uma tosse. Antes que Rand pudesse virar Vermelho para ver o que era, ouviu outro grunhido, seguido por mais três, ainda mais próximos. No

começo, não conseguia ver de onde vinham, pois a paisagem parecia tremeluzir diante de seus olhos, mas então viu as criaturas por entre as várias árvores, bem no topo de uma colina. Cinco delas, era o que parecia, a apenas meia milha de distância, mil passos no máximo, se aproximando em saltos de trinta pés.

— *Grolm* — constatou Selene, calma. — Um bando pequeno, mas parece que sentiram nosso cheiro.

17



Escolhas

— Vamos correr — disse Rand. — Hurin, você consegue galopar e continuar seguindo o rastro?

— Sim, Lorde Rand.

— Então vá na frente. Nós vamos…

— Não vai adiantar nada — interrompeu Selene. Sua égua branca era a única montaria que não estava inquieta com os grunhidos abafados vindos dos *grolm*. — Eles não desistem, nunca. Se sentem um cheiro, os *grolm* não param de segui-lo, dia e noite, até vencerem pelo cansaço. Você precisa matar todos ou encontrar um jeito de ir para outro lugar. Rand, a Pedra-portal pode nos levar a outro lugar.

— Não! Nós *podemos* matá-los. Eu consigo. Já matei um. São apenas cinco. Basta eu encontrar… — Ele olhou ao redor, em busca do ponto ideal, e o encontrou. — Sigam-me! — Apertando Vermelho com os calcanhares, ele fez o cavalo galopar, con fiante de que os outros o seguiriam antes mesmo de ouvir o barulho dos cascos.

O lugar que escolhera era uma colina baixa e arredondada, sem árvores. Nada chegaria perto sem ser visto. Ele desceu da sela e pegou o arco. Loial e Hurin se juntaram a ele no chão, o Ogier erguendo o enorme bastão e o farejador com a espada curta em punho. Nem bastão nem espada seriam de muita utilidade caso os *grolm* se aproximassem deles. *Não vou deixar que se aproximem*.

— Este risco é desnecessário — disse Selene. Ela mal olhou na direção d os *grolm* enquanto se curvava na sela, concentrando-se em Rand. — Alcançaríamos a Pedra-portal antes deles sem dificuldade.

— Eu vou detê-los. — Rand contou depressa as flechas restantes

na aljava. Dezoito, todas do comprimento do seu braço, e dez com pontas largas como as de um cinzel, feitas para penetrar em armaduras de Trollocs, que também serviriam bem para os *grolm*. Fincou quatro no chão à sua frente e encaixou a quinta no arco. — Loial, Hurin, vocês não servirão de nada aqui. Montem e estejam prontos para levar Selene até a Pedra caso algum deles passe por mim. — Ele se perguntou se conseguiria matar alguma daquelas criaturas com a espada, caso fosse necessário. *Você está* mesmo *louco! Nem o Poder é tão ruim quanto isto!*

Loial disse algo, mas ele não ouviu: já buscava o vazio, tanto para escapar dos próprios pensamentos quanto por necessidade. *Você sabe o que o espera. Mas assim eu não preciso tocá-lo* . O brilho estava ali, a luz em um ponto próximo, mas fora de seu campo de visão. Ela parecia fluir em sua direção, mas o vazio era tudo. Pensamentos passavam depressa pela super ície, visíveis sob aquela luz maculada. *Saidin. O Poder. Loucura. Morte*. Eram pensamentos exteriores. Ele era um com o arco, com a flecha, com as coisas que subiam a colina mais próxima.

Os *grolm* se aproximaram, ultrapassando uns aos outros com os saltos. Cinco grandes formas de pele dura, com três olhos e bicos pontudos escancarados. Seus grunhidos altos ricocheteavam no vazio, e Rand mal os ouvia.

O rapaz não percebeu que levantava o arco ou que puxava a flecha até a orelha. Ele era um com as feras, um com o olho central da primeira. Então, a flecha se fora. O primeiro *grolm* morreu, e um de seus companheiros pulou em cima da criatura caída, arrancando nacos de carne com o bico. Ele rosnou para os outros, que passaram longe, desviando. Mas continuaram a vir, e, como se compelido, o outro abandonou sua refeição e saiu pulando atrás deles, com o bico pontudo coberto de sangue.

Os movimentos de Rand eram fluidos e inconscientes, ele encaixava e soltava a flecha. Encaixava e soltava.

A quinta flecha deixou o arco, e o rapaz o abaixou, ainda profundamente mergulhado no vazio, enquanto o quarto *grolm* caía, como um imenso fantoche cujos cordéis tinham sido cortados. Embora a última flecha ainda estivesse no ar, ele sabia, de algum modo, que não havia necessidade de disparar outra. A última fera caiu como se seus ossos derretessem, e uma haste com penas despontava de seu olho central. Sempre do olho central.

— Magní ico, Lorde Rand — parabenizou Hurin. — Eu… eu nunca vi disparos assim.

O vazio envolvia Rand. A luz o chamava, e ele… se estendia… em sua direção. Ela o cercava, o preenchia.

— Lorde Rand? — Hurin tocou seu braço, e Rand levou um susto. O vazio foi preenchido pelo que estava ao seu redor. — O senhor está

bem, milorde?

Rand esfregou a testa com as pontas dos dedos. Ela estava seca, mas ele sentia que deveria tê-la encontrado coberta de suor.

— Eu… eu estou bem, Hurin.

— Fica cada vez mais fácil, pelo que ouvi dizer — comentou Selene. — Quanto mais habitar a Unidade, mais fácil fica.

Rand olhou de relance para ela.

— Bem, não vou precisar disso outra vez, pelo menos não por enquanto. — *O que aconteceu? Eu quis…* Ele ainda queria, percebeu, horrorizado. Ele *queria* voltar para o vazio, sentir aquela luz preenchê-lo mais uma vez. Naquele momento, parecia que estivera realmente vivo, com a mácula e tudo, e agora era apenas uma imitação. Não, pior. Ele quase estivera vivo, e agora sabia como era. Tudo o que precisava fazer era tocar *saidin*…

— Não haverá outra vez — murmurou. Olhou para os *grolm* mortos, cinco formas monstruosas caídas no chão. Não representavam mais perigo. — Agora podemos seguir nosso…

Um grunhido semelhante a uma tosse, familiar demais, soou além dos *grolm* mortos, além da próxima colina, e outros responderam. E vinham ainda mais, do leste e do oeste.

Rand fez menção de erguer o arco.

— Quantas flechas restaram? — exigiu saber Selene. — Você consegue matar mais vinte *grolm*? Trinta? Cem? *Precisamos* chegar à Pedra-portal.

— Ela tem razão, Rand — concordou Loial, devagar. — Você não tem escolha, agora.

Hurin o observava com ansiedade. Os *grolm* gritavam, uma dezena de grunhidos se sobrepondo.

— Para a Pedra — concordou Rand, com relutância. Irritado, ele montou outra vez e colocou o arco nas costas. — Leve-nos até a Pedra, Selene.

Assentindo, ela virou a égua e meteu as botas em seus flancos até que o animal começasse a trotar. Rand e os demais a seguiram, os dois outros ansiosos, e ele, mais contido. Os gritos dos *grolm* os seguiam, parecia haver centenas deles. Os gritos sugeriam que os *grolm* estavam em semicírculo ao redor deles, aproximando-se de todas as direções, menos pela frente.

Depressa e con fiante, Selene os conduziu pelas colinas. A terra começava a se elevar no sopé das montanhas, as encostas se tornaram mais íngremes e os cavalos passavam com dificuldade pelos a floramentos de rocha desbotada e arbustos esparsos e pálidos que se agarravam a eles. O caminho ia se tornando cada vez mais árduo, e a terra, cada vez mais íngreme.

Não vamos conseguir, pensou Rand, na quinta vez em que

Vermelho escorregou e deslizou, provocando uma chuva de pedras. Loial largou seu bastão: não serviria de nada contra os *grolm* e só estava atrasando-os. O Ogier desistira de cavalgar. Ele usava uma das mãos para subir e puxava o grande cavalo atrás de si com a outra. O animal de machinhos peludos era pesado, mas subia com mais facilidade do que quando levava Loial. Os *Grolm* gritavam atrás deles, mais próximos.

Então, Selene puxou as rédeas e apontou para uma clareira abrigada pelo granito, abaixo deles. Estava tudo ali: os sete grandes degraus coloridos ao redor de um piso pálido e a alta coluna de pedra no meio.

Ela desmontou e conduziu a égua até a clareira, descendo os degraus até a coluna que se assomava à frente. Ela se virou para olhar Rand e os outros. Os *grolm* davam gritos e grunhidos, dezenas deles. Bem alto. Perto.

— Eles vão chegar a qualquer momento — disse. — Você precisa usar a Pedra, Rand. Ou então precisa encontrar um jeito de matar todos os *grolm*.

Com um suspiro, Rand desmontou e guiou Vermelho até a clareira. Loial e Hurin o seguiram, apressados. Ele encarou a coluna coberta de símbolos, a Pedra-portal, ansioso. *Ela deve ser capaz de canalizar, mesmo que não saiba, ou a Pedra não a teria trazido até aqui. O Poder não fere as mulheres*.

— Se isto a trouxe até aqui — começou, mas Selene o interrompeu.

— Eu sei o que é isso — disse, com firmeza —, mas não sei usar a Pedra. Você deve fazer o que precisa ser feito. — Ela passou os dedos por um símbolo um pouco maior do que os outros. Era um triângulo equilibrado sobre a ponta, dentro de um círculo. — Este representa o mundo verdadeiro, nosso mundo. Acredito que ajudará se você mantiver esta imagem em mente enquanto… — Ela abriu as mãos, como se não tivesse muita certeza do que ele deveria fazer.

— Hã… milorde? — interveio Hurin, sem jeito. — Não temos muito tempo. — Ele olhou para trás, para a beira do vale. Os gritos estavam mais altos. — Aquelas coisas chegarão aqui em minutos.

Loial assentiu.

Respirando fundo, Rand pôs a mão sobre o símbolo que Selene apontara. Ele a olhou, tentando con firmar se estava fazendo aquilo certo, mas ela apenas o observava, sem nem uma ruga de preocupação franzindo a testa pálida. *Ela está segura de que você pode salvá-la. Você precisa salvá-la*. O perfume dela enchia suas narinas.

— Hã… milorde?

Rand engoliu em seco e buscou o vazio. Ele veio fácil, surgindo ao seu redor sem esforço. Vazio. Vazio, a não ser pela luz, que oscilava de

um jeito que embrulhava seu estômago. Vazio, a não ser por *saidin*. Mas mesmo o desconforto estava distante. Ele se tornou um com a Pedra-portal. A coluna era macia e um pouco oleosa ao toque, mas o triângulo dentro do círculo parecia quente contra a marca na palma de sua mão. *Preciso levá-los para um lugar seguro. Preciso levá-los para casa* . Parecia que a luz se inclinava em sua direção, o cercava, e ele… a… aceitou.

A luz o preencheu. O calor o preencheu. Ele podia ver a Pedra e os outros o observando, Loial e Hurin ansiosos, Selene parecendo não duvidar de que ele conseguiria salvá-la. Mas era como se eles não estivessem ali. A luz era tudo. O calor e a luz, espalhando-se por seus braços e pernas como água encharcando areia seca, preenchendo-o. O símbolo queimava sua pele. Ele tentou sugar tudo, todo o calor e toda a luz. Tudo. O símbolo…

De repente, como se o sol sumisse enquanto piscava os olhos, o mundo tremeluziu. Uma, duas vezes. O símbolo era como carvão em brasa sob sua mão, e Rand se embebia de luz. O mundo pareceu piscar. E piscar. Aquela luz o deixava enjoado, mas era como água para um homem sedento. Piscou. Ele a sugava. Ela o fazia querer vomitar, e ele a queria toda. Piscou. O triângulo com o círculo o queimava, ele podia senti-lo carbonizando sua mão. Piscou. Ele queria tudo! Ele gritou, uivando de dor, uivando de desejo.

Piscou… piscou… piscoupiscoupiscou…

Algumas mãos o puxaram, ele as percebeu apenas vagamente. Recuou, cambaleante, enquanto o vazio desaparecia. A luz e também o mal-estar que se insinuava nele. A luz. Ele a viu desaparecer com tristeza. *Luz, que loucura desejar isso. Mas eu estava tão* cheio *dela! Eu estava tão…* Zonzo, ele encarou Selene. Era ela quem o segurava pelos ombros, encarando-o intrigada. Ele ergueu a mão na frente do rosto. A marca de garça estava lá, porém nada além disso. Nenhum triângulo dentro de um círculo fora marcado em sua pele.

— Notável — comentou Selene, devagar. Ela olhou de relance para Loial e Hurin. O Ogier parecia aturdido, com os olhos arregalados do tamanho de pratos, e o farejador estava agachado com uma das mãos no chão, como se não tivesse certeza de que conseguiria se equilibrar de outra forma. — Todos estamos aqui, e também todos os cavalos. E você sequer sabe o que fez. Notável.

— Estamos…? — Rand começou a perguntar com a voz rouca, mas precisou parar para engolir em seco.

— Olhe ao redor — respondeu Selene. — Você nos trouxe para casa. — De repente, ela soltou uma gargalhada. — Você trouxe todos nós para casa.

Pela primeira vez, Rand se deu conta do ambiente que, outra vez, o cercava. Ao redor, havia uma clareira sem nenhuma escada, embora

aqui e ali houvesse um pedaço suspeito de pedra lisa colorida, vermelha ou azul. A coluna jazia junto à encosta da montanha, meio enterrada pela rocha que se soltara em um deslizamento. Os símbolos não estavam claros, o vento e a água os haviam desgastado por muito tempo. E tudo parecia real. As cores eram sólidas, o granito era de um cinza forte e os arbustos, verdes e marrons. Depois daquele outro mundo, tudo parecia quase vívido demais.

— Casa — murmurou Rand, então começou a rir também. — Estamos em casa.

A risada de Loial soou como o mugido de um touro. Hurin dançou e deu piruetas.

— Você conseguiu — constatou Selene, inclinando-se para mais perto, até seu rosto ocupar o campo de visão de Rand. — Eu sabia que conseguiria.

Rand parou de rir.

— Eu… É, acho que consegui. — Ele olhou de relance para a Pedra-portal caída e conseguiu dar uma risada fraca. — Mas gostaria de saber o que foi que fiz.

Selene olhou bem no fundo dos olhos dele.

— Talvez um dia você saiba — disse, com a voz suave. — Você com certeza está destinado a grandes feitos.

Os olhos dela pareciam tão escuros e profundos quanto a noite, macios como veludo. Sua boca… *Se eu a beijasse…* Ele piscou e recuou depressa, pigarreando.

— Selene, por favor, não conte isso a ninguém. Sobre a Pedra-portal e sobre mim. Eu não entendo o que acontece, e ninguém mais entenderá. Você sabe como as pessoas são com as coisas que não entendem.

O rosto dela não tinha expressão alguma. De repente, desejou com fervor que Mat e Perrin estivessem ali. Perrin sabia falar com garotas, e Mat sabia mentir. Ele não era capaz de fazer nenhuma das duas coisas direito.

De súbito, Selene sorriu e fez uma mesura debochada.

— Manterei seu segredo, lorde Rand al'Thor.

Rand olhou de relance para ela e pigarreou outra vez. *Ela está zangada comigo? Ficaria zangada se eu tivesse tentado beijá-la, acho* . Desejou que ela não o olhasse daquele jeito, como se soubesse o que ele estava pensando.

— Hurin, existe alguma chance de que os Amigos das Trevas tenham usado essa Pedra antes de nós?

O farejador negou com a cabeça, timidamente.

— Eles estavam se desviando para oeste, Lorde Rand. A menos que esses portais sejam mais comuns do que eu imagino, diria que ainda estão naquele outro mundo. Mas eu não levaria nem uma hora

para veri ficar. A terra aqui é a mesma de lá, e eu conseguiria encontrar o lugar onde perdi o rastro, se é que o senhor me entende, e ver se eles já estão longe.

Rand olhou para o céu. O sol, um sol maravilhosamente forte e nem um pouco pálido, já ia baixo a oeste, estendendo as sombras dos quatro sobre a clareira. O crepúsculo deveria chegar em mais uma hora.

— Pela manhã — respondeu. — Mas receio que já os perdemos. — *Não podemos perder aquela adaga! Não podemos!* — Selene, se esse for o caso, pela manhã nós a levaremos de volta ao seu lar. Fica na cidade de Cairhien mesmo, ou…?

— Pode ser que vocês ainda não tenham perdido a Trombeta de Valere — disse Selene, baixinho. — Como sabem, eu sei *um pouco* sobre esses mundos.

— *Espelhos da Roda* — concordou Loial.

Ela o olhou, então assentiu.

— Sim. Exatamente. Esses mundos de fato são uma espécie de espelhos, ainda mais aqueles que não têm gente. Uns refletem apenas grandes acontecimentos do mundo verdadeiro, enquanto outros já têm uma sombra desse re flexo antes mesmo que o evento ocorra. A passagem da Trombeta de Valere decerto seria um grande acontecimento. Re flexos do que será se revelam mais fracos do que re flexos do que é ou do que foi, e Hurin disse que o rastro que seguiu estava fraco.

Hurin piscou, incrédulo.

— A senhora quer dizer, milady, que eu estava sentindo o cheiro de onde aqueles Amigos das Trevas *vão* passar? Que a Luz me ajude, eu não gostaria disso! Já é ruim o bastante sentir onde a violência esteve, sem ter que sentir também onde ela *vai estar*. Não deve haver muitos pontos onde não acontecerá *algum* tipo de violência em *algum* momento. Isso seria o bastante para me deixar louco. Aquele lugar de onde acabamos de sair quase conseguiu. Lá, eu podia sentir o tempo todo o cheiro de morte, sofrimento e o mal mais vil que se pode imaginar. Podia até mesmo sentir o cheiro daquilo em nós. Em todos nós. Até mesmo na senhora, milady, se me permite dizer. É que aquele lugar mexeu tanto comigo como mexia com meus olhos. — Ele tremeu. — Estou feliz por termos saído. Ainda não consegui parar de sentir aquele cheiro.

Rand esfregou a marca na palma da mão, distraído.

— O que acha, Loial? Será que é mesmo possível estarmos à frente dos Amigos das Trevas de Fain?

O Ogier deu de ombros, franzindo a testa.

— Não sei, Rand. Não sei nada sobre isso. Acho que voltamos ao nosso mundo. Acho que estamos na Adaga do Fratricida. Tirando

isso… — Ele deu de ombros outra vez.

— Deveríamos levá-la para casa, Selene — disse Rand. — Sua família deve estar preocupada.

— Em alguns dias veremos que estou certa — interrompeu ela, com impaciência. — Hurin consegue descobrir onde perdeu o rastro, ele mesmo disse. Podemos vigiar o rastro. A Trombeta de Valere não deve estar muito além do alcance, aqui. A Trombeta de Valere, Rand. Pense nisso. O homem que soar a Trombeta será uma lenda para sempre.

— Eu não quero ter nada a ver com lendas — respondeu, ríspido. *Mas se os Amigos das Trevas passarem por você… E se Ingtar os perder? Os Amigos das Trevas ficarão com a Trombeta de Valere para sempre, e Mat morrerá* . — Está certo, em alguns dias. Na pior das hipóteses, é provável que a gente encontre Ingtar e os outros. Não acho que eles tenham parado ou voltado só porque nós… fomos embora.

— Sábia decisão, Rand — concordou Selene —, e bem pensada.

Ela tocou o braço dele e sorriu, e Rand se viu pensando outra vez em beijá-la.

— Ah… precisamos ir mais para perto de onde eles passarão, se passarem. Hurin, pode encontrar um lugar para acamparmos antes de escurecer, um lugar de onde possamos vigiar o ponto onde você perdeu o rastro? — Ele olhou de relance para a Pedra-portal e pensou em dormir ali ao lado, mas se lembrou de como o vazio se insinuara nele durante o sono, da última vez, e na luz dentro do vazio. — Um lugar bem longe daqui.

— Pode deixar, Lorde Rand. — O farejador subiu na sela depressa. — Juro que nunca mais vou dormir sem analisar o tipo de pedra que existe por perto.

Quando Rand tirou Vermelho da clareira, surpreendeu-se olhando mais para Selene do que para Hurin. Ela parecia tão calma e controlada… Não era mais velha do que ele, mas tinha um aspecto régio. No entanto, quando sorria para Rand, como fizera havia pouco… *Egwene não teria dito que eu era sábio. Ela teria me chamado de cabeça de lã*. Irritado, meteu os calcanhares nos flancos de Vermelho.

18

Rumo à Torre Branca

Egwene se equilibrou no convés instável enquanto o *Rainha do Rio* descia depressa o largo Erinin, sob um céu de nuvens escuras, com as velas bem in ladas e o estandarte da Chama Branca balançando com violência no mastro principal. A intensidade do vento aumentara assim que o último passageiro subiu a bordo dos navios, lá em Meddo, e desde então não falhara nem diminuíra por um instante sequer, de dia ou de noite. A corrente do rio aumentara e ele transbordara, como ainda fazia, batendo nos navios enquanto os impulsionava para a frente. O vento e o rio não diminuíam a velocidade, muitos menos os navios que viajavam juntos. O *Rainha do Rio* liderava, o que era de se esperar do transporte que levava o Trono de Amyrlin.

O timoneiro segurava o leme muito sério, com os pés bem separados plantados no convés, e os marinheiros caminhavam descalços, concentrados em suas tarefas. Quando olhavam para o céu ou para o rio, afastavam os olhos de repente, resmungando em voz baixa. Uma aldeia desaparecia do campo de visão atrás deles naquele instante, e um garoto corria ao longo da margem. Ele correra com os navios por uma curta distância, mas agora estava ficando para trás. Quando o menino desapareceu, Egwene foi lá para baixo.

Na pequena cabine que dividiam, Nynaeve, em sua cama estreita, a olhou irritada.

— Disseram que chegaremos a Tar Valon ainda hoje. Que a Luz me ajude, mas vou ficar feliz em pôr os pés em terra firme outra vez, mesmo que seja em Tar Valon. — O navio sacolejou com o vento e a correnteza, e Nynaeve engoliu em seco. — Nunca mais pisarei em um

barco — disse, sem fôlego.

Egwene sacudiu as gotículas de água do rio de seu manto e o pendurou em um gancho na porta. Não era uma cabine grande, não havia cabines grandes no navio, pelo que parecia, nem mesmo a do capitão, que a Amyrlin tomara para si, embora fosse maior do que as outras. Com as duas camas embutidas nas paredes, prateleiras entre elas e gabinetes acima, tudo ficava mais à mão.

Embora não fosse fácil manter o equilíbrio, os movimentos do navio não a incomodavam como à Nynaeve. Egwene desistira de oferecer comida à Sabedoria depois da terceira vez que a mulher jogou a tigela nela.

— Estou preocupada com Rand — disse.

— Estou preocupada com todos eles — respondeu Nynaeve, com tristeza. Depois de um instante, perguntou: — Teve outro sonho ontem à noite? Do jeito que ficou olhando para o nada desde que se levantou…

Egwene assentiu. Ela nunca fora muito boa em esconder as coisas de Nynaeve, e nem tentara esconder os sonhos. A Sabedoria procurou tratá-la com seus remédios no começo, até descobrir que uma das Aes Sedai estava interessada, então passou a acreditar.

— Foi como os outros. Diferente, mas do mesmo tipo. Rand está passando por algum tipo de perigo. Eu sei. E está ficando pior. Ele fez ou está prestes a fazer algo que vai deixá-lo… — Ela se jogou na cama e se inclinou na direção da outra mulher. — Só queria conseguir entender um pouco disso tudo.

— Canalizar? — perguntou Nynaeve, baixinho.

Sem querer, Egwene olhou ao redor para ver se alguém ouvia. Elas estavam sozinhas, com a porta fechada, mas, ainda assim, respondeu em voz baixa.

— Não sei. Talvez. — Não havia como dizer o que as Aes Sedai poderiam fazer se ouvissem aquilo, e ela já vira o bastante para acreditar em todas as histórias sobre seus poderes, então não correria o risco de ser ouvida. *Não posso colocar Rand em perigo. Se fosse para fazer o que é certo, eu contaria a elas. Mas Moiraine sabe e não disse a ninguém. E é Rand! Não posso*. — Não sei o que fazer.

— Anaiya disse mais alguma coisa sobre esses sonhos? — Nynaeve parecia fazer questão de nunca acrescentar o honorí ico “Sedai”, mesmo quando as duas estavam sozinhas. A maioria das Aes Sedai parecia não ligar, mas o hábito tinha atraído alguns olhares estranhos e outros bem ríspidos. Ela iria começar o treinamento na Torre Branca, afinal.

— “Há de ser o que a Roda tecer.” — disse Egwene, citando Anaiya. — “O rapaz está longe, criança, e não há nada que possamos fazer até termos mais informações. Eu mesma testarei você assim que

chegarmos à Torre Branca, criança." Aarrgh! Ela *sabe* que há alguma verdade nesses sonhos. Eu sei que ela sabe. Gosto dela, Nynaeve, de verdade. Mas ela não vai me *dizer* o que quero saber. E eu não posso contar tudo a ela. Talvez, se pudesse…

— Sonhou com o homem mascarado outra vez?

Egwene assentiu. De algum modo, estava certa de que era melhor não contar a Anaiya a respeito dele. Não podia imaginar por quê, mas estava certa disso. O homem com olhos de fogo aparecera em seus sonhos três vezes, ele vinha sempre que ela sonhava algo que a convencia de que Rand estava em perigo. E sempre usava uma máscara cobrindo o rosto. Às vezes ela conseguia ver seus olhos, às vezes via apenas fogo no lugar deles.

— Ele riu de mim. Foi com tanto… desprezo. Como se eu fosse um cachorrinho que ele precisava empurrar com o pé para fora do caminho. Isso me assusta. Ele me assusta.

— Você tem certeza de que isso tem algo a ver com os outros sonhos, com Rand? Às vezes um sonho é só um sonho.

Egwene ergueu as mãos em um gesto frustrado.

— E às vezes, Nynaeve, você fala como a Anaiya Sedai! — Ela enfatizou o título e ficou satisfeita quando Nynaeve fez uma careta de desagrado.

— Quando eu conseguir sair desta cama, Egwene…

Batidas à porta interromperam o que a Sabedoria estava prestes a dizer. Antes que Egwene pudesse falar ou se mexer, a própria Amyrlin entrou e fechou a porta ao passar. Ela estava sozinha, por um milagre. Era raro a mulher deixar sua cabine, e, mesmo assim, sempre o fazia na companhia de Leane e, muitas vezes, de outra Aes Sedai.

Egwene se levantou em um salto. O quarto ficou um pouco abarrotado com as três ali dentro.

— Vocês duas estão se sentindo bem? — perguntou a Amyrlin, animada. Ela inclinou a cabeça para examinar Nynaeve. — Também estão comendo direito, espero? E de bom humor?

Nynaeve sentou-se com dificuldade, mantendo as costas na parede.

— Meu humor está ótimo, obrigada.

— Estamos honradas, Mãe — começou Egwene, mas a Amyrlin fez um gesto para que se calasse.

— É ótimo estar na água outra vez, mas, depois de um tempo sem ter o que fazer, as coisas ficam tediosas, paradas como o lago de um moinho. — O navio se inclinou, e, sem parecer notar, a mulher mudou de posição para continuar ereta. — Eu ensinarei a lição de hoje. — Ela se sentou na ponta da cama de Egwene, dobrando as pernas embaixo do corpo. — Sente-se, criança.

Egwene se sentou, mas Nynaeve começou a tentar se levantar.

— Acho que vou subir ao convés.

— Eu disse sente-se! — A voz da Amyrlin soou cortante como um chicote, mas Nynaeve continuou se levantando, com movimentos incertos. Ela ainda mantinha as mãos na cama, mas estava quase de pé. Egwene estava pronta para segurar quando a Sabedoria caísse.

Fechando os olhos, a mulher voltou a se sentar na cama, devagar.

— Talvez eu fique. Sem dúvida, está ventando lá em cima.

A Amyrlin deu uma gargalhada.

— Me disseram que você tem o temperamento de um martim-pescador com uma espinha entalada na garganta. Algumas delas, criança, disseram que passar um tempo como noviça lhe faria bem, independentemente de sua idade. Eu acho que, se tiver a habilidade da qual ouvi falar, você merece ser uma das Aceitas. — E deu outra gargalhada. — Sempre acredito que se deve dar às pessoas o que elas merecem. Sim, acho que você aprenderá muito quando chegar à Torre Branca.

— Preferia que um dos Guardiões me ensinasse a usar uma espada — resmungou Nynaeve. Engoliu em seco com dificuldade e abriu os olhos. — Tem uma pessoa em quem eu gostaria de usá-la. — Egwene lançou um olhar severo para ela. Será que a Sabedoria se referia à Amyrlin, o que era estúpido, além de perigoso, ou a Lan? Ela era ríspida com Egwene toda vez que o homem era mencionado.

— Uma espada? — perguntou a Amyrlin. — Nunca achei que espadas fossem de muita serventia. Mesmo que você tivesse a habilidade, criança, sempre vai haver um homem tão bom quanto você, e com muito mais força. Mas se é uma espada o que quer… — Ela ergueu a mão. Egwene perdeu o fôlego, e até mesmo Nynaeve arregalou os olhos: na mão da Aes Sedai havia uma espada. Com a lâmina e o cabo de um estranho branco-azulado, a arma parecia um pouco… fria. — Foi feita do ar, criança, com Ar. É tão boa quanto muitas lâminas de aço, melhor do que a maioria, mas, mesmo assim, não é de muita utilidade. — A espada se tornou uma faca de corte. Ela não encolheu, apenas era um objeto em um instante e outro no momento seguinte. — Isto, sim, é útil. — A faca de corte virou névoa, e a névoa se dissipou. A Amyrlin pousou a mão vazia no colo. — Mas qualquer uma requer mais esforço do que vale a pena. É melhor, mais fácil, apenas carregar uma boa faca. Você precisa aprender quando e como deve utilizar sua habilidade, e quando é melhor fazer as coisas do mesmo modo que qualquer mulher faria. Deixe que um ferreiro fabrique as facas para estripar peixes. Se usar o Poder Único com frequência demais, por qualquer motivo, vai acabar gostando dele mais do que deve. É aí que mora o perigo. Você começa a desejar mais dele, e, mais cedo ou mais tarde, corre o risco de canalizar mais do que consegue lidar. E isso pode exaurir sua habilidade, deixá-la como

um toco de vela queimado…

— Se preciso aprender tudo isso — interrompeu a Sabedoria, ríspida —, pre iro aprender algo útil. Todo esse… esse… "Faça o ar se mexer, Nynaeve. Acenda a luz, Nynaeve. Agora apague. Acenda de novo." Argh!

Egwene fechou os olhos por um momento. *Por favor, Nynaeve. Por favor, se controle*. Ela mordeu o lábio para evitar dizer essas palavras em voz alta.

A Amyrlin ficou em silêncio por um instante.

— Útil — disse, por fim. — Algo útil. Você queria uma espada. Suponha que um homem me atacasse com uma espada. O que eu faria? Algo útil, pode ficar certa disso. Isto, eu acho.

Por um instante, Egwene julgou ter visto um brilho ao redor da mulher na outra ponta da cama. Então, o ar pareceu engrossar. Aos olhos de Egwene, nada havia mudado, mas era possível sentir a diferença. Tentou levantar o braço: ele não se mexeu mais do que o faria se ela estivesse enterrada até o pescoço em geleia espessa. Não conseguia mover membro algum, apenas a cabeça.

— Me solte! — grunhiu Nynaeve. Seu olhar estava furioso e sua cabeça virava com força para os lados, mas o restante de seu corpo continuava sentado com a mesma rigidez de uma estátua. Egwene percebeu que não era a única que estava sendo contida. — Me solte!

— Útil, não acha? E é apenas Ar — comentou a Amyrlin com naturalidade, como se estivessem conversando durante o chá. — Um homem grande, com músculos e espada, e isso lhe é de tanta serventia quanto os pelos do peito.

— Me solte, estou mandando!

— E se eu não gostar de onde ele está, ora, posso levantá-lo.

Nynaeve gritou, furiosa, quando seu corpo subiu devagar, ainda sentado, até a cabeça quase tocar o teto.

A Amyrlin sorriu e continuou:

— Muitas vezes, eu quis usar isso para voar. Os registros dizem que as Aes Sedai *conseguiam* voar na Era das Lendas mas não explicam bem como. Não era assim, no entanto. Não funciona deste jeito. Você poderia carregar um baú do seu peso; Você parece forte. Mas, por mais que tente, não dá para carregar a si mesma.

Nynaeve sacudiu a cabeça com violência, mas nenhum outro músculo se mexeu.

— Que a Luz a queime, me solte!

Egwene engoliu em seco e torceu para não ser levantada também.

— Então — continuou a Amyrlin —, homem grande, peludo, e por aí vai. Ele não consegue me atingir, mas eu posso fazer o que quiser com ele. Ora, se eu quisesse… — Ela se inclinou para a frente, mantendo os olhos fixos em Nynaeve, e de repente seu sorriso não

parecia mais tão amigável. — Se eu quisesse, poderia virá-lo de cabeça para baixo e lhe dar umas palmadas no traseiro. Bem as… — De repente, a Amyrlin voou para trás com tanta força que sua cabeça bateu na parede e ficou ali, como se algo a empurrasse.

Egwene a encarou, com a boca seca. *Isto não está acontecendo. Não está.*

— Elas tinham razão — comentou a Amyrlin. Sua voz soava forçada, como se estivesse com dificuldade de respirar. — Disseram que você aprendia rápido. E também que era preciso deixá-la queimando de raiva para alcançar o ápice da sua capacidade. — Ela respirou fundo, com dificuldade. — Vamos nos soltar juntas, criança?

Nynaeve, ainda flutuando e com os olhos em chamas, respondeu:

— Me solte agora mesmo ou eu… — De repente, uma expressão de espanto percorreu seu rosto, uma expressão de perda. Ela mexeu a boca, mas não fez barulho.

A Amyrlin se sentou, ajeitando os ombros.

— Você ainda não sabe tudo, não é, criança? Nem a centésima parte de tudo. Não suspeitava que eu podia isolá-la da Fonte Verdadeira. Você ainda pode senti-la, mas não pode tocá-la, assim como um peixe não pode tocar a lua. Quando aprender o suficiente para ser elevada à condição de irmã, nenhuma mulher será capaz de fazer isso com você. Quanto mais forte se tornar, mais Aes Sedai serão necessárias para prendê-la contra sua vontade. Agora acha que quer aprender? — Nynaeve pressionou os lábios em uma linha fina e a encarou com um olhar lúgubre. A Amyrlin suspirou. — Se você tivesse um pouquinho menos de potencial, criança, eu lhe mandaria para a Mestra das Noviças e diria a ela para mantê-la lá pelo resto da vida. Mas você vai ter o que merece.

Nynaeve arregalou os olhos e só teve tempo para esboçar um grito antes de cair, atingindo a cama com um estrondo. Egwene estremeceu: os colchões eram inos, e a madeira embaixo era dura. O rosto de Nynaeve permaneceu impassível ao ajeitar o corpo quase imperceptivelmente.

— E agora — continuou a Amyrlin, com firmeza —, a menos que queira mais demonstrações, seguiremos com a lição. Continuaremos com sua lição, podemos dizer.

— Mãe? — murmurou Egwene. Ela ainda não conseguia mexer nada abaixo do queixo.

A Amyrlin lançou-lhe um olhar interrogativo, então sorriu.

— Ah, desculpe, criança. Me distraí com sua amiga, receio. — Egwene pôde se mover outra vez. Ela levantou os braços, só para se convencer disso. — Vocês duas estão prontas para aprender?

— Sim, Mãe — respondeu Egwene, mais do que depressa.

A Amyrlin ergueu uma sobrancelha para Nynaeve.

Depois de um instante, a Sabedoria respondeu, com a voz embargada:

— Sim, Mãe.

Egwene soltou um suspiro de alívio.

— Ótimo. Agora vamos lá. Esvaziem seus pensamentos de tudo, a não ser um botão de flor.

Egwene estava suando quando a Amyrlin partiu. Achara que algumas das outras Aes Sedai fossem professoras duras, mas aquela mulher sorridente e de rosto simples sugava cada gota de esforço, extraía-a de você, e, quando não restava mais nada, parecia perfurar seu íntimo e puxar o que ainda havia lá. Mas tudo correra bem. Quando a porta se fechou atrás da Amyrlin, Egwene levantou a mão: uma chama minúscula surgiu, equilibrada um milímetro acima da ponta de seu dedo indicador, depois saiu pulando de ponta em ponta, em cada um de seus dedos. Ela não deveria fazer aquilo sem uma professora, ou pelo menos uma das Aceitas para vigiá-la, mas estava empolgada demais com o progresso para se lembrar disso.

Nynaeve se levantou em um pulo e jogou o travesseiro na porta que se fechava.

— Essa… essa vil, desprezível, miserável… bruxa! Que a Luz a queime! Eu gostaria de dá-la de comer aos peixes! Gostaria de lhe dar um remédio que a deixaria verde pelo resto da vida! Não me interessa se ela é velha o bastante para ser minha mãe, se estivéssemos em Campo de Emond, ela não ficaria sentada assim tão confortável nem por… — Seus dentes rangeram tão alto que Egwene deu um pulo.

Deixando a chama se apagar, Egwene olhou fixamente para o colo. Desejou poder pensar em uma maneira de se esgueirar para fora do quarto sem atrair a atenção de Nynaeve.

A lição não fora boa para Nynaeve, que havia contido seu temperamento em rédea curta até a Amyrlin ir embora. Ela nunca conseguia fazer muito, a menos que estivesse zangada, e tudo saía numa explosão. Depois de uma falha atrás da outra, a Amyrlin fizera todo o possível para atiçá-la outra vez. Egwene desejou que Nynaeve esquecesse que ela estivera lá para testemunhar tudo aquilo.

Nynaeve caminhou, rígida, até a cama e ficou ali parada, encarando a parede atrás com o punho cerrado ao lado do corpo. Egwene olhava cobiçosamente para a porta.

— Não foi culpa sua — disse Nynaeve, e Egwene levou um susto.

— Nynaeve, eu…

A mulher se virou para olhá-la.

— Não foi culpa sua — repetiu, sem soar muito convencida. — Mas se você disser sequer uma palavra a respeito, eu… eu…

— Nem uma palavra — concordou Egwene, mais do que depressa. — Eu nem me lembro de nada para comentar.

Nynaeve a encarou por mais um instante, então assentiu. E deu um sorriso amargo e repentino.

— Luz, eu não sabia que *alguma coisa* podia ter um gosto pior que raiz de língua-de-ovelha crua. Me lembrarei disso da próxima vez que você fizer uma gracinha, então tome cuidado.

Egwene estremeceu. Aquela fora a primeira tentativa da Amyrlin de provocar a fúria de Nynaeve. Uma massa viscosa escura que brilhava como gordura e tinha um cheiro repulsivo aparecera de súbito e, enquanto a Amyrlin segurava a Sabedoria com o Poder, fora forçada para dentro da boca da mulher. A Amyrlin chegara até mesmo a segurar o nariz de Nynaeve para fazê-la engolir. E a Sabedoria se lembrava das coisas, bastava vê-las sendo feitas apenas uma vez. Egwene não achava que houvesse um jeito de impedi-la se lhe desse vontade de fazer aquilo. Apesar de todo o seu sucesso em fazer uma chama dançar, *ela* não conseguiria segurar a Amyrlin contra a parede.

— Pelo menos o navio não está mais deixando você enjoada.

Nynaeve soltou um grunhido, depois soltou uma risada seca e curta.

— Estou zangada demais para ficar enjoada. — Com outra risada melancólica, sacudiu a cabeça. — Estou mal demais para ficar enjoada. Luz, parece que fui arrastada por um nó de madeira. Se é esse o treinamento de uma noviça, você tem um incentivo para aprender depressa.

Egwene olhou para os próprios joelhos com uma careta de desagrado. Comparada a Nynaeve, a Amyrlin apenas a provocara de leve. Sorrira com seus sucessos, fora compreensiva com seus fracassos e depois a provocara outra vez. Mas todas as Aes Sedai disseram que seria diferente na Torre Branca. Mais di ícil, embora não explicassem como. Se ela tivesse de passar pelo que Nynaeve passou dia após dia, achava que não poderia suportar.

Alguma coisa mudou no movimento do navio. O balançar cessou, e pés correram no convés acima de suas cabeças. Um homem gritou algo que Egwene não entendeu bem.

Ela olhou para Nynaeve.

— Você acha… Tar Valon?

— Só há um jeito de descobrir — respondeu a outra, tirando o manto do gancho com determinação.

Quando chegaram ao convés, viram marinheiros correndo por todos os lados, soltando cordas, encurtando velas, preparando remos compridos. O vento diminuíra e agora era apenas uma brisa, e as nuvens começavam a se espalhar.

Egwene correu para a amurada.

— É sim! É Tar Valon!

Nynaeve se juntou a ela com o rosto inexpressivo.

A ilha era tão grande que mais parecia que o rio se dividira em dois. Pontes que pareciam feitas de renda se estendiam em arcos de uma margem à outra, cruzando tanto o terreno pantanoso quanto o rio. As muralhas da cidade, as Muralhas Reluzentes de Tar Valon, brilharam brancas quando o sol irrompeu por entre as nuvens. E, na margem oeste, o topo quebrado soltava uma tênue linha de fumaça: o Monte do Dragão assomava, negro, contra o céu, uma montanha se destacando entre terras planas e colinas. O Monte do Dragão, onde o Dragão morrera. O Monte do Dragão, criado pela morte do Dragão.

Egwene desejou não pensar em Rand ao olhar para a montanha. *Um homem que pode canalizar. Luz, ajude-o*.

O *Rainha do Rio* passou por uma grande abertura em uma muralha alta e circular que se projetava rio adentro. No interior, um longo cais cercava um porto redondo. Marinheiros recolhiam as últimas velas e usavam apenas os remos para mover o navio até a doca e atracá-lo com a popa voltada para a frente. Ao redor do cais comprido, os navios que chegavam eram conduzidos a blocos de ancoragem entre os navios que já se encontravam lá. O estandarte do Chama Branca fez com que os trabalhadores corressem pelo ancoradouro já cheio.

A Amyrlin chegou ao convés antes que os cabos da margem fossem amarrados, mas os trabalhadores das docas colocaram uma prancha a bordo assim que ela apareceu. Leane caminhava ao seu lado, com o cajado com ponta de chama na mão, e as outras Aes Sedai no navio as seguiram até a margem. Nenhuma delas sequer se dignou a olhar para Egwene ou Nynaeve. No cais, uma delegação saudou a Amyrlin. Aes Sedai vestidas com seus xales beijaram o anel da Amyrlin e curvaram-se em mesuras formais. O ancoradouro fervilhava entre navios descarregando e a chegada do Trono de Amyrlin. Soldados entravam em formação no desembarque, homens montavam hastes de apoio para cargas, trombetas soavam nas muralhas, competindo com os gritos de alegria dos passantes.

Nynaeve fungou desdenhosamente.

— Parece que se esqueceram de nós. Venha. Vamos nos virar.

Egwene relutou em deixar sua primeira visão de Tar Valon para trás, mas seguiu Nynaeve para baixo a fim de pegar seus pertences. Quando voltaram para o convés com as sacolas nos braços, os soldados e as trombetas haviam sumido, assim como as Aes Sedai. Homens abriam alçapões ao longo do cais e baixavam cabos nos porões de carga.

No convés, Nynaeve agarrou um estivador pelo braço, um sujeito atarracado vestindo uma camisa marrom de tecido grosso e sem mangas.

— Nossos cavalos — começou.

— Estou ocupado — grunhiu ele, se soltando com violência. — Todos os cavalos serão levados para a Torre Branca. — Ele as olhou de cima a baixo. — Se vocês têm negócios a tratar com a Torre, é melhor correrem. Aes Sedai não gostam que as novatas se atrasem.

Outro homem, pelejando com um fardo de feno que estava sendo puxado para fora do porão com um cabo, gritou para ele, que abandonou as mulheres sem olhar para trás. Egwene trocou olhares com Nynaeve. Parecia que elas de fato precisariam se virar.

A Sabedoria saiu do navio com um sorriso determinado no rosto, mas Egwene, deprimida, desceu a prancha, sentindo o cheiro de alcatrão que se espalhava pelo cais. *Toda aquela conversa de nos quererem aqui, e agora elas não parecem se importar*.

Escadarias largas levavam do cais até um grande arco de pedra vermelho-escura. Ao alcançá-la, Egwene e Nynaeve pararam para olhar.

Cada edi ício parecia um palácio, embora a maioria dos que estavam próximos ao arco parecesse conter estalagens ou lojas, a julgar pelas placas sobre as portas. Padrões intrincados de cantaria se espalhavam por toda parte, e as linhas de uma estrutura pareciam projetadas em harmonia com a seguinte, conduzindo o olhar como se tudo fizesse parte de um grande desenho. Algumas estruturas não eram nem um pouco como edi ícios, e sim como ondas gigantescas quebrando, conchas imensas ou encostas sofisticadas esculpidas pelo vento. Bem em frente ao arco, havia uma grande praça, com uma fonte e árvores, e Egwene podia ver outra mais adiante. As torres se elevavam acima de tudo, enormes e graciosas, algumas com pontes as interligando bem lá no alto. E acima de todas se erguia uma torre, mais alta e larga do que as outras e tão branca quanto as Muralhas Reluzentes.

— A beleza é de tirar o fôlego, à primeira vista — disse uma mulher atrás delas. — À décima vista também, aliás. E à centésima.

Egwene se virou. A mulher era uma Aes Sedai, a menina tinha certeza, embora não usasse xale. Ninguém mais tinha aquele rosto de idade indefinida, e ela se portava com uma segurança e uma confiança que pareciam con firmar aquilo. Um olhar para sua mão revelou o anel dourado de serpente mordendo a própria cauda. A Aes Sedai era um pouco rechonchuda, com um sorriso caloroso, e uma das mulheres com a aparência mais estranha que Egwene já vira: o excesso de peso não ocultava as maçãs do rosto altas, os olhos eram um pouco enviesados e do mais claro e pálido verde, e os cabelos eram quase da cor do fogo. Egwene mal conseguia deixar de olhar para aquela cabeleira e para aqueles olhos ligeiramente puxados.

— Foi construída pelos Ogier, é claro — continuou a mulher —, e é sua melhor obra, dizem. Uma das primeiras cidades construídas

depois da Ruptura. Não havia quinhentas pessoas reunidas aqui, na época, e não mais do que vinte irmãs, mas eles a construíram para o que seria necessário.

— É uma cidade linda — respondeu Nynaeve. — Precisamos ir até a Torre Branca. Viemos aqui para o treinamento, mas parece que ninguém se importa se vamos ou ficamos.

— Elas se importam — respondeu a mulher, sorrindo. — Eu vim para encontrá-las, mas me atrasei conversando com a Amyrlin. Sou Sheriam, a Mestra das Noviças.

— Eu não serei uma Noviça — exclamou Nynaeve com a voz firme, embora um pouco depressa demais. — A própria Amyrlin disse que eu seria uma das Aceitas.

— Foi o que me disseram — respondeu Sheriam, em tom de divertimento. — Nunca ouvi falar nisso antes, mas dizem que você é… excepcional. Porém, lembre-se de que mesmo uma das Aceitas pode ser mandada até mim. Requer que mais regras sejam quebradas do que com uma noviça, mas já aconteceu. — E virou-se para Egwene, como se ela não tivesse notado Nynaeve franzir a testa. — E você é nossa nova noviça. É sempre bom ver uma de vocês chegar. Temos bem poucas, hoje em dia. Com você, são quarenta. Só quarenta. E não mais do que oito ou nove serão elevadas às Aceitas. Embora eu não ache que você terá de se preocupar muito com isso, se trabalhar duro e se empenhar. O trabalho é árduo, e, mesmo para alguém com o potencial que dizem que você possui, não será facilitado. Se não conseguir se manter no ritmo, não importa quão duro for, ou se for do tipo que quebra sob pressão, é melhor descobrirmos agora e deixá-la seguir seu caminho do que esperar até que seja uma irmã completa e outras dependam de você. A vida de uma Aes Sedai não é fácil. Aqui iremos prepará-la para isso, se você tiver o que é necessário dentro de si.

Egwene engoliu em seco. *Quebrar sob pressão?*

— Eu tentarei, Sheriam Sedai — respondeu, com a voz fraca. *E não quebrarei.*

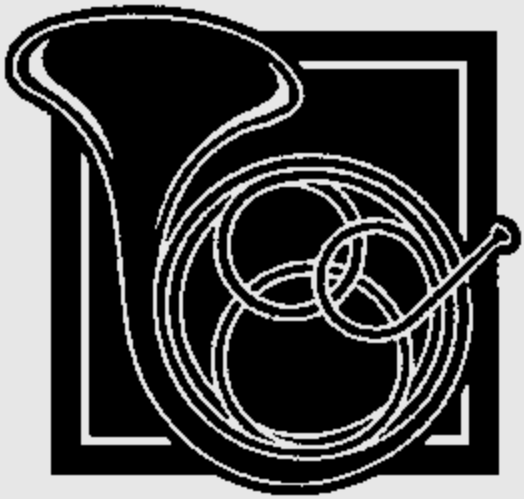
Nynaeve olhou para ela, preocupada.

— Sheriam… — Ela parou e respirou fundo. — Sheriam Sedai — Pareceu se esforçar para usar o título. — Precisa ser assim tão duro para ela? Carne e osso não aguentam tanto. Eu sei… um pouco… do que as noviças precisam passar. Decerto, não há necessidade de tentar quebrá-la apenas para descobrir a força dela.

— Você quer dizer o que a Amyrlin fez a você hoje? — As costas de Nynaeve se enrijeceram. Sheriam parecia estar tentando disfarçar seu divertimento. — Eu lhe disse que conversei com a Amyrlin. Não se preocupe com sua amiga: o treinamento das noviças é rígido, mas não tanto. Isso é guardado para as primeiras semanas das Aceitas. —

Nynaeve ficou boquiaberta, e Egwene achou que os olhos da Sabedoria pulariam de sua cabeça. — Para pegar as poucas que possam ter passado pelo treinamento das noviças quando não deveriam. Não podemos correr o risco de ter uma de nós, uma Aes Sedai completa, que vá quebrar sob a pressão do mundo exterior. — A Aes Sedai puxou as duas, passando um braço ao redor dos ombros de cada uma. Nynaeve mal pareceu perceber para onde iam. — Venham — disse Sheriam. — Vou levá-las a seus quartos. A Torre Branca as aguarda.

19



Sob a Adaga

A noite nos arredores da Adaga do Fratricida estava fria, como sempre eram frias as noites nas montanhas. O vento forte descia sobre eles trazendo o ar gelado dos picos nevados. Rand se remexia no chão duro, puxando o manto e o cobertor, semiadormecido. Levou a mão até a espada ao seu lado. *Mais um dia*, pensou, sonolento. *Só mais um, então vamos embora. Se ninguém vier amanhã, Ingtar ou os Amigos das Trevas, levarei Selene até Cairhien*.

Ele já dissera isso a si mesmo antes. Dizia a si mesmo que já era hora de partir todos os dias que passavam por ali, ao lado da montanha, observando o lugar onde Hurin tinha dito que o rastro estivera no outro mundo — onde Selene a firmava que os Amigos das Trevas decerto apareceriam neste. Selene falava da Trombeta de Valere, tocava em seu braço e olhava em seus olhos, e, antes que se desse conta, ele já havia concordado em esperar mais um dia antes de partirem.

Rand tremeu por causa do vento frio e pensou em Selene tocando em seu braço e olhando em seus olhos. *Se Egwene visse isso, me tosquiaria como a uma ovelha, e Selene também. Egwene já deve estar em Tar Valon a essa altura, aprendendo a ser uma Aes Sedai. Da próxima vez que me vir, ela provavelmente tentará me amansar*.

Enquanto ele se mexia, sua mão deslizou pela espada e tocou o embrulho que continha a harpa e a lauta de Thom Merrilin. Sem perceber, seus dedos agarraram com força o manto do menestrel. *Eu era feliz naquela época, acho, mesmo fugindo para salvar minha vida. Tocando a lauta para pagar meu jantar. Era ignorante demais para*

entender o que estava se passando. Não há como voltar atrás.

Tremendo, ele abriu os olhos. A única luz vinha da lua minguante, que tinha acabado de sair da fase cheia e estava baixa no céu. Uma fogueira os denunciaria para aqueles que aguardavam. Loial resmungou em seu sono, produzindo um ronco baixo. Um dos cavalos batia o casco no chão. Hurin pegara a primeira vigília e estava em um a floramento de rocha um pouco acima, na montanha. Em pouco tempo, viria acordar Rand para a troca de turnos.

Ele se virou… e parou. Sob o luar, podia ver a forma de Selene curvada sobre sua sela, com as mãos nos estribos. Seu vestido branco re fletia a luz fraca.

— Você precisa de alguma coisa?

Ela deu um pulo e olhou para ele.

— Você… você me assustou.

Ele se levantou, deixando o cobertor de lado e se enrolando no manto, e foi até ela. Tinha certeza de que deixara os alforjes bem ao seu lado ao se deitar, pois sempre os mantinha por perto. Ele os tirou das mãos dela. Todas as fivelas estavam amarradas, até as laterais, que seguravam a maldita bandeira. *Como minha vida pode depender dela? Se alguém a vir e souber o que ela é, morrerei por levá-la comigo* . Olhou desconfiado para Selene.

Ela permaneceu onde estava, olhando para ele. O luar re fletia em seus olhos escuros.

— Ocorreu-me — explicou — que estou usando este vestido há tempo demais. Eu podia escová-lo, ao menos, se tivesse outra coisa para vestir enquanto o escovo. Uma das suas camisas, talvez.

Rand assentiu, sentindo um súbito alívio. A roupa dela parecia tão limpa quanto na primeira vez em que a vira, mas ele sabia que, se uma manchinha aparecesse no vestido de Egwene, ela não sossegava até limpá-lo.

— É claro.

Ele abriu o bolso enorme, dentro do qual enfiara tudo o que tinha, exceto o estandarte, e puxou uma das camisas de seda branca.

— Obrigada.

Ela levou as mãos até as costas. Até os botões, ele percebeu.

Arregalando os olhos, ele se virou na hora.

— Se você pudesse me ajudar com eles, seria muito mais fácil.

Rand pigarreou.

— Não seria correto. Não é como se estivéssemos prometidos, ou… — *Pare de pensar nisso! Você nunca poderá se casar!* — Não seria correto, só isso.

A risada suave de Selene fez com que ele se arrepiasse todo, como se ela tivesse passado um dedo ao longo de suas costas. Ele tentou não prestar atenção ao farfalhar atrás de si. E começou a falar:

— Ah… amanhã… amanhã, partiremos para Cairhien.

— E a Trombeta de Valere?

— Talvez estivéssemos errados. Talvez eles não estejam vindo para cá, a final. Hurin diz que existem várias passagens pela Adaga do Fratricida. Se eles fossem apenas um pouco mais para oeste, não precisariam entrar nas montanhas.

— Mas o rastro que seguimos levava até aqui. Eles virão para cá. A Trombeta virá para cá. Você já pode se virar.

— É o que você diz, mas não sabemos… — Ele se virou, e as palavras morreram em sua garganta. O vestido estava pendurado nos braços de Selene, e a jovem usava sua camisa, que nela ficava folgada. Era uma camisa de fraldas longas, feita para sua altura, mas ela era alta para uma mulher. A barra ia até pouco mais da metade das coxas. Não que ele nunca tivesse visto as pernas de uma garota antes, as garotas de Dois Rios sempre amarravam as saias antes de atravessar os lagos do Manguezal. Mas paravam de fazê-lo bem antes de terem idade suficiente para trançar os cabelos. Além disso, estava escuro, e o luar parecia fazer a pele dela brilhar.

— O que é que você não sabe, Rand?

O som daquela voz descongelou suas juntas. Com uma tosse alta, ele se virou para olhar para o outro lado.

— Hã… eu acho… hã… eu… hã…

— Pense na glória, Rand. — A mão dela tocou suas costas, e ele quase soltou um gritinho humilhante. — Pense na glória que terá aquele que encontrar a Trombeta de Valere. Como vou me orgulhar de estar ao lado daquele que segurar a Trombeta. Você não faz ideia de onde chegaremos juntos, você e eu. Com a Trombeta de Valere em suas mãos, você pode ser um rei. Pode ser o próximo Artur Asa-de-gavião. Você…

— Lorde Rand! — Hurin apareceu no acampamento, ofegante. — Milorde, eles… — Ele parou de repente, quase escorregando, produzindo um som engasgado. Voltou seu olhar para o chão e ficou ali parado, mexendo as mãos. — Me perdoe, milady. Eu não quis… Eu… Me perdoe.

Loial se sentou, e o cobertor e o manto que usava escorregaram.

— O que houve? Já é a minha vez de montar guarda? — Ele olhou na direção de Rand e Selene, e, mesmo ao luar, era possível ver seus olhos arregalados.

Rand ouviu Selene suspirar atrás de si. Ele se afastou, ainda sem olhá-la. *As pernas dela são tão brancas, tão lisas*.

— O que foi, Hurin? — Esforçou-se para soar calmo. Estava zangado com Hurin, consigo mesmo ou com Selene? *Não há por que ficar zangado com ela.* — Você viu algo, Hurin?

O farejador respondeu sem olhá-lo:

— Uma fogueira, milorde, lá nas colinas. Levou algum tempo até eu ver. Eles fizeram uma bem pequena para ficar escondida, mas só conseguiram esconder de alguém que os estivesse seguindo, não de alguém mais adiantado e daqui de cima. Duas milhas, Lorde Rand. Menos de três, com certeza.

— Fain — disse Rand. — Ingtar não teria medo de ser seguido. Deve ser Fain. — De repente, ele não sabia mais o que fazer. Estiveram esperando por Fain, mas naquele momento, que o homem estava a apenas poucas milhas de distância, Rand se viu indeciso. — Amanhã… Amanhã vamos segui-los. Quando Ingtar e os outros nos alcançarem, poderemos apontar o caminho certo para eles.

— Então — concluiu Selene —, você deixará esse tal de Ingtar ficar com a Trombeta de Valere. E a glória.

— Eu não quero… — Sem pensar, ele se virou, e lá estava ela, com pernas pálidas ao luar e parecendo tão indiferente a isso como se estivesse sozinha. *Como se nós estivéssemos sozinhos*, foi o pensamento que lhe ocorreu. *Ela quer o homem que encontrar a Trombeta* . — Nós três não conseguiremos recuperá-la sozinhos. Ingtar traz vinte piqueiros consigo.

— Você não sabe se conseguiria recuperá-la ou não. Quantos seguidores esse homem tem? Você também não sabe. — A voz dela soava calma, mas insistente. — Você nem sabe se aqueles homens acampados estão com a Trombeta. A única maneira de saber é descer até lá e ver por si mesmo. Leve o *alantin* com você*:* a espécie dele tem uma visão aguçada, até mesmo ao luar. E ele é forte o bastante para carregar o baú da Trombeta, se você tomar a decisão certa.

Ela tem razão. Você não tem certeza de que é Fain . Que maravilha seria se tivesse feito Hurin seguir um rastro que não estava ali, mantendo todos em campo aberto caso os verdadeiros Amigos das Trevas finalmente aparecessem.

— Eu vou sozinho — disse. — Hurin e Loial vão proteger você.

Rindo, Selene foi até ele com tanta graça que quase parecia dançar. As sombras da lua cobriam seu rosto com um véu de mistério quando ela olhou para ele, e o mistério a tornava ainda mais bonita.

— Eu sou capaz de me defender sozinha até você voltar para me proteger. Leve o *alantin*.

— Ela está certa, Rand — concordou Loial, se levantando. — Eu posso ver à noite melhor do que você. Com meus olhos, talvez não seja preciso chegarmos tão perto quanto se você fosse sozinho.

— Muito bem. — Rand caminhou até a espada e a afivelou à cintura. Deixou o arco e a aljava onde estavam: um arco não era muito útil no escuro, e ele pretendia olhar, não lutar. — Hurin, mostre-me a fogueira.

O farejador obedeceu, escalando meio atrapalhado a encosta até o

a floramento, que mais parecia um imenso polegar de rocha despontando da montanha. A fogueira era apenas uma fagulha, e o rapaz não conseguiu vê-la da primeira vez que Hurin a apontou. Quem quer que a tivesse feito não queria que fosse vista. Ele a gravou em sua mente.

Quando voltaram ao acampamento, Loial já encilhara Vermelho e seu próprio cavalo. Quando Rand subiu nas costas do baio, Selene pegou sua mão.

— Lembre-se da glória — disse, com suavidade. — Lembre-se. — A camisa parecia lhe servir melhor do que ele lembrava, moldando-se ao seu corpo.

Ele respirou fundo e retirou a mão da dela.

— Guarde-a com sua vida, Hurin. Loial?

Pressionou os calcanhares nos flancos de Vermelho com gentileza. A grande montaria do Ogier o seguiu devagar.

Não tentaram ir depressa. A noite envolvia a encosta da montanha, e as sombras da lua tornavam seus passos incertos. Rand não podia mais ver a fogueira, sem dúvida ela ficava mais bem escondida de olhares que vinham da mesma altura, mas se lembrava de sua localização. Para alguém que aprendera a caçar na fechada Floresta do Oeste, em Dois Rios, encontrar a fogueira não seria muito di ícil. *E depois o quê?* O rosto de Selene surgia diante dele. *Como vou me orgulhar de estar ao lado daquele que segurar a Trombeta!*

— Loial — disse de súbito, tentando espairecer —, por que ela o chama de *alantin*?

— É a Língua Antiga, Rand. — O cavalo do Ogier, inseguro, escolhia com cuidado onde pisar, mas Loial o guiava com quase tanta segurança como se fosse dia. — Significa Irmão, e é diminutivo de *tia avende alantin*. Irmão das Árvores. Irmão das Árvores. É muito formal, mas ouvi dizer que os cairhienos são mesmo formais. Pelo menos as Casas nobres. As pessoas comuns que eu vi não eram nem um pouco formais.

Rand franziu a testa. Um pastor não seria muito aceitável para uma Casa nobre formal de Cairhien. *Luz, Mat estava certo. Você é louco, e se acha muito importante. Mas se eu* pudesse *me casar…*

Desejou parar de pensar e, antes que se desse conta, o vazio se formara dentro de si, afastando os pensamentos, como se fossem de outra pessoa. *Saidin* brilhava para ele, tentando-o. Ele trincou os dentes e o ignorou. Era como ignorar um carvão em brasa dentro de sua cabeça, mas pelo menos conseguia mantê-lo sob controle. Por pouco. Quase deixou o vazio, mas os Amigos das Trevas estavam lá fora na noite, e cada vez mais próximos. E os Trollocs. Ele precisava do vazio, precisava até daquela calma inquietante. *Eu não preciso tocá-lo. Não preciso*.

Depois de um tempo, puxou as rédeas de Vermelho. Estavam na base de um morro, com as esparsas árvores nas encostas negras na noite.

— Acho que já estamos chegando — disse em voz baixa. — É melhor seguirmos o restante do caminho a pé.

Ele desmontou da sela e amarrou as rédeas do baio a um galho.

— Você está bem? — sussurrou Loial, também desmontando. — Você parece estranho.

— Estou bem. — Sua voz soava diferente, percebeu. Tensa. *Saidin* o chamava. *Não!* — Tome cuidado. Não sei bem a distância exata, mas aquela fogueira deve estar em algum lugar logo à frente. No alto daquele morro, eu acho.

O Ogier assentiu.

Rand se esgueirou devagar, de árvore em árvore, pisando com cuidado e segurando a espada com força, para que ela não batesse em nenhum tronco. Ficou grato pela falta de mato rasteiro. Loial o seguia como uma enorme sombra, e Rand não podia distingui-lo melhor do que isso. Tudo o mais estava envolto em sombras do luar e escuridão.

De repente, o luar iluminou as sombras à sua frente, e Rand ficou imóvel, junto ao tronco áspero de um arbusto. Montes escuros no chão se tornaram homens enrolados em cobertores e, um pouco afastado, havia um grupo de montes maiores. Trollocs adormecidos. Eles haviam apagado o fogo. Um raio de luar, atravessando os galhos, provocou um brilho de ouro e prata no chão entre os dois grupos. O luar pareceu ficar mais brilhante, e, por um instante, ele pôde ver com clareza. A forma de um homem adormecido jazia perto do brilho, mas não foi aquilo que atraiu seu olhar. *O baú. A Trombeta* . E algo acima dele, uma ponta vermelha faiscando ao luar. *A adaga! Por que Fain colocaria…?*

A imensa mão de Loial tapou a boca de Rand, além de uma boa parte de seu rosto. Ele se contorceu para olhar para o Ogier, que apontou para sua direita, lentamente, como se o movimento pudesse chamar a atenção.

A princípio, Rand não conseguiu distinguir coisa alguma, então uma sombra se moveu a menos de dez passos. Uma sombra alta e corpulenta, com um focinho. Rand prendeu a respiração. Um Trolloc. Ele levantou o focinho, como se estivesse farejando. Alguns desses monstros caçavam pelo faro.

Por um instante, o vazio tremeluziu. Alguém se mexeu no acampamento dos Amigos das Trevas, e o Trolloc se virou para olhar naquela direção.

Rand ficou imóvel, deixando a calma do vazio envolvê-lo. Sua mão estava na espada, mas ele não reparou. O vazio era tudo. O que tivesse de acontecer aconteceria. Ele ficou observando o Trolloc, sem

piscar.

A sombra com focinho ficou olhando para o acampamento dos Amigos das Trevas por um momento, e depois, como se estivesse satisfeita, deitou-se junto a uma árvore. Quase no mesmo instante, começou a emitir um som baixo, como de tecido grosso rasgando.

Loial aproximou a boca do ouvido de Rand.

— Está dormindo — sussurrou, incrédulo.

Rand assentiu. Tam lhe dissera que Trollocs eram preguiçosos, tendendo a desistir de qualquer tarefa que não fosse matar, a menos que o medo os obrigasse a continuar. Ele voltou a olhar o acampamento.

Tudo estava quieto e silencioso ali, outra vez. O luar não brilhava mais sobre o baú, mas ele agora sabia qual sombra era. Podia vê-la em sua mente, flutuando além do vazio, reluzindo dourada, com entalhes de prata, sob o brilho de *saidin*. A Trombeta de Valere e a adaga de que Mat precisava, ambas quase ao alcance de suas mãos. O rosto de Selene surgia junto ao baú. Eles poderiam seguir o grupo de Fain pela manhã e esperar até que Ingtar os alcançasse. Se ele realmente viesse, se ainda conseguisse seguir o rastro sem seu farejador. Não, nunca haveria uma chance melhor. Tudo estava ao alcance de suas mãos. Selene esperava na montanha.

Gesticulando para que Loial o seguisse, Rand deitou-se de bruços e se arrastou na direção do baú. Ele ouviu o suspiro abafado do Ogier, mas seus olhos estavam fixos naquele monte escuro à frente.

Amigos das Trevas e Trollocs jaziam à sua esquerda e à sua direita, mas ele já vira Tam se esgueirar perto o bastante de um cervo para colocar a mão no flanco do animal antes que ele saísse aos pinotes, e tentara aprender a fazer o mesmo. *Loucura!* O pensamento passou, indistinto, quase fora de alcance. *Isso é loucura. Você-está-ficando-louco!* Pensamentos vagos, pensamentos de outra pessoa.

Lenta e silenciosamente, ele se esgueirou até aquela sombra especí ica e estendeu a mão. Seus dedos tocaram relevos ornamentados feitos de ouro. Aquele era *mesmo* o baú que guardava a Trombeta de Valere. Sua mão tocou outra coisa em cima da tampa. A adaga, desembainhada. Seus olhos se arregalaram na escuridão. Ao se lembrar do que ela havia causado a Mat, ele afastou a mão de repente, e o vazio fraquejou com sua inquietação.

O homem que dormia ali perto, a menos de dois passos do baú — não havia outra pessoa a algumas braças —, gemia em seu sono e se debatia sob os cobertores. Rand permitiu que o vazio varresse os pensamentos e o medo. Murmurando desconfortável em seu sono, o homem se aquietou.

Rand levou a mão outra vez à adaga, mas sem tocá-la. Ela não fizera mal a Mat no começo. Não muito, pelo menos, não tão depressa.

Com um movimento ligeiro, ele ergueu a adaga, enfiou-a na parte de trás do cinturão e retirou a mão, como se aquilo fosse minimizar o tempo de contato com a pele nua. Talvez ajudasse, e Mat morreria sem ela. Rand podia senti-la ali, quase como um peso puxando-o para baixo, pressionando-o. Mas sensações era tão remotas quanto pensamentos, no vazio, e o toque da adaga se desvaneceu depressa, tornando-se algo a que ele estava acostumado.

Ele perdeu apenas mais um instante olhando para o baú envolto em sombras — a Trombeta deveria estar ali dentro, mas ele não sabia abri-lo e não conseguiria erguê-lo sozinho —, então olhou ao redor em busca de Loial. Encontrou o Ogier agachado não muito longe, atrás, com a imensa cabeça virando de um lado para o outro enquanto olhava dos humanos, os Amigos das Trevas, para os Trollocs, todos adormecidos. Mesmo à noite, era possível notar que os olhos de Loial estavam tão arregalados quanto podiam, do tamanho de pratos sob o luar. Rand estendeu a mão e pegou a de Loial.

O Ogier se assustou e ofegou. Rand pôs um dedo em seus lábios, então colocou a mão de Loial no baú e fez um gesto, como se o erguesse. Loial o encarou, pelo que pareceu uma eternidade naquela noite, com os Amigos das Trevas e os Trollocs por toda parte, mas não deviam ter passado mais que alguns segundos. Então, lentamente, pôs os braços ao redor do baú dourado e se levantou. Ele fez tudo parecer fácil.

Com todo o cuidado, ainda mais do que tomara ao entrar no acampamento, Rand começou a ir embora, seguindo Loial e o baú. Com ambas as mãos na espada, ele observou os Amigos das Trevas adormecidos e as formas inertes dos Trollocs. Todas aquelas figuras nas sombras começaram a ser engolidas pela escuridão, ao se afastarem. *Praticamente livres. Conseguimos!*

O homem que estava dormindo perto do baú se sentou de súbito, soltou um grito abafado e se levantou de um pulo.

— Sumiu! Acordem, seus porcos! Sumiiiiu! — A voz era de Fain: mesmo no vazio, Rand a reconhecia. Os outros se ergueram depressa, Amigos das Trevas e Trollocs, perguntando o que havia acontecido, grunhindo e resfolegando. A voz de Fain aumentou até se tornar um uivo. — Eu sei que foi você, al'Thor! Você está se escondendo de mim, mas eu sei que está aí, em algum lugar! Encontrem-no! Encontrem-no! Al'Thoooor!

Homens e Trollocs se espalharam em todas as direções.

Envolto no vazio, Rand continuou em frente. Quase esquecido quando o rapaz adentrara o acampamento, *saidin* voltou a pulsar para ele.

— Ele não pode nos ver — sussurrou Loial. — Assim que alcançarmos os cavalos…

Um Trolloc saído da escuridão investiu contra eles, com um cruel bico de águia no rosto humano, bem onde deveriam estar a boca e o nariz, e cortou o ar com sua harpe.

Rand se moveu sem pensar. Era um com a lâmina. Gato Dança no Muro. O Trolloc soltou um grito ao cair e outro ao morrer.

— Corra, Loial! — ordenou. *Saidin* o chamava. — Corra!

Ele mal percebeu Loial saindo em disparada, desajeitado, mas outro Trolloc surgiu da escuridão, com focinho e presas de javali, erguendo um machado. Rand deslizou suavemente entre o Trolloc e o Ogier. Loial precisava escapar com a Trombeta. Mais alto do que Rand e quase duas vezes mais largo, o Trolloc partiu para cima dele com uma careta silenciosa. O Cortesão Abana Seu Leque. Não houve gritos dessa vez. Ele andou de costas, na direção de Loial, vigiando a escuridão. *Saidin* cantava para ele, uma canção melodiosa. *O Poder poderia queimar todos eles, queimar Fain e sua corja, até restarem apenas cinzas. Não!*

Mais dois Trollocs, lobo e carneiro, com dentes faiscantes e chifres curvos. Lagarto no Arbusto de Espinhos. Ele se ergueu graciosamente, endireitando uma das pernas que havia dobrado, quando o segundo desabou, com os chifres quase roçando seu ombro. A canção de *saidin* o acariciava, sedutora, puxava-o com mil fios de seda. *Queime todos eles com o Poder. Não, não! Melhor morrer. Se eu morresse, tudo isso acabaria.*

Um bando de Trollocs apareceu, procurando sem muita certeza. Três deles, quatro. De repente, um deles apontou para Rand e soltou um uivo que os outros responderam ao partirem para cima dele.

— Vamos acabar logo com isso! — gritou Rand, saltando na direção deles.

Por um instante, a surpresa reduziu a velocidade deles, mas os Trollocs logo avançaram, soltando grunhidos, animados, sedentos de sangue, com espadas e machados erguidos. Rand dançou entre eles ao som da canção d e *saidin*. Beija-Flor Beija a Rosa-de-mel. Tão astuta essa canção, preenchendo-o por completo. Gato na Areia Quente. A espada parecia viva em suas mãos como nunca estivera, e ele lutava como se uma espada com a marca de garça pudesse manter *saidin* longe. A Garça Alça Voo.

Rand encarou as formas imóveis caídas no chão ao seu redor.

— Melhor morrer — murmurou.

Levantou a cabeça, olhando na direção do acampamento na colina. Fain estava lá, com os Amigos das Trevas e mais Trollocs. Eram muitos para combater. Muitos para enfrentar e sobreviver. Ele deu um passo naquela direção. E outro.

— Rand, vamos! — O sussurro urgente de Loial o alcançou no vazio. — Pela vida e pela Luz, Rand, vamos!

Com cuidado, Rand se abaixou para limpar a lâmina nas vestes de um Trolloc. Então, com a mesma formalidade que teria em um treino com Lan, ele a embainhou.

— Rand!

Como se não tivesse pressa, Rand foi até Loial, que aguardava ao lado dos cavalos. O Ogier estava amarrando o baú dourado na sela usando os cordões de seus alforjes. Pusera seu manto embaixo do baú, para ajudar a equilibrá-lo na sela arredondada.

Saidin não cantava mais. Estava ali, com aquele brilho de embrulhar o estômago, mas mantinha distância, como se Rand realmente tivesse conseguido afastá-lo. Intrigado, o rapaz deixou o vazio desaparecer.

— Acho que estou enlouquecendo — disse. De repente, percebendo onde estavam, olhou para trás e viu o caminho por onde tinham vindo. Ouviu gritos e uivos de dezenas de direções. Sinais de uma busca, mas não de uma perseguição. Ainda. Montou Vermelho.

— Às vezes não entendo metade do que você diz — comentou Loial. — Se você vai enlouquecer, pode pelo menos esperar até reencontrarmos Lady Selene e Hurin?

— Como é que você vai cavalgar com isso na sela?

— Eu vou correr!

O Ogier pontuou as palavras pondo-se a correr em um trote acelerado, puxando o cavalo atrás de si pelas rédeas. Rand o seguiu.

O ritmo que Loial definiu era o mais rápido que o cavalo conseguia trotar. Rand tinha certeza de que o Ogier não conseguiria mantê-lo por muito tempo, mas Loial não se cansou. Rand deduziu que aquilo que o amigo dissera, certa vez, sobre correr mais rápido que um cavalo poderia de fato ser verdade. De vez em quando, Loial olhava para trás enquanto corria, mas os gritos dos Amigos dos Trevas e os uivos dos Trollocs diminuíram com a distância.

Mesmo quando o chão começou a ficar mais íngreme, o ritmo de Loial quase não diminuiu, e ele chegou trotando ao acampamento na subida da montanha, apenas um pouco ofegante.

— Você a trouxe. — A voz de Selene soou exultante quando seu olhar repousou sobre o baú ornamentado preso à sela de Loial. Ela estava usando o vestido outra vez, que, para Rand, parecia tão branco quanto neve fresca — Eu sabia que você faria a escolha certa. Posso… ver?

— Algum deles o seguiu, milorde? — perguntou Hurin, ansioso. Ele olhou para o baú com assombro, mas seus olhos se voltaram para a noite, montanha abaixo. — Se algum deles o seguiu, teremos que fugir depressa.

— Acho que não. Vá ver se consegue descobrir algo. — Rand desmontou enquanto Hurin subia a montanha apressado. — Selene,

não sei abrir o baú. Loial, você sabe?

O Ogier negou com a cabeça.

— Deixe-me tentar…

Mesmo para uma mulher do tamanho de Selene, a sela de Loial era bem alta. Ela estendeu as mãos para tocar os padrões intrincados do baú, passou os dedos por eles e apertou. Ouviu-se um clique, e ela empurrou a tampa para cima, deixando-a aberta.

Selene ficou na ponta dos pés para enfiar uma das mãos no baú, mas Rand adiantou-se e pegou a Trombeta de Valere por cima do ombro dela. Ele já a vira uma vez, mas nunca a havia tocado. Embora fosse belíssima, não parecia um objeto muito antigo ou poderoso. Era uma trombeta dourada e curva, que reluzia na luz fraca, exibindo uma escrita prateada entalhada ao redor da boca da trompa. Ele tocou as letras estranhas. Pareciam refletir o luar.

— *Tia mi aven Moridin isainde vadin* — leu Selene. — O túmulo não é limite para o meu chamado. Você *será* maior do que Artur Asa-de-gavião.

— Vou levar a Trombeta para Shienar, para Lorde Agelmar. — *Ela deveria ir para Tar Valon* , pensou, *mas não quero mais saber de Aes Sedais. Que Agelmar ou Ingtar cuidem disso!* Ele colocou a Trombeta de volta no baú. O objeto refletia o luar, atraía o olhar.

— Isso é loucura — retrucou Selene.

Rand estremeceu ao ouvir aquela palavra.

— Loucura ou não, é o que farei. Eu lhe disse, Selene, não quero essa grandeza. Antes achei que quisesse. Durante um tempo, achei que quisesse coisas… — *Luz, ela é tão linda. Egwene. Selene. Não sou digno de nenhuma delas*. — Algo pareceu me dominar. — Saidin *veio atrás de mim, mas eu o combati com uma espada. Ou isso também é loucura?* Ele respirou fundo. — É para Shienar que a Trombeta de Valere deve ir. Se o lugar dela não for lá, Lorde Agelmar saberá o que fazer.

Hurin surgiu no alto da montanha.

— A fogueira foi acesa outra vez, Lorde Rand, e está bem maior. E acho que ouvi gritos. Dá para ouvi-los de todas as colinas, mas acho que ainda não chegaram à montanha.

— Você não entendeu o que eu quis dizer, Rand — explicou Selene. — Não pode recuar. Já está envolvido. Aqueles Amigos da Escuridão não vão embora só porque você pegou a Trombeta. Pelo contrário. A menos que saiba um modo de matá-los, eles vão caçá-lo como você os caçou.

— Não! — Loial e Hurin pareceram surpresos com a veemência de Rand. Ele suavizou seu tom de voz. — Não sei como matar todos eles. Se depender de mim, eles podem viver para sempre.

Selene balançou a cabeça, sacudindo seus longos cabelos.

— Então, você não pode voltar, apenas seguir em frente. Poderá

chegar à segurança das muralhas de Cairhien muito antes do que conseguiria retornar a Shienar. A ideia de passar mais alguns dias em minha companhia é tão terrível assim?

Rand olhou fixamente para o baú. A companhia de Selene estava longe de ser um fardo, mas, perto dela, ele não conseguia deixar de pensar em coisas que não deveria. Mesmo assim, se tentasse cavalgar de volta para o norte, correria o risco de encontrar Fain e seus seguidores. Nisso, Selene tinha razão. Fain jamais desistiria. Ingtar também não. Se Ingtar viesse pelo sul, e Rand não via motivos para ele desviar do caminho, chegaria a Cairhien mais cedo ou mais tarde.

— Cairhien — concordou. — Você terá que me mostrar onde mora, Selene. Nunca estive em Cairhien.

Ele estendeu a mão para fechar o baú.

— Você pegou mais alguma coisa dos Amigos da Escuridão? — perguntou Selene. — Você mencionou uma adaga.

Como pude esquecer? Ele deixou o baú aberto e tirou a adaga do cinturão. A lâmina nua era curvada como um chifre, e a bainha era de serpentes douradas. Cravado no cabo, um rubi do tamanho de seu polegar brilhava como um olho maligno à luz do luar. Por mais ornamentada que fosse, por mais maculada que fosse, como ele bem sabia, não parecia diferente de qualquer outra faca.

— Tome cuidado — disse Selene. — Não vá se cortar.

Rand sentiu um calafrio. Se carregá-la já era perigoso, ele não queria saber o que um corte faria.

— Isto é de Shadar Logoth — contou aos outros. — Ela perverte quem a carrega por muito tempo, macula até os ossos, assim como Shadar Logoth é maculada. Sem a Cura das Aes Sedai, essa mácula acaba matando.

— Então, esse é o mal que aflige Mat — comentou Loial, suavemente. — Eu nunca suspeitei.

Hurin ficou olhando fixamente para a adaga na mão de Rand e limpou as próprias mãos na frente do casaco. O farejador não parecia contente.

— Nenhum de nós deve segurá-la por mais tempo que o necessário — prosseguiu Rand. — Encontrarei um jeito de carregá-la…

— Ela é perigosa. — Selene franziu a testa, olhando para a lâmina como se as serpentes fossem de verdade, e venenosas. — Jogue-a fora. Deixe-a, ou enterre-a se deseja evitar que outras mãos a toquem, mas livre-se dela.

— Mat precisa dela — respondeu Rand, com firmeza.

— Ela é perigosa demais. Você mesmo disse.

— Ele precisa dela. A Am… As Aes Sedai disseram que Mat morreria se elas não a usassem na hora da Cura. — *Elas ainda têm um*

cordão amarrado nele, mas esta lâmina vai cortá-lo. Até que eu me livre dela e da Trombeta, elas também terão um cordão amarrado em mim, mas eu não vou dançar, por mais que o puxem.

Ele colocou a adaga no baú, dentro da curva da Trombeta, onde cabia perfeitamente, e abaixou a tampa, que se fechou com um estalo seco.

— Isso deverá nos proteger.

Torceu para que fosse verdade. Lan dissera que a hora de parecer mais certo era quando se tinha menos certeza.

— O baú decerto nos protegerá — concordou Selene, com a voz contida. — E agora pretendo terminar o que restou da minha noite de sono.

Rand sacudiu a cabeça.

— Estamos perto demais. Fain parece capaz de me encontrar, às vezes.

— Busque a Unidade, se tem medo — respondeu Selene.

— Eu quero estar o mais longe possível desses Amigos das Trevas quando a manhã chegar. Vou encilhar sua égua.

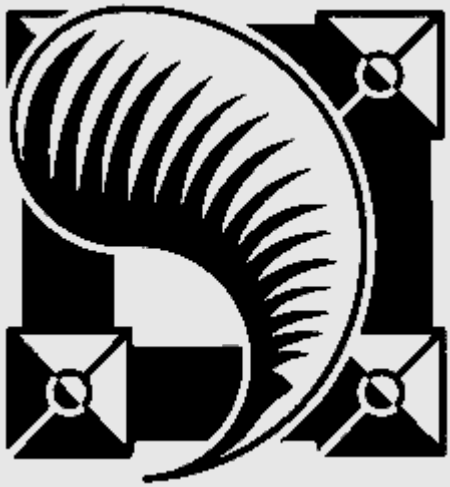
— Teimoso! — Ela parecia zangada e, quando a olhou, Rand viu que sua boca estava curvada em um sorriso que não chegava aos olhos escuros. — Homens teimosos são melhores depois que… — Ela não terminou a frase, o que o preocupou. Parecia que as mulheres sempre deixavam coisas não ditas, e, em sua experiência limitada, era o que elas não diziam que acabava por causar mais problemas. Ela observou em silêncio enquanto ele jogava a sela dela nas costas da égua branca e se curvava para apertar as correias. — Reúna todos! — ordenou Fain, ríspido. O Trolloc de focinho de bode recuou. A fogueira, agora alimentada por muita madeira, iluminava o topo do morro com sombras tremeluzentes. Seus seguidores humanos se aglomeravam perto do fogo, com medo de ficar no escuro com o restante dos Trollocs. — Reúna todos, cada um que ainda estiver vivo, e, se alguém pensar em fugir, faça com que saibam que terão o mesmo fim que aquele ali. — Ele indicou o primeiro Trolloc que lhe trouxera a notícia de que al'Thor não fora encontrado. Ele ainda se debatia no chão enlameado pelo próprio sangue, os cascos escavando a terra enquanto estrebuchava. — Vá — sussurrou Fain, e o Trolloc de focinho de bode saiu correndo noite afora.

Fain olhou com desprezo para os outros humanos — *Eles ainda serão úteis* — e depois se virou para a noite, na direção da Adaga do Fratricida. Al'Thor estava lá em cima, em algum lugar nas montanhas. Com a Trombeta. Seus dentes rangeram audivelmente ao pensar naquilo. Ele não sabia bem onde, mas algo o puxava na direção das montanhas. Na direção de al'Thor. Essa parte do… dom… do Tenebroso permanecia com ele. Ele mal pensara naquilo, tentara não

pensar, até que, de repente, quando a Trombeta desapareceu — *Desapareceu!* —, al'Thor estava ali, atraindo-o como a carne atrai um cão faminto.

— Eu não sou mais um cão. Não sou mais um cão! — Ele ouviu os outros se mexerem, desconfortáveis, ao redor da fogueira, mas os ignorou. — Você pagará pelo que aconteceu comigo, al'Thor! O mundo pagará! — Ele riu para a noite, uma gargalhada louca. — O mundo pagará!

20



Saidin

Rand fez o grupo cavalgar noite adentro, permitindo apenas uma breve parada ao amanhecer, para os cavalos descansarem. E para Loial descansar. Com o baú da Trombeta de Valere ocupando sua sela, o Ogier caminhava ou trotava à frente de seu grande cavalo, sem nunca reclamar ou atrasá-los. Em algum momento da noite, eles haviam cruzado a fronteira de Cairhien.

— Eu quero vê-la de novo — declarou Selene, quando pararam. Ela desmontou e foi até o cavalo de Loial. Suas sombras, compridas e finas, apontavam para oeste sob o sol que começava a despontar no horizonte. — Desça-a do cavalo para mim, *alantin*. — Loial começou a desamarrar o baú. — A Trombeta de Valere.

— Não — retrucou Rand, desmontando de Vermelho. — Loial, não.

O Ogier olhou de Rand para Selene, com as orelhas tremelicando em dúvida, mas, mesmo assim, afastou as mãos.

— Eu quero ver a Trombeta — disse Selene, em tom de exigência.

Rand tinha certeza de que ela não era mais velha do que ele, mas naquele momento pareceu tão velha e fria quanto as montanhas, e com postura mais régia do que a Rainha Morgase no ápice de sua altivez.

— Acho que deveríamos manter a adaga protegida — respondeu Rand. —Até onde sei, olhar para ela pode ser tão ruim quanto tocá-la. Deixe-a ficar onde está até que eu possa deixá-la nas mãos de Mat. Ele… ele pode levá-la de volta para as Aes Sedai. — *E que preço elas cobrarão por essa Cura? Mas ele não tem escolha* . Sentiu-se um pouco

culpado pelo alívio que sentiu por ele, ao menos, já não ter mais nada a tratar com as Aes Sedai. *Eu não tenho mais nada a ver com elas. De um jeito ou de outro*.

— A adaga! Você só se importa com essa adaga. Eu já disse para se livrar dela. Agora, a Trombeta de Valere, Rand.

— Não.

Ela foi até ele, com um andar que o fez se sentir como se tivesse algo preso na garganta.

— Tudo o que quero é vê-la à luz do dia. Não vou nem tocá-la. Você a segura. É algo para eu lembrar, você segurando a Trombeta de Valere nas mãos. — Ao dizer aquilo, ela segurou suas mãos. O toque deixou sua pele formigando e sua boca, seca.

Algo para lembrar, quando ela tivesse partido… Ele fecharia a adaga no baú assim que a Trombeta estivesse do lado de fora. Seria algo impressionante, segurar a Trombeta em suas próprias mãos, onde poderia vê-la na luz.

Desejou saber mais sobre as Profecias do Dragão. A única vez em que ouvira um guarda de mercador contar parte delas, lá em Campo de Emond, Nynaeve quebrara um cabo de vassoura nos ombros do homem. Nada, do pouco que ouvira, mencionava a Trombeta de Valere.

Aes Sedai tentando me levar a fazer o que querem. Selene ainda o fitava intensamente, seu rosto tão jovem e belo que ele desejava beijá-la, apesar de seus pensamentos estarem naquelas mulheres. Ele nunca vira uma Aes Sedai agir como ela, que parecia jovem, e não de idade indefinida. *Uma garota da minha idade não poderia ser Aes Sedai, mas…*

— Selene — perguntou, com delicadeza —, você *é* uma Aes Sedai?

— Aes Sedai! — Ela quase cuspiu, afastando as mãos depressa. Aes Sedai! Você sempre me vem com isso! — Ela respirou fundo e alisou seu vestido, como se estivesse se recompondo. — Eu sou o que e quem sou. E não sou uma Aes Sedai! — Ela se envolveu em uma frieza silenciosa que fez até o sol da manhã parecer gelado.

Loial e Hurin suportaram tudo aquilo com a maior compostura possível, tentando conversar e escondendo seu embaraço, até que ela os paralisou com um olhar. E eles seguiram em frente.

Quando montaram acampamento naquela noite, ao lado de uma montanha com um riacho que lhes proporcionou peixes para o jantar, Selene parecia ter recuperado um pouco de seu bom humor e conversava com o Ogier sobre livros ou dizia palavras gentis a Hurin.

Mas naquela noite ela mal falou com Rand, a não ser quando ele se dirigia a ela primeiro, e nem no dia seguinte, quando cavalgaram por entre as montanhas que se erguiam de cada lado como imensas muralhas cinzentas e serrilhadas, cada vez mais altas. Mas, sempre

que ele a olhava, ela já o estava observando, e sorria. Às vezes, era um tipo de sorriso que ele retribuía; outras, era daqueles que o faziam pigarrear e corar pelos próprios pensamentos; outras vezes, ainda, era o mesmo sorriso misterioso e astuto que Egwene tinha. Era uma espécie de sorriso que sempre o deixava desconfiado, mas pelo menos era um sorriso.

Ela não pode *ser uma Aes Sedai*.

O caminho se tornou um declive, e, com a promessa do crepúsculo no ar, a Adaga do Fratricida finalmente deu lugar a colinas suaves, com mais mato do que árvores, mais arbustos que floresta. Não havia estrada; apenas uma trilha de terra batida, como aquelas que poderiam ser usadas por carretas, de tempos em tempos. Campos haviam sido escavados nas colinas, formando terraços, campos cheios de colheitas mas sem pessoas, àquela hora. Nenhuma das poucas casas de fazenda estava perto o suficiente do caminho pelo qual cavalgavam a ponto de Rand perceber algo mais além do fato de que eram todas feitas de pedra.

Quando ele viu a aldeia à frente, algumas luzes já piscavam em janelas, contrastando com a chegada da noite.

— Dormiremos em camas esta noite — falou.

— Disso, eu vou gostar, Lorde Rand — disse Hurin, rindo.

Loial assentiu, concordando.

— Uma estalagem de aldeia. — Selene fungou, desdenhosa. — Suja, sem dúvida, e cheia de homens encardidos bebendo cerveja. Por que não podemos dormir sob as estrelas outra vez? Descobri que gosto de dormir sob as estrelas.

— Você não gostaria se Fain nos alcançasse enquanto dormimos — explicou Rand. — Ele e aqueles Trollocs. Ele está vindo atrás de mim, Selene. E da Trombeta também, mas é a mim que ele pode encontrar. Por que acha que eu mantive uma vigilância tão cuidadosa nas últimas noites?

— Se Fain nos pegar, você vai lidar com ele — disse com uma segurança fria. — E pode haver Amigos das Trevas na aldeia, também.

— Mas, mesmo que saibam quem somos, eles não podem fazer muito com o resto dos aldeões ao redor. A menos que você pense que todos na aldeia sejam Amigos das Trevas.

— E se eles descobrirem que você está levando a Trombeta? Não importa se você deseja grandeza ou não, qualquer fazendeiro sonha com isso.

— Ela tem razão, Rand — disse Loial. — Receio que até mesmo fazendeiros queiram pegá-la.

— Desenrole seu cobertor, Loial, e cubra o baú. Mantenha-o assim. — Loial obedeceu, e Rand assentiu. Era óbvio que havia uma caixa ou um baú sob o cobertor listrado do Ogier, mas nada sugeria

que fosse mais do que um baú de viagem. — O baú de roupas de milady — disse Rand, com um sorriso e uma mesura.

Selene devolveu a brincadeira com seu silêncio e um olhar inescrutável. Um pouco depois, eles voltaram a cavalgar.

Quase no mesmo instante, à esquerda de Rand, o sol que se punha refletiu em algo no chão. Algo grande. Algo muito grande, a julgar pelo reflexo. Curioso, ele virou seu cavalo naquela direção.

— Milorde? — perguntou Hurin. — A aldeia?

— Eu só quero ver isso primeiro — explicou Rand. *É mais brilhante do que a luz do sol refletindo na água. O que pode ser?*

Com os olhos fixos no reflexo, ele ficou surpreso quando Vermelho parou de repente. Estava a ponto de forçar o cavalo a andar quando percebeu que estavam à beira de um precipício de argila sobre uma enorme escavação. A maior parte da colina havia sido escavada a uma profundidade de uns cem passos. Decerto mais de uma colina desaparecera, e talvez alguns campos de fazendas, pois o buraco tinha a largura pelo menos dez vezes maior que a profundidade. A terra do outro lado parecia ter sido bem batida para formar uma rampa. Havia homens no fundo, uma dezena, acendendo uma fogueira. Lá embaixo, a noite já caía. Aqui e ali, entre eles, armaduras refletiam a luz, e espadas balançavam ao lado de seus corpos. Ele mal olhou para eles.

Saindo da argila, no fundo do poço, uma gigantesca mão de pedra segurava uma esfera de cristal, e fora isso que havia brilhado com os últimos raios de sol. O queixo de Rand caiu ao ver o tamanho do objeto, uma bola lisa. Ele tinha certeza de que não havia um só arranhão em sua superfície, com pelo menos vinte passos de diâmetro.

A certa distância da mão, um rosto de pedra igualmente grande fora desenterrado. O rosto de um homem de barba, que se projetava do solo com a dignidade de muitos anos. As gigantescas feições pareciam transmitir sabedoria e conhecimento.

Sem ser invocado, o vazio se formou, inteiro e completo em um instante, com *saidin* brilhando, chamando. Ele estava tão concentrado no rosto e na mão que sequer percebeu o que acontecera. Certa vez, ouvira o capitão de um navio falar sobre uma gigantesca mão que segurava uma imensa esfera de cristal: Bayle Domon a firmara que ela despontava de uma colina na ilha de Tremalking.

— Isto é perigoso — disse Selene. — Vamos embora, Rand.

— Acho que consigo encontrar um jeito de descer até lá — respondeu, distraído. *Saidin* cantava. A imensa bola parecia emitir um brilho branco com a luz do sol que se punha. A luz parecia girar e dançar no ritmo da canção de *saidin*, nas profundezas do cristal. Rand se perguntou por que os homens lá embaixo pareciam não reparar.

Selene cavalgou para perto e segurou seu braço.

— Por favor, Rand, você precisa vir. — Ele olhou para a mão

dela, intrigado, então seu olhar seguiu o braço, até o rosto. Ela parecia genuinamente preocupada, talvez até com medo. — Se esta margem não ceder sob o peso de nossos cavalos e quebrar nossos pescoços com a queda, veremos que aqueles homens são guardas, e ninguém põe guardas para proteger algo que desejam que qualquer passante examine. Que bem lhe fará evitar Fain se os guardas de algum lorde o prenderem? Vamos embora.

De repente, com um pensamento vago e distante, ele percebeu que o vazio o cercava. *Saidin* cantava, e a esfera pulsava, o que ele podia sentir mesmo sem olhar, e lhe ocorreu o pensamento de que, se cantasse a canção de *saidin*, aquele imenso rosto de pedra abriria a boca e cantaria com ele. Com ele e com *saidin*. Como um.

— Por favor, Rand — repetiu Selene. — Eu irei para a aldeia com você. Não vou mencionar mais a Trombeta. Apenas vamos embora!

Ele liberou o vazio… que não desapareceu. *Saidin* cantava, e a luz na esfera pulsava como um coração. Como seu coração. Loial, Hurin, Selene, todos o olhavam, mas pareciam não ver o lamejar glorioso que vinha do cristal. Ele tentou afastar o vazio, que permanecia imóvel como granito. Ele flutuava em um vazio duro como pedra. A canção de *saidin*, a canção da esfera, ele podia senti-las vibrando em seus ossos. Inflexível, ele se recusou a ceder, penetrando mais fundo em si mesmo… *Eu não vou…*

— Rand. — Ele não sabia de quem era aquela voz.

… tentou alcançar o centro de quem era, o centro do que era…

… *eu não…*

— Rand. — A canção o preenchia, preenchia o vazio.

… tocava a pedra, quente sob um sol implacável, fria sob uma noite impiedosa…

… *não…*

A luz o preenchia, cegava-o.

— Até a sombra sumir — murmurou —, até a água secar…

O poder o preencheu. Ele era um com a esfera.

— … saltando na Sombra com seus dentes à mostra…

O poder era seu. O Poder era seu.

— … para cuspir no olho do Cega-vista…

Poder para Romper o Mundo.

— … no Último Dia! — As palavras saíram em um grito, e o vazio se foi. Vermelho se assustou com o berro, e um pedaço de argila se despedaçou sob os cascos do garanhão, caindo no poço. O grande baio caiu de joelhos. Rand se inclinou para a frente, agarrando as rédeas, e Vermelho disparou para um local seguro, distanciando-se da beira.

Todos o encaravam, ele reparou. Selene, Loial, Hurin, todos eles.

— O que aconteceu? — *O vazio…* Ele tocou a testa. O vazio não desaparecera quando ele o liberou, o brilho de *saidin* se tornara mais

forte, e… Ele era incapaz de se lembrar de mais qualquer coisa. *Saidin*. Ele sentiu frio. — Eu fiz… Eu fiz alguma coisa? — Ele franziu a testa, tentando lembrar. — Falei alguma coisa?

— Você se limitou a ficar ali sentado, duro como uma estátua — disse Loial —, resmungando para si mesmo, não importava o que qualquer um dissesse. Eu não pude entender o que você falou, até que gritasse "dia!" alto o bastante para despertar os mortos e quase jogar seu cavalo pela borda. Você está doente? Está agindo de um modo cada vez mais estranho a cada dia.

— Eu não estou doente — respondeu Rand, ríspido, então suavizou a voz. — Estou bem, Loial.

Selene o observou com desconfiança. Do poço, veio o som de gritos dos homens, mas as palavras eram indistinguíveis.

— Lorde Rand — começou Hurin. — Acho que aqueles guardas finalmente notaram nossa presença. Se conhecerem um caminho para subir por este lado, podem chegar aqui a qualquer momento.

— Sim — concordou Selene. — Vamos sair logo daqui.

Rand voltou-se para a escavação, mas desviou o olhar depressa. O grande cristal não continha nada, apenas re fletia a luz do sol da tarde, mas ele não queria vê-lo. Rand quase podia se lembrar… de *algo* sobre aquela esfera.

— Eu não vejo por que esperar por eles. Não fizemos nada. Vamos procurar uma estalagem. — Ele virou Vermelho na direção da aldeia, e logo eles deixaram o buraco e os gritos dos guardas para trás.

Assim como muitas aldeias, Tremonsien cobria o topo de uma colina, mas, como as fazendas pelas quais haviam passado, aquela colina fora esculpida em uma área cercada de pedras que formavam muralhas de contenção. Casas quadradas, de pedra, foram construídas em terrenos planejados, com jardins perfeitos na parte de trás, ao longo de algumas ruas retas que se encontravam em ângulos retos. Não se admitiam curvas em ruas que davam a volta na colina.

Mesmo assim, as pessoas pareciam abertas e amistosas o bastante, parando para trocar cumprimentos com acenos de cabeça enquanto se apressavam em concluir as últimas tarefas antes do cair da noite. Era um povo de baixa estatura, ninguém passava do ombro de Rand, e poucos eram da altura de Hurin; tinham olhos escuros e rostos brancos e inos e usavam roupas escuras, a não ser por alguns que tinham tiras de tecido colorido sobre o peito. Cheiros de comida sendo feita com temperos estranhos ao nariz de Rand preenchiam o ar, embora algumas donas de casa ainda estivessem paradas nas portas, conversando. As portas eram divididas ao meio, de forma que era possível deixar a parte de cima aberta enquanto a de baixo permanecia fechada. As pessoas olhavam para os recém-chegados com curiosidade e sem sinal de hostilidade. O olhar de alguns se deteve um

pouco em Loial, um Ogier caminhando ao lado de um cavalo grande como um garanhão de Dhurran, mas não mais do que um instante.

A estalagem, que ficava bem no topo da colina, era de pedra, assim como todas as construções da cidade, e era assinalada de forma simples, com uma placa pintada pendurada sobre as grandes portas. Os Nove Anéis. Rand desmontou com um sorriso e amarrou Vermelho a um dos postes na frente da estalagem. “Os Nove Anéis” era uma de suas histórias de aventura favoritas na infância. Na verdade, ainda era.

Selene ainda parecia incomodada quando ele a ajudou a desmontar.

— Você está bem? — perguntou Rand. — Eu não assustei você lá atrás, assustei? Vermelho nunca cairia de uma encosta comigo. — Ele imaginou o que de fato acontecera.

— Você me deixou apavorada — respondeu ela, com a voz tensa —, e eu não me assusto com facilidade. Você podia ter se matado, matado… — Ela alisou o vestido. — Cavalgue comigo. Esta noite. Agora. Traga a Trombeta, e ficarei ao seu lado para sempre. Pense nisso. Eu ao seu lado, e a Trombeta de Valere em suas mãos. E isso seria apenas o começo, eu juro. O que mais você poderia querer?

Rand balançou a cabeça.

— Não posso, Selene. A Trombeta… — Ele olhou ao redor. Um homem espiou pela janela, do outro lado da rua, e fechou a cortina. A noite caía, escurecendo a rua, e não havia mais ninguém à vista, a não ser Loial e Hurin. — A Trombeta não é minha. Eu já lhe disse.

Ela lhe deu as costas, e seu manto branco o manteve longe com a mesma eficiência de uma muralha.

21

Os Nove Anéis

Rand esperava encontrar o salão da estalagem vazio, já que era quase hora do jantar, mas alguns homens se aglomeravam em uma das mesas, jogando dados em meio a canecas de cerveja, enquanto outro comia sozinho. Embora os jogadores aparentemente não portassem armas nem usassem armaduras, apenas casacos simples e calças de um tom azul-escuro, algo na postura deles fez Rand crer que eram soldados. Sua atenção se voltou para o homem solitário. Um oficial, com botas de cano alto dobradas e a espada apoiada na mesa ao lado de sua cadeira. Uma tira de tecido vermelho e outra amarela cruzavam seu peito por cima do casaco azul, de ombro a ombro, e a frente de sua cabeça estava raspada, embora seus cabelos pretos pendessem compridos nas costas. Os cabelos dos soldados eram bem aparados e idênticos, como se todos usassem a mesma tigela na hora de cortá-los. Todos os sete se viraram para olhar quando Rand e os outros entraram.

A estalajadeira era uma mulher magra de nariz comprido e cabelos quase grisalhos, mas suas rugas mais pareciam parte de seu sorriso fácil do que qualquer outra coisa. Ela entrou apressada no recinto, enxugando as mãos em um avental branco impecável.

— Boa noite para vocês — seus olhos perspicazes logo notaram o casaco vermelho bordado de ouro de Rand e o ino vestido branco de Selene —, milorde, milady. Sou Maglin Madwen, milorde. Sejam bem-vindos à estalagem Os Nove Anéis. E um Ogier. Não são muitos da sua espécie que passam por aqui, amigo Ogier. O senhor deve ser do Pouso Tsofu, não é?

Loial conseguiu fazer meia mesura desajeitada sob o peso do baú.

— Não, boa estalajadeira. Venho do outro lado, das Terras da Fronteira.

— Das Terras da Fronteira, você diz. Ora. E você, milorde? Perdão por perguntar, mas o senhor não tem cara de quem vem de lá, se não se importa que eu o diga.

— Eu sou de Dois Rios, senhora Madwen, em Andor. — Ele olhou de relance para Selene: ela parecia não reconhecer sua existência, seu olhar frio mal parecia ver o aposento ou qualquer pessoa em seu interior. — Lady Selene é de Cairhien, da capital, e eu sou de Andor.

— Como queira, milorde. — A senhora Madwen olhou para a espada de Rand. As garças de bronze eram visíveis na bainha e no cabo. Ela franziu a testa de leve, mas sua expressão se suavizou em um piscar de olhos. — Milorde vai querer uma refeição, para o senhor, sua bela Lady e seus acompanhantes. E quartos, imagino. Vou mandar que cuidem dos cavalos, também. Tenho uma boa mesa para vocês, é só seguir por aqui, e tem porco com pimentões amarelos no fogo. O senhor está caçando a Trombeta de Valere então, milorde, junto com sua Lady?

Prestes a segui-la, Rand quase tropeçou.

— Não! Por que a senhora pensaria isso?

— Sem ofensa, milorde. Mas dois já estiveram por aqui no mês passado, enfeitados como heróis. Não estou sugerindo nada do tipo a seu respeito, milorde. Não aparecem muitos estranhos por esses lados, a não ser comerciantes da capital para comprar aveia e cevada. Eu não acho que a Caçada já tenha saído de Illian, mas talvez alguns pensem que não precisam tanto da bênção e que vão tomar a dianteira se começarem sem ela.

— Não estamos caçando a Trombeta, senhora. — Rand não deu uma olhada sequer para o embrulho nos braços de Loial. O cobertor com listras coloridas pendia enrolado embaixo dos braços grossos do Ogier e disfarçava bem o baú. — Claro que não. Estamos a caminho da capital.

— Como queira, milorde. Perdoe-me por perguntar, mas sua Lady está bem?

Selene olhou para ela e falou pela primeira vez:

— Eu estou muito bem. — Sua voz deixou o ar tão frio que silenciou a todos por um momento.

— A senhora não é de Cairhien, senhora Madwen — comentou Hurin, de repente. Por estar carregando os alforjes de todos e o embrulho de Rand, ele mais parecia um carro de bagagens ambulante. — Perdão, mas a senhora não fala como uma cairhiena.

As sobrancelhas da senhora Madwen se ergueram, e ela olhou rapidamente para Rand, depois sorriu.

— Eu devia imaginar que o senhor seria do tipo que deixa seus homens falarem livremente, mas já me acostumei com… — Ela olhou de relance na direção do oficial, que voltara a comer. — Luz, não. Não sou de Cairhien, mas, para pagar meus pecados, casei-me com um cairhieno. Vivemos vinte e três anos juntos e, quando ele morreu, que a Luz brilhe sobre ele, eu estava pronta para voltar a Lugard. Mas ele riu por último, ah, se riu! Deixou a estalagem para mim e o dinheiro para o irmão, quando eu estava certa de que seria o contrário. Malandro e cheio de planos, esse era Barin, como todo homem que já conheci. Os cairhienos principalmente. Gostaria de se sentar, milorde? Milady?

A estalajadeira piscou surpresa quando Hurin se sentou à mesa com eles. Um Ogier, pelo que parecia, era uma coisa, mas, para ela, Hurin era obviamente um serviçal. Com outra olhadela para Rand, ela disparou para a cozinha, e, em pouco tempo, algumas garotas trouxeram a refeição, rindo e olhando para o lorde, a lady e o Ogier, até que a senhora Madwen as mandou voltarem ao trabalho.

No começo, Rand olhou a comida com certa desconfiança. O porco estava picado, misturado com longas tiras de pimentão amarelo, ervilhas e diversas verduras e coisas que ele não reconhecia, servidos em alguma espécie de molho claro e espesso. Tinha um cheiro picante e doce. Selene apenas beliscou, mas Loial comia com vontade.

Hurin sorriu para Rand por sobre seu garfo.

— Eles temperam a comida de um jeito estranho, esses cairhienos, Lorde Rand, mas não é ruim, apesar disso.

— A comida não vai morder, Rand — acrescentou Loial.

Rand deu uma garfada, hesitante, e quase cuspiu com a surpresa. O gosto era idêntico ao cheiro, picante e doce, e o porco estava crocante por fora e macio por dentro, com dezenas de sabores e temperos diferentes, todos misturados e contrastando. Era diferente de qualquer coisa que ele já colocara na boca. Tinha um sabor maravilhoso. Ele raspou o prato e, quando a senhora Madwen retornou com as serviçais para limpar a mesa, quase pediu mais, como Loial fizera. O prato de Selene ainda estava pela metade, mas ela fez um gesto seco para que uma das garotas o levasse.

— Com prazer, amigo Ogier. — A estalajadeira sorriu. — É preciso muito para encher um de vocês. Catrine, traga mais um prato. E seja rápida. — Uma das garotas saiu em disparada. A senhora Madwen dirigiu seu sorriso para Rand. — Milorde, tinha um homem aqui que tocava sabiola, mas ele se casou com uma garota de uma das fazendas e agora ela o manda dedilhar as rédeas atrás de um arado. Não pude deixar de notar o que parece ser a caixa de uma lauta despontando do embrulho do seu serviçal. Já que meu músico foi embora, o senhor permitiria que seu serviçal tocasse um pouco para

nós?

Hurin parecia envergonhado.

— Ele não toca — explicou Rand. — Eu toco.

A mulher piscou. Ao que parecia, lordes não tocavam lauta, pelo menos não em Cairhien.

— Retiro o pedido, milorde. Pela verdade da Luz, não quis ofender, eu lhe asseguro. Eu nunca pediria ao senhor para tocar em meu salão.

Rand hesitou apenas por um instante. Já fazia um bom tempo que não praticava com a lauta em vez de com a espada, e as moedas em sua bolsa não durariam para sempre. Assim que ele se livrasse daquelas roupas chiques, assim que entregasse a Trombeta para Ingtar e a adaga para Mat, precisaria da lauta para ganhar seu jantar outra vez, enquanto estivesse em busca de algum lugar a salvo das Aes Sedai. *E a salvo de mim mesmo?* Alguma coisa *aconteceu hoje mais cedo. O quê?*

— Não me importo — respondeu. — Hurin, me dê a caixa. É só puxá-la. — Não havia necessidade de mostrar o manto de um menestrel, já havia perguntas o bastante no brilho dos olhos escuros da senhora Madwen.

Feito de ouro com detalhes de prata, o instrumento parecia do tipo que um lorde tocaria, se lordes tocassem lauta. A garça marcada na palma de sua mão direita não afetava o movimento de seus dedos. As pomadas de Selene haviam funcionado tão bem que ele praticamente só se lembrava da marca quando a via. Mas ela estava em seus pensamentos agora, e, inconscientemente, ele começou a tocar "Garça ao Vento".

Hurin balançou a cabeça ao som da melodia, e Loial começou a marcar o compasso na mesa, batucando com um dedo grosso. Selene olhou para Rand como se estivesse se perguntando o que ele era — *Não sou um lorde, milady. Sou um pastor, e toco a lauta em salões de estalagens* —, mas os soldados pararam de conversar para ouvi-lo, e o oficial fechou a capa de madeira do livro que começara a ler. O olhar firme de Selene acendeu uma fagulha teimosa dentro de Rand. Com determinação, ele evitou qualquer canção que pudesse ser tocada em um palácio ou na mansão de um lorde. Ele tocou "Apenas um Balde D'Água" e "A Velha Folha de Dois Rios", "O Velho Jak Sobe Uma Árvore" e "O Cachimbo do Bom Priket".

Quando começou a tocar a última, os seis soldados passaram a acompanhá-lo, desafinados, embora não fosse a letra que Rand conhecia. *"Descemos até o Rio Iralell Só para ver chegarem os tairenos. Esperamos ao longo das margens Com o sol nascente. Seus cavalos escureciam a planície de verão, Seus estandartes escureciam o céu, Mas nós defendemos nossa terra nas margens do Rio Iralell. Ah, nós*

defendemos nossa terra. Sim, nós defendemos nossa terra. Defendemos nossa terra ao longo do rio naquela manhã." Não era a primeira vez que Rand descobria que uma melodia tinha uma letra e um nome diferentes em outras terras, às vezes mesmo em aldeias do mesmo reino. Tocou até que parassem de cantar, dando palmadas nos ombros uns dos outros e dizendo grosserias sobre a voz dos companheiros.

Quando Rand abaixou a lauta, o oficial se levantou com um gesto seco. Os soldados fizeram silêncio imediatamente, arrastaram as cadeiras ao se levantarem e saudaram o oficial com uma mesura e a mão no peito, depois fizeram o mesmo com Rand e saíram sem olhar para trás.

O oficial foi até a mesa de Rand e se curvou, com a mão no coração. Parecia ter passado um pó branco na parte raspada de sua cabeça.

— Que a Graça o favoreça, milorde! Espero que não o tenham incomodado com essa cantoria. Eles são gente comum, mas não tiveram a intenção de insultá-lo, eu lhe garanto. Eu sou Aldrin Caldevwin, milorde. Capitão a Serviço de Sua Majestade, que a Luz o ilumine!

Seus olhos examinaram a espada de Rand, que teve a sensação de que Caldevwin notara as garças assim que ele entrou.

— Não me senti insultado. — O sotaque do oficial o fazia se lembrar de Moiraine. Era um modo preciso de falar, com cada palavra sendo pronunciada com clareza. *Será que ela realmente me deixou ir embora? Me pergunto se não estará me seguindo. Ou me esperando* . — Sente-se, capitão. Por favor. — Caldevwin puxou uma cadeira de outra mesa. — Diga-me, capitão, se não se importa. O senhor viu outros estranhos, recentemente? Uma dama, magra e de baixa estatura, e um soldado de olhos azuis. Ele é alto e, às vezes, usa a espada presa às costas.

— Não vi nenhum estranho — respondeu o homem, sentando-se com rigidez em sua cadeira. — Apenas o senhor e sua dama, milorde. Poucos nobres vêm até aqui. — Seus olhos se dirigiram para Loial e sua testa franziu de leve. Ele ignorou Hurin como se o farejador fosse um serviçal.

— Foi apenas um pensamento que me ocorreu.

— Sob a Luz, meu Lorde, não tenho a intenção de desrespeitá-lo, mas posso saber seu nome? Estranhos são tão raros por aqui que gosto de conhecer todos.

Rand apresentou-se. Não usou título algum ao dizer seu nome, mas o oficial não pareceu reparar. E completou, da mesma forma que fizera com a estalajadeira.

— Sou de Dois Rios, em Andor.

— Um lugar maravilhoso, pelo que ouvi dizer, Lorde Rand…

Posso chamá-lo assim? E são ótimos homens, os andorianos. Nunca vi um cairhieno tão jovem quanto o senhor com uma espada de mestre espadachim. Já conheci alguns andorianos, entre eles o Capitão-General dos Guardas da Rainha. Mas seu nome me fugiu, que vergonha! Talvez o senhor possa me lembrar?

Rand percebeu as serviçais ao fundo, começando a limpar e varrer a sala. Caldevwin parecia apenas estar puxando conversa, mas seu olhar tinha um tom inquisitivo.

— Gareth Bryne.

— É claro. Jovem demais para tanta responsabilidade.

Rand manteve a voz fria.

— Gareth Bryne tem cabelos grisalhos e idade para ser seu pai, Capitão.

— Perdoe-me, Lorde Rand. Quis dizer que ele começou cedo. — Caldevwin se virou para Selene e, por um momento, apenas a olhou fixamente. Por fim, sacudiu a cabeça, como se saísse de um transe. — Perdoe-me por olhar dessa forma para a senhora, milady, e perdoe-me por falar assim, mas a Graça decerto a favoreceu. A senhora poderia me dar um nome para me referir a tamanha beleza?

No momento em que Selene abriu a boca para responder, uma das serviçais soltou um grito e deixou cair um lampião que estava tirando de uma prateleira. Um pouco de óleo se espalhou, criando uma poça de chamas no chão. Rand se levantou de um pulo junto com os outros na mesa, mas a senhora Madwen apareceu antes que qualquer um deles pudesse se mover, e ela e a garota apagaram as chamas com os aventais.

— Já lhe falei para tomar cuidado, Catrine — ralhou a estalajadeira, balançando o avental agora sujo de fuligem embaixo do nariz da garota. — Assim você vai tocar fogo na estalagem e queimar junto com ela.

A garota parecia estar à beira das lágrimas.

— Eu *estava* tomando cuidado, senhora, mas senti um beliscão forte no braço.

A senhora Madwen ergueu as mãos com impaciência.

— Você sempre tem alguma desculpa, e quebra mais pratos do que todas as outras. Ah, está bem. Limpe isso, e cuidado para não se queimar. — A estalajadeira se virou para Rand e os outros, que ainda estavam de pé ao redor da mesa. — Espero que nenhum de vocês leve isto a mal. A garota não vai queimar a estalagem. Ela é meio desastrada com os pratos quando começa a gostar de algum rapaz, mas nunca deixou um lampião cair antes.

— Eu gostaria de ser levada ao meu quarto. Não estou me sentindo bem, a final — falou Selene, com um tom de voz vacilante, como se estivesse enjoada. Mas, apesar disso, sua aparência e voz

tinham a frieza e calma de sempre. — Com toda essa jornada, e o fogo.

A estalajadeira ficou preocupada como uma galinha com seus ovos.

— É claro, milady. Tenho um ótimo quarto para a senhora e seu lorde. Devo chamar Mãe Caredwain? Ela tem uma mão ótima com ervas calmantes.

A voz de Selene se tornou mais áspera.

— Não. E quero um quarto só para mim.

A senhora Madwen olhou de relance para Rand, mas no instante seguinte, com uma mesura, já conduzia Selene, muito solícita, na direção das escadas.

— Como desejar, milady. Lidan, seja uma boa garota e vá buscar as coisas dela agora mesmo. — Uma das serviçais saiu correndo para pegar os alforjes de Selene de Hurin, e as mulheres sumiram no andar acima, Selene ainda rígida e distante.

Caldevwin ficou olhando para elas até sumirem, então sacudiu a cabeça outra vez. Ele esperou até Rand se sentar antes de pegar sua cadeira.

— Perdoe-me, milorde Rand, por ficar olhando daquela forma para sua dama, mas a Graça decerto o favoreceu com ela. Não tive a intenção de ofendê-lo.

— Não estou ofendido — respondeu Rand. Ele se perguntou se todos os homens sentiam o mesmo que ele quando olhavam para Selene. — Quando estava cavalgando para a aldeia, Capitão, vi uma esfera imensa. Cristal, ao que parecia. O que era?

O olhar do cairhieno tornou-se aguçado.

— Ela faz parte da estátua, milorde Rand — respondeu, devagar. Ele olhou de relance para Loial. Por um instante, pareceu ter uma ideia.

— Estátua? Eu vi uma mão e um rosto também. Ela deve ser imensa.

— E é, milorde Rand. E muito antiga. — Caldevwin fez uma pausa. — Da Era das Lendas, foi o que disseram.

Rand sentiu um arrepio. A Era das Lendas, quando Poder Único era usado por toda parte, se é que era possível acreditar nas histórias. *O que aconteceu lá? Eu sei que houve alguma coisa*.

— A Era das Lendas — comentou Loial. — Sim, deve ser. Ninguém construiu algo tão grande desde então. Será um trabalho enorme desenterrar aquilo tudo, Capitão.

Hurin continuou sentado em silêncio, não apenas como se não escutasse, mas também como se não estivesse ali.

Caldevwin assentiu com relutância.

— Tenho quinhentos trabalhadores no acampamento, além das

escavações, e mesmo assim só conseguiremos desenterrar tudo depois do fim do verão. São homens do Portão da Frente. Metade do meu trabalho é mantê-los cavando, a outra metade é evitar que venham para esta aldeia. Homens do Portão da Frente gostam muito de beber e aprontar, o senhor entende, e esta gente daqui leva uma vida tranquila. — Seu tom de voz mostrava que estava do lado dos aldeões.

Rand assentiu. Ele não tinha interesse nos homens do Portão da Frente, fossem quem fossem.

— O que você vai fazer com ela?

O capitão hesitou, mas Rand ficou apenas encarando-o até que ele respondesse.

— O próprio Galldrian ordenou que ela seja levada para a capital.

Loial piscou várias vezes.

— Vai ser um trabalho e tanto. Não sei se algo assim tão grande pode ser transportado para tão longe.

— Sua Majestade ordenou — retrucou Caldevwin, ríspido. — Ela será colocada do lado de fora da cidade, como um monumento à grandeza de Cairhien e da Casa Riatin. Os Ogier não são os únicos que sabem mover pedras. — Diante da expressão chocada de Loial, o capitão se acalmou visivelmente. — Perdoe-me, amigo Ogier. Eu falei sem pensar e fui rude. — Sua voz ainda soava um pouco agressiva. — O senhor vai ficar muito tempo em Tremonsien, milorde Rand?

— Partiremos pela manhã — respondeu Rand. — Vamos para Cairhien.

— Por coincidência, enviarei alguns de meus homens de volta à cidade amanhã. Preciso revezá-los, eles ficam imprestáveis depois de muito tempo assistindo a outros homens trabalharem com pás e picaretas. O senhor não se importaria se eles cavalgassem em sua companhia? — Ele falou em tom de pergunta, mas como se a concordância fosse a resposta óbvia. A senhora Madwen apareceu nas escadas, e ele se levantou. — Se me desculpar, Lorde Rand, preciso subir cedo. Até de manhã, então! Que a Graça o favoreça! — Ele fez uma mesura para Rand, inclinou a cabeça para Loial e partiu.

Quando as portas se fecharam atrás do cairhieno, a estalajadeira se aproximou da mesa.

— Já acomodei sua lady, milorde. E tenho bons quartos preparados para o senhor e seu servo, e também para você, amigo Ogier. — Ela fez uma pausa, analisando Rand. — Desculpe-me se estou sendo inconveniente, milorde, mas acho que posso ser franca com um senhor que deixa seus homens falarem livremente. Se eu estiver errada… bem, não é minha intenção insultá-lo. Por vinte e três anos, Barin Madwen e eu passávamos discutindo o tempo em que não estávamos nos beijando, por assim dizer. Falo isso para dizer que tenho alguma experiência. Neste momento, o senhor deve estar

pensando que sua lady nunca mais vai querer vê-lo, mas, pelo que eu imagino, se o senhor bater à porta dela esta noite, ela vai abri-la. Sorria e diga que a culpa foi sua, seja isso verdade ou não.

Rand pigarreou e torceu para que seu rosto não estivesse vermelho. *Luz, Egwene me mataria se soubesse que sequer pensei nisso. E Selene me mataria se eu o fizesse. Ou não?* Aquilo fez suas bochechas arderem.

— Eu… Obrigado pela sugestão, senhora Madwen. Os quartos… — Ele evitou olhar para o baú oculto pelo cobertor na cadeira de Loial. Eles não se atreveram a deixá-lo sem alguém para vigiá-lo. — Nós três dormiremos no mesmo quarto.

A estalajadeira pareceu espantada, mas se recuperou depressa.

— Como desejar, milorde. Por aqui, por favor.

Rand a seguiu escada acima. Loial carregou o baú sob o cobertor, e as escadas rangeram sob o peso dele e do baú juntos, mas a estalajadeira pareceu pensar que era apenas o peso maciço do Ogier. Hurin ainda carregava todos os alforjes e o manto enrolado com a harpa e a flauta.

A senhora Madwen mandou trazer uma terceira cama, que foi montada e feita bem depressa. Uma das camas que já estavam lá ia quase de parede a parede, e obviamente fora posta ali para Loial, desde o começo. Mal havia espaço para andar entre as camas. Assim que a estalajadeira saiu, Rand se virou para os outros. Loial empurrara o baú ainda coberto para baixo da cama e experimentava sentar no colchão. Hurin estava ajeitando os alforjes.

— Algum de vocês sabe por que aquele capitão estava tão desconfiado de nós? Porque ele estava, tenho certeza. — Ele sacudiu a cabeça. — Quase cheguei a pensar que ele achava que fôssemos roubar a estátua, pelo jeito que falou.

— *Daes Dae'mar*, Lorde Rand — respondeu Hurin. — O Grande Jogo. O Jogo das Casas, dizem alguns. Esse tal de Caldevwin acha que o senhor deve estar tentando se beneficiar de alguma maneira, ou não estaria aqui. E, para ele, o que beneficiar o senhor pode prejudicá-lo, então o homem acha que precisa tomar cuidado.

Rand balançou a cabeça.

— "O Grande Jogo"? Que jogo?

— Não é um jogo, Rand — explicou Loial de sua cama. Ele havia tirado um livro do bolso, mas o mantinha fechado sobre o peito. — Não sei muito sobre o assunto, pois os Ogier não se envolvem nessas coisas, mas já ouvi falar disso. Os nobres e as Casas nobres fazem manobras em busca de vantagens. Fazem coisas que acreditam que os ajudarão, ou atrapalharão um inimigo, ou ambos. Em geral, tudo é feito em segredo. Caso contrário, eles tentam fazer com que pareça ser algo diferente do que realmente é. — Ele coçou uma orelha peluda,

intrigado. — Mesmo sabendo o que é, não entendo. O Ancião Haman sempre disse que era preciso ter uma mente maior que a dele para compreender as atitudes humanas, e não conheço muitos tão inteligentes quanto o Ancião Haman. Vocês humanos são esquisitos.

Hurin lançou um olhar enviesado ao Ogier, mas respondeu:

— Ele tem o direito de *Daes Dae'mar*, Lorde Rand. Os cairhienos participam mais desse jogo do que a maioria, embora todos os homens do sul o joguem.

— Os soldados que vão nos escoltar de manhã — perguntou Rand — fazem parte desse Grande Jogo de Caldevwin? Não podemos nos dar ao luxo de nos meter em algo assim. — Não era preciso mencionar a Trombeta. Todos estavam conscientes demais de sua presença.

Loial sacudiu a cabeça.

— Não sei, Rand. Ele é humano, então pode ser qualq'uer coisa.

— Hurin?

— Também não sei. — Hurin parecia tão preocupado quanto o Ogier. — Ele pode estar fazendo só o que falou, ou… É assim que funciona o Jogo de Casas: nunca se sabe. A maior parte do tempo que passei em Cairhien foi no Portão da Frente, Lorde Rand, e não sei muito sobre a nobreza cairhiena, mas… bem, *Daes Dae'mar* pode ser perigoso em qualquer lugar, mas, pelo que ouvi dizer, especialmente em Cairhien. — De repente, ele se animou. — Lady Selene, Lorde Rand. Ela deve saber mais do que eu ou o Construtor. O senhor poderá perguntar a ela amanhã de manhã.

Mas, na manhã seguinte, Selene já havia partido. Quando Rand desceu para o salão da estalagem, a senhora Madwen lhe entregou um pergaminho selado.

— Se o senhor me perdoar a intrusão, milorde, devia ter me escutado. Devia ter batido à porta de sua lady.

Rand esperou até ela ir embora antes de quebrar o selo de cera branca. A cera exibia uma lua crescente com estrelas.

Preciso deixar você por algum tempo. Há gente demais por aqui, e não gosto de Caldevwin. Esperarei por você em Cairhien. Nunca pense que estou longe demais, pois você sempre estará em meus pensamentos, assim como sei que estarei nos seus.

Não estava assinado, mas aquela caligra ia fluida e elegante parecia típica de Selene.

Ele dobrou a carta com cuidado e a guardou no bolso antes de sair, e Hurin já o aguardava ali fora com os cavalos.

O Capitão Caldevwin também estava lá, com outro oficial mais jovem e cinquenta soldados a cavalo enchendo a rua. Os dois oficiais tinham as cabeças raspadas, mas usavam manoplas de aço e armaduras de placas com detalhes em ouro presas sobre os casacos azuis. Um cajado curto estava amarrado ao arreio às costas de cada

um, sustentando um pequeno e rígido estandarte azul sobre suas cabeças. A bandeira de Caldevwin ostentava uma única estrela branca, ao passo que a do homem mais jovem era cruzada por duas barras brancas. Eles contrastavam muito com os soldados em armaduras simples e elmos que pareciam sinos com metal cortado para expor seus rostos.

Caldevwin fez uma reverência quando Rand saiu da estalagem.

— Bom dia para o senhor, milorde Rand. Este é Elricain Tavolin, que será o comandante da sua escolta, se é que posso chamá-la assim. — O outro oficial fez uma mesura. Sua cabeça era raspada da mesma forma que a de Caldevwin. Ele não falou.

— Uma escolta será bem-vinda, Capitão — respondeu Rand, conseguindo deixar a voz tranquila. Fain não tentaria nada contra cinquenta soldados, mas Rand desejou poder ter certeza de que aquilo era apenas uma escolta.

O capitão olhou de esguelha para Loial, que se encaminhava para seu cavalo com o baú oculto pelo cobertor.

— Um fardo pesado, Ogier.

Loial quase parou onde estava.

— Não gosto de me separar de meus livros, Capitão. — Sua boca enorme se abriu, revelando dentes muito brancos em um sorriso tímido, e ele se apressou em amarrar o baú à sela.

Caldevwin olhou ao redor, franzindo a testa.

— Sua lady ainda não desceu. E o belo animal que a acompanha não está aqui.

— Ela já foi — explicou Rand. — Precisou seguir depressa para Cairhien, durante a noite.

Caldevwin ergueu as sobrancelhas.

— Durante a noite? Mas meus homens… Perdoe-me, milorde Rand. — Ele puxou o jovem oficial para o lado, falando com ele em sussurros apressados.

— Ele mandou vigiarem a estalagem, Lorde Rand — sussurrou Hurin. — Lady Selene deve ter passado por eles sem ser vista, de algum modo.

Rand montou na sela de Vermelho com uma careta de desagrado. Se houvesse alguma chance de Caldevwin não suspeitar de que eles estavam fazendo algo de errado, parecia que Selene acabara com ela.

— Gente demais, ela disse — resmungou. — Em Cairhien haverá bem mais gente.

— Falou alguma coisa, milorde?

Rand levantou a cabeça quando Tavolin se juntou a ele, montado em um alto corcel castanho. Hurin também já estava em sua sela, e Loial aguardava de pé ao lado de seu enorme cavalo. Os soldados estavam em formação, em fileiras. Ele não viu Caldevwin em lugar

algum.

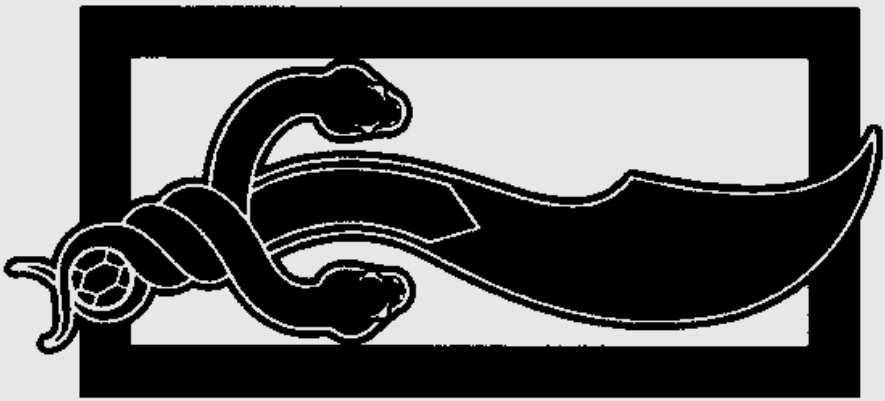
— Nada está indo como eu esperava — respondeu Rand.

Tavolin lhe dirigiu um breve sorriso, pouco mais do que um retorcer dos lábios.

— Vamos em frente, milorde?

A estranha procissão seguiu para a estrada de terra batida que levava à cidade de Cairhien.

22



Vigias

— Nada está indo como eu esperava — resmungou Moiraine, sem esperar uma resposta de Lan.

A mesa comprida e polida diante dela estava atulhada de livros e papéis, rolos e manuscritos, muitos dos quais encontravam-se empoeirados devido ao longo armazenamento e puídos pela passagem do tempo, alguns reduzidos a fragmentos. A sala parecia quase feita de livros e manuscritos, os quais preenchiam estantes que ocupavam todas as paredes, a não ser onde havia portas e janelas ou a lareira. As cadeiras tinham bom estofamento e espaldar alto, mas metade delas, assim como a maioria das mesinhas, estava ocupada por livros. Outras tinham livros e rolos enfiados debaixo. No entanto, apenas a bagunça diante de Moiraine era obra dela.

Ela se levantou e foi até a janela, examinando a noite à procura das luzes da aldeia, que não ficava muito longe. Não havia perigo de alguém persegui-la por ali. Ninguém imaginaria que ela fosse para lá. *Clarear as ideias e começar outra vez*, pensou. *Isso é tudo o que posso fazer*.

Nenhum dos aldeões suspeitava que as duas velhas irmãs que moravam naquela casa confortável eram Aes Sedai. Não se suspeitava de coisas desse tipo em um lugarejo como Poço de Tifan, uma comunidade rural bem no interior das planícies relvadas de Arafel. Os aldeões procuravam as irmãs em busca de conselhos para seus problemas e cura para suas doenças, e as respeitavam como mulheres abençoadas pela Luz, nada além disso. Adeleas e Vandene estavam em um retiro voluntário, juntas, havia tanto tempo que poucas, mesmo na Torre Branca, sequer lembravam que ainda estavam vivas.

Com o único e igualmente velho Guardião que permanecia em sua

companhia, elas viviam com discrição, ainda tencionando escrever a história do mundo desde a Ruptura, e o máximo que conseguissem incluir do que acontecera antes dela. Um dia. Enquanto isso, havia muita informação a coletar, muitos enigmas a solucionar. A casa delas era o lugar perfeito para Moiraine encontrar as informações de que precisava. Só que a informação não estava lá.

Um movimento chamou sua atenção, e ela se virou. Lan estava encostado na lareira de tijolos amarelos, imperturbável como uma rocha.

— Você se lembra de quando nos conhecemos, Lan?

Ela o observava com atenção, ou não teria notado quando a sobrancelha do homem se arqueou brevemente. Não era sempre que o pegava de surpresa. Aquele era um assunto que nenhum dos dois mencionava. Ela lhe dissera quase vinte anos antes, com todo o orgulho in flexível de alguém ainda jovem o bastante para ser chamado de jovem, ela lembrava, que nunca mais tocaria no assunto e que esperava o mesmo silêncio dele.

— Eu me lembro. — Foi tudo o que disse.

— E suponho que ainda não vá me pedir desculpas? Você me jogou dentro de um lago. — Ela não sorriu, embora agora conseguisse achar graça da situação. — Fiquei completamente encharcada e isso foi no que vocês, Homens da Fronteira, chamam de nova primavera. Eu quase congelei.

— E também me lembro de que fiz uma fogueira e pendurei cobertores para que você pudesse se aquecer com privacidade. — Ele atiçou a lenha e recolocou o atiçador no gancho. Até mesmo as noites de verão eram frias nas Terras de Fronteira. — Lembro também que, enquanto eu dormia naquela noite, você jogou metade do lago em mim. Teria poupado muito frio e arrepios de ambas as partes se você tivesse apenas me dito que era uma Aes Sedai, em vez de demonstrar. Em vez de tentar me separar de minha espada. Não foi uma boa maneira de se apresentar a um Homem da Fronteira, mesmo para uma mulher jovem.

— Eu *era* jovem e estava sozinha, e você era tão grande quanto é hoje, mas sua ferocidade era menos discreta. Não queria que você soubesse que eu era uma Aes Sedai. Naquele momento, me pareceu que você responderia às minhas perguntas com mais sinceridade se não soubesse. — Ela ficou em silêncio por um momento, pensando nos anos que haviam se passado desde aquele encontro. Havia sido bom encontrar um companheiro para se juntar a ela na jornada. — Nas semanas seguintes, você suspeitou que eu fosse lhe pedir para se vincular a mim? Eu sabia que seria você logo no primeiro dia.

— Eu nunca suspeitei — respondeu ele, secamente. — Estava ocupado demais me perguntando se sobreviveria a escoltá-la até

Chachin. Toda noite você tinha uma surpresa diferente para mim. Lembro-me das formigas, em particular. Acho que não tive sequer uma noite de sono em toda aquela viagem.

Ela se permitiu um sorrisinho ao lembrar daquilo.

— Eu era jovem — repetiu. — E o elo ainda o incomoda, depois de todos esses anos? Você não é um homem fácil de se botar um cabresto, mesmo um tão leve quanto o meu. — Era uma alfinetada dolorosa, e aquela era sua intenção.

— Não. — Sua voz soou fria, mas ele pegou o atiçador outra vez e mexeu nas brasas com força, sem necessidade. Uma cascata de faíscas subiu pela chaminé. — Foi de livre escolha, e eu sabia o que isso significava. — A vara de ferro voltou ao gancho com um clangor, e ele fez uma mesura formal. — Honra em servir, Moiraine Aes Sedai. Sempre foi e sempre será.

Moiraine fungou com desdém.

— Sua humildade, Lan Gaidin, sempre conteve mais arrogância do que a maioria dos reis conseguiria demonstrar, mesmo com exércitos às costas. Desde o primeiro dia em que o vi foi assim.

— Por que falar tanto do passado agora, Moiraine?

Pela centésima vez, ou pelo menos era o que parecia para ela, a mulher parou para escolher as palavras.

— Antes de deixarmos Tar Valon, tomei providências para que, caso alguma coisa aconteça comigo, seu elo passe para outra. — Ele a encarou em silêncio. — Quando você sentir minha morte, também se sentirá compelido a procurar por ela imediatamente. Não quero que isso o pegue de surpresa.

— Compelido — Ele soltou um leve suspiro raivoso. — Você nunca usou meu elo para me forçar a algo. Achei que você reprovava esse tipo de coisa.

— Se eu não o tivesse feito, você ficaria livre do elo com minha morte, e nem mesmo a ordem mais veemente que eu lhe desse se sustentaria. Não permitirei que você morra em uma tentativa inútil de me vingar, e não permitirei que retorne à sua guerra particular na Praga, igualmente inútil. A guerra que travamos é a mesma, gostaria que você conseguisse ver isso e cuidarei para que a trave com algum propósito. Nem vingança nem uma morte sem funeral na Praga servirão.

— E você pretende morrer em breve? — Sua voz estava baixa, e seu rosto, inexpressivo, ambos como pedra em uma nevasca terrível. Era um comportamento que ele já havia apresentado muitas vezes, em geral quando estava prestes a ser violento. — Você planejou algo, sem que eu saiba, que resultará em sua morte?

— De repente estou muito feliz por não haver um lago neste aposento — murmurou, levantando as mãos quando ele enrijeceu,

ofendido pelo tom leve da voz dela. — Eu vejo minha morte todos os dias, assim como você. Como poderia ser diferente, com essa tarefa que temos cumprido ao longo desses anos? Agora, com tudo atingindo um ponto crítico, preciso encará-la como algo ainda mais provável.

Por um momento, ele analisou suas mãos grandes e quadradas.

— Eu nunca pensei — começou, devagar — que talvez não seja o primeiro de nós a morrer. De algum modo, mesmo nos piores momentos, sempre me pareceu… — Ele esfregou as mãos bruscamente. — Se existe a chance de que eu ser dado como um cãozinho de estimação, gostaria pelo menos de saber a quem.

— Nunca pensei em você como um bicho de estimação — repreendeu-o Moiraine, com rispidez —, e Myrelle também não.

— Myrelle. — Ele fez uma careta de insatisfação. — Sim, tinha que ser Verde, ou então uma menininha que acabou de se tornar uma irmã.

— Se Myrelle consegue manter seus três Gaidin na linha, talvez tenha alguma chance de lidar com você. Embora ela fosse gostar de mantê-lo, prometeu passar seu elo para outra quando encontrar alguém que mais adequado.

— Então. Não sou um bicho de estimação, mas um pacote. Myrelle será uma… uma cuidadora! Moiraine, nem mesmo as Verdes tratam seus Guardiões assim. Nenhuma Aes Sedai passou seu elo para outra em quatrocentos anos, mas você pretende fazer isso comigo não uma, porém duas vezes!

— Está feito, e não vou desfazer.

— Que a Luz me cegue se eu for passado de mão em mão! Você pelo menos tem alguma ideia de em que mãos acabarei?

— O que faço é para seu próprio bem, e talvez também para o de outros. Pode ser que Myrelle encontre uma menininha que tenha acabado de se tornar irmã, não foi o que você disse? Uma que precise de um Guardião endurecido pelas batalhas e versado nos arti ícios do mundo, uma menininha que talvez precise de alguém que a jogue dentro de um lago. Você tem muito a oferecer, Lan, e ver isso desperdiçado em uma tumba sem nome ou deixado para os corvos em vez de para uma mulher que precisa seria pior do que o pecado do qual os Mantos-brancos falam sem parar. Sim, acredito que ela precisará de você.

Os olhos de Lan se arregalaram de leve, o que, para ele, era equivalente a ficar boquiaberto. Era raro Moiraine o ver tão fora de si. Ele abriu a boca duas vezes antes de falar.

— E quem você tem em mente para isso…

Ela o interrompeu.

— Você tem certeza de que o elo não o incomoda, Lan Gaidin? Percebe pela primeira vez, apenas agora, a força desse elo, a

profundidade dele? Você poderia terminar com alguma Branca iniciante, toda razão e sem coração, ou com uma jovem Marrom que o vê como nada mais que um par de mãos para carregar seus livros e esboços. Eu posso levá-lo para onde quiser, como um pacote ou um cãozinho de estimação, e você não pode fazer nada além de seguir. Tem certeza de que isso não o incomoda?

— Esse é o objetivo disso tudo? — perguntou ele com a voz rouca. Seus olhos queimavam como fogo azul, e sua boca estava retorcida. Raiva: pela primeira vez, ela via o rosto dele abertamente marcado pela raiva. — Toda esta conversa não passou de um teste… um teste! E para ver se você podia fazer meu elo me incomodar? Depois de todo este tempo? Desde o dia em que jurei obediência, cavalguei para onde você mandou, mesmo quando achei que era uma burrice, mesmo quando tinha motivos para cavalgar em outra direção. Você nunca precisou de meu elo para me forçar a algo. Sob seu comando, vi você ir direto para o perigo e fiquei parado sem fazer nada quando queria apenas puxar minha espada e abrir um caminho seguro para você. E depois disso você ainda vem me testar?

— Não é um teste, Lan. Falei com clareza, sem distorcer as palavras, e de fato fiz o que disse. Mas, em Fal Dara, comecei a me perguntar se você ainda estava comigo por inteiro. — Uma desconfiança se mostrou nos olhos dele. *Lan, me perdoe. Eu não queria abrir fendas nas muralhas que você construiu com tanto esforço, mas preciso saber* . — Por que você agiu daquela forma com Rand? — Ele piscou. Obviamente não era por aquela pergunta que estava esperando. Ela sabia o que ele havia pensado que seria a pergunta, mas não deixaria que ele se recobrasse agora que estava despreparado. — Você o mandou para a Amyrlin falando e agindo como um senhor da Fronteira e um soldado nato. Isso se encaixou, de certa maneira, com o que eu tinha planejado para ele, mas nunca conversamos sobre ensinar ao rapaz nada disso. Por que, Lan?

— Pareceu… correto. Um jovem cão de caça precisa enfrentar seu primeiro lobo um dia, mas se o lobo o enxergar como um ilhote, se ele agir como um filhote, o lobo certamente o matará. O cão de caça precisa parecer um cão de caça aos olhos do lobo ainda mais do que aos seus próprios, se quiser sobreviver.

— É assim que você vê as Aes Sedai? A Amyrlin? A mim? Lobos prestes a atacar seu jovem cão de caça? — Lan sacudiu a cabeça. — Você sabe o que ele é, Lan. Sabe o que ele precisa se tornar. Precisa. Aquilo pelo qual tenho trabalhado desde o dia em que nos conhecemos, e antes disso. Você agora duvida do que faço?

— Não. Não, mas… — Ele estava se recuperando, reconstruindo suas muralhas. Mas elas ainda não estavam inteiras. — Quantas vezes você disse que *ta'veren* puxam quem está ao redor como gravetos em

um redemoinho? Talvez eu também tenha sido puxado. Só sei que me pareceu certo. Aqueles camponeses precisavam de alguém ao seu lado. Pelo menos Rand precisava. Moiraine, eu acredito no que você faz, mesmo agora, ainda que só saiba em partes. Acredito, assim como acredito em você. Não pedi para ser liberado do meu elo, nem pedirei. Sejam quais forem seus planos para mim ao morrer, terei um grande prazer em mantê-la viva e fazer com que pelo menos esses planos não resultem em nada.

— *Ta'veren*. — Moiraine suspirou. — Talvez tenha sido isso. Em vez de guiar uma lasca de madeira descendo um riacho, eu estou tentando guiar uma tora por uma corredeira. Toda vez que a empurro, ela me empurra, e a tora vai aumentando de tamanho à medida que avançamos. No entanto, devo conduzi-la até o fim. — Ela deu uma risadinha. — Não ficarei triste, meu velho amigo, se você conseguir estragar esses planos. Agora, por favor, me deixe. Preciso ficar sozinha para pensar. — Ele hesitou apenas por um instante antes de se virar na direção da porta. Mas, no último segundo, ela não conseguiu deixá-lo partir sem mais uma pergunta. — Você já sonhou com algo diferente, Lan?

— Todos os homens sonham. Mas eu sei que sonhos são sonhos. Isto — ele tocou o cabo da espada — é a realidade. — As muralhas estavam de volta, altas e impenetráveis como sempre.

Durante um tempo após sua partida, Moiraine ficou sentada na cadeira olhando para o fogo. Pensou em Nynaeve e em fendas em uma muralha. Sem tentar, sem pensar no que fazia, aquela jovem havia criado fendas nas muralhas de Lan e as semeara com ramos de hera, que agora a infestavam. Lan achava que estava seguro, aprisionado em sua fortaleza pelo destino e por sua própria vontade, mas lenta e pacientemente as plantas derrubavam as paredes e desnudavam o homem em seu interior. Ele já compartilhava algumas das lealdades de Nynaeve. No começo, ele era indiferente ao povo de Campo de Emond, pensava nelas apenas como pessoas em quem Moiraine tinha um certo interesse. Nynaeve mudara isso da mesma forma que mudara Lan.

Para sua surpresa, Moiraine sentiu uma pontada de ciúmes. Ela nunca sentira aquilo antes, e decerto não por qualquer uma das mulheres que tinham jogado seus corações aos pés de Lan, ou pelas que estiveram na cama dele. De fato, ela jamais pensara nele como um objeto de ciúmes, jamais pensara tal coisa de homem algum. Ela era casada com sua batalha, assim como ele era casado com a dele. Mas eles eram companheiros nessas batalhas fazia muito tempo. Ele cavalgara até matar o cavalo, depois correra quase até ele próprio cair morto, para carregá-la nos braços até Anaiya, para receber a Cura. Ela havia tratado de suas feridas mais de uma vez, usando suas artes para

preservar uma vida que o homem estivera pronto para jogar fora apenas para salvá-la. Ele sempre dissera que estava casado com a morte. Agora, uma nova noiva capturara seu olhar, embora ele estivesse cego. Ele achava que ainda estava seguro atrás de suas muralhas, mas Nynaeve já amarrara flores nupciais em seus cabelos. Será que ele ainda seria capaz de desafiar a morte com tanta naturalidade? Moiraine se perguntou quando ele lhe pediria que o liberasse de seu elo. E o que ela faria quando ele pedisse.

Ela se levantou com uma careta. Havia assuntos mais importantes para se preocupar. Bem mais importantes. Seus olhos percorreram os livros abertos e os papéis que atulhavam o aposento. Tantas pistas, nenhuma resposta.

Vandene entrou com uma bandeja com um bule de chá e xícaras. Ela era magra e graciosa, com costas retas e os cabelos presos com elegância na altura da nuca, quase brancos. O rosto com idade indefinida carregava longos, longos anos.

— Eu teria mandado Jaem trazer isto para não vir eu mesma perturbá-la, mas ele está no celeiro praticando com a espada. — Ela fez um som de desaprovação ao empurrar um manuscrito surrado de lado para colocar a bandeja na mesa. — A presença de Lan o fez se lembrar de que é mais do que um jardineiro e faz-tudo. Gaidins são muito arrogantes. Achei que Lan ainda estivesse aqui, por isso trouxe uma xícara a mais. Encontrou o que estava procurando?

— Sequer sei bem o que estou procurando. — Moiraine franziu a testa, estudando a outra mulher. Vandene era da Ajah Verde, não Marrom, como sua irmã, mas as duas haviam passado tanto tempo estudando juntas que ela sabia tanto de história quanto Adeleas.

— Seja o que for, você não parece sequer saber onde procurar. — Vandene mexeu em alguns dos livros e manuscritos que estavam sobre a mesa, sacudindo a cabeça. — Tantos assuntos. As Guerras dos Trollocs. Os Vigias das Ondas. A lenda do Retorno. Dois tratados sobre a Trombeta de Valere. Três sobre profecias das trevas, e… Luz, o livro de Santhra sobre os Abandonados. Coisa feia, essa. Tão feia quanto essa sobre Shadar Logoth. E as Profecias do Dragão, em três traduções *e* o original. Moiraine, *o que* você está procurando? As Profecias eu posso entender, ouvimos algumas notícias por aqui, apesar de estarmos afastadas. Ficamos sabendo um pouco do que está acontecendo em Illian. Existe até um boato na aldeia de que alguém já encontrou a Trombeta. — Ela mexeu em um manuscrito sobre a Trombeta e tossiu com a poeira que subiu. — Disso, eu duvido, claro. Haverá rumores. Mas o quê…? Não. Você disse que queria privacidade, e eu a concederei.

— Espere um pouco — interrompeu Moiraine, detendo a outra Aes Sedai um pouco antes da porta. — Talvez você possa responder a

algumas perguntas.

— Vou tentar. — Vandene sorriu de repente. — Adeleas vive dizendo que eu deveria ter escolhido as Marrons. Pergunte. — Ela serviu duas xícaras de chá e entregou uma para Moiraine, depois se sentou em uma cadeira diante do fogo.

As xícaras soltaram vapor enquanto Moiraine escolhia suas perguntas com cuidado. *Para encontrar as respostas e não revelar demais*.

— A Trombeta de Valere não é mencionada nas Profecias, mas está ligada ao Dragão em algum texto?

— Não. Exceto pelo fato de que a Trombeta precisa ser encontrada antes de Tarmon Gai'don e o Dragão Renascido supostamente deve lutar a Última Batalha, não há ligação alguma entre eles. — A mulher de cabelos brancos tomou um gole de seu chá e ficou esperando.

— Há algo que ligue o Dragão à Ponta de Toman?

Vandene hesitou.

— Sim e não. Este é um ponto de discordância entre mim e Adeleas. — A voz dela assumiu um tom professoral, e, por um momento, ela falou como uma Marrom. — Existe um verso no original que é traduzido literalmente como "Cinco avançam cavalgando, e quatro retornam. Ele se proclamará acima dos vigias e, com seu estandarte, atravessará o céu em chamas…" Bem, o texto continua. A questão é a palavra *ma'vron*. Eu digo que ela deveria ser traduzida não simplesmente como "vigias", que é *a'vron. Ma'vron* carrega mais peso. Eu digo que ela signi ica Os Vigias das Ondas, embora eles se re iram a si mesmos como *Do Miere A'vron* , é claro, e não *Ma'vron*. Adeleas diz que estou me preocupando com detalhes. Mas acredito que isso signi ica que o Dragão Renascido aparecerá em algum lugar acima da Ponta de Toman, em Arad Doman ou na Saldaea. Adeleas pode achar que sou tola, mas eu presto atenção em cada mínima novidade que ouço chegando de Saldaea, hoje em dia. Mazrim Taim pode canalizar, pelo que ouvi dizer, e nossas irmãs ainda não conseguiram capturá-lo. Se o Dragão Renasceu e a Trombeta de Valere foi encontrada, então logo virá a Última Batalha. Pode ser que nunca terminemos nossa história. — Ela estremeceu, e então deu uma risada repentina. — Algo estranho de se preocupar. Suponho que estou *mesmo* me tornando Marrom. Mas é algo horrível de imaginar. Faça sua próxima pergunta.

— Acho que você não precisa se preocupar com Taim — respondeu Moiraine, distraída. Era uma ligação com a Ponta de Toman, ainda que pequena e tênue. — Vão cuidar dele, assim como cuidaram de Logain. E quanto a Shadar Logoth?

— Shadar Logoth! — Vandene fez um som desdenhoso. — Resumindo, a cidade foi destruída por seu próprio ódio, junto com

toda a vida. Exceto Mordeth, o conselheiro que começou aquilo tudo por usar as táticas dos Amigos das Trevas contra os próprios Amigos das Trevas. E agora ele ica lá, aprisionado, à espera de uma alma para roubar. Não é seguro entrar, e não é seguro tocar em nada na cidade. Mas toda noviça perto de se tornar Aceita sabe pelo menos isso. Para saber a história toda, você teria que ficar aqui um mês inteiro ouvindo Adeleas falar, ela sabe tudo sobre o assunto, mas até mesmo eu posso lhe dizer que não há nenhuma relação com o Dragão nessa história. Esse lugar estava morto cem anos antes de Yurian Arco-de-pedra se erguer das cinzas das Guerras dos Trollocs, e a história dele é a que mais se aproxima da dessa cidade dentre todos os falsos Dragões.

Moiraine levantou a mão.

— Eu não fui clara, e não estou falando sobre o Dragão, agora, Renascido ou falso. Você consegue pensar em alguma razão para um Desvanecido pegar um objeto que tivesse vindo de Shadar Logoth?

— Não se ele soubesse o que o objeto realmente é. O ódio que matou Shadar Logoth foi um ódio pensado para ser usado *contra* o Tenebroso. Ele destruiria Filhos das Sombras da mesma forma que fazia com aqueles que caminham na Luz. Eles temem Shadar Logoth tanto quanto nós, e com razão.

— E o que você pode me contar sobre os Abandonados?

— Você gosta de pular de um assunto para outro. Não posso lhe dizer muito mais do que o que você aprendeu como noviça. Ninguém sabe muito mais dos Sem Nome do que isso. Você quer que eu continue falando do que ambas aprendemos quando éramos garotas?

Por um instante, Moiraine ficou em silêncio. Não queria falar demais, mas Vandene e Adeleas tinham mais conhecimento nas pontas de seus dedos do que existia em qualquer outro lugar além da Torre Branca, onde mais complicações a aguardavam do que ela gostaria de lidar naquele momento. Ela deixou o nome sair por entre os lábios como se tivesse escapado sem querer.

— Lanfear.

— Para variar — disse a outra mulher com um suspiro —, não sei absolutamente nada além do que sabia quando noviça. A Filha da Noite permanece tão misteriosa quanto se realmente estivesse envolta em trevas. — Ela fez uma pausa, olhando para dentro da xícara, e quando levantou a cabeça seus olhos encararam o rosto de Moiraine com dureza. — Lanfear estava ligada ao Dragão, a Lews Therin Telamon. Moiraine, você tem alguma pista sobre onde o Dragão Renascerá? Ou já Renasceu? Isso já aconteceu?

— Se tivesse — respondeu Moiraine, sem mudar o tom de voz —, por acaso estaria aqui, e não na Torre Branca? A Amyrlin sabe tanto quanto eu, juro. Você recebeu alguma convocação dela?

— Não, e suponho que receberíamos. Quando chegar a hora de

enfrentar o Dragão Renascido, a Amyrlin precisará de cada irmã, cada Aceita, cada noviça que puder acender uma vela sem ajuda. — Vandene diminuiu o tom de voz, perdida em devaneios. — Com o poder que ele terá, será preciso dominá-lo antes que tenha a chance de usá-lo contra nós, antes que enlouqueça e destrua o mundo. Mas primeiro precisamos deixar que ele enfrente o Tenebroso. — Ela soltou uma risada melancólica ao notar a expressão de Moiraine. — Eu não sou Vermelha. Estudei as Profecias o bastante para saber que não podemos ousar amansá-lo primeiro. Se *for possível* amansá-lo. Eu sei tão bem quanto você, tão bem quanto qualquer irmã que se dê o trabalho de pesquisar, que os selos que prendem o Tenebroso em Shayol Ghul estão enfraquecendo. Os illianenses convocaram a Grande Caçada da Trombeta. Falsos Dragões surgem aos montes. E dois deles, Logain e agora este sujeito de Saldaea, são capazes de canalizar. Quando foi a última vez que as Vermelhas encontraram dois homens capazes de canalizar em menos de um ano? Quando foi que encontraram pelo menos um em cinco anos? Não foi em momento algum da minha vida, e eu sou bem mais velha que você. Os sinais estão em toda parte. Tarmon Gai'don está chegando. O Tenebroso vai se libertar. O Dragão Renascerá. — Vandene pousou a xícara no pires com um ruído. — Acho que é por isso que eu temia que você tivesse visto algum sinal dele.

— Ele virá — retrucou Moiraine, tranquila —, e nós faremos o que deve ser feito.

— Se eu achasse que serviria de algo, arrancaria o nariz de Adeleas de seu livro e partiria para a Torre Branca. Mas vejo que estou feliz por estar onde estou. Talvez tenhamos tempo de terminar nossa história.

— Espero que sim, Irmã.

Vandene se levantou.

— Bem, tenho que cuidar de alguns afazeres antes de dormir. Se você não tem mais perguntas, vou deixá-la com seus estudos. — Mas ela fez uma pausa e revelou que, por mais tempo que tivesse passado com os livros, ainda era da Ajah Verde. — Você deveria tomar alguma atitude a respeito de Lan, Moiraine. O homem está mais inquieto por dentro do que o Monte do Dragão. Mais cedo ou mais tarde, ele vai entrar em erupção. Conheci homens o bastante para perceber quando um deles está preocupado com uma mulher. Vocês dois estão juntos há muito tempo. Talvez ele finalmente tenha começado a enxergá-la como uma mulher, além de uma Aes Sedai.

— Lan me vê como eu sou, Vandene. Uma Aes Sedai. E ainda como amiga, espero.

— Vocês, Azuis! Sempre tão prontas para salvar o mundo que perdem a si mesmas.

Depois que a Aes Sedai de cabelos brancos saiu, Moiraine pegou seu manto e, resmungando sozinha, foi para o jardim. Havia algo no que Vandene dissera que a incomodava, mas ela não lembrava o que era. Uma resposta, ou uma pista para uma resposta, a uma pergunta que ela não fizera, mas que também não conseguia lembrar.

O jardim era pequeno, como a casa, mas dava para ver que era bem cuidado mesmo ao luar, apenas com o auxílio do brilho amarelado das janelas do chalé mostrando os caminhos de areia entre canteiros de flores bem preservados. Ela afrouxou o manto nos ombros, para protegê-la da brisa fresca da noite. *Qual era a resposta, e qual a pergunta?*

Ouviu um som de alguém pisando na areia logo atrás de si e se virou, pensando que era Lan.

Uma sombra se assomava a apenas alguns passos dela; uma sombra que parecia ser um homem alto demais e envolto em seu manto. Mas o luar iluminou seu rosto pálido e com bochechas magras e olhos negros grandes demais acima de uma boca pequena e repuxada de lábios vermelhos. O manto se abriu, desdobrando-se em grandes asas, como as de um morcego.

Sabendo que era tarde demais, ela se abriu para *saidar*, mas o Draghkar começou a emitir um som melodioso, cujo zumbido baixo a tomou por completo, vencendo sua vontade. *Saidar* escapou. Ela sentiu apenas uma vaga tristeza ao dar um passo na direção da criatura, pois o cantar melodioso e profundo que a atraía mais para perto reprimia o sentimento. Mãos muito, muito brancas se estendiam na direção dela. Pareciam com as mãos de um homem, mas tinham garras nas pontas. E lábios da cor de sangue se curvaram na paródia de um sorriso, revelando dentes afiados, mas tão pouco, tão pouco, que ela sabia que não morderiam nem arrancariam um pedaço. Tema o beijo do Draghkar. Assim que aqueles lábios a tocassem, ela estaria praticamente morta, teria sua alma sugada, e, depois, a própria vida. Quem a encontrasse, ainda que chegasse no instante em que o Draghkar a deixasse cair no chão, veria um cadáver sem marcas, frio, como se estivesse morto havia dois dias. E se chegassem antes de ela ter morrido, encontrariam coisa pior, e que não seria mais ela, de fato. O som melodioso a puxou para o alcance daquelas mãos pálidas, e a cabeça do Draghkar se abaixou lentamente em sua direção.

Ela sentiu apenas a menor das surpresas quando a lâmina de uma espada faiscou sobre seu ombro e perfurou o peito do Draghkar, e apenas um pouco mais quando uma segunda passou por cima de seu outro ombro para atingir o ponto ao lado do primeiro.

Aturdida e cambaleante, ela assistiu como se de muito longe à criatura ser empurrada para trás, para longe dela. Lan apareceu em seu campo de visão, depois Jaem. Os braços ossudos do Guardião de

cabelos grisalhos seguravam sua espada com tanta força e firmeza quanto os do mais jovem. As mãos pálidas do Draghkar se encheram de sangue quando tentaram arrancar o aço afiado, e ele bateu as asas em desespero, produzindo estalidos altos como trovões com os quais tentava atingir os dois homens. De repente, ferido e sangrando, ele começou a emitir seu murmúrio melodioso outra vez. Para os Guardiões.

Com dificuldade, Moiraine reuniu suas forças. Ela se sentia quase tão sem energia quanto se a criatura a tivesse beijado. *Não tenho tempo para ser fraca*. Em um instante, ela se abriu para *saidar* e, quando o Poder a preencheu, fortaleceu-se para tocar o Filho das Sombras. Os dois homens estavam próximos demais, qualquer coisa que fizesse os machucaria junto com a criatura. Mesmo usando o Poder Único, ela sabia que se sentiria profanada pelo Draghkar.

Mas, assim que começou, Lan gritou:

— Abrace a morte!

Jaem repetiu com firmeza:

— Abrace a morte!

E os dois homens avançaram para o alcance do toque do Draghkar e cravaram as lâminas até o cabo.

Jogando a cabeça para trás, a criatura soltou um urro, um grito agudo que pareceu perfurar a cabeça de Moiraine com agulhas. Mesmo envolta em *saidar*, ela podia senti-lo. Como uma árvore caindo, o Draghkar tombou para a frente, uma das asas derrubando Jaem e o fazendo cair de joelhos. Lan desabou, como se estivesse exausto.

Lampiões chegaram, apressados, de dentro da casa, trazidos por Vandene e Adeleas.

— Que barulho foi esse? — indagou Adeleas. Ela era quase idêntica à irmã. — Por acaso Jaem veio aqui fora e… — A luz do lampião iluminou o Draghkar, e ela parou de falar.

Vandene pegou as mãos de Moiraine.

— Ele não…? — Ela deixou a pergunta no ar. Aos olhos de Moiraine, uma nuvem negra a cercava. Sentindo a força fluir das outras mulheres para dentro dela, Moiraine desejou, não pela primeira vez, que Aes Sedai pudessem fazer por si mesmas o que faziam pelos outros.

— Não — respondeu, agradecida. — Cuidem dos Gaidin.

Lan olhou para ela com a boca rígida.

— Se você não tivesse me deixado tão zangado a ponto de ir praticar as formas com Jaem, tão zangado que acabei desistindo para voltar para dentro…

— Mas deixei — respondeu. — O Padrão leva tudo isso em conta ao tecer.

Jaem estava resmungando, mas permitiu que Vandene cuidasse

de seu ombro. O homem era só osso e tendões, mas parecia duro como raízes velhas.

— Como — indagou Adeleas — uma criatura da Sombra pode chegar tão perto sem que a sentíssemos?

— A criatura tinha um selo de proteção — respondeu Moiraine.

— Impossível — retrucou Adeleas. — Só uma irmã poderia… — Ela hesitou, e Vandene tirou os olhos de Jaem e virou-se para a Aes Sedai mais jovem.

Moiraine disse as palavras que nenhuma delas queria ouvir.

— A Ajah Negra. — Gritos vieram da aldeia. — É melhor esconder isso — disse, indicando o Draghkar, caído sobre um canteiro de flores —, e rápido. Eles virão perguntar se você precisa de ajuda, mas ver esta criatura aqui iniciará uma conversa da qual você não vai gostar.

— Sim, é claro — respondeu Adeleas. — Jaem, vá ao encontro deles. Diga que você não sabe o que fez esse ruído, mas que está tudo bem por aqui. Atrase-os. — O Guardião de cabelos grisalhos correu noite adentro, indo em direção ao som dos aldeões que se aproximavam. Adeleas se virou para estudar o Draghkar, como se aquilo fosse uma passagem intrigante em um de seus livros. — Independente de terem Aes Sedai envolvidas ou não, o que poderia tê-lo trazido aqui?

Vandene olhou para Moiraine em silêncio.

— Receio que preciso deixá-las — disse Moiraine. — Lan, pode preparar os cavalos? — Ao sair, acrescentou: — Deixarei cartas com vocês para serem enviadas à Torre Branca, se puderem cuidar disso.

Adeleas assentiu, distraída, sua atenção ainda na criatura morta no chão.

— E você encontrará suas respostas no lugar para onde está indo? — perguntou Vandene.

— Pode ser que eu já tenha encontrado uma resposta que não sabia que estava procurando. Só espero não estar atrasada. Precisarei de pena e pergaminho. — Ela puxou Vandene consigo para dentro da casa, deixando que Adeleas cuidasse do Draghkar.

23

O Teste

Bem abaixo da Torre Branca, Nynaeve examinou a imensa câmara com desconfiança, e olhou de soslaio para Sheriam, que estava ao seu lado, com a mesma desconfiança. A Mestra das Noviças parecia olhá-la com expectativa, talvez até um pouco de impaciência. Em seus poucos dias em Tar Valon, Nynaeve vira apenas serenidade nas Aes Sedai, e uma aceitação sorridente de que as coisas aconteciam em seu próprio tempo.

O aposento com teto abobadado era escavado direto da rocha da ilha. A luz de lampiões pendurados bem alto refletia nas paredes de pedra branca e lisa. Embaixo da cúpula, bem no centro, havia um artefato formado por três arcos de prata arredondados, com altura suficiente para uma pessoa passar por baixo deles. As bases dos arcos se tocavam, interligadas por um círculo de prata, compondo uma mesma peça. Ela não conseguia ver o que havia do lado de dentro, pois a luz ali cintilava de um modo estranho e a deixava enjoada quando olhava diretamente por muito tempo. No ponto em que as bases dos arcos se interligavam, havia uma Aes Sedai sentada de pernas cruzadas sobre a pedra nua do piso, com o olhar fixo na peça de prata. Mais outra estava ali perto, ao lado de uma mesa simples, sobre a qual repousavam três grandes cálices de prata. Cada um deles, Nynaeve sabia, ou pelo menos era o que lhe disseram, estava cheio de água límpida. Todas as quatro Aes Sedai usavam seus xales, assim como Sheriam. Franjas azuis para a Mestra das Noviças, vermelhas para a mulher morena próxima à mesa, verde, branca e cinza para as outras três ao redor dos arcos. Nynaeve ainda usava um dos vestidos

que ganhara em Fal Dara, verde-claro com pequenas flores brancas bordadas.

— Primeiro você me deixa olhando para as paredes o dia inteiro — murmurou Nynaeve —, e agora é tudo uma correria.

— O tempo não espera mulher alguma — respondeu Sheriam. — Há de ser o que a Roda tecer, e *quando* a Roda tecer. Paciência é uma virtude que deve ser aprendida, mas todas devemos estar prontas para a mudança num instante.

Nynaeve tentou não fuzilá-la com o olhar. A coisa mais irritante que ela já descobrira a respeito da Aes Sedai de cabelos de fogo era que ela às vezes falava como se estivesse recitando citações, mesmo quando não estava.

— O que é isso?

— Um *ter'angreal*.

— Bem, isso não quer dizer nada para mim. O que ele faz?

— *Ter'angreal* fazem muitas coisas, criança. Assim como *angreal* e *sa'angreal*, são remanescentes da Era das Lendas que usam o Poder Único, embora não sejam tão raros quanto os outros dois. Alguns *ter'angreal* só funcionam com a ajuda de Aes Sedai, como este aqui, enquanto para outros basta a presença de uma mulher capaz de canalizar. Dizem até que existem alguns que funcionam com qualquer um. Ao contrário de *angreal* e *sa'angreal*, eles foram criados para fins específicos. Temos outro na Torre que reforça os elos dos juramentos. Quando você for elevada à condição de irmã completa, fará seus votos finais segurando esse *ter'angreal:* não dizer uma palavra que não seja verdadeira; não criar uma arma que ajude um homem a matar outro; nunca usar o Poder Único como arma, exceto contra Amigos das Trevas e Filhos das Sombras, ou no caso extremo de precisar defender a própria vida, a de seu Guardião ou a de outra irmã.

Nynaeve balançou a cabeça. Parecia coisa demais para se jurar, ou coisa de menos, e foi o que disse.

— Antigamente, não se exigia que as Aes Sedai fizessem juramentos. Sabia-se o que as Aes Sedai eram e o que defendiam, e nada mais era necessário. Muitas de nós gostariam que isso ainda fosse dessa forma. Mas a Roda gira, e os tempos mudam. Por fazermos esses juramentos, por saberem que estamos vinculadas, as nações lidam conosco sem temer que usemos nosso poder, o Poder Único, contra elas. Fizemos essa escolha entre as Guerras dos Trollocs e a Guerra dos Cem Anos, e é por causa dela que Torre Branca ainda está de pé e que ainda somos capazes de fazer o que pudermos contra a Sombra. — Sheriam respirou fundo. — Luz, criança, estou tentando ensiná-la o que qualquer outra mulher que estivesse onde você está teria aprendido no decorrer de anos. Não pode ser feito. Você deve se preocupar com os *Ter'angreal* agora. Não sabemos por que eles foram

feitos, ousamos utilizar apenas alguns deles, e de maneiras que podem não ter relação alguma com os objetivos iniciais de seus criadores. A maioria, aprendemos a evitar depois de sofrer as consequências. Ao longo dos anos, muitas Aes Sedai morreram ou exauriram seus Talentos antes de aprendermos a evitá-los.

Nynaeve ficou arrepiada.

— E você quer que eu entre nesses arcos? — A luz dentro dos arcos estava tremeluzindo menos, mas ainda não era possível ver o que havia ali dentro.

— Nós sabemos o que este aqui faz. Colocará você diante de seus maiores medos. — Sheriam sorriu de modo agradável. — Ninguém lhe perguntará o que você enfrentou. Você não precisará dizer mais do que desejar. Toda mulher é dona de seus próprios medos.

Nynaeve pensou em seu nervosismo com relação a aranhas, ainda mais no escuro, mas não achou que era sobre aquilo que Sheriam falava.

— É só entrar por um arco e sair pelo outro? Três vezes, e pronto?

A Aes Sedai ajustou seu xale com um puxão irritado no ombro.

— Se você quer resumir tanto assim, é isso — respondeu, muito seca. — Eu já lhe expliquei no caminho até aqui o que você precisa saber a respeito da cerimônia, pelo menos o tanto que alguém tem permissão de saber com antecedência. Se você fosse uma noviça, já saberia de cor. Mas não se preocupe em cometer erros. Eu a lembrarei, se for necessário. Tem certeza de que está pronta para encarar isso? Se quiser parar agora, ainda posso colocar seu nome no livro das noviças.

— Não!

— Muito bem, então. Vou lhe dizer duas coisas que nenhuma mulher ouve até entrar neste aposento. A primeira é: assim que começar, você terá que ir até o fim. Caso se recuse a prosseguir, não importa seu potencial: você será posta para fora da Torre com muita delicadeza e prata o bastante para sustentá-la por um ano, sem permissão para voltar, nunca mais. — Nynaeve abriu a boca para dizer que não recusaria, mas Sheriam a interrompeu com um gesto brusco. — Escute, e fale apenas quando souber o que dizer. Segundo: procurar se esforçar signi ica enfrentar o perigo. Aqui, você enfrentará algo perigoso. Algumas mulheres entraram e nunca saíram. Quando o *ter'angreal* se aquietou, elas… não estavam… lá. E nunca mais foram vistas. Se quiser sobreviver, precisa ser firme. Hesite, fracasse, e… — Seu silêncio foi mais eloquente do que qualquer palavra. — Esta é sua última chance, criança. Você pode recuar agora, neste instante, e eu colocarei seu nome no livro das noviças. Você terá apenas uma marca negativa. Terá permissão de vir até aqui mais duas vezes, e apenas na terceira recusa será expulsa da Torre. Não é uma vergonha recusar. Muitas o fazem. Eu mesma não consegui na primeira vez que vim

aqui. Agora você pode falar.

Nynaeve olhou de relance para os arcos prateados. A luz neles não tremeluzia mais, e eles estavam repletos de um brilho branco e suave. Para aprender o que queria, ela precisava da liberdade de questionamento de uma Aceita, para estudar por conta própria, apenas com a orientação que solicitasse. *Eu preciso fazer Moiraine pagar pelo que ela fez conosco. Eu preciso*.

— Eu estou pronta.

Sheriam entrou na câmara devagar. Nynaeve foi ao seu lado.

Como se aquilo fosse um sinal, a irmã Vermelha falou em voz alta e formal:

— Quem trazes contigo, Irmã?

As três Aes Sedai ao redor dos arcos continuaram com a atenção voltada para o *ter'angreal*.

— Alguém que se apresenta como candidata para a Aceitação, Irmã — respondeu Sheriam, com a mesma formalidade.

— Ela está pronta?

— Ela está pronta para deixar para trás o que era, e, ao passar por seus medos, ser Aceita.

— Ela conhece seus medos?

— Ela nunca os encarou, mas agora está disposta.

— Então que ela encare o que teme!

Sheriam parou a duas braças dos arcos, e Nynaeve parou com ela.

— Seu vestido — sussurrou Sheriam, sem olhá-la.

As bochechas de Nynaeve coraram por já ter esquecido o que Sheriam lhe explicara no caminho do quarto até ali. Ela retirou as roupas, sapatos e meias depressa. Por um instante, quase conseguiu esquecer os arcos enquanto dobrava suas vestes e as empilhava em um canto. Enfiou o anel de Lan embaixo do vestido com cuidado, pois não queria que ficassem olhando para ele. Então acabou, e o *ter'angreal* continuava ali, continuava esperando.

A pedra sob seus pés descalços estava fria, o que lhe provocou calafrios, mas ela manteve as costas eretas e começou a respirar devagar. Não deixaria que nenhuma daquelas mulheres visse que estava com medo.

— A primeira vez — disse Sheriam — é pelo que foi. O caminho de volta só aparecerá uma vez. Seja firme.

Nynaeve hesitou. Então avançou, atravessou o arco e adentrou o brilho, que a cercou como se o próprio ar reluzisse, como se ela estivesse se afogando em luz. A luz estava por toda parte. A luz era tudo.

Nynaeve sobressaltou-se ao perceber que estava nua, então olhou ao redor, assombrada. Duas muralhas de pedra se elevavam ao seu

redor, uma de cada lado, ambas com o dobro de sua altura e lisas, como se tivessem sido esculpidas. Mexeu os dedos dos pés no chão empoeirado de pedras irregulares. O céu acima parecia plano e cinzento, apesar da falta de nuvens, e o sol, inchado e vermelho, estava logo acima de sua cabeça. Em ambas as direções havia aberturas na parede, portais marcados por colunas baixas e quadradas. As muralhas restringiam seu campo de visão, mas o chão descia em uma encosta a partir do ponto onde estava, tanto na frente quanto atrás. Através dos portais, ela podia ver mais muralhas, com passagens entre elas. Estava em um gigantesco labirinto.

Onde estou? Como cheguei aqui? Como se fosse uma voz diferente, outro pensamento surgiu. *A saída só aparecerá uma vez*.

Ela balançou a cabeça.

— Se só existe uma saída, não vou encontrá-la parada aqui. — Pelo menos o ar era quente e seco. — Espero encontrar algumas roupas antes de pessoas — murmurou.

Lembrou-se vagamente de brincar de traçar labirintos no papel quando era criança. Havia um truque para encontrar a saída, mas ela não se lembrava de qual era. Tudo no passado parecia vago, como se tivesse acontecido com outra pessoa. Passando a mão pela parede, ela começou seu percurso, levantando pequenas nuvens de poeira com os pés descalços.

Na primeira abertura na parede, percebeu que olhava para outra passagem, que parecia indistinguível daquela em que estava. Respirando fundo, ela seguiu em frente, atravessando mais passagens exatamente iguais. Agora estava em uma diferente. O caminho se bifurcava. Ela escolheu o da esquerda, que depois de algum tempo voltou a se bifurcar. Mais uma vez, escolheu o da esquerda. Na terceira bifurcação, o caminho da esquerda acabou por dar em um beco sem saída.

Sem titubear, ela caminhou de volta até a última bifurcação e virou à direita. Dessa vez, precisou virar à direita quatro vezes para chegar a outro beco sem saída. Por um momento, ficou olhando irritada para a parede.

— Como foi que cheguei aqui? — indagou bem alto. — Onde estou? *A saída só aparecerá uma vez*.

Novamente, ela se virou. Tinha certeza de que devia haver um truque no labirinto. Na última bifurcação, virou à esquerda, e escolheu a direita na seguinte. Determinada, ela se manteve em movimento. Esquerda, depois direita. Em frente até chegar a uma bifurcação. Esquerda, depois direita.

Aquilo parecia estar funcionando. Pelo menos, ela passara por uma dezena de bifurcações sem chegar a uma parede, dessa vez. E chegou a mais uma.

Pelo canto do olho, vislumbrou um movimento rápido. Quando se virou para olhar, havia apenas a passagem empoeirada entre paredes lisas de pedra. Ela começou a pegar o caminho da esquerda… e se virou quando captou mais um vislumbre de movimento. Não havia nada lá, mas dessa vez tinha certeza. Alguém estava atrás dela. Alguém estivera lá. Nervosa, ela começou a acelerar o passo na direção oposta.

A todo instante, bem nos limites de seu campo de visão, enquanto caminhava por uma passagem ou por outra, ela via algo se mover. Era rápido demais para distinguir e desaparecia antes que ela pudesse virar a cabeça para ver com clareza. Ela começou a correr. Poucos garotos haviam sido capazes de correr mais rápido que ela, quando menina em Dois Rios. *Dois Rios? O que é isso?*

Um homem saiu de uma passagem à sua frente. Suas roupas escuras tinham um aspecto mofado, meio apodrecido, e ele era velho. Mais velho do que apenas velho. Uma pele que lembrava um pergaminho ino cobria seu crânio magro demais, como se não houvesse carne alguma por baixo. Pequenos tufos de cabelos quebradiços cobriam uma cabeça cheia de feridas, e seus olhos estavam tão encovados que pareciam espiar de dentro de duas cavernas.

Ela parou bruscamente, e as pedras irregulares do calçamento machucaram seus pés.

— Eu sou Aginor — disse o homem, sorrindo — e vim buscá-la.

O coração dela tentou pular para fora do peito. Um dos Abandonados.

— Não. Não, não pode ser!

— Você é bonita, garota. Eu vou gostar bastante.

De repente, Nynaeve lembrou-se de que não usava sequer um trapo. Com um gritinho e o rosto corando não apenas de raiva, ela seguiu correndo o cruzamento mais próximo. Risadas ensandecidas a perseguiram, junto com o som abafado de passos acelerados que pareciam correr tanto quanto ela e promessas sussurradas sobre o que ele faria quando a pegasse. Promessas que lhe embrulhavam o estômago, mesmo quando quase não as ouvia.

Ela procurava, desesperada, uma saída, olhando para os lados freneticamente enquanto corria com os punhos cerrados. *A saída só aparecerá uma vez . Seja firme*. Não havia nada, apenas mais labirintos infinitos. Por mais que corresse, as palavras nojentas dele sempre estavam logo atrás dela. Lentamente, o medo se transformou em raiva.

— Que o queime! — exclamou com um soluço. — Que a Luz o queime! Ele não tem o direito! — Dentro dela, sentiu um florescer, um abrir, um desdobrar-se para a luz.

Com os dentes cerrados, ela se virou para enfrentar seu

perseguidor no mesmo instante em que Aginor apareceu, rindo, correndo cambaleante.

— Você não tem o direito! — Ela socou o ar na direção dele, abrindo os dedos como se atirasse algo. Não ficou tão surpresa ao ver uma bola de fogo deixar sua mão.

Ela explodiu no peito de Aginor, derrubando-o no chão. Ele ficou ali caído por apenas um instante, então se levantou cambaleante. Parecia não perceber que a frente de seu casaco fumegava.

— Como ousa? Como ousa? — Ele tremia de raiva, e um fio de baba escorria pelo queixo.

De repente, o céu se encheu de nuvens, massas ondulantes e ameaçadoras de cinza e preto. Relâmpagos saíram delas, vindo em direção ao coração de Nynaeve.

Pareceu-lhe, por apenas um segundo, que o tempo quase havia parado, como se aquele segundo tivesse levado uma eternidade. Ela sentiu o luxo dentro de si, e um pensamento distante o nomeou: *saidar*. Sentiu o luxo respondendo ao relâmpago. E alterando a sua direção. O tempo voltou a correr.

Com uma explosão, o raio destruiu a pedra acima da cabeça de Aginor. Os olhos encovados do Abandonado se arregalaram, e ele recuou.

— Você não pode! Não pode ser! — Ele saltou quando um relâmpago acertou o lugar onde estivera, e a pedra explodiu em lascas.

Inflexível, Nynaeve partiu em sua direção. E Aginor fugiu.

Saidar era uma torrente percorrendo seu corpo. Ela podia sentir as rochas ao redor, sentir o ar, sentir os fragmentos minúsculos e fluidos do Poder Único que as recobriam e as compunham. E ela também podia sentir Aginor fazendo… alguma coisa. Ela sentia aquilo vagamente, como se fosse algo que jamais poderia saber de verdade, mas via os efeitos ao seu redor e sabia o que significavam.

O chão roncava e tremia sob seus pés. Paredes desabavam à sua frente, criando pilhas de pedra que bloqueavam seu caminho. Ela passou correndo por elas, sem se importar se a pedra afiada cortava suas mãos e pés, sempre mantendo Aginor à vista. Um vento começou a soprar, uivando por entre passagens contra seu corpo, soprando com força até achatar suas bochechas e arrancar lágrimas de seus olhos, tentando derrubá-la. Ela mudou o luxo, e Aginor caiu e rolou pela passagem, como um arbusto cuja raiz foi arrancada. Ela tocou o luxo no chão, redirecionando-o, e muralhas de pedra desabaram ao redor de Aginor, prendendo-o. Raios caíam com seu olhar furioso, atingindo o chão ao redor dele, e pedras explodiam cada vez mais perto. A mulher podia senti-lo lutando para empurrar tudo de volta para ela, mas, pouco a pouco, os relâmpagos estonteantes avançavam na

direção do Abandonado.

Alguma coisa reluziu à sua direita, algo revelado pelas paredes derrubadas.

Nynaeve pôde sentir Aginor enfraquecendo, sentir seus esforços para atingi-la ficarem cada vez mais fracos e frenéticos. No entanto, ela sabia, de algum modo, que ele não desistira. Se o deixasse agora, ele a perseguiria com tanta força quanto antes, convencido de que era fraca demais para derrotá-lo, a final, fraca demais para impedi-lo de fazer o que desejasse com ela.

Um arco de prata estava no lugar onde estivera a pedra, um arco repleto de um brilho prateado e suave. *A saída…*

Ela percebeu quando o Abandonado deixou de lado o ataque, o momento em que abriu mão de todos os esforços para detê-la. E o poder dele não era o bastante, ele já não podia se proteger de seus golpes. Agora ele tinha de esquivar das lascas de pedras lançadas pelos raios dela, das explosões que ameaçavam derrubá-lo novamente.

A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Os relâmpagos não caíam mais. Nynaeve deu as costas a Aginor, que se arrastava, e olhou para o arco. Depois outra vez para Aginor, bem a tempo de vê-lo desaparecer, se arrastando para fora do monte de pedras. Ela sibilou de frustração. A maior parte do labirinto ainda estava de pé, com centenas de novos lugares para se esconder nos escombros que ela e o Abandonado criaram. Levaria tempo para encontrá-lo outra vez, mas tinha certeza de que, se não o achasse primeiro, ele a encontraria. E a atacaria com toda a força, quando ela menos esperasse.

A saída só aparecerá uma vez.

Assustada, ela voltou a olhar e ficou aliviada ao ver que o arco ainda estava lá. Se encontrasse Aginor depressa…

Seja firme.

Com um grito raivoso de frustração, ela escalou o monte de pedras caídas na direção do arco.

— Seja quem for o responsável por eu estar aqui — murmurou —, farei com que desejem receber o mesmo tratamento de Aginor. Eu vou… — Ela passou por dentro do arco, e a luz a envolveu.

— Eu vou… — Nynaeve saiu do arco e parou para olhar ao redor. Estava tudo como se lembrava, o *ter'angreal* prateado, as Aes Sedai, a câmara, mas lembrar era como um golpe, memórias esquecidas voltavam de súbito. Ela saíra do mesmo arco pelo qual entrara.

A irmã Vermelha ergueu bem alto um dos cálices de prata e derramou um fio de água límpida e fria sobre a cabeça de Nynaeve.

— Você está lavada de qualquer pecado que possa ter cometido — entoou a Aes Sedai — e dos cometidos contra você. Você está sendo lavada de qualquer crime que possa ter cometido, e dos cometidos

contra você. Você vem a nós lavada e pura, de coração e alma.

Nynaeve tremia enquanto a água escorria pelo seu corpo, pingando no chão.

Sheriam a pegou pelo braço com um sorriso aliviado, mas a voz da Mestra das Noviças não transparecia qualquer preocupação.

— Você está indo bem, até agora. Voltar signi ica estar indo bem. Lembre-se de qual é seu objetivo, e continuará a ir bem. — A ruiva começou a conduzi-la, dando a volta no *ter'angreal*, até outro arco.

— Foi tão real — sussurrou Nynaeve. Ela podia se lembrar de tudo, podia se lembrar de canalizar o Poder Único com a mesma facilidade com que levantava a mão. Podia se lembrar de Aginor e das coisas que o Abandonado queria fazer com ela. Sentiu outro arrepio. — Era real?

— Ninguém sabe — respondeu Sheriam. — Parece real na memória, e algumas saíram carregando as marcas reais de ferimentos provocados lá dentro. Outras se cortaram gravemente e voltaram sem uma marca sequer. Para cada mulher que entra, a experiência é diferente. Os antigos dizem que existiam muitos mundos. Talvez este *ter'angreal* leve a eles. Mas, se for isso, ele o faz sob regras muito rígidas para uma coisa criada apenas para levar você de um lugar a outro. Acredito que não seja real. Mas lembre-se: não importa se o que acontece é real ou não, o *perigo* é tão verdadeiro quanto uma faca sendo cravada em seu coração.

— Eu canalizei o Poder. Foi tão fácil!

Sheriam quase tropeçou.

— Isso não deveria ser possível. Você não deveria sequer se lembrar de ser capaz de canalizar. — Ela estudou Nynaeve. — No entanto, não está ferida. Posso sentir a habilidade em você, tão forte quanto sempre foi.

— Você fala como se fosse perigoso — respondeu Nynaeve, devagar, e Sheriam hesitou antes de responder.

— Ninguém achou necessário avisá-la, já que você não deveria ser capaz de lembrar, mas… O *ter'angreal* foi encontrado durante as Guerras dos Trollocs. Nós temos os registros de seus estudos nos arquivos. A primeira irmã a entrar recebeu os feitiços de proteção mais fortes possíveis, já que ninguém sabia o que isso faria. Ela conservou suas memórias e canalizou o Poder Único quando foi ameaçada. E saiu com as habilidades totalmente exauridas, incapaz de canalizar, incapaz até mesmo de sentir a Fonte Verdadeira. A segunda a entrar também foi protegida, e também foi destruída da mesma maneira. A terceira entrou desprotegida, não se lembrava de nada ao entrar e retornou ilesa. Este é um dos motivos pelos quais enviamos você completamente desprotegida. Nynaeve, você não deve canalizar dentro do *ter'angreal* de novo. Eu sei que é di ícil se lembrar de

qualquer coisa, mas tente.

Nynaeve engoliu em seco. Ela podia se lembrar de tudo, podia se lembrar de não lembrar.

— Eu não vou canalizar — respondeu. — *Se puder me lembrar de não fazê-lo*. Teve vontade de soltar uma risada histérica.

Eles haviam chegado ao próximo arco. O brilho ainda preenchia todos. Sheriam lançou a Nynaeve um último olhar de aviso e a deixou ali parada em pé, sozinha.

— A segunda vez é pelo que é. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Nynaeve encarou o arco de prata brilhante. *O que haverá ali dessa vez?* As outras estavam esperando, observando. Ela atravessou a luz, determinada.

Nynaeve olhou, surpresa, para o vestido marrom e simples que vestia, depois levou um susto. Por que estava olhando para seu próprio vestido? *A saída só aparecerá uma vez*.

Olhando ao redor, ela sorriu. Estava na beira do Campo, em Campo de Emond, rodeada de casas com telhado de palha e com a Estalagem Fonte de Vinho bem à sua frente. O próprio rio Fonte de Vinho jorrava do a floramento de rocha que despontava entre as folhas de relva do Campo, e o rio corria para leste sob os salgueiros ao lado da estalagem. As ruas estavam vazias, mas a maioria das pessoas devia estar ocupada com suas tarefas àquela hora da manhã.

Olhando para a estalagem, seu sorriso desapareceu. Havia mais do que apenas um ar de descuido no local. A cal estava desbotada, um postigo de janela pendia quase solto e a extremidade apodrecida de uma viga aparecia por um buraco no telhado. *O que deu em Bran? Será que ele tem passado tanto tempo como Prefeito que está se esquecendo de cuidar da própria estalagem?*

A porta da estalagem se abriu, e Cenn Buie saiu, parando assim que a viu. O velho telhador estava encurvado como uma raiz de carvalho, e o olhar que lançou para ela não era muito amistoso.

— Então você voltou, não foi? Ora, por que não vai embora de novo?

Nynaeve franziu a testa quando ele cuspiu aos seus pés e passou apressado por ela. Cenn nunca fora um homem agradável, mas raramente era tão grosso. Pelo menos, nunca com ela. Nunca na sua frente. Seguindo-o com os olhos, ela viu sinais de descaso por toda a aldeia, telhados que deveriam ter sido consertados, ervas daninhas infestando quintais. A porta da casa da Senhora al'Caar estava quase solta, pendurada apenas por uma dobradiça quebrada.

Sacudindo a cabeça, Nynaeve abriu a porta da estalagem e entrou. *Vou ter mais do que uma simples conversa com Bran sobre isso*.

O salão da estalagem estava vazio exceto por uma mulher sozinha, cuja trança grossa e grisalha estava puxada sobre o ombro. Estava limpando uma das mesas, mas, pelo jeito que olhava para o tampo, Nynaeve achava que ela não estivesse prestando atenção ao que fazia. O aposento parecia cheio de pó.

— Marin?

Marin al'Vere sobressaltou-se, levando uma das mãos à garganta, e olhou para a frente. Parecia anos mais velha. Acabada.

— Nynaeve? Nynaeve! Ah, é você. Egwene? Você trouxe Egwene de volta? Diga que trouxe.

— Eu… — Nynaeve levou a mão à cabeça. *Onde está Egwene?* Parecia que ela *deveria* se lembrar. — Não. Não, eu não a trouxe de volta. *A saída só aparecerá uma vez*.

A Senhora al'Vere desabou em uma das cadeiras de espaldar alto.

— Eu tinha tantas esperanças. Desde que Bran morreu…

— Bran morreu? — Nynaeve não conseguia pensar naquilo. Aquele homenzarrão sorridente sempre dera a impressão de que viveria para sempre. — Eu tinha que estar aqui.

A outra mulher se levantou de um salto e correu para espiar, preocupada, por uma janela que dava para o Campo e a aldeia.

— Se Malena souber que você está aqui, teremos problemas. Eu sei que Cenn saiu correndo atrás dela. Agora ele é o Prefeito.

— Cenn? Como foi que esses cabeças de lã escolheram Cenn?

— Foi Malena. Ela colocou o Círculo das Mulheres inteiro atrás de seus maridos para votar nele. — Marin quase apertou o rosto contra a janela, tentando olhar para todos os lados ao mesmo tempo. — Esses homens bobos não conversam sobre o nome que vão colocar na caixa, acho que todos que votaram em Cenn pensaram ser os únicos cujas mulheres o importunaram para fazer isso. Pensaram que um voto não fosse fazer diferença. Bem, agora eles aprenderam. Todos nós aprendemos.

— Quem é essa Malena que leva o Círculo das Mulheres a fazer suas vontades? Nunca ouvi falar dela.

— Ela é da Colina da Vigia. Ela é a Sabe… — Marin deu as costas à janela, torcendo as mãos. — Malena Aylar é a Sabedoria, Nynaeve. Quando você não voltou… Luz, espero que ela não descubra que você está aqui.

Nynaeve balançou a cabeça, perplexa.

— Marin, você tem medo dela. Você está tremendo. Que tipo de mulher ela é? Por que o Círculo das Mulheres escolheria alguém assim?

A Senhora al'Vere deu uma risada amarga.

— Devíamos estar loucas. Malena veio ver Mavra Mallen na véspera de Mavra voltar para Trilha de Deven. Naquela noite, algumas

crianças ficaram doentes, e Malena ficou para cuidar delas, e então as ovelhas começaram a morrer, e Malena cuidou disso também. Simplesmente pareceu natural escolhê-la, mas… Ela é uma valentona, Nynaeve. Força você a fazer o que quer. Ela vai forçando, e vai forçando, até você estar cansada demais para dizer não. E o pior: ela deu uma surra em Alsbet Luhhan.

Uma imagem veio à mente de Nynaeve, de Alsbet Luhhan e seu marido, Haral, o ferreiro. Ela era quase tão alta quanto ele, e um pouco atarracada, porém bonita.

— Alsbet é quase tão forte quanto Haral. Não consigo acreditar…

— Malena não é uma mulher grande, mas ela… Ela é feroz, Nynaeve. Ela surrou Alsbet por todo o Campo com um bastão, e nenhum de nós teve a coragem de tentar impedir. Quando ficaram sabendo, Bran e Haral disseram que ela tinha de ir embora, mesmo que estivessem interferindo nos assuntos do Círculo das Mulheres. Eu acho que algumas das mulheres do Círculo talvez pudessem ouvir, mas Bran e Haral ficaram doentes na mesma noite e morreram com um dia de diferença um do outro. — Marin mordeu o lábio e olhou ao redor da sala, como se achasse que alguém podia estar escondido ali. Então abaixou a voz. — Malena preparou os remédios deles. Disse que era seu dever, mesmo que tivessem falado contra ela. Eu vi… Eu vi funcho cinza no meio das coisas dela.

Nynaeve perdeu o fôlego.

— Mas… Tem certeza, Marin? Tem certeza? — A outra mulher assentiu, à beira das lágrimas. — Marin, se você sequer suspeitou de que essa mulher pode ter envenenado Bran, como pôde não ter ido ao Círculo?

— Ela disse que Bran e Haral não caminhavam na Luz — murmurou Marin — falando contra a Sabedoria daquele jeito. Disse que foi por isso que morreram, que a Luz os abandonou. Ela fala de pecado o tempo todo. Disse que Paet al'Caar pecou, falando contra ela quando Bran e Haral morreram. Tudo o que ele falou foi que ela não tinha o mesmo jeito para Curar que você, mas ela desenhou a Presa do Dragão em sua porta, com o pedaço de carvão na mão, na frente de todo mundo. Os dois filhos dele morreram antes do fim daquela semana: quando a mãe foi acordá-los, estavam mortinhos. Pobre Nella! Nós a encontramos vagando, rindo e chorando ao mesmo tempo, gritando que Paet era o Tenebroso e que matara seus filhos. Paet se enforcou no dia seguinte. — Ela se arrepiou, e sua voz ficou tão baixa que Nynaeve mal conseguiu ouvi-la. — Eu ainda tenho quatro ilhas vivendo sob meu teto. Vivendo, Nynaeve. Você entende o que digo. Elas ainda estão vivas, e eu quero mantê-las assim.

Nynaeve sentiu um calafrio que chegou aos ossos.

— Marin, você não pode permitir isso. *A saída só aparecerá uma*

vez. Seja firme. Ela afastou o pensamento. — Se o Círculo das Mulheres se unir, vocês podem se livrar dela.

— Se unir contra Malena? — A risada de Marin era quase um soluço. — Nós todas temos medo dela. Mas ela é boa com as crianças. As crianças estão sempre doentes hoje em dia, pelo que parece, mas Malena faz o melhor que pode. Quase ninguém morria de doença quando você era a Sabedoria.

— Marin, me escute. Você não vê por que sempre há crianças doentes? Se ela não consegue fazer vocês terem medo dela, faz vocês pensarem que precisam dela por causa das crianças. É ela quem está fazendo isso, Marin. Exatamente como fez com Bran.

— Ela não poderia — respondeu Marin, sem fôlego. — Não faria isso. Não com os pequenos.

— Ela está fazendo isso, Marin. — *A saída* — Nynaeve afastou o pensamento sem titubear. — Existe alguém no Círculo que não tenha medo? Alguém que escute?

A outra mulher respondeu:

— Ninguém que não tenha medo. Mas Corin Ayellin poderia escutar. Se ela o fizer, pode ser que traga mais duas ou três. Nynaeve, se gente suficiente no Círculo escutar, você pode voltar a ser nossa Sabedoria? Acho que você é a única que não se curvará a Malena, mesmo que todas nós saibamos a verdade. Você não sabe do que ela é capaz.

— Eu serei. — *A saída — Não! Esta é minha gente!* — Pegue seu manto, e vamos ver Corin.

Marin estava insegura quanto a deixar a estalagem, e, assim que Nynaeve conseguiu fazer com que ela saísse, a mulher desceu a escada devagar, um degrau atrás do outro, curvada e muito atenta.

Antes da metade do caminho para a casa de Corin Ayellin, Nynaeve viu uma mulher alta e magricela vindo a passos largos pelo outro lado do Campo na direção da estalagem, afastando o mato com um bastão grosso de salgueiro. Era bem magra, mas parecia forte, e sua boca grande, que parecia talhada a golpe de faca, estava comprimida em uma expressão determinada. Cenn Buie corria atrás dela.

— Malena. — Marin puxou Nynaeve para um espaço entre duas casas e sussurrou, como se tivesse medo de que a mulher pudesse ouvir, mesmo do outro lado do Campo. — Eu sabia que Cenn iria buscá-la.

Alguma coisa fez Nynaeve olhar para trás. Atrás dela estava um arco de prata, estendendo-se de uma casa a outra, emitindo um brilho branco. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme*.

Marin deu um grito abafado.

— Ela nos viu. Que a Luz nos ajude, ela está vindo para cá!

A mulher alta mudara de direção, deixando Cenn parado e sem saber o que fazer. Não havia incerteza no rosto de Malena. Ela caminhava devagar, como se não houvesse esperança de fuga, com um sorriso cruel que crescia a cada passo.

Marin puxou a manga do vestido de Nynaeve.

— Temos que fugir. Temos que nos esconder. Nynaeve, venha. Cenn deve ter dito a ela quem é você. Ela odeia que qualquer pessoa sequer fale de você.

O arco de prata atraía o olhar de Nynaeve. *A saída…* Ela sacudiu a cabeça, tentando se lembrar. *Não é real.* Ela olhou para Marin: o rosto da mulher estava deformado de tão aterrorizado. *Você precisa ser firme se quiser sobreviver.*

— Por favor, Nynaeve. Ela me viu com você. Ela me viu! Por favor, Nynaeve!

Malena se aproximava, implacável. *Minha gente.* O arco reluzia. *A saída. Não é real.*

Com um soluço e um safanão, Nynaeve soltou seu braço da mão de Marin e mergulhou na direção do brilho prateado.

O grito agudo de Marin a perseguiu.

— Pelo amor da Luz, Nynaeve, me ajude. ME AJUDE!

O brilho a envolveu por inteiro.

Com os olhos fixos à frente, Nynaeve saiu do arco cambaleando, mal reparando no aposento ou nas Aes Sedai. O último grito de Marin ainda zumbia em seus ouvidos. Ela sequer estremeceu quando a água fria foi derramada em sua cabeça.

— Você está sendo lavada e puri ficada de falso orgulho. Você está sendo lavada e puri ficada de falsa ambição. Você vem a nós lavada e puri ficada, de coração e alma. — Quando a Aes Sedai Vermelha recuou, Sheriam veio para pegar Nynaeve pelo braço.

Nynaeve sobressaltou-se, e então percebeu quem era. Ela agarrou o colarinho do vestido de Sheriam com as duas mãos.

— Me diga que não era real. Me diga!

— Ruim? — Sheriam soltou as mãos dela como se estivesse acostumada a essa reação. — É sempre pior, e a terceira vez é a pior de todas.

— Eu deixei minha amiga… eu deixei minha *gente*… no Poço da Perdição, para voltar. — *Por favor, Luz, não foi real. Eu não fiz aquilo de verdade… Eu preciso fazer Moiraine pagar. Eu preciso!*

— Sempre existe alguma razão para não retornar, algo que nos impeça, algo que nos distraia. Este *ter'angreal* tece armadilhas para você com sua própria mente, e as tece fortes e apertadas, mais duras que aço e mais mortíferas que veneno. É por isso que o usamos como teste. Você precisa querer ser Aes Sedai mais do que qualquer coisa no

mundo inteiro, o bastante para enfrentar qualquer coisa ou lutar para se libertar de qualquer coisa para conseguir. A Torre Branca não pode aceitar menos. É o que exigimos de você.

— Vocês exigem demais. — Nynaeve encarou o terceiro arco enquanto a Aes Sedai de cabelos ruivos a levava até ele. *O terceiro é o pior* . — Estou com medo — sussurrou. *O que poderia ser pior do que aquilo que acabei de fazer?*

— Ótimo — respondeu Sheriam. — Você quer ser uma Aes Sedai, quer canalizar o Poder Único. Ninguém deveria querer isso sem medo e respeito. O medo fará você ter cautela, e a cautela a manterá viva. — Ela virou Nynaeve de frente para o arco, mas não recuou imediatamente. — Ninguém a forçará a entrar uma terceira vez, criança.

Nynaeve umedeceu os lábios.

— Se eu recusar, vocês vão me expulsar da Torre e nunca mais vão me deixar voltar. — Sheriam assentiu. — E este é o pior. — Sheriam voltou a assentir. Nynaeve respirou fundo. — Estou pronta.

— A terceira vez — entoou Sheriam, com formalidade — é pelo que será. A saída só aparecerá uma vez. Seja firme.

Nynaeve se lançou dentro do arco.

Rindo, ela correu por entre nuvens de borboletas que se erguiam das flores do campo que recobriam a campina no alto do morro, como um cobertor colorido que ia até a altura dos joelhos. Sua égua cinzenta se remexia na beira da campina, nervosa, com as rédeas penduradas, e Nynaeve parou de correr para não assustar ainda mais o animal. Algumas borboletas pousaram em seu vestido, sobre flores bordadas e pérolas minúsculas, outras voejaram ao redor das sa iras e pedras da lua em seus cabelos, que caíam em cascata sobre seus ombros.

Abaixo da colina, Mil Lagos se estendia pela cidade de Malkier, re fletindo as Sete Torres que se erguiam até as nuvens, ostentando o Grou Dourado em seus topos, em meio à neblina. A cidade tinha mil jardins, mas ela preferia aquele, um jardim selvagem no topo da colina. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme*.

O som de cascos a fez virar.

Al'Lan Mandragoran, rei de Malkier, desmontou de seu cavalo e caminhou a passos largos por entre as borboletas, rindo, seguindo em sua direção. O rosto dele tinha o aspecto de um homem severo, mas os sorrisos que dirigia para ela suavizavam os traços duros como pedra.

Ela olhou para ele, boquiaberta, apanhada de surpresa quando ele a tomou nos braços e a beijou. Por um momento, ela se agarrou a ele, perdida, retribuindo o beijo. Seus pés pendiam no ar, e ela não se importou.

De repente, ela o empurrou, afastando o rosto.

— Não. — Empurrou com mais força. — Me solte. Ponha-me no chão. — Intrigado, ele a abaixou até que seus pés tocaram o chão, e ela se afastou dele. — Isto não — disse. — Não posso enfrentar isto. Tudo menos isto. — *Por favor, deixe-me enfrentar Aginor outra vez* . Sua mente parecia girar. *Aginor?* Ela não sabia de onde aquele pensamento viera. A memória ia e vinha, fragmentos se deslocavam como placas de gelo quebradas em um rio descongelando. Ela estendeu as mãos para os pedaços, tentando se agarrar a algo.

— Você está bem, meu amor? — perguntou Lan, preocupado.

— Não me chame assim! Eu não sou seu amor! Não posso me casar com você!

Ele a assustou, jogando a cabeça para trás e dando uma gargalhada como um urro.

— Sua insinuação de que não somos casados pode aborrecer nossos filhos, esposa. E como você não é meu amor? Eu não tenho outro, nem terei.

— Preciso voltar. — Ela procurou pelo arco, desesperada, mas só viu a campina e o céu. *Mais duro que aço e mais mortífero que veneno. Lan. Os bebês de Lan. Luz, me ajude!* — Preciso voltar agora.

— Voltar? Para onde? Para o Campo de Emond? Claro, se é o que quer. Mandarei cartas para Morgase e ordenarei uma escolta.

— Sozinha — murmurou ela, ainda procurando. *Onde está? Preciso ir* . — Não vou ficar presa aqui. Não conseguiria suportar. Não isto. Preciso ir *agora!*

— Presa em que, Nynaeve? O que é que você não conseguiria suportar? Não, Nynaeve. Você pode cavalgar sozinha por aqui se quiser, mas, se a Rainha dos malkieris fosse para Andor sem uma escolta apropriada, Morgase ficaria escandalizada, para não dizer ofendida. Você não quer ofendê-la, quer? Achei que fossem amigas.

Nynaeve sentiu como se tivesse levado uma pancada na cabeça; várias, na verdade, uma atrás da outra.

— Rainha? — perguntou ela, hesitante. — Nós temos bebês?

— Tem certeza de que está bem? Acho melhor levar você até Sharina Sedai.

— Não. — Ela voltou a se afastar dele. — Nada de Aes Sedai. — *Isso não é real. Não vou ser levada para dentro disto desta vez. Não vou!*

— Muito bem — respondeu ele, devagar. — Como minha esposa, como você poderia não ser Rainha? Aqui somos malkieris, não gente do sul. Você foi coroada nas Sete Torres quando trocamos anéis. — Sem perceber, ele moveu a mão esquerda: uma simples aliança de ouro envolvia seu dedo indicador. Ela olhou de relance para a própria mão, para o anel que sabia que estaria ali, e colocou a mão sobre ele, mas não sabia dizer se o fez para negar sua presença escondendo-o ou

para segurá-lo. — Você se lembra, agora? — continuou ele, estendendo a mão, como se para acariciar o rosto dela, que recuou mais seis passos. Ele suspirou. — Como quiser, meu amor. Temos três filhos, embora só um possa ser considerado um bebê. Maric já está quase batendo no seu ombro e não consegue decidir se gosta mais de cavalos ou de livros. Elnore já começou a praticar como virar a cabeça dos rapazes, isso quando não está aborrecendo Sharina sobre quando terá idade suficiente para ir para a Torre Branca.

— Elnore era o nome de minha mãe — murmurou ela.

— Foi o que você disse quando o escolheu. Nynaeve…

— Não. Eu não serei arrastada para dentro disto desta vez. Não assim. Não serei! — Atrás dele, entre as árvores ao lado da campina, ela viu o arco de prata. As árvores o haviam escondido antes. *A saída só aparecerá uma vez*. Virou-se na direção dele. — Preciso ir. — Ele a pegou pela mão, e foi como se seus pés tivessem criado raízes: não conseguia se obrigar a sair do lugar.

— Eu não sei o que está perturbando você, esposa, mas, seja o que for, me conte, e eu darei um jeito. Sei que não sou o melhor dos maridos. Eu era muito sério quando a conheci, mas você amaciou um pouco desta rocha, pelo menos.

— Você é o melhor marido de todos — murmurou em resposta. Para seu horror, ela se descobriu lembrando-se dele como marido, lembrando-se de risos e lágrimas, de brigas amargas e doces reconciliações. Eram lembranças vagas, mas ela podia senti-las mais fortes, mais quentes. — Eu não posso. — O arco estava ali, a apenas alguns passos de distância. *A saída só aparecerá uma vez. Seja firme*.

— Eu não sei o que está acontecendo, Nynaeve, mas sinto como se a estivesse perdendo. Eu não poderia suportar isso. — Ele pôs a mão nos cabelos dela. Fechando os olhos, ela pressionou o rosto contra os dedos dele. — Fique comigo para sempre.

— Eu quero ficar — respondeu, baixinho. — Eu quero ficar com você. — Quando ela abriu os olhos, o arco havia sumido… *só aparecerá uma vez*. — Não. Não!

Lan se virou para encará-la.

— O que está perturbando você? Precisa me dizer o que houve se quiser que eu a ajude.

— Isto não é real.

— Não é real? Antes de conhecer você, eu achava que nada era real a não ser a espada. Olhe ao redor, Nynaeve. Isto *é* real. O que você quiser que seja a realidade, nós podemos construir juntos, você e eu.

Surpresa, ela olhou à sua volta. A campina ainda estava lá. As Sete Torres ainda se assomavam sobre os Mil Lagos. O arco desaparecera, mas nada mais havia mudado. *Eu poderia ficar aqui. Com*

Lan. Nada mudou. Seus pensamentos voltaram. *Nada mudou. Egwene está sozinha na Torre Branca. Rand vai canalizar e enlouquecer. E quanto a Mat e Perrin? Será que eles conseguirão recuperar algum fragmento de suas vidas? E Moiraine, que despedaçou as nossas, ainda caminha em liberdade*.

— Eu preciso voltar — sussurrou ela. Incapaz de suportar a dor no rosto dele, ela se libertou de seus braços. Determinada, formou um botão de flor na mente, um botão branco em um ramo de espinheira negra. Imaginou espinhos afiados e cruéis, desejando que eles pudessem rasgar sua carne, sentindo como se estivesse pendurada nos galhos da espinheira. A voz de Sheriam Sedai dançava logo além do limite de sua audição, dizendo que era perigoso tentar canalizar o Poder. O botão de abriu, e *saidar* a preencheu de luz.

— Nynaeve, diga-me qual é o problema.

A voz de Lan chegava até ela mesmo com sua concentração, mas ela se recusava a se permitir ouvi-la. Ainda devia haver um caminho de volta. Olhando para onde o arco de prata estivera, ela tentou encontrar algum vestígio dele. Não havia nada.

— Nynaeve…

Ela tentou visualizar o arco em sua mente, dar-lhe forma até o menor dos detalhes, a curva de metal reluzente repleta de um brilho idêntico a fogo nevado. Ele parecia ondular ali, na sua frente. Primeiro estava entre ela e as árvores, depois não, depois estava de volta ali.

— … eu amo você…

Ela sugou *saidar*, bebendo do luxo do Poder Único até achar que iria explodir. A irradiação a preencheu, brilhando ao seu redor, fazendo até seus olhos doerem. O calor parecia consumi-la. O arco que tremeluzia se firmou e ficou fixo, inteiro, diante dela. Fogo e dor pareciam tomá-la por completo, ela sentia como se seus ossos estivessem queimando e seu crânio parecia uma fornalha fumegante.

— … de todo o meu coração.

Ela correu do arco de prata, sem se permitir olhar para trás. Antes, tinha certeza de que a coisa mais amarga que ouviria era o grito de socorro de Marin al'Vere quando a abandonou, mas aquilo era como mel em comparação ao som da voz angustiada de Lan a perseguindo.

— Nynaeve, por favor, não me deixe.

O brilho branco a consumiu.

Nua, Nynaeve atravessou, cambaleante, o arco e caiu de joelhos, boquiaberta, soluçando, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Sheriam se ajoelhou ao seu lado. Ela olhou irritada para a Aes Sedai de cabelos ruivos.

— Eu odeio você! — Conseguiu dizer, com ferocidade, a

respiração difícil. — Eu odeio todas as Aes Sedai!

Sheriam deu um pequeno suspiro, depois levantou Nynaeve.

— Criança, quase toda mulher que passa por isso diz a mesma coisa. Não é pouco ser obrigada a encarar seus medos. O que é isto? — perguntou, de repente, virando as palmas das mãos de Nynaeve para cima.

As mãos de Nynaeve tremeram com uma dor súbita que ela nunca sentira antes. Cravado em cada palma, bem no centro, havia um longo espinho negro. Sheriam os puxou com cuidado, e Nynaeve sentiu a fria Cura do toque das Aes Sedai. Quando os espinhos saíram, restou apenas uma pequena cicatriz na frente e nas costas da mão.

Sheriam franziu a testa.

— Não deveria haver nenhuma cicatriz. E como foi que você conseguiu apenas duas, e ambas tão precisas? Se você se emaranhou em uma espinheira, deveria estar coberta de arranhões e espinhos.

— Deveria — concordou Nynaeve, com amargura. — Talvez eu achasse que já paguei o bastante.

— Sempre existe um preço — concordou a Aes Sedai. — Venha. Você pagou o primeiro. Receba aquilo pelo qual pagou. — Ela deu um empurrãozinho em Nynaeve.

A mulher percebeu que havia mais Aes Sedai no aposento. A Amyrlin, com sua estola listrada, estava lá, com uma irmã de cada Ajah usando seus xales, paradas em fileiras de cada lado dela, todas observando Nynaeve. Lembrando-se das instruções de Sheriam, ela avançou, trêmula, e se ajoelhou diante da Amyrlin. Era ela quem segurava o último cálice, que derramou devagar sobre a cabeça de Nynaeve.

— Você está lavada de Nynaeve al'Meara, de Campo de Emond. Você está lavada de todos os laços que a prendem ao mundo. Você vem a nós lavada de coração e alma. Você é Nynaeve al'Meara, Aceita da Torre Branca. — Entregando o cálice a uma das irmãs, a Amyrlin ajudou Nynaeve a se erguer. — Você agora está ligada a nós.

Os olhos da Amyrlin pareciam ter um brilho escuro. O calafrio que percorreu o corpo de Nynaeve nada tinha a ver com o fato de estar nua e molhada.

24

Novos amigos e velhos inimigos

Egwene seguia a Aceita pelos salões da Torre Branca. Tapeçarias e pinturas cobriam as paredes, tão brancas quanto as do exterior da torre, e o chão era coberto por mosaicos de azulejos. O vestido branco da Aceita era idêntico ao seu, a não ser pelas sete faixas coloridas na bainha e nos punhos. A menina franziu a testa, examinando o vestido. Nynaeve usava as roupas de uma Aceita desde o dia anterior, e não parecia nem um pouco feliz com isso, nem com o anel dourado em forma de uma serpente engolindo o próprio rabo que indicava sua posição na ordem. Nas poucas vezes em que Egwene conseguira encontrar-se com a Sabedoria, observara que o olhar de Nynaeve parecia perdido, como se ela tivesse visto coisas que desejava, de todo coração, nunca ter visto.

— Aqui — disse a Aceita rispidamente, apontando para uma porta. Ela se chamava Pietra, e era uma mulher baixa e bem magra, um pouco mais velha que Nynaeve, que sempre falava com rispidez. — Este tempo lhe foi concedido porque é seu primeiro dia, mas eu a estarei esperando na cozinha quando o gongo soar as Altas, nem um instante depois.

Egwene fez uma mesura, mas mostrou a língua quando a Aceita se virou para ir embora. Apesar de Sheriam ter colocado seu nome no livro das noviças no dia anterior, a menina já sabia que não gostava de Pietra. Ela abriu a porta e entrou.

O aposento era pequeno e simples, com paredes brancas, e dentro dele, sentada em um dos bancos duros, havia uma moça cujos cabelos dourados levemente avermelhados caíam sobre os ombros. O chão não

tinha tapetes: as noviças não costumavam circular por aposentos que os tivessem. Egwene julgou que a garota devia ter mais ou menos a sua idade, mas sua postura transmitia uma dignidade e uma autoconfiança que a faziam parecer mais velha. O vestido de noviça, de corte simples, parecia cair melhor nela. Ficava elegante. Era isso.

— Meu nome é Elayne — apresentou-se ela, então inclinou a cabeça, estudando Egwene. — E você é Egwene, de Campo de Emond, em Dois Rios. — Ela falou como se aquilo significasse alguma coisa, mas prosseguiu, sem parar: — Uma noviça que já está aqui há algum tempo é sempre designada para orientar uma recém-chegada durante alguns dias. Sente-se, por favor.

Egwene acomodou-se no outro banco, de frente para Elayne.

— Pensei que as Aes Sedai é que iriam me ensinar, agora que finalmente sou uma noviça. Mas, até então, tudo o que aconteceu foi Pietra me acordar umas duas horas antes do amanhecer e me mandar varrer os salões. Ela também disse que eu tenho que ajudar a lavar os pratos depois do jantar.

Elayne fez uma careta.

— Detesto lavar pratos. Nunca precisei… Bem, isso não importa. Você receberá treinamento. Na verdade, passará a treinar todos os dias nesta mesma hora, de agora em diante. Do café da manhã até as Altas, e depois do jantar até a Tríade. Se seu progresso for especialmente rápido ou lento, talvez a façam treinar do jantar até as Cheias, também, mas esse tempo costuma ser reservado para realizar mais tarefas. — Os olhos azuis de Elayne assumiram um ar pensativo. — Você nasceu assim, não nasceu? — Egwene assentiu. — Sim, pensei ter sentido isso. Eu também nasci assim. Não fique decepcionada caso não tenha percebido, você aprenderá a sentir a habilidade das outras mulheres. Eu tive a vantagem de crescer ao lado de uma Aes Sedai.

Egwene teve vontade de pedir explicações. *Quem cresce com uma Aes Sedai?* Mas Elayne continuou.

— E também não fique decepcionada se demorar um pouco até conseguir fazer alguma coisa. Com o Poder Único, quer dizer. Até mesmo a tarefa mais simples leva um tempo. Paciência é uma virtude que precisa ser aprendida. — Ela franziu o nariz. — Sheriam Sedai sempre diz isso, e ela dá o melhor de si para que todas nós aprendamos. Tente correr quando ela ordenar que ande e será levada ao gabinete dela em um piscar de olhos.

— Eu já tive algumas lições — comentou Egwene, tentando soar modesta. Ela se abriu a *saidar*, o que era mais fácil, agora, e sentiu o calor invadir seu corpo. Tentou fazer a coisa mais avançada que sabia. Esticou a mão, e uma esfera brilhante de pura luz se formou sobre sua palma. A esfera tremeluzia, pois a jovem ainda não conseguia manter seu brilho firme, mas estava lá.

Calma, Elayne também estendeu a mão, e uma bola de luz apareceu sobre sua palma. A dela também tremeluzia.

Depois de um instante, uma luz tênue brilhou ao redor de todo o corpo de Elayne. Egwene sobressaltou-se e sua bola desapareceu.

Elayne soltou um risinho, de repente, e sua luz também se apagou, tanto a da esfera quanto a outra que a cercava.

— Você viu a luz ao meu redor? — perguntou, empolgada. — Eu a vi envolvendo você. Sheriam Sedai disse que eu veria, uma hora ou outra. Foi a primeira vez. Para você também?

Egwene assentiu, rindo junto com a outra garota.

— Gostei de você, Elayne. Acho que vamos ser amigas.

— Eu também acho, Egwene. Você é de Dois Rios, de Campo de Emond. Conhece um rapaz chamado Rand al'Thor?

— Eu o conheço. — De súbito, Egwene lembrou-se de uma história que Rand havia contado, uma história na qual ela não acreditara, sobre como ele caiu de cima de um muro, foi parar em um jardim e conheceu… — Você é a Filha-herdeira de Andor — disse, sem fôlego.

— Sim — respondeu Elayne, com simplicidade. — Se Sheriam Sedai sequer me ouvisse mencionar isso, acho que me levaria para seu gabinete antes que eu terminasse de falar.

— Todas falam sobre ser chamada para o gabinete de Sheriam. Até mesmo as Aceitas. As reprimendas dela são tão ferozes assim? Ela me parece gentil.

Elayne hesitou, e, quando respondeu, falou bem devagar, sem olhar nos olhos de Egwene:

— Ela guarda uma vareta de salgueiro em sua mesa. Diz que, já que você não consegue aprender a seguir as regras de maneira civilizada, vai ensinar de outro jeito. Existem tantas regras para noviças que é muito difícil não quebrar algumas — concluiu.

— Mas isso… isso é horrível! Eu não sou uma criança nem você. Não serei tratada como uma.

— Mas nós somos crianças! As Aes Sedai, as irmãs completas, são as adultas. As Aceitas são as moças, velhas o bastante para serem deixadas sozinhas sem supervisão constante. E as noviças são as crianças, que precisam de alguém para protegê-las e cuidar delas, que precisam de orientação para seguir na direção certa e são castigadas quando fazem o que não deveriam. É assim que Sheriam Sedai explica. Ninguém vai castigá-la por causa das lições, a não ser que você tente algo que lhe disseram para não tentar. É di ícil não tentar, às vezes. Você vai se descobrir querendo canalizar tanto quanto quer respirar. Mas se quebrar pratos demais porque está sonhando acordada quando deveria estar lavando, for desrespeitosa com uma Aceita, sair da Torre sem permissão, falar com uma Aes Sedai antes que ela lhe dirija a

palavra, ou… O que resta é fazer o melhor possível. Não há *nada* mais o que fazer.

— Quase parece que estão tentando nos fazer ir embora — protestou Egwene.

— Não estão, mas também estão. Egwene, há apenas quarenta noviças na Torre. Só quarenta, e não mais de sete ou oito vão se tornar Aceitas. Sheriam Sedai diz que isso não é o bastante. Ela diz que não existem Aes Sedai o bastante, agora, para fazer o que precisa ser feito. Mas a Torre não vai… não pode… baixar seus padrões de qualidade. As Aes Sedai não podem aceitar uma mulher como irmã se ela não tiver a habilidade, a força e o desejo. Elas não podem dar o anel e o xale a quem não conseguir canalizar o Poder bem o suficiente, a quem se deixar intimidar ou a quem der meia-volta quando o caminho ficar di ícil. Treinamento e testes cuidam da canalização, mas quanto à força e ao desejo… Bem, se você quiser partir, eles a deixarão ir. Assim que souber o bastante para não morrer de ignorância.

— Suponho — respondeu Egwene, lentamente — que Sheriam nos falou um pouco sobre isso. Mas nunca pensei que não existissem Aes Sedai suficientes.

— Ela tem uma teoria. Diz que fizemos uma seleção da humanidade. Você já ouviu falar de seleção? Tirar do rebanho os animais que têm características que você não gosta? — Egwene assentiu, impaciente. Ninguém crescia perto de ovelhas sem saber sobre essa seleção do rebanho. — Sheriam Sedai diz que, com a Ajah Vermelha caçando homens capazes de canalizar por três mil anos, acabamos excluindo a habilidade de canalizar da humanidade. Eu não mencionaria isso perto de uma Vermelha se fosse você. Sheriam Sedai já ficou aos gritos mais de uma vez por causa disso, e somos apenas noviças.

— Não vou mencionar.

Elayne fez uma pausa e, então, perguntou:

— Rand está bem?

Egwene sentiu uma pontada súbita de ciúmes — Elayne era muito bonita — que foi abafada por uma pontada maior ainda, de medo. Ela relembrou o pouco que sabia sobre o único encontro do rapaz com a Filha-herdeira, consolando-se: ela não tinha como saber que Rand podia canalizar.

— Egwene?

— Ele está tão bem quanto poderia — *Espero que esteja, aquele idiota cabeça de lã.* — Ele estava saindo em cavalgada com alguns soldados shienaranos da última vez em que o vi.

— Shienaranos! Ele me disse que era um pastor. — Ela sacudiu a cabeça. — Eu me pego pensando nele nos momentos mais estranhos. Elaida acha que, de algum jeito, ele é importante. Ela não disse isso,

mas ordenou uma busca e ficou furiosa quando soube que ele já tinha saído de Caemlyn.

— Elaida?

— Elaida Sedai, conselheira da minha mãe. Ela é da Ajah Vermelha, mas, apesar disso, minha mãe parece gostar dela.

Egwene ficou com a boca seca. *Uma Ajah Vermelha, e interessada em Rand.*

— Eu… Eu não sei onde ele está agora. Ele foi embora de Shienar, e não acho que vá voltar.

Elayne lhe lançou um olhar neutro.

— Eu não diria a Elaida onde encontrá-lo, mesmo que soubesse, Egwene. Ele não fez nada de errado, pelo que sei, e receio que ela queira usá-lo de algum modo. De qualquer jeito, eu não a vi desde o dia em que chegamos, com Mantos-brancos no nosso encalço. Eles ainda estão acampando na encosta do Monte do Dragão. — Ela se levantou de um salto. — Vamos falar de coisas mais alegres. Há duas outras que conhecem Rand, e eu gostaria de lhe apresentar uma delas.

Ela pegou Egwene pela mão e a puxou para fora do aposento.

— Duas garotas? Rand parece conhecer um bocado de garotas.

— Hã? — Ainda puxando Egwene corredor abaixo, Elayne a analisou. — Sim. Bem. Uma delas é uma boba preguiçosa, seu nome é Else Grinwell, e acho que ela não vai durar muito tempo. Foge das tarefas e está sempre escapando para ver os Guardiões praticarem luta. Ela diz que Rand esteve na fazenda de seu pai com um amigo, Mat. Parece que mostraram a ela que existe um mundo além da próxima aldeia, e Else fugiu para se tornar uma Aes Sedai.

— Homens — resmungou Egwene. — Eu danço algumas músicas com um garoto legal, e o Rand fica de cara amarrada, mas ele…

Ela parou quando um homem entrou no salão, antes delas. Ao seu lado, Elayne também parou, e apertou sua mão com força.

Não havia nada de alarmante nele, exceto seu aparecimento súbito. Era alto e bonito, com cabelos compridos, escuros e encaracolados, mas andava encurvado e tinha um olhar triste. Ele não fez menção de se aproximar de Egwene e Elayne, apenas ficou ali parado, olhando para elas, até que uma das Aceitas surgiu ao seu lado.

— Você não deveria estar aqui — disse ela, quase em tom gentil.

— Eu queria passear. — A voz dele era grave, tão triste quanto seus olhos.

— Você pode passear no jardim, onde deveria estar. A luz do sol lhe fará bem.

O homem deu uma gargalhada amarga.

— Com duas ou três de vocês vigiando cada movimento meu? Vocês só estão com medo de que eu encontre uma faca. — Ao ver a expressão nos olhos da Aceita, ele voltou a rir. — Para usar em mim,

mulher. Para usar em mim. Leve-me para seu jardim, de volta para seus olhos vigilantes.

A Aceita tocou o braço dele de leve e o levou para longe.

— Logain — disse Elayne, quando ele se foi.

— O falso Dragão!

— Ele foi amansado, Egwene. Não é mais perigoso do que qualquer outro homem, agora. Mas me lembro de tê-lo visto antes, quando foram necessárias seis Aes Sedai para evitar que ele usasse o Poder e destruísse a todas nós. — Ela estremeceu.

Egwene fez o mesmo. Era isso o que a Ajah Vermelha faria com Rand,

— Eles sempre precisam ser amansados? — perguntou. Elayne olhou fixamente para ela, de queixo caído, e a menina rapidamente acrescentou: — É só que achei que as Aes Sedai poderiam ter encontrado algum outro jeito de lidar com eles. Tanto Anaiya quanto Moiraine disseram que os maiores feitos da Era das Lendas exigiram homens e mulheres trabalhando juntos com o Poder. Só pensei que elas tentariam encontrar um jeito.

— Bem, não deixe uma irmã Vermelha ouvir você falando isso. Egwene, elas tentaram. Por trezentos anos, depois da construção da Torre Branca, elas tentaram. Elas desistiram porque não havia nada a fazer. Venha. Quero que você conheça Min. Não no jardim para onde Logain está indo, graças à Luz.

O nome soou vagamente familiar, e Egwene soube o porquê quando viu a jovem. Havia um riachinho no jardim em que entraram, com uma pequena ponte de pedra, e Min estava sentada de pernas cruzadas sobre a mureta da ponte. Ela vestia as calças justas e a camisa folgada de um homem e, com os cabelos curtos, quase podia se passar por um rapaz, embora um rapaz mais bonito do que o comum. Um casaco cinza estava ao seu lado, estendido na cumeeira.

— Eu conheço você — disse Egwene. — Você trabalhava na estalagem em Baerlon.

Uma brisa suave agitava de leve a água sob a ponte, e periquitos-cinzentos cantavam nas árvores do jardim.

Min sorriu.

— E você foi uma dos que levaram os Amigos das Trevas que a queimaram. Não, não se preocupe. O mensageiro que foi me buscar trouxe ouro suficiente para Mestre Fitch reconstruí-la com o dobro do tamanho. Bom dia, Elayne. Não está se matando de trabalhar no seu treinamento? Ou lavando panelas na cozinha?

As perguntas tinham um tom de brincadeira, como entre amigas, o que foi comprovado pelo sorriso que Elayne deu em resposta.

— Vejo que Sheriam ainda não conseguiu enfiar você em um vestido.

Min deu uma risada matreira.

— Eu não sou uma noviça. — Ela fez uma vozinha aguda. — Sim, Aes Sedai. Não, Aes Sedai. Posso varrer outro chão, Aes Sedai? — Voltou a falar com seu tom de voz normal, mais grave: — Eu me visto do jeito que quiser. — E virou-se para Egwene. — E Rand, está bem?

Egwene comprimiu os lábios. *Ele devia ter chifres de carneiro, feito um Trolloc* pensou, com raiva.

— Fiquei triste quando soube que sua estalagem pegou fogo, que bom que Mestre Fitch conseguiu reconstruí-la. Por que veio a Tar Valon? Está claro que você não quer ser uma Aes Sedai.

Min arqueou uma sobrancelha, em um gesto que Egwene tinha certeza de que indicava divertimento.

— Ela gosta dele — explicou Elayne.

— Eu sei. — Min olhou de relance para Egwene, que por um instante pensou ter visto uma expressão de tristeza… ou seria arrependimento? — Eu estou aqui — respondeu Min, com cuidado — porque foram me buscar, e eu pude escolher entre vir cavalgando ou amarrada dentro de um saco.

— Você sempre exagera — retrucou Elayne. — Sheriam Sedai viu a carta e disse que foi uma solicitação. Min vê coisas, Egwene. É por isso que ela está aqui, para que as Aes Sedai possam estudar como ela faz isso. Não é o Poder.

— Solicitação — disse Min com uma risadinha desdenhosa. — Quando uma Aes Sedai solicita sua presença, é como uma ordem de uma rainha acompanhada de cem soldados para garantir que seja cumprida.

— Todo mundo vê coisas — replicou Egwene.

Elayne balançou a cabeça.

— Não como Min. Ela vê… auras… ao redor das pessoas. E imagens.

— Não o tempo todo — interrompeu Min. — Não ao redor de todo mundo.

— E ela pode descobrir coisas sobre você a partir delas, embora eu não tenha certeza de que ela sempre diz a verdade. Min contou que eu precisaria dividir meu marido com duas outras mulheres, e eu jamais aceitaria uma coisa dessas. Ela apenas ri e diz que também nunca foi seu ideal de relacionamento. Mas a firmou que eu seria uma rainha quando nem sabia quem eu era, disse que viu uma coroa, e era a Coroa de Rosas de Andor.

Sem conseguir se controlar, Egwene perguntou:

— O que você vê quando olha para mim?

Min lançou um olhar rápido para ela.

— Uma chama branca, e… Ah, todo tipo de coisa. Não sei o que significam.

— Ela diz isso o tempo todo — comentou Elayne, seca — Uma das coisas que disse que viu ao olhar para mim foi uma mão decepada. Que não era minha, segundo ela. Ela também afirmou que não sabe o que isso significa.

— Porque eu não sei — explicou Min. — Não sei o que metade das coisas significa.

O som de passos se aproximando as fez olhar ao redor. Elas viram dois rapazes que traziam suas camisas e casacos pendurados nos braços, exibindo os peitos nus suados e carregando nas mãos as espadas embainhadas. Egwene percebeu que olhava para o homem mais bonito que já vira. Alto e esbelto, mas forte; ele se movia com a graciosidade de um gato. De repente ela percebeu que fazia uma mesura e segurava sua mão — sequer sentira quando ele a pegou — e lutou para se lembrar do nome que ele dissera.

— Galad — murmurou.

Os olhos escuros dele a encararam. Ele era mais velho que ela. Mais velho que Rand. Ao pensar em Rand, ela se sobressaltou e caiu em si.

— E eu sou Gawyn — disse o outro rapaz com um sorriso —, já que acho que você não ouviu da primeira vez.

Min também sorria, apenas Elayne estava com a testa franzida.

Egwene de repente se lembrou de sua mão, que Gawyn ainda segurava, e a puxou.

— Se seus afazeres permitirem — disse Galad —, gostaria de vê-la novamente, Egwene. Poderíamos caminhar ou, se você obtiver permissão para deixar a Torre, fazer um piquenique fora da cidade.

— Isso… Isso seria bom. — Ela estava consciente demais da presença dos outros. Min e Gawyn ainda sorriam com divertimento, Elayne ainda estava com cara de desagrado. Ela tentou se acalmar, pensar em Rand. *Ele é tão… lindo*. Ela se sobressaltou, com medo de ter falado em voz alta.

— Até lá. — Finalmente tirando os olhos dela, Galad fez uma mesura para Elayne. — Irmã. — Esguio como uma lâmina, ele seguiu pela ponte.

— Aquele ali — murmurou Min, olhando-o — sempre fará o que é certo. Doa a quem doer.

— Irmã? — perguntou Egwene. A careta de desagrado de Elayne diminuíra apenas um pouco. — Achei que fosse seu… Quer dizer, do jeito que você está franzindo a testa… — Ela havia pensado que Elayne estava com ciúmes, e ainda não tinha certeza do contrário.

— Eu não sou irmã dele — respondeu Elayne, com firmeza. — E me recuso a ser.

— Nós temos o mesmo pai — explicou Gawyn, seco. — Você não pode negar isso, a menos que queira chamar nossa mãe de mentirosa.

E isso, eu acho, precisaria de mais coragem do que nós dois temos juntos.

Pela primeira vez, Egwene percebeu que ele tinha os mesmos cabelos dourados levemente avermelhados de Elayne, ainda que estivessem um pouco mais escuros e encaracolados devido ao suor.

— Min tem razão — comentou Elayne. — Galad não tem o mínimo de humanidade. Ele coloca o que é certo acima da misericórdia, da pena, ou… Ele não é mais humano do que um Trolloc.

O sorriso de Gawyn voltou.

— Não sei disso, não. Não pelo jeito que ele estava olhando para Egwene, aqui. — Ele percebeu o olhar dela e de sua irmã e levantou as mãos, como se para se defender com a espada embainhada. — Além disso, ele é o melhor que já vi com uma espada. Os Guardiões só precisam mostrar um movimento uma vez, e ele aprende. Eles me fazem quase morrer de tanto suar só para aprender metade do que Galad faz sem esforço.

— E ser bom com uma espada basta? — perguntou Elayne com desprezo. — Homens! Egwene, como você pode ter imaginado, este idiota vergonhosamente desnudo é meu irmão. Gawyn, Egwene conhece Rand al'Thor. Eles são da mesma aldeia.

— É mesmo? Ele realmente nasceu em Dois Rios, Egwene?

Egwene se obrigou a assentir calmamente. *O que ele sabe?*

— Claro que sim. Eu cresci junto com ele.

— É claro — concordou Gawyn, devagar. — Um sujeito tão estranho. Um pastor, foi o que disse, embora não parecesse nem agisse como qualquer pastor que eu já tenha visto. Estranho. Já conheci todo tipo de gente, e eles conheceram Rand al'Thor. Algumas sequer sabem o nome dele, mas a descrição não podia ser de mais ninguém, e ele mudou cada uma de suas vidas. Houve um velho fazendeiro que foi a Caemlyn apenas para ver Logain, quando ele passou na cidade no caminho para cá, mas que ficou para lutar por minha mãe quando começaram os levantes. Tudo por causa de um rapaz que saiu para ver o mundo, que o fez pensar que havia mais coisas na vida do que sua fazenda. Rand al'Thor. Dá até para pensar que ele é *ta'veren*. Elaida certamente está interessada nele. Será que nossas vidas mudarão no Padrão, porque o conhecemos?

Egwene olhou para Min e Elayne. Tinha certeza de que elas não podiam fazer ideia de que Rand realmente era *ta'veren*. Nunca dera muita atenção para aquilo antes: ele era apenas Rand, e fora amaldiçoado com a habilidade de canalizar. Mas *ta'veren* influenciavam a vida das pessoas, quisessem elas ou não.

— Eu realmente gosto de vocês — disse, subitamente, gesticulando de forma a incluir as duas garotas. — Quero ser sua

amiga.

— E eu também quero — respondeu Elayne.

Egwene a abraçou, de forma impulsiva, então Min pulou da mureta, e as três ficaram ali na ponte, abraçadas.

— Nós três *estamos* conectadas — comentou Min — e não podemos deixar homem nenhum ficar entre nós. Nem mesmo ele.

— Será que alguma de vocês se incomodaria em me dizer do que isso se trata? — perguntou Gawyn, gentilmente.

— Você não entenderia — respondeu sua irmã, e as três garotas começaram a rir e não conseguiram parar.

Gawyn coçou a cabeça, então a sacudiu.

— Bem, se tem algo a ver com Rand al'Thor, tomem cuidado para que Elaida não ouça. Ela já veio três vezes para cima de mim como um Questionador dos Mantos-brancos, desde que chegamos. Não acho que ela vá fazer alguma… — Ele levou um susto: uma mulher atravessava o jardim, uma mulher com um xale de franjas vermelhas. — "Nomeie o Tenebroso" — citou o rapaz — "e ele aparece". Não preciso de outra bronca a respeito de como devo usar minha camisa quando estiver fora dos pátios de treinamento. Bom dia para vocês!

Ao surgir na ponte, Elaida deu uma olhadela de relance para Gawyn, que já se afastava. Era uma mulher de beleza quase masculina, reparou Egwene, mas aquela idade indefinida a marcava de um modo tão claro quanto seu xale: somente as irmãs aceitas mais recentemente ainda não tinham aquele rosto. Seu olhar passou por Egwene, parando apenas por um momento, e a menina percebeu certa dureza na Aes Sedai. Ela sempre havia pensado em Moiraine como alguém forte, aço sob seda, mas Elaida dispensava a seda.

— Elaida — disse Elayne —, esta é Egwene. Ela também nasceu com a semente dentro de si. E já teve algumas aulas, então está no mesmo nível que eu. Elaida?

A expressão da Aes Sedai era inescrutável.

— Em Caemlyn, criança, eu sou conselheira de sua mãe, a Rainha, mas esta é a Torre Branca, e você é uma noviça. — Min fez menção de partir, mas Elaida a deteve com um ríspido: — Fique, garota. Quero falar com você.

— Conheço você minha vida inteira, Elaida — retrucou Elayne, incrédula. — Você me viu crescer, você fazia os jardins florescerem no inverno para que eu pudesse brincar.

— Criança, lá você era a Filha-herdeira. Aqui você é uma noviça. Precisa aprender isso. Você será grande um dia, mas precisa aprender!

— Sim, Aes Sedai.

Egwene estava perplexa. Se alguém a tivesse esnobado daquele jeito na frente de outras pessoas, teria ficado furiosa.

— Agora saiam, vocês duas. — Um gongo começou a soar, seu

tom grave e sonoro, e Elaida inclinou a cabeça. O sol estava a meio caminho de sua posição mais alta. — Altas — disse Elaida. — Vocês precisam se apressar, se não quiserem mais reprimendas. E Elayne? Vá encontrar a Mestra das Noviças em seu gabinete, depois que terminar seus afazeres. Uma noviça não fala com uma Aes Sedai, a menos que tenha permissão. Corram, vocês duas. Vão se atrasar. Corram!

E elas correram, levantando as saias. Egwene olhou para Elayne, que tinha duas manchas vermelhas nas bochechas e um olhar determinado no rosto.

Atrás delas, Egwene ouviu a Aes Sedai começar a falar:

— Deram-me a entender, garota, que você foi trazida para cá por Moiraine Sedai.

Ela queria ficar e ouvir, tentar descobrir se Elaida perguntaria sobre Rand, mas o gongo anunciava as Altas por toda a Torre Branca, ela estava sendo convocada para suas tarefas. Ela correu como Elaida tinha ordenado.

— Eu serei uma Aes Sedai — grunhiu.

Elayne deu um sorriso rápido e compreensivo, e elas apertaram o passo.

A camisa de Min estava grudada no corpo quando ela finalmente deixou a ponte. Não havia suado por causa do sol, mas por causa das perguntas de Elaida. Ela olhou para trás para se certi ficar de que a Aes Sedai não a seguia, mas não viu Elaida em parte alguma.

Como a Aes Sedai sabia que Moiraine a chamara? Min tinha certeza de que aquele era um segredo que apenas ela, Moiraine e Sheriam sabiam. E todas aquelas perguntas sobre Rand. Não fora fácil fazer cara de paisagem e olhá-la firme nos olhos enquanto mentia na cara de uma Aes Sedai que nunca ouvira falar dele e não sabia nada a seu respeito. *O que será que* ela *quer com ele? Luz, o que Moiraine quer com ele? O que ele é? Luz, eu não quero me apaixonar por um homem que só encontrei uma vez, e ainda por cima um caipira*.

— Que a Luz a cegue, Moiraine — resmungou. — Seja lá o motivo pelo qual você me trouxe até aqui, saia de onde quer que esteja se escondendo e me diga logo, para eu poder ir embora!

A única resposta foi a doce canção dos periquitos-cinzentos. Com uma careta, ela saiu em busca de algum lugar para se refrescar.

25

Cairhien

A cidade de Cairhien ficava do outro lado das montanhas, às margens do Rio Alguenya, e a primeira vez que Rand a viu foi do alto das colinas ao norte, à luz do sol do meio-dia. Elricain Tavolin e os cinquenta soldados cairhienos ainda lhe pareciam guardas, especialmente depois de atravessarem a ponte no Gaelin, pois foram ficando mais empertigados à medida que iam avançando para o sul. Mas Loial e Hurin não pareciam se importar, então ele também tentou não ligar. Analisou a cidade, tão grande quanto qualquer uma que já vira. Enormes navios e largas barcas preenchiam o rio, e havia silos altos distribuídos ao longo da outra margem, mas Cairhien parecia disposta de forma precisa atrás de suas muralhas altas e cinzentas. As muralhas formavam um quadrado perfeito, com um lado paralelo ao rio. Em um padrão igualmente planejado, torres se erguiam das muralhas, elevando-se a até vinte vezes sua altura, e mesmo das colinas Rand podia ver que todas terminavam em um topo serrilhado.

Fora das muralhas, cercando-os de uma margem à outra do rio, havia um labirinto de ruas se entrecruzando em diversos ângulos e fervilhando de gente. Rand sabia que aquela área se chamava Portão da Frente, pois Hurin lhe dissera. Um dia houvera uma aldeia que servia de mercado para cada portão da cidade, mas, ao longo dos anos, elas foram crescendo e se tornaram uma só, um caldeirão de ruas e becos que se estendiam para todos os lados.

Quando Rand e os outros adentraram aquelas ruas de terra batida, Tavolin mandou alguns de seus soldados abrirem caminho por entre a massa, gritando e instigando os cavalos como se fossem passar

por cima de qualquer um que não saísse do caminho rápido o bastante. As pessoas saíam da frente sem olhar duas vezes, como se aquilo fosse uma ocorrência cotidiana. Mas Rand se pegou sorrindo.

As roupas dos moradores de Portão da Frente eram, em sua maioria, de má qualidade, mas muitas tinham cores vivas, e o lugar era bastante animado. Mascotes gritavam, anunciando seus produtos, e os donos das lojas chamavam as pessoas para examinarem os artigos expostos sobre mesas diante de suas lojas. Barbeiros, vendedores de frutas, amoladores de facas, homens e mulheres oferecendo dezenas de serviços e centenas de artigos à venda vagavam pelas multidões. Era possível ouvir música, vinda de mais de um lugar, em meio ao burburinho. No começo, Rand pensou que vinha das estalagens, mas as placas na frente de todas as casas mostravam homens tocando lautas e harpas, fazendo malabares ou equilibrismo, e, apesar de serem grandes, não tinham janelas. A maioria das construções de Portão da Frente parecia ser de madeira, por maiores que fossem, e muitas pareciam novas, ainda que mal-acabadas. Rand ficou boquiaberto diante de vários prédios com sete ou mais andares. Eles balançavam de leve, embora as pessoas que entravam e saíam apressadas não parecessem notar.

— Camponeses — resmungou Tavolin, olhando direto para a frente, enojado. — Olhe só para eles, corrompidos por costumes estrangeiros. Nem deviam estar aqui.

— E onde deviam estar? — perguntou Rand. O oficial de Cairhien o fuzilou com o olhar e esporeou o cavalo para que avançasse, batendo na multidão com seu relho.

Hurin tocou o braço de Rand.

— Foi a Guerra dos Aiel, Lorde Rand. — Ele olhou ao redor para se certi ficar de que nenhum dos soldados estava perto demais para ouvir. — Muitos dos fazendeiros estavam com medo de voltar para suas terras, perto da Espinha do Mundo, e vieram para cá, que é bastante próximo. É por isso que Galldrian mantém o rio cheio de barcas de grãos vindos de Andor e Tear. Não há colheitas chegando das fazendas a leste daqui, pois não existem mais fazendas por lá. Mas é melhor não mencionar isso a um cairhieno, milorde. Eles gostam de fingir que a guerra nunca aconteceu, ou, pelo menos, que a venceram.

Apesar do chicote de Tavolin, eles foram forçados a parar quando uma estranha procissão atravessou o caminho. Cerca de dez de homens, batendo tambores e dançando, abriam caminho para uma fileira de enormes marionetes, cada qual com uma vez e meia o tamanho dos homens que os faziam se movimentar com a ajuda de longas varas. Gigantescas figuras de homens e mulheres usando coroas e longos mantos ornamentados faziam mesuras para a multidão, em meio a diversas feras fantásticas. Um leão com asas. Um bode andava

nas patas traseiras ostentando duas cabeças que deveriam cuspir fogo, a julgar pelas itas vermelhas que pendiam das duas bocas. Havia uma criatura que parecia ser metade gato e metade águia, e outra com uma cabeça de urso em um corpo humano, que Rand supôs representar um Trolloc. A multidão ria e dava vivas enquanto eles passavam dançando.

— Os homens que fizeram aquilo nunca viram um Trolloc — resmungou Hurin. — A cabeça é grande demais, e ele é muito magro. Provavelmente também não acreditam neles, milorde, não mais do que acreditam naquelas outras bestas. Os únicos monstros em que o povo de Portão da Frente acredita são os Aiel.

— Isso é a celebração de algum Festival? — perguntou Rand.

Ele não vira indícios daquilo, a não ser pela procissão, mas julgou que deveria haver uma razão para aquela festa. Tavolin ordenou que seus soldados avançassem outra vez.

— Não é nada fora do normal, Rand — respondeu Loial. Caminhando ao lado de seu cavalo com o baú envolto no cobertor ainda amarrado à sela, o Ogier atraía tantos olhares quanto as marionetes. Alguns até riam e batiam palmas, como haviam feito com os bonecos. — Receio que Galldrian mantenha o povo calado por meio do entretenimento. Ele oferece a músicos e menestréis o Presente do Rei, uma recompensa em prata para se apresentarem em Portão da Frente, e todos os dias patrocina corridas de cavalos à beira do rio. Também há fogos de arti ício todas as noites. — Sua voz tinha um tom desgostoso. — O Ancião Haman diz que Galldrian é uma desgraça. — Ele piscou várias vezes, percebendo o que acabara de dizer, e mais do que depressa olhou ao redor para veri ficar se algum dos soldados ouvira. Aparentemente, não.

— Fogos de arti ício — disse Hurin, balançando a cabeça em concordância. — Pelo que ouvi dizer, os Iluminadores construíram uma sala do capítulo aqui, como em Tanchico. Até que gostei de ver os fogos de artifício, da última vez que vim.

Rand sacudiu a cabeça. Ele nunca vira fogos de arti ício elaborados o bastante para exigir sequer um Iluminador. Ouvira dizer que eles só saíam de Tanchico para fazer exibições para governantes. Ele fora parar em um lugar estranho.

Ao chegarem ao alto portão quadrado da cidade, Tavolin ordenou que todos parassem e desmontou ao lado de um prédio baixo, feito de pedra, que ficava logo ao lado da entrada. As muralhas tinham seteiras em vez de janelas e uma porta pesada, trancada com barras de ferro.

— Um momento, milorde Rand — pediu o oficial. Jogando suas rédeas para um dos soldados, ele desapareceu no interior do edifício.

Com um olhar desconfiado para os soldados, montados com uma

postura rígida em duas fileiras compridas, Rand se perguntou o que eles fariam caso ele, Loial e Hurin tentassem partir. Ele aproveitou a oportunidade para analisar a cidade diante de si.

A cidade de Cairhien era um contraste impressionante com o caos de Portão da Frente. As ruas eram amplas e pavimentadas, largas o bastante para fazer com que a quantidade de gente que passava por elas parecesse menor do que de fato era, e elas se cruzavam em ângulos retos. Assim como em Tremonsien, as colinas haviam sido escavadas para aplanar o terreno. Liteiras fechadas avançavam de forma decidida, algumas ostentando a bandeira de uma Casa, e carruagens percorriam as ruas lentamente. As pessoas andavam em silêncio, trajando roupas escuras, sem cores vivas, a não ser por faixas de tecido que, volta e meia, enfeitavam o peito de um casaco ou vestido. Quanto mais faixas, mais orgulhosa a pessoa andava, mas ninguém ria ou sequer esboçava um sorriso. Os prédios eram todos de pedra, com ornamentos em linhas retas e ângulos agudos. Não havia mascates nas ruas, e até mesmo as lojas pareciam mais quietas, ostentando apenas tabuletas pequenas, sem artigos expostos do lado de fora.

Ele podia ver as grandes torres com mais clareza, cercadas por andaimes feitos de varas amarradas umas às outras, onde trabalhadores subiam e desciam como um enxame de insetos, assentando novas camadas de pedras para deixar as torres ainda mais altas.

— As Torres Sem Fim de Cairhien — murmurou Loial, com certa tristeza. — Bem, um dia já foram altas o bastante para justi ficar esse nome. Quando os Aiel tomaram Cairhien, mais ou menos na época em que você nasceu, as torres foram incendiadas, racharam e desabaram. Não vejo nenhum Ogier entre os pedreiros. Nenhum Ogier gostaria de trabalhar aqui, pois os homens de Cairhien querem tudo do seu jeito, sem nenhum embelezamento, mas havia alguns Ogier quando eu vim, antes.

Tavolin saiu do edi ício, trazendo atrás de si outro oficial e dois escrivães. Um deles carregava um enorme livro-caixa com capa de madeira, o outro, uma bandeja com ferramentas para a escrita. A frente da cabeça do oficial estava raspada como a de Tavolin, embora a calvície parecesse ter-lhe roubado mais cabelos do que a navalha. Ambos os oficiais olharam de Rand para o baú escondido sob o cobertor listrado de Loial, então para Rand outra vez. Nenhum deles perguntou o que havia embaixo do cobertor. Tavolin olhara muitas vezes para o baú no caminho de Tremonsien, mas também não fizera perguntas. O homem calvo também olhou para a espada de Rand e comprimiu os lábios por um momento.

Tavolin apresentou o outro oficial como Asan Sandair, e anunciou

em alto e bom som:

— Lorde Rand da Casa al'Thor, em Andor, e seu homem, de nome Hurin, acompanhados de Loial, Ogier do pouso Shangtai. — O escrivão que levava o livro-caixa o abriu em seus braços, e Sandair escreveu os nomes com uma letra arredondada.

— O senhor deve retornar a esta guarita a esta mesma hora amanhã, milorde — explicou Sandair, deixando que o segundo escrivão espalhasse o pó para secar a tinta —, e informar o nome da estalagem onde se hospedará.

Rand olhou para as ruas calmas de Cairhien, depois para a animação de Portão da Frente.

— Pode me dizer o nome de uma boa estalagem lá? — Ele gesticulou com a cabeça, indicando Portão da Frente.

Hurin fez um *psst* desesperado e se curvou para a frente.

— Não seria adequado, Lorde Rand — sussurrou. — Se o senhor ficar em Portão da Frente, sendo um Lorde e tudo o mais, eles terão certeza de que está tramando alguma coisa.

Rand percebeu que o farejador tinha razão. Sandair estava de queixo caído, Tavolin erguera as sobrancelhas com a pergunta, e ambos o olhavam fixamente. Ele queria lhes explicar que não estava jogando o Grande Jogo, mas em vez disso falou:

— Nos hospedaremos na cidade. Podemos ir agora?

— É claro, milorde Rand. — Sandair fez uma mesura. — Mas… a estalagem?

— Eu o informarei quando encontrarmos uma. — Rand fez Vermelho virar, então parou. O bilhete de Selene fez um ruído em seu bolso. — Preciso encontrar uma jovem de Cairhien. Lady Selene. Ela é da minha idade, e muito bonita. Não sei qual é sua Casa.

Sandair e Tavolin se entreolharam, e o primeiro respondeu:

— Investigarei, milorde. Talvez eu seja capaz de lhe dar uma resposta quando o senhor voltar, amanhã.

Rand assentiu e conduziu Loial e Hurin para dentro da cidade. Eles não atraíram muita atenção, embora houvesse poucos cavaleiros. Nem mesmo Loial atraiu muitos olhares. As pessoas pareciam quase ostentar indiferença.

— Será que eles vão interpretar mal — perguntou Rand, para Hurin — o fato de eu ter perguntado sobre Selene?

— Quem sabe, com essa gente de Cairhien, Lorde Rand? Eles parecem pensar que tudo tem a ver com *Daes Dae'mar*.

Rand deu de ombros. Sentia como se as pessoas o estivessem observando. Mal podia esperar para vestir um casaco bom e simples outra vez e parar de fingir ser o que não era.

Hurin conhecia diversas estalagens na cidade, embora tivesse ficado em Portão da Frente a maior parte do tempo que passou em

Cairhien. O farejador os levou a uma estalagem chamada O Defensor da Muralha do Dragão, cuja placa exibia um homem com uma coroa segurando a espada junto à garganta de outro homem, mantendo-o deitado com o pé sobre seu peito. O sujeito caído tinha cabelos ruivos.

Um cavalariço apareceu para buscar os cavalos, lançando rápidos olhares para Rand e Loial quando pensou que não estava sendo observado. Rand disse a si mesmo para parar de pensar bobagens: nem todas as pessoas da cidade estavam jogando esse tal Jogo. E, se estivessem, ele não iria fazer parte daquilo.

O salão da estalagem era limpo e bem-arrumado, com as mesas dispostas com o mesmo rigor da cidade, e havia apenas alguns ocupantes. Eles olharam de relance para os recém-chegados, então voltaram imediatamente a olhar para suas canecas de vinho, mas Rand teve a sensação de que ainda estava sendo observado. Uma pequena fogueira ardia na grande lareira, embora o dia estivesse ficando quente.

O estalajadeiro era um homem gordo e lisonjeiro, e uma única faixa verde cruzava a frente de seu casaco cinza-escuro. Ele se assustou quando os viu, e Rand não ficou surpreso. Loial, carregando o baú oculto pelo cobertor listrado, precisou abaixar a cabeça para passar pela porta; Hurin estava sobrecarregado com todos os alforjes e sacos, e seu próprio casaco vermelho contrastava com as cores sombrias das roupas das pessoas nas mesas.

O estalajadeiro pegou o casaco e a espada de Rand, e seu sorriso lisonjeiro voltou. Ele se curvou, esfregando as mãos macias.

— Perdoe-me, milorde. Apenas por um instante o tomei por… Perdoe-me. Meu cérebro não é mais o que era. O senhor deseja um quarto, milorde? — Ele fez outra mesura, menos profunda, para Loial. — Meu nome é Cuale, milorde.

Ele achou que eu fosse um Aiel, pensou Rand, com amargura. Queria sair de Cairhien, mas aquele era o único lugar onde Ingtar poderia encontrá-los. E Selene dissera que esperaria por ele lá.

Levou um tempo para que os quartos ficassem prontos, e Cuale explicou com muitos sorrisos e mesuras que fora necessário mover uma cama para Loial. Rand queria que todos dividissem um quarto outra vez, mas entre os olhares escandalizados do estalajadeiro e a insistência de Hurin (“Precisamos mostrar a esses cairhienos que sabemos tanto quanto eles o que é certo, Lorde Rand.”) eles acabaram com dois, um apenas para ele, mas com uma porta comunicando os dois quartos.

Os quartos eram quase idênticos, mas um tinha duas camas, uma delas grande o bastante para acomodar um Ogier, e o outro tinha apenas uma cama dossel, do tamanho das outras duas juntas, com esteios quadrados maciços que quase tocavam o teto. A cadeira

estofada de espaldar alto e o lavabo também eram quadrados e maciços, e o armário encostado na parede era esculpido em um estilo rígido e pesado, que fazia o objeto parecer pronto para cair em alguém. Havia duas janelas ao lado da cama que davam para a rua, dois andares abaixo.

Assim que o estalajadeiro saiu, Rand abriu a porta e deixou Loial e Hurin entrarem no aposento.

— Este lugar me dá nos nervos — falou. — Todos olham como se achassem que estamos tramando alguma coisa. Vou voltar para Portão da Frente, nem que seja por uma hora. Pelo menos lá as pessoas riem. Qual de vocês quer o primeiro turno para vigiar a Trombeta?

— Eu — ofereceu-se Loial, mais do que depressa. — Gostaria de um tempo para ler um pouco. E só porque não vi nenhum Ogier, não quer dizer que não tenha nenhum construtor do pouso Tsofu. Ele não ica longe da cidade.

— Achei que você fosse querer encontrar com eles.

— Ah… Não, Rand. Da última vez, eles já fizeram perguntas o bastante sobre eu estar viajando sozinho. Se tiveram alguma notícia do Pouso Shangtai… Bem, vou só descansar por aqui e ler, eu acho.

Rand sacudiu a cabeça. Ele sempre se esquecia de que Loial fugira de casa para ver o mundo.

— E quanto a você, Hurin? Em Portão da Frente há música e gente rindo. Aposto que lá ninguém joga *Daes Dae'mar*.

— Eu não estou tão certo disso, Lorde Rand. De qualquer modo, agradeço pelo convite, mas acho que não irei. Há tantas lutas… e mortes… em Portão da Frente que o lugar fede, se o senhor me entende. Não que eles fossem incomodar um lorde, é claro: os soldados cairiam em cima deles caso isso acontecesse. Mas, se o senhor não se importar, eu gostaria de beber alguma coisa no salão lá embaixo.

— Hurin, você não precisa da minha permissão para nada. Sabe disso.

— Como quiser, milorde. — O farejador fez uma pequena mesura.

Rand respirou fundo. Se não deixassem Cairhien logo, Hurin começaria a fazer profundas reverências a torto e a direito. E se Mat e Perrin vissem isso, nunca o deixariam esquecer.

— Espero que nada atrase Ingtar. Se ele não vier depressa, nós mesmos precisaremos levar a Trombeta de volta a Fal Dara. — Ele tocou o bilhete de Selene por fora do casaco. — Teremos que fazer isso. Loial, voltarei logo para que você possa ver um pouco da cidade.

— Prefiro não arriscar — respondeu Loial.

Hurin desceu com Rand. Assim que chegaram ao salão, Cuale fez uma reverência diante de Rand, estendendo uma bandeja em sua direção. Três pergaminhos dobrados e selados estavam sobre a

bandeja. Rand os apanhou, já que aquela parecia ser a intenção do estalajadeiro. Eram pergaminhos de boa qualidade, suaves e macios ao toque. Caros.

— O que são? — perguntou.

Cuale fez outra mesura.

— Convites, milorde, é claro. De três das Casas nobres. Fez mais uma mesura e se afastou.

— Quem me mandaria convites? — Rand os segurou e virou. Nenhum dos homens sentados às mesas levantou a cabeça, mas ele tinha a sensação de estar sendo observado assim mesmo. Não reconheceu os selos. Nenhum deles tinha a lua crescente e as estrelas usadas por Selene. — Quem saberia que estou aqui?

— Todo mundo já deve saber a essa altura, Lorde Rand — respondeu Hurin, em voz baixa. Ele também parecia sentir os olhos vigilantes. — Os guardas no portão não iam ficar de boca fechada com um lorde estrangeiro chegando a Cairhien. O cavalariço, o estalajadeiro… todo mundo conta o que sabe para quem acha que vai beneficiá-los mais, milorde.

Fazendo uma careta, Rand deu dois passos e jogou os convites no fogo. Eles queimaram imediatamente.

— Eu não estou jogando *Daes Dae'mar* — disse, alto o bastante para todos ouvirem. Nem mesmo Cuale olhou para ele. — Não tenho nenhum interesse no seu Grande Jogo. Só estou aqui à espera de alguns amigos.

Hurin agarrou seu braço.

— Por favor, Lorde Rand. — Sua voz soava como um sussurro nervoso. — Por favor, não faça isso de novo.

— De novo? Você acha mesmo que vou receber outros convites?

— Tenho certeza. Luz, o senhor me lembrou de quando Teva ficou tão irritado com algumas vespas zumbindo perto de seu ouvido que deu um chute no vespeiro. O senhor deve ter acabado de convencer todo mundo nessa sala de que está profundamente envolvido no Jogo. Deve estar, na cabeça deles, para o senhor negar tão completamente o que está fazendo. *Todo* lorde e *toda* lady de Cairhien jogam. — O farejador olhou de soslaio para a lareira, onde os pergaminhos curvavam-se, enegrecidos pelas chamas, e fez uma careta. — E o senhor deve ter feito inimigos em três Casas. Não em grandes Casas, ou não teriam agido tão depressa, mas, mesmo assim, eles são nobres. Você precisa responder a todos os outros convites que receber, milorde. Recuse-os se quiser, mas saiba que eles buscarão significados para quais deles o senhor recusar. E quais o senhor aceitar. Naturalmente, se o senhor recusar todos, ou aceitar todos…

— Não farei parte disso — respondeu Rand, também em voz baixa. — Sairemos de Cairhien assim que pudermos. — Ele enfiou os

punhos cerrados nos bolsos do casaco e sentiu o bilhete de Selene sendo amassado. Retirando-o do bolso, ajeitou-o na parte da frente de seu casaco. — Assim que pudermos — murmurou, guardando-o no bolso outra vez. — Vá tomar sua bebida, Hurin.

Ele saiu irritado, sem saber ao certo se estava bravo consigo mesmo, com Cairhien e seu Grande Jogo, com Selene, por ter desaparecido, ou com Moiraine. Ela é que havia começado aquilo tudo, roubando seus casacos e lhe dando as roupas de um lorde. Mesmo agora, que se considerava livre delas, uma Aes Sedai ainda conseguia interferir em sua vida. Isso sem sequer estar presente.

Voltou pelo mesmo portão pelo qual entrara na cidade, já que era o caminho que conhecia. Um homem parado em frente à casa da guarda percebeu que ele vinha — seu casaco de cores vivas o destacava dos cairhienos, assim como sua altura — e correu para dentro, mas Rand não reparou. Os risos e a música de Portão da Frente o atraíam.

Se seu casaco vermelho com bordados dourados o fazia se destacar do lado de dentro das muralhas, em Portão da Frente ele se encaixava muito bem. Muitos dos homens que caminhavam pelas ruas lotadas usavam os mesmos tons escuros que as pessoas da cidade, mas com a mesma frequência se viam casacos vermelhos, azuis, verdes ou dourados, alguns brilhantes o bastante para passarem por roupas de um Latoeiro. Um número maior ainda de mulheres usava vestidos bordados e lenços ou xales coloridos. A maioria das roupas era esfarrapada ou grande demais, como se tivessem sido feitas para outra pessoa. Mas, se alguns daqueles que as usavam reparavam em seu belo casaco, não pareciam achá-lo fora do normal.

Rand teve que dar passagem a outra procissão de marionetes gigantes. Enquanto os tamborileiros batiam seus tambores e dançavam, um Trolloc de focinho e presas de porco lutava com um homem com uma coroa na cabeça. Após algumas pancadas sem entusiasmo, a fera desabou, provocando risos e aplausos dos espectadores.

Rand grunhiu. *Eles não morrem tão fácil assim.*

Olhou de relance para um dos prédios grandes e sem janelas, parando para olhar pela porta. Para sua surpresa, o edi ício parecia composto de um único salão, com a parte central a céu aberto e diversas varandas internas, com uma plataforma enorme em uma das extremidades. Ele nunca vira ou ouvira falar sobre algo parecido. As varandas e o chão estavam repletos de pessoas que assistiam a outras pessoas se exibirem sobre a plataforma. Ele deu uma espiadela ao passar por edifícios similares e viu malabaristas, músicos, toda sorte de equilibristas e até mesmo um menestrel, com seu manto de retalhos, declamando uma história de A Grande Caçada à Trombeta

em Alto Canto.

Aquilo o fez pensar em Thom Merrilin, e Rand seguiu em frente, apressado. Lembranças de Thom eram sempre tristes. Thom fora um amigo. Um amigo que morrera por ele. *Enquanto eu fugia e o deixava morrer*.

Em outra das grandes estruturas, uma mulher trajando volumosos mantos brancos parecia fazer coisas desaparecerem de uma cesta e aparecerem em outra, para então desaparecerem de suas mãos em grandes nuvens de fumaça. A multidão que assistia àquele espetáculo soltava gritos de espanto.

— Dois cobres, meu bom Lorde — disse um homenzinho com aspecto de roedor que estava parado na porta. — Dois cobres para ver a Aes Sedai.

— Melhor não. — Rand olhou de relance para a mulher, uma última vez. Um pombo branco aparecera em suas mãos. *Aes Sedai?* — Não. — Fez uma pequena mesura para o homem com aspecto de roedor e se afastou.

Ele abria caminho por entre a multidão, pensando no que veria em seguida, quando uma voz grave, acompanhada pelo dedilhar de uma harpa, veio de uma porta sobre a qual havia uma placa com o símbolo de um malabarista.

— … frio sopra o vento que desce pelo Passo de Shara. Fria é a tumba sem lápide. Mas todos os anos, no Dia de Sol, sobre aquelas pedras empilhadas, aparece uma única rosa, ali colocada pela bela mão de Dunsinin, pois ela é fiel ao trato feito por Rogosh Olho-de-águia. Rand foi atraído para a voz como se tivesse sido puxado por uma corda invisível. Adentrou a porta enquanto os aplausos cresciam.

— Dois cobres, meu bom lorde — disse um homem com cara de rato, que podia muito bem ser gêmeo do outro. — Dois cobres para ver…

Rand tateou por algumas moedas e jogou-as para o homem. Ele entrou meio zonzo, encarando fixamente o homem que se curvava sobre a plataforma para receber os aplausos dos que o ouviram, segurando a harpa com um dos braços e abrindo bem o manto de retalhos com o outro, como se quisesse aprisionar todo o som que eles faziam. Era um homem alto, magro e não muito jovem, com bigodes compridos, tão brancos quanto os cabelos em sua cabeça. E, quando ele se endireitou e viu Rand, os olhos que se arregalaram eram vívidos e azuis.

— Thom. — O sussurro do rapaz se perdeu no ruído da multidão.

Mantendo seus olhos nos de Rand, Thom Merrilin acenou de leve com a cabeça, indicando uma portinha ao lado da plataforma. Então, fez mais uma mesura, sorrindo e se deliciando com os aplausos.

Rand foi até a porta e a atravessou. Era apenas um pequeno

corredor com três degraus, que subiam até a plataforma. Na outra direção, pôde ver um malabarista praticando com bolas coloridas e seis equilibristas se preparando.

Thom apareceu nos degraus, mancando, como se sua perna direita não dobrasse tão bem como antes. Ele olhou para o malabarista e os equilibristas de soslaio, bufou com desdém e se virou para Rand.

— Tudo o que querem ouvir é *A Grande Caçada à Trombeta* . Seria de se esperar, com as notícias de Haddon Mirk e Saldaea, que um deles pedisse *O Ciclo de Karaethon*. Bem, talvez não isso, mas eu pagaria a mim mesmo só para poder contar outra coisa. — Ele olhou Rand de cima a baixo. — Você parece estar bem, rapaz. — Passou os dedos pelo colarinho de Rand e apertou os lábios. — Muito bem.

Rand não conseguiu conter o riso.

— Saí de Ponte Branca com a certeza de que você tinha morrido. Moiraine disse que você ainda estava vivo, mas eu… Luz, Thom, é bom ver você de novo! Eu deveria ter voltado para ajudá-lo.

— Teria sido uma tolice imensa, rapaz. Aquele Desvanecido… — Ele olhou ao redor; não havia ninguém por perto para ouvir, mas Thom abaixou a voz assim mesmo. — Aquele Desvanecido não estava interessado em mim. Ele me deixou essa perna de presente e saiu correndo atrás de você e de Mat. Tudo o que você poderia ter feito era morrer. — Ele fez uma pausa, com ar pensativo. — Moiraine disse que eu ainda estava vivo, é mesmo? Ela ainda está com vocês, então?

Rand negou com a cabeça. Para sua surpresa, Thom pareceu decepcionado.

— É uma pena, de certa forma. Ela é uma boa mulher, ainda que seja… — Ele não terminou a frase. — Então, ela estava atrás de Mat ou de Perrin. Não vou perguntar qual dos dois. Eram bons rapazes, e não quero saber. — Rand trocou de posição, desconfortável, e se assustou quando Thom o espetou com um dedo ossudo. — O que quero saber é: você ainda está com minha harpa e minha lauta? Eu as quero de volta, rapaz. As que eu tenho agora não são dignas nem de um porco.

— Ainda estou com elas, Thom. E vou trazê-las para você, juro. Não consigo acreditar que está vivo. E não consigo acreditar que não esteja em Illian. A Grande Caçada está partindo. Tem um prêmio para o melhor contador da *Grande Caçada à Trombeta*. Você estava louco para ir!

Thom fungou, desdenhoso.

— Depois de Ponte Branca? Era provável que eu morresse se chegasse lá. Mesmo que eu tivesse conseguido alcançar o barco antes que ele partisse, Domon e a tripulação espalhariam por toda Illian que eu estava sendo caçado por Trollocs. Se vissem o Desvanecido ou ouvissem falar nele antes de Domon cortar os cabos… a maioria dos

illianenses acredita que Trollocs e Desvanecidos são lendas, mas há gente o bastante que iria querer saber por que um homem estava sendo perseguido por essas feras, o que tornaria Illian um tanto desconfortável.

— Thom, eu tenho muitas coisas para lhe contar.

O menestrel o interrompeu.

— Mais tarde, rapaz. — Ele e o homem de rosto ino que estava na porta, do outro lado do salão, entreolharam-se. — Se eu não voltar e contar outra história, aposto que ele vai mandar o malabarista, e aquela multidão vai botar o salão abaixo. Vá até a estalagem Cacho de Uvas, logo depois do Portão de Jangai. Eu aluguei um quarto lá. Qualquer um sabe dizer onde fica. Chego lá em mais ou menos uma hora. Eles vão ter que se dar por satisfeitos com só mais uma história. — Ele começou a subir os degraus outra vez e gritou por cima do ombro: — E leve minha harpa e minha flauta!

26

Discórdia

Rand disparou pelo salão da estalagem O Defensor da Muralha do Dragão e subiu as escadas depressa, abrindo um sorriso largo diante do olhar assustado do estalajadeiro. Queria sorrir para tudo e para todos. *Thom está vivo!*

Escancarou a porta do quarto e foi direto ao guarda-roupa.

Loial e Hurin abriram a porta que comunicava os quartos e enfiaram as cabeças para dentro do aposento, ambos já sem os casacos de viagem e com cachimbos na boca, soltando fumaça.

— Aconteceu alguma coisa, Lorde Rand? — perguntou Hurin, ansioso.

Rand pegou o manto embrulhado de Thom e pôs sobre o ombro.

— A melhor coisa que poderia acontecer, tirando a chegada de Ingtar. Thom Merrilin está vivo. E está aqui, em Cairhien.

— O menestrel de quem você me falou? — perguntou Loial. — Isso é maravilhoso, Rand! Eu gostaria de conhecê-lo.

— Então venha comigo, se Hurin estiver disposto a ficar de guarda por um tempo.

— Seria um prazer, Lorde Rand. — Hurin tirou o cachimbo da boca. — Aquele pessoal no salão ficou tentando me fazer falar, mas sem que eu percebesse o que estavam fazendo, é claro. Queriam saber quem era você, milorde, e o que estamos fazendo em Cairhien. Eu disse que viemos encontrar alguns amigos, mas, como bons cairhienos, eles concluíram que eu estava escondendo uma informação mais importante.

— Deixe que pensem o que quiserem. Vamos, Loial.

— Acho que não. — suspirou o Ogier. — Eu realmente pre iro ficar por aqui. — Ele ergueu um livro com a página marcada por um dos dedos grossos. — Posso conhecer Thom Merrilin alguma outra hora.

— Loial, você não pode ficar trancado aqui em cima para sempre. Nós nem sabemos quanto tempo vamos ter que passar em Cairhien. De qualquer jeito, não vimos nenhum Ogier. E se virmos, eles não estariam caçando você, estariam?

— Não estariam bem me caçando, mas… Rand, posso ter sido muito precipitado em deixar o Pouso Shangtai do jeito que o fiz. Quando voltar para casa, eu talvez tenha muitos problemas. — Suas orelhas abaixaram, desanimadas. — Mesmo que eu espere até ficar tão velho quanto o Ancião Haman. Talvez eu consiga encontrar um *pouso* abandonado para morar, até lá.

— Se o Ancião Haman não o deixar voltar, você pode viver em Campo de Emond. É um lugar bem bonito. — *Um lugar lindo*.

— Tenho certeza de que é, Rand, mas não seria possível. Sabe…

— Falaremos disso quando chegar a hora, Loial. Agora estamos indo ver Thom.

O Ogier tinha quase o dobro de seu tamanho, mas Rand o forçou a vestir a longa túnica e descer a escada. Quando atravessaram o salão a passos largos, Rand piscou para o estalajadeiro, então riu de seu olhar assustado. *Ele que pense que estou indo jogar esse maldito Grande Jogo. Ele que pense o que quiser. Thom está vivo*.

Depois de passarem pelo Portão de Jangai, na muralha leste da cidade, parecia que todos conheciam a Cacho de Uvas. Rand e Loial logo se viram diante dela, em uma rua calma para os padrões de Portão da Frente, com o sol a meio caminho de se pôr.

Era uma velha estrutura de três andares, feita de madeira e de aparência instável, mas o salão era limpo e estava cheio. Alguns homens jogavam dados em um canto, e algumas mulheres jogavam dardos em outro. Metade das pessoas parecia ser de Cairhien, magras e pálidas, mas Rand também ouviu sotaques andorianos, além de outros desconhecidos. Todos usavam roupas típicas de Portão da Frente, uma mistura de estilos de diferentes terras. Alguns se viraram para olhar quando Rand e Loial entraram, mas todos logo retomaram o que estavam fazendo.

A estalajadeira tinha um cabelo tão branco quanto o de Thom, e seus olhos aguçados pararam para analisar tanto Loial quanto Rand. Não era cairhiena, a julgar pela pele escura e pelo sotaque.

— Thom Merrilin? É, ele alugou um quarto. Subindo a escada, a primeira porta à direita. Dana deve deixar vocês esperarem por ele lá. — Ela olhou para a espada e para o casaco vermelho de Rand, com as garças bordadas no colarinho alto e os espinheiros dourados bordados

nas mangas. — Milorde!

A escada rangeu sob as botas de Rand, e fez ainda mais barulho sob as de Loial. O rapaz não sabia dizer por quanto tempo mais o prédio aguentaria. Ele encontrou a porta e bateu, perguntando-se quem seria Dana.

— Entre! — gritou uma voz de mulher. — Não posso abrir para você.

Rand abriu a porta, hesitante, e pôs apenas a cabeça para dentro. Havia uma grande cama desarrumada junto a uma parede, e o restante do quarto estava quase todo ocupado por um par de guarda-roupas, vários baús fechados com tiras e pregaria de latão, uma mesa e duas cadeiras de madeira. A mulher esguia, sentada de pernas cruzadas na cama com a saia presa embaixo do corpo, mantinha seis bolas coloridas girando em um círculo entre as mãos.

— O que quer que seja — disse ela, prestando atenção ao malabarismo que fazia —, deixe aí na mesa. Thom vai pagar quando voltar.

— Você é Dena? — perguntou Rand.

Ela recolheu as bolas ainda no ar e se virou para olhar Rand. Era apenas alguns anos mais velha que ele, e bonita, com a pele alva dos cairhienos e cabelos escuros soltos na altura dos ombros.

— Não conheço você. Este quarto é meu. Meu e de Thom Merrilin.

— A estalajadeira disse que talvez você nos deixasse esperar por Thom aqui — explicou Rand. — Se você for a tal Dena…

— Nos deixar? — Rand entrou no quarto para que Loial pudesse passar abaixado pela porta, e as sobrancelhas dela se ergueram. — Então os Ogier voltaram. Eu sou Dena. O que vocês querem? — Ela olhou para o casaco de Rand de forma tão deliberada que o fato de não tratá-lo como "milorde" tinha de ser proposital, embora suas sobrancelhas tenham se erguido outra vez, ao reparar nas garças da bainha e do cabo da espada.

Rand ergueu o embrulho que carregava.

— Vim devolver a harpa e a lauta de Thom. E quero conversar com ele — acrescentou mais do que depressa, pois ela parecia prestes a dizer para deixá-las ali e partir. — Não o vejo há muito tempo.

Ela fitou o embrulho.

— Thom vive resmungando sobre ter perdido a melhor lauta e a melhor harpa que já teve. Dá para pensar que ele era bardo de alguma corte pelo jeito que fala. Muito bem. Vocês podem esperar, mas eu preciso praticar. Thom disse que vai deixar eu me apresentar nos salões na semana que vem. — Ela se levantou com graça e sentou-se em uma das cadeiras, gesticulando para que Loial se sentasse na cama. — Zera faria Thom pagar por seis cadeiras se você quebrasse uma

dessas, amigo Ogier.

Rand lhes disse seus nomes ao sentar na outra cadeira, que rangeu de forma preocupante, mesmo sob seu peso, e perguntou, em dúvida:

— Você é aprendiz dele?

Dena deu um sorrisinho.

— Pode-se dizer que sim. — Ela voltara a praticar malabarismo, e sua atenção estava nas bolas no ar.

— Nunca ouvi falar de menestréis mulheres — comentou Loial.

— Serei a primeira. — O grande círculo se dividiu em dois círculos menores, sobrepostos. — Verei o mundo inteiro antes de me aposentar. Thom diz que, quando tivermos dinheiro o bastante, iremos até Tear. — Ela passou a jogar três bolas com cada mão. — E, de lá, talvez sigamos para as ilhas do Povo do Mar. Os Atha'an Miere pagam bem aos menestréis.

Rand examinou o aposento, com todos aqueles baús e malas. Não parecia o quarto de alguém que pretendesse partir tão cedo. Havia até mesmo uma flor em um vaso na janela. Ele fitou a grande cama solitária, onde Loial estava sentado. *Este quarto é meu. Meu e de Thom Merrilin.* Dena lhe lançou um olhar de desafio por entre o grande círculo que voltara a fazer. Rand enrubesceu.

Ele pigarreou.

— Talvez seja melhor esperarmos lá embaixo — começou a dizer, quando a porta se abriu e Thom entrou, com o manto de retalhos que ia até os tornozelos balançando atrás dele. Os estojos de uma lauta e uma harpa estavam pendurados às costas. Eram de madeira avermelhada, polida pelo manuseio.

Dena fez as bolas desaparecerem em seu vestido e correu para abraçar Thom, ficando na ponta dos pés.

— Senti sua falta — disse, e o beijou.

O beijo durou um bom tempo, tão longo que Rand começou a se perguntar se ele e Loial deveriam sair, mas Dena soltou um suspiro e fez seus calcanhares voltarem ao chão.

— Você sabe o que aquele idiota do Seaghan fez dessa vez, menina? — perguntou Thom, olhando para ela. — Contratou um bando de patetas que se autointitulam "intérpretes". Eles andam por aí fingindo *ser* Rogosh Olho-de-águia, Blaes, Gaidal Cain e… Aaagh! Penduram um pedaço de pano pintado atrás de si, que devia ter o objetivo de fazer o público acreditar que aqueles tolos estão no Salão de Matuchin, ou nos altos passos das Montanhas de Dhoom. *Eu* faço quem me ouve ver cada estandarte, sentir o cheiro de cada batalha, sentir cada emoção. Eu os faço acreditar que *são* Gaidal Cain. Seaghan vai ver a casa cair em seus ouvidos se colocar esse pessoal atrás de mim.

— Thom, nós temos visita. Loial, filho de Arent, filho de Halan. Ah, e um rapaz que diz se chamar Rand al'Thor.

Thom olhou para Rand por cima da cabeça dela, franzindo a testa.

— Deixe-nos a sós por um tempo, Dena. Aqui. — Ele pôs algumas moedas de prata na mão dela. — Suas facas estão prontas. Por que você não vai pagar Ivon? — Ele acariciou a bochecha lisa dela com um dedo enrugado. — Pode ir. Eu a recompenso depois.

Ela lhe lançou um olhar zangado, mas jogou o manto por cima do ombro, murmurando:

— É melhor que Ivon tenha acertado o centro de gravidade delas.

— Ela um dia ainda vai ser uma barda — comentou Thom, com uma pontada de orgulho, depois que ela saiu. — Ela ouve uma história uma vez, uma vez só, e decora tudo certinho. Não só as palavras, mas também todas as nuances, todos os ritmos. Tem uma mão boa para a harpa e, da primeira vez que tocou a lauta, se saiu melhor do que você em qualquer tentativa. — Ele colocou os estojos de madeira dos instrumentos sobre um dos baús maiores, e então se sentou na cadeira que ela ocupara. — Quando passei por Caemlyn, a caminho daqui, Basel Gill me disse que você tinha partido em companhia de um Ogier. Entre outros. — Ele se curvou para Loial, conseguindo até mesmo fazer um floreio com a capa, apesar de estar sentado nela. — É um prazer conhecê-lo, Loial, filho de Arent, filho de Halan.

— Digo o mesmo, Thom Merrilin. — Loial se levantou para retribuir a mesura, mas, ao ficar de pé, sua cabeça quase roçou o teto, e ele prontamente voltou a se sentar. — A jovem disse que quer ser uma menestrel.

Thom negou com a cabeça, como se descartando a ideia.

— Isso não é vida para uma mulher. Nem é grande coisa para um homem, aliás. Vagar de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, perguntando-se como vão tentar lhe passar a perna da próxima vez. Passar metade do tempo se perguntando de onde virá a próxima refeição. Não. Vou fazê-la mudar de ideia. Em pouco tempo, ela será barda na corte de algum rei ou rainha. Aaagh! Você não veio até aqui para falar de Dena. Meus instrumentos, garoto. Você os trouxe?

Rand empurrou o embrulho por cima da mesa. Thom o desfez depressa, piscando ao ver que era seu antigo manto, todo coberto de retalhos coloridos, como o que usava no momento. Então, abriu o estojo de couro rígido, balançando a cabeça, feliz, ao ver a lauta prateada e dourada aninhada ali.

— Ganhei abrigo e comida com ela, depois que nos separamos — comentou Rand.

— Eu sei — respondeu o menestrel, seco. — Parei em algumas dessas estalagens, mas tive que me virar com malabarismos e algumas

histórias simples, já que você estava com a minha… Você não tocou na harpa, não é? — Ele abriu o outro estojo de couro escuro e retirou uma harpa de ouro e prata tão ornamentada quanto a lauta, aninhando-a nos braços como a um bebê. — Suas mãos desastradas de pastor não foram feitas para a harpa.

— Não toquei nela — garantiu-lhe Rand.

Thom dedilhou duas cordas, fazendo uma careta.

— Pelo menos não foi tolo o suficiente para tentar mantê-la a finada — murmurou. — Poderia tê-la arruinado.

Rand se inclinou por cima da mesa, na direção dele.

— Thom, você queria ir a Illian ver a Grande Caçada partir e ser um dos primeiros a fazer histórias novas sobre ela, mas não pôde. O que diria se eu lhe contasse que ainda pode ter um papel nisso? E um grande papel.

Loial se agitou, inquieto:

— Rand, tem certeza?

Rand gesticulou para que ele ficasse quieto, mantendo o olhar em Thom. O menestrel olhou para o Ogier e franziu a testa.

— Isso depende de que papel, e como. Se você tem motivo para crer que um dos Caçadores está vindo para cá… Acho que todos já devem ter saído de Illian, mas ele ainda estaria a semanas daqui, mesmo cavalgando sem parar, e por que faria isso? É um desses sujeitos que nunca foram a Illian? Ele não vai sequer aparecer nas histórias sem a bênção, não importa o que faça.

— Não importa se a Caçada deixou Illian ou não. — Rand percebeu que Loial havia parado de respirar. — Thom, nós estamos com a Trombeta de Valere.

Por um momento, o silêncio foi mortal. Thom o quebrou com uma estrondosa gargalhada.

— Vocês dois estão com a Trombeta? — Um pastor e um Ogier imberbe estão com a Trombeta de… — Ele se curvou para a frente, rindo e batendo no joelho. — A Trombeta de Valere!

— Mas nós estamos mesmo com ela — respondeu Loial, sério.

Thom respirou fundo. Pequenos ecos da gargalhada ainda pareciam pegá-lo de surpresa.

— Não sei o que vocês encontraram, mas posso levá-los a dez tavernas onde um sujeito dirá que conhece alguém que conhece o homem que já encontrou a Trombeta, e ele também lhe dirá como ela foi encontrada… se você lhe pagar uma cerveja. Posso levá-los a três homens que tentarão lhes *vender* a Trombeta, e eles vão jurar por suas almas sob a luz que é a verdadeira. Tem até um lorde na cidade que possui o que a firma ser a Trombeta trancada em sua mansão. Ele diz que é um tesouro passado de geração em geração em sua Casa, desde a Ruptura. Não sei se os caçadores encontrarão a trombeta algum dia,

mas encontrarão dez mil mentiras no caminho.

— Moiraine disse que é a Trombeta.

O sorriso de Thom desapareceu.

— Ela disse, é? Achei que você tivesse dito que não estavam juntos.

— E não mesmo, Thom. Não a vejo desde que saí de Fal Dara, em Shienar, e ela não me dirigiu mais que duas palavras durante um mês, antes disso. — Ele não conseguiu impedir que a amargura transparecesse em sua voz. *E, quando ela finalmente falou, desejei que tivesse continuado a me ignorar. Nunca mais dançarei a música dela, que a Luz a queime, a ela e a todas as Aes Sedai. Não. Menos Egwene. E Nynaeve*. Ele estava ciente de que Thom o observava atentamente. — Ela não está aqui, Thom. Eu não sei onde ela está e nem quero saber.

— Bem… Pelo menos você teve o bom senso de manter segredo. Se não o tivesse feito, a notícia já teria se espalhado por toda Portão da Frente, a esta altura, e metade de Cairhien estaria à espreita para tomá-la de vocês. Meio mundo estaria.

— Ah, mantivemos o segredo, Thom. E preciso devolvê-la a Fal Dara sem que Amigos das Trevas ou qualquer outra pessoa a pegue. É uma história grande o bastante para você, não é? E um amigo que conheça o mundo virá a calhar. Você já esteve em todos os lugares, sabe de coisas que eu não consigo sequer imaginar. Loial e Hurin sabem mais que eu, mas nós três estamos perdidos.

— Hurin…? Não, não me conte. Eu não quero saber. — O menestrel se levantou da cadeira e foi olhar pela janela. — A Trombeta de Valere. Isso signi ica que a Última Batalha está chegando. Quem vai notar? Você viu as pessoas rindo lá fora, nas ruas? Deixe as barcas de grãos pararem de funcionar por uma semana, e elas vão parar de rir. Galdrian vai achar que todos viraram Aiel. Todos os nobres jogam o Jogo das Casas, tramando para se aproximar do Rei, tramando para ganhar mais poder que o Rei, tramando para derrubar Galdrian e *ser* o próximo Rei. Ou Rainha. Todos eles vão achar que Tarmon Gai'don é apenas mais uma trama no Jogo. — Ele deu as costas para a janela. — Não acho que você esteja falando em simplesmente cavalgar até Shienar e entregar a Trombeta para… quem?… o Rei? Por que Shienar? Todas as lendas ligam a Trombeta a Illian.

Rand olhou para Loial. As orelhas do Ogier estavam caídas.

— Shienar, porque eu sei a quem entregá-la lá. E há Trollocs e Amigos das Trevas atrás de nós.

— Por que isso não me surpreende? Não, eu posso ser um velho tolo, mas serei um velho tolo à minha maneira. Fique com a glória, garoto.

— Thom…

— Não!

Fez-se um silêncio, quebrado apenas pelo rangido da cama quando Loial mudou de posição. Por fim, Rand falou:

— Loial, você se importaria em deixar Thom e eu conversarmos a sós por um momento? Por favor.

Loial pareceu surpreso. Os tufos em suas orelhas ficaram quase duros de tão arrepiados, mas ele assentiu e se levantou.

— Aquele jogo de dados no salão parecia interessante. Talvez me deixem jogar.

Thom olhou desconfiado para Rand quando a porta se fechou atrás dele.

Rand hesitou. Havia coisas que ele precisava saber, coisas que tinha certeza de que Thom sabia… O menestrel parecia saber muito sobre uma quantidade surpreendente de coisas, mas Rand não sabia bem como perguntar.

— Thom — começou, por fim —, existem livros com *O Ciclo de Karaethon*? — Era mais fácil chamá-lo assim do que "As Profecias do Dragão".

— Sim, nas grandes bibliotecas — respondeu Thom, sem pressa. — Diversas traduções, e até mesmo na Língua Antiga, aqui e ali. — Rand começou a perguntar se havia algum meio de encontrar um desses livros, mas o menestrel continuou. — A Língua Antiga tinha musicalidade, mas muitos, mesmo entre os nobres, não têm paciência para ouvi-la hoje em dia. Era de se esperar que os nobres soubessem a língua antiga, mas muitos aprendem apenas o suficiente para impressionar os que não sabem. As traduções não têm a mesma sonoridade, a menos que sejam em Alto Canto, o que às vezes muda os significados ainda mais que as traduções comuns. Há um verso no ciclo… Não ica bom traduzido palavra por palavra, mas assim não se perde o sentido. Ele é assim: *"Por duas e mais duas vezes ele será marcado, duas vezes para viver e duas vezes para morrer. Uma vez a garça, para traçar seu caminho. Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro. Uma vez o Dragão, atrás da memória perdida. Duas vezes o Dragão, cobrar o preço a ser pago."*

Ele esticou a mão para tocar as garças bordadas no colarinho alto de Rand.

Por um momento, Rand pôde apenas olhar, boquiaberto. Quando conseguiu falar, sua voz soou vacilante.

— Com a espada, são cinco. Cabo, bainha e lâmina. — Ele virou a mão para que a palma ficasse na mesa, escondendo a marca. Pela primeira vez desde que o unguento de Selene fizera efeito, ele podia senti-la. Não doía, mas ele sabia que estava lá.

— Parece que são. — Thom deixou escapar uma risada. — Tem

outro trecho que me vem à mente.

O dia raia duas vezes quando seu sangue é derramado.

Uma para o luto e outra para o nascimento.

Vermelho no preto, o sangue do Dragão mancha a rocha de Shayol Ghul.

No Poço da Perdição seu sangue libertará os homens da Sombra. Rand sacudiu a cabeça em negação, mas Thom pareceu não notar.

— Não vejo como um dia pode raiar duas vezes, mas, até aí, boa parte disso não faz o menor sentido, mesmo. A Pedra de Tear não cairá até que *Callandor* seja empunhada pelo Dragão Renascido, mas a Espada que Não Pode Ser Tocada jaz no Coração da Pedra. Então como ele pode empunhá-la primeiro, hein? Bem, seja como for, suspeito que as Aes Sedai querem fazer com que os eventos se encaixem nas Profecias do modo mais próximo que conseguirem. Morrer em algum lugar das Terras Devastadas seria um preço alto a se pagar por colaborar com elas.

Rand teve que fazer muito esforço para manter a voz controlada, mas conseguiu.

— Nenhuma Aes Sedai está me usando para nada. Eu lhe disse que a última vez em que vi Moiraine foi em Shienar. Ela falou que eu podia ir para onde quisesse, e fui embora.

— E não há nenhuma Aes Sedai com você, agora? Nem umazinha?

— Nenhuma.

Thom cofiou seu bigode branco com os nós dos dedos. Ele pareceu satisfeito, mas, ao mesmo tempo, intrigado.

— Então por que perguntar sobre as Profecias? Por que mandar o Ogier sair do quarto?

— Eu… não queria aborrecê-lo. Ele já está nervoso o bastante com essa história da Trombeta. É algo que eu queria perguntar. A Trombeta é mencionada nas… nas Profecias? — Ele ainda não conseguia se forçar a falar tudo de uma vez. — Todos esses falsos Dragões, e agora a Trombeta é encontrada. Todos acham que a Trombeta de Valere deveria chamar os heróis mortos para enfrentar o Tenebroso na Última Batalha, e o… o Dragão Renascido deve enfrentar o Tenebroso na Última Batalha. Pareceu natural perguntar.

— Acho que é natural, sim. Não são muitos que sabem sobre o Dragão Renascido lutar a Última Batalha, ou, se sabem, acham que ele vai lutar ao lado do Tenebroso. Não são muitos os que leram as profecias para descobrir. O que foi que você disse sobre a Trombeta? “Deveria”?

— Aprendi algumas coisas desde que nos separamos, Thom. Eles virão para qualquer um que toque a Trombeta, mesmo um Amigo das Trevas.

As sobrancelhas espessas se ergueram quase até o alto da testa de Thom.

— Dessa, eu não sabia. Você aprendeu algumas coisas.

— Isso não signi ica que eu deixaria a Torre Branca me usar como um falso Dragão. Não quero nada com as Aes Sedai nem com falsos Dragões. Nem com o Poder, nem… — Rand mordeu a língua. *É só ficar irritado que você começa a falar demais, seu idiota!*

— Por um tempo, garoto, achei que você fosse o rapaz que Moiraine queria, e até achei que sabia o porquê. Sabe, nenhum homem escolhe canalizar o Poder. É algo que acontece, como uma doença. Você não pode culpar um homem por ficar doente, mesmo que você possa morrer junto.

— Seu sobrinho podia canalizar, não podia? Você me disse que foi por isso que nos ajudou, porque seu sobrinho teve problemas com a Torre Branca e não havia ninguém para ajudá-lo. Só há um tipo de problema que homens podem ter com as Aes Sedai.

Thom estudou o tampo da mesa, apertando os lábios.

— Não acho que adianta negar. Você entende que não é o tipo de coisa sobre a qual um homem fala, ter um parente que podia canalizar. Aaagh! A Ajah Vermelha não deu sequer uma chance a Owyn. Elas o amansaram, e ele morreu. Ele simplesmente desistiu de viver. — O menestrel suspirou com pesar.

Rand estremeceu. *Por que Moiraine não fez isso comigo?*

— Uma chance, Thom? Quer dizer que havia algum jeito de ele lidar com isso? Sem enlouquecer? Nem morrer?

— Owyn resistiu por quase três anos. Ele nunca machucou ninguém. Não usava o Poder a menos que precisasse, e o fazia apenas para ajudar sua aldeia. Ele… — Thom jogou as mãos para o alto. — Acho que não havia escolha. As pessoas de onde ele morava me disseram que ele estava agindo de forma estranha durante o último ano. Eles não queriam falar muito sobre o assunto e quase me apedrejaram quando descobriram que eu era tio dele. Acho que ele *estava* ficando louco. Mas era do meu sangue, garoto. Não posso amar as Aes Sedai pelo que fizeram com ele, mesmo que tenha sido necessário. Se Moiraine o deixou partir, então você está a salvo disso.

Por um momento, Rand ficou em silêncio. *Idiota! Claro que não há como lidar com isso. Você vai ficar louco e morrer, não importa o que faça. Mas Ba'alzamon disse…*

— Não! — Ele corou ao se ver sob o escrutínio de Thom. — Quer dizer, estou a salvo disso, Thom. Mas ainda estou com a Trombeta de Valere. Pense nisso, Thom. A Trombeta de Valere. Outros menestréis podem contar histórias sobre ela, mas você pode dizer que a teve nas mãos. — Ele percebeu que soava como Selene, mas aquilo apenas o fez se perguntar onde ela estava. — Na minha opinião, não há

ninguém melhor para seguir conosco agora, Thom.

Thom franziu a testa, como se estivesse pensando no assunto, mas no fim sacudiu a cabeça com firmeza.

— Garoto, gosto bastante de você, mas você sabe tão bem quanto eu que só ajudei antes porque havia uma Aes Sedai na história. Seaghan não tenta me passar para trás mais do que o esperado, e, somando a Dádiva do Rei, eu sei que não ganharia tanto nas aldeias. Para minha enorme surpresa, Dena parece me amar, e, o que é igualmente surpreendente, eu correspondo o sentimento. Agora, por que eu iria largar isso tudo para ser perseguido por Trollocs e Amigos das Trevas? Pela Trombeta de Valere? Ah, é uma tentação, vou admitir, mas não. Não vou me envolver nisso outra vez.

Ele se curvou para pegar um dos estojos de madeira dos instrumentos, longo e ino. Quando o abriu, Rand viu que dentro havia uma lauta de confecção simples, mas com detalhes em prata. O menestrel fechou o estojo e o empurrou pela mesa.

— Você pode precisar ganhar seu pão de novo algum dia, garoto.

— Posso, de fato — concordou Rand. — Pelo menos podemos conversar. Estarei na…

O menestrel estava sacudindo a cabeça.

— É melhor nos separarmos completamente, garoto. Se você sempre estiver por perto, mesmo que não a mencione, eu não vou conseguir tirar a Trombeta da cabeça. E não vou me envolver nisso. Não vou.

Depois que Rand saiu, Thom jogou o manto na cama e apoiou os cotovelos na mesa. *A Trombeta de Valere. Como foi que esse camponês encontrou…* Ele interrompeu a linha de raciocínio. Se pensasse na Trombeta por muito tempo, acabaria fugindo com Rand para levá-la a Shienar. *Isso* daria *uma boa história, levar a Trombeta de Valere até as Terras da Fronteira, com Trollocs e Amigos das Trevas em seu encalço*. Fazendo uma careta, ele se obrigou a pensar em Dena. Mesmo que ela não o amasse, um talento como aquele não se encontrava todo dia. E ela o amava, mesmo que ele não conseguisse imaginar por quê.

— Velho idiota — resmungou.

— Isso mesmo, um velho idiota — respondeu Zera, da porta. Ele levou um susto: estivera tão absorto em seus pensamentos que não ouvira a porta se abrir. Conhecia Zera havia muitos anos, no ir e vir de suas andanças, e ela sempre se aproveitara da amizade para falar o que pensava. — Um velho idiota, que está jogando o Jogo das Casas outra vez. A menos que meus ouvidos se enganem, esse jovem lorde tem o sotaque de Andor. Ele não é cairhieno, mas não é mesmo. *Daes Dae'mar* já é perigoso o bastante sem deixar um lorde estrangeiro meter você nos esquemas dele.

Thom piscou, e então parou para pensar na aparência de Rand. Aquele casaco decerto era sofisticado o bastante para um lorde. Estava ficando velho, deixando coisas como aquela passarem despercebidas. Com amargura, percebeu que estava pensando se contava a verdade a Zera ou se a deixava continuar ponderando sobre aquilo. *Basta pensar no Grande Jogo, e eu já começo a jogá-lo*.

— O garoto é um pastor, Zera, de Dois Rios.

Ela riu com desdém.

— É, e eu sou a Rainha de Ghealdan. Estou falando. O Jogo ficou mais perigoso em Cairhien, nesses últimos anos. Não é o que você conheceu em Caemlyn. Agora tem assassinatos. Você vai acabar com a garganta cortada se não se cuidar.

— Já lhe disse, não estou mais no Grande Jogo. Isso ficou para trás, há uns vinte anos.

— Claro. — Ela não parecia acreditar. — Mas, seja como for, e deixando de lado o jovem lorde, você começou a se apresentar nas mansões dos nobres.

— Eles pagam bem.

— E você vai ser arrastado para as tramas deles assim que acharem um jeito. Eles veem um homem e pensam em como usá-lo, para eles é natural como respirar. Esse seu jovem lorde não vai ajudar, eles vão comer o garoto vivo.

Ele desistiu de tentar convencê-la de que estava fora daquilo.

— Você subiu aqui para dizer isso, Zera?

— Foi. Esqueça o Grande Jogo, Thom. Case-se com Dena. Aquela boba vai aceitá-lo, mesmo magricela e grisalho desse jeito. Case-se com ela e esqueça esse jovem lorde e o *Daes Dae'mar*.

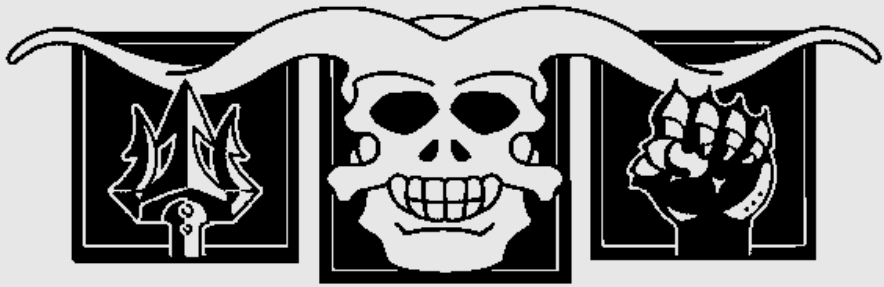
— Agradeço o conselho — respondeu, seco. *Casar-se com ela? Dar a ela o fardo de um marido velho. Ela nunca será barda com meu passado pesando sobre sua cabeça*. — Se não se importar, Zera, quero ficar sozinho por um tempo. Vou me apresentar para Lady Arilyn e seus convidados hoje à noite, preciso me preparar.

Ela bufou, sacudiu a cabeça e bateu a porta ao sair.

Thom tamborilou no tampo da mesa. Com casaco ino ou não, Rand ainda era apenas um pastor. Se fosse mais que isso, se fosse aquilo que Thom suspeitara, um homem capaz de canalizar, nem Moiraine e nem qualquer outra Aes Sedai o deixaria partir sem amansá-lo. Com ou sem a Trombeta, o garoto ainda era apenas um pastor.

— Ele está fora disso — disse, em voz alta —, e eu também.

27



A Sombra na Noite

— Não entendo — exclamou Loial. — Eu estava vencendo quase todas as partidas. Então Dena chegou, entrou no jogo e ganhou tudo de volta. Cada lance. E disse que aquilo era uma pequena lição. O que ela quis dizer com isso?

Rand e o Ogier estavam a caminho de Portão da Frente, deixando para trás a estalagem Cacho de Uvas. O sol estava baixo no oeste, uma bola vermelha metade abaixo do horizonte, projetando longas sombras atrás deles. A rua estava vazia, exceto por uma das marionetes gigantes, um Trolloc com chifres de bode e espada no cinturão, que se aproximava deles, manejado por cinco homens. Mas os sons da diversão ainda vinham de outras partes da cidade, dos salões de entretenimento e tavernas. Ali, as portas já estavam trancadas, e as janelas, fechadas.

Rand parou de mexer no estojo de madeira da lauta e o pendurou no ombro. *Acho que eu não podia esperar que ele fosse largar tudo para vir comigo, mas pelo menos ele podia falar comigo. Luz, queria que Ingtar aparecesse*. Ele pôs as mãos nos bolsos e sentiu o bilhete de Selene.

— Você não acha que ela… — Loial fez uma pausa, desconfortável. — Você não acha que ela trapaceou, acha? Todos estavam sorrindo como se ela estivesse sendo esperta.

Rand deu de ombros sob o manto. *Preciso pegar a Trombeta e sair daqui. Se esperarmos Ingtar, qualquer coisa pode acontecer. Fain virá, mais cedo ou mais tarde. Preciso continuar à frente dele*. Os homens com a marionete estavam quase os alcançando.

— Rand — disse Loial, de repente —, não acho que aquilo seja um…

De repente, os homens deixaram as varas caírem no chão de terra batida. Por re flexo, Rand desembainhou a espada, brandindo-a em um arco. Lua Sobre os Lagos. O Trolloc cambaleou para trás com um grito gorgolejante, rosnando mesmo enquanto caía.

Por um instante, todos congelaram. Então os homens, que só

podiam ser os Amigos das Trevas, olharam do Trolloc que jazia no chão para Rand, com a espada na mão e Loial ao lado. Deram meia-volta e saíram correndo.

Rand também olhava fixamente para o Trolloc. O vazio o envolvera antes mesmo de sua mão tocar o cabo da espada. *Saidin* brilhava em sua mente, nauseante, chamando-o. Com esforço, o rapaz fez o vazio desaparecer e umedeceu os lábios. Sem o vazio, o medo lhe deu calafrios.

— Loial, precisamos voltar à estalagem. Hurin está sozinho, e eles… — Gemeu ao ser erguido no ar por um braço longo o suficiente para imobilizar os seus junto ao peito. Uma mão peluda envolveu sua garganta. Rand teve o vislumbre de um focinho com longas presas logo acima de sua cabeça. Um cheiro rançoso, que lembrava suor azedo e chiqueiro, encheu seu nariz.

Tão depressa quanto o agarrara, a mão em seu pescoço foi obrigada a soltá-lo. Rand olhou fixamente para os grossos dedos do Ogier, que seguravam o pulso do Trolloc.

— Aguente firme, Rand. — Loial parecia estar fazendo muita força. Com a outra mão, o Ogier segurou o braço que mantinha Rand fora do chão. — Aguente firme.

Rand foi sacudido de um lado a outro com os movimentos bruscos da briga do Ogier e do Trolloc. De repente, foi solto. Cambaleante, deu dois passos para longe da confusão e se virou, espada em punho.

Ofegante por conta do esforço, Loial, parado atrás do Trolloc com focinho de javali, segurava-o pelo pulso e antebraço, mantendo-o de braço abertos. A besta soltou um rosnado na língua rude dos Trollocs, jogando a cabeça para trás na esperança de acertar Loial com uma presa. As botas dos dois se arrastavam na terra batida da rua.

Rand tentou encontrar uma abertura para acertar o Trolloc com a lâmina sem ferir Loial, mas a besta e o Ogier giravam tanto, em uma dança violenta, que não havia como.

Com um grunhido, o Trolloc conseguiu libertar o braço esquerdo, mas, antes de se soltar por completo, Loial passou o próprio braço em torno do pescoço da criatura, mantendo-a bem próxima. A besta buscou a espada freneticamente, mas a harpe pendia do lado contrário, di ícil de ser empunhada pela mão esquerda. Pouco a pouco o aço escuro começou a deslizar para fora da bainha. Ainda assim eles se engalfinhavam, o que tornava impossível para Rand desferir um golpe sem pôr Loial em risco.

O Poder. Talvez aquilo ajudasse. Como, ele não sabia, mas não tinha outra ideia. O Trolloc já estava com meia espada desembainhada. Quando conseguisse empunhar a lâmina curva, mataria Loial.

Rand formou o vazio, relutante. *Saidin* brilhava sobre ele,

atraindo-o. Pareceu se lembrar vagamente de uma vez em que *saidin* cantara para ele, mas naquele momento sentia apenas uma enorme atração, como o perfume de uma flor atraindo uma abelha, o fedor do lixo atraindo uma mosca. Ele se abriu, tentou alcançá-lo. Não havia nada lá. Parecia estar tentando literalmente segurar a luz. A mácula deslizou para ele, conspurcando-o, mas não houve qualquer luxo de luz dentro dele. Impelido por um desespero distante, Rand tentou de novo e de novo. E, a cada vez, sentiu apenas a mácula.

Com um esforço súbito, Loial arremessou o Trolloc de lado, tão forte que ele caiu e foi de encontro à lateral de um prédio. A besta bateu a cabeça, com um estrondo, e deslizou pela parede até parar no chão, com o pescoço torcido em um ângulo impossível. Loial ficou olhando a cena, arquejando.

Rand apenas olhou, ainda envolvido pelo vazio, antes de perceber o que acontecera. Mas, assim que entendeu o que se passava, deixou o vazio e a luz maculada e correu até Loial.

— Eu nunca… nunca matei antes, Rand. — disse o Ogier, trêmulo.

— Ele o teria matado — respondeu Rand. Olhou para os becos, janelas fechadas e portas trancadas, ansioso. Onde havia dois Trollocs, devia haver mais. — Lamento que você tenha precisado fazer isso, Loial, mas ele teria matado nós dois, ou feito coisa pior.

— Eu sei. Mas não consigo gostar disso. Mesmo tendo sido um Trolloc. — Apontando para o sol poente, o Ogier segurou o braço de Rand. — Há mais um.

Contra o sol, Rand não pôde distinguir os detalhes, mas parecia que outro grupo de homens com uma marionete gigante ia em direção a ele e a Loial. Contudo, agora que sabia o que via, percebeu que a "marionete" movia as pernas de modo natural demais, e que a cabeça com focinho se erguia para farejar o ar sem que ninguém mexesse uma das varas. Rand achava que o Trolloc e os Amigos das Trevas não conseguiam vê-lo em meio às sombras do entardecer, nem percebiam as feras que jaziam na rua, à sua volta. Estavam se movendo devagar demais. Ainda assim, era claro que estavam caçando, e que chegavam cada vez mais perto.

— Fain sabe que estou aqui em algum lugar — constatou, limpando, apressado, a lâmina no manto do Trolloc morto. — Ele os mandou para me encontrarem. Mas tem medo de que os Trollocs sejam vistos, ou não teria mandado que se disfarçassem. Se conseguirmos chegar a uma rua movimentada, estaremos seguros. Precisamos ir até Hurin. Se Fain o encontrar lá, sozinho com a Trombeta…

Ele puxou Loial pela esquina seguinte e virou na direção do som mais próximo de risos e música, mas bem antes de chegarem até ele

avistaram outro grupo de homens em uma rua vazia, levando uma marionete que não era uma marionete. Rand e Loial dobraram na rua seguinte. Ela os levou para leste.

Toda vez que Rand tentava chegar até a música e as risadas, havia um Trolloc no caminho, muitas vezes farejando o ar. Alguns deles caçavam pelo faro. Às vezes, em lugares desertos, um Trolloc espreitava sozinho. Mais de uma vez, Rand teve certeza de que era um que já vira antes. Estavam se aproximando, garantindo que ele e Loial não deixassem as ruas desertas de janelas fechadas. Lentamente, os dois foram forçados a seguir para leste, para longe da cidade e de Hurin, para longe de outras pessoas, percorrendo ruas estreitas cada vez mais escuras, que seguiam em todas as direções, subindo e descendo. Rand olhava as casas pelas quais passavam, os prédios altos que ficavam fechados à noite, e não foi com pouco pesar. Mesmo que esmurrasse uma porta até que alguém abrisse, e mesmo que as pessoas lá dentro acolhessem Loial e ele, nenhuma daquelas portas deteria um Trolloc. Tudo que faria seria oferecer mais vítimas, além dele e de Loial.

— Rand — disse o Ogier, por fim —, não há mais para onde ir.

Haviam chegado ao limiar leste de Portão da Frente, e os prédios altos que se estendiam dos dois lados eram os últimos. As luzes nos andares de cima zombavam dele, mas nos andares mais baixos estava tudo fechado. À frente estavam as colinas, encobertas pelo primeiro manto do crepúsculo, desprovidas de uma casa de fazenda que fosse. No entanto, não estavam totalmente vazias. Com dificuldade, Rand pôde divisar um muro pálido ao redor de uma das maiores colinas, que ficava talvez a uma milha de distância, com prédios do lado de dentro.

— Quando eles nos fizerem sair — começou Loial —, não vão precisar se preocupar em ser vistos.

Rand indicou o muro em torno da colina com um gesto.

— Aquilo deve deter um Trolloc. Deve ser a mansão de algum lorde. Talvez nos deixem entrar. Um Ogier e um lorde estrangeiro? Este casaco tem que servir para alguma coisa, uma hora. — Rand olhou para a rua atrás de si. Não havia Trollocs à vista ainda, mas mesmo assim puxou Loial, contornando o prédio.

— Acho que aquela é a sala do capítulo dos Iluminadores, Rand. Iluminadores guardam muito bem seus segredos. Não acho que deixariam nem mesmo o próprio Galldrian entrar lá.

— Que problema você arrumou dessa vez? — perguntou uma voz feminina familiar. De repente, o ar se encheu de um perfume apimentado.

Rand olhou, estupefato: Selene dobrou a esquina que haviam acabado de virar, com o vestido branco brilhando na penumbra.

— Como você chegou aqui? E o que você está fazendo? Precisa ir embora agora mesmo. Corra! Há Trollocs atrás de nós!

— Eu vi. — A voz dela era seca, porém calma e equilibrada. — Vim procurar você e o vejo deixando que Trollocs o conduzam como se fosse uma ovelha. Como o homem que possui a Trombeta de Valere pode permitir que o tratem assim?

— Não estou com ela aqui — retrucou, irritado —, e não sei se ela poderia ajudar, mesmo se estivesse. Os heróis mortos não deveriam ser chamados de volta para me salvar de Trollocs. Selene, você precisa fugir. Agora! — Ele espiou a esquina.

A não mais de cem passos, despontava a cabeça chifruda de um Trolloc, farejando a noite. Uma enorme sombra a seu lado devia ser outro Trolloc, e havia sombras menores, também. Os Amigos das Trevas.

— Tarde demais — murmurou Rand. O rapaz segurou o estojo da lauta para tirar o manto e cobrir Selene com ele. Era longo o bastante para esconder todo o vestido branco e ainda arrastar no chão. — Você vai precisar levantar isso para correr — disse a ela. — Loial, se eles não abrirem a porta para nós, precisaremos encontrar um jeito de entrar despercebidos.

— Mas, Rand…

— Você prefere esperar pelos Trollocs? — Ele deu um empurrão em Loial, para fazê-lo começar a correr, e pegou a mão de Selene, para que ela o acompanhasse. — Encontre um caminho pelo qual não vamos quebrar o pescoço, Loial.

— Você está se permitindo ficar afobado — censurou Selene. — Ela parecia ter menos dificuldade do que Rand para seguir Loial na luz escassa. — Busque a Unidade e fique calmo. Quem é destinado à grandeza deve sempre estar calmo.

— Os Trollocs talvez a ouçam — retrucou Rand. — Não quero grandeza — Julgou ouvir Selene soltar um grunhido irritado.

Algumas pedras às vezes deslizavam sob seus pés, mas avançar pelas colinas não era di ícil, apesar das sombras do crepúsculo. As árvores, até mesmo os arbustos, tinham sido cortados para fornecer lenha, muito tempo atrás. Nada crescia, exceto a grama na altura dos joelhos, que roçava de leve em suas pernas. Uma brisa noturna soprou, suave, e Rand ficou preocupado com a possibilidade de ela carregar o cheiro deles até os Trollocs.

Loial parou quando alcançaram o muro, que tinha o dobro da altura do Ogier, com as pedras cobertas de reboco esbranquiçado. Rand olhou na direção de Portão da Frente. A luz das janelas distantes chegavam a ele como raios de uma roda, vindas das muralhas da cidade.

— Loial — disse Rand, baixinho —, você consegue vê-los? Eles

estão nos seguindo?

O Ogier olhou na direção de Portão da Frente e assentiu, infeliz.

— Vejo apenas alguns Trollocs, mas eles estão vindo nessa direção. Correndo. Rand, eu realmente acho que não…

Selene o interrompeu.

— Se ele quer entrar, *alantin*, precisa de uma porta. Como aquela ali. — Ela apontou para uma mancha escura um pouco mais à frente, no muro.

Mesmo com ela apontando, Rand não tinha certeza de que aquilo era de fato uma porta, mas, quando Selene foi até lá e a puxou, a porta abriu.

— Rand — começou Loial.

Rand o empurrou em direção à porta.

— Depois, Loial. E faça silêncio. Estamos nos escondendo, lembra? — Ele os fez entrar e fechou a porta. Havia encaixes para uma barra, mas nenhuma à vista. Aquilo não deteria ninguém, mas talvez os Trollocs hesitassem em entrar na propriedade.

Estavam em uma viela que subia a colina entre dois prédios longos, baixos e sem janelas. A princípio ele achou que também fossem de pedra, mas depois percebeu que a massa branca fora aplicada sobre madeira. Já estava escuro o suficiente para que a lua refletida nas paredes gerasse uma iluminação fraca.

— É melhor ser preso pelos Iluminadores do que pego pelos Trollocs — murmurou Rand, começando a subir a colina.

— Mas é isso que eu estava tentando lhe dizer — protestou Loial. — Ouvi dizer que os Iluminadores matam os intrusos. Eles guardam seus segredos a sete chaves, Rand.

Rand parou e olhou de volta para a porta. Os Trollocs ainda estavam lá fora. Na pior das hipóteses, devia ser mais fácil lidar com humanos do que com os Trollocs. Ele podia tentar convencer os Iluminadores a deixá-los partir, mas Trollocs não paravam para ouvir antes de matar.

— Peço desculpas por tê-la envolvido nisso, Selene.

— O perigo confere um algo mais — respondeu ela, baixinho. — E, até agora, você tem lidado bem com ele. Vamos ver o que nos aguarda adiante? — Ela encostou nele ao passar na frente, começando a subir a viela.

Rand a seguiu, com aquele perfume apimentado enchendo-lhe as narinas.

No topo da colina, a viela desembocava em um espaço aberto de terra batida, lisa e quase tão clara quanto o reboco do muro. O lugar era quase todo cercado por mais prédios brancos e sem janelas, com sombras de vielas estreitas entre um e outro. Mas, à direita de Rand, havia um prédio com janelas cuja luz se projetava no chão claro. Ele

recuou para as sombras da viela quando um homem e uma mulher apareceram, atravessando o pátio sem pressa.

Pelas roupas, eles com certeza não eram cairhienos. O homem usava calças tão folgadas quanto as mangas da camisa, ambos de um amarelo suave, com bordados nas pernas e no peito. O vestido da mulher tinha um bordado elaborado no torso e parecia ser de um verde pálido, e seu cabelo estava preso em pequenas tranças.

— Tudo está em ordem, você disse? — perguntou a mulher. — Você tem certeza, Tammuz? Tudo mesmo?

O homem ergueu as mãos.

— Sempre você vem conferir meu trabalho, Aludra. Tudo está em ordem. A queima, ela poderia começar neste exato momento.

— Os portões e portas estão todos fechados, não é? Todos os… — A voz dela foi sumindo na distância, conforme a dupla seguia para o outro lado do prédio iluminado.

Rand examinou o pátio, sem reconhecer quase nada do que via. No meio, dezenas de tubos estavam posicionados na vertical, cada um quase tão alto quanto ele e com um pé ou mais de diâmetro, dispostos em largas bases de madeira. De cada tubo saía um pavio escuro e retorcido, que corria pelo chão até a parte de trás de uma mureta de cerca de três passos de comprimento, que ficava do outro lado do pátio. Em todo o entorno, havia um amontoado de cavaletes de madeira carregados de tigelas, tubos e varas forcadas, além de diversos outros objetos.

Todos os fogos de arti ício que Rand vira podiam ser segurados com apenas uma das mãos, e aquilo era tudo que sabia sobre eles, além do fato de que estouravam com grande estrondo, serpenteavam, faiscando em espirais pelo chão, ou às vezes voavam pelo ar. Sempre vinham com avisos dos Iluminadores, dizendo que abrir um deles podia provocar a detonação. De qualquer forma, fogos de arti ício eram caros demais para que o Conselho da Aldeia autorizasse a abertura por qualquer pessoa que não soubesse bem o que estava fazendo. Rand lembrava muito bem da vez em que Mat tentara fazer exatamente isso, e quase uma semana se passou antes de qualquer um, além da própria mãe, lhe dirigisse a palavra. A única coisa que Rand reconheceu foram os barbantes, os pavios. Ali, sabia, era onde se ateava fogo.

Olhando de relance para a porta que não estava fechada, Rand fez um gesto para que os outros o seguissem e avançou, contornando os tubos. Se iriam buscar algum lugar para se esconder, que fosse o mais longe possível daquela porta.

Para isso, precisavam passar por entre os cavaletes, e Rand prendia a respiração cada vez que roçava algum. Os objetos dispostos balançavam ao menor toque, chacoalhando. Tudo parecia feito de

madeira, sem um pedaço sequer de metal. Ele conseguia imaginar a barulheira que faria se derrubasse um deles. Olhava para os tubos altos com certo receio, lembrando-se do barulho produzido por um que era apenas do tamanho de seu dedo. Se fossem fogos de artifício, não queria ficar tão perto deles.

Loial murmurava sozinho o tempo inteiro, especialmente quando esbarrava em um dos cavaletes e se assustava tanto que pulava para trás e esbarrava em outro. O Ogier avançava devagar, deixando um rastro de esbarrões e murmúrios.

Selene não o deixava menos nervoso. Andava com tanta naturalidade que era como se estivessem em uma rua na cidade. Não esbarrava em nada nem fazia qualquer ruído, mas também não fazia qualquer esforço para manter o manto fechado. O branco de seu vestido parecia brilhar mais que todas as paredes juntas. Rand olhava para as janelas iluminadas, esperando que alguém aparecesse. Bastaria uma pessoa, pois Selene não conseguiria evitar ser vista, e soariam o alarme.

No entanto, as janelas permaneceram vazias. Rand estava quase suspirando de alívio ao se aproximarem da mureta e das vielas e prédios atrás dela, quando Loial esbarrou em outro cavalete, ao lado da mureta. Nele, havia dez bastões que pareciam acolchoados, do comprimento do braço de Rand, com filetes de fumaça saindo das extremidades. O cavalete quase não fez barulho ao cair, e os bastões fumegantes se espalharam sobre um dos pavios. Com estalidos e um sibilo, o pavio irrompeu em chamas, e o fogo disparou rumo a um dos tubos altos.

Rand arregalou os olhos por apenas um instante, então, tentou soltar um grito, ainda sussurrando:

— Atrás da mureta!

Selene fez um som irritado quando Rand a derrubou atrás da mureta, mas ele não se importou. Tentou se posicionar sobre ela de forma a protegê-la, enquanto Loial se espremia ao lado deles. Esperando pela explosão do tubo, Rand se perguntou se sobraria alguma coisa da mureta. Houve um estampido surdo, que ele sentiu no chão tanto quanto escutou. Com cuidado, saiu de cima de Selene o suficiente para olhar por cima da mureta. Ela lhe deu um murro nas costelas, com força, e esperneou para sair de debaixo dele, xingando em um idioma que Rand não reconheceu, mas ele mal registrou.

Um filete de fumaça saía de um dos tubos. E só. Ele balançou a cabeça, intrigado. *Se isso é tudo…*

Com um ribombar de trovão, uma imensa flor vermelha e branca desabrochou alto no céu já escuro, e então começou a desaparecer devagar, em faíscas.

Enquanto Rand olhava estupefato, o prédio iluminado irrompeu

em um alvoroço. Homens e mulheres aos gritos se amontoaram nas janelas, olhando e apontando.

Rand olhou desejoso para a viela escura, a pouco mais de dez passos. No primeiro passo, estariam à vista das pessoas nas janelas. Ouviu passos apressados vindos do prédio.

Ele empurrou Selene e Loial para junto da mureta, torcendo para que parecessem apenas mais uma sombra.

— Fiquem parados e quietos — sussurrou. — É nossa única esperança.

— Às vezes — disse Selene, em voz baixa —, se você ficar bem parado, ninguém é capaz de vê-lo. — Ela não parecia nem um pouco preocupada.

Botas corriam para cima e para baixo, do outro lado da mureta, e vozes furiosas se elevavam, especialmente a que Rand reconheceu como de Aludra.

— Seu grande palhaço, Tammuz! Um porco é o que você é! Sua mãe, ela era uma cabra, Tammuz! Um dia você vai matar todos nós!

— Não sou eu o culpado, Aludra — protestou o homem. — Eu conferi, tudo estava onde deveria, e os acendedores, eles estavam…

— Você nem venha falar comigo, Tammuz! Porcos não merecem falar como gente! — A voz de Aludra mudou para responder a uma pergunta de outro homem. — Não há tempo para preparar outro. Galldrian vai ter que ficar satisfeito com o restante para hoje à noite, ah vai. E com este adiantado. E você, Tammuz! Você vai deixar tudo certinho, e amanhã vai sair com as carroças para comprar estrume. Se qualquer outra coisa der errado esta noite, nem o estrume vou mais confiar a você!

Alguns passos se encaminharam para o prédio, acompanhando os impropérios de Aludra. Tammuz ficou, resmungando baixinho sobre como aquilo era injusto.

Rand prendeu a respiração quando o homem foi endireitar o cavalete caído. Escondido nas sombras, apoiado de costas na mureta, ele podia ver as costas e ombros de Tammuz. Tudo que o homem precisava fazer era virar a cabeça, então não deixaria de ver Rand e os outros. Ainda resmungando sozinho, o homem arrumou os bastões fumegantes no cavalete e seguiu para o prédio aonde os demais haviam se dirigido.

Voltando a respirar, Rand deu uma olhada rápida para o homem e, então, retornou às sombras. Algumas pessoas ainda estavam nas janelas.

— Não podemos esperar ter mais qualquer sorte essa noite — sussurrou.

— Dizem que grandes homens fazem a própria sorte — respondeu Selene, baixinho.

— Você pode parar com isso? — pediu Rand, cansado.

Queria que o cheiro dela não preenchesse seus pensamentos daquele jeito, pois tornava di ícil raciocinar com clareza. Conseguia se lembrar da sensação do corpo dela ao empurrá-la para o chão, era macio e firme em uma combinação perturbadora, o que também não ajudava.

— Rand? — Loial estava olhando para além da mureta, para o lado oposto do prédio iluminado. — Acho que precisaremos de mais alguma sorte.

Rand se virou para olhar por cima do ombro do Ogier. Além do pátio, na viela que dava para a porta que não estava fechada, três Trollocs espiavam as janelas iluminadas com cautela, escondidos nas sombras. Havia uma mulher em uma das janelas, mas ela não parecia vê-los.

— Então — começou Selene, em voz baixa —, isso virou uma armadilha. Essas pessoas podem matar você, se o pegarem. E os Trollocs o matariam com certeza. Mas talvez você possa matar os Trollocs antes que tenham tempo de gritar. Ou talvez consiga impedir que essas pessoas o matem para preservar seus segredinhos. Você pode não querer grandeza, mas é necessário um grande homem para fazer essas coisas.

— Você não precisa parecer feliz com isso — retrucou Rand.

Ele tentou parar de pensar no cheiro dela, na sensação de ter o corpo dela junto ao seu, e o vazio quase o cercou. Ele o afastou. Os Trollocs ainda não pareciam tê-los visto. Ele voltou a seu lugar, examinando a viela escura mais próxima. Quando tentassem alcançá-la, os Trollocs certamente os veriam, assim como a mulher na janela. Seria uma corrida para saber quem os alcançaria primeiro, Trollocs ou Iluminadores.

— Sua grandeza me fará feliz. — A despeito das palavras, Selene parecia furiosa. — Talvez eu devesse deixar você encontrar seu próprio caminho, por um tempo. Se não aceitar a grandeza quando ela está a seu alcance, talvez mereça morrer.

Rand se recusou a olhar para ela.

— Loial, você consegue ver se há outra porta no fim daquela viela?

O Ogier sacudiu a cabeça.

— Está muito claro aqui e muito escuro ali. Se eu estivesse ali, conseguiria.

Rand passou os dedos pelo cabo da espada.

— Leve Selene. Assim que vir uma porta, *se* vir, me chame que eu sigo. Se não houver porta, você terá que levantar Selene, para que ela possa chegar ao topo da muralha e pular para o outro lado.

— Está bem, Rand. — O Ogier pareceu preocupado. — Mas,

quando sairmos daqui, aqueles Trollocs virão atrás de nós, não importa quem esteja olhando. Mesmo que haja uma porta, eles vão estar logo atrás.

— Deixe que eu me preocupo com os Trollocs. — *Três deles. Eu posso vencê-los, com o vazio*. Pensar em *saidin* fez com que ele se decidisse. Muitas coisas estranhas haviam acontecido quando ele aceitara a metade masculina da Fonte Verdadeira. — Eu vou atrás se vocês assim que puder. Vá! — Rand se virou para vigiar os Trollocs pela lateral da mureta.

Pelo canto de olho, o rapaz teve a impressão de ver o vulto de Loial se movendo e do vestido branco de Selene, meio encoberto por seu manto. Um dos Trollocs além dos tubos apontou para eles, agitado, mas os três ainda hesitaram, olhando para a janela de onde a mulher ainda observava. *São três. Tem que haver um jeito. Sem o vazio. Sem saidin*.

— Há uma porta! — avisou Loial em voz baixa.

Um dos Trollocs deu um passo para fora das sombras e os outros o seguiram, se agrupando. Como se estivesse em outro lugar, Rand ouviu a mulher dar o alarme e Loial gritar alguma coisa.

Sem pensar, estava de pé. Precisava deter os Trollocs de algum jeito, ou eles o matariam, e também Loial e Selene. Pegou um dos bastões fumegantes e se atirou no tubo mais próximo. Este entortou e começou a cair, e ele agarrou sua base quadrada de madeira, fazendo o tubo apontar direto para os Trollocs. Eles diminuíram o passo, hesitantes, a mulher na janela deu um berro, e Rand encostou o bastão fumegante no pavio, exatamente onde ele entrava no tubo.

O estampido surdo veio imediatamente, e a espessa base de madeira se chocou contra o rapaz, derrubando-o. Um estrondo como uma trovoada quebrou o silêncio da noite, e uma explosão cegante de luz rasgou a escuridão.

Piscando, Rand se levantou, cambaleante, tossindo por causa da fumaça acre, ouvidos zumbindo. Olhou boquiaberto, estupefato. Metade dos tubos e todos os cavaletes haviam tombado, e um canto do prédio ao lado do qual os Trollocs estavam desaparecera, restando apenas chamas consumindo as extremidades de tábuas e vigas. Não havia sinal dos Trollocs.

Em meio ao zumbido em seus ouvidos, Rand pôde escutar os gritos dos Iluminadores no prédio. Lançou-se em uma corrida vacilante e entrou na viela mancando. Na metade do caminho, tropeçou em alguma coisa e percebeu que era seu manto. Pegou-o sem parar de correr. Atrás dele, os gritos dos Iluminadores enchiam a noite.

Loial batia os pés, impaciente, ao lado da porta aberta, e estava sozinho.

— Onde está Selene? — indagou Rand.

— Ela voltou. Eu tentei segurá-la, mas ela se soltou e escapou.

Rand se virou para a barulheira. Em meio ao zumbido incessante em seus ouvidos, mal se distinguiam alguns dos gritos. As chamas iluminavam o pátio.

— Os baldes de areia! Peguem os baldes de areia, rápido!

— Isso é um desastre! Um desastre!

— Alguns deles foram por ali!

Loial segurou Rand pelos ombros.

— Você não pode ajudá-la agora, Rand. Não se for capturado. Precisamos ir. — Alguém apareceu no final da viela, uma silhueta contra a luz das chamas ao fundo, e apontou para eles. — Vamos, Rand!

Rand se deixou ser puxado porta afora na escuridão. O fogo diminuiu atrás deles, até se tornar apenas um brilho suave na noite, e as luzes de Portão da Frente se aproximavam. Rand quase desejou que mais Trollocs aparecessem, para ter algo contra o que lutar. Mas havia apenas a brisa noturna agitando a grama.

— Eu tentei impedi-la — explicou Loial. Houve um longo silêncio. — Realmente não podíamos ter feito nada. Eles teriam nos capturado também.

Rand suspirou.

— Eu sei, Loial. Você fez o que pôde. — Ele deu alguns passos para trás e ficou olhando o brilho suave. Parecia menor. Os iluminadores deviam estar apagando o fogo. — Eu preciso ajudá-la de alguma forma. — *Como? Saidin? O Poder?* Sentiu um calafrio. — Eu preciso.

Seguiram por Portão da Frente, atravessando as ruas iluminadas em um silêncio que os isolava da alegria ao redor.

Ao entrarem na Defensor da Muralha do Dragão, o estalajadeiro estendeu uma bandeja com um pergaminho selado.

Rand o pegou e olhou para o selo branco. Uma lua crescente e estrelas.

— Quem deixou isso? Quando?

— Uma senhora idosa, milorde. Não faz nem um quarto de hora. Era uma serva, embora não tenha dito de qual Casa. — Cuale sorriu como se o convidasse a partilhar seus segredos.

— Obrigado — respondeu Rand, ainda olhando para o selo.

O estalajadeiro os observou com uma expressão pensativa enquanto subiam a escada.

Hurin tirou o cachimbo da boca quando Rand e Loial entraram no quarto. O farejador colocara a espada curta e o quebra-espadas na mesa, e limpava as armas com um trapo embebido em óleo.

— Vocês passaram muito tempo com o menestrel, milorde. Ele

está bem?

Rand levou um susto.

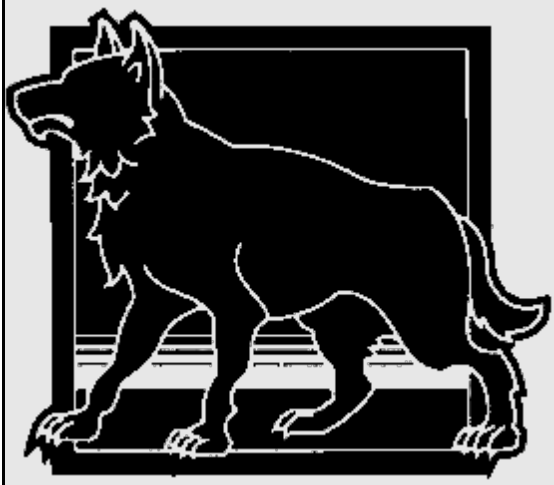
— O quê? Thom? Ele está… — Ele abriu o selo com o polegar e leu.

> *Quando acho que sei o que você vai fazer, você faz outra coisa. Você é um homem perigoso. Talvez não se passe muito tempo até estarmos juntos outra vez. Pense na Trombeta. Pense na glória. E pense em mim, pois você será sempre meu*.

Mais uma vez, não havia assinatura além da própria caligrafia elegante.

— Será que todas as mulheres são loucas? — perguntou Rand, dirigindo-se ao teto. Hurin deu de ombros. Rand se jogou na outra cadeira, a que fora feita para os Ogier. Seus pés não tocavam o chão, mas ele não se importava. Olhou para o baú sob o cobertor, debaixo da cama de Loial. *Pense na glória*. — Eu queria que Ingtar chegasse logo.

28



Uma Nova Trama no Padrão

Em seu cavalo, Perrin observava desconfortável as montanhas da Adaga do Fratricida. A subida ainda era íngreme, e parecia que continuaria assim para sempre, embora ele achasse que não devia faltar muito para alcançar o topo da trilha. De um lado, o terreno descia íngreme até um córrego raso vindo da montanha, batendo com força em rochas afiadas. Do outro, as montanhas se erguiam em uma série de picos serrilhados, como cataratas de pedra congeladas. A trilha seguia por uma área de pedregulhos, alguns do tamanho da cabeça de um homem, outros grandes como uma carroça. Não seria preciso muita habilidade para se esconder ali.

Os lobos tinham informado que havia gente nas montanhas. Perrin se perguntava se seriam os Amigos das Trevas de Fain. Os lobos não sabiam nem se importavam. Sabiam apenas que os Distorcidos estavam à frente, em algum lugar. Ainda estavam muito à frente, embora Ingtar tivesse forçado bastante o ritmo da marcha. Perrin notou que Uno observava as montanhas ao redor assim como ele.

Mat, com o arco preso às costas, cavalgava sem parecer preocupado, fazendo malabarismos com três bolas coloridas, mas também parecia um pouco mais pálido. Verin o examinava duas ou três vezes por dia, franzindo a testa, e Perrin tinha certeza de que ela até mesmo tentara Curá-lo, pelo menos uma vez, mas aquilo não fizera nenhuma diferença visível. De qualquer forma, ela parecia mais preocupada com algo que não mencionava.

Rand, pensou Perrin, olhando para as costas da Aes Sedai. Ela cavalgava sempre à frente da coluna com Ingtar, e sempre queria que

seguissem ainda mais rápido do que o lorde shienarano permitiria. *De algum jeito, ela sabe sobre Rand*. Imagens enviadas pelos lobos lampejaram em sua mente. Casas de pedra em fazendas e aldeias em terrenos aplanados, todas além dos picos das montanhas. Os lobos não viam as construções humanas de modo muito diferente de como viam colinas ou campinas, a não ser pela sensação de que eram terras estragadas. Por um momento, Perrin percebeu que compartilhava aquele lamento, lembrando-se de lugares que os de duas pernas abandonaram havia muito tempo, lembrando-se da carreira veloz por entre as árvores e da força de sua mandíbula, dando um bote quando a corça tentava fugir, e… Com dificuldade, afastou os lobos de seus pensamentos. *Essas Aes Sedai vão destruir todos nós*.

Ingtar deixou o cavalo desacelerar até ser alcançado pelo do rapaz. Às vezes, aos olhos de Perrin, a crista crescente no elmo do shienarano lembrava os chifres de um Trolloc. Ingtar falou, em voz baixa:

— Conte-me outra vez o que os lobos disseram.

— Eu já lhe contei dez vezes — murmurou Perrin.

— Conte outra vez! Qualquer detalhe que eu possa ter perdido, qualquer coisa que me ajude a encontrar a Trombeta… — Ingtar respirou fundo e expirou devagar. — Preciso encontrar a Trombeta de Valere, Perrin. Conte outra vez.

Não havia necessidade de organizar tudo em sua mente, não depois de tantas repetições. O jovem disse, monotonamente:

— Alguém, ou algo, atacou os Amigos das Trevas à noite e matou os Trollocs que encontramos. — Seu estômago já não ficava mais embrulhado ao pensar na cena. Corvos e abutres faziam muita sujeira ao se alimentar. — Os lobos o chamam, o que quer que seja, de Matador de Sombras. Acho que era um homem, mas eles não chegaram perto o suficiente para ver direito. Eles não têm medo desse Matador de Sombras, apenas ficaram admirados. Dizem que os Trollocs agora estão seguindo-o. E que Fain está com eles. — Mesmo tanto tempo depois, a lembrança do cheiro de Fain, da sensação que o homem provocava, o fazia contorcer sua boca. — Então os outros Amigos das Trevas também deve estar.

— Matador de Sombras — murmurou Ingtar. — Algum aliado do Tenebroso, como um Myrddraal? Já vi coisas na Praga que poderiam ser chamadas de Matadoras de Sombras, mas… Eles não viram mais nada?

— Eles não queriam se aproximar muito. Não era um Desvanecido. Eu já disse, eles tentariam matar um Desvanecido mais rápido do que tentariam matar um Trolloc, mesmo que isso signifique a morte de metade da matilha. Ingtar, os lobos que viram o que aconteceu passaram a informação para outros, e esses para outros,

antes de chegar até mim. Só posso lhe dizer o que eles passaram adiante, e depois de ser passado tantas vezes… — Ele parou de falar quando Uno se juntou aos dois.

— Vi um Aiel nas pedras — alertou o caolho, em voz baixa.

— Tão longe do Deserto? — perguntou Ingtar, incrédulo. Uno conseguiu parecer ofendido sem alterar sua expressão, e Ingtar acrescentou: — Não, não estou duvidando de você. Só estou surpreso.

— O chamejado queria que eu o visse, ou eu provavelmente não teria visto. — Uno não parecia feliz em admitir aquilo. — E aquela cara estava sem véu, então ele não veio para matar. Mas, quando se encontra um desses Aiel chamejados, tem sempre outros que não dá para ver. — De repente, os olhos dele se arregalaram. — Que me queime, mas acho que o miserável quer bem mais do que ser visto. — Ele apontou. Um homem aparecera no caminho, à frente deles.

Masema baixou a lança no mesmo instante, posicionada para um ataque, e enfiou os calcanhares no flanco do cavalo, que partiu a pleno galope em três passadas. E não foi o único: quatro pontas de aço arremetiam contra o homem no chão.

— Alto! — bradou Ingtar. — Eu disse alto! Vou cortar as orelhas de qualquer um que não parar onde está!

Masema fez o cavalo parar, puxando as rédeas com violência. Os outros também pararam, formando uma nuvem de poeira a menos de dez passos do Aiel, com as lanças ainda apontadas para seu peito. Ele ergueu uma das mãos para afastar a poeira, quando a nuvem o alcançou, e foi o primeiro movimento que fez.

Era um homem alto, com a pele queimada de sol e cabelos vermelhos curtos, exceto por uma mecha que saía da nuca e ia até a altura dos ombros. Das botas macias amarradas até os joelhos ao pano folgado, enrolado no pescoço, suas roupas eram todas em tons de marrom e cinza, fáceis de confundir em meio às pedras e à terra. A ponta de um arco curto, feito de chifres, despontava atrás de um de seus ombros, e uma aljava lotada de flechas estava presa na lateral do cinturão. Uma longa faca pendia do outro lado. Na mão esquerda, ele segurava um broquel de couro e três lanças com menos da metade de sua altura e pontas tão longas quanto as das shienaranas.

— Não tenho gaiteiros para tocarem música — anunciou o homem, com um sorriso —, mas se quiserem dançar… — Ele não alterou a postura, entretanto Perrin notou uma súbita prontidão. — Meu nome é Urien, do ramo das Duas Torres dos Aiel Reyn. Eu sou um Escudo Vermelho. Lembrem-se de mim.

Ingtar desmontou e avançou, removendo o elmo. Perrin hesitou apenas um instante antes de descer do cavalo e se juntar a ele. Não podia perder a chance de ver um Aiel de perto. E ainda por cima um que agia como Aiel de véu negro. Em diversas histórias, aqueles

homens eram tão mortais e perigosos quanto os Trollocs, e alguns chegavam a dizer que todos eram Amigos das Trevas. Mas o sorriso de Urien não parecia tão perigoso, apesar de ele parecer pronto para dar um bote. Seus olhos eram azuis.

— Ele se parece com Rand. — A voz de Mat fez Perrin olhar para trás, percebendo que o rapaz também se juntara a eles. — Talvez Ingtar esteja certo — acrescentou o amigo, discretamente. — Talvez Rand seja um Aiel.

Perrin assentiu com a cabeça.

— Mas isso não muda nada.

— Não, não muda. — Mat parecia falar sobre algo diferente do que Perrin queria dizer.

— Estamos ambos longe de casa — observou Ingtar ao Aiel —, e nós, pelo menos, viemos por motivos que não lutar. — Perrin teve que rever sua interpretação do sorriso de Urien: o homem parecia desapontado.

— Como quiser, shienarano. — Urien se voltou para Verin, que terminava de desmontar do cavalo, e se curvou de modo estranho, fincando as lanças no chão e estendendo a mão direita com a palma para cima. Sua voz soou respeitosa. — Sábia, minha água é sua.

Verin entregou as rédeas a um dos soldados. Então analisou o Aiel, enquanto se aproximava.

— Por que me chama assim? Acha que sou uma Aiel?

— Não, Sábia. Mas você tem a aparência de alguém que fez a jornada a Rhuidean e sobreviveu. Os anos não tocam as Sábias da mesma forma que tocam as outras mulheres ou homens.

Uma expressão empolgada surgiu no rosto da Aes Sedai, mas Ingtar a cortou, impaciente:

— Perseguimos Amigos das Trevas e Trollocs, Urien. Teve algum sinal deles?

— Trollocs? Aqui? — Os olhos de Urien brilharam. — É um dos sinais mencionados pelas profecias. Quando os Trollocs saírem outra vez da Praga, deixaremos a Terra da Trindade e retomaremos nossas antigas moradas.

Houve um burburinho entre os shienaranos que ainda estavam montados. Urien os encarou com um orgulho que fazia parecer que os olhava de cima.

— A Terra da Trindade? — perguntou Mat.

Perrin achou que ele parecia ainda mais pálido. Não tinha uma aparência exatamente doente, era mais como se houvesse passado muito tempo sem pegar sol.

— Vocês chamam de Deserto — explicou Urien —, mas para nós é a Terra da Trindade. Uma pedra para nos moldar, um teste para provar nosso valor e uma punição por nosso pecado.

— Que pecado? — indagou Mat.

Perrin prendeu a respiração, esperando que as lanças na mão de Urien voassem.

O Aiel deu de ombros.

— Foi há tanto tempo que ninguém se lembra. A não ser as Sábias e os chefes dos clãs, e eles não falam sobre isso. Deve ter sido um grande pecado, para eles não conseguirem nos contar, mas o Criador nos pune bem.

— Trollocs — insistiu Ingtar. — Você viu algum Trolloc?

Urien negou com a cabeça.

— Eu os mataria assim que visse, mas não encontrei nada além das pedras e do céu.

Ingtar fez um meneio com a cabeça, perdendo o interesse, mas Verin falou, com evidente curiosidade:

— Essa Rhuidean. O que é? Onde ica? Como as meninas são escolhidas para ir?

O rosto de Urien tornou-se indecifrável; seus olhos, guardados.

— Não posso falar sobre isso, Sábia.

Perrin não conseguiu evitar que sua mão fosse até o machado. Havia algo na voz de Urien… Ingtar também se preparou, pronto para puxar a espada, e houve certa agitação entre os homens montados. Mas Verin se aproximou do Aiel, até quase tocar-lhe o peito e o encarou.

— Eu não sou uma Sábia como as que você conhece, Urien — insistiu. — Sou uma Aes Sedai. Diga-me o que puder sobre Rhuidean.

O homem que estivera pronto para enfrentar vinte outros parecia louco para escapar daquela mulher gorducha de cabelos grisalhos.

— Eu… posso contar apenas o que todos sabem. Rhuidean fica nas terras dos Aiel Jenn, o décimo terceiro clã. Não posso falar deles, exceto para nomeá-los. Ninguém pode entrar, a não ser as mulheres que desejem se tornar Sábias ou os homens que desejem se tornar chefes de clã. Talvez os Aiel Jenn os escolham, mas não sei. Muitos vão, poucos voltam, e os que voltam ica marcados como Sábias ou chefes de clã. Não posso dizer mais, Aes Sedai. Não posso.

Verin continuou a encará-lo, com os lábios comprimidos.

Urien olhou para o céu como se estivesse tentando fixá-lo na memória.

— Vai me matar agora, Aes Sedai?

Ela piscou, sobressaltada.

— O quê?

— Você vai me matar agora? Uma das antigas profecias diz que, se falharmos outra vez com as Aes Sedai, elas vão nos matar. Sei que o poder de vocês é maior que o das Sábias. — O Aiel riu, de repente. Era um riso amargo. Havia uma luz selvagem em seus olhos. — Traga os

seus raios, Aes Sedai. Vou dançar com eles.

O Aiel pensava que ia morrer, mas não estava com medo. Perrin percebeu que estava boquiaberto e se recompôs, fechando a boca com um estalo.

— O que eu não daria — murmurou Verin, contemplando-o — para ter você na Torre Branca… Ou simplesmente disposto a falar. Ah, fique quieto, homem. Não vou ferir você. A menos que pretenda me ferir, com essa sua história de dança.

Urien pareceu estupefato. Olhou para os shienaranos, imóveis em seus cavalos, como se suspeitasse de algum truque.

— Você não é uma Donzela da Lança — explicou, devagar. — Como eu poderia atacar uma mulher que não se casou com a lança? É proibido, exceto para salvar a vida, e mesmo assim eu me feriria para evitar isso.

— Por que você está aqui, tão longe da sua terra? — perguntou ela. — Por que você veio a nós? Podia ter permanecido nas rochas, e jamais saberíamos que você estava lá. — O Aiel hesitou, e ela acrescentou: — Diga apenas o que estiver disposto a dizer. Não sei o que suas Sábias fazem, mas eu não vou feri-lo nem tentar forçá-lo a nada.

— É os que as Sábias dizem — respondeu o homem, secamente —, mas ainda assim até mesmo um chefe de clã precisa ter estômago para evitar fazer o que elas querem. — Ele pareceu escolher as palavras com cuidado. — Estou à procura de… alguém. Um homem. — O olhar dele passou por Perrin, Mat e os shienaranos, descartando todos. — Aquele Que Vem Com a Manhã. Dizem que haverá grandes sinais e presságios de sua vinda. Eu percebi que vocês eram de Shienar, pelas armaduras da escolta, e você tinha a aparência de uma Sábia, então achei que poderiam ter notícias de grandes eventos, eventos que possam anunciar a vinda dele.

— Um homem? — A voz de Verin era suave, mas seu olhar era afiado como uma adaga. — Quais são esses sinais?

Urien sacudiu a cabeça.

— Dizem que saberemos quando os ouvirmos, e que o reconheceremos quando o virmos, porque ele estará marcado. Ele virá do oeste, de além da Espinha do Mundo, mas será do nosso sangue. Ele irá a Rhuidean e nos guiará para fora da Terra da Trindade. — Ele pegou uma das lanças com a mão direita. Couro e metal rangeram quando os soldados estenderam as mãos para as espadas, e Perrin percebeu que segurara outra vez seu machado, mas Verin os fez ficar imóveis com um olhar irritado. Urien esboçou na terra um círculo com a ponta da lança, traçando uma linha sinuosa no meio. — Dizem que ele conquistará sob este símbolo.

Ingtar franziu a testa enquanto examinava o símbolo, a expressão

em seu rosto indicava que não o reconhecia, mas Mat murmurou um xingamento entre dentes e Perrin sentiu a boca ficar seca. *O antigo símbolo dos Aes Sedai.*

Verin apagou o desenho com o pé.

— Não posso lhe dizer onde ele está, Urien — respondeu ela —, e não ouvi falar de quaisquer sinais ou presságios que possam levá-lo a ele.

— Então continuarei minha busca.

Não foi uma pergunta, mas ainda assim Urien esperou que ela assentisse antes de lançar um olhar orgulhoso e desafiador para os shienaranos e lhes dar as costas. Ele se afastou em silêncio e sumiu por entre as rochas sem olhar para trás.

Alguns dos soldados começaram a resmungar. Uno falou algo sobre os "chamejados Aiel malucos", e Masema rosnou que deveriam ter deixado o Aiel para os corvos.

— Desperdiçamos um tempo valioso — anunciou Ingtar, bem alto. — Vamos cavalgar mais depressa para compensar.

— Sim — concordou Verin. — Precisamos ir mais rápido.

Ingtar olhou para ela, mas a Aes Sedai encarava a mancha no chão, onde estivera o símbolo que ela apagara com o pé.

— Desmontar! — ordenou ele. — Botem as armaduras nos cavalos de carga. Estamos em Cairhien agora. Não queremos que os cairhienos pensem que viemos atacá-los. E sejam rápidos!

Mat se inclinou para chegar mais perto de Perrin.

— Você…? Você acha que ele estava falando de Rand? É loucura, eu sei, mas até Ingtar acha que ele é um Aiel.

— Não sei — respondeu Perrin. — Tudo tem sido uma loucura desde que nos metemos com as Aes Sedai.

Em voz baixa, como se falasse para si mesma, Verin murmurava, ainda olhando para o chão:

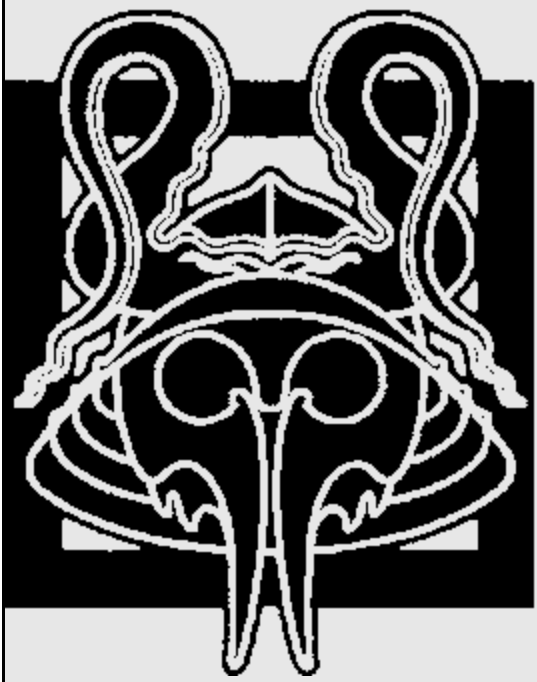
— Deve ser uma parte, mas como? Será que a Roda do Tempo tece fios no padrão do quais nada sabemos? Ou será que as mãos do Tenebroso tocam o Padrão outra vez?

Perrin sentiu um calafrio.

Verin olhou para os soldados, que tiravam as armaduras.

— Rápido! — ordenou, com mais autoridade do que Ingtar e Uno juntos. — Precisamos nos apressar!

29



Seanchan

Geofram Bornhald ignorou o cheiro das casas em chamas e os corpos estendidos na rua. Byar e uma guarda de cem Mantos-brancos entraram na aldeia, cavalgando logo atrás dele. Era apenas metade dos homens que trazia consigo. Sua legião estava espalhada demais para seu gosto, com os Questionadores ocupando cargos de comando demais, mas as ordens haviam sido explícitas: obedecer aos Questionadores.

Houvera pouca resistência ali. Apenas meia dúzia das casas soltava colunas de fumaça. A estalagem ainda estava de pé, percebeu. Era de pedras cobertas com reboco branco, como quase todas as construções na Planície de Almoth.

Parando em frente à estalagem, passou os olhos direto pelos prisioneiros que seus soldados detinham perto do poço e os fixou na longa trave da forca que maculava o campo comum da aldeia. Fora feita às pressas, era apenas uma longa trave com suportes, mas sustentava trinta corpos, cujas roupas ondulavam ao sabor da brisa. Havia corpos pequenos entre os maiores. Até mesmo Byar olhava estupefato e incrédulo.

— Muadh! — urrou. Um homem grisalho trotava entre os homens que detinham os prisioneiros. Muadh caíra uma vez nas mãos dos

Amigos das Trevas, e seu rosto cheio de cicatrizes chocava até mesmo os mais fortes. — Isso é obra sua, Muadh, ou dos Seanchan?

— De nenhum dos dois, meu Senhor Capitão. — A voz de Muadh era um rosnado rude e sussurrado, outro presente dos Amigos das Trevas. Ele não disse mais nada.

Bornhald franziu a testa.

— Com certeza não foi obra daqueles ali — retrucou, indicando os prisioneiros.

Os Filhos não pareciam tão impecáveis quanto na ocasião em que os guiara por Tarabon, mas pareciam prontos para um des ile comparados com os maltrapilhos camponeses agachados sob seus olhares vigilantes. Homens vestidos em farrapos e pedaços de armadura, com expressões sombrias. Restos do exército que Tarabon enviara contra os invasores na Ponta de Toman.

Muadh hesitou, depois respondeu, escolhendo bem as palavras:

— Os aldeões dizem que eles usavam mantos tarabonianos, meu Senhor Capitão. Havia um homem grande entre eles, com olhos cinza e um bigode longo, que pela descrição parece gêmeo do Filho Earwin. Junto com ele estava um jovem que tentava esconder o rostinho bonito e a barba loura e lutava com a mão esquerda. Quase parece ser o Filho Wuan, meu Senhor Capitão.

— Questionadores! — exclamou Bornhald. Earwin e Wuan estavam entre os homens que ele precisara ceder aos Questionadores. Ele já vira as táticas dos Questionadores antes, mas era a primeira vez que se deparava com corpos de crianças.

— Se meu Senhor Capitão diz… — Muadh fez as palavras soarem como uma concordância fervorosa.

— Corte as cordas — ordenou Bornhald, cansado. — E deixe claro para os aldeões que não haverá mais mortes. — *A menos que algum tolo resolva ser corajoso só porque a mulher está vendo e eu precise dar um exemplo*. Ele desmontou, observando outra vez os prisioneiros, enquanto Muadh corria atrás de escadas e facas. Tinha muito mais em que pensar do que o excesso de zelo dos Questionadores. Na verdade, queria poder parar de pensar nos Questionadores.

— Eles não resistem por muito tempo, meu Senhor Capitão — falou Byar —, nem esses tarabonianos ou o que sobrou dos domaneses. Ameaçam atacar como ratos acuados, mas correm assim que algo os ameaça de volta.

— Vamos ver como nos saímos contra esses invasores, Byar, antes de desprezarmos os homens, está bem? — Os rostos dos prisioneiros traziam uma expressão de derrota antes mesmo de seus homens chegarem. — Peça a Muadh para separar um deles para mim. — Só o rosto daquele Filho era o suficiente para enfraquecer a determinação da maioria dos homens. — Um representante, de preferência. Um que

pareça inteligente o bastante para contar o que viu sem firulas, mas jovem o suficiente para não se achar durão. Diga a Muadh para não ser muito gentil, está bem? Faça o sujeito crer que eu pretendo fazer com ele coisas piores do que ele sequer imagina, a menos que me convença do contrário. — Ele jogou as rédeas para um dos Filhos e entrou na estalagem a passos largos.

Surpreendentemente, o estalajadeiro estava lá. Era um homem solícito e suava bastante, com a camisa suja apertada na barriga de forma que os arabescos vermelhos bordados pareciam prestes a saltar. Bornhald o dispensou. Estava vagamente ciente de uma mulher e uma criança encolhidas no batente de uma porta, até que o estalajadeiro gordo as conduziu para fora.

Bornhald tirou uma das manoplas e se sentou a uma das mesas. Ele sabia muito pouco sobre os invasores, os estrangeiros. Era assim que quase todos os chamavam, pelo menos aqueles que não se punham a falar besteiras sobre Artur Asa-de-gavião. Sabia que se autodenominavam Seanchan, e *Hailene*. Conhecia o suficiente da língua antiga para saber que a segunda palavra significava Os que Vêm Antes, ou os Precursores. Eles também se autodenominavam *Rhyagelle*, Os que Voltam para Casa, e falavam sobre *Corenne*, o Retorno. Era quase o bastante para fazê-lo acreditar nas histórias sobre o retorno dos exércitos de Artur Asa-de-gavião. Ninguém sabia de onde os Seanchan vieram, sabiam apenas que tinham chegado em navios. Os pedidos de informação de Bornhald ao Povo do Mar haviam sido respondidos apenas com o silêncio. Ammador não tinha qualquer simpatia pelos Atha'an Miere, e o sentimento era entusiasmadamente reciprocado. Tudo o que sabia dos Seanchan ele ouvira de homens como os prisioneiros que estavam ali fora, maltrapilhos derrotados que falavam, com os olhos arregalados, pingando de suor, sobre homens que entravam na batalha montados tanto em monstros quanto em cavalos, que lutavam lado a lado com monstros e que traziam Aes Sedai para destruir a terra sob os pés de seus inimigos.

Um som de passos à porta o fez dar um sorriso ameaçador, mas Byar não estava acompanhado de Muadh. O Filho da Luz ao lado dele, curvado e com o elmo debaixo do braço, era Jeral, que Bornhald imaginara estar a cem milhas de distância. Sobre a armadura, o jovem usava um manto de corte domanês com bordas azuis, não o manto branco dos Filhos.

— Muadh está falando com um jovem agora, meu Senhor Capitão — explicou Byar. — O Filho Jeral acabou de chegar com uma mensagem.

Bornhald gesticulou para que Jeral começasse a falar.

O jovem não endireitou a postura.

— Os cumprimentos de Jaichim Carridin — começou, olhando bem para a frente —, que guia a Mão da Luz na…

— Não preciso dos cumprimentos do Questionador — resmungou Bornhald, notando o olhar assustado do Filho. Jeral ainda era jovem. De qualquer forma, Byar também parecia desconfortável. — Transmita logo a mensagem, está bem? E nada de repetir palavra por palavra, a menos que eu peça. Só me diga o que ele quer.

O Filho, pronto para recitar, engoliu em seco antes de começar.

— Meu Senhor Capitão, ele… ele diz que o senhor está trazendo homens demais para tão perto da Ponta de Toman. Ele diz que os Amigos das Trevas na Planície de Almoth precisam ser extirpados, e o senhor deve… Perdoe-me, Senhor Capitão… O senhor deve retornar imediatamente e seguir para o coração da planície. — Ele permaneceu imóvel, esperando.

Bornhald estudou o jovem. A poeira da planície manchava-lhe o rosto, assim como o manto e as botas.

— Vá e procure alguma coisa para comer — ordenou Bornhald. — Deve haver água para você se lavar em uma dessas casas, se quiser. Volte aqui em uma hora. Terei mensagens para você levar. — E dispensou o jovem.

— Os Questionadores podem estar certos, meu Senhor Capitão — disse Byar, quando Jeral foi embora. — Há muitas vilas espalhadas pela planície, e os Amigos das Trevas…

O tapa de Bornhald na mesa o interrompeu.

— Que Amigos das Trevas? Não vi nada em qualquer uma das aldeias que ordenaram que tomássemos, a não ser fazendeiros e artesãos preocupados com a possibilidade de queimarmos seu sustento e algumas velhas que cuidam dos doentes. — O rosto de Byar estava cuidadosamente inexpressivo. Ele sempre previa Amigos das Trevas mais rápido do que Bornhald. — E as crianças, Byar? As crianças aqui eram Amigas das Trevas?

— Os pecados da mãe se estendem à quinta geração — citou Byar —, e os do pai, à décima. — Mas ele parecia desconfortável. Nem mesmo Byar matara uma criança, antes.

— Você não se pergunta, Byar, por que Carridin tirou nossos estandartes e os mantos dos homens liderados pelos Questionadores? Até mesmo os próprios Questionadores abandonaram o branco. Isso quer dizer alguma coisa, sim?

— Ele deve ter seus motivos, Senhor Capitão — respondeu Byar, com cuidado. — Os Questionadores sempre têm motivos, mesmo quando não compartilham com o restante de nós.

Bornhald lembrou a si mesmo de que Byar era um bom soldado.

— Filhos ao norte usam mantos tarabonianos, Byar, e os ao sul, mantos domaneses. Não gosto do que isso sugere. Há Amigos das

Trevas aqui, mas estão em Falme, e não na planície. Quando Jeral partir, não irá sozinho. Enviarei mensagens para cada grupo dos Filhos que eu puder encontrar. Pretendo levar a legião à Ponta de Toman, Byar, e ver o que os verdadeiros Amigos das trevas, esses Seanchan, estão tramando.

Byar pareceu preocupado, mas, antes que pudesse falar, Muadh surgiu com um dos prisioneiros. O jovem suado, vestindo uma placa peitoral ornada e desgastada, lançava olhares assustados para o rosto hediondo do homem que o acompanhava.

Bornhald puxou a adaga e começou a aparar as unhas. Jamais entendera por que aquilo deixava alguns homens nervosos, mas se aproveitava disso mesmo assim. Até seu sorriso de avô fez o rosto sujo do prisioneiro empalidecer.

— Agora, meu jovem, você vai me dizer o que sabe desses estranhos, está bem? Se precisar pensar no que tem a dizer, mandarei você de volta lá para fora para pensar, acompanhado do Filho Muadh.

O prisioneiro lançou um olhar apavorado para Muadh. E então as palavras começaram a jorrar.

As altas ondas do oceano de Aryth faziam o *Espuma* balançar, mas Domon mantinha-se equilibrado com os pés afastado enquanto segurava o longo tubo da luneta e analisava a grande embarcação que os perseguia. Perseguia, alcançando-os pouco a pouco. O vento que soprava onde o *Espuma* ao navegava não era dos melhores, nem dos mais fortes, mas não poderia ser melhor onde o outro navio atingia as ondulações em montanhas de espuma, com aquela proa larga. A costa da Ponta de Toman se avultava ao leste, com penhascos escuros e estreitas faixas de areia. Domon não se importara de levar o *Espuma* ao mar aberto, mas, naquele momento, temia que fosse pagar por isso.

— São forasteiros, Capitão? — A voz de Yarin tinha o som do suor. — É um navio dos forasteiros?

Domon baixou a luneta, mas sua visão ainda parecia tomada por aquele navio alto, de aspecto quadrado, com suas estranhas velas cheias de talas.

— Seanchan — respondeu, e ouviu Yarin gemer. Tamborilou os dedos grossos na amurada, então disse ao timoneiro: — Vá para mais perto da costa. Aquele navio nem vai ousar entrar nas águas rasas por onde o *Espuma* pode passar.

Yarin gritou as ordens e a tripulação correu para puxar as retrancas enquanto o timoneiro virava o leme, apontando a proa para a costa. O *Espuma* se movia mais devagar, indo a contravento, mas Domon tinha certeza de que conseguiria chegar às águas rasas antes que a outra embarcação o alcançasse. *Estivesse eu com o porão cheio, esse barco ainda assim aguentaria uma água mais rasa do que aquele*

lastro imenso.

O *Espuma* estava mais alto na água do que quando saíra de Tanchico. Um terço da carga de fogos de arti ício que ele pegara já se fora, vendida nas aldeias de pescadores na Ponta de Toman, mas a prata que receberam em troca da carga viera acompanhada de relatos perturbadores. As pessoas falavam sobre visitas de navios altos, parecidos com caixotes, dos invasores. Quando os navios dos Seanchan ancoravam ao largo da costa, os aldeões que se erguiam para defender seus lares eram atingidos por raios que caíam do céu, enquanto pequenos barcos ainda traziam os invasores à terra, e o chão irrompia em fogo sob seus pés. Domon pensou que estivesse ouvindo bobagens, até lhe mostrarem o chão enegrecido. E já vira aquilo em aldeias demais para continuar duvidando. Monstros lutavam ao lado dos soldados Seanchan… não que sobrasse muita gente para resistir, contavam os aldeões. E alguns chegavam a a firmar que os próprios Seanchan eram monstros, com cabeças como as de insetos gigantes.

Em Tanchico, ninguém sequer soubera como eles se autodenominavam, e os tarabonianos falavam, confiantes, sobre seus soldados, fazendo os invasores recuarem para o mar. Mas a história era outra em cada uma das cidadezinhas costeiras que visitavam. Os Seanchan diziam à população estupefata que as pessoas deveriam refazer os juramentos que haviam quebrado, mas sem se dignarem a explicar quando eles foram quebrados ou o que significavam. As jovens eram levadas uma a uma para serem examinadas, e algumas eram levadas para os navios e nunca mais se tinha notícia delas. Certas mulheres mais velhas também sumiam, algumas das Guias e Curandeiras. Novos prefeitos eram escolhidos pelos Seanchan, assim como novos Conselhos, e qualquer um que protestasse contra os desaparecimentos das mulheres ou a ausência de voz na escolha podia ser enforcado, irromper em chamas ou ser enxotado como um cão cujo latido incomoda. Não havia como dizer o que aconteceria até ser tarde demais.

E, quando as pessoas já haviam sido completamente intimidadas, quando haviam sido forçadas a se ajoelhar e jurar, perplexas, que obedeceriam aos Precursores, esperariam pelo Retorno e serviriam a Os Que Voltam Para Casa com suas vidas, os Seanchan partiam e geralmente não voltavam mais. Falme, dizia-se, era a única cidade sob a qual mantinham controle.

Em algumas das aldeias das quais haviam partido, homens e mulheres voltavam às antigas vidas de forma lenta e relutantemente, e chegavam a ponto de falar em eleger novos Conselhos, mas a maioria olhava nervosa para o mar e protestava com feições pálidas, dizendo que pretendiam cumprir os juramentos que haviam sido obrigados a fazer, mesmo que não os compreendessem.

Domon não tinha intenção alguma de encontrar um Seanchan, se pudesse evitar.

Erguia a luneta para ver o que conseguiria distinguir no convés daquele navio estranho que se aproximava, quando, com um rugido, a super ície do mar irrompeu em um jorro de água e chamas a menos de cem passos a bombordo. Antes mesmo de seu queixo cair, outra coluna de chamas cortou o mar a estibordo, e, enquanto Domon se virava para olhar para ela, outra explodiu à frente. As erupções pararam tão rápido quanto começaram, chovendo respingos no convés. Onde estiveram, o mar borbulhava como se fervesse.

— Nós… nós vamos chegar às águas rasas antes que eles consigam nos alcançar — disse Yarin, devagar. Parecia estar tentando não olhar para a água fervendo sob as nuvens de vapor.

Domon negou com a cabeça.

— Sim, seja lá o que tenham feito, eles podem nos estraçalhar. Mesmo se formos para a arrebentação. — Ele estremeceu, pensando na chama dentro dos jorros d'água e em seu convés cheio de fogos de arti ício. — Que a Sorte me espicace… podemos nem viver para nos afogar. — Ele cofiou a barba e esfregou o lábio superior, sem pelos, relutando em dar a ordem… a embarcação e o que ela carregava eram tudo que tinha no mundo… mas, finalmente, se forçou a falar. — Leve o *Espuma* de volta para o vento, Yarin, e baixe as velas. Rápido, homem, rápido! Antes que eles achem que ainda vamos tentar escapar.

Quando um tripulante correu para baixar as velas triangulares, Domon se virou para ver o navio Seanchan se aproximar. O *Espuma* perdera a vantagem e balançava com as ondas. A outra embarcação estava mais alta na água do que o navio de Domon, e tinha torres de madeira na proa e na popa. Havia homens no convés, içando aquelas velas estranhas, e pessoas vestidas em armaduras se postavam no topo das torres. Um escaler foi baixado de bordo e seguiu depressa até o *Espuma*, impelido por dez remos. Nele, havia silhuetas em armaduras, e Domon franziu a testa, surpreso, ao notar que também havia duas mulheres agachadas na popa. O escaler bateu de leve contra o casco do *Espuma*.

O primeiro a subir foi um dos homens de armadura, e Domon logo percebeu por que alguns dos aldeões a firmavam que os Seanchan eram monstros. O elmo parecia muito a cabeça de um inseto monstruoso, com finas plumas vermelhas como antenas. A pessoa que o usava parecia olhar por trás de mandíbulas. Era pintado e folheado a ouro para acentuar a ilusão, e o restante da armadura do homem também era enfeitada com tinta e ouro. Placas sobrepostas pretas e vermelhas com bordas douradas cobriam o peito e desciam pela parte de fora dos braços e pela frente das coxas. Mesmo as partes externas

das manoplas de aço eram vermelhas e douradas. Onde o homem não estava coberto de metal, as roupas eram de couro escuro. A espada de duas mãos em suas costas, com a lâmina curva, também tinha bainha e cinturão em couro preto e vermelho.

Então a figura de armadura removeu o elmo, e Domon ficou estupefato. Era uma mulher. O cabelo dela estava cortado curto, e o rosto tinha uma expressão severa, mas não havia dúvida. O capitão do *Espuma* jamais ouvira falar de algo assim, exceto entre os Aiel, e todos sabiam que os Aiel eram loucos. Tão desconcertante quanto aquilo, era o fato de que o rosto da mulher não parecia tão exótico como ele imaginara uma Seanchan. Os olhos eram azuis, é verdade, e a pele, excessivamente clara, mas ele já vira aquilo antes. Se aquela mulher estivesse de vestido, ninguém lhe olharia duas vezes. Ele a observou com mais atenção e mudou de ideia: aquele olhar frio e aquelas bochechas austeras fariam com que ela se sobressaísse em qualquer lugar.

Os outros soldados seguiram a mulher e subiram a bordo. Domon ficou aliviado ao perceber, quando alguns tiraram seus elmos estranhos, que os outros, ao menos, eram homens. Homens de olhos negros ou castanhos, que poderiam ter passado despercebidos em Tanchico ou Illian. Domon já tinha começado a imaginar exércitos de mulheres de olhos azuis carregando espadas. *Aes Sedai com espadas*, pensou, lembrando-se do mar em erupção.

A Seanchan analisou o navio com arrogância, então identificou Domon como o capitão: tinha de ser ele ou Yarin, pelas roupas, mas o jeito como Yarin fechava os olhos e murmurava preces sugeria que era Domon. Ela o fitou com um olhar que parecia um dardo.

— Há alguma mulher em sua tripulação ou entre seus passageiros? — Ela falava de um jeito suave e arrastado que tornava di ícil compreendê-la, mas seu tom indicava que estava acostumada a obter as respostas que queria. — Fale, homem, se for o capitão. Se não for, acorde o outro tolo e diga-lhe para falar.

— Sou eu, sim, o capitão, milady — respondeu Domon, com cautela. — Não fazia ideia de como se dirigir a ela, e não queria pisar em falso. — Nem tenho passageiros nem mulheres na minha tripulação. — Ele pensou nas meninas e mulheres que haviam sido levadas, e, não pela primeira vez, se perguntou o que aquela gente queria com elas.

Domon percebeu, atônito, que as duas mulheres vestidas como mulheres subiam do escaler, uma conduzindo a outra com uma corrente de metal. A corrente ia de um bracelete usado pela primeira a uma coleira em torno do pescoço da segunda. Ele não conseguia dizer se a corrente estava entrelaçada ou fundida, já que de alguma forma parecia as duas coisas, mas claramente era uma única peça, do

bracelete ao colar. A primeira mulher enrolava a corrente conforme a segunda subia ao convés. A mulher de coleira usava roupas simples de um cinza-escuro e permanecia com uma das mãos sob a outra e o olhar fixo nas tábuas sob seus pés. A outra tinha painéis vermelhos ostentando raios prateados que se bifurcavam no colo do vestido azul e nas laterais da saia, que terminava quase no tornozelo das botas. Domon as observava com desconforto.

— Fale devagar, homem — exigiu a guerreira de olhos azuis, com a fala arrastada. Ela atravessou o convés para confrontá-lo, olhando para cima para encará-lo, mas, de alguma forma, parecendo maior e mais larga que ele. — Você é ainda mais di ícil de entender do que os outros habitantes dessa terra abandonada pela luz. E eu sequer a firmei ser do Sangue. Ainda não. Depois do *Corenne*… Sou a capitã Egeanin.

Domon repetiu o que dissera, tentando falar mais devagar, e acrescentou:

— Eu sou, sim, um mercador pací ico. Nem lhe desejo mal, nem tenho qualquer coisa a ver com sua guerra. — Ele não conseguiu evitar olhar outra vez para as mulheres ligadas pela corrente.

— Mercador pací ico? — repetiu Egeanin. — Neste caso, você estará livre para partir quando jurar lealdade outra vez. — Ela percebeu seu olhar e virou-se para as duas mulheres com o orgulho de quem olha uma propriedade. — Você admira minha *damane*? Ela custou caro, mas valeu cada moeda. Poucos além dos nobres possuem uma *damane*, e a maioria é propriedade do trono. Ela é forte, mercador. Poderia ter despedaçado seu navio, se eu quisesse.

Domon olhou para a mulher e para a corrente prateada. Ele ligara a que ostentava os raios com os jorros flamejantes no mar, e presumira que fosse uma Aes Sedai. Egeanin acabara de dar um nó em sua cabeça. *Ninguém conseguiria fazer isso com…*

— Ela é uma Aes Sedai? — perguntou, incrédulo.

O tapa, dado sem hesitação, com as costas da manopla, o pegou totalmente de surpresa. Ele cambaleou. O aço cortara-lhe o lábio.

— Esse nome nunca é dito — informou-lhe Egeanin, com uma suavidade perigosa. — Há apenas as *damane*, as Encolaradas, e agora elas servem à verdade e fazem jus ao nome. — Os olhos dela fariam o gelo parecer quente.

Domon engoliu um pouco de sangue e manteve os punhos cerrados ao lado do corpo. Mesmo com uma espada à mão, ele não condenaria sua tripulação à morte contra uma dezenas de soldados armados, mas foi um esforço manter a voz humilde.

— Nem quis ofender, capitã. Nem sei nada sobre vocês ou seus costumes. Se no caso ofendi foi por ignorância, sem intenção.

Ela olhou para ele e disse:

— Vocês são todos ignorantes, capitão, mas vão pagar a dívida de seus antepassados. Essa terra foi nossa, e será nossa outra vez. Com o Retorno, ela será nossa outra vez. — Domon não sabia o que dizer… *Ela não pode estar tentando dizer que aquela baboseira sobre Artur Asa-de-gavião é verdade…* então manteve a boca fechada.

— Você seguirá com sua embarcação para Falme. — Ele tentou protestar, mas o olhar severo dela o silenciou. — Lá, você e o navio serão examinados. Se for apenas um mercador pací ico, como diz, poderá seguir seu caminho quando tiver feito os juramentos.

— Juramentos, capitã? Que juramentos?

— Obedecer, aguardar e servir. Seus ancestrais deveriam ter se lembrado.

Ela reuniu seus soldados, exceto por um homem que usava uma armadura simples, indicando que era de baixa patente tanto quanto o tamanho de sua reverência à capitã Egeanin, e seguiu no escaler para o navio maior. O Seanchan que ficou não deu quaisquer ordens, limitou-se a sentar de pernas cruzadas no convés e começar a afiar a espada enquanto a tripulação içava as velas e o navio partia. Ele não parecia nem um pouco temeroso de estar sozinho, e o próprio Domon teria jogado ao mar qualquer homem que erguesse a mão contra ele, pois, enquanto o *Espuma* seguia seu caminho pela costa, o navio dos Seanchan os seguia por águas mais profundas. Uma milha separava as duas embarcações, mas Domon sabia que não havia chance de escapar, e pretendia devolver o homem à capitã Egeanin tão seguro quanto se ele tivesse sido ninado nos braços da própria mãe.

Era um longo caminho até Falme, e Domon finalmente persuadiu o estrangeiro a falar um pouco. Seu nome era Caban, tinha olhos escuros, estava na meia-idade e ostentava uma velha cicatriz acima dos olhos e outra no queixo. Além disso, não sentia nada além de desprezo por qualquer pessoa deste lado do Oceano de Aryth. Aquilo fez Domon parar por um instante. *Talvez eles sejam mesmo… Não. Isso sim é loucura.* A fala de Caban era arrastada igual a de Egeanin, mas, enquanto a dela era como seda deslizando em ferro, a dele lembrava mais couro raspando na pedra, e ele falava mais sobre batalhas, bebida e as mulheres que conhecera. Metade das vezes, Domon não sabia ao certo se estavam falando dali e do presente ou de qualquer terra de onde o homem tivesse vindo. O Seanchan decerto não era solícito em responder ao que quer que Domon quisesse saber.

Domon do *Espuma* chegou a perguntar sobre as *damane*. Caban ergueu a espada, ainda sentado em frente ao timoneiro, e encostou a ponta da lâmina no pescoço dele.

— Cuidado com a língua, ou vai acabar ficando sem ela. Isso é assunto do Sangue, não da sua laia. Nem da minha. — Ele sorriu ao dizer aquilo, e, assim que acabou, voltou a deslizar uma pedra ao

longo da lâmina curva e pesada.

Domon tocou a gota de sangue acima do colarinho e resolveu não fazer mais perguntas. Pelo menos, não sobre aquele assunto.

Quanto mais perto as embarcações chegavam de Falme, por mais navios dos Seanchan, altos e de aparência quadrada, eles passavam. Alguns estavam em movimento, porém mais ainda se encontravam ancorados. Cada um deles tinha uma proa larga com torres e era maior que qualquer embarcação que Domon já tivesse visto, mesmo entre o Povo do Mar. Alguns barcos locais, reparou, atravessavam as ondas verdejantes com suas proas agudas e velas inclinadas. A visão lhe deixou con fiante de que Egeanin falara a verdade sobre liberá-lo para partir.

Quando o *Espuma* chegou ao cabo onde se situava Falme, Domon ficou boquiaberto com a quantidade de navios Seanchan ancorados no porto. Tentou contá-los e desistiu no cem, antes mesmo de chegar à metade. Já vira aquela quantidade de navios em um só lugar antes, em Illian, Tear, ou mesmo Tanchico, mas naquele caso houvera embarcações menores. Resmungando baixinho, ele levou o *Espuma* ao porto, conduzido por seu grande cão de guarda Seanchan.

Falme ficava em um braço de terra no extremo da Ponta de Toman, sem nada a oeste além do Oceano de Aryth. Penhascos altos flanqueavam os dois lados da entrada do porto, e, no topo, de modo que todos os navios que ali entrassem precisassem passar por baixo delas, ficavam as torres dos Vigias das Ondas. Havia uma gaiola pendurada ao lado de uma delas, com um homem sentado parecendo sem esperanças, com as pernas pendendo pelas barras.

— Quem é aquele? — perguntou Domon.

Caban finalmente cansara de afiar a espada, depois de Domon começar a se perguntar se ele pretendia se barbear com ela. O Seanchan ergueu o olhar para onde Domon apontava.

— Ah. Aquele é o Primeiro Vigia. Não o que se sentava na cadeira quando chegamos, claro. Toda vez que ele morre, escolhem outro e o colocamos na gaiola.

— Mas por quê? — indagou Domon.

O sorriso de Caban mostrou dentes demais.

— Eles mantiveram vigília esperando pela coisa errada e esqueceram o que deveriam ter continuado a lembrar.

Domon se forçou a parar de olhar para o Seanchan. O *Espuma* deslizou pela última ondulação real do mar e adentrou as águas mais calmas do porto. *Eu sou só um comerciante, e nem é da minha conta*.

Falme se erguia das docas de pedra nas encostas da depressão onde ficava o porto. Domon não soube dizer se as casas escuras de pedra compunham uma aldeia grande ou uma cidade pequena. Com certeza não vira um prédio sequer que rivalizasse com o menor dos

palácios de Illian.

Ele conduziu o *Espuma* até uma das docas, e se perguntou, enquanto a tripulação aportava o barco, se os Seanchan comprariam alguns dos fogos de artifício em seu porão. *Nem é da minha conta*.

Para sua surpresa, Egeanin fez com que os remadores a levassem à doca com sua *damane*. Outra mulher usava o bracelete, com os mesmos painéis vermelhos e raios bifurcados no vestido, mas a *damane* era a mesma mulher de expressão triste que jamais erguia o olhar a menos que a outra falasse com ela. Egeanin mandou Domon e a tripulação serem retirados do navio e se sentarem na doca sob o olhar atento de dois soldados. Ela parecia achar que não precisava de mais, e o capitão do *Espuma* não discutiria. Enquanto isso, os outros vasculhavam a embarcação sob a supervisão dela. A *damane* ajudava na busca.

Mais à frente, nas docas, uma coisa apareceu. Domon não conseguia pensar em outra forma de descrevê-la. Era uma criatura corpulenta com uma pele de couro verde-acinzentado e um bico no lugar da boca, com uma cabeça em forma de cunha. E três olhos. Ela andava pesadamente ao lado de um homem cuja armadura tinha três olhos pintados, iguais aos da criatura. Os locais, estivadores e marinheiros em camisas de bordados rústicos e longos coletes que se estendiam até os joelhos, afastavam-se, temerosos. Mas nenhum Seanchan os olhava duas vezes. O homem com a fera parecia lhe dizer para onde ir por meio de gestos.

Homem e criatura viraram e sumiram por entre os prédios, deixando Domon estupefato e a tripulação murmurando baixinho entre si. Os dois guardas Seanchan escarneceram em voz baixa. *Nem é da minha conta*, Domon lembrou a si mesmo. O que era de sua conta era seu navio.

O ar tinha um cheiro familiar de água salgada e piche. Ele mudou de posição, inquieto, pisando no chão de pedra aquecido pelo sol, e se perguntou o que os Seanchan estariam procurando. O que a *damane* estaria procurando. O que era aquela coisa. Gaivotas grasnaram, circulando acima do porto. Ele pensou nos sons que um homem em uma gaiola poderia fazer. *Nem é da minha conta*.

Por fim, Egeanin levou os outros de volta à doca. A capitã Seanchan trazia algo embrulhado em um pedaço de seda amarela, Domon notou, preocupado. Algo pequeno o bastante para ser carregado em uma única mão, mas que ela segurava com as duas, com muito cuidado.

Ele se levantou. Devagar, por causa dos soldados, embora os olhares deles tivessem o mesmo desprezo que vira no de Caban.

— Vê, capitã? Eu sou, sim, apenas um comerciante pací ico. Quem sabe seu povo não queira comprar alguns fogos de artifício?

— Talvez, comerciante. — Havia nela um ar de empolgação reprimida que o deixava desconfortável, e as palavras seguintes intensificaram a sensação: — Você vem comigo.

Ela disse aos dois soldados para acompanhá-los, e um deles empurrou Domon para fazê-lo andar. Não foi um empurrão rude. Ele já vira fazendeiros empurrarem vacas daquele jeito, apenas para que se movessem. Trincando os dentes, ele seguiu Egeanin.

A rua calçada de pedras seguia encosta acima, e deixaram para trás o cheiro do porto. As casas com tetos de lajotas ficavam maiores e mais altas conforme a rua subia. Ficou surpreso ao perceber que, em uma cidade sob o comando de invasores, havia mais gente local nas ruas do que soldados, e de vez em quando passava uma liteira carregada por homens sem camisa. A população de Falme parecia seguir com a vida como se os Seanchan não estivessem ali. Ou quase. Quando uma liteira ou um soldado passavam, tanto os pobres, com roupas sujas um pouco esfarrapadas, quanto os mais ricos, com camisas, coletes e vestidos cobertos dos ombros à cintura em bordados de padrões intrincados, curvavam-se e permaneciam assim até que os Seanchan passassem. Fizeram o mesmo para Domon e sua escolta. Egeanin e os guardas sequer olharam na direção deles.

Domon percebeu, com um choque, que algumas das pessoas pelas quais passavam tinham adagas no cinturão, e, em alguns casos, espadas. Estava tão surpreso que falou sem pensar:

— Alguns deles estão do lado de vocês?

Egeanin olhou para trás e franziu a testa, obviamente intrigada. Sem diminuir o passo, ela olhou para as pessoas e assentiu para si mesma.

— Você está falando das espadas. Eles são do nosso povo, agora, comerciante: eles fizeram os juramentos. — Ela parou abruptamente, apontando para um homem alto, de ombros musculosos, com um colete bastante bordado e uma espada pendendo em um cinturão de couro liso. — Você.

O homem parou no meio de um passo, com um pé no ar e uma expressão assustada no rosto. Era um rosto duro, mas ele parecia querer correr. Em vez disso, virou-se para ela e se curvou, com as mãos nos joelhos e os olhos fixos nas botas da capitã.

— Como posso servi-la, capitã? — perguntou, tenso.

— Você é um mercador? — indagou Egeanin. — Fez os juramentos?

— Sim, capitã. Sim. — Ele não desviou o olhar das botas dela.

— O que diz às pessoas quando vai ao interior com seus carroções?

— Que eles precisam obedecer os Precursores, capitã, aguardar o Retorno e servir a Os Que Voltam Para Casa.

— E você nunca pensa em usar essa espada contra nós?

As mãos do homem ficaram brancas de tanto apertar os joelhos, e sua ansiedade transpareceu na voz.

— Eu fiz os juramentos, capitã. Eu obedeço, aguardo e sirvo.

— Viu? — perguntou Egeanin, virando-se para Domon. — Não há motivo para proibir armas. Precisa haver comércio, e os mercadores precisam se proteger de bandidos. Deixamos que as pessoas venham e vão como quiserem, desde que obedeçam, aguardem e sirvam. Os antepassados deles quebraram os juramentos, mas esses aqui aprenderam a não fazê-lo. — Ela continuou a subir o morro, e os soldados empurraram Domon para que a seguisse.

Ele olhou de volta para o mercador. O homem permaneceu curvado como estava até que Egeanin estivesse mais dez passos à frente, na rua. Então, se endireitou e se apressou na outra direção, descendo a ladeira às pressas.

A capitã e os guardas também não olharam para trás quando uma tropa montada dos Seanchan passou por eles, rua acima. Os soldados montavam criaturas que pareciam quase gatos do tamanho de cavalos, mas com escamas reptilianas reluzindo como bronze sob as selas. Patas com garras se agarravam às pedras do calçamento. Uma cabeça com três olhos se virou para olhar para Domon enquanto a tropa passava. Independente de qualquer outra coisa, ela parecia… inteligente demais para a paz de espírito dele. Por toda a rua, a população de Falme se espremia junto às paredes dos prédios, alguns de olhos fechados. Os Seanchan não lhes davam a menor atenção.

Domon entendeu por que os forasteiros podiam permitir às pessoas tanta liberdade. Ele se perguntava se teria tido coragem suficiente para resistir. *Damane*. Monstros. Ele se perguntava se havia algo que pudesse impedir os Seanchan de marcharem até a Espinha do Mundo. *Nem é da minha conta*, forçou-se a lembrar, e considerou se haveria alguma possibilidade de evitar aquela gente em suas transações futuras.

Chegaram ao topo da elevação, onde a cidade dava lugar a colinas. Não havia muralhas. À frente, estavam as estalagens que atendiam os mercadores que faziam negócios no interior, pátios para carroções e estábulos. Ali, as casas seriam consideradas mansões respeitáveis para os lordes menores de Illian. A maioria tinha uma guarda de honra de soldados Seanchan na frente, e um estandarte de borda azul com um gavião dourado de asas abertas ondulando. Egeanin entregou a espada e a adaga antes de levar Domon para dentro. Seus dois soldados permaneceram na rua. Domon começou a suar. Ele sentia cheiro de nobreza naquilo, e era sempre ruim fazer negócios com um lorde em seu próprio território.

No salão da frente, Egeanin deixou Domon na porta e falou com

um serviçal. Um homem local, a julgar pelas mangas folgadas da camisa e as espirais bordadas de um lado ao outro do peito. Domon julgou ouvir a palavra “Grão-lorde”. O serviçal saiu às pressas, retornando para levá-los ao que certamente era o maior aposento da casa. Todo vestígio de mobília fora retirado, até mesmo os tapetes, e o chão de pedra fora polido até brilhar. Biombos com pinturas de pássaros estranhos ocultavam as paredes e janelas.

Egeanin parou na entrada do aposento. Quando Domon tentou perguntar onde estavam e por quê, ela o silenciou com um olhar feroz e um rosnado. Não se movia, mas parecia inquieta. Segurava o que quer que tivesse pegado do *Espuma* como se fosse precioso. Ele tentou imaginar o que poderia ser.

De repente, um gongo soou baixo, e a capitã se ajoelhou, pondo o embrulho de seda a seu lado com cuidado. A um olhar dela, Domon também se abaixou. Lordes tinham costumes estranhos, e ele suspeitava que os lordes Seanchan tivessem alguns ainda mais estranhos.

Dois homens apareceram à porta, do outro lado da sala. Um tinha o lado esquerdo da cabeça raspado, com o restante dos cabelos louros pálidos trançados e caindo por sobre a orelha até o ombro. Sua túnica, de um amarelo profundo, deixava apenas os bicos de sandálias amarelas à mostra quando andava. O outro usava uma túnica de seda azul, com brocados de pássaros, longa o suficiente para arrastar quase uma braça no chão atrás dele. Sua cabeça era inteiramente raspada, e suas unhas tinham pelo menos uma polegada, com as dos dois primeiros dedos de cada mão pintadas de azul. Domon ficou boquiaberto.

— Você está na presença do Grão-lorde Turak — entoou o louro —, que lidera Os Que Vêm Antes e auxilia no Retorno.

Egeanin se prostrou com as mãos ao lado do corpo. Domon a imitou prontamente. *Nem mesmo os Grão-lordes de Illian exigiriam isso* , pensou. Pelo canto do olho, viu Egeanin beijar o chão. Com uma carranca, resolveu que havia um limite. *Eles nem podem ver o que eu faço ou nem faço, de qualquer jeito*.

Egeanin se levantou de repente. Ele também começou a se erguer, e chegou a erguer um joelho antes que um rosnado dela e um olhar escandalizado do homem da trança o fizessem voltar a se abaixar, com o rosto rente ao chão, resmungando entre dentes. *Eu nem faria isso nem para o Rei de Illian e o Conselho dos Nove juntos*.

— Seu nome é Egeanin? — Tinha de ser a voz do homem de túnica azul. Sua fala arrastada tinha um ritmo quase cantado.

— Assim fui chamada no meu dia da espada, Grão-lorde — respondeu ela, humilde.

— É um exemplar excelente, Egeanin. Bastante raro. Você deseja

um pagamento?

— Deixar o Grão-lorde contente é pagamento suficiente. Eu vivo para servir, Grão-lorde.

— Mencionarei seu nome à Imperatriz, Egeanin. Depois do Retorno, novos nomes serão chamados ao Sangue. Mostre-se digna, e poderá abandonar o nome Egeanin e adotar outro, mais nobre.

— O Grão-lorde me honra.

— Sim. Você pode ir.

Domon não conseguiu ver nada além das botas dela recuando para sair do aposento, parando regularmente para se curvar. A porta se fechou, e houve um longo silêncio. Já via o suor de sua testa pingar no chão quando Turak falou outra vez.

— Pode se levantar, comerciante.

Domon ficou de pé, e viu o que Turak segurava entre os dedos com unhas compridas. O disco de *cuendillar* no formato do antigo símbolo das Aes Sedai. Lembrando-se da reação de Egeanin quando as mencionou, Domon começou a suar ainda mais. Não havia animosidade nos olhos escuros do Grão-lorde, apenas uma leve curiosidade, mas Domon não confiava em lordes.

— Você sabe o que é isso, comerciante?

— Não, Grão-lorde. — A resposta de Domon foi firme como uma rocha: nenhum comerciante durava muito se não conseguisse mentir com a cara deslavada e a voz tranquila.

— E ainda assim o mantinha em um lugar secreto.

— Eu coleciono antiguidades, Grão-lorde, de épocas passadas. Sim, há quem roubaria esse tipo de coisa, caso a tivesse ao alcance.

Turak observou o disco preto e branco por um momento.

— Isso é *cuendillar*, comerciante. Você conhece esse nome? E é mais antigo do que você pensa, talvez. Venha comigo.

Domon seguiu o homem com cautela, sentindo-se um pouco mais seguro de si. Com qualquer lorde das terras que conhecia, os guardas já teriam sido chamados se essa fosse a intenção. Mas o pouco que vira dos Seanchan mostrara que eles não faziam as coisas como os demais. Então manteve sua expressão impassível.

Ele foi levado a outro aposento. Achou que a mobília ali devia ter sido trazida por Turak. Parecia toda feita de curvas, sem uma linha reta sequer, e a madeira era polida para realçar uma granulação estranha. Havia uma cadeira, em um tapete de seda tecida com pássaros e flores, e um grande armário circular. Biombos formavam novas paredes.

O homem de trança abriu as portas do armário para revelar prateleiras que abrigavam toda sorte de figuras estranhas, taças, tigelas, vasos… cinquenta coisas diferentes, nenhuma igual a outra em tamanho e formato. Domon engasgou quando Turak colocou o disco,

com muito cuidado, ao lado de um gêmeo idêntico.

— *Cuendillar* — começou Turak — é o que eu coleciono, comerciante. Apenas a própria Imperatriz tem uma coleção melhor.

Os olhos de Domon quase saltaram da cabeça. Se tudo naquelas prateleiras era realmente de *cuendillar*, era o suficiente para comprar um reino, ou pelo menos fundar uma grande Casa. Até mesmo um rei talvez precisasse mendigar para comprar tanto, se soubesse onde encontrar essa quantidade. Deu um sorriso.

— Grão-lorde, por favor, aceite esta peça como um presente. — Não queria abrir mão dela, mas era melhor do que enfurecer aquele Seanchan. Talvez os Amigos das Trevas passem a perseguir aquele Lorde. — Sim, sou apenas um simples comerciante. Quero apenas fazer meus negócios. Deixe que eu parta, e eu lhe prometo…

A expressão de Turak não se alterou, mas o homem com a trança interrompeu Domon e vociferou:

— Seu cão barbado! Você fala sobre dar ao Grão-lorde o que a capitão Egeanin já deu. Você barganha, como se o Grão-lorde fosse um… um mercador! Você será esfolado vivo por nove dias, cão, e… — O mínimo movimento do dedo de Turak o silenciou.

— Não posso permitir que você parta, comerciante — disse o Grão-lorde. — Nesta terra abandonada pela luz por perjuros, não encontro ninguém capaz de conversar com um homem de sensibilidades. Mas você é um colecionador. Talvez sua conversa seja interessante. — Ele sentou na cadeira, recostando-se em suas curvas para estudar Domon.

Domon deu o que esperava ser um sorriso simpático.

— Grão-lorde, sou, sim, um simples comerciante apenas. Nem tenho jeito para falar com grandes Lordes.

O homem da trança o fitou com raiva, mas Turak pareceu não ouvir. Uma jovem magra e bonita surgiu, com passos rápidos, de detrás dos biombos e ajoelhou-se ao lado do Grão-lorde, oferecendo uma bandeja laqueada com um único copo ino contendo algum líquido preto fumegante. Seu rosto escuro e redondo lembrava vagamente o Povo do Mar. Turak pegou o copo com cuidado nas mãos de unhas grandes, sem olhar para a jovem, e inalou a fumaça. Domon deu uma olhada na menina e desviou os olhos com um engasgo estrangulado: a túnica que vestia, de seda e bordada com flores, era tão fina que ele conseguia ver através dela, e não havia nada por baixo além da própria magreza da moça.

— O aroma do *kaf* — disse Turak — é quase tão agradável quanto o gosto. Agora, comerciante. Descobri que o *cuendillar* é ainda mais raro aqui do que em Seanchan. Explique-me como um simples mercador conseguiu aquela peça. — Ele sorveu um pequeno gole de seu *kaf* e esperou.

Domon respirou fundo e começou a tentar abrir caminho para fugir de Falme. Mentindo.

30

Daes Dae'mar

No quarto de Loial e Hurin, Rand olhou pela janela, observando as linhas ordenadas e os terraços de Cairhien, as construções de pedra e os telhados de lajotas. Não conseguiria ver a sala do capítulo dos Iluminadores de lá nem mesmo se as enormes torres e as mansões de grandes lordes não estivessem no caminho, pois as muralhas da cidade o impediriam. Os Iluminadores ainda eram assunto de toda a cidade, mesmo dias depois da noite em que haviam soltado uma única flor noturna no céu, e antes da hora prevista. Havia umas dez versões diferentes sobre o escândalo, desconsiderando-se as variações menores, mas nenhuma se aproximava da verdade.

Rand se virou. Esperava que ninguém tivesse se ferido no incidente, mas até o momento os Iluminadores sequer haviam admitido que houvera um incêndio. Eles mantinham segredo sobre tudo o que ocorria em seu capítulo.

— Eu ico de guarda no próximo turno — falou para Hurin —, assim que voltar.

— Não precisa, milorde. — Hurin fez uma reverência tão profunda quanto a de qualquer cairhieno. — Eu posso ficar. De verdade, milorde não precisa se preocupar.

Rand respirou fundo e Loial e ele se entreolharam. O Ogier se limitou a dar de ombros. O farejador ficava mais formal a cada dia que passavam em Cairhien, mas Loial apenas dissera que os humanos agem de modo estranho com muita frequência.

— Hurin — começou a dizer Rand —, você costumava me chamar de Lorde Rand e fazer reverências toda vez que eu olhava para você.

— *Eu quero que ele pare de fazer reverências e me chame de Lorde Rand de novo* , pensou, admirado. *Lorde Rand! Luz, precisamos sair daqui antes que eu comece a querer que ele faça as reverências*. — Por favor, sente-se? Só de olhar para você fico cansado.

Hurin ficou de pé, com as costas rígidas, ainda parecendo pronto para fazer tudo o que Rand pedisse. Não se sentou nem relaxou.

— Não seria adequado, milorde. Precisamos mostrar a esses cairhienos que sabemos nos comportar tão bem quanto…

— Quer parar de dizer isso? — gritou Rand.

— Como quiser, milorde.

Rand fez um esforço para não suspirar outra vez.

— Hurin, me desculpe. Não deveria ter gritado com você.

— É seu direito, milorde — respondeu Hurin, com simplicidade. — Se eu desagradá-lo, milorde tem o direito de gritar.

Rand deu um passo na direção do farejador com a intenção de agarrá-lo pelo colarinho e sacudi-lo.

Uma batida na porta que comunicava o quarto com o de Rand fez com que todos no aposento congelassem, mas o rapaz gostou de ver que Hurin não pediu permissão antes de pegar a espada. A lâmina com a marca da garça estava presa à cintura de Rand, que tocou em seu cabo ao se dirigir à porta. Esperou que Loial se sentasse sobre a cama longa, ajeitando as pernas e as barras do casaco para ocultar melhor o baú sob o cobertor debaixo da cama, e então abriu a porta de supetão.

O estalajadeiro estava ali, inquieto e ansioso, estendendo a bandeja para Rand. Nela, havia dois pergaminhos selados.

— Desculpe-me, milorde — disse Cuale, sem fôlego. — Eu não podia esperar até o senhor descer, e não havia ninguém em seu quarto, e… e… Perdoe-me, mas… — Ele sacudiu a bandeja.

Rand agarrou os convites com violência. Já recebera muitos. Não olhou para eles, apenas pegou o estalajadeiro pelo braço e o levou em direção à porta do corredor.

— Mestre Cuale, muito obrigado por todo o trabalho. Queira nos deixar a sós, por favor…

— Mas, milorde — protestou Cuale. — Esses são do…

— Muito obrigado. — Rand empurrou o homem para o corredor e fechou a porta com firmeza. Então jogou os pergaminhos sobre a mesinha. — Ele nunca fez isso antes. Loial, você acha que ele estava ouvindo atrás da porta, antes de bater?

— Você está começando a pensar como esses cairhienos — zombou o Ogier, mas suas orelhas tremeram de modo pensativo, e ele acrescentou: — Mesmo assim, ele é daqui, então poderia muito bem estar ouvindo. Não acho que tenhamos dito nada que ele não devesse escutar.

Rand tentou se lembrar. Nenhum deles mencionara a Trombeta de Valere, Trollocs ou Amigos das Trevas. Quando percebeu que se perguntava o que Cuale poderia deduzir do que disseram, obrigou-se a parar.

— Este lugar está afetando você também — murmurou para si mesmo.

— Milorde? — Hurin pegara os pergaminhos e fitava os selos com os olhos arregalados. — Milorde, esses são do Lorde Balthanes, Grão-trono da Casa Damodred, e… — sua voz ficou mais baixa pelo assombro — do Rei.

Rand os dispensou com um gesto.

— Eles vão para o fogo como os outros. Sem serem abertos.

— Mas, milorde!

— Hurin — explicou Rand, pacientemente —, você e Loial me explicaram esse Grande Jogo. Se eu aceitar qualquer um desses convites, os cairhienos concluirão algo, então vão achar que sou parte da trama de alguém. Se eu não for, eles também vão concluir alguma coisa. Se eu mandar uma resposta, vão procurar significados ocultos nela, e farão o mesmo se eu não responder. E já que metade de Cairhien parece espionar a outra metade, todos sabem o que eu faço. Queimei os primeiros dois e vou queimar esses aqui, assim como todos os outros. — Certo dia, houvera uma pilha de mais de dez pergaminhos que ele jogara na lareira do salão com os selos intactos. — O que quer que eles concluam com isso, pelo menos é o mesmo para todos. Não apoio nem estou contra ninguém em Cairhien.

— Eu tentei lhe dizer — retrucou Loial — que acho que não funciona assim. Os Cairhienos acharão que você está tramando algo, independente do que fizer. Pelo menos é o que o Ancião Haman sempre dizia.

Hurin estendeu os convites selados para Rand como se lhe oferecesse ouro.

— Milorde, este tem o selo pessoal de Galldrian. O selo pessoal, milorde. E este aqui tem o selo pessoal do Lorde Balthanes, que é o homem mais poderoso depois do Rei. Milorde, se queimar esses convites, fará os inimigos mais poderosos que conseguirá em toda a vida. Queimar as cartas funcionou até agora porque as outras Casas estão esperando para ver o que você está tramando, pensando que você deve ter aliados muito poderosos para se arriscar a insultá-las. Mas Lorde Balthanes… e o Rei! Insulte-os, e eles com certeza vão responder à ofensa.

Rand passou as mãos pelos cabelos.

— E se eu recusar os dois?

— Não vai funcionar, milorde. Todas as casas já lhe mandaram convites. Se recusar esses… Bem, pelo menos uma das outras Casas vai

deduzir que, se você não é aliado do Rei ou de Balthanes, também pode responder seu insulto de queimar o convite dela. Milorde, ouvi dizer que as Casas de Cairhien usam assassinos agora. Uma facada nas ruas. Uma flecha vinda de um telhado. Veneno em seu vinho.

— Você poderia aceitar ambos — sugeriu Loial. — Sei que não quer, Rand, mas pode até ser divertido passar uma noite na mansão de um Lorde, ou até mesmo no palácio real. Rand, os shienaranos acreditaram em você.

Rand fez uma careta de preocupação. Ele sabia que fora pura sorte os shienaranos pensarem que ele era um lorde, apenas uma coincidência sobre seu nome, um rumor entre os serviçais, e Moiraine e a Amyrlin incentivando tudo. Mas Selene também acreditara. *Talvez ela esteja em algum desses lugares*.

Hurin balançava a cabeça com força, contudo.

— Construtor, você não conhece o *Daes Dae'mar* tão bem quanto pensa. Pelo menos não o jeito que se joga em Cairhien hoje em dia. Com a maioria das Casas, isso não importaria. Mesmo quando estão tramando cravar uma faca nas costas umas contra as outras, em público agem como se nada estivesse acontecendo. Mas não essas duas. A Casa Damodred estava no trono até Laman perdê-lo, e eles o querem de volta. O Rei os esmagaria se não fossem quase tão poderosos quanto ele. Você não vai achar maiores rivais do que a Casa Riatin e a Casa Damodred. Se o senhor aceitar os dois convites, eles vão saber assim que enviar as respostas, e os dois vão achar que o senhor é parte de alguma trama do outro. Vão usar a faca e o veneno imediatamente.

— E eu suponho — grunhiu Rand — que, se eu só aceitar um, o outro vai achar que eu sou aliado da Casa do convite que aceitei. — Hurin assentiu. — E eles provavelmente vão tentar me matar para impedir qualquer coisa em que eu esteja envolvido. — Hurin assentiu outra vez. — Então você tem alguma sugestão de como evitar que *qualquer* um deles queira me matar? — Hurin negou com a cabeça. — Queria não ter queimado os dois primeiros.

— Sim, milorde. Mas não teria feito muita diferença, eu acho. Não importa que convite o senhor tivesse aceitado ou recusado, esses cairhienos ainda buscariam significados ocultos.

Rand estendeu a mão, e Hurin lhe entregou os dois pergaminhos dobrados. Um tinha o selo do touro avançando de Balthanes, e não da árvore e a coroa da Casa Damodred. O outro trazia o cervo de Galldrian. Selos pessoais. Pelo que parecia, ele conseguira atrair o interesse dos círculos mais altos fazendo… absolutamente nada.

— Essa gente é louca — disse, tentando pensar em uma forma de escapar.

— Sim, milorde.

— Vou deixar que me vejam no salão com isso aqui — disse, com cuidado. Qualquer coisa vista no salão ao meio-dia já era notícia em dez casas ao cair da noite, e em todas ao amanhecer. — E não vou romper os selos. Assim vão saber que ainda não respondi. Enquanto estiverem esperando para ver para que lado eu vou, talvez eu consiga ganhar mais alguns dias. Ingtar precisa chegar logo. Precisa *mesmo*.

— Isso sim é pensar como um cairhieno, milorde — retrucou Hurin, sorrindo.

Rand lhe lançou um olhar azedo, então pôs os pergaminhos no bolso, junto às cartas de Selene.

— Vamos, Loial. Talvez Ingtar tenha chegado.

Quando ele e Loial entraram no salão, nenhum homem ou mulher olhou para Rand. Cuale polia uma bandeja de prata como se sua vida dependesse de deixá-la brilhando. As serviçais corriam de um lado a outro, entre as mesas, como se Rand e o Ogier não existissem. Cada pessoa sentada fitava a própria caneca como se os segredos do poder estivessem no vinho e na cerveja. O silêncio era total.

Depois de um instante, Rand puxou os dois convites do bolso e estudou os selos. Cuale quase deu um salto quando o rapaz foi em direção à porta. Antes que ela se fechasse, ouviu a conversa recomeçar.

Rand andava pela rua tão rápido que Loial nem precisava dar passos curtos para acompanhá-lo.

— Precisamos achar um jeito de sair dessa cidade, Loial. Esse truque com os convites não vai durar mais que dois ou três dias. Se Ingtar não chegar, precisamos ir embora assim mesmo.

— Concordo — respondeu Loial.

— Mas como?

Loial começou a enumerar os problemas com os dedos grossos.

— Fain está lá fora, ou não haveria Trollocs em Portão da Frente. Se sairmos, eles cairão sobre nós assim que estivermos fora das vistas da cidade. Se viajarmos com a comitiva de um mercador, eles certamente vão atacá-lo. Nenhum mercador teria mais do que cinco ou seis guardas, e eles fugiriam assim que vissem um Trolloc. Se soubéssemos quantos Trollocs estão com Fain… ou quantos Amigos das Trevas… Você ajudou a diminuir o número deles. — Ele não mencionou o Trolloc que matara, mas, pela testa franzida e longas sobrancelhas caídas até as bochechas, estava lembrando-se daquilo.

— Não importa quantos ele tenha — retrucou Rand — Dez é tão ruim quanto cem. Acho que não conseguiríamos escapar de novo, se dez Trollocs nos atacassem.

Ele tentou não pensar em como poderia, quem sabe, derrotar dez Trollocs. Afinal, não tinha funcionado quando tentara ajudar Loial.

— Também acho que não conseguiríamos. E acho que não temos

dinheiro para uma passagem para muito longe, mas, mesmo que tivéssemos, se tentássemos chegar às docas de Portão da Frente… Bem, Fain deve ter Amigos das Trevas vigiando. Se ele achasse que partiríamos de navio, não creio que se importaria se as pessoas veriam os Trollocs ou não. Mesmo que os enfrentássemos e escapássemos, teríamos que nos explicar para a guarda da cidade, e eles certamente não acreditariam que não sabemos abrir o baú, então…

— Não vamos deixar nenhum cairhieno ver aquele baú, Loial.

O Ogier assentiu.

— Também não conseguiríamos escapar pelas docas da cidade. — As docas da cidade eram reservadas para as barcaças de grãos e os barcos de veraneio de lordes e ladies. Ninguém ia lá sem permissão. Dava para ver as docas lá embaixo, da muralha, mas era uma queda que quebraria até mesmo o pescoço de Loial. O Ogier mexia o polegar como se procurasse um último motivo para então levantá-lo também. — Acho que é uma pena não conseguirmos ir para o Pouso Tsofu. Os Trollocs jamais entrariam em um *pouso*. Mas acho que não chegaríamos tão longe sem sofrer um ataque.

Rand não respondeu. Haviam chegado à grande guarita logo na entrada, no portão por onde haviam entrado em Cairhien pela primeira vez. Do lado de fora, Portão da Frente se agitava e fervilhava, enquanto uma dupla de guardas os vigiava. Rand pensou ver um homem, vestido no que já haviam sido boas roupas shienaranas, misturar-se à multidão ao vê-lo, mas não conseguiu ter certeza. Havia gente demais usando roupas de muitas terras diferentes, todas andando apressadas. Ele subiu a escada e entrou na parte superior da guarita, passando por guardas com armaduras de placas posicionados dos dois lados da porta.

A grande antessala tinha bancos duros de madeira, para as pessoas com negócios a resolver ali, a maioria esperando com uma paciência humilde, usando as roupas simples e escuras que indicavam os plebeus mais pobres. Havia algumas pessoas de Portão da Frente entre eles, distintas pelo desalinho e pelas cores brilhantes, sem dúvida aguardando permissão para procurar emprego no interior das muralhas.

Rand seguiu direto para a longa mesa no fundo da sala. Havia um único homem, que não era soldado, sentado atrás dela. Usava uma faixa de tecido verde atravessada no casaco. Era um sujeito gordo, cuja própria pele lhe parecia apertada demais, e ajustou os documentos sobre a mesa e mudou a posição do tinteiro duas vezes antes de erguer o olhar para Rand e Loial com um sorriso falso.

— Como posso ajudá-lo, milorde?

— Da mesma forma que eu esperava que pudesse me ajudar ontem — respondeu Rand, com mais paciência do que realmente tinha

—, e anteontem, e antes. Lorde Ingtar chegou?

— Lorde Ingtar, milorde?

Rand deu um longo suspiro.

— Lorde Ingtar, da Casa Shinowa, de Shienar. O mesmo homem pelo qual perguntei todos os dias, desde que cheguei.

— Ninguém com este nome entrou na cidade, milorde.

— Você tem certeza? Não precisa nem olhar suas listas?

— Milorde, a lista dos estrangeiros que chegam a Cairhien é compartilhada entre as guaritas ao amanhecer e ao pôr do sol, e eu as examino assim que chegam a mim. Nenhum lorde shienarano entra em Cairhien há muito tempo.

— E Lady Selene? Antes que me pergunte outra vez, não, eu não sei a Casa dela. Já lhe dei seu nome e a descrevi três vezes. Não é o bastante?

O homem ergueu as mãos abertas ao lado do rosto.

— Desculpe-me, milorde. Não saber a Casa dela dificulta muito. — Ele permanecia inexpressivo. Rand se perguntava se ele responderia, mesmo se soubesse.

Um movimento em uma das portas atrás da mesa chamou a atenção de Rand, um homem fizera menção de entrar na antessala, mas dera meia-volta, apressado.

— Talvez o capitão Caldevwin possa me ajudar — disse Rand ao funcionário sentado.

— Capitão Caldevwin, milorde?

— Acabei de vê-lo atrás de você.

— Perdão, milorde. Se houvesse um capitão Caldevwin em minha guarita, eu saberia.

Rand encarou o homem até Loial tocar-lhe o ombro.

— Rand, acho que depois disso podemos ir embora.

— Obrigado pela ajuda — disse Rand, com dificuldade. — Voltarei amanhã.

— É um prazer fazer o que está ao meu alcance — respondeu o homem, com um sorriso falso.

Rand saiu da guarita tão depressa que Loial teve de correr para alcançá-lo na rua.

— Ele estava mentindo, Loial, você sabe. — Ele não desacelerou, apressando-se, em vez disso, como se pudesse queimar sua frustração com o esforço ísico. — Caldevwin estava lá. Ele podia estar mentindo sobre tudo. Ingtar pode já estar aqui, procurando por nós. Aposto que ele também conhece Selene.

— Talvez, Rand. *Daes Dae'mar*…

— Luz! Estou cansado de ouvir falar desse Grande Jogo. Não quero jogá-lo. Não quero ter nada a ver com isso. — Loial andava a seu lado, sem dizer uma palavra. — Eu sei — soltou Rand, por fim. —

Eles acham que sou um Lorde, e, em Cairhien mesmo os Lordes de terras estrangeiras são parte do jogo. Queria nunca ter posto este casaco. — *Moiraine*, pensou, amargo. *Ela ainda está me arrumando problemas*. Porém, quase na mesma hora, mesmo com relutância, ele admitiu que aquilo dificilmente poderia ser culpa dela. Sempre houvera algum motivo para Rand fingir ser quem não era. Primeiro, para manter o moral de Hurin. Depois, para tentar impressionar Selene. Depois dela, não parecia haver escapatória. Diminuiu o ritmo de seus passos até parar. — Quando Moiraine me deixou partir, achei que as coisas seriam fáceis de novo. Mesmo no encalço da Trombeta, mesmo… mesmo com tudo, eu achei que seria fácil. — *Mesmo com* saidin *dentro da sua cabeça?* — Luz, o que eu não daria pra fazer com que tudo voltasse a ser fácil…

— *Ta'veren* — começou Loial.

— Também não quero ouvir falar disso. — Rand voltou a andar, tão rápido quanto antes. — Só quero entregar a adaga a Mat e a Trombeta a Ingtar. — *E então o quê? Enlouquecer? Morrer? Se eu morrer antes de enlouquecer, pelo menos não vou ferir mais ninguém. Mas também não quero morrer. Lan pode até falar em Embainhar a Espada, mas eu sou um pastor, não um Guardião*. — Se conseguir não tocá-lo — murmurou para si mesmo —, talvez eu possa… Owyn quase conseguiu.

— O que foi, Rand? Não ouvi.

— Nada — respondeu o rapaz, cansado. — Queria que Ingtar chegasse. E Mat. E Perrin.

Andaram um tempo em silêncio, Rand perdido nos próprios pensamentos. O sobrinho de Thom durara quase três anos canalizando apenas quando achava necessário. Se Owyn conseguira limitar a frequência com que canalizava, devia ser possível simplesmente não canalizar, independente de quão sedutor fosse *saidin*.

— Rand — disse Loial —, tem um incêndio lá na frente.

Rand se livrou daqueles pensamentos indesejados e olhou para o centro da cidade, franzindo a testa. Uma coluna grossa de fumaça negra se elevava acima dos telhados. Não conseguiu ver que construção queimava, mas parecia perto demais da estalagem.

— Amigos das Trevas — disse, olhando para fumaça. — Os Trollocs não podem entrar na cidade sem serem vistos, mas os Amigos das Trevas… Hurin! — Ele começou a correr, e Loial o acompanhou sem dificuldade.

Quanto mais perto chegavam, mais certeza Rand tinha. Até que viraram a última esquina de prédios de pedra e avistaram a estalagem Defensor da Muralha do Dragão, fumaça saindo das janelas mais altas e chamas irrompendo do telhado. Uma multidão se aglomerava na frente da estalagem. Cuale, gritando e pulando, orientava homens que

carregavam móveis para a rua. Duas fileiras de homens passavam baldes cheios de água até o interior, tirada de um poço mais à frente na rua, e enviava de volta os baldes vazios. A maior parte das pessoas apenas observava a cena. Uma nova língua de fogo saiu pelo telhado de lajotas, e a multidão soltou um sonoro *aaaaah*.

Rand abriu caminho pela multidão até o estalajadeiro.

— Onde está Hurin?

— Cuidado com essa mesa! — berrou Cuale. — Não a arranhe! — Ele olhou para Rand e piscou. — Milorde? Quem? Seu serviçal? Não me lembro de vê-lo, milorde. Com certeza saiu. Não deixe esses castiçais caírem, idiota! São de prata! — Cuale saiu para discutir com os homens que retiravam seus pertences da estalagem.

— Hurin não teria saído — disse Loial. — Ele não teria deixado a… — Ele olhou em volta e não terminou a frase. Alguns dos espectadores pareciam achar um Ogier tão interessante quanto o incêndio.

— Eu sei — respondeu Rand, e entrou correndo na estalagem.

De dentro do salão, mal parecia que a estalagem estava em chamas. As duas fileiras de homens se estendiam escada acima, passando os baldes, enquanto outros corriam para carregar o que restava da mobília, mas não havia mais fumaça do que se alguém tivesse queimado algo na cozinha. Quando Rand abriu caminho para o segundo andar, ela começou a aumentar. Subiu a escada tossindo.

As fileiras que passavam os baldes paravam antes do segundo andar, e dois homens na metade da escada atiravam água em direção a um corredor cheio de fumaça.

Um dos homens agarrou o braço de Rand.

— O senhor não pode ir lá em cima, milorde. Está tudo perdido a partir daqui. Ogier, fale com ele.

Foi quando Rand percebeu que Loial o seguira.

— Volte, Loial. Eu vou tirá-lo de lá.

— Você não consegue carregar Hurin e o baú ao mesmo tempo, Rand. — O Ogier deu de ombros. — Além disso, eu não vou deixar meus livros queimarem.

— Então fique abaixado. Mantenha-se abaixo da linha da fumaça. — Rand se abaixou e começou a engatinhar escada acima. O ar perto do chão estava mais limpo. Ainda com fumaça suficiente para fazê-lo tossir, mas era respirável. No entanto, até mesmo o ar parecia escaldante. Ele não conseguia inalar o suficiente pelo nariz. Respirou pela boca e sentiu a língua secar.

Um pouco da água que os homens jogavam caiu nele, encharcando-o. O refresco foi apenas um alívio momentâneo, o calor voltou logo em seguida. Rand continuou, determinado, ciente de que Loial estava atrás de si apenas por causa da tosse do Ogier.

Uma parede do corredor estava quase toda em chamas, e o chão perto dela já começara a soltar filetes de fumaça que se juntavam à nuvem que pairava sobre eles. Rand ficou feliz por não conseguir ver o que havia acima da fumaça. Os estalos sinistros já diziam o bastante.

A porta para o quarto de Hurin ainda não pegara fogo, mas estava quente o suficiente para que Rand precisasse de duas tentativas antes de conseguir abri-la. A primeira coisa que viu foi Hurin, caído no chão. Ele rastejou até o farejador e o ergueu. Havia um calombo do tamanho de uma ameixa na lateral de sua cabeça.

Hurin abriu os olhos desfocados.

— Lorde Rand? — murmurou debilmente. — … bateram à porta… achei que fossem mais conv… — Os olhos dele reviraram. Rand tentou sentir o pulso e suspirou de alívio ao perceber uma batida fraca.

— Rand… — Loial tossiu. Estava ao lado da cama, com a coberta levantada, revelando as tábuas nuas embaixo. O baú se fora.

Acima da fumaça, o teto estalou e pedaços de madeira em chamas caíram no chão.

Rand disse:

— Pegue seus livros. Eu levo Hurin. Rápido! — Ele começou a erguer o farejador desacordado apoiando-o nos ombros, mas Loial segurou Hurin.

— O livros terão que queimar, Rand. Você não pode carregá-lo e rastejar, e não vai conseguir chegar até a escada se ficar em pé. O Ogier jogou Hurin nas costas largas, com os braços e pernas pendendo dos dois lados. O teto estalou alto. — Precisamos correr, Rand.

— Vá, Loial. Eu vou atrás.

O Ogier se arrastou para o corredor levando o farejador, e Rand foi atrás dele. Então parou, olhando por cima do ombro para a porta que comunicava os dois quartos. O estandarte ainda estava lá. O estandarte do Dragão. *Que queime*, pensou, mas outro pensamento veio em resposta, como se tivesse ouvido Moiraine falar. *Sua vida pode depender dele. Ela ainda está tentando me usar. Sua vida pode depender dele . Aes Sedai nunca mentem*.

Com um gemido, ele rolou pelo chão e abriu a porta do outro quarto com um chute.

Seu quarto era uma massa de chamas. A cama era uma fogueira, e trilhas de fogo já atravessavam o chão. Não daria para se arrastar naquilo. Levantando-se, entrou depressa e agachado, encolhendo-se com o calor, tossindo, engasgando. Seu casaco úmido fumegava. Um lado do guarda-roupa já incendiava. Ele abriu a porta depressa. Seus alforjes estavam ali, ainda protegidos do fogo. Uma das laterais estava estufada com o estandarte de Lews Therin Thelamon, e o estojo de madeira da lauta estava guardado ao lado da bagagem. Por um

instante, ele hesitou. *Eu ainda posso deixá-lo queimar*.

O teto gemeu. Ele agarrou os alforjes e o estojo da lauta e se atirou de volta pela porta, caindo de joelhos enquanto as vigas em chamas desabavam no ponto onde ele estivera. Arrastando o fardo, ele seguiu agachado pelo corredor. O chão estremeceu com a queda de mais vigas.

Os homens com os baldes não estavam mais lá quando ele chegou à escada. Ele praticamente escorregou pelo último lance, levantou e correu pelo prédio já vazio até a rua. A multidão o encarou, ao vê-lo com o rosto enegrecido e o casaco coberto de fuligem, mas Rand cambaleou até onde Loial recostara Hurin na parede de uma casa do outro lado da rua. Uma mulher da multidão limpava o rosto do farejador com um pano, mas os olhos dele ainda estavam fechados, e a respiração, ofegante.

— Tem alguma Sabedoria por aqui? — indagou Rand. — Ele precisa de ajuda. — A mulher olhou para ele, sem compreender, e o rapaz tentou se lembrar de todos os outros nomes pelos quais ouvira chamarem as mulheres que seriam Sabedorias em Dois Rios. — Uma Sábia? Uma mulher que vocês talvez chamem de Mãe? Uma mulher que conheça de ervas e cura?

— Eu sou uma Leitora, se é o que você quer dizer — respondeu a mulher —, mas tudo que posso fazer por este aqui é deixá-lo confortável. Algo se quebrou dentro da cabeça dele, infelizmente.

— Rand! É você *mesmo*!

Rand olhou, estupefato. Era Mat, vindo a cavalo pelo meio da multidão com o arco atravessado às costas. Um Mat de rosto pálido e abatido, mas ainda assim Mat, e exibindo um sorriso, ainda que fraco. E atrás dele vinha Perrin, com os olhos amarelos brilhando ao fogo e atraindo tantos olhares quanto o incêndio, e Ingtar, desmontando, com um casaco de colarinho alto em vez de armadura, mas ainda com o cabo da espada despontando atrás do ombro.

Rand sentiu um calafrio percorrer o corpo.

— Tarde demais — disse. — Vocês chegaram tarde demais. — Então sentou-se na rua e começou a rir.

31

No Rastro

Rand não sabia que Verin estava com eles até a mulher segurar seu rosto entre as mãos. Por um momento, ele conseguiu notar a expressão preocupada da Aes Sedai, talvez até temerosa, e então sentiu como se tivessem jogado um balde de água fria em sua cabeça. Não estava molhado, mas sentiu o arrepio. Estremeceu e parou de rir, e a mulher o soltou e foi se debruçar sobre Hurin. A Leitora a observou com atenção. Rand fez o mesmo. *O que ela está fazendo aqui? Como se eu não soubesse*.

— Para onde vocês foram? — perguntou Mat, com voz rouca. — Vocês simplesmente desapareceram, e agora o encontramos em Cairhien, antes de nós. Loial? — O Ogier deu de ombros, inseguro, e olhou para a multidão com as orelhas tremelicando. Metade das pessoas dera as costas ao fogo para observar os recém-chegados. Alguns se aproximavam, tentando escutar o que diziam.

Rand deixou que Perrin o ajudasse a levantar.

— Como vocês encontraram a estalagem? — Ele olhou de relance para Verin, ajoelhada com as mãos na cabeça do farejador. — Ela?

— De certa forma — respondeu Perrin. — Os guardas no portão quiseram saber nossos nomes, e um sujeito vindo da guarita se assustou quando ouviu Ingtar dizer o dele. Ele falou que não sabia de nada, mas estava com um sorriso que gritava “mentira” a uma milha de distância.

— Acho que sei de quem você está falando — comentou Rand. — Ele sorri desse jeito o tempo todo.

— Verin mostrou o anel a ele — acrescentou Mat —, então

sussurrou em seu ouvido. — Sua voz e seu aspecto eram de um enfermo, com as bochechas pálidas e macilentas, mas ainda conseguiu sorrir. Era a primeira vez que as maçãs de seu rosto ficavam visíveis. — Não consegui ouvir o que ela falou, mas não sabia se os olhos dele iam saltar da cabeça ou se ele engoliria a língua primeiro. De repente, começou a nos ajudar como se nada fosse mais importante. E nos disse que você estava esperando por nós, e onde estava hospedado. Até se ofereceu para nos trazer até aqui, mas pareceu realmente aliviado quando Verin disse que não precisava. — Então acrescentou, em tom desdenhoso: — Lorde Rand da Casa al'Thor.

— É uma história longa demais para explicar agora — respondeu Rand. — Onde estão Uno e os outros? Precisaremos deles.

— Em Portão da Frente. — Mat olhou para ele e franziu a testa, então prosseguiu, devagar: — Uno disse que preferia ficar lá a atravessar as muralhas. Pelo que posso ver, também preferia estar com eles. Rand, por que vamos precisar de Uno? Você encontrou… *eles*?

De repente, Rand percebeu que aquele era o momento que estivera evitando. Ele respirou fundo e olhou nos olhos do amigo.

— Mat, eu encontrei a adaga, mas a perdi. Os Amigos das Trevas a tomaram de volta. — Ele percebeu que os cairhienos que os ouviram soltaram exclamações chocadas, mas não se importou. Eles podiam jogar seu Grande Jogo se quisessem, mas Ingtar chegara, e, para Rand, aquilo finalmente acabara. — Mas eles não podem ter ido longe.

Ingtar estivera em silêncio, mas então deu um passo à frente e segurou firme o braço de Rand.

— Você estava com ela? E a… — Ele olhou em volta, examinando a multidão que os observava. — … a outra coisa?

— Eles a tomaram de volta, também — respondeu Rand, em voz baixa.

Ingtar deu um soco na mão e lhe virou as costas.

Alguns cairhienos recuaram ante a expressão no rosto dele. Mat mordeu o lábio, e então sacudiu a cabeça.

— Eu não sabia que ela tinha sido encontrada, então não é como se eu a tivesse perdido de novo. Ela simplesmente continua perdida. — Era óbvio que ele falava da adaga, e não da Trombeta de Valere. — Vamos encontrá-la de novo. Temos dois farejadores agora. Perrin também é um. Ele seguiu o rastro até Portão da Frente, depois que você sumiu com Hurin e Loial. Eu achei que você tinha simplesmente fugido… Bem, sabe o que quero dizer. Para *onde* você foi? Ainda não consigo entender como passaram tanto à nossa frente. Aquele sujeito disse que vocês estão aqui há dias.

Rand olhou de relance para Perrin. *Ele é um farejador?* E viu que ele também o analisava. Achou que Perrin murmurava alguma coisa. *Matador de Sombras? Devo ter ouvido errado*. Os olhos amarelos se

detiveram em Rand por um momento, parecendo guardar segredos sobre ele. Dizendo a si mesmo que estava delirando, Rand desviou os olhos. *Não estou louco. Ainda não*.

Verin ajudava Hurin, ainda fraco, a se levantar.

— Me sinto como penas de ganso — dizia ele. — Ainda um pouco cansado, mas… — Ele não concluiu a frase, parecendo vê-la pela primeira vez, parecendo perceber o que se passara pela primeira vez.

— O cansaço vai durar algumas horas — respondeu a mulher. — O corpo precisa de muito esforço para se curar tão depressa.

A Leitora cairhiena se levantou.

— Aes Sedai? — perguntou, gentilmente.

Verin inclinou a cabeça, e a Leitora fez uma mesura profunda.

Apesar de terem sido discretas, as palavras "Aes Sedai" percorreram a multidão em tons que iam do assombro ao medo, passando pela indignação. Todos estavam observando, nem mesmo Cuale prestava atenção à estalagem em chamas, e Rand achou que alguma cautela não lhes faria mal, afinal.

— Vocês já conseguiram quartos? — perguntou. — Precisamos conversar, mas não podemos fazer isso aqui.

— Boa ideia — respondeu Verin. — Já me hospedei aqui antes, na Grande Árvore. Vamos até lá.

Loial foi buscar os cavalos. O telhado da estalagem desabara inteiro, mas os estábulos tinham ficado intactos. Não demorou para seguirem pelas ruas, todos a cavalo. A não ser Loial, que dizia ter se acostumado a andar novamente. Perrin conduzia a linha dos cavalos de carga que haviam trazido para o sul.

— Hurin — perguntou Rand —, quando você deve estar pronto para seguir o rastro deles outra vez? Você consegue? Os homens que atacaram você e começaram o incêndio, eles deixaram uma trilha, não deixaram?

— Posso seguir agora, milorde. Eu conseguia farejá-los na rua. Mas não vai durar muito. Não havia muitos Trollocs, e eles não mataram ninguém. Só homens, milorde, Amigos das Trevas, eu acho, mas nem sempre dá pra ter certeza pelo cheiro. Um dia, talvez, antes que suma.

— E acho que eles não sabem como abrir o baú, Rand — a firmou Loial —, ou teriam levado apenas a Trombeta. Seria muito mais fácil do que levar o baú inteiro.

Rand assentiu.

— Eles devem ter colocado o baú em uma carroça, ou em um cavalo. Quando saírem de Portão da Frente, vão se juntar aos Trollocs, tenho certeza. Então você conseguirá seguir o rastro, Hurin.

— É claro, milorde.

— Então descanse até estar em condições — ordenou Rand. O

farejador parecia melhor, mas ainda cavalgava curvado, com o rosto cansado. — Na melhor das hipóteses, eles vão estar poucas horas à nossa frente. Se cavalgarmos depressa… — De repente, se deu conta de que os outros olhavam para ele. Verin e Ingtar, Mat e Perrin. Então percebeu o que estava fazendo e corou. — Desculpe-me, Ingtar. Eu acho que acabei me acostumando a ficar no comando. Não estava tentando tomar seu lugar.

Ingtar assentiu devagar.

— Moiraine fez bem em pedir a Lorde Agelmar para nomeá-lo meu segundo no comando. Talvez fosse melhor se o Trono de Amyrlin tivesse nomeado você em vez de mim. — O shienarano riu com amargura. — Pelo menos você conseguiu encostar na Trombeta.

Depois disso, prosseguiram em silêncio.

A Grande Árvore era quase idêntica à Defensor da Muralha do Dragão: uma grande construção de pedra retangular com um salão revestido em painéis de madeira escura e decorado em prata, com um grande relógio polido sobre a lareira. A estalajadeira poderia ser a irmã gêmea de Cuale. Madame Tiedra tinha a mesma aparência levemente rechonchuda, o mesmo jeito lisonjeiro… e o mesmo olhar penetrante, o mesmo ar de quem ouve o que está por trás das palavras que são ditas. Mas Tiedra conhecia Verin, e o sorriso de boas-vindas que deu à Aes Sedai foi caloroso. Ela não mencionou o nome Aes Sedai em voz alta em momento algum, mas Rand tinha certeza de que sabia.

Tiedra e um enxame de serviçais cuidaram de seus cavalos e os acomodaram em quartos. O de Rand era tão bom quanto o que pegara fogo, mas ele estava mais interessado na grande banheira de cobre que dois serviçais fizeram passar pela porta com dificuldade e nos baldes fumegantes de água que as serventes trouxeram da cozinha. Uma olhada no espelho acima do lavatório mostrou que ele parecia ter esfregado carvão no rosto e que seu casaco de lã vermelho estava coberto de manchas pretas.

Ele se despiu e entrou na banheira, mas pensou tanto quanto se lavou. Verin estava ali. Uma das três Aes Sedai nas quais podia confiar que não o amansariam nem o entregariam às que o fariam. Pelo menos, era o que parecia. Uma das três que queriam que ele acreditasse ser o Dragão Renascido, que queriam usá-lo como um falso Dragão. *Ela é os olhos de Moiraine me vigiando, a mão de Moiraine tentando me fazer de marionete. Mas eu cortei os cordéis*.

Seus alforjes haviam sido trazidos para cima, junto com um embrulho do cavalo de carga, com roupas limpas. Ele se secou, abriu o embrulho… e suspirou, desanimado. Esquecera que os dois outros casacos que tinha eram tão elegantes quanto o que ele jogara na cadeira para uma serviçal lavar. Depois de pensar um pouco, optou

pelo preto, para combinar com seu estado de espírito. Garças prateadas despontavam no colarinho alto, e corredeiras prateadas desciam por seus braços, com a água virando espuma ao bater em pedras afiadas.

Ao transferir as coisas que guardava no casaco anterior para os bolsos do novo, encontrou os pergaminhos. Distraído, colocou os convites no bolso enquanto examinava as duas cartas de Selene. Ele se perguntava como podia ter sido tão tolo. Ela era a jovem e bela ilha de uma Casa nobre. Ele era um pastor que as Aes Sedai estavam tentando usar, um homem condenado a enlouquecer, se não morresse primeiro. Ainda assim, conseguia sentir a atração por ela só de olhar para a caligra ia, conseguia quase sentir seu perfume.

— Eu sou um pastor — disse às cartas —, não um grande homem. E, se pudesse me casar com qualquer pessoa, seria Egwene. Mas ela quer ser uma Aes Sedai, e como posso me casar com qualquer mulher, amar qualquer mulher, quando vou enlouquecer e talvez matá-la?

Mas as palavras não conseguiam diminuir a força da lembrança da beleza de Selene, nem da forma como ela deixava seu sangue quente só de olhá-lo. Quase pareceu que ela estava no quarto com ele, que ele podia sentir seu perfume, tanto que Rand olhou em volta e riu ao perceber que estava sozinho.

— Estou imaginando coisas como se já estivesse maluco — murmurou.

De repente, ele tirou o vidro do lampião sobre mesa de cabeceira, acendeu-o e colocou as cartas dela no fogo. Do lado de fora da estalagem, o vento aumentou e rugiu, entrando pelas frestas das janelas e alimentando as chamas, que devoraram o pergaminho. Mais do que depressa Rand jogou as cartas em chamas na lareira quente, quando o fogo estava prestes a tocar seu dedo. Ele esperou até que a última ponta negra retorcida se apagasse antes de pôr a espada no cinturão e sair do quarto.

Verin alugara uma sala de jantar privada, onde as prateleiras nas paredes escuras exibiam ainda mais prataria do que as do salão. Mat tentava fazer malabarismos com três ovos cozidos e aparentar indiferença. Ingtar olhava fixo para a lareira apagada, franzindo a testa. Loial ainda tinha alguns livros de Fal Dara nos bolsos, e lia um ao lado do lampião.

Perrin estava sentado preguiçosamente à mesa, analisando as mãos espalmadas sobre o tampo. Para seu nariz, a sala cheirava à cera de abelha usada para polir o revestimento. *Era ele*, pensou. *Rand é o Matador de Sombras. Luz, o que está acontecendo com todos nós?* Cerrou os punhos grandes e quadrados. *Essas mãos foram feitas para um martelo de ferreiro, não para um machado*.

Olhou para Rand quando o rapaz entrou. Achou que ele parecia determinado, como se decidido a seguir algum plano. A Aes Sedai lhe indicou uma poltrona de espaldar alto em frente à dela.

— Como está Hurin? — perguntou Rand, ajustando a espada para se sentar. — Descansando?

— Ele insistiu em sair — respondeu Ingtar. — Eu disse a ele para seguir o rastro até sentir cheiro de Trollocs. Podemos continuar a partir de lá amanhã. Ou você quer persegui-los hoje à noite?

— Ingtar — respondeu Rand, desconfortável —, eu realmente não estava tentando assumir o comando. Só falei sem pensar.

Ainda assim, Rand não estava tão nervoso quanto teria ficado antes , pensou Perrin. *Matador de Sombras. Estamos todos mudando*.

Ingtar não respondeu. Em vez disso, continuou fitando a lareira.

— Há algumas coisas que muito me interessam, Rand — disse Verin, muito calma. — Uma delas é como você sumiu do acampamento de Ingtar sem deixar rastros. Outra é como chegou a Cairhien uma semana antes de nós. Aquele funcionário foi muito claro. Você teria precisado voar.

Um dos ovos de Mat caiu no chão e quebrou. No entanto, ele não olhou para a bagunça que fizera, e sim para Rand, e até Ingtar havia se voltado para observá-lo. Loial fingia ainda estar lendo, mas tinha uma expressão preocupada e suas orelhas se ergueram, formando duas setas peludas.

Perrin se deu conta de que também observava a cena com atenção. Então disse:

— Bem, ele não voou. Não estou vendo nenhuma asa. Talvez ele tenha coisas mais importantes para nos contar. — Verin voltou sua atenção para ele apenas por um momento. Ele conseguiu olhá-la nos olhos, mas foi o primeiro a desviar o olhar. *Aes Sedai. Luz, por que fomos idiotas o suficiente para seguir uma Aes Sedai?* Rand também lhe lançou um olhar agradecido, e Perrin sorriu de volta. Não era o velho Rand… parecia ter crescido dentro daquele casaco chique, que agora parecia lhe cair bem… Mas ele ainda era o garoto com quem Perrin crescera. *Matador de Sombras. Um homem com o qual os lobos ficaram admirados. Um homem capaz de canalizar*.

— Eu não me importo — respondeu Rand, e contou sua história de forma simples.

Perrin se viu boquiaberto. Pedras-portais. Outros mundos, onde a terra parece se mover. Hurin seguiu o rastro dos Amigos das Trevas. E uma bela mulher em apuros, como em uma história de menestrel.

Mat deu um assovio baixo, pensativo.

— E ela trouxe vocês de volta? Por uma dessas… dessas Pedras?

Rand hesitou por um segundo.

— Deve ter trazido — respondeu. — Mas então, foi assim que

ficamos tão à frente de vocês. Quando Fain apareceu, Loial e eu conseguimos roubar a Trombeta de Valere, à noite. E seguimos até Cairhien porque achávamos que não conseguiríamos passar por eles depois de serem atacados, e eu sabia que Ingtar continuaria a vir para o sul atrás deles e chegaria a Cairhien mais cedo ou mais tarde.

Matador de Sombras. Rand o encarou com um olhar intrigado, e Perrin se deu conta de que dissera o nome em voz alta. Pelo menos parecia não ter dito alto o bastante para que qualquer outra pessoa escutasse. Ele percebeu que estava com vontade de contar a Rand sobre os lobos. *Eu sei sobre você. É justo que você saiba o meu segredo, também*. Mas Verin estava lá. Não poderia falar sobre aquilo na frente dela.

— Interessante — disse a Aes Sedai, com uma expressão pensativa. — Gostaria muito de conhecer essa menina. Se ela pode usar uma Pedra-portal… O próprio nome não é muito conhecido. — Ela se recompôs. — Bem, talvez em outra oportunidade. Uma menina alta não deve ser di ícil de se encontrar nas Casas cairhienas. Ah, a comida chegou.

Perrin sentiu o cheiro do cordeiro antes mesmo de Madame Tiedra entrar à frente da procissão que trazia as travessas de comida. Salivou mais por aquilo do que pelas ervilhas, abóboras, cenouras e nabos que vinham junto, ou pelos pães quentinhos e crocantes. Ele ainda achava os legumes saborosos, mas, às vezes, nos último tempos, tinha vontade de comer carne vermelha. E nem mesmo precisava estar cozida, na verdade. Era desconcertante perceber que achava que as boas fatias rosadas de cordeiro que a estalajadeira cortava estavam passadas demais. Com firmeza, serviu-se de uma porção de cada coisa. E de duas do cordeiro.

Foi uma refeição silenciosa, com todos distraídos com os próprios pensamentos. Perrin achou doloroso ver Mat comer. O apetite do rapaz estava como sempre, e ele enchia a boca de comida como se aquela fosse sua última refeição. Perrin manteve os olhos no próprio prato pelo máximo de tempo possível e desejou jamais ter deixado Campo de Emond.

Depois que as serviçais limparam tudo e saíram, Verin insistiu que permanecessem juntos até Hurin voltar.

— Ele pode trazer notícias que exijam nossa partida imediata.

Mat voltou a praticar malabarismos, e Loial retomou a leitura. Rand perguntou à estalajadeira se havia mais livros, e ela lhe trouxe *As Jornadas de Jain, o Viajante*. Perrin também gostava daquele volume, com histórias de aventuras com o Povo do Mar e jornadas a terras além do Deserto Aiel, de onde vinha a seda. Não estava com disposição para ler, então ele e Ingtar armaram um tabuleiro de pedras na mesa. O shienarano tinha um estilo de jogo agressivo e

ousado. Perrin sempre jogara de modo obstinado, cedendo terreno com relutância, mas se viu colocando as pedras de forma tão descuidada quanto Ingtar. A maior parte das partidas terminou empatada, mas ele conseguiu vencer tanto quanto o lorde. O shienarano o encarava com um respeito renovado no início da noite, quando o farejador retornou.

O sorriso de Hurin era ao mesmo tempo triunfante e perplexo.

— Eu os encontrei, Lorde Ingtar. Lorde Rand. Rastreei os Amigos das Trevas até o covil onde estão escondidos.

— Covil? — perguntou Ingtar, quase ríspido. — Quer dizer que eles estão se escondendo em algum lugar por perto?

— Sim, Lorde Ingtar. Os que levaram a Trombeta, eu os segui direto para lá. E tinha cheiro de Trolloc por todo lado, embora eles estivessem se esgueirando, como se não ousassem ser vistos nem mesmo lá. E não é de se admirar. — O farejador respirou fundo. — É a grande mansão que o Lorde Barthanes acabou de construir.

— Lorde Barthanes! — exclamou Ingtar. — Mas ele… ele é… ele é…

— Há Amigos das Trevas tanto entre os ilustres como entre os humildes — respondeu Verin, tranquila. — Os poderosos entregam suas almas à Sombra com tanta frequência quanto os fracos.

Ingtar abriu uma carranca, como se não quisesse pensar naquilo.

— Há guardas — continuou Hurin. — Não vamos entrar com vinte homens, não se quisermos sair vivos. Cem poderiam conseguir, mas duzentos seria melhor.

— E o Rei? — indagou Mat. — Se esse Barthanes é um Amigo das Trevas, o Rei vai nos ajudar.

— Tenho bastante certeza — retrucou Verin, seca — de que Galldrian Riatin agiria contra Barthanes Damodred só diante do *rumor* de que Lorde Barthanes seja um Amigo das Trevas, e ficaria grato pela desculpa. Mas também tenho bastante certeza de que Galldrian jamais deixaria a Trombeta de Valere escapar, uma vez que a tivesse em mãos. Ele a exibiria às pessoas em dias de festividades e diria quão grande e poderosa é Cairhien, e ninguém jamais a veria a não ser nesses momentos.

Perrin piscou, atônito.

— Mas a Trombeta de Valere precisa estar no lugar da Última Batalha, quando ela for travada. Ele não pode simplesmente ficar com ela.

— Conheço pouco dos cairhienos — respondeu Ingtar —, mas já ouvi o suficiente sobre Galldrian. Ele nos daria um banquete e nos agradeceria pela glória que trouxemos a Cairhien. Encheria nossos bolsos de ouro e jogaria honras e mais honras em nossas cabeças. Mas, se tentássemos partir com a Trombeta, ele cortaria nossas honradas

cabeças sem pestanejar.

Perrin passou uma das mãos pelos cabelos. Quanto mais descobria sobre os Reis, menos gostava deles.

— E a adaga? — perguntou Mat timidamente. — Ele não ia querer ficar com aquilo, ia? — Ingtar lhe lançou um olhar furioso, e ele mudou de posição em seu assento, desconfortável. — Sei que a Trombeta é importante, mas eu não vou lutar na Última Batalha. Aquela adaga…

Verin descansou as mãos nos braços da cadeira.

— Galldrian também não pode tê-la. Precisamos de uma forma de entrar na mansão de Barthanes. Se conseguirmos encontrar a Trombeta, também conseguiremos encontrar uma forma de recuperá-la. Sim, Mat, e a adaga. Quando sabem que uma Aes Sedai está na cidade… Bem, eu geralmente evito essas coisas, mas se deixar escapar para Tiedra que gostaria de ver a nova mansão de Barthanes, acho que recebo um convite em um dia ou dois. Não deve ser difícil levar alguns de vocês. O que é, Hurin?

O farejador ficara inquieto, ansioso desde o momento em que ela falara sobre o convite.

— Lorde Rand já tem um. De Lorde Barthanes.

Perrin olhou para Rand, e não foi o único.

Rand puxou dois pergaminhos selados do bolso do casaco e os entregou à Aes Sedai sem dizer palavra.

Ingtar se aproximou para olhar os selos, curioso, por cima do ombro dela.

— Barthanes e… E Galldrian! Rand, como você conseguiu isso? O que andou fazendo?

— Nada — disse Rand. — Eu não fiz nada. Eles simplesmente me mandaram isso. — Ingtar soltou um longo suspiro. O queixo de Mat caíra. — Bem… É verdade, eles só mandaram — respondeu Rand, calmo. Havia nele uma dignidade de que Perrin não se lembrava: seu amigo olhava para a Aes Sedai e para o Lorde shienarano como iguais.

Perrin sacudiu a cabeça. *O casaco* realmente *lhe cai bem. Estamos todos mudando*.

— Lorde Rand queimou todos os outros — informou Hurin. — Os convites chegavam todo dia, e ele os queimava todo dia. Até que vieram esses dois, é claro. A cada dia vinha um envelope de Casas ainda mais poderosas. — Ele soava orgulhoso.

— A Roda do Tempo tece a todos nós no Padrão conforme sua vontade — comentou Verin, olhando para os pergaminhos —, mas às vezes fornece aquilo de que precisamos antes mesmo de precisarmos. — Ela amassou o convite do Rei sem muito cuidado e o jogou na lareira, onde ele ficou, intacto, sobre as brasas frias. Rompendo o outro selo com o polegar, ela leu a carta. — Sim, isso servirá muito

bem.

— Como eu posso ir? — perguntou Rand. — Eles vão saber que não sou um Lorde. Sou um pastor e um fazendeiro. — Ingtar pareceu cético. — Sou, Ingtar. Eu lhe disse que era.

O shienarano deu de ombros, mas ainda não parecia convencido. Hurin olhava para Rand com evidente descrença.

Que me queimem, pensou Perrin, *se eu não o conhecesse, também não acreditaria*. Mat observava Rand com a cabeça inclinada, franzindo a testa como se olhasse para algo que nunca vira antes. *Agora ele também enxerga*.

— Você consegue, Rand — respondeu Perrin. — Eu sei que consegue.

— Vai ajudar — retrucou Verin — se você parar de dizer a todos o que não é. As pessoas veem o que esperam ver. Além disso, olhe-os nos olhos e fale com firmeza. Assim como você está falando comigo — acrescentou, seca, e Rand ruborizou, mas sustentou o olhar. — O que você dirá não tem importância. Eles vão atribuir qualquer comportamento estranho ao fato de você ser estrangeiro. Também vai ajudar se você se lembrar de como se comportou perante a Amyrlin. Se for arrogante daquele jeito, eles vão acreditar que você é um Lorde mesmo que esteja vestindo trapos.

Mat riu, baixinho.

Rand jogou as mãos para o alto, em um gesto de desistência.

— Tudo bem. Eu vou. Mas ainda acho que vão descobrir cinco minutos depois de eu abrir a boca. Quando?

— Barthanes lhe ofereceu cinco datas diferentes, e uma delas é amanhã à noite.

— Amanhã! — explodiu Ingtar. A Trombeta já pode estar cinquenta milhas rio abaixo amanhã à noite, ou…

Verin o interrompeu.

— Uno e seus soldados podem vigiar a mansão. Se eles tentarem levar a Trombeta para qualquer lugar, podemos segui-los sem dificuldade, e talvez possamos recuperá-la ainda mais facilmente do que de dentro das muralhas de Barthanes.

— Talvez — concordo Ingtar, a contragosto. — Só não gosto de esperar sabendo que a Trombeta está quase em minhas mãos. Eu vou encontrá-la. Eu devo! Eu preciso!

Hurin encarou o lorde.

— Mas não é assim, Lorde Ingtar. O que acontece, acontece, e o que deve ser se… — O olhar furioso de Ingtar o interrompeu, mas o farejador ainda assim resmungou, entre dentes cerrados: — Não é assim, com essa história de “devo”.

Ingtar voltou-se outra vez para Verin, rígido.

— Verin Sedai, os cairhienos são muito rigorosos com suas

formalidades. Se Rand não enviar uma resposta, Barthanes pode ficar insultado a ponto de não nos deixar entrar, mesmo com esse pergaminho em mãos. Mas se Rand… Bom, Fain, pelo menos, o conhece. Poderíamos estar mandando um alerta para montarem uma armadilha.

— Vamos surpreendê-los. — O breve sorriso que ela deu não foi agradável. — Mas eu acho que Barthanes vai querer encontrar Rand de qualquer jeito. Amigo das Trevas ou não, duvido que ele tenha desistido de tramar contra o trono. Rand, ele disse que você se interessou por um dos projetos do Rei, mas não disse qual. O que ele quer dizer?

— Não sei — respondeu Rand, pensando bem. — Não fiz absolutamente nada desde que cheguei. Espere. Talvez ele esteja falando da estátua. Viemos por uma aldeia onde estavam desenterrando uma estátua gigantesca. Disseram que foi construída na Era das Lendas. O Rei quer transportá-la para Cairhien, embora eu não saiba como ele pode mover algo daquele tamanho. Mas tudo o que fiz foi perguntar o que era.

— Passamos por ela durante o dia, e não paramos para fazer perguntas. — Verin deixou o convite cair no colo. — Talvez não seja muito sábio da parte de Galldrian desenterrar aquilo. Não que haja qualquer perigo real, mas, para os que não sabem o que estão fazendo, nunca é sábio mexer com coisas da Era das Lendas.

— O que é aquilo? — perguntou Rand.

— Um *sa'angreal*. — Ela falava como se aquilo não tivesse muita importância, mas Perrin teve a súbita sensação de que os dois haviam começado uma conversa particular, dizendo coisas que mais ninguém podia ouvir. — Ele tem um par, foram os dois maiores já feitos que se tem notícia. E também é um par estranho. Um deles ainda está enterrado em Tremalking, e só pode ser usado por mulheres. Esse aqui só pode ser usado por homens. Eles foram feitos durante a Guerra dos Poderes, para serem usados como armas. Mas, se há algo pelo que podemos ser gratos sobre o fim daquela Era ou a Ruptura do Mundo, é que o fim veio antes que eles pudessem ser usados. Juntos, eles devem ser poderosos o bastante para Romper o mundo outra vez, talvez de um jeito ainda pior do que a primeira Ruptura.

Perrin cerrou os punhos com força. Ele evitou encarar Rand, mas mesmo olhando-o de soslaio conseguiu ver a palidez em seu rosto. Achou que o amigo devia estar com medo, e não o culpou nem um pouco.

Ingtar parecia abalado, como era de se esperar.

— Aquela coisa precisa ser enterrada de novo, tão fundo quanto é possível empilhar pedras e terra. O que aconteceria se Logain tivesse encontrado aquilo? Ou qualquer desgraçado que consiga canalizar,

quanto mais um que a firme ser o Dragão Renascido. Verin Sedai, você precisa alertar Galldrian sobre o que ele está fazendo.

— O quê? Ah, não há necessidade, eu acho. Os dois precisam ser usados juntos para canalizar Poder Único o suficiente para Romper o Mundo. Era assim na Era das Lendas: um homem e uma mulher trabalhando juntos eram sempre dez vezes mais fortes do que separados. E que Aes Sedai, hoje em dia, ajudaria um homem a canalizar? Um sozinho já é poderoso o suficiente, mas consigo pensar em poucas mulheres fortes o bastante para sobreviver ao luxo, no de Tremalking. A Amyrlin, é claro. Moiraine e Elaida. Talvez mais uma ou duas. E três ainda em treinamento. Quanto a Logain, apenas evitar ser incinerado exigiria toda a força dele, sem deixar mais nada para fazer o que quer que fosse. Não, Ingtar. Não acho que você precise se preocupar. Pelo menos, não até que o verdadeiro Dragão Renascido se proclame, e a essa altura teremos coisas o bastante com que nos preocuparmos de qualquer forma. Vamos pensar agora no que faremos quando estivermos dentro da mansão de Barthanes.

Ela estava falando com Rand. Perrin sabia, e, pelo olhar incomodado de Mat, ele também. Até mesmo Loial se ajeitou, nervoso, na cadeira. *Ah, luz, Rand*, pensou Perrin. *Luz, não deixe que ela use você.*

Rand apoiava as mãos no tampo da mesa com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos, mas sua voz saiu firme. Os olhos dele não se desviaram da Aes Sedai.

— Primeiro temos que recuperar a Trombeta e a adaga. Depois disso acabou, Verin. Depois, acabou.

Ao ver o sorriso de Verin, discreto e misterioso, Perrin sentiu um calafrio. Achava que Rand não sabia nem metade do que pensava saber. Nem metade.

32

Palavras Perigosas

A mansão do Lorde Barthanes parecia um enorme sapo agachado no escuro da noite, ocupando uma área quase tão extensa quanto a de uma fortaleza, com todos os anexos e muros. No entanto, não era uma fortaleza, pois janelas compridas espalhadas por todos os lados deixavam escapar a luz e o som de música e risadas do interior. Ainda assim, Rand pôde ver guardas se movendo nos topos das torres e pelas passarelas nos telhados, e nenhuma das janelas ficava perto do chão. Ele desmontou de Vermelho, ajeitou o casaco e ajustou o cinturão da espada. Os outros também desmontaram ao redor dele, ao pé de uma larga escadaria de pedra branca que levava às enormes portas da mansão, cobertas de entalhes.

Havia uma escolta de dez shienaranos, sob o comando de Uno. O caolho trocou leves acenos de cabeça com Ingtar antes de levar seus soldados para se juntarem às outras escoltas, junto a uma grande fogueira onde assava um boi inteiro preso em um espeto e cerveja era oferecida aos homens.

Os outros dez shienaranos haviam sido deixados para trás, junto com Perrin. Cada uma das pessoas presentes estaria lá com um propósito, explicara Verin, e não havia motivos para Perrin participar. Aos olhos cairhienos, uma escolta era necessária para transmitir dignidade, mas pareceria suspeita se fosse composta por mais de dez pessoas. Rand iria porque recebera o convite. Ingtar, para acrescentar o prestígio de seu título de lorde ao grupo. Loial os acompanharia porque os Ogier eram cobiçados na alta nobreza cairhiena. Hurin fingiria ser o serviçal pessoal de Ingtar, mas seu verdadeiro propósito

era farejar os Amigos das Trevas e Trollocs, se pudesse, pois a Trombeta de Valere não deveria estar muito longe de onde eles estivessem. Mat, ainda resmungando, fingiria ser o serviçal pessoal de Rand, já que conseguia sentir a adaga quando ela estava por perto. Se Hurin falhasse, talvez ele conseguisse encontrar os Amigos das Trevas.

Quando Rand perguntou a Verin por que ela iria, ela se limitou a sorrir e responder:

— Para manter vocês longe de problemas.

Enquanto subiam a escada, Mat murmurou:

— Ainda não entendo por que tenho que fingir ser um serviçal. — Ele e Hurin caminhavam atrás dos demais. — Que me queime. Se Rand pode ser um Lorde, eu também posso colocar um casaco metido a besta desses.

— Um serviçal — respondeu Verin, sem olhar para trás —, pode entrar em muitos lugares que outros homens não conseguiriam, e muitos nobres sequer vão reparar em sua presença. Você e Hurin têm objetivos a cumprir.

— Fique quieto agora, Mat — acrescentou Ingtar —, a menos que queira nos entregar.

Estavam chegando às portas, onde havia meia dúzia de guardas com a Árvore e a Coroa da Casa Damodred estampada no peitoral, e mais meia dúzia de homens vestindo uniformes verde-escuros com a Árvore e a Coroa na manga.

Respirando fundo, Rand apresentou o convite.

— Sou Lorde Rand, da Casa al'Thor — recitou, bem depressa, para acabar logo com aquilo. — E estes são meus convidados. Verin, Aes Sedai da Ajah Marrom. Lorde Ingtar, da Casa Shinowa, de Shienar. Loial, filho de Arent, filho de Halan, do Pouso Shangtai. — Loial pedira para deixarem seu *pouso* fora daquilo, mas Verin insistira que precisavam apresentar toda a formalidade que conseguissem.

O serviçal, que recebera o convite com a reverência exigida pela situação, sobressaltou-se de leve ao ouvir o nome de cada acompanhante. No de Verin, seus olhos se arregalaram. Com uma voz abafada, ele respondeu:

— Sejam bem-vindos à Casa Damodred, milordes. Seja bem-vinda, Aes Sedai. Seja bem-vindo, amigo Ogier.

Ele gesticulou para que os outros serviçais abrissem bem as portas e fez uma reverência enquanto Rand e os outros entravam. Lá dentro, ele se apressou em entregar o convite a outro homem uniformizado, sussurrando algo em seu ouvido.

O homem tinha a Árvore e a Coroa em um grande bordado no peito do casaco verde.

— Aes Sedai — disse, usando o longo cajado para fazer a reverência, quase levando a cabeça aos joelhos a cada cumprimento

que fazia. — Milordes. Amigo Ogier. Me chamo Ashin. Por favor, sigam-me.

No salão externo havia apenas serviçais, mas Ashin os levou até um grande aposento repleto de nobres, com um malabarista se apresentando em uma ponta e acrobatas na outra. Vozes e música vinham de outros lugares, indicando que aqueles não eram os únicos convidados, nem o único entretenimento. Os nobres conversavam em pares, trios ou quartetos. Às vezes os grupos eram compostos tanto de homens quanto de mulheres, às vezes apenas de um ou de outro sexo. No entanto, sempre havia um espaço calculado com muito cuidado entre eles, para que ninguém pudesse entreouvir a conversa de outro grupo. Os convidados usavam as roupas escuras típicas dos cairhienos, a maioria com listras brilhantes que iam até pelo menos a metade do peito, uns poucos com listras que iam até a cintura. As mulheres usavam os cabelos presos em altas torres de cachos, cada uma diferente da outra, e suas saias escuras eram tão armadas nas laterais que elas precisariam se virar de lado para passar por portas mais estreitas que as da mansão. Nenhum dos homens tinha a cabeça raspada característica dos soldados. Todos usavam chapéus de veludo preto sobre os cabelos longos, alguns com formato de sino, outros de topo reto. E, assim como as mulheres, tinham as mãos parcialmente ocultas por camadas de renda que lembrava marfim negro.

Ashin bateu seu cajado no chão e os anunciou em voz alta, começando por Verin.

O grupo atraiu todos os olhares. Verin usava seu xale de franjas marrons com bordados de parreiras. Um murmúrio percorreu a multidão de nobres quando a presença de uma Aes Sedai foi anunciada, e o malabarista deixou cair uma das argolas, mas ninguém reparou, pois ninguém mais olhava para ele. Loial recebeu quase a mesma quantidade de olhares, antes mesmo de Ashin dizer seu nome. A despeito dos bordados prateados no colarinho e nas mangas, o casaco quase completamente preto de Rand o fazia parecer quase austero perto dos cairhienos, e sua espada e a de Ingtar atraíram muitos olhares. Nenhum dos lordes parecia estar armado. Rand ouviu as palavras “marca da garça” mais de uma vez. Alguns dos olhares que recebia pareciam irritados, e ele suspeitava de que vinham de homens que insultara ao queimar seus convites.

Um homem belo e esbelto se aproximou. Tinha cabelos longos, já meio grisalhos, e listras de diversas cores cruzavam a frente de seu casaco cinza-escuro, indo do pescoço até quase a bainha, logo acima dos joelhos. Era extremamente alto para um cairhieno, apenas cerca de meia cabeça mais baixo que Rand, e sua postura o fazia parecer ainda mais alto. Ele mantinha o queixo empinado, o que dava a impressão de que sempre estava olhando a todos de cima. Seus olhos

eram completamente pretos. No entanto, o homem olhou para Verin com cautela.

— A Graça me honra com sua presença, Aes Sedai. — A voz de Barthanes Damodred era grave e segura. Seu olhar passou pelos demais. — Não esperava companhia tão distinta. Lorde Ingtar. Amigo Ogier. — A mesura que fez a cada um foi pouco mais que um cumprimento com a cabeça: Barthanes sabia bem qual era a dimensão de seu poder. — E você, meu jovem Lorde Rand. Sua presença na cidade gerou muitos comentários, até mesmo nas Casas. Talvez tenhamos a oportunidade de conversar hoje à noite. — Seu tom dizia que, se a conversa não acontecesse, também não lhe faria falta, e que não se interessara pelos comentários, mas seus olhos desviaram de modo quase imperceptível antes de encontrar os de Rand, examinando Ingtar, Loial e Verin. — Sejam bem-vindos. — Ele se deixou ser levado por uma bela mulher, que pôs a mão cheia de anéis e coberta de rendas em seu braço, mas voltou a olhar para Rand enquanto se afastava.

As conversas recomeçaram, e o malabarista voltou a jogar suas argolas, em um arco estreito que quase chegava ao teto ornamentado, umas boas quatro braças acima. Os acrobatas não haviam sequer interrompido a apresentação: uma mulher saltou dos braços de um de seus companheiros. Sua pele untada com óleo brilhava à luz de cem lampiões enquanto ela girava no ar, até aterrissar com os pés bem nas mãos de um outro homem apoiado nos ombros de um terceiro. Ele a ergueu nos braços estendidos enquanto o homem abaixo o erguia da mesma forma, e ela abriu os braços como se esperasse aplausos. Nenhum dos cairhienos pareceu notar.

Verin e Ingtar se misturaram à multidão. O shienarano recebeu alguns olhares desconfiados. Algumas pessoas fitavam a Aes Sedai de olhos arregalados, e outras, com uma expressão preocupada, como se estivessem perto demais de um lobo raivoso. Estes últimos eram mais homens do que mulheres, e algumas das mulheres chegaram a conversar com ela.

Rand percebeu que Mat e Hurin já haviam sumido cozinha adentro, onde todos os serviçais que acompanhavam os convidados aguardavam até serem chamados. Torcia para que os dois não tivessem problemas em sair despercebidos.

Loial se curvou, de modo a falar apenas para os ouvidos de Rand:

— Rand, há um Portal dos Caminhos aqui por perto. Eu posso sentir.

— Você quer dizer que este lugar era um bosque Ogier? — perguntou Rand, e voz baixa, e Loial assentiu.

— O Pouso Tsofu ainda não tinha sido reencontrado quando o bosque foi plantado, ou os Ogier que ajudaram a construir

Al'cair'rahienallen não precisariam de um bosque para lembrá-los dos *pousos*. Este lugar era uma floresta quando eu passei por Cairhien antes, e pertencia ao Rei.

— Barthanes deve ter tomado a terra em alguma trama — Rand olhou em volta, nervoso. Todo mundo ainda estava envolvido nas conversas, mas não eram poucos os que observavam Loial e ele. Não conseguia ver Ingtar. Verin estava no centro de um aglomerado de mulheres. — Queria que pudéssemos permanecer juntos.

— Verin disse que não é uma boa ideia, Rand. Ela explicou que isso deixaria todos desconfiados e furiosos, achando que somos esnobes. Precisamos evitar suspeitas até que Mat e Hurin encontrem o que quer que seja.

— Eu ouvi o que ela disse tão bem quanto você, Loial. Mas ainda acho que, se Barthanes é um Amigo das trevas, ele deve saber por que estamos aqui. Passear por aí sozinho é quase pedir para levar uma pancada na cabeça e acabar desacordado.

— Verin falou que Barthanes não fará nada até descobrir se podemos ser úteis. Só faça o que ela mandou, Rand. As Aes Sedai sabem o que fazem.

Dizendo isso, Loial adentrou a multidão, e alguns nobres já se agrupavam a seu redor antes mesmo que conseguisse avançar dez passos.

Outros vieram em direção a Rand, assim que ele ficou sozinho, mas ele se virou para o outro lado e se afastou depressa. *As Aes Sedai até podem saber o que fazem, mas eu não, e gostaria de saber. Não gosto nada disso. Luz, eu queria conseguir perceber se ela está falando a verdade. Aes Sedai nunca mentem, mas a verdade pode não ser a que você pensa que ouviu.*

Ele continuou andando pela mansão, para evitar ter que conversar com os nobres. Havia muitos outros aposentos, todos cheios, e todos com atrações: três menestréis em seus mantos, outros malabaristas, acrobatas e mais: músicos tocavam lautas, sabiolas, saltérios e alaúdes, cinco tamanhos diferentes de rabeca, seis tipos de trombeta, retas curvas ou enroladas, e dez tamanhos de tambores, de surdos a tamboretes. Ele parou para olhar alguns dos trombeteiros, em especial os que tocavam trombetas enroladas, mas os instrumentos eram todos simples, de bronze.

Eles não deixariam a Trombeta de Valere às vistas de todos, seu tolo , pensou. *A não ser que Barthanes queira convocar heróis mortos para fazerem parte do entretenimento*.

Havia até mesmo um bardo, usando botas tairenas trabalhadas em prata e um casaco amarelo, que circulava os salões dedilhando sua harpa e, às vezes, parando para declamar em Alto Canto. Ele olhava os menestréis com desdém e não se demorava nos aposentos em que eles

estavam, mas Rand notou pouca diferença entre eles, além das roupas.

De repente, Rand percebeu que Barthanes andava a seu lado. Na mesma hora, um serviçal de libré ofereceu sua bandeja de prata com uma reverência. Barthanes pegou uma taça de cristal cheia de vinho. Andando de costas à frente deles, ainda curvado, o serviçal manteve a bandeja erguida na direção de Rand até ele negar com um gesto de cabeça, então desapareceu na multidão.

— Você parece inquieto — comentou Barthanes, bebericando seu vinho.

— Gosto de andar. — Rand pensou em como seguir o conselho de Verin, e lembrando-se do que a Aes Sedai dissera sobre sua visita à Amyrlin, assumiu a postura Gato Cruza o Pátio. Não conhecia jeito mais arrogante que aquele de andar. Barthanes comprimiu os lábios, e Rand achou que o lorde talvez achasse o andar arrogante demais, mas o conselho de Verin era tudo o que ele tinha para se guiar, então continuou. Para quebrar um pouco a tensão, disse, em um tom amigável: — Uma festa excelente. Você tem muitos amigos, e nunca vi tantas atrações.

— Muitos amigos — concordou Barthanes. — Você pode contar a Galldrian quantos, e quem são. Alguns dos nomes poderiam surpreendê-lo.

— Nunca conheci o Rei, Lorde Barthanes, e não acredito que isso vá acontecer.

— Mas é claro. Você passou por aquela aldeiazinha suja apenas por acaso. Decerto não estava avaliando o progresso da recuperação da estátua. Uma grande empreitada, aquela.

— Sim. — Começara a pensar em Verin outra vez, desejando que ela tivesse dado algum conselho sobre como se dirigir com um homem que presumia que ele estivesse mentindo. Acrescentou, sem pensar: — É perigoso mexer com as coisas da Era das Lendas quando não se sabe o que está fazendo.

Barthanes fitou o próprio vinho, re fletindo, como se Rand tivesse acabado de dizer algo muito profundo.

— Está dizendo que não apoia Galldrian nisso? — perguntou, por fim.

— Já lhe disse: nunca conheci o Rei.

— Sim, é claro. Não sabia que vocês, andorianos, jogavam tão bem o Grande Jogo. Não se vê muitos do seu povo aqui em Cairhien.

Rand respirou fundo para se impedir de responder ao homem, irritado, que não estava jogando o Jogo deles.

— Há muitas barcaças de grãos vindas de Andor, no rio.

— Mercadores e comerciantes. Quem nota gente como essa? É como notar besouros nas folhas. — A voz de Barthanes demonstrava um desprezo igual por besouros e mercadores, mas ele franziu a testa

outra vez, como se Rand tivesse acabado de fazer uma alusão. — Não são muitos os que viajam em companhia de uma Aes Sedai. Você parece jovem demais para ser um Guardião. Imagino que Lorde Ingtar seja o Guardião de Verin Sedai, não?

— Somos quem dissemos ser — respondeu Rand, e fez uma careta. *Menos eu*.

Barthanes estudava o rosto de Rand quase sem disfarçar.

— Jovem. Jovem demais para carregar uma espada com a marca da garça.

— Tenho menos de um ano — respondeu Rand, sem pensar, e no mesmo instante desejou não tê-lo feito. A frase parecia tola a seus ouvidos, mas Verin dissera para agir como fizera com o Trono de Amyrlin, e aquela era a resposta que Lan lhe mandara dar. Um homem das Fronteiras considerava o dia do nome aquele em que recebera a espada.

— Então você é andoriano, mas foi treinado nas Terras da Fronteira. Ou foi treinado como Guardião? — Os olhos de Barthanes se estreitaram, analisando Rand. — Sei que Morgase tem apenas um filho. Ouvi dizer que se chama Gawyn. Você deve ser mais ou menos da idade dele.

— Já o conheci — respondeu Rand, com cautela.

— Esses olhos. Esse cabelo. Ouvi dizer que a linhagem real de Andor tem uma coloração quase Aiel nos cabelos e olhos.

Rand tropeçou, embora o chão fosse de mármore polido.

— Não sou Aiel, Lorde Barthanes, nem da linhagem real.

— Como queira. Você me deu muito em que pensar. Acredito que vamos nos entender quando tivermos outra oportunidade de conversar. — Barthanes balançou a cabeça e ergueu a taça em uma pequena saudação, então se virou para conversar com um homem grisalho com muitas listras coloridas no casaco.

Rand sacudiu a cabeça e continuou a andar, evitando mais conversas. Já fora ruim o bastante ter que falar com um lorde cairhieno, não queria se arriscar com mais um. Barthanes parecia encontrar significados profundos nos comentários mais triviais. Rand percebeu que acabara de aprender o suficiente sobre *Daes Dae'mar* para saber que não fazia ideia de como se jogava. *Mat, Hurin, encontrem* alguma coisa *rápido, para sairmos daqui. Essas pessoas são loucas*.

Até que entrou em outro aposento e reparou que o menestrel do outro lado do salão, dedilhando sua harpa e recitando uma história da *Grande Caçada à Trombeta* , era Thom Merrilin. Rand parou de andar. Thom não pareceu vê-lo, embora seu olhar tivesse passado por ele duas vezes. Parecia que Thom havia falado sério. Uma separação completa.

Rand se virou para se afastar, mas uma mulher se pôs em sua frente com muita graça e encostou uma das mãos em seu peito. Rendas pendiam de seu pulso delicado. A cabeça dela mal alcançava os ombros de Rand, mas o penteado alto com cachos chegava à altura de seus olhos. O colarinho alto do vestido fazia babados de renda se aglomerarem sob o queixo dela, e as listras na frente do vestido azul-escuro iam até logo abaixo dos seios.

— O meu nome é Alaine Chuliandred, e você é o famoso Rand al'Thor. Acredito que Barthanes tenha o direito de conversar com você primeiro, estando em sua própria mansão, mas ficamos todos fascinados com o que ouvimos a seu respeito. Ouvi dizer até que você toca flauta. Seria verdade?

— Eu toco lauta. — *Como é que ela…? Caldevwin. Luz, é verdade: todo mundo fica sabendo de tudo em Cairhien*. — Com sua licença…

— Já ouvi falar que alguns lordes estrangeiros tocam música, mas nunca acreditei. Eu gostaria muito de ouvi-lo tocar. Talvez você possa conversar comigo sobre um assunto ou outro. Barthanes pareceu achar sua conversa fascinante. Meu marido passa os dias supervisionando os vinhedos e acaba me deixando muito sozinha. Nunca está em casa para conversar comigo.

— Você deve sentir falta dele — respondeu Rand, tentando contornar aquela saia enorme. A mulher soltou uma risada tilintante, como se ele tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

Outra mulher postou-se ao lado da primeira, e outra mão tocou o peito de Rand. O vestido dela tinha tantas listras quanto o de Alaine, e as mulheres eram da mesma idade, ambas quase dez anos mais velhas que ele.

— Está pensando que vai ficar com ele todo para você, Alaine? — As duas sorriram, mas seus olhos pareciam perfurar uma a outra. A segunda virou-se, ainda sorrindo, para Rand. — Me chamo Belevaere Osiellin. Todos os andorianos são assim, tão altos? E tão bonitos?

Ele pigarreou.

— Ah… alguns são altos. Perdoem-me, mas com sua li…

— Vi você conversando com Barthanes. Dizem que você conhece Galldrian, também. Precisa me visitar para conversarmos. Meu marido viajou para cuidar de nossas propriedades no sul.

— Você tem a sutileza de uma meretriz de taverna — sibilou Alaine, e sorriu para Rand logo em seguida. — Ela não tem inesse. Nenhum homem gostaria de uma mulher de modos tão rudes. Leve sua lauta à minha mansão e conversaremos melhor. Quem sabe não me ensina a tocar?

— O que Alaine considera sutileza — comentou Belevaere, docemente — não passa de falta de coragem. Um homem que carrega uma espada com a marca da garça deve ser muito corajoso. É mesmo

uma espada com a marca da garça, não é?

Rand tentou se afastar delas.

— Se me dão licença, eu… — Elas o acompanharam a cada passo, até que ele estivesse encurralado em uma parede. As largas saias, unidas, formava outra parede à sua frente.

Ele se sobressaltou quando uma terceira mulher se amontoou ao lado das outras duas, com a saia se unindo às delas para formar a parede daquele lado. Era mais velha que as outras, porém igualmente atraente, e seu sorriso de divertimento não diminuía a agudeza de seu olhar. Sua roupa tinha ainda mais listras do que Alaine e Belevaere, quase metade a mais, e as duas fizeram pequenas mesuras e a olharam com intenso desgosto.

— Essas duas aranhas estão tentando capturá-lo em suas teias? — A mulher riu. — Metade das vezes elas se enrolam mais firme entre si do que conseguem se enrolar com qualquer outra pessoa. Venha comigo, meu jovem e belo andoriano, e eu vou lhe contar alguns dos problemas que elas lhe trariam. Para começar, não tenho um marido com quem me preocupar. Maridos sempre causam problemas.

Por cima da cabeça de Alaine, Rand pôde ver Thom, erguendo-se de uma reverência sem aplausos ou qualquer atenção. Com uma careta, o menestrel apanhou uma taça da bandeja de um serviçal assustado.

— Acabei de ver uma pessoa com quem preciso falar — disse Rand às mulheres, e se espremeu para sair da caixa na qual o haviam prendido bem no momento em que a recém-chegada estendia a mão para tomar seu braço. As três o encararam enquanto ele ia depressa até o menestrel.

Thom o fitou por cima da borda da taça e tomou outro longo gole.

— Thom, sei que você disse que queria que nos separássemos completamente, mas eu precisava escapar daquelas mulheres. Elas só falavam sobre seus maridos estarem fora, mas já começavam a fazer outras insinuações. — Thom engasgou com o vinho, e Rand lhe deu um tapa nas costas. — Se beber rápido demais, alguma coisa vai descer pelo caminho errado. Thom, elas pensam que estou tramando com Barthanes ou com Galldrian, e acho que não vão acreditar se eu disser que não estou. Eu só precisava de uma desculpa para sair de perto delas.

Thom cofiou os bigodes com os nós dos dedos e lançou um olhar discreto para as três mulheres do outro lado da sala. Elas ainda estavam juntas, observando-os.

— Reconheço aquelas três, garoto. Breane Taborwin sozinha já lhe daria uma bela lição, do tipo que todo homem deveria receber ao menos uma vez na vida, se conseguisse sobreviver. Preocupadas com

os maridos. Gostei dessa, garoto. — De repente o olhar do menestrel pareceu mais aguçado. — Você disse que tinha se livrado das Aes Sedai. Metade das conversas da noite são sobre o *lorde* andoriano que apareceu sem aviso, acompanhado de uma Aes Sedai. Barthanes e Galldrian. Dessa vez você deixou a Torre branca enfiá-lo direto na panela.

— Ela só chegou ontem, Thom. E, assim que a Trombeta estiver a salvo, vou me livrar delas outra vez. Vou ter certeza disso.

— Você fala como se ela não estivesse a salvo agora — comentou Thom, escolhendo as palavras. — Não foi o que disse da outra vez.

— Os Amigos das Trevas a roubaram, Thom. E a trouxeram para cá. Barthanes é um deles.

Thom pareceu analisar o vinho em sua taça, mas seus olhos foram de um lado a outro para garantir que ninguém estivesse perto o suficiente para ouvir. Outras pessoas, além das três mulheres, os observavam de soslaio enquanto fingiam conversar, mas cada grupo mantinha distância de todos os outros. Ainda assim, Thom falou baixo:

— Coisa perigosa de se dizer, se não for verdade. E mais ainda se for. Uma acusação dessas, e contra o homem mais poderoso do reino… Você disse que ele está com a Trombeta? Suponho que queira minha ajuda de novo, agora que se enrolou com a Torre Branca mais uma vez.

— Não. — Chegara à conclusão de que Thom estava certo, mesmo que o menestrel não soubesse por quê. Não podia envolver ninguém em seus problemas. — Eu só queria escapar daquelas mulheres.

O menestrel soprou os bigodes, surpreso.

— Bem. Sim. Está bom. Da última vez em que o ajudei, fiquei manco, e você parece ter se deixado cair novamente nas amarras de Tar Valon. Vai ter que sair dessa sozinho, dessa vez. — Ele parecia estar tentando se convencer.

— Eu vou, Thom. Eu vou. — *Assim que a Trombeta estiver a salvo e Mat recuperar aquela maldita adaga. Mat, Hurin, onde vocês estão?*

Como se tivesse ouvido seu pensamento, Hurin apareceu na sala, procurando com os olhos entre a multidão de nobres. Todos olhavam através dele: serviçais não existiam, a menos que fossem necessários. Quando encontrou Rand e Thom, contornou os pequenos aglomerados de nobres e fez uma reverência.

— Milorde, fui enviado para lhe comunicar que seu serviçal sofreu uma queda e torceu o joelho. Não sei dizer se é grave, milorde.

Por um momento, Rand encarou Hurin, sem compreender. Ciente de todos os olhares sobre si, falou, alto o suficiente para os nobres mais próximos o ouvirem:

— Aquele idiota desastrado. De que me serve sem conseguir andar? Imagino que o melhor seja eu mesmo checar o quanto ele se

feriu.

Parecia a coisa certa a dizer. Hurin soou aliviado ao dizer, curvando-se outra vez:

— Como desejar, milorde. Se puder me seguir, milorde…

— Você interpreta um lorde muito bem — comentou Thom, suavemente. — Mas lembre-se: os cairhienos podem até jogar o *Daes Dae'mar*, mas foi a Torre Branca que criou o Grande Jogo, para começo de conversa. Tome cuidado, garoto.

Lançando um olhar irritado para os nobres, o menestrel colocou a taça vazia sobre a bandeja de um serviçal que passava e se afastou, dedilhando a harpa. Então começou a recitar *Mili*, a *Dona de Casa e o Mercador de Seda*.

— Mostre o caminho, homem — ordenou Rand, sentindo-se tolo.

Conseguia sentir os olhos da multidão acompanhando-o enquanto seguia Hurin.

33

Uma Mensagem das Trevas

— Vocês encontraram? — perguntou Rand enquanto seguia Hurin, descendo um estreito lance de escadas. As cozinhas ficavam nos andares de baixo, e os serviçais que acompanhavam os convidados haviam sido mandados para lá. — Ou Mat está machucado de verdade?

— Ah, está tudo bem com Mat, Lorde Rand. — O farejador franziu a testa. — Pelo menos ele fala como se estivesse tudo bem, e resmunga como alguém saudável. Não quis preocupá-lo, mas precisava de um motivo para trazer o senhor aqui embaixo. Encontrei o rastro. Foi fácil. Todos os homens que incendiaram a estalagem entraram em um jardim murado atrás da mansão. E os Trollocs foram com eles. Isso aconteceu ontem, eu acho. Talvez até mesmo anteontem à noite. — Ele hesitou. — Lorde Rand, eles não saíram mais. Ainda devem estar lá dentro.

Ali no pé da escada dava para ouvir o som dos serviçais se divertindo, o som de risadas e cantoria. Alguém tocava uma sabiola, tirando um som rouco que acompanhava as palmas e os passos de dança. Não havia paredes enfeitadas ou tapetes por ali, apenas pedra nua e um revestimento de madeira simples. A luz nos corredores vinha de tochas rústicas que deixavam o teto cheio de fumaça, com tanto espaço entre elas que a luz era mais fraca no meio.

— Fico feliz por você ter voltado a falar com naturalidade comigo — comentou Rand. — Depois daquele monte de reverências, estava começando a pensar que você era mais cairhieno que os próprios

cairhienos.

Hurin corou.

— Bem, quanto a isso… — Ele olhou de relance na direção da origem do barulho, no fim do corredor, e pareceu querer cuspir. — Eles fingem ser tão educados, mas… Lorde Rand, todos dizem que são leais a seus mestres ou mestras, mas insinuam que estão dispostos a vender o que sabem ou o que ouviram. E depois de alguns copos, quando decidem contar as coisas baixinho, sussurrando em seu ouvido, os segredos que revelam sobre seus senhores deixariam você de cabelos em pé. Eu sei que eles são cairhienos, mas nunca ouvi falar de uma coisa dessas.

— Em breve estaremos longe daqui, Hurin. — Rand esperava que aquilo fosse verdade. — Onde ica esse jardim? — Hurin virou em um corredor lateral que levava aos fundos da mansão. — Você já trouxe Ingtar e os outros aqui embaixo?

O farejador negou com a cabeça.

— Lorde Ingtar se deixou encurralar por seis ou sete daquelas senhoras que se dizem damas. Não consegui chegar perto o bastante pra falar com ele. E Verin Sedai estava com Barthanes. Pelo olhar que ela me lançou quando cheguei perto, preferi nem tentar contar o que tinha acontecido.

Dobraram outro corredor, e lá estavam Loial e Mat. O Ogier precisava ficar um pouco curvado por causa do teto baixo.

O sorriso de Loial ia de orelha a orelha.

— Ah, aí está você! Nunca fiquei tão feliz em escapar de alguém quanto daquela gente lá em cima. Eles ficavam me perguntando se os Ogier voltariam, se Galldrian concordara em pagar o que devia. Parece que todos os construtores Ogier foram embora porque Galldrian parou de pagá-los, a não ser com promessas. Eu disse várias vezes que não sabia nada a respeito, mas metade pareceu achar que eu estava mentindo, e a outra metade, que eu estava insinuando alguma coisa.

— Logo iremos embora daqui — assegurou Rand. — Mat, você está bem? — O rosto do rapaz parecia ainda mais encovado do que ele se lembrava, mesmo na estalagem, e suas maçãs do rosto estavam mais proeminentes.

— Estou me sentindo bem — respondeu Mat, ranzinza —, mas certamente não tive problemas em deixar os *outros* serviçais. Os que não me perguntavam se você me deixava passar fome pensavam que eu estava doente, e aí não queriam chegar muito perto.

— Você sentiu a presença da adaga? — perguntou Rand.

Mat negou com a cabeça, carrancudo.

— A única coisa que senti foi que havia alguém me observando quase o tempo todo. Essa gente é tão ruim quanto os Desvanecidos,

em matéria de espreitar. Que me queime! Meu coração quase saiu pela boca quando Hurin disse que tinha encontrado o rastro dos Amigos das Trevas. Rand, eu não consigo sentir nada, e procurei do porão ao sótão desse prédio maldito.

— Isso não signi ica que ela não está aqui, Mat. Eu a coloquei no baú junto com a Trombeta, lembra? Talvez isso o impeça de senti-la. Acho que Fain não sabe abrir o baú, ou não teria se dado ao trabalho de carregar aquele peso, mesmo quando fugiu de Fal Dara. Todo aquele ouro é insignificante perto da Trombeta de Valere. Quando a encontrarmos, também encontraremos a adaga. Você vai ver.

— Desde que eu não precise mais que fingir que sou seu serviçal… — resmungou Mat. — E desde que você não enlouqueça e… — Ele apertou os lábios e não terminou a frase.

— Rand não está louco, Mat — respondeu Loial. — Os cairhienos jamais o deixariam entrar aqui se ele não fosse um Lorde. Eles é que são os loucos.

— Eu não estou louco — retrucou Rand, ríspido. — Ainda não. Hurin, me mostre esse jardim.

— Por aqui, Lorde Rand.

Eles saíram para a noite, atravessando uma porta tão pequena que Rand precisou se curvar para passar, e Loial foi forçado a se agachar e encolher os ombros. Havia luz amarelada suficiente vindo das janelas acima para que Rand conseguisse divisar paredes de tijolos entre os canteiros de flores quadrados. As sombras dos estábulos e de outros prédios próximos se confundiam na escuridão, dos dois lados. Fragmentos de música chegavam até ali, tanto vinda dos serviçais se divertindo, abaixo, quanto das pessoas que entretinham a nobreza, acima.

Hurin os guiou pelos rastros do jardim até não haver resquício nem mesmo da luz mais pálida, e eles precisavam da luz do luar para divisar o caminho, enquanto as botas raspavam suavemente nos tijolos. Os arbustos, que teriam parecidos exuberantes e cheios de flores à luz do dia, eram montes de formas estranhas no escuro. Rand mantinha mão na espada e não permitia que seus olhos se detivessem em qualquer ponto. Uma centena de Trollocs podia estar ao redor deles, sem ser vista. Ele sabia que Hurin teria sentido o cheiro dos Trollocs, se eles estivessem próximos, mas saber aquilo não era de muita ajuda. Se Barthanes era um Amigo das Trevas, então pelo menos alguns de seus serviçais e guardas também eram, e Hurin nem sempre conseguia farejá-los. Não seria muito melhor se os Amigos das Trevas saíssem das sombras, em vez dos Trollocs.

— Ali, Lorde Rand — sussurrou Hurin, apontando.

À frente, erguia-se um muro de pedra um pouco mais alto que a cabeça de Loial, formando um quadrado de no máximo cinquenta

passos de lado. Rand não conseguia ter certeza no escuro, mas parecia que os jardins se estendiam além da construção. Perguntou-se por que Barthanes teria uma seção murada no meio do próprio jardim. Não se via qualquer telhado nas paredes. *Por que eles entrariam e ficariam ali?*

Loial se curvou para falar no ouvido de Rand.

— Eu disse a você que isso aqui já foi um bosque Ogier, um dia. Rand, o Portal dos Caminhos fica atrás desse muro. Eu posso sentir.

Rand ouviu Mat suspirar, perdendo as esperanças.

— Não podemos desistir, Mat — disse.

— Não estou desistindo. Só sou inteligente o bastante para não querer viajar outra vez pelos Caminhos.

— Pode ser que a gente precise fazer isso — retrucou Rand. — Vá atrás de Ingtar e Verin. Dê um jeito de falar com eles a sós, não importa como, e avise que acho que Fain fugiu por um Portal dos Caminhos com a Trombeta. Não deixe mais ninguém ouvir. E lembre-se de mancar: todos acham que você sofreu uma queda.

Ficava admirado por alguém se arriscar pelos caminhos, até mesmo Fain, mas aquela parecia ser a única resposta. *Eles não ficariam um dia e uma noite simplesmente sentados ali, a céu aberto*.

Mat curvou-se em uma grande reverência, e sua voz estava carregada de sarcasmo.

— Agora mesmo, milorde. Como quiser, milorde. Devo portar seu estandarte, milorde? — E foi na direção da mansão, até seus resmungos sumirem com a distância. — Agora eu tenho que mancar. Da próxima vez vai ser um pescoço quebrado, ou…

— Ele só está preocupado com a adaga, Rand. — comentou Loial.

— Eu sei — respondeu Rand. *Mas quanto falta até que ele diga a alguém o que sou, mesmo sem querer?* Não conseguia acreditar que Mat o trairia de propósito, achava que ainda havia amizade o suficiente entre eles pelo menos para isso. — Loial, preciso de um apoio para ver por cima do muro.

— Rand, se os Amigos das Trevas ainda estiverem…

— Não estão. Loial, me ajude aqui.

Os três se aproximaram do muro, e Loial se abaixou e juntou as mãos para sustentar o pé de Rand. O Ogier ficou em pé com facilidade, mesmo com o peso, e ergueu Rand apenas o suficiente para que ele olhasse por cima do muro.

A fina lua minguante não oferecia muita luz, e a maior parte da área estava mergulhada nas sombras, mas não parecia haver arbustos ou flores no interior do quadrado murado. Havia apenas um pálido banco de mármore, posicionado de forma a permitir que um homem se sentasse nele para observar o objeto que se erguia no centro do quadrado, parecendo uma enorme lápide.

Rand segurou o topo do muro e se alçou. Loial soltou um protesto

abafado e tentou segurar seu pé, mas ele se soltou e passou por cima do muro, descendo do lado de dentro. A grama sob seus pés estava curta, e Rand pensou, vagamente, que Barthanes devia deixar pelo menos algumas ovelhas entrarem. Pôs-se a observar a placa de pedra sob as sombras, o Portal dos Caminhos, e se assustou ao ouvir o som de botas aterrissando no chão ao seu lado.

Hurin se levantou, espanando a poeira das roupas.

— O senhor deveria tomar mais cuidado quando fizer essas coisas, Lorde Rand. Qualquer um podia estar escondido aqui. Ou qualquer coisa. — Ele examinou a escuridão por entre os muros, tocando o cinturão como se buscasse a espada curta e a quebra-espada que tivera que deixar na estalagem, uma vez que serviçais não andavam armados em Cairhien. — Se pular num buraco sem olhar primeiro, sempre encontrará uma cobra.

— Você teria sentido o cheiro deles — retrucou Rand.

— Talvez. — O farejador inspirou profundamente. — Mas só posso sentir o que eles já fizeram, não o que pretendem fazer.

Rand ouviu o som de algo raspando no muro acima de sua cabeça, e logo em seguida avistou Loial, pendurado do lado de dentro. O Ogier sequer precisou esticar os braços para encostar as botas no chão.

— Impulsivos — resmungou. — Vocês, humanos, são sempre tão impulsivos e apressados… E agora você me fez agir da mesma forma. O Ancião Haman usaria seu tom de voz mais severo comigo, e minha mãe… — A escuridão escondia o rosto de Loial, mas Rand tinha certeza de que as orelhas do Ogier tremelicavam bruscamente. — Rand, se você não começar a ser pelo menos um pouco cuidadoso, vai me causar problemas.

Rand foi até o Portal dos Caminhos e andou ao redor dele. Mesmo de perto, aquilo não parecia mais do que um espesso quadrado de pedra um pouco mais alto que ele, que passou a mão sobre a pedra bem depressa, mas notou que a parte de trás era lisa e fria ao toque, enquanto a frente fora esculpida pelas mãos de um artista. Vinhas, folhas e flores cobriam a super ície, cada uma tão bem-feita que quase pareciam reais à luz fraca do luar. Rand tateou o chão à frente do Portal: parte da grama fora arrancada, formando dois arcos, como os que o Portal faria ao abrir.

— Isso é um Portal dos Caminhos? — perguntou Hurin, hesitante. — Já ouvi falar deles, é claro, mas… — Ele farejou o ar. — O rastro vai direto até ele e para, Lorde Rand. Como vamos seguir os Amigos das Trevas agora? Ouvi falar que quem entra em um Portal dos Caminhos sai louco, isso quando sai.

— Dá para atravessar o Portal, Hurin. Eu já fiz isso, e também Loial, Mat e Perrin. — Rand não desviou os olhos do emaranhado de

folhas gravado na pedra. Uma delas era diferente das outras, ele sabia. Encontrou a folha de três pontas da lendária *Avendesora*, a Árvore da Vida, e a tocou. — Aposto que você consegue seguir o rastro deles pelos Caminhos. Podemos segui-los para onde quer que tenham ido. — Não haveria mal em provar a si mesmo que conseguia se forçar a atravessar o Portal. — Espere, eu vou mostrar.

Ele ouviu Hurin gemer. A folha estava esculpida na pedra igual a todas as outras, mas ele conseguiu pegá-la. Loial também gemeu.

Por um segundo, o enfeite de pedras deu a impressão de ser feito de plantas vivas. As folhas pareceram ter sido agitadas por uma brisa, e as flores pareceram ganhar cor, mesmo no escuro. No centro da figura surgiu uma linha, e as duas metades da placa de pedra se abriram bem devagar, na direção de Rand. Ele recuou para deixá-las se abrirem por completo. O que apareceu no espaço entre as placas não era o outro lado do quadrado murado, mas também não era o re flexo prateado e opaco que Rand lembrava. Em vez disso, o que se via era uma paisagem negra, tão escura que parecia tornar a noite ao redor um pouco mais clara. O breu avançou devagar por entre os portões, que ainda se abriam.

Rand pulou para trás com um grito e acabou derrubando a folha de *Avendesora*. Loial gritou:

— *Machin Shin!* O Vento Negro!

O som do vento encheu seus ouvidos. A grama balançou, e a poeira no chão começou a subir. O vento parecia carregar os gritos de mil vozes insanas. Dez mil, sobrepondo-se, sufocando umas às outras. Rand conseguia distinguir algumas delas, embora tentasse não fazê-lo.

… sangue tão doce, tão doce beber o sangue, o sangue que pinga, pinga, pinga tão vermelho. Olhos bonitos, muito bonitos, eu não tenho olhos, arrancar os olhos da sua cabeça. Moer seus ossos, quebrar seus ossos dentro da carne, sugar o tutano enquanto você grita. Grita, grita, gritos cantantes , cante seus gritos… E, pior que todas as vozes, um sussurro no meio de tudo o mais: *Al'Thor. Al'Thor. Al'Thor*.

Rand se envolveu com o vazio e o abraçou, sem se importar com o brilho torturante e nauseante de *saidin* logo no canto dos olhos. O maior de todos os perigos dos Caminhos era o Vento Negro, que roubava a alma dos que matava e enlouquecia os que deixava viver. *Machin Shin* era parte dos Caminhos, não era capaz de atravessar os Portais. Mas ali estava ele, soprando noite adentro, e o Vento Negro chamava seu nome.

O Portal dos Caminhos ainda não estava totalmente aberto. Se conseguissem colocar a folha de *Avendesora* de volta… Rand viu Loial engatinhando, à procura, tateando a grama na escuridão.

Saidin o preencheu. Rand sentiu como se seu ossos estivessem vibrando, sentiu o luxo calcinante e gélido do Poder Único, sentiu-se

verdadeiramente vivo, como jamais se sentira sem aquilo, sentiu a mácula oleosa… *Não!* Ele gritou uma resposta para si mesmo, dentro de sua cabeça, sem fazer barulho: *Aquilo está vindo atrás de você! E vai matar todos nós!* Ele investiu com tudo contra o volume negro, que já se arrastava uma braça à frente do Portal. Não sabia o que usava para investir, nem como o fazia, mas uma fonte radiante de luz nasceu no coração daquelas trevas.

O Vento Negro guinchou, agonizando em dez mil uivos sem palavras. Lentamente, cedendo palmo a palmo, relutante, a escuridão retrocedeu. O avanço se reverteu aos poucos, de volta para o Portal ainda aberto.

O Poder corria por Rand como uma torrente. Ele sentia sua ligação com *saidin*, que era como um rio transbordando. Sentia a conexão entre ele e o fogo puro que ardia no coração do Vento Negro, uma catarata em fúria. O calor dentro dele era calcinante, mais do que isso, era capaz de derreter pedras, vaporizar aço e fazer até mesmo o ar irromper em chamas. O frio aumentou até que o ar em seus pulmões já devesse estar congelado, duro e sólido como metal. Sentia que aquilo o oprimia, sentia a vida sendo desmanchada aos poucos, como a terra macia nas margens de um rio, sentia a essência de seu ser sendo consumida.

Não posso parar! Se aquilo sair… Preciso matá-lo! Eu… não… posso… parar! Desesperado, ele se agarrou a fragmentos de si mesmo. O Poder Único atravessava-o, rugindo, e ele o navegava como um tronco solto em uma corredeira. O vazio começou a derreter e transbordar, começou a fumegar com o frio congelante.

O Portal dos Caminhos parou e começou a se fechar.

Rand observou aquilo, certo, em seus pensamentos vagos, que flutuavam para fora do vazio, de que estava apenas vendo o que queria ver.

Os portões se aproximaram mais um do outro, empurrando *Machin Shin* de volta como se o Vento Negro fosse sólido. O inferno ainda rugia lá dentro.

Tentando entender o que acontecia, com a mente vaga e distante, Rand assistiu a Loial, ainda engatinhando, afastar-se dos portões que se fechavam.

A fenda foi diminuindo até sumir. As folhas e vinhas se fundiram em uma parede sólida, que virou pedra.

Rand sentiu a ligação entre ele e o fogo se romper, sentiu cessar o luxo do Poder que o atravessava. Mais um instante, e ele teria sido completamente arrebatado. Tremendo, caiu de joelhos. Aquilo estava lá, dentro dele. *Saidin*. Não fluía mais, mas estava ali, em um reservatório. Ele era um reservatório do Poder Único. Vibrava com aquilo. Conseguia sentir o cheiro da grama, a terra abaixo, a pedra dos

muros. Mesmo no escuro, via cada folha de grama, sozinha e em conjunto com as outras, todas elas ao mesmo tempo. Conseguia sentir cada minúscula movimentação do ar em seu rosto. Sentia na língua o gosto azedo da mácula, e seu estômago embrulhado sofria espasmos.

Ele se debateu freneticamente, tentando sair do vazio. Ainda de joelhos, sem se mover, lutou para se libertar. E então tudo o que restava era aquela impureza se desmanchando em sua língua, o embrulho em seu estômago, e a lembrança. *Tão… vivo*.

— Você nos salvou, Construtor. — Hurin estava com as costas contra o muro, e sua voz saiu rouca. — Aquela coisa… aquilo era o Vento Negro?… Era pior do que… E ia tacar aquele fogo na gente? Lorde Rand! Aquilo feriu o senhor? Aquele negócio encostou em você?

Ele foi correndo até Rand, que tentava se levantava, ajudando-o. Loial também estava se levantando, limpando as mãos e os joelhos.

— Nunca conseguiremos seguir Fain por ali. — Rand tocou o braço de Loial. Obrigado. Você nos salvou *mesmo*. — *Você me salvou, pelo menos. Aquilo estava me matando. Estava me matando, e foi… maravilhoso…* Ele engoliu em seco. Ainda havia um leve vestígio do gosto da mácula em sua boca. — Quero beber alguma coisa.

— Eu só encontrei a folha e a coloquei no lugar — respondeu Loial, dando de ombros. — Parecia que o Vento ia nos matar se não conseguíssemos fechar o Portal. Temo não ser um herói muito bom, Rand. Estava com tanto medo que mal conseguia pensar.

— Nós dois estávamos com medo — retrucou Rand. — Podemos até ser um péssimo par de heróis, mas é o que temos. É bom que Ingtar continue conosco.

— Lorde Rand — perguntou Hurin, hesitante —, será que a gente pode… ir embora agora?

O farejador fez um escarcéu, pois não queria deixar Rand pular o muro primeiro, não sem saberem quem os esperava do outro lado. Até que o rapaz lembrou que, dos três, era o único armado. Mesmo assim, Hurin não pareceu feliz em deixar Loial erguer Rand.

Rand caiu de pé, com um baque, passando a examinar a noite com os olhos e ouvidos. Por um instante, teve a impressão de ter visto algo se mover e pensou ter ouvido o som de passos no calçamento de tijolos, mas nada daquilo se repetiu, e ele achou que o nervosismo o estivesse fazendo imaginar tudo. Achava que tinha o direito de estar nervoso. Virou-se para ajudar Hurin a descer.

— Lorde Rand — começou Hurin, assim que pôs os pés no chão —, como a gente vai seguir os Amigos das Trevas agora? Pelo que ouvi sobre essas coisas, a essa altura eles já devem estar a meio mundo daqui, em qualquer lugar.

— Verin vai saber como. — De repente, Rand sentiu vontade de rir: para encontrar a Trombeta e a adaga, se é que elas ainda podiam

ser encontradas, ele precisava voltar para o lado das Aes Sedai. Elas o haviam libertado, e agora ele precisava voltar. — Não deixarei Mat morrer sem tentar.

Loial se juntou a eles, e os três retornaram à mansão. Foram recebidos por Mat, que abriu a portinhola bem na hora que Rand levava a mão à maçaneta.

— Verin disse que não é para você fazer nada. Disse que, se Hurin descobriu onde está a Trombeta, é tudo o que podemos fazer por enquanto. E também disse que partiremos assim que você voltar e bolaremos um plano. E estou dizendo que essa é a última vez que eu corro de um lado para outro levando recados. Se quiser dizer alguma coisa a alguém, pode falar você mesmo, daqui para a frente. — Mat olhou para trás deles, analisando a escuridão. — A Trombeta está em algum lugar lá fora? Em outro prédio? Você viu a adaga?

Rand o fez virar e voltar para dentro.

— Não está em nenhum prédio, Mat. Espero que Verin tenha uma boa ideia do que fazer agora, porque eu não tenho nenhuma.

Mat parecia querer fazer perguntas, mas se deixou empurrar pelo corredor mal iluminado. E até se lembrou de mancar quando chegaram ao andar de cima.

Quando Rand e os outros entraram mais uma vez nos salões cheios de nobres, receberam numerosos olhares. Rand se perguntou se, de alguma forma, todos sabiam sobre o que acontecera lá fora ou se deveria ter mandado Hurin e Mat esperarem no salão da frente. Até que percebeu que os olhares não eram diferentes dos de antes, curiosos e calculistas, imaginando o que o lorde e o Ogier estiveram tramando. Os serviçais eram invisíveis para aquelas pessoas. Ninguém tentou se aproximar deles, já que estavam juntos. Parecia haver protocolos conspiratórios no Grande Jogo: qualquer um podia tentar ouvir uma conversa particular, mas não podia se intrometer.

Verin e Ingtar estavam juntos, e, portanto, sozinhos. Ingtar parecia um pouco atordoado. Verin olhou para Rand e os outros três de relance, franziu a testa ao perceber suas expressões, ajeitou o xale e foi em direção ao salão de entrada.

Barthanes apareceu assim que entraram no aposento, como se alguém tivesse avisado que o grupo estava de partida.

— Vão embora tão cedo? Verin Sedai, não consigo persuadi-la a ficar um pouco mais?

Verin negou com a cabeça.

— Precisamos ir, Lorde Barthanes. Não venho a Cairhien há anos. Fiquei feliz por seu convite ao jovem Rand. Foi… interessante.

— Então que a Graça a leve em segurança à estalagem. A Grande Árvore, não é? Quem sabe vocês não me honram com suas presenças outra vez? Você me honraria, Verin Sedai, assim como você, Lorde

Rand, e você, Lorde Ingtar. Sem mencionar você, Loial, filho de Arent, filho de Halan. — Sua reverência foi um pouco mais profunda para a Aes Sedai do que para os outros, mas mesmo assim não foi mais que uma leve inclinação da cabeça.

Verin assentiu.

— Quem sabe. Que a Luz o ilumine, Lorde Barthanes. — Ela se virou para a porta.

Quando Rand se moveu para seguir os outros, Barthanes segurou a manga de sua camisa com dois dedos, detendo-o. Mat fez menção de ficar também, mas Hurin o puxou para junto de Verin e dos demais.

— Você joga o Grande Jogo em um nível mais profundo do que eu imaginava — começou Barthanes, em voz baixa. — Quando ouvi seu nome, não consegui acreditar. Ainda assim você veio e se encaixa na descrição, e… Recebi uma mensagem para você. Acho que vou repassá-la, no fim das contas.

Rand sentira um calafrio enquanto Barthanes falava, mas a última frase o fez encarar o lorde.

— Uma mensagem? De quem? Lady Selene?

— De um homem. Não o tipo de homem para o qual eu normalmente levaria recados, mas ele sabe… alguns… segredos meus, de maneira que não posso ignorá-lo. Não me disse o nome, mas era lugaderno. Ah, você o conhece.

— Conheço. — *Fain deixou uma mensagem?* Rand examinou o grande salão ao redor. Mat, Verin e os outros esperavam perto da porta. Serviçais de libré aguardavam, rijos, ao longo das paredes, prontos para saltar à primeira ordem, mas parecendo não ver nem ouvir o que se passava. Os sons da festa chegavam até ele, vindos do interior da mansão. Não parecia um lugar propício a ataques de Amigos das Trevas. — Que mensagem?

— Ele diz que esperará por você na Ponta de Toman. Ele tem o que você procura, e, se quiser de volta, terá que segui-lo. Caso você se recuse, ele diz que caçará seu sangue, sua gente e os que você ama até que você o enfrente. Parece loucura, claro, um homem como aquele dizendo que vai caçar um lorde. Mas há algo estranho nele. Acho que ele é *mesmo* louco. Chegou a negar que você fosse um lorde, mesmo quando qualquer um pode ver a verdade… Mas ainda tinha alguma coisa. O que é que ele leva consigo, que precisa de Trollocs para guardar? O que é que você procura? — Barthanes parecia chocado com a franqueza das próprias perguntas.

— Que a luz o ilumine, Lorde Barthanes. — Rand conseguiu fazer uma reverência, mas estava com as pernas tremendo quando se juntou a Verin e aos demais. *Ele* quer *que eu o siga? E vai ferir as pessoas do Campo de Emond e Tam, se eu não o seguir*. Não tinha dúvidas de que Fain poderia fazê-lo e de que o faria. *Pelo menos Egwene está a salvo na*

Torre Branca. Teve visões nauseantes de hordas de Trollocs marchando sobre Campo de Emond, de Desvanecidos sem olhos espreitando Egwene. *Mas* como *segui- lo? Como?*

Percebeu que já estava do lado de fora, montando Vermelho. Verin, Ingtar e os outros estavam em seus cavalos, e a escolta de shienaranos se agrupava ao redor deles.

— O que você descobriu? — exigiu saber Verin. — Onde ela está?

Hurin pigarreou alto, e Loial se remexeu na sela alta. A Aes Sedai os fitou.

— Fain usou um Portal dos Caminhos para levar a Trombeta até a Ponta de Toman — respondeu Rand, apático. — A esta altura ele já deve estar lá me esperando.

— Falaremos disso mais tarde — respondeu Verin, com tanta firmeza que ninguém mais conversou no caminho de volta à Grande Árvore.

Uno os deixou, depois de uma ordem discreta de Ingtar, levando os soldados de volta para a estalagem em Portão da Frente. Hurin precisou apenas olhar o rosto decidido de Verin, à luz do salão, para murmurar alguma coisa sobre tomar uma cerveja e recolher-se a uma mesa em um canto, sozinho. A Aes Sedai dispensou os cumprimentos solícitos da estalajadeira que esperava que ela tivesse se divertido e, em silêncio, levou Rand e os demais à sala de jantar reservada.

Perrin ergueu os olhos de *As Jornadas de Jain, o Viajante* quando eles entraram e franziu a testa ao notar suas expressões.

— Acho que não deu muito certo, não é? — perguntou, fechando o livro encadernado em couro.

Lampiões e velas espalhados pela sala iluminavam bem o ambiente. Madame Tiedra cobrava caro, mas não economizava.

Verin dobrou o xale com muito cuidado e o pendurou no espaldar de uma cadeira.

— Conte outra vez. Os Amigos das Trevas levaram a Trombeta por um *Portal dos Caminhos*? Na mansão de Barthanes?

— O terreno da mansão já foi um bosque Ogier — explicou Loial. — Quando construímos… — As palavras se perderam em sua boca, e suas orelhas baixaram sob o olhar da Aes Sedai.

— Hurin os seguiu direto até o Portal. — Rand se jogou, cansado, em uma cadeira. *Agora, mais do que nunca, preciso seguir Fain. Mas como?* — Eu o abri, para mostrar a ele que ainda podíamos seguir a trilha não importava onde fossem, e o Vento Negro estava lá e tentou nos alcançar. Loial conseguiu fechar o Portal antes que aquilo se libertasse completamente. — Ele ruborizou um pouco na última parte, mas *era verdade*: Loial fechara o Portal. Até onde sabia, *Machin Shin* poderia ter se libertado se o Ogier não tivesse agido. — O Vento estava de guarda.

— O Vento Negro — Mat suspirou, parando a meio caminho de uma cadeira.

Perrin também fitava Rand, assim como Verin e Ingtar. Mat caiu na cadeira com um estrondo.

— Você deve estar enganado — respondeu Verin, por fim. — *Machin Shin* não poderia ser usado como guarda. Ninguém pode forçar o Vento Negro a fazer o que quer que seja.

— Aquilo é uma coisa do Tenebroso — retrucou Mat, entorpecido. — E eles são os Amigos das Trevas. Talvez saibam como pedir a ajuda dele ou fazê-lo ajudar.

— Ninguém sabe bem o que é *Machin Shin* — respondeu Verin —, a não ser, talvez, que é a essência da loucura e da crueldade. Não se pode argumentar com ele, Mat, nem negociar nem falar. Ele não pode sequer ser forçado a fazer algo. Nenhuma Aes Sedai viva conseguiria, e talvez nem mesmo qualquer uma que já tenha vivido. Você realmente acha que Padan Fain conseguiria fazer o que dez Aes Sedai não conseguem?

Mat negou com a cabeça.

Um clima de desesperança pairava na sala, um ar de fracasso. Agora que o objetivo desaparecera, até mesmo Verin tinha uma expressão hesitante.

— Nunca imaginei que Fain teria a coragem necessária para se aventurar pelos Caminhos. — Ingtar parecia quase sereno, mas socou a parede de repente. — Não me importa como, ou mesmo se, mas sei que *Machin Shin* trabalha a favor de Fain. Eles levaram a Trombeta de Valere pelos Caminhos, Aes Sedai. A esta altura já podem estar na Praga, a meio caminho de Tear ou Tanchico, ou do outro lado do Deserto Aiel. A Trombeta está perdida. Eu estou perdido. — Ele deixou as mãos caíram junto ao corpo, e seus ombros se curvaram. — Estou perdido.

— Fain está levando a Trombeta para a Ponta de Toman — disse Rand, tornando-se outra vez o centro das atenções.

Verin o estudou com um olhar de desconfiança.

— Você disse isso antes. Como sabe?

— Ele deixou uma mensagem com Barthanes — respondeu Rand.

— Um truque — disse Ingtar, com desdém. — Ele não nos diria para onde segui-lo.

— Não sei o que o resto de vocês planeja fazer — interrompeu-o Rand —, mas eu vou para a Ponta de Toman. Preciso ir. Parto com a primeira luz do dia.

— Mas Rand — retrucou Loial —, levaremos meses para chegar à Ponta de Toman. O que o faz pensar que Fain nos esperará por lá?

— Ele vai esperar. — *Mas quanto tempo vai levar para pensar que eu não estou a caminho? Por que ele deixou aquilo de guarda se queria*

que eu seguisse? — Loial, pretendo cavalgar o mais rápido que puder, e, se Vermelho morrer, comprarei outro cavalo, ou roubarei um, se for preciso. Tem certeza de que quer vir comigo?

— Fiquei com você esse tempo todo, Rand. Por que o abandonaria agora? — Loial puxou o cachimbo e a bolsa e começou a encher a cuia de tabaco.— Sabe, eu gosto de você. E gostaria de você mesmo que não fosse *ta'veren*. Talvez eu goste de você apesar disso. Várias vezes até parece que você me deixa até o pescoço em água fervente. De qualquer forma, eu vou junto. — Ele sugou o pito para testar, então pegou um palito de um jarro de pedra sobre a lareira e o mergulhou na chama de uma vela, para acender o cachimbo. — E acho que você não pode me impedir.

— Bem, eu vou — acrescentou Mat. — Fain ainda está com a adaga, então eu vou. Mas essa história de serviçal acaba hoje.

Perrin suspirou, com uma expressão pensativa nos olhos amarelos.

— Acho que também vou. — Depois de um momento, sorriu. — Alguém precisa manter o Mat longe de problemas.

— E nem foi um truque inteligente — murmurou Ingtar. — Vou dar um jeito de me encontrar a sós com Barthanes, então descobrirei a verdade. Meu objetivo é recuperar a Trombeta de Valere, não perseguir uma história furada.

— Pode não ser um truque — sugeriu Verin, medindo as palavras. — Havia certas coisas deixadas nas masmorras de Fal Dara, alguns escritos, que indicavam uma conexão entre o que aconteceu naquela noite e… — Ela olhou de relance para Rand, com as sobrancelhas franzidas —… a Ponta de Toman. E acredito que encontraremos a Trombeta lá.

— Mesmo que estejam indo para a Ponta de Toman — retrucou Ingtar —, Fain ou algum outro Amigos das Trevas pode já ter tocado a Trombeta cem vezes quando chegarmos lá, e os heróis que voltarem do túmulo lutarão ao lado da Sombra.

— Fain poderia ter tocado a Trombeta cem vezes desde que saiu de Fal Dara — respondeu Verin. — E eu acho que teria, se soubesse abrir o baú. Precisamos nos preocupar é com ele encontrar alguém que saiba. Precisamos segui-lo pelos Caminhos.

A cabeça de Perrin se ergueu abruptamente, e Mat se mexeu na cadeira. Loial soltou um gemido baixinho.

— Mesmo que conseguíssemos dar um jeito de passar pelos guardas de Barthanes — disse Rand —, acho que ainda encontraríamos Machin Shin lá. Não podemos usar os Caminhos.

— E quantos de nós conseguiriam entrar despercebidos no terreno de Barthanes? — perguntou Verin, descartando a hipótese. — Há outros Portais dos Caminhos. O Pouso Tsofu não ica muito longe da

cidade, para o sul e para o leste. É um *pouso* jovem, foi redescoberto há, talvez, seiscentos anos, mas os anciões Ogier ainda cultivavam Portais dos Caminhos naquela época. Então o Pouso Tsofu deve ter um Portal. Ele está lá, e partiremos à primeira luz da manhã.

Loial soltou um gemido um pouco mais alto, e Rand não soube dizer se era por causa do Portal dos Caminhos ou do *pouso*.

Ingtar ainda não parecia convencido, mas Verin era suave e implacável como neve deslizando pela montanha.

— Ordene que seus soldados fiquem prontos para partir, Ingtar. Mande Hurin informar Uno antes que ele vá para a cama. E acho que deveríamos todos dormir o mais cedo possível. Esses Amigos das Trevas ganharam pelo menos um dia de vantagem, e eu pretendo diminuir a diferença amanhã.

A Aes Sedai rechonchuda era tão firme que já estava empurrando Ingtar pela porta antes mesmo de terminar de falar.

Rand seguiu os outros para fora, mas parou ao lado da Aes Sedai, quando chegou à porta, e observou Mat seguir pelo corredor à luz das velas.

— Por que ele está com essa aparência? — perguntou. — Achei que você o tivesse Curado, pelo menos para ele ainda ter algum tempo.

Ela esperou que Mat e os outros virassem na escada e subissem, antes de falar:

— Parece que isso não funcionou tão bem nele quanto esperávamos. A doença tomou um rumo interessante nele. Sua força permanece, e acho que ele a manterá até o fim. Mas seu corpo está se desgastando. Diria que ele tem mais algumas semanas, no máximo. Está vendo? Há motivo para nos apressarmos.

— Não preciso de outro empurrão, Aes Sedai — respondeu Rand, fazendo o título soar duro. *Mat. A Trombeta. A ameaça de Fain. Luz, até Egwene! Que me queime, eu não preciso de outro empurrão*.

— E você, Rand al'Thor? Sente-se bem? Ainda resiste ou se rendeu à Roda?

— Vou com você em busca da Trombeta — respondeu. — Além disso, não há nada entre eu e qualquer Aes Sedai. Está me entendendo? Nada!

Ela não respondeu, e ele se afastou. Mas, quando se virou para subir a escada, viu que ela ainda o observava, com os olhos escuros aguçados e pensativos.

34

A Roda Tece

A primeira luz da manhã já cobria o céu de uma luz perolada quando Thom Merrilin voltou à estalagem Cacho de Uvas, quase se arrastando. Mesmo nos lugares com maior concentração de casas de espetáculos e tavernas, havia um breve momento em que Portão da Frente ficava silenciosa, como se tomasse fôlego. Mas, no seu presente estado de espírito, Thom sequer notaria se a rua vazia estivesse em chamas.

Alguns dos convidados de Barthanes insistiram em mantê-lo lá muito depois de a maioria ter ido embora, bem depois de Barthanes ter se retirado para seus aposentos. Fora sua própria culpa, pois deixara de lado a *Grande Caçada à Trombeta* , decidindo em vez disso recitar e cantar as mesmas histórias e canções que apresentava nas aldeias. *Mara e o Três Reis Tolos, Como Susa Domou Jain, o Viajante* , e histórias de Anla, a Sábia Conselheira. A intenção fora debochar da estupidez da plateia, sem sequer imaginar que qualquer pessoa ali fosse ouvi-lo, quanto mais ficar intrigada. É, podia-se dizer que ficaram intrigados. Pediram que continuasse, mas riram nos momentos errados e das coisas erradas. Também riram dele, aparentemente achando que ele não perceberia, ou que a bolsa de dinheiro cheia, enfiada em seu bolso, curaria quaisquer feridas. Thom já chegara perto de jogá-la fora duas vezes.

A bolsa pesada que ardia em seu bolso e feria seu orgulho não era o único motivo para seu mau humor, nem o desprezo dos nobres. Eles haviam feito perguntas sobre Rand, sem sequer se preocuparem em ser sutis com um mero menestrel. Por que Rand estava em Cairhien? Por

que um lorde andoriano falara em particular com ele, um menestrel? Perguntas demais. E Thom não sabia ao certo se suas respostas haviam sido sagazes o suficiente. Estava um pouco enferrujado no Grande Jogo.

Antes de seguir para a Cacho de Uvas, o menestrel fora até a Grande Árvore. Não era di ícil descobrir onde alguém estava hospedado em Cairhien, se estivesse disposto a distribuir um pouco de prata. Ele ainda não sabia o que havia pretendido dizer. Rand partira, junto com seus amigos e a Aes Sedai. Aquilo o deixara com a sensação de uma tarefa incompleta. *O garoto está por conta própria agora. Que me queime, estou fora dessa!*

Ele atravessou o salão da estalagem, vazio como em poucos momentos, e subiu a escada de dois em dois degraus. Pelo menos, foi o que tentou fazer: sua perna direita não dobrava muito bem, e ele quase caiu. Resmungando baixinho, terminou de subir em um ritmo mais lento e abriu a porta do quarto delicadamente, para não acordar Dena.

Não conseguiu deixar de sorrir ao vê-la deitada na cama, com o rosto voltado para a parede, ainda de vestido. *Dormiu esperando por mim, essa menina tola*. Mas foi um pensamento terno. Thom não conseguia pensar em algo que ela pudesse fazer que ele não fosse perdoar ou explicar. Resolvendo em um impulso que aquela seria a noite em que a deixaria se apresentar pela primeira vez, colocou o estojo da harpa no chão e tocou o ombro dela com uma das mãos, para acordá-la e dar a notícia.

Ela rolou, inerte, fitando-o com os olhos vidrados, sua garganta cortada. O lado da cama que estivera oculto por seu corpo estava escuro e encharcado.

O estômago de Thom ficou embrulhado. Se não tivesse um nó na garganta impedindo-o de respirar, teria vomitado. Ou gritado. Ou as duas coisas.

Teve como aviso apenas o ranger das portas do armário. Virou-se, com as facas já saindo das mangas e deixando suas mãos em um só movimento. A primeira lâmina acertou a garganta de um homem gordo e careca que empunhava uma adaga. O estranho cambaleou para trás, com o sangue escorrendo por entres os dedos que tateavam a faca enquanto ele tentava gritar.

Girar apoiado na perna ruim o atrapalhou quando lançou a segunda faca: a lâmina se cravou no ombro direito de um homem muito musculoso, com cicatrizes no rosto, que saía do outro guarda-roupa. A faca do grandalhão escorregou de sua mão, que de repente não queria mais obedecê-lo, e ele partiu desesperado em direção à porta.

Antes que o homem conseguisse dar o segundo passo, Thom

puxou outra faca e acertou a parte de trás de sua perna. O homem gritou e tropeçou, e Thom agarrou um punhado de cabelo oleoso, batendo a cabeça do outro na parede ao lado da porta com toda a força. O homem gritou mais uma vez, quando o cabo da faca em seu ombro bateu na porta.

Thom segurou a faca em sua mão a dois dedos do olho do desconhecido. As cicatrizes lhe davam uma aparência dura, mas ele encarava a ponta, sem piscar, e não movia um músculo. O gordo, que jazia com metade do corpo dentro do armário, soltou um último espasmo e ficou imóvel.

— Antes de eu matar você — começou Thom —, me diga o motivo. — Sua voz estava calma, entorpecida. Ele se sentia entorpecido por dentro.

— O Grande Jogo — respondeu o homem, mais do que depressa. Seu sotaque era das ruas, assim como as roupas, mas elas eram um pouco mais elegantes do que o normal, novas demais: aquele homem tinha mais dinheiro para gastar do que alguém de Portão da Frente deveria ter. — Não é nada pessoal, entende? É só o Jogo.

— O Jogo? Não estou metido em *Daes Dae'mar*! Quem iria querer me matar por causa do Grande Jogo? — O homem hesitou. Thom aproximou a faca ainda mais. Se o sujeito piscasse, seus cílios a tocariam. — Quem?

— Barthanes. — Foi a resposta, rouca. — Lorde Barthanes. Mas não íamos matar você. Barthanes quer informações. Só queríamos descobrir o que você sabe. Pode ter ouro nessa, para você. Uma boa coroa gorda de ouro pelo que você sabe. Talvez duas.

— Mentiroso! Estive na mansão de Barthanes ontem à noite, e fiquei tão perto dele quanto estou de você. Se ele quisesse qualquer coisa comigo, eu jamais teria saído vivo de lá.

— Estou dizendo, há dias estamos procurando por você ou por qualquer um que saiba alguma coisa sobre esse lorde andoriano. Nunca tinha ouvido seu nome até ontem à noite, ali embaixo. Lorde Barthanes é generoso. Quem sabe cinco coroas.

O homem tentou afastar a cabeça da faca na mão de Thom, que o empurrou mais forte contra a porta.

— Que lorde andoriano? — Mas ele sabia. Que a luz o ajudasse, ele sabia.

— Rand, da Casa al'Thor. Alto. Jovem. E um mestre espadachim, ou que pelo menos usa a espada de um. Eu sei que ele veio vê-lo, ele e um Ogier, e que vocês conversaram. Me diga o que sabe. Posso até lhe dar uma coroa ou duas eu mesmo.

— Seu idiota — bufou Thom. — *Dena morreu por isso? Ah, Luz, ela está morta…* Sentiu vontade de chorar. — O garoto é um pastor. — *Um pastor usando um casaco chique, com Aes Sedai em volta dele como*

abelhas em uma rosa-de-mel. — Só um pastor. — Ele segurou o cabelo do homem ainda mais forte.

— Espere! Espere! Você pode ganhar mais de cinco coroas, até mesmo dez. Cem, é mais provável. Todas as casas querem informações sobre esse Rand al'Thor. Duas ou três já falaram comigo. Se juntarmos o que você sabe com o meu conhecimento de quem quer saber, podemos os dois encher os bolsos. E tinha uma mulher, uma lady que eu vi mais de um vez enquanto perguntava por ele. Se conseguirmos descobrir quem ela é… Ora, podemos vender essa informação também.

— Você cometeu um grande erro — comentou Thom.

— Erro? — O homem começou a baixar a mão esquerda em direção ao cinturão. Sem dúvida havia outra adaga ali. Thom o ignorou.

— Você não devia ter tocado na garota.

O homem moveu-se depressa, tentando alcançar o cinturão, mas teve um espasmo quando a faca de Thom atingiu o alvo.

O menestrel deixou o corpo cair longe da porta e ficou parado um momento antes de se abaixar, cansado, para recolher as facas. A porta abriu com um estrondo, e ele se virou, rosnando.

Zera recuou, levando uma das mãos ao pescoço, e olhou para ele.

— Aquela tola da Ella acaba de me contar — começou, vacilante — que dois homens a serviço de Barthanes estiveram aqui ontem à noite, perguntando por você. Juntando isso com o que ouvi essa manhã… Achei que você tivesse me dito que estava fora do Jogo.

— Eles me encontraram — retrucou, abatido.

Os olhos dela se desviaram de seu rosto e se arregalaram ao registrarem os corpos dos dois homens. Ela entrou no quarto, apressada, fechando a porta.

— Isso é péssimo, Thom. Você vai precisar ir embora de Cairhien. — Seu olhar se deteve na cama, e ela perdeu o fôlego. — Ah, não!… Ah, não… Ah, Thom… Eu sinto muito…

— Não posso ir embora ainda, Zera. — Ele hesitou, então, em um gesto carinhoso, colocou um lençol sobre Dena, cobrindo-lhe o rosto. — Tenho que matar outro homem primeiro.

A estalajadeira se recompôs e desviou o olhar da cama. Ela estava ofegante.

— Se está falando de Barthanes, é tarde demais. Todo mundo já está comentando. Ele morreu. Os serviçais acharam o corpo esta manhã, esquartejado em seus aposentos pessoais. Só souberam que era ele porque a cabeça estava enfiada em uma estaca acima da lareira. — Ela tocou o braço do menestrel. — Thom, você não vai conseguir esconder que esteve lá ontem à noite, não se alguém realmente quiser saber. E, com mais esses dois mortos, ninguém em Cairhien vai

acreditar que você não estava envolvido. — Havia um leve tom inquisitivo nas palavras dela, como se também considerasse aquilo.

— Acho que não importa — respondeu ele, apático. Não conseguia parar de olhar para a forma na cama. — Talvez eu volte para Andor. Para Caemlyn.

Ela o segurou pelos ombros, virando-o de costas para a cama.

— Vocês, homens… — suspirou. — Sempre pensando com os músculos ou com o coração, nunca com a cabeça. Caemlyn é tão ruim quanto Cairhien, para você. Em qualquer uma delas vai acabar morto ou preso. Acha que é isso que ela ia querer? Se quer honrar a memória dela, continue vivo.

— Você pode cuidar do… — Ele não conseguiu dizer. *Ficando velho*, pensou. *Amolecendo*. Ele tirou a bolsa pesada do bolso e a colocou nas mãos dela. — Isso deve ser o suficiente… para tudo. E também deve ajudar quando começarem a perguntar por mim.

— Vou cuidar de tudo — respondeu ela, gentil. — Você precisa ir, Thom. Agora.

Ele assentiu, relutante. Bem devagar, começou a enfiar pertences em um conjunto de alforjes. Enquanto ele cuidava disso, Zera examinou pela primeira vez o gordo com metade do corpo dentro do armário, então ofegou alto. Thom olhou para ela, intrigado: desde que a conhecia, ela nunca tinha sido do tipo que desmaia ao ver sangue.

— Esses não são homens de Barthanes, Thom. Pelo menos esse aqui não é. — Ela indicou o gordo com a cabeça. — Deve ser o segredo mais mal guardado de Cairhien, mas ele trabalha para a Casa Riatin. Para Galldrian.

— Galldrian — repetiu Thom, com voz monótona. *No que aquele pastor maldito me enfiou? No que será que as Aes Sedai enfiaram nós dois? Mas foram os homens de Galldriam que a mataram…*

Alguns de seus pensamentos devem ter transparecido em seu rosto, pois Zera falou, severa:

— Dena quer que você viva, seu idiota! Se tentar matar o rei, vai morrer antes de chegar a cem braças dele. Isso se conseguir chegar tão perto!

Ouviu-se um rugido vindo das muralhas da cidade, como se metade de Cairhien estivesse gritando. Franzindo a testa, Thom olhou pela janela. Além do topo das muralhas cinzentas, acima dos telhados de Portão da Frente, uma grossa coluna de fumaça se elevava em direção ao céu. Bem depois das muralhas. Ao lado da coluna negra, alguns filetes cinzentos logo se transformaram em outra, e mais fagulhas apareceram um pouco mais longe. Ele estimou a distância e respirou fundo.

— Talvez você também devesse pensar em partir. Parece que alguém está incendiando os celeiros.

— Eu já sobrevivi a outras revoltas. Agora vá, Thom. — Com uma última olhada para o corpo de Dena sob a mortalha, ele pegou suas coisas. Mas, quando estava prestes a partir, Zera falou outra vez: — Você está com um brilho perigoso no olhar, Thom Merrilin. Imagine se Dena estivesse sentada aqui, viva e bem. Pense no que ela diria. Ela deixaria você sair daqui para morrer à toa?

— Eu sou apenas um velho menestrel — respondeu ele, da porta. *E Rand al'Thor é apenas um pastor, mas nós dois fazemos o que precisamos fazer*. — Quem me acharia perigoso?

Ao fechar a porta, ocultando Zera, ocultando Dena, um sorriso lupino, meio melancólico, brotou em seu rosto. Sua perna doía, mas ele mal sentiu a dor ao descer a escada, veloz e determinado, e sair da estalagem.

Padan Fain puxou as rédeas do cavalo no topo de uma colina acima de Falme, em um dos poucos arvoredos esparsos que ainda restavam nos arredores da cidade. O cavalo de carga que transportava o precioso fardo esbarrou em sua perna, e ele o chutou nas costelas sem nem olhar. O animal bufou e voltou a esticar a corda que o mantinha preso à sela de Fain. A mulher não quisera ceder o cavalo, assim como os Amigos das Trevas que o haviam seguido não queriam ser deixados sozinhos com os Trollocs nas colinas sem a presença protetora de Fain. A solução para os dois problemas fora simples. Carne nos caldeirões dos Trollocs não precisaria de uma montaria. Os companheiros da mulher já tinham ficado abalados com a viagem pelos Caminhos até o Portal próximo a um antigo *pouso* abandonado na Ponta de Toman. E assistir aos Trollocs preparando o jantar deixara os Amigos das Trevas remanescentes extremamente dóceis.

Do limiar das árvores, Fain analisou a cidadela sem muralhas e bufou com desdém. Uma pequena comitiva de mercadores passava com estrépito por entre os estábulos, currais e pátios de carroções que margeavam a cidade. Enquanto isso, outra saía, levantando pouca poeira da terra batida por anos de tráfego semelhante. Os homens guiando os carroções e os outros poucos que cavalgavam ao lado deles eram todos locais, pelas roupas, mas, mesmo assim, os homens montados levavam espadas em talabartes, e alguns outros tinham até lanças e arcos. Os poucos soldados que vira não pareciam vigiar os homens armados que supostamente haviam conquistado.

Ele aprendera alguma coisa sobre essas pessoas, esses Seanchan, no dia e noite que passara na Ponta de Toman. Ao menos, aprendera o que a população derrotada sabia. Nunca era muito di ícil encontrar alguém sozinho, e essas pessoas sempre respondiam as perguntas, se fossem feitas da forma certa. Os homens tinham sempre mais informações sobre os invasores, como se realmente acreditassem que,

em algum momento, encontrariam utilidade para elas, mas às vezes tentavam omitir algo. As mulheres, em sua maioria, pareciam interessadas em continuar com suas vidas não importava quem fossem seus governantes, mas notavam detalhes que os homens ignoravam e falavam mais rápido depois que paravam de gritar. As crianças eram as que começavam a falar mais depressa, porém raramente diziam muita coisa de útil.

Descartara três quartos do que ouvira como absurdos e rumores se tornando fábulas, mas revia algumas de suas conclusões naquele momento. Ao que parecia, qualquer um podia entrar em Falme. Tomado pela surpresa, ele viu a verdade em mais alguns "absurdos" quando vinte soldados saíram montados da cidade. Não conseguia distinguir as montarias muito bem, mas certamente não eram cavalos. Elas corriam com graciosidade, e as peles escuras pareciam reluzir ao sol da manhã, como se cobertas de escamas. Esticou o pescoço para vê-las desaparecer rumo ao interior e, então, impeliu o cavalo em direção à cidade com os calcanhares.

A população local entre os estábulos, carroções estacionados e currais não lhe dirigiu mais que um olhar ou dois. Ele também não tinha qualquer interesse neles. Entrou na cidade, passando pelas ruas calçadas de pedra que desciam até o porto. Conseguia vê-lo claramente, assim como os grandes navios Seanchan, com seus formatos estranhos, que estavam ancorados. Ninguém o importunou em sua busca por ruas nem cheias, nem vazias. Havia mais soldados Seanchan ali. As pessoas se apressavam em cuidar de seus afazeres de cabeça baixa, fazendo mesuras sempre que os soldados passavam, mas os Seanchan não lhes davam atenção. Tudo parecia pacífico, a despeito dos Seanchan de armadura andando pelas ruas e dos navios no porto, mas Fain conseguia sentir a tensão sob a super ície. Ele sempre se saía bem onde os homens estavam tensos e temerosos.

Chegou a uma casa grande com mais de dez soldados de guarda na porta. Fain parou e apeou. Exceto por um óbvio oficial, a maioria usava armaduras de um preto liso, e seus elmos o lembravam cabeças de lagosta. Duas feras com pele de couro, três olhos e bicos chifrudos em vez de bocas ladeavam a porta da frente, agachados como sapos. Os soldados ao lado de cada uma das criaturas tinham três olhos pintados no peitoral da armadura. Fain examinou o estandarte de bordas azuis que tremulava acima do telhado, um gavião de asas abertas segurando raios em suas garras, e riu por dentro.

Mulheres entravam e saíam de uma casa do outro lado da rua, mulheres ligadas por correntes de prata, mas ele as ignorou. Descobrira a existência d a s *damane* por intermédio dos aldeões. Elas poderiam ter alguma utilidade depois, mas não naquele momento.

Os soldados estavam olhando para ele, especialmente o oficial,

cuja armadura era toda dourada, vermelha e verde.

Forçando um sorriso simpático no rosto, Fain se obrigou a fazer uma profunda reverência.

— Milordes, trago comigo algo que interessará o Grão-lorde. Garanto a vocês que ele vai querer ver este objeto, e a mim, pessoalmente. — Gesticulou, indicando a forma quase quadrada sobre o cavalo de carga, ainda envolta no grande cobertor listrado em que seus homens o haviam encontrado.

O oficial o olhou de cima a baixo.

— Você me soa estrangeiro a esta terra. Já fez os juramentos?

— Eu obedeço, aguardo e servirei — respondeu Fain, suavemente. Todos os que interrogara haviam recitado os juramentos, embora nenhum deles soubesse seu significado. Se aquelas pessoas queriam juramentos, ele estava preparado para jurar qualquer coisa. Já fazia muito tempo que perdera a conta de quantos juramentos fizera.

O oficial gesticulou para que dois de seus homens olhassem o que havia debaixo do cobertor. Resmungos surpresos ante o peso, ao baixarem o enorme volume da sela, se tornaram arquejos quando retiraram o cobertor. O oficial encarou, sem qualquer expressão no rosto, o baú de ouro trabalhado em prata que jazia ali nas pedras da rua. Então olhou para Fain.

— Um presente digno da própria Imperatriz. Você vem comigo.

Um dos soldados revistou Fain com certa violência, mas ele suportou em silêncio, notando que o oficial e os dois soldados que carregavam o baú entregaram as espadas e adagas antes de entrar. Qualquer coisa que pudesse aprender sobre aquelas pessoas, não importava quão pequena, poderia ajudar, embora já estivesse con fiante de seu plano. Ele sempre estava con fiante, mas nunca ficava mais confortável do que em um lugar onde os lordes temiam a faca de um assassino vinda de seus próprios seguidores.

Enquanto passavam pela porta, o oficial franziu a testa, olhando para ele, e, por um momento, Fain se perguntou o motivo. *É claro! As feras*. Fossem o que fossem, certamente não eram piores do que Trollocs, e nada, se comparadas a um Myrddraal, de modo que ele não lhes dirigira um segundo olhar. Era tarde demais para fingir ter medo delas. Mas o Seanchan nada disse, limitando-se a levá-lo para dentro.

E assim, Fain avançou até ter que ficar de cara no chão, em uma sala desprovida de qualquer mobília, além de biombos que escondiam as paredes, enquanto o oficial contava ao Grão-lorde Turak sobre ele e o presente. Serviçais trouxeram uma mesa para colocar o baú, de modo que o Grão-lorde não precisasse se curvar para examiná-lo. Tudo que Fain pôde ver foram os chinelos apressados. Impaciente, ele deu tempo ao tempo. Cedo ou tarde, chegaria um momento em que não seria ele a se curvar.

Então os soldados foram dispensados, e Fain foi instruído a se levantar. Ele o fez bem devagar, analisando tanto o Grão-lorde, com aquela cabeça raspada, unhas longas e túnica de seda azul com brocados floridos, quanto o homem ao lado dele, com a metade não raspada de seus cabelos claros presa em uma longa trança. Fain tinha certeza de que o sujeito de verde era apenas um serviçal, embora importante. Serviçais podiam ser úteis, especialmente quando eram os favoritos de seus mestres.

— Um presente maravilhoso. — Os olhos de Turak se ergueram do baú para Fain. Um aroma de rosas emanava do Grão-lorde. — Contudo, há uma pergunta natural: como alguém como você se apossou de um baú pelo qual muitos lordes menores não conseguiriam pagar? Você é um ladrão?

Fain deu um puxão na túnica desgastada e não muito limpa.

— Às vezes é necessário que um homem aparente ser menos do que é, Grão-lorde. Meu presente desalinho me permitiu trazer-lhe esse presente sem ser incomodado. O baú é antigo, Grão-lorde, antigo como a Era das Lendas, e dentro dele jaz um tesouro no qual poucos já puseram os olhos. Logo, em pouquíssimo tempo, serei capaz de abri-lo e dar-lhe aquilo que o permitirá tomar estas terras até onde desejar. Até a Espinha do Mundo, o Deserto Aiel e as terras além. Nada poderá resistir, Grão-lorde, uma vez que eu… — Ele parou de falar quando Turak começou a passar os dedos com unhas longas por sobre o baú.

— Já vi baús como este, baús da Era das Lendas — falou o Grão-lorde —, embora nenhum tão re finado. São feitos para serem abertos apenas pelos que conhecem a combinação, mas eu… Ah! — Turak fez alguma pressão entre as voltas e saliências ornamentadas, até que ouviu-se um clique e ele levantou a tampa. Um vislumbre do que se poderia considerar decepção passou por seu rosto.

Fain mordeu a própria bochecha até sangrar para se impedir de rosnar. Não ter sido a pessoa a abrir o baú prejudicava seu poder de barganha. Ainda assim, tudo o mais poderia correr conforme o plano se ele conseguisse se obrigar a ser paciente. Mas já fora paciente por muito tempo.

— Estes são tesouros da Era das Lendas? — indagou Turak, erguendo a Trombeta em uma das mãos e a adaga curva com o rubi encrustado no cabo de ouro na outra. Fain cerrou os punhos ao lado do corpo para não agarrar a adaga. — A Era das Lendas — repetiu Turak, em voz baixa, percorrendo a inscrição prateada gravada no pavilhão dourado da Trombeta com a ponta da lâmina da adaga. Suas sobrancelhas se ergueram com o espanto, a primeira expressão espontânea que Fain via nele. Mas, no instante seguinte, o rosto de Turak estava inexpressivo como sempre. — Você faz alguma ideia do que isso é?

— A Trombeta de Valere, Grão-lorde — respondeu Fain, muito calmo, feliz em ver o homem de trança ficar boquiaberto.

Turak limitou-se a assentir, como se balançasse a cabeça para si mesmo.

O Grão-lorde se virou. Fain piscou, surpreso, e chegou a abrir a boca para falar. Então, diante de um gesto firme do louro, seguiu os dois em silêncio.

Era mais uma sala sem nada da mobília original, que fora substituída por biombos e uma única cadeira voltada para um armário redondo. Ainda segurando a Trombeta e a adaga, Turak olhou para o armário, e então para o lado. Não disse uma palavra, mas o outro Seanchan deu ordens rápidas, e, em instantes, apareceram homens vestindo túnicas simples de lã, vindos de uma porta atrás dos biombos, trazendo uma pequena mesa. Uma jovem de cabelos tão claro que eram quase brancos veio atrás deles, com os braços cheios de pequenos suportes de madeira polida, de diversas formas e tamanhos. A roupa dela era de seda branca, tão fina que Fain conseguia ver o corpo da jovem através do tecido, mas ele tinha olhos apenas para a adaga. A Trombeta era um meio para um fim, mas a adaga era parte dele.

Turak tocou muito brevemente um dos suportes de madeira que a garota segurava, e ela o colocou no centro da mesa. Os homens giraram a cadeira para que ficasse de frente para ela, sob a orientação do homem de trança. Os cabelos dos serviçais inferiores iam até os ombros. Eles se retiraram mais do que depressa, com reverências tão profundas que suas cabeças quase tocavam os joelhos.

Turak colocou a Trombeta no suporte de modo a deixá-la na vertical, então posicionou a adaga de frente para ela sobre a mesa e se sentou na cadeira.

Fain não conseguiu mais aguentar. Estendeu a mão para pegar a adaga.

O louro segurou seu pulso em um aperto esmagador.

— Seu cão barbado! Saiba que a mão que toca a propriedade do Grão-lorde sem autorização é cortada!

— Ela é minha — rosnou Fain. *Paciência! Tanto tempo…*

Turak, reclinando em sua cadeira, ergueu uma unha pintada de azul. Com isso, Fain foi retirado do caminho, para que o Grão-lorde pudesse ver a Trombeta sem obstruções.

— Sua? — indagou Turak. — Dentro de um baú que você não conseguia abrir? Se achá-lo interessante, posso lhe dar a adaga. Mesmo que ela seja da Era das Lendas, não, esse tipo de coisa não me chama a atenção. Antes de mais nada você vai me responder uma pergunta. Por que trouxe a Trombeta de Valere para mim?

Fain olhou desejosamente para a adaga uma última vez, então

libertou seu pulso e o massageou ao fazer uma reverência.

— Para que o Grão-lorde a toque. Então, poderá conquistar toda esta terra, se desejar. Todo o mundo. Poderá destruir a Torre Branca e transformar as Aes Sedai em pó, pois mesmo os poderes delas não são capazes de deter os heróis que voltarem dos mortos.

— *Eu* devo tocá-la. — A voz de Turak não traía qualquer sentimento. — E destruir a Torre Branca. Mais uma vez, por quê? Você a firma obedecer, aguardar e servir, mas esta é uma terra de traidores. Por que me entrega sua terra? Você tem alguma desavença especial com essas… mulheres?

Fain tentou tornar sua voz convincente. *Paciente, como um verme vindo de dentro*.

— Grão-lorde, minha família tem uma tradição, passada de geração em geração. Servimos ao Grão-rei Artur Paendrag Tanreall, e, quando ele foi assassinado pelas bruxas de Tar Valon, não abandonamos nossos juramentos. Enquanto outros guerreavam e despedaçavam o que Artur Asa-de-gavião construiu, nos agarramos a nossas promessas e sofremos por isso, mas ainda assim as respeitamos. Esta é nossa tradição, Grão-lorde, passada de pai para filho e de mãe para ilha ao longo dos anos, desde que Artur Asa-de-gavião foi assassinado. Aguardamos o retorno dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou ao outro lado do Oceano de Aryth, aguardamos o retorno do sangue de Artur Asa-de-gavião para destruir a Torre Branca e recuperar o que foi do Grão-rei. E, quando o sangue de Asa-de-gavião retornar, serviremos e aconselharemos, como fizemos pelo Grão-rei. Grão-lorde: exceto pela borda, o estandarte que tremula sobre este telhado é o de Luthair, o filho de Artur Paendrag Tanreall, enviado com seus exércitos para o outro lado do oceano. — Fain caiu de joelhos, em uma boa imitação de alguém arrebatado. — Grão-lorde, desejo apenas servir e aconselhar o sangue do Grão-rei.

Turak ficou em silêncio por tanto tempo que Fain começou a se perguntar se ele precisava de mais convencimento. Estava pronto para mais, tanto quanto fosse necessário. Finalmente, contudo, o Grão-lorde falou.

— Você parece saber o que ninguém, nem ilustre, nem humilde, pôde nos dizer desde que avistamos esta terra. Aqui, fala-se disso como um rumor entre dez outros, mas você sabe. Posso ver em seus olhos, ouvir em sua voz. Eu quase poderia acreditar que você foi enviado aqui para me fazer cair em uma armadilha. Mas quem, de posse da Trombeta de Valere, a usaria dessa forma? Nenhum dos do Sangue que vieram com o *Hailene* poderia possuir a Trombeta, pois a lenda diz que ela estava escondida nesta terra. E certamente qualquer lorde daqui a usaria contra mim em vez de colocá-la em minhas mãos. Como você se apossou da Trombeta de Valere? Você a firma ser um

herói, como na lenda? Já realizou feitos valorosos?

— Não sou herói, Grão-lorde. — Fain arriscou um sorriso modesto, mas a expressão de Turak não se alterou, e ele desistiu. — A Trombeta foi encontrada por um ancestral meu durante o tumulto após a morte do Grão-rei. Ele sabia abrir o baú, mas esse segredo morreu com ele na Guerra dos Cem Anos, que fragmentou o império de Artur Asa-de-gavião. De modo que tudo que nós, seus descendentes, sabíamos era que a Trombeta jazia ali dentro. E que deveríamos mantê-la em segurança até que o sangue do Grão-rei retornasse.

— Eu seria quase capaz de acreditar em você.

— Acredite, Grão-lorde. Quanto tiver tocado a Trombeta…

— Não estrague o quanto já conseguiu ser convincente. Eu não tocarei a Trombeta de Valere. Quando retornar a Seanchan, eu a apresentarei à Imperatriz como o maior de meus troféus. Talvez a própria Imperatriz a toque.

— Mas — protestou Fain — o Grão-lorde precisa… — Ele se viu prostrado de lado, com os ouvidos zumbindo. Somente quando sua visão clareou foi que pôde ver o homem da trança loura massageando os nós dos dedos e se deu conta do que acontecera.

— Algumas palavras — disse o sujeito, com suavidade —, jamais são usadas com o Grão-lorde.

Fain decidiu como aquele homem morreria.

Turak olhou de Fain para a Trombeta com muita calma, como se não tivesse visto a cena.

— Talvez eu o entregue à Imperatriz junto com a Trombeta de Valere. Ela deve achar interessante ver um homem que a firma que a própria família permaneceu fiel enquanto todos os outros quebraram os juramentos ou os esqueceram.

Fain escondeu seu júbilo enquanto voltava a ficar de pé. Ele sequer soubera da existência de uma Imperatriz até Turak mencioná-la, mas acesso a outro governante… aquilo abriria novos caminhos, novos planos. Acesso a uma governante com o poder dos Seanchan a seus pés e a Trombeta de Valere nas mãos. Muito melhor do que transformar aquele Turak em um Grão-rei. Ele podia aguardar algumas partes de seu plano. *Calma. Não deve deixá-lo ver o quanto você quer isso. Depois de tanto tempo, um pouquinho mais de paciência não vai doer*.

— Como o Grão-lorde desejar — disse, tentando soar como um homem que quer apenas servir.

— Você parece quase ansioso — retrucou Turak, e Fain mal reprimiu um sobressalto. — Contarei a você por que não vou tocar a Trombeta de Valere, nem sequer ficar com ela, e talvez isso cure sua ansiedade. Não quero que um presente meu ofenda a Imperatriz com

suas ações. Se essa sua ansiedade não puder ser curada, ela jamais será satisfeita, pois você jamais deixará estas terras. Você sabia que a pessoa que tocar a Trombeta de Valere estará ligada a ela a partir do momento em que a soar? Que, enquanto essa pessoa viver, ela não será mais do que uma trombeta comum para qualquer outro? — Ele não parecia esperar respostas, e, de qualquer forma, não parou para ouvi-las. — Sou o décimo segundo na linha de sucessão para o Trono de Cristal. Se eu ficasse com a Trombeta de Valere, todos entre o Trono e eu pensariam que tenho pretensões de ser o primeiro. E, embora seja claro que a Imperatriz deseja que disputemos uns com os outros para que os mais fortes e mais astutos a sucedam, por hora ela favorece sua segunda ilha, Tuon. E não ficaria feliz com qualquer ameaça a ela. Se eu a tocasse, mesmo que pusesse esta terra aos pés dela e encoleirasse todas as mulheres da Torre Branca, a Imperatriz, que ela viva para sempre, decerto pensaria que eu pretendo ser mais do que apenas um herdeiro.

Fain esteve prestes a dizer que aquilo seria possível com a ajuda da Trombeta, mas se conteve. Algo na voz do Grão-lorde sugeria, embora Fain tivesse dificuldade em acreditar, que ele realmente desejava que ela vivesse para sempre. *Preciso ser paciente. Um verme nas raízes*.

— Os Ouvidores da Imperatriz podem estar em qualquer lugar — continuou Turak. — Podem ser qualquer um. Huan é nascido e criado na Casa Aladon, assim como sua família, por onze gerações antes dele. Mas mesmo ele poderia ser um Ouvidor. — O homem de trança fez menção de protestar antes de voltar à imobilidade. — Até mesmo um grão-lorde ou grã-lady pode descobrir que seus segredos mais profundos são de conhecimento dos Ouvidores. Podem acordar e se ver entregues aos Inquiridores da Verdade. A verdade é sempre di ícil de encontrar, mas os Inquiridores não medem esforços na busca, e procurarão enquanto julgarem ser necessário. Eles fazem grandes esforços para que um grão-lorde ou grã-lady não morra sob seus cuidados, é claro, pois nenhuma mão pode matar alguém em cujas veias corre o sangue de Artur Asa-de-gavião. Se a Imperatriz precisa ordenar uma morte dessas, o infeliz é colocado vivo em um saco de seda, e o saco é pendurado na Torre dos Corvos e deixado lá até apodrecer. Não se tomaria tal cuidado com alguém como você. Na Corte das Nove Luas, em Seandar, alguém como você seria entregue aos Inquiridores apenas por um olhar, uma palavra mal colocada ou um capricho. Você ainda está ansioso?

Fain conseguiu fazer seus joelhos tremerem.

— Desejo apenas servir e aconselhar, Grão-lorde. Sei de muito que pode ser útil. — Aquela corte de Seandar parecia ser o tipo de lugar onde seus planos e habilidades encontrariam solo fértil.

— Até que eu retorne a Seanchan, você me divertirá com as histórias sobre sua família e sua tradição. É um alívio encontrar outro homem interessante nesta terra abandonada pela Luz, ainda que você e o primeiro estejam mentindo, como suspeito. Você pode ir. — Não foi dita qualquer outra palavra, mas a garota de cabelos quase brancos apareceu, com passos rápidos, para se ajoelhar de cabeça baixa ao lado do Grão-lorde, oferecendo-lhe um único copo sobre uma bandeja laqueada.

— Grão-lorde — disse Fain. O homem de trança segurou seu braço, mas ele o libertou com um puxão. Os lábios de Huan se crisparam, furiosos, quando Fain fez a reverência mais profunda que já fizera até então. *Vou matá-lo devagar, sim*. — Grão-lorde, há pessoas me perseguindo. Eles querem tomar a Trombeta de Valere. São os Amigos das Trevas e coisas piores, Grão-lorde, e não devem estar a mais de um ou dois dias atrás de mim.

Turak bebericou o líquido negro do copo ino, equilibrado nas pontas de seus dedos de unhas longas.

— Restam poucos Amigos das Trevas em Seanchan. Os que sobrevivem aos Inquiridores da Verdade encontram o machado do carrasco. Pode ser divertido conhecer um Amigo das Trevas.

— Grão-lorde, eles são perigosos. Trazem Trollocs consigo. São liderados por um homem que se chama Rand al'Thor. É jovem, porém mais vil na Sombra do que se pode acreditar, com uma língua mentirosa e diabólica. Em muitos lugares, a firmou ser muitas coisas, mas os Trollocs sempre aparecem quando ele está lá, Grão-lorde. Os Trollocs sempre vêm… e matam…

— Trollocs — disse Turak, pensativo. — Não havia Trollocs em Seanchan. Mas os Exércitos da Noite tinham outros aliados. Outras coisas. Já me perguntei muitas vezes se um *grolm* seria capaz de matar um Trolloc. Mandarei montarem guarda para evitar seus Trollocs e Amigos das Trevas, se é que eles não são outra mentira. Esta terra me deixa entediado. — Ele suspirou e inalou a fumaça do copo.

Fain deixou que Huan, carrancudo, o tirasse da sala, mal escutando os rosnados sobre o que aconteceria caso ele não saísse da presença do Grão-lorde Turak quando recebesse a permissão. Mal notou que foi empurrado para a rua com uma moeda e instruções para voltar no dia seguinte. Rand al'Thor era dele, agora. *Finalmente o verei morto. E então o mundo vai pagar pelo que fizeram a mim*.

Rindo baixinho, entre dentes, ele conduziu os cavalos, descendo pela cidade em busca de uma estalagem.

35

Pouso Tsofu

Depois de meio dia de cavalgada, as colinas à margem do rio onde se erguia a cidade de Cairhien deram lugar a terras mais planas e florestas. Os shienaranos continuavam a deixar as armaduras nos cavalos de carga, e Verin os pressionava para irem mais rápido. Ingtar cedia aos apelos da Aes Sedai, resmungando o tempo inteiro sobre estarem sendo enganados, afirmando que Fain nunca diria para onde estava indo de verdade, embora também reclamasse que estavam cavalgando no sentido oposto à Ponta de Toman como se parte dele achasse que o lugar ficava a meses de viagem apenas pelo caminho que haviam escolhido. O estandarte da Coruja Cinzenta tremulava ao vento enquanto seguiam, velozes.

Rand cavalgava com uma determinação taciturna, evitando conversar com Verin. Precisava fazer aquilo, cumprir seu dever, como Ingtar teria chamado, e então se veria livre das Aes Sedai de uma vez por todas. Perrin parecia partilhar um pouco de seu estado de espírito, olhando sempre para a frente, para o nada, enquanto cavalgavam. Quando finalmente pararam para passar a noite nos limites de uma floresta, já estava quase escuro. Perrin fez algumas perguntas a Loial, sobre os *pousos*. Trollocs não entrariam em um *pouso*, mas e lobos? Loial deu algumas respostas curtas, dizendo que apenas criaturas da Sombra relutavam em entrar naqueles lugares. E Aes Sedai, é claro, já que não conseguiam tocar a Fonte Verdadeira dentro de um, nem mesmo canalizar o Poder Único. O próprio Ogier parecia ser o mais relutante em ir ao Pouso Tsofu. Mat era o único que parecia ansioso, quase desesperado. Quem visse sua pele pensaria que ela não tomava

sol havia um ano, e suas bochechas tinham começado a encovar, embora ele dissesse que se sentia pronto para disputar uma corrida. Verin colocou as mãos sobre ele para Curá-lo, antes de Mat dormir, e outra vez antes de montarem pela manhã, mas aquilo não fez diferença em sua aparência. Até mesmo Hurin franzia a testa ao olhar para Mat.

O sol já ia alto no segundo dia quando Verin se endireitou na sela, de repente, e olhou em volta. Ao lado dela, Ingtar levou um susto.

Rand não conseguia perceber nada de diferente na floresta que os cercava. A vegetação rasteira não era muito espessa, pois haviam encontrado um caminho mais fácil sob a copa de carvalhos, nogueiras e faias, pontilhadas aqui e ali por um pinheiro ou uma folha-de-couro mais altos, ou por uma pincelada branca de melaleucas. Mas, ao seguilos, sentiu um súbito calafrio percorrer seu corpo, como se tivesse pulado em uma lagoa da Floresta das Águas em pleno inverno. O arrepiou passou em um segundo, deixando para trás uma sensação de frescor, de renovação. E também havia uma leve sensação de perda, embora ele não conseguisse imaginar do quê.

Cada cavaleiro, ao chegar àquele ponto, estremecia ou soltava uma interjeição. O queixo de Hurin caiu, e Uno exclamou:

— Mas que… — Então sacudiu a cabeça, como se não conseguisse pensar e mais nada para dizer.

Havia uma expressão de reconhecimento nos olhos amarelos de Perrin. Loial soltou um longo suspiro.

— É uma sensação… boa… estar de volta em um *pouso*.

Franzindo a testa, Rand olhou em volta. Esperara que um *pouso* fosse um pouco diferente do ambiente ao redor, mas, exceto por aquele único calafrio, era a mesma floresta pela qual cavalgaram o dia todo. Havia uma súbita sensação de estar descansado, é claro. Então uma Ogier saiu de trás de um carvalho.

Ela era mais baixa que Loial, mas ainda assim a cabeça de Rand não chegava a seus ombros. Tinha o mesmo nariz largo e olhos grandes, a mesma boca larga e orelhas com tufos de pelos. No entanto, suas sobrancelhas não eram tão longas quanto as de Loial, e suas feições pareciam delicadas ao lado das dele, os tufos em suas orelhas pareciam mais macios. Ela usava um longo vestido verde e um casaco da mesma cor bordado com flores, e carregava um ramo de halesias como se estivesse ocupada em colhê-las. E os encarou com muita calma, esperando.

Loial mais do que depressa desmontou de seu cavalo alto e fez uma mesura. Rand e os outros fizeram o mesmo, embora não tão rápido. Até mesmo Verin inclinou a cabeça. Loial os apresentou de modo formal, mas não mencionou o nome de seu *pouso*.

Por um momento a garota Ogier, e Rand tinha certeza de que ela

não era mais velha do que Loial, os analisou. Depois sorriu.

— Sejam bem-vindos ao Pouso Tsofu. — A voz dela era uma versão mais leve que a de Loial, um profundo zumbido de abelha, só que um pouco mais suave. — Sou Erith, ilha de Ila, ilha de Alar. Sejam bem-vindos. Temos tão poucos visitantes humanos desde que os Construtores deixaram Cairhien, e agora vejo tantos de uma vez! Ora, tivemos até alguns do Povo Errante, embora, é claro, eles tenham ido embora quando as… Ah, eu falo demais. Levarei vocês aos Anciões. Mas… — Ela olhou para o grupo, procurando um líder, e concluiu que devia ser Verin. — Aes Sedai, você traz tantos homens consigo, e armados… Poderia, por favor, deixar alguns lá Fora? Perdoe-me, mas é sempre inquietante ter tantos humanos armados no *pouso* de uma só vez.

— É claro, Erith — respondeu Verin. — Ingtar, pode providenciar isso?

Ingtar deu ordens a Uno, de forma que ele e Hurin foram os únicos shienaranos a seguir Erith *pouso* adentro.

Conduzindo o cavalo pela rédea, como os demais, Rand olhou para cima quando Loial se aproximou. O Ogier olhava bastante para Erith, que ia na frente com Verin e Ingtar. Hurin andava entre os dois grupos, olhando, maravilhado, embora Rand não soubesse ao certo para quê. Loial se curvou para falar em voz baixa.

— Ela não é linda, Rand? E a voz dela canta.

Mat riu, mas, quando Loial olhou interrogativamente para ele, apenas disse:

— É muito bonita, Loial. Meio alta demais para o meu gosto, entende? Mas muito bonita, tenho certeza.

Loial franziu a testa, incerto, mas assentiu.

— Sim, ela é. — A expressão dele ficou mais suave. — É mesmo uma sensação boa, estar de volta a um *pouso*. Não que a Saudade estivesse me afetando, sabe como é.

— A Saudade? — perguntou Perrin. — Não entendi, Loial.

— Nós, Ogier, somos ligados aos *pousos*, Perrin. Dizem que, antes da Ruptura do Mundo, podíamos ir aonde quiséssemos e passar quanto tempo desejássemos, assim como vocês humanos. Mas isso mudou. Os Ogier ficaram dispersos, assim como todos os outros povos, e não conseguiram encontrar nenhum dos *pouso* de novo. Tudo tinha se movido, tudo havia mudado. Montanhas, rios, até mesmo os mares.

— Todos sabem sobre a Ruptura — cortou Mat, impaciente. — O que isso tem a ver com essa… Saudade?

— Foi durante o exílio, quando vagávamos perdidos, a primeira vez que a Saudade se abateu sobre nós. O desejo de voltar aos *pousos*, de encontrar nossos lares outra vez. Muitos morreram por causa disso. — Loial sacudiu a cabeça, triste. — Tivemos mais mortos do que

sobreviventes. Quando finalmente começamos a reencontrar os *pousos*, um de cada vez, durante os anos do Pacto das Dez Nações, parecia que havíamos finalmente derrotado a Saudade. Mas ela tinha nos modificado, deixado sementes em nós. Agora, se um Ogier fica do Lado de Fora por muito tempo, a Saudade retorna: ele começa a enfraquecer, e morre se não voltar.

— Você precisa ficar por aqui um tempo? — perguntou Rand, ansioso. — Não precisa se matar para vir conosco.

— Eu vou saber quando ela chegar — disse Loial, rindo. — Vai demorar bastante até ela ficar forte o suficiente para me causar qualquer mal. Ora, Dalar passou dez anos com o Povo do Mar, sem ver um único *pouso*, e voltou sã e salva para casa.

Uma Ogier apareceu em meio às árvores, parando um momento para falar com Erith e Verin. Ela olhou Ingtar de cima a baixo e pareceu desconsiderá-lo, o que o fez piscar, confuso. Os olhos dela passaram por Loial e relancearam para Hurin e todos de Campo de Emond, antes de ela voltar à floresta. Loial parecia estar tentando se esconder atrás do cavalo.

— Além disso — continuou ele, olhando para a Ogier com cautela, de trás da sela —, a vida é chata nos *pousos*, comparada a viajar com três *ta'veren*.

— Se você for começar com essa história de novo… — resmungou Mat, e Loial se corrigiu depressa:

— Três amigos, então. Vocês são meus amigos, espero.

— Eu sou — respondeu Rand, apenas, e Perrin assentiu.

Mat riu.

— Como eu poderia não ser amigo de alguém tão ruim nos dados? — Ele jogou as mãos para o alto com impaciência quando Rand e Perrin o fitaram. — Ah, tudo bem. Eu gosto de você, Loial. Você é meu amigo. Só não saia por aí… Aaagh! Às vezes é tão ruim ficar perto de você quanto de Rand. — A voz dele baixou a um murmúrio. — Pelo menos estamos a salvo aqui, em um *pouso*.

Rand franziu a testa. Sabia o que Mat queria dizer. *Aqui em um* pouso, *aqui onde eu não posso canalizar*.

Perrin deu um soco no ombro de Mat, mas pareceu se arrepender quando Mat lhe retribuiu com uma careta com aquele rosto cadavérico.

A primeira coisa que Rand percebeu foi a música: lautas e rabecas em algum lugar da floresta tocavam uma canção animada, e vozes graves acompanhavam os instrumentos, cantando e rindo. *Limpem o campo, aplainem o chão, Não deixem uma erva nem talo de pé, Aqui trabalhamos, aqui labutamos, As árvores altas aqui crescerão*. Quase no mesmo instante, Rand percebeu que a forma imensa que via entre as árvores também era uma árvore, com um tronco sulcado de cerca de

vinte passos de diâmetro e raízes enormes. Boquiaberto, ele olhou até a parte de cima, através do dossel da floresta, até galhos que se espalhavam em uma forma que lembrava o topo de um cogumelo gigante, uns bons cem passos acima do solo. Acima, eram ainda mais altos.

— Que me queime — exclamou Mat. — Dava para construir dez casas só com uma dessas. Cinquenta casas.

— Cortar uma Grande Árvore? — Loial pareceu escandalizado, e até mesmo um pouco furioso. Suas orelhas estavam rígidas, e as longas sobrancelhas chegavam às bochechas. — Jamais cortamos uma das Grandes Árvores. A menos que ela morra, e elas quase nunca morrem. Poucas sobreviveram à Ruptura, mas algumas das maiores que temos eram apenas sementes durante a Era das Lendas.

— Desculpe — disse Mat. — Eu só estava comentando como elas são grandes. Não vou machucar suas árvores.

Loial assentiu, parecendo mais tranquilo.

Mais Ogier surgiram, andando em meio às árvores. A maioria parecia se concentrar no que quer que estivessem fazendo. Embora todos olhassem para os recém-chegados, e até chegassem a balançar a cabeça de forma amigável ou fazer uma leve reverência, ninguém parou ou falou com eles. Tinham um modo curioso de se mover, que, de alguma forma, combinavam um jeito cuidadoso e deliberado com uma alegria despreocupada e quase infantil. Eles sabiam quem eram e onde estavam e gostavam disso, e pareciam em paz consigo mesmos e com tudo ao redor. Rand percebeu que os invejava.

Poucos dos mais velhos eram mais altos que Loial, mas era fácil identificá-los: todos tinham bigodes tão longos quanto as sobrancelhas e barbas curtas sob o queixo. Os mais jovens tinham o rosto liso, como Loial. Muitos dos Ogier vestiam camisas de manga e carregavam pás, picaretas, serras e baldes de piche. Os demais usavam casacos simples, abotoados até o pescoço, com pregas na cintura que lembravam saiotes. As mulheres pareciam preferir bordados de flores, e muitas também usavam flores no cabelo. Nas mais jovens, os bordados eram limitados aos casacos. Já as mais velhas tinham os vestidos bordados, também. E algumas, grisalhas, tinham flores e vinhas bordadas do pescoço à bainha. Algumas Ogier, a maioria mulheres e meninas, pareciam reparar em Loial: ele andava olhando bem para a frente, com as orelhas tremelicando cada vez mais, conforme avançavam.

Rand se assustou ao ver um Ogier que parecia ter saído do chão, de uma das elevações cobertas de grama e flores silvestres que se espalhavam por entre as árvores. Então percebeu algumas janelas nas elevações e uma Ogier atrás de uma delas, parecendo usar um rolo para amassar a massa de uma torta, e entendeu que estava olhando para moradias Ogier. As esquadrias das janelas eram de pedra, mas

além de parecem formações naturais, também tinham o aspecto de algo esculpido pelo vento e pela água por gerações.

As Grandes Árvores, com seus troncos enormes e raízes que se espalhavam, grossas como cavalos, precisavam de muito espaço entre elas, mas várias cresciam no meio da cidadezinha. Rampas de terra batida davam nas próprias raízes. Na verdade, além das trilhas, a única coisa que diferenciava a cidadezinha da floresta, à primeira vista, era um grande espaço aberto no centro, em volta do que só podia ser o toco de uma das Grandes Árvores. Com quase cem passos de largura, a super ície do toco era tão polida quanto qualquer assoalho, com escadas levando a diversos pontos do interior. Rand estava tentando imaginar quão alta deveria ter sido aquela árvore quando Erith falou, alto o suficiente para que todos escutassem:

— Aí vêm nossas outras hóspedes.

Três humanas se aproximaram, contornando o imenso toco. A mais jovem carregava uma tigela de madeira.

— Aiel — disse Ingtar. — Donzelas da Lança. Foi bom *mesmo* eu ter deixado Masema com os outros. — Ainda assim, ele se afastou de Verin e Erith e levou a mão às costas, para desembainhar a espada.

Rand estudou as Aiel com uma curiosidade desconfortável. Elas eram o que muita gente, gente demais, tentara a firmar que ele era. Duas das mulheres eram mais maduras, a outra, pouco mais que uma menina, mas as três eram altas para mulheres. Seus cabelos curtos iam do castanho-acobreado até quase o dourado, com uma mecha fina que ia até a altura dos ombros nas costas. Usavam calças folgadas enfiadas em botas macias, e todas as roupas eram em tons de marrom, cinza ou verde. Ele achou que aqueles trajes se camuflariam em pedras ou na floresta quase tão bem quanto um manto de Guardião. Arcos curtos despontavam acima dos ombros, aljavas e facas longas pendiam de seus cinturões, e cada uma carregava um pequeno escudo redondo de couro e um feixe de lanças com cabos curtos e pontas longas. Mesmo a mais jovem se movia com uma graciosidade que indicava que sabia usar as armas que portava.

De repente, as mulheres os notaram: pareceram tão assustadas por estarem assustadas quanto por terem visto Rand e os outros, mas se moveram como um raio. A jovem gritou:

— Shienaranos! — E se virou para depositar a tigela no chão atrás de si com muito cuidado. As outras duas se levantaram depressa os panos marrons pendurados no pescoço, envolvendo a cabeça com eles, então cobriram o rosto com um véu negro, deixando apenas os olhos visíveis, e a outra se preparou para fazer o mesmo. Abaixadas, elas avançaram em um passo decidido, com os escudos cobrindo todas as lanças, a não ser as que empunhavam com a outra mão.

A espada de Ingtar deixou a bainha.

— Afaste-se, Aes Sedai. Erith, afaste-se. — Hurin sacou a quebra-espadas e ficou indeciso entre pegar o porrete e a espada com a outra mão. Então, depois de mais uma olhada nas lanças das Aiel, optou pela espada.

— Vocês não podem! — protestou a Ogier. De mãos unidas, ela se virava de Ingtar para as Aiel, e delas para ele. — Vocês não podem!

Rand percebeu que a lâmina com a marca da garça estava em suas mãos. Perrin já estava com metade do machado para fora do cinturão e hesitava, sacudindo a cabeça.

— Vocês dois são malucos? — indagou Mat. O arco dele permanecia preso em suas costas. — Não me importo se elas são Aiel. Elas são mulheres.

— Parem com isso! — ordenou Verin. — Parem com isso imediatamente! — As Aiel não se detiveram, e a Aes Sedai cerrou os punhos, frustrada.

Mat recuou, colocando um pé no estribo.

— Estou indo embora — anunciou. — Vocês estão me ouvindo? Eu não vou ficar para deixar que elas enfiem aquelas coisas em mim, e também não vou atirar em uma mulher!

— O Pacto! — gritava Loial. — Lembrem-se do Pacto!

Aquilo não teve mais efeito do que os apelos de Verin e Erith.

Rand percebeu que tanto a Aes Sedai quanto a Ogier se mantinham fora do caminho das Aiel. Ficou se perguntando se Mat tomara a melhor atitude. Não sabia ao certo se conseguiria ferir uma mulher, mesmo que ela estivesse *de fato* tentando matá-lo. O que o fez decidir foi o fato de que, mesmo que conseguisse chegar à sela de Vermelho, as Aiel já não estavam a mais de trinta passos. Ele suspeitava que aquelas lanças curtas podiam ser arremessadas àquela distância. Enquanto as mulheres se aproximavam, ainda agachadas, com as lanças a postos, ele parou de se preocupar em não feri-las e começou a se preocupar em como impedi-las de feri-lo.

Nervoso, buscou o vazio. E o vazio veio. Junto com o pensamento distante, que flutuava fora dele, de que ali havia apenas o vazio. O brilho de *saidin* não estava lá. O vazio estava maior do que em qualquer momento de que ele se lembrasse, mais vasto, como uma fome grande o suficiente para consumi-lo. Uma fome de algo mais. *Deveria* haver algo mais.

De repente, um Ogier avançou entre os dois grupos a passos largos. Sua barba curta tremia.

— O que signi ica isso? Larguem as armas! — Ele parecia escandalizado. — Para vocês… — O olhar furioso incluiu Ingtar, Hurin, Rand, Perrin e não poupou Mat, mesmo de mãos vazias. — … ainda há alguma desculpa, mas para vocês… — Ele se virou para as Aiel, que haviam parado de avançar. — Vocês esqueceram o Pacto?

As mulheres desvelaram os rostos com tanta pressa que pareciam tentar fingir que eles jamais haviam sido cobertos. O da menina estava vermelho, e mesmo as duas mais velhas pareciam constrangidas. Uma delas, a de cabelo avermelhado, disse:

— Perdoe-nos, Irmão das Árvores. Nos lembramos do Pacto, e não teríamos descoberto o aço, mas estamos na terra dos Assassinos da Árvore, onde todas as mãos estão contra nós, e vimos homens armados.

Rand reparou que os olhos dela eram cinza, como os dele.

— Vocês estão em um *pouso*, Rhian — respondeu o Ogier, com gentileza. — Todos estão a salvo em um *pouso*, irmãzinha. Não há lutas aqui, e não se ergue a mão contra o outro.

Ela assentiu, envergonhada, e o Ogier olhou para Ingtar e os outros.

Ingtar embainhou a espada, e Rand fez o mesmo, embora não com tanta rapidez quanto Hurin, que parecia quase tão constrangido quanto as Aiel. Perrin sequer sacara o machado. Quando tirou a mão do cabo, Rand deixou o vazio e sentiu um calafrio. O vazio se fora, mas deixara para trás um eco que desaparecia devagar. O eco da sensação do nada que o preenchia e do desejo de algo para preenchê-lo.

O Ogier virou-se para Verin e fez uma reverência.

— Aes Sedai, eu me chamo Juin, filho de Lacel, filho de Laud. Vim levá-la aos Anciões. Eles gostariam de saber por que uma Aes Sedai vem a nós, acompanhada de homens armados e um de nossos jovens.

Loial encolheu os ombros, como se tentasse desaparecer.

Verin dirigiu um olhar lamentoso às Aiel, como se quisesse falar com elas, e então gesticulou para que Juin seguisse em frente. Ele a levou sem mais uma palavra e sem sequer olhar para Loial.

Por alguns instantes, Rand e os outros continuaram encarando as três Aiel, desconfortáveis. Pelo menos, Rand sabia que se sentia desconfortável. Ingtar parecia firme como uma rocha, tão inexpressivo quanto uma. As Aiel podiam ter desvelado os rostos, mas ainda estavam com as lanças nas mãos, e olhavam para os quatro homens como se tentassem ver dentro deles. Rand, em particular, recebia olhares cada vez mais enfurecidos. Ele ouviu a jovem murmurar:

— Ele está usando uma espada… — disse ela em um tom que unia horror e desprezo. Então as três se retiraram, parando para apanhar a tigela de madeira e olhando para trás, para Rand e os outros, até desaparecerem entre as árvores.

— Donzelas da Lança — murmurou Ingtar. — Nunca achei que pariam depois de cobrir o rosto. Pelo menos, não com meia dúzia de palavras. — Ele olhou para Rand e seus dois amigos. — Vocês

deveriam ver um batalhão dos Escudos Vermelhos, ou dos Cães de Pedra. São tão fáceis de deter quanto uma avalanche.

— Elas não romperiam o Pacto depois de serem lembradas dele — retrucou Erith, sorrindo. — Vieram em busca de madeira cantada. — Uma ponta de orgulho surgiu na voz da Ogier. — Temos dois Cantores das Árvores aqui no Pouso Tsofu. Eles são raros hoje em dia. Ouvi falar que o Pouso Shangtai tem um Cantor das Árvores jovem muito talentoso, mas nós temos dois. — Loial enrubesceu, mas ela não pareceu notar. — Se vierem comigo, mostrarei onde podem esperar até que os Anciões tenham se pronunciado.

Enquanto a seguiam, Perrin murmurou:

— Madeira cantada meu pé esquerdo. Aquelas Aiel estão procurando por Aquele que Vem com a Aurora.

Mat acrescentou, seco:

— Elas estão procurando você, Rand.

— A mim! Isso é loucura. O que faz você pensar…

Parou de falar quando Erith os levou escada abaixo, para uma casa coberta de flores silvestres que parecia reservada para hóspedes humanos. Os cômodos tinham vinte passos de uma parede de pedra a outra, com tetos pintados a cerca de duas braças do chão, mas os Ogier tinham feito o melhor que podiam para transformá-lo em algo agradável para os humanos. Mesmo assim, os móveis eram um tanto largos demais para serem confortáveis. As cadeiras eram altas o suficiente para um homem se sentar sem conseguir apoiar os pés no chão, e a mesa, mais alta que a cintura de Rand. Hurin, pelo menos, poderia ter ficado de pé dentro da lareira de pedra, que parecia ter sido esculpida pela água, em vez de por mãos. Erith olhou para Loial, em dúvida, mas ele dispensou sua preocupação com um gesto e foi se acomodar em uma das cadeiras no canto mais difícil de ser visto da porta.

Assim que a garota Ogier saiu, Rand puxou Mat e Perrin de lado.

— O que você quer dizer com essa história de elas estarem procurando por mim? Por quê? Qual o motivo? Elas olharam diretamente para mim e foram embora.

— Elas olharam para você — respondeu Mat, sorrindo — como se você não tomasse banho há um mês e tivesse mergulhado em adubo. — O sorriso sumiu. — Mas podiam estar procurando por você. Encontramos outro Aiel antes.

Rand ouviu a história do encontro na Adaga do Fratricida com espanto crescente. Mat contou a maior parte, e Perrin o corrigiu de vez em quando, quando ele enfeitava demais. Mat fez um espetáculo quando contou como o Aiel era perigoso e quão perto o encontro chegara de um combate.

— E já que você é o único Aiel que a gente conhece — finalizou

—, bem, podia muito bem ser você. Ingtar disse que nenhum Aiel mora fora do Deserto, então você deve ser o único.

— Isso não é engraçado, Mat — rosnou Rand. — Eu não sou Aiel. — *A Amyrlin disse que você é. Ingtar acha que você é. Tam disse… Ele estava doente, febril*. Eles haviam cortado as raízes que ele achava que tinha, Tam e as Aes Sedai juntos, embora Tam estivesse doente demais para saber o que dizia. Elas o haviam deixado à solta para ser carregado pelo vento, e então tinham oferecido algo novo para ele se apegar. Falso Dragão. Aiel. Não podia adotar aquilo como suas raízes. E não o faria. — Talvez eu não pertença a ninguém, mas Dois Rios é o único lar que conheço.

— Eu não quis dizer nada demais — protestou Mat. — É só que… Que me queime! Ingtar diz que você é. Masema também. Urien podia ser seu primo, e se Rhian colocasse um vestido e dissesse que era sua tia, até você acreditaria. Ah, está bem. Não me olhe desse jeito, Perrin. Que diferença isso faz, de qualquer forma?

Perrin balançou a cabeça.

Meninas Ogier trouxeram água e toalhas para que eles lavassem o rosto e as mãos, além de queijo, frutas e vinho. A bebida veio em cálices de peltre um pouco grandes demais para serem segurados de um modo confortável. Outras mulheres também vieram, com aqueles vestidos cobertos de bordados. Apareceram uma a uma, cerca de dez, para perguntar se os humanos estavam confortáveis. Todas voltaram suas atenções para Loial antes de sair. Ele deu as respostas de forma respeitosa, mas com a menor quantidade de palavras que Rand já o ouvira usar, e ficara segurando um livro de capa de madeira, do tamanho adequado para um Ogier, bem junto ao peito, como um escudo. E, quando elas foram embora, ele se encolheu na cadeira com o livro cobrindo o rosto. Os livros da casa eram outra coisa desproporcional para humanos.

— Sinta só o cheiro desse ar, Lorde Rand — comentou Hurin, enchendo os pulmões com um sorriso. Os pés dele pendiam de uma das cadeiras à mesa, e o farejador os balançava, como um menino. — Eu nunca pensei que os lugares onde passei cheirassem mal, mas isso aqui… Lorde Rand, acho que *nunca* aconteceu um assassinato aqui. Nem mesmo agressões, a não ser por acidente.

— Os *pousos* são seguros para qualquer um — respondeu Rand. Estava observando Loial. — É o que as histórias dizem, de qualquer forma. — Ele engoliu o último pedaço de queijo branco e foi até o Ogier. Mat o seguiu com um cálice na mão. — O que houve, Loial? — perguntou. — Você está nervoso como um gato no canil desde que chegamos aqui.

— Não é nada — respondeu Loial, inseguro, olhando de relance para a porta.

— Você está com medo de que descubram que você deixou o Pouso Shangtai sem a permissão dos seus Anciões?

Loial olhou em volta, alarmado, com os tufos das orelhas tremendo.

— Não diga isso! — sibilou. — Não onde qualquer um poderia ouvir. Se eles descobrissem… — Com um longo suspiro, ele se deixou afundar na cadeira, olhando de Rand para Mat. — Não sei como vocês humanos fazem isso, mas, entre os Ogier… Se uma garota vê um garoto de quem gosta, ela fala com a mãe. Ou, às vezes, a mãe vê alguém que julga adequado. De qualquer forma, se elas concordarem, a mãe da garota vai à mãe do garoto, e quando ele se dá conta, está com o casamento arranjado.

— E o rapaz não tem voz nisso, não? — perguntou Mat, incrédulo.

— Nenhuma. As mulheres sempre dizem que, se deixassem por nossa conta, passaríamos a vida casados com as árvores. — Loial mudou de posição, carrancudo. — Metade dos nossos casamentos acontece entre *pouso* diferentes: grupos de Ogier jovens visitam diversos *pouso* para ver e serem vistos. Se descobrirem que estou aqui sem permissão, é quase certo que os Anciões decidam que eu preciso de uma esposa para sossegar. Quando eu der por mim, já terão enviado uma mensagem ao Pouso Shangtai, para minha mãe, e ela virá aqui me casar antes mesmo de tirar a poeira da viagem. Ela sempre disse que sou apressado demais e que preciso de uma esposa. Acho que ela já estava procurando quando eu saí. Qualquer esposa que ela escolha para mim… bem, qualquer esposa que seja não vai me deixar ir para o Lado de Fora até minha barba ficar grisalha. As mulheres dizem que não se deveria deixar um homem ir para o Lado de Fora até ele sossegar o suficiente para controlar o próprio temperamento.

Mat deu uma gargalhada alta o bastante para atrair todos os olhares, mas, com um gesto frenético de Loial, continuou, falando em voz baixa.

— Entre nós, os homens escolhem. E esposa alguma pode impedir um homem de fazer o que quer.

Rand franziu a testa, lembrando-se de como Egwene começara a segui-lo quando ambos eram pequenos. Fora nessa época que a Senhora al'Vere começara a se interessar por ele, mais do que pelos outros meninos. Nos últimos tempos, algumas garotas dançavam com ele nos festivais e outras não, e as que dançavam eram sempre amigas de Egwene. As que não dançavam eram garotas de quem Egwene não gostava. Também parecia se lembrar da Senhora al'Vere puxando Tam de lado… *Reclamando que Tam não tinha uma esposa com quem ela pudesse falar!*… E, depois disso, Tam e todos os outros passaram a agir

como se ele e Egwene estivessem prometidos, mesmo não tendo se ajoelhado ante o Círculo das Mulheres para fazer os votos. Jamais havia pensado no que acontecera daquele jeito antes: as coisas entre ele e Egwene pareciam simplesmente sempre ter sido como eram, e pronto.

— Acho que fazemos do mesmo jeito — murmurou, e, quando Mat riu, acrescentou: — Você se lembra do seu pai já ter feito alguma coisa que sua mãe realmente não queria que ele fizesse?

Mat abriu a boca com um sorriso, então franziu a testa, pensativo, e voltou a fazer silêncio.

Juin entrou, descendo a escada.

— Será que todos podem vir comigo, por favor? — Os Anciões gostariam de vê-los. — Ele não olhou para Loial, mas mesmo assim ele quase deixou o livro cair.

— Se os Anciões tentarem fazer você ficar — comentou Rand —, diremos que precisamos que você vá conosco.

— Aposto que isso não tem nada a ver com você — concordou Mat. — Aposto que só vão dizer que podemos usar o Portal dos Caminhos. — Ele estremeceu, e sua voz ficou ainda mais grave. — Precisamos mesmo fazer isso, não é? — Não era uma pergunta.

— Ficar e me casar ou viajar pelos Caminhos. — Loial franziu a testa, com pesar. — A vida é muito perturbadora com amigos *ta'veren*.

36

Entre os Anciões

Enquanto eram conduzidos por Juin pela cidade dos Ogier, Rand percebeu que a ansiedade de Loial aumentava. As orelhas do amigo estavam tão rígidas quanto as costas, e os olhos ficavam maiores cada vez que Loial percebia outro Ogier olhando para ele, especialmente as mulheres e garotas, e um grande número delas o notava, aparentemente. Ele parecia estar esperando a própria execução.

O Ogier barbado indicou uma série de largos degraus que levavam para baixo, adentrando um monte gramado que era de longe o maior de todos. Era uma colina, para todos os efeitos, quase na base de uma das Grandes Árvores.

— Por que você não espera aqui fora, Loial? — sugeriu Rand.

— Os Anciões… — começou Juin.

— … provavelmente só querem ver o restante do grupo — completou Rand.

— Por que não o deixam em paz? — acrescentou Mat.

Loial assentiu vigorosamente.

— Sim, sim, acho que… — Algumas mulheres Ogier o observavam, de avós com cabelos brancos a jovens da idade de Erith. Diversas delas conversavam entre si, mas mantinham os olhos nele. As orelhas de Loial tremelicaram, mas ele olhou para a porta larga no final da escadaria e assentiu mais uma vez. — Sim, vou me sentar e ler. É isso. Vou ler. — Remexendo no bolso do casaco, ele puxou um livro. Então se sentou no monte, ao lado da escada, com o pequeno livro nas mãos e fixou o olhar nas páginas. — Vou me sentar aqui e ler até vocês saírem. — As orelhas tremelicavam como se ele pudesse

sentir os olhares das mulheres.

Juin balançou a cabeça. Então deu de ombros e indicou outra vez a escada, com um gesto.

— Por favor. Os Anciões estão esperando.

O grande aposento sem janelas que ficava dentro do monte havia sido feito para Ogier, e tinha um teto de vigas grossas a mais de quatro braças de altura. Considerando o tamanho do aposento, eles poderiam estar em um palácio. Os sete Ogier sentados na plataforma que ficava de frente para a porta fizeram o aposento parecer um pouco menor, em comparação, mas Rand ainda se sentia como se estivesse em uma caverna. As pedras escuras do piso eram bem lisas, embora grandes e de formato irregular. As paredes, no entanto, podiam pertencer à lateral de um penhasco. As vigas do teto, entalhadas de um jeito rústico, lembravam grandes raízes.

Exceto pela cadeira de espaldar alto em que Verin se sentou, diante da plataforma, a única mobília eram as pesadas cadeiras com entalhes de vinhas dos Anciões. Havia uma mulher no meio da plataforma, sentada em uma cadeira um pouco mais elevada do que as outras. Três homens barbados estavam à sua esquerda, usando longos casacos folgados, e três mulheres à sua direita, com vestidos parecidos com o dela, com bordados de flores e vinhas da bainha até o pescoço. Todos tinham rostos idosos e cabelos completamente brancos, até nos tufos das orelhas, além de um ar de dignidade colossal.

Hurin não tentou esconder o fato de estar boquiaberto, e até Rand teve vontade de apenas encará-los, pasmo. Nem mesmo Verin tinha o mesmo ar de sabedoria que ele via nos grandes olhos dos Anciões. Nem Morgase, com sua coroa, tinha o mesmo ar de autoridade. E nem Moiraine tinha a mesma serenidade calma. Ingtar foi o primeiro a se curvar, e do modo mais formal que Rand já o vira fazer. Ele se mexeu enquanto todos ainda estavam plantados em seus lugares, estupefatos.

— O meu nome é Alar — apresentou-se a mulher sentada na cadeira mais alta, depois de eles finalmente irem para o lado de Verin. — Sou a Mais Velha dos Anciões do Pouso Tsofu. Verin nos contou que vocês precisam usar o Portal dos Caminhos daqui. Recuperar a Trombeta de Valere das mãos dos Amigos das Trevas é, de fato, uma grande necessidade. Mas não permitimos que ninguém viaje pelos Caminhos há mais de cem anos. Nem nós, nem os Anciões de qualquer outro *pouso*.

— Eu vou encontrar a Trombeta — retrucou Ingtar, irritado. — Eu preciso. Se vocês não nos deixarem usar o Portal dos Caminhos… — O homem fez silêncio ao receber um olhar de Verin, mas a expressão de desgosto permaneceu em seu rosto.

Alar sorriu.

— Não seja tão apressado, shienarano. Vocês humanos nunca param para pensar. Apenas as decisões tomadas com calma são acertadas. — O sorriso dela se desmanchou em uma expressão séria, mas sua voz manteve o tom calmo e ponderado. — Os perigos dos Caminhos não podem ser enfrentados com uma espada nas mãos, pois não são uma investida dos Aiel ou um bando de Trollocs descontrolados. Preciso informá-los de que entrar nos Caminhos é arriscar não apenas a morte e a loucura, mas talvez suas próprias almas.

— Já vimos *Machin Shin* — respondeu Rand.

Mat e Perrin concordaram, mas não conseguiram parecer ansiosos para encontrá-lo outra vez.

— Seguirei a Trombeta até a própria Shayol Ghul, se for preciso — afirmou Ingtar, firme.

Hurin apenas assentiu, como se incluísse a si mesmo nas palavras do shienarano.

— Traga Trayal — ordenou Alar. Então Juin, que permanecera à porta, fez uma reverência e saiu. — Não é o bastante — explicou — ouvir falar sobre o que pode acontecer. Vocês precisam ver, precisam saber no coração.

Fez-se um silêncio desconfortável até Juin retornar. Então ficou ainda mais desconfortável quando ele voltou, acompanhado por duas Ogier. Elas conduziam um Ogier de meia-idade com uma barba preta, que cambaleava entre elas como se não soubesse muito bem como as pernas funcionavam. Seu rosto estava abatido, sem qualquer expressão, e seus olhos grandes eram vazios e não piscavam. Ele não olhava para ninguém nem via nada. Sequer parecia querer enxergar. Uma das mulheres enxugou gentilmente a baba que escorria pelo canto da boca. As duas seguraram-lhe os braços, para fazê-lo parar. Seu pé continuou, incerto, e voltou para trás pisando com força. Ele parecia tão satisfeito parado quanto andando, ou, pelo menos, parecia não se importar.

— Trayal foi um dos últimos de nós a trilhar os Caminhos — comentou Alar, com a voz suave. — Ele saiu desse jeito, como o veem agora. Será que pode tocá-lo, Verin?

A Aes Sedai a encarou por um bom tempo. Então se levantou e foi até Trayal. Ele não se moveu quando ela pôs as mãos em seu peito largo, sequer fez o menor movimento com olhos que indicasse que percebia o toque. Com um sibilo agudo, ela se afastou de súbito, encarando-o. Então se virou para os Anciões.

— Ele está… vazio. O corpo está vivo, mas não há nada dentro dele. Nada.

Todos os Anciões pareceram insuportavelmente tristes.

— Nada — concordou uma das Anciãs à direita de Alar. Os olhos

dela pareciam carregar toda a dor que os de Trayal não podiam mais transmitir. — Sem mente. Sem alma. Não resta nada de Trayal, além do corpo.

— Ele era um bom Cantor das Árvores. — suspirou um dos homens à esquerda da cadeira mais elevada.

Alar fez um gesto, e as duas mulheres viraram Trayal para levá-lo para fora. Elas precisaram empurrá-lo para que ele começasse a andar.

— Conhecemos os riscos — disse Verin. — Mas, quaisquer que sejam, precisamos seguir a Trombeta de Valere.

A Mais Velha assentiu.

— A Trombeta de Valere. Não sei se a pior notícia é que ela esteja nas mãos de Amigos das Trevas ou que tenha sido encontrada, para começar. — Ela olhou para a fileira de Anciões. Cada um deles assentiu, mas um dos homens cofiou a barba primeiro, em dúvida. — Muito bem. Verin a firma que o tempo urge. Eu mesma os levarei ao Portal dos Caminhos. — Rand se sentia um pouco aliviado e um pouco temeroso, até que ela acrescentou: — Vocês chegaram aqui com um jovem Ogier. É Loial, filho de Arent, filho de Halan, do Pouso Shangtai. Ele está longe de casa.

— Precisamos dele — disse Rand, mais do que depressa. Suas palavras perderam a velocidade sob os olhares dos Anciões e de Verin, mas ele prosseguiu, por teimosia: — Precisamos que ele venha conosco, e ele quer vir.

— Loial é um amigo — a firmou Perrin, ao mesmo tempo em que Mat dizia:

— Ele não fica no caminho e faz sua parte.

Nenhum dos três parecia confortável com o olhar dos Anciões sobre si, mas não recuaram.

— Há algum motivo para ele não vir conosco? — indagou Ingtar. — Como Mat disse, ele faz sua parte. Não sei dessa história de precisarmos dele, mas, se ele quiser vir, por que…

— Nós realmente precisamos dele — intrometeu-se Verin, com gentileza. — Poucos ainda conhecem os Caminhos, mas Loial os estudou. Ele consegue decifrar os Guias.

Alar olhou para cada um deles de uma vez, e então passou a analisar Rand. Ela parecia saber coisas. Todos os Anciões pareciam, mas ela ainda mais.

— Verin disse que você é *ta'veren* — falou, por fim —, e posso sentir isso. O fato de eu poder fazê-lo signi ica que você deve ser um *ta'veren* muito forte, já que esses Talentos aparecem cada vez mais fracos em nós, quando aparecem. Por acaso você atraiu Loial, filho de Arent, filho de Halan, para *ta'maral'ailen*, a Teia que o Padrão tece à sua volta?

— Eu… eu só quero encontrar a Trombeta e… — Rand não

terminou a frase. Alar não mencionara a adaga de Mat. Ele não sabia se Verin contara aos Anciões ou se a omitira por algum motivo. — Ele é meu amigo, Mais Velha.

— Seu amigo — repetiu Alar. — Para nós, ele é jovem. Você também é jovem, mas é *ta'veren*. Cuidará dele e, quando a tessitura estiver completa, garantirá que ele volte a salvo para casa, no Pouso Shangtai.

— Eu vou — respondeu Rand.

Teve a sensação de que fizera uma promessa, um juramento.

— Então vamos para o Portal dos Caminhos.

Do lado de fora, Loial ficou de pé assim que eles apareceram, com Alar e Verin à frente. Ingtar mandou Hurin correr para buscar Uno e os outros soldados. Loial olhou para a Mais Velha, desconfiado, e então se juntou a Rand no fim da procissão. Todas as mulheres Ogier que estiveram observando-o haviam sumido.

— Os Anciões disseram alguma coisa a meu respeito? Ela…? — Ele olhou para as costas largas de Alar quando ela mandou Juin trazer os cavalos dos visitantes. Ela começou a andar à frente com Verin, curvando a cabeça para falar mais baixo, enquanto Juin ainda se retirava, fazendo reverências.

— Ela mandou Rand tomar conta de você — respondeu Mat, solene, enquanto eles seguiam o grupo — e garantir que você chegue em casa seguro como um bebê. Não vejo por que não fica aqui e se casa.

— Ela disse que você podia vir conosco. — Rand olhou com raiva para Mat, o que fez o rapaz rir baixinho. A risada soava estranha, vinda daquele rosto acabado. Loial girava o talo de um broto de coração-verdadeiro entre os dedos. — Você foi colher flores? — perguntou.

— Erith me deu. — Loial observou as pétalas amarelas girarem. — Ela é realmente muito bonita, mesmo que Mat não consiga ver.

— Isso quer dizer que você não quer vir conosco, afinal?

Loial se assustou.

— O quê? Ah, não. Quer dizer, sim. Eu quero ir. Ela só me deu uma flor. Só uma flor. — No entanto, ele tirou um livro do bolso e pôs o botão dentro, atrás da capa. Enquanto guardava o livro de volta, murmurou baixinho, quase para si mesmo, e quase baixo o bastante para que Rand não ouvisse: — E ela também disse que eu era bonito. — Mat sufocou uma risada e se dobrou ao meio, abraçando a si mesmo, e Loial enrubesceu. — Bem… Foi ela quem disse, não eu.

Perrin deu um cascudo no amigo.

— Ninguém nunca disse que Mat era bonito. Ele só está com ciúmes.

— Não é verdade — retrucou Mat, endireitando-se de repente. —

Marisa Ayellin me acha bonito. Ela me disse mais de uma vez.

— Marisa é bonita? — perguntou Loial.

— Ela tem cara de bode — respondeu Perrin, inexpressivo.

Mat se engasgou com a pressa em protestar.

Rand não conseguiu se impedir de sorrir. Marisa era quase tão bonita quanto Egwene. E aquilo era quase como nos velhos tempos, quase como estar de volta em casa, fazendo piadas, quando nada era mais importante do que rir e tirar sarro dos companheiros.

Enquanto seguiam pela cidadezinha, diversos Ogier cumprimentaram Alar, fazendo reverências e mesuras, e olhavam para os humanos com interesse. Mas a expressão decidida da Mais Velha impedia qualquer um de parar para fazer perguntas. Quando deixaram o povoado, só perceberam pela ausência de elevações. Ainda havia alguns Ogier examinando árvores, às vezes trabalhando com piche e serra ou com um machado, quando precisavam podar galhos mortos ou ajudar alguma árvore que precisava de sol. Eles cumpriam suas tarefas com dedicação.

Juin se juntou a eles, trazendo os cavalos. Hurin chegou a cavalo com Uno, os outros soldados e os cavalos de carga logo antes de Alar apontar e dizer:

— É ali na frente.

As piadas cessaram.

Rand sentiu uma surpresa momentânea. O Portal dos Caminhos precisava ficar do Lado de Fora do *pouso*. Eles haviam sido criados com o Poder Único, então não poderiam ter sido feitos do lado de dentro. Mas não havia nada que indicasse que haviam ultrapassado os limites do *pouso*. Até que Rand percebeu que havia uma diferença: a sensação que lhe acompanhava desde que chegara de que havia perdido algo se fora. Aquilo lhe deu outro tipo de calafrio. *Saidin* estava ali novamente, à espera.

Alar os levou além de um carvalho alto, e ali, em uma pequena clareira, estava a grande placa de pedra do Portal dos Caminhos. A frente era delicadamente esculpida com densas vinhas e folhas de centenas de plantas diferentes. Nos limites da clareira, os Ogier haviam construído uma mureta de pedra que quase parecia ter crescido ali, ostentando o que poderia ser um círculo de raízes. A aparência deixava Rand desconfortável. Ele levou um momento para perceber que aquelas raízes eram de espinheiros, urzes, folhardente e sumagre-venenoso. Não eram o tipo de planta em que gostaria de tropeçar.

A Mais Velha parou um pouco antes da mureta.

— Esta parede foi feita para avisar qualquer um que venha aqui para se afastar. Não são muitos que o fazem. Eu mesma não a cruzarei. Mas vocês podem seguir. — Juin não se aproximou tanto

quanto ela. O Ogier ficou esfregando as mãos na frente do casaco, sem olhar para o Portal dos Caminhos.

— Obrigada — respondeu Verin. — A necessidade é grande, ou eu não teria pedido.

Rand ficou tenso quando a Aes Sedai pulou a mureta e se aproximou do Portal. Loial respirou fundo e murmurou baixinho. Uno e os outros soldados ficaram inquietos em suas selas e soltaram as espadas nas bainhas. Uma espada não tinha serventia nos Caminhos, mas o gesto os ajudava a se convencer de que estavam prontos. Apenas Ingtar e a Aes Sedai pareciam calmos: até mesmo Alar segurou a saia com as duas mãos, bem firme.

Verin puxou a folha de *Avendesora* e Rand se inclinou para a frente, observando a cena. Teve um impulso de buscar o vazio, de ir para um lugar onde poderia alcançar *saidin*, caso fosse necessário.

A vegetação entalhada no Portal dos Caminhos se agitou com uma brisa que ninguém sentiu, e as folhas se sacudiram para formar uma linha no centro. Então as duas metades começaram a se abrir.

Rand encarou a fresta fixamente. Não havia um re flexo opaco e prateado atrás dela, apenas um negror mais escuro que piche.

— Feche! — gritou. — É o Vento Negro! Feche!

Verin olhou, assustada, e colocou a folha de três pontas em seu lugar. A folha de pedra permaneceu lá quando ela retirou a mão e recuou até a mureta. O Portal dos Caminhos havia começado a fechar assim que Verin colocou a folha no lugar. A fenda desapareceu. Vinhas e folhas se fundiam, ocultando o negror de *Machin Shin*, e o Portal dos Caminhos virou, outra vez, um bloco pedra, ainda que o enfeite esculpido parecesse mais vivo do que era possível.

Alar soltou a respiração, ofegante.

— *Machin Shin*. Tão perto.

— Ele não tentou sair — disse Rand.

Juin soltou um som engasgado.

— Eu disse a vocês — a firmou Verin. — O Vento Negro é uma criatura dos Caminhos. Não pode sair deles. — Ela parecia calma, mas ainda assim limpou as mãos na saia. Rand abriu a boca para falar e desistiu. — Ainda assim — prosseguiu —, ico intrigada por ele estar aqui. Primeiro em Cairhien, agora aqui. Eu me pergunto…

Ela olhou para Rand de soslaio, de um jeito inquietante. Foi tão rápido que ele achou que ninguém mais tivesse notado, mas, para Rand, ela parecia ver alguma ligação entre ele e o Vento Negro.

— Nunca ouvi falar disso — a firmou Alar, lentamente. — *Machin Shin* à espera diante de um Portal dos Caminhos. Ele sempre vagou pelos Caminhos. Mas faz muito tempo. Talvez o Vento Negro tenha fome e espere pegar algum desavisado que entre por um portal. Verin, tenho certeza de que vocês não podem usar este Portal. E, apesar da

sua grande necessidade, não posso dizer que lamento. Os Caminhos pertencem à Sombra agora.

Rand olhou para o Portal e franziu a testa. *Será que ele está me seguindo?* Tinha perguntas demais a fazer. Será que, de algum modo, Fain dera uma ordem ao Vento Negro? Verin dizia que era impossível. E por que Fain exigiria que ele o seguisse e depois tentaria detê-lo? Só sabia que acreditava na mensagem. Precisava ir à Ponta de Toman. Mesmo que encontrassem a Trombeta de Valere e a adaga de Mat embaixo de uma moita no dia seguinte, ainda teria que ir.

Verin permaneceu com o olhar perdido, pensativa. Mat estava sentado na mureta com a cabeça enterrada nas mãos, e Perrin o observava, preocupado. Loial parecia aliviado por não poderem usar o Portal, e envergonhado por isso.

— Terminamos aqui — anunciou Ingtar. — Verin Sedai, eu a segui, contrariando minha própria razão, mas não posso mais continuar. Pretendo voltar a Cairhien. Barthanes pode me dizer para onde foram os Amigos das Trevas, e vou encontrar uma forma de fazê-lo falar.

— Fain foi para a Ponta de Toman — respondeu Rand, cansado. — E a Trombeta foi com ele. Assim como a adaga.

— Suponho… — Perrin deu de ombros, relutante. — Suponho que possamos tentar usar outro Portal dos Caminhos. Em outro *pouso*?

Loial esfregou os dedos no queixo e falou depressa, como se para compensar pelo alívio ao ver o plano falhar.

— O Pouso Cantoine ica logo acima do rio Iralell, e o Pouso Taijing é a leste da Espinha do Mundo. Mas o Portal em Caemlyn, onde ficava o bosque, é mais perto. E o do Bosque de Tar Valon é o mais próximo de todos.

— Temo que, independente do portal escolhido — comentou Verin, distraída —, encontraremos *Machin Shin* à espera.

Alar dirigiu um olhar curioso à Verin, mas a Aes Sedai não disse mais qualquer palavra alto o suficiente para outra pessoa ouvir. Em vez disso, passou a murmurar sozinha, balançando a cabeça, como se discutisse consigo mesma.

— O que precisamos — sugeriu Hurin, timidamente — é de uma daquelas Pedras-portais. — Ele olhou para Alar, depois para Verin, e, como nenhuma das duas lhe mandou ficar quieto, continuou a falar, parecendo cada vez mais con fiante: — Lady Selene disse que as Aes Sedai de antigamente estudaram aqueles mundos, e que foi assim que souberam como fazer os Caminhos. E o lugar onde fomos parar… Bem, levamos apenas dois dias, talvez menos, para viajar cem léguas. Se conseguíssemos usar uma Pedra-portal para ir para aquele mundo ou algum como aquele… Ora, a gente não levaria mais que uma ou duas semanas para chegar ao Oceano de Aryth, e acho que dá pra sair

bem na Ponta de Toman. Talvez não seja tão rápido quanto os Caminhos, mas é muito mais rápido do que cavalgar para o oeste. O que vocês acham, Lorde Ingtar, Lorde Rand?

Verin respondeu.

— O que você sugere pode muito bem ser possível, farejador, mas temos tanta chance de abrir este Portal outra vez e descobrir que *Machin Shin* se foi quanto de encontrar uma Pedra-portal. Não sei de nenhuma mais perto do que a que ica no Deserto Aiel. Mas penso que poderíamos voltar à Adaga do Fratricida se você, Rand ou Loial acharem que conseguiriam encontrar aquela Pedra outra vez.

Rand olhou para Mat. Seu amigo erguera a cabeça, esperançoso, com aquela conversa sobre as Pedras. Apenas algumas semanas, dissera Verin. Se simplesmente cavalgassem para o oeste, Mat jamais sobreviveria para ver a Ponta de Toman.

— Eu consigo encontrá-la — interveio Rand, relutante.

Ele se sentia envergonhado. *Mat vai morrer. Os Amigos das Trevas estão com a Trombeta de Valere. Fain machucará as pessoas de Campo de Emond se você não segui-lo, e você está com medo de canalizar. Só uma vez para ir e outra para voltar. Mais duas vezes não vão deixá-lo louco*. O que lhe deu medo, porém, foi a avidez que sentiu ao pensar em canalizar outra vez, em sentir o Poder preenchê-lo, em sentir-se verdadeiramente vivo.

— Não entendo — comentou Alar, devagar. — As Pedras-portais não são ativadas desde a Era das Lendas. Achava que não havia alguém que ainda soubesse como usá-las.

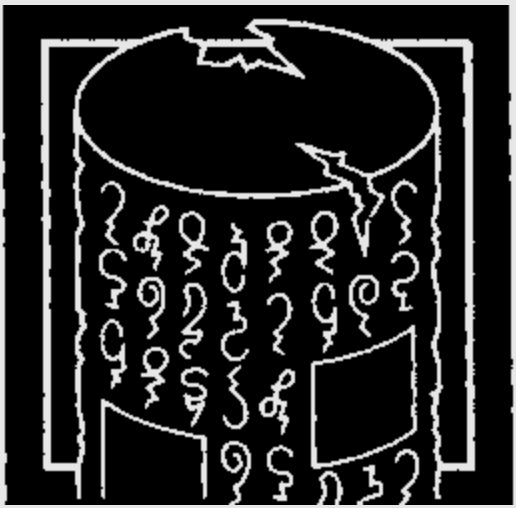
— A Ajah Marrom sabe muitas coisas — retrucou Verin, seca —, e eu sei como as Pedras podem ser usadas.

A Mais Velha assentiu.

— Há mesmo maravilhas na Torre Branca com as quais sequer sonhamos. Mas, se você consegue usar uma Pedra-portal, não há necessidade de cavalgarem até a Adaga do Fratricida. Há uma não muito longe daqui.

— Há de ser o que a Roda tecer, e o Padrão sempre provê o que é necessário. — A expressão ausente sumira por completo do rosto de Verin. — Leve-nos a ela — disse, de forma brusca. — Já perdemos muito tempo.

37



O que Poderia Ser

Alar os conduziu para longe do Portal dos Caminhos em um passo digno, embora Juin parecesse mais do que ansioso para deixar o lugar para trás correndo. Mat, pelo menos, parecia olhar à frente, ansioso, enquanto Hurin parecia con fiante. Loial, por sua vez, parecia mais preocupado com a possibilidade de Alar mudar de ideia sobre deixá-lo ir do que com qualquer outro assunto. Rand não se apressou ao levar Vermelho pelas rédeas. Não achava que Verin pretendesse ativar a Pedra em si.

A coluna de pedra cinzenta se erguia a quase quinze braças do chão, ao lado de uma faia, e tinha quase quatro passos de diâmetro. Rand teria considerado aquela faia uma árvore grande, se não tivesse visto as Grandes Árvores. Ali não havia uma mureta para alertar quem passasse pelo local, apenas algumas flores silvestres que despontavam da forragem de folhas no chão da floresta. A Pedra-portal estava desgastada, mas ainda era possível ler os símbolos que a cobriam.

Os soldados shienaranos montados formaram um círculo ao redor da Pedra e dos membros do grupo a pé.

— Nós a levantamos — comentou Alar — quando a encontramos, há muitos anos. Mas não a movemos. Ela… quase parecia… resistir a ser movida. — Seguiu direto até a pedra e pôs uma das mãos grandes nela. — Sempre a considerei um símbolo do que foi perdido, do que foi esquecido. Na Era das Lendas, ela podia ser estudada e compreendida em alguma medida. Mas, para nós, é apenas pedra.

— Bem, espero que seja mais do que isso. — A voz de Verin ficou ainda mais brusca. — Mais Velha, agradeço a ajuda. Perdoe-nos pela

falta de cerimônia ao deixá-la, mas a Roda não espera por mulher alguma. Pelo menos não perturbaremos mais a paz de seu *pouso*.

— Chamamos de volta os Construtores que estavam em Cairhien — começou a responder Alar —, mas ainda ouvimos notícias sobre o que acontece no mundo lá Fora. Falsos Dragões. A Grande Caçada à Trombeta. Nós ouvimos, e as notícias passam direto por nós. Mas acho que Tarmon Gai'don não passará direto por nós, nem nos deixará em paz. Passe bem, Verin Sedai. Todos vocês, passem bem, e que possam se abrigar na palma da mão do Criador. Juin. — Ela fez uma pausa, apenas para fitar Loial pela última vez e dirigir a Rand um último olhar de repreensão, e então os Ogier sumiram em meio às árvores.

Ouviram-se estalos nas selas enquanto os soldados se ajeitavam. Ingtar observou o círculo que formavam.

— Isso é realmente necessário, Verin Sedai? Mesmo que seja possível… Sequer sabemos se os Amigos das Trevas realmente levaram a Trombeta para a Ponta de Toman. Ainda acho que consigo fazer Barthanes…

— Se não podemos ter certeza — respondeu Verin, em um tom calmo, interrompendo-o —, a Ponta de Toman ainda é um lugar tão bom para procurarmos quanto qualquer outro. Já o ouvi dizer mais de uma vez que iria até Shayol Ghul para recuperar a Trombeta, se for necessário. Você recua agora, diante disso? — Ela indicou a Pedra sob a árvore de casca lisa.

As costas de Ingtar ficaram eretas.

— Eu não recuo diante de nada. Não importa se nos levará à Ponta de Toman ou a Shayol Ghul. Se a Trombeta de Valere estiver no fim do caminho, vou segui-la.

— Está bem, Ingtar. Agora, Rand, você foi transportado por uma Pedra-portal há menos tempo do que eu. Venha. — Ela o chamou com um gesto, e o rapaz conduziu Vermelho até ela, perto da Pedra.

— Você já usou uma Pedra-portal? — Ele olhou por cima do ombro, para ter certeza de que não havia ninguém próximo o suficiente para ouvir. — Então acho que não espera que eu o faça. — Ele deu de ombros, aliviado.

Verin o encarou com uma expressão neutra.

— Eu nunca usei uma Pedra, e é por isso que a sua experiência é mais recente que a minha. Conheço bem meus limites. Eu seria destruída antes de chegar perto de canalizar Poder o suficiente para ativar uma Pedra-portal. Mas sei um pouco sobre elas. O bastante para ajudá-lo, pelo menos um pouquinho.

— Mas eu não sei *nada*. — Ele conduziu o cavalo, contornando a Pedra, olhando-a de cima a baixo. — A única coisa que me lembro é do símbolo do nosso mundo. Selene me mostrou, mas eu não o vejo aqui.

— Claro que não. Não em uma Pedra *deste* mundo, já que os símbolos ajudam a *ir* para um mundo. — Ela sacudiu a cabeça. — O que eu não daria para conversar com essa garota de quem você tanto fala. Ou, melhor ainda, para pôr as mãos nesse livro dela. Acredita-se que nenhuma cópia de *Espelhos da Roda* sobreviveu inteira à Ruptura. Serafelle sempre diz que há mais livros que acreditamos estar perdidos do que eu tenho fé de que possam ser encontrados. Bem, não ajuda em nada me preocupar com o que não sei. Mas sei de algumas coisas. Os símbolos na metade de cima da Pedra representam os mundos. Não todos os Mundos que Poderiam Ser, é claro. Ao que parece, nem toda Pedra se conecta a todos os mundos, e os Aes Sedai da Era das Lendas acreditavam que havia mundos que nenhuma Pedra tocava. Você não vê nenhum que seja familiar?

— Nada. — Se ele encontrasse o símbolo certo, poderia usá-lo para encontrar Fain e a Trombeta, salvar Mat e impedir que Fain fizesse mal aos habitantes de Campo de Emond. Se encontrasse o símbolo, precisaria tocar *saidin*. Queria salvar Mat e deter Fain, mas não queria tocar *saidin*. Tinha medo de canalizar, mas ansiava por aquilo como um faminto ansiava por comida. — Nenhum deles.

Verin suspirou.

— Os símbolos na base indicam pedras de outros lugares. Se você souber como funciona, pode não nos levar para esta mesma Pedra em outro mundo, mas para uma das outras pedras de lá, ou mesmo para uma das outras deste mundo. Imagino que seja semelhante a Viajar, mas, assim como ninguém se lembra de como Viajar, ninguém se lembra de como funciona. Sem esse conhecimento, tentar fazer isso pode destruir a todos nós com muita facilidade. — Ela apontou para duas linhas onduladas paralelas, cruzadas por um estranho rabisco, entalhadas em uma parte bem baixa da coluna. — Este símbolo indica uma Pedra na Ponta de Toman. É uma das três pedras cujo símbolo eu conheço, e a única que visitei. Não aprendi absolutamente nada depois de quase ser pega pela neve nas Montanhas da Névoa e de quase congelar na Planície de Almoth. Você joga dados ou cartas, Rand al'Thor?

— Mat é quem gosta de jogar. Por quê?

— Certo. Bem, vamos deixá-lo fora disso, eu acho. Também conheço esses outros símbolos.

Ela passou um de seus dedos por um retângulo contendo oito entalhes bastante parecidos, representando um círculo e uma flecha. Mas em metade deles a flecha estava circunscrita, enquanto na outra metade ela atravessava o círculo. As flechas apontavam para a esquerda, para a direita, para cima e para baixo. Em volta de cada círculo havia uma linha diferente que Rand tinha certeza que era algum tipo de escrita, embora não fosse em nenhuma língua

conhecida. Era toda composta de linhas curvas, que subitamente se tornavam ganchos afiados, para depois voltar a fluir.

— Sei pelo menos o seguinte — prosseguiu Verin. — Cada um representa um mundo, e o estudo sobre eles serviram de base para a criação dos Caminhos. Estes aqui não são todos os mundos que chegaram a ser estudados, mas são os com os símbolos que eu conheço. É aqui que entra a sorte; não sei como são esses mundos. Acredita-se que, em alguns, um ano lá dura apenas um dia daqui. E em outros, um dia lá equivale a um ano aqui. Supõe-se que haja mundos em que o próprio ar pode matá-lo, e outros que mal são reais o suficiente para se manterem inteiros. Não vou especular sobre o que poderia acontecer se caíssemos em um desses. Você precisa escolher. Como meu pai diria, é hora de rolar os dados.

Rand olhou, estupefato, balançando a cabeça.

— Eu poderia matar todos nós com minha escolha.

— Você não está disposto a correr o risco? Pela Trombeta de Valere? Por Mat?

— Por que você está tão disposta? Eu nem sei se consigo fazer isso. Não… não funciona todas as vezes que tento. — Ele sabia que ninguém se aproximara, mas olhou para trás assim mesmo. Todos esperavam, mais ou menos em círculo ao redor da Pedra. Observavam a cena, mas não estavam perto o suficiente para ouvir. — Às vezes *saidin* está logo ali. Eu posso senti-lo, mas ele podia muito bem estar na lua quando tento tocá-lo. E, mesmo se funcionar, o que acontece se eu nos levar para um mundo onde não dê para respirar? Que bem isso faria a Mat? Ou à Trombeta?

— Você é o Dragão Renascido — respondeu ela, em voz baixa. — Ah, você pode até morrer, mas acredito que o Padrão não vá deixá-lo escapar antes de terminar o que precisa fazer com você. No entanto, a Sombra recobre o Padrão, agora. Quem poderia dizer como isso afeta a tessitura? Tudo que você pode fazer é seguir seu destino.

— Eu sou Rand al'Thor — respondeu, quase rosnando. — Não sou o Dragão Renascido. E não serei um falso Dragão.

— Você é o que é. Vai escolher ou vai ficar aí parado até seu amigo morrer?

Rand ouviu seus dentes rangerem e se forçou a relaxar a mandíbula. Os símbolos poderiam muito bem ser todos iguais, já que não tinham muito significado para ele. Aqueles escritos poderiam muito bem ser as pegadas de uma galinha. Por fim, escolheu um cuja seta apontava para a esquerda, porque naquela direção ficava a Ponta de Toman. Escolheu uma flecha perfurando o círculo, pois ela havia se libertado, como ele queria fazer. Quis rir. Eram detalhes tão pequenos para apostar suas vidas…

— Cheguem mais perto — ordenou Verin para os outros. — Vai

ser melhor se vocês estiverem mais perto. — Eles obedeceram, com uma leve hesitação. — Está na hora — continuou ela, enquanto eles se reuniam à sua volta.

Ela abriu o manto e colocou as mãos na coluna, mas Rand percebeu que ela o observava pelo canto do olho. Estava ciente das tossidas nervosas e dos pigarros dos homens ao redor da Pedra, de um impropério de Uno dirigido a alguém que se mantinha afastado, de uma piada fraca de Mat, de Loial engolindo em seco, bem alto. Ele buscou o vazio.

Naquele momento foi tão fácil… A chama consumiu o medo e as paixões, sumindo quase antes de ele pensar em formá-la. Ela se foi, deixando apenas o vazio e *saidin*, brilhante, nauseante, fascinante, de embrulhar o estômago, sedutor. Rand… o buscou… e o Poder o preencheu, o tornou vivo. Não moveu um músculo, mas sentiu como se estivesse tremendo com a torrente do Poder Único dentro de si. O símbolo se formou sozinho, a seta perfurando o círculo, flutuando logo além do vazio, sólido como o material em que fora esculpido. Ele deixou o Poder Único fluir por ele, indo até o símbolo.

O símbolo tremulou e piscou.

— Tem algo acontecendo — disse Verin. — Algo…

O mundo piscou.

A fechadura de ferro saiu rolando pelo chão, e Rand deixou cair o bule de chá quente quando uma enorme figura com chifres de carneiro chegou à porta, trazendo a escuridão da Noite Invernal atrás de si.

— Corra! — gritou Tam.

A espada de seu pai lampejou, fazendo o Trolloc tombar, mas a fera se engalfinhou com Tam enquanto caía, levando-o ao chão.

Mais Trollocs se aglomeravam à porta. Formas vestidas de cotas de malha negras, seus rostos como os de humanos, mas distorcidos com focinhos, bicos e chifres. Carregavam espadas estranhamente curvas e davam estocadas em Tam, que tentava se levantar. Machados pontudos o golpeavam, e o sangue vermelho manchava o aço.

— Pai! — gritou Rand.

Puxando a faca do cinturão, o rapaz se atirou por cima da mesa para ajudar o pai, gritando uma última vez quando a primeira espada atravessou seu peito.

O sangue saiu por sua boca, e uma voz sussurrou em sua cabeça. *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca.

Rand lutou para se agarrar ao símbolo, vagamente ciente da voz de Verin.

— … está…

O Poder o inundou.
Pisca.

Rand estava feliz com seu casamento com Egwene. Ele tentava não deixar que a melancolia o dominasse, naqueles momentos em que achava que deveria ter acontecido algo mais, algo diferente. As notícias do mundo lá fora chegavam a Dois Rios por meio de mascates e mercadores que iam comprar lã e tabaco. Eles sempre traziam notícias de novos problemas, guerras e Falsos Dragões que apareciam em toda parte. Houve um ano em que não apareceu nenhum mercador ou mascate e, quando voltaram no ano seguinte, todos traziam a notícia de que os exércitos de Artur Asa-de-gavião haviam retornado, ou ao menos seus descendentes. As velhas nações estavam derrotadas, e os novos mestres do mundo, que usavam Aes Sedai encoleiradas em suas batalhas, derrubaram a Torre Branca e salgaram a terra onde Tar Valor se erguera. Não havia mais Aes Sedai.

Tudo aquilo fazia pouca diferença para o pessoal de Dois Rios. As safras ainda precisavam ser plantadas, as ovelhas, tosquiadas, e os cordeiros, cuidados. Tam tivera netos e netas, que brincaram de cavalinho em seus joelhos, antes de ser enterrado ao lado da esposa, e a antiga casa da fazenda ganhara novos quartos. Egwene se tornara Sabedoria, e a maioria achava que ela era ainda melhor do que a antiga, Nynaeve al'Meara. E era bom que fosse, pois suas curas, que funcionavam milagrosamente nos outros, conseguiam por pouco manter Rand vivo, a despeito da doença que parecia ameaçá-lo constantemente. Seu estado de espírito estava cada vez pior, mais sombrio, e ele se enfurecia e dizia que as coisas deveriam ter acontecido de outro jeito. Egwene passou a ficar cada vez mais assustada quando ele ficava daquele jeito, pois coisas estranhas aconteciam quando ele estava em seus piores momentos: tempestades de raios que ela não percebera ao escutar o vento, incêndios na floresta… Mas ela o amava, então cuidava dele e o mantinha são, embora alguns murmurassem que Rand al'Thor era louco e perigoso.

Quando ela morreu, ele passou a ficar horas sentado sozinho em seu túmulo, com lágrimas ensopando a barba, que já estava ficando grisalha. A doença voltou, e ele piorou: perdeu dois dedos da mão direita e um da esquerda, suas orelhas pareciam cicatrizes e os homens murmuravam que ele cheirava a podridão. Sua depressão se agravou.

Ainda assim, quando chegaram as terríveis notícias, ninguém se recusou a aceitá-lo a seu lado. Trollocs, Desvanecidos e coisas jamais sonhadas irromperam da Praga, e os novos mestres do mundo estavam sendo vencidos, apesar de todo o seu poder. Então, Rand pegou o arco. Restavam-lhe apenas os dedos que precisava para atirar, mas ele

mancou com os que marchavam rumo ao norte até o rio Taren. Homens de cada vila e fazenda e de todos os cantos de Dois Rios, levando arcos, machados, lanças para caçar javalis e espadas que até então apenas enferrujavam nos sótãos. Rand também tinha uma espada, marcada com uma garça na lâmina, que encontrara depois da morte de Tam. Mas não sabia como usá-la. Algumas mulheres foram também, levando nos ombros qualquer arma que conseguissem encontrar, marchando ao lado dos homens. Alguns riam, dizendo que tinham a estranha sensação de que já haviam feito aquilo antes.

E foi no Taren que o povo de Dois Rios enfrentou os invasores. Fileiras intermináveis de Trollocs, liderados por Desvanecidos saídos de pesadelos, marchavam sob um estandarte negro como a morte, que parecia devorar a luz. Rand viu aquele estandarte e achou que a loucura o tomara outra vez, pois parecia que nascera para aquilo, para enfrentar aquele estandarte. Atirou todas as flechas contra ele, tão certeiras quanto a habilidade e o vazio permitiam, sem se preocupar com os Trollocs que forçavam passagem pelo rio ou com os homens e mulheres que morriam a seu lado. Foi um daqueles Trollocs que o derrotou, antes de trotar aos uivos em busca de sangue no interior de Dois Rios. Enquanto jazia na margem do Taren, vendo o céu escurecer ao meio-dia, com a respiração cada vez mais lenta, ele ouviu uma voz dizer: *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca.

A seta e o círculo se contorceram, transformando-se em duas linhas paralelas onduladas, e ele lutou para fazê-las voltar ao que eram.

Veio a voz de Verin.

— … errado. Alguma coisa…

O Poder rugia.

Pisca.

Tam tentou consolar Rand quando Egwene ficou doente e morreu, uma semana antes do casamento. Nynaeve também tentou, mas ela própria estava bastante abalada. Nem mesmo toda a sua habilidade a Sabedoria entendia o que matara a garota. Rand se sentara ao lado da casa de Egwene enquanto ela morria, e parecia não haver lugar em Campo de Emond onde não ouvisse seus gritos. Sabia que não poderia ficar. Tam lhe deu uma espada com uma lâmina com a marca da garça e, embora não tenha explicado muito bem como um pastor de Dois Rios encontrara aquela arma, ele o ensinou a usá-la. No dia em que partiu, Rand recebeu uma carta de Tam. Seu pai explicou que ela poderia fazer com que ele fosse aceito no exército de Illian e o abraçou, dizendo:

— Nunca tive outro filho, e nem quis ter. Volte com uma esposa se puder, menino, assim como eu. Mas volte, de qualquer jeito.

No entanto, Rand teve seu dinheiro roubado em Baerlon, assim como a carta de apresentação, e por pouco não perdeu a espada junto. Então encontrou uma mulher chamada Min, que lhe disse coisas tão loucas sobre ele que o rapaz decidiu deixar a cidade para fugir dela. Suas andanças o levaram a Caemlyn, e lá sua habilidade com a espada lhe valeu um lugar entre os Guardas da Rainha. Às vezes ele se pegava olhando para a Filha-herdeira, Elayne, e, naqueles momentos, se enchia de ideias estranhas de que aquilo não era como as coisas deveriam ser, de que precisava haver algo mais em sua vida. Elayne não olhava para ele, é claro. Ela se casou com um príncipe taireno, embora não parecesse feliz com aquilo. Rand era apenas um soldado, que já fora pastor em uma pequena aldeia. Era um lugar tão distante, na direção da fronteira ocidental, que apenas algumas linhas em uma mapa ainda a conectavam a Andor. Além disso, tinha a reputação de ser um homem de acessos de violência.

Alguns diziam que ele era louco, e, em tempos normais, talvez nem mesmo sua habilidade com a espada o teria mantido na Guarda. Mas aqueles não eram tempos comuns. Falsos Dragões brotavam como ervas daninhas. Cada vez que um era derrotado, outros dois se proclamavam, ou três. Até que todas as nações estavam arrasadas pela guerra. E a estrela de Rand brilhou, pois ele descobriu o segredo de sua loucura. Um segredo que ele sabia que precisava guardar, e foi o que fez. Ele era capaz de canalizar. Havia sempre lugares, momentos, em que tentava canalizar. Às vezes durante uma batalha, quando um pouco do poder, nada grande o suficiente para ser notado em meio à confusão, podia garantir a sorte. Às vezes funcionava, às vezes não. Mas dava certo com frequência suficiente. Ele sabia que estava louco, e não se importava. Uma doença degenerativa se abateu sobre ele, que também não se importou, nem ninguém mais. Chegaram notícias de que os exércitos de Artur Asa-de-gavião haviam retornado para reivindicar a terra.

Rand liderou mil homens quando os Guardas da Rainha cruzaram as Montanhas da Névoa. Nem pensou em fazer um desvio para visitar Dois Rios. Já não pensava no vilarejo com muita frequência. E comandou a Guarda quando o que restou dela recuou pelas montanhas. Lutou e recuou por toda a extensão de Andor, entre hordas de refugiados em fuga. Até que chegou a Caemlyn. Muitas pessoas de Caemlyn já haviam fugido, e muitas aconselhavam o exército a recuar ainda mais. Mas Elayne era Rainha, àquela altura, e jurara não deixar o lugar. Ela não olhava para seu rosto arruinado, marcado pelas cicatrizes da doença, mas ele não queria deixá-la. Então o que havia restado dos Guardas da Rainha se preparou para defendê-

la enquanto seu povo fugia.

O Poder veio a ele durante a batalha em Caemlyn, e ele arremessou raios e fogo contra os invasores e partiu a terra a seus pés. Mas mesmo assim, teve a sensação de que nascera para algo mais. Apesar de seus esforços, o exército inimigo era grande demais para ser detido, e alguns deles também conseguiam canalizar. Por fim, um raio lançou Rand da muralha do Palácio. Quebrado, sangrando e queimado, enquanto seu último suspiro se arrastava na garganta, ele ouviu uma voz sussurrar. *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca.

Rand lutou para segurar o vazio, que tremia sob as marretadas do mundo que piscava. Tentou se agarrar a um símbolo enquanto mil outros dardejavam pela super ície. Lutou para se agarrar a qualquer símbolo que fosse.

— … deu errado! — gritou Verin.

O Poder era tudo.

Pisca. Pisca. Pisca. Pisca. Pisca. Pisca.

Ele foi um soldado. Foi um pastor. Foi um mendigo, um rei. Foi fazendeiro, menestrel, marinheiro, carpinteiro. Nasceu, viveu e morreu Aiel. Morreu louco, apodrecendo, doente, por acidente, de velhice. Foi executado, e multidões comemoraram sua morte. Proclamou-se o Dragão Renascido e fez tremular seu estandarte pelo céu. Fugiu do Poder Único e se escondeu. Viveu e morreu sem nunca saber. Conteve a loucura e a doença por anos, sucumbiu entre um inverno e outro. Às vezes, Moiraine aparecia e o levava embora de Dois Rios, sozinho ou com alguns de seus amigos que haviam sobrevivido à Noite Invernal. Às vezes ela não ia. Às vezes outra Aes Sedai ia buscá-lo. Às vezes era uma da Ajah Vermelha. Egwene se casou com ele. Egwene, com uma expressão severa, usando a estola do Trono de Amyrlin, liderou as Aes Sedai que o amansaram. Egwene, com lágrimas nos olhos, cravou uma adaga em seu coração, e ele agradeceu ao morrer. Ele amou outras mulheres, casou-se com outras mulheres. Elayne, Min, a ilha loura de um fazendeiro da estrada de Caemlyn, e mulheres que nunca vira antes de viver aquelas vidas. Cem vidas. Mais. Tantas que ele não conseguia contar. E, no fim de cada uma, quando jazia às portas da morte, enquanto dava seu último suspiro, uma voz sussurrava em seu ouvido: *Venci de novo, Lews Therin.*

Pisca pisca.

O vazio desapareceu, o contato com *saidin* lhe escapou, e Rand

caiu com um baque que o teria deixado sem ar, caso já não estivesse parcialmente dormente. Ele sentiu a pedra áspera embaixo de seu rosto e suas mãos. Estava fria.

Tinha consciência de Verin, levantando-se com dificuldade de onde caíra com as costas no chão, colocando-se de quatro. Ouviu alguém vomitar com violência, e levantou a cabeça. Uno estava ajoelhado no chão, esfregando a boca com as costas da mão. Todos haviam caído, e os cavalos estavam com as patas rígidas, tremendo, revirando os olhos de um modo incontrolável. Ingtar olhava fixamente para o nada e tinha a espada na mão. Ele segurava o cabo com tanta força que a lâmina tremia. Loial estava sentado, esparramado, com os olhos arregalados, atordoado. Mat se encolhia em posição fetal com os braços sobre a cabeça, e Perrin cravava os dedos no rosto como se quisesse arrancar o que vira, ou talvez arrancar os olhos que viram aquelas coisas. Nenhum dos soldados estava em condição melhor. Masema nem tentava esconder o choro. Lágrimas rolavam pelo rosto, enquanto Hurin olhava em volta como se procurasse para onde fugir.

— O que…? — Rand parou para engolir em seco. Estava prostrado em uma pedra áspera e desgastada, parcialmente coberta de terra. — O que aconteceu?

— Um pico do Poder Único. — A Aes Sedai ficou de pé, cambaleante, e se enrolou no manto com um calafrio. — Foi como se estivéssemos sendo forçados… impelidos… Pareceu vir do nada. Você precisa aprender a controlá-lo. Precisa! Essa quantidade de Poder poderia transformá-lo em cinzas.

— Verin, eu… eu vivi… eu fui… — Ele percebeu que a pedra abaixo era arredondada. A Pedra-portal. Depressa, trêmulo, ele se forçou a ficar de pé. — Verin, eu vivi e morri não sei quantas vezes. E cada vez foi diferente, mas era eu. Era eu.

— As linhas que unem os Mundos que Podem Ser foram estabelecidas por aqueles que conheciam os Números do Caos. — Verin estremeceu. Parecia estar falando sozinha. — Nunca ouvi falar disso, mas não há motivos para não termos nascido naqueles mundos, embora nossas vidas fossem diferentes. É claro. Vidas diferentes para as diferentes formas como as coisas poderiam ter acontecido.

— Foi isso que aconteceu? Eu… nós… vimos como nossas vidas poderiam ter sido? — *Venci de novo, Lews Therin. Não! Eu sou Rand al'Thor!*

Verin se recompôs e olhou para ele.

— Você ica tão surpreso em saber que sua vida poderia ser modo diferente se tivesse feito escolhas diferentes ou se coisas diferentes tivessem acontecido? Mas nunca havia pensado que eu… Bem, o importante é que estamos aqui. Mesmo que não tenha sido como esperávamos.

— Aqui onde? — indagou Rand.

O bosque do Pouso Tsofu se fora, substituído por um terreno aberto. Parecia haver uma floresta não muito longe a oeste, e algumas colinas. O sol estivera alto no dia em que haviam se reunido no *pouso*, mas ali já estava baixo, quase no entardecer, em um céu cinzento. Algumas árvores próximas tinham os galhos nus, ou então umas poucas folhas de cores brilhantes. Um vento frio soprava do leste, remexendo as folhas pelo chão.

— Na Ponta de Toman — respondeu Verin. — Esta é a Pedra que visitei. Você não deveria ter tentado nos trazer direto para cá. Não sei o que deu errado, e acho que jamais saberei, mas, a julgar pelas árvores, diria que estamos no fim do outono. Rand, não ganhamos tempo com isso. Perdemos. Eu diria que levamos cerca de quatro meses para chegar aqui.

— Mas eu não…

— Você precisa me deixar guiá-lo nessas coisas. Não posso lhe ensinar, é verdade, mas talvez possa ao menos impedi-lo de se matar. E de matar o restante do grupo por ir longe demais. Mesmo que você não se mate, se o Dragão Renascido se exaurir, como uma vela queimada até o fim, quem enfrentará o Tenebroso? — Ela não esperou que ele repetisse os protestos. Em vez disso, foi até Ingtar.

O shienarano tomou um susto quando ela tocou seu braço, e afitou com olhos enlouquecidos.

— Eu caminho na Luz! — a firmou, rouco. — E vou encontrar a Trombeta de Valere e derrubar o poder de Shayol Ghul! Eu vou!

— É claro que vai — respondeu ela, acalmando-o. Então tomou o rosto dele nas mãos, e o homem inspirou subitamente, recuperando-se do que o afetava. No entanto, a lembrança ainda permanecia em seus olhos. — Pronto — disse ela. — Isso vai resolver seu problema. Vou ver como posso ajudar os outros. Ainda podemos recuperar a Trombeta, mas nosso caminho não ficou mais fácil.

Enquanto ela andava por entre os outros, parando por um tempo diante de cada um, Rand foi até seus amigos. Quando tentou ajudar Mat a se levantar, o rapaz se soltou e o encarou com o olhar fixo. Então segurou o casaco de Rand com as duas mãos.

— Rand, eu nunca contaria sobre… sobre você a ninguém. Eu não o trairia! Você precisa acreditar!

Ele parecia pior do que nunca, mas Rand achou que era principalmente por estar assustado.

— Eu acredito — respondeu. E se perguntou que vidas Mat teria vivido, e o que fizera. *Ele deve ter contado a alguém, ou não estaria tão ansioso*. Não podia culpá-lo. Aqueles haviam sido outros Mats, não esse. Além disso, depois de algumas alternativas que vira para si mesmo… — Eu acredito em você. Perrin?

O jovem de cabelos encaracolados deixou as mãos caírem do rosto com um suspiro. Marcas vermelhas manchavam sua testa e as bochechas onde ele cravara as unhas. Os olhos amarelos ocultavam seus pensamentos.

— Não temos muita escolha, não é mesmo, Rand? O que quer que aconteça, o que quer que a gente faça, algumas coisas quase sempre são as mesmas. — Ele soltou mais um longo suspiro. — Onde estamos? Esse é um daqueles mundos de que você e Hurin falaram?

— Aqui é a Ponta de Toman — explicou Rand. — No nosso mundo. Pelo menos foi o que Verin disse. E é outono.

Mat pareceu preocupado.

— Como é que…? Não, não quero saber como aconteceu. Mas como vamos encontrar Fain e a adaga agora? Ele pode estar em qualquer lugar, a essa altura.

— Ele está aqui — garantiu Rand.

Torcia para estar certo. Fain tivera tempo para embarcar em um navio para qualquer lugar que quisesse. Tempo para cavalgar até Campo de Emond. Ou Tar Valon. *Por favor, Luz, que ele não tenha cansado de esperar. Se tiver feito algum mal a Egwene, ou a qualquer pessoa de Campo de Emond, eu vou… A luz que me queime, eu tentei chegar a tempo*.

— As maiores cidades da Ponta de Toman são todas a oeste daqui — anunciou Verin, alto o bastante para que todos a ouvissem. Todos já estavam de pé outra vez, exceto Rand e seus dois amigos. Ela foi até eles e encostou as mãos em Mat, enquanto dizia: — Não que por aqui existam muitas aldeias grandes o suficiente para serem chamadas de cidadezinhas. Mas se buscamos qualquer vestígio dos Amigos das Trevas, devemos começar pelo oeste. E acho que não deveríamos desperdiçar luz do dia aqui, sentados.

Quando Mat piscou e ficou de pé, ainda parecendo doente, mas com movimentos mais firmes, ela virou-se para pôr as mãos em Perrin. E Rand recuou quando ela as estendeu para ele.

— Não seja tolo — repreendeu.

— Não quero sua ajuda — respondeu Rand, em voz baixa. — Nem a ajuda de qualquer Aes Sedai.

Ela comprimiu os lábios.

— Como quiser.

Montaram no mesmo instante e cavalgaram para oeste, deixando a Pedra-portal para trás. Ninguém protestou, muito menos Rand. *Luz, espero não chegar tarde demais*.

38

Treinamento

Sentada de pernas cruzadas na cama, em seu vestido branco, Egwene fazia com que três pequenas bolas de luz dançassem acima de suas mãos. Não tinha autorização para fazer aquilo sem ao menos uma das Aceitas supervisionando-a, mas, andando furiosa de um lado a outro em frente à pequena lareira estava Nynaeve. Afinal de contas, a Sabedoria usava o anel de serpente dado às Aceitas, e seu vestido tinha faixas de tecido colorido em torno da bainha, mesmo que ainda não tivesse permissão para ensinar alguém. E Egwene descobrira, ao longo das últimas treze semanas, que não conseguia resistir. Ela sabia como era fácil tocar *saidar*, àquela altura. Conseguia sempre sentir a fonte lá, esperando-a. Era como o aroma de um perfume ou a textura da seda, atraindo-a, atraindo-a. E, quando a tocava, quase nunca conseguia resistir a canalizar, ou pelo menos tentar. Falhava com quase a mesma frequência com que tinha sucesso, o que era apenas mais um estímulo.

Muitas vezes, aquilo a assustava. Ver o quanto queria canalizar a assustava, assim como ver como se sentia entediada e melancólica em comparação a quando não estava canalizando. Ela queria beber toda a fonte, a despeito dos avisos sobre a possibilidade de se exaurir, e essa vontade a assustava mais que tudo. Às vezes, desejava nunca ter ido para Tar Valon. Mas o receio não conseguia fazê-la parar por muito tempo, nem o medo de ser flagrada por uma Aes Sedai ou pelas Aceitas, a não ser Nynaeve.

No entanto, era seguro o suficiente ali, em seu próprio quarto. Min estava lá, sentada no banco de três pés, observando-a. Mas ela já

conhecia Min bem o suficiente, àquela altura, para saber que a menina jamais a deduraria. Julgava ser afortunada por ter feito amigas tão boas desde que chegara a Tar Valon.

Era um quarto pequeno e sem janelas, como o de todas as noviças. Três passos curtos levavam Nynaeve de uma parede branca à outra. O quarto da Sabedoria era muito maior, mas, como ela não fizera amigas entre as outras Aceitas, sempre ia ao quarto de Egwene quando precisava conversar com alguém, mesmo em momentos como aquele, nos quais não dizia uma palavra. O pequeno fogo na lareira estreita afastava bem a primeira friagem do outono que se aproximava, embora Egwene tivesse certeza de que não funcionaria tão bem quando o inverno chegasse. A pequena mesa de estudos completava a mobília, e seus pertences estavam pendurados de modo muito organizado em uma fileira de cavilhas na parede ou dispostos na pequena prateleira acima da mesa. Em geral, as noviças recebiam tarefas demais para passar tempo em seus quartos, mas aquele era um dia livre, o terceiro desde que ela e Nynaeve haviam chegado à Torre Branca.

— Else estava babando por Galad enquanto ele treinava com os Guardiões — comentou Min, equilibrando-se em dois pés do banco.

As bolinhas tremeluziram por um instante acima das mãos de Egwene.

— Ela pode olhar para quem quiser — respondeu a menina, em um tom despreocupado. — Não consigo imaginar por que eu estaria interessada nisso.

— Por nada, suponho. Ele é muito bonito, apesar de ser tão rígido. Muito agradável aos olhos, especialmente sem camisa.

As bolas giraram furiosamente.

— Eu não tenho vontade alguma de olhar para Galad, com ou sem camisa.

— Eu não deveria provocá-la — disse Min, arrependida. — Desculpa. Mas você gosta de olhar para ele… não me venha com essa cara! E quase todas as mulheres da Torre Branca gostam, a não ser as Vermelhas. Já vi Aes Sedai lá embaixo, nos jardins de treinamento, quando ele está praticando as formas, especialmente as Verdes. Dizem que estão observando seus Guardiões, mas nunca vi tantas quando Galad não está. Até as serviçais e cozinheiras aparecem para assistir.

As bolas estacaram, e, por um momento, Egwene olhou fixamente para elas. Então sumiram. De repente, ela soltou um risinho.

— Ele é bonito mesmo, não é? Até quando anda parece dançar. — Suas bochechas ficaram ainda mais coradas. — Sei que não deveria ficar olhando para ele, mas não consigo evitar.

— Eu também não consigo — respondeu Min —, e olha que posso ver como ele é.

— Mas ele é bom…?

— Egwene, Galad é tão bom que a faria arrancar os cabelos. Ele seria capaz de ferir alguém para servir a um bem maior. E sequer notaria quem feriu, estaria concentrado demais. Além disso, se notasse, esperaria que a pessoa compreendesse e achasse que está tudo bem, tudo certo.

— Imagino que você esteja certa — respondeu Egwene.

Ela já conhecia a habilidade de Min de olhar para as pessoas e ler todo tipo de coisa sobre elas. Min não contava tudo que via, e nem sempre via tudo, mas já dera provas o suficiente para Egwene acreditar. Ela olhou para Nynaeve, que ainda andava de um lado para outro e resmungava sozinha, então buscou *saidar* outra vez e voltou a fazer os malabarismos desordenados.

Min deu de ombros.

— Acho que não faz mal contar a você. Ele nem reparou no que Else estava fazendo. E perguntou a ela se você por acaso passearia pelo Jardim Sul depois da ceia, já que hoje é um dia livre. Fiquei até com pena dela.

— Pobre Else… — murmurou Egwene, e as esferas de luz sobre suas mãos ficaram mais brilhantes.

Min riu.

A porta se abriu de supetão, empurrada pelo vento. Egwene soltou um gritinho e fez as bolas sumirem, antes de reparar que era apenas Elayne.

A Filha-herdeira de Andor, de cabelos dourados, fechou a porta com um empurrão e pendurou o manto em uma cavilha.

— Acabei de saber — anunciou. — Os rumores são verdadeiros. O Rei Galldrian morreu. Isso inicia uma guerra de sucessão.

Min fez um som de desdém.

— Guerra civil. Guerra de sucessão. Um monte de nomes bobos para a mesma coisa. Se importa de não conversarmos sobre isso? É só o que se ouve falar hoje em dia. Guerra em Cairhien. Guerra na Ponta de Toman. Podem até ter capturado o falso Dragão em Saldaea, mas ainda há guerra em Tear. E a maior parte do que sabemos é apenas boato mesmo. Ontem ouvi uma das cozinheiras dizer que ouviu falarem que Artur Asa-de-gavião estava marchando contra Tanchico. Artur Asa-de-gavião!

— Achei que você não quisesse falar sobre isso — comentou Egwene.

— Eu vi Logain — contou Elayne. — Ele estava sentado em um banco no Pátio Interno, chorando. E correu quando me viu. Não consigo deixar de ter pena dele.

— Melhor ele chorar do que o resto de nós, Elayne — retrucou Min.

— Eu sei o que ele é — respondeu Elayne, com a voz calma. — Ou melhor, o que era. Ele não é mais, então posso ter pena dele.

Egwene se apoiou na parede, desanimada. *Rand*. Logain sempre a fazia pensar em Rand. Não sonhava com ele havia meses, pelo menos não o tipo de sonho que tivera a bordo do *Rainha do Rio*. Anaiya ainda a fazia anotar todos os sonhos que tinha e depois os lia em busca de sinais ou de relações com eventos. Mas não havia notícias de Rand, nada além daqueles sonhos que, segundo a Aes Sedai, apenas significavam que ela sentia falta do rapaz. Parecia estranho, mas ela sentia que era quase como se ele não estivesse mais lá, como se tivesse cessado de existir junto com seus sonhos, algumas semanas depois de sua chegada à Torre Branca. *E eu aqui, sentada, pensando em como Galad anda de um jeito bonito* , pensou, com amargura. *Rand deve estar bem. Se tivesse sido capturado e amansado, eu teria ouvido algum rumor*.

Aquilo lhe deu um calafrio. A ideia de Rand ser amansado, Rand chorando e desejando morrer, como Logain, sempre lhe dava calafrios.

Elayne sentou-se ao lado de Egwene na cama, acomodando os pés sob o corpo.

— Se estiver babando pelo Galad, Egwene, não sentirei pena de você. E ainda farei Nynaeve preparar para você uma daquelas misturas horríveis de que ela sempre fala. — Ela franziu a testa ao olhar para Nynaeve, que sequer havia notado sua chegada. — O que aconteceu com ela? Não me digam que também começou a suspirar pelo Galad!

— Eu não mexeria com ela se fosse você. — Min se inclinou na direção das duas e baixou a voz. — Aquela Aceita magricela, a Irella, disse que ela era desastrada como uma vaca e que tinha metade dos Talentos de uma. Então Nynaeve respondeu com uma bofetada no pé da orelha dela. — Elayne fez uma careta de dor. — Exatamente — murmurou Min. — Ela foi levada para o gabinete de Sheriam em um piscar de olhos, e está de mau humor desde então.

Aparentemente Min não baixara a voz o suficiente, pois Nynaeve rosnou. De repente, a porta se abriu de supetão mais uma vez, e uma ventania uivou pelo quarto. O vento não moveu os cobertores na cama de Egwene, mas Min e o banquinho tombaram, rolando até a parede. O vento morreu no mesmo instante e Nynaeve parou de andar, com um olhar arrependido.

Egwene correu até a porta e espiou para o lado de fora. O sol do meio-dia secava os últimos vestígios da tempestade da noite anterior. Ainda úmida, a varanda que cercava o Pátio das Noviças estava vazia, e todas as portas dos quartos, dispostas em uma longa fileira, estavam fechadas. As noviças que aproveitaram o dia livre para se divertir nos jardins sem dúvida já estavam recuperando o sono atrasado. Ninguém poderia ter visto aquilo. Ela fechou a porta e voltou a seu lugar ao

lado de Elayne, enquanto Nynaeve ajudava Min a se levantar.

— Me desculpe, Min — disse Nynaeve, tensa. — Às vezes meu mau humor… Não posso lhe pedir que me perdoe, não por isso. — Ela respirou fundo. — Se quiser me denunciar a Sheriam, vou entender. Eu mereço.

Egwene desejou não ter ouvido aquela admissão. Nynaeve podia ficar irritadiça por ela ter ouvido. Procurando por outra coisa para prestar atenção, uma na qual Nynaeve conseguisse acreditar que ela estivesse concentrada, a jovem percebeu que tocava *saidar* outra vez. Então recomeçou os malabarismos com bolas de luz. Elayne se juntou a ela mais do que depressa. Egwene viu o brilho se formar em torno na Filha-herdeira antes mesmo de as três pequenas bolas aparecerem sobre as mãos dela. As duas começaram a passar as pequenas esferas brilhantes uma para a outra, em padrões cada vez mais intrincados. Às vezes uma esfera se apagava quando uma delas não conseguia mantê-la acesa ao recebê-la, mas logo voltava com pequenas alterações na cor ou no tamanho.

O Poder Único enchia Egwene de vida. Ela sentia o leve aroma de rosas do sabão que Elayne usara em seu banho matinal. Conseguia sentir a massa áspera da parede e a pedra lisa do chão tão bem como a cama onde se sentava. E podia ouvir Min e Nynaeve respirarem, e ouvia ainda melhor as palavras discretas que trocavam…

— Se a questão é o perdão, você também precisa me perdoar. Você tem mau humor, mas eu tenho uma boca grande. Perdoo você se você me perdoar. — Com murmúrios de "perdoado", as duas se abraçaram. — Mas, se fizer isso de novo — zombou Min, rindo —, *eu* é que vou lhe dar uma bofetada na orelha.

— Da próxima vez — respondeu Nynaeve —, eu jogo alguma coisa em você. — Ela também ria, mas a risada cessou assim que olhou para Egwene e Elayne. — E vocês duas parem com isso, ou alguém vai *mesmo* ser mandada à Mestra das Noviças. Dois alguéns.

— Nynaeve, você não faria isso! — protestou Egwene. Porém, ao notar a expressão nos olhos da Sabedoria, cortou o contato com *saidar* mais do que depressa. — Tudo bem. Eu acredito em você. Não precisa provar.

— Precisamos praticar — protestou Elayne. — Elas pedem cada vez mais da gente. Se não praticássemos por conta própria, não conseguiríamos acompanhar o ritmo! — A expressão em seu rosto era de uma compostura calma, mas ela abandonara *saidar* tão depressa quanto Egwene.

— E o que vai acontecer quando você for longe demais — perguntou Nynaeve — e não houver ninguém para impedir? Queria que vocês tivessem mais medo. Eu tenho. Acham que não sei como se sentem? Está sempre lá, e você quer se preencher com aquilo. Às vezes

eu mal consigo parar, quero tudo. Eu sei que viraria torrada, mas quero assim mesmo. — Ela estremeceu. — Só gostaria que vocês tivessem mais medo.

— Eu tenho medo — respondeu Egwene. — Estou aterrorizada. Mas não adianta de nada. E você, Elayne?

— A única coisa que me aterroriza — respondeu a Filha-herdeira, em um tom despreocupado — é lavar a louça. Parece que tenho que fazer isso todo dia. — Egwene atirou o travesseiro nela. Elayne o levantou acima da cabeça e atirou de volta, mas depois disso baixou os ombros, desanimada. — Ah, tudo bem. Estou com tanto medo que não sei como meus dentes não estão batendo. Elaida disse que eu ficaria tão assustada que ia ter vontade de fugir com o Povo Errante, mas na época eu não havia entendido. Todos olhariam torto para um homem que conduzisse seus bois com o mesmo rigor com que nos tratam aqui. Passo o tempo todo cansada. Acordo cansada e vou para a cama exausta, e às vezes tenho tanto medo de sem querer canalizar mais do que consigo controlar que… — Olhando para o colo, ela não completou a frase.

Egwene sabia o que ela deixara de falar. Seus quartos ficavam um ao lado do outro, e, como em muitos dos outros quartos das noviças, tinha um pequeno buraco na parede que os separava, aberto havia muito. Era pequeno demais para ser notado, a menos que a pessoa soubesse onde procurar, mas era útil para conversar depois que os lampiões se apagavam, quando as noviças não podiam mais deixar seus quartos. Mais de uma vez, Egwene ouvira Elayne chorar até dormir. E não tinha dúvidas de que Elayne também ouvira o seu choro.

— Fugir com o Povo Errante é uma opção tentadora — concordou Nynaeve —, mas não importa aonde vá, isso não vai mudar o que você é capaz de fazer. Não se pode fugir de *saidar*. — Ela não parecia gostar do que estava dizendo.

— O que você vê, Min? — perguntou Elayne. — Nós seremos Aes Sedai poderosas, passaremos o resto da vida lavando louça, como noviças, ou… — Ela deu de ombros, desconfortável, como se não quisesse enunciar a terceira alternativa que lhe viera à mente.

Ser mandada para casa. Expulsa da Torre. Duas noviças haviam sido expulsas desde a chegada de Egwene, e todas falavam delas aos sussurros, como se tivessem morrido.

Min mudou de posição no banco.

— Não gosto de ler amigos — murmurou. — A amizade atrapalha a leitura, me faz tentar interpretar o que vejo da melhor forma possível. É por isso que não leio mais vocês três. De qualquer forma, nada mudou. Pelo menos, nada que eu possa… — Ela semicerrou as pálpebras, fitando-as e franziu a testa de repente. — Isso é novo —

disse, quase em um sussurro.

— O quê? — perguntou Nynaeve, ríspida.

Min hesitou antes de responder.

— Perigo. Vocês estão em algum tipo de perigo. Ou estarão, muito em breve. Não consigo distinguir, mas é perigo.

— Estão vendo? — ralhou Nynaeve, falando com as duas meninas sentadas na cama. — Vocês precisam tomar cuidado. Todas nós precisamos. E quero que as duas prometam que não vão canalizar de novo sem alguém como guia.

— Não quero mais falar sobre isso — disse Egwene.

Elayne assentiu veementemente.

— Isso. Vamos falar de outra coisa. Min, se você colocasse um vestido, aposto que Gawyn a chamaria para um passeio. Sabe que ele anda olhando para você, mas eu acho que pensa duas vezes ao ver essas calças e esse casaco de homem.

— Eu me visto do jeito que gosto, não vou mudar por causa de um lorde. Mesmo que ele seja seu irmão — respondeu Min, distraída, ainda com as pálpebras semicerradas e a testa franzida. Já tinham conversado sobre aquilo antes. — Às vezes é útil se passar por garoto.

— Ninguém que preste atenção acredita que você seja um garoto. — Riu Elayne.

Egwene se sentia desconfortável. Elayne falava com falsa alegria, Min mal prestava atenção ao que era dito e Nynaeve parecia querer adverti-las de novo.

Quando a porta se abriu outra vez, Egwene se levantou de um pulo para fechá-la, grata por ter algo para fazer além de assistir as outras fingirem que estava tudo bem. Antes de chegar até lá, porém, entrou no quarto uma Aes Sedai com olhos escuros e o cabelo louro preso em várias pequenas tranças. Egwene piscou, tão surpresa por haver uma Aes sedai em seu quarto quanto por ela ser Liandrin. Não sabia que a mulher havia retornado à Torre Branca. E, além disso, as noviças eram chamadas se uma Aes Sedai quisesse algo com elas. Uma irmã em seu quarto não era bom sinal.

O aposento ficou pequeno demais com cinco mulheres dentro dele. Liandrin parou para ajeitar o xale de franjas vermelhas, olhando para elas. Min não se mexeu, mas Elayne se levantou. As três que estavam de pé fizeram uma mesura, embora Nynaeve mal tenha flexionado os joelhos. Egwene achava que a Sabedoria nunca ia se acostumar a outras pessoas tendo autoridade sobre ela.

O olhar de Liandrin se fixou na Aceita.

— E por que está aqui, na ala das noviças, criança? — Seu tom era gélido.

— Estou visitando minhas amigas — respondeu Nynaeve, tensa. Depois de um instante, acrescentou, tarde demais: — Liandrin Sedai.

— Elas não deveriam ter amigas entre as noviças, as Aceitas. A esta altura, isso já era para você ter aprendido. Mas é até bom que eu tenha encontrado você aqui. Você e você — ela apontou para Elayne e Min — vão embora.

— Volto mais tarde. — Min se levantou com displicência, fazendo questão de mostrar que não tinha pressa em obedecer, e passou por Liandrin com um sorriso. A Aes Sedai pareceu não perceber. Elayne dirigiu um olhar preocupado a Egwene e Nynaeve, antes de fazer uma breve reverência e sair.

Depois que Elayne fechou a porta, Liandrin ficou parada olhando para Egwene e Nynaeve. A mais jovem começou a ficar inquieta sob o escrutínio, mas Nynaeve se manteve firme, sem mostrar mais que um leve enrubescimento.

— Vocês duas são da mesma aldeia que os garotos que viajaram com Moiraine, sim? — perguntou Liandrin, de repente.

— Você tem alguma notícia do Rand? — perguntou Egwene, ávida. A mulher ergueu uma sobrancelha. — Perdoe-me, Liandrin Sedai. Esqueci minhas maneiras.

— Você tem notícias deles? — indagou Nynaeve, quase exigindo uma resposta.

As Aceitas não tinham regras sobre não falar com uma Aes Sedai até que elas lhe dirigissem a palavra.

— Vocês se preocupam com eles. Isso é bom. Eles estão em perigo, e vocês talvez sejam capazes de ajudar.

— Como sabe que eles estão com problemas? — Dessa vez, não houve dúvida sobre a exigência na voz de Nynaeve.

Liandrin comprimiu os lábios em forma de botão de rosa, mas seu tom de voz não se alterou.

— Embora vocês não saibam disso, Moiraine mandou cartas à Torre Branca sobre vocês. Moiraine Sedai se preocupa com vocês e com seus jovens… amigos. Eles estão em perigo, garotos. Vocês querem ajudar ou preferem deixá-los à própria sorte?

— Sim — respondeu Egwene, ao mesmo tempo em que Nynaeve perguntava:

— Que tipo de problema? Por que *você* quer ajudá-los? — A Sabedoria olhou para as franjas vermelhas do xale de Liandrin. — E achei que você não gostasse de Moiraine.

— Não presuma coisas demais, criança — respondeu Liandrin, ríspida. — Ser uma Aceita não é ser uma irmã. Aceitas e noviças ouvem quando uma irmã fala e fazem o que lhes é pedido. — Ela tomou fôlego e prosseguiu. O tom era frio e sereno, mas manchas pálidas, de raiva, eram visíveis em suas bochechas. — Algum dia, certa estou, você servirá a uma causa. Então aprenderá que para servi-la é necessário trabalhar até mesmo com as pessoas de quem não

gosta. Já trabalhei com muita gente com quem não dividiria a mesma sala, se tivesse escolha, isso posso dizer. Você não se uniria àqueles que mais odeia, se fosse para salvar seus amigos?

Nynaeve assentiu, relutante.

— Mas você ainda não disse em que tipo de perigo eles estão, Liandrin Sedai.

— O perigo vem de Shayol Ghul. Eles estão sendo caçados, da mesma forma que conforme soube, foram antes. Se comigo vierem, ao menos podem ser eliminados alguns perigos. Não perguntem como, pois não posso contar, mas, sem pestanejar, afirmo que é verdade.

— Nós iremos, Liandrin Sedai — afirmou Egwene.

— Iremos para onde? — indagou Nynaeve. Egwene lhe dirigiu um olhar exasperado.

— Para a Ponta de Toman.

O queixo de Egwene caiu, e Nynaeve murmurou:

— A Ponta de Toman está em guerra. Esse perigo tem algo a ver com os exércitos de Artur Asa-de-gavião?

— Você acredita em boatos, criança? E, mesmo que fossem verdade, seriam o bastante para detê-la? Pensei que chamasse de amigos esses homens. — Havia algo nas palavras de Liandrin que sugeria que ela nunca faria o mesmo.

— Nós iremos — disse Egwene. Nynaeve abriu a boca outra vez, mas Egwene prosseguiu: — Nós iremos, Nynaeve. Se Rand precisa da nossa ajuda, assim como Mat e Perrin, temos que ajudar.

— Eu sei — respondeu Nynaeve —, mas o que quero saber é por que nós? O que podemos fazer que Moiraine ou você, Liandrin, não podem?

As palidez nas bochechas de Liandrin se intensificaram. Egwene se deu conta de que Nynaeve esquecera de acrescentar o honorí ico ao se dirigir a ela, mas a mulher apenas respondeu:

— Vocês vieram da mesma vila que os rapazes. De algum jeito que não entendo muito bem, estão conectadas a eles. Mais que isso, não posso dizer. E essas perguntas tolas, nenhuma delas será respondida. Vocês virão comigo, pelo bem deles? — Ela fez uma pausa, esperando pela concordância. Ficou visivelmente menos tensa quando as duas assentiram. — Bom. Vocês devem me encontrar na orla norte do bosque Ogier uma hora antes do pôr do sol. Levem seus cavalos e o que mais forem precisar para a viagem. Sobre isso, não devem falar com ninguém.

— Nós não podemos deixar a área da Torre sem permissão — comentou Nynaeve, medindo as palavras.

— Vocês têm minha permissão. Não contem a ninguém. Ninguém. Caminha nos salões da Torre Branca a Ajah Negra.

Egwene engasgou e ouviu um eco vindo de Nynaeve. A Sabedoria

se recuperou rápido.

— Achei que todas as Aes Sedai negassem a existência da… disso.

Liandrin comprimiu os lábios com desdém.

— Muitas negam. Mas Tarmon Gai'don se aproxima, e já passou o tempo de negar isso. Ela é o oposto de tudo que a Torre representa, a Ajah Negra. Mas existe, criança. Está em todo lugar, qualquer mulher pode pertencer a ela, e trabalha a serviço do Tenebroso. Se estão sendo perseguidos pela Sombra, seus amigos acham que a Ajah Negra deixaria vocês vivas e livres para ajudá-los? Não contem a ninguém. Ninguém! Ou podem não sobreviver para chegar à Ponta de Toman. Uma hora antes do pôr do sol. Não falhem comigo. — E, com isso, ela se foi, fechando a porta com firmeza após sair.

Egwene desabou na cama com as mãos nos joelhos.

— Nynaeve, ela é uma Ajah Vermelha. Não pode saber do Rand. Se descobrir…

— Ela não pode saber — concordou Nynaeve. — Queria entender o que leva uma Vermelha a querer ajudar. Ou por que ela está disposta a trabalhar com Moiraine. Eu poderia jurar que uma negaria água se a outra estivesse morrendo de sede.

— Acha que ela está mentindo?

— Ela é uma Aes Sedai — respondeu Nynaeve, seca. — Aposto minha melhor abotoadura de prata contra um mirtilo que cada palavra que disse era verdade. Mas me pergunto se ouvimos o que achamos que ouvimos.

— A Ajah Negra. — Egwene estremeceu. — Não há dúvida sobre o que ela contou a respeito disso, que a Luz nos ajude.

— Nenhuma dúvida — concordou Nynaeve. — E ela também nos impediu de pedir conselho a qualquer pessoa, porque, depois disso, em quem podemos confiar? Que a Luz nos ajude mesmo.

Min e Elayne entraram de supetão, batendo a porta.

— Vocês vão mesmo? — perguntou Min.

Elayne indicou o buraquinho na parede acima da cama de Egwene, dizendo:

— Escutamos de lá do meu quarto. Ouvimos tudo.

Egwene e Nynaeve se entreolharam, perguntando-se o quanto elas teriam escutado, e percebeu a mesma preocupação no rosto da Aceita. *Se conseguirem deduzir a verdade sobre Rand…*

— Vocês precisam manter isso em segredo — alertou Nynaeve. — Imagino que Liandrin tenha conseguido a permissão para irmos com Sheriam. Mas, mesmo que não tenha, mesmo que comecem a vasculhar a Torre de cima a baixo procurando por nós amanhã, vocês duas não podem dizer uma palavra.

— Manter segredo? — perguntou Min. — Não se preocupe. Vou com vocês. Tudo que eu faço o dia inteiro é tentar explicar a uma

irmã Marrom ou de outra Ajah algo que nem eu mesma entendo. Não posso nem sair para passear sem que a própria Amyrlin surja do nada e me peça para ler quem estiver pelo caminho. Quando aquela mulher pede, não tem muito jeito de escapar. Já devo ter lido metade da Torre Branca, mas ela sempre pede outra demonstração. Eu só precisava era de uma desculpa para ir embora, e é essa. — O rosto da jovem tinha uma expressão determinada, de quem não aceitaria quaisquer argumentos.

Egwene se perguntou por que Min estava tão determinada a ir com elas em vez de apenas partir por conta própria. Antes que pudesse pensar mais no assunto, Elayne afirmou:

— Eu também vou.

— Elayne — começou Nynaeve, gentil —, Egwene e eu somos conterrâneas dos garotos, somos de Campo de Emond. Você é a Filha-herdeira de Andor. Desaparecer da Torre Branca pode… pode começar uma guerra.

— Minha Mãe não começaria uma guerra contra Tar Valon nem que me curtissem e salgassem, algo que podem muito bem estar tentando fazer. Se vocês três podem sair e ter uma aventura, não podem achar que eu vou ficar aqui e lavar louça, esfregar o chão e ouvir alguma Aceita me recriminar porque não fiz uma chama do tom de azul que ela queria. Gawyn vai morrer de inveja quando descobrir. — Elayne sorriu e estendeu os braços para dar um puxão carinhoso no cabelo de Egwene. — Além disso, se você deixar Rand dando sopa, eu talvez tenha uma chance de ficar com ele para mim.

— Acho que nenhuma de nós vai ficar com ele — respondeu Egwene, triste.

— Então encontraremos quem ele escolher e tornaremos a vida dela miserável. Mas acho que ele não seria idiota o suficiente para escolher outra pessoa, quando poderia ter uma de nós. Ah, por favor, Egwene. Eu sei que ele é seu. Só me sinto… — Ela hesitou, buscando a palavra — … livre. Nunca vivi uma aventura. Aposto que, em uma aventura, nenhuma de nós vai chorar até dormir. E, se chorarmos, vamos ter que garantir que os menestréis deixem essa parte de fora.

— Isso é estupidez — interrompeu Nynaeve. — Vamos para a Ponta de Toman. Você ouviu as notícias e os rumores. Vai ser perigoso. Você precisa ficar aqui.

— Eu também ouvi Liandrin falar da… da Ajah Negra. — A voz de Elayne se tornou quase um sussurro ao dizer aquele nome. — Acham mesmo que vou continuar segura se *elas* estão aqui? Se minha mãe sequer suspeitasse que a Ajah Negra existe de verdade, acho que até me jogaria no meio de uma batalha para me afastar delas.

— Mas Elayne…

— Só há uma forma de me impedir de ir. Contar à Mestra das

Noviças. Vai ser uma bela cena, nós três enfileiradas no escritório dela. Nós quatro. Acho que a Min não escaparia de algo assim. Então, já que vocês não contarão à Sheriam Sedai, eu vou junto.

Nynaeve ergueu as mãos em um gesto de desistência.

— Talvez você possa dizer alguma coisa que a convença — pediu a Min.

Min estava encostada na porta, encarando Elayne intensamente, e negou com a cabeça.

— Acho que ela precisa ir tanto quanto vocês. Quanto nós. Consigo ver o perigo ao redor de vocês com mais clareza agora. Não está claro o bastante para que eu possa distinguir o que é, mas acho que tem algo a ver com a decisão de ir. É por isso que está mais claro, porque é mais certo.

— Não há motivo para ela ir — retrucou Nynaeve, e Min negou com a cabeça outra vez.

— Ela está tão ligada a esses garotos quanto você, Egwene, ou eu. Ela é parte disso, Nynaeve, seja lá o que isso for. Parte do Padrão, como imagino que uma Aes Sedai diria.

Elayne pareceu surpresa, mas também interessada.

— Eu sou? Que parte, Min?

— Não consigo ver muito bem. — A jovem olhou para o chão. — Às vezes eu queria não conseguir ler as pessoas. De qualquer jeito, a maioria não fica feliz com o que vejo.

— Se todas nós vamos — começou Nynaeve —, é melhor começarmos a planejar.

Não importava o quanto se opusesse a princípio, quando a decisão estava tomada, Nynaeve sempre partia direto para as questões práticas: o que precisavam levar, se fazia frio na Ponta de Toman e como tirariam os cavalos dos estábulos sem serem impedidas.

Enquanto ouvia a Sabedoria, Egwene não conseguiu evitar imaginar que perigo seria esse que Min vira para elas. E que perigo ameaçaria Rand. Ela conhecia apenas um perigo que poderia ameaçá-lo, e gelava só de pensar naquilo. *Aguente firme, Rand. Aguente firme, seu idiota cabeça de lã. Vou dar um jeito de ajudar você*.

39

A Fuga da Torre Branca

Egwene e Elayne inclinavam ligeiramente a cabeça, cumprimentando cada grupo de mulheres pelas quais passavam enquanto atravessavam a Torre. Egwene achava bom que houvesse tanta gente de fora da Torre naquele dia, mulheres demais para que cada uma estivesse acompanhada de uma Aceita ou de uma Aes Sedai. Elas ficavam em silêncio, aguardando a vez de fazer uma pergunta ou apresentar petições à Torre. Andavam sozinhas ou em pequenos grupos, vestiam roupas simples ou sofisticadas, vindas de diversas terras, algumas ainda com os trajes empoeirados da viagem a Tar Valon. Certas mulheres, as que eram ladies, mercadoras ou esposas de mercadores, estavam acompanhadas pelas próprias serviçais. Até mesmo alguns homens tinham vindo com suas petições. Eles ficavam sozinhos, parecendo pouco à vontade por estarem na Torre Branca e observavam a todos com evidente desconforto.

Nynaeve seguia na frente, com a cabeça erguida e uma expressão determinada, o manto balançando atrás de si, andando como se soubesse para onde iam — e sabia, contanto que ninguém as detivesse — e tivesse todo o direito de ir até lá — o que era outra história, é claro. Estavam vestidas com as roupas que haviam trazido para Tar Valon, e certamente não pareciam residentes da Torre. Cada uma escolhera o melhor vestido de saia dividida para cavalgar, além de mantos de lã fina com bordados sofisticados. Desde que ficassem longe de todos que pudessem reconhecê-las — já haviam se esquivado de várias pessoas que conheciam seus rostos —, Egwene achava que

conseguiriam.

— Essas roupas seriam mais apropriadas para um passeio nos jardins de algum lorde do que para cavalgar até a Ponta de Toman — resmungara Nynaeve, seca, enquanto Egwene a ajudava com os botões do vestido de seda cinza com bordados de ouro e flores peroladas no quadril e nas mangas —, mas deve nos ajudar a passar despercebidas.

Egwene ajeitou o manto, alisou o próprio vestido de seda verde e olhou para Elayne, com uma roupa azul com detalhes creme, torcendo para que a Sabedoria estivesse certa. Até o momento, todos pensaram que elas fossem visitantes, nobres, ou pelo menos mulheres de posses, mas mesmo assim elas pareciam se destacar. Egwene se surpreendeu ao perceber o motivo: sentia-se desconfortável em um vestido caro, depois de meses usando a roupa branca e simples das noviças.

Um pequeno grupo de aldeãs em roupas de lã rústicas e escuras fez leves mesuras à sua passagem. Egwene olhou para trás, para Min, assim que se afastaram. Min continuava usando a calça e a camisa masculinas folgadas, escondidas sob um manto masculino marrom e um velho chapéu de abas largas enfiado sobre os cabelos curtos.

— Uma de nós tem que ser o serviçal — explicara, rindo. — Mulheres vestidas como vocês sempre estão acompanhadas de pelo menos um. E vocês vão ficar com inveja das minhas calças, se precisarmos correr. — Ela carregava quatro conjuntos de alforjes abarrotados de roupas quentes, pois certamente o inverno chegaria antes de voltarem. Também levavam pacotes de comida afanados das cozinhas, apenas o suficiente para sobreviveram até poderem comprar mais.

— Tem certeza de que não posso carregar alguns deles, Min? — perguntou Egwene, com gentileza.

— Eles só são ruins de carregar — respondeu Min, com um sorriso —, não estão pesados. — Ela parecia achar que era tudo uma brincadeira, ou ao menos fingia que achava. — E com certeza as pessoas se perguntariam por que uma lady re finada como você estaria carregando os próprios alforjes. Você pode levar os seus, e os meus também, se quiser, quando a gente… — O sorriso sumiu, e ela sussurrou com urgência: — Aes Sedai!

Egwene olhou depressa para a frente. Uma Aes Sedai de cabelo liso, longo e preto e de pele cor de mar fim envelhecido seguia pelo corredor na direção delas, ouvindo os pedidos de uma mulher com roupas rústicas de fazenda e um manto remendado. A Aes Sedai ainda não as vira, mas Egwene a reconheceu: Takima, da Ajah Marrom, que ensinava História da Torre Branca e das Aes Sedai. E que era capaz de reconhecer uma de suas pupilas a cem passos de distância.

Nynaeve entrou em um corredor transversal sem diminuir o passo, mas uma das Aceitas, uma mulher magricela com o rosto

sempre franzido, passou apressada por elas, puxando uma noviça de rosto vermelho pela orelha.

Egwene precisou engolir em seco antes de conseguir falar.

— Era Irella. E Else. Será que elas viram a gente? — Ela não conseguia se forçar a olhar para trás para ter certeza.

— Não — respondeu Min, um instante depois. — Tudo o que viram foram nossas roupas.

Egwene deu um longo suspiro de alívio. Pôde ouvir Nynaeve fazer o mesmo.

— Acho que meu coração vai explodir antes de chegarmos aos estábulos — murmurou Elayne. — As aventuras são assim o tempo todo, Egwene? A gente fica sempre com o coração na boca e um frio na barriga?

— Imagino que sim — respondeu Egwene, devagar.

Era di ícil lembrar da época em que estava ansiosa para viver uma aventura, para fazer algo perigoso e emocionante como as pessoas das histórias. Naquele momento, achava que a parte empolgante era o que você recordava e relatava aos outros, e que as histórias deixavam de fora vários detalhes desagradáveis. Foi o que disse a Elayne.

— Ainda assim — a firmou a Filha-herdeira, com firmeza —, nunca me senti empolgada de verdade antes. E nunca me sentiria assim se dependesse da minha mãe. Sei que vai depender dela até eu assumir o trono.

— Quietas, vocês duas — ralhou Nynaeve. Elas estavam sozinhas em um corredor, para variar, sem ninguém à vista. Ela apontou para uma escadaria estreita que levava a um andar inferior. — Deve ser a que procuramos, se é que eu não fiquei completamente desorientada com todas essas curvas e desvios.

Ela desceu a escada mesmo assim, agindo como se tivesse certeza, e as outras a seguiram. E estava certa, pois a pequena porta no fim da descida as levou ao pátio empoeirado do Estábulo Sul. Era lá que ficavam os cavalos que chegavam com algumas noviças até que elas precisassem deles, o que geralmente não acontecia até se tornarem Aceitas ou serem mandadas para casa. O vulto reluzente da Torre se assomava atrás delas. O terreno da Torre era muito grande, e as muralhas, mais altas do que as de muitas cidades.

Nynaeve entrou no estábulo como se fosse dona do lugar, que cheirava a feno e cavalos, e duas longas fileiras de baias se estendiam pelas sombras, iluminadas aqui e ali pela luz que entrava pelas claraboias. Por incrível que parecesse, Bela e a égua cinzenta de Nynaeve estavam em baias próximas à porta. O focinho de Bela apareceu por cima da porta e a égua relinchou baixinho para Egwene. Havia apenas um cavalariço à vista, um sujeito de aparência agradável, com a barba um pouco grisalha, mascando uma palhinha.

— Nossos cavalos serão selados — ordenou Nynaeve, na melhor voz de autoridade que tinha. — Esses dois. Min, vá atrás do seu cavalo e do de Elayne. — Min deixou os alforjes e saiu, puxando Elayne para o fundo do estábulo.

O cavalariço franziu a testa, olhando para elas, e tirou a palha da boca sem pressa.

— Deve haver algum engano, milady. Esses animais…

— … são nossos — declarou Nynaeve, firme, cruzando os braços de modo que o anel com a serpente ficasse evidente. — Você vai selá-los imediatamente.

Egwene prendeu a respiração. Tinham combinado que Nynaeve, como último recurso, tentaria se passar por uma Aes Sedai, caso tivessem dificuldade com alguém capaz de acreditar na mentira. Não funcionaria com Aes Sedai ou Aceitas, é claro, e talvez nem mesmo uma noviça. Mas um cavalariço…

O homem piscou, olhando para o anel de Nynaeve e, então, a encarou.

— Falaram que viriam duas — disse, por fim, sem parecer se impressionar. — Uma Aceita e uma noviça. Não falaram nada sobre quatro de vocês.

Egwene teve vontade de rir. É claro que Liandrin não acreditaria que elas eram capazes de conseguir os cavalos sozinhas.

Nynaeve pareceu desapontada, e sua voz se tornou mais ríspida.

— Você, tire esses cavalos depressa e sele-os, ou vai precisar da Cura de Liandrin, se ela estiver disposta a oferecê-la.

O cavalariço balbuciou o nome da Aes Sedai, mas bastou um olhar para a expressão de Nynaeve para se apressar em arrumar os cavalos com apenas alguns resmungos, baixos o bastante para que ninguém escutasse. Min e Elayne voltaram com suas montarias enquanto ele terminava de apertar o segundo arreio. O de Min era um capão alto cor de terra. A de Elayne, uma égua baia com um pescoço longo.

Quando já estavam montadas, Nynaeve se dirigiu uma última vez ao cavalariço.

— Sem dúvida lhe avisaram para manter isso em segredo, e nada mudou. Não importa se somos duas ou duzentas. Se pensa que isso mudou, imagine o que Liandrin fará caso você fale sobre o que o ordenaram a manter em segredo.

Enquanto saíam, Elayne jogou uma moeda para ele e murmurou:

— Pelo seu trabalho, meu bom homem. Você fez bem. — Do lado de fora, ela trocou e Egwene se entreolharam, e a Filha-herdeira sorriu. — Minha mãe sempre diz que uma vara com mel funciona melhor do que uma vara sem nada.

— Espero não precisarmos de nada disso com os guardas —

respondeu Egwene. — Espero que Liandrin também tenha falado com eles.

No entanto, não havia como saber se alguém falara ou não com os guardas do Portão de Tarloman, na grande muralha meridional da área da Torre. Eles deixaram as quatro mulheres passarem sem mais do que um olhar e uma reverência obrigatória. Os guardas estavam ali para manter as pessoas perigosas do lado de fora e pareciam não ter ordens para manter alguém do lado de dentro.

Uma brisa fria do rio lhes deu uma desculpa para erguerem os capuzes dos mantos enquanto seguiam devagar pelas ruas da cidade. O som dos cascos dos cavalos nas pedras do calçamento se perdia no burburinho da multidão que enchia as ruas e na música vinda de alguns prédios pelos quais passavam. Havia gente vestida em trajes de todas as terras, das sóbrias roupas cairhienas às cores vivas e brilhantes do Povo Errante, passando por todos os estilos entre os dois extremos. As pessoas se apertavam para dar passagem a elas como um rio se abre para uma rocha, mas mesmo assim elas não conseguiam avançar em um passo mais rápido que o de uma lenta caminhada.

Egwene não prestou atenção nas fabulosas torres ligadas por pontes que cruzavam os céus e nem aos prédios que não pareciam feitos de pedra, construídos para lembrar ondas quebrando, penhascos esculpidos pelo vento ou conchas elaboradas. As Aes Sedai iam à cidade com frequência, e, naquela multidão, o grupo poderia acabar cara a cara com uma a qualquer momento. Depois de um tempo, percebeu que as outras estavam tão atentas quanto ela. Ainda assim, sentiu-se muito aliviada quando o bosque Ogier apareceu.

As Grandes Árvores já eram visíveis acima dos telhados, com os largos topos erguendo-se a mais de cem braças do chão. Carvalhos, olmos, folhas-de-couro e abetos, todos enormes, pareciam pequenos perto delas. Uma espécie de muro cercava o bosque, a cerca de duas milhas de onde estavam, mas era composto apenas por uma série de arcos de pedra, cada um com cinco braças de altura e o dobro de largura. Do lado de fora do muro, carruagens, carroças e pessoas enchiam a rua. Já do lado de dentro havia uma espécie de área selvagem. O bosque não tinha a aparência inofensiva de um parque e tampouco o caos completo das profundezas das florestas. Em vez disso, parecia o ideal da natureza, como se aquela fosse uma mata perfeita, a floresta mais bela que podia existir. Algumas das folhas já começavam a mudar de cor, e mesmo as pequenas manchas de laranja, amarelo e vermelho naquela imensidão verde, aos olhos de Egwene, pareciam ter a aparência exata que as folhas do outono deveriam ter.

Algumas pessoas passeavam pelos arcos, mas ninguém prestou atenções às quatro mulheres que entraram a cavalo na mata. Logo

perderam a cidade de vista, e até mesmo os sons foram abafados, e pouco depois bloqueados, pelo bosque. Após poucos passos já pareciam estar a milhas da cidade mais próxima.

— Ela disse que nos encontraria na orla norte do bosque — murmurou Nynaeve, olhando ao redor. — Não há nenhum ponto mais ao norte do que… — Ela parou de falar quando dois cavalos saíram de trás de um sabugueiro. Uma égua escura e lustrosa, levando uma mulher, e um cavalo de carga com poucos volumes.

A égua escura empinou quando Liandrin puxou as rédeas com força. O rosto da Aes Sedai era uma máscara de fúria.

— Eu disse para não contarem a ninguém! Ninguém!

Egwene notou que o cavalo de carga levava algumas lanternas presas em hastes, o que achou estranho.

— Elas são nossas amigas — começou Nynaeve, empertigando-se em sua sela, mas Elayne a interrompeu.

— Perdoe-nos, Liandrin Sedai. Elas não nos contaram nada, nós é que ouvimos a conversa. Não tivemos a intenção de ouvir nada que não devêssemos, mas acabamos ouvindo. Também queremos ajudar Rand al'Thor. E os outros, é claro — acrescentou, depressa.

Liandrin fitou Elayne e Min. A luz do sol do fim da tarde, filtrada pelos galhos, sombreava os rostos das duas, escondidos sob os capuzes dos mantos.

— Então — respondeu a Aes Sedai, por fim, ainda observando as meninas. — Eu havia providenciado para que cuidassem de vocês. Mas, já que estão aqui, estão aqui. Quatro podem fazer a jornada tão bem quanto duas.

— Cuidassem de nós, Liandrin Sedai? — perguntou Elayne. — Não entendi.

— Criança, você e essa outra são conhecidas como amigas dessas duas. Não acha que algumas pessoas as interrogariam quando elas desaparecessem? Acredita que seria gentil com você, a Ajah Negra, só porque você é herdeira de um trono? Se permanecessem na Torre Branca, poderiam não ter sobrevivido a esta noite. — Depois disso, todas ficaram em silêncio. Até que Liandrin virou a égua e as chamou: — Sigam-me.

A Aes Sedai as levou mais para o interior do bosque, até chegarem a uma cerca de ferro alta e robusta, encimada por uma massa de espinhos afiados como navalha. Curvando-se ligeiramente, como se envolvesse uma área enorme, a cerca se perdia de vista entre as árvores. E havia um portão, com uma grande fechadura trancada. Liandrin tirou uma chave do manto, abriu a fechadura, sinalizou para que passassem, trancou-a de volta, atrás delas, e imediatamente foi para a frente do grupo e prosseguiu a cavalgada. Um esquilo chiou para elas, de um galho acima, e de algum lugar veio o martelar agudo

de um pica-pau.

— Para onde estamos indo? — indagou Nynaeve. Liandrin não respondeu, e a Aceita olhou para as outras, irritada. — Por que estamos adentrando mais essa floresta? Precisamos cruzar uma ponte ou pegar um navio, se vamos sair de Tar Valon. E não tem pontes nem navios nessa…

— Tem isso — anunciou Liandrin. — Ela mantém afastados aqueles que poderiam se ferir, essa cerca, mas hoje a necessidade urge. — Ela gesticulou, indicando uma placa alta e grossa que parecia pedra. Estava fincada no chão, e um dos lados fora esculpido com um intrincado padrão de vinhas e folhas.

Egwene sentiu um nó na garganta. Entendeu na mesma hora por que Liandrin trouxera lanternas, e não gostou nada daquilo. Ouviu Nynaeve sussurrar:

— Um Portal dos Caminhos… — Ambas se lembravam bem demais dos Caminhos.

— Já passamos por eles uma vez — lembrou, tanto a si mesma quanto a Nynaeve. — Podemos passar de novo. — *Se Rand e os outros precisam de nós, temos que ajudá-los. Simples assim*.

— Isso é mesmo…? — começou Min, com a voz engasgada, e não conseguiu terminar.

— Um Portal dos Caminhos — completou Elayne, em um sussurro. — Eu achava que os Caminhos não podiam mais ser usados. Achava que usá-los não era mais permitido.

Liandrin já desmontara e retirara a folha de *Avendesora*, de três pontas, dos entalhes. O bloco de pedra se abriu, como duas grandes portas feitas de vinhas vivas, revelando o que parecia ser um espelho opaco e prateado que refletia uma imagem pálida do exterior.

— Vocês não precisam vir — disse Liandrin. — Podem esperar por mim aqui, em segurança, dentro da cerca, até eu vir buscá-las. Ou talvez a Ajah Negra as encontre antes de qualquer outro. — O sorriso que ela deu não foi agradável. Atrás dela, o Portal dos Caminhos terminou de se abrir.

— Eu não disse que não iria — respondeu Elayne, mas lançou um olhar demorado à floresta que escurecia.

— Se é para fazer isso — começou Min, rouca —, então vamos de uma vez. — Ela olhava fixamente para o Portal, e Egwene julgou tê-la ouvido murmurar: — Que a Luz o queime, Rand al'Thor.

— Preciso entrar por último. Todas vocês, para dentro. Eu sigo. — Ela também olhava para a floresta, como se pensasse que alguém poderia tê-las seguido. — Rápido! Rápido!

Egwene não sabia o que Liandrin tentava ver, mas, qualquer um que aparecesse provavelmente tentaria impedi-las de usar o Portal. *Rand, seu idiota cabeça de lã*, pensou, *por que não podia se meter em*

algum problema que não me obrigasse a agir como a heroína de alguma história?

Ela enfiou os calcanhares nos flancos de Bela, e a égua peluda, indócil por todo o tempo que passou no estábulo, saltou à frente.

— Devagar! — gritou Nynaeve, mas era tarde demais.

Egwene e Bela avançaram em direção aos próprios re flexos. Dois cavalos peludos tocaram os narizes, parecendo fluir um para dentro do outro. Então Egwene se fundiu com a própria imagem com um calafrio. O tempo pareceu se alongar, como se aquele frio se arrastasse por um fio de cabelo por vez, levando minutos para passar por cada um deles.

De repente, Bela tropeçou tão rápido no breu que quase caiu com uma cambalhota. Ela se recuperou e ficou parada, tremendo, enquanto Egwene desmontava depressa, tateando as patas da égua no escuro para ver se ela se machucara. Estava quase grata pela escuridão, que escondia seu rosto rubro. Sabia que o tempo, assim como as distâncias, eram diferentes do outro lado de um Portal dos Caminhos. Agira sem pensar.

Havia apenas a escuridão ao seu redor, em todas as direções, exceto pelo retângulo do Portal aberto, que parecia uma janela de vidro fumê pelo lado de dentro. Ele não deixava a luz passar, e o negrume parecia fazer pressão no vidro. Através dele, Egwene conseguia ver as outras, que se moviam devagar, pouco a pouco, como figuras de um pesadelo. Nynaeve insistia em distribuir as lanternas nas varas e acendê-las, ao que Liandrin concordava de má vontade, insistindo para que se apressassem.

Quando Nynaeve passou pelo Portal, conduzindo a égua cinza com extrema lentidão, Egwene quase correu para abraçá-la. Pelo menos metade da vontade foi por causa da lanterna que a Sabedoria carregava. A área que o fogo iluminava era menor do que deveria ser: a escuridão parecia resistir à luz, tentando empurrá-la de volta para a lanterna. E Egwene começara a sentir a escuridão pressioná-la, como se tivesse peso. Em vez de se mover, a jovem se contentou em falar:

— Bela está bem. E eu não quebrei o pescoço, como merecia.

Já houvera luz nos Caminhos, antes que a mácula do poder com o qual haviam sido construídos, a mácula que o Tenebroso deixara em *saidin*, começasse a corrompê-los.

Nynaeve entregou a vara da lanterna a Egwene e se virou para tirar outra debaixo dos arreios de sua sela.

— Se sabe que merecia, então você não merecia. — De repente, a Sabedoria riu baixinho. — Às vezes acho que foram os ditados como esse, mais do que qualquer outra coisa, que criaram o título de Sabedoria. Bem, vou dizer outro: Se você quebrar o pescoço eu o coloco no lugar só para poder quebrá-lo de novo eu mesma.

Aquilo foi dito em um tom leve, e Egwene percebeu que também ria. Até que se lembrou de onde estava. A alegria de Nynaeve também não durou muito.

Min e Elayne atravessaram o Portal, hesitantes, conduzindo os cavalos e carregando as lanternas. Pensavam que, no mínimo, haveria monstros do outro lado, à espera. A princípio, pareceram aliviadas por não encontrarem nada além de escuridão, mas a opressão daquele véu negro logo as deixou inquietas, passando o peso de um pé para o outro, nervosas. Liandrin colocou a folha de *Avendesora* no lugar e atravessou o Portal montada, puxando o cavalo de carga.

A Aes Sedai não esperou que o portal terminasse de fechar: jogou a corda do cavalo de carga para Min sem dizer uma palavra e começou a seguir uma linha branca, fracamente iluminada pela luz de sua lanterna, conduzindo-as pelo interior dos Caminhos. O chão parecia de pedra, carcomido e corroído por ácido. Egwene subiu depressa no dorso de Bela, mas não seguiu a Aes Sedai mais rápido do que as outras. Não parecia haver nada no mundo além daquele chão áspero sob os cascos dos cavalos.

Reta como uma flecha, a linha branca seguia pela escuridão até uma grande placa de pedra coberta de escritos Ogier incrustados em prata. Os mesmos buracos que marcavam o chão também interrompiam as inscrições, em alguns lugares.

— Um Guia — murmurou Elayne, mexendo-se na sela para olhar em volta, inquieta. — Elaida me ensinou um pouco sobre os Caminhos. Ela não falava muita coisa. Não o suficiente — acrescentou, taciturna. — Ou talvez tenha falado demais.

Liandrin, muito calma, comparou o Guia com o pergaminho. Guardou-o de volta em um bolso do manto antes de Egwene conseguir ler o que havia nele.

O halo de luz de suas lanternas parava de forma abrupta, em vez de diminuir aos poucos, mas era grande o bastante para Egwene notar uma grossa balaustrada de pedra, desgastada em alguns pontos, enquanto a Aes Sedai se afastava do Guia. Uma Ilha, foi como Elayne a chamou. Na escuridão, era di ícil saber o tamanho da Ilha, mas Egwene achava que devia ter cerca de cem passos de largura.

Pontes de pedra e rampas atravessavam a balaustrada, cada uma identificada por um marco de pedra ao lado, com uma única linha na escrita Ogier. As pontes pareciam se estender rumo ao nada. As rampas subiam ou desciam. Era impossível ver mais que o início de qualquer uma pela qual passavam.

Parando apenas para olhar os marcos de pedra, Liandrin conduziu o grupo por uma rampa que descia. Logo não havia nada além da rampa e da escuridão. Um silêncio abafado pairava sobre tudo, e Egwene tinha a sensação de que mesmo o barulho dos cascos dos

cavalos na pedra áspera não era ouvido muito além da luz.

A rampa descia mais e mais, espiralando-se até chegar a outra Ilha, com uma balaustrada quebrada posicionada entre diversas pontes e rampas. Ela também tinha um Guia, que Liandrin comparou ao pergaminho. Aquela Ilha parecia ser de pedra sólida, assim como a primeira. Egwene desejou não ter tanta certeza de que a primeira Ilha estava bem acima de suas cabeças.

Nynaeve falou de repente, verbalizando pensamentos de Egwene. Sua voz tinha um tom firme, mas ela teve que parar no meio para engolir em seco.

— Po-pode ser — respondeu Elayne, com a voz fraca. Ela olhou para o alto, mas logo seus olhos se voltaram para o chão. — Elaida disse que as leis da natureza não se aplicam aos Caminhos. Pelo menos, não da mesma forma que do lado de fora.

— Luz! — murmurou Min, antes de erguer a voz. — Quanto tempo você quer que a gente fique aqui?

As tranças cor de mel da Aes Sedai balançaram quando ela se virou para encará-las.

— Até que eu as deixe sair — respondeu, direta. — Quanto mais me incomodarem, mais tempo vai levar. — Ela voltou a estudar o pergaminho e o Guia.

Egwene e as outras se calaram.

Liandrin as levou de Guia em Guia, atravessando rampas e pontes que pareciam se elevar sem suportes por entre a escuridão infindável. A Aes Sedai prestava pouca atenção às outras, e Egwene se perguntou se a mulher voltaria caso alguma delas ficasse para trás. Talvez suas amigas tenham pensado o mesmo, pois seguiam coladas aos calcanhares da égua escura.

Egwene ficou surpresa ao perceber que ainda sentia a atração de *saidar*. Sentia tanto a presença da metade feminina da Fonte Verdadeira quanto o desejo de tocá-la, de canalizar seu luxo. De alguma forma, pensara que a mácula da Sombra nos Caminhos a ocultaria. E também conseguia sentir a mácula, de certo modo. Era fraca, e nada tinha a ver com *saidar*, mas Egwene tinha certeza de que buscar a Fonte Verdadeira naquele lugar seria como estender o braço através de uma fumaça imunda e oleosa para alcançar um copo limpo. O que quer que fizesse seria maculado. Pela primeira vez em semanas, não foi difícil resistir à tentação de canalizar.

A noite fora dos Caminhos já devia estar muito avançada quando Liandrin desmontou de repente, em uma Ilha. A Aes Sedai então anunciou que parariam para cear e dormir, e que trouxera comida com o cavalo de carga.

— Dividam com parcimônia — disse, sem se importar em determinar quem o faria. — Levaremos quase dois dias para chegar à

Ponta de Toman. Eu não faria vocês chegarem com fome caso fossem tolas o bastante para não trazer comida. — Ela tirou a sela e prendeu a égua de forma brusca, mas depois se sentou e esperou que uma delas lhe trouxesse algo para comer.

Elayne levou para ela pão de massa fina e queijo. A Aes Sedai deixou claro que não queria a companhia das outras, de modo que as mais jovens comeram um pouco afastadas, sentadas nas próprias selas, mantendo-se bem unidas. A escuridão que se estendia além das lanternas era um péssimo tempero.

Depois de um tempo, Egwene perguntou:

— Liandrin Sedai, e se encontrarmos o Vento Negro? — Min murmurou o nome interrogativamente, mas Elayne apenas gemeu. — Moiraine Sedai disse que não se pode matá-lo, nem mesmo feri-lo, e consigo sentir a mácula deste lugar esperando para distorcer qualquer coisa que a gente tente fazer com o Poder.

— Vocês não vão sequer pensar na Fonte a menos que eu mande — retrucou Liandrin, ríspida. — Ora, se alguém como você tentasse canalizar aqui, nos Caminhos, poderia muito bem enlouquecer, como um homem. Nem o treinamento para lidar com a mácula dos homens que fizeram este lugar vocês têm. Se o Vento Negro aparecer, cuidarei dele. — Ela comprimiu os lábios, olhando para um pedaço de queijo branco. — Não sabe tanto quanto pensa Moiraine. — E enfiou o queijo na boca com um sorriso.

— Eu não gosto dela — murmurou Egwene, baixo o bastante para que a Aes Sedai não ouvisse.

— Se Moiraine consegue trabalhar com ela — a firmou Nynaeve, em voz baixa —, nós também conseguimos. Não que eu goste de Moiraine mais do que dela, mas se as duas estão se metendo com Rand e os outros de novo… — Ela se aquietou, apertando o manto. A escuridão não era fria, mas era como se devesse ser.

— O que é esse Vento Negro? — perguntou Min. Quando Elayne explicou, usando muitas palavras de Elaida e da mãe, Min soltou um suspiro desanimado. — O Padrão tem muito pelo que se explicar. Não sei se algum homem vale isso.

— Você não precisava ter vindo — lembrou Egwene. — Poderia ter ido embora a qualquer momento. Ninguém a impediria de sair da Torre.

— Ah, eu poderia ter saído por aí — respondeu Min, com uma careta —, com tanta facilidade quanto você ou Elayne. O Padrão não se importa muito com o que queremos. Egwene, e se, depois de tudo pelo que você está passando por ele, Rand não se casar com você? E se ele se casar com alguma mulher que você nunca viu antes, com Elayne, ou comigo? E aí?

Elayne riu.

— Minha mãe nunca aprovaria.

Egwene ficou em silêncio por um tempo. Rand poderia não viver o suficiente para se casar com quem quer que fosse. E se vivesse… Ela não conseguia imaginá-lo ferindo alguém. *Nem mesmo depois de ter enlouquecido?* Devia haver alguma forma de impedir aquilo, alguma forma de mudar as coisas. As Aes Sedai sabiam tanto, podiam fazer tanta coisa… *Se elas pudessem impedir, por que não o fariam?* A única resposta possível era que não podiam, e não era a que ela queria.

Ela tentou deixar a voz descontraída.

— Eu não acredito que vá *mesmo* me casar com ele. É raro Aes Sedai se casarem, você sabe. Ou mesmo você, Elayne. Eu acho que ele não… — Sua voz embargou, e ela tossiu para disfarçar. — Eu acho que ele não vai chegar a se casar. Mas, se acontecer, desejo tudo de bom para quem for escolhida, mesmo que seja uma de vocês. — Ela achou que sua voz soava sincera. — Ele é teimoso como uma mula e insensato até demais, mas é gentil. — Sua voz vacilou, mas ela conseguiu transformar o tremor em uma risada.

— Por mais que diga que não se importa — respondeu Elayne —, eu acho que você aprovaria menos ainda do que minha mãe. Ele *é* interessante, Egwene. Mais do que qualquer homem que já conheci, mesmo sendo um pastor. Se você for tola o bastante para jogá-lo fora, só vai ter a si mesma para culpar se eu resolver enfrentar você e minha mãe juntas. Não seria o primeiro Príncipe de Andor sem títulos. Mas você não vai ser tão boba, então não tente fingir. Não tenho dúvidas de que você vai escolher a Ajah Verde e vai torná-lo um dos seus Guardiões. As únicas Verdes que conheço com apenas um Guardião são casadas com eles.

Egwene se obrigou a entrar na brincadeira, dizendo que, caso se tornasse Verde, teria dez Guardiões.

Min a observava, franzindo a testa, e Nynaeve observava Min, pensativa. Todas já estavam em silêncio na hora que trocaram as roupas por outras mais adequadas para viagem, que trouxeram nos alforjes. Não era fácil manter a animação naquele lugar.

Como era de se esperar, o sono não veio fácil para Egwene, e foi cheio de sonhos ruins. Não sonhou com Rand, mas com o homem de olhos de fogo. O rosto dele não estava mascarado dessa vez. E era um rosto horrível, coberto de queimaduras quase curadas. Ele apenas a olhou e riu, mas foi pior do que os sonhos que se seguiram, em que estava eternamente perdida nos Caminhos, com o Vento Negro a persegui-la. Ficou agradecida quando o bico da bota de montaria de Liandrin cutucou suas costelas para acordá-la, e sentia-se como se não tivesse dormido nada.

Liandrin forçou uma marcha acelerada no dia seguinte, ou o que se passava por dia. Não tinham nada além das lanternas como sol, e

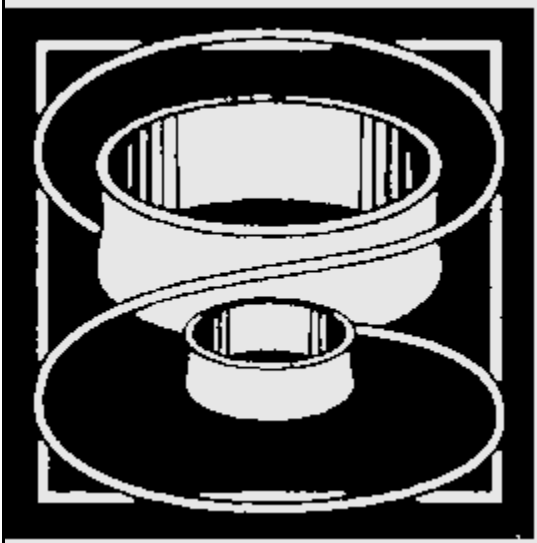
sequer puderam parar para dormir até estarem quase caindo das selas. A pedra era uma cama dura, mas Liandrin as acordou sem delicadeza algumas horas depois, mal esperando que montassem antes de prosseguir viagem. Rampas e pontes, Ilhas e Guias. Egwene viu tantas no breu que até perdeu a conta. Perdera a conta das horas ou dos dias havia muito. A Aes Sedai permitia apenas breves paradas para comer e descansar os cavalos, e a escuridão pesava sobre os ombros. Todas se curvavam nas selas como sacas de grãos, a não ser Liandrin. A mulher parecia não se afetar com o cansaço ou a escuridão. Estava descansada como estivera na Torre Branca, e tão fria quanto antes. Não deixava que ninguém visse o pergaminho que comparava com os Guias e, quando Nynaeve perguntou do que se tratava, guardou-o, respondendo com um curto:

— Nada que vocês pudessem compreender.

E então, enquanto Egwene piscava, cansada, Liandrin se afastou de um Guia. Não foi em direção a outra ponte ou rampa: seguiu uma linha branca esburacada que avançava escuridão adentro. Egwene encarou as amigas, e as quatro logo se apressaram em seguir a mulher. À frente, à luz da lanterna, a Aes Sedai já removia a folha de *Avendesora* do intrincado padrão de um Portal dos Caminhos.

— Chegamos — disse Liandrin, sorrindo. — Trouxe vocês aonde devem ir.

40



Damane

Egwene desmontou enquanto o Portal dos Caminhos se abria, e, quando Liandrin apressou-as com um gesto, conduziu Bela para fora com muito cuidado. Mesmo assim, ela e a égua tropeçaram na vegetação que o Portal achatara ao abrir, pois de repente pareceram se mover ainda mais devagar. Várias moitas densas cercavam e ocultavam o Portal dos Caminhos. Havia apenas algumas poucas árvores por perto, e uma brisa matinal agitava a folhagem um pouco mais colorida do que a de Tar Valon.

Observando suas amigas saírem, Egwene ficou parada um bom tempo antes de perceber que havia outras pessoas por perto, um pouco escondidas do outro lado do Portal. Quando as notou, passou a observá-las, preocupada. Eram o grupo mais estranho que já tinha visto, e tinha ouvido rumores demais sobre a guerra na Ponta de Toman.

Eram pelo menos cinquenta homens de armadura, com placas de aço sobrepostas cobrindo o torso e elmos negros opacos em forma de cabeças de insetos. Estavam montados ou parados ao lado dos cavalos, e todos olhavam para ela e as mulheres que saíam, encarando o Portal dos Caminhos, murmurando entre si. O único que estava com a cabeça exposta, um sujeito alto, de pele escura e nariz aquilino que apoiava o elmo pintado e folheado na cintura, olhava a cena, estupefato. Também havia mulheres entre os soldados. Duas delas usavam vestidos simples, de um cinza-escuro, e enormes coleiras de prata, e

observavam atentamente as que saíam do Portal. Atrás de cada uma havia outra mulher, perto o suficiente para sussurrar em seu ouvido. Duas outras mulheres, um pouco mais afastadas das quatro, usavam grandes saias divididas que mal chegavam aos tornozelos, com bordados de raios bifurcados no peito e nas saias. A mais estranha de todas, no entanto, era a última mulher. Estava reclinada em uma liteira carregada por oito homens musculosos sem camisa e de calças pretas folgadas. As laterais de sua cabeça eram raspadas, de modo que apenas uma alta crista de cabelos negros descia por suas costas. Uma longa túnica creme com bordados de flores e pássaros emoldurados por linhas azuis havia sido arrumada com cuidado para mostrar a saia branca plissada. Suas unhas tinham cerca de uma polegada de comprimento, e as duas primeiras de cada mão estavam pintadas de azul.

— Liandrin Sedai — perguntou Egwene, nervosa —, sabe quem são essas pessoas? — Suas amigas mexiam nas rédeas como se considerassem montar e sair em disparada, mas Liandrin recolocou a folha de *Avendesora* e avançou com confiança enquanto o Portal dos Caminhos fechava.

— Grã-lady Suroth? — falou Liandrin. Sua voz a meio caminho entre uma pergunta e uma afirmação.

A mulher na liteira concordou com um minúsculo meneio de cabeça.

— Você é Liandrin. — O sotaque era arrastado, e Egwene demorou a entender suas palavras. — Aes Sedai — acrescentou Suroth, comprimindo os lábios, e houve um burburinho entre os soldados. — Você precisa se apressar, Liandrin. Há patrulhas, e não seria agradável ser encontrada. Você não acharia as atenções dos Inquiridores da Verdade mais agradáveis do que eu. Pretendo estar de volta a Falme antes que Turak descubra que saí.

— Do que está falando? — indagou Nynaeve. — Do que ela está falando, Liandrin?

Liandrin pôs uma das mãos no ombro de Nynaeve e a outra no de Egwene.

— Essas são as duas de quem lhe falaram. E há outra. — Indicou Elayne com um gesto de cabeça. — Ela é a Filha-herdeira de Andor.

As duas mulheres com ornamentos de raios nos vestidos se aproximavam do grupo em frente ao Portal dos Caminhos. Egwene notou que elas carregavam correntes de metal prateado enroladas nas mãos, e o soldado sem elmo avançava com elas. Ele sorria com naturalidade e não levou a mão ao cabo da espada que despontava atrás de seu ombro, mas Egwene ainda o observava com desconfiança. Liandrin não deu qualquer sinal de agitação, ou Egwene teria pulado em Bela naquele instante.

— Liandrin Sedai — perguntou, com urgência —, quem são essas pessoas? Elas também estão aqui para ajudar Rand e os outros?

De repente, o homem de nariz aquilino agarrou Min e Elayne pela nuca, e, no instante seguinte, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. O homem gritou um impropério. Uma mulher berrou, ou talvez mais de uma; Egwene não conseguiu saber ao certo. De repente, a brisa virou uma ventania que carregava os gritos furiosos de Liandrin em nuvens de poeira e folhas e fazia as árvores se dobrarem e rangerem. Os cavalos empinavam e relinchavam. Uma das mulheres avançou e prendeu algo em torno do pescoço de Egwene.

Com o manto in lado como uma vela, Egwene se protegeu do vento e tocou o que parecia uma coleira de metal. Ela não abria. Sob seus dedos desesperados, parecia uma peça inteiriça, embora ela soubesse que deveria haver algum tipo de fecho. A corrente prateada que a mulher carregava enrolada se estendia sobre o ombro de Egwene, e a outra ponta estava ligada a um bracelete brilhante no pulso esquerdo da mesma mulher. Cerrando firme o punho, Egwene golpeou a outra com toda a sua força, direto no olho… Então cambaleou, caindo de joelhos, com a cabeça zumbindo. Parecia que um homem enorme socara seu rosto.

Quando voltou a enxergar, o vento já havia cessado. Diversos cavalos vagavam soltos, entre eles Bela e a égua de Elayne, e alguns dos soldados se levantavam, resmungando impropérios. Liandrin limpava o pó e as folhas de seu vestido com muita calma. Min estava de joelhos, grogue, apoiada nas mãos e tentando se levantar. O homem de nariz aquilino estava ao lado dela com uma das mãos sangrando. A faca de Min jazia logo além de seu alcance, com a lâmina manchada de vermelho de um dos lados. Nynaeve e Elayne não estavam à vista, e a égua de Nynaeve também sumira. Além disso, alguns soldados e uma das duplas de mulheres também haviam sumido. As outras duas ainda estavam ali, e Egwene pôde ver, então, que estavam ligadas por uma corrente prateada idêntica à que ainda a unia à mulher de pé a seu lado.

A mulher esfregava o rosto, agachada. Um hematoma já surgia em torno de seu olho esquerdo. Ela tinha cabelos escuros e longos e grandes olhos castanhos, era bem bonita, e parecia ser cerca de dez anos mais velha que Nynaeve.

— Essa foi sua primeira lição — disse, enfaticamente. Não havia qualquer animosidade na voz. Seu tom era quase amigável. — Não darei mais punições dessa vez, já que eu deveria ter ficado mais atenta, lidando com uma *damane* recém-capturada. Saiba o seguinte. Você é uma *damane*, uma Encolarada, e eu sou uma *sul'dam*, uma Senhora do Colar. Quando u ma *damane* e uma *sul'dam* estão ligadas, a *damane* sente o dobro de qualquer dor que a *sul'dam* sinta. É assim até

a morte. Então você precisa se lembrar de que nunca deve atacar uma *sul'dam*, e de que precisa protegê-la ainda mais do que a si mesma. Eu me chamo Renna. Qual o seu nome?

— Eu não sou… isso que você disse — murmurou Egwene. Ela puxou a coleira mais uma vez, mas não teve mais efeito do que antes. Pensou em derrubar a mulher e tentar arrancar o bracelete do pulso dela, mas desistiu. Mesmo que os soldados não tentassem detê-la, já que até o momento estavam ignorando Renna e ela, Egwene tinha a desalentadora sensação de que o que a mulher dizia era verdade. Tocar seu olho esquerdo a fez estremecer de dor. Não parecia inchado, então talvez não fosse ganhar um hematoma para combinar com o de Renna, mas doía. Seu olho esquerdo e o olho esquerdo de Renna. Ela ergueu a voz.

— Liandrin Sedai? Por que está deixando que eles façam isso?

Liandrin bateu as mãos para tirar o pó, sem olhar para ela.

— A primeira coisa que você precisa aprender — disse Renna — é a obedecer sem demora.

Egwene engasgou. De repente sua pele começou a queimar e espetar como se ela rolasse em agulhas que a perfuravam da sola dos pés ao couro cabeludo. Começou a sacudir a cabeça quando a sensação de queimação aumentou.

— Muitas *sul'dam* — prosseguiu Renna, naquele tom quase amigável — acreditam que *damanes* não deveriam ter permissão para ter nomes, ou que devem ter apenas os nomes que recebem. Mas eu capturei você, de modo que ficarei encarregada do seu treinamento, e vou permitir que continue com seu próprio nome. Se você não me desagradar demais. Estou um pouco irritada com você, neste momento. Pretende levar isso adiante até que eu fique com raiva?

Tremendo, Egwene cerrou os dentes. Cravou as unhas nas palmas das mãos, resistindo para não se coçar violentamente. *Idiota! É só seu nome.*

— Egwene. — Conseguiu dizer. — Eu me chamo Egwene al'Vere. — A coceira ardente cessou no mesmo instante. Ela soltou um suspiro longo, trêmula.

— Egwene — disse Renna. — É um bom nome. — E, para horror da jovem, Renna lhe deu tapinhas na cabeça, como faria com um cão.

Percebeu então que era aquilo que detectara na voz da mulher mais cedo: uma certa boa vontade com um cão em treinamento, não o sentimento amistoso que alguém teria por outro ser humano.

Renna riu baixinho.

— Agora você está ainda mais irritada. Se for me bater de novo, lembre-se de dar um golpe fraco, porque vai sentir duas vezes mais dor. Não tente canalizar: você jamais fará isso sem uma ordem minha.

O olho de Egwene latejava. Ela se forçou a ficar de pé e tentou

ignorar Renna, tanto quanto era possível ignorar alguém que segurava uma corrente atada a uma coleira em seu pescoço. Sua face ardeu quando a mulher riu mais uma vez. Ela queria ir até Min, mas o tanto de corrente que Renna deixava livre não chegaria até lá. Ela a chamou, em voz baixa.

— Min, tudo bem?

Sentando-se nos calcanhares bem devagar, Min assentiu. Então, levou a mão à cabeça, como se desejasse não tê-la movido.

Raios ribombavam, apesar do céu limpo, e caíam em meio às árvores a uma certa distância. Egwene deu um pulo, então sorriu de repente. Nynaeve ainda estava livre. Assim como Elayne. Se havia alguém capaz de libertá-la e a Min, esse alguém era Nynaeve. O sorriso se desfez em um olhar de ódio voltado para Liandrin. Por algum motivo, a Aes Sedai as traíra, e haveria troco. *Algum dia. De algum jeito*. O olhar não adiantou de nada: Liandrin não desviou a atenção da liteira.

Os homens sem camisa se ajoelharam, baixando a liteira até o nível do chão, e Suroth desceu, ajeitando a túnica com cuidado. Então foi até Liandrin, caminhando sobre sapatilhas macias. As duas mulheres eram do mesmo tamanho. Olhos castanhos encararam os olhos negros de frente.

— Você deveria me trazer duas — a firmou Suroth. — Em vez disso, tenho apenas uma, enquanto duas estão à solta. Uma delas é de longe muito mais poderosa do que me levaram a acreditar. Ela vai atrair cada uma de nossas patrulhas em um raio de duas léguas.

— Eu lhe trouxe três — respondeu Liandrin, muito calma. — Se não consegue contê-las, talvez nosso mestre deva encontrar outro de vocês para servi-lo. Você se apavora com coisas insignificantes. Se aparecerem patrulhas, mate-as.

Raios lampejaram outra vez a uma curta distância, e momentos depois ouviu-se o que parecia um trovão não muito longe de onde os raios haviam caído. Uma nuvem de poeira se elevou no ar. Nem Liandrin nem Suroth pareceram notar.

— Eu ainda poderia voltar para Falme com duas novas *damane* — suspirou Suroth. — Para mim é uma pena permitir que uma… Aes Sedai — falou como se fosse um insulto — continue livre.

A expressão de Liandrin não se alterou, mas Egwene viu um halo envolvê-la de repente.

— Cuidado, Grã-lady — alertou Renna. — Ela está a postos!

Houve uma agitação entre os soldados, que sacaram espadas e lanças, mas Suroth se limitou a juntar as mãos à frente do rosto, sorrindo para Liandrin por cima das unhas compridas.

— Você não fará nada contra mim, Liandrin. Nosso mestre desaprovaria, já que tenho certeza de que sou mais necessária aqui do

que você, e você o teme mais do que teme se tornar *damane*.

Liandrin sorriu, embora manchas brancas de raiva, marcassem suas bochechas.

— E você, Suroth, o teme mais do que teme que eu a transforme em cinzas aí onde está.

— Exatamente. Ambas o tememos. Ainda assim, mesmo as necessidades de nosso mestre mudarão com o tempo. Cedo ou tarde, todas as *marath'damane* serão encolaradas. Talvez seja eu quem coloque o colar nesse seu pescoço adorável.

— Como disse, Suroth, elas mudarão, as necessidades de nosso mestre. Vou lembrá-la disso no dia em que diante de mim você se ajoelhar.

Uma enorme folha-de-couro, a mais ou menos uma milha de distância, de repente irrompeu em chamas.

— Isso está ficando cansativo — a firmou Suroth. — Elbar, chame-os de volta. — O homem de nariz aquilino puxou uma trombeta menor que o próprio punho. O instrumento produziu um som rouco e agudo.

— Aquela mulher, Nynaeve, você precisa encontrá-la — relembrou Liandrin, ríspida. — Elayne não tem qualquer importância, mas quando vocês partirem a mulher e essa garota precisam estar nos navios.

— Eu sei muito bem o que foi ordenado, *marath'damane*, embora gostaria muito de saber por quê.

— O quanto lhe foi dito, criança — retrucou Liandrin, com desdém —, é o quanto lhe é permitido saber. Lembre-se de que você serve e obedece. Precisam ser enviadas para o outro lado do Oceano de Aryth, essas duas, e mantidas lá.

Suroth bufou.

— Não vou continuar aqui para encontrar essa Nynaeve. Minha utilidade para nosso mestre acabará se Turak me entregar aos Inquiridores da Verdade. — Liandrin abriu a boca para responder, irritada, mas Suroth se recusou a deixar que ela dissesse uma palavra sequer. — A mulher não permanecerá livre por muito tempo. Nenhuma das duas. Quando partirmos desse pedaço miserável de terra, levaremos, encolarada e acorrentada, toda mulher capaz de canalizar o mínimo que seja. Se você quiser ficar e procurar por ela, faça isso. Em breve haverá patrulhas aqui, atrás da escória que ainda se esconde nos campos. Algumas patrulhas também levam *damane*, e não vão se importar com a que mestre você serve. Caso sobreviva ao encontro, a corrente e o colar vão lhe ensinar uma vida nova, e eu acredito que nosso mestre não se preocupará em acabar com uma mulher tola o suficiente para se permitir ser capturada.

— Se for permitido que qualquer uma delas permaneça aqui — a

firmou Liandrin, tensa —, nosso mestre vai se ocupar com você, Suroth. Leve as duas ou pague o preço. — Ela seguiu para o Portal dos Caminhos, segurando firme as rédeas da égua. Não demorou para que ele começasse a se fechar às suas costas.

Os soldados que estavam perseguindo Nynaeve e Elayne voltaram a galope junto com as duas mulheres unidas pela corrente, pela coleira e pelo bracelete. *Damane* e *sul'dam* cavalgando lado a lado. Três homens conduziam cavalos com cadáveres deitados nas selas. Egwene sentiu uma onda de esperança ao notar que todos os cadáveres usavam armadura. Não haviam capturado Nynaeve ou Elayne.

Min começou a se levantar, mas o homem de nariz aquilino pisou entre suas omoplatas e a empurrou de volta para o chão. Ofegante, ela se contorceu, sem forças.

— Peço permissão para falar, Grã-lady — disse ele. Suroth fez um leve gesto com a mão, e ele continuou: — Essa camponesa me feriu. Se a Grã-lady não tiver utilidade para ela… — Suroth fez outro gesto discreto, já lhe dando as costas, e ele ergueu a mão acima do ombro para puxar o cabo da espada.

— Não! — gritou Egwene. Ela ouviu Renna xingar baixinho, e de repente as agulhadas ardente cobriram sua pele outra vez, pior do que antes, mas ela não parou. — Por favor! Grã-lady, por favor! Ela é minha amiga! — Uma dor que ela jamais sentira a atingiu em meio à queimação. Cada músculo se contorceu em câimbras, e ela caiu com o rosto no chão, gemendo. Mas ainda conseguia ver a pesada lâmina curva de Elbar sendo desembainhada, pôde ver o homem erguê-la com ambas as mãos. — Por favor! Ah, Min!

De repente, foi como se a dor nunca tivesse existido. Restava apenas a lembrança. As sapatilhas de veludo azul de Suroth, já sujas de terra, surgiram em frente a seu rosto, mas era para Elbar que a mulher olhava. Ele permaneceu ali, parado, com a espada acima da cabeça e todo o peso no pé nas costas de Min… e não se moveu.

— Esta camponesa é sua amiga? — indagou Suroth

Egwene começou a se levantar, mas, ao notar a Grã-lady erguer as sobrancelhas em surpresa, permaneceu onde estava e apenas levantou a cabeça. Precisava salvar Min. *Se para isso eu precisar me humilhar…* Ela abriu a boca e esperou que os dentes trincados passassem por um sorriso.

— Sim, Grã-lady.

— E, se eu poupá-la e permitir que ela a visite de vez em quando, você vai se esforçar para aprender o que lhe ensinarem?

— Vou, Grã-lady. — Ela prometeria muito mais para impedir que aquela espada rachasse o crânio de Min. *E vou até cumprir a promessa* , pensou, amargamente, *enquanto for preciso*.

— Ponha a garota no cavalo em que veio, Elbar — disse Suroth.

— Amarre-a, se ela não conseguir ficar sentada. Se esta *damane* se provar uma decepção, talvez eu permita que você corte a cabeça da garota. — Ela já estava voltava para a liteira.

Renna puxou Egwene com força para fazê-la levantar e a empurrou até Bela, mas Egwene só tinha olhos para Min. Elbar não foi mais gentil com Min do que Renna com ela, mas parecia estar tudo bem com a amiga. Pelo menos Min não aceitou a tentativa de Elbar de amarrá-la atravessada na sela e subiu no cavalo com pouca ajuda.

O estranho grupo partiu para o oeste, com Suroth na frente e Elbar logo atrás da liteira, mas perto o bastante para atender a qualquer chamado imediatamente. Renna e Egwene cavalgavam atrás, acompanhando Min e a outra *sul'dam* acorrentada à *damane*, atrás dos soldados. A mulher que deveria ter posto a coleira em Nynaeve mexia com a corrente prateada que ainda carregava, parecendo irritada. Florestas esparsas cobriam o terreno plano, e a fumaça da folha-de-couro em chamas logo se tornou apenas uma mancha no céu atrás deles.

— Você foi honrada — comentou Renna, depois de um tempo —, pela Grã-lady ter falado com você. Em outra circunstância, eu a deixaria usar uma fita para marcar a honra. Mas já que você chamou a atenção dela para si…

Egwene gritou quando sentiu uma vara acertá-la nas costas, depois na perna e no braço. Os golpes pareciam vir de todas as direções. Ela sabia que não havia como bloqueá-los, mas não conseguia se impedir de mover os braços como se para deter a vara. Mordeu o lábio para abafar os gemidos, mas as lágrimas ainda desciam pelo rosto. Bela relinchava e dançava, mas Renna segurava a corrente prateada, impedindo-a de se afastar com Egwene. Nenhum dos soldados sequer olhou para trás.

— O que você está fazendo com ela? — gritou Min. — Egwene? Pare com isso!

— Você só está viva por um ato de boa vontade… Min, não é? — respondeu Renna, com a voz branda. — Farei disso uma lição para você também. Enquanto tentar interferir, isso não vai parar.

Min ergueu um punho… e voltou a baixá-lo.

— Não vou interferir. Só pare, por favor. Me desculpe, Egwene.

Os golpes invisíveis continuaram por mais alguns instantes, como se para mostrar a Min que a intervenção dela não tivera efeito, e então cessaram. Mas Egwene não conseguiu parar de tremer. A dor não foi embora depois da punição. Ela puxou a manga do vestido, pensando que veria marcas. A pele estava imaculada, mas a sensação não havia passado. Ela engoliu em seco.

— Não foi culpa sua, Min. — Bela jogou a cabeça de um lado para o outro, revirando os olhos, e Egwene fez carinho no pescoço

peludo da égua. — Não foi sua culpa também.

— A culpa foi sua, Egwene — retrucou Renna. Ela parecia muito paciente, lidando com gentileza com uma pessoa estúpida demais para entender o que era certo, e aquilo fez Egwene ter vontade de gritar. — Quando uma *damane* é punida, é sempre culpa dela, mesmo que ela não saiba o motivo. Uma *damane* precisa prever os desejos de sua *sul'dam*. Mas, dessa vez, você sabe por quê. *Damane* são como mobília ou instrumentos, sempre ali, prontas para serem usadas, mas sem nunca tentar chamar atenção. E principalmente a atenção de alguém do Sangue.

Egwene mordeu o lábio até sentir gosto de sangue. *Isso é um pesadelo. Não pode ser real. Por que Liandrin nos trouxe aqui? Por que isso está acontecendo?*

— Posso… posso fazer uma pergunta?

— A mim, pode. — Renna sorriu. — Muitas *sul'dam* usarão seu bracelete ao longo dos anos. Sempre há mais *sul'dam* do que *damane*. E algumas arrancariam seu couro se você tirar os olhos do chão ou abrir a boca sem autorização, mas não vejo motivo para não permitir que fale, contanto que seja cuidadosa com o que diz.

Uma das outras *sul'dam* bufou alto. Ela estava unida a uma mulher bonita, de cabelos escuros e meia-idade, que mantinha os olhos fixos nas próprias mãos.

— Liandrin — Egwene nunca mais usaria o título honorí ico — e a Grã-lady falaram de um mestre ao qual ambas servem. — Teve a visão de um homem com o rosto maculado por queimaduras quase curadas e olhos que de vez em quando se transformavam em fogo, mas, mesmo que aquilo fosse apenas uma imagem em seus sonhos, parecia terrível demais para se contemplar. — Quem é ele? O que ele quer comigo e… e Min? — Ela sabia que era tolo evitar dizer o nome de Nynaeve. Não pensava que aquelas pessoas a esqueceriam apenas porque o nome dela não fora mencionado, e muito menos a *sul'dam* de olhos azuis que mexia na corrente vazia. Mas, ainda assim, era a única forma de resistência que lhe ocorria naquele momento.

— Os assuntos do Sangue — respondeu Renna — não são para as minhas atenções, e muito menos para as suas. A Grã-lady me dirá o que quiser que eu saiba, e eu lhe direi o que eu quiser que você saiba. Se ouvir qualquer outra informação, deve agir como se aquilo nunca tivesse sido dito, como se nunca tivesse acontecido. Esse é o caminho seguro, ainda mais para uma *damane*. *Damane* são valiosas demais para serem mortas por qualquer motivo, mas você pode acabar não apenas punida com vigor, mas desprovida de língua para falar e mãos para escrever. *Damane* podem fazer o que precisam sem essas coisas.

Egwene estremeceu, embora o ar não estivesse muito frio. Quando puxou o manto por cima dos ombros, sua mão roçou na

coleira, e ela a afastou depressa.

— Isso é horrível. Como podem fazer isso com qualquer pessoa? Que mente doentia inventou isso?

A *sul'dam* de olhos azuis e corrente vazia rosnou.

— Essa já podia muito bem perder a língua, Renna.

Renna se limitou a sorrir, pacientemente.

— Como isso pode ser horrível? Como poderíamos deixar à solta qualquer pessoa capaz de fazer o que uma *damane* faz? Às vezes nascem homens que seriam *marath'damane* se fossem mulheres, ouvi dizer que o mesmo acontece aqui, e eles precisam ser mortos, é claro. Mas as mulheres não enlouquecem. É melhor elas se tornarem *damane* do que começar a criar problemas por lutar por poder. Quanto à mente que inventou o *a'dam*, foi a de uma mulher que se autodenominava Aes Sedai.

Egwene percebeu que a incredulidade devia estar estampada em seu rosto, pois Renna soltou uma risada.

— Quando Luthair Paendrag Mondwin, filho de Asa-de-gavião, enfrentou pela primeira vez os Exércitos da Noite, encontrou diversas mulheres que se chamavam de Aes Sedai. Elas disputavam entre si, e usavam o Poder Único no campo de batalha. Uma dessas, uma mulher chamada Deain, pensou que se sairia melhor servindo ao Imperador. Ele ainda não era Imperador àquela altura, é claro, já que não tinha Aes Sedai em seus exércitos. Bem, Deain, foi até ele com uma peça que construíra, o primeiro *a'dam*, preso ao pescoço de uma de suas irmãs. Embora a mulher não quisesse servir a Luthair, o *a'dam* a forçava a fazê-lo. Deain fez mais *a'dam*, as primeiras *sul'dam* foram encontradas, e mulheres capturadas que se autodenominavam Aes Sedai descobriram que na verdade eram apenas *marath'damane*, Aquelas que Devem Ser Encolaradas. Dizem que quando foi a vez de Deain receber o colar, seus gritos abalaram as Torres da Meia-Noite. Mas ela também era uma *marath'damane*, e não se pode permitir que uma delas fique à solta. Talvez você seja uma das que possuem a habilidade de construir um *a'dam*. Se for o caso, garanto que será paparicada.

Egwene olhou desejosa para os campos pelos quais passavam. Pequenas elevações começavam a surgir no terreno, e a floresta pouco densa dera lugar a arvoredos esparsos, mas a jovem tinha certeza de que conseguiria desaparecer por entre eles.

— Eu deveria estar ansiosa para ser paparicada como um cachorro de estimação? — perguntou, ácida. — Para passar a vida acorrentada a um homem ou mulher que acha que sou uma espécie de animal?

— Homens não. — Renna riu. — Todas as *sul'dam* são mulheres. Na maioria das vezes em que um homem coloca o bracelete, não é muito diferente de pendurá-lo em um pino na parede.

— E pode ser — interveio a *sul'dam* de olhos azuis, rude —, que você e ele morram gritando. — A mulher tinha feições agudas e lábios inos, e Egwene notou que a raiva parecia ser sua expressão permanente. — De tempos em tempos a Imperatriz brinca com os lordes unindo-os a uma *damane*. Isso os faz suar e entretém a Corte das Nove Luas. O lorde nunca sabe se vai viver ou morrer, e nem a *damane*. — Ela soltou uma risada perversa.

— Só a Imperatriz pode se dar ao luxo de desperdiçar *damane* dessa forma, Alwhin — rebateu Renna —, e eu não pretendo treinar essa aqui só para que ela seja jogada fora.

— Eu ainda não vi treinamento até agora, Renna. Só um monte de conversa fiada, como se você e essa *damane* fossem amigas de infância.

— Talvez seja hora de ver o que ela pode fazer — comentou Renna, estudando Egwene. — Você já tem controle suficiente para canalizar àquela distância? — Ela apontou para um grande carvalho solitário no topo de uma colina.

Egwene franziu a testa ao examinar a árvore, a talvez meia milha da trilha que os soldados e a liteira de Suroth seguiam. Nunca tinha tentado qualquer coisa além do alcance de sua mão, mas achava que podia ser possível.

— Não sei — respondeu.

— Tente — mandou Renna. — Sinta a árvore, sinta a seiva da árvore. Quero que você deixe tudo quente, tão quente que cada gota de seiva em cada galho evapore em um instante. Agora.

Egwene ficou chocada ao perceber uma ânsia de fazer o que Renna ordenava. Não canalizava, nem sequer tocava *saidar*, havia dois dias. O desejo de preencher a si mesma com o Poder Único lhe deu um calafrio.

— Eu… — Na mesma hora ela descartou o "não vou": os vergões que não estavam lá ainda queimavam com intensidade demais para que ela agisse de forma tão tola — … não consigo — finalizou, em vez disso. — É muito longe, e nunca fiz isso antes.

Uma das *sul'dam* soltou uma gargalhada estrondosa, e Alwhin falou:

— Ela nem tentou.

Renna sacudiu a cabeça, quase triste.

— Quando alguém já foi *sul'dam* por tempo suficiente — disse a Egwene —, consegue saber muito sobre as *damane*, mesmo sem estarem ligadas pelo bracelete. Com ele, no entanto, é sempre possível saber se uma *damane* tentou canalizar. Você não deve mentir para mim, nunca, e nem para qualquer *sul'dam*, não importa quão pequena a mentira seja.

De repente os golpes invisíveis voltaram, atingindo seu corpo

todo. Gritando, ela tentou atacar Renna, mas a *sul'dam* aparou seu soco, e Egwene sentiu como se Renna tivesse acertado seu braço com um porrete. Ela cravou os calcanhares nos flancos de Bela, mas a corrente que a *sul'dam* segurava quase a arrancou da sela. Ela buscou *saidar*, desesperada. Queria ferir Renna o suficiente para fazê-la parar, devolver o mesmo tipo de sofrimento que ela lhe causara. A *sul'dam* sacudiu a cabeça amargamente. Egwene uivou quando sentiu a pele ser escaldada. O ardor só começou a diminuir quando ela abandonou *saidar*, mas os golpes invisíveis sequer diminuíram. Egwene tentou gritar que tentaria obedecer, caso Renna parasse, mas tudo que conseguia era berrar e se contorcer.

Estava vagamente ciente de Min gritando, furiosa, e tentando cavalgar para perto dela. De Alwhin arrancando as rédeas de Min das mãos da menina, e de outra *sul'dam* falando de um jeito ríspido com sua *damane*, que olhou para Min. Então Min também começou a gritar e se debater como se tentasse se defender de golpes invisíveis ou afastar insetos que a picavam. Em sua própria dor, Min parecia distante.

Os gritos das duas foram suficientes para fazer alguns dos soldados se virarem nas selas. Depois de uma rápida olhadela, eles riam e voltavam a olhar para a frente. A forma que as *sul'dam* lidavam com as *damane* não era assunto deles.

Para Egwene, pareceu durar uma eternidade, mas o castigo chegou ao fim, finalmente. Ela jazia esparramada sobre a patilha da sela, com o rosto banhado em lágrimas, soluçando na crina de Bela. A égua relinchava, nervosa.

— É bom que tenha personalidade forte — comentou Renna, muito calma. — As melhores *damane* são as que têm uma personalidade forte para ser esculpida e moldada.

Egwene fechou os olhos com força. Queria poder fechar os ouvidos, também, para calar a voz de Renna. *Preciso fugir. Preciso, mas como? Nynaeve, me ajude. Luz, alguém me ajude*.

— Você vai ser uma das melhores — comentou Renna, em uma voz satisfeita. Ela acariciou os cabelos de Egwene como uma dona consolando seu cachorro.

Nynaeve se inclinou na sela para olhar em volta da cobertura de moitas de folhas espinhosas. Seus olhos encontraram árvores esparsas, algumas com folhas que começavam a mudar de cor. As áreas de grama e moitas entre elas pareciam vazias. Nada se movia, pelo que ela podia ver, exceto a coluna de fumaça da folha-de-couro que se afinava, levada pela brisa.

Aquilo fora obra dela, a folha-de-couro. E também um raio no céu limpo, assim como algumas outras coisas que nunca pensara em tentar

até aquelas duas mulheres usarem contra ela. Achava que elas deviam trabalhar juntas de algum jeito, embora não conseguisse entender a relação de uma com a outra. Pareciam estar acorrentadas. Uma delas usava uma coleira, mas a outra não parecia tão acorrentada quanto a primeira. O que Nynaeve sabia com certeza era que uma delas era Aes Sedai, ou ambas. Não conseguira vê-las com clareza para reparar no brilho da canalização, mas tinha que ser isso.

Ah, vai ser um prazer contar isso a Sheriam , pensou, seca. *Aes Sedai não usam o Poder Único como arma, não é?*

Ela usara. No mínimo tinha derrubado as duas mulheres com aquele raio, e vira um dos soldados, ou seu cadáver, queimado por uma bola de fogo que arremessara contra eles. Mas não via os estranhos já fazia algum tempo.

O suor escorria por sua testa, e não era apenas pelo esforço. O contato com *saidar* se fora, e ela não conseguia trazê-lo de volta. Na fúria por saber que Liandrin as traíra, *saidar* surgira quase antes de ela perceber que o Poder Único a inundava. Era como se pudesse fazer qualquer coisa. E, enquanto a perseguiam, a fúria por estar sendo caçada como um animal a alimentara. A perseguição havia terminado. Quanto mais tempo ficara sem ver um inimigo que pudesse atacar, mais Nynaeve começara a se preocupar com a possibilidade de sofrer algum tipo de emboscada, e mais tempo tinha para se preocupar com o que estava acontecendo com Egwene, Elayne e Min. Naquele momento, era forçada a admitir que o que mais sentia era medo. Medo por elas, medo por si mesma. Era de raiva que precisava.

Alguma coisa se mexeu atrás de uma árvore.

Ela perdeu o fôlego e buscou *saidar*, em desespero, mas todos os exercícios que Sheriam e as outras haviam ensinado, todos os brotos desabrochando em sua mente, todos os cursos d'água imaginários que ela continha como as margens, tudo aquilo de nada adiantava. Conseguia senti-la, sentir a Fonte, mas não conseguia tocá-la.

Elayne saiu de trás da árvore, agachada e temerosa, e Nynaeve afundou em sua sela, aliviada. O vestido da Filha-herdeira estava sujo e rasgado, seu cabelo dourado era um emaranhado de nós e folhas, e seus olhos atentos estavam tão grandes quanto os de uma corça assustada, mas ela empunhava uma adaga curta com a mão firme. Nynaeve puxou as rédeas, saindo de trás das moitas.

Elayne sobressaltou-se. Então, levou a mão ao pescoço e respirou fundo. Nynaeve desmontou e as duas se abraçaram, confortando-se em terem encontrado uma à outra.

— Por um momento — disse Elayne, quando o abraço terminou —, achei que você fosse… Você sabe o que eles são? Tinha dois homens me seguindo. Mais alguns minutos e eles teriam me capturado, porém uma trombeta soou e eles deram meia-volta com os

cavalos e foram embora, galopando. Eles conseguiam me ver, Nynaeve, e apenas foram embora.

— Eu também ouvi, e não vi nenhum deles desde então. Você viu Egwene ou Min?

Elayne balançou a cabeça, sentando-se no chão.

— Não desde que… Aquele homem bateu em Min, ele a derrubou. E uma daquelas mulheres estava tentando prender alguma coisa no pescoço de Egwene. Vi isso tudo antes de correr. E acho que elas não escaparam, Nynaeve. Eu devia ter feito alguma coisa. Min esfaqueou a mão que estava me segurando, e Egwene… Eu só corri, Nynaeve. Percebi que estava livre e corri. É melhor minha mãe se casar com Gareth Bryne e ter outra ilha assim que puder. Eu não sou digna de assumir o trono.

— Não seja ingênua — respondeu Nynaeve, severa. — Lembre-se de que eu tenho um pacote de raiz de língua-de-ovelha no meio das minhas ervas. — Elayne estava com a cabeça enterrada nas mãos. Aquele sermão não gerou sequer um murmúrio em resposta. — Ouça o que eu digo, garota. Você me viu ficar para enfrentar vinte ou trinta homens armados, sem falar nas Aes Sedai? Se tivesse ficado, é muito mais provável que também tivesse sido pega. Isso se eles não resolvessem matar você. Eles pareciam estar mais interessados em mim e em Egwene, por algum motivo. Talvez não se importassem se você permaneceria viva ou não. — *Por* que *estão interessados em mim e na Egwene? Por que nós, em especial? Por que Liandrin fez isso? Por quê?* Não tinha mais respostas naquele momento do que na primeira vez em que se fizera aquelas perguntas.

— Se eu tivesse morrido tentando ajudá-las… — começou Elayne.

— … você estaria morta. E não seria de grande ajuda, para si mesma ou para as outras. Agora levante-se e limpe esse vestido. — Nynaeve procurou uma escova de cabelo nos alforjes. — E penteie o cabelo.

Elayne se levantou devagar e pegou a escova, dando uma pequena risada.

— Você me lembra Lini, minha antiga ama. — Ela começou a escovar o cabelo, fazendo caretas quando puxava os nós. — Mas como vamos ajudá-las, Nynaeve? Você pode ser forte como uma irmã plena quando está com raiva, mas eles também têm mulheres capazes de canalizar. Não consigo pensar nelas como Aes Sedai, mas pode ser que sejam. Nem sabemos em que direção as levaram.

— Para o oeste — respondeu Nynaeve. — Aquela criatura, Suroth, mencionou Falme, que ica tão a oeste quanto possível, na Ponta de Toman. Vamos para Falme. Espero que Liandrin esteja lá. Vou fazer com que ela amaldiçoe o dia em que a mãe pôs os olhos no pai. Mas primeiro acho melhor encontrarmos algumas roupas no

campo. Vi mulheres tarabonianas e domanesas na Torre, e as roupas delas não parecem nem um pouco com o que estamos vestindo. Todos iriam reparar em nós em Falme. Pensariam que somos estrangeiras.

— Eu não me importaria de usar um vestido domanês, embora minha mãe com certeza fosse dar um ataque se descobrisse e Lini fosse falar até o fim dos tempos. Mas, mesmo que a gente consiga encontrar uma vila, como pagaremos por vestidos novos? Não tenho ideia de quanto dinheiro você tem, mas eu tenho apenas dez peças de ouro e talvez o dobro disso em prata. Isso vai nos sustentar por duas ou três semanas, mas não sei o que faremos depois.

— Alguns meses como noviça em Tar Valon — começou Nynaeve, rindo — não fizeram você parar de pensar como a herdeira de um trono. Não tenho um décimo do que você tem, mas tudo isso junto vai nos manter por dois ou três meses com conforto. Mais tempo, se formos cuidadosas. Não tenho intenção de comprar vestidos, e, de qualquer forma, eles não serão novos. Meu vestido de seda cinza vai vir a calhar, com todas aquelas pérolas e bordados de ouro. Se eu não encontrar uma mulher que troque duas ou três mudas de roupa por aquilo, entrego meu anel para você e serei eu a noviça.

Ela subiu na sela e estendeu a mão para ajudar Elayne a montar atrás de si.

— O que faremos quando chegarmos a Falme? — perguntou Elayne, enquanto se acomodava na traseira da égua.

— Não vou saber até chegarmos lá. — Nynaeve fez uma pausa, deixando a égua continuar parada. — Você tem certeza de que quer fazer isso? Vai ser perigoso.

— Mais perigoso do que para Egwene e Min? Elas nos resgatariam se estivéssemos no lugar delas, tenho certeza. Vamos ficar aqui o dia todo?

Elayne bateu os calcanhares, e a égua começou a andar. Nynaeve virou o cavalo até que o sol, bem perto da posição de meio-dia, brilhasse às suas costas.

— Precisaremos tomar cuidado. As Aes Sedai que conhecemos são capazes de reconhecer uma mulher com o poder de canalizar a apenas um braço de distância. Essas Aes Sedai podem ser capazes de nos identificar em uma multidão, se estiverem procurando por nós, e é melhor presumirmos que estão. — *Elas com certeza estavam atrás de mim e de Egwene. Mas por quê?*

— Sim, muito cuidado. Você estava certa antes também. Não vamos fazer nenhum bem a elas se formos capturadas. — Elayne ficou em silêncio por um instante. — Acha que era tudo mentira, Nynaeve? O que Liandrin nos contou sobre Rand estar em perigo? E os outros? Aes Sedai não mentem.

Foi a vez de Nynaeve permanecer em silêncio, lembrando-se de

quando Sheriam contou os juramentos que uma mulher fazia ao ser elevada à irmandade plena, juramentos feitos segurando um *ter'angreal* que a forçava a cumpri-los. *Não dizer qualquer palavra que não seja verdadeira*. Era um deles, mas todos sabiam que a verdade que uma Aes Sedai dizia podia não ser a verdade que você pensava que ouvia.

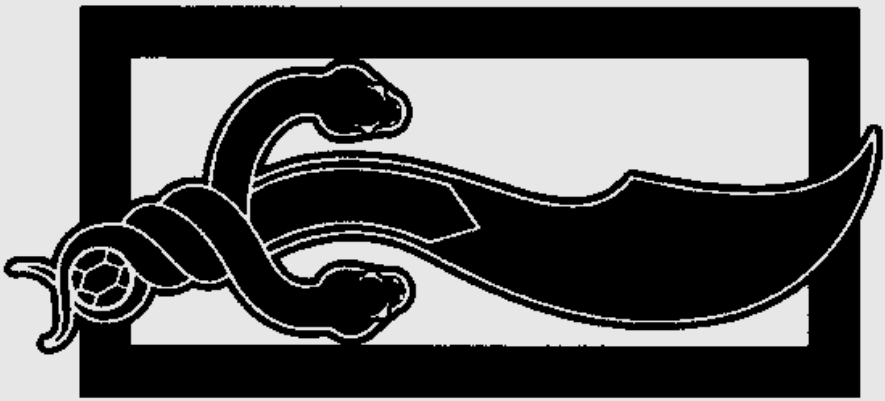
— Espero que Rand esteja aquecendo os pés em frente à lareira de Lorde Agelmar, em Fal Dara, neste momento — respondeu. *Não posso me preocupar com ele agora. Tenho que pensar em Egwene e Min*.

— Imagino que esteja — concordou Elayne, com um suspiro. Ela se mexeu atrás da sela. — Se Falme for muito longe, Nynaeve, espero que me deixe ir na sela metade do tempo. Este não é um assento muito confortável. E nunca chegaremos lá se você deixar esse cavalo seguir no próprio ritmo o caminho inteiro.

Nynaeve forçou a égua a um trote rápido, e Elayne deu um gritinho e se agarrou no manto da Sabedoria. A mulher disse a si mesma que chegaria sua vez de cavalgar atrás e que não reclamaria se Elayne pusesse a montaria a galope, mas depois disso ignorou os gemidos da mulher que quicava atrás de si. Estava ocupada demais torcendo para que, quando chegassem a Falme, conseguisse deixar de sentir medo e começasse a sentir raiva.

A brisa as atingiu, fria e cortante, com um indício do inverno ainda por vir.

41



Divergências

O trovão rugiu, atravessando o céu escuro da tarde. Rand puxou o capuz do manto mais para a frente, tentando se proteger de pelo menos parte da chuva fria. Vermelho teimava em pisar nas poças lamacentas. O capuz pendia sobre a cabeça de Rand, tão encharcado quanto o manto em seus ombros, e o casaco elegante também estava molhado e gelado. A temperatura não precisaria baixar muito mais antes de a neve começar a cair, com ou sem chuva. As pessoas em uma aldeia pela qual passaram disseram que já tinha nevado duas vezes naquele ano. Logo voltaria a nevar. Tremendo, Rand quase desejou que estivesse nevando. Assim, pelo menos, não estaria ensopado até os ossos.

A coluna avançava devagar, vigiando com preocupação o terreno plano. A Coruja Cinzenta de Ingtar pendia, pesada, mesmo quando batia o vento. Hurin às vezes puxava o capuz para farejar o ar. O farejador dizia que o frio e a chuva não afetavam o rastro, pelo menos não o tipo que estava procurando, mas até então ele nada encontrara. Rand ouviu Uno murmurar um impropério atrás de si. Loial veri ficava os alforjes com frequência: não se incomodava por ficar molhado, mas se preocupava com seus livros. Todos se sentiam péssimos, exceto Verin, que parecia perdida demais em pensamentos para notar até mesmo que o capuz caíra, expondo sua cabeça à chuva.

— Você não pode fazer alguma coisa a respeito disso? — indagou Rand. Uma pequena voz no fundo de sua mente respondeu que ele mesmo poderia tomar uma atitude. Tudo que precisava fazer era abraçar *saidin*. Tão doce, o chamado de *saidin*. Ser preenchido pelo Poder Único, se tornar um com a tempestade. Fazer os céus ficarem ensolarados ou cavalgar a tempestade em sua fúria e varrer a Ponta de

Toman do mar à planície. Abraçar *saidin*. Ele reprimiu o desejo sem piedade.

A Aes Sedai se assustou.

— O quê? Ah. Suponho que sim. Pelo menos um pouco. Eu não conseguiria interromper uma tempestade desse tamanho, não sozinha, já que ela afeta uma área grande demais, mas posso abrandá-la um pouco. Na área em que estamos, pelo menos. — Ela secou o rosto molhado pela chuva e puxou o capuz de volta, distraída, parecendo perceber pela primeira vez que ele havia escorregado.

— Então por que não faz isso? — perguntou Mat. O rosto que tremia e os olhava por debaixo de seu capuz parecia às portas da morte, mas sua voz era forte.

— Porque, se eu usasse tanto do Poder Único, qualquer Aes Sedai em um raio de dez milhas saberia que alguém canalizou. Não queremos atrair esses Seanchan para nós com algumas daquelas *damane*. — Ela apertou os lábios, furiosa.

Haviam aprendido um pouco sobre os invasores na aldeia anterior, chamada Moinho de Atuan, embora a maior parte do que ouviram trouxesse mais perguntas que respostas. As pessoas tagarelavam sem parar em um momento e não falavam mais nada no seguinte, tremendo e olhando em volta desconfiados. Todos morriam de medo de que os Seanchan voltassem com seus monstros e suas *damane*. Mulheres que deveriam ter sido Aes Sedai, mas eram, em vez disso, encoleiradas como animais. Elas assustavam ainda mais os aldeões do que as estranhas criaturas dos Seanchan, feras que o povo de Moinho de Atuan só conseguia descrever aos sussurros, dizendo que pareciam ter saído de pesadelos. E, o pior de tudo, os exemplos que os Seanchan tinham deixado antes de partir ainda davam calafrios naquele povo. Eles já tinham enterrado os mortos, mas temiam limpar a grande área carbonizada na praça da aldeia. Ninguém queria falar sobre o que havia acontecido ali, mas Hurin vomitara no instante que chegou à aldeia e se recusara a chegar perto do chão enegrecido.

Moinho de Atuan estava quase vazia. Alguns habitantes tinham fugido para Falme, pensando que os Seanchan não deviam ser tão severos em uma cidade sobre a qual tinham controle total. Outros haviam ido para o leste, e alguns diziam pensar em fazer o mesmo. Havia conflitos na Planície de Almoth, onde tarabonianos enfrentavam os domaneses, segundo diziam, mas as casas e os celeiros queimados lá eram destruídos pelas mãos de homens, pelo menos. Até mesmo uma guerra seria mais fácil de enfrentar do que as coisas que os Seanchan tinham feito, que eles poderiam fazer.

— Por que será que Fain trouxe a Trombeta para cá? — murmurou Perrin. A pergunta fora feita por cada um deles em um momento ou outro, e ninguém tinha resposta. — O lugar está em

guerra, e tem os Seanchan e esses monstros. Por que aqui?

Ingtar se virou para trás, ainda montado, para olhar para o restante da comitiva. Seu rosto parecia quase tão acabado quanto o de Mat.

— Há sempre aqueles que enxergam a chance de tirar vantagem em meio à confusão da guerra. Fain é um desses. Sem dúvida já está pensando em roubar a Trombeta outra vez, agora do Tenebroso, e usá-la para seu proveito.

— O Pai das Mentiras jamais traça planos simples — a firmou Verin. — Pode ser a vontade dele que Fain traga a Trombeta até aqui, por algum motivo conhecido apenas em Shayol Ghul.

— Monstros — disse Mat, bufando com desprezo. Seu rosto estava magro, os olhos, encovados. E aquela voz saudável só tornava tudo ainda pior. — Eles viram alguns Trollocs ou um Desvanecido, se vocês querem saber. Ora, por que não? Se os Seanchan têm Aes Sedai lutando por eles, por que não Desvanecidos e Trollocs? — Mat percebeu que Verin o olhava e se encolheu um pouco. — Bem, são Aes Sedai, encoleiradas ou não. Podem canalizar, e isso faz delas Aes Sedai. — Ele olhou para Rand e deu uma risada rouca. — Isso faz de você um Aes Sedai também, que a luz ajude todos nós.

Masema voltou a galope de um pouco adiante, atravessando a lama e a chuva pesada.

— Há outra aldeia à frente, milorde — informou, enquanto emparelhava com Ingtar. Seus olhos apenas passaram por Rand, mas, quando isso aconteceu, se estreitaram, e o shienarano não olhou outra vez para o rapaz. — Está vazia, milorde. Nada de aldeões, de Seanchan, nem ninguém. Mas todas as casas pareciam em perfeito estado, exceto duas ou três que… bem, não estão mais lá, milorde.

Ingtar ergueu a mão e sinalizou para que reduzissem a marcha a um trote.

A aldeia que Masema encontrara cobria as encostas de uma colina. No topo ficava uma praça pavimentada, com um círculo de muros de pedra no centro. As casas também eram de pedra, todas com teto plano e poucas com mais de um andar. Três que antes eram bem maiores que as outras, em um dos cantos da praça, agora não passavam de pilhas de escombros enegrecidos. Fragmentos de pedras e vigas de telhados jaziam espalhados pela praça. Algumas janelas batiam quando o vento soprava.

Ingtar desmontou em frente à única construção grande que ainda permanecia de pé. A placa que rangia acima da porta mostrava uma mulher fazendo malabarismos com estrelas, mas não exibia um nome. A chuva dobrava as esquinas, alcançando-os em duas rajadas firmes. Verin entrou depressa, enquanto Ingtar falava.

— Uno, vasculhem todas as casas. Se ainda houver alguém por

aqui, talvez essa pessoa possa explicar o que aconteceu, e quem sabe não descobriremos um pouco mais sobre esses Seanchan. Se encontrarem alguma comida e cobertores, tragam também. — Uno assentiu e começou a despachar os homens. Ingtar se virou para Hurin. — O que você consegue sentir? Fain passou por aqui?

Hurin, esfregando o nariz, sacudiu a cabeça.

— Ele não, milorde, e nem os Trollocs. Mas quem fez isso deixou um fedor terrível. — Ele apontou para os escombros do que haviam sido casas. — Foi assassinato, milorde. Tinha gente lá dentro.

— Seanchan — rosnou Ingtar. — Vamos entrar. Ragan, procure algo que sirva de estábulo para os cavalos.

Verin já tinha acendido as duas grandes lareiras nas extremidades do salão e aquecia as mão em uma delas. Seu manto encharcado estava estendido em uma das mesas, pingando no chão de ladrilhos. Ela também encontrara duas velas, que queimavam em uma mesa, apoiadas na própria cera derretida. O vazio e o silêncio, exceto pelo ruído ocasional de um trovão, somavam-se às sombras tremulantes para dar ao lugar uma sensação cavernosa. Rand jogou seu manto, também ensopado, em outra mesa e se juntou à mulher. Apenas Loial parecia mais interessado em verificar o estado de seus livros do que em se aquecer.

— Nunca encontraremos a Trombeta de Valere assim — a firmou Ingtar. — Já se passaram três dias desde que… desde que chegamos aqui. — Ele estremeceu e passou uma das mãos pelo cabelo. Rand se perguntou o que o shienarano vira em suas outras vidas. — Temos pelo menos mais dois pela frente, até Falme, e não encontramos sequer um fio de cabelo de Fain ou dos Amigos das Trevas. Há dezenas de aldeias ao longo da costa. Ele pode ter ido para uma e embarcado um navio para qualquer lugar a esta altura. Se é que esteve aqui.

— Ele está aqui — respondeu Verin, muito calma —, e foi para Falme.

— E ainda está aqui — completou Rand. *Esperando por mim. Por favor, Luz, que ele ainda esteja esperando…*

— Hurin ainda não achou um vestígio sequer dele — retrucou Ingtar. O farejador deu de ombros, como se pensasse ser culpado pela falha. — Por que ele escolheria Falme? Se formos acreditar naqueles aldeões, eles dizem que Falme está sob o controle desses Seanchan. Eu daria meu melhor sabujo para saber quem eles são e de onde vieram.

— Não importa quem eles são. — Verin se ajoelhou e abriu os alforjes que trazia, pegando uma muda de roupa seca. — Pelo menos temos quartos para trocar de roupa, mesmo que isso não vá adiantar muito se o tempo não mudar. Ingtar, pode até ser que o que os aldeões nos disseram seja verdade, que os Seanchan sejam os descendentes dos

exércitos de Artur Asa-de-gavião que voltaram para casa. O que importa é que Fain foi para Falme. As palavras nas paredes da masmorra de Fal Dara…

— … não mencionavam Fain. Perdoe-me, Aes Sedai, mas isso podia ser tanto um truque quanto uma profecia das trevas. Não consigo acreditar que nem mesmo Trollocs seriam estúpidos o suficiente para nos contar tudo o que farão antes de fazê-lo.

Verin se virou para olhar para ele.

— E o que você pretende fazer, se não vai seguir meus conselhos?

— Pretendo recuperar a Trombeta de Valere — respondeu Ingtar, com firmeza. — Perdoe-me, mas preciso confiar em meu próprio bom senso mais do que nas palavras rabiscadas por um Trolloc…

— Um Myrddraal, com certeza — murmurou Verin, mas o shienarano sequer hesitou.

— … ou um Amigo das Trevas traído pela própria boca. Pretendo esquadrinhar o terreno até Hurin farejar um rastro ou encontrarmos Fain em carne e osso. Eu preciso recuperar a Trombeta de Valere, Verin Sedai. Eu preciso!

— Não é isso — repreendeu Hurin, falando baixinho. — Não é "precisar". O que acontece, acontece.

Ninguém lhe deu qualquer atenção.

— Todos precisamos — murmurou Verin, procurando algo nos alforjes. — Mas algumas coisas podem ser ainda mais importantes do que isso.

Ela não falou mais, porém Rand fez uma careta. Queria ficar longe daquela mulher e de suas insinuações e indiretas. *Eu não sou o Dragão Renascido. Luz, eu só queria poder escapar de vez dessas Aes Sedai.*

— Ingtar, acho que vou continuar seguindo para Falme. Fain está lá, tenho certeza, e, se eu não aparecer logo, ele… ele vai fazer algo de ruim aos habitantes de Campo de Emond. — Rand não mencionara essa parte antes.

Todos o encararam. Mat e Perrin franziram a testa, preocupados, mas pensativos. Verin parecia ter acabado de encontrar uma nova peça que se encaixava em um quebra-cabeça. Loial parecia estupefato, e Hurin, confuso. Já Ingtar estava incrédulo.

— Por que ele faria isso? — perguntou o shienarano.

— Não sei — mentiu Rand —, mas era parte da mensagem que Barthanes passou.

— E Barthanes disse que Fain estava indo para Falme? — indagou Ingtar. — Não. Não faria diferença se tivesse dito. — Ele deu uma risada amarga. — Para os Amigos das Trevas, mentir é tão natural quanto respirar.

— Rand — interveio Mat —, se soubesse como impedir Fain de

fazer mal aos habitantes de Campo de Emond, eu impediria. Se eu tivesse certeza de que ele faria isso. Mas preciso daquela adaga, Rand, e Hurin tem mais chance de encontrá-la.

— Eu vou aonde quer que você vá, Rand — a firmou Loial. Ele já terminara de veri ficar se os livros estavam secos e tirava o casaco ensopado. — Mas não vejo como alguns dias a mais mudariam qualquer coisa, de uma forma ou de outra, a esta altura. Tente ser um pouco menos apressado, para variar.

— Para mim, não importa se vamos para Falme agora, amanhã ou nunca — começou Perrin, dando de ombros —, mas se Fain está mesmo ameaçando Campo de Emond… Bem, Mat está certo, Hurin é a melhor forma de encontrá-lo.

— Eu consigo encontrá-lo, Lorde Rand — acrescentou Hurin. — Só me deixe encontrar um vestígio que seja, que levo o senhor direto até ele. Nunca vi algo que deixasse um rastro como aquele.

— Você precisa fazer sua própria escolha, Rand — disse Verin, medindo as palavras —, mas lembre-se de que Falme está sob poder de invasores a respeito dos quais não sabemos quase nada. Se for para lá sozinho, pode ser feito prisioneiro ou pior, e isso não vai adiantar de nada. Tenho certeza de que qualquer escolha que você faça será a correta.

— *Ta'veren* — ecoou Loial.

Rand ergueu as mãos em um gesto de desistência.

Uno voltou da praça, sacudindo o manto molhado de chuva.

— Não tem nenhuma maldita alma, milorde. Me parece que eles fugiram como porcos pelados. Até a droga do gado sumiu, e também não sobrou uma carroça ou carroção. Metade das casas está completamente vazia. Aposto meu soldo do mês que vem que dá pra seguir essas pessoas pela mobília que jogaram na beira da estrada quando perceberam que ela só fazia peso nas porcarias dos carroções.

— E roupas? — perguntou Ingtar.

Uno piscou um olho só, surpreso.

— Apenas uma coisa aqui e outra ali, milorde. A maioria das coisas que não acharam que valia a pena levar.

— Vão ter que servir. Hurin, acho melhor vestir você e mais alguns como gente daqui, do melhor jeito possível. Assim vocês não se destacam. Quero que vão pra longe, do norte ao sul, até cruzarem com a trilha. — Mais soldados entravam no aposento, e todos se reuniram ao redor de Ingtar e Hurin para ouvir as instruções.

Rand apoiou as mãos na cornija da lareira e ficou olhando para as chamas. Elas o faziam pensar nos olhos de Ba'alzamon.

— Não temos muito tempo — disse. — Eu sinto… alguma coisa… me puxando para Falme, e não temos muito tempo. — Ele notou que Verin o observava e acrescentou, severo: — Não isso. É Fain que eu

preciso encontrar. Isso não tem nada a ver com… aquilo.

Verin assentiu.

— Há de ser o que a roda tecer, e todos nós estamos presos ao padrão. Fain chegou aqui semanas antes de nós, talvez meses. Alguns dias a mais farão pouca diferença no que tiver que acontecer.

— Vou dormir um pouco — resmungou, pegando seus alforjes. — Eles não podem ter levado todas as camas embora.

Ele, de fato, encontrou camas no andar de cima, mas apenas algumas ainda estavam com colchões, que eram tão irregulares que ele achou que talvez fosse melhor dormir no chão. Por fim, escolheu uma cama em que o colchão estava apenas afundado no meio. Não havia mais nada no quarto além de uma cadeira de madeira e uma mesa com uma perna bamba.

Ele tirou as roupas molhadas, vestindo uma camisa e uma calça secas antes de se deitar, já que não havia lençóis nem cobertores, e encostou a espada ao lado da cabeceira. Pensou com amargura que a única coisa seca que tinha para se cobrir era o estandarte do Dragão. Mas deixou-o guardado, seguro em seus alforjes.

A chuva batia no telhado, o trovão rugia acima e, de vez em quando, o lampejo de um raio iluminava as janelas. Tremendo de frio, ele rolou de um lado para o outro no colchão em busca de uma posição confortável, ponderando se não seria melhor usar o estandarte como cobertor, questionando se não era melhor continuar a seguir para Falme.

Rolou para um lado, e viu Ba'alzamon de pé ao lado da cadeira, com o tecido branco do estandarte do Dragão nas mãos. O quarto parecia mais escuro ali, como se Ba'alzamon estivesse na beira de uma nuvem de fumaça negra e oleosa. Aquele rosto estava marcado por queimaduras quase curadas, e, sob o escrutínio de Rand, aqueles olhos escuros como breu sumiram por um instante, substituídos por cavernas de fogo. Os alforjes de Rand estavam a seus pés, com as fivelas desfeitas, e a parte que escondia o estandarte estava aberta.

— A hora está chegando, Lews Therin. Mil fios puxados com firmeza, e logo você será amarrado e preso, enviado em um caminho que não pode mudar. Loucura. Morte. Antes de morrer, será que matará mais uma vez tudo aquilo que ama?

Rand olhou de relance para a porta, mas se moveu apenas para se sentar na beira da cama. De que adiantava tentar correr do Tenebroso? Sentia como se sua garganta estivesse cheia de areia.

— Eu não sou o Dragão, Pai das Mentiras! — respondeu, rouco.

A escuridão atrás de Ba'alzamon se revolveu, e fornalhas rugiram quando ele riu.

— Você me honra. E se diminui. Eu o conheço bem demais. Enfrentei você mil vezes. Mil vezes mil. Conheço até sua alma

miserável, Lews Therin Fratricida. — Ele riu outra vez.

Rand pôs as mãos na frente do rosto para se proteger do calor daquela boca flamejante.

— O que você quer? Não vou servi-lo. Não farei nada que você queira. Prefiro morrer!

— Você *vai* morrer, verme! Mas quantas vezes morreu ao longo das Eras, seu tolo, e de que sua morte adiantou? O túmulo é frio e solitário, exceto para os vermes. O túmulo é meu. Dessa vez você não renascerá. Dessa vez, a Roda do Tempo será quebrada, e o mundo será refeito à imagem da Sombra. Dessa vez sua morte será para sempre! O que você escolherá? A morte eterna? Ou a vida eterna… e poder?

Rand mal percebeu que estava de pé. O vazio o cercara, *saidin* estava lá, e o Poder Único fluiu para dentro dele. Aquilo quase partiu o vazio. Era real? Era um sonho? Será que ele conseguia canalizar em um sonho? Mas a torrente que corria para dentro dele acabou com todas as dúvidas que tinha. Ele arremeteu contra Ba'alzamon, golpeando com puro Poder Único, com a força que girava a Roda do Tempo, uma força que podia fazer os mares ferverem e devorar montanhas.

Ba'alzamon deu meio passo para trás, segurando o estandarte diante de si com firmeza. As chamas cresceram em seus olhos e boca e a escuridão pareceu cobri-lo em um manto feito de sombras. Feito da Sombra. O Poder afundou naquela névoa negra como água na areia seca.

Rand sugou *saidin*, buscando mais e mais. Seu corpo parecia tão frio que bastaria um toque para se estilhaçar, tão quente que poderia evaporar. Seus ossos pareciam prestes a se calcinar até virar cinzas frias e cristalinas. Ele não se importava. Era como beber da própria vida.

— Idiota! — rugiu Ba'alzamon. — Você vai se destruir!

Mat. O pensamento flutuou em algum lugar além da inundação que o consumia. *A adaga. A Trombeta. Fain. Campo de Emond. Não posso morrer ainda.*

Não soube ao certo como o fez, mas de repente o Poder se fora, junto com *saidin* e o vazio. Tremendo de forma incontrolável, ele caiu de joelhos ao lado da cama, abraçando-se em um esforço inútil para impedir o tremor em seus braços.

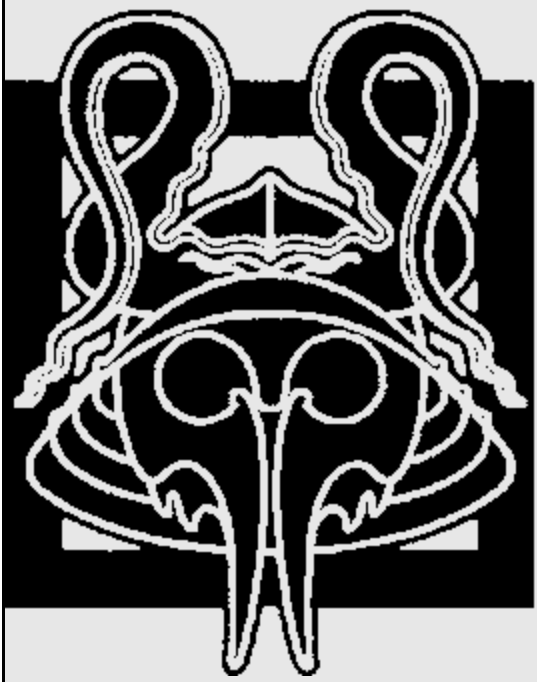
— Assim é melhor, Lews Therin. — Ba'alzamon jogou o estandarte no chão e apoiou as mãos no espaldar da cadeira. Fios de fumaça subiam por entre seus dedos. A sombra não o envolvia mais. — Aqui está seu estandarte, Fratricida. Vai lhe servir de muita coisa. Mil fios dispostos ao longo de mil anos o trouxeram até aqui. Dez mil fios, tecidos ao longo das Eras, o prendem como uma ovelha no matadouro. A própria Roda o aprisiona a seu destino, Era após Era.

Mas eu posso libertá-lo. Seu vira-lata covarde, apenas eu, em todo o mundo, posso ensiná-lo a usar o Poder. Apenas eu posso impedir que o poder o mate antes de você ter a chance de enlouquecer. Apenas eu posso deter a loucura. Você já me serviu antes. Sirva-me outra vez, Lews Therin, ou seja destruído para sempre!

— Meu nome — forçou Rand, entre os dentes que batiam — é Rand al'Thor. — O tremor o forçou a fechar os olhos com força, e, quando voltou a abri-los, estava sozinho.

Ba'alzamon se fora. A sombra se fora. Seus alforjes estavam apoiados na cadeira com as fivelas fechadas e um lado mais estufado com o volume do estandarte do Dragão, exatamente como os deixara. No entanto, no espaldar da cadeira, filetes de fumaça ainda saíam das marcas de dedos.

42



Falme

Nynaeve empurrou Elayne de volta para a viela estreita entre a loja de um comerciante de roupas e a oficina de um oleiro, quando o par daquelas mulheres unidas por uma corrente prateada passou perto delas, em direção à calçada de pedras que levava ao porto de Falme. Elas não ousariam deixar aquele par se aproximar demais. As pessoas nas ruas abriam caminho para as duas mulheres ainda mais rápido do que para os soldados Seanchan ou a ocasional liteira de um nobre, fechada com grossas cortinas agora que fazia frio mesmo durante o dia. Nem mesmo os artistas de rua se ofereciam para desenhá-las a giz ou lápis, embora importunassem todos os demais. Nynaeve apertou os lábios enquanto seus olhos acompanhavam a *sul'dam* e a *damane* em meio à multidão. Mesmo depois de semanas naquela cidade, a imagem ainda a deixava enjoada. Talvez até mais do que antes. Não conseguia se imaginar fazendo aquilo a mulher alguma, nem mesmo Moiraine ou Liandrin.

Bem, talvez Liandrin , admitiu, amarga. Às vezes, durante a noite, no quarto pequeno e fedorento que haviam alugado bem em cima de uma peixaria, Nynaeve pensava no que gostaria de fazer com Liandrin quando pusesse as mãos nela. Pensava em Liandrin ainda mais do que em Suroth. Mais de uma vez ficara chocada com a própria crueldade,

mesmo quando admirava sua criatividade.

Ainda tentando não perder o par de vista, acabou pousando o olhar em um homem ossudo, parado mais adiante na rua. Teve apenas um vislumbre antes de perdê-lo na multidão outra vez, um grande nariz em um rosto ino. O homem usava uma túnica sofisticada de veludo bronze e de corte Seanchan por cima das roupas, mas Nynaeve achou que ele era estrangeiro. Apesar disso, o serviçal que o acompanhava era Seanchan, um alto servo na hierarquia, com um dos lados da cabeça raspado. O povo local não adotara os costumes Seanchan, principalmente não o modo de se vestir. *Parecia Padan Fain*, pensou, incrédula. *Não pode ser. Não aqui*.

— Nynaeve — perguntou Elayne, em voz baixa —, podemos sair daqui agora? Aquele sujeito vendendo maçãs está olhando para a mesa como se pensasse que havia uma quantidade maior há alguns instantes, e eu não gostaria que ele parasse para se perguntar o que tenho nos bolsos.

Ambas usavam longos casacos de pele de ovelha, com a lã virada para dentro e espirais de um vermelho vivo bordadas no peito. Era uma roupa típica de camponesa, mas não levantava suspeitas em Falme, onde havia muita gente das fazendas e aldeias. Em meio a tantos estranhos, as duas tinham conseguido passar despercebidas. Nynaeve des fizera a trança, e guardara o anel de ouro com a serpente comendo a própria cauda aninhado sob o vestido ao lado do pesado anel de Lan, preso no cordão de couro em seu pescoço.

Os bolsos largos do casaco de Elayne estavam estufados de um modo suspeito.

— Você roubou aquelas maçãs? — sibilou Nynaeve, tentando ser discreta, puxando a outra para a rua movimentada. — Elayne, não precisamos roubar. Pelo menos não por enquanto.

— Não? Quanto dinheiro ainda temos? Você tem estado “sem fome” com muita frequência nas refeições dos últimos dias.

— Bem, eu estou sem fome — disparou Nynaeve, tentando ignorar o vazio em seu estômago. Tudo era bem mais caro do que ela esperava. Já ouvira o povo local reclamando do grande aumento dos preços desde a chegada dos Seanchan. — Me dê uma. — A maçã que Elayne tirou do bolso era pequena e dura, mas inundou a boca de Nynaeve com uma doçura deliciosa quando ela a mordeu, fazendo barulho. A Sabedoria lambeu o caldo dos lábios. — Como foi que você… — Ela fez Elayne parar e olhou bem nos olhos da jovem. — Você…? Você…? — Não conseguia pensar em uma forma de dizer aquilo, não com tantas pessoas passando por elas, mas Elayne entendeu.

— Só um pouquinho. Derrubei aquela pilha de melões velhos e manchados, e, quando ele foi colocá-los no lugar… — Nynaeve notou

que a garota não teve sequer a decência de parecer envergonhada. Comendo uma das maçãs, despreocupada, Elayne deu de ombros. — Não precisa franzir a testa desse jeito. Eu olhei em volta antes para ter certeza de que não havia nenhuma *damane* por perto. — Ela fungou com desdém. — Se eu fosse uma prisioneira, não ajudaria meus captores a encontrar outras mulheres para escravizar. Mas, pelo jeito que essa gente de Falme se comporta, dá para pensar que eles passaram a vida inteira sendo servos dos que deveriam ser seus inimigos mortais. — Ela olhou em volta, sem esconder o desprezo pelas pessoas que passavam, apressadas. Mesmo de longe, era possível ver o caminho de qualquer Seanchan, até mesmo os soldados comuns, pelas ondas de reverências que marcavam sua passagem. — Eles deveriam resistir. Deviam lutar.

— Como? Contra… aquilo.

Elas tiveram que se espremer no canto da rua com todos os demais quando uma patrulha dos Seanchan se aproximou, vinda do porto. A reverência de Nynaeve, com as mãos nos joelhos, foi feita com uma expressão perfeitamente suave. A de Elayne foi mais lenta, e ela se curvou com os lábios apertados de desgosto.

Vinte homens e mulheres em armaduras compunham a patrulha. E estavam a cavalo, para o alívio de Nynaeve. Não conseguia se acostumar à visão de pessoas montadas em criaturas que pareciam felinos sem cauda e com o corpo coberto de escamas de bronze. Além disso, ver alguém montado em uma das feras voadoras era sempre o bastante para deixá-la tonta. Ficava feliz por haver tão poucas delas. Ainda assim, duas criaturas acorrentadas trotavam, acompanhando a patrulha. Pareciam pássaros sem asas, com a pele de couro áspero e bicos afiados que chegavam mais alto do que os elmos nas cabeças dos soldados montados. As patas longas e sinuosas pareciam capazes de correr mais do que qualquer cavalo.

Ela se ergueu devagar depois da passagem dos Seanchan. Algumas das pessoas que tinham se curvado para a patrulha chegaram quase ao ponto de correr: ninguém ficava confortável ao ver as bestas dos Seanchan, a não ser os próprios Seanchan.

— Elayne — disse, baixo, quando voltaram a subir a rua —, se formos pegas, juro que, antes de nos matarem ou o que quer que façam, vou implorar de joelhos para me deixarem lhe dar uma coça de cima a baixo com a vara mais grossa que eu conseguir encontrar! Se você ainda não aprendeu a tomar cuidado, talvez seja hora de pensar em mandá-la de volta para Tar Valon ou para casa, em Caemlyn, ou para qualquer lugar que não este.

— Eu tomo cuidado. Pelo menos olhei em volta para ter certeza de que não tinha nenhuma *damane* por perto. E você? Eu vi você canalizar com uma bem à vista.

— Sim, mas eu sabia que não estavam olhando para mim — resmungou Nynaeve. Fora preciso concentrar toda a sua raiva ao ver mulheres acorrentadas como animais para conseguir canalizar. — E fiz apenas uma vez. Foi só uma gotinha.

— Uma gotinha!? Tivemos que passar três dias escondidas no quarto fedendo a peixe enquanto elas vasculhavam a cidade em busca de quem tinha feito aquilo! Você chama isso de tomar cuidado?

— Eu precisava descobrir se havia uma forma de abrir aqueles colares. — Ela achava que sim. Precisaria fazer mais um teste antes de ter certeza, e não estava muito animada diante da perspectiva. Pensara, como Elayne, que as *damane* eram prisioneiras ansiosas por escapar, mas fora a mulher com o colar quem dera o alarme.

Naquele instante, passou um homem empurrando um carrinho de mão que quicava nas pedras do calçamento, anunciando seus serviços de amolador de tesouras e facas.

— Elas deviam encontrar uma forma de resistir — rosnou Elayne. — Mas agem como se não percebessem o que acontece ao redor quando há um Seanchan envolvido.

Nynaeve apenas suspirou. A final, ficava di ícil continuar a defesa quando parte dela concordava com Elayne. A princípio, pensara que a submissão do povo de Falme devia ser uma fachada, mas não encontrara evidências de qualquer resistência. E procurara aliados, no início, na esperança de conseguir ajuda para libertar Egwene e Min, mas todos se apavoravam à mera insinuação de que pudessem se opor aos Seanchan. Ela desistiu de fazer perguntas antes que começasse a chamar atenção demais. Na verdade, não podia imaginar como as pessoas *conseguiriam* lutar. *Monstros e Aes Sedai. Como lutar contra monstros e Aes Sedai?*

Mais adiante havia cinco casas de pedra, algumas das maiores da cidade, formando um quarteirão. Uma rua antes delas, Nynaeve encontrou uma viela ao lado de uma alfaiataria, de onde poderiam pelo menos ficar de olho em algumas das entradas das casas. Não era possível ver todas as portas de uma vez, e não se arriscaria a deixar Elayne sair por conta própria para vigiar mais algumas. Além disso, não era prudente chegar mais perto. Acima dos telhados, na rua seguinte, o estandarte do gavião dourado do Grão-lorde Turak tremulava ao vento.

Apenas mulheres saíam ou entravam naquelas casas, e a maioria era *sul'dam*. Andavam sozinhas ou acompanhadas de uma *damane*. Os prédios haviam sido ocupados pelos Seanchan para abrigar as *damane*. Egwene devia estar lá, e, talvez Min. Não haviam qualquer sinal da outra menina até então, embora fosse possível que ela estivesse apenas escondida na multidão, assim como elas. Nynaeve ouvira muitas histórias sobre mulheres e meninas sendo presas nas ruas ou trazidas

das aldeias. Todas entravam naquelas casas e, quando eram vistas novamente, usavam uma coleira.

Sentada em um caixote ao lado de Elayne, a Sabedoria tirou algumas das pequenas maçãs do casaco da outra. Havia menos gente local andando naquelas ruas. Todos sabiam o que eram aquelas casas, e todos as evitavam, como faziam com os estábulos onde os Seanchan mantinham as feras. Não era difícil ficar de olho nas portas entre os transeuntes. Nynaeve e Elayne eram apenas duas mulheres que pararam para comer na rua. Apenas mais duas que não podiam pagar por uma refeição em uma estalagem. Nada que atraísse mais do que um olhar de relance.

Comendo de forma mecânica, Nynaeve tentou fazer planos mais uma vez. Ser capaz de abrir o colar, se é que era possível, não serviria de nada a menos que encontrasse Egwene. Achou que as maçãs não estavam mais tão doces.

Olhando pela janela estreita, abaixo do beiral, de dentro de um dos muitos quartos pequenos cujas paredes divisórias foram erguidas sem cuidado para modificar o que quer que fosse o aposento anterior, Egwene podia ver o jardim onde as *damane* eram levadas para passear pelas *sul'dam*. Haviam sido diversos jardins, antes de os Seanchan se apossarem das grandes casas para abrigar suas *damane* e derrubarem os muros que os separavam. As árvores estavam quase sem folhas, mas as *damane* ainda eram levadas para tomar ar, querendo ou não. Egwene observava o jardim porque Renna estava lá embaixo, conversando com outra *sul'dam*. Enquanto Renna estivesse em seu campo de visão, ela não chegaria de surpresa.

Alguma outra *sul'dam* podia chegar, no entanto. Havia muito mais *sul'dam* do que *damane*, e todas as *sul'dam* queriam a sua vez de usar um bracelete. Era o que chamavam de "estar completa". Porém, Renna estava encarregada de seu treinamento, e era ela quem usava seu bracelete na maioria das vezes. Se qualquer pessoa aparecesse, não haveria nada para impedir sua entrada. Não havia fechaduras nas portas dos quartos das *damane*. O aposento de Egwene tinha apenas uma cama dura e estreita, um jarro lascado e uma bacia para se lavar, uma cadeira e uma pequena mesa, e não havia espaço para mais mobília. *Damane* não precisavam de conforto, privacidade ou pertences. *Damane* eram pertences. Min também tinha um quarto exatamente como aquele, em outra casa. Mas a garota podia ir e vir quando quisesse, ou quase. Os Seanchan adoravam regras: tinham mais regras para toda a população do que a Torre Branca tinha para as noviças.

Egwene estava bem afastada da janela. Não queria que alguma das mulheres lá embaixo olhasse para cima e por acaso notasse o

brilho que sabia que a cercava por canalizar o Poder Único, sondando cuidadosamente a coleira em seu pescoço, em uma investigação inútil. Sequer podia dizer se o colar era trançado ou feito de elos. Às vezes parecia ser de um jeito, às vezes, de outro. Mas sempre parecia uma peça única. Era apenas uma gota minúscula do Poder, a menor quantidade que ela conseguia imaginar, mas ainda fazia o suor escorrer por sua testa e embrulhava o estômago. Era uma das propriedades do *a'dam*: se a *damane* tentasse canalizar sem uma *sul'dam* usando o bracelete, sentia-se mal, e, quanto mais Poder canalizava, pior se sentia. Acender uma vela além do alcance da mão teria feito Egwene vomitar. Certa vez, Renna mandara que ela fizesse malabarismos com as bolinhas de luz enquanto o bracelete estava sobre a mesa. A lembrança ainda lhe dava calafrios.

Naquele momento, a corrente prateada serpenteava pelo chão e subia pela parede de madeira sem pintura até o pino em que o bracelete estava pendurado. A visão dele ali a fazia cerrar os dentes, furiosa. Se um cão fosse preso com tanto descuido, fugiria. Se uma *damane* movesse o bracelete um pé sequer de onde fora tocado pela última vez por uma *sul'dam*… Renna também a mandara fazer aquilo, carregar o próprio bracelete pelo quarto. Ou pelo menos tentar. Tinha certeza de que haviam se passado apenas alguns minutos antes que a *sul'dam* prendesse o bracelete no próprio pulso. Para Egwene, no entanto, os gritos e as câimbras que a fizeram se contorcer no chão pareceram durar horas.

Alguém bateu na porta, e Egwene sobressaltou-se antes de se dar conta de que não deveria ser uma *sul'dam:* nenhuma delas bateria antes de entrar. Ela deixou *saidar*. Estava começando a passar mal mesmo.

— Min?

— Aqui estou, para minha visita semanal — anunciou Min, entrando e fechando a porta. A animação soava um tanto forçada, mas a menina sempre fazia o possível para animar Egwene. — O que acha?

A jovem girou, exibindo o vestido de corte Seanchan, de lã verde-escura. Um manto pesado, combinando, estava pendurado no braço. Uma ita verde prendia os cabelos escuros, embora mal fossem compridos o suficiente para isso. A faca, no entanto, ainda estava embainhada na cintura. Egwene havia ficado surpresa quando Min aparecera usando a arma pela primeira vez, mas os Seanchan pareciam confiar em todos. Até que violassem alguma regra.

— É bonito — respondeu Egwene, medindo as palavras. — Mas… por quê?

— Não passei para o lado do inimigo, se é o que você está pensando. Era isso ou encontrar algum lugar fora da cidade, e aí eu talvez não conseguir visitá-la de novo. — Ela tentou se sentar de

frente para o espaldar na cadeira, como fazia quando estava de calça, mas balançou a cabeça, irritada, e virou o assento. — "Todos têm um lugar no Padrão" — imitou —, "e o lugar de todos precisa ser aparente." Parece que aquela bruxa velha da Mulaen cansou de não saber qual era o meu lugar só de olhar, então resolveu que seria com as serviçais. Ela me deixou escolher. Você precisa ver algumas das roupas que as serviçais dos Seanchan usam, as que servem aos lordes. Talvez fosse divertido, mas só se eu estivesse prometida, ou, melhor ainda, casada. Bem, não há como voltar atrás. Pelo menos, ainda não. Mulaen queimou meu casaco e minha calça. — Com uma careta para mostrar o que pensava daquilo, Min pegou uma pedra de uma pequena pilha na mesa e passou a jogá-la de uma das mãos para a outra. — Não é tão ruim — disse, com uma risada —, tirando o fato de que faz tanto tempo que não uso saia que acabo tropeçando.

Egwene também fora obrigada a assistir a suas roupas serem queimadas, inclusive aquele vestido de seda verde adorável. Ficou feliz por não ter levado mais roupas que ganhara de presente da Lady Amalisa, mesmo que talvez nunca mais fosse vê-las e nem a Torre Branca. Naquele momento, usava o mesmo cinza-escuro que todas as outras *damane*. Damane *não têm pertences* , haviam lhe explicado. *O vestido que uma* damane *usa, a comida que come, a cama em que dorme são todos presentes de sua* sul'dam. *Se a* sul'dam *quiser que sua* damane *durma no chão em vez de em uma cama, ou em uma baia em um estábulo, é decisão exclusiva dela*. Mulaen, a encarregada dos aposentos das *damane*, tinha uma voz anasalada e monótona, mas era severa com qualquer uma que não lembrasse de cada palavra de seus discursos entediantes.

— Não deve haver escapatória para mim, nunca — retrucou Egwene, com um suspiro, afundando na cama. Ela indicou as pedras na mesa. — Renna me passou um teste ontem. Tive que identificar o pedaço de ferro e o de cobre, de olhos vendados. Acertei todas as vezes. Ela deixou as pedras aí, para me lembrar do sucesso. Parecia achar que ser lembrada disso era alguma espécie de recompensa.

— Não parece muito pior do que o resto… E nem de longe é tão ruim quanto fazer as coisas explodirem como fogos de arti ício… Mas você não podia mentir? Dizer que não sabia qual era qual?

— Você ainda não sabe como é. — Egwene puxou a coleira. Puxá-la era tão inútil quanto canalizar. — Quando Renna está usando o bracelete, sabe o que estou fazendo ou não com o Poder. Às vezes, parece saber até quando não está usando. E disse que as *sul'dam* desenvolvem o que ela chama de afinidade, depois de um tempo. — A jovem suspirou. — Ninguém nem pensou em testar minha habilidade para isso antes. Dos cinco poderes, a terra era um dos mais fortes nos homens. Quando consegui identificar as pedras, ela me levou para fora

da cidade. E lá pude apontar direto para uma mina de ferro abandonada. Estava coberta de mato, e não havia abertura à vista, mas, depois que aprendi como, eu conseguia sentir o ferro ainda no solo. Faz uns cem anos que lá não tem mais o suficiente para valer a pena explorar, mas eu sabia onde estava. E não consegui mentir para ela, Min. Ela sabia que eu tinha sentido a mina assim que a percebi. E ficou tão animada que me prometeu um pudim na ceia. — Ela sentiu a face ruborizar de raiva e constrangimento. — Parece — continuou, amarga —, que sou valiosa demais para ser desperdiçada fazendo coisas explodirem. Qualquer *damane* sabe fazer isso, mas poucas são capazes de encontrar minérios no solo. Luz, odeio fazer coisas explodirem, mas queria só saber fazer isso.

O rubor em seu rosto aumentou. Odiava mesmo aquilo, fazer árvores se estilhaçarem e a terra tremer. Era um treinamento para a batalha, para matar, e ela não queria participar de batalhas. Ainda assim, qualquer coisa que os Seanchan a deixassem fazer era outra chance de tocar *saidar*, de sentir o Poder fluir por seu corpo. Odiava as coisas que Renna e as outras *sul'dam* a forçavam a fazer, mas tinha certeza de que conseguia lidar com muito mais Poder do que antes de sair de Tar Valon. Tinha certeza de que conseguia fazer coisas que nenhuma irmã da Torre pensara antes. Elas nunca pensaram em fazer a terra se abrir para matar homens.

— Talvez você não precise se preocupar com essas coisas por muito mais tempo — sugeriu Min, com um sorriso. — Encontrei um navio, Egwene. O capitão está sendo mantido aqui pelos Seanchan, e está quase pronto para zarpar, com ou sem permissão.

— Se ele estiver disposto a levá-la, Min, vá com ele — retrucou Egwene, cansada. — Eu já expliquei que sou valiosa agora. Renna disse que mandarão um navio de volta a Seanchan em alguns dias. E só para me levar.

O sorriso da amiga sumiu, e as duas se encararam. De repente, Min atirou a pedra na pilha sobre a mesa, fazendo-as caírem para todos os lados.

— Deve haver um jeito de sair daqui! Deve haver um jeito de tirar essa coisa do seu pescoço!

Egwene inclinou a cabeça para trás, apoiando-a na parede.

— Você já sabe que os Seanchan recolheram todas as mulheres capazes de canalizar que conseguiram encontrar, mesmo que só uma gota do Poder. Elas vêm de todos os lugares, não apenas de Falme, e também das aldeias de pescadores e das pequenas cidades agrícolas do interior. Tarabonianas, domanesas e passageiras de navios que eles interceptaram. Há duas Aes Sedai entre elas.

— Aes Sedai! — exclamou Min. Pela força do hábito, olhou em volta para ter certeza de que nenhum Seanchan a ouvira dizer aquilo.

— Egwene, se há Aes Sedai por aqui, elas podem nos ajudar. Só me deixe falar com elas, e aí…

— Elas não conseguem nem ajudar a si mesmas, Min. Eu só consegui falar com uma. O nome dela é Ryma. A *sul'dam* não a chama assim, mas é o nome dela: ela quis ter certeza de que eu lembraria. E também me disse que havia outra. Falou isso entre lágrimas. Ela é uma Aes Sedai, Min, e estava chorando! Também tem uma coleira no pescoço, é obrigada a responder por Pura, e não há nada o que possa fazer, como eu. Foi capturada quando Falme caiu. E estava chorando porque já começou a parar de resistir, porque não aguenta mais ser punida. Estava chorando porque quer tirar a própria vida, e nem isso pode fazer sem permissão. E Luz, eu sei como ela se sente!

Min mudou de posição, pouco à vontade, alisando o vestido com as mãos que de repente ficaram trêmulas.

— Egwene, você não quer… Egwene, não pode pensar em fazer mal a si mesma! Eu vou dar um jeito de tirar você daqui! Eu vou!

— Não vou me matar — respondeu Egwene, seca. — Mesmo que pudesse. Me empreste sua faca. Vamos, eu não vou me machucar. Só me empreste aqui.

Min hesitou antes de desembainhar a faca, bem devagar. Ela a estendeu com cautela, pronta para agir caso Egwene tentasse alguma coisa.

Egwene respirou fundo e estendeu a mão para pegar o cabo. Um pequeno tremor percorreu os músculos de seu braço. Quando a mão chegou a pouco mais de um palmo da faca, uma câimbra contorceu seus dedos de repente. Com os olhos fixos, ela tentou forçar a mão mais para perto. A câimbra tomou todo o braço, dando nós nos músculos até o ombro. Com um gemido, ela afundou de volta na cama, esfregando o braço e concentrando os pensamentos em *não* tocar a faca. Aos poucos, a dor começou a diminuir.

Min a encarou, incrédula.

— O quê…? Não entendi.

— *Damane* não têm permissão para tocar em armas de qualquer tipo. — Ela massageava o braço, sentindo as câimbras diminuírem. — Até mesmo nossa carne já vem cortada. Não quero fazer mal a mim mesma, e não poderia, ainda que quisesse. Nenhuma *damane* é deixada sozinha onde poderia pular de um lugar alto. Essa janela, por exemplo, é fechada com pregos. E também não é deixada sozinha perto de rios.

— Bem, isso é bom. Quer dizer… Ah, não sei do que estou falando. Se você pudesse pular em um rio, poderia escapar.

Egwene prosseguiu, apática, como se Min não tivesse falado.

— Elas estão me treinando, Min. As *sul'dam* e o *a'dam* estão me treinando. Não consigo tocar em nada que eu sequer pense ser uma

arma. Algumas semanas atrás, considerei bater em Renna com aquele jarro, e aí não pude despejar a água para me lavar por três dias. Depois que pensei nele daquela forma, não foi suficiente parar de pensar em bater nela com o jarro: precisei me convencer de que nunca, em nenhuma circunstância, bateria nela com aquilo. E então pude tocá-lo de novo. Ela sabia o que tinha acontecido, então apenas disse o que eu precisava fazer e não deixou que eu me lavasse de nenhum outro jeito, a não ser com aquele jarro e aquela bacia. Você tem sorte de isso ter acontecido entre suas visitas. Renna fez questão de que eu passasse aqueles dias suando da hora em que acordava até a hora de dormir, exausta. Estou tentando resistir, mas estão me treinando, assim como treinam Pura. — Ela levou a mão à boca, gemendo entre dentes. — O nome dela é Ryma. Preciso me lembrar do nome *dela*, e não do nome que colocaram nela. Ela é Ryma, da Ajah Amarela, e resistiu o máximo que pôde. Não é culpa dela não ter mais forças para lutar. Eu queria saber quem é a outra irmã que ela mencionou. Queria saber o nome dela, também. Lembre-se de nós duas, Min. De Ryma, da Ajah Amarela, e de Egwene al'Vere. Não Egwene, a *damane*. E sim de Egwene al'Vere, de Campo de Emond. Você pode fazer isso?

— Pare com isso! — ralhou Min. — Pare com isso agora mesmo! Se você for mandada para Seanchan, irei com você. Mas não acredito que vá. Você sabe que eu li sua aura, Egwene. Não entendo a maior parte, quase nunca entendo, mas vejo coisas que tenho certeza de que a ligam a Rand, Perrin, Mat, e… é, até mesmo Galad, que a Luz a ajude por ser tão idiota. Como essas coisas vão acontecer se os Seanchan a levarem para o outro lado do mar?

— Talvez eles conquistem o mundo inteiro, Min. Se conquistarem o mundo, não há motivo para que Rand, Galad e os outros não acabem em Seanchan.

— Sua idiota cabeça oca!

— Estou sendo prática — retrucou Egwene, ríspida. — Não pretendo parar de resistir, não enquanto conseguir respirar, mas também não tenho esperanças de me ver livre do *a'dam*. Assim como não tenho esperanças de que alguém consiga deter os Seanchan. Min, se esse capitão puder levá-la, vá com ele. Pelo menos uma de nós ficará livre.

A porta se abriu, e Renna entrou.

Egwene ficou de pé em um salto e fez uma profunda reverência, assim como Min. O quarto era atravancado demais para se curvar, mas os Seanchan insistiam em manter o protocolo mesmo às custas do conforto.

— É seu dia de visita, não é? — perguntou Renna. — Eu tinha me esquecido. Bem, temos treinamento mesmo em dias de visita.

Egwene observou com atenção a *sul'dam* pegar o bracelete, abri-lo e então fechá-lo em torno do pulso. Não conseguiu ver como aquilo era feito. Se pudesse sondar com o Poder Único, teria visto, mas Renna saberia no mesmo instante. Quando o bracelete se fechou no pulso da mulher, a expressão da *sul'dam* se alterou, e Egwene sentiu calafrios.

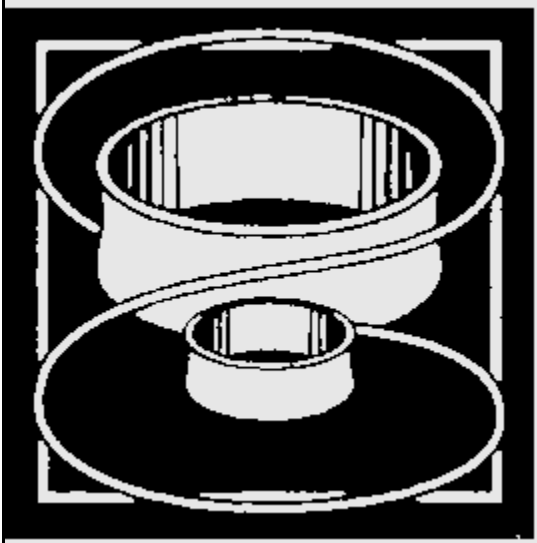
— Você andou canalizando — falou Renna com calma, mas havia um lampejo de raiva em seus olhos. — Sabe que isso é proibido, a não ser quando estamos completas. — Egwene umedeceu os lábios. — Talvez eu tenha sido leniente demais com você. Talvez você acredite que, por ser valiosa, terá privilégios. Acho que cometi um erro deixando que você continuasse com o antigo nome. Eu tive uma gatinha chamada Tuli, quando pequena. De agora em diante, seu nome é Tuli. Você pode ir agora, Min. Seu dia de visita a Tuli acabou.

Min hesitou apenas por tempo suficiente para lançar um olhar angustiado para Egwene antes de sair. Nada que Min pudesse fazer ou dizer teria outro efeito que não piorar as coisas. Mesmo assim, Egwene não pôde evitar lançar um olhar de desalento para a porta que se fechava.

Renna se sentou na cadeira, lançando um olhar severo para Egwene.

— Preciso dar uma punição severa por isso. Nós duas seremos chamadas à Corte das Nove Luas, por conta da sua habilidade. E eu, como sua *sul'dam* e treinadora, não vou permitir que você me desgrace aos olhos da Imperatriz. Só vou parar quando você me disser como adora ser *damane* e como será obediente depois disso. E, Tuli… Faça com que eu acredite em cada palavra.

43



Um Plano

Do lado de fora do quarto, no corredor de teto baixo, Min cravou as unhas nas palmas das mãos quando ouviu o primeiro grito. Avançou um passo em direção à porta antes de conseguir se conter, e, quando o fez, lágrimas lhe vieram aos olhos. *Que a Luz me ajude, eu só iria piorar as coisas. Sinto muito, Egwene. Sinto muito*.

Sentindo-se mais do que inútil, ela levantou a saia e correu. Os gritos de Egwene a perseguiram. Não conseguia se forçar a ficar, mas ir embora fez com que se sentisse uma covarde. Com a visão turva pelas lágrimas, só se deu conta de que estava do lado de fora quando se viu parada na rua. Tivera a intenção de voltar para o próprio quarto, mas não conseguia, naquele momento. Não conseguia suportar a ideia de Egwene sofrendo enquanto ela ficava sentada sob o teto ao lado, aquecida e confortável. Enxugando as lágrimas, colocou o manto sobre os ombros e seguiu pela rua. Sempre que secava os olhos, novas lágrimas começavam a escorrer pelo rosto. Não estava acostumada a chorar na frente dos outros, mas também não estava acostumada a se sentir tão indefesa e inútil. Não sabia para onde ia, sabia apenas que precisava ficar o mais longe possível daqueles gritos.

— Min!

O chamado em voz baixa a fez parar onde estava. A princípio, não conseguiu distinguir de onde vinha a voz. Não era muita gente que andava pelas ruas tão próximas de onde as *damane* ficavam. Com exceção de um artista que tentava convencer dois soldados Seanchan a

comprarem um retrato que faria com seus gizes coloridos, as pessoas tentavam passar rápido pelo local, mas sem parecer que estavam correndo. Um par de *sul'dam* passou por ela, seguidas por suas duas *damane* caminhando com os olhos voltados para o chão. As *sul'dam* falavam sobre quantas *marath'damane* esperavam encontrar antes de zarpar. Min olhou de relance para duas mulheres em longos casacos de lã e então voltou a olhá-las, maravilhada, quando elas foram em sua direção.

— Nynaeve? Elayne?

— Nós mesmas. — O sorriso de Nynaeve foi forçado. As duas estavam com os olhos semicerrados, como se lutassem para esconder as expressões de preocupação. Min achou que nunca tivera uma visão tão maravilhosa quanto aquelas duas. — Essa cor lhe cai bem — continuou Nynaeve. — Você deveria ter começado a usar vestidos há muito tempo, embora eu até tenha pensado em usar calças quando a vi com elas. — A voz ficou mais incisiva quando a Sabedoria se aproximou o suficiente para ver o rosto de Min. — O que aconteceu? Qual o problema?

— Você andou chorando — observou Elayne. — Aconteceu alguma coisa com Egwene?

Min sobressaltou-se e olhou para trás. Uma *sul'dam* e uma *damane* desceram os mesmos degraus pelos quais ela viera e seguiram na direção dos estábulos e currais. Outra mulher usando o vestido com raios bordados estava no alto da escada, falando com alguém que ainda estava do lado de dentro. Min pegou as amigas pelo braço e as conduziu, apressada, pela rua, na direção do porto.

— Aqui é perigoso para vocês duas. Luz, Falme inteira é perigosa para vocês. Há *damane* por todos os lados, e se elas virem uma de vocês… Sabem o que são *damane*? Ah, não imaginam como é bom ver vocês duas…

— Imagino que quase tão bom quanto é ver você — respondeu Nynaeve. — Sabe onde Egwene está? Ela está em um daqueles prédios? Está bem?

Min hesitou uma fração de segundo antes de dizer:

— Ela está tão bem quanto se poderia esperar. — Min sabia que se contasse o que estava acontecendo com Egwene naquele exato momento era bem provável que Nynaeve invadisse o lugar para tentar impedir. *Luz, permita que aquilo já tenha acabado. Luz, que ela baixe a cabeça ao menos uma vez antes de quase a cortarem*. — Mas não sei como tirá-la de lá. Encontrei um capitão que acho que pode nos levar em seu navio, se conseguirmos chegar até lá com Egwene. Ele não vai ajudar se não conseguirmos, e não posso dizer que o culpo. Mas não tenho ideia de como fazer isso.

— Um navio — repetiu Nynaeve, pensativa. — Meu plano era

apenas seguir para leste a cavalo, mas devo dizer que não estou segura dele. Tudo leva a crer que precisaríamos estar quase fora da Ponta de Toman antes de nos vermos livres das patrulhas do Seanchan. Além disso, dizem que há conflito de algum tipo na Planície de Almoth. Não tinha pensado em um navio. Nós temos cavalos, mas não temos dinheiro para a passagem. Quanto esse homem cobrou?

Min deu de ombros.

— Não cheguei a falar disso. Também não temos dinheiro. Achei que poderíamos adiar o pagamento até depois de zarpar. Depois… Bem, não acredito que ele vá nos largar em qualquer porto em que haja Seanchan. E onde quer que nos deixasse, seria melhor do que aqui. O problema é convencer o homem a ir. Querer ele quer, mas também estão patrulhando a saída do porto, e não há como dizer se haverá uma *damane* nos navios de patrulha até que seja tarde demais. Ele sempre diz: "Arranje uma *damane* para meu convés, e eu zarpo agora mesmo." E então começa a falar sobre calado, baixios e sotavento. Eu não entendo nada disso, mas, se sorrir e balançar a cabeça de vez em quando, ele continua falando. Acho que, se conseguir mantê-lo falando por tempo suficiente, ele vai convencer a si mesmo a partir. — Ela respirou fundo, trêmula, e seus os olhos começaram a lacrimejar outra vez. — Só que acho que não temos mais tempo para deixar que ele se convença sozinho. Nynaeve, eles vão mandar Egwene para Seanchan, e não vai demorar muito.

Elayne engasgou.

— Mas por quê?

— Ela consegue encontrar minérios — explicou Min, arrasada. — Ela disse que é uma questão de dias, e não sei se isso será o suficiente para o homem se convencer. Mesmo que seja, como vamos tirar aquele maldito colar da Sombra do pescoço dela? Como vamos tirá-la da casa?

— Queria que Rand estivesse aqui — suspirou Elayne. Quando as outras duas olharam para ela, a jovem enrubesceu e acrescentou mais do que depressa: — Bem, ele tem uma espada. Queria que tivéssemos alguém com uma espada. Dez deles. Cem.

— Não é de espadas ou músculos que precisamos agora — retrucou Nynaeve —, mas de cérebro. Os homens costumam pensar com o cabelo do peito. — Ela tocou o seio, absorta, como se tateasse algo embaixo do casaco. — A maioria deles, pelo menos.

— E precisaríamos de um exército — completou Min. — Um exército bem grande. Os Seanchan estavam em menor número quando enfrentaram os tarabonianos e domaneses, e venceram todas as batalhas com facilidade, pelo que soube. — Ela puxou Nynaeve e Elayne depressa para o outro lado da rua, quando uma *damane* e uma *sul'dam* passaram por onde estavam. Ficou aliviada por não precisar

insistir: as outras observaram as mulheres se afastarem com tanta cautela quanto ela. — Já que não temos um exército, teremos que nos virar só nós três. Espero que uma de vocês consiga pensar em algo em que eu ainda não pensei. Já quebrei a cabeça, mas sempre empaco quando chego no *a'dam*, com a corrente e o colar. As *sul'dam* não gostam que ninguém as observe quando abrem os braceletes. Acho que consigo colocar vocês lá dentro, se isso ajudar. Pelo menos uma de vocês. Elas me veem como uma serviçal, mas posso receber visitas. Desde que não saiam dos aposentos das serviçais.

Nynaeve franziu a testa, pensativa, mas sua expressão se desanuviou quase tão depressa, assumindo um semblante decidido.

— Não se preocupe, Min. Eu tenho algumas ideias. Não passei esse tempo todo sem fazer nada. Você vai me levar até esse homem. Se for mais di ícil lidar com ele do que com o Conselho da Aldeia contra a parede, eu como esse casaco.

Elayne assentiu com um grande sorriso, e Min sentiu esperança de verdade pela primeira vez desde que chegara em Falme. Por um instante, se surpreendeu lendo as auras das outras duas. Havia perigo, mas era de se esperar… E havia coisas novas entre as imagens que vira antes. Isso às vezes acontecia. Um anel de homem, feito de ouro, flutuava sobre a cabeça de Nynaeve. Sobre a de Elayne havia um ferro incandescente e um machado. Aquilo indicava problemas, Min tinha certeza, mas pareciam distantes, em algum momento futuro. A leitura durou apenas um segundo, e então tudo o que viu foi que Elayne e Nynaeve a observavam, com expectativa.

— É lá embaixo, perto do porto — disse.

Quanto mais desciam, mais movimentada ficava a ladeira. Mascates de rua esbarravam em mercadores que vinham das aldeias do interior com os carroções. Eles não partiriam até que o inverno chegasse e fosse embora. Ambulantes carregando bandejas anunciavam seus produtos para os passantes, falmenos com mantos bordados esbarravam em famílias de camponeses que vestiam casacos de lã. Muita gente fugia das aldeias mais distantes da costa para a cidade. Min não via sentido naquilo, já que haviam trocado a ameaça de uma visita dos Seanchan pela certeza de estarem cercados por eles, mas ouvira falar sobre o que aquele exército fazia quando visitava uma aldeia pela primeira vez, e não culpava os aldeões por temerem outra aparição. Todos se curvavam quando um Seanchan passava ou quando uma liteira encortinada era carregada pela ladeira íngreme.

Min ficou aliviada ao notar que Nynaeve e Elayne sabiam que deveriam fazer reverências. Os carregadores sem camisa não davam mais importância às pessoas que se curvavam do que os soldados arrogantes, em suas armaduras. Mas deixar de fazê-lo com certeza chamaria atenção.

Elas conversaram um pouco enquanto desciam a rua, e Min ficou surpresa em saber que as outras haviam chegado à cidade poucos dias depois dela e Egwene. No entanto, depois de um instante concluiu que não era de se espantar que não tivessem se encontrado. Não era fácil encontrar alguém por acaso, com aquela multidão nas ruas. Min relutava em passar mais tempo do que o necessário longe da amiga capturada. Sempre ficava com medo de chegar para a visita semanal que lhe era permitida e descobrir que a menina não estava mais lá. *E agora é o que vai acontecer. A não ser que Nynaeve consiga pensar em uma solução.*

O cheiro de sal e piche ficou mais forte. Algumas gaivotas grasnavam, voando em círculos. Também começaram a surgir marinheiros em meio à multidão, muitos ainda de pés descalços, apesar do frio.

A estalagem fora rebatizada às pressas como "As Três Flores de Ameixeira", mas parte da palavra "Vigia" ainda aparecia sob a pintura descuidada da placa. Apesar da multidão do lado de fora, o salão não estava cheio. Os preços estavam altos demais para a maioria conseguir se dar ao luxo de pagar para sentar um tempo e tomar uma cerveja. Fogos altos nas lareiras das duas extremidades do salão aqueciam o ambiente, e o estalajadeiro gordo não usava casaco, apenas uma camisa de manga. Ele olhou para as três mulheres, franzindo a testa, e Min julgou que seu vestido Seanchan foi o que o impediu de pedir a elas que se retirassem. Nynaeve e Elayne, com aqueles casacos de camponesa, com certeza não pareciam ter dinheiro algum para gastar.

O homem pelo qual procurava estava sozinho em uma mesa a um canto, seu lugar habitual, murmurando para o vinho.

— Você tem tempo para conversar, Capitão Domon? — perguntou Min.

Ele olhou para cima, passando a mão pela barba ao notar que ela não estava sozinha. Ela ainda achava estranho a barba cheia sem bigode.

— Então você trouxe umas amigas para beber com meu dinheiro? Bem, aquele Lorde Seanchan, no caso, comprou minha carga, então dinheiro eu tenho. Sentem. — Elayne sobressaltou-se quando o homem urrou. — Estalajadeiro! Vinho quente aqui!

— Está tudo bem — assegurou Min, sentando na ponta de um dos bancos da mesa. — De urso, ele só tem aparência. — Elayne sentou na outra ponta, parecendo duvidar.

— Um urso, eu pareço? — disse Domon, rindo. — Sim, talvez eu seja, sim. Mas e você, menina? Desistiu de pensar em ir embora? Pra mim, esse seu vestido parece Seanchan.

— Nunca! — respondeu Min, enfática, mas ficou quieta quando surgiu uma serviçal trazendo o vinho fumegante com especiarias.

Domon ficou tão preocupado quanto ela. Esperou até que a garota fosse embora com suas moedas, antes de dizer:

— Que a sorte me espicace, menina. Nem quero ofender. No caso, a maioria dessas pessoas quer só seguir com suas vidas, nem ligam se seus lordes são Seanchan ou de outro tipo.

Nynaeve se debruçou sobre a mesa.

— Também queremos seguir com nossas vidas, capitão. Mas sem nenhum Seanchan. Soube que você pretende zarpar em breve.

— Zarparia hoje, se pudesse, sim. — respondeu Domon, desanimado. — A cada dois ou três dias, aquele Turak me chama pra contar histórias das coisas antigas que já vi. Eu pareço um menestrel para você, por acaso? No caso, pensei que podia contar uma história ou outra e seguir minha vida. Mas agora acho que, quando perder a graça, a chance é igual de eu poder ir embora ou mandarem cortar minha cabeça. Aquele homem até parece meio mole, sim, mas é duro e frio como ferro.

— Seu navio consegue fugir dos Seanchan? — indagou Nynaeve.

— Que a sorte me espicace! Se desse pra sair desse porto sem uma *damane* estraçalhar meu *Espuma*, no caso, ele até conseguiria. Se eu nem deixar um desses navio Seanchan com uma dessas *damane* chegar perto demais quando for pro mar aberto, sim. Tem baixios por essa costa toda, no caso, e o *Espuma* tem pouco calado. Sim, consigo entrar com ele em águas onde aqueles monstros desajeitados nem podem se arriscar. Eles precisam ter cuidado com os ventos assim, tão perto da costa, ainda mais nessa época do ano. E assim que eu levar o *Espuma*…

Nynaeve o interrompeu.

— Então vamos com você, capitão. Seremos quatro, e espero que você esteja pronto para partir assim que estivermos a bordo.

Domon esfregou um dedo no lábio superior e olhou para o vinho.

— Bem, no caso, ainda tem a questão de sair do porto, compreende? Essas *damane*…

— E se eu lhe disser que você vai zarpar com algo melhor do que uma *damane*? — perguntou Nynaeve, em voz baixa.

Os olhos de Min se arregalaram quando ela percebeu o que a Sabedoria queria dizer com aquilo. Elayne murmurou, em um tom quase inaudível:

— E você ainda me diz para tomar cuidado…

Domon tinha olhos apenas para Nynaeve. E sua expressão era de desconfiança.

— Do que você está falando? — sussurrou.

Nynaeve abriu o casaco para mexer em algo na nuca. Por fim, puxou um cordão de couro que estivera escondido no forro do vestido. Dois anéis de ouro estavam pendurados nele. Min arfou ao olhar para

um deles: era o anel grosso de homem que vira ao ler a aura da outra na rua. Mas entendeu que foi o segundo, mais ino e feito para o dedo mais delicado de uma mulher, que fez os olhos de Domon saltarem. Uma serpente mordendo o próprio rabo.

— Você sabe o que isso signi ica — disse Nynaeve. Ela fez menção de tirar o anel de Serpente do cordão, mas Domon fechou a mão em volta dele.

— Guarde isso. — Ele olhou ao redor, nervoso. Ninguém olhava para eles, pelo que Min pôde ver. Mas ele parecia pensar que todos olhavam, e fixamente. — Esse anel é muito perigoso, realmente. Se alguém vir…

— Bem, se você sabe o que signi ica… — respondeu Nynaeve, com uma calma que causou inveja em Min. Ela puxou o cordão da mão de Domon e voltou a amarrá-lo no pescoço.

— Eu sei, sim — respondeu ele, em um tom áspero. — Eu sei, sim, o que signi ica. No caso, talvez haja mesmo uma chance se vocês… Quatro, você disse? Essa menina que gosta de me ouvir tagarelar, ela é uma das quatro, no caso. E você, e… — Ele franziu a testa ao olhar para Elayne. — Com certeza essa criança nem é… nem é como você.

Elayne se empertigou, irritada, mas Nynaeve pôs uma das mãos em seu braço e deu um sorriso tranquilizador para Domon.

— Ela está comigo, capitão. Você ficaria surpreso com o que podemos fazer mesmo antes de ter direito a um anel. Quando zarparmos, haverá três em seu navio capazes de enfrentar *damane*, se for necessário.

— Três — suspirou, impressionado. — Há mesmo uma chance. Talvez… — A expressão dele se animou por um momento, mas, assim que olhou para elas, ficou sério outra vez. — Eu devia levar vocês pro *Espuma* agora mesmo e seguir viagem. Mas a Sorte que me espicace. Eu nem consigo dizer o que enfrentam se ficarem, e talvez se forem comigo, no caso. Ouçam, prestem atenção no que eu digo. — Ele examinou os arredores outra vez, com cautela, mas ainda assim baixou a voz e escolheu as palavras com cuidado. — Eu vi uma… uma mulher que usava um anel como esse. Ela foi levada pelos Seanchan. Baixinha, magrinha e bonitinha, ela era, e tinha um Guar… Um homem grandalhão que, no caso, parecia saber como usar uma espada. Um deles deve ter se descuidado, sim, já que os Seanchan tinham uma emboscada armada para os dois. O grandalhão derrubou uns seis ou sete antes de morrer. A… a mulher… No caso, botaram seis *damane*, seis, em volta dela. Todas saíram das vielas de uma vez. Achei que ela ia… fazer alguma coisa, vocês sabem do que estou falando… mas… bem, eu não sei nada dessas coisas. Uma hora ela parecia que ia destruir todas elas, sim, até que fez uma cara de pânico

e gritou.

— Elas cortaram o contato dela com a Fonte Verdadeira. — O rosto de Elayne estava branco.

— Não importa — respondeu Nynaeve, muito calma. — Não permitiremos que façam o mesmo conosco.

— Sim, pode até ser como você diz. Mas vou me lembrar daquilo até a morte. Ryma, me ajude! Foi isso que ela gritou. E uma das *damane* caiu no chão chorando, no caso. Aí colocaram uma daquelas coleiras no pescoço da… mulher, e eu… eu corri mesmo. — Ele deu de ombros, coçou o nariz e olhou para o vinho. — Vi três mulheres serem levadas, sim, e nem tenho estômago pra isso. Eu largaria até minha própria avó esperando no cais pra conseguir zarpar daqui, mas, no caso, precisava mesmo dizer isso a vocês.

— Egwene disse que eles têm duas prisioneiras — comentou Min, escolhendo as palavras. — Ryma, uma Amarela, e ela não sabia o nome da outra. — Nynaeve lançou um olhar severo, e ela se calou, ruborizada.

Pela expressão de Domon, não ajudara em nada dizer que os Seanchan tinham duas Aes Sedai como prisioneiras, e não apenas uma.

Ainda assim, ele encarou Nynaeve de repente e tomou um grande gole de vinho.

— É por isso que estão aqui, no caso? Pra resgatar… aquelas duas? Sim, você disse que seriam três de vocês.

— Você sabe o que precisa saber — respondeu Nynaeve, ríspida. — Precisa estar pronto para zarpar a qualquer momento, durante os próximos dois ou três dias. Vai fazer isso ou vai ficar aqui esperando para ver se vão cortar ou não sua cabeça? Há outros navios, capitão, e quero garantir minha passagem ainda hoje.

Min prendeu a respiração. Apertava os dedos em um nó, debaixo da mesa.

Por fim, Domon assentiu.

— Vou estar pronto, sim.

Quando voltaram à rua, Min ficou surpresa ao ver Nynaeve se apoiar na parede da estalagem no instante em que a porta se fechou.

— Você está passando mal, Nynaeve? — perguntou, preocupada.

A Sabedoria respirou fundo e voltou a ficar ereta, ajeitando o casaco.

— Para algumas pessoas — respondeu — é preciso aparentar segurança. Se mostrar uma ponta de dúvida, elas vão levá-lo em alguma direção que você não quer seguir. Luz, como eu estava com medo de que ele fosse dizer não. Venham. Ainda temos planos a fazer. Ainda temos que resolver um ou dois probleminhas.

— Espero que você não se incomode com cheiro de peixe, Min — comentou Elayne.

Um ou dois probleminhas? , pensou Min, ao segui-las. Esperava que Nynaeve não estivesse apenas aparentando segurança de novo.

44

Cinco Avançam Cavalgando

Perrin observava os aldeões com desconfiança, pouco à vontade, tentando ajustar o manto pequeno demais, com o bordado no peito e alguns buracos que sequer haviam sido remendados. Mas ninguém prestou muita atenção a ele, apesar do traje incomum e do machado na cintura. Debaixo do manto, Hurin usava um casaco com espirais azuis bordados no peito. Mat usava calças folgadas que se avolumavam acima das botas, onde haviam sido enfiadas. Era o que haviam encontrado na aldeia abandonada. Perrin imaginava se aquela aldeia também não seria abandonada em breve. Metade das casas de pedra estava vazia, e, em frente à estalagem, logo adiante na rua de terra batida, algumas famílias se reuniam em torno de três carros de boi cuja carga excessiva estava coberta por lonas e amarrada com cordas.

Enquanto os observava, aglomerados e se despedindo dos que, pelo menos por enquanto, ficariam, Perrin concluiu que não era uma questão de falta de interesse em estranhos, da parte dos aldeões. Eles tinham o cuidado de evitar olhá-los. Aquele povo aprendera a não demonstrar curiosidade em relação a forasteiros, mesmo os que obviamente não eram Seanchan. Nos últimos tempos, desconhecidos podiam ser perigosos, na Ponta de Toman, e tinham encontrado a mesma indiferença deliberada nas aldeias anteriores. Havia mais cidadezinhas ali, a poucas léguas da costa, e cada uma se considerava independente. Pelo menos costumavam se considerar independentes, até a chegada dos Seanchan.

— Acho que é hora de pegar os cavalos — sugeriu Mat —, antes

que resolvam começar a fazer perguntas. A qualquer momento pode haver uma primeira vez.

Hurin tinha o olhar fixo em um círculo enegrecido no chão, que conspurcava a grama marrom do pasto comum da aldeia. Ele parecia desgastado, mas ninguém tentara apagá-lo.

— Deve ter uns seis ou oito meses — murmurou —, mas ainda fede. Todo o Conselho da Aldeia e suas famílias. Por que fariam uma coisa dessas?

— Quem é que sabe por que eles fazem qualquer coisa? — resmungou Mat. — Os Seanchan não parecem precisar de motivos para matar outras pessoas. Pelo menos, não precisam de nenhum que eu possa imaginar.

Perrin tentou não olhar para a mancha escura no chão.

— Hurin, tem certeza sobre Fain? Hurin? — Fora di ícil fazer o farejador olhar para qualquer outro lugar desde que entraram na aldeia. — Hurin!

— O quê? Ah. Fain. Sim. — As narinas do homem se dilataram, e ele franziu o nariz na mesma hora. — Não há como confundir, mesmo sendo um rastro antigo. Perto dele, um Myrddraal cheira a rosas. Ele passou por aqui, tenho certeza, mas acho que estava sozinho. Ou pelo menos não estava com Trollocs. Se veio acompanhado de algum Amigo das Trevas, foi um que não andou aprontando muito.

Houve algum tipo de agitação próximo à estalagem, e pessoas gritavam e apontavam. Não para Perrin e os outros, mas para algo que o rapaz não conseguia ver. Algo nas colinas baixas a leste da aldeia.

— Podemos pegar os cavalos agora? Podem ser os Seanchan.

Perrin assentiu, e os três saíram correndo para onde tinham deixado os cavalos amarrados, atrás de uma casa abandonada. Perrin olhou para trás, na direção da estalagem, e parou, estupefato. Os Filhos da Luz entravam na cidade a galope, em uma longa coluna.

Ele se apressou na direção dos outros.

— Mantos-brancos!

Hurin e Mat o olharam, incrédulos, mas logo pularam nas selas. Mantendo-se escondidos atrás de casas, fora da vista da rua principal da aldeia, os três saíram a galope rumo a oeste, olhando por cima do ombro para ver se estavam sendo seguidos. Ingtar dissera para evitarem qualquer coisa que pudesse atrasá-los, e Mantos-brancos fazendo perguntas com certeza os atrasariam, mesmo que conseguissem dar respostas que os satis fizessem. Perrin observara com mais atenção que os outros dois: tinha seus próprios motivos para não querer encontrar Mantos-brancos. *O machado em minhas mãos. Luz, o que eu não daria para mudar o que fiz…*

As colinas com árvores esparsas ocultaram a aldeia em pouco tempo, e Perrin começou a achar que talvez não estivessem sendo

perseguidos, a final. Ele puxou as rédeas e fez um sinal para os outros pararem. Quando lhe obedeceram, passou a escutar com atenção. Sua audição estava mais aguçada do que costumava ser, mas ele não ouviu som de cascos.

Com relutância, Perrin procurou os lobos com a mente. Ele os encontrou quase no mesmo instante: uma pequena alcateia estava descansando nas colinas acima da aldeia da qual acabavam de sair. A surpresa foi tão forte que a sentiu quase como se fosse sua. Aqueles lobos tinham ouvido rumores, mas não haviam acreditado que realmente houvesse um de duas pernas capaz de falar com sua espécie. Forçou-se a fazer a longa apresentação. Enviou a contragosto a imagem do Jovem Touro e acrescentou o próprio cheiro, como era costume entre os lobos, que adoravam apresentações formais. Perrin, por fim, pôde fazer sua pergunta. Os lobos, de fato, não tinham qualquer interesse nos de duas pernas que não fossem capazes de falar com eles, mas concordaram em dar uma olhada, invisíveis aos olhos fracos dos de duas pernas.

Depois de um tempo, Perrin recebeu as imagens que os lobos viam. Homens de mantos brancos vinham a cavalo, cercando a aldeia. Passavam por entre as casas e ao redor delas, mas nenhum estava indo embora. Principalmente, não para o oeste. Os lobos disseram que tudo o que farejavam indo para oeste era ele e outros dois de duas pernas montados em três dos pés-duros altos.

Perrin ficou feliz em quebrar o contato com os lobos, ciente de que Mat e Hurin o observavam.

— Não estão nos seguindo — disse.

— Como você pode ter certeza? — questionou Mat.

— Eu tenho! — respondeu, ríspido. Depois, em um tom mais suave, continuou: — Apenas sei.

Mat abriu a boca e a fechou outra vez, então falou:

— Bem, se não estão atrás de nós, acho que deveríamos voltar para Ingtar e seguir o rastro de Fain. Continuar parado aqui não vai nos aproximar daquela adaga.

— Não podemos voltar para o rastro tão perto dessa aldeia — a firmou Hurin. — Não sem o risco de encontrar os Mantos-brancos. E acho que Lorde Ingtar não gostaria disso, nem Verin Sedai.

Perrin assentiu.

— Nós o encontraremos outra vez daqui a algumas milhas, de qualquer jeito. Mas fiquem atentos. Não devemos estar muito longe de Falme, agora. Não adianta nada evitar os Mantos-brancos e dar de cara com uma patrulha Seanchan.

Quando retomaram a cavalgada, Perrin não pôde deixar de se perguntar o que os Mantos-brancos estavam fazendo ali.

Geofram Bornhald observava a rua da aldeia, sentado em sua sela, enquanto a legião se espalhava e cercava a área. Havia algo no homem de ombros largos que saíra cavalgando, algo familiar… *Sim, claro! O rapaz que dizia ser ferreiro. Qual era o nome dele?*

Byar parou em sua frente com a mão no peito.

— A aldeia está segura, meu senhor Capitão.

Desnorteados e nervosos, aldeões com casacos pesados de pele de ovelha eram conduzidos pelos Manto-brancos para perto dos carros de boi em frente à estalagem. Crianças choravam agarradas às saias das mães, mas ninguém parecia disposto a desafiá-los. Os rostos dos adultos os observavam com olhos apáticos, passivos, esperando pelo que aconteceria. Pelo menos por aquilo Bornhald estava grato. Não estava com vontade de usar uma daquelas pessoas como exemplo, nem queria perder tempo.

Desmontando do cavalo, ele jogou as rédeas para um dos Filhos.

— Providencie comida para esses homens, Byar. Coloque os prisioneiros na estalagem com toda a comida e água que conseguirem carregar, e então pregue as portas e janelas. Faça com que pensem que deixarei alguns homens de guarda, está bem?

Byar levou a mão ao peito outra vez e virou seu cavalo para gritar as ordens. Os soldados passaram a conduzir os aldeões para dentro da estalagem de telhado plano, enquanto outros Filhos vasculhavam as casas em busca de martelos e pregos.

Observando as expressões arrasadas que passavam por ele, Bornhald achou que seria preciso dois ou três dias para que algum deles reunisse coragem suficiente para fugir da estalagem e descobrir que não havia guardas. Dois ou três dias era tudo de que ele precisava, mas ele não queria arriscar que os Seanchan fossem alertados de sua presença àquela altura.

Deixando homens bem para trás, de modo a fazer os Questionadores pensarem que toda a legião ainda estava espalhada pela Planície de Almoth, ele conseguira levar mais de mil Filhos até quase o fim da Ponta de Toman. E fizera isso sem ser descoberto, pelo que sabia. Os três encontros com patrulhas dos Seanchan haviam terminado bem depressa. Os estrangeiros estavam acostumados a enfrentar inimigos já derrotados, e os Filhos da Luz tinham sido uma surpresa mortal. Ainda assim, os Seanchan lutavam tão bem quanto as hordas do Tenebroso, e o comandante não conseguia deixar de se lembrar do encontro que lhe custara mais de cinquenta homens. Ainda não sabia qual das duas mulheres cobertas de flechas, que vira depois da luta, era a Aes Sedai.

— Byar! — Um dos homens de Bornhald lhe ofereceu água em um copo de cerâmica de um dos carros de boi. O líquido desceu gelado em sua garganta.

O homem de rosto esquelético desceu da sela.

— Sim, Senhor Capitão?

— Quando eu for enfrentar o inimigo, Byar — começou Bornhald, devagar —, você não tomará parte. Apenas observará de longe, e levará ao meu filho um relatório do que acontecer.

— Mas meu senhor Capitão…!

— Isso é uma ordem, Filho Byar! — retrucou, firme. — Você vai obedecer, não vai?

Byar se empertigou e ergueu a cabeça.

— Às suas ordens, meu senhor Capitão.

Bornhald estudou o homem por um momento. Ele obedeceria, mas era melhor dar outro motivo, além de contar a Dain como o pai havia morrido. Não era como se não tivesse informações urgentes para Amador. Tinha notícias urgentes desde que o encontro com a Aes Sedai… *Eram uma ou duas? Trinta soldados dos Seanchan, bons soldados, e duas mulheres me custaram mais do que o dobro de baixas*. Desde aquilo, ele não tinha mais esperanças de sobreviver a Ponta de Toman. Na improvável hipótese de os Seanchan não darem cabo de sua vida, os Questionadores com certeza se encarregariam disso.

— Depois que tiver encontrado meu filho, que deve estar com o senhor Capitão Eamon Valda, perto de Tar Valon, e contado a ele, você deve seguir para Amador e se apresentar ao senhor Capitão Comandante. A Pedron Niall em pessoa, Filho Byar. Você contará a ele o que descobrimos sobre os Seanchan. Deixarei as informações por escrito. Certifique-se de que ele compreenda que não podemos mais pensar que as bruxas de Tar Valon estão satisfeitas em manipular os acontecimentos dos bastidores. Se elas lutam pelos Seanchan, tenho certeza de que as enfrentaremos em outras batalhas. — Ele hesitou. A última informação era a mais importante de todas. As pessoas do Domo da Verdade precisavam saber que, mesmo com todos os famosos juramentos, as Aes Sedai estavam dispostas a entrar em batalha. Aquilo o deprimia, um mundo em que Aes Sedai usavam o Poder na guerra. Não sabia ao certo se lamentaria deixá-lo. Mas havia mais uma mensagem que ele queria que fosse levada a Amador. — E Byar… conte a Pedron Niall como fomos usados pelos Questionadores.

— Às suas ordens, meu senhor Capitão — respondeu Byar.

Mas Bornhald suspirou ao notar a expressão no rosto do outro. O homem não compreendia. Para Byar, ordens eram para ser obedecidas. Não importava se vinham do senhor Capitão ou dos Questionadores, e não importava quais fossem.

— Também escreverei essa mensagem, para que você a entregue a Pedron Niall — completou Bornhald. Tampouco sabia ao certo se aquilo adiantaria. Um pensamento lhe ocorreu, e ele franziu a testa ao olhar para a estalagem, onde os filhos martelavam os pregos nas

janelas e portas com estrépito. — Perrin — murmurou. — Esse era o nome. Perrin, de Dois Rios.

— O Amigo das Trevas, meu senhor Capitão?

— Talvez, Byar. — Ele mesmo não tinha certeza, mas sabia que um homem por quem os lobos pareciam lutar não poderia ser outra coisa. E sabia que aquele Perrin matara dois Filhos. — Acho que o vi quando chegamos, mas não lembro de algum dos prisioneiros parecer um ferreiro.

— O ferreiro deles foi embora há um mês, meu senhor Capitão. Alguns estavam reclamando que teriam partido antes de chegarmos, se não tivessem precisado consertar as rodas dos carros sozinhos. Acha que aquele homem era Perrin, meu senhor Capitão?

— Quem quer que fosse, não há mais sinal dele, não é mesmo? E ele pode contar sobre nós aos Seanchan.

— Um Amigo das Trevas com certeza faria isso, meu senhor Capitão.

Bornhald engoliu o resto da água e jogou o copo no chão.

— Os homens não farão refeições aqui, Filho Byar. Não deixarei esses Seanchan me pegarem cochilando. Não importa se será Perrin, de Dois Rios, ou outra pessoa que os avise. Ordene que a legião monte, Filho Byar!

Longe, acima de suas cabeças, uma grande forma alada descrevia círculos no céu, sem que ninguém a visse.

Rand praticava as formas com a espada, na clareira onde haviam montado acampamento, dentro de um arvoredo no topo de uma colina. Queria parar de pensar. Tivera algumas chances de procurar o rastro de Fain com Hurin. Todos tiveram, de dois em dois ou três em três, para não atraírem muita atenção, e não haviam encontrado nada, até então. Naquele momento, aguardavam o retorno de Mat e Perrin com o farejador. Os três deveriam ter voltado havia algumas horas.

Loial estava lendo, é claro, e não dava para dizer se o tremelicar das orelhas peludas era por causa da história ou do atraso do grupo. Uno e a maioria dos soldados shienaranos estavam sentados, tensos, lubrificando as espadas ou vigiando as árvores, como se esperassem que os Seanchan fossem aparecer a qualquer momento. Apenas Verin parecia despreocupada. A Aes Sedai estava sentada em um tronco, ao lado da pequena fogueira, murmurando sozinha e rabiscando a terra com um longo graveto. Volta e meia ela balançava a cabeça, apagava tudo com o pé e começava outra vez. Todos os cavalos estavam selados e prontos para partir, e cada um dos animais shienaranos estava amarrado a uma lança fincada no chão.

— A Garça Atravessando os Juncos — observou Ingtar. Estava sentado, recostado em uma árvore, deslizando uma pedra de amolar

pela lâmina da espada e observando Rand. — Você não deveria perder tempo com essa. Deixa a guarda completamente aberta.

Por um instante, Rand se equilibrou na ponta de um dos pés, segurando a espada acima da cabeça com ambas as mãos, apontando a lâmina para a frente, guarda reversa. Depois, com um movimento suave, passou a se equilibrar no outro pé.

— Lan disse que é uma boa forma para treinar o equilíbrio. — Algo que achava di ícil. Quando estava envolto no vazio, tinha a impressão de que seria capaz de manter o equilíbrio até em cima de um pedregulho rolando, mas não se atrevia a buscá-lo. A vontade era grande demais. Não podia confiar que não faria algo errado.

— Você sempre vai usar sem querer as posições que pratica demais. Até dá para enfiar a espada no oponente desse jeito, se for rápido, mas não antes de ter a lâmina dele entre suas costelas. Isso é praticamente um convite. Acho que eu não seria capaz de lutar contra alguém com a guarda tão aberta e não enfiar a espada nele, mesmo que ele pudesse me acertar também.

— É só para treinar o equilíbrio, Ingtar. — Rand se balançou sobre apenas um pé e teve que colocar o outro no chão, para não cair. Embainhou a espada com força e pegou o manto cinza que usava como disfarce. O tecido já estava comido por traças, e a bainha, toda esfiapada. Mas a lã era grossa, e o vento já estava mais forte, trazendo o frio do oeste. — Queria que eles voltassem logo.

Como se sua frase tivesse sido um sinal, Uno anunciou, com certa urgência:

— Tem alguns desgraçados cavalgando em nossa direção, milorde. — As bainhas tilintaram quando os homens que ainda não estavam com as espadas na mão as sacaram. Alguns saltaram nas selas, puxando as lanças.

A tensão se dissipou quando Hurin entrou na clareira trotando, à frente dos outros dois. Mas voltou quando ele informou:

— Achamos o rastro, Lorde Ingtar.

— Nós o seguimos quase até Falme — completou Mat, enquanto descia do cavalo. Um rubor em suas bochechas pálidas dava a falsa impressão de um rosto saudável, mas ele estava magro demais. Os shienaranos se reuniram em volta dos recém-chegados, tão empolgados quanto o rapaz. — É só de Fain, mas não tem outro lugar para onde ele possa ter ido. E ele deve estar com a adaga.

— Também encontramos Mantos-brancos — comentou Perrin, apeando. — Centenas.

— Mantos-brancos?! — exclamou Ingtar, franzindo a testa. — Aqui?! Bem, se eles não nos importunarem, não vamos importuná-los. Talvez isso nos ajude a chegar à Trombeta, se os Seanchan ficarem ocupados com eles. — Seu olhar recaiu sobre Verin, ainda sentada ao

lado do fogo. — Imagino que vá me dizer que eu deveria tê-la ouvido, Aes Sedai. O homem foi mesmo para Falme.

— Há de ser o que a roda tecer — respondeu Verin, calma. — Na companhia de *ta'veren*, o que acontece é o que deveria acontecer. Pode ser que o Padrão exigisse esses dias a mais. Tudo é colocado com precisão em seu devido lugar, e, se tentamos mudar algo, ainda mais quando *ta'veren* estão envolvidos, a tessitura se altera para nos colocar de volta dentro do Padrão, como deveríamos estar. — Fez-se um silêncio desconfortável, que ela pareceu não notar. A mulher continuava parada, rabiscando com o graveto. — Agora, acho que precisamos fazer planos. O Padrão nos leva a Falme, por fim. A Trombeta de Valere foi levada para lá.

Ingtar se agachou em frente a ela, do outro lado da fogueira.

— Quando muita gente a firma a mesma coisa, eu tendo a acreditar. E o povo daqui a firma que os Seanchan não parecem se importar com quem entra ou sai de Falme. Vou à cidade com Hurin e alguns outros. Depois que ele seguir a trilha de Fain até a Trombeta… bem, veremos o que acontece.

Com o pé, Verin apagou um círculo que riscara na terra. Desenhou então duas linhas curtas que se tocavam nas pontas.

— Ingtar e Hurin. E Mat, já que ele consegue sentir a adaga, se chegar perto o suficiente. Você quer ir, não quer, Mat?

Mat parecia abatido, mas assentiu como se tivesse um espasmo.

— Eu tenho que ir, não é mesmo? Preciso encontrar aquela adaga.

Uma terceira linha foi rabiscada junto às outras, formando um desenho similar a uma pegada de pássaro. Verin olhou de esguelha para Rand.

— Eu vou — a firmou ele. — Foi por isso que vim. — Uma estranha luz se acendeu nos olhos da Aes Sedai, o brilho do olhar de alguém que sabe das coisas, que o deixou desconfortável. — Para ajudar Mat a encontrar a adaga — a firmou, ríspido — e Ingtar a encontrar a Trombeta. — *E Fain*, acrescentou para si mesmo. *Preciso encontrar Fain, se já não for tarde demais*.

Verin rabiscou uma quarta linha, fazendo o desenho lembrar uma estrela torta.

— E quem mais? — perguntou, em voz baixa. Segurava o graveto, a postos.

— Eu — respondeu Perrin, um segundo antes de Loial acrescentar, em sua voz musical:

— Acho que também gostaria de ir. — Uno e todos os outros shienaranos começaram a pedir para se juntar ao grupo.

— Perrin falou primeiro — declarou Verin, como se aquilo resolvesse a questão. Ela acrescentou uma quinta linha e traçou um círculo ao redor delas. Os cabelos da nuca de Rand se eriçaram. Era o

mesmo desenho que ela apagara no início. — Cinco cavalgam adiante — murmurou.

— Ah, eu realmente gostaria de conhecer Falme — protestou Loial. — Nunca vi o Oceano de Aryth. Além disso, posso carregar o baú, se a Trombeta ainda estiver nele.

— É melhor me deixar ir também, milorde. — disse Uno. — O senhor e Lorde Rand vão precisar de mais uma espada de cobertura, se esses Seanchan chamejados tentarem impedi-los de avançar.

Todos os outros soldados informaram que se sentiam da mesma forma.

— Não sejam tolos — ralhou Verin, severa. O olhar dela os silenciou. — Não dá para todos irem. Não importa se os Seanchan parecem não se incomodar com estranhos, eles com certeza notarão vinte soldados. E vocês não pareceriam outra coisa, mesmo sem as armaduras. E um ou dois não vão fazer diferença. Cinco é um número pequeno o bastante para não chamar atenção, e é adequado que três deles sejam os três *ta'veren* que nos acompanham. Não, Loial, você também precisa ficar. Não há Ogier na Ponta de Toman. Você atrairia tantos olhares quanto todos os outros juntos.

— E quanto a você? — perguntou Rand.

Verin sacudiu a cabeça.

— Você se esquece das *damane*. — Ela apertou os lábios com desgosto, ao dizer aquilo. — A única forma de ajudá-los seria canalizando, o que não ajudaria em nada se atraísse *damane* até vocês. Mesmo que não estejam perto o suficiente para ver, é possível sentir uma mulher canalizando. Ou homem, por sinal. É preciso tomar cuidado para canalizar apenas uma pequena quantidade do Poder.

Ela não olhou para Rand. Ele teve a sensação de que ela fazia questão de não olhá-lo, e Mat e Perrin de repente voltaram a atenção para os próprios pés.

— Um homem — bufou Ingtar. — Verin Sedai, por que juntar mais problemas? Já temos muito com que nos preocupar sem supor que eles também tenham homens canalizando. Mas seria bom se você fosse. Se precisarmos de você…

— Não. Os cinco precisam ir sozinhos. — Ela passou o pé outra vez sobre o desenho da roda, apagando um pedaço. Ela encarou os cinco um a um, concentrada, com a testa franzida. — Cinco cavalgam adiante.

Por um momento, Ingtar pareceu prestes a pedir mais uma vez. No entanto, ao encarar a mulher, deu de ombros e se virou para Hurin.

— Quanto tempo até chegarmos a Falme?

O farejador coçou a cabeça.

— Se sairmos agora e cavalgarmos durante a noite, conseguimos

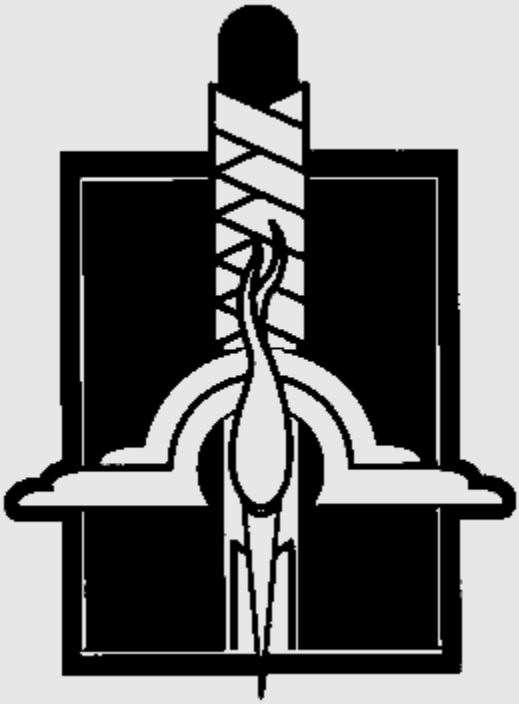
chegar lá amanhã, no nascer do sol.

— Então é o que vamos fazer. Não perderei mais tempo. Selem os cavalos. Uno, quero que você traga os outros, venham depois de nós. Mas não sejam vistos, nem deixem qualquer pesso…

Rand fitou a roda rabiscada no chão enquanto Ingtar continuava a dar instruções. Estava quebrada, agora, e com apenas quatro raios. Por algum motivo, aquilo lhe deu um calafrio. Ele percebeu que Verin o observava, com os olhos escuros brilhantes e atentos como os de um pássaro. Precisou se esforçar para desviar o olhar e começar a arrumar os próprios pertences.

Você está se deixando levar por fantasias , ralhou consigo mesmo, irritado. *Ela não pode fazer nada se não estiver lá*.

45



Mestre Espadachim

O sol nascente avermelhado despontou no horizonte, projetando longas sombras nas ruas calçadas de pedra, que desciam rumo ao porto de Falme. Uma brisa marinha dobrava a fumaça das chaminés, acesas para o preparo dos cafés da manhã. Apenas os que acordavam cedo estavam fora de casa, soltando nuvens de vapor pela boca por conta do frio da manhã. A cidade parecia quase vazia em comparação à multidão que tomaria as ruas uma hora mais tarde.

Sentada sobre um barril virado, na frente de uma loja de ferragens ainda fechada, Nynaeve aquecia as mão debaixo dos braços e inspecionava seu exército. Min estava sentada no batente de uma porta do outro lado da rua, envolta no manto Seanchan, comendo uma ameixa seca. Elayne, em seu casaco de lã, se encolhia na entrada de um beco um pouco mais à frente. Um saco grande, afanado das docas, estava ao lado de Min, dobrado com cuidado. *Meu exército* , pensou Nynaeve, taciturna. *Mas não há mais ninguém*.

Ela avistou uma *sul'dam* e uma *damane* subindo a rua. A loira usava o bracelete, a morena, o colar, e ambas bocejavam, sonolentas. Os poucos falmenos também na rua desviavam os olhos e mantinham

distância. Seu campo de visão ia até o porto, e não havia outro Seanchan à vista. Ela não virou a cabeça. Em vez disso, espreguiçou-se e moveu os ombros gelados, como se precisasse massageá-los e depois voltar à mesma posição. Min pôs a ameixa meio comida de lado, olhou para a rua com naturalidade e se recostou na porta. O caminho também estava livre naquela direção, ou ela teria apoiado as mãos nos joelhos. A menina havia começado a esfregar as mãos, nervosa, e Nynaeve percebeu que Elayne também se remexia, inquieta.

Se essas duas nos denunciarem, acerto a cabeça delas. Mas ela sabia que, se fossem descobertas, os Seanchan é quem diriam o que seria feito das três. Estava ciente de que não tinha ideia se o plano funcionaria ou não. Sua própria falha poderia ser o que as denunciaria. Mais uma vez, decidiu que, se qualquer coisa saísse errado, chamaria a atenção para si mesma enquanto Min e Elayne escapavam. Havia mandado as duas fugirem caso houvesse algum problema, e as fizera pensar que também fugiria. O que faria depois, não sabia. *Mas não vou deixar que me peguem viva. Por favor, Luz, isso não*.

Sul'dam e *damane* subiram a ladeira até alcançarem o ponto onde as três mulheres estavam à espera. Uma dezena de falmenos passava por ali, todos mantendo distância do par unido pela corrente.

Nynaeve reuniu toda a raiva que tinha. Encolaradas e Senhoras do Colar. Elas tinham prendido uma daquelas coleiras imundas no pescoço de Egwene, fariam o mesmo com ela e Elayne, se pudessem. Ela obrigara Min a contar como as *sul'dam* impunham sua vontade. Tinha certeza de que a jovem omitira alguns detalhes, os piores, mas o que ouvira fora suficiente para deixá-la com uma fúria incandescente. Em um instante, uma flor branca brotou em um ramo negro e espinhoso, abrindo-se para a luz, para *saidar*, e o Poder Único a preencheu. Ela sabia que havia um brilho à sua volta, para os que eram capazes de vê-lo. A *sul'dam* pálida levou um susto, e a *damane* morena ficou boquiaberta, mas Nynaeve não lhes deu nem chance. Canalizou apenas uma gota do poder, que estalou como um chicote.

A coleira prateada se abriu e caiu com um tinido sobre as pedras do calçamento. Nynaeve soltou um suspiro pesado de alívio, mas, no mesmo instante, levantou-se de um salto.

A *sul'dam* olhou para a coleira no chão como se encarasse uma cobra venenosa. A *damane* levou uma das mãos ao pescoço, trêmula. Antes que a mulher no vestido com desenhos de raios tivesse tempo de se mover, a *damane* se virou e socou na cara dela. Os joelhos da *sul'dam* cederam, e ela quase caiu.

— Bem feito! — gritou Elayne.

Ela também já avançava, assim como Min.

Antes de qualquer uma delas conseguir chegar até as duas

mulheres, a *damane* olhou em volta, assustada, e correu o mais depressa que podia.

— Não vamos machucar você! — chamou Elayne. — Somos amigas!

— Fique quieta! — sibilou Nynaeve. Ela puxou um punhado de trapos do bolso e enfiou na boca da *sul'dam*, que ainda cambaleava, de queixo caído. Min sacudiu o saco, formando uma nuvem de poeira, e o enfiou pela cabeça d a *sul'dam*, cobrindo-a até a cintura. — Já estamos atraindo atenção demais.

Era verdade, mas não totalmente. A rua em que estavam se esvaziava depressa, e as pessoas que se afastavam, pensando que era melhor estar em outro lugar, evitavam olhar para o grupo. Nynaeve contava com aquilo para ganhar alguns instantes, com as pessoas fazendo o melhor que podiam para ignorar tudo que tivesse relação com os Seanchan. Os boatos apareceriam, mais cedo ou mais tarde, mas seriam apenas sussurros. Talvez levasse horas até que os Seanchan soubessem que qualquer coisa acontecera.

A mulher encapuzada começou a lutar, soltando gritos que eram abafados pelo saco, mas Nynaeve e Min a envolveram com os braços e a forçaram em direção a uma viela próxima. A corrente e a coleira se arrastavam atrás, tilintando contra as pedras.

— Pegue isso — mandou Nynaeve, dirigindo-se para Elayne com um tom ríspido. — Ela não vai morder você!

Elayne respirou fundo e segurou o metal prateado com cuidado, como se tivesse mesmo medo que ele fosse mordê-la. Nynaeve sentiu certa pena, mas não muita. Tudo dependia de seguirem o plano.

A *sul'dam* esperneava e tentava se soltar, mas, juntas, Nynaeve e Min a levaram à força pela viela até uma outra passagem um pouco mais larga atrás das habitações. Passaram por outra viela e, por fim, adentraram uma cabana rústica, de madeira, que já abrigara dois cavalos, a julgar pelas baias. Não eram muitos que podiam arcar com a manutenção de cavalos desde a chegada dos Seanchan, e, depois de um dia de vigia, Nynaeve não vira ninguém se aproximar do lugar. O interior estava úmido e empoeirado, indícios de abandono. Assim que todas entraram, Elayne deixou cair a corrente prateada e limpou as mãos na palha.

Nynaeve canalizou outra gota de poder, e o bracelete caiu no chão sujo. A *sul'dam* guinchava e se debatia.

— Prontas? — perguntou Nynaeve. As outras duas assentiram, e elas arrancaram o saco da cabeça da prisioneira.

A *sul'dam* respirava, ofegante, com os olhos azuis lacrimejando por causa da poeira, mas seu rosto estava vermelho tanto pelo saco quanto pela raiva. Ela tentou correr para a porta, mas as outras a impediram logo no primeiro passo. Não era fraca, mas eram três

contra uma. Quando terminaram, a *sul'dam* estava sem o vestido e jazia em uma das baias, com as mãos e os pés amarrados com uma corda grossa enquanto outra corda a impedia de cuspir a mordaça.

Massageando um lábio inchado, Min examinou o vestido com raios e as botas macias que haviam estendido no chão.

— Pode ser que sirva em você, Nynaeve. Não vai caber em Elayne ou em mim.

A outra jovem tirava palha do cabelo.

— Eu percebi. Mas você nunca foi uma opção mesmo. Elas a conhecem bem demais. — Nynaeve despiu-se depressa. Jogou as roupas de lado e pôs o vestido da *sul'dam*. Min ajudou com os botões.

Nynaeve mexeu os dedos nas botas. Estavam um pouco apertadas. O vestido também estava apertado no peito, mas folgado no restante do corpo. A bainha ia quase até o chão, mais baixa do que a *sul'dam* usava, mas ficaria ainda pior nas outras duas. Pegando o bracelete, ela respirou fundo e o prendeu no pulso esquerdo. As extremidades se fundiram, ele parecia sólido. A sensação era de nada além de um bracelete. Receara que não fosse assim.

— Pegue o vestido, Elayne. — Tinham escondido ali um par de vestidos que tingiram, um dela e um de Elayne, com o mesmo tom cinza-escuro que as *damane* usavam, ou o mais próximo que conseguiram. A menina não se moveu, exceto para encarar o colar aberto e umedecer os lábios. — Elayne, você precisa usar o colar. Muitas delas já viram Min, para ela correr o risco. Eu o usaria se o vestido coubesse em você. — Ela achava que enlouqueceria se precisasse usar a coleira, então não conseguiu usar um tom severo com Elayne.

— Eu sei — suspirou a jovem. — Só queria saber melhor sobre o que essa coisa faz com quem usa. — Ela tirou o cabelo louro acobreado do caminho. — Min, por favor, me ajude. — A outra começou a desabotoar as costas do vestido de Elayne.

Nynaeve conseguiu pegar a coleira prateada sem vacilar.

— Só há um jeito de descobrir. — Após um breve momento de hesitação, ela se abaixou e a prendeu no pescoço da *sul'dam. Se alguém merece isso, é ela*, disse a si mesma, com firmeza. — Ela talvez possa nos dizer algo de útil, de qualquer forma. — Os olhos azuis da mulher fitaram a corrente prateada que ia de seu pescoço ao pulso de Nynaeve, a quem encarou com desprezo.

— Não é assim que funciona — tentou dizer Min, mas Nynaeve mal pôde ouvir.

Ela estava… ciente… da outra mulher, do que ela sentia, da corda apertando os tornozelos e os pulsos atrás das costas, do gosto rançoso de peixe dos trapos na boca, da palha pinicando através do tecido ino do que ela usara por baixo do vestido. Não era como se ela, Nynaeve,

sentisse aquelas coisas. Em sua cabeça havia um aglomerado de sensações que sabia pertencerem à *sul'dam*.

Engoliu em seco, tentando ignorá-las, mas elas não iam embora. Então se dirigiu à mulher amarrada:

— Não vou machucá-la se responder às minhas perguntas. Nós não somos Seanchan, mas, se você mentir para mim… — Ela ergueu a corrente de forma ameaçadora.

Os ombros da mulher tremeram, e os lábios se entortaram em volta da mordaça. Levou apenas um instante para Nynaeve perceber que a *sul'dam* estava rindo.

Ela cerrou os dentes, mas então teve uma ideia. Aquele aglomerado de sensações em sua cabeça pareciam ser tudo o que a outra mulher sentia, fisicamente. Experimentou acrescentar sensações àquilo.

A *sul'dam* deu um berro que a mordaça não abafou muito bem, e seus olhos se arregalaram de repente. Sacudindo as mãos como se tentasse afastar alguma coisa, ela se arrastou pela palha em uma vã tentativa de escapar.

Nynaeve ficou boquiaberta, e apagou a sensação extra mais do que depressa. A *sul'dam* arquejava, choramingando.

— O quê… O que você… fez com ela? — perguntou Elayne, com a voz débil.

Min apenas olhava, estupefata.

Nynaeve respondeu em um tom áspero:

— O mesmo que Sheriam fez quando você jogou um copo em Marith. — *Luz, isso é nojento!*

Elayne engoliu em seco bem alto.

— Ah!

— Mas um *a'dam* não deveria funcionar assim — a firmou Min. — Elas sempre dizem que não funciona em mulheres incapazes de canalizar.

— Não me importa como deveria funcionar, contanto que funcione.

Nynaeve segurou a corrente de metal prateado bem onde ela se ligava à coleira. Então ergueu a outra apenas o suficiente para encará-la nos olhos.

— Você me ouça, e ouça bem. Quero respostas, e, se não recebê-las, farei você achar que arranquei seu couro. — Uma expressão de puro terror passou pelo rosto da mulher, e Nynaeve sentiu o estômago embrulhar de repente, quando se deu conta de que a *sul'dam* entendera a ameaça de forma literal. *Se ela acha que eu posso, é porque sabe. É isso que essa corrente faz*. Ela fez força para se controlar, tentando se impedir de arrancar o bracelete do pulso. Em vez disso, endureceu a expressão. — Está pronta para responder? Ou precisa de

mais persuasão?

O balançar de cabeça frenético foi resposta suficiente. Quando Nynaeve removeu a mordaça, a mulher parou apenas para engolir uma vez antes de começar a tagarelar.

— Eu não vou denunciá-las. Eu juro. Só tirem isso do meu pescoço. Eu tenho ouro. Levem. Eu juro. Nunca contarei a ninguém.

— Fique quieta — ordenou Nynaeve, e a mulher se calou no mesmo instante. — Qual é seu nome?

— Setah. Por favor, vou responder, mas por favor… tire isso de mim! Se alguém vir isso em mim… — Os olhos da mulher baixaram para fitar a corrente, e então se fecharam com força. — Por favor? — sussurrou.

Nynaeve se deu conta de uma coisa: jamais conseguiria fazer Elayne usar aquela coleira.

— É melhor acabarmos logo com isso — falou a Filha-herdeira, com a voz firme. Estava apenas com a roupa de baixo. — Espere um momento para eu colocar esse outro vestido e…

— Ponha suas roupas de novo — mandou Nynaeve.

— Alguém tem que fingir ser *damane* — argumentou Elayne —, ou nunca chegaremos a Egwene. Esse vestido cabe em você, e não pode ser Min. Só resta eu.

— Eu disse para vestir suas roupas. Temos alguém para ser a Encolarada. — Nynaeve puxou a corrente que prendia Setah, e a *sul'dam* ofegou.

— Não! Não, por favor! Se alguém me vir… — Ela parou, diante do olhar frio de Nynaeve.

— Pelo que sei, você é pior do que uma assassina, pior do que uma Amiga das Trevas. Não consigo pensar em nada pior do que você. O fato de eu ter de usar essa coisa no meu pulso, ter que fingir ser o mesmo que você, mesmo que por apenas uma hora, me dá náuseas. Então, se acha que eu evitaria fazer qualquer coisa a você, pense outra vez. Você não quer ser vista? Bom. Nós também não. Mas ninguém olha de verdade para uma *damane*. Enquanto ficar de cabeça baixa, como uma Encolarada deve fazer, ninguém vai notar sua existência. Mas é bom que você dê o seu melhor para garantir que nós também não sejamos vistas. Se formos, tenho certeza de que você também será. E se isso não for o suficiente para conter sua língua, prometo que farei você amaldiçoar o primeiro beijo que sua mãe deu no seu pai. Estamos entendidas?

— Sim — respondeu Setah, com a voz fraca. — Eu juro.

Nynaeve precisou remover o bracelete para que passassem o vestido tingido de Elayne pela corrente e pela cabeça de Setah. Não cabia direito na mulher, ficava folgado no peito e apertado no quadril, mas o de Nynaeve ficaria tão ruim quanto, e curto demais. A

Sabedoria torcia para que as pessoas de fato não olhassem para as *damane*. Ela recolocou o bracelete com relutância.

Elayne recolheu as roupas de Nynaeve, envolveu-as no outro vestido tingido e fez uma trouxa. O tipo de trouxa que uma mulher vestida como camponesa carregaria enquanto segue uma *sul'dam* e uma *damane*.

— Gawyn vai comer o próprio coração quando souber disso — disse, rindo. A risada soou forçada.

Nynaeve olhou bem para ela, e então para Min. Estava na hora da parte perigosa.

— Vocês estão prontas?

O sorriso de Elayne se desfez.

— Estou pronta.

— Pronta — respondeu Min.

— Onde vocês… nós… vamos?… — perguntou Setah, acrescentando mais do que depressa um: — … Se me permite a pergunta.

— À cova dos leões — respondeu Elayne.

— Dançar com o Tenebroso — acrescentou Min.

Nynaeve suspirou e sacudiu a cabeça.

— O que elas estão tentando dizer é que vamos para onde ficam todas as *damane*, e pretendemos libertar uma delas.

Setah ainda estava boquiaberta quando foi empurrada para fora do estábulo.

Bayle Domon observava o sol nascente do convés de seu navio. As docas já começavam a ficar movimentadas, embora as ruas que saíam do porto estivessem bastante vazias. Uma gaivota empoleirada em uma estacada o encarava. Gaivotas tinham olhos impiedosos.

— Tem certeza, capitão? — indagou Yarin. — Se os Seanchan se perguntarem o que estamos todos fazendo a bordo…

— No caso, você só precisa ter certeza de que tem mesmo um machado perto de cada corda — retrucou Domon, seco. — E Yarin? No caso de um homem tentar cortar qualquer corda antes que aquelas mulheres estejam a bordo, eu vou quebrar a cabeça dele.

— E se elas não vierem, capitão? E se em vez delas vierem os soldados Seanchan?

— Acalme essas tripas, homem! Se os soldados vierem, disparo para a entrada do porto e que a Luz tenha piedade de nós. Mas até os soldados chegarem, vou esperar mesmo aquelas mulheres. Agora vá fingir que não está fazendo nada.

Domon voltou a olhar para a cidade, na direção de onde as *damane* eram mantidas. Seus dedos tamborilavam nervosamente na amurada.

A brisa do mar trazia o cheiro das fogueiras acesas para o café da manhã e tentava balançar o manto carcomido de Rand, mas ele o segurava junto ao corpo com uma das mãos, enquanto Vermelho se aproximava da cidade. Não haviam encontrado casaco algum que coubesse nele entre as roupas deixadas para trás naquele vilarejo, e ele achou que era melhor tomar o cuidado de manter escondidos os bordados prateados nas mangas e as garças no colarinho. A tolerância dos Seanchan aos conquistados que portavam armas poderia não se estender àqueles com espadas com a marca da garça.

As primeiras sombras da manhã se alongavam à sua frente. Ele conseguia distinguir Hurin avançando com o cavalo pelos pátios de carroções e cercados para as montarias. Apenas um ou dois homens andavam entre as fileiras de carroções dos mercadores, e todos usavam os longos aventais de fabricantes de rodas e ferreiros. Ingtar, o primeiro a entrar, já estava fora de seu campo de visão. Perrin e Mat seguiam atrás de Rand um pouco afastados um do outro. Ele não olhou para trás para ver como estavam. Teoricamente, não se conheciam. Eram apenas cinco homens que chegavam a Falme nas primeiras horas da manhã, mas não estavam juntos.

Ele adentrou a área dos cercados. Os cavalos já se aglomeravam perto da cerca à espera da comida. Hurin enfiou a cabeça para fora, entre dois estábulos com as portas ainda fechadas e travadas, notou Rand e fez um sinal antes de voltar a se esconder. Rand passou a conduzir o garanhão baio naquela direção.

Hurin estava parado, segurando o cavalo pelas rédeas. Usava uma longo manto em vez do casaco, e, apesar do tecido pesado ocultar a espada e a quebra-espadas, ele tremia de frio.

— O Lorde Ingtar está logo ali atrás — disse, indicando a passagem estreita com um gesto de cabeça. — Ele mandou a gente deixar os cavalos aqui e seguir o resto do caminho a pé. — Enquanto Rand apeava, o farejador acrescentou: — Fain seguiu direto por aquela rua, Lorde Rand. Quase posso sentir o cheiro dele daqui.

Rand levou Vermelho até a parte de trás do estábulo, onde estava o cavalo de Ingtar, já amarrado. O shienarano não parecia muito um lorde naquele casaco de lã sujo, com o couro esburacado e desgastado em diversos pontos. A espada parecia estranha presa ao cinturão sobre aquela roupa. Mas seu olhar era fervoroso.

Depois de amarrar Vermelho ao lado do garanhão de Ingtar, Rand parou diante de seus alforjes. Não conseguira deixar o estandarte para trás. Não achava que algum dos soldados fosse mexer em suas bolsas, mas não podia dizer o mesmo de Verin. Também não podia prever o que ela faria se encontrasse o estandarte. Ainda assim, ficava nervoso por tê-lo consigo. Resolveu deixar os alforjes para trás, amarrados na

sela.

Mat se juntou a eles, e alguns instantes depois chegaram Hurin e Perrin. Mat usava uma calça larga enfiada nas botas, e Perrin, um manto curto demais. Rand achou que pareciam um grupo de mendigos mal-intencionados, mas haviam passado despercebidos pela maior parte do caminho até ali.

— Agora — disse Ingtar. — Vamos ver o que acontece.

Eles saíram conversando pela rua de terra batida como se estivessem caminhando a esmo, passaram pelos pátios dos carroções e seguiram pelas ladeiras com calçamento de pedra. Rand não prestava muita atenção ao que dizia, e muito menos ao que qualquer um dos outros falava. O plano de Ingtar era parecerem como qualquer grupo de homens andando juntos, mas havia pouquíssima gente fora de casa. Cinco homens já compunham uma multidão naquelas ruas frias pela manhã.

Eles andavam em grupo, mas era Hurin quem os conduzia, farejando o ar e virando em uma rua ou outra. Os demais seguiam atrás dele, fingindo ser o que pretendiam fazer desde o início.

— Ele andou de um lado para o outro nessa cidade — resmungou Hurin, franzindo a testa. — Espalhou o cheiro por tudo que é lado, e fede tanto que é di ícil distinguir o antigo do novo. Pelo menos sei que ele ainda está aqui. Parte do rastro não pode ter mais do que um dia ou dois, tenho certeza. Tenho certeza — acrescentou, com mais convicção.

Mais algumas pessoas começaram a aparecer. Um vendedor de frutas arrumando as mercadorias na mesa, um sujeito apressado levando um grande rolo de pergaminho debaixo do braço e uma prancheta atravessada nas costas, um amolador de facas passando óleo no eixo de sua roda, apoiada em um carrinho de mão. Duas mulheres passaram, indo na direção oposta. Uma estava com os olhos baixos e uma coleira prateada no pescoço, a outra usava um vestido com bordados de raios, segurando uma corrente prateada enrolada no braço.

Rand parou e prendeu a respiração. Fez um esforço para não se virar e olhar para elas.

— Aquilo era…? — Os olhos encovados de Mat estavam arregalados. — Aquilo era uma *damane*?

— Foi assim que foram descritas — respondeu Ingtar, seco. — Hurin, vamos passar por cada rua dessa maldita cidade da Sombra?

— Ele andou por toda parte, Lorde Ingtar — respondeu o farejador. — O fedor dele está em todo lugar. — Tinham chegado em uma área onde as casas de pedra tinham três ou quatro andares e eram grandes como estalagens.

Dobraram uma esquina, e Rand foi surpreendido com a visão de

cerca de vinte soldados Seanchan montando guarda em frente a uma grande casa em um dos lados da rua… Além de duas mulheres com vestidos de raios conversando na entrada de outra, do lado oposto da rua. Um estandarte tremulava ao vento acima da casa que os soldados protegiam: um gavião dourado segurando raios em suas garras. Nada identificava a casa onde as mulheres conversavam, a não ser elas mesmas. A armadura do oficial resplandecia, com tons de vermelho, preto e dourado, e o elmo folheado fora pintado para parecer a cabeça de uma aranha. Então Rand notou as duas grandes silhuetas agachadas entre os soldados, ambas com a pele de couro, e quase tropeçou.

Grolm. Não tinha como confundir aquelas cabeças em forma de cunha com três olhos. *Não pode ser*. Talvez ele estivesse mesmo dormindo, e aquilo tudo fosse um pesadelo. *Talvez a gente ainda nem tenha chegado em Falme*.

Os outros olharam para as feras, estupefatos, enquanto passavam pela casa protegida.

— Em nome da Luz, o que são aquelas coisas? — perguntou Mat.

Os olhos de Hurin estavam do tamanho do rosto.

— Lorde Rand, são… Aqueles são…

— Não importa — respondeu Rand.

Após um instante, Hurin assentiu.

— Estamos aqui pela Trombeta — lembrou Ingtar —, não para ficar admirando os monstros dos Seanchan. Concentre-se em encontrar Fain, Hurin.

Os soldados mal os olharam. A rua ia direto até o porto arredondado. Rand conseguia ver os navios ancorados lá embaixo: eram altos, com um formato quadrado e mastros altos, mas estavam pequenos àquela distância.

— Ele veio aqui muitas vezes. — Hurin coçou o nariz com o dorso da mão. — A rua fede com camadas e mais camadas do cheiro dele. Acho que ele talvez tenha vindo aqui faz pouco tempo. Ontem, Lorde Ingtar. Talvez ontem à noite.

De repente, Mat agarrou o casaco com as duas mãos.

— Está lá dentro — sussurrou. Ele se virou e andou de costas, olhando para a grande casa com o estandarte. — A adaga está lá dentro. Não notei antes por causa daqueles… daquelas coisas, mas consigo sentir.

Perrin o cutucou nas costelas.

— Bem, pare com isso. Antes que eles comecem a se perguntar por que você está olhando para lá como um idiota.

Rand olhou para trás. O oficial já olhava na direção deles.

Mat se virou, desanimado.

— Mas vamos só continuar andando? Está lá dentro, estou

dizendo.

— É a Trombeta que estamos procurando — rosnou Ingtar. — Quero encontrar Fain e obrigá-lo a me dizer onde ela está. — Ele não diminuiu o passo.

Mat não disse uma palavra, mas sua expressão inteira suplicava.

Preciso encontrar Fain também, pensou Rand. *Preciso*. Mas, quando olhou para o rosto do amigo, falou:

— Ingtar, se a adaga está naquela casa, é provável que Fain também esteja. Não o imagino deixando a adaga ou a Trombeta muito longe da vista.

Ingtar parou. Depois de um instante, respondeu:

— Pode até ser, mas nunca saberemos daqui de fora.

— Podemos esperar que ele saia — sugeriu Rand. — Se sair agora de manhã, é porque passou a noite lá. E aposto que dorme bem onde está a Trombeta. Se ele sair, é capaz de voltarmos para Verin ao meio-dia e ter um plano antes do anoitecer.

— Não pretendo esperar por Verin — a firmou Ingtar —, e nem pelo anoitecer. Já esperei demais. Terei a Trombeta nas mãos antes do sol se pôr.

— Mas não sabemos, Ingtar.

— Eu sei que a adaga está lá dentro — interveio Mat.

— E Hurin disse que Fain esteve aqui ontem à noite. — Ingtar ignorou as tentativas de Hurin de falar. — Foi a primeira vez que você aceitou dizer que era mais recente que um dia ou dois. Vamos recuperar a trombeta agora. Agora!

— Como? — perguntou Rand. O oficial não olhava mais para eles, mas ainda havia pelo menos vinte soldados na frente do prédio. E dois *grolm. Isso é loucura. Não pode haver* grolm *por aqui*. Contudo, pensar naquilo não fazia as feras desaparecerem.

— Parece que atrás de todas essas casas há alguns jardins — começou Ingtar, olhando, pensativo, ao redor. — Se uma dessas vielas passar por um dos muros de um jardim… Às vezes os homens se ocupam tanto com a proteção da frente que negligenciam a retaguarda. Venham.

Ele seguiu direto para a viela estreita mais próxima, entre duas das casas altas. Hurin e Mat seguiram depressa, logo atrás dele. Rand e Perrin se entreolharam. O amigo de cabelos encaracolados deu de ombros, resignado, e os dois também seguiram o grupo.

A viela era pouco mais larga que os ombros de todos, mas seguia entre os altos muros dos jardins até cruzar com outra, larga o suficiente para um carrinho de mão grande ou uma carroça pequena. Também tinha calçamento de pedra, mas apenas os fundos dos prédios davam vista para ela. Viam janelas fechadas, paredões de pedra e os altos muros dos jardins, acima dos quais despontavam galhos quase

sem folhas.

Ingtar os conduziu pela viela até estarem do lado oposto do estandarte tremulante. Ele calçou as manoplas com dorso de aço que tirou do casaco, saltou, segurando-se no topo do muro, e alçou o corpo o suficiente para olhar por cima. Então relatou, em um voz baixa e monótona:

— Árvores. Canteiros de flores. Passeios. Não há uma alma a… Esperem! Um guarda. Um homem. Ele não está sequer usando elmo. Contem até cinquenta e me sigam. — Ele passou um pé por cima do muro e rolou para dentro, desaparecendo antes mesmo que Rand pudesse dizer uma palavra.

Mat começou a contar devagar. Rand prendeu a respiração. Perrin passou os dedos pelo machado. Hurin segurou firme os cabos das armas.

— … cinquenta. — Hurin escalou o muro e pulou antes que a palavra deixasse os lábios de Mat. Perrin o seguiu.

Rand pensou que Mat talvez precisasse de ajuda, já que parecia tão pálido e abatido, mas o rapaz não deu sinal disso ao subir. O muro de pedra oferecia muitos pontos de apoio, e segundos depois Rand já estava agachado do outro lado, com Mat, Perrin e Hurin.

O jardim já exibia sinais do outono avançado. Os canteiros estavam vazios, exceto por alguns arbustos perenes, e os galhos das árvores estavam quase sem folhas. O vento que fazia o estandarte tremular levantava poeira nos caminhos de ladrilhos. Por um momento, Rand não conseguiu ver Ingtar. Então localizou o shienarano. Estava com o corpo grudado à parede da casa, gesticulando com a espada na mão para que fossem até ele.

Rand correu agachado, mais ciente das janelas da casa que davam para os jardins, onde não havia qualquer movimento, do que dos amigos correndo a seu lado. Foi um alívio alcançar a parede da casa ao lado de Ingtar.

Mat não parava de repetir para si mesmo:

— Está ali dentro. Eu posso sentir.

— Onde está o guarda? — sussurrou Rand.

— Morto — respondeu Ingtar. — O homem tinha excesso de confiança. Sequer tentou dar um alarme. Escondi o corpo embaixo de uma daquelas moitas.

Rand o encarou. *O Seanchan tinha excesso de confiança?* A única coisa que o impedia de voltar naquele momento eram os murmúrios angustiados de Mat.

— Estamos quase lá. — Ingtar também parecia estar falando sozinho. — Quase lá. Venham.

Rand sacou a espada quando começaram a subir a escada dos fundos. Estava ciente de Hurin, que desembainhou a espada e a

quebra-espadas, e de Perrin, que sacou o machado do cinturão, com relutância.

O corredor de dentro da casa era estreito. Uma porta semiaberta à direita cheirava a cozinha. Diversas pessoas moviam-se naquele cômodo, de onde vinha um som de vozes indistintas e, volta e meia, o tilintar suave de uma tampa de panela.

Ingtar fez um gesto para que Mat seguisse na frente, e todos se esgueiraram para passar pela porta. Rand observou a abertura estreita até que virassem no corredor seguinte.

Uma jovem esbelta, de cabelos escuros, saiu por uma porta à frente deles carregando uma bandeja com um copo. Todos ficaram paralisados. Ela virou para o outro lado sem olhar para eles. Os olhos de Rand se arregalaram: a longa túnica branca era quase transparente. Ela dobrou em outro corredor e sumiu de vista.

— Vocês viram aquilo? — perguntou Mat, rouco. — Dava para ver através…

Ingtar pôs a mão sobre a boca de Mat e sussurrou:

— Concentre-se no que viemos fazer aqui. Agora encontre. Encontre a Trombeta para mim.

Mat apontou para uma escada curva estreita. Subiram um lance, que os levou para a parte da frente da casa. Havia poucos móveis nos corredores, e parecia que a maioria era feita de linhas curvas. As paredes eram cobertas por tapeçarias ou escondidas por biombos, todos com pinturas de pássaros em galhos, ou a figura de uma ou duas flores. A imagem de um rio atravessava um dos biombos, mas, exceto pela água ondulante e algumas faixas estreitas como margens, o restante era branco.

Por todos os lados, Rand ouvia os sons de pessoas se mexendo, sapatilhas arrastando no chão e murmúrios suaves de conversas. Não viu uma alma sequer, mas conseguia imaginar muito bem alguém entrando no corredor, deparando-se com cinco homens que se esgueiravam com armas em punho e soando um grito de alarme.

— Ali dentro — sussurrou Mat, apontando para um par de grandes portas de correr logo à frente, com puxadores entalhados por um único ornamento. — Pelo menos a adaga está ali.

Ingtar olhou para Hurin. O farejador abriu as portas, e o lorde saltou para dentro com a espada a postos. Não havia ninguém ali. Rand e os outros entraram às pressas, e Hurin fechou as portas mais do que depressa.

Biombos decorados ocultavam todas as paredes e qualquer outra porta que pudesse haver no recinto, além de velar a luz que entrava pelas janelas que deviam dar para a rua. Em uma das extremidades da grande sala havia um armário alto circular. Na outra, uma pequena mesa, com uma cadeira solitária sobre um tapete, virada de frente

para ela. Rand ouviu Ingtar ofegar, mas teve vontade apenas de suspirar aliviado. A Trombeta de Valete, curva e dourada, estava apoiada em um suporte na mesa. Abaixo dela, o rubi no cabo da adaga ornada refletia a luz.

Mat correu até a mesa, pegando a Trombeta e a adaga.

— Conseguimos! — exclamou, brandindo a adaga na mão. — Conseguimos as duas.

— Não fale tão alto — protestou Perrin, se encolhendo um pouco. — Ainda não saímos daqui com elas. — Ele mantinha as mãos no cabo do machado, mas parecia querer segurar qualquer outra coisa.

— A Trombeta de Valere. — A voz de Ingtar era reverente. Ele a tocou, hesitante, passando um dedo pela inscrição prateada ao redor da boca e balbuciando a tradução. Então, afastou a mão com um tremor de empolgação.

Hurin afastava os biombos que ocultavam as janelas. Tirou o último do caminho e olhou para a rua abaixo.

— Aqueles soldados ainda estão ali, parece que criaram raízes. — Ele estremeceu. — E aquelas… coisas, também.

Rand se juntou a ele. As duas feras eram *grolm*, não havia como negar.

— Como foi que eles… — Quando ergueu o olhar da rua, as palavras morreram. Olhava por cima de um muro, para o jardim da grande casa do outro lado da rua. Conseguia ver onde outros muros haviam sido derrubados, unindo-o a outros jardins. Ali, algumas mulheres sentavam-se em bancos ou andavam pelas trilhas, sempre aos pares. Mulheres unidas pelo pescoço e pelo pulso pela corrente prateada. Uma das que usavam uma coleira no pescoço olhou para cima. Estava longe demais para ele distinguir as feições com clareza, mas, por um instante, pareceu que seus olhares se encontraram, então ele soube. Seu rosto ficou pálido. — Egwene — ofegou.

— Do que está falando? — indagou Mat. — Egwene está em Tar Valon. Quem me dera estar lá também.

— Ela está aqui — a firmou Rand. As duas mulheres estavam se virando, caminhando em direção a um dos prédios do outro lado dos jardins. — Ela está aqui, ali do outro lado da rua. Ah, Luz, e está usando uma daquelas coleiras!

— Você tem certeza? — perguntou Perrin. Ele foi olhar pela janela. — Não a vejo, Rand. E… e eu reconheceria Egwene se visse, mesmo a essa distância.

— Tenho certeza — retrucou Rand. As duas mulheres desapareceram dentro de uma das casas que davam para a rua seguinte. Sentiu o estômago dar um nó. *Ela devia estar segura. Ela devia estar na Torre Branca*. — Eu preciso tirá-la de lá. O restante de vocês…

— Então! — A voz arrastada era suave como o som das portas

deslizando nos trilhos. — Vocês não são quem eu esperava.

Por um breve instante, Rand o encarou, estupefato. O homem alto de cabeça raspada que entrara na sala usava uma longa túnica azul que arrastava no chão. Suas unhas eram tão longas que Rand se perguntou como ele conseguia segurar qualquer coisa. Os outros dois que se postavam atrás dele, subservientes, tinham apenas metade do cabelo escuro raspada, e o restante preso em uma trança do lado direito do rosto. Um deles trazia uma espada embainhada nos braços.

Rand teve apenas um instante para olhar, e então os biombos caíram para revelar, de cada lado da sala, uma porta apinhada com quatro ou cinco soldados Seanchan. Todos sem elmos, mas de armadura e com as espadas em punho.

— Vocês estão na presença do Grão-lorde Turak — começou o homem que segurava a espada, olhando com raiva para Rand e os outros.

Um leve movimento de um dedo com a unha pintada de azul o interrompeu. O outro serviçal avançou com uma reverência e começou a tirar a túnica de Turak.

— Quando um dos meus guardas foi encontrado morto — começou o homem de cabeça raspada, com a voz calma —, suspeitei daquele que se apresenta como Fain. Suspeito dele desde que Huan morreu daquele jeito misterioso, e ele sempre quis essa adaga.

Ele abriu os braços para que o serviçal removesse a túnica. Apesar da voz suave e quase musical, Rand viu que os braços e o peito liso eram fortes e musculosos quando o estranho ficou nu até a faixa azul que segurava uma calça branca larga, feita de centenas de vincos. O homem parecia desinteressado e indiferente às lâminas nas mãos dos outros cinco. — E então encontro estranhos que pegaram não apenas a adaga, mas também a Trombeta. Será agradável matar um ou dois por perturbarem minha manhã. Os que sobrarem me contarão quem são e por que vieram. — Ele estendeu uma das mãos sem olhar, e o homem com a espada embainhada pôs o cabo em sua mão. Ele sacou a lâmina pesada e curva. — Eu não gostaria que a Trombeta fosse danificada.

Turak não deu qualquer outro sinal, mas um dos soldados entrou na sala e estendeu a mão para pegar a Trombeta. Rand não sabia se ria ou não. O homem estava de armadura, mas sua expressão arrogante era tão indiferente às armas deles quanto a de Turak.

Mat acabou com aquilo. Quando o soldado estendeu a mão, Mat a feriu com a adaga com cabo de rubi. Soltando um impropério, o soldado pulou para trás, parecendo surpreso. Então gritou. O grito gelou a sala e paralisou todos onde estavam, estupefatos. A mão trêmula que ele erguia diante do rosto enegrecia, com a escuridão se espalhando do talho sangrento que cruzava a palma. Ele abriu a boca o máximo que conseguiu e uivou, arranhando o próprio braço, depois

o ombro. Esperneando e debatendo-se, caiu no chão, guinchando enquanto o rosto enegrecia e os olhos saltavam como ameixas passadas, até que a língua escura e inchada o sufocou. Teve espasmos, asfixiando de um jeito angustiante, batendo os calcanhares, e não se moveu mais. Cada pedaço de pele estava negro como piche podre e parecia prestes a estourar ao menor toque.

Mat umedeceu os lábios e engoliu em seco. Então mudou, apreensivo, a forma de segurar a adaga. Até mesmo Turak encarava a cena, boquiaberto.

— Pois é — disse Ingtar, muito calmo. — Não somos presa fácil. — De repente, ele saltou sobre o cadáver e foi em direção aos soldados que ainda encaravam, com olhos arregalados, o que restava do homem que estivera ao seu lado momentos antes. — Shinowa! — bradou. — Sigam-me! — Hurin saltou atrás dele, e os soldados entraram em formação diante deles. Os sons de aço contra aço aumentavam cada vez mais.

Os Seanchan do outro lado da sala avançaram assim que Ingtar se moveu, mas recuaram ante à adaga que Mat usava para golpear. Pareciam temê-la ainda mais do que o machado que Perrin usava para atacar, dando rosnados sem palavras.

Em poucos instantes, Rand se viu sozinho, encarando Turak. O homem segurava a lâmina em frente ao corpo, na vertical. O choque havia passado. Ele encarava rosto de Rand. O cadáver enegrecido e inchado de um de seus soldados podia muito bem não existir. O corpo também não parecia estar ali para os dois serviçais, não mais do que Rand e sua espada ou os sons do combate, espalhando-se pelos cômodos dos dois lados e avançando pela casa. Os serviçais tinham começado a dobrar a túnica, com muito cuidado, assim que o Grão-lorde pegou a espada. Os dois não olharam para a frente nem mesmo ao ouvir os guinchos do soldado morto e, naquele momento, se ajoelhavam ao lado da porta e observavam a cena com o olhar impassível.

— Eu suspeitei que acabaria sendo apenas você e eu. — Turak girou a lâmina com facilidade, fazendo um círculo para um lado e depois para o outro. Os dedos de unhas longas moviam-se pelo cabo com delicadeza. As unhas não pareciam atrapalhá-lo em nada. — Você é jovem. Vamos ver o que é preciso para merecer a garça desse lado do oceano.

De repente, Rand viu. Imponente, na lâmina de Turak, havia uma garça. Apesar do pouco treinamento que tinha, estava frente a frente com um verdadeiro mestre espadachim. Mais do que depressa, jogou o manto com forro de lã para um lado, livrando-se do peso e do estorvo. Turak esperou.

Ele queria buscar o vazio desesperadamente. Estava claro que

precisaria de toda a habilidade que conseguisse reunir, e mesmo assim tinha pouca chance de deixar a sala com vida. Precisava sair vivo dali. Egwene estava quase perto o suficiente para ele chamá-la com um grito, e precisava dar um jeito de libertá-la. Mas *saidin* esperava no vazio. A ideia fazia seu coração saltar ao mesmo tempo que lhe embrulhava o estômago. Mas, tão perto quando Egwene, estavam aquelas outras mulheres. *Damane*. Se tocasse *saidin*, se não conseguisse se impedir de canalizar, elas saberiam, dissera Verin. Saberiam e fariam perguntas. Tantas, tão perto. Talvez sobrevivesse a Turak apenas para morrer enfrentando as *damane*, e não podia morrer antes que Egwene estivesse livre. Rand ergueu a lâmina.

Turak aproximou-se com passos silenciosos. Lâmina retiniu contra lâmina como um martelo contra uma bigorna.

Desde o início, ficou claro para Rand que o homem o estava testando, pressionando-o apenas o suficiente para descobrir o que ele era capaz de fazer. Então avançava um pouco, e depois mais um pouco. Os pulsos e pés rápidos o mantinham vivo tanto quanto a habilidade com a espada. Sem o vazio, estava sempre um segundo atrasado. A ponta da espada pesada de Turak causou um corte ino e dolorido logo abaixo de seu olho esquerdo. Um retalho da manga de seu casaco pendia do ombro, mais escuro por estar molhado. Sob um corte seco debaixo do braço direito, preciso como o de um alfaiate, o rapaz conseguia sentir a umidade se espalhando pelas costelas.

A expressão do Grão-lorde era de desapontamento. Ele recuou um passo com um gesto de desgosto.

— Onde você encontrou essa lâmina, garoto? Ou será que neste lugar a garça é dada a gente com menos habilidade que você? Não importa. Aceite seu destino. É hora de morrer. — Ele avançou outra vez. O vazio envolveu Rand. *Saidin* fluiu para ele, brilhando com a promessa do Poder Único, mas foi ignorado. Não era mais di ícil do que ignorar um espinho serrilhado se contorcendo em sua carne. Recusou-se a ser preenchido pelo Poder, a se tornar um com a metade masculina da Fonte Verdadeira. Ele era um com a espada em suas mãos, um com o chão sob seus pés. Um com Turak.

Reconheceu as formas que o Grão-lorde usava. Eram um pouco diferentes das que aprendera, mas não o suficiente. A Andorinha Alça Voo foi enfrentada com Cortando A Seda. Lua na Água foi de encontro a O Perdiz da Floresta Dança. Contra Fita no Ar, Pedras Caindo do Penhasco. Eles se moviam pela sala como se dançassem, e a música vinha do aço contra aço.

O desapontamento e o desgosto sumiram dos olhos escuros de Turak, substituídos pela surpresa, e então pela concentração. O suor escorria pelo rosto do Grão-lorde conforme ele pressionava Rand mais e mais. Raio de Três Pontas contra Folha ao Sabor da Brisa.

Os pensamentos de Rand flutuavam para fora do vazio, longe dele próprio, quase despercebidos. Não era suficiente. Enfrentava um mestre da lâmina e, com o vazio e toda a sua habilidade, mal conseguia resistir. Por muito pouco. Precisava acabar com aquilo antes que Turak o fizesse. *Saidin? Não! Às vezes é necessário Embainhar a Espada no próprio corpo*. Mas aquilo também não ajudaria Egwene. Precisava acabar com aquilo naquele momento. Imediatamente.

Os olhos de Turak se arregalaram quando Rand avançou. Até o momento, ele apenas defendera. Agora atacava, e com tudo. O Javali Dispara Montanha Abaixo. Cada movimento da lâmina era uma tentativa de atingir o Grão-lorde. Tudo o que Turak podia fazer era recuar e se defender, atravessando a sala quase até a porta.

Em um instante, enquanto Turak ainda tentava enfrentar o Javali, Rand investiu. O Rio Erode a Margem. Ele se apoiou em um joelho, atravessando a lâmina na horizontal. Não precisava do arquejo de Turak ou da resistência da carne na lâmina para saber. Ouviu dois baques e virou o rosto, sabendo o que veria. Olhou para a própria lâmina, molhada e vermelha, e para onde jazia o Grão-lorde, com a espada caída de sua mão débil. Um líquido escuro manchava os pássaros do tapete sob seu corpo. Os olhos de Turak ainda estavam abertos, mas já tinham o véu da morte.

O vazio estremeceu. Enfrentara Trollocs antes, enfrentara Crias das Trevas. Jamais enfrentara um ser humano com uma espada, a não ser durante o treinamento ou em algum blefe. *Acabei de matar um homem*. O vazio tremeu, e *saidin* tentou preenchê-lo.

Ele lutou para se libertar, desesperado. A respiração estava di ícil enquanto olhava ao redor. Tomou um susto ao notar os dois serviçais ainda ajoelhados ao lado da porta. Esquecera deles, e não sabia o que fazer a respeito dos dois. Nenhum deles parecia estar armado, mas tudo que precisavam fazer era gritar.

Não olharam para ele, nem um para o outro. Em vez disso, fitaram o cadáver do Grão-lorde em silêncio. Puxaram adagas de dentro das túnicas, e Rand segurou a espada com mais firmeza, mas eles encostaram as pontas nos próprios peitos.

— Do nascimento à morte — entoaram em uníssono —, eu sirvo ao Sangue. — Então cravaram as adagas nos próprios corações. Tombaram para a frente quase sem sofrer, morrendo com as cabeças no chão como se em profunda reverência ao Lorde.

Rand olhou para eles, incrédulo. *Loucos*, pensou. *Eu posso até enlouquecer um dia, mas esses dois já estavam malucos*.

Estava se levantando, trêmulo, quando Ingtar e os outros voltaram correndo. Todos tinham feridas e cortes. O couro do casaco de Ingtar estava manchado em mais de um lugar. Mat ainda segurava a Trombeta e a adaga, com a lâmina mais escura que o rubi no cabo.

O machado de Perrin também estava vermelho, e ele parecia prestes a vomitar.

— Você cuidou deles? — perguntou Ingtar, olhando para os cadáveres. — Então terminamos, se nenhum alarme foi dado. Aqueles tolos não pediram ajuda nem uma vez.

— Vou ver se os guardas ouviram alguma coisa — disse Hurin, correndo para a janela.

Mat sacudiu a cabeça.

— Rand, essa gente é louca. Sei que já disse isso antes, mas é mesmo verdade. Aqueles serviçais… — Rand prendeu a respiração, se perguntando se todos tinham se matado. Mat continuou: — Sempre que nos viam lutando, caíam de joelhos, com o rosto no chão e os braços ao redor da cabeça. Não se moviam nem gritavam. Não tentaram ajudar os soldados ou soar qualquer alarme. E ainda estão lá, pelo que sei.

— Bom, eu não contaria com isso, com eles ainda estarem ajoelhados — afirmou Ingtar, seco. — Partiremos agora, e o mais rápido possível.

— Vocês vão — respondeu Rand. — Egwene…

— Seu tolo! — ralhou Ingtar. — Já temos o que viemos buscar. A Trombeta de Valere. A esperança da salvação. De que pode valer uma garota, mesmo a que você ama, comparada à Trombeta e ao que ela representa?

— Por mim, o Tenebroso pode ficar com a Trombeta, se quiser. De que vale encontrá-la se eu abandonar Egwene nesse estado? Se eu fizesse isso, a Trombeta não poderia me salvar. O Criador não poderia me salvar. Eu estaria condenado pelas minhas próprias mãos.

Ingtar o encarou com uma expressão indecifrável.

— Você está sendo sincero, não é?

— Alguma coisa está acontecendo lá fora — avisou Hurin, com urgência. — Um homem acaba de chegar correndo, e estão num alvoroço só, como peixes em um balde. Esperem. O oficial está vindo aqui para dentro!

— Vão! — bradou Ingtar. Ele tentou pegar a Trombeta, mas Mat já estava correndo. Rand hesitou, mas Ingtar agarrou seu braço e o puxou para o corredor. Os outros seguiram em ila atrás de Mat. Perrin dirigiu apenas um olhar sofrido para Rand, antes de ir. — Você não vai conseguir salvar a garota se ficar aqui e morrer!

Rand correu com eles. Parte dele se odiava por fugir, mas outra parte sussurrava: *Eu vou voltar. Vou dar um jeito de libertá-la*.

Quando chegaram ao fim da escada estreita e curva, ele pôde ouvir a voz profunda de um homem se erguer na parte da frente da casa, exigindo, com irritação, que alguém se levantasse e falasse. Uma serviçal vestida com uma túnica quase transparente se ajoelhava ao pé

da escada. Uma mulher grisalha, toda coberta de lã branca e com um longo avental, fazia o mesmo à porta da cozinha. Ambas estavam exatamente como Mat descrevera, com o rosto no chão e os braços ao redor da cabeça, e não moveram sequer um dedo quando Rand e os outros passaram. Ele ficou aliviado ao notar que ainda respiravam.

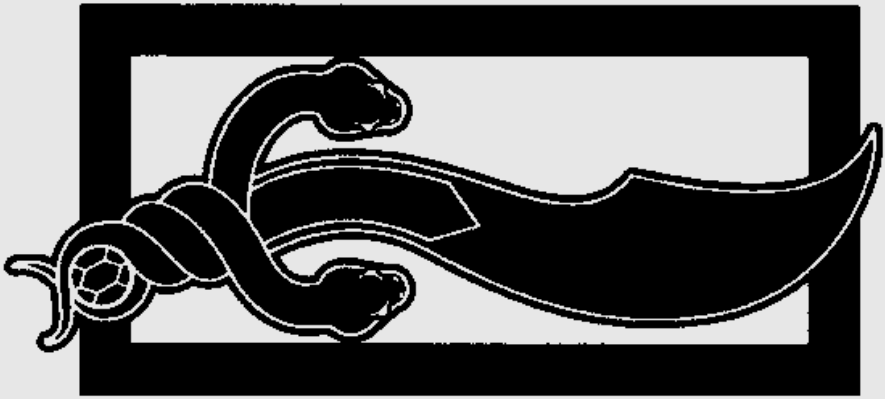
Atravessaram o jardim em uma corrida desabalada, escalando o muro dos fundos mais do que depressa. Ingtar xingou quando Mat jogou a Trombeta de Valere à frente, e tentou pegá-la outra vez ao aterrissar do outro lado, mas o rapaz a apanhou com um rápido:

— Não está nem arranhada. — E disparou pela viela.

Mais gritos vinham da casa da qual haviam acabado de sair. Ouviu-se o berro de uma mulher e alguém começou a soar um gongo.

Voltarei para buscá-la. Vou dar um jeito. Rand correu atrás dos outros o mais rápido que pôde.

46



Sair da Sombra

Ao se aproximarem dos prédios onde ficavam as *damane*, Nynaeve e as outras ouviram gritos distantes. A multidão começava a aumentar, e as pessoas na rua pareciam nervosas, andando com passos um pouco mais apressados. Pareciam mais cautelosos do que o normal ao olharem de relance para Nynaeve, em seu vestido com raios, e para a mulher que ela levava, presa pela corrente prateada.

Reacomodando a trouxa que trazia em seus braços, Elayne, também nervosa, olhava na direção do barulho e dos gritos. A comoção estava a uma rua dali, onde o estandarte do gavião dourado com um raio em suas garras tremulava ao vento.

— O que está acontecendo?

— Nada que tenha a ver conosco — respondeu Nynaeve, firme.

— É o que você espera — comentou Min. — E eu também. — Ela apressou o passo, subindo a escada antes das outras, e desapareceu dentro da alta casa de pedra.

Nynaeve encurtou a corrente.

— Lembre-se, Setah, você quer que tudo corra bem tanto quanto a gente.

— Sim, sim — respondeu a Seanchan, com fervor. — Não causarei nenhum problema para vocês, eu juro.

Enquanto subiam os degraus de pedra cinza, uma *sul'dam* e uma *damane* surgiram no topo da escada, descendo-a. Após olhar de relance para se certi ficar de que a mulher na coleira não era Egwene, Nynaeve não prestou mais atenção a elas. Usava o *a'dam* para manter Setah bem junto a si, de modo que, caso a *damane* percebesse a habilidade de canalizar em uma delas, pensaria que tratava-se de Setah. Contudo, ainda sentiu o suor escorrendo pelas costas, até

perceber que as duas não lhe deram mais atenção do que dera a elas. Tudo que viam foi um vestido com raios e outro cinza, e a corrente prateada de um *a'dam* que unia as duas mulheres. Eram apenas mais uma Senhora do Colar com sua Encolarada, seguidas por uma garota local que corria com um embrulho pertencente à *sul'dam*.

Nynaeve empurrou a porta, e elas entraram.

Qualquer que fosse o alvoroço ao redor do estandarte de Turak, a confusão não chegara até ali. Pelo menos, ainda não. Apenas mulheres se deslocavam de um lado a outro no salão de entrada, e todas podiam ser identificadas com facilidade pelas vestimentas. Três *damane* de vestidos cinza, acompanhadas por suas *sul'dam*. Duas mulheres em vestidos de raios bifurcados estavam paradas conversando, e outras três atravessavam o salão, sozinhas. Quatro outras, vestidas como Min, com roupas simples de lã, passavam apressadas carregando bandejas.

Min estava parada, esperando do outro lado do salão, quando elas entraram. Olhou de relance para elas apenas uma vez e seguiu mais para dentro da casa. Nynaeve conduziu Setah atrás de Min, com Elayne na cola. Ninguém prestou atenção nelas, pelo que pareceu à Sabedoria, mas ela achava que o fio de suor que descia por suas costas logo se tornaria um rio. Forçou Setah a andar mais depressa, de modo que ninguém tivesse a chance de examiná-las com atenção ou, pior ainda, de fazer alguma pergunta. Com os olhos fixos nos próprios pés, a mulher precisou de tão pouco incentivo que Nynaeve achou que ela correria, se não estivesse presa por uma corrente.

Perto dos fundos da casa, Min subiu por uma estreita escada em espiral. Nynaeve empurrou Setah na frente, até o quarto andar. O teto ali era baixo, e os corredores, vazios e silenciosos, exceto pelos suaves sons de choro. O choro parecia combinar com aqueles corredores gélidos.

— Este lugar… — começou Elayne, e então sacudiu a cabeça. — Dá uma sensação…

— Sim, dá — concordou Nynaeve, em tom sombrio.

Ela olhou com ódio para Setah, que mantinha a cabeça baixa. O medo deixava a pele da Seanchan ainda mais pálida do que o normal.

Sem dizer uma palavra, Min abriu uma porta e entrou, e as outras a seguiram. O cômodo fora dividido em quartos menores com paredes rústicas de madeira, e um corredor estreito levava a uma janela. Nynaeve seguiu atrás de Min, que foi, apressada, para a última porta e entrou, abrindo-a com um empurrão.

Uma garota esbelta, vestida de cinza e com cabelos compridos estava sentada a uma pequena mesa, descansando a cabeça nos braços cruzados. Mesmo antes de ela olhar para cima, Nynaeve sabia que era Egwene. Uma corrente de metal brilhante ia da coleira prateada em seu pescoço até um bracelete pendurado em um pino na parede. Os

olhos dela se arregalaram ao vê-las, e ela balbuciou palavras soltas. Quando Elayne fechou a porta, Egwene soltou uma risadinha súbita, então pôs as mãos na boca para abafá-la. O pequeno quarto estava mais do que lotado com todas dentro.

— Sei que não estou sonhando — disse, com a voz trêmula —, porque, se estivesse, seriam Rand e Galad em garanhões altos. Ando sonhando. Achei que Rand estava aqui. Não consegui vê-lo, mas achei que… — Ela não terminou a frase.

— Se você prefere esperar por eles… — começou Min, seca.

— Ah, não! Não, vocês são todas lindas, as coisas mais lindas que já vi! De onde saíram? Como fizeram isso? Esse vestido, Nynaeve, e o *a'dam*… E quem é… — Ela soltou um guincho. — É Setah. Como…? — Sua voz endureceu tanto que Nynaeve mal a reconheceu. — Gostaria de enfiá-la em um caldeirão fervente.

A mulher mantinha os olhos bem fechados, e suas mãos agarravam a saia. Ela tremia.

— O que fizeram com você? — perguntou Elayne. — O que poderiam ter feito para você desejar cometer uma coisa dessas?

Egwene não desviou os olhos da Seanchan um momento sequer.

— Gostaria de fazer com que ela sentisse isso. Foi o que ela fez comigo, me fez sentir como se estivesse imersa até o pescoço em… — Ela estremeceu. — Você não sabe como é usar uma dessas, Elayne. Não sabe o que elas podem fazer com você. Não consigo decidir quem é pior, Setah ou Renna, mas todas são horríveis.

— Acho que eu sei — respondeu Nynaeve, em voz baixa.

Ela conseguia sentir o suor encharcando a pele de Setah, os tremores frios em seus braços. A Seanchan loura estava aterrorizada. A Sabedoria quase não conseguiu se impedir de fazer com que os terrores da mulher se concretizassem ali mesmo.

— Você consegue tirar isso de mim? — perguntou Egwene, tocando o colar. — Deve conseguir, se colocou esse ne…

Nynaeve canalizou, apenas um filete. A coleira no pescoço de Egwene lhe dava raiva suficiente. Mesmo se não desse, o medo de Setah, saber como aquele sentimento era merecido e a consciência do que ela própria queria fazer com aquela mulher teriam bastado. A coleira se abriu e caiu da garganta de Egwene. Com uma expressão de extrema felicidade, a jovem tocou o pescoço livre.

— Coloque o meu vestido e meu casaco — mandou Nynaeve. Elayne já desembrulhava as roupas na cama. — Sairemos daqui andando e ninguém vai notar você. Ela considerou manter o contato com *saidar*. Decerto estava com raiva suficiente, e a sensação era tão maravilhosa… Relutante, ela abandonou a Fonte. Aquele era o único lugar em Falme onde não havia chance de que uma *sul'dam* e uma *damane* fossem investigar, caso sentissem alguém canalizando. Mas

com certeza o fariam caso uma *damane* visse uma mulher que julgava ser *sul'dam* envolta no brilho da canalização. — Não sei por que você ainda está aqui. Sozinha, mesmo que não conseguisse descobrir como tirar essa coisa, poderia ter simplesmente agarrado tudo e saído correndo.

Enquanto Min e Elayne a ajudavam a trocar de roupa depressa, Egwene explicou o que aconteceria se tirasse o bracelete do lugar onde a *sul'dam* o colocara, e como canalizar a fazia passar mal, a menos que o bracelete estivesse sendo usado. Naquela manhã, descobrira como a coleira podia ser aberta sem o Poder… E, em seguida, que tocar o fecho com a intenção de fazê-lo causava contrações na mão, inutilizando-a. Podia tocá-lo quantas vezes quisesse, desde que não pensasse em abrir o fecho. Com a menor vontade, porém…

Nynaeve se sentiu mal. O bracelete em seu pulso lhe dava náuseas. Era horrível demais. Ela queria aquilo longe de seu pulso antes de descobrir mais coisas sobre o *a'dam*, antes aprender algo que a faria se sentir suja para sempre por tê-lo usado.

Abrindo o bracelete prateado, ela o tirou, fechou e pendurou em um dos pinos.

— Não pense que isso signi ica que você pode gritar por ajuda agora — advertiu, brandindo o punho sob o nariz de Setah. — Eu ainda posso fazê-la desejar nunca ter nascido, se você abrir a boca. E não preciso dessa… dessa coisa maldita.

— Você… você não pode me deixar aqui com isso — pediu Setah, em um sussurro. — Não pode! Me amarre. Me amordace para que eu não possa dar o alarme. Por favor!

Egwene soltou uma risada amarga.

— Deixe nela. Ela não vai pedir ajuda, mesmo sem mordaça. É melhor torcer para que quem a encontrar remova o *a'dam* e guarde seu segredinho, Setah. Esse segredinho sujo, não é mesmo?

— Do que está falando? — perguntou Elayne.

— Pensei muito sobre isso — respondeu Egwene. — Pensar era tudo o que eu podia fazer quando elas me deixavam sozinha aqui em cima. As *sul'dam* a firmam que desenvolvem uma afinidade depois de alguns anos. A maioria consegue dizer se uma mulher está canalizando, não importa se estiver usando o colar ou não. Eu não tinha certeza, mas Setah é a prova.

— Prova de quê? — indagou Elayne. Então seus olhos se arregalaram de repente, ao se dar conta, mas Egwene prosseguiu.

— Nynaeve, os *a'dam* funcionam apenas em mulheres capazes de canalizar. Você vê? As *sul'dam* podem canalizar tanto quanto as *damane*. — Setah grunhiu entre dentes, sacudindo a cabeça com violência, em negação. — Uma *sul'dam* morreria antes de admitir ser

capaz de canalizar, mesmo que soubesse que pode, e elas nunca treinam a habilidade. Então não conseguem fazer nada com o poder, mas podem canalizar.

— Eu disse a você — lembrou Min — que a coleira não deveria ter funcionado nela. — A jovem abotoava as últimas casas na base das costas de Egwene. — Qualquer mulher incapaz de canalizar poderia arrebentá-la enquanto você tentasse controlá-la.

— Como isso acontece? — perguntou Nynaeve. — Achei que os Seanchan encolaravam todas as mulheres capazes de canalizar.

— Todas que conseguem encontrar — retrucou Egwene. — Mas essas são como você, eu, e Elayne. Nascemos com essa capacidade. Não importa se nos ensinariam ou não. Mas e as meninas Seanchan que não nascem com a habilidade, mas que poderiam aprender? Não é qualquer mulher que pode se tornar uma… uma Senhora do Colar. Renna achou que estava sendo legal ao me contar isso. Parece que há uma festa nas aldeias, quando as *sul'dam* chegam para testar as meninas. Elas vão em busca de qualquer uma como você ou eu para encolarar, mas deixam todas as outras meninas colocarem o bracelete para ver se conseguem sentir o que a pobre mulher com a coleira sente. Todas que conseguem são levadas para o treinamento de *sul'dam*. São as mulheres que poderiam ser ensinadas.

Setah gemia entre sussurros, repetindo:

— Não. Não. Não…

— Eu sei que ela é horrível — começou Elayne —, mas sinto como se devesse ajudá-la, de algum jeito. Ela podia ser uma de nossas irmãs, mas os Seanchan distorceram tudo.

Nynaeve abriu a boca para dizer que era melhor se preocuparem em ajudar a si mesmas, então a porta se abriu.

— O que está acontecendo aqui? — indagou Renna, entrando no quarto. — Uma audiência? — Ela olhou para Nynaeve com as mãos na cintura. — Não dei permissão para que mais ninguém usasse o bracelete da minha Tuli. Nem sei quem você… — O olhar dela recaiu em Egwene. Ela usava o vestido de Nynaeve, em vez do cinza das *damane*. Estava sem coleira no pescoço… Seus olhos se arregalaram. Ela sequer teve a chance de gritar.

Antes que qualquer outra pessoa pudesse se mover, Egwene pegou o jarro do lavatório e golpeou a boca do estômago de Renna. Estilhaços voaram quando o jarro se partiu, e a *sul'dam* perdeu o fôlego com um gorgolejo, curvando-se para a frente. Enquanto Renna caía, Egwene saltou sobre ela com um rosnado, deixando-a estendida no chão. Então pegou a coleira que usara, ainda no chão, e prendeu no pescoço da mulher. Depois, dando um puxão na corrente, alcançou o bracelete e o pôs no pulso. Com os dentes à mostra e os olhos fixos no rosto de Renna, ela começou a se concentrar. Ajoelhando-se sobre

os ombros da *sul'dam*, tapou a boca da mulher com ambas as mãos. O corpo de Renna deu um enorme solavanco, seus olhos se arregalaram. Sons roucos saíam de sua garganta, gritos contidos pelas mãos de Egwene. Seus calcanhares batiam no chão.

— Pare com isso, Egwene! — Nynaeve agarrou os ombros da jovem, arrancando-a de cima da mulher. — Egwene, pare com isso! Não é isso que você quer! — Renna jazia, mortalmente pálida, suando, com os olhos irrequietos vidrados no teto.

De repente, Egwene se atirou sobre Nynaeve, soluçando, descontrolada, em seu peito.

— Ela me machucou, Nynaeve. Me machucou. Todas elas. Me fizeram sentir dor, e mais dor, até que eu fizesse o que queriam. Odeio todas. Odeio elas por me fazerem sentir dor, odeio elas por não conseguir impedir que me obrigassem a fazer o que queriam.

— Eu sei — respondeu Nynaeve, em tom gentil. Ela afagou o cabelo de Egwene. — Não tem nada de errado em odiá-las. Não mesmo. Elas merecem. Mas não é certo deixar que façam você se tornar uma delas.

Setah cobria o rosto com as mãos. Renna tocava a coleira no próprio pescoço, incrédula e trêmula.

Egwene se empertigou, secando as lágrimas, depressa.

— Não sou. Não sou como elas. — Ela quase arrancou o bracelete do pulso e o jogou no chão. — Eu não sou assim. Mas gostaria de poder matá-las.

— Elas merecem. — Min encarava as duas *sul'dam* com uma expressão sombria.

— Rand mataria alguém que fizesse uma coisa dessas — concordou Elayne. Parecia estar se forçando a ficar insensível. — Tenho certeza.

— Talvez elas mereçam — a firmou Nynaeve —, e talvez ele matasse. Mas os homens muitas vezes confundem a vingança e a matança com justiça. Não costumam ter estômago para a justiça. — Ela se sentara muitas vezes em julgamentos, com o Círculo das Mulheres. Às vezes, os homens as procuravam, pensando que as mulheres talvez lhes dessem mais ouvidos do que os homens do Conselho da Aldeia. Mas eles sempre achavam que podiam influenciar a decisão com eloquência ou pedidos de misericórdia. O Círculo das Mulheres era misericordioso quando mereciam, mas sempre fazia justiça, e era a Sabedoria quem anunciava o veredito. Ela pegou o bracelete que Egwene jogara no chão e o fechou. — Eu libertaria todas as mulheres aqui, se pudesse, e destruiria cada um desses. Mas, já que não posso… — Ela o colocou no mesmo pino em que estava o outro e se dirigiu às *sul'dam. Não são mais Senhoras do Colar* , disse a si mesma. — Talvez, se permanecerem bem quietas, vocês consigam

ficar sozinhas por tempo suficiente para tirar as coleiras. Há de ser o que a Roda tecer, e pode ser que vocês tenham feito bem o suficiente para equilibrar o mal que causaram. O suficiente para que lhes seja permitido tirá-las. Caso contrário, mais cedo ou mais tarde serão encontradas. E acho que quem as encontrar fará muitas perguntas, antes de tirar as coleiras. Talvez vocês aprendam em primeira mão como é a vida que deram a outras mulheres. — Ela hesitou e acrescentou, dirigindo-se às outras: — Isso se chama justiça.

Renna estava com uma expressão de horror, o olhar fixo. Os ombros de Setah sacudiam enquanto ela chorava, apoiada nas mãos. Nynaeve endureceu o coração. *Isso é justiça*, disse a si mesma. *É*. Então empurrou as outras para fora do quarto.

Ninguém prestou mais atenção enquanto elas saíram do que quando entraram. Nynaeve supôs que aquilo era graças ao vestido de *sul'dam*, mas mal conseguia esperar para vestir outra coisa. Qualquer coisa. O trapo mais sujo seria mais limpo do que aquela roupa.

As garotas permaneceram em silêncio, andando logo atrás dela, até alcançarem a rua de pedras. Nynaeve não sabia se faziam aquilo em resposta aos seus atos ou por medo de que alguém as parasse. Sua expressão era de extremo mau humor. Será que todas se sentiriam melhor se ela tivesse deixado chegarem ao ponto de cortar as gargantas das outras mulheres?

— Cavalos — disse Egwene. — Precisaremos de cavalos. Sei qual é o estábulo para onde levaram Bela, mas acho que não conseguiremos chegar até lá.

— Precisamos deixar Bela aqui — informou Nynaeve. — Vamos embora de navio.

— Onde estão todos? — perguntou Min.

De repente, Nynaeve se deu conta de que a rua estava vazia.

A multidão se fora sem deixar vestígios. Todas as lojas e janelas estavam bem fechadas. Subindo a ladeira, vindo do porto, havia uma formação de soldados Seanchan. Cem ou mais, em fileiras organizadas, com um oficial à frente, vestindo armaduras pintadas. Ainda estavam a meia rua de distância, mas marchavam a um passo soturno e implacável. Nynaeve sentiu que parecia que cada olhar estava fixo nela. *Isso é ridículo. Não consigo ver os olhos dentro daqueles elmos, e, se alguém tivesse dado um alarme, estariam atrás de nós*. Ela parou mesmo assim.

— Tem mais atrás de nós — murmurou Min. Nynaeve já conseguia ouvir as botas. — Não sei qual deles chega aqui primeiro.

A Sabedoria respirou fundo.

— Eles não têm nada a ver conosco. — Ela olhou para além dos soldados que se aproximavam, para o porto, cheio daqueles navios altos, que pareciam caixotes. Não conseguia ver o *Espuma*. Rezava

para que ele ainda estivesse lá, e a postos. — Vamos passar direto. — *Luz, espero que a gente consiga*.

— E se eles quiserem que você se junte a eles, Nynaeve? — perguntou Elayne. — Você está usando esse vestido. Se começarem a fazer perguntas…

— Não vou voltar — interrompeu Egwene, sombria. — Pre iro morrer. Me deixem mostrar o que me ensinaram. — Aos olhos de Nynaeve, uma nuvem dourada envolveu a menina, de repente.

— Não! — exclamou, mas era tarde demais.

Com o rugido de um trovão, o chão sob as primeiras fileiras dos Seanchan entrou em erupção. Terra, pedras e homens de armadura voaram como o jorro de um chafariz. Ainda brilhando, a jovem se virou para o outro lado da rua, e o rugido se repetiu. Choveu terra sobre elas. Soldados Seanchan, aos gritos, se dispersaram ainda em formação, abrigando-se em vielas e atrás de obstáculos. Em instantes, não havia mais nenhum à vista, exceto os que jaziam em torno das duas crateras que des figuravam a rua. Alguns se mexiam, fracos, e gemidos ecoavam pela rua.

Nynaeve ergueu as mãos em frustração, tentando olhar para os dois lados ao mesmo tempo.

— Sua idiota! Estamos tentando *não* chamar atenção! — Não havia esperança de isso acontecer, àquela altura. Torcia apenas para que conseguissem contornar os soldados e seguir até o porto pelas vielas. *As* damane *também já devem estar sabendo. Não poderiam ter deixado de notar*.

— Não vou voltar para o colar! — gritou Egwene, feroz. — Não vou!

— Cuidado! — gritou Min.

Com um guincho estridente, uma bola de fogo do tamanho de um cavalo descreveu um arco acima dos telhados e começou a cair. Bem em cima delas.

— Corram! — berrou Nynaeve, e se atirou, mergulhando rumo à viela mais próxima, entre duas lojas fechadas.

Com um gemido, ela caiu de barriga, aterrissando de qualquer jeito. Perdeu o fôlego quando a bola de fogo chegou. Um vento quente soprou pela passagem estreita. Engolindo em seco, ela rolou, parando de barriga para cima, e olhou para a rua.

As pedras do calçamento estavam lascadas, rachadas e enegrecidas em um raio de dez passos de onde estiveram. Elayne estava agachada em outra viela, do outro lado da rua. Não havia sinal de Min ou Egwene. Nynaeve levou a mão à boca, horrorizada.

Elayne pareceu entender o que ela estava pensando. A Filha-herdeira sacudiu a cabeça com força e apontou para a rua, mais à frente. Elas tinham ido naquela direção.

Nynaeve soltou um suspiro de alívio que no mesmo instante se transformou em um rosnado. *Garota idiota! Podíamos ter passado direto por eles!* Mas não havia tempo para recriminações. Ela correu para a esquina e olhou por trás do prédio com cautela.

Uma bola de fogo do tamanho de uma cabeça lampejou pela rua em sua direção. Nynaeve pulou para trás logo antes de o projétil explodir contra a esquina, passando onde sua cabeça estivera e cobrindo-a de lascas de pedra.

A raiva a deixou em contato com o Poder Único antes mesmo que ela se desse conta. Raios caíram do céu, atingindo algum ponto mais acima na ladeira, perto de onde viera a bola de fogo. Outro relâmpago cruzou o céu, e ela correu para longe da rua. Atrás de si, um raio atingiu a entrada da viela.

Se Domon não estiver esperando com aquele navio, eu… Luz, que a gente consiga chegar lá a salvo.

Bayle Domon se levantou de um salto quando os raios cruzaram o céu cinza-chumbo, caindo em algum lugar da cidade. Então os viu outra vez. *Nem tem nuvem no céu pra isso!*

Algo produziu um estrondo na parte alta da cidade, e uma bola de fogo atingiu um telhado ao lado das docas, arremessando lajotas estilhaçadas para todos os lados. Um pouco antes, o porto estivera vazio, exceto por uns poucos Seanchan. Mas, no momento, eles corriam desesperados, sacando espadas e gritando. Um homem saiu de um dos armazéns com um *grolm* ao lado, correndo para acompanhar os longos saltos da fera enquanto os dois subiam uma das ladeiras e sumiam.

Um dos tripulantes de Domon pulou, pegou um machado e o ergueu sobre um dos cabos de amarração.

Com dois passos largos, Domon agarrou o machado no alto com uma das mãos e a garganta do homem com a outra.

— O *Espuma* vai ficar até *eu* dizer que pode zarpar, Aedwin Cole!

— Eles estão enlouquecendo, capitão! — berrou Yarin. Uma explosão ecoou pelo porto com um estrondo, fazendo as gaivotas voarem em círculos, grasnando. Raios lampejaram outra vez, caindo sobre Falme. — As *damane* vão matar todo mundo! Vamos fugir enquanto estão ocupadas matando umas às outras. Eles não vão nem notar até a gente ter ido embora!

— Eu dei minha palavra — retrucou Domon. Ele arrancou o machado da mão de Cole e o jogou no convés com um estrépito. — Eu dei mesmo minha palavra. — *Corra, mulher*, pensou, *Aes Sedai ou o que quer que seja. Corra!*

Geofram Bornhald observou os raios caindo sobre Falme sem se

preocupar. Alguma criatura alada enorme, sem dúvida um dos monstros dos Seanchan, voava pelo céu em desespero, tentando desviar. Se houvesse uma tempestade, seria tão ruim para os Seanchan quanto para ele. Colinas quase sem árvores, algumas com arvoredos esparsos no topo, ainda o impediam de ver a cidade. E também impediam a cidade de vê-lo.

Seus mil homens se dispunham, alinhados, dos dois lados, uma longa fileira montada avançando pelos vales entre as colinas. O vento frio soprava os mantos brancos e fazia o estandarte ao lado de Bornhald tremular. Ele exibia o sol dourado com raios ondulantes dos Filhos da Luz.

— Vá agora, Byar — ordenou. O homem de rosto cadavérico hesitou, e Bornhald repetiu, com a voz severa: — Eu disse vá, Filho Byar!

O homem levou uma das mãos ao coração e se curvou.

— Às suas ordens, meu senhor Capitão. — Ele deu a volta com o cavalo e se afastou. Cada parte de seu corpo mostrava relutância.

Bornhald tirou Byar da cabeça. Fizera o que estava a seu alcance. Então ergueu a voz.

— Legião, marchar!

Com um ranger de selas, a longa linha de homens em mantos brancos avançou lentamente em direção à Falme.

Da esquina, Rand espiou os soldados Seanchan que se aproximavam e voltou para a viela estreita entre os dois estábulos com uma expressão preocupada. Logo chegariam onde estavam. Havia sangue coagulado em seu rosto. Os cortes que Turak abrira ardiam, mas não havia nada a fazer naquele momento. Raios lampejaram no céu outra vez. Ele pôde sentir sob seus pés o estrondo que fizeram ao cair. *Em nome da Luz, o que está acontecendo?*

— Estão perto? — perguntou Ingtar. — A Trombeta de Valere precisa ser salva, Rand.

Apesar dos Seanchan, apesar dos raios e das estranhas explosões no meio da cidade, o homem parecia mais preocupado com os próprios pensamentos. Mat, Perrin e Hurin estavam mais à frente, na outra extremidade da viela, observando outra patrulha Seanchan. Estavam muito perto de onde haviam deixado os cavalos. Bastava chegarem lá.

— Ela está em apuros — murmurou Rand.

Egwene. Estava com uma sensação estranha, como se partes de sua vida estivessem em perigo. Egwene era um pedaço, um fio no cordão que compunha sua vida. Mas havia outras, e ele conseguia senti-las ameaçadas. Lá embaixo, em Falme. E, se qualquer um daqueles fios fosse cortado, sua vida jamais seria completa, jamais seria do jeito que deveria ser. Ele não compreendia, mas tinha certeza

disso.

— Um homem pode conter outros cinquenta aqui — comentou Ingtar. Os dois estábulos eram muito próximos, mal havia espaço para ele e Rand ficarem lado a lado. — Um homem contra cinquenta, em uma passagem estreita. Não é um jeito ruim de morrer. Já fizeram canções por menos.

— Não será necessário — retrucou Rand. — Ou assim espero. — Ouviu um telhado explodir na cidade. *E agora, como é que vou voltar para lá? Preciso encontrá-la. Ou seria encontrá-las?* Sacudindo a cabeça, ele olhou da esquina mais uma vez. Os Seanchan estavam cada vez mais perto, e continuavam avançando.

— Eu nunca nem pensei no que ele ia fazer — comentou Ingtar, em voz baixa, como se falasse sozinho. Ele sacara a espada e testava a lâmina com o polegar. — Um homenzinho pálido, parecia que não dava para notá-lo mesmo quando se estava olhando diretamente para ele. "Leve-o para dentro de Fal Dara", foi o que me disseram. "Deixe-o entrar na fortaleza." Eu não queria, mas precisei obedecer. Você me entende? Foi preciso. Não sabia o que ele ia fazer até ele atirar aquela flecha. Ainda não sei se o alvo era a Amyrlin ou você.

Rand sentiu um calafrio. Virou-se para encarar Ingtar.

— Do que você está falando? — sussurrou.

Analisando a lâmina, o shienarano não pareceu ouvir.

— A humanidade está sucumbindo em todos os lados. Nações caem e desaparecem. Os Amigos das Trevas estão por toda parte, e nenhum desses sulistas parece se importar. Lutamos para defender as Terras da Fronteira, para mantê-los a salvo em suas casas. Mas, a cada ano, apesar de tudo que conseguimos fazer, a Praga avança. E esses sulistas acham que Trollocs são lendas, que os Myrddraal são histórias de menestrel. — Ele franziu a testa e sacudiu a cabeça. — Parecia ser o único jeito. Seríamos destruídos por nada, defendendo gente que sequer sabe, que sequer se importa. Parecia lógico. Por que sermos destruídos por eles quando podemos criar nossa própria paz? Achei que era melhor a Sombra do que o esquecimento inútil, como Caralain, Hardan ou… Parecia tão lógico…

Rand segurou Ingtar pelo colarinho.

— Você não está falando coisa com coisa. — *Ele não pode estar falando o que eu penso que está. Não pode*. — Fale sem rodeios, diga o que quer dizer. Você está se comportando como um louco!

Pela primeira vez, Ingtar olhou para Rand. Seus olhos brilhavam com lágrimas que não caíam.

— Você é um homem melhor do que eu. Pastor ou lorde, ainda é um homem melhor. A profecia diz "Que aquele que me soar não pense na glória, apenas na salvação". Era na minha salvação que eu estava pensando. Eu tocaria a Trombeta e lideraria os heróis das Eras contra

Shayol Ghul. Com certeza isso seria o suficiente para me salvar. Nenhum homem pode andar na Sombra por tanto tempo que não possa voltar para a Luz. É o que dizem. Com certeza seria suficiente para lavar o que fui e o que fiz.

— Ó, Luz! Ingtar! — Rand o soltou e se jogou na parede do estábulo. — Eu acho… Eu acho que basta querer. Acho que tudo o que você precisa fazer é deixar de ser… um deles.

Ingtar estremeceu, como se Rand tivesse dito "Amigo das Trevas" em voz alta.

— Rand, quando Verin nos trouxe até aqui com a Pedra-portal, eu… eu vivi outras vidas. Às vezes eu carregava a Trombeta, mas nunca a tocava. Eu tentava escapar do que tinha me tornado, mas nunca conseguia. Sempre havia mais alguma exigência, e sempre pior do que a anterior, até que eu estivesse… Você estava pronto para desistir dela apenas para salvar uma amiga. Não pense na glória. Ó, Luz, me ajude…

Rand não sabia o que dizer. Era como se Egwene contasse que assassinara algumas crianças. Horrível demais para acreditar. Horrível demais para que qualquer pessoa admitisse, a menos que fosse verdade. Horrível demais.

Depois de um tempo, Ingtar voltou a falar, com a voz firme:

— Precisa haver um preço, Rand. Sempre há um preço. Talvez eu possa pagá-lo aqui.

— Ingtar, eu…

— Todo homem tem o direito, Rand, de escolher quando Embainhar a Espada. Até mesmo alguém como eu.

Antes que Rand conseguisse dizer qualquer coisa, Hurin veio correndo pela viela.

— A patrulha virou — declarou, apressado — e desceu para a cidade. Parece que estão se agrupando lá. Mat e Perrin seguiram na frente. — Ele olhou depressa para a rua e recuou. — É melhor fazermos o mesmo, Lorde Ingtar, Lorde Rand. Aqueles Seanchan com cabeça de inseto estão quase aqui.

— Vá, Rand — disse Ingtar. Ele se virou para encarar a rua e não olhar outra vez para Rand ou Hurin. — Leve a trombeta para onde é o lugar dela. Eu sempre soube que a Amyrlin deveria ter lhe deixado no comando. Mas tudo o que sempre quis foi que Shienar se mantivesse inteira, impedir que fôssemos varridos e esquecidos.

— Eu sei, Ingtar. — Rand respirou fundo. — Que a Luz brilhe sobre você, Lorde Ingtar da Casa Shinowa, e que você possa se abrigar na palma da mão do Criador. — Ele tocou o ombro do homem. — O último abraço da mãe lhe dá as boas-vindas ao lar. — Hurin ofegou.

— Obrigado — respondeu Ingtar, com a voz suave. Uma tensão pareceu abandoná-lo. Pela primeira vez desde a noite do ataque dos

Trollocs em Fal Dara, ele estava como quando Rand o conheceu: confiante e relaxado. Em paz.

Rand se virou e percebeu que Hurin os encarava.

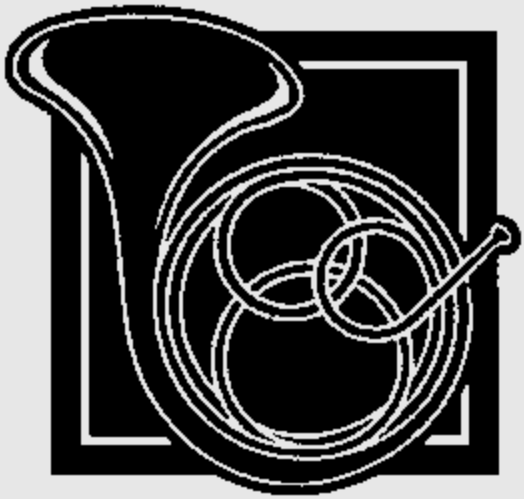
— É hora de partir.

— Mas Lorde Ingtar…

— … fará o que precisa fazer — respondeu Rand, ríspido. — Mas nós vamos.

Hurin assentiu e Rand seguiu correndo atrás dele. Já podia ouvir os passos em marcha das botas dos Seanchan. Não olhou para trás.

47



O Túmulo Não é Limite Para o Meu Chamado

Mat e Perrin já estavam montados quando Rand e Hurin chegaram. Atrás de si, bem distante, Rand ouviu Ingtar Gritar:

— Luz e Shinowa! — O choque do aço se uniu ao clamor de outras vozes.

— Onde está Ingtar? — gritou Mat. — O que está acontecendo? — Ele amarrara a Trombeta no cepilho da sela como se fosse um instrumento qualquer, mas a adaga estava em seu cinturão. O cabo com ponta de rubi estava protegido por sua mão pálida, que parecia feita apenas de ossos e tendões.

— Ele está morrendo — disse Rand, bruscamente, subindo no dorso de Vermelho.

— Então precisamos ajudar — a firmou Perrin. — Mat pode levar a Trombeta e a adaga para…

— Ele resolveu fazer isso para que a gente possa escapar — retrucou Rand. *Também foi por isso*. — Vamos levar a Trombeta para Verin, e aí vocês podem ajudar a entregá-la onde quer que ela mande.

— O que você quer dizer? — perguntou Perrin.

Rand cravou os calcanhares nos flancos do baio, e Vermelho saltou rumo às colinas além da cidade.

— Luz e Shinowa! — O brado de Ingtar o perseguiu, soando triunfante, e os raios trovejaram pelo céu em resposta.

Rand estalou as rédeas em Vermelho e se inclinou junto ao pescoço do garanhão enquanto o cavalo disparava em uma corrida

desabalada, crina e rabo tremulando ao vento. Queria não ter a sensação de que fugia dos brados de Ingtar, do que deveria fazer. *Ingtar, um Amigo das Trevas. Não me importo. Ele ainda era meu amigo*. O galope do baio não era capaz de afastar os próprios pensamentos. *A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha. Tantos deveres… Egwene. A Trombeta. Fain. Mat e a adaga. Por que não pode ser um de cada vez? Preciso cuidar de todos eles. Ah, Luz, Egwene!*

Ele puxou as rédeas tão de repente que Vermelho derrapou até parar, sentado no próprio lombo. Estavam em uma área com poucas árvores, quase sem folhas, no topo de uma das colinas com vista para Falme. Os demais subiam atrás dele a galope.

— O que você queria dizer? — exigiu Perrin. — *Nós* podemos ajudar Verin a levar a Trombeta para onde ela deve ir? E você?

— Talvez ele já esteja enlouquecendo — sugeriu Mat. — Ele não ia querer ficar conosco se estivesse ficando louco. Não é mesmo, Rand?

— Vocês três, levem a Trombeta para Verin — mandou Rand. *Egwene. Tantos fios, em tanto perigo… Tantos deveres…* — Vocês não precisam de mim.

Mat acariciou o cabo da adaga.

— Sim, mas e você? Que me queime, você não pode enlouquecer ainda. Não pode!

Hurin olhava para eles boquiaberto, sem entender metade do que ouvia.

— Vou voltar — respondeu Rand. — Eu não deveria ter saído de lá. — De alguma forma, aquilo não soava muito certo em seus ouvidos, nem parecia certo em sua mente. — Preciso voltar. Agora. — Assim estava melhor. — Egwene ainda está lá, lembrem-se. E com uma daquelas coleiras no pescoço.

— Tem certeza? — perguntou Mat. — Eu não vi… Aaaah! Se você diz que ela está lá, então ela está. Vamos levar a Trombeta para Verin, depois voltamos para buscá-la. Você não acha que eu deixaria Egwene aqui, acha?

Rand sacudiu a cabeça. *Fios. Deveres*. Ele sentia que estava prestes a explodir como fogos de artifício. *Luz, o que está acontecendo comigo?*

— Mat, Verin precisa levar você e a adaga para Tar Valon, para você finalmente se livrar dessa doença. Você não tem tempo a perder.

— Salvar Egwene não é perda de tempo! — Mas a mão de Mat apertara a adaga com força, até tremer.

— Nenhum de nós vai voltar — declarou Perrin. — Ainda não. Olhem. — Ele apontou para Falme.

Os pátios dos carroções e os cercados de cavalos já estavam pretos, tomados por soldados Seanchan, que se estendiam fileira após fileira, aos milhares. Homens montados em feras escamosas ao lado de

cavaleiros em armaduras, pontuados por estandartes coloridos que indicavam os oficiais. *Grolm* faziam parte das fileiras, junto com outras criaturas estranhas, quase uma mistura de aves e lagartos monstruosos, e gigantescas feras que não lembravam qualquer coisa possível de descrever, com pele cinza e enrugada e presas enormes. Em intervalos ao longo das fileiras, estavam posicionadas dezenas de *sul'dam* e *damane*. Rand se perguntou se Egwene era uma delas. Na cidade atrás dos soldados, um telhado explodia de vez em quando e raios ainda riscavam o céu. Duas bestas voadoras, com asas de couro com vinte braças de envergadura, pairavam no alto, mantendo-se longe da dança de raios brilhantes.

— Tudo isso por nossa causa?! — perguntou Mat, incrédulo. — Quem eles acham que a gente é?

Uma resposta ocorreu a Rand, mas ele a descartou antes que ela tivesse a chance de se completar.

— Também não podemos ir para o outro lado, Lorde Rand — a firmou Hurin. — Mantos-brancos. Centenas deles.

Rand virou o cavalo e olhou para onde o farejador apontava. Uma longa fileira de Mantos-brancos avançava devagar pelas colinas, indo em direção a eles.

— Lorde Rand — murmurou Hurin —, se aquele pessoal puser os olhos na Trombeta de Valere, nunca vamos conseguir chegar perto de uma Aes Sedai com ela. E nunca conseguiríamos pôr a mão nela.

— Talvez seja por isso que os Seanchan estão se reunindo — sugeriu Mat, esperançoso. — Por causa dos Mantos-brancos. Talvez não tenha nada a ver conosco.

— Não importa se tem ou não — a firmou Perrin, seco —, em alguns minutos acontecerá uma batalha aqui, neste lugar.

— E qualquer lado pode nos matar, mesmo que não veja a Trombeta. Se virem…

Rand não conseguia pensar nos Mantos-brancos ou nos Seanchan. *Eu preciso voltar. Preciso*. Percebeu que olhava fixamente para a Trombeta de Valere. Todos olhavam. A trombeta dourada, com suas voltas, pendia do cepilho da sela de Mat. Todos os olhos estavam voltados para ela.

— Ela precisa estar no lugar da última batalha — lembrou Mat, umedecendo os lábios. — Mas nada diz que ela não pode ser usada antes. — Ele puxou e soltou a amarração da Trombeta e olhou para eles, nervoso. — Nada diz que ela não pode ser usada.

Ninguém mais falou uma palavra. Rand achava que não seria capaz de falar. Os próprios pensamentos eram urgentes demais para deixar espaço para a fala. *Eu preciso voltar . Preciso voltar*. Quanto mais olhava para a Trombeta, mais urgentes os pensamentos ficavam. *Preciso. Preciso*.

Com a mão trêmula, Mat levou a Trombeta aos lábios.

Ele tocou uma nota límpida, dourada como a Trombeta. As árvores ao redor pareceram ressoar com ela, assim como o chão sob seus pés e o céu acima. Aquele longo som englobava o mundo inteiro.

Do nada, surgiu uma névoa. A princípio, eram apenas fiapos pairando no ar, então ficaram maiores, até que a terra estava coberta de nuvens.

Geofram Bornhald se endireitou na sela quando ouviu o som, tão doce que quis rir, tão triste que quis chorar. Parecia vir de todas as direções. Um nevoeiro começou a surgir, crescendo a olhos vistos.

Os Seanchan. Estão tentando alguma coisa. Sabem que estamos aqui.

Era cedo demais, e a cidade ainda estava muito longe, mas ele sacou a espada. Um retinir de bainhas percorreu a fileira de sua meia legião. Ele anunciou:

— Legião, avançar em trote!

Àquela altura, a névoa cobria tudo. Mas Bornhald sabia que Falme ainda estava lá, à frente. O som dos cavalos aumentou. Não conseguia vê-los, mas podia ouvir.

De repente, o chão à frente ergueu-se com um estrondo, lançando terra e pedras sobre ele. Da brancura cegante à direita veio outro estrondo, e homens e cavalos gritaram. E então da esquerda, e de novo, e de novo. Trovões e gritos, ocultos pelo nevoeiro.

— Legião, atacar! — Seu cavalo deu um salto à frente quando ele cravou os calcanhares em seu lombo, e ele ouviu o clamor do que restou da legião a segui-lo.

Trovões e gritos, ocultos pelo branco.

Seu último pensamento foi arrependimento. Byar não teria como contar a seu filho, Dain, de que modo o pai morrera.

Rand não conseguia mais ver as árvores ao redor. Mat baixara a Trombeta, de olhos arregalados, mas o som ainda ecoava nos ouvidos de Rand. A névoa cobria tudo com ondas de um branco como o da mais fina lã alvejada, mas Rand ainda conseguia ver. Conseguia ver, mas era loucura. Falme flutuava em algum lugar abaixo dele, preta com as fileiras dos Seanchan. Raios rasgavam as ruas. Falme pairava sobre sua cabeça. Lá, Mantos-brancos investiam e morriam quando a terra se abria em fogo sob os cascos dos cavalos. Lá, os homens corriam nos conveses de navios altos e quadrados no porto. E, em um navio, um navio familiar, homens temerosos aguardavam. Conseguiu até mesmo reconhecer o rosto do capitão. Bayle Domon. Ele levou as mãos à cabeça. As árvores estavam ocultas, mas ele conseguia ver cada um dos amigos muito bem. Hurin estava ansioso. Mat resmungava, temeroso. Perrin parecia saber que aquilo estava fadado

a acontecer. A névoa se espalhava em espiral, cobrindo tudo ao redor.

Hurin ofegou.

— Lorde Rand! — Não era necessário que ele apontasse.

Pelo redemoinho de névoa, como se ela fosse a encosta de uma montanha, avançavam silhuetas a cavalo. A princípio, o nevoeiro pesado o impedia de ver mais. Porém, aos poucos as figuras se aproximaram, e foi a vez de Rand perder o fôlego. Ele as conhecia. Homens, nem todos de armaduras, e mulheres. As roupas e armas vinham de todas as Eras, mas ele conhecia cada um deles.

Rogosh Olho-de-águia, um homem de aparência paternal, cabelos brancos e olhar tão aguçado que seu nome mal lhe fazia justiça. Gaidal Cain, um homem de pele morena, com os cabos das duas espadas despontando detrás dos ombros largos. Birgitte, dos cabelos dourados, com um arco prateado brilhante e uma aljava cheia de flechas de prata. Outros. Ele conhecia aqueles rostos, sabia os nomes. Mas ouvia cem nomes ao olhar para cada um daqueles rostos, alguns tão diferentes que ele sequer os reconhecia, embora soubesse quem eram. Michael em vez de Mikel. Patrick em vez de Paedrig. Oscar em vez de Otarin.

Ele conhecia o homem que cavalgava à frente de todos, também. Era alto e de nariz aquilino, tinha olhos escuros e carregava a montante, Justiça, ao lado do corpo. Artur Asa-de-gavião.

Mat os encarou boquiaberto quando puxaram as rédeas em frente ao grupo.

— Isso é… Esses são todos vocês? — Eram pouco mais de cem, notou Rand. Então se deu conta de que, de alguma forma, já sabia que eram eles que viriam. O queixo de Hurin permanecia caído, e os olhos quase saltavam do rosto.

— É preciso mais do que bravura para ligar um homem à Trombeta. — A voz de Artur Asa-de-gavião era profunda e ressonante, uma voz acostumada a dar ordens.

— Ou uma mulher — completou Birgitte, ríspida.

— Ou uma mulher — concordou Asa-de-gavião. — Apenas poucos são ligados à Roda, tecidos por vezes sem fim para fazer a vontade da Roda no Padrão das Eras. Você poderia contar a ele, Lews Therin, se conseguisse se lembrar de quando via a carne. — Ele olhava para Rand.

Rand sacudiu a cabeça, mas não perderia tempo discutindo.

— Invasores chegaram. Homens que se chamam Seanchan. Eles usam Aes Sedai acorrentadas na batalha. Precisam ser rechaçados de volta para o mar. E… e há uma garota. Egwene al'Vere. Uma noviça da Torre Branca. Prisioneira dos Seanchan. Precisam me ajudar a libertá-la.

Para sua surpresa, várias pessoas do pequeno grupo atrás de Artur

Asa-de-gavião riram baixinho. Birgitte riu sem nem tentar esconder, testando seu arco.

— Você sempre escolhe mulheres que lhe causam problemas, Lews Therin. — Era um comentário agradável, uma brincadeira entre velhos amigos.

— Meu nome é Rand al'Thor — disparou. — Vocês precisam se apressar. Não temos muito tempo.

— Tempo? — indagou Birgitte, sorrindo. — Temos todo o tempo. — Gaidal Cain largou as rédeas e, guiando o cavalo com os joelhos, sacou uma espada em cada mão. Por toda a pequena tropa de heróis, houve um desembainhar de espadas, empunhar de arcos, erguer de lanças e machados.

Justiça brilhava como um espelho na mão de Artur Asa-de-gavião, coberta pela manopla.

— Já lutei ao seu lado inúmeras vezes, Lews Therin, e o enfrentei outras tantas. A Roda nos tece com propósitos próprios, não com os nossos, para servir ao Padrão. Eu o conheço, mesmo que você não conheça a si mesmo. Vamos rechaçar esses invasores para ajudá-lo. — O cavalo pateou, e ele olhou em volta, franzindo a testa. — Algo está errado aqui. Alguma coisa me detém. — De repente, ele voltou seu olhar aguçado para Rand. — Você está aqui. Está com o estandarte?

Um burburinho se espalhou pelo grupo atrás dele.

— Sim. — Rand abriu as fivelas do alforje e puxou o estandarte do Dragão. Ele enchia suas mãos e caía até os joelhos de Vermelho. O burburinho entre os heróis aumentou.

— O padrão se tece em volta de nossos pescoços como cabrestos — comentou Asa-de-gavião. — Você está aqui. O estandarte está aqui. A tessitura do momento está definida. Viemos pela Trombeta, mas precisamos seguir o estandarte. E o Dragão.

Hurin produziu um som débil, como se sua garganta tivesse se fechado.

— Que me queime — disse Mat, ofegante. — É verdade. Que me queime!

Perrin hesitou apenas por um instante antes de descer do próprio cavalo e sair andando nevoeiro adentro. Houve um som de cortes e, quando ele voltou, carregava um galho reto e sem pontas.

— Me entregue isso, Rand — pediu, sério. — Se eles precisam do estandarte… Deixe ele comigo.

Mais do que depressa, Rand o ajudou a amarrar o estandarte no bastão. Quando Perrin voltou a montar, com o bastão na mão, uma corrente de ar pareceu fazer tremular o tecido branco, de modo que o Dragão em forma de serpente parecesse se mover, parecesse vivo. O vento não tocava a névoa pesada, apenas o estandarte.

— Você ica aqui — ordenou Rand, falando com Hurin. — Quando

acabar… Você ficará a salvo, aqui.

Hurin sacou a espada curta, empunhando-a como se a arma de fato pudesse ser usada a cavalo.

— Peço seu perdão, Lorde Rand, mas acho que não. Não entendo um décimo do que ouvi… — Sua voz virou um murmúrio, antes de aumentar. — … Nem do que vejo… Mas cheguei até aqui, e acho que vou até o fim.

Artur Asa-de-gavião deu um tapinha no ombro do farejador.

— Às vezes a roda aumenta nosso número, amigo. Talvez um dia você esteja entre nós. — Hurin se empertigou, como se tivessem lhe oferecido uma coroa. Asa-de-gavião se curvou para Rand com formalidade, ainda na sela. — Com sua permissão… Lorde Rand. Trombeteiro, pode tocar a música? É adequado que a Trombeta de Valere cante nossa entrada em batalha. Porta-estandarte, vamos avançar?

Mat soou a Trombeta outra vez, um toque longo e agudo, e o nevoeiro ressoou com ele. Perrin bateu os calcanhares no cavalo para avançar. Rand sacou a lâmina com a marca da garça e cavalgou entre os dois.

Não conseguia ver nada além de espessos redemoinhos brancos, mas de alguma forma ainda conseguia ver o que vira antes, também. Falme, onde alguém usava o Poder nas ruas, o porto, o exército dos Seanchan, os Mantos-brancos que morriam. Tudo abaixo, tudo pairando acima, tudo exatamente como estivera. Era como se o tempo não tivesse transcorrido desde que a Trombeta fora tocada pela primeira vez, como se o tempo tivesse parado enquanto os heróis atendiam ao chamado. Mas então voltou a correr.

O troar selvagem que Mat arrancava da Trombeta ecoava na névoa, e o som dos cascos dos cavalos que ganhavam velocidade marcava o ritmo. Rand avançou nevoeiro adentro, perguntando-se para onde iam. As nuvens ficaram mais densas, ocultando as extremidades da fileira de heróis que galopava de ambos os lados dele. Obscurecendo o campo de visão cada vez mais, até que ele só conseguia ver Mat, Perrin e Hurin. O farejador se abaixava na sela, instigando o cavalo, com os olhos arregalados. Mat soava a Trombeta e ria, nos intervalos. Perrin, com os olhos amarelos brilhando, levava o estandarte do Dragão, que se estendia atrás dele. E então eles também sumiram, e Rand seguiu sozinho, ao que parecia.

De certa forma, ainda conseguia vê-los; mas do mesmo jeito que conseguia ver Falme e os Seanchan. Não podia dizer onde estavam, nem onde ele mesmo estava. Segurou a espada mais firme e perscrutou o nevoeiro à frente. Investia sozinho pela névoa, e, de algum jeito, sabia que era assim que deveria ser.

De repente, Ba'alzamon surgiu diante dele no nevoeiro, com os

braços abertos.

Vermelho empinou com selvageria, arremessando Rand da sela. Ele se agarrou à espada enquanto caía, desesperado. Não foi uma aterrissagem di ícil. Na verdade, pensou, surpreso, que era muito semelhante a aterrissar em… nada. Em um segundo atravessava o nevoeiro, no outro, não.

Quando ficou de pé, seu cavalo sumiu. Mas Ba'alzamon ainda estava lá, avançando em sua direção com um longo bastão preto, calcinado, nas mãos. Estavam sozinhos, apenas eles e a névoa. Atrás de Ba'alzamon havia sombra. Não que o nevoeiro às suas costas fosse escuro. Aquele negrume anulava completamente a névoa branca.

Rand tinha consciência de outras coisas também. Artur Asa-de-gavião e os outros heróis enfrentavam os Seanchan em meio à névoa densa. Perrin, levando o estandarte, usava o machado mais para rechaçar os que tentavam golpeá-lo do que em ofensiva. Mat ainda tirava notas selvagens da Trombeta de Valere. Hurin, fora da sela, lutava com a espada curta e a quebra-espada, do jeito que sabia. Parecia que a superioridade numérica dos Seanchan os esmagaria. Mas eram eles, com as armaduras escuras, que recuavam.

Rand avançou ao encontro de Ba'alzamon. Relutante, buscou o vazio, a Fonte Verdadeira. Foi preenchido pelo Poder Único. Não havia outro jeito. Talvez não tivesse chance contra o Tenebroso, mas qualquer possibilidade de vencer estava no Poder. Ele se infiltrou em seus membros, pareceu banhar todo o seu eu. As roupas, a espada. Rand sentia que deveria estar brilhando como o sol. Aquilo o deixava arrepiado, o fazia querer vomitar.

— Saia do meu caminho — ordenou, áspero. — Eu não estou aqui por sua causa.

— A garota? — Ba'alzamon riu. Sua boca se transformou em chamas. As queimaduras estavam quase curadas, restando apenas algumas cicatrizes rosadas que já desapareciam. Parecia um homem bonito de meia-idade, exceto pelos olhos e boca. — Qual delas, Lews Therin? Você não terá ninguém para ajudá-lo, dessa vez. Será meu ou morrerá, e então será meu de qualquer jeito.

— Mentiroso! — rosnou Rand. Ele atacou Ba'alzamon, mas o bastão de madeira carbonizada desviou a lâmina com uma chuva de faíscas. — Pai das Mentiras!

— Idiota! Aqueles outros idiotas não lhe contaram quem você é? — As chamas do rosto de Ba'alzamon ecoaram a gargalhada.

Mesmo flutuando no vazio, Rand sentiu um calafrio. *Será que eles mentiram? Não quero ser o Dragão Renascido*. Ele segurou a espada mais firme. Tentou Cortando a Seda, mas Ba'alzamon defendeu todas as investidas. Fagulhas voaram, como se viessem da forja e do martelo de um ferreiro.

— Tenho assuntos a resolver em Falme, e nada para tratar com você. Nunca terei assuntos com você — decretou Rand. *Preciso prender a atenção dele até que consigam libertar Egwene* . Ainda daquele jeito estranho, ele conseguia ver a batalha. Ela varria os pátios de carroções e cercados de cavalos envoltos em névoa.

— Seu desgraçado, patético! Você tocou a Trombeta de Valere. Está ligado a ela, agora. Acha que aqueles vermes da Torre Branca vão libertá-lo algum dia, depois disso? Elas prenderão seu pescoço com correntes tão pesadas que você não será capaz de parti-las.

Rand ficou tão surpreso que sentiu aquilo dentro do vazio. *Ele não sabe de tudo. Ele não sabe!* Tinha certeza de que deixaria a sensação transparecer em seu rosto. Para encobrir seu deslize, atacou Ba'alzamon com ferocidade. Beija-flor Beija a Rosa-de-mel. Lua na Água. A Andorinha Plana no Ar. Raios cruzavam o espaço entre a espada e o bastão. Pontos de luz cegantes banhavam a névoa. Ainda assim, Ba'alzamon recuou, com os olhos ardendo como fornalhas.

No limiar da consciência, Rand percebeu os Seanchan recuando para as ruas de Falme, lutando em desespero. *Damane* rasgavam a terra com o Poder Único, mas aquilo era incapaz de ferir Artur Asa-de-gavião e os outros heróis da Trombeta.

— Você vai continuar sendo uma lesma embaixo de uma pedra? — rosnou Ba'alzamon. A escuridão atrás dele fervia e se agitava. — Vai se matar enquanto ficamos aqui. O Poder corre por você com fúria. Ele o queima. Isso está matando você! Apenas eu, no mundo inteiro, posso ensiná-lo a controlá-lo. Sirva-me e viva. Sirva-me ou morra!

— Nunca! — *Preciso segurá-lo por tempo suficiente. Rápido, Asa-de-gavião. Rápido!* Ele se lançou contra Ba'alzamon outra vez. A Pomba Alça Voo. A Folha que Cai.

Dessa vez, ele foi rechaçado. Vagamente, Rand viu os Seanchan abrirem caminho até os estábulos. Redobrou os esforços. O Martim-pescador Pega Um Dorso-prateado. Os Seanchan cederam a uma investida. Artur Asa-de-gavião e Perrin estavam lado a lado na vanguarda. Enrolando a Palha. Ba'alzamon deteve o golpe em um chafariz de fagulhas, explodindo como borboletas rubras, e Rand precisou saltar antes que o bastão acertasse sua cabeça. O golpe passou tão perto que agitou seus cabelos. Os Seanchan avançaram. Golpeando a Centelha. Fagulhas voaram como uma chuva de granizo. Ba'alzamon pulou para evitar o golpe e os Seanchan foram empurrados de volta para as ruas de pedra.

Rand quis uivar alto. De repente, percebeu que as batalhas estavam ligadas. Quando ele avançava, os heróis da Trombeta faziam os Seanchan recuar. Quando recuava, os Seanchan se recuperavam e avançavam.

— Eles não vão salvá-lo — explicou Ba'alzamon. — As pessoas que poderiam salvá-lo serão levadas para longe, para além do Oceano de Aryth. Se as vir de novo, elas serão escravas encolaradas. Destruirão você sob ordem de seus novos mestres.

Egwene. Eu não posso deixar que façam isso com ela.

A voz de Ba'alzamon se sobrepôs a seus pensamentos.

— Resta-lhe apenas uma salvação, Rand al'Thor. Lews Therin, o Fratricida. Eu sou sua única salvação. Sirva-me, e eu lhe darei o mundo. Resista, e o destruirei, como já fiz inúmeras vezes. Mas, desta vez, destruirei até sua alma. Vou destruí-lo completamente, para sempre.

Venci de novo, Lews Therin. O pensamento estava além do vazio, e mesmo assim foi necessário esforço para ignorá-lo, para não pensar em todas as vidas em que ouvira aquilo. Ele mudou a postura, e Ba'alzamon preparou o cajado.

Pela primeira vez, Rand se deu conta de que Ba'alzamon agia como se a lâmina com a marca da garça pudesse feri-lo. *Aço não pode ferir o Tenebroso*. Mas o inimigo olhava para a espada com preocupação. Rand era um com a lâmina. Podia sentir cada partícula dela, pedaços minúsculos mil vezes menores do que era possível enxergar com os olhos. E podia sentir o Poder que o inundava correndo também para a espada, percorrendo os desenhos intrincados forjados por Aes Sedai durante a Guerra do Poder.

Foi outra voz que ele ouviu, naquele momento. A voz de Lan. *Chegará o momento em que você desejará algo ainda mais do que a própria vida*. A voz de Ingtar. *Todo homem tem direito de escolher quando Embainhar a Espada*. Pensou em Egwene, encolarada, vivendo a vida de uma *damane. Fios da minha vida em perigo. Egwene. Se Asa-de-gavião entrar em Falme, pode salvá- la*. Antes de perceber, já assumira a primeira posição da Garça Atravessando os Juncos. Equilibrando-se em um pé só, com a espada no alto, com a guarda aberta. *A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha*.

Ba'alzamon ficou olhando para ele.

— Por que está sorrindo como um idiota, seu tolo? Não sabe que posso destruí-lo por completo?

Rand sentia uma calma além da que vinha do vazio.

— Nunca servirei a você, Pai das Mentiras. Em mil vidas, nunca servi. Sei disso. Tenho certeza. Venha. É hora de morrer.

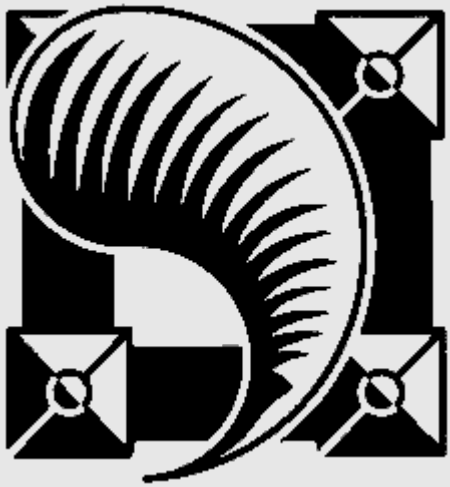
Os olhos de Ba'alzamon se arregalaram. Por um instante, viraram fornalhas que fizeram o rosto de Rand suar. O negrume atrás do Tenebroso fervia ao redor, e sua expressão endureceu.

— Então morra, verme! — Ele golpeou com o bastão, como se segurasse uma lança.

Rand gritou ao senti-lo perfurando seu flanco, queimando como

um atiçador incandescente. O vazio tremeu, mas ele o manteve com as últimas forças que tinha e cravou a lâmina com marca de garça no coração de Ba'alzamon. O Tenebroso gritou, e a escuridão atrás dele também. O mundo explodiu em fogo.

48



A Primeira Reivindicação

Min subiu a ladeira de calçamento de pedra com dificuldade, abrindo caminho à força pela multidão que permanecia pálida e vidrada. Pelo menos, era como se comportavam os que não estavam dando gritos histéricos. Alguns corriam, parecendo não ter ideia de para onde ir, mas a maioria apenas se movia como marionetes mal manipuladas, mais temerosos de sair do que de ficar. Ela procurou entre os rostos, esperando encontrar Egwene, Elayne ou Nynaeve, mas via apenas falmenos. E algo a atraía, tão certo quanto se a puxasse por uma corda.

Ela se virou uma vez para olhar para trás. Navios Seanchan queimavam no porto. Ela conseguia ver outros, em chamas, além da entrada da enseada. Muitas embarcações quadradas já pareciam pequenas contra o sol poente, seguindo para oeste tão depressa quanto as *damane* conseguiam impeli-las. Um pequeno navio se afastava do porto, inclinando-se para pegar um vento que o levaria ao longo da costa. O *Espuma*. Não culpava Bayle Domon por desistir de esperar. Não depois do que vira. Achava admirável ele ter ficado tanto tempo.

Havia uma embarcação dos Seanchan no porto que não estava em chamas, embora as torres estivessem pretas pelo fogo já apagado. Enquanto o navio alto saía para o mar, uma figura a cavalo surgiu de repente por trás dos rochedos, contornando as margens do porto. Ela cavalgava sobre as águas. Min ficou boquiaberta. A figura ergueu um arco que cintilou ao sol. Um feixe prateado voou do arco até a embarcação, descrevendo uma linha brilhante. Com um rugido que Min conseguiu ouvir mesmo àquela distância, o fogo engolfou a torre

da popa outra vez, e os marinheiros se agitaram no convés.

Min piscou e, quando voltou a olhar, a silhueta sumira. O navio seguia devagar rumo ao oceano, com a tripulação lutando contra as chamas.

Ela se forçou a recuperar o foco e continuou a subir a ladeira. Vira coisas demais naquele dia para que considerar alguém cavalgando sobre as águas apenas uma distração momentânea. *Mesmo que de fato fosse Birgitte e seu arco. E Artur Asa-de-gavião. Eu o vi. Tenho certeza*.

Em frente a um dos prédios altos de pedra, ela parou, hesitante, ignorando as pessoas em que esbarrava como se estivesse atordoada. Era ali, em algum lugar, que ela precisava estar. Correu escada acima e empurrou a porta.

Ninguém tentou detê-la. Pelo que podia dizer, não havia ninguém na casa. A maior parte de Falme estava fora, nas ruas, tentando chegar à conclusão de que todos haviam ou não enlouquecido juntos. Ela atravessou a casa, alcançou o jardim dos fundos, e lá estava ele.

Rand jazia, esparramado de barriga para cima sob um carvalho. Estava com o rosto pálido e os olhos fechados. A mão esquerda segurava firme o cabo de uma lâmina de pouco mais de um palmo cuja ponta parecia ter derretido. Seu peito subia e descia devagar, mas não com a regularidade de uma respiração normal.

Respirando fundo para se acalmar, Min foi até ele ver o que podia fazer para ajudá-lo. Primeiro precisava se livrar daquele toco de lâmina: ele podia se machucar, ou machucá-la, se começasse a se debater. Ela abriu a mão dele e estremeceu quando o cabo ficou preso na palma. Jogou a arma de lado com uma careta. A garça no cabo havia marcado sua mão. Mas era óbvio que não fora aquilo o que o deixara ali, inconsciente. *Como ele ficou assim? Nynaeve pode passar um unguento nisso, mais tarde*.

Um exame apressado mostrou que a maioria dos cortes e contusões não era recente. Ao menos, o sangue tivera tempo de coagular, e as escoriações já começavam a amarelar nas bordas. Mas havia um buraco queimado no casaco, do lado esquerdo. Ela o abriu e levantou a camisa. Então assoviou entre dentes, perdendo o fôlego. Uma ferida calcinada marcava a lateral do corpo, mas havia cauterizado sozinha. O que a abalou foi a sensação que teve ao tocar a pele de Rand. Estava gelada. Fazia o ar parecer quente.

Segurando-o pelos ombros, ela começou a arrastá-lo para a casa. Ele pendia, mole. Um peso morto.

— Seu grande palerma — resmungou. — Você bem que podia ser pequeno e leve, não podia? Precisa ter tudo isso de perna e ombro. Eu devia deixar você largado aqui.

Com dificuldade, ela subiu a escada, tomando cuidado para não

deixá-lo bater nos degraus mais do que conseguia evitar, e o puxou para dentro. Deixando-o à beira da porta, massageou a base da coluna, resmungando sozinha sobre o Padrão, e fez uma busca rápida. Nos fundos da casa havia um pequeno quarto, talvez para serviçais. Lá, encontrou uma cama com uma pilha de cobertores e toras de madeira na lareira. Em instantes, arrumou os cobertores e acendeu o fogo, assim como um lampião na mesa de cabeceira. Então voltou para buscar Rand.

Não foi tarefa fácil levá-lo até o quarto e colocá-lo na cama, mas ela conseguiu. Ficou apenas um pouco ofegante pelo esforço, mas logo o cobriu. Depois de um instante, colocou uma das mãos sob os cobertores. Então fez uma careta e balançou a cabeça. Os lençóis estavam gelados: ele não tinha calor corporal para os cobertores conservarem. Com um suspiro exausto, entrou debaixo das cobertas e deitou ao lado dele. Por fim, aninhou a cabeça de Rand em seu braço. Os olhos dele ainda estavam fechados, e a respiração, entrecortada, mas ela estava com medo de que ele morresse enquanto saía para buscar Nynaeve. *Ele precisa de uma Aes Sedai*, pensou. *Tudo que posso fazer é tentar lhe dar um pouco de calor*.

Analisou o rosto do rapaz por um tempo. Via apenas o rosto: nunca conseguia ler alguém inconsciente.

— Eu gosto de homens mais velhos — disse. — Homens de educação e perspicácia. Não tenho interesse em fazendas, ovelhas ou pastores. E muito menos em garotos pastores. — Com um suspiro, ela alisou o cabelo dele, tirando-o do rosto. Rand tinha cabelos sedosos. — Mas até aí você não é um pastor, não é mesmo? Não mais. Luz, por que o Padrão precisava me envolver com você? Por que eu não podia ter uma vida segura e simples, como naufragar sem comida em companhia de uma dúzia de Aiel famintos?

Ouviu um som no corredor, e levantou a cabeça assim que a porta abriu. Egwene estava ali, encarando-os à luz do fogo e do lampião.

— Ah… — Foi tudo o que disse.

As bochechas de Min ruborizaram. *Por que estou agindo como se tivesse feito algo errado? Idiota!*

— Eu… Eu só estou mantendo ele quente. Rand está inconsciente. E frio como gelo.

Egwene não avançou para dentro do quarto.

— Eu… Eu senti ele me puxando. Precisando de mim. Elayne também sentiu. Pensei que devia ter algo a ver com… com o que ele é, mas Nynaeve não sentiu nada. — Ela respirou fundo, soltando um suspiro trêmulo. — Elayne e Nynaeve estão pegando os cavalos. Encontramos Bela. Os Seanchan deixaram a maior parte dos cavalos para trás. Nynaeve disse que precisamos partir assim que der, e… e… Min, agora você sabe o que ele é, não sabe?

— Sei. — Min queria tirar o braço de debaixo da cabeça de Rand, mas não conseguia se forçar a movê-lo. — Pelo menos, acho que sei. Mas não importa o que ele é, está ferido. Não posso fazer nada além de mantê-lo aquecido. Talvez Nynaeve consiga.

— Min, você sabe… Sabe que ele não pode se casar. Ele não é… seguro… para nenhuma de nós, Min.

— Fale por você — respondeu a garota. Ela puxou o rosto de Rand para junto do peito. — É como Elayne disse. Você o trocou pela Torre Branca. Por que se importaria se eu ficasse com ele?

Egwene a encarou pelo que pareceu um longo tempo. Não olhava para Rand, de forma alguma, apenas para ela. Min sentiu o rosto aquecer e quis desviar o olhar, mas não conseguiu.

— Vou buscar Nynaeve — disse Egwene, por fim, e saiu do quarto de cabeça erguida.

Min quis chamá-la, ir atrás dela, mas permaneceu ali, como se estivesse congelada. *É o que deve ser. Eu sei. Li isso em todos eles. Luz, não quero ser parte disso*.

— É tudo culpa sua — disse ao corpo inerte de Rand. — Não, não é. Mas você vai pagar por isso, eu acho. Estamos todos presos como moscas em uma teia de aranha. E se eu dissesse a ela que ainda há uma mulher por vir, alguém que ela não conhece? Por sinal, o que você pensaria disso, meu belo Lorde Pastor? Você não é nada feio, mas… Luz, eu nem sei se sou quem você vai escolher. Não sei se quero que me escolha. Ou vai tentar deixar nós três a seus pés? Pode não ser culpa sua, Rand al'Thor, mas não é justo.

— Rand al'Thor, não — corrigiu uma voz melodiosa à porta. — Lews Therin Telamon. O Dragão Renascido.

Min olhou, estupefata. Era a mulher mais linda que já vira, com a pele pálida e lisa, longos cabelos pretos e olhos escuros como a noite. O vestido era de um branco que faria a neve parecer encardida, e ela usava um cinturão de prata. Todas as joias dela também eram de prata. Min sentiu arrepios.

— O que quer dizer? Quem é você?

A mulher entrou e parou ao lado da cama. Seus movimentos eram tão graciosos que Min sentiu uma pontada de inveja, mesmo jamais tendo invejado qualquer outra mulher. Ela alisou o cabelo de Rand como se Min não estivesse lá.

— Ele ainda não acredita, eu acho. Sabe, mas não acredita. Eu guiei os passos dele, o empurrei, puxei, seduzi. Ele sempre foi teimoso, mas dessa vez vou moldá-lo. Ishamael acha que controla os acontecimentos, mas quem faz isso sou eu. — O dedo dela tocou de leve a testa de Rand, como se desenhasse uma marca. Min achou, desconfortável, que parecia a Presa do Dragão. Rand se mexeu, murmurando. Era o primeiro som e o primeiro movimento que fazia

desde que fora encontrado.

— Quem é você? — indagou Min.

A mulher olhou para ela. Apenas olhou, mas Min percebeu que se encolhia nos travesseiros, agarrando-se a Rand com força.

— Garota, eu me chamo Lanfear.

De repente, a boca de Min ficou tão seca que ela não conseguiria falar, nem mesmo se sua vida dependesse disso. *Um dos Abandonados! Não! Luz, não!* Tudo que conseguiu fazer foi balançar a cabeça. A negação fez Lanfear sorrir.

— Lews Therin foi e é meu, garota. Cuide bem dele para mim até eu vir buscá-lo. — Então sumiu.

Min ficou boquiaberta. Em um instante ela estava ali, e então havia desaparecido. A jovem percebeu que abraçava o corpo inconsciente de Rand com força. Como gostaria de não sentir que queria que ele a protegesse…

Com o rosto cadavérico decidido, Byar galopava com o sol poente às costas e não olhava para trás. Vira tudo que precisava ver. Tudo que conseguira, com aquele maldito nevoeiro. A legião tinha morrido, o senhor Capitão Geofram Bornhald tinha morrido, e havia apenas uma explicação: foram traídos por Amigos das Trevas. Amigos das Trevas como aquele Perrin de Dois Rios. Aquela era a notícia que precisava levar a Dain Bornhald, filho do senhor Capitão, que estava com os Filhos da Luz que montavam vigília em Tar Valon. Mas tinha coisas piores a contar, e para ninguém menos do que o próprio Pedron Niall. Precisava contar o que vira no céu acima de Falme. Atiçou o cavalo com as rédeas e não olhou para trás.

49

O Que Deveria Ser

Rand abriu os olhos e notou que olhava para cima, para a luz do sol atravessando uma folha-de-couro. As folhas largas e grossas ainda estavam verdes, apesar da época do ano. O vento que agitava os galhos trazia o anúncio da neve que cairia ao anoitecer. Estava deitado de barriga para cima e conseguia sentir os cobertores sob suas mãos. Seu casaco e sua camisa pareciam ter sumido, mas alguma coisa estava amarrada em seu peito, e sentia dor do lado esquerdo do corpo. Virou a cabeça e viu Min sentada ali, no chão, observando-o. Quase não a reconheceu ao vê-la em um vestido. Ela sorriu, hesitante.

— Min. É você. De onde saiu? Onde estamos?

A memória voltava em lampejos, fragmentada. Conseguia se lembrar de acontecimentos antigos, mas os últimos dias pareciam pedaços de um espelho quebrado girando em sua mente, mostrando vislumbres que sumiam antes que conseguisse vê-los direito.

— Saímos de Falme — respondeu a jovem. — Estamos cinco dias a leste de lá agora, e você dormiu o tempo todo.

— Falme. — Mais lembranças. Mat tocara a Trombeta de Valere. — Egwene! Ela está…? Eles a libertaram? — Ele prendeu a respiração.

— Eu não sei quem são esses “eles” que você está falando, mas ela está livre. Nós a libertamos sozinhas.

— Nós? Não entendo. — *Ela está livre. Pelo menos ela está…*

— Nynaeve, Elayne e eu.

— Nynaeve? Elayne? Como? *Todas* vocês estavam em Falme? — Ele tentou se levantar, mas ela o empurrou de volta com facilidade e ficou ali parada, com as mãos em seus ombros e o olhar fixo em seu

rosto. — Onde ela está?

— Foi embora. — O rosto de Min corou. — Todos foram embora. Egwene, Nynaeve, Mat, Hurin e Verin. Hurin não queria deixar você para trás, de verdade. Estão todos a caminho de Tar Valon. Egwene e Nynaeve retomarão o treinamento na Torre, e Mat vai ver o que as Aes Sedai podem fazer a respeito da adaga. E levaram a Trombeta de Valere. Não consigo acreditar que a vi de verdade.

— Foi embora — murmurou ele. — Ela nem esperou eu acordar.

O rubor no rosto de Min aumentou, e ela se sentou, fitando o próprio colo.

Ele ergueu as mãos para passá-las no rosto, mas parou, encarando as palmas, chocado. Havia mais uma garça na palma da mão esquerda, para combinar com a da mão direita. As linhas eram nítidas e fortes. *Uma vez a garça, para traçar seu caminho; Duas vezes a garça, para proclamá-lo verdadeiro*.

— Não!

— Eles foram embora — disse ela. — Negar não muda isso.

Ele sacudiu a cabeça. Algo lhe dizia que a dor na lateral do corpo era importante. Não conseguia se lembrar de ter sido ferido, mas era importante. Começou a levantar os cobertores para olhar, mas Min afastou suas mãos com um tapa.

— Você não pode fazer nada a respeito disso. Ainda não sarou completamente. Verin tentou a Cura, mas disse que não funcionou como deveria. — Ela hesitou, mordendo o lábio. — Moiraine disse que Nynaeve deve ter feito alguma coisa, ou você não teria sobrevivido até o levarmos para Verin. Mas Nynaeve a firmou que estava assustada demais até para acender uma vela. Tem… algo errado com sua ferida. Você vai ter que esperar que ela cure naturalmente. — Ela parecia perturbada.

— Moiraine está aqui? — Ele soltou uma risada amarga. — Quando você disse que Verin tinha ido embora, achei que estivesse livre das Aes Sedai.

— Estou aqui — respondeu Moiraine.

Ela apareceu, toda de azul e serena como se estivesse na Torre Branca, e se aproximou para sentar ao lado dele. Min franzia a testa para a Aes Sedai. Rand tinha a estranha sensação de que ela queria protegê-lo da mulher.

— Queria que não estivesse — retrucou para a Aes Sedai. — No que me diz respeito, pode voltar para onde quer que estivesse se escondendo e ficar por lá.

— Não estava me escondendo — respondeu Moiraine, muito calma. — Fiz tudo o que podia, tanto na Ponta de Toman quando em Falme. Foi pouco, mas descobri muitas coisas. E falhei em resgatar duas de minhas irmãs antes que os Seanchan as levassem nos navios

junto com as outras Encolaradas, mas fiz o que podia.

— O que podia. Você mandou Verin me vigiar, mas eu não sou nenhuma ovelha, Moiraine. Você disse que eu poderia ir para onde quisesse, e pretendo ir para onde você não estiver.

— E não mandei Verin segui-lo. — Moiraine franziu a testa. — Ela foi atrás de você por conta própria. Muita gente se interessa por você, Rand. Foi Fain quem o encontrou ou o contrário?

A súbita mudança de assunto o pegou de surpresa.

— Fain? Não. Belo herói eu sou. Tentei resgatar Egwene, e Min a resgatou antes de mim. Fain disse que faria mal ao pessoal de Campo de Emond se eu não o enfrentasse, e nem cheguei a vê-lo. Ele também partiu com os Seanchan?

Moiraine sacudiu a cabeça.

— Não sei. Queria saber. Mas é bom que você não o encontre. Pelo menos, não até entender o que ele é.

— Ele é um Amigo das Trevas.

— Mais que isso. Pior que isso. Padan Fain era uma criatura do Tenebroso até as profundezas da alma, mas creio que tenha sido corrompido por Mordeth, em Shadar Logoth. Aquele homem era tão vil em sua luta contra a Sombra quanto a própria Sombra foi. Mordeth tentou consumir a alma de Fain, ter um corpo humano outra vez, mas encontrou uma alma tocada pelo Tenebroso. O resultado… Bem, não foi Padan Fain, e nem Mordeth. Foi algo muito pior, uma mistura dos dois. Fain… Bem, vamos chamá-lo assim. Fain é mais perigoso do que você acredita. Você poderia não ter sobrevivido ao encontro, e, se tivesse, poderia ter acontecido algo pior do que ser levado para o lado da Sombra.

— Se ele está vivo, e se não foi com os Seanchan, eu preciso… — Ele parou quando ela tirou a espada com a marca da garça de baixo do manto. A lâmina terminava de repente, um pouco além de um palmo do cabo, como se tivesse sido derretida. A lembrança veio com um choque. — Eu o matei — disse, em voz baixa. — Dessa vez, eu o matei.

Moiraine deixou a espada arruinada de lado como a coisa inútil que passara a ser e esfregou as mãos.

— Não se mata o Tenebroso assim tão fácil. O simples fato de ele ter aparecido nos céus acima de Falme já é mais do que preocupante. Ele não deveria ser capaz de fazer isso, se estivesse preso como acreditamos. E, se não está, por que não destruiu tudo?

Min mudou de posição, nervosa.

— Nos céus? — perguntou Rand, admirado.

— Vocês dois — respondeu Moiraine. — A batalha aconteceu nos céus, em plena vista de todos em Falme. Talvez em outras cidades da Ponta de Toman também, se der para acreditar em metade do que

tenho ouvido.

— Nós… nós vimos tudo — disse Min, com a voz fraca. Ela pôs uma das mãos sobre a de Rand, para confortá-lo.

Moiraine colocou a mão sob o manto outra vez e tirou um rolo de pergaminho. A folha era grande, como as que os artistas de rua usavam em Falme. O giz borrou um pouco quando ela o desenrolou, mas a imagem ainda estava nítida o bastante. Um homem cujo rosto era uma chama sólida lutava com um bastão contra outro, com uma espada, entre as nuvens. Raios dançavam ao redor, e, atrás deles, tremulava o estandarte do Dragão. O rosto de Rand era fácil de reconhecer.

— Quantas pessoas viram isso? — indagou ele. — Rasgue. Queime.

A Aes Sedai deixou o pergaminho se enrolar outra vez.

— Não adiantaria de nada, Rand. Comprei isso há dois dias, em uma aldeia por onde passamos. Há centenas, talvez milhares, e em todo lugar se ouve a história de como o Dragão enfrentou o Tenebroso nos céus de Falme.

Rand olhou para Min. Ela assentiu com relutância e apertou sua mão. Parecia assustada, mas não se afastou nem um milímetro. *Me pergunto se foi por isso que Egwene partiu. Ela estava certa em ir*.

— O Padrão tece ainda mais apertado à sua volta — explicou Moiraine. —Você precisa de mim, agora, mais do que nunca.

— Eu não preciso de você — respondeu, áspero — e não a quero por perto. Não terei nada a ver com isso. — Ele se lembrou de ser chamado de Lews Therin. E não apenas por Ba'alzamon, mas também por Artur Asa-de-gavião. — De jeito nenhum. Luz, o Dragão vem para Romper o mundo outra vez, deixar tudo em pedaços. Não serei o Dragão.

— Você é o que é — replicou Moiraine. — Você já agita o mundo. A Ajah Negra se revelou pela primeira vez em dois mil anos. Arad Doman e Tarabon estavam à beira da guerra, e isso só vai piorar quando as notícias de Falme chegarem. Cairhien está em guerra civil.

— Eu não fiz nada em Cairhien — protestou. — Você não pode me culpar por isso.

— Não fazer nada sempre foi um movimento do Grande Jogo — respondeu a Aes Sedai, com um suspiro. — Especialmente do jeito que jogam agora. Você foi a centelha, e Cairhien explodiu como os fogos de um Iluminador. O que acha que vai acontecer quando as notícias de Falme chegarem a Arad Doman e Tarabon? Sempre houve homens dispostos a lutar em favor de qualquer um que se declarasse o Dragão, mas eles nunca tiveram sinais como esse. E tem mais. Aqui. — Ela jogou uma pequena bolsa sobre o peito de Rand.

O rapaz hesitou por um momento, antes de abrir. Dentro, havia

fragmentos do que parecia ser uma porcelana transparente, preta e branca. Ele já vira algo assim antes.

— Outro selo da prisão do Tenebroso — murmurou.

Min ofegou. O aperto em sua mão agora buscava conforto, em vez de oferecê-lo.

— Dois — a firmou Moiraine. — Três dos sete já estão quebrados. O que estava comigo e dois que encontrei na residência do Grão-lorde, em Falme. Quando todos os sete forem quebrados, talvez antes, o remendo que os homens colocaram no buraco que abriram na prisão feita pelo Criador será rompido. Então o Tenebroso conseguirá estender a mão por esse buraco outra vez e tocará o mundo. E a única esperança do mundo é que o Dragão Renascido esteja lá para enfrentá-lo.

Min tentou impedir que Rand se descobrisse, mas ele a empurrou de lado gentilmente.

— Preciso andar. — Ela o ajudou a levantar, mas com muitos suspiros e resmungos sobre ele estar fazendo o ferimento piorar. Percebeu que seu tórax estava envolto em ataduras. Min pôs um dos cobertores sobre seus ombros, como um manto.

Por um momento, ele ficou olhando para baixo, para a lâmina com a marca da garça, ou o que restara dela, que jazia no chão. *A espada de Tam. A espada do meu pai*. Com relutância, mais do tivera para qualquer coisa na vida, abandonou a esperança de descobrir que Tam era de fato seu pai. Sentiu como se arrancasse o próprio coração. Mas aquilo não mudava seus sentimentos por Tam, e Campo de Emond ainda era o único lar que conhecera. *Fain é o que importa. Ainda tenho um dever a cumprir. Detê-lo*.

As duas precisaram apoiá-lo, uma em cada braço, levando-o até onde as fogueiras já ardiam, não muito longe de uma estrada de terra batida. Loial estava lá, lendo um livro chamado *Navegar Além do Pôr do Sol*. Perrin também estava, e olhava fixamente para uma das fogueiras. Os shienaranos faziam preparativos para o jantar. Lan estava sentado sob uma árvore, a fiando a espada. O Guardião dirigiu um olhar cauteloso a Rand, então assentiu.

E havia outra coisa, também. O estandarte do Dragão tremulava ao vento no meio do acampamento. Haviam encontrado uma haste adequada para substituir o galho de Perrin.

— O que isso está fazendo aqui, onde qualquer um que passe pode ver? — exigiu saber Rand.

— É tarde demais para se esconder, Rand — a firmou Moiraine. — Sempre foi tarde demais para você se esconder.

— Mas você não precisa colocar um sinal dizendo “estou aqui”. Nunca vou encontrar Fain se alguém me matar por causa desse estandarte. — Ele se virou para Loial e Perrin. — Estou feliz por vocês

terem ficado. Mas entenderia se não tivessem.

— Por que eu não ficaria? — perguntou Loial. — Você é ainda mais *ta'veren* do que eu pensava, é verdade, mas é meu amigo. Espero que ainda seja. — As orelhas dele tremelicaram, transmitindo sua insegurança.

— Sou — respondeu Rand. — Enquanto for seguro para você ficar por perto, e mesmo depois. — O Ogier deu um sorriso de orelha a orelha.

— Eu também vou ficar — a firmou Perrin. Havia uma ponta de resignação, ou aceitação, em sua voz. — A Roda nos tece com firmeza no Padrão, Rand. Quem teria pensado nisso, lá em Campo de Emond?

Os shienaranos se aglomeravam em volta deles. Para a surpresa de Rand, todos caíram de joelhos. Cada um deles o observava.

— Queremos jurar nossa lealdade a você — disse Uno.

Os outros que se ajoelhavam assentiram.

— Os juramentos de vocês são a Ingtar e a Lorde Agelmar — protestou Rand. — Ingtar teve uma boa morte, Uno. Ele morreu para que o resto de nós pudesse escapar com a Trombeta. — Não havia necessidade de contar o restante a ninguém. Esperava que Ingtar tivesse encontrado a Luz novamente. — Diga isso ao Lorde Agelmar, quando voltar a Fal Dara.

— Dizem — começou o caolho, com cautela — que, quando o Dragão Renascer, ele quebrará todos os juramentos, desfazendo todos os laços. Agora nada nos prende. Nós queremos fazer juramentos a você.

Ele sacou a espada e colocou-a diante de si, com o cabo voltado para Rand. Os outros shienaranos fizeram o mesmo.

— Você enfrentou o Tenebroso — falou Masema. Masema, que o odiava. Masema, que olhava para ele como se estivesse diante de uma visão da Luz. — Eu vi, Lorde Dragão. Sou seu homem até a morte. — Seus olhos escuros brilhavam com fervor.

— Você precisa escolher, Rand — a firmou Moiraine. — O mundo será rompido, não importa se é você quem o fará. Tarmon Gai'don chegará, e só isso já é o suficiente para fazer o mundo em pedaços. Você tentará se esconder do que é e deixar o mundo enfrentar a Última Batalha indefeso? Faça sua escolha.

Todos olhavam para ele, todos esperavam. *A morte é mais leve que a pluma. O dever, mais pesado que a montanha*. Ele tomou sua decisão.

50

Depois

As histórias se espalharam por barco e cavalo, por carroções de mercadores e homens a pé. Foram contadas e recontadas, com algumas pequenas variações, mas ainda a mesma história. Alcançaram Arad Doman, Tarabon e além, falando dos sinais e portentos nos céus de Falme. Alguns homens se proclamaram a favor do Dragão, outros homens os mataram.

E então morreram por isso.

Outras histórias também se espalharam, sobre uma coluna que cavalgava vinda do sol poente, atravessando a Planície de Almoth. Cem homens da Fronteira, diziam os relatos. Não, mil. Não, mil heróis haviam voltado de seus túmulos em resposta ao chamado da Trombeta de Valere. Dez mil. Eles haviam destruído uma legião inteira dos Filhos da Luz. Eles haviam combatido os exércitos regressados de Artur Asa-de-gavião, mandando-os de volta para o mar. Eles eram os exércitos de Artur Asa-de-gavião, que voltavam. E seguiam rumo às montanhas, rumo à aurora.

Ainda assim, uma coisa era igual em todas as histórias.

À frente deles, ia um homem cujo rosto fora visto nos céus de Falme, e eles cavalgavam sob o estandarte do Dragão Renascido.

> E homens clamaram ao Criador, dizendo: Ó, Luz dos Céus, Luz do Mundo, deixe que o prometido nasça da montanha, conforme as Profecias, como aconteceu em Eras passadas e acontecerá nas Eras vindouras. Deixe que o

Príncipe da Manhã cante para a terra sobre as coisas verdes que crescerão e os vales que gerarão cordeiros. Deixe que a mão do Lorde da Manhã nos abrigue do Escuro, e que a montante da justiça nos defenda. Deixe que o Dragão cavalgue novamente nos ventos do tempo.

> *— de Charal Drianaan te Calamon, O Ciclo do Dragão.*
>
> *Autor desconhecido, Quarta Era*

Glossário

Nota sobre as datas deste glossário. Três sistemas de registro de datas têm sido amplamente utilizados desde a Ruptura do Mundo. O primeiro contava os anos Depois da Ruptura (DB). Como os anos do evento e os que vieram logo em seguida foram de caos total, e considerando que o calendário foi adotado cerca de cem anos após o fim da Ruptura, sabe-se que o ponto inicial foi definido de forma arbitrária. Ao fim das Guerras dos Trollocs, muitos registros haviam se perdido, de tal modo que havia discussões sobre qual seria o ano inicial exato, de acordo com o antigo sistema. Então, um novo calendário foi estabelecido, datando do fim das Guerras e celebrando a suposta libertação do mundo da ameaça dos Trollocs. Esse segundo calendário registrava cada ano como um Ano Livre (AL). Depois da desorganização, morte e destruição causados pela Guerra dos Cem Anos, surgiu uma terceira forma de registro: é o calendário da Nova Era (NE), que encontra-se atualmente em uso.

a'dam: Dispositivo que consiste em uma coleira ligada a um bracelete por correntes de metal prateadas que pode ser usado para controlar, contra a vontade, qualquer mulher capaz de canalizar. A coleira é usada pelas damane, e o bracelete, pelas sul'dam. *Ver também damane*; *sul'dam*.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai de todos os tempos, que passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra ante a promessa de imortalidade. De acordo com as lendas e fragmentos de registros, eles foram aprisionados com o Tenebroso quando a prisão dele foi selada outra

vez. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças.

acre: Unidade de medida de área para terrenos, equivalente a 100 x 100 passos.

Aes Sedai: Pessoas capazes de canalizar o Poder Único. Desde o Tempo da Loucura, sobreviveram apenas as Aes Sedai mulheres. Alvo de desconfiança, medo e até mesmo ódio amplamente disseminados, muitos as culpam pela Ruptura do Mundo e as acusam de interferir em assuntos das nações. Ao mesmo tempo, poucos governantes optam por não ter uma conselheira Aes Sedai, mesmo nas terras em que a existência desse aconselhamento precisa ser mantida em segredo. *Ver também* Ajah; Trono de Amyrlin; Tempo da Loucura.

Agelmar; Lorde da Casa Jagad: Senhor de Fal Dara. Tem como símbolo três raposas vermelhas correndo.

Aiel: Povo do Deserto Aiel. Ferozes e destemidos. Cobrem o rosto com um véu negro antes de matar, o que deu origem à expressão "agir como um Aiel de véu negro" para descrever alguém que se comporta de forma violenta. Guerreiros letais com armas ou apenas com as mãos, jamais tocam em espadas. Seus lautistas tocam músicas enquanto eles entram em batalhas, e os Aiel chamam a luta de "a Dança". *Ver também* sociedades guerreiras dos Aiel; Deserto Aiel.

Ajah: Sociedades internas das Aes Sedai, às quais todas, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem. São designadas por cores: Azul, Vermelha, Branca, Verde, Marrom, Amarela e Cinza. Cada uma segue uma filoso fia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica toda a sua energia a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. Já a Ajah Marrom, por outro lado, renega qualquer envolvimento com o mundo e se dedica à busca por conhecimento. Há rumores (negados com veemência, e não é seguro mencioná-los na presença de qualquer Aes Sedai) de uma Ajah Negra dedicada a servir o Tenebroso.

al'Meara, Nynaeve: Mulher de Campo de Emond, em Dois Rios, distrito de Andor.

al'Thor, Rand: Jovem de Campo de Emond que era pastor.

al'Vere, Egwene: Uma jovem de Campo de Emond.

Alanna Mosvani: Aes Sedai da Ajah Verde.

alantin: Na Língua Antiga, "irmão". É uma forma abreviada de *tia avende alantin*, "Irmão das Árvores".

Alar: Mais Velha dos Anciões do Pouso Tsofu.

Aldieb: Na Língua Antiga, "Vento Oeste", o vento que traz as chuvas da primavera.

Amalisa; Lady: Shienarana da Casa Jagad, irmã do Lorde Agelmar.

amansamento: Ato, realizado por Aes Sedai, de extinguir a

capacidade de um homem de canalizar o Poder Único. É necessário, pois os homens que aprendem a canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e quase certamente fazem coisas horríveis com o Poder, em sua loucura. Um homem amansado ainda é capaz de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é detida, mas não curada, e pode-se evitar a morte caso o procedimento seja feito cedo o bastante. *Ver também* Poder Único; estancamento.

Amigos das Trevas : Os que seguem o Tenebroso e acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até mesmo a imortalidade quando ele for libertado.

Anaiya: Aes Sedai da Ajah Azul.

angreal: Um tipo muito raro de objeto que permite a qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manipular uma quantidade maior do poder do que seria possível fazê-lo de forma segura, sem ajuda. São remanescentes da Era das Lendas, e não se sabe mais como fabricá-los. Restam poucos. *Ver também sa'angreal*; *ter'angreal*.

Arad Doman: Nação no Oceano de Aryth.

Arafel: Uma das Terras da Fronteira.

Árvore, a: *Ver Avendesora*.

Asa-de-gavião, Artur: Rei lendário (governou entre AL 943-994) que uni ficou todas as terras a oeste da Espinha do Mundo. Chegou a enviar exércitos para o outro lado do Oceano de Aryth (AL 992), mas todo contato com as tropas foi perdido na ocasião de sua morte, que deu início à Guerra dos Cem Anos. Seu símbolo era um gavião dourado em pleno voo. *Ver também* Guerra dos Cem Anos.

Assassinos da Árvore: Nome dos Aiel para os cairhienos, sempre usado em tom de horror e desgosto.

Avendesora: Na Língua Antiga, a "Árvore da Vida", mencionada em muitas histórias e lendas.

Aybara, Perrin: Jovem de Campo de Emond que era aprendiz de ferreiro.

Ba'alzamon: Na língua dos Trollocs, "Coração das Trevas". Acredita-se que seja o nome que os Trollocs dão ao Tenebroso. *Ver também* Tenebroso; Trollocs.

Barthanes; Lorde da Casa Damodred : Lorde cairhieno de poder inferior apenas ao do rei. Tem como símbolo pessoal um Javali Avançando. O símbolo da Casa Damodred é a Coroa e a Árvore.

Bel Tine: Festival de primavera que celebra o fim do inverno, o brotamento da safra e o nascimento dos primeiros cordeiros.

Birgitte: Heroína de cabelos louros, personagem de lendas e histórias de menestréis. Usava arco e flechas de prata e jamais errava um tiro.

Bornhald, Geofram: Um dos Senhores Capitães dos Filhos da

Luz.

braça: *Ver* comprimento, unidades de.

Byar, Jaret: Oficial dos Filhos da Luz.

Caemlyn: Capital de Andor.

Cães de Pedra: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Cairhien: É o nome de uma nação às margens da Espinha do Mundo e também de sua capital. A cidade foi incendiada e saqueada durante a Guerra dos Aiel (976 - 978 NE). Tem como símbolo um sol nascente com muitos raios em um fundo de céu azul.

canalizar: Controlar o fluxo do Poder Único. *Ver também* Poder Único.

canção das árvores: *Ver* Cantor das Árvores.

Cantor das Árvores : Ogier com a habilidade de cantar para as árvores (chamada de canção das árvores), curando-as, ajudando-as a crescer e florescer ou confeccionando coisas de madeira sem ferir a árvore. Objetos feitos dessa forma são chamados de "madeira cantada", e são muito valiosos. Restam poucos Cantores das Árvores entre os Ogier. O Talento parece estar desaparecendo.

Caralain: Uma das nações que se ergueram sob o império de Artur Asa-de-gavião durante a Guerra dos Cem Anos. Perdeu o poder, posteriormente, e seus últimos vestígios desapareceram em torno de 500 NE.

Cauthon, Mat: Um jovem de Dois Rios. Nome completo: Matrim Cauthon.

Cem Companheiros, os : Cem Aes Sedai entre os mais poderosos da Era das Lendas que, sob a liderança de Lews Therin Telamon, lançaram o ataque final que acabou com a Guerra da Sombra ao selar outra vez o Tenebroso em sua prisão. O contra-ataque do Tenebroso maculou *saidin*. Os Cem Companheiros enlouqueceram e iniciaram a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura; Ruptura do Mundo; Fonte Verdadeira; Poder Único.

Chama de Tar Valon : Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

Ciclo de Karaethon, O: *Ver* Dragão, Profecias do.

Cinco Poderes, os : Há fios no Poder Único, e cada pessoa que o utiliza costuma ser capaz de compreender alguns melhor que outros. Eles são batizados conforme o tipo de coisa a que se prestam (Terra, Ar, Fogo, Água e Espírito) e chamados de os Cinco Poderes. Qualquer um que use o Poder Único é mais forte com um, talvez dois, e menos com os demais. Alguns poucos podem ter grande força com três, mas, desde a Era das Lendas, ninguém se mostrou forte em todos os cinco. Mesmo naquela época, era algo extremamente raro. O grau de força pode variar muito entre indivíduos, de modo que algumas pessoas

capazes de canalizar são muito mais fortes que outras. Fazer certas coisas com o Poder Único requer habilidades em um ou mais dos Cinco Poderes. Por exemplo, acender e controlar um fogo requer Fogo, já afetar o clima requer Ar e Água, ao passo que Curar requer Água e Espírito. Enquanto Espírito é encontrado igualmente em homens e mulheres, uma grande habilidade com Terra e/ou Fogo era muito mais frequente em homens, e com Água e/ou Ar, em mulheres. Havia exceções, mas o fenômeno era tão prevalente que Terra e Fogo passaram a ser considerados Poderes masculinos, e Ar e Água, femininos. Geralmente, nenhuma habilidade é considerada mais forte que outra, embora haja um ditado entre as Aes Sedai: "Não há rocha tão dura que a água e o vento não desgaste, nem fogo tão feroz que a água não apague ou que o vento não elimine." Deve-se observar que esse ditado passou a ser usado muito tempo depois da morte do último Aes Sedai. Qualquer ditado semelhante entre os homens perdeu-se há muito.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 3 mãos = 1 pé = 3 pés = 1 passo; 2 passos = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Corenne: Na Língua Antiga, "Retorno" ou "o Retorno".

Crônicas, Curadora das : Segunda em autoridade depois do Trono de Amyrlin entre as Aes Sedai, também atua como secretária da Amyrlin. É apontada para o cargo vitalício pelo Salão da Torre. Costuma ser da mesma Ajah à qual pertencia a Amyrlin. *Ver também* Trono de Amyrlin; Ajah.

cuendillar: Também conhecido como pedra-do-coração. *Ver* pedra-do-coração.

Daes Dae'mar: O Grande Jogo, também conhecido como Jogo das Casas. Nome dado às armações, tramas e manipulações das Casas Nobres em busca de poder. Nele, é dado grande valor à dissimulação, a buscar uma coisa enquanto parece estar atrás de outra e a atingir objetivos com o mínimo de esforço visível.

Dai Shan: Um título nas Terras da Fronteira cujo significado é Lorde das Batalhas do Diadema.

damane: Na Língua Antiga, "Encolaradas". Mulheres capazes de canalizar que são mantidas prisioneiras pelos *a'dam* e utilizadas pelos Seanchan com diversos propósitos, principalmente como armas de guerra. *Ver também* Seanchan; *a'dam*; *sul'dam*.

Damodred, Lorde Galadedrid: Meio-irmão de Elayne e Gawyn. Tem como símbolo uma espada de prata alada com a ponta para baixo.

Deserto Aiel: Terra hostil, severa e praticamente desprovida de água que ica a leste da Espinha do Mundo. Poucos forasteiros se aventuram na região. Não apenas por ser quase impossível alguém não

nascido lá encontrar água, mas também porque os Aiel se consideram em guerra com todos os povos, e estrangeiros não são bem-vindos.

Dia do Sol: Feriado e festival no meio do verão, celebrado em diversas partes do mundo.

Do Miere A'vron: *Ver* Vigias das Ondas.

Domo da Verdade: Grande salão de audiências dos Filhos da Luz, localizado em Amador, capital de Amadícia. Há um Rei em Amadícia, mas na prática são os Filhos da Luz que governam. *Ver também* Filhos da Luz.

Domon, Bayle: Capitão do *Espuma*, colecionador de artefatos antigos.

Dragão, falso : De tempos em tempos alguns homens a firmam ser o Dragão Renascido, e às vezes um deles consegue seguidores tão numerosos que é preciso um exército para derrubá-lo. Alguns começaram guerras que envolveram diversas nações. Ao longo dos séculos, a maioria era incapaz de canalizar o Poder Único, mas alguns podiam fazê-lo. Todos, porém, desapareceram, foram capturados ou mortos sem cumprir qualquer uma das profecias referentes ao Renascimento do Dragão. Esses homens são chamados de falsos Dragões. Entre os capazes de canalizar, os mais poderosos foram Raolin Algoz-das-trevas (335-36 DR), Yurian Arco-de-pedra (cerca de 1300-1308 DR), Davian (AL 351), Guaire Amalasan (AL 939-43) e Logain (997 NE). *Ver também* Dragão Renascido

Dragão, o : Nome pelo qual Lews Therin Telamon era conhecido durante a Guerra da Sombra. Sofrendo da loucura que se abateu sobre os Aes Sedai, Lews Therin matou todas as pessoas de seu sangue e todos os outros que amava, recebendo a alcunha de Fratricida. *Ver também* Dragão Renascido; Dragão, Profecias do.

Dragão, Profecias do : Pouco conhecidas e raramente comentadas, as Profecias registradas em *O Ciclo de Karaethon* predizem que o Tenebroso será libertado mais uma vez para tocar o mundo. E que Lews Therin Telamon, o Dragão, Rompedor do Mundo, renascerá para lutar em Tarmon Gaidon, a última batalha contra a Sombra. *Ver também* Dragão, o.

Dragão Renascido : De acordo com as lendas e profecias, o Dragão renascerá na hora de maior necessidade da humanidade com o objetivo de salvar o mundo. Não é algo pelo que as pessoas anseiem, seja porque as profecias dizem que o Dragão trará uma nova Ruptura ao mundo ou porque Lews Therin, o Fratricida, conhecido como o Dragão, é um nome que provoca arrepios, mesmo mais de três mil anos após sua morte. *Ver também* Dragão, o; Dragão, falso; Dragão, Profecias do.

Draghkar: Criatura do Tenebroso, criada através da deturpação de material humano. Parece um homem alto com asas de morcego,

pele extremamente pálida e olhos grandes demais. O canto de um Draghkar atrai a presa, vencendo a vontade da vítima. Há um ditado: "O beijo do Draghkar é a morte." Ele não morde, mas o beijo consome a alma da vítima e, depois, a vida.

Elaida: Aes Sedai da Ajah Vermelha conselheira da Rainha Morgase, de Andor. Às vezes faz Profecias.

Elayne: Filha da rainha Morgase, Filha-herdeira do trono de Andor. Tem como símbolo um lírio dourado.

Encolaradas: *Ver damane*.

Era das Lendas : A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais hoje em dia se pode apenas sonhar. *Ver também* Roda do Tempo; Ruptura do Mundo; Guerra da Sombra.

Escudos Vermelhos: *Ver* sociedades guerreiras dos Aiel.

Espinha do Mundo, a: Cadeia de altíssimas montanhas, com poucos pontos de travessia, que separa o Deserto Aiel das terras a oeste.

estancamento: Ato, realizado pelas Aes Sedai, de isolar uma mulher capaz de canalizar do Poder Único. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la.

Fain, Padan: Homem aprisionado na fortaleza de Fal Dara por ser Amigo das Trevas.

Far Dareis Mai: Literalmente "Donzelas da Lança". Sociedade guerreira dos Aiel que, ao contrário de todas as demais, admite apenas mulheres. Uma Donzela não pode se casar e permanecer na sociedade, nem lutar enquanto estiver grávida. Qualquer criança nascida de uma Donzela é entregue a outra mulher para que esta a crie, de modo que ninguém saiba quem era a mãe da criança. ("Você não pode pertencer a nenhum homem, nem homem algum lhe pertencer, nem qualquer criança. A lança é sua amante, sua ilha e sua vida.") Tais crianças são estimadas, pois foi previsto que alguém nascido de uma Donzela unirá os clãs e devolverá aos Aiel a grandeza que tiveram durante a Era das Lendas. *Ver também s*ociedades guerreiras dos Aiel.

Filha da Noite: *Ver* Lanfear.

Filha-herdeira: Título da herdeira do trono de Andor. A ilha mais velha da Rainha sucede a mãe. Sem filhas vivas, o trono passa à parente consanguínea mais próxima da Rainha.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças estritamente ascéticas dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos por Lothair Mantelar, com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra até se tornar uma organização militar extremamente rígida em suas crenças e

absolutamente certa de que apenas os membros conhecem a verdade e sabem o que é certo. Odeiam as Aes Sedai e as consideram Amigas das Trevas, assim como a todos que as apoiem. São chamados de Mantos-brancos, um apelido depreciativo. Têm como símbolo um sol dourado radiante em um fundo branco.

Fonte Verdadeira : Força motriz do universo, que faz girar a Roda do Tempo. É dividida em uma metade masculina, *saidin*, e outra feminina, *saidar*, que trabalham ao mesmo tempo com e contra a outra. Apenas homens podem recorrer a *saidin*, e apenas mulheres, a *saidar*. Desde o Tempo da Loucura, *saidin* está maculado pelo toque do Tenebroso. *Ver também* Poder Único.

Gaidin: Literalmente "Irmão nas Batalhas". Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

Galad: *Ver* Damodred, Lorde Galadedrid.

Galldrian su Riatin Rie: Literalmente, Galldrian da Casa Riatin, Rei. Rei de Cairhien. *Ver também* Cairhien.

Gawyn: Filho da Rainha Morgase, irmão de Elayne. Tem como símbolo um javali branco.

Goaban: Uma das nações construídas sob o império de Artur Asa-de-gavião durante a Guerra dos Cem Anos. Enfraqueceu até desaparecer em torno de 500 NE. *Ver também* Asa-de-gavião, Artur, Guerra dos Cem Anos.

Grande Caçada à Trombeta , a: Ciclo de histórias sobre a lendária busca pela Trombeta de Valere que ocorreu nos anos entre o fim das Guerras dos Trollocs e o início da Guerra dos Cem Anos. Se contado por inteiro, o ciclo pode durar vários dias.

Grande Jogo, o: *Ver Daes Dae'mar*.

Grande Praga , a: Região no extremo norte inteiramente corrompida pelo Tenebroso. Local onde vivem Trollocs, Myrddraal e outras criaturas da Sombra.

Grande Senhor das Trevas : Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Grande Serpente: Símbolo do tempo e da eternidade, que já era antigo antes do início da Era das Lendas, consistindo em uma serpente mordendo a própria cauda. Um anel na forma da Grande Serpente é concedido às Aceitas entre as Aes Sedai.

Guardião: Guerreiro que possui um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único, e concede dádivas como cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso à distância. Enquanto o Guardião permanece vivo, a Aes Sedai com quem ele possui o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que ele esteja, e, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como morreu. Enquanto a

maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião de cada vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecê-los, e a Ajah Verde crê que seja possível estabelecer elos com quantos Guardiões quiserem. Pela ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito involuntariamente. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. *Ver também* Aes Sedai.

Guerra da Sombra : Também conhecida como Guerra do Poder, encerrou a Era das Lendas. Começou pouco depois da tentativa de libertar o Tenebroso, e logo envolveu o mundo inteiro. Em um mundo em que mesmo as lembranças do que era a guerra haviam sido esquecidas, todas as facetas foram redescobertas, muitas vezes distorcidas pelo toque do Tenebroso no mundo, e o Poder Único foi usado como arma. A guerra terminou com a renovação do selo da prisão do Tenebroso. *Ver também* Cem Companheiros; Dragão, o.

Guerra do Poder: *Ver* Guerra da Sombra.

Guerra dos Cem Anos : Série de guerras concomitantes entre alianças em constante mudança, precipitada pela morte de Artur Asa-de-gavião e a subsequente disputa por seu império. Durou de 994 AL até 1117 AL. A guerra deixou grande parte das terras entre o Oceano de Aryth e o Deserto Aiel quase desabitadas, do Mar das Tempestades à Grande Praga. A destruição foi tanta que restam apenas alguns registros da época. O império de Artur Asa-de-gavião foi fragmentado, e as nações dos dias atuais foram formadas.

Guerras dos Trollocs : Série de guerras iniciadas em torno de 1000 DR que duraram mais de trezentos anos, ao longo dos quais os exércitos dos Trollocs arrasaram o mundo. Com o tempo, os Trollocs foram mortos ou forçados a voltar à Grande Praga, mas algumas nações desapareceram, enquanto outras ficaram quase desabitadas. Todos os registros da época são fragmentados. *Ver também* Pacto das Dez Nações.

Hailene: Na Língua Antiga, “Os Que Vêm Antes” ou “Precursores”.

Hardan: Uma das nações construídas a partir do império de Artur Asa-de-gavião, há muito esquecida. Ficava entre Cairhien e Shienar.

Hurin: Shienarano com a habilidade de farejar lugares onde a violência ocorreu e seguir o rastro de quem a cometeu. Chamado de “farejador”, ele serve à justiça do Rei em Fal Dara, em Shienar.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome.

Ingtar; Lorde da Casa Shinowa: Guerreiro shienarano. Tem como símbolo uma Coruja Cinzenta.

Ishamael: Na Língua Antiga, “Traidor da Esperança”. Um dos Abandonados. Nome dado ao líder dos Aes Sedai que desertaram para

o lado do Tenebroso na Guerra da Sombra. Dizem que até mesmo ele esqueceu seu nome verdadeiro. *Ver também* Abandonados.

Jogo das Casas, o: *Ver Daes Dae'mar*.

Laman: Rei de Cairhien, da Casa Damodred, que perdeu o trono e a vida na Guerra dos Aiel.

Lan; al'Lan Mandragoran: Guardião, ligado pelo elo a Moiraine. Rei Não Coroado de Malkier, Dai Shan e último lorde dos malkieris. *Ver também* Guardião; Moiraine; Malkier; Dai Shan.

Lanfear: Na Língua Antiga, "Filha da Noite". Uma dos Abandonados, talvez a mais poderosa depois de Ishamael. Diferente dos demais Abandonados, ela mesma escolheu o nome. Dizem ter sido apaixonada por Lews Therin Telamon. *Ver também* Abandonados; Dragão, o.

latoeiros: *Ver Tuatha'an*.

Leane: Aes Sedai da Ajah Azul e Curadora das Crônicas. *Ver também* Ajah; Crônicas, Curadora das.

légua: *Ver* comprimento, unidades de.

Lews Therin Telamon; Lews Therin, o Fratricida: *Ver* Dragão, o.

Liandrin: Aes Sedai da Ajah Vermelha, de Tarabon.

Logain: Falso Dragão, amansado pelas Aes Sedai.

Loial: Ogier do Pouso Shangtai.

Luc; Lorde Luc da Casa Mantear : Irmão de Tigraine. Acredita-se que seu desaparecimento na Grande Praga esteja de algum modo relacionado ao posterior desaparecimento de Tigraine. Tinha como símbolo uma bolota de carvalho.

Luthair: *Ver* Mondwin, Luthair Paendrag.

madeira cantada: *Ver* Cantor das Árvores.

Malkier: Nação que um dia fez parte das Terras da Fronteira, hoje consumida pela Praga. O símbolo de Malkier era um grou dourado em pleno voo.

Manetheren: Uma das Dez Nações que formaram o Segundo Pacto, e o nome de sua capital. Tanto a cidade quanto a nação foram completamente destruídas nas Guerras dos Trollocs.

Mantos-brancos: *Ver* Filhos da Luz.

marath'damane: Na Língua Antiga, "As Que Devem Ser Encolaradas". Termo usado pelos Seanchan para mulheres capazes de canalizar que ainda não foram capturadas e encolaradas. *Ver também damane*; *a'dam*; Seanchan.

Masema: Soldado shienarano que odeia os Aiel.

mashiara: Na Língua Antiga, "amada", mas denotando um amor perdido além de qualquer esperança.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Meio-homem: *Ver* Myrddraal.

menestréis: Contadores de histórias, músicos, malabaristas, acrobatas e mestres do entretenimento. Conhecidos por sua marca registrada, os mantos de retalhos multicoloridos, eles se apresentam principalmente em aldeias e cidades pequenas.

Merrilin, Thom: Um menestrel.

milha: *Ver* comprimento, unidades de.

Min: Moça com a capacidade de ler as auras que às vezes enxerga em torno das pessoas.

Moiraine: Aes Sedai da Ajah Azul.

Mondwin, Luthair Paendrag: Filho de Artur Asa-de-gavião que comandava os exércitos enviados para o outro lado do Oceano de Aryth. Tinha como estandarte um gavião dourado de asas abertas segurando raios. *Ver também* Asa-de-gavião, Artur.

Mordeth: Conselheiro que levou a cidade de Aridhol a usar os métodos dos próprios Amigos das Trevas contra eles, o que provocou a destruição da cidade e a levou a receber um novo nome: Shadar Logoth ("Onde a Sombra Espera"). Apenas uma coisa sobrevive em Shadar Logoth além do ódio que a matou: o próprio Mordeth, aprisionado há dois mil anos nas ruínas, aguardando alguém cuja alma possa consumir para tomar posse de um novo corpo.

Morgase: Rainha de Andor, Grão-trono da Casa Trakand.

Myrddraal: Criaturas do Tenebroso, comandantes dos Trollocs. Crias distorcidas de Trollocs nas quais o material humano usado para criá-los ressurge, mas maculado pelo mal que originou os Trollocs. Parecem humanos, exceto por não possuírem olhos. Apesar disso, podem ver tão bem quanto águias, tanto na luz quanto no escuro. Possuem alguns poderes que vêm do Tenebroso, incluindo a habilidade de causar um medo paralisante com o olhar e a de sumir onde quer que haja sombras. Uma das poucas fraquezas conhecidas é a relutância em cruzar água corrente. Em terras diferentes, são conhecidos por diversos nomes, entre eles Meios-homens, Sem-olhos, Homens-sombra, Espreitadores e Desvanecidos.

Niall, Pedron: Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz. *Ver também* Filhos da Luz.

Nisura, Lady: Nobre shienarana, uma das damas que acompanha Lady Amalisa.

Pacto das Dez Nações: Aliança dedicada à derrota do Tenebroso, formada nos séculos após a Ruptura do Mundo, quando as nações foram recriadas pela primeira vez (cerca de 300 DR). Foi destruído pelas Guerras dos Trollocs. *Ver também* Guerras dos Trollocs.

Padrão de uma Era : A Roda do Tempo tece os fios das vidas humanas no Padrão de uma Era, muitas vezes chamado simplesmente de Padrão, que forma a substância da realidade para aquela Era. *Ver*

também ta'veren.

pedra-do-coração: Substância indestrutível criada durante a Era das Lendas. Qualquer força conhecida usada para tentar quebrá-la é absorvida, deixando-a mais forte. *Ver também cuendillar*.

Poder Único: O poder retirado da Fonte Verdadeira. A grande maioria das pessoas é incapaz de aprender a canalizá-lo. Pouquíssimos podem ser ensinados, e para uma parcela ainda menor não há necessidade de aprendizado, pois tocarão a Fonte Verdadeira e canalizarão o Poder independente da sua vontade, e talvez sequer percebam que o fazem. A habilidade nata geralmente se manifesta no fim da adolescência ou início da idade adulta. Caso não aprendam a controlar, com ajuda ou por si mesmo (algo bem di ícil, com uma taxa de sucesso de apenas um em cada quatro), a morte é certa. Desde o Tempo da Loucura, homem algum é capaz de canalizar sem enlouquecer de forma terrível e, em seguida, mesmo aprendendo a ter certo controle, morrer de alguma doença degenerativa, que faz com que o portador apodreça ainda vivo. Essa doença é causada, assim como a loucura, pela mácula do Tenebroso em *saidin*. Para uma mulher, a morte oriunda do uso de Poder sem controle é menos terrível, mas igualmente certa. As Aes Sedai buscam meninas com a habilidade inata tanto para salvá-las quanto para aumentar o número de irmãs, e buscam homens capazes de canalizar para impedir as coisas terríveis que farão em sua loucura. *Ver também* canalizar; Tempo da Loucura; Fonte Verdadeira.

Poderes, os Cinco: *Ver* Cinco Poderes.

pouso: Terras dos Ogier. Muitos pousos foram abandonados desde a Ruptura do Mundo. Têm alguma forma de proteção, cuja compreensão se perdeu, de modo que nenhuma Aes Sedai possa canalizar o Poder Único ou sequer sentir a Fonte Verdadeira dentro deles. Tentativas de usar o Poder Único feitas de fora de um *pouso* não terão qualquer efeito no interior. Nenhum Trolloc entra em um pouso, a menos que seja forçado, e mesmo um Myrddraal o fará apenas em caso de extrema necessidade e com grande relutância e desprazer. Até os Amigos das Trevas, caso sejam realmente dedicados, sentem-se desconfortáveis dentro deles.

Povo do Mar: O nome mais adequado é Atha'an Miere. Habitantes das ilhas do Oceano de Aryth e do Mar das Tempestades, passam pouco tempo nas ilhas, levando grande parte de suas vidas nos navios. A maioria do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar.

Povo Errante: *Ver Tuatha'an*.

Praga, a: *Ver* Grande Praga.

Presa do Dragão, a: Uma marca estilizada, geralmente negra, de uma lágrima ao contrário. Feita em uma porta, pode ser uma acusação

de que as pessoas daquele lugar praticam o mal ou uma tentativa de atrair a atenção do Tenebroso, e, portanto, o mal, para elas.

Questionadores, os : Ordem dentro dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, seu método usual de interrogatório é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas de uma confissão. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e às vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor.

Ragan: Guerreiro shienarano.

Renna: Mulher Seanchan. Uma *sul'dam*. *Ver também* Seanchan; *sul'dam*.

Rhyagelle: Na Língua Antiga, "Os Que Voltam Para Casa" ou "Os Que Chegam em Casa".

Roda do Tempo, a: O tempo é uma roda com sete braços, cada um uma Era. Conforme a roda gira, as eras vêm e vão, deixando lembranças que desvanecem e se tornam lendas, que desvanecem e se tornam mitos, e que já estão há muito esquecidos quando a Era que lhes deu origem retorna. O Padrão de uma Era é um pouco diferente a cada vez que ela retorna, e a cada vez ele é sujeito a mudanças maiores, mas sempre se trata da mesma Era.

Ruptura do Mundo, a: Durante o Tempo da Loucura, os Aes Sedai, tomados pela loucura e capazes de usar o poder único em um grau que hoje é desconhecido, desfiguraram a terra. Eles causaram grandes terremotos, arrasaram antigas cadeias de montanhas, ergueram terra onde havia oceanos e fizeram os oceanos invadirem a terra. Muitas partes do mundo ficaram completamente despovoadas, e os sobreviventes se dispersaram como poeira ao vento. Essa destruição é lembrada em contos, lendas e na História como a Ruptura do Mundo. *Ver também* Tempo da Loucura.

sa'angreal: Objetos que permitem que um indivíduo canalize muito mais do Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém muitíssimo mais poderoso. O volume do poder que pode ser canalizado com um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Remanescentes da Era das Lendas, o segredo de sua fabricação foi perdido. Restam apenas alguns, que são muito mais raros que os *angreal*.

Sabedoria: Nas aldeias, mulher escolhida para participar do

Círculo das Mulheres por seu conhecimento em áreas como a cura e a previsão do tempo, assim como seu bom senso. É uma posição de grande responsabilidade e autoridade, tanto declarada quanto implícita. Geralmente é considerada equivalente ao Prefeito, assim como o Conselho das Mulheres é equivalente ao Conselho da Aldeia. Diferente do Prefeito, a escolha é vitalícia, e é muito raro uma Sabedoria deixar o cargo antes de morrer. Dependendo da região o título pode ser outro, como Guia, Curandeira, Sábia ou Leitora.

Sabiola: Instrumento musical que pode ter seis, dez ou doze cordas. É colocado sobre os joelhos e tocado em pizzicato ou dedilhado.

saidar/saidin: *Ver* Fonte Verdadeira.

Saldaea: Uma das Terras da Fronteira.

Sanche, Siuan: Aes Sedai, ex-membro da Ajah Azul. Elevada a Trono de Amyrlin em 988 NE. O Trono de Amyrlin pertence a todas as Ajahs e a nenhuma.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth, que voltaram para reclamar as terras de seus antepassados. (2) A terra onde vivem esses descendentes. *Ver também Hailene*; *Corenne*; *Rhyagelle*.

Seandar: Capital de Seanchan, onde a Imperatriz ocupa o Trono de Cristal na Corte das Nove Luas.

Selene: Mulher encontrada durante a viagem a Cairhien.

Senhores do Medo: Homens e mulheres que, capazes de canalizar o Poder Único, passaram para o lado da Sombra durante as Guerras dos Trollocs, agindo como comandantes das forças dos Trollocs.

Setah: Uma Seanchan. Uma *sul'dam*. *Ver também* Seanchan; *sul'dam*.

Shadar Logoth: Cidade abandonada e evitada desde as Guerras dos Trollocs. Seu solo é maculado, nem mesmo uma pedra é segura. *Ver também* Mordeth.

Shai'tan: *Ver* Tenebroso.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, local da prisão do Tenebroso.

Sheriam: Aes Sedai da Ajah Azul. Mestra das Noviças na Torre Branca.

Shienar: Uma das Terras da Fronteira. O símbolo de Shienar é um gavião negro mergulhando no ar.

shoufa: Peça da indumentária Aiel: um pano, geralmente cor de areia ou pedra, que se enrola em torno da cabeça e do pescoço, deixando apenas o rosto à mostra.

sociedades guerreiras dos Aiel : Todos os guerreiros Aiel são membros de uma das sociedades guerreiras, como os Cães de Pedra, os

Escudos Vermelhos e as Donzelas da Lança. Cada sociedade tem seus próprios costumes e, às vezes, deveres especí icos. Por exemplo, os Escudos Vermelhos agem como polícia. Os Cães de Pedra muitas vezes fazem votos de não recuar depois de entrarem em batalha, e perderão até o último homem, se necessário, para cumprir os votos. É frequente os clãs lutarem entre si, mas membros da mesma sociedade não se enfrentam, mesmo que os clãs o façam. Dessa forma, há sempre alguma espécie de relacionamento entre clãs, mesmo quando em guerra declarada. *Ver também* Aiel; Deserto Aiel; Far Dareis Mai.

sul'dam: Mulher que passou nos testes para demonstrar que consegue usar o bracelete de um *a'dam* e controlar uma *damane*. *Ver também a'dam*; *damane*.

Suroth, Grã-lady: Nobre Seanchan de alta estirpe.

ta'maral'ailen: Na Língua Antiga, "Teia do Destino". Uma grande mudança no Padrão de uma Era, centrada em uma ou mais pessoas, denominadas *ta'veren*. *Ver também* Padrão de uma Era; *ta'veren*.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vida próximos, ou até mesmo todos os fios de todas as vidas, para formar uma Teia do Destino. *Ver também* Padrão de uma Era.

Tai'shar: Na Língua Antiga, "Sangue Verdadeiro de".

Tanreall, Artur Paendrag: *Ver* Asa-de-gavião, Artur.

Tar Valon : Cidade em uma ilha do Rio Erinin. Centro do poder das Aes Sedai, onde se localiza a Torre Branca.

Tarmon Gai'don: A Última Batalha. *Ver também* Dragão, o; Dragão, Profecias do; Trombeta de Valere.

Tear: Grande cidade portuária no Mar das Tempestades. Capital do país de mesmo nome.

Teia do Destino: *Ver ta'maral'ailen*.

Telamon, Lews Therin : *Ver* Dragão, o.

Tempo da Loucura: Os anos após o contra-ataque do Tenebroso macular a metade masculina da Fonte Verdadeira, quando os Aes Sedai enlouqueceram e causaram a Ruptura do Mundo. Não se sabe a duração exata desse período, mas acredita-se que tenha durado aproximadamente cem anos. Terminou com a morte do último Aes Sedai. *Ver também* Cem Companheiros; Fonte Verdadeira; Poder Único; Ruptura do Mundo.

Tenebroso: Nome mais comum, usado em todas as terras, para Shai'tan: a fonte de todo mal e antítese do Criador. Foi aprisionado em Shayol Ghul pelo Criador, no momento da criação. Uma tentativa de libertá-lo causou a Guerra da Sombra, a mácula de *saidin*, a Ruptura do Mundo e o fim da Era das Lendas.

Tenebroso, nomear o : Dizer o nome verdadeiro do Tenebroso (Shai'tan) atrai sua atenção, trazendo inevitavelmente má sorte, na melhor das hipóteses, e desastres, na pior. Por isso muitos eufemismos

são usados, entre os quais Tenebroso, Pai das Mentiras, Cega-vista, Senhor do Túmulo, Pastor da Noite, Veneno do Coração, Presa-do-coração, Queima-grama e Mangra-folha. Diz-se com frequência que alguém que parece chamar o azar está "nomeando o Tenebroso".

ter'angreal: Qualquer objeto remanescente da Era das Lendas que utilize o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para um determinado objetivo. Por exemplo, um obriga a cumprir os votos feitos com seu auxílio. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas o propósito original é, em grande medida, desconhecido. Alguns matarão qualquer mulher que os use ou destruirão sua habilidade de canalizar. *Ver também angreal*; *sa'angreal*.

Terras da Fronteira, as : As nações que fazem fronteira com a Grande Praga: Saldaea, Arafel, Kandor e Shienar.

Terras Devastadas: Terras desoladas em torno de Shayol Ghul, além da Grande Praga.

tia avente alantin: Irmão das Árvores.

Tia mi aven Moridin isainde vadin: Na Língua Antiga, "O túmulo não impede o meu chamado". Inscrição na Trombeta de Valere. *Ver também* Trombeta de Valere.

Tigraine: Como Filha-herdeira de Andor, casou-se com Taringail Damodred, com quem teve um filho, Galadedrid. Seu desaparecimento em 972 NE, logo depois do desaparecimento de seu irmão Luc, na Praga, levou a disputas em Andor, chamadas de A Sucessão, e provocou em Cairhien os eventos que acabariam por levar à Guerra dos Aiel. Tem como símbolo uma mão feminina segurando o ramo espinhoso de uma rosa branca.

Torre Branca: Palácio do Trono de Amyrlin em Tar Valon, e lugar onde as Aes Sedai são treinadas.

Traidor da Esperança: *Ver* Ishamael.

Trollocs: Criaturas do Tenebroso, criadas durante a Guerra da Sombra. Seres enormes e maléficos ao extremo, são uma mistura distorcida de animais e humanos, e matam pelo puro prazer de matar. Ardilosos, maliciosos e traiçoeiros, só são confiáveis quando governados pelo medo. Os Trollocs se dividem em bandos semelhantes a tribos, dentre elas os Dha'vol, Ko'bal e Dhai'mon.

Trombeta de Valere : Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta. Dizem poder convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra.

Trono de Amyrlin: (1) Título da líder das Aes Sedai. O Salão da Torre, o mais alto conselho das Aes Sedai, formado por três representantes de cada uma das sete Ajahs (as Votantes), elege uma mulher para esse cargo vitalício. O Trono de Amyrlin tem, ao menos em teoria, autoridade quase suprema entre as Aes Sedai. O status equivale ao de um rei ou rainha. Uma forma de tratamento um pouco

menos formal é apenas “Amyrlin”. (2) O trono no qual se senta a líder das Aes Sedai.

Tuatha’an: Um povo nômade, também conhecido como Latoeiros e Povo Errante, que vive em carroções muito coloridos e segue uma filoso fia paci ista chamada Caminho da Folha. Objetos consertados pelos Latoeiros costumam ficar melhores que antes. Estão entre os poucos que conseguem atravessar o Deserto Aiel sem serem molestados, pois os Aiel evitam todo contato com eles.

Turak, Grão-lorde da Casa Aladon : Seanchan de alta estirpe, comandante dos Hailene. *Ver também* Seanchan; *Hailene*.

Verin: Aes Sedai da Ajah Marrom.

Vigias das Ondas: Grupo que acredita que os exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth voltarão um dia, e permanece vigilante da cidade de Falme, na Ponta de Toman.